UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - CDS/UnB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Otávio Borges Maia

DIVULGAÇÃO — AGRÍCOLA, PECUÁRIA, VETERINÁRIA, CINÓFILA, CINEGÉTICA E FAUNÍSTICA — E VALORIZAÇÃO DA NATUREZA NA OBRA DE EURICO SANTOS (1883-1968)

Brasília
2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

OTÁVIO BORGES MAIA

DIVULGAÇÃO — AGRÍCOLA, PECUÁRIA, VETERINÁRIA, CINÓFILA, CINEGÉTICA E FAUNÍSTICA — E VALORIZAÇÃO DA NATUREZA NA OBRA DE EURICO SANTOS (1883-1968)

Tese apresentada ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como pré-requisito para obtenção do grau de Doutor em Desenvolvimento Sustentável.

Área de concentração: Política e Gestão Ambiental

Linha de pesquisa: Território, Meio Ambiente e Sociedade

Orientador: José Luiz Andrade Franco

Brasília
2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo autor:

M217d

Maia, Otávio Borges
Divulgação — agrícola, pecuária, veterinária, cinófila, cinegética e faunística — e valorização da natureza na obra de Eurico Santos (1883-1968) / Otávio Borges Maia; orientador José Luiz Andrade Franco. -- Brasília, 2024.
721 p.

Tese(Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) -- Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2024.

1. Divulgação científica. 2. Divulgação agrícola. 3. História ambiental. 4. Fauna brasileira. 5. Biografias. I. Andrade Franco, José Luiz, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese apresentada ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como pré-requisito para obtenção do grau de *Doutor em Desenvolvimento Sustentável* — área de concentração *Política e Gestão Ambiental* — em sessão pública remota realizada às 14 h do dia 16 de dezembro de 2024.

Banca examinadora:

Presidente:
Prof. Dr. José Luiz de Andrade Franco — Departamento de História – HIS/UnB;

Examinadoras externas:
Dra. Magali Romero Sá — vice-diretora de Pesquisa e Educação da Casa de Oswaldo Cruz;
Dra. Suzana Machado Pádua — presidente e cofundadora do Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ;

Examinadora interna:
Profa. Dra. Cristiane Gomes Barreto — Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS/UnB;

Suplente:
Dra. ***Ana Marcela França de Oliveira*** — pesquisadora "pós-doc" na Casa de Oswaldo Cruz e colaboradora do CDS/UnB.

"A Carta da Terra, um dos documentos mais inspiradores do início do século XXI [...] representa um chamado sério acerca dos riscos que pesam sobre a humanidade. Ao mesmo tempo enuncia, cheia de esperança, valores e princípios a serem compartilhados por todos, capazes de abrir um novo futuro para a nossa convivência neste pequeno e ameaçado planeta. [...] Como organizar uma aliança de cuidados para com a Terra, a vida humana e toda a comunidade de vida e assim superar os riscos referidos? A resposta só poderá ser: mediante a sustentabilidade real, verdadeira, efetiva e global, conjugada com o princípio do cuidado e da preservação. [...] ela fundamentalmente significa: o conjunto dos processos e ações que se destinam a manter a vitalidade e a integridade da Mãe Terra"[i].

Leonardo Boff
Teólogo, escritor e ambientalista

[i] BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade*: o que é: o que não é. Petrópolis: Vozes, 2012. p.13-14.

AGRADECIMENTOS

À Eurico Santos — *sabichão* cuja obra enleva os admiradores da natureza —, exemplo de boa divulgação a ser seguido, por ter existido e deixado tão rico legado.

À professora dra. ***Cristiane Gomes Barreto***, por ter me encorajado a buscar no Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília formação multidisciplinar proveitosa na minha trajetória como servidor público.

À historiadora dra. ***Mary Del Priore***, por me encorajar a percorrer o campo da história a despeito da minha formação, e por recomendar o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, muito obrigado.

À dra. ***Sônia Maria Pereira Wiedmann***, lente da legislação ambiental — de quem fui aluno duas vezes e colega de trabalho no Ibama — por também oferecer carta de recomendação para o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, muito obrigado.

Ao professor dr. ***André Gustavo de Melo Araújo***, do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da UnB, pelo acolhimento alegre e incentivador em sua ágora, muito obrigado.

À dra. ***Magali Romero Sá*** — vice-diretora de Pesquisa e Educação da Casa de Oswaldo Cruz — e à professora dra. ***Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti*** — do CDS-UnB —, pela alegria compartilhada e sugestões apresentadas na «qualificação», muito obrigado.

Ao dr. ***Eduardo Vélez Martin***, em Porto Alegre, à amiga ***Caroline Maki Takahashi***, em São Paulo, à amiga ***Fátima Pires de Almeida Oliveira***, em Campinas, pela ajuda na obtenção de referências bibliográficas, e à dra. ***Alyne dos Santos Gonçalves***, em Santa Teresa, pelos achados em meio à documentação de Augusto Ruschi, catalogada no Museu de Biologia Mello Leitão, muito obrigado.

Às bibliotecárias ***Lúcia Elande da Silva***, da Biblioteca Nacional de Agricultura - Binagri, e ***Vangri Camargo***, do Núcleo de Documentação Científica da biblioteca do Instituto Agronômico - IAC, de Campinas, pela presteza, gentileza e ajuda na busca por documentos e revistas editadas por E.S., muito obrigado.

Ao camarada dr. ***Romeu Costa Ribeiro Bastos*** — querido general, erudito da caserna, que sempre cobrou, paterna, regular e incansavelmente, está tese —, pela farolagem[ii], muito obrigado.

Aos companheiros discentes, ***Wender Freitas Reis*** e ***Juliana da Costa Gomes de Souza***, o primeiro, colega de uma turma de treze — "festa estranha com gente esquisita" —, a segunda, colega de algumas disciplinas sob o chapéu do mesmo orientador. Ao longo dos anos pandêmicos, pré e pós, compartilhamos dores pessoais, expectativas e frustrações. Mas também rimos — "virtualmente juntos" — dos comentários maldosos dirigidos ao clero das diferentes ordens religiosas. Muito obrigado.

Aos ***amigos*** — aqui representados por ***Fátima Pires de Almeida Oliveira***, intrínseca biodiversidade, conterrânea do "Mundo dos transtornados e depressivos (do grupo dos medicados e lúcidos)", companheira de trabalho no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - Ibama e no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, sapiente gestora da elaboração de planos de ação para salvar espécies ameaçadas —, que de pronto e generosamente, sem inquérito ou julgamentos, estenderam as mãos para me resgatar da tormenta e dar abrigo, a mim e aos meus animais, em terra firme, junto com o verde bucólico e tortuoso do Cerrado, o canto das aves, os chamados dos micos, o refrigério das cachoeiras e a amizade da *Pequi* — alegrias motivadoras para atravessar o mar revolto dentro da minha mente —, muito obrigado.

Ao ***Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - Ibict***, instituição a qual estou vinculado desde 2010, por ter concedido o meu afastamento para participação em curso de doutorado, obrigado.

À ***Biblioteca Nacional***, pela exímia construção e disponibilização da *Hemeroteca Digital Brasileira*, que permitiu consultas remotas, fundamentais e valiosíssimas, ao seu acervo de periódicos — jornais, revistas, anuários e boletins —, obrigado.

Aos membros da banca examinadora, dra. ***Suzana Machado Pádua*** — presidente e cofundadora do Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ, que prontamente e com alegria aceitou o convite para participar da banca examinadora —, dra*. Magali Romero* Sá, profa. dra. *Cristiane Gomes Barreto,* prof. dr*. José Luiz Andrade Franco* (presidente), pela especial disposição em examinar este documento, compassividade e contribuições.

[ii] s. f. Rubrica: termo de marinha. Conjunto de faróis que, em região costeira, auxilia a navegação (Dicionário Houaiss Eletrônico).



"Pequi, Pequi, venha Pequi, venha, venha moça!" [iii]

"Não há palavra que dê conta de descrever os encontros com Pequi. Talvez transcendente. Havia uma conexão enraizada no respeito e na confiança. Ela confiava em mim e eu me alegrava com a presença dela. […] 'conexão de afeto' [...]" (Maia, 2024)[iv].



[v]

[iii] O ECO. Menos de um ano depois de voltar à natureza, loba-guará Pequi morre atropelada. 18 dez. 2023. Disponível em: https://oeco.org.br/noticias/menos-de-um-ano-depois-de-voltar-a-natureza-loba-guara-pequi-morre-atropelada/
MAIA, O.B.; FARIA, A.R.G. Por onde anda a Pequi? Reintegrada à natureza em abril, a loba-guará Pequi tem dado passos largos na direção de garantir a sua sobrevivência no Cerrado. *O Eco*, Rio de Janeiro, 21 set. 2023. Disponível em: https://oeco.org.br/analises/por-onde-anda-a-pequi/
MAIA, O.B.; FARIA, A.R.G. Você viu a Pequi? O retorno de uma loba-guará à natureza é acompanhado por pesquisadores, proprietários rurais, chacreiros e residentes da APA da Cafuringa, no Distrito Federal. *O Eco*, Rio de Janeiro, 29 mai. 2023. Disponível em: https://oeco.org.br/analises/voce-viu-a-pequi/. Acesso em 25 set. 2024.
[iv] MAIA, O.B. Conexão de afeto. *O Eco*, Rio de Janeiro, 24 set. 2024. Disponível em: https://oeco.org.br/colunas/conexao-de-afeto/. Acesso em 25 set. 2024.
[v] Caricatura de Octávio Rossi de Morais.

NOTAS DO AUTOR

"Será que minha tese corre o risco de tornar-se vasta demais? Não, simplesmente deverei condensar muito bem o cerne do meu interesse e só trabalhar sobre um aspecto específico, pois de outro modo teria mesmo de ver tudo; mas, por outro lado, não deverei perder de vista o panorama global, de modo que muitos desses textos precisam ser examinados, ao menos para obter informações de segunda mão. [...] É melhor que a tese se assemelhe mais a um ensaio do que a uma história ou a uma enciclopédia".

H. ECO[vi]

A abreviatura 'E.S.' — redução para 'Eurico Santos' —, usada como assinatura pelo jornalista para assinar muitos dos seus artigos, foi aplicada nesta tese.

E.S. tinha o hábito de incluir epígrafes nos capítulos de livros e, eventualmente, nos artigos. Tal prática foi imitada nesta tese.

As citações estão apresentadas de acordo com a *ABNT NBR 10520*[vii].

Devido ao grande número de erros gráficos, ortográficos ou de outra natureza constantes das citações e transcrições dos documentos consultados, a expressão latina "*Sic"*, que significa "estava *assim mesmo* no texto original", não foi aplicada.

As fotografias foram editadas pelas ferramentas PhotoScape e PicWish AI Photo Editor.

Sendo a "divulgação" o alicerce sobre o qual E.S. erigiu sua obra, a redação desta tese procurou tanto se aproximar da premissa de informar com simplicidade, despojo e alegria — "*ser leve, sintético, agradável*"[viii] e *"empenhar-se para que o leitor compreenda o que se quis dizer"*[ix] —, quanto da intenção de cativar algum ledor fora do academicismo que se aventure por ela — *"êsse será o aspecto didático da obra, mas, ao mesmo tempo, procurei torná-la atraente, vasando-a como soube e pude em linguagem simples e amena para que por todos seja lida com agrado e compreendida sem esfôrço"*[x].

[vi] (Eco, 1977, p.39 e 71).
[vii] ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *ABNT NBR 10520: informação e documentação*: citação em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2023. 19 p.
[viii] (Santos, 1955, p.5).
[ix] (Eco, 1977, p.5).
[x] (Santos, 1942, p.5).

RESUMO

Eurico Santos (1883-1968), “culto polígrafo”, jornalista e escritor, nasceu no *Districto Federal* no final do século XIX, às vésperas da Abolição da Escravatura e do Golpe da República. Sua produção intelectual, vasta e diversa, teve início em 1910 em um cenário de efervescências políticas, econômicas e sociais no Brasil, período marcado pelo positivismo republicano, mito do progresso e debates sobre a proteção da natureza. Como jornalista, publicou centenas de artigos em diversos jornais e revistas, sobretudo naquelas dedicadas ao periodismo agrícola. Durante quase 20 anos, foi funcionário do Ministério da Agricultura, associado ao Serviço de Informação Agrícola – S.I.A.. Foi autor de 36 livros e 13 folhetos — destaque à coleção *Zoologia Brasílica* cujos 11 volumes tornaram-se os mais conhecidos da sua obra, publicados no período de 1938-87, os quais somam 2.600 páginas de informações sobre a “vida e costumes” de animais dos diversos grupos zoológicos com ocorrência no Brasil. Sendo assim, esta pesquisa visou (a) reavivar o legado de Eurico Santos a partir da análise e interpretação da sua obra; (b) demonstrar a sua participação em redes técnico-científicas; (c) demonstrar de que maneira a sua trajetória se alinhou à construção de uma ética ambientalista; e (d) revelar o papel político, social e intelectual da sua produção jornalística e literária a partir da análise hermenêutica do *corpus* documental — anotações, certidões, jornais, revistas, livretos, boletins, opúsculos e livros. Ficou demonstrado que a visão de mundo de Eurico Santos englobava conceitos contemporâneos como “valor intrínseco da biodiversidade” e “serviços florestais”, e que a sua produção intelectual contribuiu para a divulgação — agrícola, pecuária, veterinária, cinófila, cinegética e faunística — e para a valorização da natureza para além do período em que atuou e se destacou como publicista, editor e escritor. Os escritos de Eurico Santos, em linguagem acessível, convidam os leitores a refletir sobre a importância dos avanços técnicos e da ciência no campo da agropecuária, sobre o apreço pela cinofilia e pelos cuidados indispensáveis dirigidos aos cães, bem como dos impactos negativos da caça, sem ordenamento e controle, sobre a harmonia das relações ecológicas, à luz da proteção ambiental. O legado de Eurico Santos, sobretudo a coleção *Zoologia Brasílica*, ainda inspira a conexão com a natureza que, de modo crescente, impõe a sua resiliência e expõe a fragilidade e interdependência humanas.

Palavras-chave: Eurico Santos; divulgação científica; divulgação agrícola; fauna brasileira; cinofilia; história ambiental.

ABSTRACT

Eurico Santos (1883-1968), a polygraph journalist and writer from Rio de Janeiro, was born by the end of the 19th century, just before the Abolition of Slavery and the *Republic coup d'État*. His vast and diverse intellectual production began in 1910 amidst a backdrop of political, economic and social turmoil in Brazil, a period marked by republican positivism, the myth of progress and debates about the protection of nature. As a journalist, he published hundreds of articles in various newspapers and magazines, especially those dedicated to agricultural journalism. For almost 20 years, he was an employee of the Ministry of Agriculture, associated with the Agricultural Information Service. He wrote 36 books and 13 booklets — in particular the collection Zoologia Brasílica, which consisted of 11 volumes that became his best known work, published between 1938 and 1987, which totals 2,600 pages of information on the “life and customs” of animals from the various zoological groups that occur in Brazil. Therefore, this research aimed to (a) revive the legacy of Eurico Santos through the analysis and interpretation of his work; (b) demonstrate his participation in technical-scientific networks; (c) show how his career was aligned with the construction of an environmentalist ethic; and (d) reveal the political, social and intellectual role of his journalistic and literary production based on a hermeneutic analysis of the available documents — notes, certificates, newspapers, magazines, booklets, bulletins, pamphlets and books. It was possible to demonstrate that Eurico Santos' worldview had contemporary concepts such as the “intrinsic value of biodiversity” and “forest services”. His intellectual production contributed to the dissemination of agriculture, livestock, veterinary, cynophilia, hunting, wildlife and the appreciation of nature for beyond the period in which he worked and excelled as a journalist, editor and writer. Eurico Santos' writings, in accessible language to the general public, invite readers to reflect on the importance of technical advances and science in the field of agriculture, on the appreciation of cynophilia and the essential care given to dogs, as well as on the negative impacts of hunting without control, when based on the harmony of ecological relationships, in the light of environmental protection. The legacy of Eurico Santos, especially the Zoologia Brasílica collection, still inspires the connection with nature that increasingly imposes its resilience and exposes its fragility and interdependence with humankind.

Keywords: Eurico Santos; popular science; agricultural dissemination; Brazilian fauna; cynophilia; wildlife protection.

LISTA DE FIGURAS

Muitas das aves que ele[xi] pintou estão hoje extintas. Já no século 19, dava para constatar o fim de alguns animais. [...] Passei quase 20 anos documentando a natureza, e mesmo assim eu não estava fazendo muito diferença no sentido de despertar o interesse das pessoas pela preservação. [...] Ele [Photo Ark] me tornou mais consciente da minha própria mortalidade. Quero que as imagens tenham impacto por muito tempo após eu ter partido. [...] o que eu quero mesmo é que as pessoas se importem com os animais. E façam algo para protegê-los, antes que desapareçam.[xii]

Joel Sartore
Fotógrafo do Photo Ark[xiii]

[xi] John James Audubon (1785-1851): naturalista e ornitólogo franco-americano especializado em ilustração científica de aves. Seu principal trabalho é o livro colorido intitulado *The birds of America*, publicado pela primeira vez como uma série em seções entre 1827 e 1838, em Edimburgo e Londres.

[xii] O explorador da National Geographic, Joel Sartore, iniciou a Photo Ark na sua cidade natal, Lincoln, Nebraska, em 2006. Desde então, visitou mais de 50 países e fotografou mais de 14.000 espécies na sua busca para criar um arquivo fotográfico da biodiversidade global. Os resultados são retratos que não são apenas belíssimos, mas também íntimos e comoventes (SARTORE, Joel. *National Geographic Brasil,* 2016, p.5. e SHEA, Rachel Hartigan. Até o último bicho: a arca das fotos. *National Geographic Brasil*, maio 2016. p.20-35.).

[xiii] O projeto Photo Ark (Arca das fotos), da National Geographic Society, pretende fazer o retrato de todos os animais do planeta — um de cada vez —, antes que desapareçam. Disponível em: https://www.nationalgeographic.org/society/our-programs/photo-ark/. Acesso em: 22 fev. 2024.

1	Temas abordados na obra de E.S..	3
2	Foto de E.S. publicada em *Natureza em Revista*	4
3	Face frontal de um dos prospectos da «Coleção Borboletas do Brasil»	6
4	Foto de Eurico Santos publicada por Nomura (2005).	8
5	Frutas brasileiras, de Albert Eckhout (1610-1655).	9
6	“Um bello aspecto da cidade do Rio de Janeiro – Enseada de Botafogo”.	10
7	Frontispício do *Boletim do Museu Nacional*, n.1, 1935.	14
8	Panorâmica da enseada de Botafogo [ca. 1885].	15
9	Anúncio do divórcio.	16
10	Vista da rua do Hospício, em direção à Avenida Passos, [c.1907].	18
11	Primeiro artigo identificado com a assinatura de E.S..	20
12	*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1967, p.6, 2º Caderno.	20
13	Nota publicada pelo Syndicato dos Jornalistas Profissionaes na *Gazeta de Notícias*	21
14	Capa da primeira edição da revista *A Fazenda*, publicada em jun. 1910.	22
15	Capa da primeira edição da revista *A Fazenda Moderna*, publicada em jan. 1916.	22
16	Capa da primeira edição da revista *O Campo*, publicada em jan. 1930.	22
17	Capa da primeira edição da revista *Seleções Agrícolas*, publicada em mai. 1946.	22
18	Artigo «O cão policial alemão», de E.S..	23
19	*Diario da Tarde*, Curitiba, 9 out. 1958, Segunda Pagina.	23
20	*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 fev. 1954.	25
21	Recorte do primeiro parágrafo da nota publicada no *Correio da Manhã*, 1 mai. 1968.	26
22	*Jornal do Recife*, Pernambuco, 1929.	32
23	*O Jornal*, 1929, (edição de 14 páginas).	32
24	Cupom promocional publicado pelo representante da Creolina-Pearson.	32
25	“Algumas palavras”, *Manual do lavrador brasileiro*.	33
26	Texto publicado em *O Campo*, 1941.	39
27	Coluna *Vida curiosa dos bichos* publicada em *A Cigarra Magazine*, 1953.	39
28	Coluna *Vida curiosa dos bichos* publicada em *A Cigarra Magazine*, 1953.	36
29	«A inteligencia dos animais». *A Cigarra Magazine*, 1957.	36
30	Divulgação, ficção, ironia e sagacidade. *A Cigarra Magazine*, 1957.	36
31	Artigo de E.S. sobre a raça canina *buldogue* francês, publicada em *O Jornal*, 13 abr. 1926.	41
32	*O Campo*, n.7, 1931. Primeiro anúncio sobre o livro *Vida dos Campos*.	42
33	Anúncio sobre a coletânea *Vida dos Campos,* publicado na revista *O Campo* n.10, 1932.	42
34	Artigo publicado no *Correio da Manhã*, 1960, coluna *Parques e Jardins*.	43
35	*Correio da Manhã*, 1937, *Suplemento Agrícola*.	44
36	*Correio da Manhã*, 1937, *Suplemento Agrícola*.	45
37	*Correio da Manhã*, 1939, *Suplemento Agrícola*.	45
38	Nota da revista *O Campo* (1936) sobre a produção de artigos por E.S..	48
39	Coluna *Panorama Literário*, *A Cigarra Magazine*, 1955.	48
40	Trecho do editorial de José Condé, em *A Cigarra Magazine*, 1949.	49
41	Transcrição de trecho da seção “Cartas à Redação” de *A Cigarra Magazine*, 1952.	49
42	*Correio da Manhã*, 26 nov. 1959, Parques & Jardins.	51
43	Resenha do livro *Formigas, rãs e outros animais*, publicada em *O Campo*, 1947.	52
44	E.S. citado na nota CRIEMOS A BICHARADA, do *O Pasquim*.	53
45	E.S. citado na crítica política debochada do jornal *O Pasquim* (1979).	53
46	Capa da edição da revista *O Campo,* que homenageia E.S..	54
47	*O Campo* (1936), em homenagem aos 25 anos de divulgação agrícola de E.S..	54
48	*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1960.	55
49	Regulamento da Medalha do Mérito Agrícola.	55
50	Homenagem do empresário Luiz Hermanny Filho (1882-1977).	56
51	Foto extraída de *A Lavoura*, 1959.	57
52	«Homenagem a E.S. pelos 40 anos de divulgação científica», *Correio da Manhã*, 1959.	58
53	Agrupamento de quatro destaques sobre E.S..	59
54	Citação em homenagem a E.S. no *Livro Vermelho das Crianças*.	60
55	Caricatura de E.S., ilustração de Kleber Sales.	61
56	«O Homem e a Flor»: entrevista com E.S..	62

57	Nota sobre sessão ordinária da Sociedade Botânica do Brasil (1930).	64
58	Reportagem sobre a inauguração da sede da Sociedade Entomológica do Brasil (1930).	64
59	Nota publicada no jornal *A noite*, 1942.	64
60	Fotografia na qual aparece E.S. (O Campo,1933).	65
61	Fotografia na qual aparece E.S. (O Campo, 1936).	65
62	Fotografia na qual aparece E.S. (O Campo, 1937).	65
63	Folha de rosto de *Os insetos* (1961).	66
64	Capa do Boletim FBCN, 1988.	67
65	Cartaz da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza - FBCN.	68
66	Sobre a FBCN. *Correio da Manhã*, 1958.	69
67	Carta-resposta a E.S. publicada em *O Campo*, 1936.	71
68	Consulta feita por E.S. Publicada em *A Fazenda*, 1919.	72
69	Reportagem sobre o «Instituto Agronomico de Campinas».	73
70	Caricatura de José Reis, ilustração de Kleber Sales.	77
71	«Divulgação Agrícola», em *O Campo*, 1944.	79
72	Capa da primeira edição do Manual do lavrador brasileiro (1944).	79
73	Capa da edição n.114 do jornal *O Cultivador*, 1956.	85
74	Revista *Chácaras e Quintaes*, n.2, 1931, verso da capa.	82
75	«Ligeiro historico da imprensa agricola no Brasil (1832-1922)», por E.S.	82
76	Anúncio da venda de espaço publicitário em *O Campo*, n.4, 1930.	83
77	«O café no Brasil», em *A Fazenda*, 1910.	86
78	Detalhe da seção *Noticiário*, *A Fazenda*, 1910,	86
79	«Corpo de Collaboradores e consultores technicos» da revista *A Fazenda*, 1910.	87
80	Artigo publicado em *Chacaras e Quintaes*, v.10, n.2, 1914.	87
81	Número de ensaio de *Chacaras e Quintaes*, publicado em outubro de 1909.	88
82	«Galeria da benquerença», *Chacaras e Quintaes*, 1953.	89
83	Capa da primeira edição da revista *A Fazenda*, publicada em junho de 1910.	91
84	Expediente estampado na edição n.1 de *A Fazenda.*	91
85	Capa da última edição de *A Fazenda*, 1913.	91
86	Editorial da última edição de *A Fazenda*, 1913.	91
87	Nota justificando a redução no número “de páginas usuaes” do n.35, A Fazenda, 1913.	92
88	Editorial assinado por E.S. sobre mudanças na administração da revista (A Fazenda, 1913).	93
89	Nota sobre os *três* anos de existência da revista (A Fazenda, 1913).	93
90	«O próximo numero», nota publicada em *A Fazenda,* 1913.	93
91	Capa de *A Fazenda*, n.5, 1910, exibindo a foto de «Hackney «Salford Curry».	94
92	« «A chimica industrial dos perfumes» (A Fazenda, 1913).	94
93	«Concursos Caninos». (A Fazenda, 1911).	95
94	«Cuidae dos vossos cães». (A Fazenda,1912).	95
95	«O camelo — sua aclimatação no Brasil». *A Fazenda*, 1912.	96
96	«Uma visita ao Jardim Zoológico». *A Fazenda*, 1912.	97
97	«Sapos e rãs (Batrachios) — Animais uteis», por Eurico Santos (A Fazenda, 1913).	98
98	Homenagem a Rodolpho de Miranda, Ministro da Agricultura, em *A Fazenda*, 1910.	99
99	«Pagina de honra». *A Fazenda,* 1910.	99
100	Homenagem a Pedro Toledo, Ministro da Agricultura, em *A Fazenda*, 1910.	100
101	Reportagem sobre visita de Rodolpho de Miranda à fazenda de Santa Cruz, 1910.	100
102	Capa da primeira edição da revista *A Fazenda Moderna*, 1916.	101
103	Editorial publicado na revista *A Fazenda Moderna*, n.1, 1916	102
104	Artigo de E.S. publicado na seção *Cães e canis* de *A Fazenda Moderna*, 1926.	103
105	Artigo de E.S. publicado na seção *Cães e canis* de *A Fazenda Moderna*,1926.	103
106	«As borboletas», publicado em *A Fazenda Moderna*, 1926.	103
107	Capas da revista *A Fazenda Moderna*.	104
108	Diploma de honra. *O Jornal*, 1920.	109
109	Anúncio do engenho da cana «LA ADELA» publicado no *Correio Paulistano*, 1918.	110
110	O nome de E.S. aparece na revista *Chacaras e Quintaes*[xiv], pela primeira vez, n.5, 1918.	110

[xiv] A revista publicou 121 anúncios que citam o Instituto Agricola Brasileiro no período de 1918-32. Em nota publicada no n.3, v.85, 1952, p.315, a revista se expressa “maior respeito e admiração para a Escola Nacional de Agronomia e conta com grandes amizades e simpatias entre os diretores professores e estudantes do nosso maior instituto agrícola brasileiro [...]”.

111 Anúncio publicado no jornal *Pacotilha*, Maranhão, 1921. 110
112 Anúncio publicado no jornal *Pacotilha*, Maranhão, 1924. 110
113 Anúncios publicados nos jornais cariocas *Puritano* e *A Epoca*, 1918. 111
114 Anúncio publicado em *Correio da Manhã*, 1920. 111
115 Anúncio publicado em *O Jornal*, 1920. 111
116 Denúncia. *A Rolha*, 1918. 112
117 Denúncia. *A Rolha*, 1918. 113
118 Denúncia. *O Parafuso*, 1920. 113
119 Coluna *NA FAZENDA E NA GRANJA*, 1926. 114
120 Dois pequenos anúncios, 1928. 114
121 Anúncio publicado no jornal *O Combate* (Maranhão, 1931). 115
122 Anúncio publicado no jornal *O Combate* (Maranhão, 1934). 115
123 Capa da primeira edição da revista *O Campo*, publicada em jan. 1930. 117
124 Expediente e editorial da primeira edição da revista *O Campo*, publicada em jan. 1930. 117
125 *O Campo*, 1942. Nota de Manuel de Oliveira Nunes. 118
126 Lista de colaboradores da revista *O Campo* 1930. 118
127 Lista de colaboradores da revista *O Campo* 1931. 118
128 Capa da última edição de *O Campo*, publicada em jan. 1952. 119
129 Editorial publicado na última edição de *O Campo*, jan. de 1952. 119
130 O dono do carneiro da capa da primeira edição da revista *O Campo*. 120
131 Homenagem ao “Ministro da Agricultura, Industria e Commerico” (O Campo, 1930). 120
132 Notas biográficas e curiosidades sobre os colaboradores da revista (O Campo, 1930). 120
133 Reportagem pulicada em *O Campo*, 1931. 121
134 Getulio Vargas em visita a culturas de laranjeiras em 1931. 121
135 «Uma data bem Brasileira: o aniversário do presidente Getulio Vargas» em *O Campo*, 1943. 122
136 «O aniversário do presidente Getulio Vargas» em *O Campo*, 1943. 122
137 Editorial ufanista publicado em *O Campo*, 1942. 123
138 *O Campo*, 1942. Texto que intercala o editorial “Marcha para o Oeste”. 123
139 Divulgação de «Um grande concurso para a edição de folhetos agricolas». 124
140 Anúncio do lançamento do *Dicionário de avicultura e ornitotecnia* (O Campo, 1933). 125
141 O *Dicionário de avicultura e ornitotecnia* em fascículos. 126
142 Folha de rosto do v.I do *Dicionário de avicultura e ornitotecnia* (1936). 127
143 Folha de rosto do v.II do *Dicionário de avicultura e ornitotecnia* (1939). 127
144 Anúncio sobre «A coleção agrícola do O Campo». 127
145 Anúncio publicado em *O Campo*, n.186, 1945. 128
146 Anúncio publicado em *O Campo*, n.194, 1946. 128
147 Capa da edição n.171, 1944, da revista *O Campo*. 129
148 Capa da edição n.179, 1944, da revista *O Campo*. 129
149 Capa da edição n.190, 1945, da revista *O Campo*. 129
150 Capa de *Veterinária prática* (1943). 130
151 Capa de *Avicultura – fonte de riqueza* (1943). 131
152 «Nomenclatura popular dos lepidopteros do Districto Federal e seus arredores». 132
153 «Considerações preliminares sobre zoogeografia brasilica». 132
154 Texto de Alípio de Miranda Ribeiro publicado em *O Campo*, 1937. 133
155 Texto de Alípio de Miranda Ribeiro publicado em *O Campo*, 1937. 133
156 «A nútria (ou ratão do banhado)». 133
157 «A capivara e seus fins comerciais e industriais». 133
158 Capa da edição *O Campo*, n.73, 1963. 134
159 Editorial publicado na edição n.1 da revista *Seleções Agrícolas*. Imagem em tamanho real. 134
160 Capa da primeira edição de *Seleções Agrícolas*, publicada em mai. 1946. 136
161 Capa da edição n.2 de *Seleções Agrícolas*, publicada em jun. 1946. 136
162 Sumário da primeira edição de *Seleções Agrícolas*. 136
163 Nota publicada na coluna ‘Feira de livros’ do *Jornal das Moças*, 1946. 137
164 Nota publicada pela “concorrente” *O Campo*, n.199, 1946. 137
165 Artigo publicado na edição n.1 de *Seleções Agrícolas*, assinado por S.O.E.. 139
166 Artigo publicado no n.1 de *Seleções Agrícolas*, provavelmente redigido por E.S.. 139
167 Capas das revistas *O Campo* n.10, 1932 e *Seleções Agrícolas* n.44, 1949. 139
168 Editorial sobre reajuste do preço da assinatura e capilaridade da revista (n. 30, out. 1948). 140

169 Verso da capa e página 1 de *Seleções Agrícolas* n.93, 1954. 140
170 Páginas 2 e 3 de *Seleções Agrícolas* n.113, 1955. 140
171 «Embarcações usadas primitivamente na bacia amazônica». *Seleções Agrícolas* n.1, 1946. 141
172 Capa de *Seleções Agrícolas*, n.19, 1947. 141
173 A capa de *Seleções Agrícolas* n.83, 1953. 141
174 Capa da edição comemorativa dos 20 anos da revista *Seleções Agrícolas*, 1965. 142
175 *Gazeta de Noticias*, 25 set. 1911. 144
176 Capa da edição n.39 do semanário *Fon Fon*. 144
177 *Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiante*, n.39, 30 set. 1911. 144
178 Cães aparecem em 13 das 266 capas da revista *Seleções Agrícola*. 145
179 «Do cão das turfeiras ao totó das elegantes», artigo publicado por E.S. em *Cruzeiro*. 146
180 «As nossas raças caninas», primeiro artigo cinófilo de E.S. publicado em *O Campo.* 146
181 Artigo publicado por E.S. em *O Campo*, 1931. 147
182 «O heroico dão de Recife», em *O Campo*, 1938. 147
183 «A inteligência do cão», artigo publicado por E.S. em *O Campo*, 1943. 148
184 Cães estampados em campas da revista *O Campo*. 148
185 Artigo de E.S. em *A Cigarra Magazine*, 1958. 149
186 Primeira participação de E.S. na *A Cigarra Magazine*, 1946. 150
187 Capa da revista *O Campo*, 1938. 151
188 «Já se disse bem dos Gatos, Mas...», *Chacaras e Quintaes*, 1959. 151
189 «Os gatos geralmente são mal compreendidos». em *A Cigarra Magazine*, 1965. 152
190 Resenha do *Manual do Amador de cães*, publicada em *Chácaras e Quintaes*, 1927. 153
191 Capa da 1ª ed. (1927), publicada por F. Briguiet & Cia., Rio de Janeiro. 154
192 Capa da 2ª ed. (1935), publicada por F. Briguiet & Cia., Rio de Janeiro. 154
193 Capa da 5ª ed. (1971), publicada por F. Briguiet & Cia., Rio de Janeiro. 154
194 Capa da 8ª ed. (1979), publicada pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte. 154
195 «Os cães de Eurico», resenha assinada por Mendes Fradique, 1927. 155
196 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1928. 156
197 Anúncios da obra *Manual do amador de cães*, publicados na revista *O Campo*. 156
198 Anúncio estampado na revista *Seleções Agrícolas,* 1948. 157
199 Artigo publicado em *O Campo*, 1937. 157
200 O artigo «O Carlim», publicado em *O Campo*, 1940. 158
201 *Manual do amador de cães* (1927), sobre o Carlin. 158
202 Capa de *O cão através da história e da arte* (1942). 159
203 Folha de rosto de *O cão através da história e da arte*. 159
204 Resenha de *O cão através da história e da arte*, publicada em *O Campo*, 1943. 160
205 Pág. 13 de *O cão através da história e da arte* (1943). 161
206 Sumário de *O cão através da história e da arte* (1943). 161
207 *Fon Fon,* 1946, reportagem de Itala Vera. 161
208 «O cão», *Seleções Agrícolas*, 1946. 162
209 Prospectos cartonados da *Coleção Cães domésticos* — Coleções Artísticas “Roche”. 162
210 Quadrinhos, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1957. 163
211 Artigo publicado no jornal *A Noite*, Rio de Janeiro, 1925. 167
212 Divulgação da regulamentação da caça em *O Campo*, 1932. 167
213 «Regulamentação da caça», *O Campo*, 1941. 168
214 Artigo de E.S. publicado na revista *O Campo*, 1940. 169
215 Fotografia publicada no artigo «Cães de caça brasileiros», *O Campo*, 1941. 169
216 Artigo assinado por P.C., publicado em *O Campo*, 1930. Provável autoria de E.S.. 169
217 Reprodução do “oposculo intitulado A Caça no Brasil, ou Manual do Caçador”. 169
218 Onça abatida por garimpeiros [18-?]. Autor desconhecido. 170
219 Capa de *O Campo*, n.140, 1941, edição dedicada à caça e à pesca. 171
220 *O Campo*, n.140, 1941. Peixe-boi. 171
221 Capa da edição n.54 de *Seleções Agrícolas*, 1950. «A caça entre os índios do Brasil». 172
222 Sítio do Picapau Amarelo. Caçada da onça. 172
223 Capa de *Caças e caçadas* (1950). 173
224 Desenho reproduzido em *Caças e caçadas* (1950). 173
225 Resenha do livro *Caças e caçadas* (1950). 174
226 Divulgação científica no rádio, anúncio publicado em Fauna, 1943. 175

227 Pequena nota sobre a revista *Fauna*, publicada no *Correio Paulistano*, 1942. 176
228 *A Tribuna*, São Paulo, 1943. 176
229 Qui-pro-quo (Nota da CHA. E QUI.)." *Chacaras e Quintaes,* 1945. 177
230 Artigo de Oscar Monte publicado em *Fauna,* 1944. 177
231 «A colombofilia na revista "Fauna"», *Correio Paulistano*, 1948. 177
232 Capa da edição n.7, 1943, da revista *Fauna.* 178
233 Verso da capa da edição n.7, 1943, da revista *Fauna.* 178
234 No expediente da edição n.7*,* E.S. aparece como colaborador. 178
235 Coluna *Crônica de Livros* em *A Cigarra Magazine*, 1953. 179
236 Verso da falsa folha de rosto e folha de rosto do primeiro livro de *Zoologia Brasílica.* 180
237 Ilustrações de *Da ema ao beija-flor*. Ema. 182
238 Ilustrações de *Da ema ao beija-flor*, edição de 1938. 183
239 Ilustrações de Etienne Demonte (1931-2004) para *Da ema ao beija-flor*, edição de 1990. 183
240 Capa de *Nossos peixes marinhos*, 1952, publicado pela F. Briguiet & Cia. 184
241 Capa de *Nossos peixes marinhos*, 1992, 2 ed., publicado pela Villa Rica. 184
242 Capa de *Peixes da água doce*, 1954, publicado pela F. Briguiet & Cia. 185
243 Capa de *Peixes da água doce*, 1987, 4 ed., publicado pela Itatiaia. 185
244 Capa de *Anfíbios e répteis do* Brasil, 1942, publicado pela F. Briguiet & Cia. 186
245 Capa de *Anfíbios e répteis do Brasil: vida e costumes*, 1994, 4 ed., publicado pela Villa Rica. 186
246 *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1942, coluna Livros do dia. 187
247 «O sapo ferreiro», por E.S.. "(Do livro recem-aparecido 'Anfibios e Répteis do Brasil'). 187
248 Capa de *Da ema ao beija-flor*, 1938, publicado pela F. Briguiet & Cia. 188
249 Capa de *Da ema ao beija-flor*, 1990, 5 ed., publicado pela Villa Rica. 188
250 Texto publicado na revista *O Campo*, 1938. 189
251 Resenha do livro *Da ema ao beija-flor.* 189
252 Capa de *Pássaros do Brasil*, 1940, publicado pela F. Briguiet & Cia. 190
253 Capa de *Pássaros do Brasil*, 1985, 5 ed., publicado pela Itatiaia. 190
254 Resenha de *Pássaros do Brasil*. 191
255 Primeiro anúncio de *Pássaros do Brasil* na revista *O Campo*, 1940. 192
256 Breve resenha sobre *Pássaros do Brasil*. 192
257 Capa de *Entre o gamba e o macaco*, 1945, publicado por F. Briguiet & Cia. 193
258 Capa de *Entre o gamba e o macaco*, 1984, 2 ed., publicado pela Itatiaia. 193
259 Capa de *Molusco do Brasil*, 1955, publicado pela F. Briguiet & Cia 194
260 Capa de *Moluscos do Brasil*, 1982, 2 ed., publicado pela Itatiaia. 194
261 Capa de *O mundo dos artrópodes*, 1959, publicado pela F. Briguiet & Cia. 195
262 Capa de *O mundo dos artrópodes*, 1982, 2 ed., publicado pela Itatiaia. 195
263 Capa de *Os insetos*, tomo I, 1961, publicado pela F. Briguiet & Cia. 196
264 Capa de *Os insetos*, tomo I, 1985, 2 ed., publicado pela Itatiaia 196
265 Capa de *Os insetos*, tomo II, 1985, publicado pela Itatiaia. 197
266 Capa de *Miscelânea Zoológica*, 1987, 2 ed., publicado pela Itatiaia. 197
267 Nota explicativa sobre a compra da Garnier. 201
268 Transcrição do bilhete endereçado a Augusto Ruschi. 204
269 «Atividades do SIA», em *A Cigarra Magazine*, 1955. 208
270 Capa de *Os animais selvagens* (1956). 210
271 «A veneranda mamãe natureza», texto de E.S.. 217
272 «Homens e bichos», texto publicado por E.S.. 217
273 «O reflorestamento e a fauna», *Chacaras e Quintais*, 1957, texto de E.S.. 220
274 Desenho publicado em *Chacara e Quintaes*, v.64, n.4, 1941. 221
275 Foto de Eurico Santos publicada na revista *Sulóris*, 1983. 222
276 «Zoofonia», artigo de Hercules Florence. 223
277 Castanheira, flor e fruto, 1829, desenho de Antoine Hercule Romuald Florence. 224
278 Castanheira, folhas e flores, 1829, desenho de Hercule Florence. 224
279 O cachorro-do-mato-vinagre *Speothos venaticus*, desenho de Hercule Florence. 225

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **1**

1. DIVULGADOR ESQUECIDO **7**

1.1. CONTEXTO POLÍTICO-INTELECTUAL 10

1.2. NOTAS BIOGRÁFICAS 15

1.3. LINHA DO TEMPO 28

1.4. VOCAÇÃO PARA DIVULGAR 34

1.4.1. O JORNAL 41

1.4.3. CORREIO DA MANHÃ 43

1.5. AUTOPROMOÇÃO E ESCRITA ELOGIADA 46

1.6. HOMENAGENS E DEFERÊNCIAS 54

1.7. REDE DE CONTATOS 63

2. A OBRA **74**

2.1. "O AGRO É POP" 75

2.1.1. DIVULGAÇÃO AGRÍCOLA OU CIENTÍFICA? 76

2.1.1. A DIVULGAÇÃO AGROPECUÁRIA NAS REVISTAS 80

2.1.1.1. A FAZENDA 90

2.1.1.2. A FAZENDA MODERNA 101

2.1.1.2.1. O POLÊMICO INSTITUTO AGRICOLA BRASILEIRO 105

2.1.1.3. O CAMPO 116

2.1.1.3.1. O PUBLICISMO DE EURICO SANTOS NA REVISTA *O CAMPO* 125

2.1.1.4. *SELEÇÕES AGRÍCOLAS* 135

2.2. CINOFILIA & ELUROFILIA 143

2.3. CAÇA E CAÇADAS 164

2.3.1. REVISTA *FAUNA* 175

2.3.2. COLEÇÃO *ZOOLOGIA BRASÍLICA* 179

3. AS EDITORAS DAS OBRAS DE EURICO SANTOS **199**

3.1. EDITORAS, DIREITOS AUTORAIS E PUBLICAÇÕES 200

3.1.1. F. BRIGUIET & CIA. 200

3.1.2. ITATIAIA 201

3.1.3. SERVIÇO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA 205

CONSIDERAÇÕES FINAIS **211**

REFLEXÕES **226**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **231**

NOTAS EXPLICATIVAS.....251

ANEXOS E APÊNCIES.....263
ANEXO A - PROJETO N. 4708 DE 1954 CÂMARA DOS DEPUTADOS.....264
ANEXO B - HISTÓRIAS DO CAÇADOR QUE NUNCA MENTIU 277
ANEXO C - DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DOS ANIMAIS.....288
APÊNDICE A - COLEÇÕES ARTÍSTICAS ROCHE.....298
APÊNDICE B - LISTA DOS LIVROS E FOLHETOS ASSINADOS POR EURICO SANTOS.....342
APÊNDICE C - LISTA INCOMPLETA DE ARTIGOS ASSINADOS POR EURICO SANTOS 361
APÊNDICE D - MUSEU NACIONAL 387
APÊNDICE E - MUSEU PARAENSE 421
APÊNDICE F - MUSEU PAULISTA 464
APÊNDICE G - CURIOSIDADES, TRIBUTOS E MEMÓRIAS.....475
APÊNDICE H - MEMÓRIAS DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA.....688
APÊNDICE I - INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.....711

SOBRE O AUTOR 716

INTRODUÇÃO

A falta de originalidade existe em toda parte, em todo o mundo, desde que o mundo é mundo sempre foi considerada a primeira qualidade e a melhor recomendação do homem de ação, de ação e prático, e pelo menos noventa e nove de cada cem pessoas (ao menos mesmo) sempre sustentavam essas ideias e só uma em cada cem via sem e continua a ver a coisa de modo diferente. Os inventores e os gênios, no início da sua trajetória (e muito amiúde também no final), não eram vistos quase sempre pela sociedade senão como imbecis — essa era a observação mais rotineira, por todos conhecida demais.[1]

Fiódor Dostoiévski (1821-1881)
Escritor

“Embora as sociedades possam acelerar ou retardar o crescimento científico ao dar ou negar apoio à ciência ou a alguns de seus aspectos, podem fazer relativamente pouco para dirigir o seu curso. Este é determinado pelo estado conceitual da ciência e pela criatividade individual — e estes aspectos seguem suas leis próprias, sem aceitar ordens ou subornos.”

J. BEN-DAVID[2]

A divulgação científica é um meio de democratizar o acesso ao conhecimento. Por meio de linguagem e estratégias adequadas, essa prática engaja o público e desperta o interesse pela ciência. Ao apresentar uma visão realista da ciência e dos cientistas — combatendo estereótipos —, a divulgação científica estabelece uma relação de confiança entre a ciência e a sociedade, promovendo o diálogo, buscando desmistificar crenças e formando cidadãos conscientes e engajados. Também evidencia o impacto da ciência no cotidiano das pessoas, sendo crucial para o desenvolvimento social, econômico e tecnológico. Para ser eficaz, a divulgação científica deve usar linguagem simples, explicar conceitos evitando o uso de jargões, apresentar exemplos práticos, utilizar narrativas envolventes e diversos canais de comunicação para despertar a curiosidade do público. É um processo contínuo que requer adaptação às diferentes realidades do tempo histórico e do público, exigindo investimento na formação de divulgadores qualificados e na criação de espaços para a divulgação científica (Ashby, 1960; Malavoy, 2005; Massarani; Dias, 2018; Torok, 2008). “A popularização do conhecimento é necessária não para levar a ciência aos intelectuais, mas para levá-la à grande maioria” Ashby, (1960, p.1165).

A história ambiental, por sua vez, na visão de Pádua (2010), apresenta-se em uma perspectiva de estudos que começou a ganhar escopo como disciplina acadêmica na década de 1970, na esteira das mobilizações mundiais por maior responsabilidade ambiental — marcada pela «Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente», promovida pela Organização das Nações Unidas, em Estocolmo, Suécia, 1972. A disciplina também avança em consequência de importantes mudanças epistemológicas consolidadas no século XX, quais sejam: a ideia de que a ação humana pode provocar um impacto considerável sobre o mundo natural — inclusive, no sentido de sua degradação; a revolução nos marcos cronológicos de compreensão do mundo; a crítica à visão estática da natureza, percebendo-a em constante processo histórico de transformação.

Tendo como esse o contexto da história ambiental, é necessário esclarecer que o norte desta pesquisa não foi produzir a biografia de E.S., mas sim compreender como a sua produção jornalística e literária contribuiu para a divulgação científica e para o movimento

social de proteção à natureza. Contudo, a farta documentação consultada — acessível e manuseável (Eco, 1977, p.33) — ofereceu oportunidade de recuperar cenários e episódios, revelando os vínculos e as tensões entre E.S. e o contexto do seu tempo (Neto, 2002, p.103), propiciando reconstruir, em segundo plano, a trajetória do jornalista, inserida nos marcos teóricos da divulgação científica e da própria história ambiental.

A obra de E.S. está situada “na interface entre a história política e a história da ciência” (Duarte, 2010, p.161), na confluência entre as preocupações com o progresso e uso racional dos recursos naturais, consubstanciada “por importantes mudanças epistemológicas consolidadas no século XX, mas que já estavam em gestação nos séculos anteriores, em relação ao entendimento do mundo natural e de seu lugar na vida humana” (Pádua, 2010, p.83), dentre a elas a ideia de que a ação humana pode produzir impacto relevante sobre o mundo natural, inclusive ao ponto de provocar sua degradação.

Sendo assim, justifica-se compreender o papel desempenhado por E.S. — articulista, editor, jornalista e escritor carioca — na popularização do conhecimento sobre agricultura, pecuária, veterinária, cinofilia, caça, diversidade florística e faunística, bem como compreender como a sua produção literária evidenciou o debate político e científico no Brasil, caracterizado pelo nacionalismo, fortalecimento das instituições nacionais de pesquisa, defesa da ciência aplicada ao desenvolvimento econômico e social, e pelos debates sobre a proteção da natureza ao longo do século XX (1910-1965).



Figura 1 – Temas abordados na obra de E.S..

Esta pesquisa tem como objetivo «analisar as contribuições de Eurico Santos (Fig. 2) à divulgação — agrícola, pecuária, veterinária, cinófila, cinegética, florística e faunística —, e à valorização da natureza, à luz do contexto político e intelectual do período em que atuou como jornalista e escritor». Para atingir este objetivo principal, foram definidos os seguintes objetivos específicos: (a) reavivar o legado do articulista, editor, jornalista e escritor carioca E.S., a partir da análise e interpretação da sua obra (Fig. 1); (b) demonstrar a participação de E.S. em redes técnico-científicas; (c) demonstrar de que maneira a trajetória de E.S. se alinhou à construção de uma ética ambientalista; e (d) revelar o papel político, social e intelectual da produção jornalística e literária de E.S., destacando suas contribuições à divulgação do conhecimento e à relevância da ciência como instrumento de mudança social no século XX.

A metodologia a ser utilizada na execução desta pesquisa tem caráter hermenêutico, qual seja, leitura e interpretação do *corpus* documental e produção de um texto analítico. Nas palavras de Dilthey (1958, p.205 *apud* Koselleck, 2006, p.162):

> A compreensão e a interpretação constituem o método adequado para as ciências humanas. Todas as funções encontram-se integradas nesse método. Em si, ele contém todas as verdades das ciências humanas. A interpretação cria, em cada ponto, um mundo novo.

A prática hermenêutica, em seu sentido original, é a teoria da interpretação e compreensão de textos, discursos, artes e diferentes culturas ao longo do tempo por meio de análise interdisciplinar, que permite superar barreiras temporais e culturais, desvendando



Figura 2 – Foto de Eurico Santos publicada em *Natureza em Revista* (Oliveira, 1978).

os significados e contextos das expressões. O historiador — que vê nos documentos tanto valor de prova quanto de evidência — atua como mediador entre o presente e o passado — ciente da distância histórica e cultural como obstáculo à interpretação —, buscando compreender as vivências, as ideias, o contexto social de diferentes épocas. Por meio do diálogo com as fontes históricas, o conhecimento histórico se constrói de forma dinâmica e intersubjetiva. O mundo histórico, rico em expressões e símbolos, é palco da comunicação entre os indivíduos e as culturas. A hermenêutica guia o diálogo do historiador com o tempo na decifração desses sinais, revelando as mensagens, valores e crenças que permeiam cada época. O processo hermenêutico é marcado pela busca incessante pelo discernimento, reconhecendo a natureza incerta e falível dessa empreitada. Objetividade e discernimento configuram-se como pilares para a construção de um texto histórico de qualidade. As ideias de Johann Gustav Droysen, historiador hermenêutico alemão do século XIX, são revisitadas sob a ótica da hermenêutica; sua visão da historiografia, que parte de um contexto pragmático e material para alcançar as ideias e representações da natureza, encontra consonância com o chamado terceiro nível da história ambiental, preocupado com ideias e representações da natureza, onde há uma interação intangível e mental entre indivíduos ou grupos e a natureza. A hermenêutica apresenta-se, assim, como ferramenta fundamental para a compreensão profunda da história, possibilitando o diálogo entre diferentes épocas, culturas e perspectivas, revelando a riqueza e a complexidade do mundo histórico (Donald Worster, 1991; Forster; Gjesdal, 2019; Reis, 2012; Zammito, 2019). Esta pesquisa não faz uma história de conceitos, mas busca obter uma perspectiva histórica em relação aos conceitos, ideias, concepções e visões de mundo do século XX, uma interseção entre história, política, ciência e literatura.

Como fontes primárias que compuserem o *corpus* documental, foram consultados 39[xv] livros e manuais, 12 folhetos[xvi] e 140 prospectos das Coleções Artísticas Roche (Fig. 3) escritos por E.S. e publicados entre 1927 e 2004, bem como artigos, editoriais e notas publicados, a partir de 1910, em revistas — principalmente agrícolas — e jornais disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira (Biblioteca Nacional). Também foram consultados documentos em acervos digitais — Biblioteca Digital do Museu Nacional, Sistema de Informação do Arquivo Nacional, Biblioteca Digital do Senado Federal, Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Essas fontes, submetidas à leitura e interpretação, foram ordenadas em cinco temas: agricultura e pecuária, veterinária, cinofilia, caça, flora e fauna brasileiras. As fontes secundárias versaram sobre história ambiental e divulgação científica, incluindo informações disponíveis no Dicionário histórico-biográfico da Primeira República, Dicionário histórico-biográfico das Ciências da Saúde no Brasil; Memória da Administração Pública

[xv] Inclui a tradução de Ornithologie Brésiliennne ou Historie des oiseaux du Brésil.
[xvi] 3. Doc. Publicação não periódica que tem no mínimo cinco e no máximo 48 páginas, sem contar as capas. [Cf.: livro.] [F.: Do it. foglietto.] (Aulete Digital, 2024).

Brasileira e acervos digitais de fotografias. “A leitura da documentação, em qualquer fase da pesquisa, exige esse olhar atendo à minúcia. Não porque todo e qualquer detalhe seja significativo, mas para extrair significados e recursos narrativos das miudezas” (Neto, 2002, p.103).



Figura 3 – Face frontal de um dos prospectos da «Coleção Borboletas do Brasil» que reproduz pintura de Marian Colonna e texto de E.S.. Na década de 1940, a farmacêutica Roche editou as Coleções Artísticas Roche, 210 prospectos com gravuras, textos de divulgação e informes publicitários sobre medicamentos comercializados à época.

1

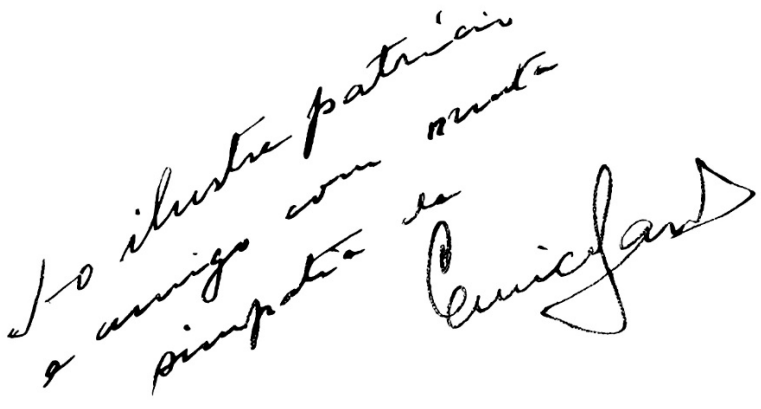
DIVULGADOR ESQUECIDO

É necessário que cada homem que pensa tenha a possibilidade de participar com toda lucidez dos grandes problemas científicos de sua época, e isso mesmo se sua posição social não lhe permite consagrar uma parte importante de seu tempo e de sua energia à reflexão científica. É somente quando cumpre essa importante missão que a ciência adquire, do ponto de vista social, o direito de existir. [3]

Albert Einstein (1879-1955)
Físico



Figura 4 – Foto de Eurico Santos publicada por Nomura (2005).



"Sertão, roça, capoeira, mata, terreiro, torrão, floresta, sesmaria, latifúndio, fazenda, lavoura, campo. Diversas são as palavras usadas no Brasil para se referir à íntima relação entre homem, terra e mundo natural. Um país que inclui a maior diversidade de biomas do planeta e que abraça um imenso espaço de área tropical e subtropical do continente americano, faz sua imagem de nação ser indissociável do seu ambiente físico, assim como a identidade de seu povo confundir-se com as representações de fauna e flora exóticas encontradas nas páginas dos livros de história. É importante frisar que grande parte dessa variedade de relações entre a sociedade e o mundo natural se originou com a própria colonização do Brasil, a qual deixou marcas na cultura administrativa e no trato com a terra que perduram até hoje. Como escreveu o ilustre brasilianista Warren Dean, um dos primeiros atos dos marinheiros portugueses que, a 22 de abril de 1500, alcançaram a costa sobrecarregada de florestas do continente sul-americano foi derrubar uma árvore: 'os indígenas que, inocentemente se irmanaram naquela praia, não faziam ideia, tal como as árvores às suas costas, da destruição que essa invasão causaria' (Dean, 2013, p. 59). Ao mesmo tempo, as naus portuguesas que atracavam na *terra brasilis* não somente traziam em sua bagagem "homens de grossa aventura" em busca de fortuna, como também aportavam com eles outros tipos de tesouros. Uma riqueza do tipo biológica, representada por frutas e plantas exóticas e animais desconhecidos, mas também novas pragas, bactérias e vírus, mercadorias extraordinárias até então ignoradas pelas populações autóctones. Alguns dos principais produtos que incentivaram ciclos econômicos no Brasil não eram originários de seu solo: a cana-de-açúcar veio da Índia; o café, por sua vez, da Etiópia; e o algodão, do Oriente Médio. Dessa forma, a aventura marítima conduzida pela coroa portuguesa não somente revelou uma vastidão de terras ignotas no hemisfério sul ocidental, como entrelaçou patrimônios culturais, biológicos e antropológicos, fazendo da sua colônia mais importante um espaço conectado e múltiplo" (Borges, 2023, p.73).



Figura 5 – Frutas brasileiras, de Albert Eckhout (1610-1655), desenhista e pintor holandês. Acervo do Museu Nacional da Dinamarca (fotografia de John Lee).

1.1. CONTEXTO POLÍTICO-INTELECTUAL[xvii]

"Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudades
Rio, teu mar, praia sem fim
Rio, você foi feito pra mim"

A.C. JOBIM[4]

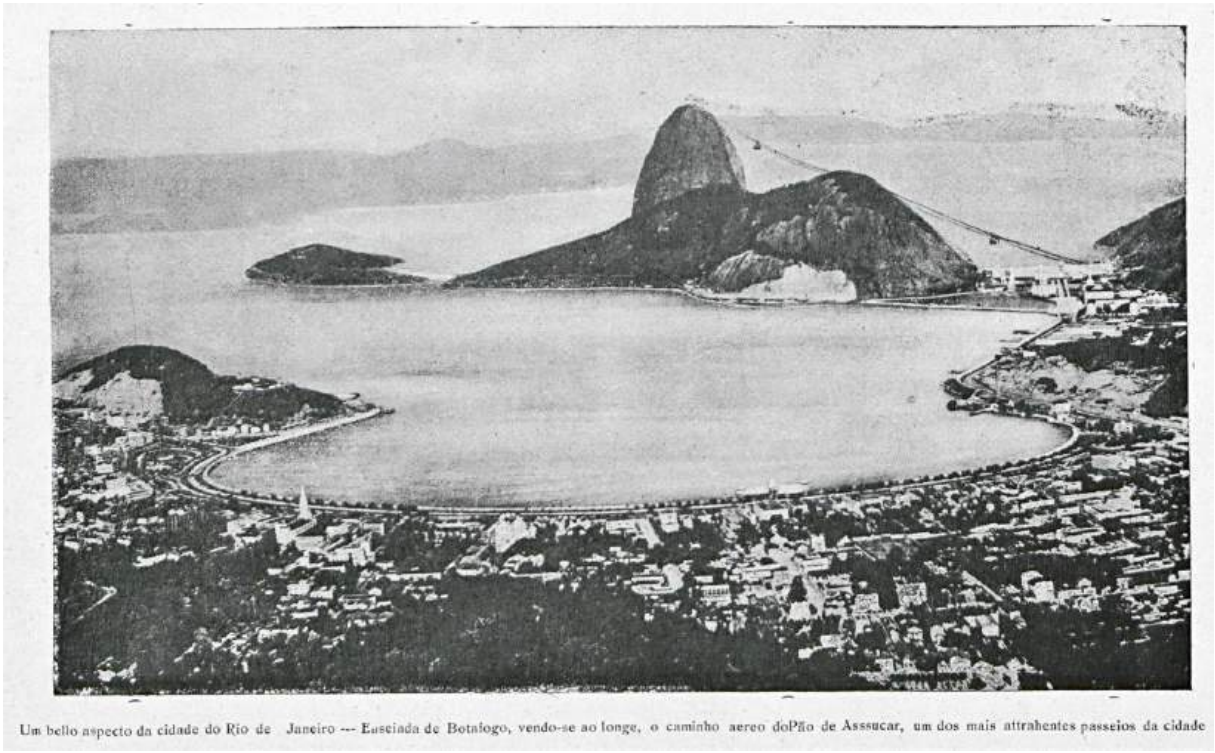


Figura 6 – "Um bello aspecto da cidade do Rio de Janeiro – Enseada de Botafogo, vendo-se ao longe, o caminho aereo do Pão de Assucar, um dos mais attrahentes passeios da cidade".
Fotografia publicada em *A Fazenda*, n.34, p.2, 1913

Eurico Santos «E.S.» (Fig. 4), nasceu na capital do Império do Brazil em 1883[5] (Fig. 6), "uma cidade singular com uma missão bastante peculiar: a de ser o centro da nação. "No Município Neutro[6] [...] se instalaria não apenas a melhor vitrine da nação, como também estaria montado o palco privilegiado das ações e decisões cruciais da política brasileira" (Sarmento, 2001, p.4). O Rio de Janeiro era a sede da autoridade do Estado, da administração pública, do comando militar, do controle das rotas de comércio e da distribuição de recursos financeiros, da intelectualidade, do monopólio da arte e da cultura, teatro do poder, núcleo da construção da identidade nacional e da modernidade (Motta, 2004, p.8) — dois anos antes do

[xvii] O contexto histórico restringiu-se às três primeiras décadas do século XX, quando E.S. deu início à sua jornada profissional como editor, articulista e escritor — o primeiro livro de sua autoria foi publicado em 1927.

nascimento de E.S., a primeira linha telefônica foi estreada sinalizando o progresso eminente (Neves; Heider, 1991, p.16).

Os anos seguintes ao nascimento de E.S. foram cenário para importantes eventos, movimentos e crises que resultaram em mudanças políticas, reorganização social e econômica, alinhadas à ideia de progresso tendo as grandes cidades europeias como modelo, ao menos para aqueles "que moravam nas grandes cidades e tinham o dinheiro para gozar os seus benefícios". Em 1889, as estradas de ferro eram curtas e nas vias deslocava-se banguês e o carro de bois, pesado e vagaroso. Na capital, pouco luxo; cidadezinhas do interior, mediocremente povoadas, ignoravam a iluminação elétrica e no campo as necessidades eram reduzidas. As máquinas eram singelas e os indivíduos bem situados envergonhavam-se de usar o produto nacional (Ramos, 2020, p.9). "A monarquia não caiu com um estrondo, mas com um suspiro" — "não houve um só tiro que pudesse revelar que se tratava de um golpe e não de uma parada militar" (Bueno, 2010, p.242). Também em 1889, entrou em operação a primeira usina hidrelétrica do país, na cidade mineira de Juiz de Fora — "as cidadezinhas do interior ignoravam a iluminação elétrica" — e o Paço de São Cristóvão — residência oficial da família real portuguesa e depois da família imperial brasileira, na Quinta da Boa Vista[7] — abrigou a primeira Assembleia Constituinte da República. No ano de nascimento do escritor Graciliano Ramos (1892-1953), o Museu Imperial e Nacional (Museu Real) — que viria a ser importante elo da rede de contatos de E.S. — foi transferido para o Paço de São Cristóvão e, em 1896, os cinematógrafos abririam suas primeiras salas. O Brasil da república, do trabalho livre, da indústria, da imigração, dos avanços da medicina e da urbanização — mas ainda ruralista, patriarcal, escravocrata[xviii] e latifundiário —, passou a transformar o Rio de Janeiro — "grande laboratório onde se experimentavam as reformas que anunciavam os novos tempos" — e "os descaminhos da política e da economia" (Bueno, 2010; Neves; Heider, 1991; Pires, 2017; Ramos, 2020).

A geração de E.S. foi marcada por uma efervescência política e intelectual. Debates acalorados em torno da construção da identidade nacional buscavam definir o rumo do país, enquanto a crença em um Estado forte e centralizador se firmava. A ciência era vista como guia para o progresso, impulsionando a divulgação do conhecimento e a preocupação com a natureza. Para aumentar a tensão, uma indisciplina generalizada era observada em diversos setores, desde os quartéis e fábricas até ateliês e cafés. Uma revolta contra a autoridade estabelecida, ainda que indefinida, tomava diversas formas. A imagem externa de progresso contrastava com a realidade interna marcada por miséria, doenças, ignorância e corrupção (Franco, 2002; 2009; Ramos, 2020), "como uma espécie de farsa do avanço civilizatório, uma ordem calcada em instituições e técnicas herdadas do atraso colonial" (Pádua, 2002, p. 27).

[xviii] Partidário da escravidão.

Nesse caldo, a Semana de Arte Moderna de 1922 se tornou um marco na modernização cultural brasileira. Mais do que um mero evento social, a Semana representou um manifesto por um novo estilo e estética, uma ruptura com o passado e um abraço ao futuro (Grossman[8], 2022 *apud* Rollemberg, 2022).

Na cidade do Rio de Janeiro — onde o Instituto Oswaldo Cruz e o Museu Nacional destacavam-se pela tradição científica nas áreas biológicas e de ciências naturais (Azevedo, 1995) —, E.S. estreou na cena cultural como secretário da revista agrícola *A Fazenda* em 1910. A década seguinte se destacou pelo aumento nas iniciativas de divulgação científica em decorrência do surgimento de organizações sociais — como a Sociedade Brasileira de Ciências[xix] (1916) e a Associação Brasileira de Educação (1924) — e fortalecimentos das instituições científicas, o que já vinha ocorrendo desde as décadas anteriores. Além de se usar com mais intensidade jornais, revistas e livros — com a ampliação de publicações e traduções — para divulgar, também foram promovidas, sobretudo pelos museus, conferências periódicas abertas ao público, e se utilizou o rádio para a difusão de conteúdo educativo, cultural e técnico-científico — a primeira rádio brasileira, a Rádio Sociedade[xx], foi fundada por um movimento de cientistas e intelectuais do Rio de Janeiro em 1923, liderado por Roquette-Pinto[9] (1884-1954) e Henrique Morize[10] (1860-1930). Para ambos, que compartilhavam ideias convergentes com parcela de intelectuais, o aprimoramento da educação oferecida pelo estado "era a forma mais acabada de promover a evolução dos indivíduos e, por conseguinte, o progresso da nação". Consolidaram-se[11], nesse período, além do Museu Nacional do Rio de Janeiro (Apêndice D), fundado em 1818, o Museu Emílio Goeldi (Apêndice E), de Belém do Pará, criado em 1866 e o Museu do Ipiranga (Apêndice F), de São Paulo, em 1893 (Rangel, 2010, p.58). Visitas ao Brasil de importantes cientistas, como Marie Curie (1867-1934) e Albert Einstein (1879-1955), despertaram interesse na imprensa e na população (Apêndice G). Em meio aos debates e reflexões sobre a importância da ciência "como "fator de prosperidade nacional", Miguel Ozório de Almeida[12] (1890-1953) publicou *A vulgarização do saber* (1931), provavelmente a primeira obra brasileira a discutir o papel e as dificuldades da divulgação científica no país (Duarte, 2010; Massarani, 1998; Massarani; Moreira, 2004; Moreira; Massarani, 2001; Museu da Vida, 2024; Rangel, 2010; Sá; Sá; Lima, 2018; Sily, 2012).

> A vulgarização científica bem conduzida tem, pois, por fim real, mais esclarecer do que instruir minuciosamente sobre este ou aquele ponto em particular. Mantendo constantemente a maioria das inteligências em contato com a ciência, ela virá criar um estado de espírito mais receptível e mais apto a compreender. Ela se destina mais a preparar uma mentalidade coletiva, do que realmente a difundir conhecimentos isolados (Ozório de Almeida, 1931, p. 237).

[xix] Atual Academia Brasileira de Ciências - ABC.
[xx] Atual Rádio MEC FM. Em 5 de julho de 2022, foi declarada Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial do Rio de Janeiro.

As ideias de Ozório de Almeida e de outros divulgadores científicos do século XX — rememorados pelo Museu da Vida (2024) —, encontram eco nos debates do século XXI. Em uma sociedade cada vez mais complexa e dependente da tecnologia, a alfabetização científica transcende a mera assimilação de fatos, abrangendo tanto a capacidade de comunicação do conhecimento científico quanto a sua aplicação na vida cotidiana, por exemplo, oferecendo ao cidadão subsídios para a participação nos debates público, para melhor compreender o mundo, entendendo o papel da ciência para o seu desenvolvimento individual e o da sociedade. Em uma era autoproclamada como "sociedade do conhecimento", a divulgação científica é reconhecida como um dever moral dos cientistas e um direito fundamental dos cidadãos em uma democracia. Cada vez mais, é percebida como uma necessidade que beneficia não apenas a sociedade, mas também contribui para o avanço da própria ciência e para o engajamento dos cientistas com o público. A comunicação eficaz da ciência é um elemento essencial para o desenvolvimento econômico, a educação da população e a promoção de carreiras tecno-científicas, refletindo a interdependência entre ciência, sociedade e progresso nacional (Castelfranchi, 2010; Díaz; Alonso; Mas, 2003).

A favor da proteção da natureza, cientistas do Museu Nacional[13] — palco de atividades de educação popular — reverberaram o debate internacional sobre conservacionismo, apreciação estética da natureza, reflorestamento e criação de áreas protegidas, prescrevendo educação, ciência e intervenção estatal para a proteção de um dos elementos definidores da cultura — o exuberante patrimônio natural, que desde o final do século XIX era tido como tema importante nos debates sobre a identidade nacional —, coadunados à visão sobre a importância da ciência na transformação do Brasil e sua moldagem aos padrões de civilidade, "com a formação de um novo *homem brasileiro*" (Duarte, 2010, p.19). "Disposição [...] para modificar as práticas de produção [...] compreendidas no seio do contexto mais amplo de lutas políticas e enfrentamentos sociais em curso" (Duarte, 2010, p.161).

Duarte (2010) também observa que, entre 1895-1930, a biologia ganhou importância política e visibilidade de "mestra da vida", afirmando-se como saber específico e diferenciado a partir dos estudos sobre eugenia, biomedicina e entomologia (médica e agrária). A conexão estabelecida pelos ambientalistas entre construção da identidade nacional e conservação da natureza abriu diálogo com o governo federal, incorporando na agenda política a "aprovação de uma série de leis, decretos e regulamentos, visando à conservação da natureza, além da criação dos primeiros parques nacionais" — sobretudo na era Vargas[xxi], cujas perspectivas de "curar o corpo e aperfeiçoar o espírito de um povo desvalido e empobrecido, vítima de elites egoístas" encontravam eco nas concepções defendidas pelos cientistas do Museu Nacional (Duarte, 2010; Franco, 2009). Como afirma Hahn (1971, p.x): "a instituição científica

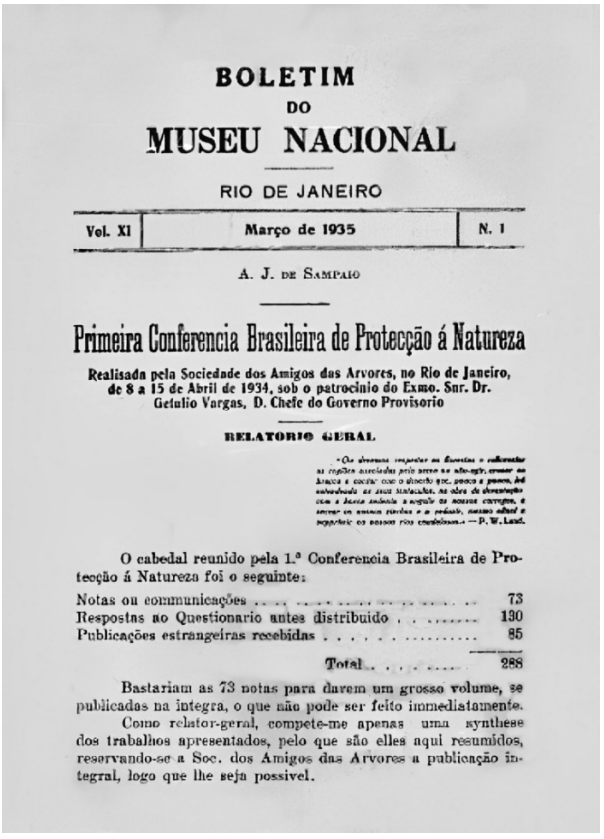
[xxi] Entre 1930-45, quando Getúlio Vargas (1882-1954) governou o Brasil de forma contínua.

é a bigorna sobre a qual os valores muitas vezes conflitantes da ciência e da sociedade são moldados em uma forma viável".

Em 1934, movimento organizado por cientistas e intelectuais preocupados em garantir que políticas relacionadas à conservação do patrimônio natural brasileiro fossem implementadas pelo Estado, — o qual Duarte (2010) se refere como *Biologia Militante* — organizou a «Primeira Conferencia Brasileira de Protecção á Natureza» (Fig. 7), "realizada entre os dias 8 e 15 abr. 1934, no Rio de Janeiro, sob o patrocínio do governo provisório" (O Paiz, Rio de Janeiro, 8 abr. 1934, p.2).

> A Sociedade dos Amigos das Arvores, como já tem sido noticiado, acha-se em trabalhos de organização da I Conferencia Brasileira de Protecção á Natureza [...]. O objectivo da Sociedade dos Amigos das Arvores é [...] reunir a maior somma possivel de indicações praticas, attinentes á defesa e reconstituição de nossa flôra, fauna, sitios e monumentos naturaes [...] (Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 28 dez. 1932, p.6).

> O culto e proteção [...], a defesa do património florestal, escopo supremo da nossa Sociedade, representa a parte básica do grande problema que se impõe modernamente ao mundo civilizado sob a fórmula da Proteção à Natureza — problema transcendente que abrange não só a proteção da flora e da fauna, na sua quase totalidade ameaçadas de aniquilamento em todas as regiões do globo, como, também, como complemento e conseqüência, a proteção das paisagens, o resguardo dos sítios pitorescos, convindo não esquecer que o tentamen visará, além da defesa dos patrimônios biológicos subsistentes, tanto quanto possível, a sua reconstituição (Corrêa *apud* Sampaio, 1935)[14].



BOLETIM
DO
MUSEU NACIONAL

RIO DE JANEIRO

Vol. XI | Março de 1935 | N. 1

A. J. DE SAMPAIO

Primeira Conferencia Brasileira de Protecção á Natureza

Realisada pela Sociedade dos Amigos das Arvores, no Rio de Janeiro, de 8 a 15 de Abril de 1934, sob o patrocinio do Exmo. Snr. Dr. Getulio Vargas, D. Chefe do Governo Provisorio

RELATORIO GERAL

O cabedal reunido pela 1.ª Conferencia Brasileira de Protecção á Natureza foi o seguinte:

Notas ou communicações	73
Respostas ao Questionario antes distribuido	130
Publicações estrangeiras recebidas	85
Total	288

Bastariam as 73 notas para darem um grosso volume, se publicadas na integra, o que não pode ser feito immediatamente.

Como relator-geral, compete-me apenas uma synthese dos trabalhos apresentados, pelo que são elles aqui resumidos, reservando-se a Soc. dos Amigos das Arvores a publicação integral, logo que lhe seja possivel.

Figura 7 – Frontispício do *Boletim do Museu Nacional*, n.1, 1935, no qual foi publicado o Relatório Geral da «Primeira Conferencia Brasileira de Protecção á Natureza» cujo relator foi o botânico Alberto José de Sampaio (1881-1946).

1.2. NOTAS BIOGRÁFICAS

"Neste ponto me será permitido encerrar esta comunicação autobiográfica. No que mais disser respeito a minhas questões pessoais, a minhas lutas, decepções e êxitos, o público não tem o direito de saber mais. De toda forma, em alguns de meus escritos — como a Interpretação dos sonhos, a Psicopatologia da vida cotidiana — fui mais franco e aberto do que costumam ser as pessoas que narram sua vida para os contemporâneos e os pósteros. Não me foi demonstrada muita gratidão por isso; a experiência me leva a desaconselhar que outros o façam".

S. FREUD[15]

Eurico de Oliveira Santos nasceu em 28 jun. 1883 [16], no Rio de Janeiro (Fig. 8), primogênito de Manoel de Oliveira Santos, natural de Portugal, e Elvira de Sousa Pacheco Santos, "natural desta capital"[18]. O casal ainda gerou cinco filhos: Olinda (1887-1889)[17], Albertina (1888-19-?)[18], Álvaro (1890-189-)[19], Nilo (1893-1978)[20] e Eurídice (1895-1990)[21]. O pai, guarda-livros[xxii], faleceu em 1896, aos 48 anos: "[...] falecido em sua residência, não deixou testamento e sim os filhos seguintes: Emereciana de desesseis annos (do primeiro casal) e Eurico de trese annos, Albertina de oito, Nilo de trez, e Euridice de dez meses" (*FamilySearch*)[22]. Quando morreram a monarquia e o imperador, E.S. ficou órfão de pai, com 13 anos e três irmão mais novos.



Figura 8 – Panorâmica da enseada de Botafogo [ca. 1885]. Fotografia de Marc Ferrez (1843-1923).

[xxii] s2g2n.1. Funcionário encarregado da escrituração de livros, registros da contabilidade de empresas, comércio etc. [F.: guarda(r) + pl. de livro. Ideia de: guard -.] (Aulete Digital, 2024).

Na busca por dados biográficos, foram encontrados homônimos para ‘Eurico Santos’ e ‘Eurico de Oliveira Santos’[23]. Três referências podem ser atribuídas ao jornalista: a primeira, de 1899, como ocupante do cargo de carimbador suplente[24] dos Correios do Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro (Correio da República); a segunda, de 1909, como aprovado[25] nos “Exames Finaes da Instrucção Primária[26]. Curso complementar (2. época)”; a terceira, de 1914, edital[27] da Prefeitura do Districto Federal, no qual são convidados “os Srs. candidatos ao exame para o provimento de logares de auxiliares de ensino, a comparecerem ás provas de arithmetica e geographia [...], e para a prova de portuguez e historia do Brazil”.

Notas publicadas pelo *Correio da Manhã*[xxiii] e pela revista *A Lavoura*, em 1959, mencionam que E.S. “fêz seu curso de humanidades no Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro”. O professor Hitoshi Nomura (1933-2017) — que relata dois encontros com E.S. quando cursava a graduação[28] em História Natural na Universidade de São Paulo —, também alude o mesmo: “Ele fez seus estudos humanísticos no Mosteiro de São Bento, tendo oportunidade de conviver com os grandes jornalistas da sua época” (Nomura, 1983, p.846).

Consultado, o Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro[29] — que mantém em arquivo as matrícula, fotografias e outros materiais do colégio a partir do século XIX — informou não dispor do registro de E.S.. A mesma consulta foi submetida ao Colégio Pedro II[30] — tido como um dos mais tradicionais do Rio de Janeiro —, o qual não encontrou registro da passagem de E.S. por aquela instituição. Homenagem publicada pela revista *O Campo* n.44 (1936, p.44) — “Vinte cinco anos de trabalho em pról da divulgação agrícola” — não menciona o mosteiro, tão pouco a vida pregressa de E.S..

“Embora não fosse avesso ao belo sexo, conservou-se sempre solteiro”, afirmou Oliveira[31] (1983) em nota sobre o primeiro centenário de nascimento de E.S.. Contudo, documentos revelam que ele foi casado com Claudina Ferreira da Costa no período de 1906 a 1917, quando se desquitaram. Ao ‘divorcio’, foi dada publicidade (Fig. 9). Na produção intelectual de E.S. não há alusão ao casamento, às circunstâncias nas quais se deu ou à motivação para a separação; manteve-se reservado. No registro de casamento, o mesmo endereço residencial foi informado por ambos



DIVORCIO

O Dr. Alvaro Bittencourt Belfort, juiz da 3ª pretoria civel, decretou o divorcio de D. Claudina Ferreira da Costa e Eurico de Oliveira Santos, e appellou da sua sentença para a Côrte de Appellação, como determina a lei.

Fig. 9 – Anúncio[xxiv] do divórcio.

[xxiii] *Correio da Manhã*, 13 nov. 1959, p.5, 1º Caderno; *A Lavoura*, n.11-12, 1959, p.44.
[xxiv] *O Paiz*, Rio de Janeiro, 19 out. 1917, p.6.

os nubentes, e Eurico é referido como funcionário público quando, de fato, ingressou no Ministério da Agricultura apenas em 1936.

"Parece não ter completado seus estudos de agronomia" (Oliveira,1978, p.8). "Em nenhuma obra dele se encontra a sua formação acadêmica. Entretanto, Herman Lent (1979) [32] informa que ele era agrônomo" (Nomura, 2009). O Setor de Documentação do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia[33], não localizou em seu acervo documental nenhuma informação sobre E.S.. O prefácio do livro *Veterinária Prática* (1943) apresenta E.S. como "zootecnista, escritor e divulgador de aspectos agrícolas"; zootecnista[34] é um qualitativo associado a ele com frequência, contudo, na acepção de zootecnia[35] como ciência, não como profissão. A incerteza sobre a formação escolar de E.S. — a qual poderia explicar, em parte, a disciplina, a elegância, a polidez, a estética[xxv], o aparente domínio do idioma francês, quiçá, também do inglês e do espanhol[xxvi] e, porque não dizer, a erudição de E.S., "possuidor de vasta cultura" (Nomura, 1983, p.844) espelhada no vernáculo, nas epígrafes habitualmente inseridas em cada capítulo dos livros e nas citações usadas nos artigos, geralmente em francês e sempre desacompanhadas de tradução, bem como as diferentes formações a ele atribuídas — engenheiro, médico[36], naturalista[37], entomólogo[38], zoologista[39], veterinário[40], almirante[41], biologista[42], agrônomo, zootecnista — abrem janela para a seguinte especulação a partir da rua do Hospício (atual Buenos Aires), na área central do "Districto Federal" (Fig. 10).

Em junho de 1910, mês em que E.S. completou 27 anos, foi publicado o primeiro número da revista de *A Fazenda* — dirigida pelo "jornalista excursionista" Júlio Arsênio Barbosa (18-- -1958) —, no expediente da qual E.S. aparece como secretário. A "redação" funcionava na rua do Hospício, 179. O "dr. Eurico de Oliveira Santos, engenheiro", é listado pelo *Almanak Laemmert 1913* e *1914*[43] como residente a rua do Hospício, 184, distante 2,5 km da rua Haddock Lobo, residência de E.S. em 1906, de acordo com o seu registro de casamento. Barbosa é listado no (a) *Almanak Laemmert 1911*[44], na seção "Typographias", como sócio da firma Martins & Cia., na rua do Hospicio, 179 — mesmo endereço da redação de *A Fazenda*, no (b) *Almanak Laemmert 1914*[45] como diretor da seção administrativa da Escola Livre de Engenharia do Rio Janeiro, na rua do Hospicio, 206, e no (c) *Almanak Laemmert 1915*[46] como chefe da 3ª secção e lente[xxvii] da Escola Livre de Engenharia do Rio Janeiro, na seção "Professores de linguas e sciencias", como lente do Curso de Agronomia e representante da Instituicion Cervera, sediada em Valência, Espanha — "Escuelas Internacionales por Correspondencia. Escuelas libres estabelecidas al amparo de la ley:

[xxv] sf. 1. Caráter ou concepção do que é belo; BELEZA; [...] 4. Fil. Estudo do belo, seu conceito e suas propriedades; 5. Fil. Estudo sobre a beleza e seus reflexos na criação artística; [...] [F.: Do gr. aisthetiké, pelo fr. esthétique.] (Aulete Digital, 2024).
[xxvi] Em *Manual do amador de cães* (3ª ed. 1947, revista e ampliada, com bibliografia atualizada), a bibliografia citada está, além do português, em espanhol, francês, inglês.
[xxvii] s2g. 1. Lus. Antq. Professor universitário ou do ensino médio (Aulete Digital, 2024).

ingenieros electricistas, ingenieros mecánicos, ingenieros mecánico-electricistas, ingenieros agrícolas, electroterapéuticos, arquitectos constructores, telegrafistas navales, idomas. Son las Escuelas más importante de Europa em su clase. Su nombre y fama son universales" (*España*, 1915, p.11). Os três "negócios" localizados na rua do Hospicio, 196. Ao que parece, E.S. surgiu na cena agrícola sob os auspícios de Júlio Arsênio de Barbosa — de quem se separou em 1913, conforme editorial publicado na edição n.37 da revisa *A Fazenda* — e dos cursos oferecidos por ele. Essa situação corrobora a suspeita de Oliveira (1978, p.8) sobre a formação superior de E.S.: "parece não ter completado seus estudos em agronomia".

Não foram encontradas informações biográficas consistentes sobre Júlio Arsênio Barbosa além de citações [47] em jornais do Rio de Janeiro no período de 1902-61. Aparentemente, formado em engenharia, ele foi um empreendedor que atuou também como jornalista[xxviii]. A menos que tenha existido um homônimo no mesmo período, nas décadas de 1940-50, Barbosa esteve envolvido em inquérito sobre a expedição de diplomas falsos. Filiado



Figura 10 – Vista da rua do Hospício, em direção à Avenida Passos, [c.1907], mencionada na crônica *Vinte Anos! Vinte Anos!* do escritor Machado de Assis (1839–1908). No século XVIII, a atual rua Buenos Aires — que abrigou estabelecimentos comerciais importantes da cidade — era chamada de rua Detrás do Hospício, apesar de não ter existido um hospício nela: a parte de trás da antiga Igreja do Hospício — que tinha uma capela e um albergue, localizada na rua do Rosário — dava para a Buenos Aires. Passou a chamar-se rua Buenos Aires, em 1915. Fotografia 7,3 x 9,8 cm, autor desconhecido, Coleção Mestres do Séc. XIX, acervo do Instituto Moreira Salles[48].

[xxviii] E.S. esteve envolvido nas atividades da *Revista Sportiva*, dirigida por Júlio Arsênio de Barbosa em 1909. No ano seguinte, o secretário da revista — o "competente chronista sr. Candido Bittencourt Junior" ascendeu à direção (A Imprensa, Rio de Janeiro, 29 mar. 1910, p.5). Provavelmente, essa a primeira vez que o nome do "jornalista" E.S. é mencionado na imprensa. Ver *Notas de fim* 56c e 56e.

ao Partido Republicano e, ao que parece, identificado com a ampliação de correntes nacionalistas[49] nos primeiros anos da década de 1920, pode ter influenciado E.S. no campo político, cujo nome aparece logo após o dele como signatários do manifesto *Nacionalização do Commercio*:

> [...] ao Presidente da Republica pela 'Propaganda Nativista' e apoiada pelo 'Partido Republicano Nacional', sobre o projecto do illustre dr. Camillo Prates, em andamento na Camara dos Deputados. 'Gil Blas', unico orgão nacionalista de imprensa brasileira, ufana-se de publicar em primeira mão, o magistral documento abaixo, que um pugillo[xxix] de patriotas corajosos vae dirigir ao Sr. Epitacio da Silva Pessoa, honrado presidente da Republica. Chamamos a attenção de todos quantos amam esta grande e generosa terra para a leitura desta imperecivel peça ciceronica, que ha de ecoar por todos os recantos do paiz, como brado altivo de um povo de brio e de dignidade, que quer sacudir o jugo prepotente dos que pretendem recolonizar-nos, sob a capa de uma confederação politica. [...] exmo. Sr. Presidente da Republica. [...] Mas si formos ajustar contas e apurar saldos, fazendo distincção de raças, chegaremos a este surpreendente resultado: *'O Brasil deve mais ao negro do que ao portuguez!' E' esta uma grande, uma insophismavel verdade!* [...]. Pedimos vénia para, nesse pé em que colocamos as questões nacionalistas, solicitar o patriotico e decisivo apoio de V. Ex. a esse valioso projecto, afim de que se converta em lei do paiz. [...] 'O Brasil carece precaver-se, em primeiro logar, de continuar a ser colonia do capital e do trabalho estrangeiro; defender-se, depois, do exagerado desenvolvimento do commercio estrangeiro no paiz, principalmente no que toca á gestão de sua riquezar e de suas relações economicas, á vida e ás necessidades de sua população' [...]. Assignam o documento acima as seguintes pêssoas: [...]. Pelo Partido Republicano Nacional: [...] (Gil Blas: Pamphleto Nacionalista, Rio de Janeiro, 9 out. 1919, p.3-5).

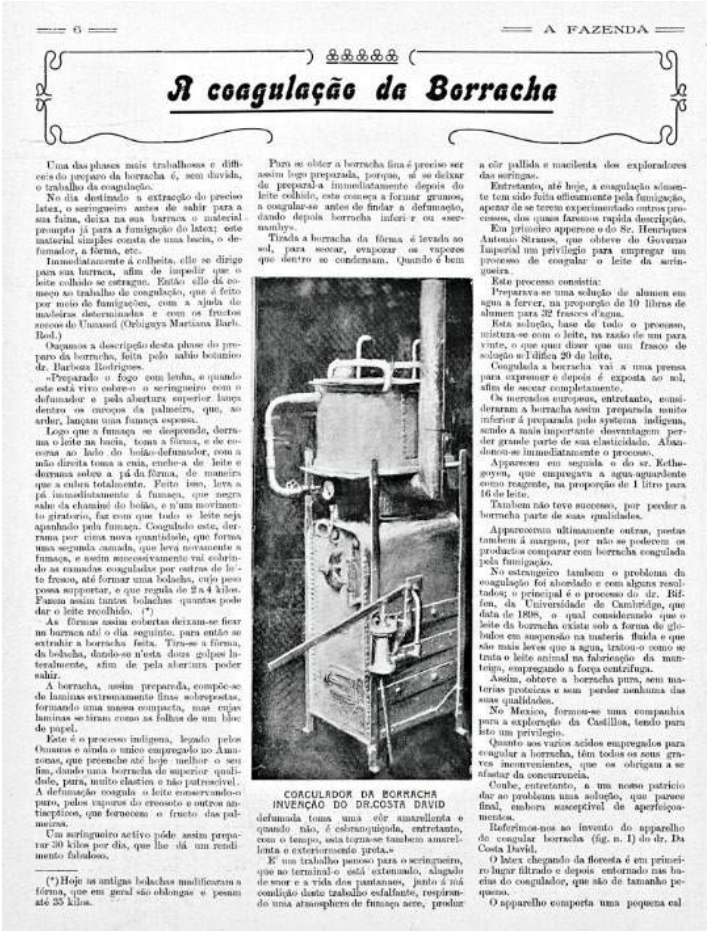
O primeiro artigo identificado com a assinatura de E.S. — *A coagulação da borracha* (Fig. 11) —, foi publicado na edição n.6 da revista *A Fazenda* em novembro de 1910 e assinado apenas com as iniciais "E.S.", frequentemente usadas pelo jornalista. Como as revistas agrícolas apresentam perfis, ensaios biográficos, artigos, reportagens e notas não assinadas — ou assinadas apenas com iniciais que, muitas vezes, não correspondem aos nomes listados no "corpo de collaboradores e consultores techinicos" dessas revistas, é razoável imaginar que E.S. possa ter redigido textos apócrifos, nos quais deixava, eventualmente, pistas sobre a sua autoria. Na ausência de textos anteriores atribuídas a ele, podemos inferir que foi nesta ocasião que E.S. deu início à sua carreira de publicista. *Beterraba de côr vermelha é mais procurada* (Fig. 12) foi o último artigo assinado por ele, sete meses antes da sua morte.

Apesar das muitas formações profissionais atribuídas a E.S., a carteira profissional que representava o seu ofício foi emitida em 1939, pelo Syndicato dos Jornalistas Profissionaes, sediado a Praça Tiradentes, Rio de Janeiro (Fig. 00).

Até 1938, o número de horas trabalhadas e o valor do trabalho jornalístico eram definidos pelos proprietários dos jornais e revistas. Escrever para estes veículos, grosso modo,

[xxix] pugilo: s. m. || porção de qualquer coisa, que se pode abranger entre o dedo polegar, o indicador e o maior. || Troço, magote, grupo. F. lat. Pugillus (Aulete Digital, 2024).

era uma atividade considerada como bico para muitos escritores, dinheiro miúdo para quem precisava reforçar os proventos a partir de suas habilidades com as letras (Maranhão Filho, 1995, p. 49). O Decreto-lei n. 910/1938[50] — assinado por Getúlio Vargas (1882-1954) "considerando que esses trabalhadores intelectuais são merecedores do amparo do Estado, tanto mais quando este deve à Imprensa valiosa colaboração na obra de progresso nacional e no engrandecimento do Brasil", dispôs sobre a duração e condições do trabalho em empresas jornalísticas. O jornalista foi caracterizado como "o trabalhador intelectual cuja função se extende desde a busca de informações até à redação de notícias e artigos e à organização, orientação e direção desse trabalho", sem a exigência de diploma universitário.



— 6 — A FAZENDA

A coagulação da Borracha

Uma das phases mais trabalhosas e difficeis do preparo da borracha é, sem duvida, o trabalho da coagulação.

No dia destinado á extracção do precioso latex, o seringueiro antes de sahir para a sua faina, deixa na sua barraca o material prompto já para a fumigação do latex: este material simples consta de uma bacia, o defumador, a fórma, etc.

Immediatamente á colheita, elle se dirige para sua barraca, afim de impedir que o leite colhido se estrague. Então elle dá começo ao trabalho de coagulação, que é feito por meio de fumigações, com a ajuda de madeiras determinadas e com os fructos secos de Unnassi (Orbignya Martiana Barb. Rod.)

Ouçamos a descripção desta phase do preparo da borracha, feita pelo sabio botanico dr. Barbosa Rodrigues.

«Preparado o fogo com lenha, e quando este está vivo cobre-o o seringueiro com o defumador e pela abertura superior lança dentro os cuteos da palmeira, que, ao arder, lançam uma fumaça espessa.

Logo que a fumaça se desprende, derrama o leite na bacia, toma a fórma, e de cocoras ao lado do bolão-defumador, com a mão direita toma a cuia, enche-a de leite e derrama sobre a já da fórma, de maneira que a cubra totalmente. Feito isso, leva a pá immediatamente á fumaça, que negra sahe da chaminé do bolão, e n'um movimento giratorio, faz com que todo o leite seja aquinhoado pela fumaça. Coagulado este, derrama por cima nova quantidade, que forma uma segunda camada, que leva novamente a fumaça, e assim successivamente vai cobrindo as camadas coaguladas por outras de leite fresco, até formar uma bolacha, cujo peso possa supportar, e que regula de 2 a 4 kilos. Fazem assim tantas bolachas quantas pode dar o leite recolhido. (*)

As fórmas assim cobertas deixam-se ficar na barraca até o dia seguinte, para então se extrahir a borracha feita. Tira-se a fórma, da bolacha, dando-se n'esta duas golpes lateralmente, afim de pela abertura poder sahir.

A borracha, assim preparada, compõe-se de laminas extremamente finas sobrepostas, formando uma massa compacta, mas cujas laminas se tiram como as folhas de um bloc de papel.

Este é o processo indigena, legado pelos Omaguas e ainda o unico empregado no Amazonas, que preenche até hoje melhor o seu fim, dando uma borracha de superior qualidade, para, muito elastica e não patrocivel. A defumação coagula o leite conservando-o puro, pelos vapores do creosoto e outros antisepticos, que fornecem o fructo das palmeiras.

Um seringueiro activo póde assim preparar 30 kilos por dia, que lhe dá um rendimento fabuloso.

(*) Hoje as antigas bolachas modificaram a fórma, que em geral são oblongas e pesam até 35 kilos.

Para se obter a borracha fina é preciso ser assim logo preparada, porque, si se deixar de preparal-a immediatamente depois do leite colhido, este começa a formar grumos, a coagular-se antes de findar a defumação, dando depois borracha inferior ou «sernambyx».

Tirada a borracha da fórma é levada ao sol, para seccar, evaporar os vapores que dentro se condensam. Quando é bem

CORCULADOR DA BORRACHA
INVENÇÃO DO DR. COSTA DAVID

defumada toma uma côr amarellenta e quando não, é esbranquiçada, entretanto, com o tempo, esta torna-se tambem amarellenta e exteriormente preta.»

E' um trabalho penoso para o seringueiro, que ao terminal-o está extenuado, alagado de suor e a vida dos pantanaes, junto á má condição deste trabalho esfalfante, requerendo uma atmosphera de fumaça acre, produz a côr pallida e macilenta dos exploradores das seringas.

Entretanto, até hoje, a coagulação sómente tem sido feita officialmente pela fumigação, apezar de se terem experimentado outros processos, dos quaes faremos rapida descripção.

Em primeiro apparece o do Sr. Henriques Antonio Strauss, que obteve do Governo Imperial um privilegio para empregar um processo de coagular o leite da seringueira.

Este processo consistia:

Preparava-se uma solução de alumen em agua a ferver, na proporção de 10 libras de alumen para 32 frascos d'agua.

Esta solução, base de todo o processo, misturava-se com o leite, na razão de um para vinte, o que quer dizer que um frasco de solução se dilue 20 de leite.

Coagulada a borracha vai a uma prensa para expremer e depois é exposta ao sol, afim de seccar completamente.

Os mercados europeus, entretanto, consideraram a borracha assim preparada muito inferior á preparada pelo systema indigena, sendo a mais importante desvantagem perder grande parte de sua elasticidade. Abandonou-se immediatamente o processo.

Appareceu em seguida o do sr. Kethegeyon, que empregava a agua-aguardente como reagente, na proporção de 1 litro para 16 de leite.

Tambem não teve successo, por perder a borracha parte de suas qualidades.

Appareceram ultimamente outras, postas tambem á margem, por não se poderem os productos comparar com borracha coagulada pela fumigação.

No estrangeiro tambem o problema da coagulação foi abordado e com alguns resultados; o principal é o processo do dr. Biffen, da Universidade de Cambridge, que data de 1898, o qual considerando que o leite da borracha existe sob a forma de globulos em suspensão na materia fluida e que são mais leves que a agua, tratou-o como se trata o leite animal na fabricação da manteiga, empregando a força centrifuga.

Assim, obteve a borracha pura, sem materias proteicas e sem perder nenhuma das suas qualidades.

No Mexico, formou-se uma companhia para a exploração da Castilloa, tendo para isto um privilegio.

Quanto aos varios acidos empregados para coagular a borracha, têm todos os seus graves inconvenientes, que os obrigam a se afastar da concurrencia.

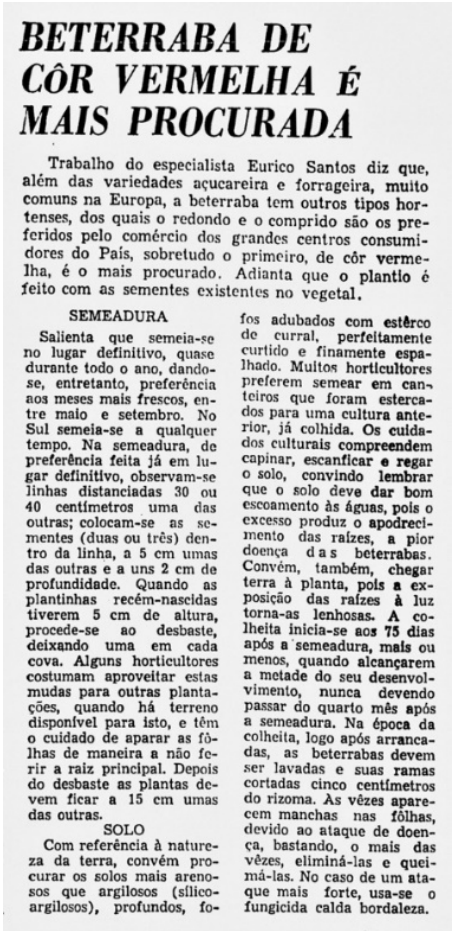
Coube, entretanto, a um nosso patricio dar ao problema uma solução, que parece final, embora susceptivel de aperfeiçoamentos.

Referimo-nos ao invento do apparelho de coagular borracha (fig. n. 1) do dr. Da Costa David.

O latex chegando da floresta é em primeiro lugar filtrado e depois entornado nas bacias do coagulador, que são de tamanho pequeno.

O apparelho comporta uma pequena cal-

Figura 11 – Primeiro artigo identificado com a assinatura de E.S., publicado na revista *A Fazenda*, n.6, p.6, em novembro de 1910.



BETERRABA DE CÔR VERMELHA É MAIS PROCURADA

Trabalho do especialista Eurico Santos diz que, além das variedades açucareira e forrageira, muito comuns na Europa, a beterraba tem outros tipos hortenses, dos quais o redondo e o comprido são os preferidos pelo comércio dos grandes centros consumidores do País, sobretudo o primeiro, de côr vermelha, é o mais procurado. Adianta que o plantio é feito com as sementes existentes no vegetal.

SEMEADURA

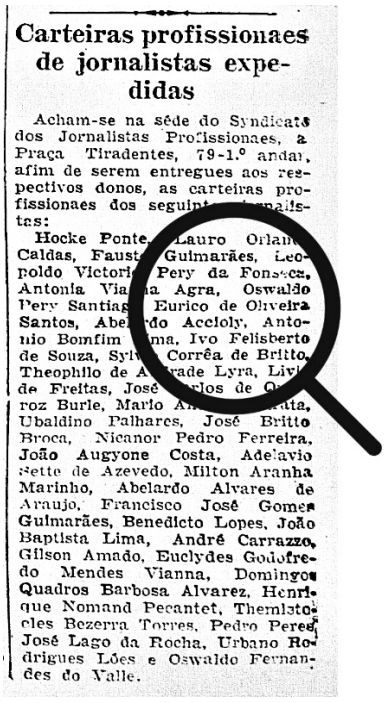
Salienta que semeia-se no lugar definitivo, quase durante todo o ano, dando-se, entretanto, preferência aos meses mais frescos, entre maio e setembro. No Sul semeia-se a qualquer tempo. Na semeadura, de preferência feita já em lugar definitivo, observam-se linhas distanciadas 30 ou 40 centímetros uma das outras; colocam-se as sementes (duas ou três) dentro da linha, a 5 cm umas das outras e a uns 2 cm de profundidade. Quando as plantinhas recém-nascidas tiverem 5 cm de altura, procede-se ao desbaste, deixando uma em cada cova. Alguns horticultores costumam aproveitar estas mudas para outras plantações, quando há terreno disponível para isto, e têm o cuidado de aparar as fôlhas de maneira a não ferir a raiz principal. Depois do desbaste as plantas devem ficar a 15 cm umas das outras.

SOLO

Com referência à natureza da terra, convém procurar os solos mais arenosos que argilosos (silico-argilosos), profundos, fofos adubados com estêrco de curral, perfeitamente curtido e finamente espalhado. Muitos horticultores preferem semear em canteiros que foram estercados para uma cultura anterior, já colhida. Os cuidados culturais compreendem capinar, escanficar e regar o solo, convindo lembrar que o solo deve dar bom escoamento às águas, pois o excesso produz o apodrecimento das raízes, a pior doença das beterrabas. Convém, também, chegar terra à planta, pois a exposição das raízes à luz torna-as lenhosas. A colheita inicia-se aos 75 dias após a semeadura, mais ou menos, quando alcançarem a metade do seu desenvolvimento, nunca devendo passar do quarto mês após a semeadura. Na época da colheita, logo após arrancadas, as beterrabas devem ser lavadas e suas ramas cortadas cinco centímetros do rizoma. As vêzes aparecem manchas nas fôlhas, devido ao ataque de doença, bastando, o mais das vêzes, eliminá-las e queimá-las. No caso de um ataque mais forte, usa-se o fungicida calda bordaleza.

Figura 12 – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1967, p.6, 2º Caderno.

Como publicista agrícola e dotado de algum espírito empreendedor, E.S. fundou — ou participou da fundação — as revistas *A Fazenda* (1910-14), *A Fazenda Moderna* (1916-28), *O Campo* (1930-47) e *Seleções Agrícolas* (1946-57), todas com redação sediada na cidade do Rio de Janeiro (Fig. 14 a 17). Também foi um dos fundadores da revista *Cruzeiro*[98] a convite do historiador e jornalista Carlos Malheiros Dias (1875-1941)[51]. Durante muitos anos, foi colaborador — ou teve seus conteúdos republicados — em semanários e mensários como *Chácaras e Quintais, Sítios e Fazendas, Caça e Pesca, A Fauna* e *A Cigarra Magazine*. Seus artigos foram publicados nos cariocas *Gazeta de Notícias* (Fig. 18), *Jornal do Brasil*, *Boletim do Campo*[52], *A Nação*, *O Cruzeiro*, *Excelsior* (O Campo, 1936, n.78, p.44), *Correio da Manhã* (suplemento científico *Um pouco de ciência*) e *O Jornal*, no qual fundou e manteve a longeva coluna de divulgação agrícola *Vida dos Campos* (1920-1950), "dedicada a assuntos da lavoura e da pecuária" (Santos, 1944), que mais tarde seriam reeditadas no formato de dois livros. "Sem que mantivesse colaboração constante, seus artigos têm aparecido, originariamente, ou transcritos, em grande numero de revistas como 'A ilustração brasileira', 'Chacaras e Quintais', 'Revista da Sociedade Rural Brasileira', 'A lavoura', Bol. de Agricultura de S Paulo', etc." (O Campo, 1936, n.78, p.44). "Na década de 50 praticamente todos os jornais brasileiros estampavam seus artigos, que eram distribuídos pelo Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura" (Nomura, 2009, p.72) (Fig.19). "Já na Europa fabrica-se em larga escala estofos e até calçados destinados a pessoas que soffrem de pés frios, segundo a revista «Das Echo»[53]", escreveu E.S. na coluna *Na Fazenda e na Granja*, *Gazeta de Notícias* (3 dez. 1927, p.9).



Carteiras profissionaes de jornalistas expedidas

Acham-se na séde do Syndicato dos Jornalistas Profissionaes, a Praça Tiradentes, 79-1.º andar, afim de serem entregues aos respectivos donos, as carteiras profissionaes dos seguintes jornalistas:

Hocke Ponte, Lauro Orlando Caldas, Faustino Guimarães, Leopoldo Victorino Pery da Fonseca, Antonio Vianna Agra, Oswaldo Pery Santiago, Eurico de Oliveira Santos, Abelardo Accioly, Antonio Bomfim Lima, Ivo Felisberto de Souza, Sylvio Corrêa de Britto, Theophilo de Andrade Lyra, Livio de Freitas, José Carlos de Oliveira Burle, Mario Antonio Motta, Ubaldino Palhares, José Britto Broca, Nicanor Pedro Ferreira, João Augyone Costa, Adelavio Sette de Azevedo, Milton Aranha Marinho, Abelardo Alvares de Araujo, Francisco José Gomes Guimarães, Benedicto Lopes, João Baptista Lima, André Carrazzo, Gilson Amado, Euclydes Godofredo Mendes Vianna, Domingos Quadros Barbosa Alvarez, Henrique Nomand Pecantet, Themistocles Bezerra Torres, Pedro Peres, José Lago da Rocha, Urbano Rodrigues Lóes e Oswaldo Fernandes do Valle.

Figura 13 – Nota publicada pelo Syndicato dos Jornalistas Profissionaes na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 7 jun. 1939, p.13, Página Syndical.



Figura 14 – Capa da primeira edição da revista *A Fazenda*, publicada em jun. 1910.

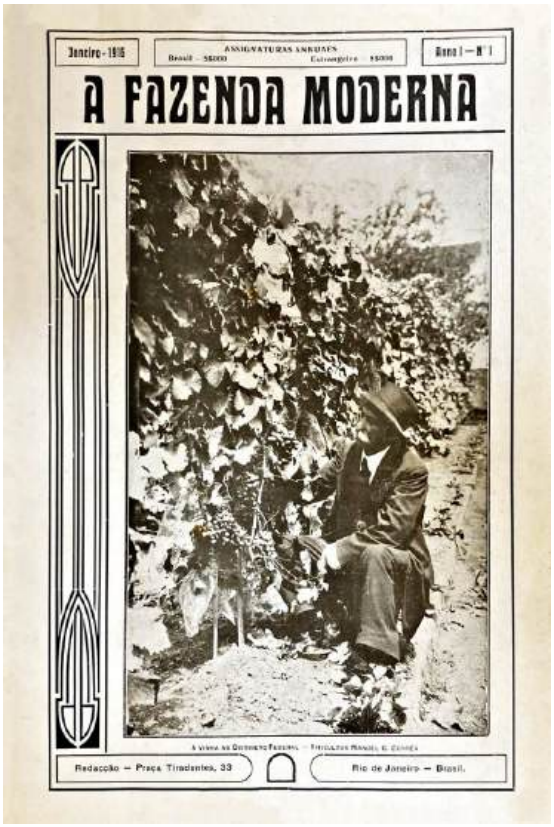


Figura 15 – Capa da primeira edição da revista *A Fazenda Moderna*, publicada em jan. 1916.

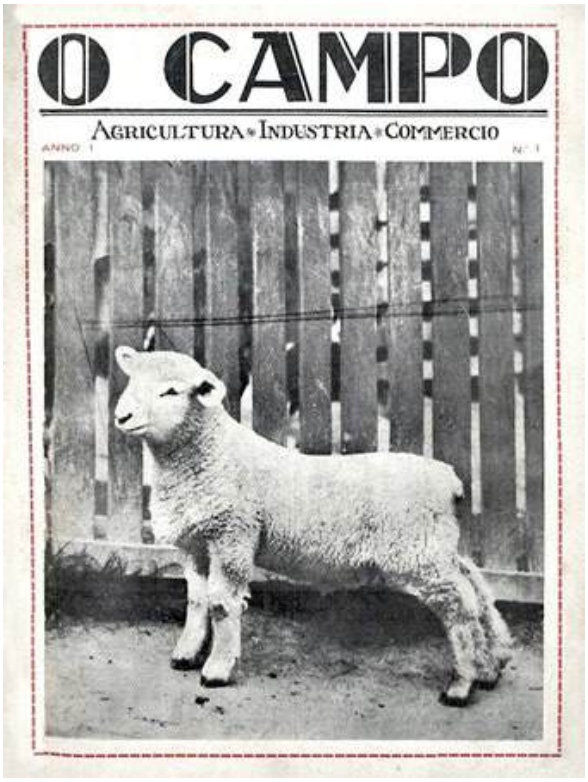


Figura 16 – Capa da primeira edição da revista *O Campo*, publicada em jan. 1930.

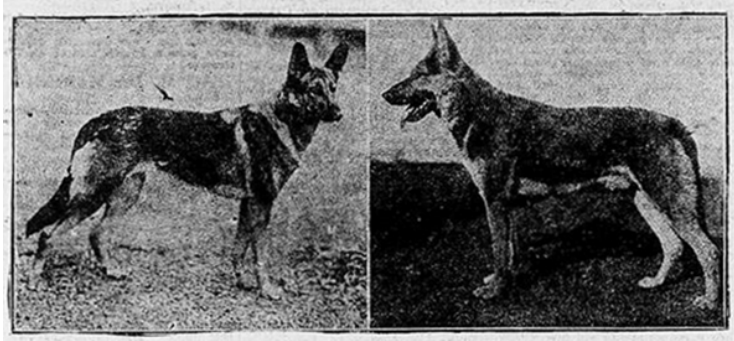


Figura 17 – Capa da primeira edição da revista *Seleções Agrícolas*, publicada em mai. 1946.

Em 1936, E.S. ingressou no Ministério da Agricultura[54], contratado como funcionário extranumerário[55] com base em brecha criada no art. 12 da Lei n. 183, de 13 jan. 1936; ou seja, foi admitido a título precário para função determinada e salário fixo. Em junho de 1953, o extranumerário E.S., "ocupante da função de Escrevente-Dactilógrafo", foi admitido[56] pelo Ministério dos Negócios da Agricultura "para exercer a função de Auxiliar-Adminstrativo".

:: Na fazenda e na granja ::

O CÃO POLICIAL ALLEMÃO



Dois bellos typos de cão pastor, da Alsacia, ou cão policial allemão

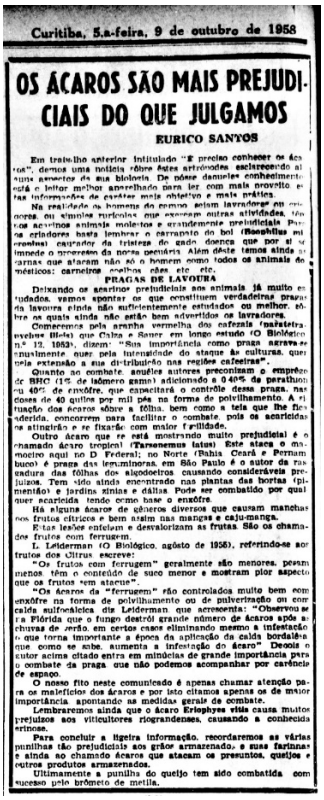
prehendem e que podem applicar, taes como os enunciamos na determinação das épocas das sementeiras das varias plantas, sem que sejamos arrastados a fazer considerações chimico-agricolas applicaveis ás plantas de producção precoce e ás dos climas tropicaes.

Assim, pois, o trigo plantado em março ficará no sólo um numero sensivelmente maior de dias e a maturação do grão não será, devido á época mais propria, tão facilmente ameaçada pelos parasitas cryptogamicos que muitas vezes determinam prejuizos gravissimos. — L. Granato.

A FORMIGA CAÇAREMA, CUYABANA E SALVADORA PAULISTA

Nos jornaes da Bahia continúa a ser annunciada a venda da formiga cuyabana. Antes, ella figurou sob o nome de caçarema. Depois do nosso artigo "Formiga cuyabana e formiga caçarema", no Diario Official, de 6 de Fevereiro corrente, esclarecendo o papel destas formigas, o vendedor desta praga denominou-a de Sal-

Figura 18 – Artigo «O cão policial alemão», de E.S., publicado na seção *Na fazenda e na granja*, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 dez. 1925, p.9.



Curitiba, 5.a-feira, 9 de outubro de 1958

OS ÁCAROS SÃO MAIS PREJUDICIAIS DO QUE JULGAMOS

EURICO SANTOS

Em trabalho anterior intitulado "É preciso conhecer os ácaros", demos uma notícia sôbre êstes artrópodes esclarecendo alguns aspectos de sua biologia. De nosso domínio conhecimento está o leitor melhor aparelhado para ler com mais proveito e tais informações de caráter mais objetivo e mais prático.

Na realidade os homens do campo, sejam lavradores ou criadores, ou simples turicultor, que exercem outras atividades, têm nos acarinos animais molestos e grandemente prejudiciais. Para os criadores basta lembrar o carrapato do boi (Boophilus microplus) causador da tristeza do gado doença que por si só limitará o progresso da nossa pecuária. Além dêste temos ainda as sarnas que atacam não só o homem como todos os animais domésticos: carneiros, cavalos, cães etc. etc.

PRAGAS DE LAVOURA

Deixando os acarinos prejudiciais aos animais já muito estudados, vamos apontar os que constituem verdadeiras pragas da lavoura ainda não suficientemente estudados ou melhor, sôbre os quais ainda não estão bem advertidos os lavradores.

Começamos pela aranha vermelha dos cafeeiros (Mahatetranychus mcgregori Ribeiro) que Cuba e Sauer em longo estudo (O Biológico n.º 12, 1952), dizem: "Sua importância como praga acresce exclusivamente quer pela intensidade do ataque às culturas, quer pela extensão a sua distribuição nas regiões cafeeiras".

Quanto ao combate, aquêles autores preconizam o emprêgo de BHC (1% de isômero gama) adicionado a 0,05% de paration ou 40% de enxôfre, que capacitará o contrôle dessa praga, nas doses de 40 quilos por mil pés na forma de polvilhamento. A retenção dos ácaros sôbre a fôlha, bem como a tela que lhe fica aderida, concorrem para facilitar o combate, pois os acaricidas os atingirão e se fixarão com maior facilidade.

Outro ácaro que se está mostrando muito prejudicial é o chamado ácaro tropical (Tarsonemus latus). Este ataca o mamoeiro aqui no D. Federal; no Norte (Bahia, Ceará e Pernambuco) é praga das leguminosas, em São Paulo é o autor da rasgadura das fôlhas dos algodoeiros causando consideráveis prejuízos. Tem sido ainda encontrado nas plantas das hortas (pimentão) e jardins zínias e dálias. Pode ser combatido por qualquer acaricida, tendo como base o enxôfre.

Há alguns ácaros de gêneros diversos que causam manchas nos frutos cítricos e bem assim nas mangas e caju-manga. Estas lesões enfeiam e desvalorizam as frutas. São os chamados frutos com ferrugem.

L. Leiderman (O Biológico, agôsto de 1956), referindo-se aos frutos dos cítrus, escreve:

"Os frutos com ferrugem" geralmente são menores, pesam menos, têm o conteúdo de suco menor e mostram pior aspecto que os frutos sem ataque".

"Os ácaros da "ferrugem" são controlados muito bem com enxôfre na forma de polvilhamento ou de pulverização ou com calda sulfocálcica, diz Leiderman, que acrescenta: "Observou-se na Flórida que o fungo destrói grande número de ácaros após as chuvas de verão, em certos casos eliminando mesmo a infestação, o que torna importante a época da aplicação da calda bordalêsa que, como se sabe, aumenta a infestação do ácaro". Depois o autor acima citado entra em minúcias de grande importância para o combate da praga que não podemos acompanhar por carência de espaço.

O nosso fito neste comunicado é apenas chamar atenção para os malefícios dos ácaros e por isto citamos apenas os de maior importância, apontando as medidas gerais de combate.

Lembraremos ainda que o ácaro Eriophyes vitis causa muitos prejuízos aos viticultores riograndenses, causando a conhecida erinose.

Para concluir a ligeira informação, recordaremos as várias pragas prejudiciais aos grãos armazenados, a suas farinhas e ainda ao chamado ácaros que atacam os presuntos, queijos e outros produtos armazenados.

Ultimamente a pimenta do queijo tem sido combatida com sucesso pelo brômeto de metila.

Figura 19 – *Diario da Tarde*, Curitiba, 9 out. 1958, Segunda Pagina.

A capa desta edição do *Diario da Tarde* estampa:
"Faleceu S.S. Pio XII — O sumo pontífice,
o admirável e piedoso guia espiritual do mundo cristão. O Brasil chóra tão lutuoso acontecimento, associando-se à dôr intraduzivel que invade os lares católicos espalhados pela face da Terra".

"Em 1942, E.S. passou a ocupar cargo técnico no Ministério da Agricultura" (O Campo, 1942, n.156, p.57). Em 1941, o inspetor E.S. e "demais pessoal extranumerário mensalista da Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal do Departamento Nacional da Produção Animal e Serviço de Economia Rural" tiverem o salário ajustado[57]. Em 1938, foi criado o Serviço de Economia Rural[58], divisão para a qual E.S. parece ter sido transferido e atuado até a publicação[59] da sua aposentadoria compulsória (Fig. 20 e Apêndice G), ao completar 70 anos (Correio da Manhã, 13 nov. 1959, p.5, 1º caderno):

> Eurico Santos chega ao fim de sua carreira profissional cercado do carinho e da admiração de todos aquêles que sempre o veneraram e viram na sua figura o exemplo da dedicação sem esmorecimento. Mais do que isso, o símbolo do homem que trabalha no silêncio visando o bem alheio. Chega pobre, e em situação que não condiz com seu valor, já que do serviço público só recebeu injustiças e nenhum reconhecimento pelo seu trabalho fecundo (Correio da Manhã, 13 nov. 1959, p.5, 1º Caderno).

> Em fins de abril de 1959 o conhecemos no seu escritório montado no Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, onde ele havia ingressado quando tinha cerca de 50 anos de idade e se aposentou em 1953, quando completou 70 anos. Lá ele possuía um enorme armário com várias gavetas, onde colocava recortes de artigos que retirava de jornais e revistas especializados (Nomura, 2009, p.72).

Em 1954, o deputado Lopo de Carvalho Coelho (1911-1984)[60], do Rio de Janeiro, que também atuou como jornalista, tentou aumentar os proventos de E.S. por meio do Projeto n.4.708/54 (Anexo A). Por duas vezes, o projeto foi dado como inconstitucional, primeiro, em dezembro de 1954, depois, em novembro de 1958. O pedido foi indeferido como revela o parecer da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados:

> A medida proposta nesse projeto tem a justificá-la, mais do que casos precedentes, o magnífico e patriótico trabalho que Eurico Santo vem realizando no domínio da divulgação científica, notadamente da zoologia [...]. Pois bem, é este homem devotado à ciencia, este extraordinário e incansável trabalhador intelectual, cujos estudos e trabalhos, são conhecidos não só entre nós como no estrangeiro, onde são sempre louvadamente citados, que ao alcançar a idade limite foi aposentado compulsoriamente com vencimentos insignificantes. Não seria justo que se deixasse em tão precárias condições na velhice, um cidadão que viveu para o trabalho, para o culto das coisas do Brasil, para a divulgação da vida de nossas aves, peixes, mamiferos, arvores, etc., e cujas obras valiosas enriqueceram a ciencia e dignificaram a cultura desse país, levando-a além Atlantico e ao Setentrião americanos a todos os meios onde se cultiva o saber, a todos os centros cientificos do mundo (Brasil, 1954, p.5).

> O ilustre deputado Lopo Coelho, como o projeto nº 4708/54, pretende elevar os proventos de aposentadoria do Auxiliar Administrativo, padrão "M", do Ministério da Agricultura, Eurico de Oliveira Santos. Reconhecemos os altos propósitos do nobre representante do Distrito Federal, visando premiar um benemérito servidor da Nação, no domínio da divulgação científica, notadamente, da zoologia. Acontece que toda lei deve trazer no seu

> corpo apenas normas de caráter geral para aplicação indeterminada. Saindo dessa orientação é de favor pessoal. Demais, aumentar proventos de aposentadoria é uma forma de elevar vencimentos. Choca-se com o § 2º do artigo 67, da Constituição. Pelo menos, com o seu espírito, a sua finalidade, a sua destinação. Pouco importa os precedentes invocados, todos de triste memória. Por essa razões, o nosso pronunciamento é pela recusa ao citado projeto (Brasil, 1954).

Em 1959, E.S. esteve presente na Associação Brasileira de Imprensa para apoiar o movimento da Ordem dos Velhos Jornalistas pela sanção do projeto de aposentadoria dos profissionais de imprensa, aprovado pelo Congresso, pelo presidente Juscelino Kubitschek (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 6 jan. 1959, p.2).

"Eurico de Oliveira Santos, natural do Estado da Guanabara, funcionário público e jornalista, faleceu no Hospital dos Servidores do Estado[61], na cidade do Rio de Janeiro, em 24 de fevereiro de 1968, com 85 anos incompletos, vítima de peritonite, tumor retroperitoneal, arteriosclerose generalizada. Sepultado no cemitério São Francisco de Paula. Não deixou filhos nem bens"[62] (imagem do registro de óbito no Apêndice G).



DECRETOS NAS PASTAS DA JUSTIÇA E AGRICULTURA

O presidente da República assinou os seguintes decretos:

Na pasta da *Justiça* — Nomeando, oficiais de justiça, padrão J, da Justiça do Distrito Federal, Fernando Seroa Pinheiro e Florian da Silva Omena; e, interinamente, como substituto, em comissão, legado de polícia, padrão C, o comissário de polícia, cla... L, Jorge Moreira Martins;

Pondo em disponibilidade, par... tir de 16/12/47, Berenice ...reira Vaz, na função de profess... referência IV, do extinto T...tório Federal de Ponta Porã;

Aposentando Jayme Vilel... na função de referência 23, ...érie funcional de guarda;

Concedendo aposentadoria, ... Justiça do Distrito Federal, a O... vio Melhac, no cargo de Ofic... do 3º Ofício do Registro de ... tribuição; a Antônio da S... inheiro, escrevente juram... do 2º Ofício da 1ª Vara ...azenda Pública, no cargo de ...vão criminal; e a Antonio ...eira Leite, escrevente juram... do 11º Ofício de Notas, no cargo de escrivão criminal;

Concedendo licença a Avelino Pessoa Cavalcanti, brasileiro, residente nesta capital, para aceitar e exercer o cargo de cônsul honorário da República Dominicana no Distrito Federal;

Declarando que a promoção por antiguidade feita por decreto de 8/7/53, do major-médico graduado dr. Correntino Weguelin Nogueira Paranaguá, ao pôsto de major-médico da Polícia Militar do Distrito Federal, é a partir da data do respectivo decreto, e não a partir de 12/9/51, como consta do mesmo

Na pasta da *Agricultura* — Nomeando, prático rural, classe O, Hermo... ...; e, in... ...inas, R, Sady Roland;

Aposentando Gregório Leon... Leite, na função de referência ... da série funcional de guarda;

Declarando aposentados — a partir de 28/6/53, Eurico de Oliveira Santos, na função de referência 24, da série funcional de auxiliar administrativo; Lura de Nova Friburgo, a partir de 5/11/53, na função de referência 27 da série funcional de tradutor;

Concedendo aposentadoria a Luiz Lofgren, no cargo da classe N da carreira de engenheiro.

...nco Ribeiro Junqueira ...

PAGAMENTOS NO TESOURO NACIONAL

A Pagadoria do Tesouro efetuará o pagamento das seguintes fôlhas do 8.º dia útil:

Salário família — C.A.P. Ipase n.ºs 5.001 a 5.006; de dependentes de servidores aposentados, n.ºs 5.100 a 5.103 (Ministérios Civis); de dependentes de civis do serviço ativo, n.º 5.200; de dependentes de militares, n.º 5.250 a 5.252 (Ministério da Guerra); da Presidência da República e Orgãos subordinados e Ministério das Relações Exteriores, n.º 5.300, de dependentes de funcionário do serviço ativo, e n.º 5.401, de dependentes do serviço da Aeronáutica. Avulsos.

Pagadores do Tesouro efetuarão o pagamento no Ministério da Agricultura, relativo ao 8.º dia útil,

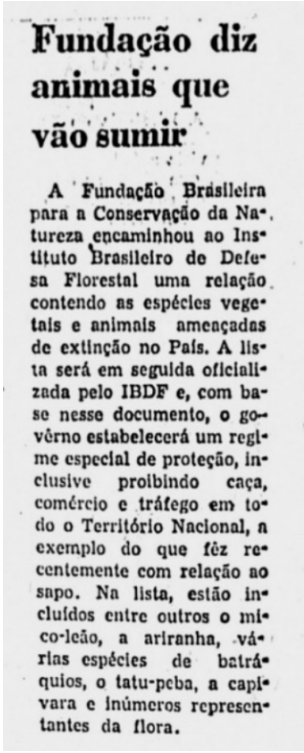
Figura 20 – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 fev. 1954, 1º Caderno, p.4.

Transcrição de trecho da nota: "Declarando aposentados — a partir de 28/6/53, Eurico de Oliveira Santos [data de aniversário de nascimento], na função de referência 24, da série funcional de auxiliar administrativo [...]".

A morte de E.S. foi informada no Boletim da FBCN[xxx] (1968, p.44): “É com pesar que comunicamos, também, aos membros da FBCN, os recentes falecimentos de nossos companheiros e membros fundadores, Eurico Santos (24-II-68) [...]. Oportunamente, publicaremos em nosso Boletim os seus obituários” (Fig. 21). Nomura (1969, p.100) também registrou a morte do “mais conhecido divulgador das ciências zoológicas e botânicas do Brasil”: “A imprensa paulista não divulgou a notícia do seu falecimento. Só tivemos conhecimento disso ao passarmos os olhos pelo “Boletim Informativo” da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, editado no Rio de Janeiro”. Não foi encontrado anúncio sobre o falecimento de E.S. nos 284 periódicos pesquisados na Hemeroteca Digital Brasileira no período de 1960-69.

O biólogo Roberto Gonçalves de Oliveira (1916-2004), fundador da Sociedade Sul Rio-Grandense de Ornitologia, relata encontro com E.S.:

> Quando nós o conhecemos, em novembro de 1967, na Biblioteca do Ministério da Agricultura, que funcionava na Esplanada do Castelo, num dos antigos pavilhões utilizados pela Exposição do Primeiro Centenário da Independência do Brasil, onde também funcionava o SIA (Serviço de Informação Agrícola), achamo-lo já cansado, ainda que de fala fácil e atencioso. Tinha estatura baixa, razoavelmente corpulento e caminhava com segurança. Nos primeiros dias de março [de 1968], na volta de nossas férias, que vimos passá-las aqui no Rio Grande [do Sul], soubemos de seu recente falecimento (Oliveira, 1983, p.6).



Fundação diz animais que vão sumir

A Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza encaminhou ao Instituto Brasileiro de Defesa Florestal uma relação contendo as espécies vegetais e animais ameaçadas de extinção no País. A lista será em seguida oficializada pelo IBDF e, com base nesse documento, o govêrno estabelecerá um regime especial de proteção, inclusive proibindo caça, comércio e tráfego em todo o Território Nacional, a exemplo do que fêz recentemente com relação ao sapo. Na lista, estão incluídos entre outros o mico-leão, a ariranha, várias espécies de batráquios, o tatu-peba, a capivara e inúmeros representantes da flora.

Figura 21 – Recorte do primeiro parágrafo da nota publicada no *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 mai. 1968, p.15, sobre a FBCN.

Transcrição do terceiro parágrafo dessa nota:
“Por sugestão do prof. Melo Carvalho foi aprovado um voto de pesar pelo desaparecimento dos srs. Vitor Farah, Artur de Miranda Bastos e Eurico Santos, todos membros fundadores da FBCN”.

[xxx] Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.

Sobre E.S., o prof. dr. Hitoshi Nomura (1933-2017) registrou:

> Conhecemô-lo no Rio, em 2 de maio de 1959, no apartamento 405, 4º andar, no edifício localizado à Avenida Nossa Senhora de Copacabana, nº 245 (capacho 2), telefone 577136. De estatura baixa, prosador excelente e *gourmet* exigente, era uma satisfação trocar idéias com êle. Era tão bem conservado que não aparentava a idade real que tinha (Nomura, 1969, p.100).
>
> Conhecemos Eurico no Rio, a 2 de maio de 1959, no seu apartamento localizado no bairro de Copacabana. Ele tinha estatura baixa, prosador excelente, *gourmet* exigente, simpático. Era uma satisfação trocar idéias com ele, possuidor de vasta cultura. Nessa ocasião recebemos duas obras de sua lavra, devidamente autografadas. Eurico era tão bem conservado que não aparentava a idade real que tinha (Nomura, 1983, p.844).
>
> Estivemos com ele no Ministério da Agricultura em 1956 e em seu apartamento em Copacabana 1959. Ele tinha baixa estatura, boa prosa e excelente *gourmet*. Em sua sala de trabalho no Ministério da Agricultura ele mantinha muitas gavetas, onde colocava recortes de artigos de revistas e jornais que interessavam às suas atividades. Por cerca de uma hora mantivemos uma conversa bem interessante sobre os animais brasileiros e sua divulgação e nessa última visita ele nos presenteou com o livro O Mundo dos Artrópodes, com a dedicatória: “Ao ilustre cientista Hitoshi Nomura, homenagem de Eurico Santos”, preciosidade que guardamos em nossa biblioteca (Nomura, 2005, p.4).
>
> No dia 2 de maio desse ano [1959] o visitamos no apartamento 405 - 4º andar, no edifício localizado à Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 245 (capacho 2), telefone 2577136. Ele era de estatura baixa, prosador excelente e *gourmet* exigente. Foi uma satisfação trocar idéias com ele. Era tão bem conservado que não aparentava a idade real que tinha (na ocasião estava com 76 anos). Ele nos presenteou com um exemplar de O Mundo dos Artrópodes, que ele autografou (“Ao ilustre cientista Hitoshi Nomura, lembrança do Eurico Santos”) e outro dos Animais Nocivos (“Ao ilustre patrício Hitoshi Nomura, com um abraço do Eurico Santos”) e ambos fazem parte do acervo da nossa biblioteca (Nomura, 2009, p.72).
>
> Esse dicionário[xxxi] foi muito importante pra mim. Eu comecei a fuçar tudo e depois eu conheci os livros do Eurico Santos, né. Aí, um dia eu fui lá pro Rio de Janeiro, 1957, por aí. Fui conhecer o homem, lá. Ele trabalhava no Ministério da Agricultura. Ele tinha uma estante enorme com um monte de gavetas. Tudo que ele interessava, ele picava e jogava lá, nas gavetas. Assim que ele reunia as coisas, né. Aí, depois fui visitá-lo no apartamento que ele vivia na Nossa Senhora de Copacabana. Ele me deu dois livrinhos que eu tenho ainda aí, autografados por ele. E eu já escrevi várias vezes sobre ele. A última vez, saiu ano passado. Quase todos os artigos que ele escreveu na imprensa, eu fui atrás. O Agronômico tem as revistas [...]. Faltam alguns números ainda, na biblioteca, mas eu já li quase tudo que ele escreveu, desde 1907, por aí. Escrevia pra burro. Agora, eu esqueci de perguntar a ele se ele era formado, se ele tinha feito algum curso superior. Eu só vi a citação de um curso que ele fez na enciclopédia Larousse. Herman Lent era encarregado dos nomes dos zoólogos, dizia que ele era formado em agronomia. Ele nunca citou isso, não sei se ele fez. Ele entendia de tudo, né? (Nomura, 2010b).

[xxxi] IHERING, Rodolpho von. *Dicionário dos animais do Brasil*. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1968. 790 p.

1.3. LINHA DO TEMPO

"Quem anda no trilho é trem de ferro
Sou água que corre entre pedras:
— liberdade caça jeito"

M. DE BARROS[63]

Nascimento ★	**1883**	
	1888	Lei Áurea[64]
	1889	Golpe da República
	1891	Constituição Republicana[xxxii]
		Morte do imperador Pedro II
		Museu Paraense[xxxiii]
	1892	Museu Nacional[xxxiv]
	1894	Prudente de Morais[xxxv]
		Museu do Ypiranga[xxxvi]
	1896	Morte do pai
		Guerra de Canudos[xxxvii]
A Fazenda 🗍	**1910**	
Publicação do primeiro artigo		
	1914	1ª Guerra Mundial (1914-18)
A Fazenda Moderna 🗍	**1916**	
Criação do Instituto Agrícola Brasileiro	**1918?**	
Ingresso no *O Jornal*	**1920**	
	1922	Semana de Arte Moderna
Manual do amador de cães 🕮	**1927**	

[xxxii] A primeira Constituição Republicana foi celebrada no dia 24 fev. 1891. Foi a segunda do país, mas a primeira desde que o Brasil passou a ser uma República.
[xxxiii] O Museu Paraense foi criado em 1866, inaugurado em 1871 e reinaugurado em 1891. Em 1894, Emilio Goeldi assume a direção do museu.
[xxxiv] O Museu Real foi transferido para o Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro.
[xxxv] Posse do primeiro presidente civil.
[xxxvi] Inaugurado oficialmente o Museu Paulista, em 26 jul. 1894.
[xxxvii] Começa no sertão da Bahia a Guerra de Canudos (Gomes, 2013, p.12).

A saude do meus animaes 🕮	**1929**	
		Black Thursday[xxxviii]
O Campo 🗍	**1930**	Governo Vargas (1930-45)
Membro da Sociedade Entomológica do Brasil		
Membro da Sociedade Brasileira de Botânica		
	1931	*A vulgarização do saber*[xxxix]
Vida dos Campos v. I 🕮		
Vida dos Campos v. II 🕮	**1932**	
Nossas fruteiras 🕮		
O fruticultor moderno 🕮	**1933**	
Inimigos e doenças das fruteiras 🕮		
O que todo criador deve saber 🕮	**1934**	Conf. Proteção à Natureza[xl]
		Código florestal[65]
		Maus-tratos de animais[66]
Manual do amador de cães (2 ed. ampliada) 🕮	**1935**	
Dicionário de Avicultura e Ornitotecnia v. I 🕮	**1936**	
Ingressou no Ministério da Agricultura[xli]		
Da ema ao beija-flor ❹🕮	**1938**	
Dicionário de Avicultura e Ornitotecnia v. II 🕮	**1939**	2ª Guerra Mundial (1939-45)
Obteve a carteira profissional de jornalista		
Pássaros do Brasil ❺🕮	**1940**	
Coleções Artísticas Roche	**[194-]**	
O cão através da história e da arte 🕮	**1942**	

[xxxviii] Quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque: "Essa crise ocorreu nos meses de setembro e outubro de 1929, nos Estados Unidos da América, quando o valor das ações da bolsa — à qual a economia mundial estava integrada — despencou, provocando a sua bancarrota e desencadeando, por sua vez, a Grande Depressão Americana, que durou até meados da década de 1930.
[xxxix] Escrito por Miguel Ozório de Almeida, obra brasileira pioneira na discussão sobre a divulgação científica.
[xl] Primeira "Conferencia Brasileira de Protecção á Natureza", realizada entre os dias 8 e 15 abr. 1934, no Rio de Janeiro.
[xli] Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura.

As cobras venenosas 🕮	**1943**	Código de Caça[67]
Veterinária prática 🕮		
Avicultura: fonte de riqueza 🕮		
Manual do lavrador brasileiro 🕮	**1944**	
Tradução de *Historie des oiseaux du Brésil* [xlii]		
Entre o gambá e o macaco ❻🕮	**1945**	
Seleções Agrícolas 🗍	**1946**	
Formigas, rans e outros animais 🕮		
Proteção à fauna indígena 🕮	**1948**	
Combate aos ratos 🕮		
Caça e caçadas 🕮	**1950**	
Plantas têxteis 🗏		
	1951	Governo Vargas (1951-54)
Nossos peixes marinhos ❶🕮	**1952**	
Serpentes peçonhentas 🕮		
Aposentadoria compulsória	**1953**	
Proteção à fauna 🕮	**1954**	
Os peixes de água doce ❷🕮		
O homem e a fauna no Brasil 🕮	**1955**	
Moluscos do Brasil ❼🕮		
Os animais selvagens 🕮	**1956**	
História, lendas e folclore de nossos bichos 🕮	**1957**	
O mundo animal que nos cerca 🕮	**1958**	Criação da FBCN[xliii]
O urucu 🕮		

[xlii] DESCOURTILZ, Jean Theodore. *Ornitologia brasileira ou História natural das aves do Brasil*. Tradução: Eurico Santos. Rio de Janeiro: Kosmos, 1944. 2 v. il.
[xliii] Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.

O mundo dos artrópodes ❽🕮	**1959**	
Medalha do Mérito Agrícola	**1960**	
Animais silvestres que nos são úteis 🕮	**1961**	
Os insetos v. I ❾🕮		
	1962	*Primavera silenciosa*[xliv]
		Novo Código Florestal[68]
Histórias do caçador que nunca mentiu 🕮	**1966**	
Publicação do último artigo	**1967**	Lei de proteção à fauna[69]
Morte ✞	**1968**	
	1969	Pouso na Lua
	1972	Conferência de Estocolmo
Pesca e piscicultura 🕮	**1977**	
Os insetos v. II ❿🕮	**1985**	
Nossas madeiras 🕮	**1987**	
Miscelânea zoológica ⓫🕮		
	1988	Lei de Crimes Ambientais[70]

Linha do tempo destacando livros 🕮 e folhetos (Fig. 22, 23 e 24) de autoria de E.S., revistas 🗍 fundadas por ele, eventos históricos e diplomas legais temporâneos.

[xliv] *Primavera silenciosa*, livro de Rachel Carson (1907-1964).



CRIADORES FAZENDEIROS

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Corte este coupon e remetta-o ao representante da CREOLINA "PEARSON"

H. REICHENBACH

Caixa Postal 2201 ——— RIO DE JANEIRO

——(o)——

Peço mandar-me gratuito o livrinho redigido pelo redactor e publicista Eurico Santos:

"A SAUDE DOS MEUS ANIMAES"

(MOLESTIAS e TRATAMENTO DO GADO BOVINO, CAVALLAR, PORCOS, CARNEIROS, CÃES, AVES, etc)

Nome: ....

Endereço: ....

Estado: .... "J. R." Recife

Figura 22 – *Jornal do Recife*, Pernambuco, 26 out. 1929, p.6 e 9 nov. 1929, p.7.



CRIADORES FAZENDEIROS

Distribuição Gratuita

Córte este coupon e remetta-o ao representante da Creolina-Pearson:

H. Reichenbach, Caixa Postal 2201 — Rio de Janeiro

Peço mandar-me gratuito o livrinho redigido pelo Redactor e Publicista Eurico Santos:

"A SAUDE DOS MEUS ANIMAES"

(Molestias e tratamento do gado bovino, cavallar, porcos, carneiros, cães, aves, etc.)

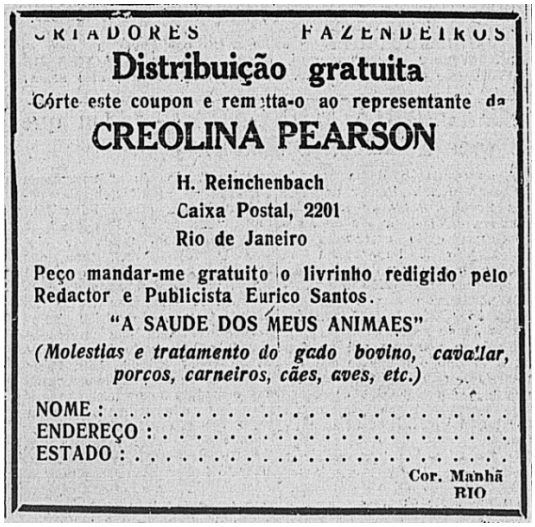
Nome: ...

Endereço: ...

Estado: ...

(O JORNAL — Rio) ...

Figura 23 – *O Jornal*, 17 nov. 1929, p.4 (edição de 14 páginas)



CRIADORES FAZENDEIROS

Distribuição gratuita

Córte este coupon e remetta-o ao representante da

CREOLINA PEARSON

H. Reinchenbach

Caixa Postal, 2201

Rio de Janeiro

Peço mandar-me gratuito o livrinho redigido pelo Redactor e Publicista Eurico Santos.

"A SAUDE DOS MEUS ANIMAES"

(Molestias e tratamento do gado bovino, cavallar, porcos, carneiros, cães, aves, etc.)

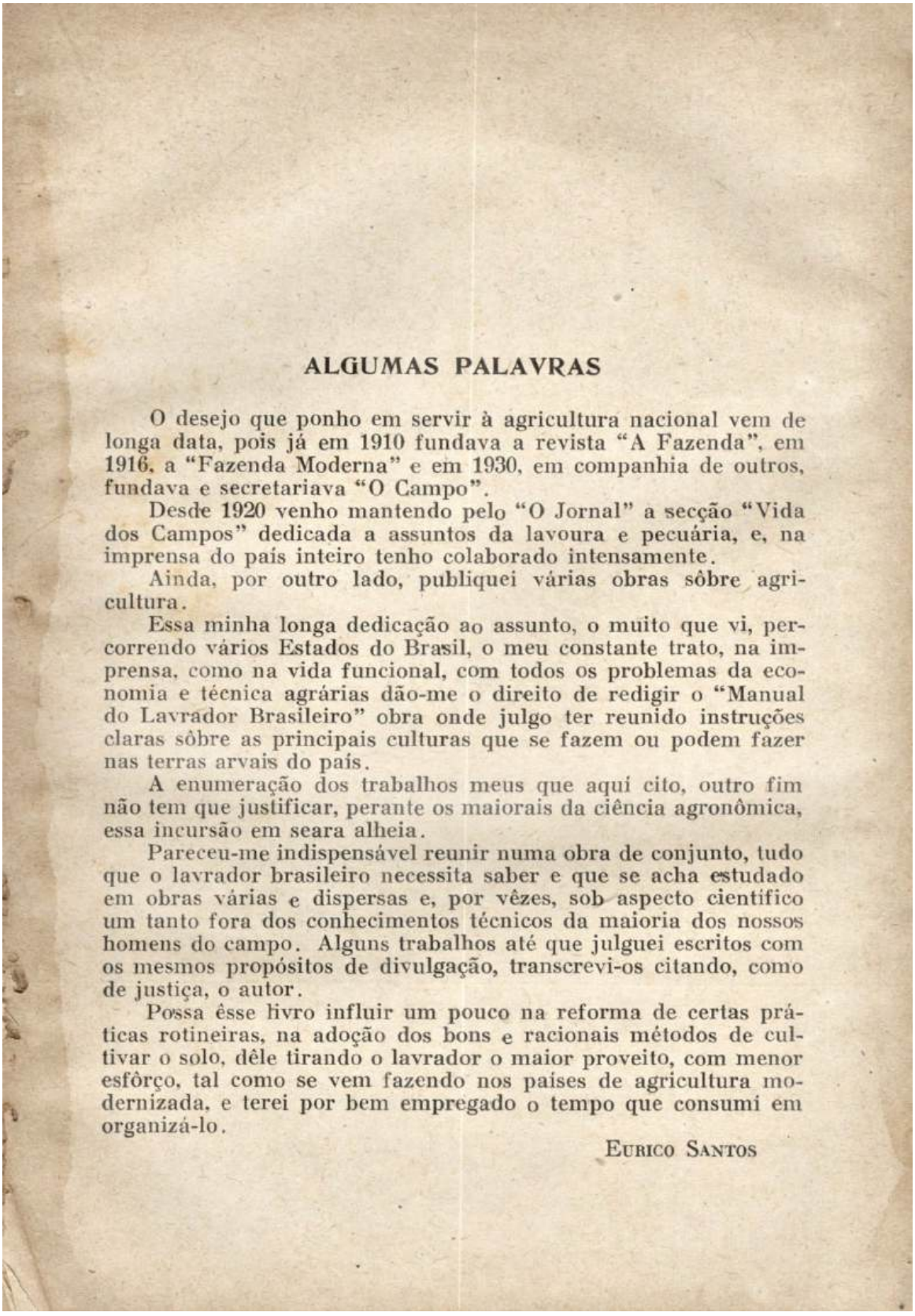
NOME : . . . . .

ENDEREÇO : . . . . .

ESTADO : . . . . .

Cor. Manhã RIO

Figura 24 – Cupom promocional publicado pelo representante da Creolina-Pearson em jornais cariocas, como o *Correio da Manhã*, 30 out. 1929, p.12, *O Jornal*, 17. nov. 1929, p.24 (edição e 30 páginas) e *Gazeta de Notícias*, 1 de jan. 1930, p.4 (seção *Na Fazenda e na Granja*), sobre a distribuição "do livrinho redigido pelo Redactor e Publicista Eurico Santos".



ALGUMAS PALAVRAS

O desejo que ponho em servir à agricultura nacional vem de longa data, pois já em 1910 fundava a revista "A Fazenda", em 1916, a "Fazenda Moderna" e em 1930, em companhia de outros, fundava e secretariava "O Campo".

Desde 1920 venho mantendo pelo "O Jornal" a secção "Vida dos Campos" dedicada a assuntos da lavoura e pecuária, e, na imprensa do país inteiro tenho colaborado intensamente.

Ainda, por outro lado, publiquei várias obras sôbre agricultura.

Essa minha longa dedicação ao assunto, o muito que vi, percorrendo vários Estados do Brasil, o meu constante trato, na imprensa, como na vida funcional, com todos os problemas da economia e técnica agrárias dão-me o direito de redigir o "Manual do Lavrador Brasileiro" obra onde julgo ter reunido instruções claras sôbre as principais culturas que se fazem ou podem fazer nas terras arvais do país.

A enumeração dos trabalhos meus que aqui cito, outro fim não tem que justificar, perante os maiorais da ciência agronômica, essa incursão em seara alheia.

Pareceu-me indispensável reunir numa obra de conjunto, tudo que o lavrador brasileiro necessita saber e que se acha estudado em obras várias e dispersas e, por vêzes, sob aspecto cientifico um tanto fora dos conhecimentos técnicos da maioria dos nossos homens do campo. Alguns trabalhos até que julguei escritos com os mesmos propósitos de divulgação, transcrevi-os citando, como de justiça, o autor.

Possa êsse livro influir um pouco na reforma de certas práticas rotineiras, na adoção dos bons e racionais métodos de cultivar o solo, dêle tirando o lavrador o maior proveito, com menor esfôrço, tal como se vem fazendo nos países de agricultura modernizada, e terei por bem empregado o tempo que consumi em organizá-lo.

EURICO SANTOS

Figura 25 – "Algumas palavras", *Manual do lavrador brasileiro* (Santos, 1944, p.7), apresentação da obra pelo autor.

1.4. VOCAÇÃO PARA DIVULGAR

"Parece tão simples! O texto flui. Entendi tudo! [...] O que parecia natural escondia na verdade uma arte a divulgação científica."

S. MALAVOY[71]

O dicionário Aulete Digital (2024) define vocação como "inclinação ou talento especial para o exercício de certa profissão ou atividade", "tendência natural; disposição; pendor". A etimologia da palavra nos remete ao latim, *vocatio -onis*, "ação de chamar", chamado. Para Platão, cada indivíduo possui uma natureza única e uma função na sociedade. Essa função, ou vocação, determinada pela essência e habilidades inatas do indivíduo é a oportunidade que ele tem de conquistar seu destino, realização pessoal e profissional, por meio da educação e de exercícios de aptidões, integrando-se e contribuindo por meio do trabalho, sendo útil aos outros, na construção de uma sociedade saudável. Para [Santo] Agostinho, a vocação não se limita a uma escolha profissional ou social, mas sim a um chamado interior, um convite de Deus para que cada indivíduo realize o propósito para o qual foi criado. Esse chamado é pessoal e único, e se manifesta de diferentes formas ao longo da vida. (Bastos, 1987; Borges, 2016; Castro; Castro, 2018; Platão, 2001). "É indispensável que entre aqueles sábios e o público se encontre um intermediário, que é o divulgador, gente ainda escassa e pouco estimada entre nós" (Santos, 1938, p.6).

> Ao escrever esta série zoológica, meu íntimo desejo, a minha verdadeira finalidade é, repito mais uma vez, despertar em meus patrícios o gôsto pelas ciências naturais. Segundo o ponto de vista da divulgação popular[xlv], neste e nos demais trabalhos da série, não trato senão das espécies que o povo conhece sob os nomes vulgares. Espero que a tentativa frutifique em outros trabalhos e que os leitores da presente iniciação zoológica antevejam, por êste ensaio, o outro mundo de sêres que se agita, palpita e vive paralelo ao nosso. [...] Louvável, pois, seria que aqui aparecessem, como nos demais centros de alta civilização, escritores que se especializassem na divulgação — gênero literário muito abundante na época hodierna. Não quer dizer que entre nós não exista este gênero de escritores, pois fácil seria citá-los, mas ainda se apresentam em reduzidíssimo número, ante a tarefa a que são chamados. O professor Paul Fauconnet[xlvi], em artigo publicado, faz anos, num matutino paulista, preconizando antes a vulgarização do que a alfabetização, escrevia: "Socializara cultura, incorporar à civilização intelectual uma turba cada vez maior de homens do povo, parece me uma das tarefas que se impõem mais imperiosamente com maior urgência às nossas democracias. Devemos pôr ao alcance de todos os resultados da ciência, da filosofia e da história." Capacitado desta verdade, que já se me entolhara, procurei realizar uma tarefa magna, tal a de divulgar, em linguagem popular, a

[xlv] "Eurico Santos, em seus românticos 'Da Ema ao Beija-Flor' e 'Pássaros do Brasil' usou o critério de tratar apenas das espécies que dispunham de nome popular, admitindo com isto que as demais não seriam de interesse para os leitores" (Figueiredo, 1986, p.30).

[xlvi] Paul Fauconnet (1874–1938) foi um sociólogo e escritor francês, professor da Université de Toulouse e Faculté des Lettres de Paris, destacado colaborador do L'Année Sociologique, periódico acadêmico de sociologia fundado em 1898, e pelas suas análises sociológicas sobre responsabilidade penal e função social do crime.

> vida e os costumes dos animais da fauna indígena. Procurei executá-la, sobretudo, com probidade científica e agora, com os dois volumes sobre peixes, que quase simultâneamente se publicarão, encerro o *filum* dos vertebrados. E como ainda é cedo para descansar, prosseguirei a tarefa, a que me impus, de realizar uma "Zoologia Brasílica" para os leigos (Santos, 1952, p.8-9).

> Quem divulga para difundir a ciência entre os não especializados, não precisa ser profundo e até esta qualidade da não profundidade torna-se indispensável ao divulgador. O de que êle precisa em primeiro lugar é ser leve, sintético, agradável[xlvii]. Seus conhecimentos devem ser seguros[xlviii] para que os possa expor com clareza[xlix], correção, amenidade e, se possível, elegantemente. Se isso conseguir, alcançou a mira visada e pouco importa ao leitor que êle não seja um sábio profundo, ímpar (Santos, 1955a, p.5).

> O divulgador de zoologia não se obriga, ao tratar de determinado grupo, de rever a matéria e pô-la em dia, expurgando os enganos ou dúvidas que sempre se verificam. O seu papel é de consultar os especialistas, procurar deles a última palavra, e desentranhar do acervo de fatos, os de certa significação para o geral dos leitores, deixando aos cientistas os outros que só a estes interessam (Santos, 1955, p.5).

> Sua pena delicada, estilo leve e agudo, numa alma de poeta[l], sondou o âmago das maravilhas naturais perdidas em obras clássicas de difícil acesso e manuseio, transportando tudo para os olhos pouco ávidos do público e dos leitores comuns, popularizando os nossos animais e as nossas plantas, seus costumes e suas peculiaridades científicas (13 nov. 1959, p.5, 1º Caderno).

Assim como o divulgador José Reis (1907-2002)[72], E.S. expressava satisfação em apresentar a natureza ao leitor sem abdicar da precisão (Fioravanti, 2015). Na concepção de E.S., "era indispensável que entre os cientistas e o público houvesse um intermediário: o divulgador" (Duarte, 2006):

> Os homens da ciência, que entre nós existem em quantidade apreciável e qualidade notável, não atinamos bem por que, esquivam-se quase sempre de fazer divulgação. Louvável, pois, seria que aparecessem, como nos demais centros de alta civilização, escritores que se especializassem na divulgação — gênero literário muito abundante na época hodierna[li]. Não quer dizer que entre nós não exista êste gênero de escritores, pois fácil seria citá-los, mas ainda se apresentam em reduzidíssimo número, ante a tarefa a que são chamados (Santos, 1952, p. 9).

A contratação por Júlio Arsênio de Barbosa ou o envolvimento com os negócios dele parece ter sido a oportunidade para E.S. despertar ou desenvolver a sua vocação para divulgar informação por meio da escrita — dando início a "uma carreira de divulgação científica que o manteve na máquina de escrever até 1967" (Fioravanti, 2021, p.11) —, em um

[xlvii] "Em outras palavras, saiba atiçar a curiosidade e o interesse dela... sem enfastiá-la com um excesso de informação (Malavoy, 2005, p.3)!
[xlviii] "Cada informação de seu texto deve se apoiar nas informações precedentes" (Malavoy, 2005, p.4)
[xlix] "Em divulgação, é preciso saber 'tecer' a informação (Malavoy, 2005, p13).
[l] "E por que não um pouco de criatividade literária (Malavoy, 2005, p.17).
[li] hodierno: a. Ref. aos dias de hoje; ATUAL; MODERNO [F.: Do lat. *hodiernus*, a, um.] (Aulete Digital, 2024).

momento no qual havia uma atmosfera política, social e econômica voltada ao conhecimento para o desenvolvimento e "engajamento significativo de cientistas e acadêmicos em atividades de divulgação científica" (Moreira; Massarani, 2001, p.627). *Do crepúsculo do século XIX a aurora do XX*, o mercado de revistas se expandiu e, com ele, a ascensão das publicações agronômicas impulsionada pela crise cafeeira do final do século XIX, que desestruturou propriedades e trabalhadores, revelando a necessidade de modernizar as práticas agrícolas. Agricultores, especialmente os cafeicultores, buscavam informações para otimizar seus negócios, superar técnicas primitivas e melhorar a gestão da produção e vendas. Essa demanda voltada para a qualificação de proprietários mais informados e preparados para os desafios do mercado (Martins, 2003; Salgueiro, 2017).

Para E.S., o periodismo agrícola se apresentou como oportunidade fértil de emprego; ele soube ocupar esse espaço para enraizar, desenvolver, florescer e frutificar seu trabalho intelectual, identificando espaços ou lacunas nos quais pode expressar tanto o "desejo que ponho em servir à agricultura nacional vem de longa data" (Fig. 25) quanto seu apreço pela divulgação da cinofilia e da fauna — que incluía, no caso da fauna brasileira, ritos culturais de caça. No prefácio de *Manual do lavrador brasileiro* (1944, p.5), o agrônomo José Gonçalves de Souza — diretor da Escola Livre de Engenharia segundo o *Almanak Laemmert* (1916, p.3036) — assim se refere a E.S.:

> A existência tôda dedicou-a êle a dar lições de agricultura. E como desambicionado que o é, estranhamente, por essas cousas atrás das quais todos corremos — o dinheiro, a posição, o elogio — nunca recebeu em paga daquela crença e daquele esforço senão tristezas, desencantos e migalhas"
>
> Devido a seu estilo suave e às vezes jocoso, era lido por todos aqueles que se interessavam pelas coisas da natureza, merecendo figurar como legítimo continuador das obras divulgatórias de Emílio Goeldi, Hermann e Rodolpho von Hering, Agenor Couto de Magalhães e outros homens ilustres (Oliveira, 1978, p.8).

O artigo «Os evangelizadores da agricultura», do engenheiro agrônomo italiano Lourenço Granato[73] (1872-1944), espelha o ambiente, a visão de mundo na qual E.S. daria início à sua carreira de jornalista e divulgador agrícola, em um Brasil profundamente marcado pelo discurso nacionalista, cooperativista e desenvolvimentista que tinha na agricultura um dos caminhos para o crescimento socioeconômico:

> Em nosso paiz não são muitos os homens que, inspirando-se na evolução da nossa agricultura, sabem pôr á prova o acrisolado[lii] patriotismo, que os faz distinguir na multidão das massa. Contam-se a dedo aquelles que sabem professar com feição generosa e

[lii] 1. Que foi purificado no crisol. 2. P.ext. Fig. Que se tornou puro; depurado, purificado (sentido físico ou moral). 3. P.ext. Fig. Que passou por processo de aperfeiçoamento; Aperfeiçoado [F.: Part. de acrisolar.] (Aulete Digital, 2024).

> civilizadora o apostolado agricola, que é um dos maiores ideaes de paz e de evolução agraria. Em nosso paiz, a propaganda da agricultura sempre foi embaraçada por causas diversas, e os agricultores, os agronomos e até as sociedades agricolas, nem sempre compenetram de que a dvulgação foi e é, por toda parte, um grande e preciosissimo factor de progresso. [...] Parece faltar aos nosso proprietários ruraes a exacta comprehensão da profissão que lhe cabe exercer, porque fazendo da exploração da sua fazenda, uma especie de industria extractiva, da qual tudo se tira e nada se restitue, uma industria mal orientada pela imperfeição dos methodos usados na respectiva exploração — esses proprietarios, na mór parte latifundistas , fazem do agronomo um novo descrente, porque llhes transmite a apathia, com que se julga com direito de lançar mão para justificar a sua inercia degradante. [...] Infelizmente a mór parte dessas Sociedades [de agricultura] não cuida da divulgação e vulgarização, cousas que aliás, deveriam constituir a sua maior preoccupação. Ellas desprezam ou se descuidam desta parte, importantissima de seus estatutos e, quanto tratam de assumptos que interessam a lavoura, não vão além do que se chama “política agraria”. [...] Por hoje, agrada-me salientar a necessidade de bem se comprehender a importancia da vulgarização, a divulgação agricola como factor de riqueza, de progresso, de patriotismo e de civilização. Para o desempenho desta sublime missão são chamados a colaborar aquelles que sentem amor pela patria e até os que fazem alarde patriotismo, os que ostentam ou que se vangloriam de um berço que nem sempre sabem honrar convenientemente. Já tivemos varios pioneiros de bem [...] que, ao passar os humbraes da eternidade, deixaram o exemplo de virtude, de fé, de abnegação, de perseverança e de acrysolado patriotismo no apostolado que exerceram, como evangelizadores da agricultura existencia (O Campo, 1931, n.3, p.32).

Granato também escreveu sobre imbróglio entre “agronomos theoricos” e “agronomos praticos”:

> Dizem todos por este nosso paiz que, por enquanto, não precisamos de “agronomos doutores” [...]. A convicção desse gente chegas ás raias do absolutismo, porque se nega ao engenheiro agronomo a capacidade de adminstrador rural. [...] Que do agronomo das escolas praticas de agricultura haja entre nós, indispensavel necessidade, seria absurdo contestar; mas é contestabilissima a ousada afirmação de que os agronomos diplomados pelas escolas superiores, não pódem e nem devem ser aproveitados na adminstração technica das nossas fazendas. [...] Esses agronomos praticos que tanto se elevam, em detrimento dos agronomos das escolas superiores, deveriam, antes de tudo, lembrar que, sómente entre nós, ocupam elles posições elevadas, porque a nossa agricultura aqui é accentuadamente rotineira; mas elles ficariam profundamente desapontados si fossem para outros paizes, [...] que onde o logar que lhes cabe, felizmente, é bem restrictamente *definido*, porque seus serviços ficariam patentemente circumscriptos a pratica daquillo que só aprenderam como simples axiomas[liii], sem a capacidade da demostração apoiada pela sciencia. (O Campo, 1931, n.5, p.61).

E.S. publicou artigos, notas, resenhas, reportagens, contos, textos em opérculos e assinou colunas (Fig. 26 a 30) — “ninguém reuniu os artigos que ele publicou [...], que deve atingir a casa dos milhares” (Nomura, 2005, p.4) —, 36 livros e 13 folhetos. No seu estilo de escrever para divulgar, há certo humor britânico[74], que mescla elegância, polidez, refinamento,

[liii] sm. 1. Fil. Afirmação que não exige prova para que se considere verdadeira [F.: Do lat. *axioma*, *atis*, do gr. *aksíoma*, atos.] (Aulete Digital, 2024).

sutileza, ironia e trocadilhos sob o manto da falsa modéstia, às vezes pretensioso, pedante, rebuscado em excesso até para o vocabulário da sua época:

> Devido a intelligencia amoldavel dos cães são elles destinados a variadissimo misteres para cada um dos quais é necessario um ensino especial. Além do ensino, do seu mister, que podemos chamar technico, o cão deve receber uma educação apropriada á sua condição. O cão de luxo e distracção, que representa entres as raças caninas a aristocracia da especie, vadios sem outra aptidão senão a de alegrar seu dono e distribuir amabilidades, é o que exige uma educação amis refinada (Santos, 1927, p.230).

> Agora, se o artiguinho não estiver a gosto dos que esperavam encontrar aqui uma erudição prehistorica, a proposito dos anexins entre os trogloditas ou ainda antes, e malsinar o autor desta lista de proloquios mal commentados, nos envolveremos, por fim, na philosophia deste ultimo proverbio: nunca falta um cão que vos ladre. "Honni soit qui mal y pense" [Que vergonha para quem pensa mal disso] (Santos, 1929, p.12).

> Eu como me especializei em não ser especialista em cousa alguma, mas pau para toda obra... ordinaria, lá vai um artigo pau [sobre árvores, madeiras e lenha]. Se não estivessemos, pela guerra quase mundial, na época do ferro, do aço e do alumínio, eu arriscaria em cognominar “século do pau”, aquele que tão tristemente atravessamos. [...] Mas onde iriamos nós, se não fossemos enumeras todas as aplicações da madeira? Não seria um artigo pau, mas paulíssimo (O Campo, 1941, n.141, p.35).

> Nossos patrícios, na generalidade, não se interessam muito pelas ciências naturais e, em se tratando de peixes, preferem o ensopado ou o frito, porém nunca o peixe cru, vivo, nadando no mar ou no rio (p.7). [...] Não terminaremos sem dizer que êste mau hábito de comer o marido não é privilégio do louva-a-deus, pois os grilos, os escorpiões e as aranhas fazem o mesmos. E há ainda quem se queixe das mulheres... (Santos, 1952, p.100)[75].

> Para a ingênua mentalidade do homem primitivo, uma explicação mais ou menos miraculosa da origem das coisas bastava para aquietar-lhe os pruridos da curiosidade. Por muito tempo o Adão, fabricado de barro por um oleiro genial e inconcebível, logrou crédito, embora que, a revezes, ligeiro raio de reflexão fizesse esboçar um sorriso que já se vislumbrava a dúvida. Desta dúvida, deste desejo de perquirir, nasceu a filosofia, que começou a varejar os quatro cantos do mundo, na busca do porquê das coisas. O homem, desejoso de conhecer a oficina do oleiro demiurgo, iniciou a escalada dos céus, na frustra tentativa da Torre de Babel (Santos, 1952, p.7).

> Aos que não interessa essa minúcia, para outros indispensável, basta não se dar ao trabalho de ler aquela tão tediosa denominação científica. O remédio é tão facilmente atinável que até me parece ocioso e quase indelicado lembra-lo a um leitor inteligente” (Santos, 1954, p.7).



TARTARUGAS MARINHAS

● EURÍCO SANTOS

Tartaruga! A designação que com ela se encontra em referência aos quelônios marinhos, e, também, por exclusão aos de outros meios. Só nesse se dá a exploração da água doce, o famoso tartaruga emoção de **Podocnemis expansa**.

Vivamos nesta os tartarugas marinhos que frequentam a costa brasileira.

TARTARUGA VERDADEIRA, tartaruga-franca, tartaruga-de-pente (**Eretmochelys imbricata**). É espécie encontrada, de pequenas dimensões e fornecedora de material no primeiro que lhe traz o nome.

Os recursos da carapaça são fortemente imbricados, de cor castanha, ou mais escuro, ora mais claro, amarelados com vivos cor de fogo, que é o material mencionado tartaruga, de grande valor.

O seu tamanho raramente atinge de 1 metro.

Um animal desenvolvido fornece 4 kg. de material bruto.

Habita os mares tropicais e subtropicais, aparecendo no Brasil, do Pernambuco à Bahia.

TARTARUGA DO MAR (**Chelonia mydas**). Os ossados da carapaça não são imbricados, como a da tartaruga verdadeira, mas justapostos. A cor é acastanhada escura ou avermelhada com manchas claras e pontos; o ventre é amarelado ou de um branco sujo.

Chegam a medir mais de um metro e seu peso vai além de 200 kg.

O parecer de Wied, cerca uma carne muito inferior à que pretendia.

Dizia-nos:

"Enquanto o pessoal se ocupava em arrumar um pouco de água e em reparar mastaréu, descobrimos, fazendo as pazes, a quase distância de nosso flanco, uma tartaruga marinha (**C. mydas**) que, lentamente pôr as ondas, **nada** podia ser mais tentador à nossa esfaimada corporação, e, **animal** parecia ela oportunidade de gratificarmos com uma ceia.

Nossa presença não o intimidou, podendo tocá-la, mesmo levantá-la, sem pleno exigir forças enquanto de 4 homens. Apesar de todas as exclamações de surpresa e das colaborações sobre o que ia fazer-nos, o tartaruga não deu sinal de inquietação, e não ser uma espécie de sono, mais ou menos como estão feito pois pelos quando alguém se aproxima dos filhotes. Continuou a trabalhar para repousa, cavando o chão, com os membros posteriores, em forma de raspadeira, um buraco circular de 8 a 12 palegadas de fundo; saiu a areia para os lados, muito regular e uniformemente, como se mexesse cimento, e começou imediatamente a pôrar os ovos.

Passando Sira na Ilha de Paquetá

As tartarugas marinhas em geral vem cantar as praias fazer os seus partos.

Na "Ilha de Paquetá", Bruno Lobo (1) teve ocasião de ver um enorme de tartaruguinhas dentro recém saídas dos ovos e fugindo em direção para o mar.

Pobres animalzinhos mal abrem os olhos à luz e já o instinto lhes adverte que é preciso fugir dos inumeráveis inimigos que a perseguem.

Na realidade, o ovo deixado pela plantinha assim ficará natureza um repositório em relação para fornecer qualquer espécie de uma ceia cômo a luta pela vida.

As tartaruguinhas, uma vez surgidas da areia da praia que lhes serviu de cama de incubação fogem para as interiores dos rochos ou afastam-se ao mar.

Nos durante dias pensamos, as pessoas, que revelam ter ali e os estrangeiros

(1) — Conferência sôbre a "Ilha de Trindade" in Arch. do Mus. Nac., vol. XII.

Figura 26 – Texto publicado em *O Campo* n. 140, 1941, p. 33-34.

Transcrição de trecho do artigo: “Nas horas feriadas costumo ler livros de cozinha o que chega a ser um regalo e um consolo que recomendo aos dispépticos[liv]. Abarrotei-me e tive então conhecimento duma fraudulenta receita de fabricar “sopa de falsa tartaruga” a qual é feita com os ossos de cabeça de vitela e uma salgalhada de ingredientes. Desde que me inteirei daquela fórmula culinária, tenho dúvidas da autenticidade da sopa ingerida. [...] Eis, porque ainda hoje, pergunto entre mim, terei mesmo comido sopa de tartaruga?”



A PELE DOS ANIMAIS SILVESTRES

A caça de animais silvestres em certas regiões do Brasil constitue, hoje, industria rendosa entre os habitantes de certos zonas do sertão.

Em Joazeiro, onde o comércio de peles em geral tem o seu principal entreposto, vê-se nos armazens, o sortimento mais completo de peles silvestres, para os quais chegam a assistir negociantes especializados.

Entre as pequenas curiosidades da cidade de Serrinha está o caso comercial de João Batista de Oliveira, em cuja pintura exterior, em caracteres berrantes, lê-se o anuncio da compra de peles, pouco tendo os representantes da classe dos mamiferos, pequenos, e mais ainda, tambem procurados, alguns espécimêns de outras classes:

Marcajá, jaguaritaca ou chibiguasti, gato pintado, que consiente tres espécies: maior (**Felis pardalis**); medio (**Felis wiedi**) e menor, mais conhecido (**Felis tigrina**);

Capivara (**Hidrocheerus capibera**), o maior roedor do mundo;

Onça pintada, conquê ou jaguar do America (**Felis onca**); onça pardo, sussuarana ou puma (**Felis concolor**); menor, mais esbelta e agil, porém menos afeita;

Ariranha (**Pteronura brasiliensis**);

Lontra de focinho glabro, pelagem pardo-clarea e hábitos diurnos;

Guaxinim ou mão pelada (**Procian cancrivorus**), animal nocturno, alimenta-se de pequenos mamiferos, aves, insectos e frutos;

Papa-mel ou irára (**Tayras barbara**) vive nos matos e alimenta-se de mel e ovos.

Furão (**Grisonella furax**) animal baixo, de corpo alongado, pódendo attingir meio metro;

Arêta (**Papirus terrestris**), o maior mamifero silvestre sul-americano, vive nos matos e brejos, dellsendo-se domesticar e dando-se bem no cativeiro;

Queixada (**Tepru-tajacu**) e caitetú (**P. pecari**), porcos selvagens neotropicaes, sendo o caitete ou caitetú com o queixo branco, animais que habitam grutas, cavernas ou matas, formando grandes varas ou ajuntamentos;

Raposas (**canis vulpes**);

Cuicas (gigua), macacos e outros roedores.

Além dos individuos já citados pertencentes de diferentes ordens dos mamiferos silvestres do Brasil, são, do mesmo gesto, perseguidos para a exploração, muito viva exclusiva do comércio das peles: a giboia (**Constrictor constrictor**) o sucuri (**Eunectes murinus**) e a teiú (**Tupinambis teguixin**) que é o maior lagarto sul-americano e tambem chamado teiú.

A' impiedosa caça não escapam as sapas, cuja pele tem especial apreço para várias confecções, gozando de preço elevado.

TRATORES
"ALLIS-CHALMERS"
MAQUINAS AGRICOLAS
"COCKSHUTT"

CIA. PROPAC
DIVISAO DE MAQUINAS
RUA GEN. CAMARA, 62
TEL. 25-2101
RIO DE JANEIRO

Aceitamos Agentes para o Interior

“Divulgar é contar uma história, compartilhar uma aventura, a da ciência, mas também a dos cientistas que a fazem evoluir. [...] A abertura anedóctica, factual ou na forma de exemplo. Neste caso, você começa com uma pequena história, um exemplo ou um fato preciso para chamar a atenção antes de generalizar e introduzir o tema do artigo. Este tipo de abertura é muito adotado nos meios de comunicação” (Malavoy, 2005, p.6 e 22). Ou termina?!

[liv] dispepsia: sf. 1. Med. Dificuldade na digestão; sensação desagradável (de peso no estômago, azia etc.) daí decorrente; indigestão. [F.: Do gr. *dyspepsía*, pelo fr. *dyspepsie*] (Aulete Digital, 2024).



VIDA CURIOSA dos Bichos

EURICO SANTOS

Um Romance em Cada Foto

OS POETAS E A ZOOLOGIA

Figura 27 – Coluna *Vida curiosa dos bichos* publicada em *A Cigarra Magazine*, n.230, 1953, p.92.



VIDA CURIOSA dos Bichos

EURICO SANTOS

Os Anjos Também Voam

A Inteligência dos Animais

Figura 28 – Coluna *Vida curiosa dos bichos* publicada em *A Cigarra Magazine*, n.231, 1953, p.92. "Êste último fato a ciência ainda não explicou bem e creio que não explicará jamais".



VIDA CURIOSA DOS BICHOS

A INTELIGÊNCIA DOS ANIMAIS

EURICO SANTOS

Figura 29 – Fidelidade à ciência: "Isto que conto não são histórias [...] mas fatos testemunhados por cientistas de responsabilidade".
A Cigarra Magazine, n.4, 1957, p.96.



EURICO SANTOS

A propósito de poderem os macacos auxiliar o homem na luta pela vida

Figura 30 – Divulgação, ficção, ironia e sagacidade. *A Cigarra Magazine*, n.9, 1957, p.113.

1.4.1. O JORNAL

"Jornalista profissional, [E.S.] ingressou no *O Jornal* em 1 de fevereiro de 1920, escrevendo sempre sôbre agricultura"[lv]. No jornal, seus artigos começaram a ser publicados em 1922[lvi], na seção *Vida dos Campos*[lvii] (Fig. 31, 32 e 33), republicada como livro:

> Desde 1920 venho mantendo pelo "O Jornal" a secção "Vida dos Campos" dedicada a assuntos da lavoura e pecuária, e, na imprensa do país inteiro tenho colaborado intensamente. Ainda, por outro lado, publiquei várias obras sôbre agricultura. Essa minha longa dedicação ao assunto, o muito que vi, percorrendo vários Estados do Brasil, o meu constante trato, na imprensa, como na vida funcional, com todos os problemas da economia e técnica agrária dão-me o direito de redigir o "Manual do Lavrador Brasileiro" obra onde julgo ter reunido instruções claras sobre as principais culturas que se fazem ou podem fazer nas terras arvais[lviii] do país (Santos, 1944, p.7).

> A sua "Vida dos Campos", sem pretenções a ser um livro de ciencia agronomica, é, no entretanto um trabalho de merito, sobretudo, sob o ponto de vista informativo. Asim ao envés de entrar no dominio das divagações puramente teoricas, foi buscar o ilustre amigo os informe para a sua obra num meito afeito aos labores e assuntos rurais e os coordenou em uma bem elabora sintes. [...] além da parte didatica, tem ainda o da sua feitura material; que é pratica, bem feita e destribuida, de maneira a permitir pelo seu indice alfabetico uma facil consulta (Cavalcanti, 1931 *apud* O Campo, n.9, p.13, 1931).



A VIDA DOS CAMPOS

O BULL-DOG FRANCEZ

Apreciação geral — O bull-dog francez é, antes que tudo, um cão de luxo muito de agrado dos parisienses. Alegre, amavel, vivo e fiel, é um excellente camarada e uma elegante companhia.

Origem — Os inglezes julgam-no descendente do seu Bull-dog mas alguns autores francezes filiam-no ao dogue hespanhol de Burgos.

Caracteres essenciaes — Raça concava e Brevilinha.

Apparencia geral — O bull-dog francez deve ser vivo, intelligente, bem musculoso, um tanto atarracado, bons membros, de talhe médio, pequeno, de pello curto e fino.

Proporção e symetria — As differentes partes devem ser igualmente distribuidas de fórma que nenhuma predomine de tal maneira que torne o animal disforme ou mal proporcionado.

Influencia do sexo — Geralmente as femeas não apresentam, como as mesmas regularidades, os caracteristicos dos machos.

Cabeça e pescoço — A cabeça deve ser forte, quadrada, larga, o craneo quasi chato entre as orelhas, a frente bombeada, as orelhas, que devem ser trasidas em pé, são do formato das do morcego (Bat Ears, chamam os inglezes), largas na base, de fórma alongada, a ponta arredondada e collocadas alto na cabeça, ellas devem estar verticaes e parallelas, o craneo ser bastante largo, impedindo assim que ellas se achem muito juntas, o orificio do pavilhão deve apresentar-se sempre de frente. A pelle da orelha deve ser fina e doce ao toque.

signa-se com este nome o pellego de bandas negras estreitas e alongadas cortando um fundo pardo, marron claro ou fulvo) podem, no entretanto, ter manchas brancas no peito ou pescoço, e os "caille", fundo branco com manchas, mas nunca pretas.

Existem animaes inteiramente côr preta exclusiva, branco e preto, preto e fogo, chocolate, cinza-rato.

Olhos de côres differentes, mas que não seja perro, duplo marti, ergots, ou qualquer deformação.

Tabella de pontos — Aspecto geral — Estructura, marcha, ossatura, caracter, 10; Côr, 10; Focinho; maxillar, dentes, 10; Nariz, 5; Cabeça; craneo e frente, 10; depressão frontal e rugas, 5; olhos, 5; orelhas, 10; Corpo; pescoço, pello, espaldas, 5; dorso, ventre, rins, 5; cauda, 10;

"Youyou", bulgne francez, 1º premio na Exposição Canina, de Paris, e "FÉLYX", da mesma raça, tambem 1º premio, bello typo de largo peito.

brancos nas, no entanto, é preciso que possuam mucosas negras.

Os mais estimados são os "brindés".

Defeitos — Todas as orelhas que não tiverem a disposição já citada, dita de morcego, qualquer mutilação,

pello, 5; Membros; patas, pés e dedos de deante, 5; patas, pés e dedos de detraz, 5. Total, 100.

Eurico SANTOS.

(Do "Manual do Amador e Criador de Cães", em impressão.)

Figura 31 – Na seção *Vida dos Campos*, artigo de E.S. sobre a raça canina *buldogue* francês, publicada em *O Jornal*, 13 abr. 1926, p.7.

[lv] (Correio da Manhã, 13 nov. 1959, p.5, 1º Caderno; *A Lavoura*, n.11-12, 1959, p.44).

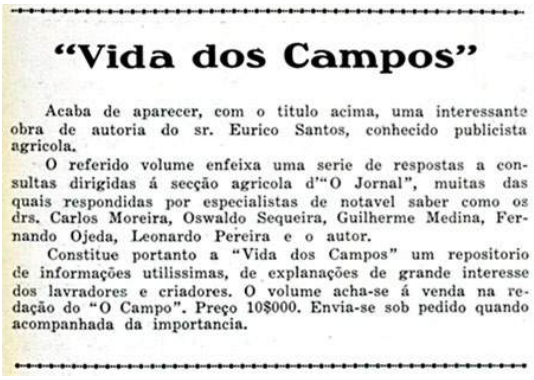
[lvi] "A sarna dos cães (18 mai. 1922, p.4).

[lvii] A coluna aparece pela primeira vez na edição n.19, de 5 jul. 1919, p.11 — perdurou até abr. 1970 — e, gradativamente, foi ocupando mais espaço no jornal.

[lviii] s. m. || campo, terra lavrada e não semeada. || Campo cultivado. || -, *adj*. que diz respeito às terras cultivadas. || Campestre. || Irmãos *arvais*, uns sacerdotes da antiga Roma. F. lat. *Arvalis* (Aulete Digital, 2024).

Fundado em 1919, o diário carioca foi adquirido, cinco anos depois, por Assis Chateaubriand[76] (1892-1968), tornando-se o primeiro elo da cadeia dos *Diários Associados*, atrás, em importância, somente da revista *O Cruzeiro*[77]. A primeira inovação introduzida por "Chatô" foi a substituição dos longos artigos por reportagens. Em 24 de dezembro de 1924, *O Jornal*, que publicou a primeira história em quadrinhos nacional — *As aventuras de João e do seu cão Ventania* —, que foi destaque na imprensa brasileira até sua extinção em 1974 (Brasil, 2015a; Dicionário histórico-biográfico da Primeira República, 2015).

> De "VANGUARDA". O primeiro quarto de século de O JORNAL representa muito mais do que um simples registro pode consignar. Fundado pelo espirito culto de Renato de Toledo Lopes, passou logo depois á propriedade e direção do nosso prezado confrade Assis Chateaubriand que lhe imprimiu novas diretrizes arrojadas. O JORNAL centralizou dai por diante as atenções nacionais e [...] granjeou um prestigio e uma autoridade que todos lhe reconhecem e festejam. [...] Por motivo do seu 25º aniversário, que hoje transcorre, os nossos confrades que nele empenham suas atividades estão recebendo as homenagens que merecem e que são dirigidas mais particularmente a Assis Chateaubriand, grande figura do nosso tempo (O Jornal, 18 de junho de 1944, p.4).



"Vida dos Campos"

Acaba de aparecer, com o titulo acima, uma interessante obra de autoria do sr. Eurico Santos, conhecido publicista agricola.

O referido volume enfeixa uma serie de respostas a consultas dirigidas á secção agricola d'"O Jornal", muitas das quais respondidas por especialistas de notavel saber como os drs. Carlos Moreira, Oswaldo Sequeira, Guilherme Medina, Fernando Ojeda, Leonardo Pereira e o autor.

Constitue portanto a "Vida dos Campos" um repositorio de informações utilissimas, de explanações de grande interesse dos lavradores e criadores. O volume acha-se á venda na redação do "O Campo". Preço 10$000. Envia-se sob pedido quando acompanhada da importancia.

Figura 32 – *O Campo*, n.7, p.30, 1931. Primeiro anúncio sobre o livro *Vida dos Campos*.



"Vida dos Campos"

APPARECERÁ NOS MEADOS DO PROXIMO MEZ DE DEZEMBRO O SEGUNDO VOLUME DA

"Vida dos Campos"

COLLECTANEA DE RESPOSTAS DADAS A CONSULTAS DIRIGIDAS Á SECÇÃO AGRICOLA DO "O JORNAL", POR

EURICO SANTOS

O VOLUME ACHA-SE A VENDA NA REDACÇÃO DO "O CAMPO", AVENIDA RIO BRANCO, 177, 3.° ANDAR — RIO.

PREÇO 8$000

Figura 33 – Anúncio sobre a coletânea *Vida dos Campos,* publicado na revista *O Campo* n.10, 1932.

1.4.3. CORREIO DA MANHÃ

Em 1959, jornal carioca *Correio da Manhã* (1 fev. 1959, p.7), que por décadas anunciou as revistas e livros de E.S., bem como a participação dele em eventos agropecuários, publicou o artigo *Os carrapatos são transmissores de graves moléstias — Extraído do trabalho de Eurico Santos.* Na edição de 15 fev. 1959, na seção *Um pouco de ciência*, E.S. assinou o artigo *Como agir quando picado por cobra*. Sempre aos domingos, seus textos foram publicados (Fig. 34) até o derradeiro *Beterraba de côr vermelha é mais procurada*, em 6 ago. 1967, p.6, 2º Caderno. O jornal sempre anunciava os livros de autoria de E.S. na coluna *Publicações Recebidas.*



Nossos amigos, os animais

COMO CRIAR CÃES E GATOS ÓRFÃOS

QUEM CRIA tem alegria, ela um filho que seja pela falta, a gente compensa, e muito acaba fa alegria de criarmos um animalzinho, que é acaso quis ao nascer perdesse o ser que lhe deu a vida. Não raro acontece esta tragédia doméstica. Quase já não se vê um tratar angustiosa de tomar conta de uma ninhada de gatinhos ou cachorros órfãos?

Para essas aperturas lembramos de juntar aqui alguns conselhos úteis, algumas informações práticas.

Evidentemente, faremos mais referências ao nosso velho amigo o cão, velho amigo, dizemos, pois sabemos que o gato é animal mal visto pela a Europa, cheio de horrores de época secular. Ao gato, fere-o à adoção do gato Mr enshinda, com grandes dificuldades.

Quando uma cadela morre, em consequência de parto, ou por outra qualquer circunstância, nos vemos com uma ninhada de cãezinhos órfãos, não podemos deixá-los morrer à míngua. Que cumpre fazer? Estes cãezinhos podem ser criados à mamadeira com leite de cabra ou de vaca, podem ser entregues a outra cadela, que tenha poucos filhos, podem ser conduzidos à vaca, que os aceita com facilidade.

Quem possui uma cabra leiteira ou, mais nainal uma excelente ama de leite, quer para cãezinhos, quer para outros animais.

Um criador ou um simples possuidor de cães, que não disponha destes recursos, só adotará a mamadeira ou leite que construa os animaizinhos. Um biberon dos de chá com os bicos levantados pode substituir a mamadeira. Já existem, mesmo, no comércio, e se acha em grande sortimento, os, existem que mamadeiras especiais, que criadeiras, destinadas aos cães órfãos, ou aos que, por qualquer circunstância, precisam ser alimentados artificialmente. Para alimentar os cãezinhos à mamadeira, o que, sempre é difícil, mas não impossível, procura-se apenar com cuidados especiais a cadela, que, como dissemos, vai morrer, depois cada pequeno ser à mamadeira esterilizada, nunca se faz a amamentação das crianças.

Sendo o leite da vaca mesmo rico em gordura e matéria alimentícia, dera de preferência ser usado o leite concentrado e não o leite em pó, que deve ser misturado com água, como recomendam, algumas autores. O leite condensado recomenda-se também-se bem à alimentação dos cães, bem assim o leite em pó.

Possuindo-se uma cabra, preferivelmente, ou uma vaca sadia, o leite pode ser dado ao cão logo após a ordenha, mas, em geral, os criadores preferem o leite, ou usando dele já resolvido há algum tempo, e indispensável, porém.

Durante as primeiras semanas

[illegible] de matar de duas em duas horas em três horas, dependendo os animais mamarem à vontade. Convem notar primeiro dias misturar água de arroz ao leite na proporção de 1 de água para três de leite. Depois da segunda semana dá-se leite puro, sem mistura. Depois, quer durante os dezoito ou vinte dias da alimentação artificial, surge a diarreia que deve ser logo tratada. Suspende-se imediatamente o leite e dá-se água de arroz até o restabelecimento normal das fezes.

Prepara-se a água de arroz da seguinte forma:

Em um litro de água fria põem-se 60 gramas de arroz bem lavado e leva-se ao fogo brando onde deve ferver 15 a 18 minutos. Coa-se. Obtida a água de arroz misturar-se-á com leite na medida indicada. O processo de usar, ao contrário poderá produzir fermentações que virão prejudicar a lactente.

A água da cevada faz-se da seguinte forma empregando 20 gramas de cevada para um litro de água e fervendo durante 20 minutos.

Logo que as fezes tenham a aparência normal começa-se a dar o leite misturado à água de arroz, em proporções inversas às dadas, isto é, uma parte de leite e duas de água e, enfim, volta-se à alimentação láctea pura.

Os cuidados higiênicos com o leite e a mamadeira evitam a diarreia.

Caso os animaizinhos apresentem-se com prisão de ventre, ministra-se água de arroz, dá-se água de cevada.

Se os cãezinhos se apresentarem fracos, infectados e emagrecidos, engessa-se o leite com uma pitada de iôdo e dá-se cêrca de figado de bacalhau.

Com os gatos é bem mais difícil, mas procede-se da mesma forma. Algumas vêzes, no lugar da mamadeira, que não aceitam, é preferível dar-lhes leite com um conta-gotas.

EURICO SANTOS

Gatos e cachorros vadios
Também merecem o nosso carinho

Figura 34 – Artigo publicado no *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 mar. 1960, p.6, coluna *Parques e Jardins*.

O *Correio da Manhã* — um dos mais destacados periódicos da imprensa diária de grande tiragem do país[lix] — inaugurou a seção *Correio Agrícola* (Fig. 35) em 16 out. 1927, ocupando uma página — eventualmente, parte de uma segunda — nas edições de domingo[78] — e veiculando "notas destinadas á divulgação de assumptos de utilidade para os agricultores e criadores". Em abr. 1937, o suplemento passou a se chamar *Correio da Manhã Agrícola*, com quatro páginas. Posteriormente, foi reduzido a duas e novamente ampliado a quatro, com propagandas de insumos agropecuários e inclusão da jardinagem. O nome *Correio Agrícola* também retornou em 1955. Essa "dinâmica" sugere que, a despeito da disposição em veicular assuntos agropecuários, o jornal sempre buscou adequar o conteúdo às demandas dos

[lix] "Nas palavras do historiador Nelson Werneck Sodré (1911-1999), o *Correio da Manhã* primava por um "ferrenho oposicionismo, de extrema virulência", em contraste com o "extremo servilismo" adotado por jornais concorrentes, presos aos esquemas e interesses da chamada "política do café com leite" (Brasil, 2021).

leitores — publicando, inclusive, matérias relacionadas à fauna (Fig. 36 e 37) — e aos custos de edição. A seção agrícola foi se diluindo ao longo da década de 1960. O jornal, que sempre se posicionou “a favor de medidas modernizadoras e contra forças políticas vistas como bloqueadoras do desenvolvimentismo e do acesso popular a alguns direitos fundamentais”, deixou de circular em 8 jul. 1974 por “incompatibilidades da folha com a ditadura militar (Brasil, 2020).



Não póde ser vendido separadamente

Correio da Manhã

AGRICOLA

Supplemento de Domingo — Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1937

A Nossa Flóra

SEU ESTUDO EM S. PAULO E OUTROS ESTADOS

(ADALBERTO MARIO RIBEIRO)

O aspecto desolador da devastação de uma floresta

COMO COLLECCIONAR CARRAPATOS PARA ESTUDO

COMO FORMAR UM BOM LARANJAL ?

VACCINA DA MANQUEIRA

SOCIEDADE COMMERCIAL E AGRICOLA LTDA.

Figura 35 – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1937, p.1, *Suplemento Agrícola*.

Transcrição de trechos da matéria: “A nossa flóra”: "[...] havia acabado de lêr [...] o relatorio da Primeira Conferencia Brasieira de Protecção á Natureza [...]. Decorridos tres annos da realização desse certamem, póde-se ainda apreciar devidamente a repercussão que teve, a julgar pela copiosa contribuição que lhe foi levaa de varios pontos do paiz [...]. Oswaldo Cruz, creando o Instituto de Manguinhos, pensava sempre nessa outra obra de finalidade utilissima: um grande horto de plantas medicinaes. E seu discipulo Arthur Neiva procurou crear em São Paulo esse horto, que não chegou a despertar qualquer interesse do governo federal. E toda gente sabe que o Brasil expende annualmente milhares de contos na aquisição no estrangeiro de plantas medicinaes para a industria de droggas e productos pharmaceuticos, muitas das quaes expontaneas do Brasil e que aqui retornam devidamente rotuladas...”.



Supplemento Agricola — CORREIO DA MANHÃ — Domingo, 25 de Abril de 1937 — 5

A luta pela vida nas grandes profundidades maritimas

OS ANIMAES das grandes profundidades maritimas tambem conseguem ver. Essa faculdade de vista constitue para elles um meio de se orientarem e principalmente o meio de atacarem e se defenderem. Porque a luta pela vida entre os sêres abyssaes, é formidavel, talvez mais assanhada mesmo que á superficie da terra. Os "cephalopodos" luminosos, como "Thaumatolampas diadema", illuminam determinada extensão das aguas e vêem onde se encontra a presa que apetecem, extendendo logo um dos seus compridos braços e apanhando-a num apice. Em algumas das grandes especies desses braços chegam a ter quinze a dezoito metros de extensão. Innumeras ventosas seguram immediatamente a presa, que nada salvará. Em alguns desses animaes as ventosas acrescem ainda uma especie de garras aceradas, que completam a obra de apprehensão e sujeição da victima. Outras especies possuem ventosas phosphorescentes que attraem os animaes descuidados, que a curiosidade leva assim á morte cruel e seu remedio.

COMO CAÇA O TAMBORIL

Ha um peixe muito feio, tambem muito apreciado pelos amigos das caldeiradas: é o tamboril, que o naturalista Linneu chamou "Lophius piscatoria". E' um animal de corpo chato e largo na parte anterior, seguio na região caudal. Tem a pelle lisa e viscosa, uma cabeçorra enorme, bocarra rasgada a toda a largura da cabeça, com a maxilla inferior a avançar como se o peixe fosse prognata. Os olhos são grandes e collocados sobre a cabeça. Assim conformado, o tamboril é, como os nossos leitores suppõem, um animal de movimentos lentos, que não poderia perseguir a sua victima. Mas Deus, que fez a natureza tão diversa e tão cheia de maravilhas, deu a esse tiburareco meios de apanhar o alimento, graças a uma disposição anatomica interessante. A barbatana dorsal do tamboril ficou como enterrada na carne; apenas seis extremidades della, longas e flexiveis, apparecem ao longo do corpo. A mais comprida, situada perto da bôca, termina por um lobulo carnudo e muito movel. E agora vão ver como o tamboril utiliza esta especie de bandeira para arranjar todos os dias almoço, jantar e ceia.

Enterra-se na vasa, ou na areia, de maneira a quasi não se ver. De fóra e muito direita, fica a haste daquella bandeira carnuda, que o animal agita constantemente. Peixinhos imprudentes e curiosos passam ao pé e, pensando que aquillo é um animalculo que está mesmo a pedir "comam-me, comam-me", approximam-se muito contentes da sua vida. Eis senão quando surge do fundo uma bocarra enorme e escancarada, que os abocanha, encerrando-os logo, vorazmente! Era uma vez o peixinho, assim caido nas guelas do tamboril.

Alguns animaes marinhos possuem meios de ataque e defesa muito curiosos. Ha criaturinhas dotadas de cores vistosas, que attraem pelo que têm de vivo. Parece que isso seria antes causa de serem atacadas e exporia a sua fraqueza á voracidade de animaes de maior força e corpulencia. Não é, porém, assim: estes animaesinhos vistosos constituem um exemplo de quanto é perigoso a gente fiar-se nas apparencias. As cores garridas attraem outros sêres, é certo, mas para a morte, porque os animalculos coloridos são venenosos. Ha um molluscosis", de uma linda côr verde, chamado "covaluta roscoffeu que se vê muito bem sobre as areias brancas em que vivem; Outro, a "fungia auvantinea", é de uma cor vermelha viva, que se destaca logo sobre as algas esverdeadas, entre as quaes se acolta. E' muitas especies de actinias e celenterados apresentam-se com vistosas cores, que attraem os animalculos imprudentes, que matam com o seu veneno e depois devoram. Essa faculdade requintada e perversa constitue meio de defesa e ao mesmo tempo de ataque.

COMO A FISALIA ENVENENA AS SUAS VICTIMAS

Entre estes animaes, que attraem os inimigos e as victimas por meio das cores, para logo as exterminarem, com os venenos de que estão providos, citemos o caso da fisalia, ou gaiera, que é curioso.

E' este molluscо marinho um animal constituido por uma massa gelatinosa, de que pendem umas vesiculas tambem gelatinosas, que contem um filamento bastante extenso, enrolado em

A miliobata ou "guia do mar", que esmaga as conchas mais fortes.

novello ou em espiral. Quando um animal toca na vesicula, desenrola-se immediatamente o filamento, que é um tubo capillar, flexivel, acerado, banhado num liquido venenoso, contido em elle naquella especie de bolsa. Este tentaculo, que é provido de uma especie de dente de serra, fere, a epiderme do animal imprudente e o veneno penetra immediatamente no organismo da victima, immobilizando-a e collocando-a ao dispor da fisalia. Logo que uma vesicula fez esta operação, todas as outras arremessam os seus filamentos, em soccorro da primeira, de sorte que a victima, ainda que seja mais poderosa que o algoz, não resiste a essa injecção subita de materia venenosa, e está perdida.

Para que a fisalia não desperdice o seu liquido venenoso, ao lado da vesicula ha um filamento que apalpa por assim dizer, o objecto em que toca e adverte o animal da natureza delle, afim de não gastar energia inutilmente.

Este veneno da fisalia é tão forte, que se torna perigoso pegar no molluscu sem precauções. Os filamentos envolveriam immediatamente a mão e causariam na pelle uma especie de queimadura dolorosa, que poderia provocar febre intensa.

Dois sabios francezes, os doutores Richard e Portier, fizeram experiencias curiosas com este veneno da fisalia que colheram da seguinte maneira. Esmagaram, com agua e areia, as vesiculas e filamentos de algumas fisalias, obtendo assim um liquido, que filtraram. Em seguida injectaram-nos em pombos, ráis, e cães.

Depois de receber um centimetro cubico, o animal injectado agita-se, inquieto. Em seguida fica mortiço ou insensivel de todo. Um pombo, por exemplo, sujeito a esta experiencia, fechou os olhos, arrelou-se e quedou-se como adormecido por hypnotismo. Puderam então fazer-se com elle experiencias, dolorosas, sem que o animal mostrasse a menor sensibilidade. Os dois sabios deram a este veneno o nome de "hipnotoxina".

Se a dose injectada tiver sido demasiada, o animal acaba por eliminar o veneno e volver ao estado normal; se, porém, for dois sabios pensam que a hipnotoxina poderá um dia ser utilizada na cirurgia.

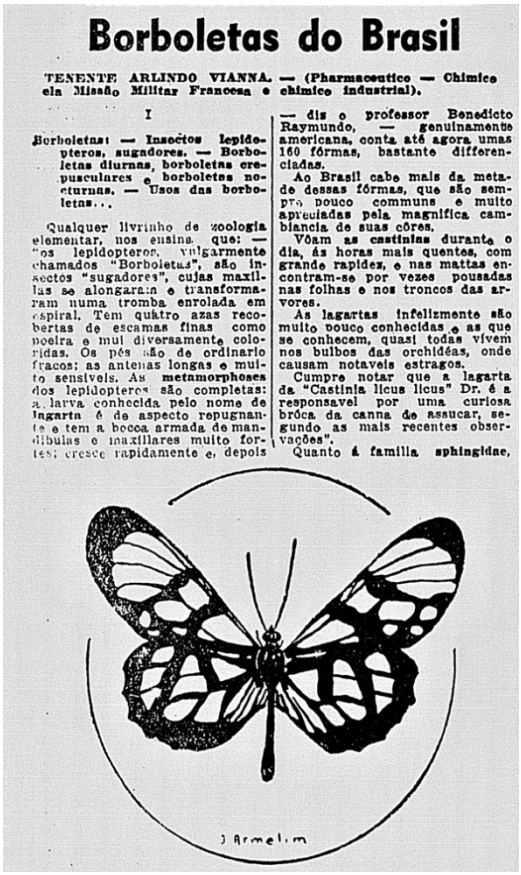
Desta forma se mostra como os estudos oceanographicos contribuem para muitos outros ramos do saber. Não ha sciencia inutil e nunca ninguem sabe se uma experiencia de laboratorio, que parece mera curiosidade, virá trazer á humanidade preciosos auxilios.

A LUTA DA BALA E DA COURAÇA

Algumas especies marinhas defendem-se dos seus inimigos mercê, de rogustas couraças, de que se revestem, como sejam as conchas dos molluscos, as cascas dos caranguejos e tartarugas, e mesmo as fortes escamas de alguns peixes. Mas, ha tambem animaes dotados de meios capazes de frustrarem estas defesas. O polvo, por exemplo, serve-se dos seus tentaculos para abrir as conchas bivalves. Um gasteropodo, a "nassa", chega a furar as conchas mais duras com a sua lingua guarnecida de pontas. Outro, o "murex", abre ou perfura as conchas bivalves, para apanhar o animal que encerra. Uma raia de grandes dimensões, a miliobata ou aguia do mar, que chega a ter dois metros de envergadura, esmaga com os seus dentes chatos as conchas mais duras. Os preguiços, que causa nas ostreiras, são as vezes muito grandes. O unico recurso dos animaes assim perseguidos é engrossarem com uma maior producção de calcio a dura couraça e erigal-a de formas espinhosas, de protuberancias offensivas...

Ha um polvo que usa um meio engenhoso de defesa: quando se vê perseguido, enche as ventosas de pedras e envolve em seguida os tentaculos á volta do corpo. Fica assim revestido de uma especie de muralha, que o defende dos ataques do inimigo, se este não fôr muito poderoso.

Figura 36 – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1937, p.3, suplemento *Agrícola*. Trecho da matéria: “Os animaes das grandes profundidades maritimas tambem conseguem ver. Essa faculdade de vista constituem para elles um meio de se orientarem e principalmente o meio de atacarem e se defenderem. Porque a luta pela vida entre os sêres abyssaes, é formidavel, talvez mais assanhada mesmo que á superficie da terra”.



Borboletas do Brasil

TENENTE ARLINDO VIANNA. — (Pharmaceutico — Chimico da Missão Militar Franceza e chimico industrial).

I

Borboletas! — Insectos lepidopteros, sugadores. — Borboletas diurnas, borboletas crepusculares e borboletas nocturnas. — Usos das borboletas...

Qualquer livrinho de zoologia elementar, nos ensina que: — "os lepidopteros, vulgarmente chamados "Borboletas", são insectos "sugadores", cujas maxillas se alongaram e transformaram numa tromba enrolada em espiral. Têm quatro azas recobertas de escamas finas como poeira e mui diversamente coloridas. Os pés são de ordinario fracos; as antenas longas e muito sensiveis. As **metamorphoses** dos lepidopteros são completas: a larva conhecida pelo nome de lagarta é de aspecto repugnante e tem a bocca armada de mandibulas e maxillares muito fortes; cresce rapidamente e, depois

— diz o professor Benedicto Raymundo, — genuinamente americana, conta até agora umas 160 fórmas, bastante differenciadas.

Ao Brasil cabe mais da metade dessas fórmas, que são sempre pouco communs e muito apreciadas pela magnifica cambiancia de suas côres.

Voam as castinias durante o dia, ás horas mais quentes, com grande rapidez, e nas mattas encontram-se por vezes pousadas nas folhas e nos troncos das arvores.

As lagartas infelizmente são muito pouco conhecidas e as que se conhecem, quasi todas vivem nos bulbos das orchidéas, onde causam notaveis estragos.

Cumpre notar que a lagarta da "Castinia licus licus" Dr. é a responsavel por uma curiosa bróca da canna de assucar, segundo as mais recentes observações".

Quanto á familia **sphingidae**,

Figura 37 – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1939, p.9, *Suplemento Agrícola*. Trecho da matéria: “Qualquer livrinho de zoologia elementar nos ensina que: - 'os lepidopteros, vulgarmente chamados 'Borboletas', são insectos 'sugadores', cujas maxilas de alongaram e transformaram numa tromba enrolada em espiral. Tem quatro azas recobertas de escamas finas como poeira e mui diversamente coloridas”.

1.5. AUTOPROMOÇÃO E ESCRITA ELOGIADA

"Em largos traços faremos, não a biografia de
Eurico Santos, que abomina cordialmente elogios,
mas um ligeiro histórico do que realizou
no dominio da divulgação agricola."

O CAMPO[79]

E.S. tinha consciência das suas habilidades para escrever e divulgar, se gabava da sua produção intelectual e da influência que ela poderia ter para o progresso agropecuário e valorização da fauna e flora brasileiras, mesmo em um contexto social caracterizado por alto índice de analfabetismo. Logo após o prefácio do *Manual do Lavrador Brasileiro* (1927), ele regozija-se com sua longa dedicação aos assuntos agropecuários:

> Essa minha longa dedicação ao assunto, o muito que vi, percorrendo vários Estados do Brasil, o meu constante trato, na imprensa, como na vida funcional, com todos os problemas da economia e técnica agrárias dão-me o direito de redigir o "Manual do Lavrador Brasileiro" obra onde julgo ter reunido instruções claras sôbre as principais culturas que se fazem ou podem fazer nas terras arvais do país. A enumeração dos trabalhos meus que aqui cito, outro fim não tem que justificar, perante os maiorais da ciência agronômica, essa incursão em seara alheia. [...] Passa êsse livro influir um pouco na reforma de certas práticas rotineiras, na adoção dos bons e racionais métodos de cultivar o solo, dêle tirando o lavrador o maior proveito, com menor esfôrço, tal como se vem fazendo nos países de agricultura modernizada. e lerei por bem empregado o tempo que consumi em organizá-lo.

No prefácio do mesmo livro, o agrônomo José Gonçalves de Souza[80] — além de criticar o "teorismo exagerado" no ensino da agronomia "em detrimento de um prática inteligente, esclarecida e desembaraçada" —, não se furta "de não gastar adjetivos à toa sobre o livro [e sobre o próprio E.S.], se êle não os merecesse", expressando opinião quase unânime — posto que críticas negativas não foram encontradas — compartilhada por muitos profissionais e admiradores do jornalista e da sua obra:

> [...] O que tem feito Eurico Santos em seus 30 anos de apostolado em prol da agricultura do Brasil, em livros e até nos próprios artigos de jornais, etc., outra cousa não tem sido senão levar aos campos e às fazendas, às chácaras e aos sítios — ao meio rural enfim — o ensinamento de quem diz por que fez, de quem doutrina por que antes realizou na vida objetiva. De 1910 quando, com a ajuda de companheiros de seu feitio fundou "A Fazenda", até hoje, à beira de 60 anos bem vividos, nunca lhe esfriou o entusiasmo pelas cousas do campo, porque êle é dos que creem no que pregam, acreditando, lutando e sofrendo. Acreditou em nossas reais possibilidades agrícolas. [...] A existência toda dedicou-a êle a dar lições de agricultura [...] não há complicação científicas, afetações desnecessárias, hipóteses imaginosas sobre a gênese dos solos, a fecundação das flores, a reprodução

> das plantas cultivadas. O livro foi escrito para o homem que vive lá nesse mundão que Deus nos deu, cavando a terra, enterrando a semente, colhendo frutos. Singelas, ao alcance de todos, as páginas dêste livro foram escritas no fito de orientar, quer os que vivem de uma pequena agricultura puramente doméstica, consuntiva, quer os afortunados que já a vem fazendo em grande estilo, segundo a técnica agrícola da modernidade. [...] Realizando o agricultor patrício o que aqui sugere e aconselha o maior e mais desinteressado publicista agrícola em nosso país — Eurico Santos — encontrará aquele nosso irmão da roça, nos labores de cada dia, recompensas para seu trabalho. O livro serve a agrônomos e a homens que vivem, eles próprios, dos trabalhos da terra" (Souza *apud* Santos, 1927, p.5-6).

Era praxe de E.S. citar fontes de caráter técnico, científico ou literário em seus textos. Nas suas obras, não poupava adjetivos ao se referir a própria escrita, ao seu talento para "traduzir" a ciência e torná-la palatável para o grande público: "Procurei, efetivamente, compulsando o que de melhor já se fez, neste sentido, organizar um trabalho de absoluta utilidade, honesto nas afirmações, escudado na ciência, mas sem o sibilino da sua linguagem" (Santos, 1954, p.6). Tais praxes podem configurar tanto estilo da escrita quanto 'pedantismo' — termo usado pelo próprio E.S. no prefácio de *Peixes de água doce* (1954, p.12): "Não pude, é claro, abster-me dos nomes científicos da sistemática que a muitos se afigura como simples pedantismo, mas que a clareza e boa compreensão do assunto reclamam"; "[...] procurei torná-la atraente, vasando-a como soube e pude em linguagem simples e amena para que por todos seja lida com agrado e compreendida sem esforço" (Santos, 1942, p.5); "O meu ensaio, em menor escala, preencherá o claro dando os mais indispensáveis esclarecimentos a quem deseja conhecer os peixes de água doce" (Santos, 1954, p.5). Outras manifestações:

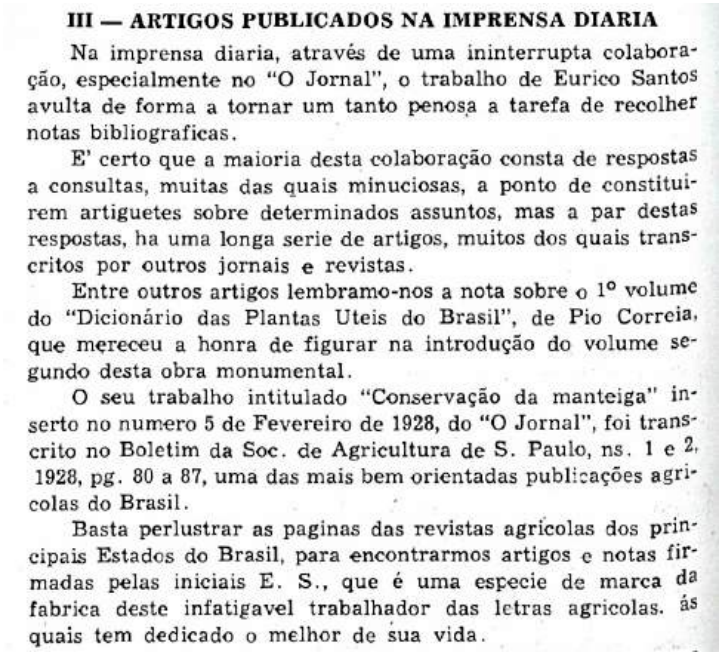
> Possue hoje a ciência brasileira, em todos os seus setores, as mais representativas personalidades. A tarefa que vivem a realizar é grande demais para que daquelas regiões desçam a executar pequenos serviços que obreiros mais modestos podem fazer a contento. A divulgação de cousas intimamente ligadas à ciência está nesses casos. Sobre os nossos animais silvestres poderemos até contar, pelos dedos da mão, as obras de divulgação popular propriamente dita. Foi assim que me abalancei em tentar a emprêsa e lancei, como ensaios, êsses livros que o público está lendo com gôsto, que a critica recebeu com agrados e que os próprios especialistas da matéria louvaram com simpatia (Santos, 1942, p.6).

> [...] procurei realizar uma tarefa magna, tal a de divulgar, em linguagem popular, a vida e os costumes dos animais da fauna indígena. Procurei executá-la, sobretudo, com probidade científica [...]. E como ainda é cedo para descansar, prosseguirei a tarefa, a que me impus, de realizar uma "Zoologia Brasílica" para os leigos (Santos, 1952, p. 9).

> Necessário se torna que alguem se encarregue de executar uma obra ensinando as melhores práticas e trazendo novas conquistas para esse gênero de estudo, apresentando, aliás como uma atraente recreação do espírito. [...] Procurei, efetivamente, compulsando o que de melhor já se fez, neste sentido, organizar um trabalho de absoluta

> utilidade, honesto nas afirmações, escudado na ciência, mas sem o sibilino[lx] da sua linguagem (Santos, 1954, p.12).
>
> Como obra popular, o presente ensaio é realmente um dos mais vultosos a respeito dos nossos insetos e ainda assim muito ficou para dizer, o que outros mais tarde de certo o farão com mais autoridade que nós (Santos, 1961, p.5).
>
> Do conjunto de tudo bem se depreende que "Pesca e Psicultura" deve ser julgada como uma pequena enciclopédia, embora notoriamente modesta (Santos, 1964 *apud* Santos, 1985, p.10).

Os adjetivos também não foram poupados por tantos que se manifestaram sobre a obra de E.S.. Além de profissões virtuais, ele acumulou deferências e qualificativos: "publicista", "ilustre agrário", "publicista agricola", "redactor e publicista[81]", "um dos maiores divulgadores das ciências zoológicas e botânicas do Brasil[82]", "jornalista vinculado ao periodismo agrícola[83]". Seus livros tornaram-se referências e eram citados e indicados com frequência nos jornais e revistas (Fig. 38 a e 39).



III — ARTIGOS PUBLICADOS NA IMPRENSA DIARIA

Na imprensa diaria, através de uma ininterrupta colaboração, especialmente no "O Jornal", o trabalho de Eurico Santos avulta de forma a tornar um tanto penosa a tarefa de recolher notas bibliograficas.

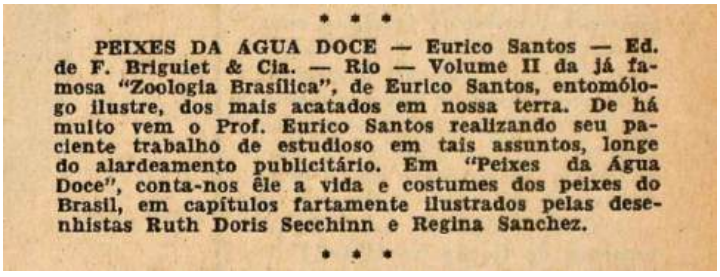
E' certo que a maioria desta colaboração consta de respostas a consultas, muitas das quais minuciosas, a ponto de constituirem artiguetes sobre determinados assuntos, mas a par destas respostas, ha uma longa serie de artigos, muitos dos quais transcritos por outros jornais e revistas.

Entre outros artigos lembramo-nos a nota sobre o 1º volume do "Dicionário das Plantas Uteis do Brasil", de Pio Correia, que mereceu a honra de figurar na introdução do volume segundo desta obra monumental.

O seu trabalho intitulado "Conservação da manteiga" inserto no numero 5 de Fevereiro de 1928, do "O Jornal", foi transcrito no Boletim da Soc. de Agricultura de S. Paulo, ns. 1 e 2, 1928, pg. 80 a 87, uma das mais bem orientadas publicações agricolas do Brasil.

Basta perlustrar as paginas das revistas agricolas dos principais Estados do Brasil, para encontrarmos artigos e notas firmadas pelas iniciais E. S., que é uma especie de marca da fabrica deste infatigavel trabalhador das letras agricolas. ás quais tem dedicado o melhor de sua vida.

Figura 38 – Nota da revista *O Campo* (n.78, 1936, p.46) sobre a produção de artigos por E.S.: "uma especie de marca da fabrica deste infatigavel trabalhador das letras agricolas".



* * *

PEIXES DA ÁGUA DOCE — Eurico Santos — Ed. de F. Briguiet & Cia. — Rio — Volume II da já famosa "Zoologia Brasílica", de Eurico Santos, entomólogo ilustre, dos mais acatados em nossa terra. De há muito vem o Prof. Eurico Santos realizando seu paciente trabalho de estudioso em tais assuntos, longe do alardeamento publicitário. Em "Peixes da Água Doce", conta-nos êle a vida e costumes dos peixes do Brasil, em capítulos fartamente ilustrados pelas desenhistas Ruth Doris Secchinn e Regina Sanchez.

* * *

Figura 39 – Coluna *Panorama Literário*, *A Cigarra Magazine*, n.7, p.46, 1955.

[lx] a. 1. Ref. a sibila. 2. Que é enigmático, obscuro (frase sibilina). [Antôn.: claro, preciso.] [F.: Do lat. sibyllinus,a,um.] (Aulete Digital, 2024).

Na segunda edição de *Ornitologia Brasileira ou História natural das aves do Brasil*, traduzido por E.S., João Moojen (1904-1985) prefaciou: “conseguiu manter maior fidelidade ao original. Abriu mão de seu estilo fácil de divulgador acessível e leve, procurando manter o sabor por vezes um tanto simples da construção do naturalista gaulês (Moojen, 1944 *apud* Descourtilz, 1983, p.5). E mais deferências (Fig. 40 a 45):

> É impressionante como este sábio brasileiro amou a fauna universal, sob todos os seus aspectos. Apesar de aqui e ali deixar ele, muitas vezes, transparecer seu agnosticismo e um evolucionismo darwiniano [...] — podemos compará-lo a São Francisco de Assis, que “conversava” com os peixes e com os lobos bravios. Ambos amaram e entenderam os animais (Itatiaia, 1980)[84].

> A excellente revista tem como um de seus directores o Sr. Eurico Santos, nome bastante conhecido entre os agricultores, e cujos abundantes conhecimento das industrias ruraes garante o exito que vem obtendo 'A Fazenda Moderna' (Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, 15 set. 1927, p.3, Publicações).



Figura 40 – “De autores brasileiros, apenas um até agora abordou o tema em conjunto e não isoladamente, como muitos outros o fizeram. Referimo-nos a Eurico Santos, que com ‘Pássaros do Brasil’ escreveu um livro dos mais ricos e sugestivos a propósito da vida e dos costumes das aves nacionais” (Trecho do editorial de José Condé, em *A Cigarra Magazine*, n.180, 1949, p.1).



Figura 41 – Transcrição de trecho da seção “Cartas à Redação” de *A Cigarra Magazine*, n.225, 1952, p.4: “De A.M. SABOYA (Sobral, Ceará): 'Desejava saber se existe algum livro ou álbum com ilustrações que verse sôbre Aves e Pássaros da nossa fauna e do mundo; coo e onde poderei adquiri-lo? *O nosso colaborador Eurico Santos ('Vida Curiosa dos Bichos') é autor de várias e importantes obras do gênero. Escreva-lhe por nosso intermédio que será atendido*”.

Eurico Santos e um trabalhador infatigável. Pesquisa, rebusca, inquire, perscruta e acha o filão que Ilhe dará a matéria-prima para um livro. Ele se me afigura esses garimpeiros das Minas Gerais ou esses outros ainda mais audazes, dos rios de Mato Grosso. Com sua bateia, seu carumbé e seu alvião, vai o nosso Eurico Santos sondando as grupiaras e os álveos dos rios e, achando a "formação" ... acampa, faísca dias, meses, anos e depois desse diuturno labor apresenta-nos um diamante de primeira água, — um livro novo de ensinamentos de Zoologia ou da Cinologia. [...] E' um emérito divulgador desses assuntos da Zoologia indígena. Sabe conduzi-los com suavidade, sem termologia arrevesada e sem solicitar, a cada passo, o auxílio da sistemática, sempre tediosa aos homens que estudam as ciências naturais. Eurico Santos é um homem simples e encantador e as suas obras acompanham-no nessa trajetória. Êsse trabalhador incansável tem uma grande bagagem de produções sempre colhidas nos campos, nos vergéis, na "basse-cour", nas florestas sombrias, — nas campanhas de horizontes intérminos, ou no mar profundo! Nesses ambientes e que Eurico Santos está bem. Aí é que ele maneja à vontade a sua pena ágil [...] Vem realizando, num país que tem aversão aos assuntos de história natural, verdadeiro milagre: editar uma dezena de livros, despertando a modorra do brasileiro, espalhando conhecimentos sobre bichos de nossa terra (Magalhães[85], 1949 *apud* Santos,1952, p.5).

Citando Eurico Santos, que lançou interessante e útil livro intitulado "Nossos peixes marinhos" lembro aos interassados que todo peixe que não tenha cheiro suspeito e que apresente ôlho brilhante e saliente, guelras frescas e rosadas, firmeza e rigidez — é um peixe fresco. O peixe, neste estado, deve apresentar ainda um aspecto agradável, com escamas brilhantes aderentes, de côr, de tons vivos e quentes, com reflexos metálicos. Nadadeiras úmidas e em geral intatas (Waehneldt, 1963 *apud* Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 28 jul. 1963, p.10)[86].

Mas Eurico Santos não é apenas o contador destas histórias, o transfigurador de realidades. É antes e acima de tudo um naturalista, um grande e extraordinário divulgador de ciência, um novo São Francisco falando às árvores, aos insetos, aos bichos, às gentes dêste imenso desconhecido Brasil. Sempre com doçura e bondade, num ato de inteligência a que não falta o calor do coração. Pertence à galeria dàqueles homens simbólicos de que nos fala Emerson: espalham sementes de bondade e amor enquanto vivem, tornando as colheitas mais abundantes, mais bela e mais amorável a natureza, dando olhos de ver aos que apenas sabem olhar. [...] Todos os seus livros são um primor de informação, não dessa informação apressada, comercial, mas daquela ampla, com objetivos didáticos desinteressados. [...] Essa é a confissão de um artista, sobrepondo-se ao objetivismo do cientista, do folclorista. Porque Eurico Santos, em todos os seus livros é sempre um mestre amáve1, divulgador das belezas da vida" (Vieira, 1966 *apud* Santos, 1966).

"Na Amazônia, dizem que nos primeiros dias, quando Ceuci, ou sejam as Plêiades, ao anoitecer, está quase na linha do horizonte os pássaros os pássaros dormem nos poleiros mais altos" — assim principia Eurico Santos suas **Histórias, Lendas e Folclores de Nossos Bichos**. O autor nos fala da "vida maravilhosa dos beija-flores", do amor entre as aves, das andorinhas, da linguagem dos pássaros, dos hábitos do sapo-aru e as suas fábulas, não deixando de estar presente o conto do Saci-Pererê. Volume que interessa a crianças e adultos. Ilustrações de Poty — Edições de Ouro (Coluna 'Escritores e Livros', Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 9 nov. 1967, p.2, 2º Caderno).

O jornalista carioca Eurico Santos foi um dos maiores divulgadores sobre a natureza brasileira que já existiram. Escreveu dezenas de livros e centenas de artigos em jornais e

revistas sobre a nossa fauna e a flora. Seus textos muito informativos, mas em linguagem sempre acessível, influenciaram gerações de biólogos e outros apaixonados pela natureza. Entre as informações sobre história natural das espécies, Eurico Santos frequentemente resgatava lendas sobre os animais. Algumas dessas foram reunidas no seu livro "Histórias, Lendas e Folclore de Nossos Bichos" (Lima, 2021).

Em 1927, o veterinário Eurico Santos lançou o seu Manual do Amador de Cães, uma obra extraordinária, que até hoje tem edições. Um livro onde surgem os padrões das principais raças caninas do mundo daquela época, falando de raças, treinamentos e tratamentos clínicos, com fórmulas de remédios ainda não industrializados, tudo para facilitar o trato e os cuidados com os cães (Nota publicada na seção *Informativo* da Revista Oficial da Confederação Brasileira de Cinofilia Rio de Janeiro, n.45, p.34, 2013).


ROSSINI PINTO
Parques & Jardins
"BOIS DE BOULOGNE", UM DOS MAIS BELOS PARQUES DO MUNDO
CRISANTEMOS
OS RUSSOS TAMBEM GOSTAM DE PLANTAS ORNAMENTAIS
LIVROS NOVOS
O MUNDO DOS ARTRÓPODES — A Editôra F. Briguiet e Cia. lançou o último trabalho dêsse infatigável divulgador dos animais e plantas brasileiras que é Eurico Santos, recentemente aposentado. O livro, em primorosa edição, impressa em papel couchê, de 197 páginas contém inúmeras ilustrações (muitas em côres) de autoria de Ruth Doris Secchin. Entre outras coisas, diz o autor no prefácio: "Ainda é cêdo para soltar foguetes, mas já devemos pensar na hora de pingar o ponto final do último volume da série. — Oxalá seja eu, pela dupla satisfação: de autor, que terminou obra de certo vulto e criatura vivente, que embora já se vá distanciando dos setenta janeiros, ainda se obstina em escrever, Invita Minerva, como já dizia Horácio a propósito dos poetastros recalcitrantes.
ESCRITORA FAMOSA PREMIADA NUMA EXPOSIÇÃO DE FLORES
O "DENTE-DE-LEÃO"
SEMENTES

Figura 42 – "Infatigável divulgador dos animais e plantas brasileiras". Nota sobre o livro *O mundo dos artrópodes* (1959) publicada no *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 nov. 1959, Parques & Jardins, Livros Novos, p. 8, 6º Caderno.

Em 1954, E.S. teve a sua campanha enaltecida pelo deputado Lopo de Carvalho Coelho (1911-1984), do Rio de Janeiro, em tentativa de elevar seus proventos de aposentadoria de na Câmara dos Deputados:

O magnifico e patriotico trabalho que E.S. vem realizando no domínio da divulgação científica, notadamente da zoologia. O número de trabalho publicados na imprensa técnica, revistas e jornais diários, vai a quasi uma trintena. Esta vasta obra vem sendo elogiada, unanimemente, por homens de ciencia, como o saudoso sábio brasileiro, Arthur Neiva, que lhe prefaciou o volume "Passaros do Brasil". Êsse ilustre mestre e cientista, referindo-se a este trabalho escreve: "Os arraiais onde assentam a inteligencia, o amor do Brasil, a educação do sentimento, o culto às cousas belas estão de parabens com a publicação dos trabalhos de Eurico Santos. Em outra passagem diz: "As obras de Eurico Santos põem o leitor em contacto com a natureza, ensinam, educam e aperfeiçoam o sentimento. Está executando um programa de brasilidade". Outros homens da ciência, como o dr. Afranio

do Amaral, sabio diretor do Instituto de Butantã, ofiólogo de reputação mundial; o dr. Olivério Pinto, ornitologista de renome, diretor do Departamento de Zoologia de São Paulo; o professor Paulo Sawaya, do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, Couto Magalhães, e tantos outros, nacionais e estrangeiros, como a correspondência, notas de imprensa, separatas, etc, testemunham, louvam com calor a obra do ilustre patricio. Numa “Crônica cientifica”, (Correio da Manhã, 1-11-1942), o conhecido professor, homem de ciencia e escritor, Floriano de Lemos, sugere: “E o governo faria obra realmente boa, mandando adotar nas escolas os livros modernos de Eurico Santos. Dizem a verdade cientifica, ilustram o espirito dos jovens e - o que é relevante na triste quadra que o nosso ensino atravessa - são bem escritos, em estilo natural, sem erros de vernáculo (Mirabile dictu)” [...] Pois bem, é este homem devotado à ciencia, este extraordinário e incansável trabalhador intelectual, cujos estudos e trabalhos, são conhecidos não só entre nós como no estrangeiro, onde são sempre louvadamente citados [...] (Brasil, 1954, p. 1).

[...] Mas, o que surpreende em “Formigas, rãs e outros animais”, é o estilo agradavel e leve de seu autor, E.S., cuja competencia em assuntos rurais é, por si só, a garantia do valor da obra em apreço. [...] O estudo da formiga, no terreno da biologia animal, é dos mais interessantes. [...] Os estudos de frei Thomaz Borghmeyer, que nos deixaram tão grande impressão, levaram-nos a ler a obra de E.S. Com uma atenção ainda maior, dada a natureza do assunto. [...] Mas, afóra a parte elucidativa sôbre os mais variados espécimes de formigas, sua vida, suas origens e o meio de combater ou anular os danos que ela possa causar à lavoura, danos que tanto alarmaram a Saint Hilare quando prognosticou que “ou o Brasil acaba com as formigas, ou as formigas acabam com o Brasil”, o trabalho de E.S. encerra em suas bem feitas páginas alguns episodios que muito divertem o leitor, como aquele em que nos fala de original processo movido pelos frades de um convento de Avignon, na França, contra uma numerosa familia desses animais que lhes minavam as hortas e a despensa. [...] Estão de parabens o seu autor, E.S., e a “Editora O Campo Limitada” (O Campo, 1947, n.207, p.4-5, *Bibliografia Agricola*).


Bibliografia Agricola

“Formigas, Rãs e outros animais”

De Eurico Santos

Cloruêto de Metila

Amônia

Anhidro Sulfuroso

GRANDE ESTOQUE

Depósito:

RUA DOS CAJUEIROS, 161

Tel. 43-6919

SOCIEDADE IMPORTADORA SUISSA LTDA

RIO DE JANEIRO

PORTO RAMOS-PINTO

CLICHES ANTONIO SEPULVEDA

30, GONÇALVES LEDO, 30

22-9545

COALHO FRISIA

KINGMA & CIA.

Figura 43 – Resenha do livro *Formigas, rãs e outros animais*, publicada em *O Campo* (n. 207, p.4-5, 1947).


JAGUAR

ARGIL

DICAS

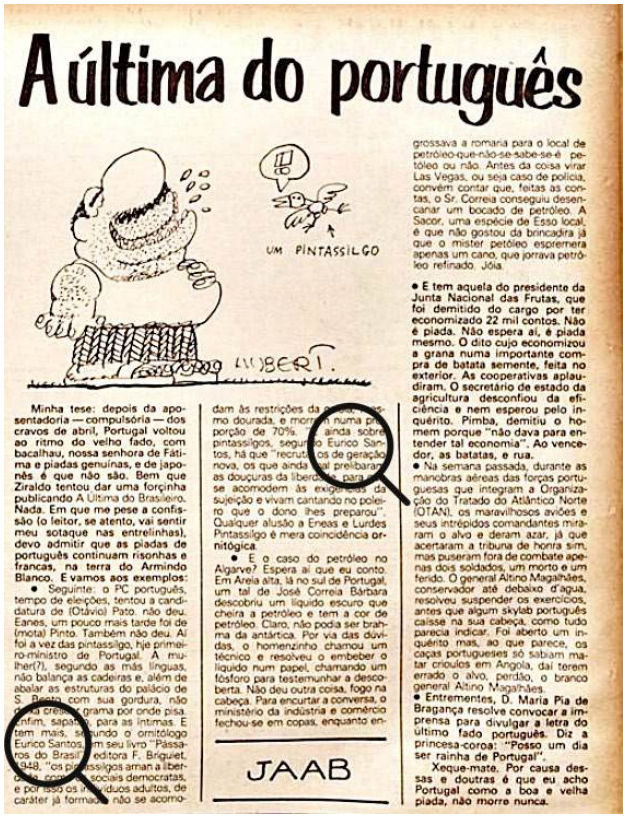
ANTES

AGORA

RAFAEL

Figura 44 – E.S. citado na nota CRIEMOS A BICHARADA, do *O Pasquim*.

Transcrição de trecho da citação:
“E por falar nisso: quando é que a Briguiet vai reeditar ‘O Amados de Pássaros’, de Eurico Santos? É o melhor livro sobre criação de passarinhos, e está esgotado há muito tempo. Dei o meu e não consegui arrumar outro. P.S. — Paulo Nogueira Neto foi nomeado diretor da Secretaria Especial do Meio Ambiente, do Ministério do Interior [que deu origem ao Ministério do Meio Ambiente]” (O Pasquim, 1974, n.238, p.26).


A última do português

UM PINTASSILGO

JAAB

Figura 45 – E.S. citado na crítica política debochada do jornal *O Pasquim* (1979).

Transcrição de trecho da citação:
“E tem mais, segundo o ornitólogo Eurico Santos, em seu livro *Pássaros do Brasil*, editora F. Briguiet, 1948, “os pintassilgos amam a liberdade, como os sociais democratas, e por isso os indivíduos adultos, de caráter já formado, não se acomodam às restrições da gaiola, mesmo dourada, e morrem numa proporção de 70%”. E ainda sobre Eurico Santos, há que “recrutar os de geração nova, os que ainda mal prelibaram[lxi] as doçuras da liberdade, para que se acomodem às exigências da sujeição e vivam contando no poleiro que o dono lhes preparou” (O Pasquim, 1979, n. 529, p.24).

[lxi] prelibar: v. 1. Usufruir previamente, por imaginação, de (um prazer, uma diversão); ANTEGOZAR; ANTEGOSTAR [F.: Do lat. praelibare.] (Aulete Digital, 2024).

1.6. HOMENAGENS E DEFERÊNCIAS

"Mais valioso, porém, do que tôdas as honrarlas e vantagens que poderiam lhe outorgar; mais significativo do que as palavras tardias e dos atos extemporâneos é a certeza de que realizou, quase anônimamente embora, uma obra de vulto que é reconhecida por todos os que sabem dar valor a quem merece".

CORREIO DA MANHÃ[87]

A revista *O Campo* homenageou os 25 anos de campanha de E.S. (Fig. 46 e 47):

> Faz vinte e cinco anos, no mês corrente, que E.S. fundou a sua primeira revista de agricultura. Desde então, sempre apaixonado pelos assuntos agrícolas, jamais abriu mão da tarefa de divulga-los através da imprensa diaria, revistas técnicas e livros. Uma tal persistencia, uma dedicação tão extrema a um assunto de interesse geral, sem que disso lhe adiviessem senão minguados recursos, merece que se registre como testemunho de que ainda na época presente se encontram lutadores de bôa tempora. Registrando, pois, este acontecimento, fazemo-lo com a maior simpatia porque o cavalheiro desta pequena cruzada é o dedicado companheiro que desde o primeiro número de O Campo, secretaria esta revista, emprestando-lhe o melhor do seu esforço. Em largos traços faremos, não a biografia de E.S., que abomina cordialmente elogios, mas um ligeiro histórico do que realizou no domínio da divulgação agrícola (O Campo, 1936, n.78, p.44).



Figura 46 – Capa da edição da revista *O Campo* (1936) que homenageia E.S..



Figura 47 – Texto publicado na revista *O Campo* (n.78, 1936, p.44), em homenagem aos 25 anos de divulgação agrícola de E.S..

Em 1936, “Eurico Santos, que tanto contribuiu em revistas e livros para o conhecimento de nossa fauna” (Reis, 1982, p.800), foi contratado pelo Ministério da Agricultura, onde trabalhou por quase 20 anos até a publicação da sua aposentadoria compulsória em 1953, quando completou 70 anos. Nas décadas de 1950-60, recebeu diferentes honrarias — como o título de “Publicitário do Ano” — e homenagens, como uma sala batizada em sua homenagem no Museu Fritz Müller, localizado em Blumenau, Santa Catarina.

Em 1960, foi escolhido para receber uma das cinco primeiras medalhas[88] do Mérito Agrícola (Fig. 48 e 49), instituída pela Confederação Rural Brasileira “para homenagear, anualmente, personalidades que se têm destacado por sua atuação em proveito da produção agropecuária” (O Globo, 1960) e reconhecida pelo presidente Juscelino Kubitschek por meio do Decreto n. 48.577/1960 (Brasil, 1960). Depois de morto, foi homenageado pela Sociedade Brasileira de Zoologia.



MÉRITO AGRÍCOLA: AGRACIADOS DE 1960

Em sua última reunião o Conselho do Mérito Agrícola resolveu conferir essa condecoração aos seguintes brasileiros: prof. Eugênio Magarinos Tôrres Filho — Ação Social no Campo; prof. Ângelo Moreira da Costa Lima — Ciência; dr. Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Mello — Lavoura; sr. Antônio Martins Bastos — Pecuária; jornalista Eurico de Oliveira Santos — Divulgação.

A entrega dêsses prêmios, distribuídos no número máximo de cinco cada ano, será feita em Brasília no dia 28 dêste mês, em sessão solene a que estarão presentes o sr. presidente da República, ministro da Agricultura, outras autoridades e líderes ruralistas, que na nova Capital estarão reunidos num Encontro Nacional, cujo encerramento se dará com aquela solenidade.

E' a primeira vez que tal prêmio é conferido, como participação da Confederação Rural Brasileira, que o instituiu, aos festejos comemorativos do Centenário do Ministério da Agricultura.

Figura 48 – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1960, p.2. Transcrição de trecho da nota: “É a primeira vez que tal prêmio é conferido, como participação da Confederação Rural Brasileira, que o instituiu, aos festejos comemorativos do Centenário do Ministério da Agricultura”.



Oficializado por decreto o “Mérito Agrícola”

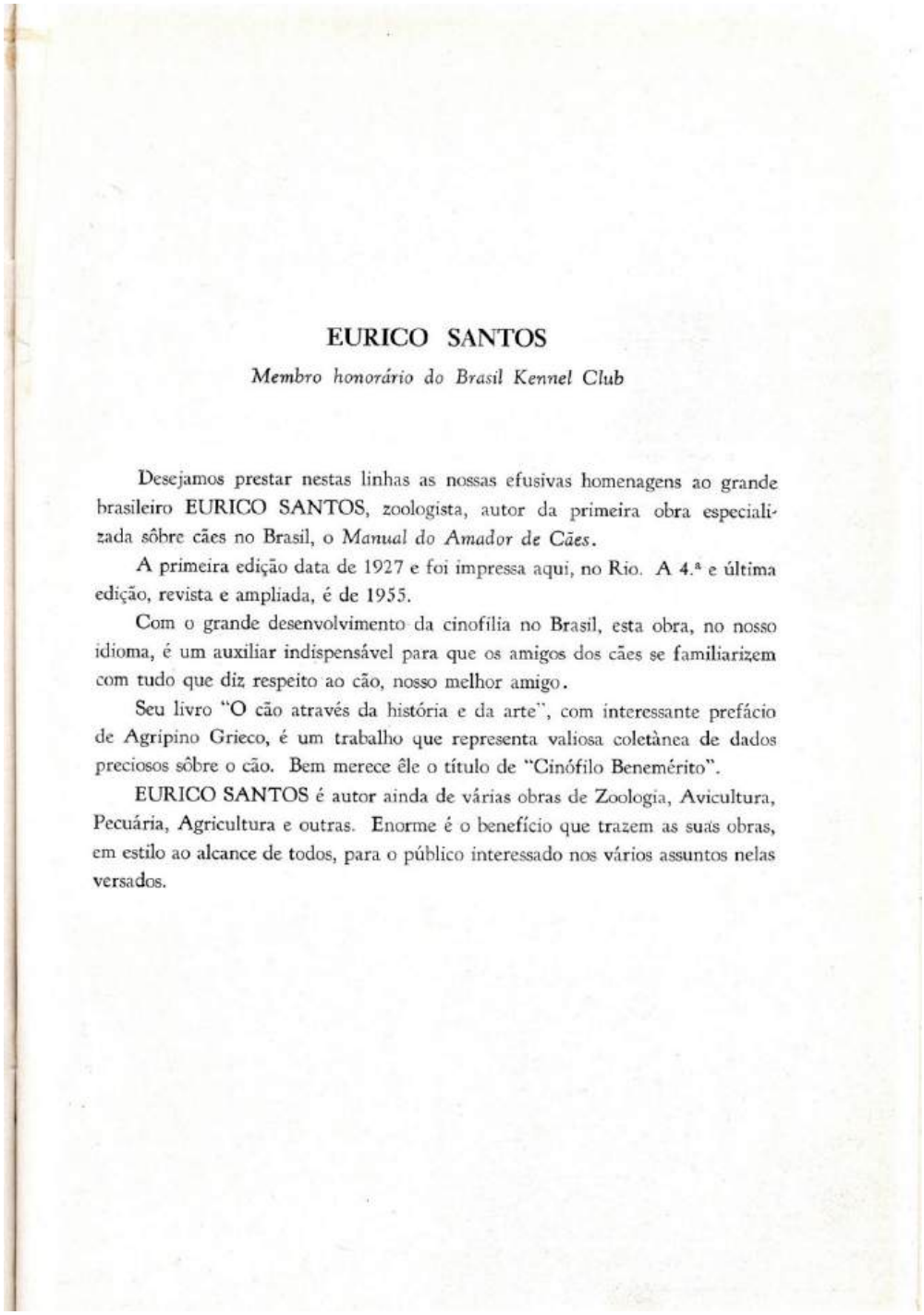
EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA DE CAXAMBU: SETEMBRO

LAVRADORES DO ESTADO DO RIO QUEREM ASSISTÊNCIA TÉCNICA MODERNA

Misturador de ração

Figura 49 – Regulamento da Medalha do Mérito Agrícola — “tornado oficial por decreto do presidente J. K., em 24-7-1960” (Decreto n. 48.577)[89] — publicado no *Correio da Manhã (*Rio de Janeiro, 31 jul. 1960, p.5, 6º Caderno, *Correio Agrícola*).

Uma assembléa geral no Brasil Kennel Club. Acclamados os novos socios honorarios. [...] Em seguida [...] submetteo ao julgamento da assembléa, que teve egual approvação, para socios honorários, os nomes dos Sr. [...] Eurico Santos, autor do "Manual do Amador de Cães" [...] sendo todos elogiados pelo proponente, como dignos de distincção com que a assembléa os acclamava Membro honorário do Kennel Club (O Globo, 31 out. 1928, p.6).



EURICO SANTOS

Membro honorário do Brasil Kennel Club

Desejamos prestar nestas linhas as nossas efusivas homenagens ao grande brasileiro EURICO SANTOS, zoologista, autor da primeira obra especializada sôbre cães no Brasil, o *Manual do Amador de Cães*.

A primeira edição data de 1927 e foi impressa aqui, no Rio. A 4.ª e última edição, revista e ampliada, é de 1955.

Com o grande desenvolvimento da cinofilia no Brasil, esta obra, no nosso idioma, é um auxiliar indispensável para que os amigos dos cães se familiarizem com tudo que diz respeito ao cão, nosso melhor amigo.

Seu livro "O cão através da história e da arte", com interessante prefácio de Agripino Grieco, é um trabalho que representa valiosa coletânea de dados preciosos sôbre o cão. Bem merece êle o título de "Cinófilo Benemérito".

EURICO SANTOS é autor ainda de várias obras de Zoologia, Avicultura, Pecuária, Agricultura e outras. Enorme é o benefício que trazem as suas obras, em estilo ao alcance de todos, para o público interessado nos vários assuntos nelas versados.

Figura 50 – Homenagem do empresário Luiz Hermanny Filho (1882-1977) registrada em sua obra *O cão: nosso melhor amigo* (1957, p.130). Em 1958, Hermanny Filho foi escolhido para ser presidente da Fundação Brasileira para a Conservação da Natura - FBCN.

O Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura prestou, no dia 12 de novembro passado [1959], uma justa e merecida homenagem ao jornalista e escritor Eurico Santos, comemorando seus quarenta anos de bons serviços prestados a divulgação agricola no pais. [...] Compareceram à homenagem, que se realizou no auditório do Serviço de Informação Agrícola, o Secretário de Agricultura do Distrito Federal, Sr. Lopo Coelho; [...] Conselho Nacional do Serviço Social Rural e a Confederação Rural Brasileira; [...] Sociedade Nacional de Agricultura; [...] Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária; [...] secretário do 'O Jornal'; [...] Comissão Nacional de Avicultura; Divisão de Defesa Sanitaria Vegetal; [...] Sociedade Brasileira de Agronomia; [...] Centro de Estudos de Informação e Extensão Agricola, alem de funcionários do Ministério, familiares e amigos do homenageado. Falou incialmente o jornalista José Vieira, diretor do Serviço de Informação Agrícola que após aludir às mensagens enviadas por órgaos como a Associação Brasileira de Imprensa, a Sociedade Nacional de Agricultura, a Confederação Ru- Rural Brasileira, a Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais e outras, fêz uma síntese das atividades de Eurico Santos como jornalista dedicado as coisa agricolas. [...] focalizou o trabalho de Eurico Santos em prol do ensino de nossa zoologia agricola e como divulgados de assuntos agricolas. Falaram ainda, na solenidade [...]. Foram oferecido, ao homenageado, uma caneta-tinteiro [...] e uma coleção encadernada de suas obras e um diploma de "Decano dos Divulgadores Agrícolas", pelo S. I. A. Após os agradecimentos do homenageado que se emocionou com tantas e relevantes provas de aprêço, amizade e reconhecimento de seus chefes, amigos e admiradores, usou a da palavra o jornalista José Vieira que convidou o presentes para uam visita a exposição dos livros de Eurico Santos, na biblioteca do Serviço de Informação Agrícola. Eurico Santos, ao agradecer a homenagem, focalizou as dificuldades iniciais que encontravam os divulgadores agricolas em nosso pais. Acentuou Eurico Santos em seu discurso de agradecimento, que na época em que se iniciara na divulgação de coisas agricolas “escrever sôbre agricultura era audácia, quase mania de alguns homens dedicados e que acreditavam [am]plamente na frase de que o Brasil era de fato essencialmente agricola". Lembrou, ainda, Eurico Santos, em seu magnífico discurso que, naquela época "poucos eram os que se dedicavam a essa divulgação entre êles [...]. Em outro trecho de seu discurso, Eurico Santos acentuou como é hoje diferente o panorama que se apresenta àqueles interessados na divulgação agricola, com a criação, no Ministério da Agricultura, de um órgão especializado: "ao fim dessa fase difícil, surgiu o Serviço de Informação Agrícola, que deu novos horizontes à divulgação especializada e tem merecido a maior aceitação da parte da classe rural, que já compreendeu os seus préstimos e já aprendeu como se utilizar dêles. Hoje, todos os que se interessam pela lavoura e criação, sejam profissionais, estudiosos ou simples curiosos, consultam o Serviço de Informação Agrícola, frequentam-lhe a biblioteca, consultam, quando necessário, os seus técnicos e louvam-lhes o serviço de radiofusão, cada dia mais citado e acatado”, foram palavras de Eurico Santos, focalizando o aspecto atual da divulgação agricola (A Lavoura, n.11-12, 1959, p.44-46).


Aspecto da sessão realizada no auditório do Serviço
mação Agrícola, quando agradecia às homenagens
Eurico Santos

Figura 51 – Foto extraída de *A Lavoura*, n.11-12, 1959, p.44.



HOMENAGEM A EURICO SANTOS PELOS 40 ANOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Pela sua fecunda existência como escritor e divulgador das coisas da natureza, consignada agora em 40 anos de intenso e ininterrupto labor na imprensa e em livros versando sôbre a flora e a fauna do Brasil, Eurico Santos foi alvo ontem de significativa homenagem por parte do Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura, do qual se aposenta aos 76 anos de idade.

Eurico Santos, carioca de nascimento, é um dos exemplos mais exuberantes da pujança de um espírito sempre voltado à pesquisa bibliográfica e à divulgação dos fatos da História Natural e da Natureza em si. De si, pode-se dizer que deu o melhor que possuia em prol de uma obra gigantesca de divulgação, como não há igual entre nós, com a particularidade de a ter realizado nesses 40 anos na mais desinteressada modéstia, na ausência total da procura de objetivos materiais em causa própria. Sua obra, espalhada em milhares e milhares de artigos sôbre os mais variados assuntos por tôda a imprensa brasileira (agricultura, conservacionismo, avicultura, silvicultura, botânica, zoologia, etc.) e em 36 livros tratando de animais e plantas do Brasil é bem um retrato do seu talento e da sua fôrça de trabalho.

Sua pena delicada, estilo leve e agudo, numa alma de poeta, sondou o âmago das maravilhas naturais perdidas em obras clássicas de difícil acesso e manuseio, transportando tudo para os olhos pouco ávidos do público e dos leitores comuns, popularizando os nossos animais e as nossas plantas, seus costumes e suas peculiaridades científicas.

FIM DE CARREIRA

Eurico Santos chega ao fim de sua carreira profissional cercado do carinho e da admiração de todos aquêles que sempre o veneraram e viram na sua figura o exemplo da dedicação de divulgar a História Natural e os assuntos agropastoris. A êsses, Eurico abriu as portas e mostrou caminhos diferentes, ensinando-lhes os primeiros passos.

trar inteligências e a formar adeptos, seguidores e discípulos.

À sua sombra, como num jequitibá possante e frondoso, aninharam-se jovens desejosos de seguir o seu exemplo. Nêle, sempre tiveram o mestre e o guia para a difícil tare-

Eurico Santos, ao agradecer a homenagem

DADOS BIOGRÁFICOS

Eurico de Oliveira Santos nasceu no Rio de Janeiro a 28 de junho de 1883, filho de Manuel de Oliveira Santos e Elvira de Sousa Pacheco Santos. Fêz seu curso de humanidades no Mosteiro de São Bento, do

Figura 52 – Nota «Homenagem a E.S. pelos 40 anos de divulgação científica» publicada pelo jornal carioca *Correio da Manhã* (13 nov. 1959, p.5, 1º Caderno). Transcrição de trecho da nota: "Pela sua fecunda existência como escritor e divulgador das coisas da natureza, consignada agora em 40 anos de intenso e ininterrupto labor na imprensa e em livros versando sôbre a flora e fauna do Brasil, Eurico Santos foi alvo ontem de significativa homenagem por parte do Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura, do qual se aposenta aos 76 anos de idade". Na edição de 15. nov., resumo dessa nota foi publicada na coluna *Um pouco de ciência*, do jornalista Fuad Atala (1933-2019) "na qual [...] artigos [de E.S.] sôbre animais e plantas brasileiros, escritos de forma agradável e de fácil entendimento são muito apreciados".

A Ordem dos Velhos Jornalistas deu ontem o seu almôço mensal no restaurante da A.B.I. [Associação Brasileira de Imprensa] [...]. Voltou Belfort de Oliveira a dizer que, em nome da Ordem, se congratulara com o velho jornalista Eurico Santos pela sua aposentadoria, no que foi secundado por Alfredo Neves, que pôs em relevo o merecimento do aposentado como jornalista especializado em questões agrícolas (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 26 nov. 1959, p. 2 e 8).

HOMENAGEM AO DÉCANO DOS DIVULGADORES AGRÍCOLAS: RIO DE JANEIRO - Distrito Federal - Sr. H. S. dos S. - Agradecemos a lembrança, mas nós já haviamos tomado conhecimento da homenagem, embora não com prazo bastante para que nos pudessemos fazer representar. Trata-se do nosso prezado colaborador da "velha guarda", Prof. Eurico Santos, por motivos de sua aposentadoria, depois de quarenta anos de atividades na imprensa, no Ministério da Agricultura. A homenagem teve por local o auditório daquele órgão federal, no dia 12 de novembro, por iniciativa do Serviço de Informação Agrícola e contou com o apoio de outras instituições e amigos daqueles divulgador estudioso da nossa fauna e flora. CHA. E QUI., contando com a amizade e preferência para divulgação dos escritos do cientista patrício, registra jubilosa o acontecimento e, às congratulações que em grande número foram apresentadas a Eurico Santos, junta as suas, as mais gratas e sinceras (Chacaras e Quintaes, n.6, 1959, p.869).



Figura 53 – Agrupamento de quatro destaques sobre E.S.: «Eurico Santos: 40 anos de divulgação científica» (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 15 nov. 1959, p.3, 4º Caderno), «Homenagem a Eurico Santos pelos 40 anos de divulgação científica» (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 13 nov. 1959, p.5, 1º Caderno), «Vinte e cinco anos de trabalho em pról da divulgação agrícola» (O Campo, n.78, p.44, 1938) e «Mérito Agrícola: agraciados de 1960» (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 15 jul. 1960, p.2, 1º Caderno).

Como professora de ciências, Vivian Mendonça (2008, p.61) reitera observação de E.S. sobre o desconhecimento da fauna brasileira pelos alunos de grandes centros urbanos:

> Os nossos estudiosos da Zoologia, os estudantes que saem dos ginásios, conhecem os princípios biológicos, mas pouca cousa lhes disseram a respeito dos animais que povoam a terra brasileira (Santos, 1942, p. 5).

Mendonça também destaca, na obra de E.S., conexão entre os conteúdos de ciências apresentados na escola (conhecimentos de zoologia) e o folclore em torno de algumas espécies da fauna (saberes populares): “A vida real do cunauaru tem feições de lenda. E assim, ao relatar-lhes a vida lendária fica-se sem saber onde os lindes da realidade terminam para se entrar no campo sem horizontes da fantasia” (Santos, 1942, p.100).

Para Silvio Marchini (2013), doutor em Conservação da Vida Silvestre, os livros da coleção *Zoologia Brasílica*, mais do que influenciar a sua formação profissional, serviram como inspiração. Para Sandro Von Matter[90], fundador do Instituto Passarinhar, o estilo simples e agradável dos textos de E.S. provavelmente motivou a vocação de muitos leitores que, mais tarde, se tornaram zoólogos e conservacionistas:

> Ao caminhar pela Rua São Bento, no centro de São Paulo, vi algo que mudaria a minha vida: exposto em uma vitrine de uma grande livraria estava a obra *Pássaros do Brasil* [...] ganhei meu primeiro livro sobre aves brasileiras [...] a obra de autoria de Eurico dos Santos — até hoje, um dos meus livros preferidos — não mudou apenas a minha vida, mas influenciou gerações de cientistas e pesquisadores de renome que leram o livro na infância ou na adolescência e, hoje, se dedicam à pesquisa e conservação das aves brasileiras (Matter, 2015).

Em 2015, E.S. foi homenageado em citação no *Livro Vermelho das Crianças* (Fig. 00). Em 2017, mencionado na obra *Vox: arte, cultura e ciência no Brasil* (Fig. 00), que apresenta a trajetória de vida de 52 personagens das diferentes áreas do conhecimento que, por meio das suas ideias e ideais, teorias e práticas, sonhos e realidades, ações e emoções, tornaram-se vozes celebradas por suas relevantes contribuições à ciência, tecnologia, educação, arte e cultura, bem como para o conhecimento da história do país e de seus valores.



Figura 54 – Citação em homenagem a E.S. no *Livro Vermelho das Crianças* (Maia; Freitas, 2015, p.21). Ilustração de Mikael Lúcio Nunes Ferreira, aluno da Biblioteca Infantil 104/304 Sul (Escolinha de Criatividade), Brasília, DF.

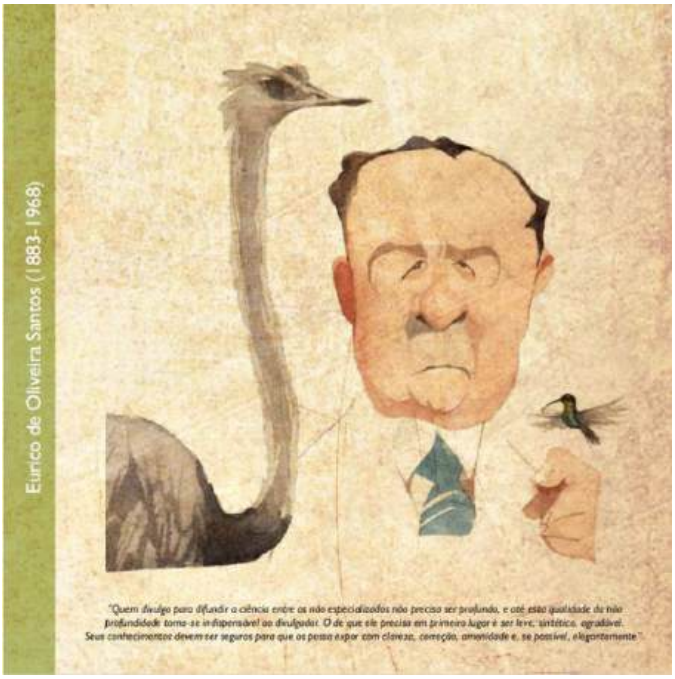


Figura 55 – Caricatura de E.S., ilustração de Kleber Sales para o livro *Vox: arte, ciência e cultura no Brasil* (Maia; Sales, 2017, p.40).

Silveira (2020) apresenta, em vídeo, a terceira edição de *Pássaros do Brasil*, obra que o influenciou a estudar as aves em 1962:

> Olá, meus amigos observadores de aves. Vou mostrar a vocês um livro que [com o qual] comecei a estudar as aves em 1962. Trata-se de Pássaros do Brasil, E.S., 1960, a publicação. [...] um livro em branco e preto, com algumas espécies, descrevendo bastante coisinhas, histórias, com algumas pequenas pranchas. [...] Muito interessante.

Em depoimento, Crozariol (2024) revela o valor inestimável de E.S. em sensibilizar leitores com a sua escrita direcionada às aves bem como na sua formação:

> No meu aniversário de 13 anos [3-10-99], foi quando te conheci, em um livro [Pássaros do Brasil] dado pelos meus pais, Fátima e Otacílio. Ainda me lembro do cheiro... Um texto seu, eternizei em meu TCC. “Mal se vislumbra o crepúsculo matutino e já os pássaros começam, ainda dentro dos ninhos onde adormeceram, a saudar mais uma vez o dia que aí vem, como que enternecidos diante do esplendor do mundo. A luta pela existência, os mil perigos que os cercam e que bem conhecem, jamais lhe ensombram o ânimo”. Você, Eurico Santos, é desses desconhecidos que fazem muita falta. Todos deveriam ler um livro seu. Aliás, como seria mais linda a natureza do Brasil se mais pessoas tivessem lido o que você escreveu em seu tempo! Parabéns pelos seus 140 anos e obrigado por ter me ensinado tanto (Crozariol, 2024)[91].

Silva (2024) relembra E.S. como “precursor da zoologia cultural”, crítico das "incorreções biológicas nas poesias e textos literários sobre bichos" assinados, por exemplo, por Esopo e La Fontaine.



O Homem e a Flor

QUANDO O «SEXO-FORTE» DANDO VASÃO AO SEU SENTIMENTALISMO OPINA EM FAVOR DAS MAIS BELAS JÓIAS QUE A NATUREZA JÁ CRIOU: AS FLORES!

Reportagem de ROSSINI PINTO — (Exclusiva para «FON FON»)

Waldyr Finotti o homem que apresenta diariamente o programa "Hora da Broadway" pela Metropolitana, acha que estaria sendo injusto para com as outras flôres escolhendo apenas "uma" por isso preferiu escolher "tôdas" elas. Na foto, ei-lo com o repórter, do lado direito. — (Foto R. G.)

— Não. A pergunta é séria. Estou fazendo uma reportagem. Qual a sua flor? — insistimos.

— A orquídea.

Vendo que, desta vez o colunista falava sério, continuamos:

— Há alguma razão especial na escôlha?

— Lógico! — retrucou encarando firme o repórter. Continuou: — A orquídea é uma flor sóbria, elegante, pessoal. Enfim: é uma flor de elite para ser oferecida a outra flor que é a mulher... Isso! Isso mesmo! Diga isso, Rossini, em sua reportagem!

EURICO SANTOS O ZOÓLOGO FAZ SUA ESCOLHA

Arguido sôbre a flor de sua preferência, o autor da "Zoologia Brasílica" e de "Folclore, Lendas e Costumes dos Nossos Animais" respondeu:

— Como a consulta envolve uma questão de gôsto, sinto-me bem à vontade em responder que para mim, são as orquídeas, as mais belas flôres do mundo.

Tôdas as orquídeas são inegàvelmente belas, mas pela estrutura e tamanho das flôres, riqueza de colorídos, as mais famosas são Cattleya e Laelia.

— Mas há uma turma encatadora: **Miltonia, Ondicium, Zygepetalum, Brassavela**, que sei eu?

— Dirão muitos que as orquídeas não se notabilizam senão pela encenação aparatosa, de seus labelos espetaculares, mais falta-lhes a alma das flôres que é o perfume.

— Enganam-se. Como você, mais que ninguém sabe, pois há orquídeas cheirosas. Não é verdade?

— As **Cattleya** e **Laelia** geralmente não cheiram mais a **Cattleya velutina** tem cheiro e agradabilíssimo.

Alfodriguezia venusta é tão cheirosa que além do nome de "Orinaida-de noiva" é chamada "Branca-cheirosa", pois deixa escapar seu perfume pela manhã e à noite.

Algumas são cheirosas e não as temos, como tal, por exemplo **Brassavela** petriati, que durante o dia é totalmente inodora, mas à noite deixa evolar seu perfume que lembra ao de baunilha.

— Além das belezas das formas e colorídos, das suas relações com o mundo animal que as rodeia, sendo algumas só fecundadas pelos beija-flores, localizando-se outras nos formigueiros, um mundo de relações misteriosas e até indecifráveis, as orquídeas são dóceis e submissas à vontade do **homem**, que artificialmente, consegue casar, gêneros com gêneros diferentes, conseguindo, assim, novas formas que a Natureza não havia conhecido.

— Por tudo isso, acho-as as mais extraordinárias criaturas do mundo vegetal.

"A orquídea é uma flôr sóbria, elegante, pessoal. Uma flor de elite para ser oferecida a outra flor: a mulher" — são palavras do colunista social Jean Pouchard, do "Diário Carioca". — (Foto R. G.)

À nossa reportagem não respondeu o Martim Francisco, técnico do Internacional, de Pôrto Alegre, mas sim o Martim Francisco, filósofo e intelectual emérito que não hesitou em apontar a rosa "Príncipe Negro" como sua eleita do mundo maravilhoso das flôres, em segundo lugar — frisou ainda — coloca-se o cravo — (Foto C.M.)

Eurico Santos, figura proeminente do cenário jornalístico-científico brasileiro, autor de inúmeras obras sôbre ornitologia, ictiologia e biologia em geral teceu uma série de considerações sôbre as orquídeas, as suas preferidas. — (Foto "Sirota")

Figura 56 – «O Homem e a Flor» “Quando o «sexo-forte» dando vasão ao seu sentimentalismo opina em favor das mais belas jóias que a natureza já criou: as flores. Reportagem de Rossini Pinto — Exclusiva para «FON-FON»”. Breve [e única] entrevista com E.S., “arguido sôbre a flor de sua preferência”.*Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiante*, n.2626, 1ª quinzena mar. 1958, p.6-7.

1.7. REDE DE CONTATOS

"Ele sempre solicitava a opinião dos especialistas em cada assunto particular que abordava, para não deixar escapar nenhuma gafe. Daí o enorme sucesso dos seus livros. [...] todos eles vazados em estilo simples e muito agradável, alicerçados em trabalhos científicos".

H. NOMURA[92]

"Eurico Santos é um velho companheiro da Sociedade Nacional de Agricultura onde durante muitos anos foi membro de sua diretoria [secretário]" [lxii]. "Faz parte de várias instituições científicas e representou o Serviço de Economia Rural na Comissão Executiva da Pesca" . E.S. era bastante participativo em organizações civis — agremiações, associações e sociedades científicas e não-científicas, nacionais e internacionais — e debates públicos nos campos da agropecuária e da conservação da natureza. Não é raro encontrar o seu nome nos jornais e revistas do século XIX, vinculado a essas organizações — como membro de diretoria ou associado — e eventos — representando revistas (Fig. 57 a 65), jornais ou o Serviço de Informação Agropecuária do Ministério da Agricultura:

> Em reunião da Commissão Executiva da Conferencia Nacional de Pecuaria, na sede da Sociedade Nacional de Agricultura, Eurico Santos foi escolhido, "pela reconhececida competência", como um dos relatores das "theses essas que serão discutidas nas sessões da Conferencia" (Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1 fev. 1917, p.3).
>
> [...] realizada no edificio da Bibliotheca Nacional, não havendo para ellas convites especiaes. 15ª Commissão [E.S. e Dr. Ptolomeu A. Brasil] — Animais diversos — Não se reunio hontem a 15ª Commissão da Primeira Conferencia Nacional de Pecuaria, e isso porque não houve numero. Ficou marcada outra para hoje, ás 3 horas, na séde da Sociedade Nacioanl de Agricultura (Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 18 out. 1917, p.3).
>
> Ele foi sócio do Clube Zoológico, da Sociedad Ornitológica del Plata, da Secção Brasileira do Comitê Internacional para a Proteção das Aves, da Sociedade Nacional de Agricultura, da Sociedade Brasileira de Avicultura, da Sociedade Brasileira de Entomologia, da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza e de muitas outras associações nacionais e estrangeiras (Nomura, 2009, p.72).
>
> Em reportagem do jornal A Noite de 26 de novembro de 1953[93], em matéria intitulada: Plano de defesa dos recursos naturais do Brasil [...] Nesta mesma reunião estiveram presentes [...] Eurico Santos [...]. Ou seja, [...] reunia-se constantemente com outros atores, vinculados ao Ministério da Agricultura, que discutiam questões pertinentes à natureza brasileira; o que sugere a constante circulação e troca de ideias de cunho conservacionista também nestes ambientes da burocracia estatal (Brandão, 2017, p. 21).

[lxii] *A Lavoura*, n.11-12, 1959, p.44.
[lxiii] *A Lavoura*, n.11-12, 1959, p.46.



N.º 5 O CAMPO 157

Sociedade Brasileira de Botanica

No dia 8 do corrente realisou esta Sociedade uma sessão ordinaria, á qual compareceu elevado numero de socios. Assumindo a presidencia, o Sr. João Barbosa Rodrigues Junior dem conta á assembléa dos actos praticados apos a sessão anterior, communicando ter apresentado [illegible] o 1.º orador, Dr. Lafayette Cortes pelo passamento de um [illegible] e propondo um voto de pesar pelo fallecimento do sabio Hermann von Ihering, occorrido em 28-2-930.

Em seguida, apresentou as propostas de socios, [illegible] foram acceitos: effectivo technico — Enrico Santos; [illegible]; José Mariano de Castro Araujo. Informa o recebimento das publicações: Medicamenta, Boletim do Ministerio da Agricultura, Tropical Woods, Bordeira da Sociedade Mineira dos Naturalistas, O Campo, O Instituto Academico. Procedeu depois á leitura de um officio da Sociedade [illegible] dos Pharmaceuticos, de 18 de março, da qual [illegible] esta Associação teve opportunidade de se utilizar dos serviços technicos e commerciaes do Ministerio das Relações Exteriores, verificando o alto gráu de efficiencia já alcançado por esse novo departamento publico e comprehendendo como poderá o mesmo propulsionar o nosso prestigio scientifico, pediu ao seu director, sr. Joaquim Eulalio, para apresentar um programma com esse objectivo, ás sociedade sabias do Brasil. SS., com applauso do sr. ministro. — O. Mangabeira promptamente acquiesceu em fazel-o, realisando uma conferencia sob o titulo — Suggestões para um melhor conhecimento da producção scientifica do Brasil no estrangeiro — na sessão conjunta de todas as sociedades scientificas do Rio de Janeiro, a ser levada á effeito para tal fim no Syllogeu Brasileiro, Sala da Liga da Defesa Nacional, na noite de 11 de Abril proximo".

A assembléa approvou a proposta do Presidente para um entendimento com as sociedades scientificas, visando a realização dos desejos da Associação Pharmaceutica.

A Sociedade de Pharmacia e Chimica de São Paulo participou sua installação, á rua Florencio de Abreu, 3, S. Paulo.

O socio Manuel Carvalheira propoz fosse communicado á redacção de "O Campo" que a sociedade agradece o offerecimento para ser o seu orgão de publicações e que se aprove tambem um voto de pesar pela morte de D. Joaquim Arcoverde, Cardeal do Brasil. Approvadas as propostas.

O dr. Pires Brandão, thesoureiro, relatou em facto que lhe parece digno de nota e o traz ao conhecimento da Sociedade, apresentando em seguida uma proposta que se vae ler:

E' o facto que na remodelação dos jardins do Palacio Itamaraty, o dr. Octavio Mangabeira não trandou derrubar as palmeiras que ahi se encontravam, e com os cuidados possiveis fez transportal-as para outros sitios, sendo isso um facto louvavel, principalmente quando se vêm outros administradores supprimindo a solemne vegetação que orna o Rio de Janeiro. Assim propõe que a Sociedade Brasileira de Botanica vote uma moção de applausos á conducta daquelle Ministro, o que foi egregiamente approvado pela assembléa.

A seguir o sr. João Barbosa Rodrigues Junior disse que, se vivo fosse seu pae, completaria, a 22 de junho, 86 annos de idade, pelo que, sob proposta do sr. Pires Brandão, a Sociedade, nesse dia, irá depositar uma corôa de louros sobre o tumulo do prantead[illegible] morto, no cemiterio de S. João Baptista. Foi nomeada para tal fim a commissão composta dos srs. Pires Brandão (Paulo), E. T. da Fonseca, Manuel Carvalheira, Costa Lima, e João Barbosa Rodrigues Junior.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão.

Figura 57 – Nota sobre sessão ordinária da Sociedade Botânica do Brasil na qual E.S. foi aceito como sócio “effectivo technico” (O Campo, 1930, n.5, p.157).



Nº 7 O CAMPO 21

A Sociedade Entomologica do Brasil e a sua nova installação

Primeiros presentes á inauguração da nova sede da Sociedade Entomologica do Brasil.

O acto da installação revestiu-se de uma simplicidade solemne.

Como a Sociedade estivesse ha algum tempo sem eleger seus dirigentes foi o ultimo presidente, professor Raymundo, que tomou a palavra e [illegible] foi a mesa presidida pelo sr. Horacio Claudio [illegible] Diretor do "O CAMPO".

Accedendo a tão honroso convite, designou o [illegible] indicado o sr. dr. Leonardo Pereira [illegible] Enrico Santos para secretarios.

Pedindo a palavra o prof. Benedicto Raymundo, [illegible] proferiu em eloquente discurso o historico da [illegible] installação, que em summa era quasi o historico [illegible] pequena vida de entomologista.

Neste discurso não poude o orador eximir-se de pagar uma velha divida de gratidão e fel-o commovidamente.

Agradeceu, com palavras cheias, mas cheias de emoção, o esforço, o espirito de vergancia e tenacidade com que durante varias decadas a sua esposa o veni auxiliando na tarefa de estudar os lepidopteros aos quaes tem dedicado trinta annos de ininterrupto labor.

Foram trocados ainda outros discursos, entre o dr. sr. dr. Pires Brandão e J. Ferreira Serpa, todos comprehensivo de redacção.

Desde 2 de fevereiro de 1922 a fundação da Sociedade Entomologica do Brasil, a primeira instituição scientifica desta especialidade na America do Sul, e já desde 23 de julho de 1924, reconhecida de utilidade publica pela Lei nº 4.841.

Nasceu a idéa da fundação deste centro de estudos entomologicos, na casa 39 da rua do Ouvidor, então uma alfaiataria pertencente a José Corrêa Marques.

Nesta casa, junto á porta, era estabelecido com um mostruario de curiosidade do Brasil, o sr. Ludovico Miscow.

Em derredor deste emporio de insectos mumificados aglomavam, continuamente, dos homens, a que a paixão pelos lepidopteros era motivo de infindaveis palestras.

Um era o professor Benedicto Raymundo, outro Edward May.

Deste continuo tratar do assumpto nasceu, entre os tres, a idéa da fundação dum instituto de estudos entomologicos, onde se professem congregar naturalistas e amadores, para uma acção conjuncta imprimir orientação segura a este ramo das sciencias naturaes. Estava-se em época de franca incubação e assim em 2 de fevereiro de 1922 deu-se a eclosão maravilhosa da idéa a deixava de ser um projecto para se tornar uma realidade a Sociedade Entomologica do Brasil.

Realisou-se no salão da Sociedade Nacional de Agricultura o acto inaugural e ahi teve a sociedade a sua primeira sede.

O acto da fundação foi presidido pelo sr. dr. Humbal Porto, por não ter podido comparecer o dr. Miguel Calmon.

Aqui damos a photographia da mesa que presidiu á memoravel sessão.

Em esta a sua directoria no acto da inauguração: presidente: prof. Benedicto Raymundo, 1.º vice-presidente, dr. Adolpho Lutz, 2.º vice-presidente dr. Vergelio M. da Costa Lima, secretario geral Edward G. L. May, 1.º secretario dr. Adhemar Costa, 2.º secretario dr. Carlos Maranhão, 1.º thesoureiro Ludovico Miscow, 2.º thesoureiro P. Edmundo Monsaert.

Necessitando a Sociedade trabalhar com mais desafogo, em local apropriado teve a revista "O CAMPO" ensejo de offerecer a este nucleo de esforçados e abnegados estudiosos uma sala em séde onde hoje funcciona.

Instalou-se assim, entre nos, o patriotico instituto,

Mesa que presidiu, em 2 de fevereiro de 1922, a sessão inaugural da soc. Ent. do Brasil, vendo-se da esquerda para a direita, o dr. J. Barbosa Rodrigues Junior, Edward May, [illegible] Benedicto Raymundo, Ludovico Miscow e Carlos Moreira.

Por proposta do [illegible] Enrico Santos [illegible] concorreu unanime dos presentes, foi rejeitada a idéa de nova reunião para se eleger os dirigentes da [illegible]edade e acceita a da acclamação da seguinte directoria: Presidente, prof. Benedicto Raymundo; 1.º vice-presidente prof. Costa Lima; 2.º vice-presidente, Edward C. L. May; secretario geral, dr. Antonio Arruda Camara; 1.º secretario, Paulo de Miranda Ribeiro; 2.º secretario, Romualdo Pereira d'Almeida; 1.º thesoureiro, dr. Paulo José Pires Brandão; 2.º thesoureiro, dr. Gentil Pinheiro Machado e bibliothecario, Mario Rosa.

Estiveram presentes a esta reunião as seguintes pessoas: dr. Benedicto [illegible], Paulo José Pires Brandão, Antonio Carlos [illegible], Eurybio de Queiroz Mattoso Camara, [illegible] Braga, [illegible] Luiz Santos, Mme. Emilia Valdetaro da Silva, Horacio [illegible]audia da Siva, Guilherme Claudio da Silva, Eurico Santos, [illegible] Antonio de Arruda Camara, Manoel Nunes J. Pereira Serpa, Victor Miranda Ribeiro, Principe Paulo [illegible]agarin, Gentil Pinheiro Machado, Paulo de Miranda Ribeiro, Paulo Pires [illegible]randão, Luiz Rhomundo, Acacio Raymundo, [illegible] drs. A. de P. Leonardo Pereira, Frederico Schmidt, J. [illegible]son Rodrigues Junior, Evaristo Leitão e Dionysio Suarez.

Figura 58 – Reportagem sobre a inauguração da sede da Sociedade Entomológica do Brasil — em sala cedida na redação da revista *O Campo* —, a qual contou com a participação de E.S.: “O acto da installação revestiu-se de uma simplicidade solene” (O Campo, 1930, n.7, p.21). Provavelmente, a reportagem foi redigida pelo próprio E.S..



Instalada a secção brasileira do Comité Internacional para a Defesa das Aves

Instalou-se a sessão brasileira do Comité Internacional para a Defesa das Aves, composta das seguintes instituições: pelo Conselho Nacional de Caça, os Srs. Alberto Rego Más e Hugo de Souza Lopes; pela Divisão de Caça e Pesca, os Srs. Ascanio Faria e Gereville Hermesdorf; pelo Museu Nacional, a Sra. Heloisa Alberto Torres e Sr. João Moogen de Oliveira; pela Escola Nacional de Agronomia, os Srs. Campos Fiorencio de Mello Leitão e Honorio da Costa Monteiro Filho; pela Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio de S. Paulo, os Srs. Agenor Couto de Magalhães e Oliverio M. de Oliveira Pinto; pelo Instituto Oswaldo Cruz, os Srs. Arthur Neiva e Lauro Pereira Travassos; pelo Museu Paraense, Emilio [illegible], os Srs. Carlos Estevão [illegible] Domingos [illegible]ca; pela Sociedade Nacional de Agricultura, os Srs. Antonio de Arruda Camara e Eurico Santos.

A reunião em que foi instalada a secção brasileira teve a presença, [illegible] em dos membros, do representante do ministro da Agricultura.

Presidiu a reunião o Sr. Antonio de Arruda Camara que passou depois a presidência ao representante do ministro da Agricultura e, em seguida, assumia a presidência dos trabalhos para a eleição, o Sr. Cândido Firmino de Mello Leitão.

Foi eleita, por escrutinio secreto a seguinte diretoria: presidente, Alberto Rego Lins; vice-presidente, Ascanio Faria; secretário, Antonio de Arruda Camara.

Figura 59 – Nota publicada no jornal *A noite*, Rio de Janeiro, 28 jun. 1942, p.8.



Figura 60 – Da esquerda para a direita, E.S. é o terceiro. Fotografia “apanhada pelo *O Campo* quando da sua visita a Nova Iguassú”, “grande núcleo citrícola do Estado do Rio de Janeiro” (O Campo, n.9, 1933, p.29).



Ecos duma visita ao Rio Grande do Sul

Quando da recente viagem que fizeram ao Rio G. do Sul, nossos companheiros, Eurico Santos e Manoel Nunes, tiveram êles ensejo de receber, em Caxias, uma demonstração de simpatia que nos faz cativos.

Instantaneo tirado por ocasião do jantar oferecido pelo jornalista A. Randazo

Figura 61 – E.S. em visita ao Rio Grande so Sul.*O Campo*, n.6, 1936, p.29. E.S., no centro.

Transcrição de trecho da “nota social”:
"Naquela pitoresca cidade o jornalista e agronomo A. Randazoo, fundador e redator do 'Il Giornale dell'Agricoltore', um periodico que serve com inteligencia e probidade a colonia italiana, como porta-voz de suas aspirações ao mesmo tempo que lhe leva a instrução agricola, teve o gesto carinhoso de oferecer aos nossos companheiros um jantar amistoso, seu sua propria residencia. Desta demonstração de absoluta cordialidade desejamos aqui deixar o registro.



Grupo de pessoas presentes á inauguração da Escola de Horticultura W. Bello, vendo-se ao centro o dr. Odilon Braga e dr. Simões Lopes

Figura 62 – *O Campo*, n.89, 1937, p 58. E.S. é o terceiro a partir da direita.

E.S. foi vinculado às seguintes organizações: Associação Brasileira de Imprensa; Clube Zoológico da *Sociedad Ornitológica del Plata*; Comissão Executiva da Pesca; Federação Brasileira dos Clubs Agrícolas Escolares[94]; Federação Rural do Brasil; Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza — membro-fundador; Instituto Agrícola Brasileiro; *Kennel Club* Brasil; Ordem dos Velhos Jornalistas; Seção Brasileira do Comitê Internacional para Proteção às Aves; Sociedade dos Amigos das Arvores — organizadora da «Primeira Conferencia Brasileira de Protecção á Natureza»; Sociedade Brasileira de Avicultura; Sociedade Brasileira de Botânica (Fig. 57); Sociedade Brasileira de Entomologia; Sociedade Entomológica do Brasil (Fig. 58); Sociedade Nacional de Agricultura e *Societé Nacionale d'Acclimatation de France*. Algumas vinculações eram sempre mencionadas na parte superior dos frontispícios ou das folhas de rosto dos seus livros publicados pela F. Bruiguiet & Cia. (Fig. 63):

> Diretor da "Fazenda Moderna", membro da "Société Nacionale d'Acclimatation de France" e do Instituto Agrícola Brasileiro, etc., etc. (*Manual do amador de cães, 1927*).
>
> Do Clube Zoológico, da Sociedad Ornitológica del Plata, da Soc. Nacional de Agricultura, da Soc. Bras. de Avicultura, da Soc. Entomológica do Brasil, etc. (*Anfíbios e répteis do Brasil*, 1942; *Manual do lavrador brasileiro*, 1944).
>
> Do "Clube Zoológico", da "Sociedad Ornitológica del Plata", da Seção Brasileira do Comitê Internacional para Proteção às Aves, da "Soc. Nacional de Agricultura", da "Soc. Bras. de Avicultura", da "Soc. Entomológica Brasileira", etc., etc. (*Nossos peixes marinhos*, 1952; *Peixes de água doce*, 1954; *Caças e caçadas*, 1955).
>
> Membro honorário da Soc. Brasileira de Avicultura, da Soc. Entomológica do Brasil, da Soc. Brasileira de Botânica, da "Société Nacionale d'Acclimatation de France", e membro honorário do Kennel Club Brasil, etc. (*O amador de pássaros*, 1955; *Manual do amador de cães*, 1947, 1971).


OBRAS DO MESMO AUTOR

ZOOLOGIA BRASILICA

OUTRAS OBRAS

ZOOLOGIA BRASÍLICA

IX

EURICO SANTOS

OS INSETOS

(VIDA E COSTUMES)

TOMO I

DESENHOS DE R. SECCHIN E BRUNO

F. BRIGUIET & CIA., Editores

Figura 63 – Folha de rosto de *Os insetos* (1961).

A Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza – FBCN foi criada em agosto de 1958 com a finalidade de “promover uma ação nacional para a conservação dos recursos naturais e para a implantação de áreas reservadas de proteção à natureza” (FBCN, 1966, p.2, 1972, p.3). Atuou até 1992 (Fig. 64, 65 e 66), mas sua maior influência no debate — local, nacional e internacional — sobre a conservação da natureza se deu, principalmente, nas décadas de 1960 — quando foram criados 11 parques nacionais — a 1980. A partir de 1966, passou a ter uma atuação mais estruturada, com a definição de extenso rol de associados — entre “técnicos florestais, naturalistas, universitários, excursionistas e jornalistas, podendo inscrever-se [como membro] todas as pessoas interessadas, independente de credo político, religioso ou discriminação racial” (Pinto, 1958) — e a publicação de boletins informativos anuais sobre a conservação da natureza no Brasil e no mundo. Quando a FBCN foi criada, já existiam outras organizações de proteção da natureza, o que facilitou a congregação de conservacionistas com amplo conhecimento, tanto científico quanto administrativo e burocrático, inclusive nas esferas pública e política — como E.S., vinculado ao Ministério da Agricultura, e Augusto Ruschi (1915-1986)[95], que tinha fundado e estruturado a Sociedade Brasileira de Proteção à Natureza - SBPN em 1954, a qual se incorporou à FBCN (Souza; 2024).

> A entidade, que não tem côr política, racial ou religiosa, deverá bater-se pelos problemas relacionados com a natureza, sob dois aspectos: tomada de consciência administrativa e tomada de consciência popular. Na primeira reunião foram discutidos aspectos do tema, encarecendo-se a necessidade urgente de chamar os governos e o povo em geral para que compreendam os malefícios causados pela atual política desenfreada da exploração irracional de nossos recursos naturais, em que nem mesmo os monumentos e as reservas vitais são preservadas ou pelo menos submetidas a um aproveitamento sistematizado, pondo em risco as gerações futuras (Pinto, 1958).



Figura 64 – Capa do Boletim FBCN, v.23, 1988.

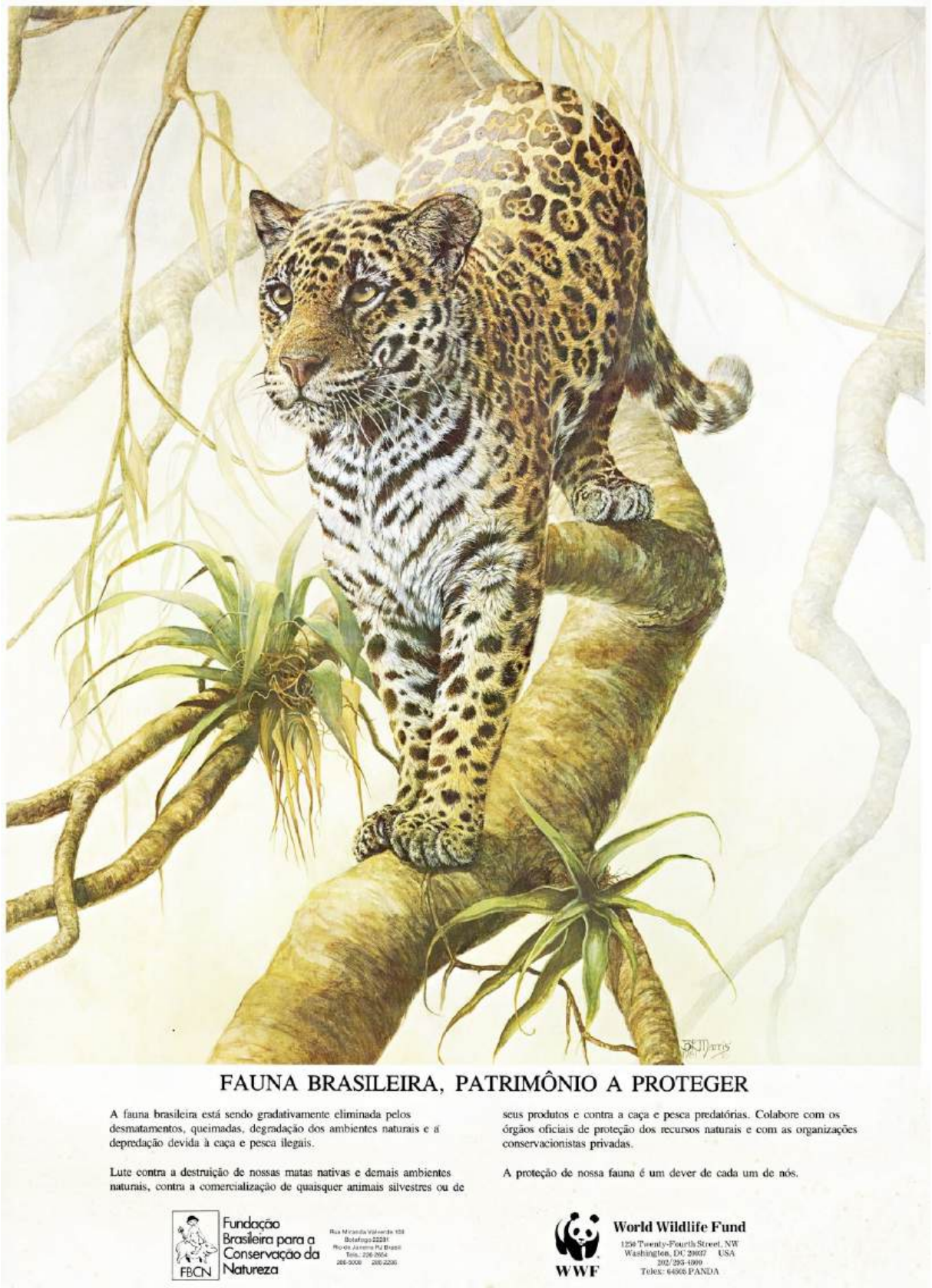


Figura 65 – Cartaz da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza - FBCN confeccionado em parceria com o Fundo Mundial para a Natureza - WWF. Pintura de Bonnie Marris[96].

NATUREZA BRASILEIRA JÁ TEM SOCIEDADE DE AMIGOS

Criada a Fundação para a Conservação da Natureza — Preservar nossos recursos naturais renováveis e não renováveis — Adesões chegaram desde o primeiro momento de todos os pontos do país — Flora, fauna, água, solo e paisagens na mira da F.B.C.N.

A fim de promover, recomendar e realizar uma ação nacional no sentido de preservar os recursos naturais renováveis e não renováveis do país, foi criada a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, que um grupo de técnicos, naturalistas e entusiastas vinha projetando desde há alguns meses, após minuciosos estudos e consultas. A solenidade teve lugar na residência do sr. Luís Hermany Filho (Rua Barata Ribeiro, 181), onde se discutiu e aprovou a redação final do estatuto da entidade, que tem sede e fôro na cidade do Rio de Janeiro. Na próxima semana deverá ser tratado o registro em cartório, estando marcada para breves dias a solenidade pública de instituição, em local a escolher.

PROPÓSITOS

A Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza propõe-se a preservar nossos recursos naturais renováveis e não renováveis, em especial a vegetação, a flora, as populações animais, a fauna, as águas, o solo, as paisagens e os monumentos naturais, inclusive pleiteando a reserva de áreas que tenham valor científico, histórico, stético ou que apresentem importância econômico-financeira no bem-estar futuro das populações.

POR QUE TAIS ESPECIFICAÇÕES

Dando aos seus objetivos uma interpretação ampla, dentro do que se refere aos recursos naturais, a F. B. C. N. prevê a proteção de todo o complexo biológico que compõe a Natureza, sem naturalmente ater-se a princípios estáticos de contemplação, como seria de supor. Bater-se-á pela exploração, com renovação, dos recursos naturais do país, procurando implantar a mentalidade conservacionista sem a qual é impossível a consecução de qualquer política racional de exploração da terra. Assim, especifica a vegetação (as florestas, num sentido amplo) e a flora (as espécies pròpriamente ditas, ameaçadas de extinção); do mesmo modo, as populações animais e a fauna, às águas, o solo, etc.

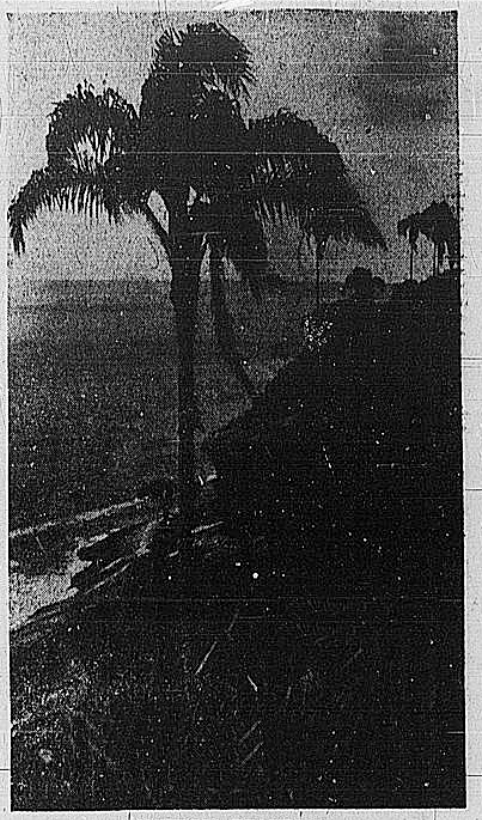
PATRIMÔNIO

O patrimônio da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza será formado pelos bens e direitos a ela doados ou legados, pelos adquiridos no exercício de suas atividades e pelos provenientes de rendas patrimoniais, podendo receber doações com ou sem encargos.

IDEALIZADORES

Desde maio do corrente ano vinham sendo discutidas as bases para a criação da F. B. C. N. Surgida a idéia, (que não é nova, pois há muito se pensa numa entidade com os mesmo fins) o grupo de id[illegible] arregou uma c[illegible] para est[illegible] o ante[illegible]eto de estatuto. Na[illegible] ce[illegible]s reuniões que se suce[illegible] então para discuti-lo e apre[illegible]tar emendas tomaram parte os s. Vitor Farah, Wanderbilt uarte de Barros, Artur Miranda astos, Harold Strang, Francisco glésias de Lima, Eurico Santos, uís Hermany Filho, Fernando egadas Viana, Rosalvo Magaães, Rossini Pinto e Fuad Ata-

A comissão de redação com-se dêste e dos srs. Vitor Farah e Rosalvo Magalhães, apresentan[illegible] do[illegible]osa colaboração na p[illegible] final [illegible]. Segadas Viana[illegible] puseram[illegible]ões [illegible]ista Bertha Ma[illegible] Antenor Rangel Filho, Augusto Ruschi, Rodrigo de Melo Franco Andrade, Wanderbilt Duarte de Barros e outros. A princípio pensou-se em criar uma sociedade, nos moldes da que pretendera há anos o prof. Augusto Ruschi. Finalmente, a idéia evoluiu e passou-se a estruturar a entidade na base de uma Fundação, nos moldes da Getúlio Vargas e outras congêneres.



NATUREZA BRASILEIRA
F.B.C.N. será sentinela avançada

ADESÕES

Assim que foi anunciada o movimento de criação da F. B. C. N., inúmeras foram as adesões recebidas não só de pessoas dos mais diferentes rincões do país, como também de entidades comerciais, (Ultragás, que atualmente promove, como nos anos anteriores, louvável campanha pelo reflorestamento), a Esso (fornecendo sua filmoteca especializada), da Fundação Brasil-Central, pondo à disposição a rádio, senador Coimbra Bueno, Carlos Drummond de Andrade (crônica publicada no *Correio da Manhã* no dia 6 de maio) e centenas e centenas de cartas dando adesão. Todos receberão cópia do estatuto, a fim de melhor aquilatar a maneira de participar da F. B. C. N.

Entidades autárquicas isentas do impôsto do sêlo

Dispõe o art. 9.º da Lei n.º 1.628, de 20 de junho de 1952, que o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico terá au[illegible]omia administrativa e perso[illegible]idade jurídica própria, go[illegible]o, como serviço público fe[illegible], de tôdas as vantagens e [illegible]ias respectivas, inclusive [illegible]to a impostos, taxas, direi[illegible]duaneiros, juros moratórios, [illegible]enhorabilidade de bens, fôro [illegible]tratamento nos pleitos judi[illegible]ais.

As entidades autárquicas estão [illegible]entas do impôsto do sêlo, "ex[illegible] do disposto no art. 31, item [illegible]ra A da Constituição Fe[illegible] conforme resolvido pelo presi[illegible] da República.

Nessa[illegible]ndições — acrescenta a Recebedoria — a mencionada entidade para-estatal está isenta do impôsto do sêlo na referida escritura, recaindo a responsabilidade do tributo, porém, sôbre o outro contratante signatário do papel, na forma do art. 2.º § 3.º da Consolidação das Leis do Impôsto do Sêlo.

Consulta Tabelião de Ofício de Notas desta Capital quanto à selagem de escritura lavrada em seu cartório.

A respeito, declara a Recebedoria do Distrito Federal que se trata de contrato de abertura de crédito fixo entre o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e emprêsa particular, destinado à complementação de recursos para a realização de projeto de construção de linha férrea, mediante pagamento de juros, comissões, taxas e outras despesas.

UNIFICAÇÃO
ALEMÃ

Figura 66 – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 set. 1958, 1º Caderno, p.10.

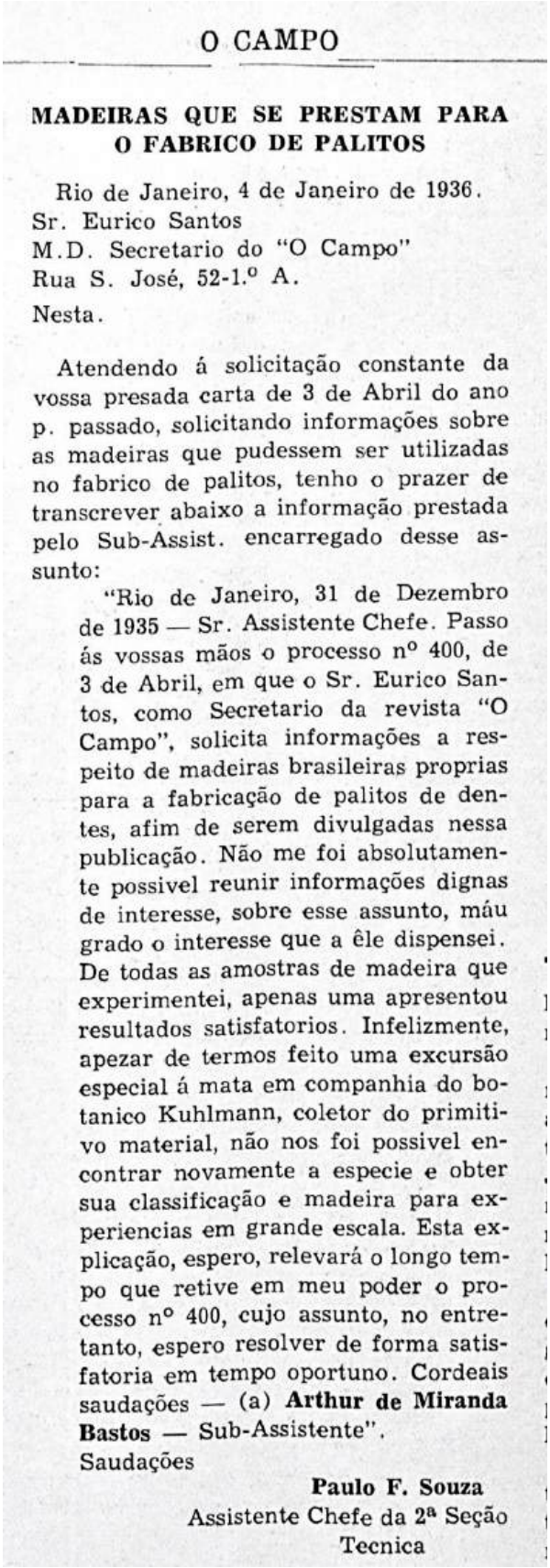
Transcrição de trecho da matéria: "Assim que foi anunciada o movimento de criação da F.B.C.N., inúmeras foram as adesões recebidas não só de pessoas dos mais diferentes rincões do país, como também de entidades comerciais [...] e centenas e centenas de cartas dando adesão [...]."

“Eurico Santos [...] valia-se, sempre que possível, da opinião de especialistas, tornando-se assim conhecido nos meios científicos ao mesmo tempo que adquiria um embasamento nos mais variados assuntos versados” (Oliveria,1978, p.8). A prática de consultar e citar doutos (Fig. 67 e 68) — que deu respaldo acadêmico e honrosos prefácios à obra e prestígio social ao autor junto às elites político-intelectuais, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo que, desde a década de 1920, abrigaram instituições de pesquisa que discutiam a proteção da natureza em consonância com o projeto de construção da identidade nacional —, sua proeminente atividade jornalística, intensa participação nos debates públicos e vinculação empregatícia ao Ministério da Agricultura foram substrato para o surgimento orgânico de uma vasta rede de contatos — acadêmicos, cientistas, especialistas e técnicos do setor agropecuário seduzidos pela sua escrita cuidadosa — da qual ele se valia para consultas. A rede, por sua vez, foi a retroalimentação da sua produção intelectual:

> Como o estudo dos peixes de água doce oferece realmente grandes dificuldades, tive de me valer de alguns especialistas Foi assim que entreguei as questões de sistemática ao dr. Haroldo Travassos[97], do Museu Nacional, que com absoluto desinteresse, como verdadeiro homem de ciência que é, deu se a enorme tarefa de ler minuciosamente este trabalho pondo-o em dia em referência as intrincadas questões de nomenclatura zoológica. E, fez mais, evidenciando seu espírito de colaboração, apontou aqui e ali senões que foram eliminados. [...] Agradeço igualmente ao dr. Ascânio de Faria a leitura que fez dos capítulos desta obra, e as observações que consignou sobre peixes de aquário (Santos, 1938, p.7-8).

> No presente volume sobre peixes marinhos recorri vezes sem conta à competência e ao espírito de colaboração do Dr. João Paiva de Carvalho[98] do qual recebi muitas sugestões, conselhos, aditamentos que mui sinceramente agradeço. Recebi também esclarecimentos, adições e sugestões do Dr. Demócrito Silva, da Divisão de Caça e Pesca, colaboração que igualmente agradeço. O professor Raul Briquet Júnior[99], da Universidade Rural, por solicitação minha, escreveu o primeiro capítulo deste livro, apreciando o mar como o berço de onde teria surgido os seres que habitam Globo Terrestre, gentileza que muito me desvanece. Ainda da mesma autoria, e escrito especialmente para esse livro, é o capítulo sobre peixes luminosos. O dr. Victor Wellisch, que entre nós pratica a pesca de mergulho, gentilmente se prontificou a relatar o que visse lá por baixo. Muitas e interessantes são as observações que fez, as quais se acham registadas em várias partes desta obra especialmente no capítulo XVII (Santos, 1952, p.9).

> Sou o coordenador desta obra e um de seus colaboradores. Ela teve, entretanto, mais de uma dezena deles, todos técnicos em várias especialidades da arte de pescar. [...] Na parte sobre psicultura vali-me do estudo de vários especialistas. [...] Não faz muito tempo num relatório da UNESCO, O Sr. Th. Monod lembra a necessidade de procurarmos na psicultura, um suplemento de proteína para nossa alimentação (Santos, 1964 *apud* Santos, 1985, p.10).



O CAMPO

MADEIRAS QUE SE PRESTAM PARA O FABRICO DE PALITOS

Rio de Janeiro, 4 de Janeiro de 1936.
Sr. Eurico Santos
M.D. Secretario do "O Campo"
Rua S. José, 52-1.º A.
Nesta.

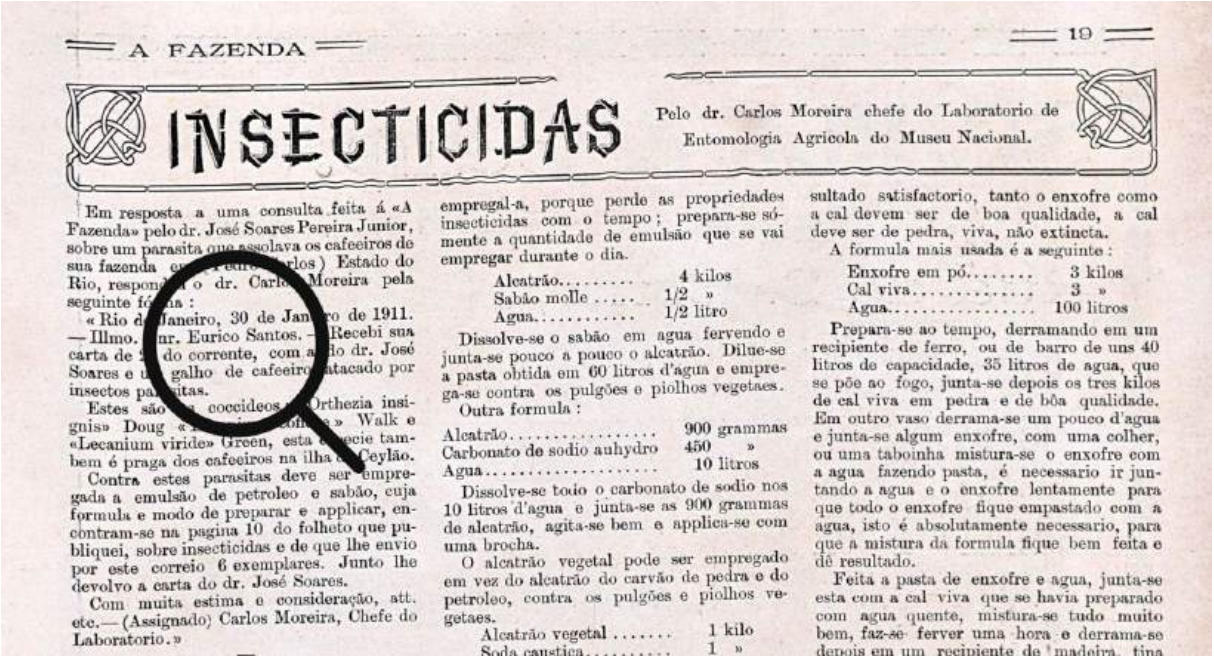
Atendendo á solicitação constante da vossa presada carta de 3 de Abril do ano p. passado, solicitando informações sobre as madeiras que pudessem ser utilizadas no fabrico de palitos, tenho o prazer de transcrever abaixo a informação prestada pelo Sub-Assist. encarregado desse assunto:

"Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1935 — Sr. Assistente Chefe. Passo ás vossas mãos o processo nº 400, de 3 de Abril, em que o Sr. Eurico Santos, como Secretario da revista "O Campo", solicita informações a respeito de madeiras brasileiras proprias para a fabricação de palitos de dentes, afim de serem divulgadas nessa publicação. Não me foi absolutamente possivel reunir informações dignas de interesse, sobre esse assunto, máu grado o interesse que a êle dispensei. De todas as amostras de madeira que experimentei, apenas uma apresentou resultados satisfatorios. Infelizmente, apezar de termos feito uma excursão especial á mata em companhia do botanico Kuhlmann, coletor do primitivo material, não nos foi possivel encontrar novamente a especie e obter sua classificação e madeira para experiencias em grande escala. Esta explicação, espero, relevará o longo tempo que retive em meu poder o processo nº 400, cujo assunto, no entretanto, espero resolver de forma satisfatoria em tempo oportuno. Cordeais saudações — (a) **Arthur de Miranda Bastos** — Sub-Assistente".

Saudações

Paulo F. Souza
Assistente Chefe da 2ª Seção Tecnica

Figura 67 – Carta-resposta a E.S. publicada em *O Campo* n,75, p.51, 1936.



A FAZENDA 19

INSECTICIDAS

Pelo dr. Carlos Moreira chefe do Laboratorio de Entomologia Agricola do Museu Nacional.

Em resposta a uma consulta feita á «A Fazenda» pelo dr. José Soares Pereira Junior, sobre um parasita que assolava os cafeeiros de sua fazenda em [illegible]los) Estado do Rio, respondeu o dr. Carlos Moreira pela seguinte fórma :

« Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1911. — Illmo. Snr. Eurico Santos. — Recebi sua carta de 1 do corrente, com a do dr. José Soares e um galho de cafeeiro atacado por insectos parasitas.

Estes são coccideos [illegible] Orthezia insignis» Doug «[illegible]» Walk e «Lecanium viride» Green, esta especie tambem é praga dos cafeeiros na ilha de Ceylão.

Contra estes parasitas deve ser empregada a emulsão de petroleo e sabão, cuja formula e modo de preparar e applicar, encontram-se na pagina 10 do folheto que publiquei, sobre insecticidas e de que lhe envio por este correio 6 exemplares. Junto lhe devolvo a carta do dr. José Soares.

Com muita estima e consideração, att. etc.— (Assignado) Carlos Moreira, Chefe do Laboratorio.»

empregal-a, porque perde as propriedades insecticidas com o tempo ; prepara-se sómente a quantidade de emulsão que se vai empregar durante o dia.

Alcatrão.....	4 kilos
Sabão molle	1/2 »
Agua.....	1/2 litro

Dissolve-se o sabão em agua fervendo e junta-se pouco a pouco o alcatrão. Dilue-se a pasta obtida em 60 litros d'agua e emprega-se contra os pulgões e piolhos vegetaes.

Outra formula :

Alcatrão.....	900 grammas
Carbonato de sodio anhydro	450 »
Agua.....	10 litros

Dissolve-se todo o carbonato de sodio nos 10 litros d'agua e junta-se as 900 grammas de alcatrão, agita-se bem e applica-se com uma brocha.

O alcatrão vegetal pode ser empregado em vez do alcatrão do carvão de pedra e do petroleo, contra os pulgões e piolhos vegetaes.

Alcatrão vegetal	1 kilo
Soda caustica.....	1 »

sultado satisfactorio, tanto o enxofre como a cal devem ser de boa qualidade, a cal deve ser de pedra, viva, não extincta.

A formula mais usada é a seguinte :

Enxofre em pó.....	3 kilos
Cal viva.....	3 »
Agua.....	100 litros

Prepara-se ao tempo, derramando em um recipiente de ferro, ou de barro de uns 40 litros de capacidade, 35 litros de agua, que se põe ao fogo, junta-se depois os tres kilos de cal viva em pedra e de bôa qualidade. Em outro vaso derrama-se um pouco d'agua e junta-se algum enxofre, com uma colher, ou uma taboinha mistura-se o enxofre com a agua fazendo pasta, é necessario ir juntando a agua e o enxofre lentamente para que todo o enxofre fique empastado com a agua, isto é absolutamente necessario, para que a mistura da formula fique bem feita e dê resultado.

Feita a pasta de enxofre e agua, junta-se esta com a cal viva que se havia preparado com agua quente, mistura-se tudo muito bem, faz-se ferver uma hora e derrama-se depois em um recipiente de madeira, tina

Figura 68 – Consulta feita por E.S. ao dr. Carlos Moreira (1869-1946), chefe do Laboratório de Entomologia Geral e Agrícola do Museu Nacional, a fim de esclarecer dúvida de leitor sobre “cafeeiro atacado por inseto parasita”. Publicada em *A Fazenda*, n.9, p.19, 1919.

No artigo do «Um raro, belo e curioso pássaro do Brasil — O Galo da Serra» “Apêndice G) — transcrição das páginas 111-113 de *Pássaros do Brasil* (1940), seguida de algumas informações adicionais sobre a espécie — E.S. cita, em um abarcamento só, os naturalistas Alexander von Humboldt (1769-1859) e Robert Hermann Schomburgk (1804-1865), os zoólogos Emilia Snethlage (1868-1929), Rodolpho von Ihering (1883-1939), Carlos Octaviano da Cunha Vieira (1897-1958), Frank Michler Chapman (1864-1945) e Alfred Edmund Brehm (1829-1884), e o ornitólogo Carlos Hieronymus Euler (1832-1901), além de mencionar visita à casa de Gastão Cruls (1888-1959), escritor, filho do belga Louis Ferdinand Cruls[100] (1848-1908), astrônomo do Observatório do Rio de Janeiro. Euler é citado 52 vezes em *Pássaros do Brasil* (1940)[101] e nada além do primeiro nome: “Euler”. De acordo com o Consulado-Geral da Suíça em São Paulo (2023, não paginado)[102]:

> Carlos Hieronymus Euler foi cientista e ornitólogo, que chegou ao Brasil no ano de 1853 e contribuiu para o *Journal für Ornithologie*, para o qual enviava artigos que depois foram traduzidos para o português e publicados sob o título de *Contribuição para a História Natural dos Pássaros do Brasil*. Seu trabalho mais destacado foi a descrição de ninhos e ovos das aves do Brasil (1900), elaborado em conjunto com o naturalista alemão Hermann von Ihering, no volume VI da *Revista do Museu Paulista*. Seu nome foi utilizado na identificação de três pássaros brasileiros: *Empidonax euleri euleri*[103], *Empidonus euleri lawrencei*[104] e *Coccyzus euleri*[105].

> O galo-da-serra, segundo Euler, faz um ninho aberto sobre os rochedos[82] e a postura tem lugar duas vêzes ao ano, dezembro e abril. Os ovos, dois em cada postura, são esbranquiçados e cobertos de pontuações pardo-amarelas. Humboldt informava que o ninho era colocado ao longo das paredes dos rochedos, entre fendas, e Schomhurgk diz que era fixado à rocha como o ninho das andorinhas, colado por meio duma resina. [Nota de rodapé 82] (82) Galo-da-rocha ("coq-de-roche" e "the Cocks of the Rock", dos autores franceses e ingleses) é designação empregada naturalmente devido à localização de seu ninho, entretanto, não parece popular tal nome, entre nós. (Santos, 1940, p.113).
>
> O ninho, diz Euler, e também Goeldi, é colocado a pouca altura, e geralmente em árvore insulada, no campo. Consiste numa tijela achaparrada, frouxa e sem revestimento, tendo como material, principalmente, raízes. Postura: quatro ovos muito parecidos com os de tesoura (*Miiscivora tyrannus*), um pouco maiores (Santos, 1940, p.87).

A seguinte nota publicada no Jornal do Commercio nos revela que os livros e folhetos de E.S., anunciados em abundância em diversos jornais e revistas, também viajavam pela costa brasileira em busca de seus leitores: "Embarcações Despachadas por Cabotagem[lxiv]. Vapor nacional — Itatinga — sahido em 15 de Fevereiro. [...] [com destino ao porto de Paranaguá. [...] Eurico Santos, 1 caixa livros, 500$" (Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 23 fev. 1913, p.7).

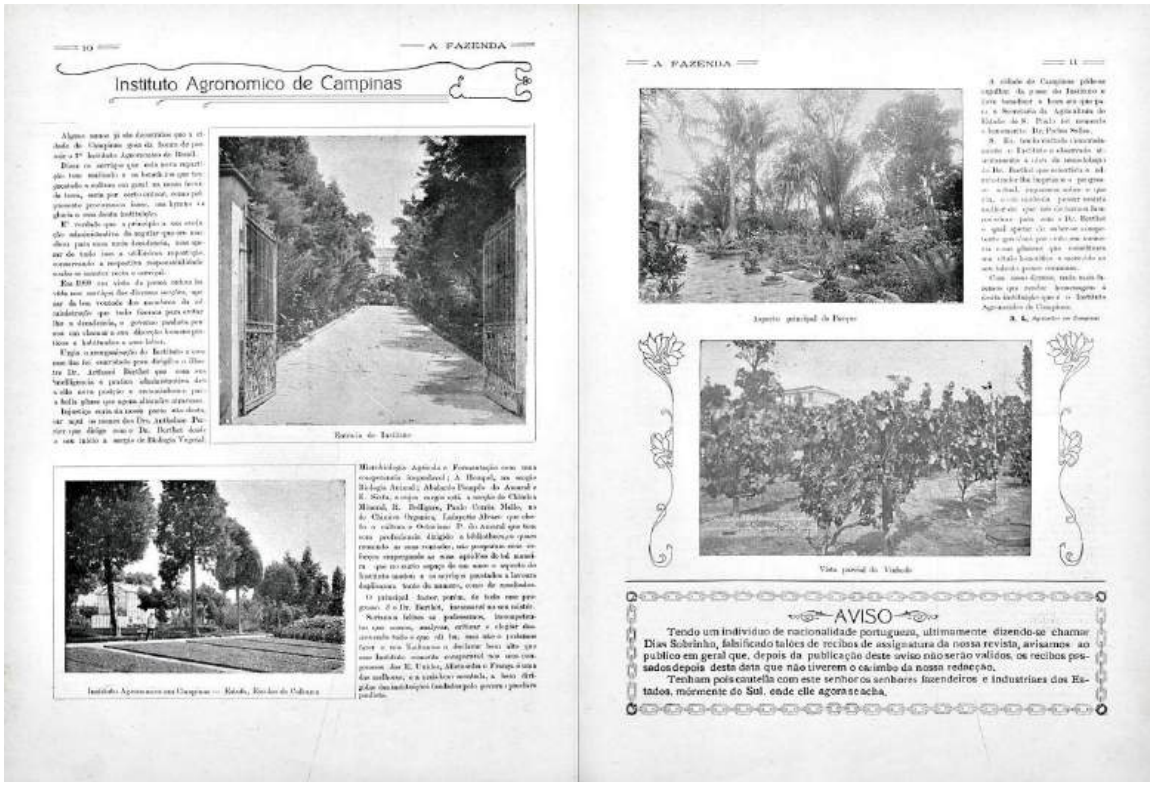


Figura 69 – Reportagem sobre o «Instituto Agronomico de Campinas». *A Fazenda* (n.5, 1910, p.10-11).

[lxiv] Náut. sf. 1. Navegação mercante que se faz na costa ou em águas marinhas limitadas; 2. Restr. Navegação mercante, costeira, entre portos do mesmo país. [F.: Do fr. cabotage.] (Aulete Digital, 2024).

2

A OBRA

Não transforma a sociedade o homem, segundo os meios em que se desenvolve sua ação, em outros tantos indivíduos diferentes, à semelhança das variedades em zoologia? As diferenças entre um soldado, um operário, um administrador, um advogado, um desocupado, um sábio, um homem de Estado, um comerciante, um marujo, um poeta, um mendigo, um padre são, conquanto mais difíceis de apreender, tão consideráveis como as que há entre o lobo, o leão, o asno, o corvo, o tubarão, o lobo-marinho, a ovelha etc. Existiram pois, e existirão sempre, espécies sociais como há espécies zoológicas. Se Buffon fez um trabalho magnífico tentando apresentar num livro[106] o conjunto da zoologia, não seria desejável fazer-se uma obra desse gênero com relação à sociedade? [...] O animal tem pouca mobília, não tem arte nem ciência, ao passo que o homem, por uma lei que ainda não foi desvendada, tende a reproduzir seus costumes, seus pensamentos e sua vida em tudo que apropria às necessidades.[107]

Honoré de Balzac (1799-1850)
Escritor

“O AGRO É POP”[108]

Augustos e digníssimos senhores
representantes da nação brasileira [...]
A falta de braços, de capitais e de instrução profissional,
meios indispensáveis para fazer frutificar vantajosamente
nosso vasto e fertilíssimo território,
é o maior embaraço com que luta a agricultura,
principal fonte da riqueza pública e particular.
Não é fácil prover rapidamente a essas necessidades,
mas tenho por certo que nossos perseverantes esforços
irão mantendo a prosperidade nacional
em seu progressivo andamento.[109]

Dom Pedro II (1825-1891)
Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil
durante a Assembleia Geral em 3 mai. 1875

2.1.1. DIVULGAÇÃO AGRÍCOLA OU CIENTÍFICA?

"A compreensão da ciência é a única defesa contra o medo que aflige uma grande parte da humanidade".

C. CHAGAS FILHO[110]

José Reis (1907-2002) (Fig. 70), personagem histórico mais destacado na divulgação científica brasileira, considerava necessário delimitar os objetivos e abrangência da divulgação científica (Massarani; Alves, 2019, p.56):

> A medicina e a agricultura de há muito merecem grande atenção na imprensa. [...] As práticas agrícolas encontravam e ainda encontram seções especiais em quase todos os periódicos; porém nesse terreno mudou muito a qualidade da informação, pois nos velhos tempos não era raro a seção agrícola dos jornais ser dirigida por jornalistas sem formação especializada [...]. Nem a informação médico-sanitária que se limita a orientar o leitor a respeito de boas ou más práticas de higiene e prevenção, nem a informação agrícola que só procura ensinar a plantar e cuidar dos animais se enquadrariam no atual conceito de divulgação científica. Apesar disso, no seminário de jornalismo científico[111] a que me referi, podia-se notar que para os representantes de certos países, especialmente da América Central, que se encontram abaixo do nosso em desenvolvimento, a divulgação científica não era outra coisa senão a publicação, pelo jornal, de informações de caráter técnico elementar sobre as lides agrícolas, ou sobre cuidados médicos (Reis, 1967, p.697).
>
> Com o tempo, entretanto, essa prática passou às mãos de engenheiros-agrônomos do mais alto padrão. Alguns jornais, como, por exemplo, O Estado de S. Paulo, mantêm suplementos agrícolas de elevado nível científico e técnico. Mas o que hoje se entende por divulgação científica é a veiculação em termos simples da ciência como processo, dos princípios nela estabelecidos, das metodologias que emprega [...]. Durante muito tempo a divulgação se limitou a contar aos públicos encantos e os aspectos interessantes e revolucionários da ciência. Aos poucos, todavia, passou a refletir também a intensidade dos problemas sociais implícitos nessa atividade (Reis, 1982, p.811).
>
> José Reis é um dos nomes mais conhecidos da divulgação científica brasileira, além de ter contribuído significativamente para a construção da ciência de nosso país. Reis teve papel fundamental na consolidação de instituições como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). [...] Em diferentes ocasiões José Reis se preocupou em delimitar os objetivos divulgação científica e o modo como esta deveria ser trabalhada. No entanto, a conceituação do que é a [divulgação científica] foi pouco trabalhada por ele. [...] Se nos primeiros anos de *Folha de S. Paulo* ele chegou a comparar a divulgação científica à propaganda, não menos de duas décadas depois ele faz oposição aos termos. Para ele, o trabalho de divulgador não se limitava a informar, mas também educar[lxv] o público leitor ao longo do tempo, além de tentar envolver estudantes a se interessarem por ciência a partir da promoção de feiras [de ciências] (Massarani; Alves, 2019, p.56).

[lxv] Para Malovoy (2005, p.2), "divulgar não é ensinar. [...] O desafio não consiste apenas em explicar bem um estudo científico, mas também em despertar o interesse dos leitores".

Bueno (1985, p.1421) define ***divulgação científica*** — muitas vezes denominada de ***popularização*** ou ***vulgarização da ciência*** — como “a utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral”, que pressupõe “***recodificação***, isto é, a ***transposição*** de uma ***linguagem especializada*** para uma linguagem não especializada, com o objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência”. “A divulgação científica cumpre função primordial [ao] ***democratizar o acesso*** ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada ***alfabetização científica***. Contribui, portanto, na ***inclusão*** dos cidadãos no debate sobre temas especializados e que podem impactar vidas e trabalhos (Bueno, 1995, p.1). Grosso modo, ampla variedade de textos pode ser classificada como “divulgação científica”, sem, contudo, encontrar “um único conceito que abarque toda essa gama de textos” (Nascimento, 2008, p.1). Já a expressão “jornalismo científico”, também segundo Bueno (1985, p.1420), é utilizada para definir a veiculação de informações científicas e tecnológicas pelos meios de comunicação de massa, confundindo-se com outras práticas que tratam da mesma veiculação, todavia, em outros formatos e com objetivos distintos, identificadas pelos termos ***difusão***, ***disseminação*** e ***divulgação***. Para ele, o jornalismo científico é “um caso particular de divulgação científica” e deveria seguir os princípios de objetividade, atualidade e imparcialidade que regem o jornalismo:

> O jornalismo científico se constitui em um caso particular da divulgação cientifica. Ele não se resume à veiculação de informações cientificas e tecnológicas pelos meios impressos e atende a pelo menos seis funções básicas. Deve estar a serviço dos interesses da coletividade e prestigiar os fatos e informações que não agridam a cultura nacional (Bueno, 1985, p.1420).



Figura 70 – Caricatura de José Reis, ilustração de Kleber Sales para o livro *Vox: arte, ciência e cultura no Brasil* (Maia; Sales, 2017, p.72).

Fioravanti (2022, p.2) tem uma definição para divulgação científica tão ou mais ampla do que a de Bueno (1985), na qual, penso, a obra de E.S. está abarcada:

> Apresentação de informações e descobertas (recentes ou não) ou do conhecimento científico e tecnológico (recente ou não) fundamentado em estudos, reflexões ou observações, dirigidas para um público heterogêneo, formado por pessoas que leem apenas em português e se interessam por descobertas científicas, com o propósito de informar, explicar ou ensinar. O termo informações se refere às áreas da ciência, como botânica, zoologia, medicina, geografia, geologia, astronomia, antropologia e etnologia.

A despeito da discussão conceitual sobre estar o periodismo agrícola — e terminologia afim (Fig. 71 e 72) — contemplado ou não pelo entendimento *stricto sensu* ou *lato senso* do que é divulgação científica —, e considerando que tanto as práticas agrícolas e pecuárias quanto a ciência e o desenvolvimento de tecnologias buscam, essencialmente, aumentar a produtividade, os ganhos econômicos, a oferta de alimentos e o aumento do que se chama, subjetivamente, de qualidade vida —, é evidente o propósito da primeira em popularizar o conhecimento, seja para chacreiros e agricultores de pequenas e médias propriedades, alfabetizados, seja para o público seleto formado por latifundiários, a aristocracia branca — em busca de adequações e soluções para a perda da mão-de-obra escravizada — frequentadora da capital federal e das cidades mais populosas por onde circulavam periódicos veiculadores das coisas da agropecuária. Ainda que exista terreno para se discutir eventuais limites entre divulgação agrícola e divulgação científica, seria uma digressão infrutífera, ou mesmo uma cilada, discorrer sobre conceitos — diferenças ou particularidades — correlacionados à divulgação, ao jornalismo e, porque não, às práticas agrícolas, extensão rural e transferência de tecnologia. Assim, esta pesquisa foi despretensiosa em escrutinar a obra de E.S. à luz dos manuais de divulgação científica, restringindo-se a apontar um ou outro elemento destacado por Malavoy (2005) em seu manual.

Cabe ressaltar, contudo, que há diferença entre ser 'teórico da divulgação científica' ou 'divulgador da ciência, da técnica ou da informação', mas a ausência de um tesauro[lxvi] parece ser relevante apenas para o primeiro. "Além disso, damos menos importância ao método. O que os leitores querem saber antes tudo são os resultados da pesquisa e seu significado" (Malavoy, 2005, p.4).

[lxvi] n substantivo masculino 1. Rubrica: documentação. repertório alfabético de termos utilizados em indexação e na classificação de documentos 2. Rubrica: lexicologia. vocabulário de um ramo do saber que descreve sem ambiguidade os conceitos a ele atinentes; thesaurus Ex.: t. de museologia. (Dicionário Houaiss Eletrônico).



DIVULGAÇÃO AGRÍCOLA

(Com a colaboração do Serviço de Documentação do Ministério da Agricultura)

A cultura da quineira e suas bases técnicas

Em uma reunião de pesquisadores, químicos, agrônomos, biologistas e professores, realizada no Serviço Florestal do Ministerio da Agricultura, ficou resolvido promover a cultura da quineira no Brasil em varios pontos do territorio nacional.

O professor Wasicky ofereceu a colaboração do Estado de São Paulo, cujos trabalhos em matéria de plantas medicinais estão sob sua orientação e se encontram já bem adiantados. Contam os orgãos técnicos da Secretaria de Argicultura paulista com 23 postos de observação sôbre quineiras cultivadas em altitudes variáveis na terra bandeirante, nos cuidados e sob contrôle dos técnicos do Instituto Agrônomico de Campinas.

Dali poderão ser fornecidas mudas e mais mudas ao Serviço Florestal do Ministério da Agricultura, já de acôrdo com observações culturais e dados analiticos respectivamente procedidas e determinados em São Paulo, de suas próprias quineiras plantadas há alguns anos.

Outras medidas e outras diretrizes ficaram estabelecidas na referida reunião, não só sôbre a cultura e a experimentação da quineira, como sôbre a futura indústria, o comércio e a farmacologia do quinino e de outros alcalóides ou principios ativos das nossas plantas medicinais nativas, em geral aplicadas empiricamente, e por isto mesmo, de resultados muitas vezes contraditórios. O plano dos estudiosos, congregados no Serviço Florestal, vai, por isso, até ao contrôle dos efeitos e da eficiência dos remédios preparados à base daqueles principios.

SAFRA DE FEIJÃO EM ALAGÔAS

Ao Ministério da Agricultura o interventor em Alagôas informou que foram distribuidos em vários municipios do Estado 200 sacos de sementes de feijão, enviados de São Paulo.

Assim, promete ser promissôra a nova safra, que será sem dúvida superior à precedente, a qual foi prejudicada pelas chuvas.

FOMENTO AGRÍCOLA NO CEARA'

São animadoras as perspectivas das futuras safras no Ceará.

Na zona do litoral, onde as quedas pluviométricas ultrapassaram

Figura 71 – «Divulgação Agrícola», em *O Campo* n.177, p.2, 1944.

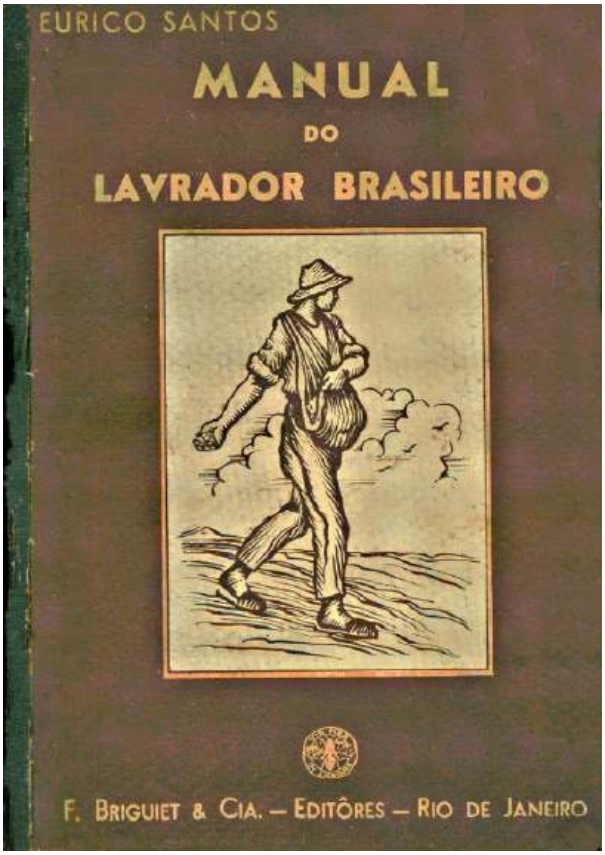


Figura 72 – Capa da primeira edição do Manual do lavrador brasileiro, publicado em 1944.

Transcrição de trecho da apresentação da obra pelo autor: “Pareceu-me indispensável reunir numa obra de conjunto, tudo que o lavrador brasileiro necessita saber e que se acha estudado em obras várias e diversas [...] Possa êsse livro influir um pouco na reforma de certas práticas rotineiras, na adoção dos bons e racionais métodos de cultivar o solo, dêle tirando o lavrador o maior proveito, com menor esforço, tal como se vem fazendo nos países de agricultura modernizada, e terei por bem empregado o tempo que consumi em organizá-lo.” (Santos, 1944, 7).

2.1.1. A DIVULGAÇÃO AGROPECUÁRIA NAS REVISTAS

"Neste país essencialmente agrícola, ele foi o protótipo do fazendeiro audacioso. Com uma energia tão grande como a sua confiança no futuro, desbravou sertões e cultivou o solo, aí trabalhou durante 10 anos, ao cabo dos quais, por ter sido acometido de uma paralisia, vendeu aquelas 'matas', então transformadas em cerca de 5.000.000 de cafeeiros, servidos por uma estrada de ferro particular, por ele construída e que os liga a Ribeirão Preto".

A. SANTOS-DUMONT[112]

A divulgação da ciência e dos avanços da tecnologia no campo da agropecuária — ressaltando sua importância social e econômica — encontrou no jornalismo do final do século XVIII e início do XIX espaço de veiculação promissor e acessível. Por meio dos jornais e, sobretudo, das revistas agrícolas, era possível estimular o progresso — o desenvolvimento de uma nação pode ser relacionado ao nível de conhecimento técnico-científico de sua população — a partir de um "filão comercial dos mais atraentes para investimentos, contemplado de anúncios de implementos agrícolas à necessária orientação técnica sobre produtos do campo", eventualmente alertando sobre os impactos do deflorestamento na erosão dos solos e da caça sobre a extinção de espécies, questões que já mobilizavam nomes como José Bonifácio (1783-1838), Joaquim Nabuco (1849-1910) e André Rebouças (1838-1898). Essas publicações não apenas incentivavam o uso de implementos agrícolas modernos e práticas racionais de manejo do solo, mas também articulavam ideias de modernização da lavoura que estavam profundamente conectadas ao fim da escravidão e à necessidade de superar as práticas devastadoras herdadas do colonialismo. Essa divulgação, para promoção do desenvolvimento, teve com fundamento ideias (Fig. 73 e 74) que exaltavam os trópicos como fonte de riqueza que, para ser reexplorada, tinha de ser cientificamente esquadrinhada e inventariada (Castelfranchi, 2010; Martins, 2003; Pádua, 2002; Salgueiro; 2017; Santos, 2008).

> As revistas rurais fluminense foram um meio de comunicação particular para construir um projeto de identidade que relacionou agrarismo e modernismo no Estado do Rio de Janeiro nos anos de 1920. [...] Considerando que os alicerces da modernidade se fundam na cidade e na industrialização, como pensar a modernidade em um país essencialmente agrícola? A modernidade aberta que se constituía aqui se apropriou da agricultura como a "verdadeira essência" da sociedade brasileira e transformou a lavoura em instrumento de ação política. A vocação agrícola ainda faz parte dos discursos políticos e de grande parte dos rendimentos do país. O surgimento do conceito de "agrarismo", também chamado de "ruralismo", e o conjunto de significados inerentes a ele relacionam-se diretamente à questão da grande propriedade. Interessa-nos observar como esse conceito

> foi manipulado e usado durante a Primeira República no Brasil, momento em que explode uma série de questionamentos sobre o modelo republicano, no qual é possível perceber uma crise dos setores oligárquicos da sociedade. Retomamos Reinhart Koselleck ao lembrar que os conceitos são uma mediação linguística da realidade social, seus usos indicam a base de uma ação política que representam a realidade social (Paiva, 2014, p.95-96).
>
> Os conceitos políticos e sociais tornam-se instrumentos de controle do movimento histórico. São não apenas indicadores, mas também fatores de todas as mudanças que se estenderam à sociedade civil a partir do século XVIII. Só no horizonte da temporalização se torna possível que os adversários políticos se ideologizem mutuamente. Com isso, a forma funcional da linguagem sociopolítica se modifica (Koselleck, 2006, p.299).

José Silvestre Rabello (1807-1891)[113], em artigo publicado em 1853 no periódico *O Auxiliador a Indústria Nacional*[114], já criticava a imprensa meramente opinativa, polêmica e emotiva: a imprensa "deveria publicar mais coisas úteis que habilitassem o país e não como diariamente eram impressas parvoíces, sandices, mentiras, intrigas, vilanias, capazes de fazer arrepiar os cabelos até os jumentos". "A agricultura era uma das temáticas que exigia iniciativas [...] área de conhecimentos por desvendar, campo profícuo para atrair leitores, posto que se tratava do mais representativo assunto para o País" (Martins, 2001, p. 283). A partir da década de 1920, muitas revistas dedicadas aos temas agricultura e pecuária passaram a circular. Contudo, "poucas foram as que transpuzeram o periodo dum anno de regular publicidade" (Santos, 1922, p.179):

> Empresas particulares que se abalançavam em tão aleatória iniciativa sentiam logo a indifferença, o desinteresse e a descuriosidade do publico e nesse ambiente de gelo morriam, não deixando entrepresa outro fruto que um exemplo da inutilidade desses esforços". Além disso, Santos ressaltava que havia, ainda, o problema do analfabetismo, pois, segundo suas palavras, à época "o Mas o enthusiasmo não arrefecia e raro era o anno que se não registrasse mais uma tentativa e consequente fracasso [...] Ainda na época presente a imprensa technica e scientifica, entre nós, luta com séiras difficuldades para subsistir. O nosso meio não comporta ainda estas especialisações por falta de publico interessado. A imprensa agricola, entre o periodismo technico, é a que maior publico conta e por este mortivo a que talvez possua maior representação. Mas essa propria imprensa destinada a uma classe numerosa, luta como a dos agricultores, num paiz de intensa vida rural, não encontra ainda elementos seguros para manter-se com desafogo e de maneira que melhor sirva o seu publico. É que o público mais letrado do interior do paiz ainda não se affeiçoou á leitura, e o número de iletrados sóbe a proporções que nos envergonham" (Santos, 1922, p.179) (Fig. 75).
>
> Diferentemente dos Estados Unidos, o Brasil não conheceu a extraordinária expansão da produção agrícola tanto voltada para o mercado interno quanto para o externo, e que foi realizada por camponeses europeus imigrantes. No Brasil [...] os grandes proprietários exportadores conseguiram promover e orientar a imigração européia para substituir o trabalho escravo nas grandes plantações, bloqueando-lhes, ao mesmo tempo, o acesso às terras devolutas existentes. A história da agricultura brasileira é, portanto, a história das

grandes culturas de exportação. A produção de alimentos para o mercado interno foi relegada a um segundo plano (Romeiro, 1987, p.71).

Não são só as pessoas cujas profissões reconhecidamente têm uma base científica, como a Medicina ou a Engenharia, que têm interesse em estar mais ou menos em permanente contato com diferentes ciências. Hoje, todas as indústrias, a agricultura e um grande número de outras profissões sofrem uma evolução rápida, devido à introdução dos métodos e processos científicos. A técnica moderna evolui para um estado racional, muito mais preciso e de rendimento muito maior (Ozorio de Almeida, 1931, p.235).


POR FAVOR, DIVULGUE ESTE ARTIGO

O CULTIVADOR

MAIS PARA OS LAVRADORES, DO QUE PARA OS DOUTORES

Lavrador! Plante mais um hectare!

Figura 73 – Capa da edição n.114 do jornal *O Cultivador*, 1956.

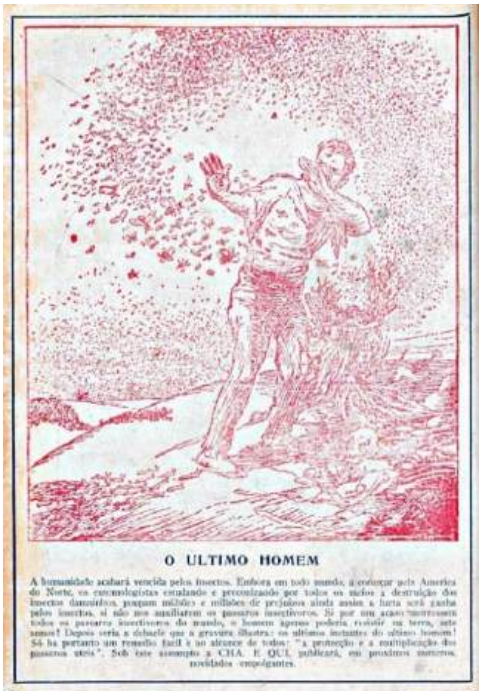

O ULTIMO HOMEM

Figura 74 – Revista *Chácaras e Quintaes*, v.44, n.2, 1931, verso da capa.

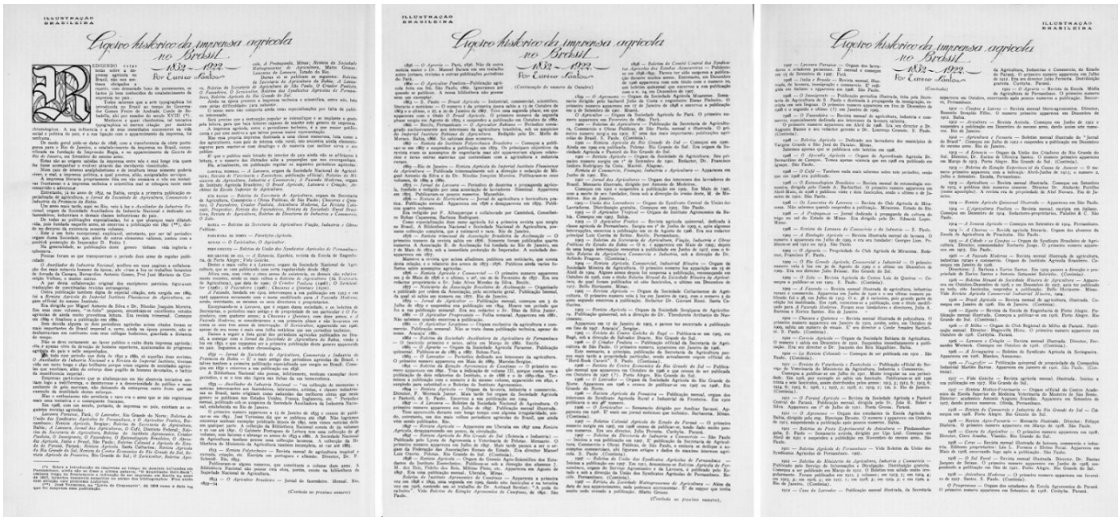

Ligeiro historico da imprensa agricola no Brasil

Figura 75 – «Ligeiro historico da imprensa agricola no Brasil (1832-1922)», artigo de E.S. publicado na revista *Illustração Brasileira* em 1922.

As revistas agrícolas abordavam os mais diversos assuntos relacionados às atividades rurais, avanços científicos, tecnológicos, econômicos e sociais. Os temas abordados podem ser agrupados em: agronomia, botânica, caça e caçadas, educação agrícola, exposições, fruticultura, geologia agrícola, mecânica agrícola, meteorologia, patologia vegetal, política agrícola, química agrícola, silvicultura, zootecnia (Bediaga, 2002), calendário agrícola, cartas e consultas enviadas à redação, agenda das autoridades governamentais agropecuárias, reportagens sobre as atividades econômicas de representantes da elite e prestação de serviços para o produtor rural. Eventualmente, alguma revista agrícola publicava sobre caça (destaque às revistas *Fauna* e *O Campo*) e animais da fauna brasileira (destaque às revistas *Fauna* e *Chacaras e Quintaes*). Nas revistas editadas por E.S., esses dois temas eram abordados com frequência, bem como a cinofilia para além de cães usados em caçadas. Em comum, todas lidavam com orçamentos baixos e com a expectativa de conseguir número razoável de assinantes regulares e venda de exemplares. Poucas dispunham de dotação exclusiva para a manutenção do negócio a longo prazo. Assim, o modelo de negócio dessas revistas dependia da venda de espaços para anúncios (Fig. 76) de toda sorte de produtos e serviços da indústria e comércio[115], além de insumos e equipamentos agrícolas —; venda de atenção dos leitores para anúncios que atrapalham a experiência do usuário (Piazza, 2021).


O CAMPO

O COMMERCIO DE ARTIGOS DESTINADOS Á LAVOURA E CRIAÇÃO, BEM COMO OS DE GRANDE EXTRAÇÃO NO INTERIOR DO PAIZ, TEM NAS PAGINAS DO "O CAMPO" UM LUGAR DE ESCOLHA PARA A PROPAGANDA DE SEUS PRODUCTOS. "O CAMPO" PELO ACERVO DE SUA MATERIA, PELA PROFUSÃO DE SEUS ENSINAMENTOS E INDICAÇÕES DE UTILIDADE EVIDENTE, ESTÁ CONSTITUINDO-SE UMA FONTE DE INFORMAÇÕES PRECIOSAS, QUE TODO O AGRICULTOR TERÁ DE CUIDADOSAMENTE GUARDAR EM SEUS ARCHIVOS.

A PROPAGANDA BEM ORIENTADA DÁ SEMPRE RESULTADOS EFFICIENTES. QUEM TIVER INTERESSES NO INTERIOR DO PAIZ, ANNUNCIE NO "O CAMPO".

Figura 76 – Anúncio da venda de espaço publicitário em *O Campo*, n.4, 1930, p.8.

Esse "filão comercial" atraía investidores interessados no mercado agrícola, ao mesmo tempo que oferecia aos leitores orientação técnica necessária para adotar tecnologias e práticas modernas. Ademais, a aproximação às instituições agronômicas e governamentais e a bajulação à elite política e agropecuária (Fig. 77 e 78) fortalecia a legitimidade, abrangência

e sobrevivência das revistas, consolidando-as como um canal estratégico para o progresso econômico e social do campo.

> O sr. Ministro da Agricultura em confabulação luminosa com o sr. Affonso Costa resolveu com sabias e descortinadas razões, indeferir os pedidos de assignaturas que até então o Ministerio tomava de varias revistas agricolas. [...] Resumindo: a acção do Serviço de Publicações e Bibliotheca fica restricta em fomentar o progresso dos seus Boletins, e a verba destinada a assignatura de publicações agrícolas, é só para os amigos, comprando-se-lhes também livros perfeitamente inuteis para os agricultores [...] (A Fazenda, n.35, 1913

A antológica frase de Karl Marx — "A história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa" — publicada em *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* (1852)[116] — pode ser rememorada se compararmos, *en passant*, estudos sobre as revistas agrícolas do século XIX com os que analisam (Daniel e Amodeo, 2013; Fiuza, 2018; Hamburger, 2000, Ribeiro, 2005; Ribeiro, 2017) a revista *Globo Rural*:

> A concepção do programa [Globo Rural] não se restringe a temas institucionais exclusivamente voltados à aplicação imediata na agricultura produtiva. "Rural" é entendido aqui em acepção cultural que incorpora o cotidiano de quem vive no campo, com seus poetas e belezas [...] (Hamburger, 2000).

> No dia 6 de janeiro de 1980, foi exibido, pela primeira vez, o programa Globo Rural. [...] Suas reportagens documentam a atividade agropecuária, a cultura, os costumes e tradições, paisagens de todas as regiões do Brasil. [...] Em 1985 foi lançada a revista Globo Rural que vem se consolidando no mercado do jornalismo impresso como uma das mais importantes publicações do gênero (Ribeiro, 2005, p.18).

> Nos anos 1980 [...], o campo passa a ser visto como uma possibilidade de retomada do crescimento nacional, dado o processo de "modernização" crescente vinculado ao padrão tecnológico difundido desde a metade do século (a chamada revolução verde). É nesse contexto que esta imagem de rural é apresentada na revista. Ela dialoga com os fazendeiros que tomam as decisões sobre o investimento em maquinaria e em tecnologia, visando o aumento de produtividade. Esse seria o recorte da imagem de rural privilegiada pela revista (Daniel; Amodeo, 2013, p.45).

> Comparando as três décadas, o ano de 1988 foi o melhor da Publicidade na revista *GR* [Globo Rural], com maior número de páginas, maior área total destinada à Publicidade e, portanto, mais anúncios. De 1988 para 2008, apesar do número de anúncios ter diminuído para quase a metade, de 211 para 111, observou-se que na revista *Globo Rural* esse número nunca ultrapassou os 29% de sua área total. Isso significou, por exemplo, que o dobro do número de anúncios em 1988 não representou o dobro de área de anúncios, inferindo-se, portanto, que eles são pequenos anúncios em maior quantidade. [...] a área dos anúncios não ultrapassou os 30% porque se sabe que no mercado editorial, evita-se que a área da Publicidade ultrapasse os 40% para não incomodar o leitor e causar reclamações. [...] Dentro da categoria "Maquinários, equipamentos, implementos e serviços rurais", que ocuparam quase 40% da área publicitária da *GR*, nas três décadas estudadas, levantou-se as representações feitas pelos anúncios de roçadeiras e bombas

> d'água. Nos anúncios de bombas d'água, percebeu-se a forte tendência de se mostrar o rural como um espaço de trabalho mecânico, transmitindo ainda a ideia de que, com a tecnologia adequada, é um espaço que promove a fartura (Daniel; Amodeo, 2014, p.248).

> Os conteúdos que se orientam predominantemente pelo princípio econômico-produtivo se distribuem em 237 textos, o que equivale a pouco mais de 48% do corpus. Neste eixo temático estão presentes pautas sobre aproveitamento fundiário; arrendamento; produção de grãos; agroindústria e agronegócios; estimativa de safras; rendimento de culturas de origem animal e vegetal; cotações de commodities; preços de insumos químicos, rações e sementes; produtividade de grandes e pequenos produtores rurais; transportes e escoamento de produtos agrícolas; cooperativismo; maquinários; leilões e eventos agropecuários; exportações; fontes de energia; crédito e empreendedorismo. [...] Nesta temática [Eixo técnico-científico] enquadram-se conteúdos sobre biotecnologia; dados científicos de espécies de animais e plantas; instrumentos e ferramentas de trabalho no campo; pesquisas realizadas em universidades; soluções técnicas para cultivo e criação; sanidade animal; irrigação; pastagens; melhoramento genético; manejo do solo; adubação; inovações tecnológicas; controle de pragas; nutrição animal; combustíveis e energia; manutenção de equipamentos; sistemas produtivos; análises climáticas; telecomunicação e informatização (Ribeiro, 2017, p.102).

> Enfatizei a atuação deste periódico na divulgação e organização de uma nova ruralidade brasileira, chamando a atenção de leitores urbanos e rurais através da memória rural e contribuir para modernizar o campo. [...] entre 1985-2000, pode-se observar a constituição de uma nova ruralidade, por meio da propaganda da modernização discreta da agricultura, transitando pelo campo e pela cidade [...]. Percebo essa narrativa como fomentadora de uma nova valorização do ambiente rural, visando atrair os olhares dos brasileiros e brasileiras e “remexendo nas suas raízes” rurais. A nova ruralidade como uma ideia de ambiente foi propagada pela revista num período histórico nacional marcado pela expansão da modernização agrícola, aprofundado a partir do pós Primeira Guerra Mundial. Esse processo foi caracterizado pela utilização de máquinas, de implementos agrícolas, de insumos químicos e do estabelecimento de novas relações sociais de produção, que passaram a ser utilizados em contraposição a “agricultura tradicional”, com o intuito de impulsionar o desenvolvimento econômico seguindo um padrão internacionalizado. A relação entre modernização do campo, as raízes rurais e a natureza foram as temáticas mais difundidas pela revista no período analisado [...]. A revista se apresentada como uma ferramenta para o homem do campo, e o acompanhava no dia a dia, auxiliando o mesmo a se tornar o agricultor moderno, através da palavra do agrônomo e dos institutos agrícolas para “integrá-lo” no processo de modernização da agricultura. [...] muitas vezes visto com preconceito por setores da grande mídia, o meio rural, até a fundação de Globo Rural, tinha poucos periódicos dirigidos exclusivamente a ele. Muitas vezes, devido a esse estereótipo de que o homem do campo não sabia ler, além dos índices de analfabetismo serem elevados nesses locais (Fiuza, 2018, p.125).

Duas curiosidades sobre as revistas agrícolas. A primeira, frequentemente os jornais publicavam notas sobre as revistas, cujos exemplares eram enviados às redações para divulgação. Essas notas, além de saudar as revistas e seus editores, apresentavam o sumário — ou parte dele — do número enviado ao jornal. A segunda, as revistas compunham grupo de articulistas colaboradores — frequentes ou esporádicos —, que eram divulgados no expediente da revista (Fig. 79). Muitos desses articulistas eram cientistas vinculados a

instituições de pesquisa ou a escolas superiores, que emprestavam o seu prestígio à revista ao publicarem seus achados nelas. “inclusive descrições de espécies novas” (Fig. 80) (Nomura, 2009, p.72).

Foi nesse ambiente exaltado do periodismo agrícola que E.S. proclamou quatro revistas, entre 1910 — como secretário da *A Fazenda* — e 1956 — quando deixou de ser citado no expediente da Seleções Agrícolas.



— 8 — — A FAZENDA —

O CAFE' NO BRASIL

Instantaneo apanhado por occasião da exhibição das fitas cinematographicas da cultura do café na fazenda de Santa Eugenia da firma Prado Chaves & C., empreendida pelo distincto agronomo e gerente das citadas fazendas Dr. Luiz Bueno de Miranda. Esta exhibição foi feita no theatro S. Pedro, tendo comparecido um mundo official e a imprensa, sendo o longo desenrolar do film muito apreciado em todas as suas partes.

O Dr. Luiz Bueno de Miranda, agronomo e gerente das fazendas citadas da Importante firma paulista Prado Chaves & C., emprehendeu o intuito util e de muito interesse de mostrar como era S. Paulo, nas fazendas por elle dirigidas e de intelligentemente e exhibiu do café, por apparelhos aperfeiçoados, os seus excellentes progressos, e o valioso e habilidoso concurso do nosso já distincto cinematographista J. Amaral, que prestou um optimo trabalho de cinematographia que acaba de ser exhibido.

Já tivemos occasião, por occasião da exhibição desse bello film no Casino de S. Paulo, em 8 de Agosto do anno findo, de nos exprimir sobre o seu valor, porém ainda mais elaborado ficou o nosso intelligente patricio Luiz Bueno, e devemos confessal-o, não haviam previsto o facto de nada inspeccionado deste trabalho.

Pouco antes, ao mesmo tempo, theatro São Pedro no dia 8 de Outubro, a exhibição deste instructivo film, realisando-se grande concurso de convidados, entre os quaes o mundo official e imprensa e que levou ao colmo o enthusiasmo, uma geralmente exclusiva, como a imprensa diaria noticiou fartamente, fizeram-se ouvir os commentarios com o distincto agronomo, que nos fez ver o luxo de muito interesse destas fitas.

O Dr. Luiz Bueno, que conhece a difficuldade com que se entrava o café em certas partes do mundo, difficuldade resultante do valor das terras e aquisição das precisas condições topographicas das terras que não permittem ao trabalho mechanico igual ao que se realiza nas fazendas por elle dirigidas e applicando a outras igualmente de nossas mãos, porém com intelligente descortino, a vantagem que teria a exhibição destas fitas no estrangeiro, especialmente nos paizes nossos consumidores do café.

A exhibição destes logares daria occasião de mais facil descripção porque facilmente se aquilatam a potencia de nossos apparelhos aperfeiçoados e por certo abandonariam o café por outro que esta uma vantagem poderá accrescer os desenvolver seus dominios consumidores.

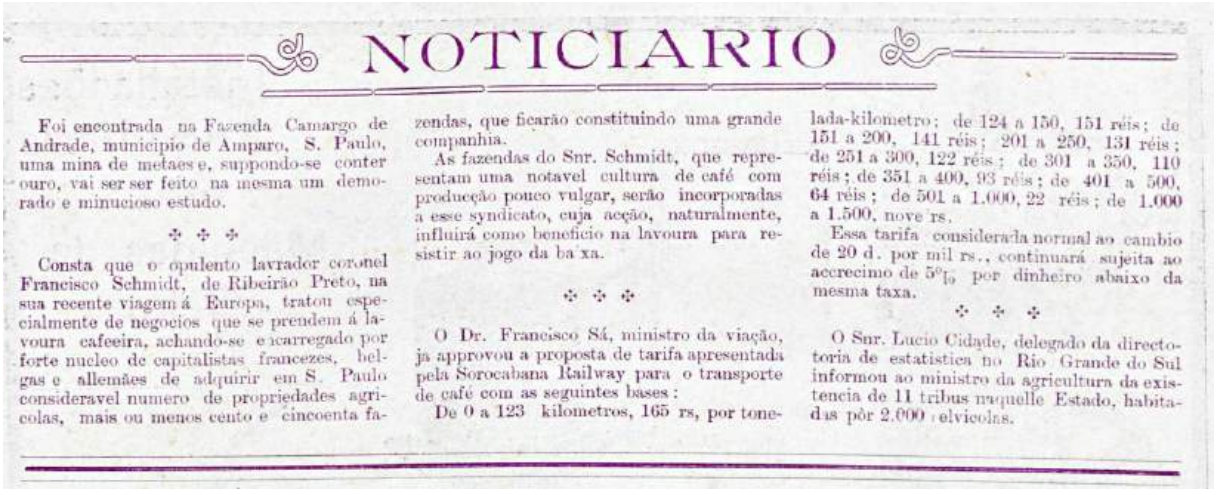
Esta descripção ao exhibir do mesmo trata vantagens colonaes á tela, que fornecem habilmente o manipulo de cultivo e, a troca desta cultura por outra, a ellas se limita vantagens, porque não, exclusiva em apoio mais tomada e com muito mais trabalho, devido a concurrencia, terrenos de mesmo Zaire a preoccupação da valiosa fazenda, o mesmo café outros nossos consumidores, a percebem em tempo precioso, um determinado meio interessar e entusiasmar a repetir do nosso ciclo de evolução neste cultivo.

Felicitando o Dr. Luiz Bueno, não sabemos por parte dos poderes publicos competentes a realisação que em justo exprimir e destas fitas vistas exhibição ao estrangeiro deve-se attentar a sua iniciativa particular, não podendo, portanto, passar desapercebido facto e que não se daria si a privada intervenção dos poderes publicos se fizesse sentir.

E de lamentar que esta propaganda tão intelligentemente dirigida, não tenha sahido, por parte do nosso Ministerio da Agricultura em apoio seguro e efficaz, tanto mais em se tratando deste producto que constitue o principal facto de riqueza do paiz.

AVISO Avisamos ao importante commercio de São Paulo, que deixou de fazer parte da nossa revista o agente de annuncios o Sr. Dias Sobrinho, não nos responsabilisando, pois, por qualquer transacção feita pelo mesmo sendo depois da publicação deste aviso.
Outrosim, avisamos, ao commercio daquella cidade, ser nosso representante commercial ahi o Sr. Oscar de Almeida, para quem pedimos a benevolente attenção daquelle importante centro commercial.

Figura 77 – «O café no Brasil» em *A Fazenda* (n.5, 1910, p.8). Transcrição da legenda da foto: “Instantaneo apanhado por occasião da exhibição das fitas cinematographicas da cultura do café na fazenda de Santa Eugenia da firma Prado Chaves & C.., organisadas pelo distincto agronomo e gerente das citadas fazendas Dr. Luiz Bueno de Miranda. Esta exhibição foi feita no theatro S. Pedro, tendo comparecido um mundo official e a imprensa, sendo o longo desenrolar do film muito apreciado em todas as suas partes”.



NOTICIARIO

Foi encontrada na Fazenda Camargo de Andrade, municipio de Amparo, S. Paulo, uma mina de metaes e, suppondo-se conter ouro, vai ser ser feito na mesma um demorado e minucioso estudo.

✣ ✣ ✣

Consta que o opulento lavrador coronel Francisco Schmidt, de Ribeirão Preto, na sua recente viagem á Europa, tratou especialmente de negocios que se prendem á lavoura cafeeira, achando-se encarregado por forte nucleo de capitalistas francezes, belgas e allemães de adquirir em S. Paulo consideravel numero de propriedades agricolas, mais ou menos cento e cincoenta fazendas, que ficarão constituindo uma grande companhia.

As fazendas do Snr. Schmidt, que representam uma notavel cultura de café com producção pouco vulgar, serão incorporadas a esse syndicato, cuja acção, naturalmente, influirá como beneficio na lavoura para resistir ao jogo da baixa.

✣ ✣ ✣

O Dr. Francisco Sá, ministro da viação, já approvou a proposta de tarifa apresentada pela Sorocabana Railway para o transporte de café com as seguintes bases:

De 0 a 123 kilometros, 165 rs, por tonelada-kilometro; de 124 a 150, 151 réis; de 151 a 200, 141 réis; 201 a 250, 131 réis; de 251 a 300, 122 réis; de 301 a 350, 110 réis; de 351 a 400, 93 réis; de 401 a 500, 64 réis; de 501 a 1.000, 22 réis; de 1.000 a 1.500, nove rs.

Essa tarifa considerada normal ao cambio de 20 d. por mil rs., continuará sujeita ao accrecimo de 5% por dinheiro abaixo da mesma taxa.

✣ ✣ ✣

O Snr. Lucio Cidade, delegado da directoria de estatistica no Rio Grande do Sul informou ao ministro da agricultura da existencia de 11 tribus naquelle Estado, habitadas por 2.000 selvicolas.

Figura 78 – Detalhe da seção *Noticiário* — na qual são enaltecidos ricos fazendeiros e autoridades públicas —, em página não numerada da edição n.5 de *A Fazenda*, 1910, entremeada às 13 páginas iniciais da revista (de um total de 36), também não numeradas, dedicadas à publicidade.



A FAZENDA

Revista illustrada mensal de Agricultura, Pecuaria, Industrias Ruraes e Commercio

Director, J. A. Barbosa ◇ Secretario, E. O. Santos ◇ Superintendente, M. Martins

Corpo de Collaboradores e consultores technicos

Figura 79 – «Corpo de Collaboradores e consultores technicos» da revista *A Fazenda* (n.1, 1910, p.10), que também contava com um “correspondente” no estrangeiro: dr. C. da Cunha Coutinho” citado na edição n.35, 1913, p.11.



Volume Decimo — N.º 2 — S. Paulo, Brazil, 15 de Agosto de 1914

CHACARAS E QUINTAES

MAGAZINE INTERESSANTE PARA TODOS

GUATA-APÁRA, um veado brazileiro desconhecido pelos scientistas

(Texto e photographia originaes para „Chacaras e Quintaes“)

(Phot. do A. — Cliché *Chacaras e Quintaes*)

Figura 80 – Artigo publicado em *Chacaras e Quintaes*, v.10, n.2, 1914, p.83.


Assignatura para 1910: **Dez milreis.** Este numero: **Um milreis.**

Numero de ensaio — Editor: Conde Amadeu A. Barbiellini — OUTUBRO DE 1909

CHACARAS E QUINTAES

CONSELHOS PRATICOS PARA TODOS

TIRAGEM DESTE NUMERO **20.000 Exemplares** | Redacção e Administração: Rua José Bonifacio, 17-S. PAULO | "Chacaras e Quintaes" sahirá uma vez por mez em volumes de 100 paginas cada um.

Todo aquelle que possue uma pequena chacara ou um quintal terá interesse e proveito em ler "CHACARAS E QUINTAES"

Figura 81 – Número de ensaio de *Chacaras e Quintaes*, publicado em outubro de 1909.

"*Chácaras e Quintaes* destacou-se entre os periódicos voltados à divulgação científica de temas rurais. Primeiro, por sua longa duração, depois, pelas altas tiragens que alcançou e finalmente pelos cientistas de renome que foram seus articulistas. O empreendimento comercial foi tão bem-sucedido que a revista se tornou uma casa editorial, publicando vários livros. Entender o papel desse periódico e sua importância para os articulistas que dele participaram consistiu no principal objetivo deste trabalho. A análise do conteúdo da revista no período de 1909 a 1948, permitiu constatar que os colaboradores se constituíam, tanto de cientistas vinculados a instituições de pesquisa e ensino e a órgãos governamentais, quanto de especialistas sem vínculo institucional, que acumularam conhecimento no desenvolvimento de atividades agropecuárias. Todos esses autores foram valorizados pela editoria do periódico, que os incumbia de responder pelos diferentes temas e seções da publicação e pelas consultas dos leitores. *Chacaras* caracterizou-se, portanto, como uma revista que aliava o conhecimento científico e prático aplicado às atividades agropecuárias" (Weltman, 2008, p.221).

E.S. e sua obra foram citados pelo menos 600 vezes na revista, no período 1930-68. Em 1959-60, citado no expediente como redator técnico do tema 'pássaros e aves ornamentais', presença constante na seção *Consultório do criador de passarinhos*. Entre 1961-67, citado como redator técnico do tema 'fauna brasileira'.

"[...] a imagem idílica de agricultores similares aos europeus retratava um campo romantizado e limpo. Os conteúdos da revista *Chacaras e Quintaes*, nos quais apareciam as imagens urbanas do centro, mulheres com roupas e joias cultivando os jardins, enquanto o restante do país vivia na mais completa penúria, retratos muito distantes das casas de pau-a-pique e a miséria do bócio mostradas pelas fotos das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil, entre 1911 e 1913, denotam a dicotomia que o país passava ao melhor estereótipo descrito por Monteiro Lobato, em *Urupês*, e Euclides da Cunha, em *Fazedores de Desertos*" (Silva, 2018, p.63).

Galeria da benquerença

E' evidente q
trato daqueles
QUI.. Mesmo
chêzinhos de m
fascículo, preci
dar completa

E' já sabido
quem faz a CH
onde vamos pô
páticas imagen
e dos comentár
laboradores de
ginas?

Também todo
é um magazin
forçosamente
agrônomos e d
ria, mas é tam
tos e não de
copa, ou cozinh
gamente os jor
nd hoc, ou sup
para o lar, par
etc. e tal. Som
três reinos das
tânica, zoologi
bém propagand
de sericultura,
cultura, afinal
indústrias que
contempladas n
cola mundial.
E QUI. não é a
as muitas outr
merar, pois
como a de quen
conhecidas. A
outra originali
gamos, e que

O que vem
"benquerença"
nagem que des
les que nos au
E QUI.. Assim,
tos pelo que
conheçam os li
sonificar e apr
em fotografia,
lhos e ensinam

Finalizando,
rer" aparecer
gos da CHA.
timam, e nela c
nagem que na
gresso de amb
e estimar-se
"bem-queridos"

Iniciamo-la c
amigo tão bon
Malta Campos:
rinário, não é
tudo que reco
de todos os le
teligente, traba
fazendeiro êle n
de leite em S
café em Mato
de suas experiê
riquecem as n
pedimos o retr

De **Eurico Santos** editamos antes de 1938 alguns livros sôbre fruticultura; dêle publicamos consultas às dezenas, sempre elucidadas com a sabedoria e a elegância de seu estilo fluente. Depois publicou a sua primeira obra: DA EMA AO BEIJA-FLOR, iniciando uma série que foi vitórias. Divulga- e é uma série de dor precioso entre o cientista de gabinete e o público sequioso de aprender, criou uma literatura de que aquele grande espírito que foi Athur Neiva disse: "Os arraiais onde assentam a inteligência, o amor ao Brasil, a educação do sentimento, o culto às coisas belas estão de parabens com a publicação dos trabalhos de Eurico Santos".



* * *

Mario Sampaio Ferraz é a quem a CHA. E QUI. pode definir: **Um homem util.** Pode definir-se o homem util como sendo o indivíduo capaz de ações meritórias em proveito da comunhão e que trabalha sem egoismo, sem mira em recompensas e isento de exibicionismos. Sendo a benquerença homenagem da nossa alma grata, citaremos um motivo personalíssimo de há quantos anos? Mais de 30, talvez perto de 40, quando estavamos empenhados na campanha a favor da avicultura. Editamos um livro: "Como fiquei rico criando galinhas" que devia despertar, como realmente despertou, um movimento fecundo, e começaram os nossos quintais a se povoar de galinhas. Mario Sampaio Ferraz era Diretor de Publicidade Agrícola da nossa Secretaria de Agricultura. Ofereceemos ao govêrno quinhentos exemplares do livro. Mario deu o parecer e lembrou que deviam ser adquiridos: mil exemplares! Mas o homem util que serviu à comunhão foi na pertinaz campanha a favor dos pinheirais dos Campos de Jordão. Livros, artigos na imprensa diária, na nossa revista, tudo fez, tudo faz para que aquelas serras sejam novamente povoadas da linda **Araucária** que empolga a paisagem e restaura a fôrça e a saúde aos que as procuram.



* * *

Ao Reverendo **Padre Jesus Moure,** deve a CHA. E QUI. a honra e a fidelidade de uma colaboração às quais correspondemos com igual zelo e entusiasmo, pois do maior conhecedor dos estudos da sistemática das nossas abelhinhas, fomos humildemente o incansável fornecedor de centenas de exemplares dos interessantes himenópteros, caçando-os por tôda a parte, no litoral, no planalto, nos morros e nas planícies, por tôda a parte onde estivessemos. Ganhamos ambos o cientista e o caçador e ganhou a ciência com as obras do douto sacerdote e ganhou a CHA. E QUI. sobretudo, vulgarizando entre os leitores as classificações e as observações dêste rico material que revelam ao mundo as riquezas entomológicas do nosso querido Brasil.



* * *

Anacreonte Avila de Araújo, é um gaucho ainda moço, mas é o maior conhecedor de capins que temos no Brasil e, naturalmente, colabora na CHA. E QUI.. Editamos folhetos de sua lavra e agora, lá pelos meados dêste ano, se Deus quiser, publicaremos a obra máxima de sua autoria "Dicionário Brasileiro de Forrageiras" onde condensou tôdas as observações feitas não na mesa de trabalho, mas de mangas arregaçadas nos canteiros das estações experimentais do Rio Grande do Sul e do Paraná onde trabalhou e estudou. Sempre modesto, sempre ativo, sempre prestimoso: os leitores bem o sabem: sementes e mudas aos sacos êle distribuiu durante anos seguidos a todos os amigos que as pedissem à CHA. E QUI.. Fechamos hoje a Galeria com êste vulto querido de amigo fiel e até à próxima Galeria.



PROVANDO O DESAMPARO

Um nobre lavrador de cacau do Estado da Bahia, o sr. Leone Sabino Loureiro, em seu nome e no de quarenta e nove cacauicultores da zona de Canavieiras daquele Estado, telegrafou a uma revista do Rio, solicitando a ida de um repórter "a fim de observar **in-loco** a situação calamitosa da lavoura cacaueira, virtualmente sem amparo oficial e já profundamente abalada estiagem ano passado. Instituto Cacau, órgão da zona, em outros tempos, hoje completamente desarticulado e fugindo suas finalidades, sem crédito opinião pública. Banco do Brasil, negócios morosos, atrofiando Batalha da Produção, apesar ordem do govêrno no sentido amplo e eficiente amparo à lavoura em geral."

Figura 82 – «Galeria da benquerença», *Chacaras e Quintaes*, v.87, n.1, 1953, p.44.

2.1.1.1. A FAZENDA

"Temos em mente ao fundarmos esta revisa agricola prestar um valioso serviço á agricultura do Brasil, porque cremos attrahir para as nossas paginas as mais distinctas personalidades que se dedicam a meritoria tarefa de divulgar os preciosos conhecimentos da sciencia agricola".

REDAÇÃO A FAZENDA[117]

Em junho de 1910, mês em que E.S. completou 27 anos, foi publicada a primeira edição de *A Fazenda* — "revista mensal de agricultura, pecuaria, industrias ruraes e commercio" —, editada sob a direção de Júlio Arsênio de Barbosa[lxvii] e da qual E.S. é citado como secretário[lxviii] (1883-1958). A revista foi editada até junho de 1913 (Fig. 83 a 86).

> Ao publico: [...] Apellámos largamente para estes escriptores, e, em tão bôa hora, que as adhesões foram geraes, contando á revista, como se vê, com um copo de collaboradores tão distincto que só por si é licito esperar o triumpho do nosso emprehendimento. Este numero é apenas um esboço do que realmente vae ser este magazine; não poderiamos competir com os congeneres logo no primeiro numero, mas em breve tempo esperamos hombrear-nos nesta brilhante posição. Que a proteção do publico não nos falte, que nós o compensaremos com o maximo do nosso esforço a fim tornar esta revista uma das mais uteis publicações, cujo benefício á agricultura da nossa patria é justo esperar convictamente. A REDAÇÃO (A Fazenda, n.1, p.2, 1910).

> É um «magazine» de feitura moderna, moldado aos congeneres europeus, quer na parte mental, artistica ou material, sendo portanto util ás pessoas que se interessam pelas grandes forças da riqueza universal: Agricultura, Industria e Commercio. Evidencia os mais notaveis aperfeiçoamentos obtidos nos modelares nucleos agrarios da Europa e da America do Norte, para que os seus leitores possam confrontar e tirar deducções, afim de applical-os no Brazil. É uma revista de caracter puramente pratico, e toda a collaboração será illustrada abundantemente. Além dos redactores constantes A FAZENDA é tutellada por um excellente corpo de colaboradores e consultores technicos composto das personalidades de alto prestigio intellectual [...]" (A Fazenda, n.1, p.19, 1910).

> Em Junho de 1910 [E.S.] fundou, com Júlio A. Barbosa, a revista "A Fazenda" sem duvida uma das melhores publicações agricolas do seu tempo. Era um mensario de formato grande, impresso em papel couché, amplamente ilustrado. Tinha como colaboradores os melhores elementos da época [...] A revista mereceu grande aceitação e com a inexperiencia dos estreiantes, os diretores, pensaram em montar uma oficina tipográfica. Neste passo para o progresso tropeçaram num óbice inominavel que se chama "falta de capital" e "A Fazenda" desapareceu já no seu 4º ano de existencia (O Campo, 1936, n.78, p.44).

[lxvii] "Partirá para o Estado de Minas na proxima segunda-feira, o nosso collega Julio Arsenio Barbosa, diretor da importante revista agrícola A Fazenda, acompanhado de photographo para apanhar photos-documentários de todas as fazendas que forem visitadas" (O Paiz, Rio de Janeiro, 20 abr. 1912, p.5).
[lxviii] Aparentemente, a função de secretário abrangia tanto questões administrativas e burocráticas quanto editoriais.



Figura 83 – Capa da primeira edição da revista *A Fazenda*, publicada em junho de 1910.



Figura 84 – Expediente estampado na edição n.1 de *A Fazenda.*



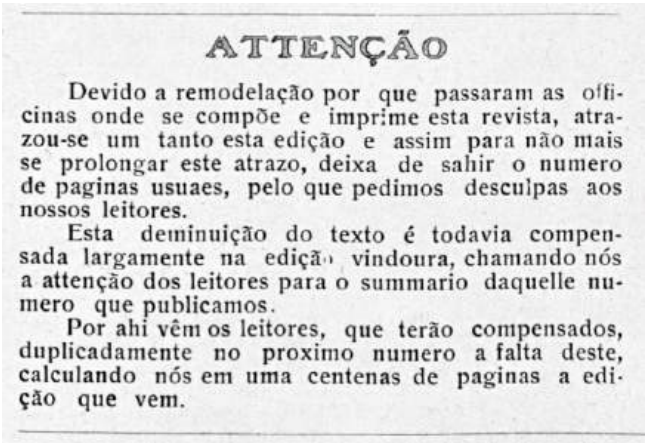
Figura 85 – Capa da última edição de *A Fazenda*, 1913.



Figura 86 – Editorial da última edição de *A Fazenda*, 1913.

Na edição n.35 (1913, p.1), E.S. anuncia seu rompimento com Júlio Arsênio Barbosa e os problemas editoriais decorrentes para uma nova composição administrativa da revista (Fig. 87, 88 e 89):

> [Barbosa] resolveu retirar-se, cedendo a sua parte social na empresa, ficando eu dela possuidor e cabendo-me a sua direção, a qual vinha ja mais de um anno para cá, exercendo-a com incontestável dedicação. [...] está, pois, «A Fazenda», de ora avante, sob minha exclusiva direção e responsabilidade, assumindo eu todos os compromissos da administração passada. O programma [...] será o mesmo: o da inteira defensão dos interesses agrícolas e o do maximo divulgamento dos preceitos da agricultura moderna[...] Dado a publico a satisfação que este facto exigia, resta pedir desculpas aos nossos assignantes e annunciantes pelo atrazo da revista, facto explicavel pela anarchia que ultimamente reinava nesta casa e que, felizmente, terminou com a reforma por que está passando. Até o mez de Outubro teremos a revista confiada a confecção destes numeros as grandes e importantes officinas da *Liga Maritima*.
>
> Esgotada a edicção da A FAZENDA, do n. 36, devivo a uma compra imprevista e grande, resolvemos reimprimir nesta edicção [n.37] aquelle numero, e como a despeza fosse bastante maior, não só diminuimos o numero de paginas que constituem o presente numero, como tambem appellamos para os annunciantes da edicção passada afim de que permitissem a reedicção dos annuncios, ficando de outra fórma, assim, esta reedicção [n.37] com o mesmo aspecto que o da primeira edicção [n.36]. Agradecemos a gentileza com que o commercio acquiesceu [lxix] a este obsequio, realmente valioso (A Fazenda, 1913, n.37, p.1).



ATTENÇÃO

Devido a remodelação por que passaram as officinas onde se compõe e imprime esta revista, atrazou-se um tanto esta edição e assim para não mais se prolongar este atrazo, deixa de sahir o numero de paginas usuaes, pelo que pedimos desculpas aos nossos leitores.

Esta deminuição do texto é todavia compensada largamente na ediçã· vindoura, chamando nós a attenção dos leitores para o summario daquelle numero que publicamos.

Por ahi vêm os leitores, que terão compensados, duplicadamente no proximo numero a falta deste, calculando nós em uma centenas de paginas a edição que vem.

Figura 87 – Nota justificando a redução no número “de páginas usuaes” do n.35 (A Fazenda, n.35, 1913, p.5).

Na Biblioteca Nacional Digital, os números 35 (abril de 1913, p.1-40 do arquivo armazenado na Hemeroteca) e 37 (junho de 1913, p.41-) são disponibilizados em um mesmo arquivo. No n.37, p.6, foi estampado o «Summario do proximo numero», que não veio a ser publicado. Não está claro se o n.37 é reimpressão do n.36, que teria se esgotado — “subterfúgios de *markentig*” usado por E.S. para manter vivo o que estava morto. Tem-se a

[lxix] aquiescer: 1. Estar ou pôr-se de acordo; ANUIR [tr. + a, em: *Aquiescia à solicitação da filha*: *Aquiesceu em pedir desculpas*.] [int.: *A muito custo, aquiesceu*.] [F.: Do lat. *acquiescere*.] (Aulete Digital, 2024).

impressão de que não foi possível publicar o n.36 em maio. Em junho, o n. 37 teria sido editado como sendo uma reimpressão da edição de maio. Os artigos anunciados no n.35 para o n.36 não estão presentes no n.37 (Fig. 90).



N. 37 — RIO DE JANEIRO — JUNHO — 1913 — ANNO IV

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

A FAZENDA

Agricultura, Pecuaria, Industrias rurais e commercio em geral

DIRECTOR E. S. Santos

REDACTOR TECHNICO J. J. Trigueiros do Martel

Redacção, Rua do Hospicio 236 — Officinas, Avenida Rio Branco, 183 — Rio de Janeiro

AOS NOSSOS LEITORES

Ha seguramente mais de um anno que o Sr. Julio Arnesto Barbosa, tendo sua actividade reclamada por outros empreendimentos não se achava á testa da direcção da A FAZENDA, entretanto, pela maxima consideração a que tem direito pela suas não communs qualidades, mantinha-se «ad honores» o seu nome como director e, nesta qualidade, era tido e estimado por todos nós que aqui escrevemos.

Não querendo o Sr. Julio Barbosa continuar nesta condicção, resolveu retirar-se, cedendo a sua parte social na empreza, ficando em dela possuidor e entendendo-se a sua direcção, a qual vinha ha mais de um anno para cá, exercendo com incontestavel dedicação,

Esta retirada, feita exclusivamente por motivos de ordem commercial, não faz, de fórma alguma, solução de continuidade nos laços de sincera estima que, mutuamente, nos consagramos.

Da parte do Sr. Julio Barbosa, sem ressentimentos, da minha com justo pesar, separamo-nos, em esphera exclusivamente commercial, porém, affectivamente nos sentimos como sempre intimos, cordialmente amigos.

Fica, pois, A FAZENDA, de ora avante, sob minha exclusiva direcção e responsabilidade, assumindo eu todos os compromissos da administração passada.

O programma da A FAZENDA será o mesmo: o da intelra defesa dos interesses agricolas e o do maximo divulgamento dos preceitos da agricultura moderna.

Tenciono, não poucos, vão ser os melhoramentos que projectamos fazer, não só na parte graphica, como na selecção da materia, desenvolvimento de algumas secções e criação de outras.

Dando ao publico a satisfação que este facto exigia, nesta pede desculpas aos nossos assignantes e annunciantes pelo atraso da revista, facto explicavel pela anarchia que ultimamente reinava nesta casa e que, felizmente, terminou com a reforma por que está passando.

Até o mez de Outubro tenemos a revista em dia, estando confiada a confecção destes numeros as grandes e importantes officinas da *Liga Maritima*.

ERICO SANTOS

A presente edição

Ingeriado a edicção da A FAZENDA, do n. 36, devido a uma compra imprevista e grande, resolvemos reimprimir nesta edição aquelle numero, e como a despeza fosse bastante maior, não só diminuimos o numero de paginas que constituem o presente numero, como tambem appellamos para os annunciantes da edicção passada afim de que permittissem a reedicção dos annuncios, dicando de outra fórma, assim, esta reedicção com o mesmo aspecto que o da primeira edicção.

Agradecemos a gentileza com que o commercio acquiesceu a este desejo, realmente valioso.

Attenção

Deixa de presente numero em deante de ser nosso agente de annuncios o Sr. Oscar de Almeida, que exercia este cargo desde a fundação desta revista.

Todo o serviço administrativo, cobranças, annuncios, etc., fica a cargo do Sr. Nilo de Oliveira Santos, unica pessoa autorisada a fazer acertamentos.

— Toda a correspondencia da A FAZENDA deve ser dirigida ao seu director, Eurico Santos, rua do Hospicio, 206

Figura 88 – Editorial assinado por E.S. sobre mudanças na administração da revista e justificativa — pouco crível — pela reimpressão do n.36, edição comemorativa do terceiro aniversário (A Fazenda, n.37, 1913, p.1). Nilo, com 20 anos, irmão de E.S., é citado como novo “agente de annuncios”.



A FAZENDA — 9

O NOSSO ANNIVERSARIO

Cumprindo com este numero «A Fazenda» o seu quarto anniversario de publicação, vimos, sinceramente desvanecidos, trazer ao publico os protestos do nosso agradecimento pela sympathia que nos tem dispensado.

Incontestavelmente a nossa publicação agricola ha agradado a vasta classe a que serve e della merecido provas inequivocas da mais alta sympathia e admiração.

Os esforços que vamos despendendo para melhor dotal-a de elementos superiores que lhe assegurem o papel preponderante de «leader» da imprensa agricola do Brasil, não têm sido improficuos, é basta um lançar d'olhos ao seu corpo de collaboradores para o comprehendermos.

E cumpre assignalar um facto deveras honroso para todos nós: os distinctos escriptores que fazem de nossas paginas séde de eleição dos seus melhores trabalhos, em sua maioria, não o fazem senão para servir-nos, sem outra paga que o de prestarem ao paiz o concurso de sua intelligencia e saber.

No estrangeiro tem tambem «A Fazenda» merecido um acolhimento sobremodo captivante, contando nós assignaturas em quasi todos os paizes e algumas tomadas pelo proprio Estado para as respectivas secretarias ou departamentos de agricultura.

Hoje, de sobra é o nosso periodico conhecido e estimado em todos os Estados da União, graças ao já avultado numero de assignaturas e ao nosso processo systematico de distribuição para reclame.

Assim, vê-se que, se a nossa situação não é prosperrima, tem garantido, entretanto, o futuro da publicação, graças ao terreno que vimos ha quatro annos incessantemente preparando.

Estamos, pois, em phase de plena safra, os fructos virão em colheita propicia, opimos e compensadores...

Todos estes proventos a proveitarão á Agricultura Nacional, para a qual trabalhamos, sem outra ambição que servil-a, para engrandecel-a, engrandecendo-nos, — pela virtude do trabalho.

Terminamos repetindo os sinceros agradecimentos ao publico em geral, e em particular aos nossos assignantes e ao genero e commercio do Rio de Janeiro, pelo muito que nos tem auxiliado nesta meritoria campanha, em que já somos veteranos, cabendo a elles, entretanto, a maioria do triumpho que ás bouscute são lhe regatearemos.

O serviço de publicações do Ministerio da Agricultura e o seu grandioso programma

O sr. Ministro da Agricultura em confabulação hontem com o sr. Affonso Costa resolveu esse sabio e descortinado estadista, tendente os pedidos de assignaturas que até então o Ministerio tinha de varias revistas agricolas.

Esta medida deixa ufanoso de attingir as duas publicações agricolas do S. Paulo, unicas, por um acaso digno de maior nota, dirigidas por estrangeiros.

O sr. Affonso Costa, Jurecio do Serviço de Publicações e Bibliotheca, foi o sentir desta medida salvadora e, exactamente, e achito na escolha dos dois paulistas, que deviam gosar a honra de execução.

Allega o sr. Director do S. de P. e Bibliotheca que o Ministerio distribue suas publicações oficiaes, já trimestraes, e é o seguinte aviso.

Algumas pessoas extendidas em circulação publica não defenderiam a Obra sendo continuando as destinadas, para aquelle mesmo as poderes publicos, as manifestações das bibliotheca particulares, não obstante talhe-se, nesse mesmo quadro, ultimamente o ensino publico.

Quanto custam as publicações feitas as expensas do Ministerio?

Quesito duplo, retorquem, o Ministerio sobre as mesmas existentes e de maior necessidade!

Cresceu de uma subvenção annual, constituida por assignaturas para distribuição ao publicações particulares, encarregou-se bem de boas guias e outras vantagens, da propaganda agricola mais intensa, que proficuo informação da materia ofical, que de caracter technico.

Subindo assim por um auxilio, estabelecimento de uma collaboradores e todos ensejo de publicar trabalhos valiosos abrangendo todos os ramos das explorações ruraes, tendo para cada um o seu especialista.

Necessitamento mais frisar deste acto importante agricola de caracter particular, mesmo tellelaia, que o sistema de acquisitoriamente que confiando feitas pelos nossos agricola brasileira ainda carece da auxilios nos geral e pelo que se refere, dem as duas revistas paulistas, sem uma justificação que a tal determinasse é abrir larga brecha a commentarios ranzinzinzinzes e dar a mais clara demonstração de parcialidade.

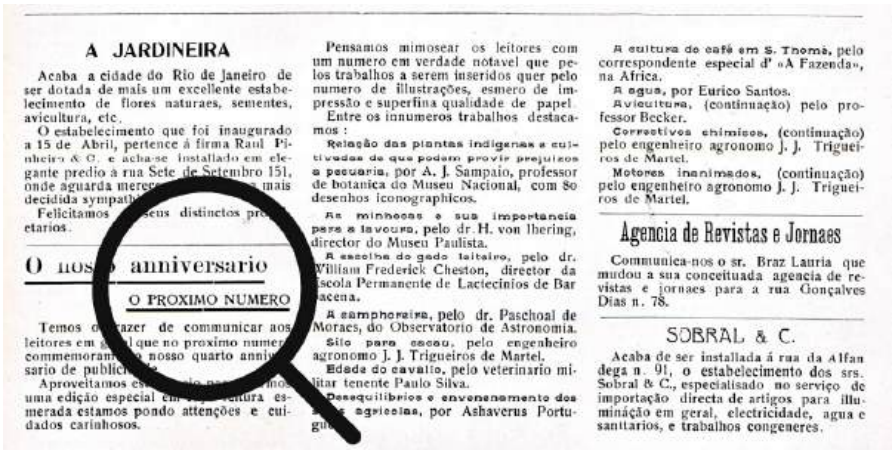
Recordando a acção do Serviço de Publicações e Bibliotheca fim reunida em fomentar o progresso dos seus Boletins, e a vistas facilitar a assignatura de publicações agricolas, é só para os agricos, compraude-se-lhes tambem livros padfeitamente cabidos para os agricultores, como sejam:

«O Piedita d'aus Ministerio atraves biographicos de os exhibidos Rodolpho Miranda, Antonio Balbanos, collaborador de damicias e varias paginas sobre pinturas exoticos e escriptores da Bahia, «O Almanaque de «O Paiz» engrossamentos criticos e versos. As «Cartas da Roça» de D. Julia Lopes de Almeida, cuja compra levantou vem mentarios elogios na imprensa diaria, «Terra do Sol» do sr. Gustavo Barroso, a «Educação Civica do sr. Mario Bulcão e outros cujos nos noticia consta nas listas das distribuições.

Res de esperar de tão importante deparamento de trabalhos uma ordem tanto justa distada e feliz.

Figura 89 – Nota sobre os *três* anos de existência da revista (A Fazenda, n.37, 1913, p.9).

Transcrição do primeiro parágrafo: “Cumprindo com este numero «A Fazenda» o seu quarto anniversario de publicação, vimos, sinceramente desvanecidos, trazer ao publico os protestos do nosso agradecimento pela sympathia que nos tem dispensado"



A JARDINEIRA

Acaba a cidade do Rio de Janeiro de ser dotada de mais um excellente estabelecimento de flores naturaes, sementes, avicultura, etc.

O estabelecimento que foi inaugurado a 15 de Abril, pertence á firma Raul Pinheiro & C. e acha-se installado em elegante predio á rua Sete de Setembro 151, onde aguarda merec... mais decidida sympath...

Felicitamos ... seus distinctos pr... etarios.

O nos... anniversario

O PROXIMO NUMERO

Temos ... fazer de communicar aos leitores em ... que no proximo numero commemoramos ... nosso quarto anniversario de public...

Aproveitamos ... uma edição especial em ... ventura esmerada estamos pondo attenções e cuidados carinhosos.

Pensamos mimosear os leitores com um numero em verdade notavel que pelos trabalhos a serem inseridos quer pelo numero de illustrações, esmero de impressão e superfina qualidade de papel.

Entre os innumeros trabalhos destacamos:

Relação das plantas indigenas e cultivadas de que podem provir prejuizos a pecuaria, por A. J. Sampaio, professor de botanica do Museu Nacional, com 80 desenhos iconographicos.

As minhocas e sua importancia para a lavoura, pelo dr. H. von Ihering, director do Museu Paulista.

A escolha do gado leiteiro, pelo dr. William Frederick Cheston, director da Escola Permanente de Lactecinios de Bar acena.

A camphoreira, pelo dr. Paschoal de Moraes, do Observatorio de Astronomia.

Silo para cacau, pelo engenheiro agronomo J. J. Trigueiros de Martel.

Edade do cavallo, pelo veterinario militar tenente Paulo Silva.

Desequilibrios e envenenamento dos ... agricolas, por Ashaverus Portugu...

A cultura do café em S. Thomé, pelo correspondente especial d' «A Fazenda», na Africa.

A agua, por Eurico Santos.

Avicultura, (continuação) pelo professor Becker.

Correctivos chimicos, (continuação) pelo engenheiro agronomo J. J. Trigueiros de Martel.

Motores inanimados, (continuação) pelo engenheiro agronomo J. J. Trigueiros de Martel.

Agencia de Revistas e Jornaes

Communica-nos o sr. Braz Lauria que mudou a sua conceituada agencia de revistas e jornaes para a rua Gonçalves Dias n. 78.

SOBRAL & C.

Acaba de ser installada á rua da Alfandega n. 91, o estabelecimento dos srs. Sobral & C., especialisado no serviço de importação directa de artigos para illuminação em geral, electricidade, agua e sanitarios, e trabalhos congeneres.

Figura 90 – «O próximo numero», nota publicada em *A Fazenda* (n.35, 1913, p.14).

Na escalação dos temas apresentados em *A Fazenda*, além das tradicionais coisas da agropecuária (Fig. 91), artigos sobre desenvolvimento tecnológico (Fig. 92), cinofilia (Fig. 93 e 94) e uso da fauna (visão utilitarista) (Fig. 95 a 97).



Figura 91 – Capa de *A Fazenda*, n.5, 1910, exibindo a foto de «Hackney «Salford Curry», specimen esplendido, importado recentemente por Hopkins Causer & Hopkins, para o governo do Estado de Minas».
Elite agropecuária e páginas impressas em lilás: a estética de E. S..



Figura 92 – «A chimica industrial dos perfumes — pelo dr. Paschoal de Moraes, do Observatorio Astronomcico» (A Fazenda, n.34, 1913, p.19).



Concursos Caninos & & O CANIL CLUB

"AGENDA AGRICOLE"

Figura 93 – «Concursos Caninos». Transcrição do primeiro parágrafo: "A nossa distincta collega da imprensa diaria, a «Gazeta de Noticias», aventou a idéa dum concurso canino e pelas suas columnas appellou para os caninophilos desta capital, offerecendo, não sómente premios de honra, como a suas expensas organisou uma festa chic para melhor abrilhantar o elegante certamen canino".
(A Fazenda, n.18, 1911, p.22).



CUIDAE DOS VOSSOS CAES

EURICO SANTOS

Notas Estatisticas

Figura 94 – «Cuidae dos vossos cães», primeiro artigo cinófilo de E.S. em *A Fazenda* (n.24, 1912, p.34), dedicado aos sócios do Canil-Club, com notas do "veterinário militar Tenente Paulo Silva".

Lição não é imposição. Todos somos livres para não aceitar o que se nos ensina. Mas nehuma pessôa razoavel podera negar a utilidade de qualquer ensinamento honesto, que convide a refletir e provoque o juizo pessoal do observador, embora seja para seguir caminho muito diverso. Neste sentido é mestre toda a gente que faz alguma cousa, ainda que seja errada. Quem nada faz é que nada ensina. Dr. J. F. de Assis Brasil (A Fazenda, 1912, n.30, p.10, transcrição da epígrafe do artigo «O camelo — sua aclimatação no Brasil»).

Trazendo à lembrança a fala de uma personagem da obra *A farsa de Inês Pereira* de Gil Vicente, teatrólogo português do século XV — “Mais vale um asno que me carregue, que um cavalo que me derrube” —, a escola de samba Imperatriz Leopoldinense apresentou a ‘saga’ da Comissão Científica de Exploração, explicando que seu enredo tratava “de expedição científica ao Ceará que contou com 14 camelos importados, depois trocados por jegues”. [...] De fato, as relações dos diretores do Museu Nacional com a Imperial Sociedade de Aclimatação Zoológica de Paris — tida como um referencial de atuação para esses naturalistas brasileiros — eram intensas à época. Foi desse intercâmbio que resultou a vinda dos camelos, mencionados no samba de enredo da Imperatriz. Capanema, que era membro da Sociedade parisiense e conhecia suas experiências de aclimatação de animais em outros países, conseguiu a vinda dos animais, que, com efeito, não se aclimataram no Ceará (Burlamaque, 1857)[118] (Lopes, 1996).

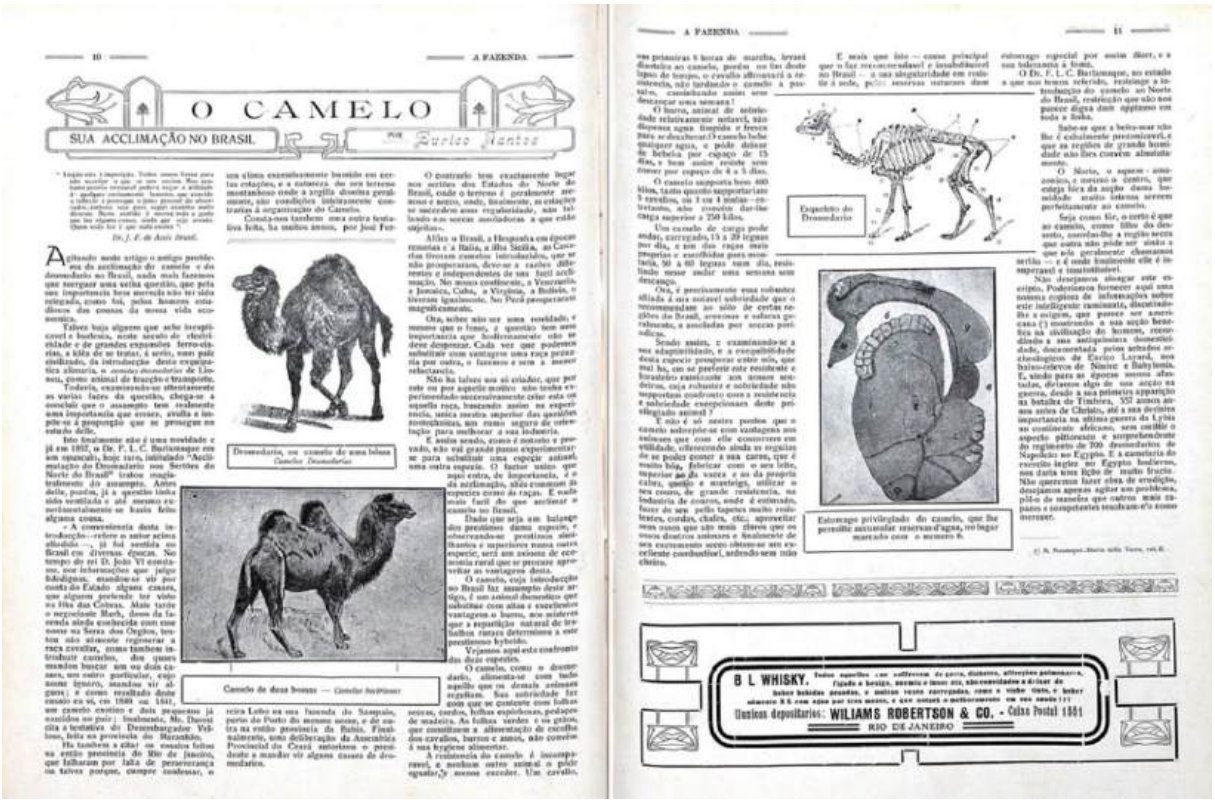
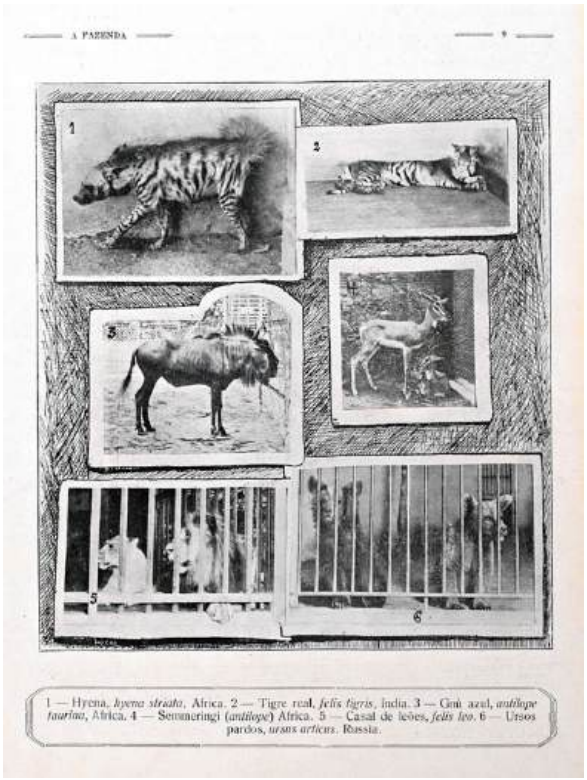


Figura 95 – «O camelo — sua aclimatação no Brasil», texto assinado por E.S. sobre a aclimatação de camelos no Brasil, destacando aspectos anatômicos da espécie, publicado em *A Fazenda*, n.30, 1912, p.10.



Uma Visita ao Jardim Zoologico
VILLA ISABEL — RIO DE JANEIRO



A FAZENDA

1 — Hyena, *hyena striata*, Africa. 2 — Tigre real, *felis tigris*, India. 3 — Gnú azul, *antilope taurina*, Africa. 4 — Sommeringi (*antilope*) Africa. 5 — Casal de leões, *felis leo*. 6 — Ursos pardos, *ursus arctos*. Russia.



A FAZENDA

ORDEM MARSUPIAES — FAMILIA FRUGIVOROS
Kangurús rubustos, Rato Kangurú (Australia)
ORDEM DOS DESDENTADOS
Talú peba, Preguiça (Brasil).
ORDEM SOLIPEDES
Cavallo sem pello, cavallo pheronimo (Ceará, Brasil).
ORDEM RUMINANTES
FAMILIA CAMELLOS
Llamas, Alpaca (Cordilheira dos Andes).
FAMILIA CERVINA
Veados europêos (Europa) Veados Axis (Asia). Veado ratão (Brasil).
FAMILIA CAPRICORNIOS
Gazellas (Africa). Antilopes arabicas (Asia). Antilopes Sommeringi, Gnú azul, raro (Africa).
ORDEM PACHYDERMES
Antas, Queixadas e Cachóis (Brasil).
2ª Classe — Aves
ORDEM DOS PSITTACIDOS
Cacatuás brancos, Cacatuás rosa (Australia). Papagaio real, Papagaios roxinante, Arara azul, Araras vermelhas, Araricas, Periquitos verdes (Brasil). Periquitos verdes-cinza (Rio Argentino). Periquitos Demoiselle (Asia)
ORDEM DOS RAPACES
Condor (Chile, Perú). Urubú real (Brasil). Abutre de gola (Africa). Xinangos (Brasil). Corujas (America do Sul).
ORDEM PASSARES
Graltas de capuzete, dita azul (Brasil).
ORDEM COLUMBINOS
Pombo romano (Italia). Pombo Mindua (India). Pombas aperladas (Tasmania). Goura Victoria (Australia).
ORDEM GALLINACEOS
Perdiz, Faisões Chinquis, Dito Lady Hamherst, dito pentrados, dito Swinhoe, dito Prelados, dito Heerbrodi, dito Versicolor, dito Elliot, dito Mongolicus, dito doutados (todos da Asia). Gallinhas Onpingtos, Hamburguezas, Houdan, Wyandottes, Mutum preto e cristado, Jacú Poroka, Jacutinga (Brasil).
ORDEM GRALLATORES
Ema (Brasil).
AVES AQUATICAS
ORDEM PENNATAS
Siriemas (Brasil). Grús Antigone (India). Garças brancas, Jabirú, Guará (Brasil). Pratle Saltão (Senegal).
ORDEM DOS PALMIPEDES
Pelicanos, Cysnes brancos (Europa). Cysnes pretos (Australia). Cysne Coscoroba (America do Sul). Gansos sagrados (Egypto). Cysnos pardos (China). Gansos de Toulouse (France). Gansos de Embden (Europa). Marrecos de Rouen (França). Marrecos Pekin, e Mandarins (China). Marrecos Formosos (Japão). Marrecos de bico vermelho (Norte do Brasil). Patos Tadorne (Asia). (Continúa).

Figura 96 – Primeira parte da reportagem «Uma visita ao Jardim Zoológico», cujas questões apresentadas continuam fazendo parte dos debates sobre zoos.
Publicado em *A Fazenda*, n.31, 1912, p.8-10.



A FAZENDA 15

Sapos e rãs (BATRACHIOS) — Animaes uteis — Por E. SANTOS

O sapo é geralmente um animal malquisto, e a aversão que o infeliz batrachio inspira é simplesmente originada pela sua conformação exotica, o seu todo de enxalmo, de mostrengo pustuloso e nojento. E é levado por esta apparencia illusoria que todos o detestam tão desaforadamente, a ella o obreiro humilde, o infatigavel e obscuro destruidor dos insectos e vermes nocivos que nos devastam as culturas.

Mas não é sómente a sua apparencia que o infelicita, é tambem umas velhas lendas que a ignorancia teceu e que a falta de observações permitte que atravessem gerações e gerações.

Eu venho em soccorro do sapo, não sómente para lhe exaltar as suas aproveitaveis virtudes de cervejal bemfeitor, como para desfazer lendas e restabelecer verdades.

No Brasil pouco tem-se escripto sobre o amavel reptil, e este pouco é incompleto quando não é demais scientico e portanto pouco accessivel ás camadas populares.

Urge reabilitar o sapo.

Classificação Zoologica — A classificação zoologica da maneira que a fazem os zoologistas não traz para este estudo senão confusão e difficuldades.

A classificação dos anures é feita segundo o systema de Cope, o mais seguido, pelo aparelho vocal do batrachio.

Vê-se por ahi que tal classificação, posto que muito sabia, não convem para o commum dos leitores que não se especializam na sciencia.

O que convem não ignorar é que estes animaes são vertebrados, da classe dos reptis, sub-classe dos batrachios, da ordem dos anures.

Os anures que contem 1.200 especies, dividem-se ainda em duas sub-ordens: *aglossos* e *phaneroglossos*.

Os aglossos o estam uma unica familia os *pipidæ*, que contem apenas tres generos entre elles o pipa, da America do Sul.

A sub-ordem dos *phaneroglossos* sub-dividem-se em 12 familias.

As divisões e sub divisões são fundadas na ausencia ou presença de lingua, caracteres osteologicos e sobre os dentes; esta ultima distincção apensa para as classificações das familias.

Na divisão dos anures a sabedoria popular apenas distingue tres generos e estes pertencem aos *phaneroglossos* e são rãs, pererecas e sapos.

Sob a designação geral de sapos denominam as outras familias.

Estas distincções realmente são difficeis mesmo dentro das tres familias mais communs, julgando-se apenas pelo aspecto exterior dos batrachios anures.

Assim ha verdadeiras rãs que se assemelham, pelo seu aspecto terrugoso e sua parte pessoal, aos sapos e vice-versa.

Habitos — Reproducção — Repeneração — Os batrachios procuram sempre as regiões humidas e se algumas vezes são encontrados nos logares seccos e aridos é porque se acham enfurnados profundamente no solo, aguardando á noite para sahirem, ou a estação das chuvas.

A maior parte delles nasce na agua e ahi passam um tempo mais ou menos longo em estado de larva, respirando por brauchias.

Ha, entretanto, uma grande parte de anures arboricolas que se subtrahem á vida larval.

Quasi metade dos anures são arboricolas, podendo se apresentar como typo principal a Phyllomedusa Iheringii.

Entre os não arboricolas um grande numero delles são de habitos inteiramente terrestres.

Poucissimos batrachios gostam de se expor em se ao sol e muitos têm habitos totalmente nocturnos.

Nutrem-se, sem excepção, principalmente de insectos, vermes, etc.

A presa é qual sempre engulida sem soffrer mastigação.

Alguns anures (*aglossos*, Discoglossus, Bombinator) gozam a faculdade de conservem debaixo d'agua.

Depois do periodo larval, quando perdem as branchias, obrigados a sahirem d'agua,

gua, soalham-se entre pedras e em barracos, nas circumvisinhanças da agua onde passaram seu periodo de larva.

Ao cahir das primeiras chuvas emprehendem então viajam mais longe.

E' interessante ver ao cahir duma grande chuva a maneira surprehendente do surgir destes batrachios, fluindo o solo, de certas regiões, tão junoido delles que se torna impossivel dar um passo sem esmagal-os.

E' talvez provavel que este facto levasse algum observador demasiado ligeiro a inventar a tal lenda da chuva de sapos.

O sapo é dotado de uma longividade e vitalidade notaveis.

São capazes de viver mezes enclausurados sem o menor alimento.

A este respeito a jibarisia tem collaborado um tanto augmentando esta resistencia, alongando-a em pares de annos, quando é certo e averiguado que nem tanto assim é.

Herissant aprisionou sapos entre blocos pórosos e sem alimentação, resistiram 18 mezes, havendo entretanto um certo grau de humidade.

A sua resistencia ao frio é tambem notavel.

Por experiencia conseguiram collocar o sapo em tão baixa temperatura que o poderam partir, como a um pedaço de madeira secca; aquecendo-o, voltou á vida.

Comtudo elle não procura regiões frias e os que estão collocados nellas, quando a intemperie do frio augmenta, cavam buracos para se refugiarem.

O phenomeno da reproducção dá-se, mais ou menos assim, entre os sapos (bufo).

A femea põe 3.000 a 12.000 ovos fecundados na occasião da postura.

Os ovos são dispostos em dois cordões que saem junto a simultaneamente dos dois uteros.

O ovo é preto e mede 1 a 2 millimetros de diametro e é cercado duma capsula gelatinosa.

Durante a postura a femea faz evoluções que permitte aos cordões de ovos agarrarem-se as plantas aquaticas ou submergidas.

Entre as rãs em lugar dos ovos sahirem em cordões, são dispostos em pilhas.

Quando nascem não apresentam bocca e sim dois meios discos que desapparecem mais tarde, dando lugar a bocca.

Em seguida apresentam em cada lado do pescoço tres branchias em fórma de penmachos. Então formam-se a bocca, e perdendo as branchias estas são substituidas por outras interiores cobertas em guidar semelhantes a dos peixes.

Durante estas mudanças principaes, que muito resummos, formam-se dentes encravados num bocadinho osseo, nos bordos da bocca. Apparecem então os membros posteriores, e, só mais tarde, quando estes estão desenvolvidos, surgem os anteri-res. Começa então a larva a perder seus caracteres larvaes, fecha se o poro branchial, começam a funccionar os pulmões, desapparecem os dentes e rebordos cornosos, a cauda encurta-se até reabsorver-se e está formado o adulto. Este é um resumo o mais possivel summario, a longe está de ser este modo a regra geral.

Desde o modo da fecundação, até ao desenvolvimento das larvas, muitas e muitas são as variações das normas acima estabelecidas, differindo, póde se, dizer, de familia a familia.

Um exemplo interessante desta variação, é o da pipa americana, cujos ovos, a femea, por um ovipositor especial, poem-n'os no proprio dorso.

Outros fazem a postura em buracos, na terra, tendo, portanto, uma phase diffe-

Figura 97 – «Sapos e rãs (Batrachios) — Animais uteis», por Eurico Santos (A Fazenda, n.35, 1913, p.15).

A seção *Factos & Notas* da edição n.1 de *A Fazenda* traz, das 18 notas, sete sobre o Ministro da Agricultura; outras citam o “Dr. Zoroastro de Alvarenga, director do serviço de hygiene do Estado de Minas, [que] conferenciou com o Sr. Ministro da Agricultura, sobre a urgente necessidade de crear-se um hospital de veterinária, tendo annexo um posto de observação, destinado ao estudo das epizootias”, o Ministro da Viação e Obras públicas, o “distincto secretario da agricultura do importantissimo Estado de S. Paulo”, um importador de zebus que "irá ás Indias", um coronel que "cedeu ao Estado de Minas, por 195:000$, as fazendas [...] situadas em Cataguazes [que] medem 400 alqueires [...] vão servir como colonia agricola”. Essa breve digressão sobre *Factos & Notas* reforça o posicionamento político das revistas agrícolas que prestavam homenagens regulares ao Ministro da Agricultura (Fig. 98 a 101) e a outras autoridades constituídas pela administração pública ou pelo poder econômico, além de destacar, em anúncios e reportagens, simpatia pelos proeminentes personagens do agronegócio.



Figura 98 – Homenagem a Rodolpho de Miranda, Ministro da Agricultura, Industria e Commercio, em *A Fazenda*, n.1, 1910.

Transcrição de trecho da nota:
"Ao lançarmos á publicidade esta revista agricola temos o maior prazer em render homenagem, humílima[lxx] embora, ao dr. Rodolpho de Miranda, distincto e devotado Ministro da Agricultura, Industria e Comercio."



Figura 99 – «Pagina de honra», presente em todas as edições de *A Fazenda*, dedicada à apresentação e enaltecimento de cidadãos notáveis por sua situação, atividade social ou colaboração com a revista, na persona de desenvolvimentistas, em *A Fazenda,* n.5, 1910.

[lxx] humílimo: adj. sup. || de humilde: Tinha junto de si o bobo em *humílima* posição para que suas chocarrices não fossem verdades tão nuas que faltassem ao respeito devido ao rei. (Antero de Figueiredo, D. Sebastião, c.8, p. 118, ed. 1924.) F. lat. *Humillimus* (Aulete Digital, 2024).



N. 6 RIO DE JANEIRO — NOVEMBRO — 1910 ANNO I

A FAZENDA

REVISTA ILLUSTRADA

AGRICULTURA ◆ INDUSTRIA RURAES ◆ PECUARIA & COMMERCIO

J. S. Barbosa ◆ E. C. Santos

Redacção: Rua do Municipio 178

RIO DE JANEIRO

Dr. Pedro de Toledo

MINISTRO DA AGRICULTURA

«A FAZENDA» recebe, com a maior sympathia, justa e merecida homenagem ao Dr. Pedro de Toledo, cuja posse da Pasta da Agricultura trará a este importantissimo ramo do serviço publico os mais salutares beneficios.

O digno successor do Dr. Rodolpho Miranda tem, como homem publico, uma fé de officio brilhante, na qual se destaca a sua probidade immaculada.

Talento superior e lucido, delle muito espera a importante pasta, que em boa hora lhe foi confiada.

«A FAZENDA», que acompanha carinhosamente a vida deste departamento governamental, cujo valor não se precisa encarecer, saúda o eminente ministro, augurando-lhe uma fecunda administração.

Figura 100 – Homenagem a Pedro Toledo, Ministro da Agricultura, Industria e Commercio, em *A Fazenda*, n.6, 1910.

Transcrição de parte da legenda da foto: "«A FAZENDA», que acompanha carinhosamente a vida deste departamento governamental, cujo valor não se precisa encarecer, saúda o eminente ministro, augurando-lhe uma fecunda administração."



A FAZENDA 12

Uma visita ministerial nos campos de Santa Cruz

Vista parcial da vastissima fazenda de Santa Cruz, vendo-se á direita a condolaria assistindo no Imperio

O preclaro Dr. Rodolpho de Miranda e a sua comitiva em visita á fazenda de Santa Cruz, do Sr. coronel Durisch

O Dr. Rodolpho de Miranda não tem circumscripto sua actividade administrativa somente ás deliberações de gabinete. S. Ex. tem disturbado em acção de mandar a miudo pessoalmente os seus variados projectos da sua pasta e, assim, inicia uma serie de visitas a varias agricolas, fazendo-se acompanhar, estabelecimentos diversos effectos á sua pasta, no intuito de apreciar-se «de visu» o porvir, com maior conhecimento de causa deliberar sobre seus respectivos reformas e a maneira mais conveniente de faze-las.

S. Ex. já fez diversas visitas deste genero, providenciando sobre o que lhe occorreu fazer, quando assim, se lhe depois algo a reformar.

Ao visitar o Matadouro de Santa Cruz do qual S. Ex. teve pessima impressão, diga-se de passagem, aproveitou achar-se nas proximidades da extensa Fazenda de Santa Cruz, para visita-la.

Sua visita foi longa e minuciosa; percorreu a fazenda, impressionando-se agradavelmente pelos extensos arrozaes que ahi vegetam viçosos e exhuberantes. [...] estava visivelmente jubiloso com a gentileza com que a nossa terra, sempre fertil, retribuia os esforços do homem. [...] S. Ex. é a incarnação [...] do Trabalho e da Iniciativa.

Figura 101 – Reportagem sobre a visita do "preclaro Dr. Rodolpho de Miranda e a sua comitiva [...] á fazenda de Santa Cruz, do Sr. coronel Durisch", em *A Fazenda*, n.1, p.12, 1910.

"Ao visitar o Matadouro Santo Cruz do qual S. Ex. teve pessima impressão, diga-se de passagem, aproveitou achar-se nas proximidades da extensa Fazenda Santa Cruz, para visita-la. Sua visita foi longa e minuciosa; percorreu a fazenda, impressionando-se agradavelmente pelos extensos arrozaes que ahi vegetam viçosos e exhuberantes. [...] estava visivelmente jubiloso com a gentileza com que a nossa terra, sempre fertil, retribuia os esforços do homem. [...] S. Ex. é a incarnação [...] do Trabalho e da Iniciativa."

2.1.1.2. A FAZENDA MODERNA

"A ciência natural deveria ser parte integrante [...] daquilo que se chama de cultura geral. [...]. Acho inaceitável que as pessoas digam, sem enrubescer, que não entendem nada de ciência."

M. LEITE[lxxi]

A Fazenda Moderna[lxxii] circulou entre jan. 1916 e jan. 1927[119], e contou com o retorno de Júlio Arsênio Barbosa como diretor-geral (substituído na direção, em 1919, por Antônio Sattamini Sobrinho). "Esta revista viveu até 1928 e, por motivos que não vem ao caso, encerrou sua publicação" (O Campo, 1936, n.78, p.44). Foi apresentada como orgão do Instituto Agricola Brasileiro[120], citada dentre as principais publicações agrícolas do país (Fig. 102 e 103):

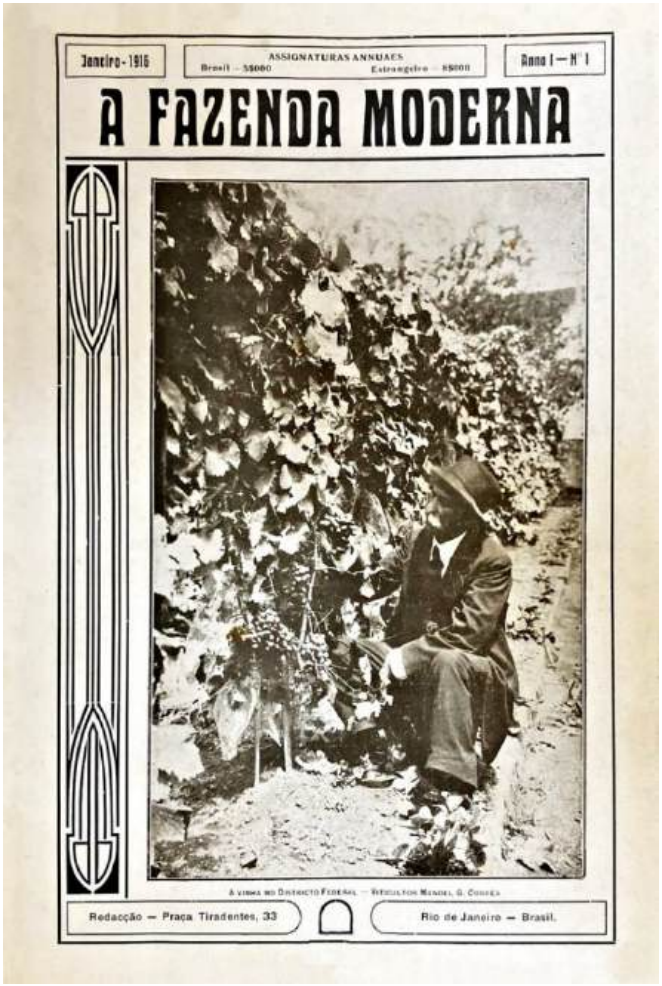
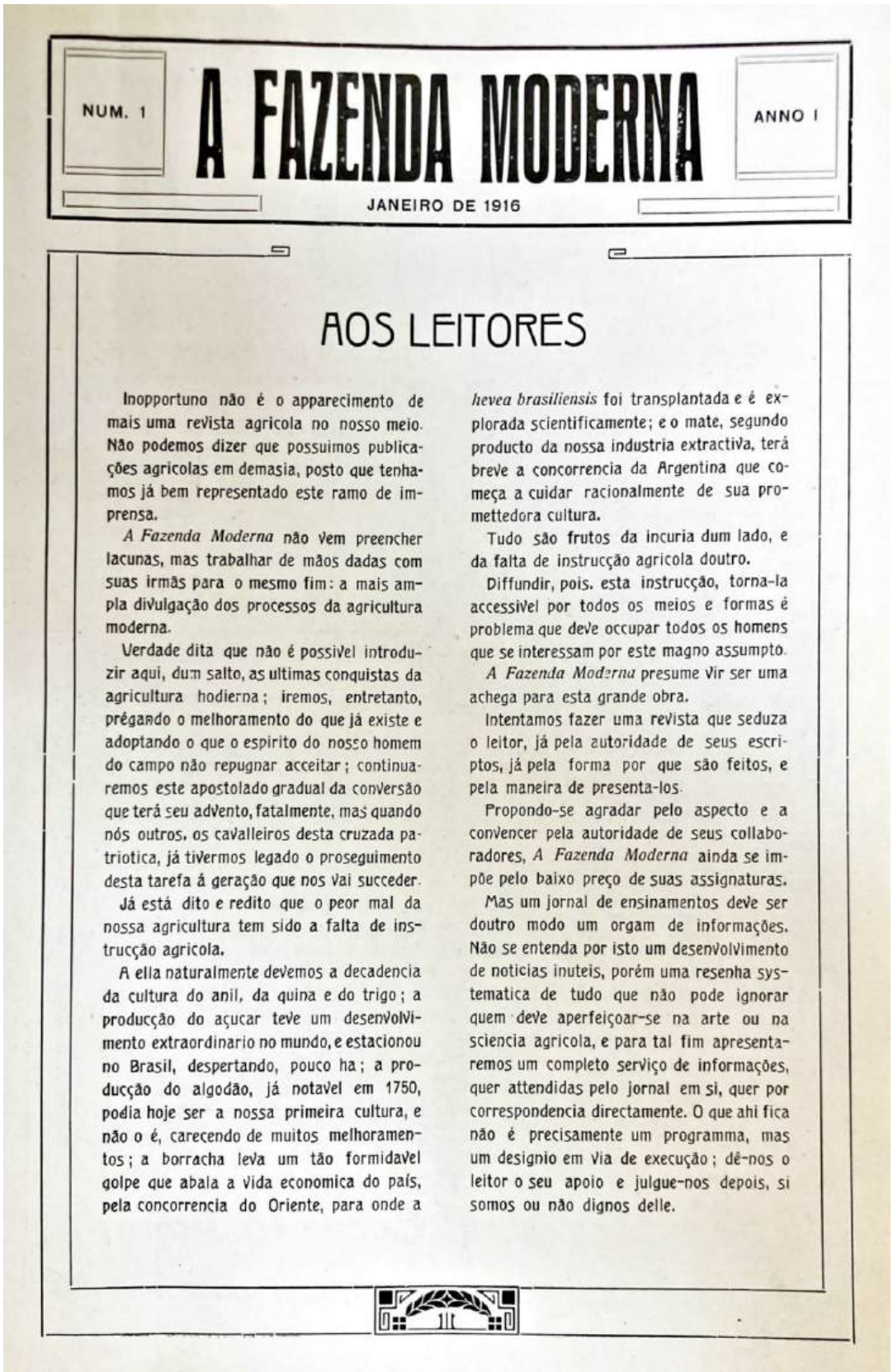


Figura 102 – Capa da primeira edição da revista *A Fazenda Moderna*, publicada em janeiro de 1916.

Transcrição de nota publicada pelo jornal *Correio da Manhã*: "Rebemos e agradecemos A Fazenda Moderna, relativa ao mez de março ultimo. É uma bella revista mensal illustrada, de lavoura, pecuaria e industrias ruraes, que se publica nesta capital sob a competente direcção do sr. Eurico SAntos, nosso coleega de imprensa" (Correio da Manhã, 27 mai. 1925, p.2).

[lxxi] Marcelo Leite, jornalista e divulgador científico. Disponível em: https://www.fiocruz.br/brasiliana/. Acesso em: 10 fev. 2024.
[lxxii] *A Fazenda Moderna*. Órgão do Instituto Agrícola Brasileiro. Revista mensal ilustrada de lavoura, pecuária e industria ruraes. Redacção: rua da Assembléa, S, 2º. A revista é uma espécie de segunda edição de *A Fazenda*, retomada do projeto anterior.



NUM. 1

A FAZENDA MODERNA

ANNO I

JANEIRO DE 1916

AOS LEITORES

Inopportuno não é o apparecimento de mais uma revista agricola no nosso meio. Não podemos dizer que possuimos publicações agricolas em demasia, posto que tenhamos já bem representado este ramo de imprensa.

A Fazenda Moderna não vem preencher lacunas, mas trabalhar de mãos dadas com suas irmãs para o mesmo fim: a mais ampla divulgação dos processos da agricultura moderna.

Verdade dita que não é possivel introduzir aqui, dum salto, as ultimas conquistas da agricultura hodierna; iremos, entretanto, prégando o melhoramento do que já existe e adoptando o que o espirito do nosso homem do campo não repugnar acceitar; continuaremos este apostolado gradual da conversão que terá seu advento, fatalmente, mas quando nós outros, os cavalleiros desta cruzada patriotica, já tivermos legado o proseguimento desta tarefa á geração que nos vai succeder.

Já está dito e redito que o peor mal da nossa agricultura tem sido a falta de instrucção agricola.

A ella naturalmente devemos a decadencia da cultura do anil, da quina e do trigo; a producção do açucar teve um desenvolvimento extraordinario no mundo, e estacionou no Brasil, despertando, pouco ha; a producção do algodão, já notavel em 1750, podia hoje ser a nossa primeira cultura, e não o é, carecendo de muitos melhoramentos; a borracha leva um tão formidavel golpe que abala a vida economica do país, pela concorrencia do Oriente, para onde a *hevea brasiliensis* foi transplantada e é explorada scientificamente; e o mate, segundo producto da nossa industria extractiva, terá breve a concorrencia da Argentina que começa a cuidar racionalmente de sua promettedora cultura.

Tudo são frutos da incuria dum lado, e da falta de instrucção agricola doutro.

Diffundir, pois, esta instrucção, torna-la accessivel por todos os meios e formas é problema que deve occupar todos os homens que se interessam por este magno assumpto.

A Fazenda Moderna presume vir ser uma achega para esta grande obra.

Intentamos fazer uma revista que seduza o leitor, já pela autoridade de seus escriptos, já pela forma por que são feitos, e pela maneira de presenta-los.

Propondo-se agradar pelo aspecto e a convencer pela autoridade de seus collaboradores, *A Fazenda Moderna* ainda se impõe pelo baixo preço de suas assignaturas.

Mas um jornal de ensinamentos deve ser doutro modo um orgam de informações. Não se entenda por isto um desenvolvimento de noticias inuteis, porém uma resenha systematica de tudo que não pode ignorar quem deve aperfeiçoar-se na arte ou na sciencia agricola, e para tal fim apresentaremos um completo serviço de informações, quer attendidas pelo jornal em si, quer por correspondencia directamente. O que ahi fica não é precisamente um programma, mas um designio em via de execução; dê-nos o leitor o seu apoio e julgue-nos depois, si somos ou não dignos delle.

Figura 103 – Editorial publicado na revista *A Fazenda Moderna*, n.1, 1916



A FAZENDA MODERNA

CÃES & CANIS

Alojamento dos Cães

A habitação dos cães divide-se em duas grandes classes: exteriores e canis.

Antes de tudo, circumstancia importante, de cada um destes typos de per si, diremos dos processos geraes que devem presidir a sua localisação.

(Fig. 1) Corte longitudinal duma cazinhola de cão (dimensões da cazinhola segundo o talhe do cão)

A habitação dos cães deve ser localisada em logar secco; os logares humidos lhe são prejudiciaes.

A sua orientação, que na Europa, hemispherio norte, é dirigida para éste e sudeste, deva outro nos

(Fig. 3) Cazinhola de cão com tecto desmontavel

(Fig. 2) Corte longitudinal duma cazinhola de cão, mostrando a altura da porta de entrada.

(Fig. 4) Disposição da cazinhola que permitte maior movimento ao cão.

(*) Logements des Animaux, ed. V Paris 1911.



A FAZENDA MODERNA

CÃES & CANIS

O cão policial allemão

Cão policial allemão



A FAZENDA MODERNA

AS BORBOLETAS

Estudo, collecções e commercio

Entre em todo o dominio da entomologia não se encontra um grupo tão bem estudado como o dos lepidopteros.

Muito deve a sciencia neste particular aos amadores, pois, devido á paixão desses pelas borboletas, têm proporcionado ensejo para que este ramo da entomologia envia mais adiantado.

Realmente, as borboletas, pela sua belleza, facilmente attrahem amadores, empenhados em collecional-as, com muito mais gosto e paixão que os outros diversos insectos menos vistosos.

Já este facto havia sido philosophicamente glosado pelo espirito grão da fabula de Florian.

Entretanto, dentre tão vasto grupo dos lepidopteros, somente as borboletas diurnas, que os entomologistas denominam *Rhopalocheros*, merecem mesmo preferencia, já porque são as mais bellas e vistosas, já pelos seus habitos.

As borboletas, ou melhor, as mariposas nocturnas, *Heteroceros*, na linguagem scientifica, que a ninguem não vendo com muito cuidado, são sem merecido o menos cuidado dos collecionadores e, por este motivo, são menos conhecidas.

Este grupo, entretanto, não é menos interessante e as collecções que de poderiam organisar, em vista da variedade, seriam assaz valiosas.

Accresce notar que não só a parte lepidopterologica se acha interessada em seu estudo, mas a entomologia agricola deverá tirar conhecimentos com muitas mariposas de reputação duvidosa, cuja phase primitiva de lagarta constitue sem duvida grave damnidade das plantas cultivadas.

Collecionando-se as mariposas nocturnas, presta-se um duplo serviço, estudando-se as especies em proveito da entomologia pura e applicada.

As borboletas soffrem os insectos mais estranhos e lindos da creação, se, em sua phase de larva, não constituem tremendas pragas da agricultura, como, para citar muito a *Gelechia gossypiella*, microlepidoptero, que em sua fórma larval, constitue a celebre lagarta rosada, tremenda praga dos capulhos do algodão; a *Aleurodes proletella*, cuja lagarta, o saracuru, devora as folhas do algodoeiro.

O valor, portanto, destas collecções, quer no ponto de vista puramente collecionista, quer de ordem pratica, é immenso, offerecendo opportunidade de não só estimular a paixão do collecionador, como lhe dar conselhos a prestar soberbos á entomologia agricola, não falando do valor venal de taes collecções.

Hoje, aliás, as borboletas de qualquer especie exoticas, sendo procuradas pelo commercio, que tem a habilidade de utilisal-as na industria, preparando quadrinhos artisticos, com varias borboletas, e uma infinidade de pequenos objectos, feitos com as azas destes lepidopteros, como vemos em vitrines nas principaes ruas desta cidade.

F. S.

Floricultura Barbacena
A PRIMEIRA CASA EM
Trabalhos da Arte Floral
TELEPH. CENTRAL (83) 113, Rua da Assembléa, 113 RIO DE JANEIRO

Figura 104 – Artigo de E.S. publicado na seção *Cães e canis* de *A Fazenda Moderna*, n.8, 1926, p.3-6.

Figura 105 – Artigo de E.S. publicado na seção *Cães e canis* de *A Fazenda Moderna*, n.9, 1926, p.5-7.

Figura 106 –«As borboletas», publicado em *A Fazenda Moderna*, n.1-2, 1926, p.14.

Transcrição de trecho do artigo assinado por E.S., com visão utilitarista da fauna silvestre:
"O commercio das borboletas está hoje perfeitamente organisado, tendo os productores (caçadores de borboletas), os itermediários (compradores em grosso), os negociantes e industriaes".



Figura 107 – Capas da revista *A Fazenda Moderna*, estampando afetos a E.S: agropecuária, cinofilia e elurofilia.

2.1.1.2.1. O POLÊMICO INSTITUTO AGRICOLA BRASILEIRO

"Ser agrônomo, digo-o sem a intenção de despresar as outras profissões, é ser patriota, é ser necessário à coletividade, é ser, emfim, verdadeiramente útil á Nação".

P.P. MEDEIROS[lxxiii]

Criado em 1918, o Instituto Agrícola Brasileiro — das "classes conservadoras do paiz, representando o commercio, a industria e a lavoura"[lxxiv] — cuja essência era a difusão e implementação de tecnologia agrícola, contava com a colaboração financeira de seus membros. Foi fundado com uma extensa lista de membros beneméritos (14), honorários e fundadores, a qual inclui tanto pessoas físicas (77) quanto jurídicas (160) — sendo que propagandas desses últimos eram veiculadas nas páginas da revista (Temperini, 2003, p.43). Teve o "transumpto[lxxv] de seus estatutos" publicado na edição n.1 da revista *O Campo*. Contudo, Instituto Agrícola Brasileiro já havia sido "criado" em 1916, citado como órgão da *A Fazenda Moderna*, "revista mensal ilustrada de lavoura, pecuária e industria ruraes":

> TRANSUPTO DE SEUS ESTATUTOS. CAPITULO IX — DOS CURSOS POR CORRESPONDENCIA — O "Instituto Agricola Brasileiro", cujos fins são tratar acuradamente das nossas cousas ruraes, iniciou a sua actividade abrindo varios cursos de agricultura por correspondencia. O ensino por correspondencia, executado seriamente, é hoje considerado em todo o mundo um factor de instrucção publica, scientifca e profissional. [...] Devemos regozijados registrar que os assumptos da agricultura interessam a nossa mocidade inteligente e estudiosa, que vae comprehendendo ser a profissão agrícola a mais nobre de todas e que cultivar a terra é bem servir a Patria. A todos, pois, mesmo a todos, devem interessar vivamente os cursos agrícolas que fundamos e que podem ser seguidos a qualquer tempo, em qualquer logar, aproveitando-se as horas sobradas dos outros misteres, num mister maior que todos os outros. O "Instituto Agrícola Brasileiro" estabelece provisoriamente o curso de engenheiro agronomo[121], agronomo pratico e administrador rural. Chamamos, pois, com a máxima insistência a atenção do nosso homem de campo, tão simples como sensato, para estes cursos, de caracter pratico, cuja aceitação em nosso meio se impõe como uma questão que intimamente interessa o órgão vital da Nação — a agricultura. O curso de engenheiro agronomo consta das seguintes matérias: [...] O preço total do curso de engenheiro agronomo é de 400$000, fornecendo o Instituto todos os livros (O Campo, n.1, 1930, p.120).

[lxxiii] MEDEIROS, Pedro Paulo de. A Missão do Agrônomo. *O Campo*, n.1, 1932, p. 128.
[lxxiv] Chegará hoje, ás 4 horas e meia da tarde, ás estação da praia Formosa, o trem especial, conduzindo o Sr. Epitacio Pessoa, de regresso definitivo de Petropolis, onde passou a estação calmosa. Todas as classes sociaes que constituem a Nação Brasileira, governantes e governados, autoridades e povo, instituições e congregações de todas as especies, o Brasil unido sem separações de ordem politica sem divisões de ordem partidaria, a nacionalidade cohesa em torno das instituições constituidas, vai homenagear o estatista que, conclarividencia, sabedoria, imparcialidade, energia, civismo, está conduzindo o paiz no periodo mais agitado da nossa vida de nação livre e independente "as classes conservadoras do paiz, representando o commercio, a industria e a lavoura, adheriram em massa ás homenagens de hoje ao primeiro magistrado da Republica [Epitacio Pessoa], conforme relação que abaixo se estampa: [...]Instituto Agrícola Brasileiro [...] (Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, 29 abr. 1922, p.1.).
[lxxv] m. Traslado; cópia. Imagem; reflexo. Exemplo. (Lat. transumptus). The Free Dictionary, 2024.

O modelo de ensino preconizado pelo Instituto Agrícola Brasileiro nos remete a década de 1910, quando o *Almanak Laemmert 1915* listou Júlio Arsênio Barbosa como lente do Curso de Agronomia e representante da Instituicion Cervera, sediada em Valência, Espanha — Escuelas Internacionales por Correspondencia — uma recordação do passado de E.S., vice-presidente do instituto, que "parece não ter completado seus estudos em agronomia" (Oliveira, 1978, p.8). A expressão "curso de engenheiro agronomo" só aparece no estatuto do instituto, publicado no n.1 da revista *O Campo*, que circulou no período de 1930 a 1952; a expressão "curso de agronomia" aparece oito vezes, mas sem fazer referência a cursos do instituto[122]. Ao que parece, os "vários cursos de agricultura por correspondência" oferecidos pelo Instituto Agrícola Brasileiro não foram além das intenções gravadas no estatuto.

Digressão que mereceria aprofundamento na retórica ufanista do Instituto Agrícola Brasileiro sobre os cursos pagos ofertados à "mocidade inteligente e estudiosa" e ao "homem de campo, tão simples como sensato" — que seria basilar em uma tentativa de definir o perfil dos leitores das revistas agrícolas —, abarcaria o índice de analfabetismo da população brasileira: em 1940, menos de um terço das pessoas entre 7 e 14 anos frequentava a escola; o baixo nível de escolarização era revelado por taxas que oscilavam entre 10%, para o que hoje é o Tocantins, e 54%, para o Rio de Janeiro; 28,9 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade estavam ocupadas em alguma atividade econômica, sendo 33% dessa população ocupada na agricultura, pecuária e silvicultura, chegando a 40% em algumas regiões — o Estado do Rio de Janeiro apresentava uma das menores proporções, resultado da diversificação na absorção da mão-de-obra em outros setores de atividade (IBGE, 2007).

Aparentemente, o público-alvo do Instituto Agrícola Brasileiro e das revistas agrícolas era a elite alfabetizada e patronal. O instituto, pode-se afirmar, estava coadunado a um grande projeto de modernização e desenvolvimento agropecuário, "afirmação do capitalismo nos principais segmentos da economia nacional" (Sperança, 2010).

"Uma iniciativa digna de aplausos, porque se alinha ás necessidades brasileiras" — lide estampada pelo jornal carioca *A Rua*, que anunciou a criação, finalidades, composição da diretoria, lista de fundadores e ações do Instituto Agricola Brasileiro:

> Em Agosto do corrente anno — quando ainda não se podia prever a effectividade do actual armisticio entre as forças belligerantes, na Europa, para a discussão da paz necessária á Humanidade — um grupo de brasileiros, com responsabilidades sociaes e cheios do mais applaudido patriotismo, trocava idéas sobre a possibilidade de serem congregados esforços de todos os representantes das classes agrícolas e amigos da agricultura, a fim de, numa ação conjunta trabalhar, pelo progresso e máxima expansão da agricultura nacional. Idéa assim tão elevada não foi difficil encontrar decidido apoio entre homens que comprehendem estar na intensidade da agricultura a base segura de nossa pujança econômica [...]. O Instituto ainda concederá Diploma de Honra [...]. Como as casas

> comissárias[lxxvi] desempenham importante papel na vida agrícola do paiz, o Instituto, pesquizando com justiça geral a praça do Rio de Janeiro, merecedora de semelhante galardão, conferiu por primeiro gesto aos srs. [...] sob os 'considerando' seguintes, lidos e unanimemente approvados em sessão de 28 de Novembro findo, sob proposta do [...] (A Rua, 6 dez. 1918, p.5).

> TRANSUPTO DE SEUS ESTATUTOS. CAPITULO VIII — DAS RECOMPENSASOS CURSOS POR CORRESPONDENCIA — O Instituto Agricola Brasileiro, consciente da conveniencia de significar por testemunhos solemne e duravel o apreço que merecem os esforços empregados no cultivo e no preparo dos productos da agricultura nacional, resolveu conferir, com incitamento, Diploma de Honra, a prodcutos de origem agricola, em natureza ou manufacturados, bem assim como a obras estabelecimentos publicos ou particulares. Os produtos, para obtenção desta honraria, são submetidos a uma commissão especial, cujo laudo será apresentado em sessão, conferindo-se o Diploma caso o producto mereça tal de distincção. Não poderão ser admitidos ao julgamentos produtos alimenticios nocivos á saude ou que não estejam estrictamente conforme as leis e decretos estabelecidos para seu fabrico, conservação e commercio. O Diploma, artístico e bellamente lithografado, é do tamanho de 64 centimetros de comprimento, por 53 de largo (O Campo, n.1, 1930, p.120).

Na implementação e no cumprimento do vasto rol de intenções e atribuições do Instituto Agricola Brasileiro — aparentemente fundado em 1930, de acordo com o "Transumpto de seus estatutos" publicado em *O Campo* —, a conceção do Diploma de Honra e a publicação da revista[lxxvii] parecem ter sido as ações[123] mais exitosas. Contudo, a conceção do diploma se dava — e era anunciada no jornais de vários estados — desde 1918. O nome de E.S. — vice-presidente do Instituto Agrícola Brasileiro — aparece na revista *Chacaras e Quintaes*, pela primeira vez, também em 1918 (n.5, v.17, p.384). O diploma (ou uma medalha de ouro) era concedido a tipos variados[lxxix] de produtos (Fig. 108 a 115), serviços e estabelecimentos:

> Extinctor de sauva Z. Werneck — Vencedor no concurso de provas efficaz-economicas realizado em Bello Horizonte, sob os auspícios da Sociedade Mineira de Agricultura, por delegação do governo do Estado. Premiado com o Diploma de Honra pelo Instituto

[lxxvi] "Os comissários podiam ser casas comerciais, ou mesmo indivíduos, com sede em Santos e Rio de Janeiro, e que tinham a função inicial de receber o café do produtor em consignação e vendê-lo aos exportadores, cobrando uma comissão de 3% sobre o preço de venda; com o tempo, o comissário agregou a função creditícia, fornecendo empréstimos sob as safras a fim de financiar os custos agrícolas dos fazendeiros e, dessa forma, garantir maior volume de café a ser negociado com os exportadores" (Silva, 2015, p.214).

[lxxvii] Art. 2º - Para consecução de seus fins, o Instituto empregará os seguintes meios: [...] §14 - Fará publicar uma revista orgam do Instituto, na qual se dará expediente deste, ahi sendo também inseridos artigos sobre agricultura em geral, de auctoria de escriptores agricolas, membros o não do Instituto. O "O Campo" é actualment órgão oficial do Instituto. [...] Art. 5º - Os membros do Instituto deverão esforçar-se para manter na respectiva revista assidua colaboração, a fim de tornar este órgão de divulgamento assaz interessante (O Campo, 1930, n.1, p.118-119).

lxxviii Diploma de Honra à sua fábrica de Banha de Felipe Haj Mussi (A Republica, Curityba, 21 ago. 1919, p.1).

[lxxix] Exemplos: "Grande Diploma de Honra" à Fabrica Central de Lacticinios "devido a sua extrema pureza e á perfeição em que é manipulada, obedecendo estrictamente o prescripto no decreto 3070, sendo outrossim uma das marcas mais correntias do mercado da cidade do Rio de Janeiro" (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 16 jul. 1918, p.3); Diploma de Honra concedido ao Adubo Calcareo de Itupararanga (A Gazeta, São Paulo, 3 jun. 1918, p.5); "PORTO ALEGRE (A.A.) (Retardado) — O Instituto Agricola Brasileiro, dessa capital, conferiu diploma de honra á firma Amaral da Silveira & C., proprietária de uma fabrica de cigarros, aqui" (O Paiz, Rio de Janeiro, 14 jun. 1919, p.5); Typographia Coelho (Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, 18 out. 1927, p.12, Medalha de Ouro do Instituto Agricola Brasileiro); Fábrica de Fogos Santa Bárbara (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 9 jul. 1937, p.15); Chacara Ilha de S. João — "arvores frutiferas, especialidade em castanheiro" (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 6 ago. 1940, p.9., Medalha de Ouro do Instituto Agricola Brasileiro).

Agricola Brasileiro (Correio da Manhã, 8 jun. 1918. p.3 — A nota sobre a diplomação foi publicada em 20 edições do jornal).

DUQUE & C. — INSTITUTO AGRICOLA BRASILEIRO — DIPLOMA DE HONRA — Publica fórma de uma carta, a qual é do theor seguinte: “Instituto Agricola Brasileiro, Vice-Presidente: Eurico de Oliveira Santos [...] Séde Provisoria: Rua da Assembleá, 8, 2º andar, Telephone, Central, 4692, Rio de Janeiro Brasil [...] Saudações! Temos o praser de levar ao conhecimento de V. Ex. que em sessão de 4 do corrente, por proposta de nosso ilustra consocio [...], foi concedido, unanimemente à "Fábrica Central de Lacticinios", um Diploma de Honra. Essa distincção mereceu-a o seu producto devido a sua extrema pureza e á perfeição em que é manipulada [...]. Sem mais, enviamos os nossos cumprimentos em nome de todos os membros do instituto. De V. Ex. Att.° Cr.° Obr.° Eurico Santos, Vice-Presidente.” Eu, [...], primeiro Tabelião que a escrevi, conferi e assigno em publico e raso. Em tt.° de Verdade - Maximiano Estevão Nepomoceno (Correio da Manhã, 16 jul. 1918, p.3).

O Sr. Oriano Mendes, representante nesta cidade de uma das principaes casas de machinismo industriaes e agricolas no Brasil, a firma Bromberg & C., da Bahia, com filiaes em Rio Grande, Pelotas Porto Alegre e S. Paulo, pede-nos a publicação do precioso documento abaixo, diploma de honra com que o Exmº Snr. Director do Instituto Agricola Brasileiro vem de conferir á aquella importante firma pelos melhoramentos prestados a industria agricola brasileira e ao commercio, facilitando, dilatando e aperfeiçoando o progresso da agricultura nacional. Publicando o texto desse honroso documento, congrtulamos-nos com o sr. Oriano Mendes pela optima representação que alcançou, dispensando-nos melhores referencias, porquanto mais não podiamos fazer aos srs. cmmerciantes, industriaes e agricultores do que a publicação desse diploma valiosisismo e assás recommendavel que obteve a casa Bromberg & Cia. Eil-o: «Instituto Agricula Brasileiro. Rio de Janeiro, 25 de Junho de 1918. Exmos. Srs. Bromberg & Cia. Saudações. O Instituto Agricola Brasileiro tem o prazer de levar ao conhecimento deV. Exa. um facto que lhe deve dar natural satisfação. Em sesão de 22 doc orrente deste Instituto, o nosso consocio Dr. J. Carmo Reis, teve occasião de mandar á mesa a seguinte proposta: «Considerando que o commercio de apparelhos e machinas agricolasa, quer destinados aos lavores da terra e as subsequentes operações de colheita, beneficiamento, quer as destinadas ás Industrias agricolas, tem, sem duvida, concorrido para o adiantamento da agricultura brasileira, já espalhando pelo paiz estes apparelhos e machinas, já instalando nos reclamos illustrados pelas revistas techinicas; Considerando que entre muitas outras casas deste genero aliás muito dignas, a firma Bromberg & Co. merece um lugar primacial, não só porque é uma das que mais se distinguem nesta propaganda, como a muito vem ser vindo a agricultura nacional com uma lisura acima de toca referencia; Considerando que o Instituto Agricola Brasileiro, além das suas pratrioticas iniciativas, tem a de prestar auxilio moral e incitamento aos que trabalham pelo progresso da agricultura nacional; proponho que seja outorgado a firma Bromberg & Co., pelas razões indicadas, um DIPLOMA DE HONRA.» Esta proposição mereceu unanime approvação, sendo determinado que se desse conhecimento a V. Exas. do occorrido e que se providenciasse para a expedição do Diploma. Congratulando-nos com V. Exas. por este facto apresentamos-lhes os nossos mais respeitosos cumprimentos, assignando-nos.. De V. Exas. Atto. Cro. Obro. ass. Eurico Santos.» (Folha do Littoral[lxxx], Camocim, 3 out. 1918, p.2).

[lxxx] Orgão Commercial e de Informações Geraes. O município de Camocim está localizado no litoral cearense, cerca de 360 km ao norte de Fortaleza.

A MANDIOCA. O Instituto Agricola Brasileiroa, em sessão de 14 de dezembro do ano próximo findo [...] conferiu o Diploma de Honra ao sr. [...] que mantem um estabelecimento agrícola no município de Alcântara, dêste estado, justificando o seu neto da seguinte forma: Considerando que o consumo e aproveitamento da mandioca cada dia mais se alarga [...] que tão excelentes produtos apresentou na grande feira anual do Distrito Federal, um Diploma de Honra (Pacotilha, Maranhão, 3 jan. 1919, p.4).

Uma grande distincção. O competente phamaceuticho chimico [...] deve estar deveras satisfeito pela distincção rara que acaba de lhe ser conferida [...]. E' realmente uma grande honra e tanto mais digna de attneção porque se reflecte sobre o nosso Estado, exprimindo elevado gráu de adeantamento que tem attingido a nossa industria de preparos pharmaceuticos [...]. Fabrica de Productos Chimicos, e da absoluta perfeição techinca de seus productos, como é prova patente a notavel representação que acabam de fazer na Exposição Internacional de 1922, o Instituto Agricola Brasileiro — cumprindo ás disposições de seus estatutos, resolveu por proposta de [...], e unanimidade de votos, conceder lhes o «Grande Diploma de Honra» [...] Levando a V.V.S.S. tão grata noticia, valemo nos do ensejo para felicital'os cordialmente e assignarmo'nos de V.V.S.S. Att. Amo. Obro. EURICO DE OLIVERIA SANTOS. Vice'Presidente. N. B. — Os diplomas outhorgados pelo Instituto Agricola Brasileiro não têm relação alguma com os diplomas conferidos pela Exposição Internacional do Centenario. Da «Folha do Povo» de 7 de Outubro (Pacotilha, Maranhão, 10 out. 1923, p.4 — O anúncio foi publicado em seis edições do jornal).

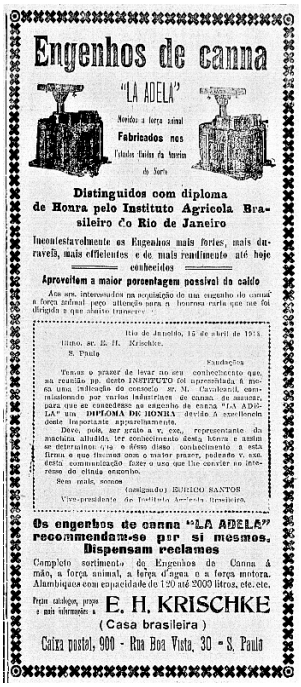
Uma distinção. O sr. [...] proprietário da acreditada Farmácia Sanitária[lxxxi], foi distinguido

emos'nos do ensejo para felicitá'lo cordialmente e assinarmo nos de vv. ss. att. am. obr. — Eurico Santos, vice-presidente (Pacotilha, Maranhão, 29 fev. 1924, p.1).



Figura 108 – Fábrica localizada na celebrada rua do Hospício. Anúncio publicado nos jornais cariocas *A Rua* (25 mar. 1918, p.12) e *A Epoca* (31 jul. 1919, p.13). A concorrente Manteiga Heliantho (Chaves, Filho, Reis & C.) — também recebeu a distinção "pelo esmero do seu fabrico, pureza de sua qualidade elegancia do seu acondicionamento" (O Jornal, Rio de Janeiro, 7 jan. 1920, p.6).

[lxxxi] Em 13 out. 1924, o jornal *Pacotilha* publicou uma pequeníssima nota sobre o diploma conferido: "Por esse motivo, enviamos ao ilustre farmaceutico as nossas felicitações".



Engenhos de canna

"LA ADELA"

Movidos á força animal

Fabricados nos Estados Unidos da America do Norte

Distinguidos com diploma de Honra pelo Instituto Agricola Brasileiro do Rio de Janeiro

Incontestavelmente os Engenhos mais fortes, mais duraveis, mais efficientes e de mais rendimento até hoje conhecidos

Aproveitem a maior porcentagem possivel do caldo

Aos srs. interessados na acquisição de um engenho de canna á força animal, peço attenção para a honrosa carta que me foi dirigida e que abaixo transcrevo:

Rio de Janeiro, 15 de abril de 1918.

Illmo. sr. E. H. Krischke.

S. Paulo

Saudações.

Temos o prazer de levar ao seu conhecimento que, na reunião pp. deste INSTITUTO foi apresentada a nossa mesa uma indicação do conscio o Sr. M. Cavalcanti, commissionado por varios industriaes de canna de assucar, para que se concedesse ao engenho de canna "LA ADELA" um DIPLOMA DE HONRA, devido á excellencia deste importante aparelhamento.

Deve, pois, ser grato a V. Ex., representante da machina alludida ter conhecimento desta honra e assim se determinou que se desse disso, conhecimento a esta firma o que fazemos com o maior prazer, podendo V. Ex. desta communicação fazer o uso que lhe convier no interesse do citado engenho.

Sem mais, somos

(assig.) EURICO SANTOS

Vice-Presidente do Instituto Agricola Brasileiro

Os engenhos de canna "LA ADELA" recommendam-se por si mesmos. Dispensam reclames

Completo sortimento de Engenhos de Canna á mão, a força animal, a força d'agua e a força motora. Alambiques com capacidade de 120 até 2000 litros, etc. etc.

Pedir catalogos, preços e mais informações a E. H. KRISCHKE

(Casa brasileira)

Caixa postal, 900 - Rua Boa Vista, 30 - S. Paulo

Figura 109 – Anúncio do engenho da cana «LA ADELA» publicado no *Correio Paulistano*, 19 mai. 1918, p.8.



384 CHACARAS E QUINTAES

ENGENHOS DE CANNA

"LA ADELA"

MOVIDOS Á FORÇA ANIMAL

Fabricados nos Estados Unidos da America do Norte

Incontestavelmente os ENGENHOS MAIS FORTES, MAIS DURAVEIS, MAIS EFFICIENTES e de MAIS RENDIMENTO até hoje conhecidos

Aproveitem a maior porcentagem possivel do caldo

DISTINGUIDOS COM DIPLOMA DE HONRA PELO INSTITUTO AGRICOLA BRASILEIRO, DO RIO DE JANEIRO

Aos srs. interessados na acquisição de um engenho de canna á força animal, peço attenção para a honrosa carta que me foi dirigida e que abaixo transcrevo:

Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1918

Illmo. Sr. E. H. Krischke — S. Paulo

Saudações

Temos o prazer de levar ao seu conhecimento que, na reunião pp. deste INSTITUTO, foi apresentada mesa uma indicação do conscio o Sr. M. Cavalcanti, commissionado por varios industriaes de canna de assucar, para que se concedesse ao engenho de canna «LA ADELA» um DIPLOMA DE HONRA, devido á excellencia deste importante aparelhamento.

Deve, pois, ser grato a V. Ex., representante da machina alludida ter conhecimento desta honra e assim se determinou que se desse disso, conhecimento a esta firma o que fazemos com o maior prazer, podendo V. Ex. desta communicação fazer o uso que lhe convier no interesse do citado engenho.

Sem mais, somos (assig.) EURICO SANTOS

Vice-Presidente do Instituto Agricola Brasileiro

PEÇAM CATALOGOS, PREÇOS E MAIS INFORMAÇÕES A

E. H. KRISCHKE

(CASA BRASILEIRA)

Caixa Postal, 900 — RUA BOA VISTA, 30 — SÃO PAULO

Figura 110 – O nome de E.S. aparece na revista *Chacaras e Quintaes*[lxxxii], pela primeira vez, na edição n.5, v.17, 1918, p.384, em anúncio sobre a concessão "ao engenho de cana «LA ADELA» um DIPLOMA DE HONRA, devido á excellencia deste importante aparelhamento".



Farinha das Mercês

MELHOR ALIMENTAÇAO PARA CRIANÇAS, QUANDO ALEM DOLEITE NECESSITAREM

Preparado pelo Dr. Sabino Pinto, Medico e Director do Instituto de Proteção e assistencia á infancia de Pernambuco.

Premiada nas exposições de Anvers, Paris, S. Luiz Turim Municipal do Rio de Janeiro e do Recife e na 1ª Feira annual do Destricto Federal; com diploma de honra do Instituto Agricola Brazileiro.

Aprovada pela Higiene de Pernambuco.

Não produz inflamação no estomago e intestinos.

Optimo para os convalescentes, enfraquecidos, tuberculosos e mulheres que dão de mamar. E' tambem excellente diéta para os doentes:

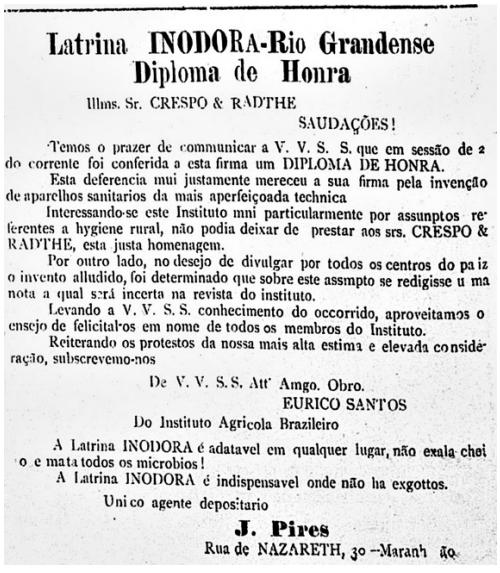
Rs. 1$800 preço de um pico e.

Vendem

Silva & Mendes.

RUA DE PORTUGAL N. 99 A - 8534—86

Figura 111 – Anúncio publicado no jornal *Pacotilha*, Maranhão, 12 dez. 1921, p.4. O fabricante da "Farinha das Mercês: melhor alimentação para crianças quando alem do leite necessitarem", publicou o anúncio em 12 edições do jornal no período de dez. 1921 a jan. 1922.



Latrina INODORA-Rio Grandense

Diploma de Honra

Illms. Sr. CRESPO & RADTHE

SAUDAÇÕES!

Temos o prazer de communicar a V. V. S. S. que em sessão de 2 do corrente foi conferida a esta firma um DIPLOMA DE HONRA.

Esta deferencia mui justamente mereceu a sua firma pela invenção de aparelhos sanitarios da mais aperfeiçoada technica

Interessando-se este Instituto mui particularmente por assunptos referentes a hygiene rural, não podia deixar de prestar aos srs. CRESPO & RADTHE, esta justa homenagem.

Por outro lado, no desejo de divulgar por todos os centros do paiz o invento alludido, foi determinado que sobre este assmpto se redigisse u ma nota a qual será incerta na revista do instituto.

Levando a V. V. S. S. conhecimento do occorrido, aproveitamos o ensejo de felicital-os em nome de todos os membros do Instituto.

Reiterando os protestos da nossa mais alta estima e elevada consideração, subscrevemo-nos

De V. V. S. S. Att' Amgo. Obro.

EURICO SANTOS

Do Instituto Agricola Brazileiro

A Latrina INODORA é adatavel em qualquer lugar, não exala cheiro e mata todos os microbios!

A Latrina INODORA é indispensavel onde não ha exgottos.

Unico agente depositario

J. Pires

Rua de NAZARETH, 30 --Maranhão

Figura 112 – Anúncio publicado no jornal *Pacotilha*, Maranhão, 25 jul. 1924, p.4.

[lxxxii] A revista publicou 121 anúncios que citam o Instituto Agricola Brasileiro no período de 1918-32. Em nota publicada no n.3, v.85, 1952, p.315, a revista se expressa "maior respeito e admiração para a Escola Nacional de Agronomia e conta com grandes amizades e simpatias entre os diretores professores e estudantes do nosso maior instituto agrícola brasileiro [...]".



Figura 113 – Anúncios publicados nos jornais cariocas *Puritano* (28 nov. 1918, p.8 — e em mais 10 edições) — e *A Epoca* (8 nov. 1918, p. 4 — e em mais seis edições).



Figura 114 – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1920, p.9. O anúncio foi publicado em 15 edições do jornal.

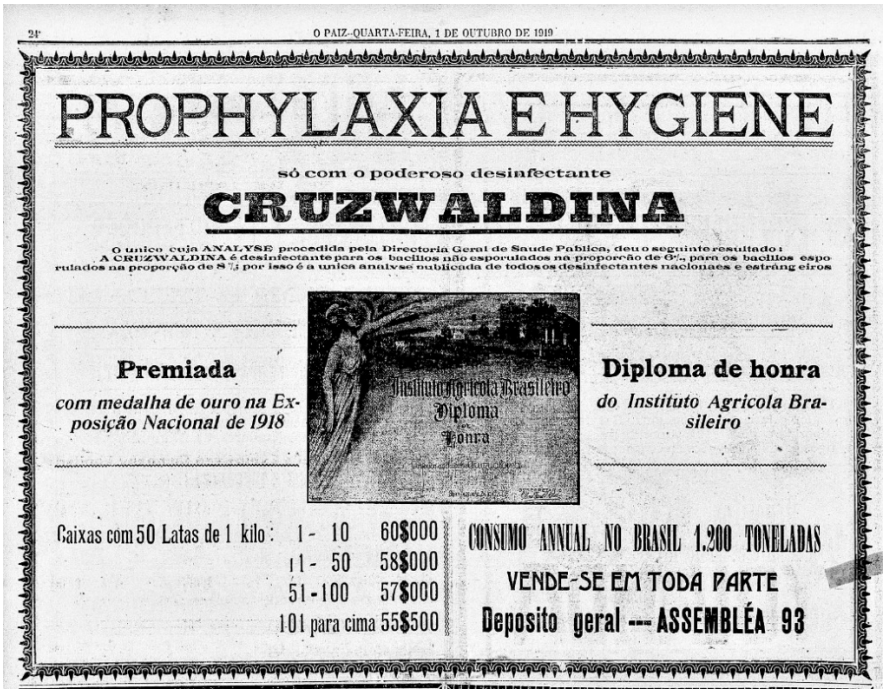


Figura 115 – *O Paiz*, Rio de Janeiro, 1 out. 1919, p.24. Anúncio também publicado em *O Jornal*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1920, p.27).

Em 1918, Instituto Agricola Brasileiro foi acusado de fraude em reportagem veiculada no semanário *A Rolha*[lxxxiii] (Fig. 116 e 117), sediado em São Paulo. A denúncia foi reiterada pelo semanário coirmão *O Parafuso* em 1920 (Fig. 118). A despeito das reportagens, o Instituto Agricola Brasileiro continuou concedendo diplomas até [1934?] (Fig.121 e 122). Em 1936, o instituto volta a ser mencionado nos jornais: no *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro, 28 mar. 1936, p.9), sobre a prisão, "em S. Paulo [de] um viciado em entorpecentes [...] que é diretor do Instituto Agricola Brasileiro do Rio". A prisão também foi veiculada, em duas linhas, pelo *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro, 28 mar. 1936, p.1) sem, contudo, mencionar o instituto. ''Adelino [Coloknesi] declarou ter trinta annos de idade, ser solteiro, director do Instituto Agricola Brasileiro, com séde no Rio de Janeiro [...]" (O Jornal, Rio de Janeiro, 2 mar. 1936, p.6).

Como bem nos lembra o historiador Karnal (2016), "a história não é um tribunal, muito menos um juiz a indicar certo e errado em meio a opiniões. [...] História não tem sentido moral. [...] A lógica do passado não é autônoma".



O INSTITUTO AGRICOLA BRASILEIRO é um instituto de "cavação" de "diplomas de honra" para os industriaes deshonestos.

Como "A Rolha" arranjou um "diploma de honra" para a "Formicida Sylvia", que não existe

Uma sensacional reportagem

O MUTUALISMO é a "hespanhola" das economias dos idiotas.

Figura 116 – *A Rolha*, São Paulo, n.34, 29 out. 1918, p.4-6.

Transcrição de trechos da reportagem: "Escrevemos, reclamando o 'diploma' ou a devolução do 'cobre'... [...]. Ninguém poderá duvidar do que afirmamos, Recebemos o 'diploma' sem termos enviado o nosso produto e já está na redação para quem quizer examinar e dar boas gargalhadas. [...] E' preciso convir que as pessoas que se utilisam dos alludidos diplomas são mais safadas e deshonestas que os 'picaretas' com 'arapuca' á rua da Assembléa, 8, na capital da Republica".

[lxxxiii] "semanario em substituição a 'O Parafuso', enquanto durar o estado de sitio".

[lxxxiv] Levamos ao seu conhecimento havermos conferido ao Banco Agricola de Monte Mór, sob sua [coronel Luiz Steffen] presidencia, um Grande Diploma de Honra. Nenhuma outra instituição bancaria do Brasil presta tão directamente á agricultura os serviços que essa casa de credito vae prestando a Monte Mór[lxxxiv], município que graças ao banco será um dos principaes nucleos de cultura da batata. Se os outros municipios do Brasil tivessem bancos com um programma tão pratico, a agricultura nacional teria um surto até então ignorado, pois o que nos falta sobretudo é o credito agricola, não para grandes negocios, mas para o serviço util do pequeno proprietario. Reiterando os protestos, etc. — (a) Eurico Santos, vice-presidente (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 23 ago. 1929, p.5).



O INSTITUTO AGRICOLA BRASILEIRO é um instituto de "cavação" e "diplomas de honra" para os industriaes deshonestos.

Como "A Rolha" arranjou um "diploma de honra" para o "Formicida Sylvia", que não existe

Ecos da nossa reportagem

Instituto Agricola Brasileiro
Diploma
DE
Honra

O BOA VISTA é a "hespanhola" da moralidade.

Figura 117 – *A Rolha*, São Paulo, n.36, 19 nov. 1918, p.11-12.

Transcrição de trechos da reportagem:
"Uns o pagaram, o encaixaram em molduras doiradas e o collocaram nas paredes. Outros, não o pagaram e agora já não o pagarão, por termos denunciado a patifaria [...]. Os dias do Instituto Agrícola Brazileiro, estão contados. Os seus 'diplomas' em São Paulo já não valem um caracol [...]. Ao sr. M. Cavacalnti, nossos parabens, porque proporcionou ao Instituto uns cobres e á firma E.H. KRISCHKE, os nossos pezames, porque foi victima de um 'conto do vigário, já não se falando nos compradores de engenhos que foram ludibriados...".



O Instituto Agricola Brasileiro é um instituto de "cavação" de "diplomas de honra" para os industriaes deshonestos

Como A ROLHA arranjou um diploma de honra para a "Formicida Sylvia", que não existe

UMA SENSACIONAL REPORTAGEM

Em prol dos Lazaros

Um donativo mais valioso que o distribuido pelo conde Matarazzo

Instituto Agricola Brasileiro
Diploma
DE
Honra

Proximo numero: O sr. Rodolpho e os "grilos".

Figura 118 – *O Parafuso*, São Paulo, n.187, 29 out. 1920, p.9.

Transcrição da manchete: "O Instituto Agrícola Brasileiro é um instituto de 'cavação' de 'diploma de honra' para os industriaes deshonestos. Como A ROLHA arranjou um diploma de honra para a 'Formicida Sylvia', que não existe".

Transcrição de trecho da reportagem:
O que é lamentavel, vergonhoso, indecente, asqueroso, infame, é pertencerem ao dito 'covil de ladrões' como membros honorarios, os srs. Conselheiro Antonio Prado, dr. Affonso Alves de Camargo, ex-presidente do Paranã, senador Alfredo Ellis, dr. Amador da Cunha Bueno, deputado Gabrlel de Andrade, Simões Lopes, actual Ministro da Agricultura, Conde Prates, Capitão Rodolpho de Miranda senador estadual
e
outros 'figurões' cujo passado bem averiguado não é melhor que do actual sr. Eurico dos Santos, presidente da quadrilha que pontifica no 'Instituto Agricola Brasileiro'."

Legenda da foto à esquerda: "O diploma de honra da Formicida Sylvia que nunca existiu".

Legenda da foto à direita: "O diploma da 'Manteiga Aguia' a quem damos 24 horas para retirar da vitrina".

NA FAZENDA E NA GRANJA

Notas sobre cães de mostra

(Respondendo a uma consulta do Sr. J. Marinho, Minas)



Um cão de mostra allemão

O BRACO FRANCEZ

Apreciação geral — No intuito de adaptar o seu velho e excellente cão de mostra ás varias condições do só o francez, tiveram os caçadores e criadores daquella nacionalidade o ensejo de transformar a velha raça de Oyzels no Braco Francez e successivamente, no Braco de Ariege, no Braco de Auvergne, no Braco de Bourbonnais, no Braco de St. Germain e no Braco Dupuy.

O grande Braco Francez é um animal vigoroso e com capacidade de realisar um trabalho prolongado, effectuado sempre com calma.

E' um dos cães mais uteis ao caçador, trabalhando na matta, no campo ou no brejo, com intelligencia, sagacidade e moderação. Rasteja a caça em grande trote e raramente em galope, mostrando-se infatigavel, supportando o calor ou o frio mais intensos.

Presta-se para toda caça, rastejando na Europa as perdizes, a cordoeniz, o francolim, a narceja, o faisão, a gallinhola, a lebre e o coelho.

E' um cão saudavel e de grande rusticidade.

Elle rasteja com grande faro e caça, mas, se esta falha, elle está apto para uma "demi-pistage", quer dizer, elle sabe reconher as emanações mais ou menos fracas do solo, como os demais cães de rasto, mas, nas immediações do solo. Seu adestramento é facil, tornando-se rapidamente um "retriever".

Dotado de notavel intelligencia, adquire logo a pratica da caçada, executando-a com sagacidade e prudencia em breve, estando senhor das astucias e defesas empregadas pela caça e sabendo contraminal-as com finura e iniciativa admiraveis. Nenhum cão mais que o Braco se mostra capaz de se adaptar aos terrenos em que caça e aos animaes mais differentes.

Origem — Parece ter sido a Hespanha a patria dos cães de mostra. Na França, desde o seculo XV, conhece-se o emprego destes animaes na caça. Roodenbeke colhe que um dos especimens desta raça, designada na Idade Média pelo nome de Bracheto, donde lhe veio o nome de Braque, servia para a caça de falcão. Este cão, tambem chamado de Oyzels, tinha por mistér procurar a caça, cuja presença assignalava deitando-se, dahi a sua designação de «Chien couchant». Elle deveria ficar firme, parado, á espera do caçador que, com o falcão no punho, aguardava o vôo da perdiz para soltal-o.

Mais tarde, este cão foi aproveitado na caça a tiro, como hoje o vemos realisar.

Actualmente, distinguem-se dois typos do Braco francez: o de talhe grande da velha raça e o de pequeno talhe, mais commum no sudoeste da França.

O Braco de pequeno talhe não tem a amplidão de fórmas, nem a bella silhueta nem o trote largo e cadenciado do grande Braco, mas em nada lhe é inferior como caçador, mostrando actividade, intelligencia e resistencia.

O BRACO AZUL DE AUVERGNE

Apreciação geral — O Braco de Auvergne é um dos melhores cães de caça, alliando á sua grande fineza de olfacto a notavel robustez e elegancia. Sua resistencia permitte-lhe executar as mais esfalfantes caçadas, sempre com animo disposto.

E' entre os cães europeus um dos que mais se prestam ao nosso meio, porque supportam o calor com muita resistencia. Se não possuem uma intelligencia prompta, em compensação, o que aprendem, jámais esquecem.

São de qualquer fórma optimos cães de caça.

Origem — Suppõem muitos autores que o Braco de Auvergne é uma raça antiquissima, pois já os cavalheiros de Malta, na idade média, possuiam numerosas matilhas.

O BRACO DE DUPUY

Apreciação geral — O Braco de Dupuy tem o aspecto dum galgo um tanto reforçado. E' um animal de bom faro, de optima intelligencia e grande gosto á caça, muita agilidade e força.

Seu porte elevado dá-lhe um cunho de distincção e elegancia.

Origem — Suppõem alguns que a origem da raça seja o resultado do cruzamento entre uma lebda cadella Braco Poitou e um galgo. Outros dão-lhe como criação do caçador poitevino Pierre Dupuy.

O BRACO ALLEMÃO

Apreciação geral — Animal de boa estatura, musculoso, o Braco allemão assemelha-se ao Braco francez em todas as suas aptidões para caça, sendo um pouco mais pesado que este.

Origem — Este cão, como todos os cães de mostra de pêlo curto, descende do velho Braco, que se encontrava outr'ora na Europa meridional, provavelmente, hespanhol ou italiano, o qual, cruzado na Allemanha com os cães arochinos, deu o «Deutsch Kurzhaar" (cão de mostra allemão de pêlo curto). Segundo a opinião de H. Soderkamp, o Braco allemão, primitivo, era grosseiro e o seu melhoramento se fez á custa do sangue do Pointer, posto que o "pedigree" da raça, nada diga a este respeito, porque tal infusão de sangue se fez muito remotamente.

Durante muito tempo, em consequencia de numerosos cruzamentos cinco-allemães, os criadores não chegavam a um accôrdo sobre o typo a preconisar. Reconheciam-se então tres typos ou sub-racas. Ahi para 1879, após uma reacção contra os cruzamentos com a raça inglesa, voltaram de novo a cruzal-a com o Pointer. Em 1880, tentaram a unificação séria do typo e fizeram cruzamentos com cães de Lippe Detmold e com os da Thuringia, obtendo animaes actuaes ligeiros.

Existem, no entretanto, dois typos, o primitivo, pesado, chamado Braco allemão, e o ligeiro, dito Braco continental.

Variedades — O Braco allemão comporta ainda as seguintes variedades ou sub-racas: "Braco de Wurtemberg", chamado tambem Braco tricolor, que apresenta uma pelagem composta de manchas pardas e fogo sobre um fundo azulado (Braco salpicado de pintas pardas), com a côr de fogo em cima dos olhos, nas bochechas, labios, pêito e face interna dos membros. Seu talhe é de 60 a 70 cms., e seu peso de 27 a 32 kilos.

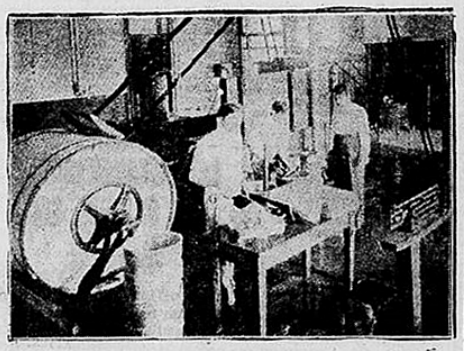
Devido a certas particularidades da sua conformação, como saliencia occipital pronunciada, labios muito pendentes, as commissuras cahidas. Dechambre o suppõe derivado do cruzamento do Braque e do cão de cerco.

"Braco Holsaciano": pardo escuro, com marcas pardas, amarello ou fogo. "Braco de Hanover": vermelho raposa com dorso mais escuro, estrella e colleira branca. "Braco do Ruhr": negro, marcado de fogo. "Braco de Weimar": de côr cinza prateada. "Braco de Westphalia": vermelho amarellado com o focinho, uma estrella e colleira brancas.

Deixamos de transcrever o Standard de cada raça, para não tornar demasiado longas estas notas.

Rico Santos. (Do Manual do Amador e Criador de Cães, em Impressão).

A conservação da manteiga



A manteiga não se deve tocar com os dedos durante a sua fabricação

A conservação da manteiga é devida, em parte, ao cuidado que se exerce na batedura.

Cada batedeira deve estar provida de uma abertura para deixar sair os gases e vapores que se desenvolvem, e de um vidro num lado, afim de se poder ver com facilidade o estado do conteúdo. Logo que a manteiga comece a formar pequenos grãos, o vidro, que até então estava embaciado, torna-se relativamente claro. Se a batedura se continua, os grãos augmentam-se, formando grandes massas e será impossivel lavar propriamente a manteiga ou extrahir o soro restante, e em consequencia, a manteiga, não obstante saborosa na occasião, em breve, se tornará rançosa devido á decomposição da caseina. Ao proceder á batedura, não se deve tocar na manteiga com as mãos.

Para se obtenem os melhores resultados no negocio de leiteria, é tão necessario uma completa hygiene e perfeita esterilisação, como para effectuar uma operação cirurgica com bom exito.

A manteiga **salgada**, extrictamente assim chamada, e preparada para ser guardada, é feita addicionando uma onça da seguinte mistura em cada libra de manteiga no processo da batedura.

Duas partes do melhor sal de cozinha.

Uma parte de saltire.

Uma parte de assucar finamente pulverisado.

Este composto deve ser misturado num morteiro e guardado em logar enxuto num vaso hermeticamente fechado.

A manteiga salgada por este processo deve ser guardada durante duas ou tres semanas antes de se usar, ou em caso contrario, não terá bom gosto; porém, se lhe tivermos extrahido completamente o soro, permanecerá em excellentes condições durante dois, tres ou mais annos, e terá um sabor mais doce e agradavel do que sendo salgada por qualquer outro processo.

Actualmente, a facil acquisição do gelo e a baratéza das machinas de refrigeração, têm tornado muito facil para o leiteiro a conservação dos seus productos por meio da refrigeração; porém, todavia, ha ainda localidades, mesmo neste paiz dos caminhos de ferro e de invenções, onde se praticam os methodos antigos. O que é certo desta vasta área, ainda ha pouco tempo, o ensejo de encontrar um desses casos arcaicos, e falando sobre varias cousas em geral, perguntou ao ancião qual o methodo que usava para conservar a sua manteiga, e recebeu a resposta seguinte:

Tenha-se o cuidado de extrahir todo o sôro á manteiga; ponha-se uma camada de duas polleg adas de manteiga no vaso onde se desejar conservar, e depois, deite-se-lhe por cima uma leve camada de assucar finamente pulverisado, e em cima desta, uma de sal fino; depois, outra camada de manteiga e continue-se assim a operação até que o vaso esteja cheio.

Os nossos leitores notarão que em cada caso, especial, a importancia consiste no facto de que a conservação da manteiga periga pela má extracção do soro.



A Cooperativa Avicola

Rua 7 Setembro nº 2

Tel. N. 7644

Recebeu sementes novas da ultima colheita. Garante-se que nascem.

Nosso estabelecimento tem sempre á venda passaros nacionaes e estrangeiros cães, gatos, gallinhas e ovos de todas as racas.

Chocadeiras e todo o material avicola.

A LUGA-SE uma casa á rua Barão de S. Francisco Filho, proximo á praça 7, com 5 quartos, 2 salas, porão habitavel, jardim e pomar. Tratar com o proprietario, á rua Visconde de Abaeté 12 — V. Isabel.

MANUAL DO AMADOR DE CÃES

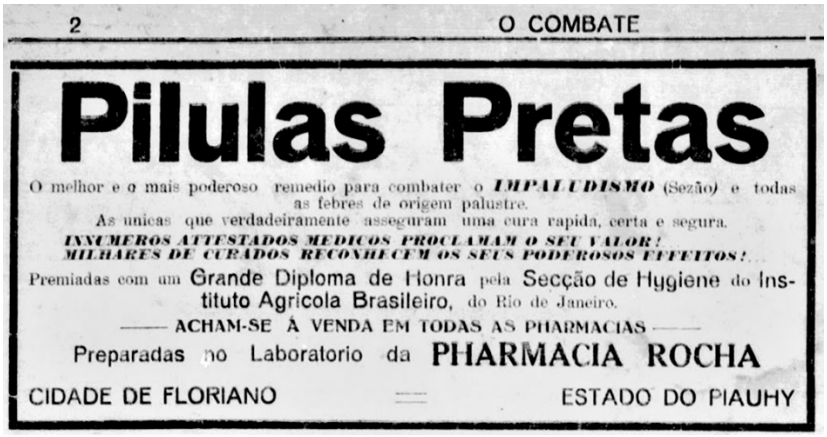
A obra mais completa sobre o cão, descripção de raças, criação, hygiene, adextramento, molestias. Em todas as livrarias do Rio.

CONSERVAÇÃO DA MANTEIGA

Conservação da manteiga por tempo indefinitivo, processo Castro Brown, patenteado nos Estados Unidos. Dirija-se ao Instituto Agricola Brasileiro — Caixa, 39 Rio.

Figura 119 – À esquerda, coluna *NA FAZENDA E NA GRANJA*, assinada por E.S., apresentando “Notas sobre cães de mostra” — texto extraído ‘(Do Manual do Amador e Criador de Cães, em Impressão)’ — e nota sobre a conservação da manteiga (Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, 18 jul. 1926, p.9).

Figura 120 – Abaixo, dois pequenos anúncios, o superior, sobre o *Manual do amador de cães* (1927), o inferior, sobre “CONSERVAÇÃO DA MANTEIGA: Conservação da manteiga por tempo indefinitivo. processo Castro Brown, patenteado nos Estados Unidos. Dirija-se ao Instituto Agricola Brasileiro — Caixa, 39 Rio” (Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, 5 nov. 1927, p.9). Além de conceder Diplomas de Honra às manteigas, o instituto, ao que parece, também se envolveu em processo de licenciamento de tecnologia. Os anúncios foram publicados em 60 edições do jornal, até abr. 1928.



2 O COMBATE

Pilulas Pretas

O melhor e o mais poderoso remedio para combater o ***IMPALUDISMO*** (Sezão) e todas as febres de origem palustre.

As unicas que verdadeiramente asseguram uma cura rapida, certa e segura.

INNUMEROS ATTESTADOS MEDICOS PROCLAMAM O SEU VALOR! MILHARES DE CURADOS RECONHECEM OS SEUS PODEROSOS EFFEITOS!

Premiadas com um Grande Diploma de Honra pela Secção de Hygiene do Instituto Agricola Brasileiro, do Rio de Janeiro.

—— ACHAM-SE À VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS ——

Preparadas no Laboratorio da **PHARMACIA ROCHA**

CIDADE DE FLORIANO — ESTADO DO PIAUHY

Figura 121 – Anúncio publicado no jornal *O Combate* (Maranhão, 15 abr. 1931, p.2) — vinculado ao Partido Republicano, sob a "Orientação politica do dr. Marcelino Machado". O anúncio foi veiculado em nove edições do jornal em 1931, 23 em 1932, 62 em 1933 e 16 em 1934. A *Pílula Preta* também foi anunciada em 73 edições do *Noticias*, Maranhão, entre 1933-34.



Terça-feira 25 de Dezembro de 1934

Grandes Manufaturas Moraes

FABRICA CASTOR

INDUSTRIAS REUNIDAS

Fumos, Bebidas, Perfumarias e Conservas

—— Casa Fundada em 1901 ——

Premiada com 4 Medalhas de Bronse, 3 Medalhas de Prata, 5 Medalhas de Ouro, 1 Grande Premio e 1 Diploma de Honra nas Exposições Universal de S. Luiz E. U. da A. 1904—Festa Popular do Trabalho, Maranhão, 1904—Nacional do Rio de Janeiro, 1908—Internacional de Turim, 1910—Universal de Bruxellas, 1911—Festa Popular do Trabalho, Maranhão, 1912—Internacional do Rio de Janeiro, 1922, —Centenario Maranhense, Maranhão, 1923 e Instituto Agricola Brasileiro, Rio de Janeiro, 1923

São suas especialidades:

Fumo caporal fino e meio fino PALADINO e COMBATE—Charutos Flôr do Brasil e Sotero dos Reis — Papel para cigarros filigrané marcas AYMORÉ e ORION—Aguardente LILI — Brilhantina para cabelo em latinhas tipo mignon e tubular marca LILI — Mél de fumo Especial, o melhor que se póde desejar e URUCUINA MORAES, corante culinario, melhor que colorau, porque sendo de sementes medicinais não ataca o organismo, não contem picante e nem sal, apropriada para comestiveis, doces, bolos, mingáus etc. etc.

A. Guimarães & Cia.

Rua Candido Mendes n. 353

Caixa Postal n. 4 ⁘ Telefone, 345 ⁘ Telegr.-CASTOR

—— Codigo usado:—*RIBEIRO* ——

S. Luiz-Maranhão-Brasil

Figura 122 – Anúncio publicado no jornal *O Combate* (Maranhão, 25 dez. 1934, p.10).
O Instituto Agricola Brasileiro é citado 111 vezes no jornal *O Combate*, Maranhão, no período 1931-34 e 91 vezes no *Jornal do Recife*, no período 1923-34.

2.1.1.3. O CAMPO

"A ciência está longe de ser um instrumento perfeito de conhecimento. É apenas o melhor que temos. Nesse aspecto, como em muitos outros, ela se parece com a democracia."

C. SAGAN[124]

O Campo foi criada por E.S. — "em companhia de outros[lxxxv]" — em 1930 (Fig. 123, 124 e 125), também vinculada ao Instituto Agrícola Brasileiro[125], "cujo fim é congregar esforços de todos os representantes das classes agricolas e amigos da agricultura, a fim de, numa acção conjunta, trabalhar pelo progresso e maxima expansão da agricultura brasileira" (O Campo, 1930, n.1, p.118). "A revista não se restringia a mera difusão de conhecimentos, mas buscava fortalecer a relação entre a pesquisa e as necessidades do setor agrícola brasileiro, além de espelhar os debates públicos da época" (Temperini, 2003). A revista circulou de jan. 1930 a jan. 1952, com estrutura e diagramação semelhante à da revista *A Fazenda Moderna*. Na edição n.3, uma página foi dedicada a reproduzir manifestações positivas dos jornais *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *A Patria*, *O Jornal* e *Gazeta de Noticias* sobre o lançamento da revista: «Como se manifestou a imprensa». *O Campo* teve vários cientistas entre seus colaboradores (Fig. 126 e 127). Nos expedientes, E.S. é citado como secretário (1930-34 e 1937-42), secretário e gerente (1935-36), redator e diretor[lxxxvi] da *Coleção Agrícola O Campo* (1943-44). Em 1950, publicou seus dois últimos artigos em *O Campo*, após interstício de sete anos . A última edição da revista foi a de n.265/266, em 1952, dedicada, com irreverência, à "greve do leite" (Fig. 128 e 129).

> Não desanimado, mas um tanto descrente da capacidade ledora das classes rurais, Eurico Santos jura a seus deuses não se meter mais nestas aventuras editoriais e entrega-se exclusivamente á imprensa diaria, sempre no domínio da divulgação agrícola. Deste proposito teve de afastar-se por instancias de um seu velho companheiro da "A Fazenda", Manoel Nunes, que lhe acena com a fundação de uma revista de feitio moderno, vasada em moldes amplos e vestida á moda dos magazines norte-americanos. A perspectiva era sedutora para que lhe resistisse um enamorado das letras georgicas[126]. E ei-lo em 1930 organizando e secretariando *O Campo* [...] (O Campo, 1936, n.78, p.44).

[lxxxv] Manual do lavrador brasileiro (Santos, 1944, p.7).
[lxxxvi] A partir da edição n 158, E.S. é citado também na direção da «Coleção Agrícola do *O Campo*».
[lxxxvii] Apêndice C: lista incompleta de conteúdos assinados por E.S. e publicados em jornais e revistas.



Figura 123 – Capa da primeira edição da revista *O Campo*, publicada em jan. 1930.

Transcrição de «A NOSSA CAPA»:
"Especial referencia deve ser feita a capa do presente numero do «O Campo». Trata-se, realmente, da photographia dum carneiro mais ou menos ilustre, já pela grande distincção da sua origem, já porque é afilhado do «O Campo», afilhado tão do peito que recebeu baia baptismal o nome de Campo. Este Rommey Marsh, de incontestável belleza, pertence ao dr. Carlos Guinle".



Figura 124 – Expediente e editorial da primeira edição da revista *O Campo*, publicada em jan. 1930.

Transcrição de trechos: «Lançando a primeira semente» "Há muito que nos preocupava a idéia de lançar á publicidade um grande periodico agricola, moldado no genero dos magazines inglezes e americanos. Não deejavamos fazer uma revista aridamente techinica, um periodico para especialistas, mas uma puplicação popular [...]. Revista dedicada especialmente ás cousas ruraes, O CAMPO interessa a todos os brasileiros, porque nenhum digno deste nome poderá viver alheio a este genero de actividade humana, que é no Brasil a mola propulsora da sua vida. O brasileiro precisa habituar-se a leituras uteis, perdoem-nos a impertinencia da phrase, mas a verdade é que não tem este habito. O unico genero de revista que tem prosperado no Brasil é, precisamente, o menos util, é o periodismo da futilidade, do mundanismo, no nuismo da praia de banho e dos contos boccacianos".



"O Campo" e a sua nova direção

Deste número em diante, os leitores podem verificar que são outros os diretores do "O CAMPO", cujos nomes aparecem na pagina destinada ao expediente.

Apesar da mudança ter sido efetuada, realmente, em Janeiro do corrente ano, só agora é que a mesma póde ser declarada abertamente, em virtude dos demarches contratuais, cujas certidões tiveram que circular pelos tramites competentes até que se verificasse plenamente sua legalização.

Não ha a menor desvantagem para os aficionados do "O Campo", nessa mudança de nomes, de vez que o revista "número um" dos criadores e fazendeiros do nosso pais permanece na defesa dos mesmos ideais e dos mesmos principios que a vêm norteando ha treze anos. Isto é desde a sua fundação.

A diretoria passada, toda ela integrada por figuras de projeção inveiavel nos meios jornalisticos e econômicos do país, dada a competencia das mesmas continúa, a prestar dentro de suas possibilidades a assistência moral e cultural de que tanto o "O CAMPO" necessita.

Com excepção do dr. A. Leonardo Pereira, cujo passamento se verificou no mês próximo findo, os demais redatores e colaboradores dessa revista, prosseguem em suas atividades, sem que o fato da mudança tenha provocado qualquer solução de continuidade.

No que respeita aos novos diretores, cabe-lhes apenas ratificar a confiança que lhes merecem os velhos batalhadores do "O CAMPO", e bem assim, testemunhar os seus agradecimentos por continuarem a ser alvos da grande simpatia de todos os que, de qualquer forma, concorrem para o engrandecimento e a prosperidade de uma revista, considerada, sem falso modestia, como o espelho da riqueza agricola do Brasil.

F. ACQUARONE
JORGE RIBEIRO
ARMANDO ALVES RIBEIRO

★

Declaração do Sr. Manuel de Oliveira Nunes fundador do O "Campo"

AOS MEUS AMIGOS

Fundador e diretor proprietario de "O CAMPO", durante seus 12 anos de publicação ininterrupta, procurei, com os meus velhos e bons amigos e companheiros de trabalho, dar todo o meu esforço à revista cuja finalidade mantivemos, rigorosamente, desde o primeiro número e que hoje nos permite o orgulho de senti-la prestigiada e acatada.

Deixo-a agora para empreender outras atividades. Passo a sua propriedade plena e livre de quaisquer compromissos a dois caros amigos: Francisco Acquarone e Armando Alves Ribeiro.

Aos meus amigos — todos aqueles que, sob qualquer aspecto, me emprestaram e a "O CAMPO" o seu concurso, o seu auxilio, o seu conselho, o sua colaboração, o seu estímulo — faço um só pedido: continuarem a dar aos novos proprietários e diretores a mesma amizade e o mesmo estimulo que a mim tanto ajudaram a vencer esses 12 anos de revista.

Onde quer que eu esteja, e sempre, guardarei a mais viva e reconhecida lembrança dos boas amizades e distintos relações que aqui no Rio e nos Estados me proporcionou o trato com a revista que ora entrego a outros mãos habeis.

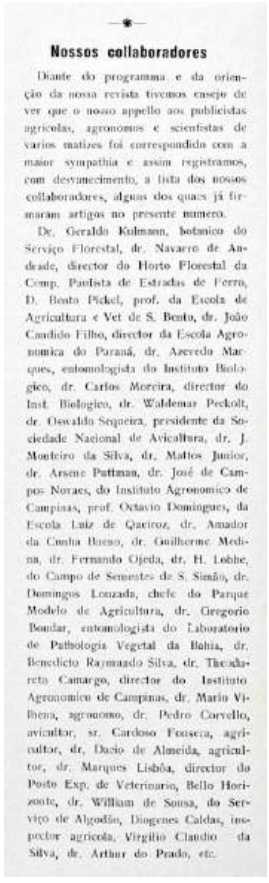
Eurico Santos, que me acompanhou desde os primeiros dias de "O CAMPO" e que tambem agora entrega seu cargo de responsabilidade e para Olinto de Freitos Assunção, companheiro incondicional, dou de público um abraço especial.

Quanto a America de Pinho Leonardo Pereira rendo o meu preito de saudade pelo tempo em que esteve conosco, imanado nos mesmos ideais de prosperidade para a nossa revista.

Rio de Janeiro, Julho de 1942.

M. NUNES
(Manoel de Oliveira Nunes)

Figura 125 – *O Campo*, n.153, 1942, p.50. Em nota, Manuel de Oliveira Nunes, fundador e proprietário da revista por 12 anos, agradece a "Eurico Santos, que me acompanhou desde os primeiros dias de 'O CAMPO' e que tambem agora entrega seu cargo de responsabilidade..., dou de público um abraço especial".



—•—

Nossos collaboradores

Diante do programma e da orienção da nossa revista tivemos ensejo de ver que o nosso appello aos publicistas agricolas, agronomos e scientistas de varios matizes foi correspondido com a maior sympathia e assim registramos, com desvanecimento, a lista dos nossos collaboradores, alguns dos quaes já firmaram artigos no presente numero.

Dr. Geraldo Kulmann, botanico do Serviço Florestal, dr. Navarro de Andrade, director do Horto Florestal da Comp. Paulista de Estradas de Ferro, D. Bento Pickel, prof. da Escola de Agricultura e Vet de S. Bento, dr. João Candido Filho, director da Escola Agronomica do Paraná, dr. Azevedo Marques, entomologista do Instituto Biologico, dr. Carlos Moreira, director do Inst. Biologico, dr. Waldemar Peckolt, dr. Oswaldo Sequeira, presidente da Sociedade Nacional de Avicultura, dr. J. Monteiro da Silva, dr. Matos Junior, dr. Arsene Puttman, dr. José de Campos Novaes, do Instituto Agronomico de Campinas, prof. Octavio Domingues, da Escola Luiz de Queiroz, dr. Amador da Cunha Bueno, dr. Guilherme Medina, dr. Fernando Ojeda, dr. H. Lobbe, do Campo de Sementes de S. Simão, dr. Domingos Louzada, chefe do Parque Modelo de Agricultura, dr. Gregorio Bondar, entomologista do Laboratorio de Pathologia Vegetal da Bahia, dr. Benedicto Raymundo Silva, dr. Theodureto Camargo, director do Instituto Agronomico de Campinas, dr. Mario Vilhena, agronomo, dr. Pedro Corvello, avicultor, sr. Cardoso Fonseca, agricultor, dr. Dacio de Almeida, agricultor, dr. Marques Lisbôa, director do Posto Exp. de Veterinario, Bello Horizonte, dr. William de Sousa, do Serviço de Algodão, Diogenes Caldas, inspector agricola, Virgilio Claudio da Silva, dr. Arthur do Prado, etc.

Figura 126 – Lista de colaboradores da revista *O Campo* (n.1, p.97, 1930).



COLLABORADORES EFFECTIVOS
DO
"O CAMPO"

Dr. Geraldo Kulmann, botanico do Serviço Florestal, Dr. Navarro de Andrade, Director do Horto Florestal da Comp. da Estrada de Ferro Paulista; Dr. Eugenio Rangel, do Instituto Biologico; Dr. Angelo da Costa Lima, do Instituto de Manguinhos, Dr. Evaristo Leitão, Dr. A. Arruda Camara, chefe de secção do Fomento Agricola, Dr. Lourenço Granato, Director da Secretaria de Agricultura de S. Paulo; Dr. Lauro Travassos, do Instituto de Manguinhos, Dr. Henrique Aragão, do Instituto de Manguinhos; Dr. A. J. Sampaio, do Museu Nacional, D. Bento Pickel, Prof. da Escola de Agricultura e Veterinaria de S. Bento, Pernambuco; Dr. João Candido Filho, Director da Escola Agronomica do Paraná; Dr. Azevedo Marques, Entomologista do Instituto Biologico; Dr. Carlos Moreira, Director do Instituto Biologico; Dr. Waldemar Peckolt; Dr. Oswaldo Siqueira, Presidente Soc. Nac. de Avicultura; Dr. J. Monteiro da Silva, botanico; Dr. Arsene Puttmann, phytopathologista; Dr. José de Campos Novaes, do Inst. Agr. de Campinas, S. Paulo; Prof. Octavio Domingues, da Escola Luiz de Queiroz, S. Paulo, Dr. Amador da Cunha Bueno; Dr. Guilherme Medina; Dr. Fernando Ojeda; Dr. H. Lobbe, Dr. Gregorio Bondar, entomologista do Laboratorio de Phytopatologia da Bahia, Dr. Alves Costa; Dr. Phillip von Luetzelburg, botanico, Mario Vilhena; Pedro Corvello, avicultor; Cardoso Fonseca, apicultor; Dr. Marques Lisbôa, Director do Posto Experimental de Vet. de Bello Horizonte; Dr. William Coelho de Souza, chefe do Serviço de Algodão no Maranhão; Dr. Arthur do Prado, Cathedratico da Escola Superior de Agronomia, Rio de Janeiro; Vicente Edgard Liger-Belair; Dr. Fernandes e Silva, Inspector Agricola em Pernambuco; Dr. Antonio Magarinos Torres, Chefe do Serviço de Vigilancia Sanitaria Vegetal, Dr. Alberto Goulart Wucherer, Engenheiro Agronomo; Dr. Heitor Vinicius Grillo, do Instituto Biologico; Dr. Diomedes W. Pacca, do Instituto Biologico; Dra. Olga G. Cavalcanti Vieira; Dr. J. Nogueira Carvalho, Engenheiro Agronomo; Dr. Agesilau Bittencourt, Director do Posto de Agrostologia; Dr. Henrique Barradas, Chefe de Culturas da Estação do Fumo em Cruzeiro, Pará, Lauro Cardoso da Est. Sericicola de Barbacena, Raimundo F. de Souza, da Esc. de Agr. do Pará, Dr. Matheus de Lemos, Dr. Honorio de Sousa Silvestre e Dr. Alpheu Domingues da Silva.

Figura 127 – Lista de colaboradores da revista *O Campo* (n.3, p.10, 1931).



Figura 128 – Capa da última edição de *O Campo*, publicada em jan. 1952.

Encontro Marcado

Ao iniciar, com êste número, uma nova fase na sua vida, não tem esta revista senão um encontro marcado — e êste é com o homem do campo, seja êle fazendeiro, lavrador, criador, colono ou simples assalariado. Sòmente com êsse homem, sob qualquer dos aspectos por que se apresente, na sua rude e nobre atividade produtiva, é que assumimos compromissos, e só com êle, ainda, nos associamos na grande tarefa de elevá-lo, no conceito do poder público e da massa citadina, à alta categoria social a que pertence como o verdadeiro fomentador da riqueza nacional, pois nunca é demais repetir que a verdadeira riqueza vem da terra.

Fazemos questão de esclarecer, desde logo, que não nos move outro propósito, nem visamos outro objetivo, senão êsse de promover o bem-estar, a segurança e a prosperidade dos homens do campo, conjugando os seus interêsses, sem que sejam jamais feridos os direitos de cada um dêles — desde o abastado fazendeiro, até o humilde jornaleiro das coivaras ardentes ou o solitário pastor de rebanhos alheios. Para atingirmos êsse alto objetivo não poderíamos, de forma alguma, estar presos a interêsses estranhos e por vêzes antagônicos aos dos promotores do nosso desenvolvimento agro-pastoril. Encontramo-nos, pois, livres para informar, esclarecer, aconselhar, discutir tudo aquilo que importe, de fato, no aperfeiçoamento dos métodos de trabalho no campo e, consequentemente, na valorização, cada vez maior, da agricultura nacional.

O homem do campo tem vivido até hoje esquecido do poder público. Nosso propósito, ao contarmos com o apoio dêsse irmão esquecido que nos alimenta de longe, é o de torná-lo sempre lembrado do govêrno. Até hoje, infelizmente, o Govêrno só percebe a existência de quem lavra a terra, quando lhe envia o agente do fisco, ou quando, como ocorreu há pouco, há falta de leite para as crianças da cidade.

Figura 129 – Editorial publicado na última edição de *O Campo*, n.265/266, p.1, jan. de 1952.

Transcrição do último parágrafo:
“O homem do campo tem vivido até hoje esquecido do poder público. Nosso propósito, ao contarmos com a apoio dêsse irmão esquecido que nos alimenta de longe, é torná-lo sempre lembrado do govêrno. Até hoje, infelizmente, o Govêrno só percebe a existência de quem lavra a terra, quando lhe envia o agente do fisco, ou quanto, como ocorreu há pouco, há falta de leite para as crianças da cidade.”

Também em *O Campo*, bajulação à elite política e agropecuária, apoio ao agrarismo — o Brasil não só como um país agrícola, mas como um país onde o setor agrário era identificado como o verdadeiro gerador de riquezas do país (Paiva, 2014, p.99) — e às ações governamentais (Fig. 130 a 139):


Homenagem MERECIDA

Figura 130 – O dono do carneiro da capa, Carlos Guinle[127], à esquerda, cuja família foi homenageada na edição n.3, p.12, 1930, da revista *O Campo*.

"[...], os Guinles, como se diz em cada canto do paiz, representa pelo seus trabalho honesto, sua fortuna, o mundo dos seus emprehendimentos, um patrimonio valioso do Brasil. Não ha quem ignore o que representa este pugillo de irmãos em todas as manifes-tações do trabalho em nossa pátria e assim vemol-os na vanguarda dos nossos maiores emprehendimentos, na agricultura, na industria, no commercio, nas finanças."


Homenagem

Dr Lyra Castro
MD Ministro da Agricultura
Industria e Commercio

Figura 131 – Homenagem ao "Ministro da Agricultura, Industria e Commerico" (O Campo, n.1, p.10, 1930).


NOTAS & NOTICIAS

Os amigos do "O Campo"

João Burguez de Abreu

Nossos collaboradores

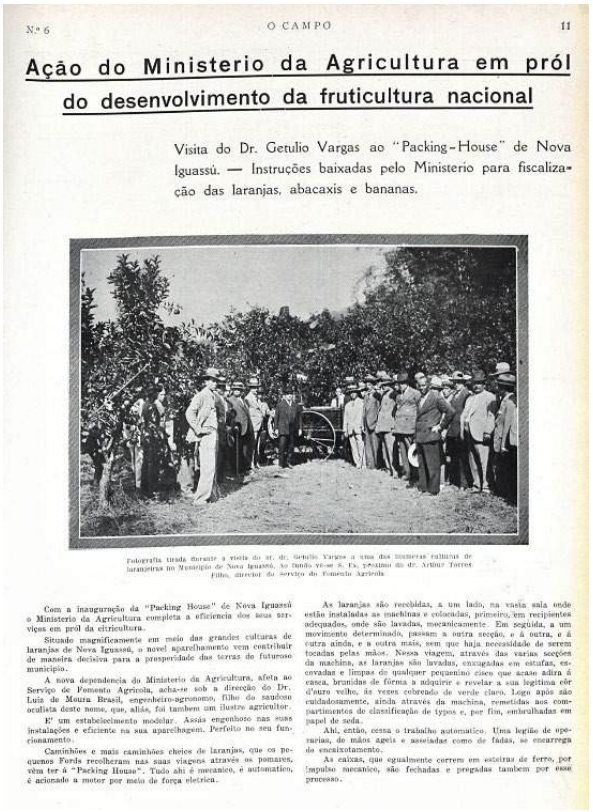
Dr. Octavio Domingues

Dr. Mario Vilhena

O papa e o rei bebem o melhor café do mundo

Indicações uteis

Figura 132 – *Notas & Noticias.* Notas biográficas e curiosidades sobre os colaboradores da revista (O Campo, n.1, 1930, p.115).



Nº 6 O CAMPO 11

Ação do Ministerio da Agricultura em pról do desenvolvimento da fruticultura nacional

Visita do Dr. Getulio Vargas ao "Packing-House" de Nova Iguassú. — Instruções baixadas pelo Ministerio para fiscalização das laranjas, abacaxis e bananas.

Fotografia tirada durante a visita do sr. dr. Getulio Vargas a uma das inumeras culturas de laranjeiras no Municipio de Nova Iguassú. Ao fundo vê-se S. Ex. proximo do dr. Arthur Torres Filho, director do Serviço do Fomento Agrícola.

Com a inauguração da "Packing House" de Nova Iguassú o Ministerio da Agricultura completa a eficiencia dos seus serviços em pról da citricultura.

Situado magnificamente em meio das grandes culturas de laranjas de Nova Iguassú, o novel aparelhamento vem contribuir de maneira decisiva para a prosperidade das terras do futuroso municipio.

A nova dependencia do Ministerio da Agricultura, afeta ao Serviço de Fomento Agricola, acha-se sob a direcção do Dr. Luiz de Moura Brasil, engenheiro-agronomo, filho do saudoso oculista deste nome, que, aliás, foi tambem um illustre agricultor.

E' um estabelecimento modelar. Assás engenhoso nas suas instalações e eficiente na sua aparelhagem. Perfeito no seu funcionamento.

Caminhões e mais caminhões cheios de laranjas, que os pequenos Fords recolheram nas suas viagens através os pomares, vêm ter á "Packing House". Tudo ahi é mecanico, é automatico, é acionado a motor por meio de força electrica.

As laranjas são recebidas, a um lado, na vasta sala onde estão instaladas as machinas e colocadas, primeiro, em recipientes adequados, onde são lavadas, mecanicamente. Em seguida, a um movimento determinado, passam a outra secção, e á outra, e á outra ainda, e a outra mais, sem que haja necessidade de serem tocadas pelas mãos. Nessa viagem, através das varias secções da machina, as laranjas são lavadas, enxugadas em estufas, escovadas e limpas de qualquer pequenino cisco que acaso adira á casca, brunidas de fórma a adquirir e revelar a sua legitima côr d'ouro velho, ás vezes cobrindo de verde claro. Logo após são cuidadosamente, ainda através da machina, remettidas aos compartimentos de classificação de typos e, por fim, embrulhadas em papel de seda.

Ahi, então, cessa o trabalho automatico. Uma legião de operarias, de mãos ageis e nasaladas como de fadas, se encarrega do encaixotamento.

As caixas, que egualmente correm em esteiras de ferro, por impulso mecanico, são fechadas e pregadas tambem por esse processo.

Figura 133 – Reportagem pulicada em *O Campo*, n.6, 1931, p.11. No período 1930-52, há 317 citações a «Getúlio Vargas» em *O Campo*.



Figura 134 – "Fotografia tirada durante a visita do sr. dr. Getulio Vargas a uma das inumeras culturas de laranjeiras no Municipio de Nova Iguassú. Ao fundo vê-se S. Ex. proximo do dr. Arthur Torres Filho[128], director do Serviço do Fomento Agrícola" (O Campo, n.6, 1931, p.11).



O Campo

FUNDADO EM 1930

Lavoura, Pecuaria e Industrias Rurais

Premio Premio e Medalha de Ouro no VII Exposição Nacional de Animais e Productos Derivados

ANO 14 — ABRIL DE 1943 — NUM. 160

Uma data bem Brasileira

O Aniversario do Presidente Getulio Vargas

A data aniversária do presidente Getulio Vargas, a 19 do corrente, foi oportunidade, mais uma vez, para que de todo o país, de todas as classes sociais, chegassem a Sua Excia. as mais efusivas demonstrações de simpatia.

Compreende-se perfeitamente esse entusiasmo, que podemos dizer cívico, pela passagem de um dia que, ultrapassando os limites do jubilo intimo, veio a constituir data festiva para a Nação. E' que a personalidade do presidente da Republica se firmou, em definitivo, na consciencia de cada um dos brasileiros cioso da sua nacionalidade, como a do homem publico que mais tem realizado pela evolução social e material do Brasil.

Sua trajetória no cenário politico do país foi sempre util e profícua.

Ao assumir a direção dos destinos da nossa Pátria, aos quais ligou o seu próprio destino, o presidente Getulio Vargas já trazia dos planicies heroicas do Sul, onde formou a sua mentalidade politica e onde fortaleceu a sua consciência de brasileiro, um programa de rejuvenescimento de todas as nossas forças vitais de progresso e de riqueza econômica.

Sabia o que pretendia fazer na direção suprema do país. Por isso mesmo soube resistir ás mais variaveis contingencias eventuais que, de momento a momento, surgiam e desapareciam. Nessas ondulações constantes das opiniões e controversas que se formavam, no decorrer do periodo que se seguio ao 24 de Outubro, sua figura se conservou indomavel, seu pensamento manteve aquele firmeza inquebrantavel do homem que sabe querer e sabe dirigir.

Sua visão de estadista alcançou desde logo a extensão da obra a realizar.

Tudo estava ainda por fazer. Precisavamos criar a grandeza do Brasil. E a si mesmo traçou o presidente Vargas as diretrizes de uma nova

O presidente Getulio Vargas, como todo o bom gaúcho é, tambem, ótimo cavaleiro.

politica administrativa, inédita para nós, em que todos os problemas nacionais fossem estudados e resolvidos.

Figura 135 – «Uma data bem Brasileira — O aniversário do presidente Getulio Vargas» em *O Campo,* n.160, 1943, p.9.

Transcrição da legenda da foto: “O presidente Getulio Vargas, como todo o bom gaúcho é, tambem, ótimo cavaleiro”.



Os da Defesa Militar; os da Educação, os da Indústria, os do Comércio, os do Direito do trabalhador, para só falar nos principais, tiveram do governo a justa e adequada solução.

E o advento do Estado Nacional veio organizar ainda mais, estabelecendo um sentido mais positivo de ordem e disciplina, a estrutura dessa politica de administração a que nos referimos acima.

Temos, assim, no momento, em plena organisação a Siderurgia, a obra do Vale do Rio

Democraticamente, o Presidente Vargas costuma palestrar com os vaqueiros.

Doce, a fábrica de Motores, as novas leis educacionais, um Exército forte e modernizado, uma Armada pujante e destemerosa e uma Aviação heróica e bem equipada.

No que diz respeito á vida dos campos, a ação do presidente da Republica se tem feito sentir em todos os sentidos da atividade rural.

Recordemos as palavras do Sr. Getulio Vargas, em uma das suas mais expressivas orações:

"Temos a enfrentar, corajosamente, sérios problemas de melhoria das nossas populações, para que o conforto, a educação e a higiene não sejam privilégio de regiões ou de zonas. Os beneficios que conquistastes devem ser ampliados aos operarios rurais, aos que, insulados nos sertões, vivem distantes das vantagens da civilização. Mesmo porque, se o não fizermos, correremos o risco de assistir ao exodo dos campos e superpovoamento das cidades — desequilibrio de consequências imprevisiveis, capaz de enfraquecer ou anular os efeitos da campanha da valorização integral do homem brasileiro, para dotá-lo de vigor economico, saúde física e energia produtiva.

Não é possivel mantermos anomalia tão perigosa como a de existirem camponeses sem gleba propria, num país onde os vales fertéis, como a Amazonia, permanecem incultos e desprovidas de rebanhos estensos pastagens, como as de Goiás e Mato Grosso.

E' necessário á riqueza publica que o nivel de prosperidade da população rural aumenta, para absorver a crescente produção industrial; é imprescendivel elevar a capacidade aquisitiva de todos os brasileiros — o que só póde ser feito aumentando-se o rendimento do trabalho agricola."

Já vimos que não ficou circunscrito ás palavras desse magistral discurso o pensamento do sr. Getulio Vargas.

Ai temos a mobilisação economica do Amazonas, como exemplo de ação inedíata e superiormente orientada e dirigida pelo Chefe do Governo.

✦

Difícil, num só artigo, fixar toda a obra gigantesca realizada pelo governo do sr. Getulio Vargas em defesa da economia publica, através da capacidade produtiva do país, fonte natural de onde jorrará, dentro em breve, em caudais formidaveis, a riqueza brasileira, até então amortecida por 400 anos de inercia.

Mas, sintetisando nestas poucas linhas — mínimas em face do montante da energia já despendida pelo governo — todo o trabalho do presidente Vargas na solidificação do Brasil como grande Potencia, cumprimos um dever de justiça para com o estadista notavel que honra a nacionalidade pela sua cultura, pela sua inteligencia, pelo seu alto descortino politico.

Revista que se tem dedicado ao progresso da nossa riqueza agro-pecuária, estudando os seus problemas e divulgando o que, nesse particular, o Brasil já tem realizado, "O CAMPO" sente como um imperativo do mais elevado senso de verdadeiro patriotismo, exaltar a figura do presidente da Republica pelo muito que tem feito em pról das nossas populações rurais.

As gravuras que ilustram estas linhas mostram a atenção que o sr. Getulio Vargas dispensa ao homem do campo, visitando-o, ouvindo-lhe os apêlos e promovendo o seu bem estar.

Por tudo isso, a data aniversária do ilustre Chefe do Governo é uma data Brasileira, porque ela desperta no coração de todos os brasileiros as bençãos que se divinisam num sentimento da mais pura simpatia, da mais justa admiração pelo homem que vive exclusivamente para o bem do seu país, para a felicidade do seu povo.

Figura 136 – «O aniversário do presidente Getulio Vargas» em *O Campo,* n.160, 1943, p.10.

Transcrição da legenda da foto: “Democraticamente, o presidente costuma palestrar com os vaqueiros”.



O Campo

Lavoura, Pecuaria e Industrias Rurais

Primeiro Premio e Medalha de Ouro na VII Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados

ANO 13 — SETEMBRO DE 1942 — NUM. 153

MARCHA PARA O OESTE

Foi, sem dúvida, fruto de alta inspiração patriótica o lema de "Marcha para Oeste!", lançado pela clarividência, sobejamente reconhecida, do presidente Getulio Vargas, justamente na hora grave da História em que o velho mundo se engolfava na voragem da guerra. Nada, de fato, poderia ter significação mais profundamente marcante do que a decisão do chefe da nação, indicando a "interland" brasileiro, como o verdadeiro escôpo da futura civilização desta "gigante pela própria natureza".

Nossos patricios passaram décenios e decenios de anos, nas costas do "gigante", em suas praias alvas, fitando o horizonte longinquo, onde a civilização morava.

De lá, das outras bandas do Atlântico, vinham-nos as diretivas das artes, das ciências, da economia, das finanças, da exploração agrária, tudo, em suma, o que constituia padrão representativo do progresso nos tempos felizes da "avant-guerre".

Mas um dia as coisas mudaram sobre a face do planeta.

A Europa, encanecida e experiente, viu-se de um momento para outro, presa do maior choque de apetites em que os seus filhos se engalfinharam.

Seus campos lotados engoliram, ao cabo de quasi um lustro de sangue e de pilhagens, os braços destinados das árvores decepadas para o obôdado cerúleo.

Os homens, empenhados em uma reconstrução difícil e penosa, volveram os olhos para trás e viram a desolação e a inutilidade da loucura que haviam praticado. Nem ao menos a aurora de uma nova era se anunciava nos céus tempestuosos.

Grossas nuvens continuavam a obscurecer a luz do sol, prenhes de ameaças e de máus presságios. Verificaram, então, que os países pátrios já não lhes ofereciam a segurança de que eles necessitavam para o trabalho construtivo e fecundo.

A reconstrução, efetivamente, se endereçou no sentido de uma nova guerra, de uma nova etapa de destruições...

Foi quando os povos americanos compreenderam, então, que nada mais deviam esperar do velho mundo e que dentro do seu continente, a mão dadivosa e boa, de uma natureza ópima e generosa, os esperava com a cornucópia repleta de boas recompensas.

O brasileiro, especialmente, foi talvez dentre os povos americanos, o que mais vantagens poderia auferir com um simples volver de costas para o Atlântico. O solo de sua pátria oferecia-lhe, com efeito, um ventre pejado de riquezas inestimáveis; na superficie, os campos, as montanhas, os vales e as planaltos surgiram-lhe aos olhos ofuscados, como o tabuleiro imenso, onde a cultura das lavouras, iria formar o emaranhado das culturas; os rios, piscosos e cantados pelo potencial hidrelétrico das cachoeiras, davam-lhe a visão de grandes estradas líquidas, à margem das quais os futuros povoados, as futuras cidades se alinhariam sob o reflexo claro dos seus coqueiros.

Com a sagacidade administrativa que o distingue, o chefe do governo lançou então o brado que iria reboar em todos os recantos do país, conclamando os seus concidadãos para a cruzada do novo descobrimento.

Marchar para o Oeste, é, efetivamente, o mesmo que redescobrir o Brasil. Um Brasil ainda desconhecido da maioria de seus filhos, o Brasil com os seus rebanhos preciosos, suas quedas d'água, suas lavouras extensas e opulentas, suas entranhas rebentando de pedrarias finas.

Quem se embrenhar, hoje em dia, pelos recônditos do planalto central, fica surpreendido com a estranha palpitação de vida que se faz sentir em todas as atividades rurais.

O gado merece os cuidados de centenas de criadores orientados pelo serviço de técnicos oficiais, cujos dotes profissionais levaram-nos a abandonar inveluntariamente os processos empíricos e rudimentares da criação de antanho.

As lavouras fazem brilhar ao sol as casulas espoucadas das algodoeiras, as gotas de sangue dos cafezais ou o espigo louro e dourado dos milharais.

Quem se embrenhar, hoje em dia, pelos recônditos do planalto central, fica surpreendido com a estranha palpitação de vida que se faz sentir em todas as atividades rurais.

O gado merece os cuidados de centenas de criadores orientados pelo serviço de técnicos oficiais, cujos dotes profissionais levaram-nos a abandonar involuntariamente os processos empíricos e rudimentares da criação de antanho.

As lavouras fazem brilhar ao sol as casulas espoucadas das algodoeiras, as gotas de sangue dos cafezais ou o espigo louro e dourado dos milharais.

SETEMBRO, 1942

— 9 —

Figura 137 – Editorial ufanista publicado em *O Campo*, n.153, 1942, p.9.

Transcrição de trecho do artigo: “Foi, sem dúvida, fruto de alta inspiração patriótica o lema 'Marcha para Oeste!', lançado pela clarividência, sobejament reconhecida, do presidente Getulio Vargas, justamente na hora grave da História em que o velho mundo se engolfava na voragem da guerra. [...] Marchar para o Oeste, é, efetivamente, o mesmo que redescobrir o Brasil. Um Brasil ainda desconhecido da maioria de seus filhos [...] Marcha para o Oeste! Rumo aos campos! Dêem arados ao Brasil! Tais devem ser os brados incitadores da futura civilisação de nossa Pátria.”



As imensas riquezas do oeste brasileiro

CRISTAL EXTRAIDO NO ESTADO DE GOIAZ. VARIOS DESSES BLOCOS PESAM MAIS DE 40 QUILOS

A região do Centro Oeste, que compreende Goiaz e Mato Grosso, é, sem dúvida uma das mais ricas do Brasil, especialmente, no que se refere à mineralogia.

Esses dois estados possuem, como sabemos, enormes depositos de salitre, rutilo, mica, cristal de rocha, níquel, ferro, bauxita, cobre, manganez, cobaltio, cromo, amianto, e muitos outros produtos de subsolo, hoje de consideravel aplicação na indústria da guerra. Não obstante esses minerais haverem alcançado alto valor comercial, e alguns de facil extração, as suas jazidas, em Mato Grosso e Goiaz, continuam, na sua quasi totalidade, por explorar, devido, em grande parte à carência de braços.

Um magnifico bloco de cristal de rocha extraido de Goiaz

Por força dessa circunstância, o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de Goiaz, que é uma das louvaveis iniciativas do Interventor Pedro Ludovico, encareceu ao Governo de Mato Grosso, conforme já noticiou a imprensa, a conveniencia de, através um plano generalizado, ser ampliado a propaganda, em todo o País, das imensas possibilidades econômicas do Centro Oeste, de modo a atrair para a nossa interlandia, ainda de densidade demográfica reduzidissima, o interesse das populações que vivem nas zonas litorâneas e que aqui poderão, com relativa facilidade se enriquecer, dedicando-se ao trabalho de aproveitamento dessas extraordinarias riquezas.

Não padece dúvida que a pequena população nos Estados de Mato Grosso e Goiaz, tem sido um dos fatores preponderantes da deficiência de seu progresso.

E' lógico que, com o aumento de núcleos de população, tudo se tornará mais facil, maximé quanto à abertura de novas rodovias e aproveitamento das próprias riquezas da região.

A indústria de exploração do sub-solo se apresenta, hoje, como das mais rendosas do País, e acreditamos mesmo que, depois desta guerra, os minerais não baixarão de preço, dada a necessidade que terão os povos de reconstruir a economia mundial, e mesmo refazer o aparelhamento de sua defesa militar.

Se analizarmos, como vêm a propagando, novos capitais e massas operarias para a exploração das nossas jazidas, veremos que, amanhã, os comboios de ferro que trazem as mercadorias manufaturadas que consumimos, voltarão daqui, do Centro Geografico do Brasil, para os portos do Atlantico, abarrotados de minerais.

A campanha que, em conjunto, sugeriu o Diretor do DEIP goiano, de uma intensa propaganda realizada pelos Estados de Mato Grosso e Goiaz, em torno de suas riquezas, está assim, a requerer o interesse e a colaboração de todos, sobretudo nessa hora em que o povo brasileiro, é visto do que está acontecendo no mundo, deve estar preocupado no maior aproveitamento possivel das forças vitalizadoras de sua economia, e, consequentemente, em acelerar o progresso e desenvolvimento material da Nação Brasileira.

Goiânia, 19 de Agosto de 1942.

DO CORRESPONDENTE

O programa do governo vai-se cumprindo, destarte, sem desânimos, sem esmorecimentos. A sidérurgia ergue as chaminés de seus altos fornos em uma demonstração real da tenacidade e do alto esforço construtivo dos seus exploradores; o Vale do Rio Doce e o Vale do São Francisco sofrem as experiências de engenheiros e técnicos para o aproveitamento de suas jazidas; na Bolia e petróleo principia o jorrar, servindo, mesmo sem a destilação necessária, para as nossas indústrias bélicas; finalmente, o bacia do Amazonas, misteriosa e profunda, cujo saneamento já entrou nas cogitações do sr. Getulio Vargas, por ocasião do seu famoso "Discurso do Amazonia", promete à Nação um mundo de riquezas.

O brasileiro sente, portanto, que se está processando um movimento renovador e profundamente nacionalista em sua marcha para o futuro. Agora, especialmente, com a deflagração do atual conflito mundial, suas reservas econômicas, maior auto consumem, aos olhos dos países empenhados na defesa da liberdade e da preservação dos direitos do homem.

Por isso mesmo, agora, mais do que nunca, devemos dedicar nossos esforços no sentido de intensificar, de formas sempre crescente, o potencial agrícola que a natureza nos outorgou de forma tão generosa.

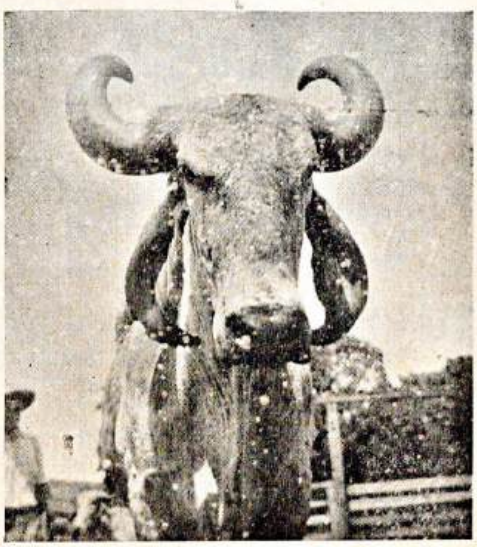
Marcha para o Oeste! Rumo aos campos! Dêem arados ao Brasil! Tais devem ser os brados incitadores do futuro civilisação de nossa Pátria.

— 10 —

O CAMPO

Figura 138 – *O Campo*, n.153, p.10, 1942. Texto que intercala o editorial “Marcha para o Oeste”.

Transcrição de trecho do artigo: “A região do Centro Oeste, que compreende Goiaz e Mato Grosso, é, sem dúvida, uma das mais ricas do Brasil, especialmente, no que se refere à mineralogia. [...] Não padece de dúvida que a pequena população [...] tem sido um dos fatores preponderantes da deficiência de seu progresso. [...]
A indústria de exploração do sub-solo se apresenta, hoje, como das mais rendosas do País, e acreditamos mesmo que, depois desta guerra, os minerais não baixarão de preço, dada a necessidade que terão os povos de reconstruir a economia mundial, e mesmo refazer o aparelhamento de sua defesa militar.”



Belo exemplar da raça Gir, orgulho dos criadores do Brasil Central

Um grande concurso para a edição de folhetos Agrícolas

O Ministro da Agricultura aprovou o plano — 40 temas — Mais de 1000 mil cruzeiros em prêmios — Inscrições abertas até o dia 31 de julho — Outras informações.

Com o objetivo de melhorar os conhecimentos de nossos lavradores, o Ministério da Agricultura vem distribuindo, nos últimos anos, um número crescente de publicações técnicas sôbre os mais variados assuntos. A partir de 1940, foi adotada pelo Serviço de Informação Agrícola a norma de concursos para a edição de monografias.

A divulgação agrícola tem merecido, também, todo o apoio do atual Ministro, que é um renomado publicista, sendo numerosas as suas obras, conferências e artigos.

O sr. Apolônio Sales acaba de aprovar o plano, para a realização de um grande concurso de folhetos, que lhe foi apresentado pelo diretor do Serviço de Informação Agrícola, agrônomo Itagyba Barçante.

Êsse plano, que abrange 40 temas e estabelece prêmios num total superior a 100 mil cruzeiros, está assim organizado: — *Secção I* — Prêmios de 4 mil cruzeiros: — 1 — Fruticultura Tropical, 2 — Melhoramento dos Rebanhos, 3 — Criação de Equídeos, 4 — Criação de Ovinos — Beneficiamento de lã, 5 — Criação de Caprinos — Preparo das Peles e 6 — Fruticultura de Climas Temperados. *Secção II* — Prêmios de 3.500 cruzeiros: — 7 — Cultura e Beneficiamento do Cacau, 8 — Cultura do Algodoeiro, 9 — Doutrina e Prática do Cooperativismo, 10 — Viticultura, 11 — Defesa Sanitária Vegetal, 12 — Conservação de Produtos Vegetais, 13 — Fabricação Doméstica de Vinhos, Vinagres e Sucos de Frutas, 14 — Vinicultura, 15 — Lavoura sêca, 16 — Criação de Gado Leiteiro, 17 — Produção de Novilhos para Frigorífico, 18 — Fabricação de Queijos, 19 — Defesa Sanitária Animal, 20 — Piscicultura — Aproveitamento de Açudes, Represas e Lagos, 21 — Administração da Fazenda — Contabilidade Agrícola, 22 — Embelezamento dos Sítios e Fazendas, 23 — Higiene Rural. *Secção III* — Prêmios de 2 mil cruzeiros: — 24 — Adubação Verde, 25 — Aproveitamento das Terras em torno dos Açudes, 26 — Preparo do Estrume Animal, 27 — Cultura do Amendoim, 28 — Cultura da Ramie — Beneficiamento da Fibra, 29 — Cultura da Mamona, 30 — Cultura do Centeio, Cevada e Aveia, 31 — Fabricação de Carvão Vegetal, 32 — Fenação, 33 — Criação de Coelhos — Preparo das Geles, 34 — Criação de Perus, 35 — Criação de Palmipedes, 36 — Alimentação das Galinhas, 37 — Aproveitamento de Sub-Produtos de Matadouro. *Secção* IV — Prêmios de mil cruzeiros: — 38 — Cultura da Batata doce, 39 — Cultura da Bucha, 40 — Cultura de Cactáceas Forrageiras.

CONDIÇÕES EXIGIDAS — O concurso obedecerá às seguintes condições:

a) participação de: — 1 — *Agronômos*: temas ns. 1, 6, 7, 8, 10, 11, 14, 15, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 38, 39 e 40; 2 — *Veterinários*: temas ns. 19 e 37; 3 — *Agrônomos e Veterinários*: temas ns. 2, 3, 4, 5, 16, 17, 20, 21, 26, 32, 33, 34, 35, 36; 4 — *Médicos, Agrônomos, Veterinários* e *Engenheiros Sanitaristas*: tema n.º 23; 5 — *Quaisquer pessoas*: temas ns. 9, 12, 13, 18, 22 e 31;

b) prazo de inscrição: até trinta e um de julho de mil novecentos e quarenta e três;

Figura 139 – Divulgação de «Um grande concurso para a edição de folhetos agricolas», promovido pelo Ministério da Agricultura para ampliar as publicações do Serviço de Informação Agrícola. A revista dedicou quatro páginas à divulgação do concurso (O Campo, n.162, 1943, p.4).

2.1.1.3.1. O PUBLICISMO DE EURICO SANTOS NA REVISTA *O CAMPO*

E.S. estreou como publicista da revista em 1930, com quatro artigos na seção *Cães & Canis*. Foram pelo menos 97 artigos publicados no período 1930-52 (Apêndice C). Como resultado de busca realizada na Hemeroteca Digital Brasileira, há 616 ocorrências da expressão “Eurico Santos” na coleção *O Campo* no período 1930-52. A maioria dessas ocorrências se dá em anúncios dos livros de E.S., dentre eles, do *Dicionário de avicultura e ornitotecnia* (1934) — “obra minuciosa, prática, extraordinariamente ilustrada, tratando da avicultura em geral, da ornitotecnia e indo mesmo ao dominio da ornitologia” — elaborado em parceria com Eusébio de Queirós[lxxxviii] (Fig. 140 a 143):

> Podemos afirmar que não existe nas línguas novi-latinas obra alguma que se assemelhe a este substancioso trabalho, elaborado de parceria por Eurico Santos e Euzébio de Queirós, que vêm empenhando em brindar a literatura avicola brasileira duma obra sem par (O Campo, 1933, n.12, p.8).


8 O CAMPO DEZEMBRO 1933

Métodos de criação
Alimentação
Doenças
Genetica
Informações

Galinocultura
Aves de luxo
Passaros de gaiola
Aves silvestres
Colombofilia

Dicionário de Avicultura e Ornitotecnia
PRÁTICO E ILUSTRADO

A começar de Janeiro próximo o "O Campo" iniciará a publicação do grande *Dicionário de Avicultura e Ornitotecnia*, obra minuciosa, prática, extraordinariamente ilustrada, tratando da avicultura em geral, da ornitotecnia e indo mesmo ao dominio da ornitologia.

Podemos afirmar que não existe nas línguas novi-latinas obra alguma que se assemelhe a êste substancioso trabalho, elaborado de parceria por *Eurico Santos* e *Euzébio de Queiroz*, que se vêm empenhando em brindar a literatura avicola brasileira duma obra sem par.

Pondo todo o peito para que o *Dicionário de Avicultura* seja uma fonte de informações fidedignas, os autores têm posto em contribuição um enorme acervo de obras espanholas, francesas, inglesas, norte-americanas, belgas, italianas, argentinas, alemãs, além das suas experiencias pessoais, e frequentes visitas aos centros avicolas do Brasil e extrangeiro.

Contam ainda os autores com a colaboração decidida de alguns técnicos de reconhecida competencia, cujos nomes serão oportunamente citados, bem como indicada a sua contribuição.

Ao Dicionário de Avicultura e Ornitotecnia está assegurado um êxito que jamais alcançou nenhuma obra técnica em nosso meio.

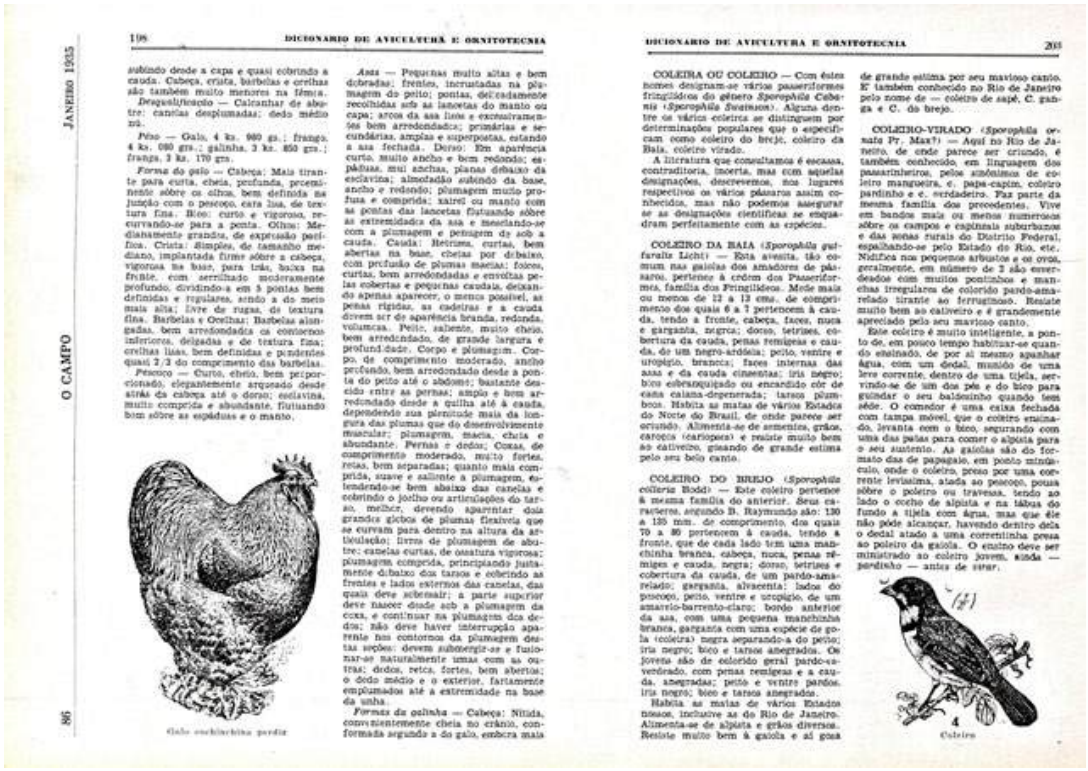
Para que o leitor tenha idéia do interesse que êste trabalho vai despertar basta dizer que além de verdadeiras monografias de cada raça de galinaceos tambem aparecerão a de todos os nadadores, de todas as aves silvestres, passaros, etc.

Todo o vocabulario avicola, desde o termo popular até a terminologia biologica moderna, aí terá seu registro minucioso, todas as molestias, métodos de criação e alimentação tudo enfim que se relacione com a avicultura, ornitotecnia e ornitologia se encontrará, com a necessaria minucia nesta obra, — que será, além de tudo, ornamentada com milhares de desenhos e fotografias.

Figura 140 – Anúncio do lançamento do *Dicionário de avicultura e ornitotecnia* (O Campo, n12. 1933, p.8).

Transcrição de trecho da nota de lançamento: “Ao *Dicionário de avicultura e ornitotecnia* está assegurado um êxito que jamais alcançou nenhuma obra técnica em nosso meio”. Publicidade sempre positiva e otimista.

[lxxxviii] O nome Eusebio de Queirós C. M. Camara aparece em *O Campo*, pela primeira vez, em jan.1931, como um dos redatores da revista; ocupou essa função até dez. 1935.



198 DICIONARIO DE AVICULTURA E ORNITOTECNIA

subindo desde a capa e quasi cobrindo a cauda. Cabeça, crista, barbelas e orelhas são também muito menores na fêmea.

Desenfeiticado — Calcanhar de abetre: canelas desplumadas; dedo médio nú.

Peso — Galo, 4 ks. 980 gs.; frango, 4 ks. 080 grs.; galinha, 3 ks. 850 grs.; franga, 3 ks. 170 grs.

Forma do galo — Cabeça: Mais tirante para curta, cheia, profunda, proeminente sôbre os olhos, bem definida na junção com o pescoço, cara lisa, de textura fina. Bico: curto e vigoroso, recurvando-se para a ponta. Olhos: Medianamente grandes, de expressão perfeita. Crista: Simples, de tamanho mediano, implantada firme sôbre a cabeça, vigorosa na base, para trás, baixa na frente, com serrilhado moderamente profundo, dividindo-a em 5 pontas bem definidas e regulares, sendo a do meio mais alta; livre de rugas, de textura fina. Barbelas e Orelhas: Barbelas alongadas, bem arredondadas ca comissura inferiores, delgadas e de textura fina; orelhas lisas, bem definidas e pendentes quasi 2/3 do comprimento das barbelas.

Pescoço — Curto, cheio, bem proporcionado, elegantemente arqueado desde atrás da cabeça até o dorso; ascidente, muito comprida e abundante, flutuando bem sôbre as espáduas e o manto.

Galo cochinchina perdiz

Asas — Pequenas muito altas e bem dobradas; frentes, incrustadas na plumagem do peito; pontas, delicadamente recolhidas sob as lanceias do manto ou capa; arcos da asa lisos e excessivamente bem arredondados; primárias e secundárias, amplas e superpostas, estando a asa fechada. Dorso: Em aparência curto, muito ancho e bem redondo; espáduas, mui anchas, planas debaixo da esclavina; almofadão subindo da base, ancho e redondo; plumagem muito profusa e comprida; xairel ou manto com as pontas das lanceias flutuando sôbre as extremidades da asa e mesclando-se com a plumagem e penugem do sob a cauda. Cauda: Heteroca, curtas, bem abertas na base, cheias por debaixo, com profusão de plumas macias; fócos, curtas, bem arredondadas e envoltas pelas cobertas e pequenas caudais, deixando apenas aparecer, o menos possível, as penas rigidas, as cadeiras e a cauda devem ser de aparência branda, redonda, volumosa. Peito, saliente, muito cheio, bem arredondado, de grande largura e profundidade. Corpo e plumagem. Corpo, de comprimento moderado, ancho profundo, bem arredondado desde a ponta do peito até o abdomen; bastante descido entre as pernas; amplo e bem arredondado desde a quilha até á cauda, dependendo sua plenitude mais da longura das plumas que do desenvolvimento muscular; plumagem, macia, chcia e abundante. Pernas e dedos; Coxas, de comprimento moderado, muito fortes, retas, bem separadas; quanto mais comprida, suave e saliente a plumagem, entendendo-se bem abaixo das canelas e cobrindo o joelho ou articulações do tarso, melhor, devendo aparentar duas grandes gicbos de plumas flexiveis que se curvam para dentro na altura da articulação; livres de plumagem de abaixo: canelas curtas, de ossatura vigorosa; plumagem comprida, principiando justamente debaixo dos tarsos e cobrindo as frentes e lados externos das canelas, das quais deve sobressair; a parte superior deve nascer desde acb a plumagem da coxa, e continuar na plumagem dos dedos; não deve haver interrupção aparente nos contornos da plumagem destas seções; devem submergir-se e funionar-se naturalmente umas com as outras; dedos, retos, fortes, bem abertos; o dedo médio e o exterior, fartamente emplumados até a extremidade na base da unha.

Formas da galinha — Cabeça: Nitida, convenientemente cheia no crânio, conformada segundo a do galo, embora mais

JANEIRO 1935 O CAMPO 86

DICIONARIO DE AVICULTURA E ORNITOTECNIA 203

COLEIRA OU COLEIRO — Com êstes nomes designam-se vários passeriformes fringilídeos do gênero *Sporophila Cabanis* (*Sporophila Swainson*). Alguns dentre os vários coleiros se distinguem por determinações populares que o especificam como coleiro do brejo, coleiro da Bala, coleiro virado.

A literatura que consultamos é escassa, contraditoria, incerta, mas com aquelas designações, descrevemos, nos lugares respectivos os vários pássaros assim conhecidos, mas não podemos assegurar se as designações científicas se enquadram perfeitamente com as espécies.

COLEIRO DA BAIA (*Sporophila gutturalis* Licht) — Esta avesita, tão comum nas gaiolas dos amadores de pássaros, pertence á ordem dos Passeriformes, familia dos Fringilideos. Mede mais ou menos de 12 a 13 cms. de comprimento dos quais 6 a 7 pertencem á cauda, tendo a fronte, cabeça, faces, nuca e garganta, negrca; dorso, tetrizes, cobertura da cauda, penas remigeas e cauda, de um negro-ardósia; peito, ventre e uropigio, brancca; faces internas das asas e da cauda cinsentas; iris negro; bico avermelhado na ponta encandido côr de cana calama-degenerada; tarsos plumbeos. Habita as matas de vários Estados do Norte do Brasil, de onde parece ser oriundo. Alimenta-se de sementes, grãos, carocça (cariopsa) e realiza muito bem ao cativeiro, ganando de grande estima pelo seu belo canto.

COLEIRO DO BREJO (*Sporophila colleria* Bodd) — Este coleiro pertence á mesma familia do anterior. Seus caracteres, segundo B. Raymundo são: 130 a 139 mm. de comprimento, dos quais 70 a 80 pertencem á cauda, tendo a fronte, que de cada lado tem uma manchinha branca, cabeça, nuca, penas remigeas e cauda, negra; dorso, tetrizes e cobertura da cauda, de um pardo-amarelado; garganta, alvacenta; lados do pescoço, peito, ventre e uropigio, de um amarelo-barrento-claro; bordo anterior da asa, com uma pequena manchinha branca, garganta com uma espécie de gola (coleira) negra separando-a do peito; iris negro; bico e tarsos ensegrados. Os jovens são de colorido geral pardo-avermelhado, com penas remigeas e a cauda, ensegradas; peito e ventre pardos. iris negro; bico e tarsos ensegrados.

Habita as matas de vários Estados nossos, inclusive as do Rio de Janeiro. Alimenta-se de alpista e grãos diversos. Resiste muito bem á gaiola e aí gosa de grande estima por seu marioso canto. E' também conhecido no Rio de Janeiro pelo nome de — coleiro de sapé, C. garganta e C. do brejo.

COLEIRO-VIRADO (*Sporophila ornata* Pr. Max?) — Aqui no Rio de Janeiro, de onde parece ser criundo, é também conhecido, em linguagem dos passarinheiros, pelos sinônimos de coleiro mangueira, c. papa-capim, coleiro pardinho e c. verdadeiro. Faz parte da mesma familia dos precedentes. Vive em bandos mais ou menos numerosos sôbre os campos e capinsais suburbanos e das zonas rurais do Distrito Federal, espalhando-se pelo Estado do Rio, etc. Nidifica nos pequenos arbustos e os ovos, geralmente, em número de 2 são enverdeados com muitos pontinhos e manchas irregulares de colorido pardo-amarelado tirante ao ferruginoso. Resiste muito bem ao cativeiro e é grandemente apreciado pelo seu marioso canto.

Este coleiro é muito inteligente, a ponto de, em pouco tempo habituar-se quando ensinado, de por si mesmo apanhar água, com um dedal, munido de uma leve corrente, dentro de uma tijela, servindo-se de um dos pés e do bico para guindar o seu balseinho quando tem sêde. O comedor é uma caixa fechada com tampa móvel, que o coleiro ensinado, levanta com o bico, segurando com uma das patas para comer o alpista para o seu sustento. As gaiolas são do formato das de papagaio, em ponto minusculo, onde o coleiro, preso por uma corrente levissima, atada ao pescoço, pousa sôbre o poleiro ou travessa, tendo ao lado o ocho de alpista e na tábua do fundo a tijela com água, mas que êle não póde alcançar, havendo dentro dela o dedal atado a uma correntinha presa ao poleiro da gaiola. O ensino deve ser ministrado ao coleiro jovem, ainda — pardinho — antes de sirar.

Coleiro

JANEIRO 1935 O CAMPO 84

um híbrido resultante do acasalamento dum galo Campine com a fêmea dum faisão prateado, cujo desenho reproduzimos aqui.

COCCIDIOSE — V. *Eimeriidae*.

COCHINCHINA — Raça de galinha originária da Shangai. A *cochinchinense*, tal como se apresenta atualmente nas exposições e nos aviários de primeira ordem, que vendem aves de alta linhagem, não é mais do que um animal puro e simplesmente modificado e selecionado pelos avicultores inteligentes e criteriosos.

Os primitivos exemplares, desta raça, chegaram á Europa, destinados a Sua Majestade a Rainha de Inglaterra em 1843, e procedentes de Shang-Hai, cidade da China e não da Cochinchina, como muita gente supunha. Aqueles espécimes não passavam de representantes do galinhame anônimo e crioulo do porto chinês do rio Hoang-Pou, perto da embocadura do Yang-tsé-Kiang. Mais tarde, isto é, três anos depois, a França recebia, em 1845 também alguns exemplares igualmente remetidos de Sham-Hai pelo Almirante Cecil.

O inspetor de agricultura na colônia francesa da Cochinchina, na Indo-China, Mr. Achard, em um relatorio provocado por C. Vanebér, informava que as galinhas daquele país «Cochinchinas» não possuem mais que alguns vagos pontos de contacto com as tidas como cochinchinenas na Europa, sendo a generalidade de galinhame ali disseminado antes de "pequeno tamanho, predominando a côr branca, plumagem arrepiada e carne negra ou então outra qualidade maior, branca também, e muito alta de patas, sendo igualmente corrente o tipo do galo de combate".

Pelo que se vê, a raça que nos ocupa póde ser considerada, melhor que Cochinchina, de origem puramente chinesa.

Atualmente esta raça sor ser designada sob o nome de Cochin. Desde sua importação esta corpulenta ave tem sofrido muitas modificações, e assim vemos que não é nem tão comprida, nem de formas tão pesadas e que sua plumagem carreta da uniformidade de côr, mesclando-se o lourado com o vermelho e com o branco mal distribuidos.

Na época atual conhecem-se algumas variedades que apenas diferem umas das outras, pelo colorido da plumagem: Salmado, perdiz, branco e negro.

De grande tamanho, está raça tem o pescoço e os membros relativamente grossos e o corpo tão robusto e cheio que constitue o tipo das galinhas hipermétricas ou de linhas curtas no sentido da altura, isto é, brevelíneas.

Um galo adulto póde pesar até 6 kgs. e, ás vezes, mais. As formas são muito caracteristicas; a cabeça é relativamente pequena; o pescoço curto e grosso; o dorso mais tirante para curto e a região renal ampla e formando com aquele uma linha horizontal, ás vezes em declive para adiante, nas galinhas, dando-lhes o aspecto de animal mensa; os ombros são muito salientes e o esterno curto; as asas pequenas e as coxas, pernas e patas muito robustas. Esta conformação se apresenta exagerada por certas particularidades da plumagem. A cauda é muito reduzida, composta de penas de pouca consistência e sempre mantida horizontalmente. Coxas, flancos e abdome abundantemente providos de plumas suaves, amplas e soltas de tal maneira, que a parte posterior do corpo parece mais chcia do que é. Em regiões, as extremidades das penas de vôo, primárias, permanecem ocultas, escondidas por baixo da plumagem solta dos flancos. Os tarsos e os dois dedos externos devem ser sempre emplumados, salvo em sua parte interna, e as penas que os calçam devem ser fortes e tensas, aumentando a rijeza á medida que se aproximam da ponta dos dedos. A crista, a face, as barbelas e as orelhas, são de um bonito encarnado vivo; a crista é angila, dirsita, delgada e relativamente pequena. O bico, salvo na variedade perdiz, que é córneo escuro sombreado de amarelo na ponta, é, nas demais, amarelo; patas amarelas em todas as variedades.

A raça Cochin atrai extraordinariamente a atenção dos criadores por sua rusticidade e seu grande volume. Como todas as raças corpulentas e avantajadas, em volume, as crias não adquirem todo o seu desenvolvimento até que alcançam uma idade relativamente avançada; sem embargo, se livrarmos em cedo seu enorme pêso e sua rusticidade, somos forçados a reconhecer que não é raça nem tardia nem precoce.

A qualidade inferior de sua carne, a ribra da pele amarelada e sua conformação, onde preponderam as regiões posteriores, dão ensejo a que se considere a ave pouco adaptavel á produção de carne. Por pesadonas e lerdas, e pelo estôrvo de sua abundante e sólta plumagem, dificilmente as aves desta raça portadora. Qualquer outro animal que coma os alimentos que a ave portadora contaminou, logo contrai a molestia e morre. Em outros animais, o microbio da cólera, em vez de determinar a doença fulminante que descrevemos, se localiza em certos pontos do corpo onde determina uma afecção: no olho, onde causa um tumor semelhante ao da ciorea, nas juntas, onde provoca inchação; êstes animais sofrem da forma crônica da cólera e são também portadores de germens, capazes de contaminar os animais aos com que têm contacto.

A cólera não ataca só galinhas, mas todas as outras aves de galinheiro, muitas aves selvagens, os pombos, os pássaros. Comprecnde-se, assim, que a cólera póde ser transportada de um lugar a outro pelos pássaros e pelos pombos contaminados.

Do exposto é fácil concluir o modo de lutar contra a cólera:

1º) Eliminar os portadores ásos e os animais atacados de cólera crônica.

2º) Afugentar os passarinhos e os pombos que se venham intrometer nos galinheiros.

3º) Só introduzir no galinheiro animais comprados em granjas merecedoras de confiança.

4º) Surpeitar de cólera toda vez que, sem causa evidente, apareça morta uma ave no galinheiro. O fígado da ave morta deve ser enviado, pelo correio, em frasco bem limpo, a um Instituto de Biologia.

5º) Quando apareça na criação um caso de cólera, inocular sóro anti-colérico em todas as aves sãs.

Vacinação contra a cólera — A ação das vacinas contra a cólera que geralmente se encontram no mercado, é assás discutivel. (J. R.).

COLHEREIRO (*Ajaja ajaja* L.) — Esta ave que se caracteriza por possuir um bico espatuliforme tem de comprimento total cêrca de 80 cms. E' geralmente branca, tendo a cabeça e pescoço côr de rosa; peito com uma larga mancha carminada; tetrizes rosadas; bordo anterior da asa, com uma mancha carmin; bico longo, amarelado, medindo mais ou menos 15 cms. de comprimento na espátula, do meio para o extremo dilata-se horizontalmente sob a forma de colher tornando-se um tipo inconfundivel; tarsos côr de carne; dedos ligados por uma membrana (palmura). Vivem aos bandos. O macho, jovem com as côres mais pálidas.



Colhereiro

Costuma aparecer em bandos mais ou menos numerosos, nas proximidades dos rios, lagôas, banhados, brejos, etc. de vários Estados nossos, especialmente Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Alimenta-se de frutos, vermes, insetos, batraquios, etc.

Resiste ao cativeiro como ave de ornamentação.

COLIBACILOSE — As vezes, quando o organismo, por qualquer circunstância se encontra debilitado, o *B. coli* do intestino passa para o sângue e determina uma molestia aguda que evolue de modo perfeitamente idêntico ao da cólera.

Tais casos de colibacilose se observam quando muitas aves se encontram aglomeradas em espaço pequeno e sujeitas a calor excessivo.

Classein estudou com mitcia esta doença e salientou sua importância como acidente de transporte, isto é, como doenças que se manifestam com mais frequência quando grandes lotes de aves são remetidas de um lugar a outro, distante, sem acomodação adequada. — (J. Reis).

COLUMBARIO — V. *Pombal*.

COLUMBICULTURA — Criação industrial de pombos.

COLUMBIDEOS — Familia de aves da ordem do Columbiformes. — Vide *Columbiformes*.

COLUMBIFORMES — Ordem de aves de corpo geralmente compacto, bico fraco, dilatado e endurecido na extremidade, que é curva, e coberta na base pelo ceroma, contendo as narinas. Metatarsos geralmente escutelados, coberto de penas em parte, ás vezes mesmo as pe-

Figura 141 – O *Dicionário de avicultura e ornitotecnia*, antes de ser editado como livro, foi publicado mensalmente nas páginas finais da revista — como fascículos — no período de 1934-38.

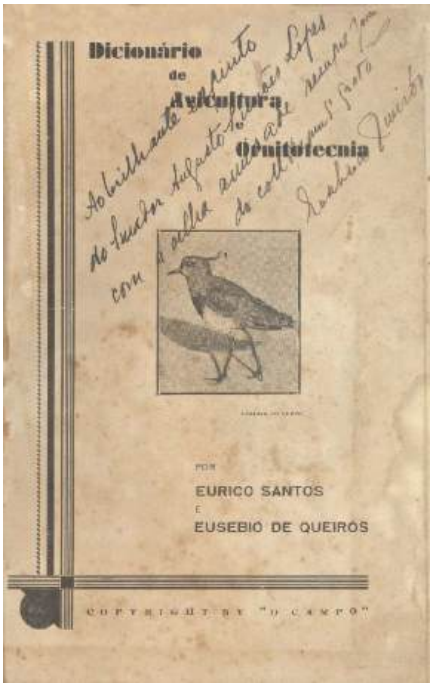


Figura 142 – Folha de rosto do v.I do *Dicionário de avicultura e ornitotecnia* (1936).

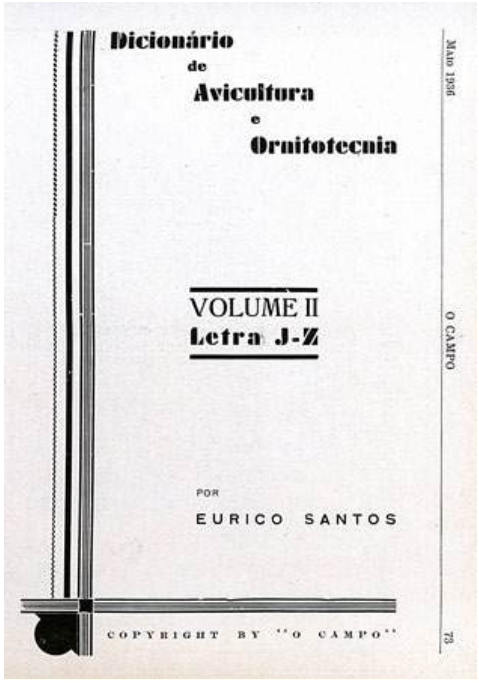


Figura 143 – Folha de rosto do v.II do *Dicionário de avicultura e ornitotecnia* (1939).

Transcrição de trechos do prefácio: “A exploração das aves já não é julgada de somenos importância, como sucedia há alguns decênios passados. [...] As fontes científicas em que nos abeberamos foram préviamente escolhidas e representam tudo que de mais seguro se tem escrito no domínio da avicultura e das ciências que lhe prestam subsídios”.

Alguns dos livros de E.S. foram editado pela Editora O CAMPO Limitada e integraram a «Coleção Agrícola de *O Campo*», cujo editor era o próprio E.S. (Fig. 144, 145 e 146). Como destacado na seção «Notas biográficas», há também em *O Campo* textos apócrifos que podem ser atribuídos a E.S.. Há casos em que o nome dele é omitido do sumário para evitar repetições que poderiam ofuscar outros autores (na edição n.4, por exemplo, nove conteúdos de autoria dele são listados no sumário). Há traduções e artigos assinados apenas com iniciais que não se sabe de quem são, cuja autoria pode ser atribuída a E.S..



Figura 144 – A revista anuncia E.S., “eminente escritor e jornalista”, como editor da sua “enciclopédia agrícola”, «A coleção agrícola do O Campo», que “constituirá, por certo uma bibliotéca de obras meritórias, tanto pelos assuntos, expostos em linguagem amena como pelos autores que a elas emprestam o brilho dos seus nomes” (O Campo, n.156, 1942, p.57).



Figura 145 – Anúncio publicado em *O Campo*, n.186, 1945.



Figura 146 – Anúncio publicado em *O Campo*, n.194, 1946



Figura 147 – Capa da edição n.171, 1944, da revista *O Campo*. A gravura é a mesma do terceiro volume da Coleção Agrícola, *Avicultura: fonte de riqueza*, de E.S..



Figura 148 – Capa da edição n.179, 1944, da revista *O Campo*. «NOSSA CAPA» "A gravura da capa do presente número é a mesma do segundo volume da Coleção Agrícola do O CAMPO: — 'Veterinária Prática', de Eurico Santos".



Figura 149 – Capa da edição n.190, 1945, da revista *O Campo*.

Transcrição da legenda da figura:
"A gravura acima é uma reprodução da capa do livro FORMIGAS, RANS E OUTROS ANIMAIS de Eurico Santos (VI volume da Coleção Agrícola d'O CAMPO")".

«NOSSA CAPA»" [...] Já no número anterior, publicamos a capa do volume "Formigas, Rãs e Outros Animais", devido à pena consagrada desse notável zootecnista que é o Sr. Eurico Santos" (O Campo, n.191, p.3).

Transcrição da apresentação «Duas palavras»:

“Prossegue a ‘Editora O CAMPO Limitada’ em seu programa que visa enriquecer a literatura agrícola brasileira, com um acervo de obras úteis e eminentemente práticas.

Ademais, o caráter nacional de que as mesmas se revestem objetiva saber justamente os assuntos de interesse do nosso país, isto é, os problemas econômicos brasileiros, estudados por especialistas e escritores nossos, dentro do nosso ambiente das nossas possibilidades.

Para o conhecimento de tais questões, é certo que, ninguém poderá sobrepujar o zootecnista, escritor e divulgador de aspectos agrícolas em virtude do contacto que o mesmo mantem com estudos de tal natureza.

Não foi outra, portanto, a razão que nos fez confiar a direção da ‘Coleção Agrícola do ‘O Campo’ à competência de Eurico Santos, nome dos mais conhecidos e a acatados dentro do campo de suas atividades.

Realmente, Eurico Santos, fundando e dirigindo revistas agro-pecuárias, durante quasi trinta anos; visitando o nosso país, especialmente o sul; atendendo, no transcurso dêsse longo tirocínio de trabalho, a milhares de consultas, pela imprensa diária do país; encontrando-se, por efeito do seu cargo público, em contato com agrônomos, fazendeiros, professores, diretores de empresas e de serviços do Estado, conhece, profundamente, os problemas da lavoura nacional, isto é, seus males e seus remédios.

Foi, pois, a esse experimentado e devotado amigo do ruralícola, a esse escritor que eneaneceu no estudo das cousas da nossa terra, que confiamos a tarefa de organizar uma biblioteca que venha, realmente, prestar serviços eficientes e práticos aos nossos homens do campo: lavradores, criadores e industriais.

‘Veterinária Prática’ o segundo volume da ‘Colecção Agrícola do ‘O Campo’ foi escrito pelo próprio diretor da série e é, sem dúvida, um livro destinado a merecer o mesmo vivo acolhimento do público interessado.

Vasado em linguagem simples a obra cuida do conhecimento essencial do que precisa saber o criador, afim de evitar ou combater as doenças do gado em geral.

Tudo o que se encontra nessas páginas, está estudado com especial carinho e representa o que de melhor se conhece, na especialidade, de mais moderno e mais aproveitável”.



Figura 150 – Capa de *Veterinária prática* (1943). A obra está dividida nas seguintes seções: doenças do gado bovino (etiologia, sintomas, tratamento, profilaxia), doenças do gado cavalar, doenças dos porcos e seus tratamentos, doenças dos carneiros e cabras, doenças das galinhas e outras aves, doenças dos coelhos, doenças dos cães e dos gatos, operações de cirurgia ao alcance do lavrador e doenças dos animais que podem ser transmitidas ao homem. Veículos como a revista *O Campo* e o jornal *Correio da Manhã* mantinha pequenas colunas destinadas ao “consultório veterinário”.



Figura 151 – Capa de *Avicultura – fonte de riqueza* (1943). A obra pode ser dividida em quatro temas principais: criação de reprodutores, produção de ovos, produção e criação de pintos e produção de ovos e frangos.

Transcrição da «Apresentação»:

“Este livro — ‘Avicultura – fonte de riqueza’ — é o terceiro da Coleção Agrícola do ‘O Campo’.

Seu autor é o conhecido escritor e jornalista Eurico Santos, funcionário do Ministério da Agricultura e que vem dirigindo a referida a Coleção com rara eficiência e acentuada dedicação.

Estudioso dos nossos problemas agro-pecuários, seu nome representa, por si só, a garantia do êxito de uma obra como esta, em que seus conhecimentos trazem aos avicultores novos e prestigiosos elementos sobre esse ramo de atividade nos nossos campos, contribuindo, assim, para o progresso e prestígio da nossa criação de aves de todas as raças e sobre qualquer clima.

O objetivo da publicação desse importante trabalho se firme em dois pontos primordiais: a disseminação do gosto pela agricultura e o fato de despertar à atenção dos criadores para o seu aspecto econômico, de vez que a sua expansão dentro de um certo espírito de organização e de técnica, constitue uma fonte de riqueza não só para o criador como tambem, de um modo geral, para o país.

Abordando essa matéria de importância suprema para a economia rural, Eurico Santos o faz um estilo simples, acessivel a todos, e que impressiona bem o leitor.

Sendo técnico, foge na sua fórma de escritor, aos rigores da linguagem especializada e que é, sem dúvida, um índice apreciavel para o sucesso do seu trabalho

Mas não se perde também em divagações literárias; cita dados, mostra exemplos, emite conceitos úteis; descarte cada capítulo de ‘Avicultura – fonte de riqueza’, é uma aula que Eurico Santos oferece aos avicultores e onde os seus méritos de conhecedor da matéria avultam e se reafirmam.

Publicando mais este volume, que é o terceiro da sua ‘Coleção Agrícola’, o ‘O Campo’ está certo de haver escrito, por sua vez, mais um capítulo do seu programa de ação, que é o de trabalhar pelo progresso da nossa agro-pecuária e, consequentemente, pela grandeza do Brasil”.



Figura 152 – «Nomenclatura popular dos lepidopteros do Districto Federal e seus arredores», por Benedicto Raymundo, presidente da Sociedade Entomológica do Brasil.
Eventualmente, *O Campo* publicava artigos sobre a fauna silvestre brasileira (n.12, 1930, p.10-13).

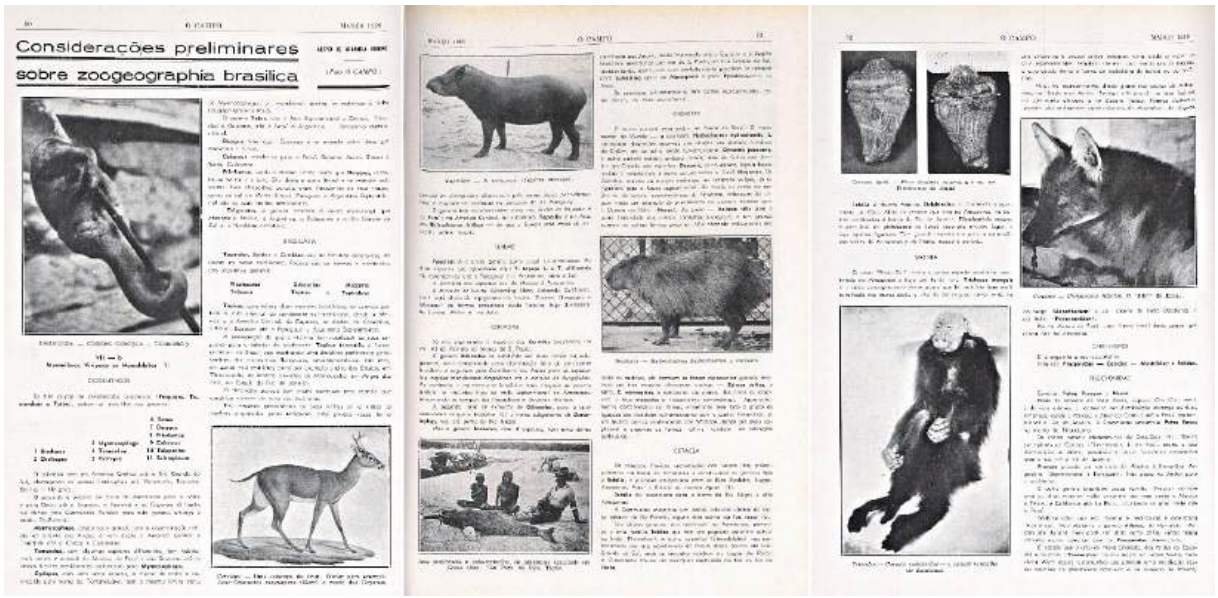


Figura 153 – «Considerações preliminares sobre zoogeografia brasilica», pelo naturalista Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939) [129]. Eventualmente, *O Campo* publicava artigos sobre a fauna silvestre brasileira (n.100, 1938, p.60-63).



Sobre uma collecção de vertebrados do nordeste brasileiro

Primeira parte: Peixes e batrachios

Por Alipio de Miranda Ribeiro

Figura 154 – Texto de Alípio de Miranda Ribeiro publicado em *O Campo*, n.85, 1937, p.54.



Uma salamandra no Baixo-Amazonas

Eladinea Estheri gen. e sp. novos

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO

Figura 155 – Texto de Alípio de Miranda Ribeiro publicado em *O Campo*, n.87, 1937, p.42.



A Nútria (ou ratão do banhado)

Myopótamo do grego mus, muos, ratão e potamus-rio e sua exploração em cativeiro

Figura 156 – «A nútria (ou ratão do banhado)». Artigo traduzido por E.S.. *O* Campo, n.4, 1933, p.31.



A capivara e seus fins comerciais e industriais

ALTINO VASCO MARINHO

Figura 157 – «A capivara e seus fins comerciais e industriais». *O* Campo, n.103, 1938, p.21.

Figura 158 – Capa da edição n.73, 1963.


Dicionário de avicultura e ornitotecnia 73

NOSSA CAPA

O extraordinario desenhista Jawson Wood, figura um papagaio, que conta uma anedota certamente maliciosa.

“Se quiséssemos buscar, entre as aves do Brasil, uma que bem caracterizasse as singularidades das formas e a beleza de colorido do representante da ornisfauna neotropical, a escolha necessariamente recairia nos tucanos e araçaris. Só êles, de fato, ostentam aquelas formas aberrantes dos clássicos modelos da natureza, só êles se vestem com púrpuras realengas, com a amarelo alaranjado dos frutos tropicais, com 0 azul dos mares brasileiros, com o verde da nossa bandeira. São aves que parecem gritar, mesmo quando estão caladas, tal o inédito das formas e orgíaco festim de cores” (Santos, 1938, p.274).

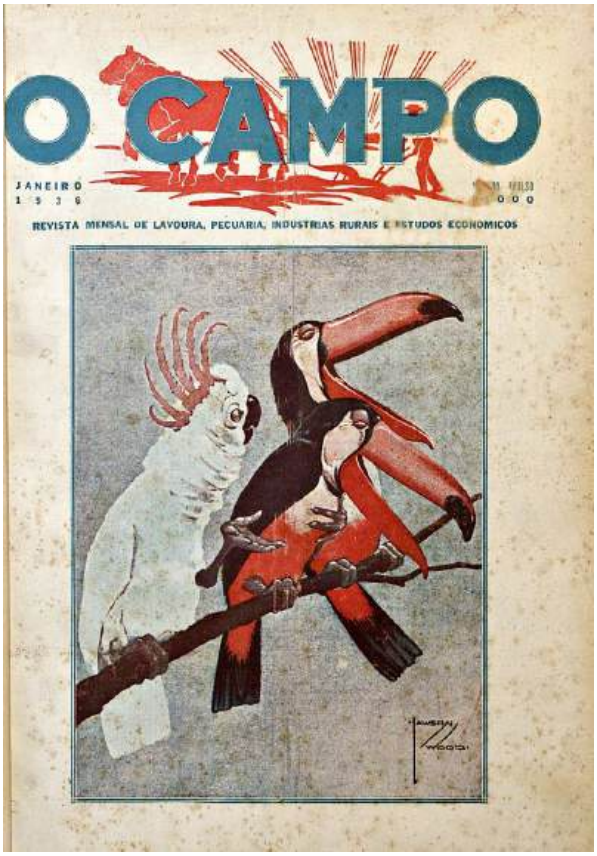


Figura 159 – Editorial publicado na edição n.1 da revista *Seleções Agrícolas*.


Seleções AGRÍCOLAS

Diretor — EURICO SANTOS
Secretário — OTAVIO R. CUNHA
Gerente — O. ASSUMPÇÃO
Publicidade — M. NUNES.

Redação e Administração:
AV. NILO PEÇANHA, 26 - 12 o andar
Tel. 22-4566 — Rio de Janeiro

Revista Mensal:
ANO I — N.º 1

MAIO 1946

Nós seremos assim...

"SELEÇÕES AGRÍCOLAS" não se destina exclusivamente ao lavrador e criador, mas ao ruricola em geral, ao homem que habita o interior do país, e que tem a atividade e o espirito voltados para a terra e as suas produções, suas riquezas, seus problemas, suas misérias e sua grandeza.

Para êle projetamos essa revista que além da matéria técnica, propriamente dita, lhe trará variados informes de utilidade prática, pondo-o ainda ao corrente do espirito de renovação que ensaia modificar até a própria estrutura em que repousam os países de velhas tradições.

Os assuntos de higiene rural, de alimentação, de transporte, de comércio, cooperativismo, legislação, todos os aspectos sociais do problema da terra, aqui serão debatidos, explorados, estudados. "Seleções Agrícolas" será desde já uma revista de após-guerra, e guia das classes produtoras nas lutas menos cruentas mas não menos intensas, que se vão ferir no mundo da produção, da indústria, do trabalho, enfim.

Saimos, ou melhor teremos de sair, da trilha rotineira e renovar os métodos de trabalho, aceitando tôdas as novidades já consagradas pela prática. Tudo vai passar por uma renovação geral desde a maquinária da produção até os métodos de industrialização e comercialização. Nem a todos é dado ir a Corinto, isto é, nem todos conseguirão fazer cursos especializados, mas todos poderão estudar em sua casa, uma vez que lhes cheguem às mãos os elementos necessários.

O verdadeiro individuo, escreve Caial, a autodidaxia é que o forma.

"Seleções Agrícolas" ajudará a todos que desejam acumular conhecimentos úteis, apresentando resumos, resenhas, sinopses, bem escolhidas, de tôdas as matérias que precisam conhecer os homens que têm a missão de tirar do seio da terra os alimentos de que se nutrem e as matérias primas com que se elaboram os artefatos reclamados pela civilização.

Esse programa está a cargo de especialistas, que a nós outros se associam para a realização dessa tarefa a um tempo grandiosa e patriótica. Poucas palavras e muitos fatos.

Em revistas técnicas ou científicas não se escreve para encher espaço, pois o papel custa muito dinheiro, longas são as estradas da divagação e curta a paciência dos leitores.

Nós seremos assim.

2.1.1.4. *SELEÇÕES AGRÍCOLAS*

"Em revistas técnicas ou científicas não se escreve para encher espaço, pois o papel custa muito dinheiro, longas são as estradas da divagação e curta a paciência dos leitores".

REDAÇÃO S. AGRÍCOLAS

A revista *Seleções Agrícolas*[130] circulou entre mai. 1946 e jun. 1967, epifania do amadurecimento, pessoal e profissional, e do apuro estético subvertedor do *status quo ante*, bem como do apreço genuíno de E.S. pela natureza, pela fauna silvestre e pelos animais de companhia — ao menos nas capas do periódico: das 266, 22 estampam aves silvestres, sete animais silvestres (incluindo uma zebra acompanhada do filhotes e um cesto com três filhotes de tigres), 19 flores, 13 gatos, 13 cães, 19 flores e cinco estampam árvores. Chama também a atenção a quantidade de capas estampando fotografias de crianças (28) e de mulheres (25) (Apêndice F). O primeiro número da revista surpreende por não estampar um motivo agrícola na capa, como, por exemplo, o n.2 (Fig. 160 e 161).

Outras características peculiares de S*eleções Agrícolas* são (a) tamanho incomum — 18 x 13 cm, com 96 páginas, formato que diminui o custo de impressão e a dependência de ganhos com espaço destinado à publicidade —; (b) utilização de papel cuchê de alta gramatura; espaço para anúncios reduzido a dez ou doze páginas distribuídas entre as páginas iniciais e finais de cada número — proporção inferior a observada em *A Fazenda*, *A Fazenda Moderna* e *O Campo* — e (c) diversidade de temas apresentados (Fig. 162), parte da estratégia comercial para incrementar o espectro de leitores da revista — que chegou a ser anunciada no *Jornal das Moças* (Fig. 163) — para além do grupo de homens agricultores e criadores — "ao rurícola em geral, ao homem que habita o interior do país, e que tem a atividade e o espírito voltados para a terra e as suas produções, suas riquezas, seus problema, suas misérias e sua grandeza" (Fig. 164). A retórica nacionalista, contudo, não difere da adotada em outras revistas agrícolas.

O modelo de negócio da revista — que incluiu a criação da Editôra Seleções Agrícolas Ltda. (o mesmo fez a revista *O Campo*) e da oficina gráfica Laemmert Ltda. — parace ter sido concebido para contornar os infortúnios financeiros que levaram ao insucesso dos empreendimentos gráficos anteriores. Em outras palavras, a forma pela qual a Editôra Seleções Agrícolas planejou ganhar dinheiro para sustentar suas operações manteve a revista circulando por duas décadas, durante as quais se beneficiou das medidas econômicas nacionalistas do segundo governo Vargas (1951-1954) e da intensa atuação S. I. A. durante as décadas de 1940 e 1950.



Figura 160 – Capa da primeira edição de *Seleções Agrícolas*, publicada em mai. 1946. Ilustração de Manuel Móra (1884-1956)[131]. Mulheres e gatos figuram em várias capas da revista. As capas não apresentam legenda e, eventualmente, não se relacionam diretamente com o conteúdo.

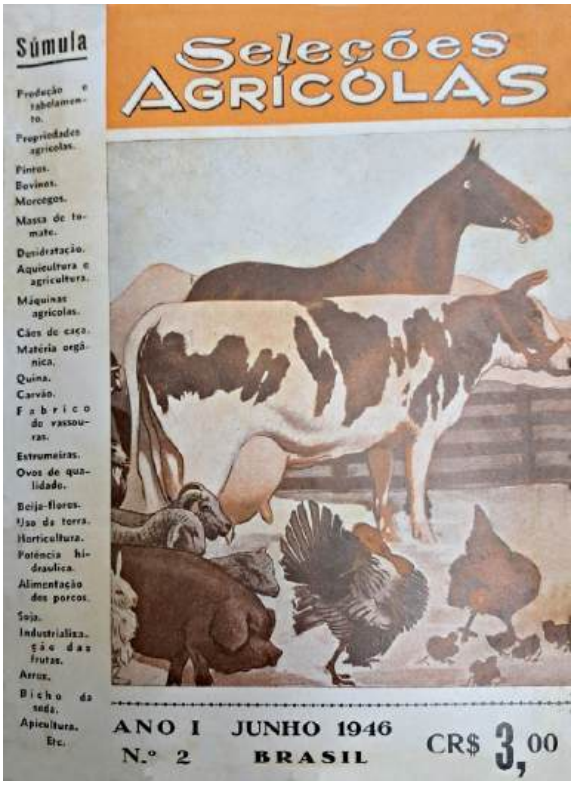
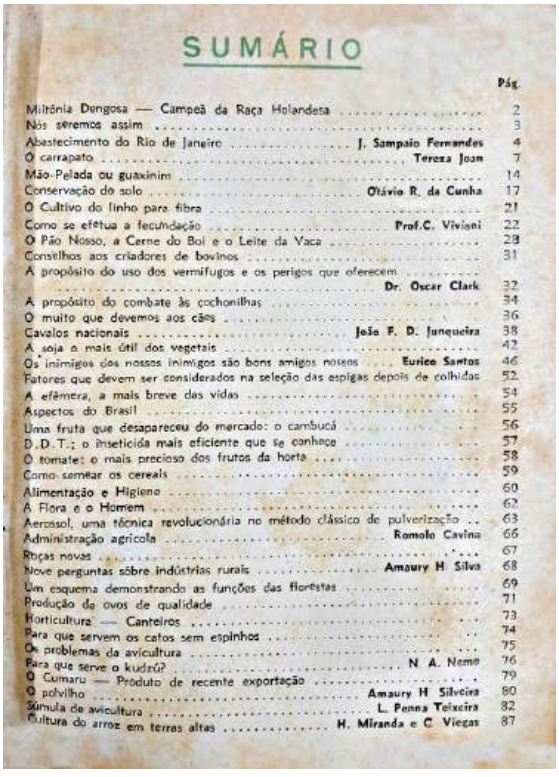


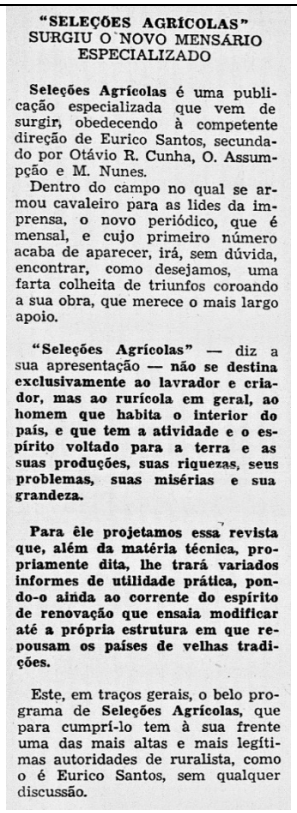
Figura 161 – Capa da edição n.2 de *Seleções Agrícolas*, publicada em jun. 1946, com típico motivo pecuário.



SUMÁRIO

	Pág.
Miltônia Dengosa — Campeã da Raça Holandesa	2
Nós seremos assim	3
Abastecimento do Rio de Janeiro — J. Sampaio Fernandes	4
O carrapato — Tereza Joan	7
Mão-Pelada ou guaxinim	14
Conservação do solo — Otávio R. da Cunha	17
O Cultivo do linho para fibra	21
Como se efetua a fecundação — Prof. C. Viviani	22
O Pão Nosso, a Carne do Boi e o Leite da Vaca	28
Conselhos aos criadores de bovinos	31
A propósito do uso dos vermífugos e os perigos que oferecem — Dr. Oscar Clark	32
A propósito do combate às cochonilhas	34
O muito que devemos aos cães	36
Cavalos nacionais — João F. D. Junqueira	38
A soja o mais útil dos vegetais	42
Os inimigos dos nossos inimigos são bons amigos nossos — Eurico Santos	46
Fatores que devem ser considerados na seleção das espigas depois de colhidas	52
A efêmera, a mais breve das vidas	54
Aspectos do Brasil	55
Uma fruta que desapareceu do mercado: o cambucá	56
D.D.T.: o inseticida mais eficiente que se conhece	57
O tomate: o mais precioso dos frutos da horta	58
Como semear os cereais	59
Alimentação e Higiene	60
A Flora e o Homem	62
Aerossol, uma técnica revolucionária no método clássico de pulverização	63
Administração agrícola — Romolo Cavina	66
Roças novas	67
Nove perguntas sôbre indústrias rurais — Amaury H. Silva	68
Um esquema demonstrando as funções das florestas	69
Produção de ovos de qualidade	71
Horticultura — Canteiros	73
Para que servem os catos sem espinhos	74
Os problemas da avicultura	75
Para que serve o kudzú? — N. A. Neme	76
O Cumaru — Produto de recente exportação	79
O polvilho — Amaury H. Silveira	80
Súmula de avicultura — L. Penna Teixeira	82
Cultura do arroz em terras altas — H. Miranda e C. Viegas	87

Figura 162 – Sumário da primeira edição de *Seleções Agrícolas*, o qual lista a diversidade de temas tratados: agricultura, fruticultura, horticultura, bovinocultura, avicultura, equinocultura, saúde, veterinária, administração, economia, indústria, abastecimento, cinofilia, proteção à natureza, impacto do fogo sobre a vegetação, caça e animais silvestres. Do encanto da metamorfose das efêmeras ao "veneno que tem ação segura e duradoura contra insetos, não prejudica o homem senão em doses altas. [...] Ainda não se sabe se o DDT acumula-se no organismo [...]. Sabe-se, no entanto, que é desde já o inseticida do futuro": uma no cravo, outra na ferradura.



"SELEÇÕES AGRÍCOLAS" SURGIU O NOVO MENSÁRIO ESPECIALIZADO

Seleções Agrícolas é uma publicação especializada que vem de surgir, obedecendo à competente direção de Eurico Santos, secundado por Otávio R. Cunha, O. Assumpção e M. Nunes.

Dentro do campo no qual se armou cavaleiro para as lides da imprensa, o novo periódico, que é mensal, e cujo primeiro número acaba de aparecer, irá, sem dúvida, encontrar, como desejamos, uma farta colheita de triunfos coroando a sua obra, que merece o mais largo apoio.

"Seleções Agrícolas" — diz a sua apresentação — **não se destina exclusivamente ao lavrador e criador, mas ao rurícola em geral, ao homem que habita o interior do país, e que tem a atividade e o espírito voltado para a terra e as suas produções, suas riquezas, seus problemas, suas misérias e sua grandeza.**

Para êle projetamos essa revista que, além da matéria técnica, propriamente dita, lhe trará variados informes de utilidade prática, pondo-o ainda ao corrente do espírito de renovação que ensaia modificar até a própria estrutura em que repousam os países de velhas tradições.

Este, em traços gerais, o belo programa de **Seleções Agrícolas**, que para cumpri-lo tem à sua frente uma das mais altas e mais legítimas autoridades de ruralista, como o é Eurico Santos, sem qualquer discussão.

Figura 163 – Nota publicada na coluna 'Feira de livros' do *Jornal das Moças* (revista semanal ilustrada), n.1626, 1946, p.63.

Transcrição de trecho da nota: "Seleções Agrícolas é uma publicação especializada que vem de surgir, obedecendo à competente direção de Eurico Santos [...] Dentro do campo na qual se armou cavaleiro para as lidas da imprensa, o novo periódico, que é mensal, e cujo primeiro número acaba de aparecer, irá, sem dúvida, encontrar, como desejamos, uma farta colheita de triunfos coroando a sua obra, que merece o mais largo apoio".



SELEÇÕES AGRÍCOLAS

A "Editora Seleções Agrícolas Ltda." acaba de lançar à publicidade o primeiro número de "Seleções Agrícolas", cujo corpo de redação e administração está assim constituido: Diretor: Eurico Santos; Secretário: Otavio R. Cunha; Gerente: O. Assumpção, e Publicidade: M. Nunes.

Nenhum elogio poderá ser mais eloquente ao programa da novel colega do que a transcrição da crônica com que ela se apresenta ao público.

E' a seguinte:

NÓS SEREMOS ASSIM...

"Seleções Agrícolas" não se destina exclusivamente ao lavrador e criador, mas ao rurícola em geral, ao homem que habita o interior do país, e que tem a atividade e o espírito voltados para a terra e as suas produções, suas riquezas, seus problemas, suas misérias e sua grandeza.

Aspecto da inauguração do busto do coronel João de Abreu, em Cordeiro

Para êle projetamos essa revista que além da matéria técnica, propriamente dita, lhe trará variados informes de utilidade prática, pondo-o ainda ao corrente do espírito de renovação que ensaia modificar até a própria estrutura em que repousam os países de velhas tradições.

Os assuntos de higiene rural, de alimentação, de transporte, de comércio, cooperativismo, legislação, todos os aspectos sociais do problema da terra, aqui serão debatidos, explorados, estudados. "Seleções Agrícolas" será desde já uma revista de após-guerra, e guia das classes produtoras nas lutas menos cruentas mas não menos intensas, que se vão ferir no mundo da produção, da indústria, do trabalho, enfim.

Saimos, ou melhor teremos de sair, da trilha rotineira e renovar os métodos de trabalho, aceitando tôdas as novidades já consagradas

Figura 164 – Nota publicada pela "concorrente" *O Campo*, n.199, 1946, p.55-56.
E.S. figurou no expediente de O Campo, como secretário, até a edição n.152, 1942.

E.S. manteve-se como diretor de *Seleções Agrícolas* até a edição n.51, jul. 1950, quando o nome de Sylvio Leal da Costa [18---1970 ou 1971][132] — até então secretário — passou a figurar no expediente também como diretor; na edição n.201, jan. 1963, passou a ser o único: "nome tambem sobejamente conhecido no Rio" (A Manhã, Rio de Janeiro, 28 jan. 1926, p.2), "cuja actividade no jornalismo carioca constitue a melhor credencial dos seus méritos" (Diário Carioca, 5 out. 1928, p.3, Vida Carioca).

Enquanto circulou, *Seleções Agrícolas* manteve o mesmo leiaute com 96 páginas, oferecendo, em média, 37 conteúdos ("resumos, resenhas, sinopses", artigos, notas curtas, efemérides, curiosidades, notas bibliográficas, notas veterinárias, "consultas", "o que dizem os livros") abrangendo temas diversos dos quais, em média, 15 assinados. Geralmente, os nomes dos autores aparecem nos sumários, por extenso, e na página na qual o conteúdo foi publicado, exceção ao de 'Eurico Santos', que na maioria das vezes é citado com a redução E.S., ou aos conteúdos que trazem abreviauras de autores fantasmas — pseudônimos usados pelo próprio E.S. (Fig. 165). Provavelmente, todo o conteúdo não assinado, ou parte considerável dele, foi escrito por E.S. — por exemplo, "O muito que devemos aos cães" (Fig. 166) — ou reproduzido de outros periódicos (Fig. 167) — por exemplo, "O sábio, o trigo e o arroz", coluna redigida pelo escritor José Lins do Rego (1901-1957), publicada originalmente no jornal *O Globo* em junho de 1946 e reproduzida em *Seleções Agrícolas* em julho, e "Zoofonia", publicado na revista *Fauna*, n.7, 1943 e em *Seleções Agrícolas*, n.3, 1946. Também não são raras as situações e que o nome de E.S. não aparece ou aparece apenas uma vez no sumário — embora ele tenha assinado dois ou três conteúdos —, possivelmente para não destacar o seu nome em relação aos outros autores e colaboradores da revista. A edição n.21, jan. 1948, dedica página à apresentação de 35 colaboradores efetivos da revista — nome, formação ou vinculação institucional —, todos homens, acadêmicos, agrônomos, veterinários, biologistas[lxxxix] — como o ornitólogo Augusto Ruschi (1915-1986) —, técnicos e agricultores. Dentre os mais assíduos, o agrônomo Arthur Tôrres Filho[133] escrevia sobre política agrícola. Na edição n.30, editorial sobre a capilaridade alcançada pela revista (Fig. 168). Em exibição no verso das capas, anúncios sobre a venda de coleção de exemplares ou de avulsos publicados anteriormente, livros agrícolas comercializados pela Editôra Seleções Agrícolas Ltda.[xc] ou livros de autoria de E.S. (Fig. 169). Dentre os anunciantes, Produtos Veterinários Manguinhos Ltda. publicou anúncio na maioria das edições. Destaque também para as Rações Santa Helena (Fig. 170). Eventualmente, algumas páginas foram destinadas a conteúdos culturais e artísticos (Fig. 171 e 173), e capas estamparam desenhos em nanquim (Fig. 172).

[lxxxix] Em 1948, José Reis publicou quatro artigos em Seleções Agrícolas: «Avicultura» (n.23, p.17), «Doenças das aves» (n.24, p.59), «Doenças das galinhas» (n.26, p.48) e «Avicultura e pulorose» (n.27, p.61).
[xc] Às vezes, esse anúncio aparecia em uma das páginas finais da revista, dedicadas aos anúncios.



28 SELEÇÕES AGRÍCOLAS

O Pão Nosso, a Carne do Boi e o Leite de Vaca

No Brasil ainda não se aprendeu a comer, diz uma publicação do Departamento da Saúde Pública e, melhor explicando acrescenta:

30 SELEÇÕES AGRÍCOLAS

III

O LEITE

Goza o leite a fama de ser o mais completo dos alimentos, mas já mais recentemente lhe notam duas deficiências: pobreza em ferro e vitaminas. Especialmente em ferro.

A sábia natureza deu ao lactante uma reserva de ferro hepático que só após o período da amamentação se extrai.

Quis com isso significar que o leite era alimento da primeira infância.

Não há mamífero, exceto o homem, que se alimente de leite após o período da amamentação.

Não falamos, claro é, dos animais domésticos, viciados pelo homem.

Mas de qualquer forma o leite tornou-se um ótimo alimento haja vista os povos que dêle usam e abusam: suecos e noruegueses, etc.

Entretanto, o leite, devido à sua natureza delicada, altera-se com fa-cilidade e além disso encerra milhões de germes, nem sempre inócuos.

Se pudessemos apurar bem as origens da mortalidade infantil, o leite teria uma responsabilidade tremenda.

Aqui se trata do leite anormal, é evidente. Mas como é possível evitar as anormalidades, tão frequentes?

Este ponto resume todo o problema.

Leite higiênico, costuma-se sempre a dizer, para bem acentuar a qualidade do produto.

Resumindo vê-se que o leite como alimento precisa ser de fonte segura e para obter essa bebida ideal, terremos de agitar os mais complexos problemas.

Nisso trabalham criadores, zootecnistas, bromatologistas, medicos, veterinários, industriais [illegible] higienistas.

S. O. E.

Canas resistentes ao "carvão"

O "carvão" da cana (Ustilago scitaminea), de tal forma está ameaçando a cultura da cana na República Argentina, que o govêrno daquele país baixou um decreto em que proíbe a plantação das canas das variedades POJ 36 e suas mutações tais como POJ 36 rajadas e POJ 36 morada.

Por outro lado declara de utilidade pública as canas das variedades mauves áquela enfermidade como a Co 290, CP 29-116, POJ 2725, Tuc 1,°36, etc.

Figura 165 – Artigo publicado na edição n.1 de *Seleções Agrícolas*, assinado por S.O.E..



28 SELEÇÕES AGRÍCOLAS

O muito que devemos aos Cães

É portanto, incontestável a grande utilidade dos animais mas, sem dúvida alguma, mais que quaisquer outros nos são úteis os animais domésticos. Dentre êstes têm, por certo, o primeiro lugar o cão, cuja a vida de sacrifícios e de afeição constante nos levou a tomá-lo como o símbolo da fidelidade, da amizade e da afeição generosa e desinteressada. Êle nos compreende e nos consola, previne os nossos desejos e, imiscuindo-se no mais íntimo da nossa vida, participa das nossas tristezas e alegrias. Teve sempre êsse saliente papel em nossa vida, foi sempre o companheiro necessário ao homem e por isso é que a história desde os tempos mais remotos dêle registra atos comoventes de honra e amor.

Todos vos lembrais do cão de Tobias, que, à volta dêste, corre anunciá-lo ao seu velho pai, do cão d'Argus, que, depois de 20 anos, reconheceu Ulisses e o fez chorar de comoção, daquele cão que tanto se distinguiu na batalha de Maratona; do cão de Maria Stuart que a acompanhou até à hora da morte e de tantos outros que vão morrer de dôr sôbre o túmulo de seus donos. Os cães da Terra Nova têm o instinto de salvar as pessôas em perigo de afogarem-se; os de S. Bernardo de desenterrar os sepultados vivos na neve; na Siberia os cães substituem o cavalo, puxando os trenós com mercadorias e viajantes, pelo que Lesson os chama os correios do gêlo, como o cavalo é a nave do deserto. Os cães caça-

Figura 166 – Artigo publicado no n.1 de *Seleções Agrícolas*, provavelmente redigido por E.S..

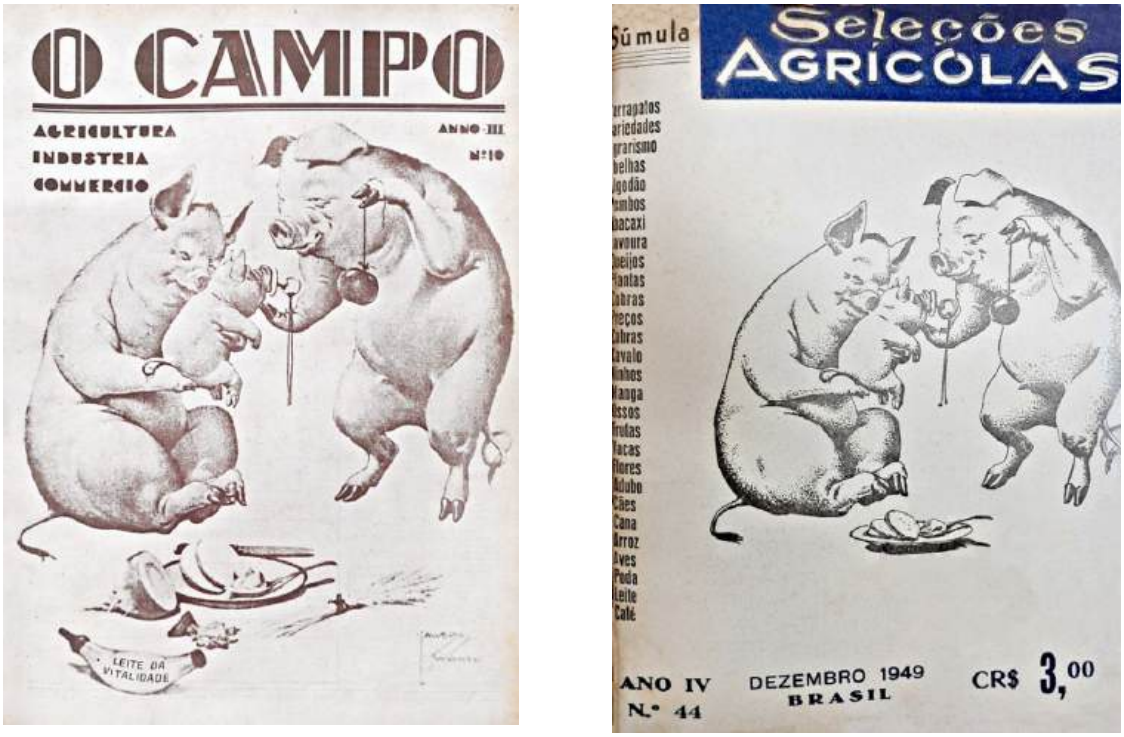
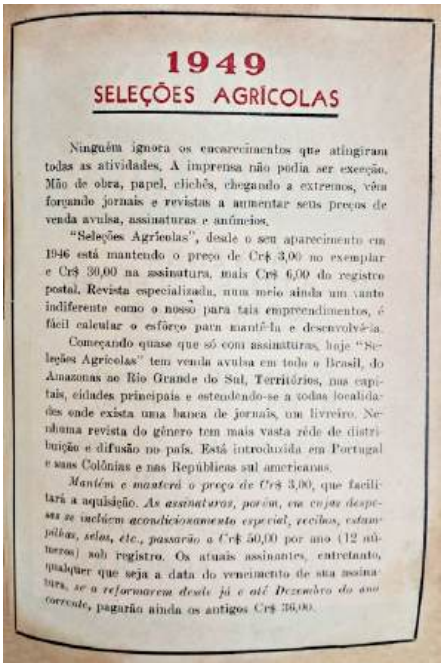


Figura 167 – Capas das revistas *O Campo* n.10, 1932 e *Seleções Agrícolas* n.44, 1949.

Figura 168 – Editorial sobre reajuste do preço da assinatura e capilaridade da revista (n. 30, out. 1948)



1949

SELEÇÕES AGRÍCOLAS

Ninguém ignora os encarecimentos que atingiram todas as atividades. A imprensa não podia ser exceção. Mão de obra, papel, clichês, chegando a extremos, vêm forçando jornais e revistas a aumentar seus preços de venda avulsa, assinaturas e anúncios.

"Seleções Agrícolas", desde o seu aparecimento em 1946 está mantendo o preço de Cr$ 3,00 no exemplar e Cr$ 30,00 na assinatura, mais Cr$ 6,00 do registro postal. Revista especializada, num meio ainda um tanto indiferente como o nosso para tais empreendimentos, é fácil calcular o esfôrço para mantê-la e desenvolvê-la.

Começando quase que só com assinaturas, hoje "Seleções Agrícolas" tem venda avulsa em todo o Brasil, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, Territórios, nas capitais, cidades principais e estendendo-se a todas localidades onde exista uma banca de jornais, um livreiro. Nenhuma revista do gênero tem mais vasta rêde de distribuição e difusão no país. Está introduzida em Portugal e suas Colônias e nas Repúblicas sul americanas.

Mantém e manterá o preço de Cr$ 3,00, que facilitará a aquisição. As assinaturas, porém, em cujas despesas se inclúem acondicionamento especial, recibos, estampilhas, selos, etc., passarão a Cr$ 50,00 por ano (12 números) sob registro. Os atuais assinantes, entretanto, qualquer que seja a data do vencimento de sua assinatura, se a reformarem desde já e até Dezembro do ano corrente, pagarão ainda os antigos Cr$ 36,00.

Transcrição do terceiro parágrafo: "Começando quase que só como assinaturas, hoje 'Seleções Agrícolas' tem venda avulsa em todo o Brasil, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, Territórios, nas capitais, cidades principais e estendendo-se a todas localidades onde exista uma banca de jornais, um livreiro. Nenhuma revista do gênero tem mais vasta rêde de distribuição e difusão no país. Está indroduzida em Portugal e suas Colônias e nas Repúblicas sul americanas".



CAÇAS E CAÇADAS
Autor: EURICO SANTOS
Preço: Cr$ 110,00

MANUAL DO AMADOR DE CÃES
Autor: EURICO SANTOS
Preço: Cr$ 110,00

DA EMA AO BEIJA-FLOR
Autor: EURICO SANTOS
Preço: Cr$ 170,00

PASSAROS DO BRASIL
Autor: EURICO SANTOS
Preço: Cr$ 110,00

NOSSOS PEIXES MARINHOS
Autor: EURICO SANTOS
Preço: Cr$ 100,00

ENTRE O GAMBÁ E O MACACO
Autor: EURICO SANTOS
Preço: Cr$ 100,00

ANFIBIOS E RÉPTEIS
Autor: EURICO SANTOS
Preço: Cr$ 100,00

MANUAL DO LAVRADOR BRASILEIRO
Autor: EURICO SANTOS
Preço: Cr$ 80,00

O QUE TODO CRIADOR DEVE SABER
Autor: EURICO SANTOS
Preço: Cr$ 50,00

O CÃO ATRAVÉS DA HISTÓRIA E DA ARTE
Autor: EURICO SANTOS
Preço: Cr$ 80,00

PEDIDOS À REDAÇÃO DE "SELEÇÕES AGRÍCOLAS", COM A REMESSA DA IMPORTÂNCIA RESPECTIVA, EM VALE OU REGISTRADO POSTAL, OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO.

SNR. CRIADOR:

VACINE SEUS ANIMAIS COM AS

VACINAS MANGUINHOS

- CONTRA A PESTE DA MANQUEIRA (Carbúnculo sintomático)
- ANTICARBUNCULOSA (Carbúnculo hemático, verdadeiro)
- CONTRA A PNEUMO-ENTERITE DOS BEZERROS
- CONTRA A PNEUMO-ENTERITE DOS PORCOS

PEÇA AO SEU REVENDEDOR

PRODUTOS VETERINARIOS MANGUINHOS LTDA.

CAIXA POSTAL 1.420

RIO DE JANEIRO

Figura 169 – Verso da capa e página 1 de *Seleções Agrícolas* n.93, 1954.



Rações "Santa Helena"

SÃO AS MELHORES PARA GALINÁCEOS, PERUS, SUINOS, BOVINOS, EQUINOS, CAPRINOS, OUTROS ANIMAIS, POR ENCOMENDA

Distribuidores:
HERMANO BARCELLOS & CIA.
AV. PRESIDENTE VARGAS, 534-2.º — Tels. 23-5359 e 23-4825
ED. BARCELLOS

Fabricantes:
MOINHO "SANTA HELENA" S/A.
Estação de Santíssimo — Distrito Federal
ESCREVAM PEDINDO OS CATÁLAGOS DE INSTRUÇÕES

Seleções AGRÍCOLAS

Revista Mensal
ANO X — N.º 113

Direção: EURICO SANTOS
SYLVIO LEAL
Administração: M. NUNES

Redação e Administração: AV. NILO PEÇANHA, 31 - 13.º andar
Tels. 22-8163 e 22-9160 — End.

SETEMBRO 1955

DIA DA ÁRVORE

Nenhuma data tem uma significação que faça dia 21 de Setembro, encaminhando para o "Dia da Árvore", neste ano com maiores concentrações, revelar valores, aos tradicionais atentados contra as nossas florestas e que tenha sido tão tardio o nosso têrmo.

Nessa data tem tôda oportunidade o que escreveu Américo E. Neto, para o SPVEA, de São Paulo, ofertando um ensinamento que bem merece aplicação onde o sempre que possível, especialmente no interior, pois um cafezito ou ânsia de espaço para as arrasta-ruas destrôem tôda a vegetação. Entretanto, uma plantinha, um vaso de barro bem podia festejar seu minúsculo aparecimento sua data anuviversária. O símbolo aí estaria...

E' esta a lembrança de Américo Neto, que envolve também uma questão sanitária:

Apagar uma vela ou plantar uma árvore?

Entre os hábitos pouco recomendáveis que temos copiado do estrangeiro, um parece inocente mas pode, de fato, resultar prejudicial: é o de se preparar um bôlo de aniversariante, espetando sôbre tantas velas quantos anos o maior interessado tem de idade e fazer com que êste processo apaguelas tôdas, no primeiro sôpro.

O caso, talvez interessante quando se trata de crianças, torna-se francamente nocivo no caso de adultos, pois êstes, para extinguir de uma só vez um numeroso grupo de velas, precisam soprar muito fortemente sôbre o bôlo e assim projetam contra êle não só o ar dos pulmões, mas também partículas de saliva, que

Figura 170 – Páginas 2 e 3 de *Seleções Agrícolas* n.113, 1955.

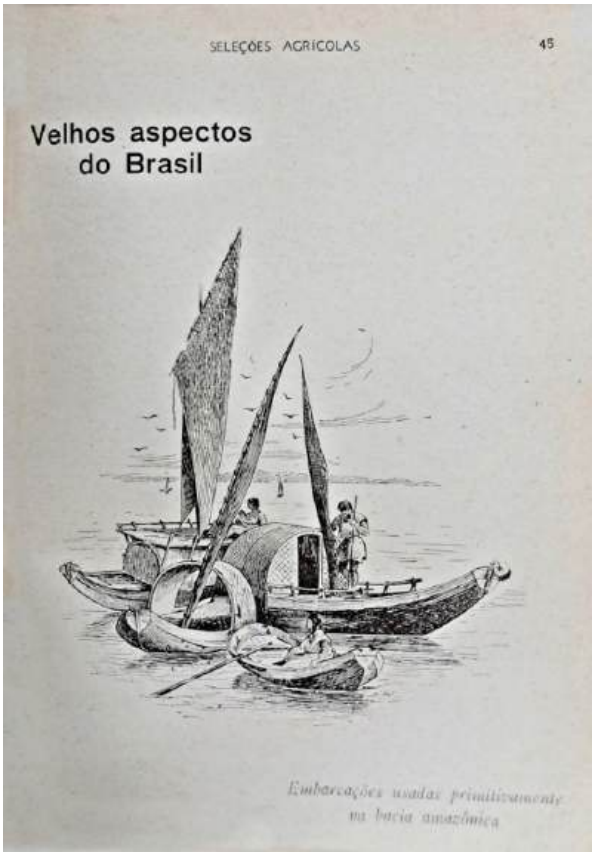


Figura 171 – «Embarcações usadas primitivamente na bacia amazônica». Desenho em nanquim estampado em *Seleções Agrícolas* n.1, 1946, p.45.



Figura 172 – Arte e estética, exposição de pintura «As nossas aves numa bela exposição de pintura», capa de *Seleções Agrícolas* (n.19, 1947, p.48).



Figura 173 – A capa de *Seleções Agrícolas* n.83, 1953, estampa em preto e branco a pintura *Miss Bowles* [1775 ou 1776][134], de Joshua Reynolds (1723-1792).

Com a habitual regularidade está posto à venda o número 48 de “Seleções Agrícolas”, revista que, útil e interessante que sempre foi para todos que empregam suas atividades na agricultura e na pecuária e nas indústrias rurais e para os amadores dessas atividades, em cada edição publicada mais atraente se torna mesmo para os curiosos e estudiosos da vida animal e da vida vegetal (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 14 mai. 1950, p.15, 3ª Secção).



Figura 174 – Capa da edição comemorativa dos 20 anos da revista *Seleções Agrícolas*, publicada em jun. 1965.

CINOFILIA & ELUROFILIA

Eu me sinto totalmente feliz caminhando com um cão porque cães me fazem realmente feliz. Você pode ser você mesma com um cão. Um cão é sempre ele ou ela mesma comigo. Quando eu era criança, meu maior professor era um cão. Ele me ensinou que nós somos apenas parte do reino animal. Não somos os únicos seres com personalidades e mentes capazes de raciocinar. Certamente, não somos os únicos seres com emoções como alegria, tristeza, medo, desespero. Nem somos os únicos capazes de dar e receber amor.[135]

Jane Goodall
Primatóloga e ativista do ambientalismo

[xci] Psiq. Afinidade mórbida por gatos; ELUROMANIA [Antôn.: elurofobia.] [F.: elur(o) - + -filia1.] (Aulete Digital, 2024). Substantivo feminino. Acepções: 1. afeição extrema por gatos; 2. criação de gatos. Obs.: f. geral não pref.: ailurofilia (Dicionário Houaiss Eletrônico).

"É certo que as criaturas humanas, enfaradas dos seus semelhantes, agastadas com as ambições dos homens, a ingratidão ou futilidades das mulheres, encontram um mundo novo quanto sentem junto de si a enternecedora, incansável e eterna amizade dos cães, a amabilidade serena e comedida dos gatos".

E. SANTOS[136]

A primeira menção a E.S. nos jornais do Rio Janeiro — atrelado ao mundo da cinofilia — foi em 1911, em nota sobre a participação dele, como membro do "jury", na "Exposição Canina e o Corso de Carruagens", evento promovido pelo jornal *Gazeta de Notícias* no parque do Campo de Sant'Anna[xcii] (Fig. 175, 176 e 177):



Anno XXXVI — Rio de Janeiro — Segunda-feira 25 de Setembro de 1911 — N. 268

GAZETA DE NOTICIAS

NUMERO AVULSO 100 RS.

Stereotypada e impressa nas machinas rotativas de Marinoni, na typographia da Sociedade anonyma «Gazeta de Noticias»

Exposição Canina e Corso de carruagens

NOTAS E NOTICIAS

REGISTRO DO DIA

O Sr. Barão do Rio Branco e a sua tenda

NA ALFANDEGA

LE BRESIL ECONOMIQUE

5me. PAGE

AS CONTAS DO GAZ

BREVEMENTE a CASA RAUNIER

POLITICAGEM EM MINAS

Figura 175 – *Gazeta de Noticias*, 25 set. 1911, primeira página.



Ano V • N. 39 — 30 de Setembro de 1911 — 400 réis

Fon-Fon!

Figura 176 – Capa da edição n.39 do semanário *Fon Fon*.



FON-FON!

Exposição canina.

Devido ao máo tempo, não se realisaram no domingo passado no Campo de Sant'Anna a Exposição Canina e o Corso de Carruagens, que os nossos collegas da *Gazeta de Noticias* organizaram, os quaes ficaram transferidos para amanhã.

Como não houvesse tempo bastante para os nossos collegas fazerem as devidas communicações, a affluencia foi enorme á praça da Republica.

O numero de cães que se apresentaram foi tão avultado que a *Gazeta de Noticias*, sem prejuizo dos premios que vae distribuir amanhã, resolveu, a titulo de «animação» distribuir duas medalhas de ouro e seis de prata aos proprietarios dos cães escolhidos por um jury no local e composto dos Srs. Senador Feliciano Penna, Alfredo Ilegado Valdetaro, William Schmidt, Eurico Santos e Antonio Cardoso.

Os membros do jury premiaram os seguintes cães:

Puelo II, de propriedade do Sr. Roque Augusto de Carvalho; *Negri*, propriedade de Mlle. Sylvia Camacho; *Frou-Frou*, propriedade do Sr. Henrique de Oliveira Alves; *Michel*, propriedade do commandante Luiz Carlos de Carvalho; *Jack-Boy* e *Grace-Lawe*, casal do Sr. J. Frank Houston; *Mageliito*, do Sr. Antonio da Silva Braga; *Itaqui* e *São Borja*, parelha pertencente a Mme. Justino Paixão; e *Phryné*, propriedade do Sr. Dr. J. J. Castro Alfihado.

Amanhã os premios a distribuir pela *Gazeta de Noticias* serão os seguintes:

Duas medalhas de ouro e dez medalhas de prata.

◆ *Revista de automoveis* — Sob a direcção de Bastos Tigre (D. Xiquote) appareceu essa bella publicação mensal, cuja leição o seu nome indica, e cujo successo *Fon-Fon* almeja.

— A senhora como quer o seu vestido?
— Simples, serio, mas bem enfeitado.

Figura 177 – *Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiante*, n.39, 30 set. 1911, p.42.

[xcii] Também noticiado pelos jornais *A Noticia* (Rio de Janeiro, 25 set. 1911, p.1), *O Paiz* (Rio de Janeiro, 25 set. 1911, p.2) e pelas revistas *A Fazenda* (Fig. 94) e *Fon Fon*.

Em 1978, o biólogo Roberto Gonçalves de Oliveira publicou:

> Eurico Santos, tendo conseguido divulgar cerca de quarenta e cinco obras, valia-se, sempre que possível, da opinião de especialistas, tornando-se assim conhecido nos meios científicos ao mesmo tempo que adquiria um embasamento nos mais variados assuntos versados. *Entretanto, a sua predileção eram as aves*. Disso pode-se ter uma idéia pelo próprio elenco de obras e artigos de sua autoria (p.8, grifo nosso).

Sendo Oliveira o fundador da Sociedade Sul Rio-Grandense de Ornitologia, há de se desconfiar se ele não puxou a brasa para a sua sardinha. Fato, E.S. dedicou boa parte da sua escrita à avicultura, ornitotecnia e ornitologia. Na competição ou métrica de temas, se a predileção por cães (Fig. 178) — reforçada pelos gatos — não superar a predileção por aves, ambas concorrem *a par e passo*.

Já foi mencionado que era praxe de E.S. citar fontes de caráter técnico, científico ou literário em seus textos: "A origem do Collie é antiquissima, segundo a opinião de *Buffon*[137]" (O Campo, 1931, n.1-2, p.28), "Morphologicamente a differença mais acentuada entre o boi indiano [...], consideram-na, como fez *Buffon* e Lambroso" (O Campo, 1932, n.2, p.10), "Burro palavra que designa a ignorancia, a estupidez, não é no entanto o que diz as fabulas gregas, nem La Fontaine, nem tão pouco o insigne *naturalista Buffon*, todos os dão como sendo um animal muito inteligente" (O Campo, 1932, n.3, p.84). Os textos cinófilos foram publicados em vários jornais e revistas (Fig. 179 a 185). Eventualmente, era dada alguma atenção aos gatos (Fig. 186 a 189).

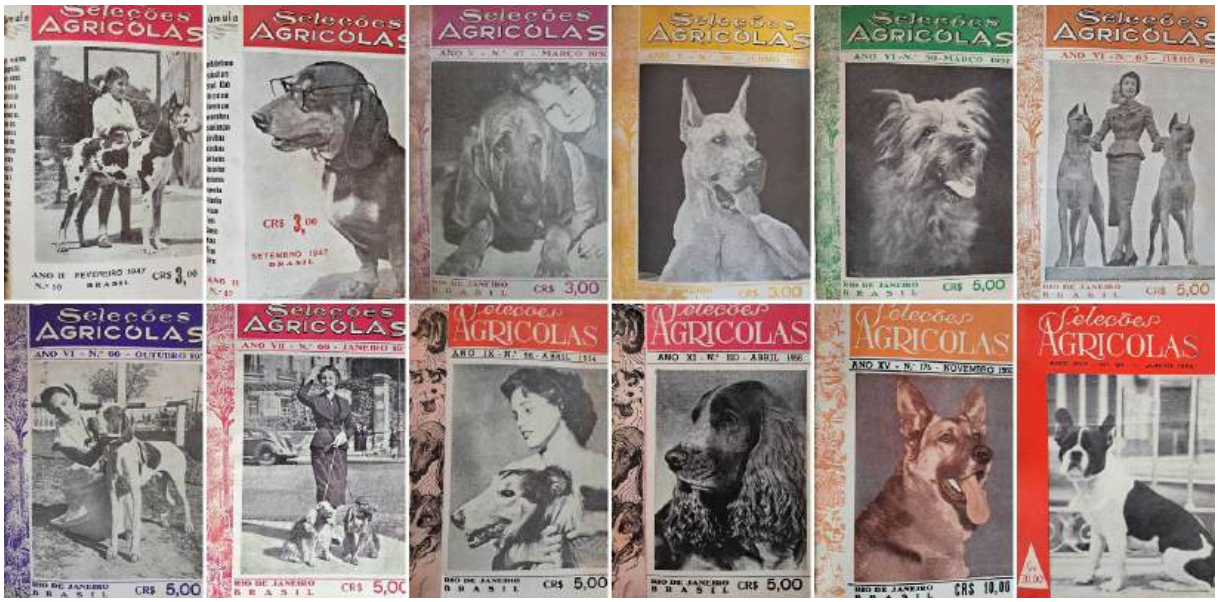


Figura 178 – Cães aparecem em 13 das 266 capas da revista *Seleções Agrícola*.



Do cão das turfeiras ao totó das Elegantes

Por Eurico Santos

Figura 179 – «Do cão das turfeiras ao totó das elegantes», artigo publicado por E.S. na revista *Cruzeiro*, n.5, 1928, p.39 e 50. O artigo faz parte do livro *O cão através da história e da arte* (1943).

Transcrição de trecho do artigo: “Mas o mundo dos cães não é composto só de raças productoras de trabalho, ha uma multidão de variedades destinadas a alegrar-nos a vista pelo seu natural encanto, a divertir-nos pelo seu seu genio folgazãoe ingenita garridice. São os cães de salão, de luxo, os «toutous» das damas francêsas e os totós das nossas elgantes patricias. São os ociosos da especie canina, os vadios elegantes, «almofadinhas» do genero Canis. Producto da civilização conseguido por meios artificiosos que não se deparam na simplicidade da natureza, o cão de luxo é de saude precaria, fragil, delicado e exigente no trato. Representa sem duvida o cão refinadamente civilizado, fugido do contacto brutal mas salutar da natureza e que nem de longe lembra o seu ancestral corpulento e hirsuto que rondava pela calada da noite a tenda do homem primitivo, buscando firmar com elle este pacto de amisade millenar que os liga até á extincção da vida no planeta (Cruzeiro, 1928, p.50).

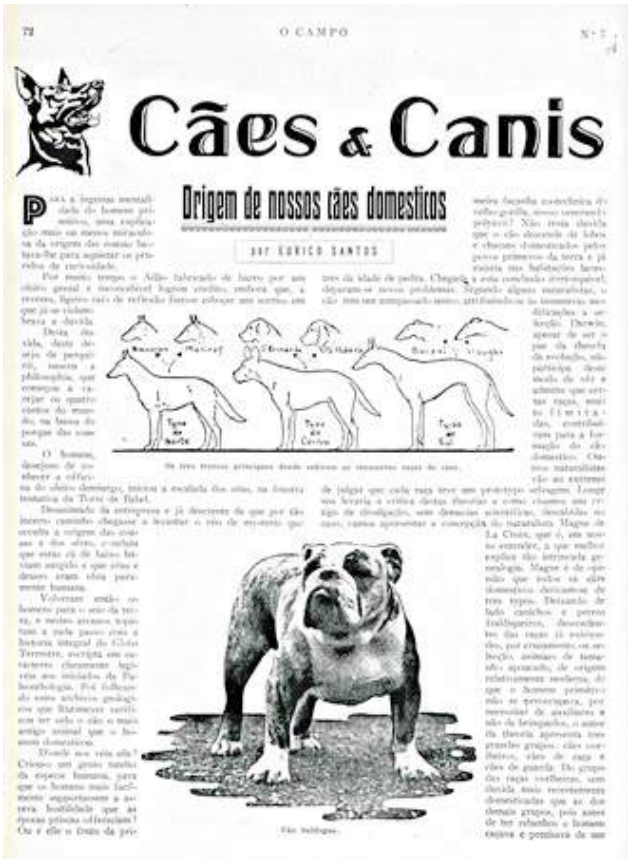


Cães & Canis

AS NOSSAS RAÇAS CANINAS



Figura 180 – «As nossas raças caninas», primeiro artigo cinófilo de E.S. publicado em *O Campo*, n.1, 1930, p.36-37, na seção *Cães & Canis*. Geralmente, a autoria dos conteúdos produzidos por E.S. para a revista era indicada apenas pelas iniciais “E. S.”.



72 O CAMPO N.º 3

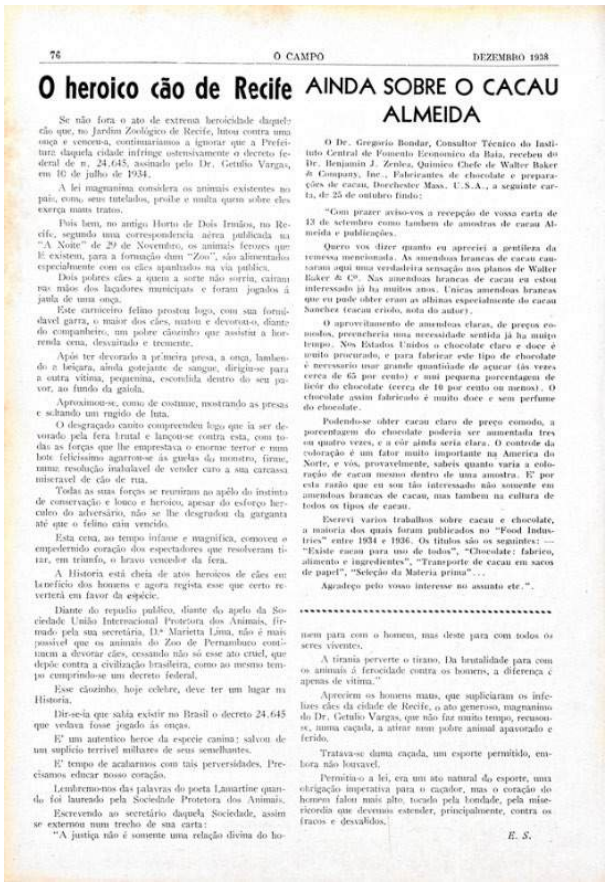
Cães & Canis

Origem de nossos cães domesticos

POR EURICO SANTOS

Figura 181 – Artigo publicado por E.S. em *O Campo*, n.3, 1931 p.72-74.

Transcrição de trecho do artigo: “Darwin, apesar de ser o pae da theoria da evolução, não participa deste modo de vêr e admite que certas raças, muito limitadas, contribuíram para a formação do cão domestico. [...] Longe nos levaria a critica destas teorias e como visamos um artigo de divulgação, sem demasias scientificas, descabidas no caso, vamos apresentar a concepção do naturalista Magne de La Croix, que é, em nosso entender, a que melhor explica tão intricada genealogia”.



76 O CAMPO DEZEMBRO 1938

O heroico cão de Recife

Se não fora o ato de extrema heroicidade daquele cão que, no Jardim Zoológico de Recife, lutou contra uma onça e venceu-a, continuaríamos a ignorar que a Prefeitura daquela cidade infringe ostensivamente o decreto federal de n. 24.645, assinado pelo Dr. Getulio Vargas, em 10 de julho de 1934.

A lei magnanima considera os animais existentes no país, como seus tutelados, proíbe e multa quem sobre eles exerça maus tratos.

Pois bem, no antigo Horto de Dois Irmãos, no Recife, segundo uma correspondencia aérea publicada na "A Noite" de 2º de Novembro, os animais ferozes que lá existem, para a formação dum "Zoo", são alimentados especialmente com os cães apanhados na via publica.

Dois pobres cães a quem a sorte não sorria, caíram nas mãos dos laçadores municipais e foram jogados á jaula de uma onça.

Este carniceiro felino prostou logo, com sua formidavel garra, o maior dos cães, matou e devorou-o, diante do companheiro, um pobre cãozinho que assistia a horrenda cena, desvairado e tremente.

Após ter devorado a primeira presa, a onça, lambendo o beiçara, ainda gotejante de sangue, dirigiu-se para a outra vitima, pequenina, escondida dentro do seu pavor, ao fundo da gaiola.

Aproximou-se, como de costume, mostrando as presas e ochando um rugido de luta.

O desgraçado cauto comprendeu logo que ia ser devorado pela fera brutal e lançou-se contra esta, com todas as forças que lhe emprestava o enorme terror e uma hora felicissimo agarrou-se ás guelas do monstro, firme, numa resolução inabalavel de vender caro a sua carcassa miseravel de cão de rua.

Todas as suas forças se reuniram no apêlo do instinto de conservação e louco e heroico, apesar do esforço hercúleo do adversário, não se lhe desgradou da garganta até que o felino caiu vencido.

Esta cena, ao tempo infausa e magnifica, comoveu e empedernido coração dos espectadores que resolveram tirar, em trimfo, o bravo vencedor da fera.

A Historia está cheia de atos heroicos de cães em beneficio dos homens e agora regista esse que certo reverterá em favor da espécie.

Diante do repudio publico, diante do apelo da Sociedade União Internacional Protetora dos Animais, firmado pela sua secretaria, Dª Marietta Lima, não é mais possivel que os animais do Zoo de Pernambuco continuem a devorar cães, cessando não só esse ato cruel, que depõe contra a civilização brasileira, como ao mesmo tempo comprindo-se um decreto federal.

Esse cãozinho, hoje celebre, deve ter um lugar na Historia.

Dir-se-ia que sabia existir no Brasil o decreto 24.645 que vedava fosse jogado ás onças.

E' um autentico heroe da especie canina: salvou de um suplicio terrivel milhares de seus semelhantes.

E' tempo de acalarmos com tais perversidades. Precisamos educar nosso coração.

Lembremo-nos das palavras do poeta Lamartine quando foi laureado pela Sociedade Protetora dos Animais.

Escrevendo ao secretário daquela Sociedade, assim se externou num trecho de sua carta:

"A justiça não é somente uma relação divina do homem para com o homem, mas deste para com todos os seres viventes.

A tirania perverte o tirano. Da brutalidade para com os animais á ferocidade contra os homens, a diferença é apenas de vitima."

Apreciem os homens mais, que supliciaram os infelizes cães da cidade de Recife, o ato generoso, magnanimo do Dr. Getulio Vargas, que não faz muito tempo, recusou-se, numa caçada, a atirar num pobre animal apavorado e ferido.

Tratava-se duma caçada, um esporte permitido, embora não louvavel.

Permitia-o a lei, era um ato natural do esporte, uma obrigação imperativa para o caçador, mas o coração do homem falou mais alto, tocado pela bondade, pela misericordia que devemos estender, principalmente, contra os fracos e desvalidos.

E. S.

AINDA SOBRE O CACAU ALMEIDA

O Dr. Gregorio Bondar, Consultor Técnico do Instituto Central de Fomento Economico da Baia, recebeu do Dr. Benjamin J. Zenlea, Quimico Chefe de Walter Baker & Company, Inc., Fabricantes de chocolate e preparações de cacau, Dorchester Mass. U.S.A., a seguinte carta, de 25 de outubro findo:

"Com prazer aviso-vos a recepção de vossa carta de 13 de setembro como tambem de amostras de cacau Almeida e publicações.

Quero vos dizer quanto eu apreciei a gentileza da remessa mencionada. As amendoas brancas de cacau causaram aqui uma verdadeira sensação aos platos de Walter Baker & Cº. Nas amendoas brancas de cacau eu estou interessado já ha muitos anos. Unicas amendoas brancas que eu pude obter eram as albinas especialmente do cacau Sanchez (cacau crioulo, nota do autor).

O aproveitamento de amendoas claras, de preços economicos, preencheria uma necessidade sentida já ha muito tempo. Nos Estados Unidos o chocolate claro e doce é muito procurado, e para fabricar este tipo de chocolate é necessario usar grande quantidade de açucar (ás vezes cerca de 65 por cento) e uma pequena porcentagem de licôr do chocolate (cerca de 10 por cento ou menos). O chocolate assim fabricado é muito doce e sem perfume do chocolate.

Podendo-se obter cacau claro de preço comodo, a porcentagem do chocolate poderia ser aumentada tres ou quatro vezes, e a côr ainda seria clara. O controle da coloração é um fator muito importante na America do Norte, e vos, provavelmente, sabeis quanto varia a coloração de cacau mesmo dentro de uma amostra. E' por esta razão que eu sou tão interessado não somente em amendoas brancas de cacau, mas tambem na cultura de todos os tipos de cacau.

Escrevi varios trabalhos sobre cacau e chocolate, a maioria dos quais foram publicados no "Food Industries" entre 1934 e 1936. Os titulos são os seguintes: — "Existe cacau para uso de todos", "Chocolate: fabrico, alimento e ingredientes", "Transporte de cacau em sacos de papel", "Seleção da Materia prima"...

Agradeço pelo vosso interesse no assunto etc.".

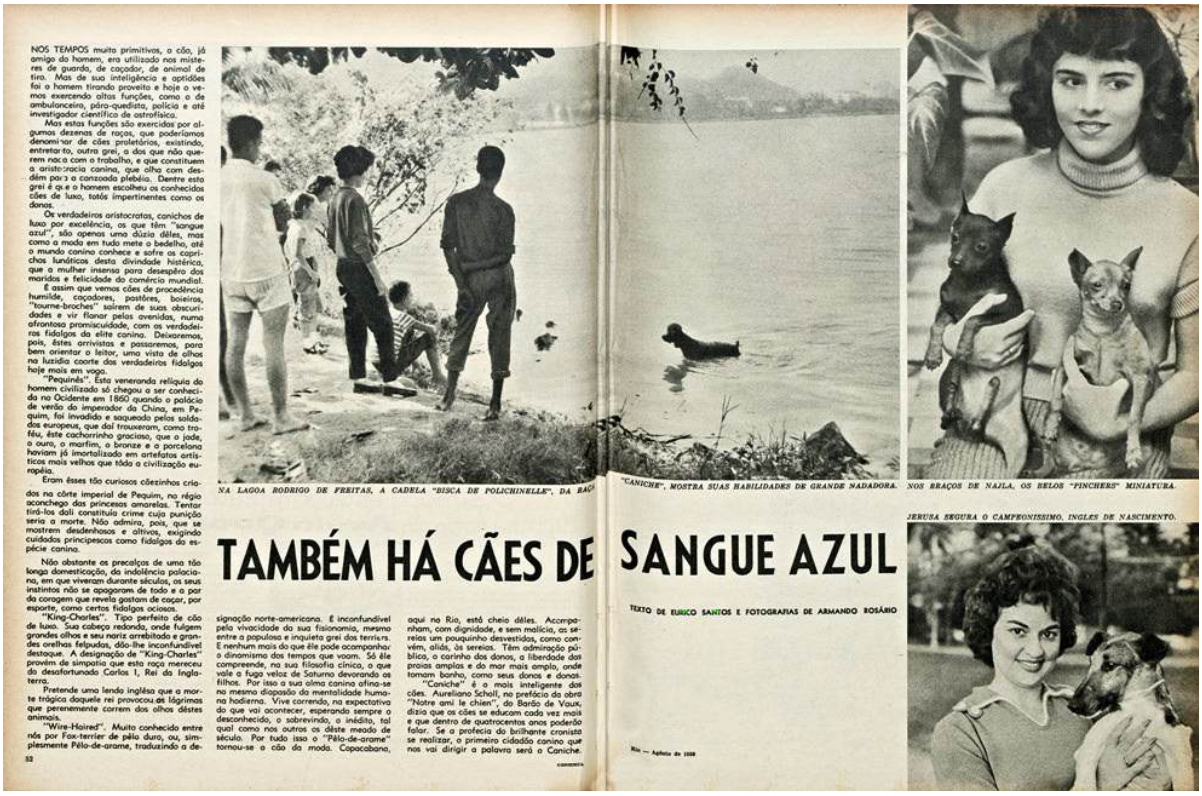
Figura 182 – «O heroico dão de Recife», em *O Campo*, n.108, 1938, p.76. O conto faz parte do livro *O cão através da história e da arte* (1943).



Figura 183 – «A inteligência do cão», artigo publicado por E.S. em *O Campo*, n.161, 1943, p.24-26. Este artigo faz parte do livro *O cão através da história e da arte* (1943).



Figura 184 – Cães estampados em campas da revista *O Campo*. “Si entre os amigos encontrei cachorros, entre os cachorros encontrei-te amigo” (O Campo, n.7, 1932). A revista, frequentemente, noticiava exposições caninas nacionais e internacionais.



NOS TEMPOS muito primitivos, o cão, já amigo do homem, era utilizado nos misteres de guarda, de caçador, de animal de tiro. Mas de sua inteligência e aptidões foi o homem tirando proveito e hoje o vemos exercendo altas funções, como o de ambulanceiro, pára-quedista, polícia e até investigador científico de astrofísica.

Mas estas funções são exercidas por algumas dezenas de raças, que poderíamos denominar de cães proletários, existindo, entretanto, outra grei, a dos que não querem nada com o trabalho, e que constituem a aristocracia canina, que olha com desdém para a canzoada plebéia. Dentre esta grei é que o homem escolheu os conhecidos cães de luxo, totós impertinentes como os donos.

Os verdadeiros aristocratas, canichos de luxo por excelência, os que têm "sangue azul", são apenas uma dúzia deles, mas como a moda em tudo mete o bedelho, até o mundo canino conhece e sofre os caprichos lunáticos desta divindade histérica, que a mulher insensa para desespêro dos maridos e felicidade do comércio mundial.

É assim que vemos cães de procedência humilde, caçadores, pastôres, boieiros, "tourne-broches" sairem de suas obscuridades e vir flanar pelas avenidas, numa afrontosa promiscuidade, com os verdadeiros fidalgos da elite canina. Deixaremos, pois, êstes arrivistas e passaremos, para bem orientar o leitor, uma vista de olhos na luzidia coorte dos verdadeiros fidalgos hoje mais em voga.

"Pequinês". Esta veneranda relíquia do homem civilizado só chegou a ser conhecida no Ocidente em 1860 quando o palácio de verão do imperador da China, em Pequim, foi invadido e saqueado pelos soldados europeus, que dai trouxeram, como troféu, êste cachorrinho gracioso, que o jade, o ouro, o marfim, o bronze e a porcelana haviam já imortalizado em artefatos artísticos mais velhos que tôda a civilização européia.

Eram êsses tão curiosos cãezinhos criados na côrte imperial de Pequim, no régio aconchego das princesas amarelas. Tentar tirá-los dali constituia crime cuja punição seria a morte. Não admira, pois, que se mostrem desdenhosos e altivos, exigindo cuidados principescos como fidalgos da espécie canina.

Não obstante os precalços de uma tão longa domesticação, da indolência palaciana, em que viveram durante séculos, os seus instintos não se apagaram de todo e a par da coragem que revela gostam de caçar, por esporte, como certos fidalgos ociosos.

"King-Charles". Tipo perfeito de cão de luxo. Sua cabeça redonda, onde fulgem grandes olhos e seu nariz arrebitado e grandes orelhas felpudas, dão-lhe inconfundível destaque. A designação de "King-Charles" provém de simpatia que esta raça mereceu do desafortunado Carlos I, Rei da Inglaterra.

Pretende uma lenda inglêsa que a morte trágica daquele rei provocou as lágrimas que perenemente correm dos olhos dêstes animais.

"Wire-Haired". Muito conhecido entre nós por Fox-terrier de pêlo duro, ou, simplesmente Pêlo-de-arame, traduzindo a designação norte-americana. É inconfundível pela vivacidade da sua fisionomia, mesmo entre a populosa e inquieta grei dos terriers. E nenhum mais do que êle pode acompanhar o dinamismo dos tempos que voam. Só êle compreende, na sua filosofia cínica, o que vale a fuga veloz de Saturno devorando os filhos. Por isso a sua alma canina afina-se no mesmo diapasão da mentalidade humana hodierna. Vive correndo, na expectativa do que vai acontecer, esperando sempre o desconhecido, o sobrevindo, o inédito, tal qual como nos outros os dêste meado de século. Por tudo isso o "Pêlo-de-arame" tornou-se o cão da moda. Copacabana, aqui no Rio, está cheio dêles. Acompanham, com dignidade, e sem malícia, as sereias um pouquinho desvestidas, como convém, aliás, às sereias. Têm admiração pública, o carinho dos donos, a liberdade das praias amplas e do mar mais amplo, onde tomam banho, como seus donos e donas.

"Caniche" é o mais inteligente dos cães. Aureliano Scholl, no prefácio da obra "Notre ami le chien", do Barão de Vaux, dizia que os cães se educam cada vez mais e que dentro de quatrocentos anos poderão falar. Se a profecia do brilhante cronista se realizar, o primeiro cidadão canino que nos vai dirigir a palavra será o Caniche.

NA LAGOA RODRIGO DE FREITAS, A CADELA "BISCA DE POLICHINELLE", DA RAÇ

"CANICHE", MOSTRA SUAS HABILIDADES DE GRANDE NADADORA.

NOS BRAÇOS DE NAJLA, OS BELOS "PINCHERS" MINIATURA.

JERUSA SEGURA O CAMPEONISSIMO, INGLES DE NASCIMENTO.

TAMBÉM HÁ CÃES DE SANGUE AZUL

TEXTO DE EURICO SANTOS E FOTOGRAFIAS DE ARMANDO BOSÁRIO



CÃES DE SANGUE AZUL (conclusão)

Os cães de luxo vivem num mundo decorativo e conquistam prêmios

Foi outrora o cão da moda, mas seu prestígio passou, talvez, porque se prestou, com ternura canina, a ser cão de cego. Entretanto, hoje volta ao galarim da moda. Copacabana, esta Cinapolis moderna, está cheia dêles.

"Pincher miniatura". Trata-se de um canito que parece fabricado, especialmente, para os apartamentos, o "home" da gente atual.

Não mede mais de 10 a 12 1/2 polegadas de altura, é um pequeno grande cão, como diz o entusiasta desta raça alemã no Brasil, o conhecido industrial e "sportsman", Sr. Luiz Hermanny Filho. Não posso deixar de citar o cão também muito em voga hoje, o "Boxer", que não se pode entretanto, enfileirar entre os verdadeiros cães de luxo, pela sua origem burguesa. Ainda desfrutam alto prestígio, mas não andam tão na berra, os Lulus, muito vulgares, os Bulldogues, um tanto sorgados, o "Black and tan toy terrier", cantil espavorido e friorento, "Dobermann" e outros menos lembrados.

CONCEIÇÃO E NAJLA NO NOVO CASTO DOS CÃES DE LUXO.

ESTE CÃO JÁ FOI PREMIADO SEIS VEZES EM EXPOSIÇÕES.

"BI-LAND'S DOLES FARM ROCKET" É UM "FOX-TERRIER".

Figura 185 – Artigo de E.S. em *A Cigarra Magazine*, n.8, p.52, 1958.



Figura 186 – Primeira participação de E.S. na *A Cigarra Magazine*, n.145, 1946, p.19. E.S. teve seus conteúdos publicados pela revista durante 15 anos, a partir do n.223, de 1952, até o n.7, de 1967.



O CAMPO

SETEMBRO 1938

NUMERO AVULSO 5$000

Ano 9 — Revista mensal de Lavoura, Pecuaria e Industrias Rurais — N.° 105

Figura 187 – Capa da revista *O Campo*, n.105, 1938.



NOSSA CAPA

O guardião da biblioteca de "O CAMPO", bibliófilo por necessidade e rotófilo por temperamento, posou, amavelmente, para a nossa capa



Já se disse bem dos Gatos, Mas...

Parece ocioso apontar aqui as inconveniências de algumas coisas boas.

Basta lembrar que há até atrevidos que dizem mal das mulheres... e detestam os gatos.

Dizem que os gatos e a atiradeira são os maiores inimigos dos pássaros, calculando-se até que os gatos num ano matam muitos milhões de pássaros.

Escutemos o eminente ornitólogo norte-americano E. Howe. Escreve êle: "Supohamos que em têrmo médio cada gato mate só 10 pássaros por ano. Como em Massachussetts possuimos 70.000 gatos, são 700.000 pássaros sacrificados anualmente".

Lastima-se que o gato, sibarita e gozador altivo, desdenhe da amizade humana e só se apegue à casa em que vive, uma vez que lhe dê bom passadio e ninguém o incomode.

Isto, no entanto, é pouco quando o vemos acusar de transmissor da asma e até capaz de provocar, com sua presença, um ataque deste mal, só pelo odor que desprende.

Sabe-se, de fonte segura, que o gato pode transmitir a raiva, embora isso aconteça com raridade. Também seguramente conhecemos que é muito sujeito à tinha, originada pelo **Microsporum felineum** e que esta nos pode contaminar, sendo, aliás, esta micose difícil de se combater. Além da tinha contrai o mesmo animal uma sarna especial que nos pode atingir, embora ligeiramente, porque o ácaro causador não vive no homem.

Se ela aparecer no homem persistentemente é porque o gato, nosso hospede, apresenta a moléstia e nos reinfesta continuamente.

Ultimamente descobriu-se um outro mal. A unhada do gato transmite adenopatias de evolução subaguda, terminadas por supuração, mas curando sempre sem cicatriz. A evolução é algumas vêzes febril e dolorosa, diz Leon Binet, notadamente no adulto.

O gato também é acusado de transmitir helmintíases, quase sempre o verme **Opistorchis felineus**.

Parece, no entanto, que, de tudo que o acusam, só os ectoparasitas têm mais importância prática e os tapinhas, quando êles põe as unhas de fora, figurada e realmente.

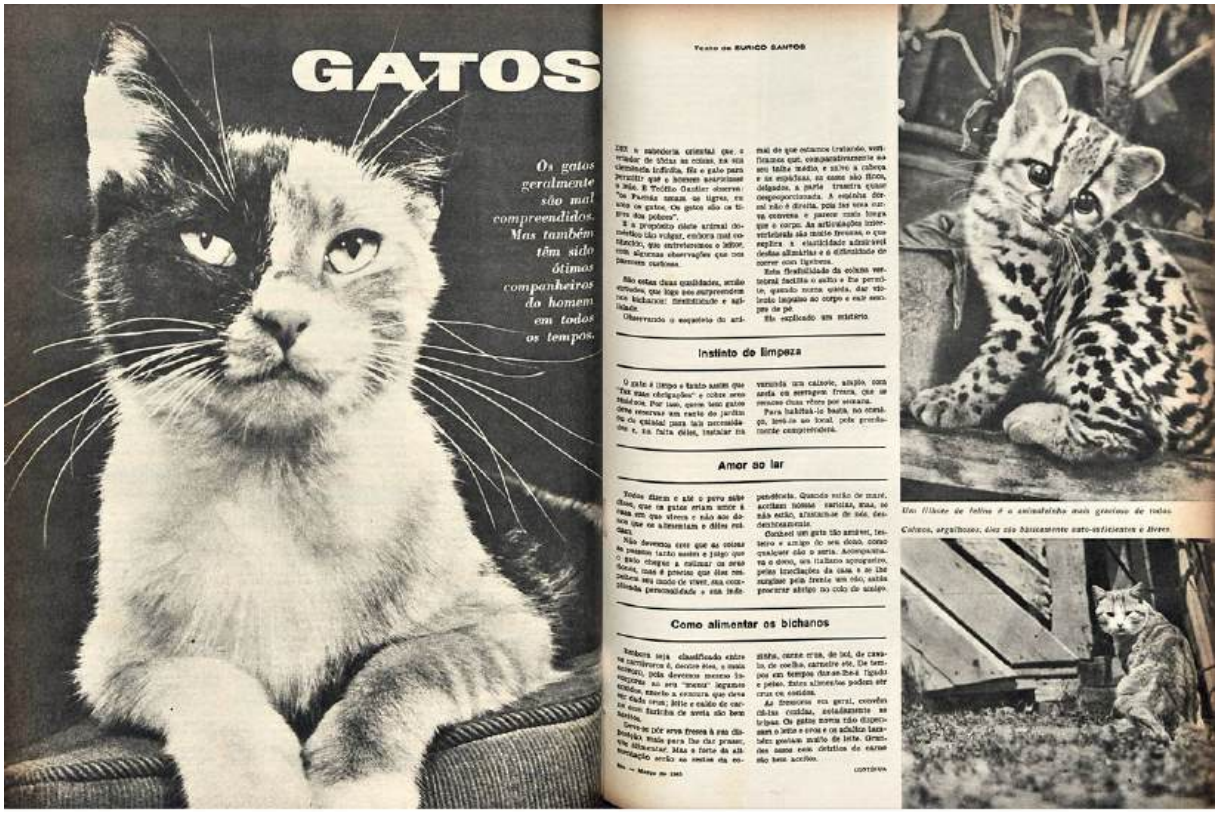
Só por possibilidades, raramente verificáveis e em grande parte evitáveis, devemos varrer a face da terra criaturas tão interessantes, como são os gatos?

Não é difícil combater-lhes os parasitos internos e externos, ensinar-lhe a não botar as unhas de fora (êles aprendem) e vaciná-los contra a raiva, providencia que ninguém toma devido a raridade desta moléstia nos felinos.

Eurico Santos

CHACARAS E QUINTAIS PAG. 567

Figura 188 – «Já se disse bem dos Gatos, Mas...», *Chacaras e Quintaes*, n.5, p.567, 1959.



GATOS

Os gatos geralmente são mal compreendidos. Mas também têm sido ótimos companheiros do homem em todos os tempos.

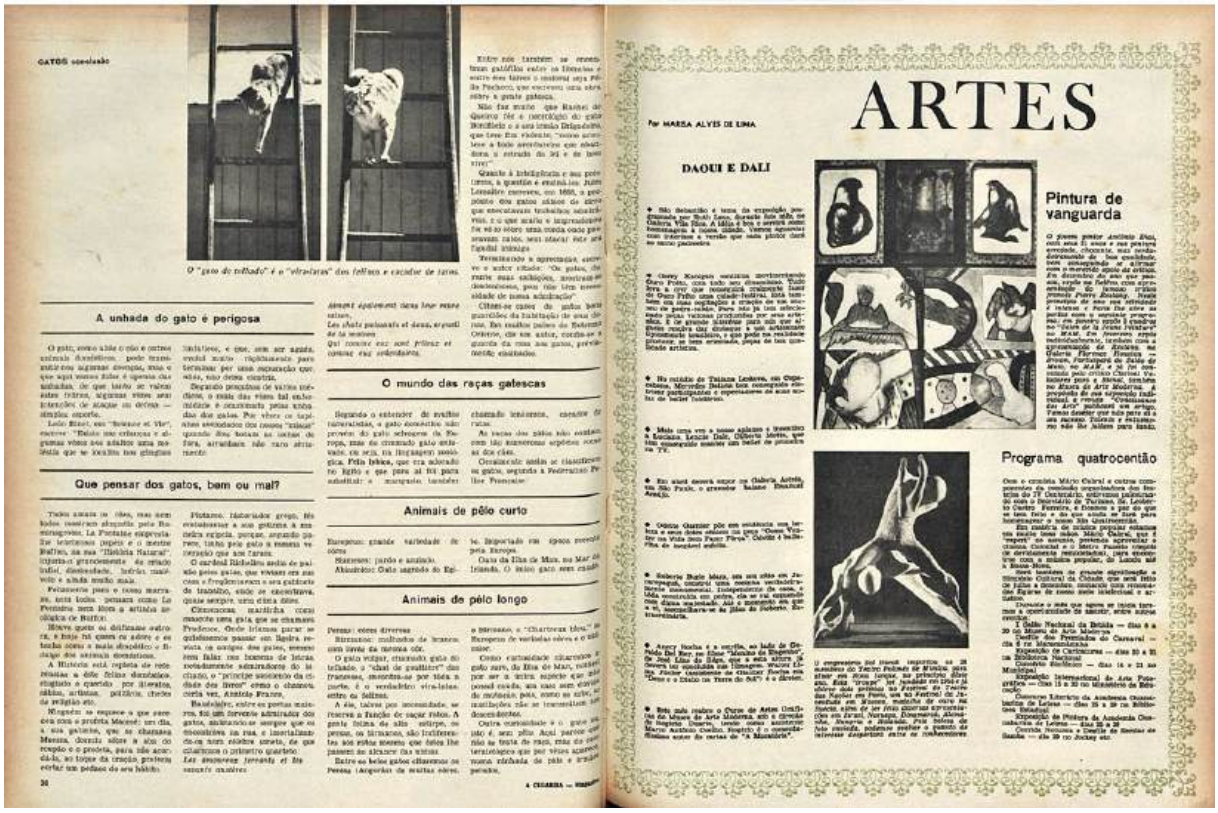
Texto de EURICO SANTOS

Instinto de limpeza

Amor ao lar

Como alimentar os bichanos

Um filhote de felino é o animalzinho mais gracioso de todos. Caiçara, orgulhoso, diz são bastantemente auto-suficientes e livres.



GATOS conclusão

O "gato do telhado" é o "viradeiras" dos felinos e cacador de ratos.

A unhada do gato é perigosa

Que pensar dos gatos, bem ou mal?

O mundo das raças gatescas

Animais de pêlo curto

Animais de pêlo longo

ARTES

Por MARSA ALVES DE LIMA

DAOUI E DALI

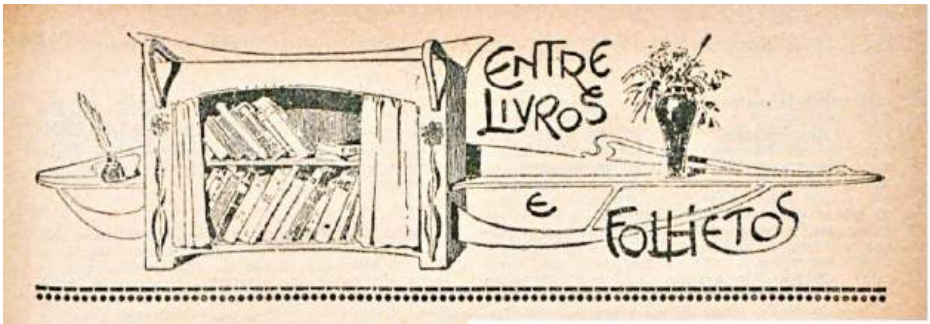
Pintura de vanguarda

Programa quatrocentão

Figura 189 – «Os gatos geralmente são mal compreendidos. Mas também têm sido ótimos companheiros do homem em todos os tempos», em *A Cigarra Magazine*, n.28-31, 1965, p.139.

Em 1927, E.S. publicou o primeiro livro, dedicado à cinofilia: “Enfim este *Manual do amador de cães* é uma verdadeira enciclopédia (Fig. 190 a 195). É indispensável ao veterinário e aos criadores profissionais, e será de inestimável valia aos que simplesmente gostam de ter cães em sua casa. E quem não gosta?” (Santos, 1927). O manual foi ilustrado por Plinio Alves; a partir da 3ª ed., foram incluídos desenhos de Marian Colonna; a partir da 5ª, de Ruth Doris Secchin e Eraldo Faria; a partir da 7ª, de Eraldo Faria.

> [...] O livro todo tem ainda esse mérito de ser bem provido de *clichés* sempre opportunos, o que ajuda e facilita ao perfeito entendimento do texto. O “Manual” do sr. E.S. se mostra porém deficiente na parte que se refere á reprodução do cão. É que essa questão da hereditariedade idade dos animaes domesticos, em geral não está revista nos livros comuns de zootechnica franceses, e essa é a fonte bibliographica mais ao alcance dos estudiosos brasileiros. Dahi a persistencia de certos erros em alguns dos nossos escriptores de taes assumptos (Chácaras e Quintaes, n.5, 1927, p.202) (Fig.00).



MANUAL DO AMADOR DE CÃES por **Eurico Santos.** — Rio, 1927.

E' um livro de 350 paginas, dividido em cinco partes; a 1.ª trata da Ezoognosia e raças de cães; a 2.ª Anatomia e fisiologia do cão, reproducção, criação, alimentação e alojamento dos cães; a 3.ª Educação e adestramento do cão; a 4.ª Molestias dos cães e seu tratamento; a 5.ª Vários assumptos não inclusos anteriormente. Em geral é um trabalho bom, e, além de bom, muito util aos amadores e criadores de cães, incontestavelmente. A parte que trata das raças é abundante, assim como a que trata das enfermidades que atacam os cães. A que diz respeito ao adestramento tambem está muito bem desenvolvida, sobretudo é clara e de facil comprehensão. O capitulo sobre o alojamento está bem descripto e adornado de óptimas gravuras explicativas. O livro todo tem ainda esse mérito de ser bem provido de *clichés* sempre opportunos, o que ajuda e facilita ao perfeito entendimento do texto. O "Manual" do sr. Eurico Santos se mostra porém deficiente na parte que se refere á reproducção do cão. E' que essa questão da hereditariedade dos animaes domesticos, em geral não está revista nos livros communs de zootechnica franceses, e essa é a fonte bibliographica mais ao alcance dos estudiosos brasileiros. Dahi a persistencia de certos erros em alguns dos nossos escriptores de taes assumptos. Mas o livro do sr. Santos, se peccou por isso, não perdeu o seu valor e o mérito de ser o melhor livro que possuimos em portuguêz, tratando de cães.

Preço de 1 grosso vol. illustrado. 25$000; encontra-se na Livraria desta revista, R. Assembléa, 18 — S. Paulo. Pelo correio sob registro mais mil réis.

Figura 190 – Obra criticada, autor elogiado. Resenha do *Manual do Amador de cães*, publicada na coluna *Entre livros e folhetos* da revista *Chácaras e Quintaes*, v.36, n.5, 1927, p.202.

Transcrição de trecho da resenha: “Mas o livro do sr. Santos, se peccou por isso, não perdeu o seu valor e mérito de ser o melhor livro que possuímos em portuguêz, tratando de cães.



Figura 191 – Capa da 1ª ed. (1927), publicada por F. Briguiet & Cia., Rio de Janeiro, sob o selo *Vis mea in labore (1 jan.1893)*. 24 x 16,5 cm.

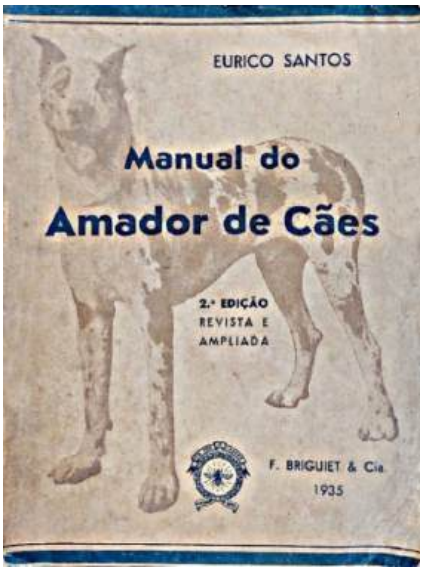


Figura 192 – Capa da 2ª ed. (1935), publicada por F. Briguiet & Cia., Rio de Janeiro, sob o selo *Vis mea in labore (1 jan.1893)*. 18 x 13,5 cm.

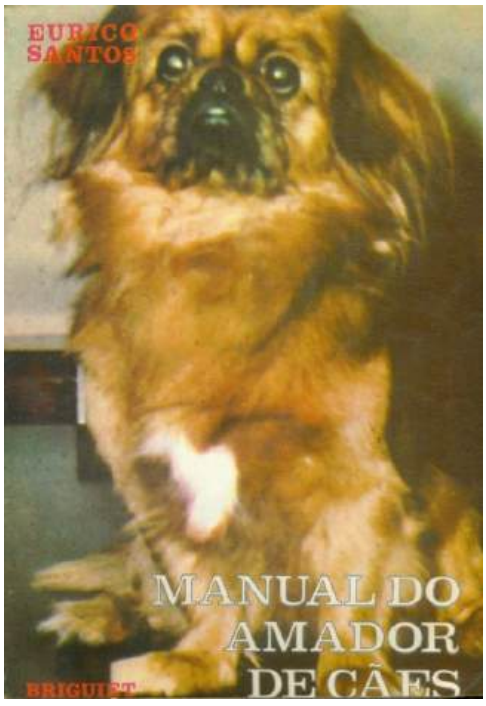


Figura 193 – Capa da 5ª ed. (1971), publicada por F. Briguiet & Cia., Rio de Janeiro, sob o selo *Vis mea in labore (1 jan.1893)*. 22,5 x 16 cm.

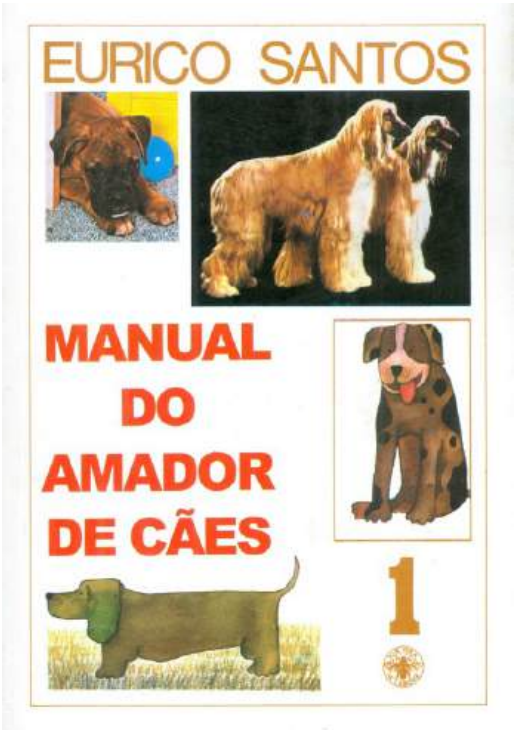
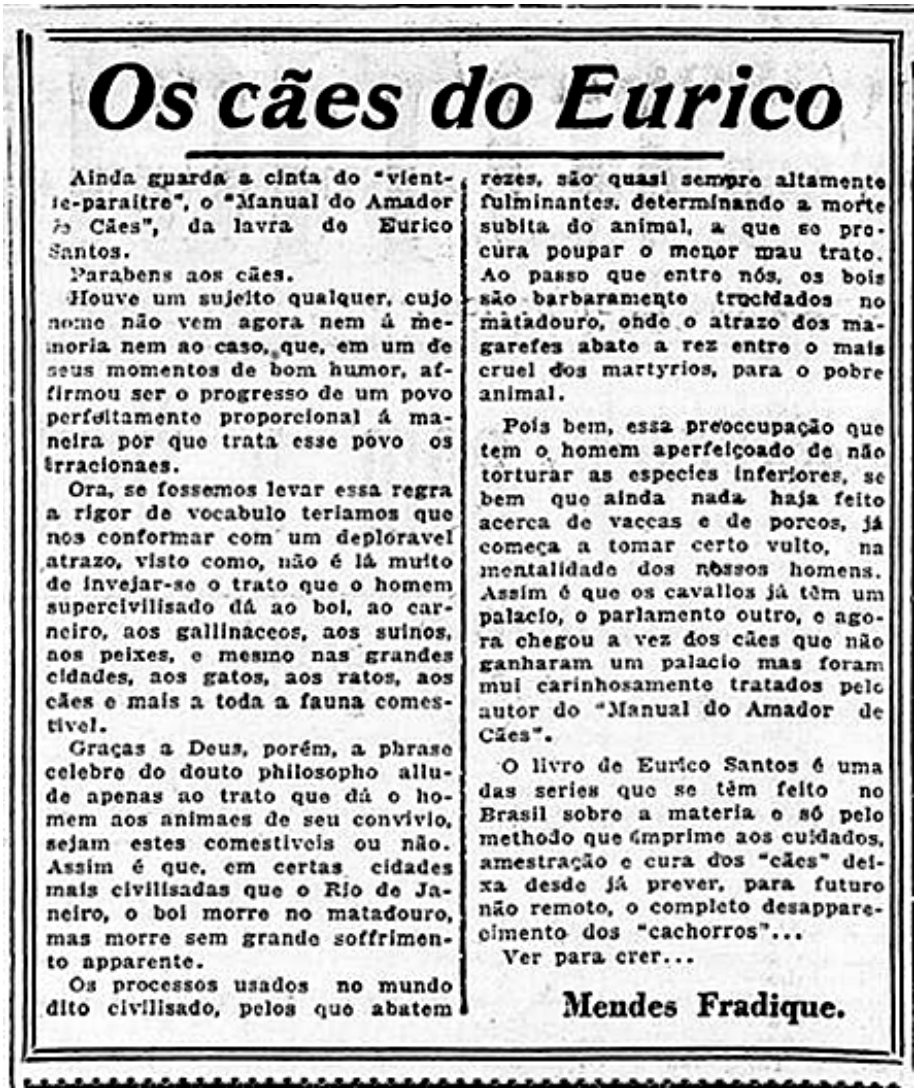


Figura 194 – Capa da 8ª ed. (1979), publicada pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte. 24 x 16,5 cm.

“O cão de rua é o producto dos mais disparatados cruzamentos e das mestiçagens mais estravagantes. Constitue a ralé da espécie, os desprotegidos e os abandonados, boêmios em cata de aventura e cães de espírito insubmisso, brigões, de índole rixenta e pobres diabos inofensivos e affectuosos. Nessa babel de typos, como numa colcha de retalhos, encontram-se os caracteristicos apagados, sulfocados, de mil raças, as nuanças de todas as pelagens, numa confusão chaotica que desesperaria um zootechnista que ahi procurasse a pista duma raça determinada” (Santos, 1927, p.168, parágrafo destinado aos vira-latas).



Os cães do Eurico

Ainda guarda a cinta do "vient-le-paraitre", o "Manual do Amador de Cães", da lavra do Eurico Santos.

Parabens aos cães.

Houve um sujeito qualquer, cujo nome não vem agora nem á memoria nem ao caso, que, em um de seus momentos de bom humor, affirmou ser o progresso de um povo perfeitamente proporcional á maneira por que trata esse povo os irracionaes.

Ora, se fossemos levar essa regra a rigor de vocabulo teriamos que nos conformar com um deploravel atrazo, visto como, não é lá muito de invejar-se o trato que o homem supercivilisado dá ao boi, ao carneiro, aos gallinaceos, aos suinos, aos peixes, e mesmo nas grandes cidades, aos gatos, aos ratos, aos cães e mais a toda a fauna comestivel.

Graças a Deus, porém, a phrase celebre do douto philosopho allude apenas ao trato que dá o homem aos animaes de seu convivio, sejam estes comestiveis ou não. Assim é que, em certas cidades mais civilisadas que o Rio de Janeiro, o boi morre no matadouro, mas morre sem grande soffrimento apparente.

Os processos usados no mundo dito civilisado, pelos que abatem rezes, são quasi sempre altamente fulminantes, determinando a morte subita do animal, a que se procura poupar o menor mau trato. Ao passo que entre nós, os bois são barbaramente trucidados no matadouro, onde o atrazo dos magarefes abate a rez entre o mais cruel dos martyrios, para o pobre animal.

Pois bem, essa preoccupação que tem o homem aperfeiçoado de não torturar as especies inferiores, se bem que ainda nada haja feito acerca de vaccas e de porcos, já começa a tomar certo vulto, na mentalidade dos nossos homens. Assim é que os cavallos já têm um palacio, o parlamento outro, e agora chegou a vez dos cães que não ganharam um palacio mas foram mui carinhosamente tratados pelo autor do "Manual do Amador de Cães".

O livro de Eurico Santos é uma das series que se têm feito no Brasil sobre a materia e só pelo methodo que imprime aos cuidados, amestração e cura dos "cães" deixa desde já prever, para futuro não remoto, o completo desapparecimento dos "cachorros"...

Ver para crer...

Mendes Fradique.

Figura 195 – «Os cães de Eurico», resenha assinada por Mendes Fradique, publicada na *Gazeta de Noticias*, 14 out. 1927, p.2.

“A obra mais completa sobre o cão, descripção de raças, criação, hygiene, adestramento, molestias. Em todas as livrarias do Rio (Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 9 fev. 1928, p.9). O *Manual do amador de cães* foi exaustivamente anunciado nos jornais e revistas cariocas (Fig.196 a 197):



Figura 196 – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 jan. 1928, p.13.



Figura 197 – Anúncios da obra *Manual do amador de cães*, publicados na revista *O Campo*.



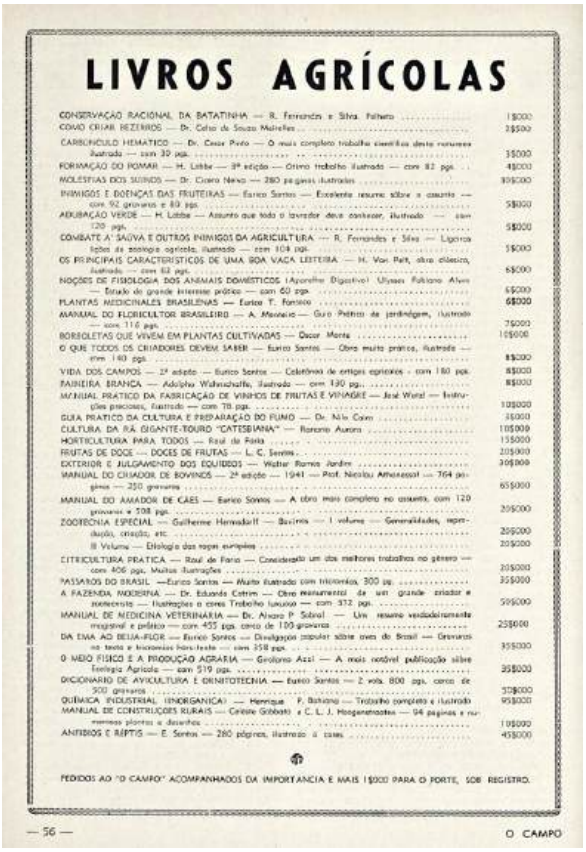


Figura 198 – À esquerda, anúncio estampado na revista *Seleções Agrícolas,* n.22, 1948, p.96. À direita, anúncio de livros publicado na revista *O Campo*, n.149, 1942, p.56; foi o último a listar livros de E.S. No mesmo ano, a revista foi vendida e o manual voltou a ser citado novamente, pela última vez, na resenha sobre *O cão através da arte e da história,* publicada no n.158, p.12, 1943. O *Manual do amador de cães* foi citado ou anunciado pelo menos 175 vezes em 144 edições de *O Campo* no período de 1930-42.



Figura 199 – Artigo publicado em *O Campo*, n.96, 1937, p.40, cuja autoria pode ser atribuída a E.S. por apresentar textos e imagens encontrados no *Manual do amador de cães*. Acompanha o artigo, anúncio do manual.



44 O CAMPO NOVEMBRO 1940

O Carlim

Sinonimos — Francês: Carlin; Italiano: Carlino, Alemão: Mops, Inglês: Pug-dog.

Apreciação geral — O Carlim, também chamado Carlindogue, foi sempre uma bulldogue liliputiana. A sua face achatada com mascara negra e seus grandes olhos redondos chamam-lhe ar original. E esse cão pouco afetuoso, de inteligencia mediocre e sono resmungador. Além disso pouco recomendavel. Quem o Carlin por mais cuidado que mereça e sua tolerancia apresenta sempre uma mordidela bem desagradavel.

Origens — Contendem até hoje os cinofilogos sobre a origem do Carlin. Para uns é ele um bulldogue anão ou antes um mastim, cujo tamanho foi provocado por determinados meios.

Esta versão não parece corresponder á verdade. Conhecem-no como originario da China onde a sua representação é encontradiça na ceramica, quer chinesa, quer niponica.

Carlim ou pug-dog

Uma coisa averiguada é que na Europa êle surgiu primeiramente na Holanda, daí passando á Inglaterra, onde ganhou as graças reais. Na França também se tornou benquisto das damas e a marqueza de Pompadour o introduziu na côrte.

Baptisaram-no com o nome de Carlin, porque o seu focinho prêto lembrava a máscara de Carlino, o então vulgarizado arlequim da comédia italiana.

A moda de Carlin foi efêmera e hoje sòmente goza de maior estima na Inglaterra e na Alemanha.

Caracteres essenciais: — Raça concavilinea.

Aspecto geral: o de um cão forte, atarracado e musculoso. Talhe: á cernelha 30 a 35 cm. Pêso: varia entre 3 quilos e 700 grs. a 4 1/2 quilos.

Cabeça e Pescoço: Cabeça: redonda, maciça. Crânio: largo. Orelhas: pequenas, macias ao tato. Focinho: curto, quadrado. Máscara: muito negra. Rugas: largas, profundas. Pescoço: curto. Corpo e cauda: Corpo: curto, largo, bem atarracado. Cauda: em trompa sôbre o dorso e trazida tão alta quanto possivel.

Pernas e Pés: Pernas: fortes, direitas, de tamanho médio. Pés: de bom tamanho, nem compridos nem redondos. Unhas: negras.

Pelagem: Pêlo: curto, espêsso, macio ao tato. Côr: fulvo claro, café com leite. Cabeça: máscara negra bem traçada. Cauda: da mesma côr que o corpo com uma linha escura. Membros: da mesma côr que o corpo.

Notas: Cruzando-se o Carlin com um Bulldogue obtem-se um carlin proporcionado, de pernas ampliadas, de 45 cents. de talhe, tipo de cão de guarda, excelente perseguidor de ratos invertidos. Cruzando-se um Carlin com um terrier obtem um cão muito vivo e esperto.

Outrora possuiu-se o Carlin com o Epagneul de pequeno porte e obtinha-se o chamado cão de Alicante que provem a conformação do Carlin e os pelos ondulados do Epagneul.

Hoje, actualmente, o cão de Alicante vem em mestiço do Bugrio e do Epagneul anão.

EURICO SANTOS

QUALIDADES REQUERIDAS PARA UMA BOA UVA DE MESA

A videira cultivada, a destinada á produção de uvas de mesa deve preencher diversas categorias indispensaveis ao seu valor, dispondo ao mesmo tempo de uma certa apreciação.

Para isto torna-se necessario possuir as variadas qualidades: cachos de tamanho medio ou bem desenvolvidamente grandes, mas excessivamente pesados; bagos em pouca quantidade, com tamanho razoavel, que facilite desde muito a inspeção completa ao seu interior; bagos em media grandeza; pedunculo bem lenhificado, resistente; polpa de consistencia boa (nem demasiadamente grande, nem excessivamente pequena);

Passados quinze anos desde a publicação do *Manual do amador de cães*, E.S. publicou o seu segundo livro dedicado à cinofilia (Fig. 202 a 207) — *O cão através da historia e da arte* —, uma coletânea de textos de Eurico e de outros autores. O prefácio da obra — publicada em dimensões de "livro de bolso" — ficou à cargo do jornalista paraibano Agrippino Grieco (1888-1973)[138], "sem duvida uma das formações intelectuais mais fortes do Brasil" (O Campo, 1943, n.158, p.12):

> Meu confrade Eurico Santos pede-me que escreva alguma coisa para seu livro sobre cães. Está equivocado. Falta-me a unção e o candor necessários para hagiografo[xciii], para escrever vidas de santos. Porque se, ainda hoje há um pouco de santidade no mundo, é na alma dos cachorros, em que pése aos que lhe negam alma. Quando quero sentir um pouco da bondade de São Francisco de Assis — e ele não chamava a todos estes supostos irracionais de irmão seus? — olho para os olhos do meu Joly (Grieco, 1942 *apud* Santos, 1942, p.5).



Figura 202 – Capa de *O cão através da história e da arte* (1942), publicado pela editora Século XX, Rio de Janeiro. 17,5 x 12 cm.



Figura 203 – Folha de rosto de *O cão através da história e da arte*, publicado com "livro de bolso".

[xciii] a.1. Diz-se dos livros do Antigo Testamento não encontrados no Pentateuco e nos Profetas. 2. Referente a ou a quem escreveu um desses livros. sm. 3. Aquele que escreve a história dos santos. [F.: Do lat. tard. hagiographus, i.] (Aulete Digital, 2024).

UM NOVO LIVRO DE

Eurico Santos

O cão através da historia e da arte



O sr. Eurico Santos, a quem já devemos tantas obras de inestimavel valor sobre assuntos de agricultura e pecuária, dentre as quais se destacam "Manual do Amador de Cães" "Dicionário de Avicultura", "Passaros do Brasil" e "O que todo criador deve saber", vem de publicar mais um interessante trabalho sobre "O Cão através da Historia e da Arte" Trata-se, efetivamente, de uma obra apreciavel para os amadores de cães, de vez que o autor, revelando conhecimentos amplos sobre a materia, estuda o carater e a sensibilidade desses animais em relação á atenção que os homens lhes dispensam.

Os exemplos citados pelo sr. Eurico Santos são inumeros e, pela sua verosimilhança, se pode bem aquilatar do merito dos estudos realizados pelo autor e agora reunidos em volume.

Prefaciando "O Cão através da Historia e da Arte", diz Agrippino Grieco, sem duvida uma das formações intelectuais mais fortes do Brasil.

"Meu confrade Eurico Santos pede-me que escreva alguma coisa para seu livro sobre cães. Está equivocado. Faltame a unção e o candor necessários para hagiografo, para escrever vidas de santos. Porque se, ainda hoje há um pouco de santidade no mundo, é na alma dos cachorros, em que pése aos que lhe negam alma. Quando quero sentir um pouco da bondade de São Francisco de Assis — e ele não chamava a todos estes supostos irracionais de irmãos seus? — olho para os olhos do meu Joly."

Compreendeu bem o ilustre escritor o espirito da obra de de Eurico Santos, a essencia moral dos episodios e das observações contidas no livro.

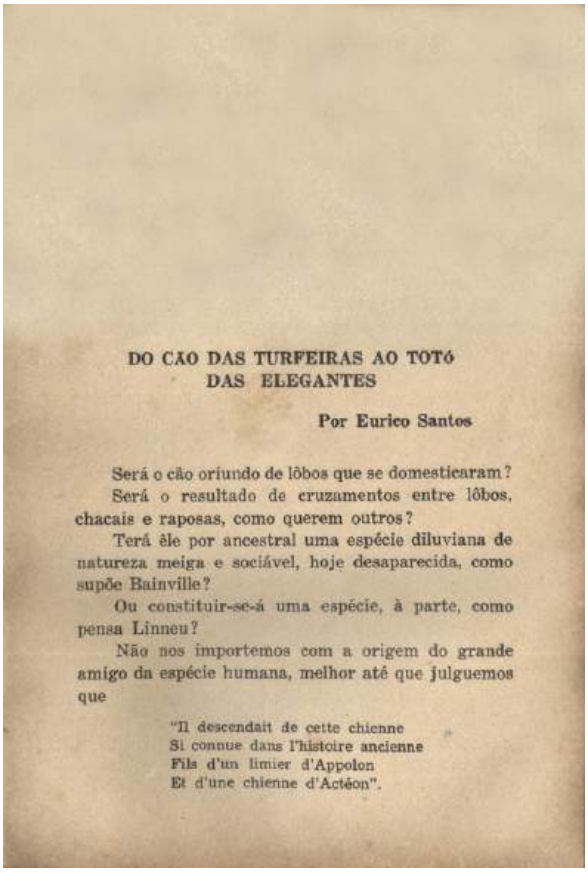
Estudando a origem dos cães; recordando os que se destacaram pela sua fidelidade, posta em relevo por Santo Agostinho, quando afirmou que o homem prefere sempre a companhia de um cão á de um homem desconhecido; descobrindo-lhe os sentimentos de afetividade quando porém guiam os cégos pelas ruas, Eurico Santos nos mostra todas as facetas do poder de compreensão dos cães, sejam quais forem as suas raças, seja qual fôr o meio ambiente em que ele se desenvolve. Na historia ,na poesia, como na arte, encontramo-lo sempre como um dos motivos de beleza e emoção: no "Fiel" de Guerra Junqueiro, na defesa do Louvre, durante o motim de 1830, na escultura de Fremiet e nos quadros maravilhosos de Goya, o pintor dos galgos aristocraticos de Felippe II.

O livro de Eurico Santos, que é um dos nossos mais queridos e apreciados colaboradores é, portanto, uma obra digna de qualquer bibliotéca, pelos ensinamentos que contem a par do seu sentido artistico e literario bem acentuado.





Figura 204 – Resenha de *O cão através da história e da arte*, sem a identificação do autor, publicada em *O Campo*, n.158, 1943, p.12.



DO CÃO DAS TURFEIRAS AO TOTÓ DAS ELEGANTES

Por Eurico Santos

Será o cão oriundo de lôbos que se domesticaram?

Será o resultado de cruzamentos entre lôbos, chacais e raposas, como querem outros?

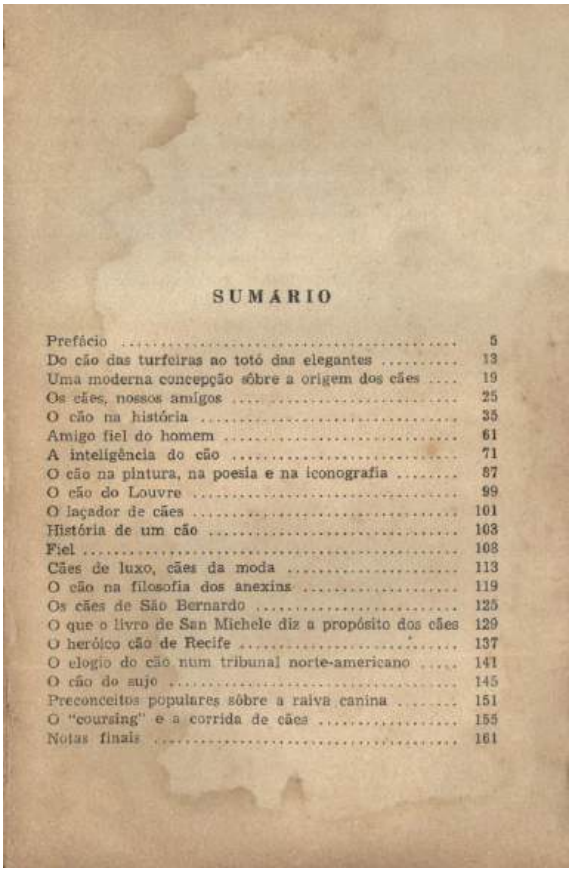
Terá êle por ancestral uma espécie diluviana de natureza meiga e sociável, hoje desaparecida, como supõe Bainville?

Ou constituir-se-á uma espécie, à parte, como pensa Linneu?

Não nos importemos com a origem do grande amigo da espécie humana, melhor até que julguemos que

"Il descendait de cette chienne
Si connue dans l'histoire ancienne
Fils d'un limier d'Appolon
Et d'une chienne d'Actéon".

Figura 205 – Pág. 13 de *O cão através da história e da arte* (1943), com um versos em francês.



SUMÁRIO

Prefácio 5
Do cão das turfeiras ao totó das elegantes 13
Uma moderna concepção sôbre a origem dos cães 19
Os cães, nossos amigos 25
O cão na história 35
Amigo fiel do homem 61
A inteligência do cão 71
O cão na pintura, na poesia e na iconografia 87
O cão do Louvre 99
O laçador de cães 101
História de um cão 103
Fiel 103
Cães de luxo, cães da moda 113
O cão na filosofia dos anexins 119
Os cães de São Bernardo 125
O que o livro de San Michele diz a propósito dos cães 129
O heróico cão de Recife 137
O elogio do cão num tribunal norte-americano 141
O cão do sujo 145
Preconceitos populares sôbre a raiva canina 151
O "coursing" e a corrida de cães 155
Notas finais 161

Figura 206 – Sumário de *O cão através da história e da arte* (1943).



suas telas a nobre figura do cão.

Entre os nossos escritôres e poetas, Castro Alves fala de seu perdigueiro, que chama "nobre companheiro". Machado de Assis cria páginas imortais para seu Quincas Borba. Drummond de Andrade escreve [illegible] mais [illegible] contos [illegible] tendo como personagem principal o cão "Pirolito". Eurico Santos, em seu magnífico livro sobre os cães, fala do cachorro Pimpão, negro, brigador e meigo", fazendo poesia em prosa na descri-

AQUI NINGUEM MEXE... — (Pimgo, de propriedade do dr. Octavio Lemgruber)

TRES AMIGOS INSEPARAVEIS — BLAKIE, classificado em 1948 como o mais herdeiro de raça [illegible] terrier, [illegible] Renato [illegible] Mu-

Figura 207 – *Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico e Esfuziante*, n.20, 30 set. 1946, p.32. E.S. é citado em reportagem de Itala Vera.

Transcrição da citação: “Eurico Santos, em seu magnífico livro sobre os cães, fala do cachorro Pimpão, negro, brigador e meigo, fazendo poesia em prosa na descrição das proezas de seu totó preferido”.

Transcrição de trechos de *O cão através da história e da arte*, 1943, p.80-81: “Na minha infância possuí um vira-lata chamado ‘Pimpão’. Era negro, brigador e meigo. Acompanhava-me para onde quer que eu fosse. [...] Mas cachorro não viajava de bonde, diziam os condutores, porque não usava colarinho nem gravata, exigência regulamentar de então e nesses casos ficava eu na plataforma trazeira do veículo e meu pobre cão acompanhava-lhe o trajeto, insistindo às vezes em entrar para o mesmo, certamente compreendendo a vantagem daquela locomoção. [...]”.



O CÃO

O cão manifesta a sua alegria e devotamento, abanando a cauda, abaixando as orelhas, deitando-se, e em certos momentos, quando deseja patentear a sua mais profunda submissão, estende o dorso no solo e põe as pernas para o ar. Tal postura, na qual qualquer possibilidade de resistência tornar-se impossível, é a forma mais evidente de que se entrega totalmente.

E' como se êle nos dissesse: Vês! Tenho confiança em ti. Sou todo teu.

Figura 208 – «O cão», *Seleções Agrícolas*, n.6, p.7, 1946;



Figura 209 – Prospectos cartonados da *Coleção Cães domésticos* — Coleções Artísticas “Roche” — com gravuras de pinturas de [Marian] Mirian Colonna e textos de E.S. (Apêndice A).



Figura 210 – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 4 ago. 1957, p.120.

CAÇA E CAÇADAS

E estavam todos pendurados na arvore, vendo a onça furiosa miar em baixo, pisando o canhão e as outras armas [...]:
— É hora! Gritou Pedrinho. Avança, macacada!
E pulou da arvore abaixo, dando exemplo aos demais heróes. Todos desceram, apanharam as armas e se atiraram para cima da terrível onça com a verdadeira furia. Narizinho enterrou-lhe a faca no lombo. O Visconde tambem conseguiu espetar nella o seu sabre, como quem espeta alfinete. Emilia fez o mesmo com o seu espeto e ainda lhe arrumou varias pelotadas de estilingue. Pedrinho ficou atraz e malhou o craneo da féra com a coronha, como quem malha feijão. Até Rabicó se revelou heroico. Carregou de novo o canhão, apontou e conseguiu pregar uma bala bem no meio da barriga da malvada! A onça, sempre cêga, rebolava-se no chão, qual uma minhoca partida pelo meio, e não teve remedio senão morrer. Quando ella deu o ultimo estrebuchão, Pedrinho entoou gloriosamente um grito de guerra.[139]

José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948)
Escritor e empreendedor

"Com doze caçadores, durante nove dias na floresta, eu havia conseguido doze 'galos-da-serra', dos quais dois atirados por mim próprio."

A. R. WALLACE[140]

O padre José de Anchieta (1534-1597) escreveu, em 1560, "que todas as quatro castas de macacos então conhecidas eram *muito boas para se comerem*, [...] que os padres com freqüência experimentavam do exótico manjar, alimento *muito são até para os doentes*" (Hue, 2008, p.121). Esse gosto por carne de caça — receitas preparadas com toda sorte de animais[xciv] que deixariam Babette[xcv] embasbacada — precede a chegada dos europeus e se enraizou na cultura numa dinâmica entre fartura e escassez, subsistência e desejo (Hue, 2008).

> Tambem ha huns animaes na terra a que chamam Antas, que sam da feiçaõ de mulas, mas nam tam grandes, e tem o focinho mais delgado, e hum beiço comprido á maneira de tromba. As orethas sam redondas e o rabo nam muito comprido : e sam cinzentas pelo corpo, e brancas pela barriga. Estas Antas nam sáem a pacer senam de noite, e tanto que amanhece metem-se em alguns brèjos, ou na parte mais secreta que acham e ali estam o dia todo escondidas come áves noturnas a que luz do dia he odiosa, atè que anoitecendo, tornam outra vez a sair e pacer por onde querem como he seu costume. A carne destes animaes, tem o sabor como de vaca, da qual parece que se nam differença couza alguma (Gandavo, 1576 *apud* Gandavo, 1858, p.24).

A prática da caça no Brasil tem uma longa história, remonta aos primeiros habitantes do território e evolui com a chegada dos colonizadores europeus. Desde o período colonial, a caça desempenhou um papel importante na alimentação, no comércio e na cultura, mas também gerou graves impactos sobre a fauna e o meio ambiente ao longo dos séculos. No período pré-colonial, as populações indígenas caçavam para subsistência, utilizando métodos tradicionais — como o uso de armadilhas e arco e flecha. Esses métodos de caça eram "sustentáveis" e se baseavam no conhecimento empírico sobre as relações ecológicas. Com a chegada dos europeus no século XVI — do encontro entre povos conquistadores e povos que mantinham uma estreita relação com a natureza, a caça começou a adquirir novos contornos e dimensões com a introdução de armas de fogo e demanda por peles e penas para exportação, com destino à Europa. A caça de grandes mamíferos — como onças, antas

[xciv] Mamíferos: capivara, anta/tapir, tatu, paca, cutia, porcos, veados, coelhos, tamanduá, quati, ratos, macaco, gambás, lontra, peixe-boi, baleia, golfinho, mamíferos estrangeiros. Aves: macucaguá, mutum, jacu, perdiz, pombas e rolas, pato, papagaio, emas, outras aves, galinhas e perus, alcatraz. Peixes: camurupim, bijupirá, tambuatá, olho-de-boi, peixe-serra, carapitanga, purá, panapaná, pirambá, peixe-porco, aimorés e aimoreuçus, parati, albacora, moréia, tubarão, arraia, peixe-voador, tainhas e outros peixes já conhecidos, peixinhos de índios, peixes tomados em redes, peixes medicinais, outros peixes, peixes venenosos, peixes de água doce. Invertebrados aquáticos: camarão, polvo, lagostins e lagostas, caranguejos, ostras, mariscos. Répteis lagartos, jabuti, tartaruga, cobras, jacaré. Anfíbios: rãs e sapos. Insetos: formigas, bicho de taquara.

[xcv] Do filme *A Festa de Babette* (1987), vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional. No século 19, em vilarejo da Dinamarca, duas filhas de um pastor contratam uma parisiense recém-chegada como cozinheira. Anos depois, elas decidem comemorar o centenário de nascimento do pastor e a cozinheira lhes oferece um banquete inesquecível.

e veados — tornou-se comum e a exploração intensiva da fauna logo começou a gerar declínios de populações de várias espécies[xcvi]. Havia também a coleta de espécimes nativos por naturalistas estrangeiros — atividade desenvolvida no Brasil desde a abertura dos portos por D. João VI em 1808 —, que vasculhavam a colônia em busca de diferentes espécimes para compor acervos de coleções particulares, científicas e de museus europeus e norte-americanos. Ao longo dos séculos XVII ao XIX, a caça deixou de ser praticada apenas para o consumo dos caçadores, para se tornar produto rentável para comercialização nos mercados local e internacional (Fig. 211). As regiões do sul do Brasil, por exemplo, eram pontos estratégicos para expedições de caça de mamíferos. O comércio de peles, particularmente, foi um dos principais motores da caça (Ávila-Pires, 1987; Ferreira-Fernandes, 2014; Lubenow; Sá, 2016).

O século XX trouxe mudanças na legislação brasileira sobre caça (Fig. 212 e 213), especialmente com a promulgação da Lei de Proteção à Fauna (Lei n. 5.197/1967), que passou a regular e restringir a coleta e comercialização de espécies silvestres no Brasil, tornadas bens da União. Antes, a caça era submetida a uma regulamentação frágil e a coleta de espécimes para fins científicos — formação de coleções — ou comerciais ocorria sem grandes restrições. Contudo, a caça clandestina e ilegal continuou ocorrendo, especialmente em áreas rurais e remotas (Duarte, 2010; Ferreira-Fernandes; Alves, 2014; Ferreira-Fernandes, 2014; Lubenow; Sá, 2016).

> Em fevereiro de 1933, o jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, trazia uma entrevista — em destaque na primeira página — com o zoólogo Cândido de Melo Leitão (1886-1948), um dos autores do anteprojeto para a regulamentação da caça e da pesca no Brasil. Além dele, a comissão era composta pelo antropólogo Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) e pelo botânico Alberto José de Sampaio (1881-1946). Todos pertenciam ao Museu Nacional, instituição da qual Roquette-Pinto era o diretor, e haviam sido indicados para a tarefa pelo Ministério de Educação e Saúde Pública (Duarte, 2010; p.23).

> Em 1938, o autodidata Eurico Santos publicou livros sobre a exuberante avifauna brasileira e as conseqüências desastrosas de sua provável extinção devido à caça predatória para comércio das penas ou para alimentação de populações pobres (Duarte, 2006, p.4).

> O Estado felizmente já elaborou o seu Codigo de Caça[141] e pôs sob sua proteção todos os animais que vivem em nosso solo. Mas é tão vasto o país que o cumprimento destes preceitos legais, torna-se dificilimo. É preciso, pois educar o povo, mostrar o erro que comete, sacrificando aves uteis, que embora não tenham o intuito de trabalhar para nós, sem querer o fazem, servido aos seus proprios interesses, porque as leis da Natureza são sabias (O Campo, 1940, n,126, p.59).

[xcvi] Jerozolimski (1998) analisou 54 trabalhos sobre a caça de subsistência desenvolvidos em nove países com florestas tropicais (Brasil, Colômbia, Equador, México, Panama, Paraguay, Peru, Suriname e Venezuela). A análise indicou que a caça de subsistência afeta claramente a população de grandes mamíferos e que como resultado do aumento da pressão de caça o número de espécies utilizadas também aumenta. JEROZOLIMSKI, A. 1998. Effects of Subsistence Hunting on the Structure of Mammal Assemblages in Neotropical Forests. Dissertation submitted to the University of East Anglia, Norwich, for the degree of Master of Science in Applied Ecology na Conservation. 1998. 42 p.

O planejamento e a execução de uma política avançada de proteção da fauna silvestre impõe-se em caráter eminentemente técnico. As medidas a serem tomadas deverão ter sempre cunho regional, levando em conta as características biogeográficas e ecológicas de cada espécie e as potencialidades, peculiaridades e necessidades de cada região natural do Brasil (trecho da Exposição de Motivos do Projeto de Lei nº 3.806 de 1966, que dispõe sobre a Proteção a Fauna, assinada por Helmut Sick, Fernando d'Ávila Pires e João Moogen de Oliveira).



As flores vivas da selva nos escrinios da elegancia

O commercio de borboletas no Brasil

Nunca houve no Brasil uma tão alta effervescencia no commercio das borboletas e de outros insectos.

Antigamente, no Rio, não iam além de duas as casas que vendiam insectos curiosos. Hoje ellas são muitas, em plena Ave-

— Num paiz como este, ainda pouco conhecido, possuindo as maiores zonas florestaes do mundo, é difficil saber-se qual a zona mais rica em lepidopteros. Pode-se, porém, affirmar que são as florestas. Mas que, á primeira vista, devido á intensidade da população, póde parecer uma das zonas mais pobres, apresenta a singularidade de ser uma das mais ricas. Nas suas mattas, no longo da costa, são encontrados não só exemplares os mais interessantes, como uma opulencia surprehendente de variedades. Conheço cerca de tres a quatro mil especies de lepidopteros, só no Districto Federal. Possuo quasi todas ellas. Eu e outros collecionadores, como o Sr. Raymundo Benedicto, Julio Harps e Fontenelle, que têm as maiores collecções de borboletas da America do Sul.

E falando com a grande paixão dos sabios.

— No Brasil uma collecção de borboletas é coisa muito delicada, justamente devido á formidavel riqueza. Muitas especies variam grandemente conforme a localidade. Uma borboleta amazonica, das cabe-

O naturalista Eduardo May e specimens de sua collecção de borboletas brasileiras

nida Rio Branco, pagando pesadas luvas e alugueis pesados.

Figura 211 – Artigo publicado no jornal *A Noite*, Rio de Janeiro, 8 jun. 1925, primeira página.

Transcrição de trechos da reportagem: "Nunca houve no Brasil uma tão alta effervescencia no commercio das borboletas e de outros insectos. Antigamente, no Rio, não iam além duas casas que vendiam insectos curiosos. Hoje ellas são muitas, em plena Avenida Rio Branco, pagando pesadas luvas e alugueis pesados. E' actualmente um commercio rendoso, que cada vez mais prospera. [...] Em outros tempos, as nossas magnificas borboletas com as suas cores triumphantes, serviam apenas para enriquecer coleções. Hoje estão sendo aplicadas nas industrias mais delicadas, de ornamento e na fabricação de joias esquisitas. Quem ainda não viu por ahi, pelas vitrines das casas de objectos sumptuarios, as magníficas bandejas com o fundo feito de azas de borboletas, pesa papel, alfinetes de gravaas, broches, anneis, pulseiras, etc.. em que os insectos, na sua mais bizarra variedade, são aproveitados com bom gosto e arte? [...] No Brasil, disse-nos o zoologista do Museu Nacional, existe uma riqueza fabulosa de lepidopteros (borboletas mariposas)".



Projeto de decreto para regulamentação da caça no territorio nacional, mandado publicar para conhecimento dos cidadãos que queiram apresentar ao Ministerio da Educação sugestões a respeito, no praso de tres mezes, contados da primeira publicação

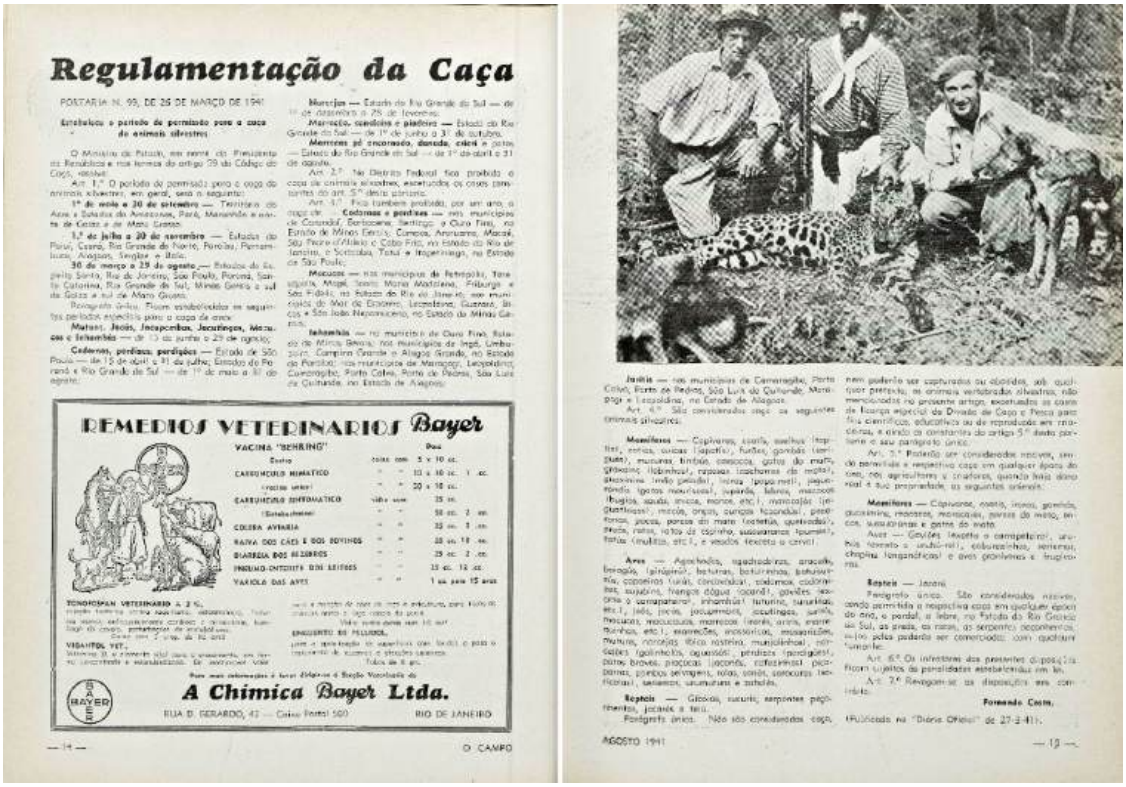
PROJECTO

Expressivo exemplo de destruição da fauna

Figura 212 – Divulgação da regulamentação da caça em *O Campo*, n.10, 1932, p.67-68.

A permanência da prática cinegética foi influenciada por fatores culturais e econômicos. No Brasil, a caça sempre teve uma forte conotação cultural, principalmente entre as populações rurais, que continuaram a caçar para subsistência. A caça, mesmo sendo uma prática ilegal, ainda é amplamente realizada em várias regiões do Brasil, muitas vezes impulsionada pela falta de alternativas econômicas e pelo valor cultural atribuído à atividade. A relação entre a tradição cultural (Fig. 214 a 225) e a necessidade de conservação é desequilibrada. As políticas de proteção à fauna e os esforços de conscientização — como os oferecido por E.S., que defendia a educação e a regulamentação da caça — continuam sendo essenciais para mudar a percepção pública sobre a necessidade de preservar os ecossistemas e a fauna. O combate à caça ilegal e a redução da demanda por produtos derivados da fauna continuam sendo um desafio incontornável no Brasil (Ávila-Pires, 1987; Ferreira-Fernandes, 2014; Lubenow; Sá, 2016; Santos, 1961).

> Como destruição sistemática, o que vi de mais impressionante, é a matança que fazem os habitante da Ilha Comprida, no litoral de S. Paulo, nome bem dado, porque, sendo estreita, estende-se por 70 km. da barra de Icapara à de Cananéia, quando, os pássaros, que ali se refugiam, descem das serras tangidos pelo frio, ficam embaraçados, ao iniciarem seus vôos matutinos, nas redes de malhas largas que os insulares suspendem do solo aos galhos das árvores. Assim são exterminados sabiás, juritis, rôlas, sendo mortos também tucanos e macucos, embora em menor número (Santos, 1940, p.9).



Regulamentação da Caça

PORTARIA N. 99, DE 26 DE MARÇO DE 1941

Estabelece o período de permissão para a caça de animais silvestres

REMEDIOS VETERINARIOS Bayer

A Chimica Bayer Ltda.

RIO DE JANEIRO

O CAMPO

AGOSTO 1941

Figura 213 – «Regulamentação da caça», divulgação da portaria que estabelece o período de permissão para a caça de animais silvestres. *O Campo*, n.140, 1941, p.14-15. A revista era afeita ao tema caça.



CENA DE CAÇADA EM MATO GROSSO, COM ANIMAIS NACIONAIS.

CÃES DE CAÇA BRASILEIROS

EURICO SANTOS

Os caçadores brasileiros reconhecem nos tipos de cães nacionais: o **vadeiro**, o **perdigueiro** e o **pequeiro**.

Estes animais, produtos de cruzamentos diversos e ainda com caracteres flutuantes, não constituem raças rigorosamente falando.

Um caçador brasileiro dos mais reputados e autor de diversos escritos sobre o assunto, o sr. Benito de Paula Souza, escreveu alguns: "Nós não temos raças de cães mas apenas alguns cães acidentalmente bons, porque não são raças constituídas, entretanto, excelentes como caçadores".

Como os indígenas do Brasil não possuam cães domésticos é claro que estes animais para aqui foram trazidos pelos colonizadores portugueses, franceses ou espanhóis.

F. A. Varnhagen, autor putativo dum volumesinho sobre a caça, diz que o nosso cãozinho empregado nos caçadas um cão indígena denominado anacambé, aberto este contestado por inúmeros caçadores e pelo já citado Paula Souza, que afirma serem estes animais de natureza selvagem e refratários ao cativeiro.

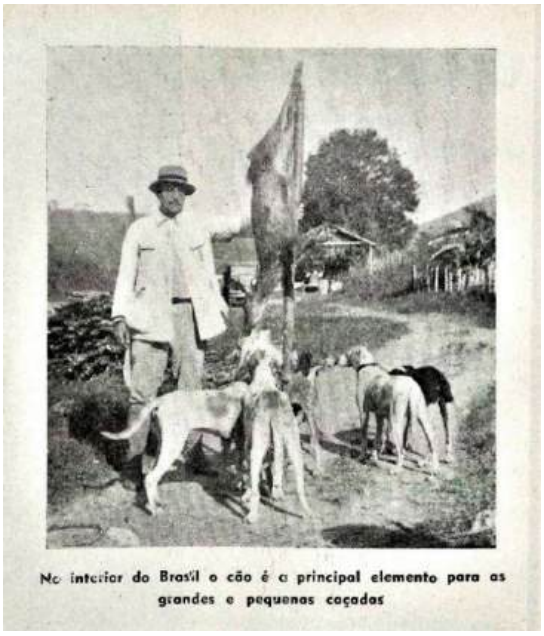
Alguns caçadores no entanto me informam que se utilizam de "cães do mato" para cruzarem com os cães domésticos, sendo deste cruzamento obtidos animais para caça.

O meio de conseguir os "cães do mato" é sempre incerto e difícil e só acontece quando os podem surpreender em tenra idade ainda. A que espécie pertencem estes cachorros do mato? Há aqui dois têrmos a estudar. O primeiro é saber se de fato se trata de cachorros selvagens e no caso afirmativo verificar a espécie. Em relação ao nosso vadeiro diz Henrique Silva: "E questão controversa ainda a saber se o cão vadeiro, este animal de caça por excelencia, descende do galgo com o qual se parece no tipo ou procede

AGOSTO 1941

— 27 —

Figura 214 – Artigo de E.S. publicado na revista *O Campo*, n.140, 1940, p.27.



No interior do Brasil o cão é o principal elemento para as grandes e pequenas caçadas

Figura 215 – Fotografia publicada no artigo «Cães de caça brasileiros», *O Campo*, n.140, 1941, p.28, de autoria de E.S..



A caça no Brasil

Figura 216 – Artigo assinado por P.C., publicado em *O Campo*, n.4, 1930, p.50. Provável autoria de E.S..



A CAÇA No BRASIL

Por um devoto de Santo Humberto

A arte de caçar

Figura 217 – Reprodução do "oposculo intitulado A Caça no Brasil, ou Manual do Caçador", do visconde de Porto Seguro, publicado em 1860 (*O Campo*, n.9, 10 e 11, 1930).

A caça da onça é talvez a que maiores perigos oferece aos cães e ao caçador. Eis em resumo como se procede: “Quando a onça é descoberta foge, andando leguas; é preciso acompanha-la e andar perto dos cães para impedir as emboscadas que elas lhes prepara. Quando a onça não é velha e, portanto, não tem experiencias de tentativas anteriores, facilmente os cães a obrigam a subir a uma árvore, onde muito a vontade, o caçador pode meter-lhe uma bala junto ao ouvido. Se, ao contrário, é um animal experiente, os cães correm mais riscos, ela se amoita nalguma touceira escura e de lá sai aos saltos e é curioso ver-se como o grande gato vai pegar justamente os cães menos afoitos, aqueles que estão mais longe e que não acompanham tanto o movimento do inimigo. Cansada, ao fim de algumas horas de escaramuça, a fera emprega um ardil; deita-se como um gato doméstico a brincar com ratos, sem nunca perder de vista, os cães, rola até que um momento se ofereça para seguro salto, no qual de ordinário logra agarrar dos perseguidores menos amestrados; mata-o a primeira parada e, como que indiferente a essa vitória, senta-se sobre a vítima e fita os inimigos em tôrno. Estes cortam com os dentes os cipós e as sarças que poderiam atrapalhar na luta, limpam o terreno e fazem frente, até que chegue o caçador. Então, muda-se o espetáculo; a onça deixa de parte os cães, e, enquanto estes fiados no caçador se aproximam, e com mais ímpeto agridem, ela os afasta com ligeiras ameaças; o seu olhar não perde de vista o caçador que deve ser calmo e seguro na pontaria; falhando o tiro, a onça lança-se sobre ele e, em pé, deita-lhe a mão por cima da cabeça, para separá-la das vértebras, conforme pratica com o boi. É aí que se avaliam os bons nervos do caçador; em geral, os cães acodem-lhe; mas é preciso que ele disponha de todo o sangue frio e destreza para se livrar do respeitável contendor, ou por meio de um segundo tiro, ou lutando corpo a corpo, a punhal”. Como se vê apesar de não possuir o sangue nobre dos cães europeus, o bastardo nacional, o pobre cão brasileiro, não é nem covarde nem destituido de inteligência. [...] No Amazonas o cão brasileiro caça a paca na toca, desvia para os cursos dagua o veado ou o tapir, persegue o jaguar, até descobre jabotí entre as folhas secas. Em Pernambuco, o Sr. Camilo Pereira Carneiro, em 1925, estava tentando a criação dum tipo especial de cães, cruzando o Foxhound americano com o cão de Fernando de Noronha, tipo de cão nacional muito pouco conhecido (O Campo, 1941, n.140, p.28).



Figura 218 – Onça abatida por garimpeiros [18-?].
Autor desconhecido.

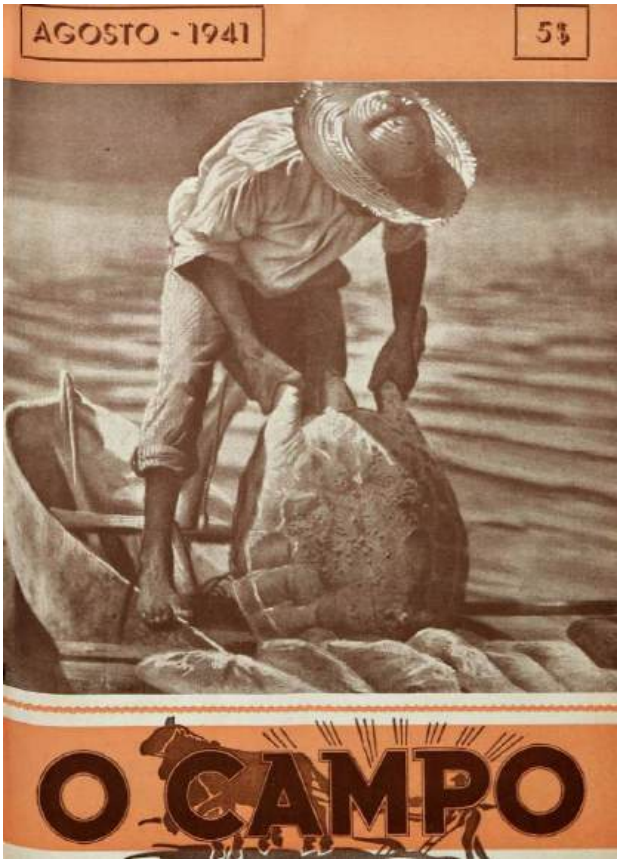


Figura 219 – Capa de *O Campo*, n.140, 1941, edição dedicada à caça e à pesca.

“NOSSA CAPA”
“Cablôco amazonense na pesca de tartarugas”

Figura 00 – *O Campo*, n.140, p.1, 1941. Sumário e breve editorial sobre a edição dedicada à caça e à pesca. “Pensamos que a nossa intenção em agradar aos leitores e assinantes, conseguimos torna-la realidade apresentando as paginas que vêm a seguir. O mês de setembro, como anunciamos, dedicado á arvore e á Primavera, já está merecendo nossas melhores atenções [...].”



O PEIXE-BOI

Dentre os inúmeros e por demais decantados riquezas amazônicas, conta-se o peixe-boi. Entanto, pela irracional de perseguição, vinha ameaçado de extinção, é ainda encontrado em grande quantidade nos diferentes rios, igarapés e lagos.

Sua pesca é feita a arpão e haste, em **montarias** iguais às usadas para a pesca de pirarucú. Sua perseguição é irracional, dissemos, porque feita em todas as épocas, notadamente na de procriação ou durante o aleitamento dos bezerros, isto é, dos filhotes chamando-se também **vacas** as fêmeas do peixe-boi.

Do peixe-boi aproveita-se o couro, que tem aplicações várias e inestimáveis. Sua procura é grande e os preços são elevados, justificando a pesca em tal escala.

A carne é um dos muitos alimentos naturais que as populações amazônicas encontram em seu próprio **habitat**. Seu preparo feito com métodos rudimentares, visa a conservação do produto por longo tempo, garantindo assim agradável e seguro reserva alimentar para o seringueiro, principalmente.

Sobre o assunto o Relatório que S. Ex. o Sr. Ministro da Agricultura apresentou ao Sr. Presidente da República, relativamente ao ano de 1939, traz interessantes notas que vamos resumir e aproveitar em seguida:

PROCESSO PARA BENEFICIAMENTO DO PEIXE-BOI

a) Abre-se o peixe-boi principiando pela barriga — sangrado que foi, logo depois de capturado — tal qual se procede com uma rez;

b) Tira-se a banha pelo mesmo processo;

c) Separa-se a carne em mantas, mantas e pedaços, conforme o destino que lhe queiram dar: salgá-la, secá-la ou transformá-la em moqueo.

O couro é salgado a sêco, tendo aquela o primeiro operação e esta a segunda, pelo espaço de 24 horas e mais.

A **manta** é o principal produto procurado com a carne do peixe-boi. O processo de preparo é o seguinte:

1.º — O bordo, — que é a peça preferida por ser menos gorda, não se estragando e tendo mais durabilidade, — é retalhado em pedaços de 1 quilo, — pedaços retalhados, paralelamente, — tendo a profundidade média de 5 centímetros;

2.º — Depois de lavados, no dia seguinte, decorridas 24 horas, são os pedaços de carne de peixe-boi fervidos em tachos ou caldeirões, com a capacidade de 50, 80 ou 100 litros;

3.º — Acaba o ferveura a carne é posta

Pesca do pirarucú, no Amazonas

sua panoire ou numa peneira para escorrer;

4.º — Passa-se a banha do mesmo pano ou nos tachos ou nos caldeirões, incorporando-lhe os pedaços de carne do bordo, até que tomem a coloração castanha; a fibra fica levemente elástica;

5.º — Uma vez preparada a carne, que vai passar a ser chamada de **manteiga** (do tupi-guarani) mixir — assar: mantiq — manteiga) coloca-se em latas de 5 galões (antigamente latas de querosene e de gasolina) pindo antes, primeiramente, virado quente, a banha. As latas são utilizadas, para melhor conservação do produto.

Este processo de preparo da manteiga também é aplicado ao iranbaqua, comum rio, tartaruga adiante, e o peixe-mulher que — deveria especialmente — também são fervidos, na banha do peixe-boi.

Embora consumido em grande parte pela população dos logares, seringais e castanhais, a **manteiga** é remetida em pequena quantidade para Manaus, onde é vendida a retalho, com lucros que compensam seu custo.

As demais peças do peixe-boi são também consumidas frescas ou salgadas.

CUSTO DA CARNE DO PEIXE-BOI E DO COURO

Depois de esfolado o peixe-boi, sua carne é vendida ao preço de $500 o quilo; comprom-na os marcadores, porém, a 200 a 300 réis o quilo.

O couro, que é regularmente tirado e muitas vezes deteriorado por cortes inábeis, seiga inutilizando, vendem sobre o sítio, à razão de 600 réis o quilo, nos logares, e alcança em Manaus o preço de 5$ o quilo.

O comprador é quem se encarrega de salgá-lo e de cura-lo.

APLICAÇÕES DO COURO DO PEIXE-BOI

De uma experiência [illegible] e de uma resistência que o fazem rivalizar com o couro de búfalo, é o do peixe-boi sortido em Manaus ou remetido seco ou salgado para S. Paulo (o mesmo curtido onde tem várias aplicações.

Com ele são feitos **taquetes**, preço variados nas bases de sapatos de sola e de 16. Esses **taquetes** suportam uma pressão violenta e contínua, tendo grande durabilidade, e que não se verifica com os **taquetes** de aço ou de couro de búfalo, provenientes da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Também o couro do peixe-boi fabricam-se pelas de grande resistência e durabilidade, preferidas às de couro de bovinos.

Maroquinas para locomotivas são feitas de couro de peixe-boi e substituem vantajosamente as de lona, fabricadas na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Esses **taquetes**, maroquinas e pelas são fabricados no Consumo Motorizado, em São Paulo.

Figura 220 – *O Campo*, n.140, 1941, p.35. Como o artigo não traz o nome do autor, é possível que os parágrafos iniciais — que antecedem a transcrição do relatório sobre o peixe-boi, elaborado em 1939 e apresentado pelo ministro da Agricultura ao presidente Getúlio Vargas — tenham sido escritos por E.S..



Figura 221 – Capa da edição n.54 de *Seleções Agrícolas*, 1950, na qual E.S. publicou o artigo «A caça entre os índios do Brasil».



Figura 222 – Com a caça tão arraigada na cultura, não é de se estranhar quando Lobato descreve, com naturalidade, o violento encontro da turma do Sítio do Picapau Amarelo com a onça (Lobato, 1924, p.30-31).



Figura 223 – Organizado por E.S., com desenhos de Marian Colonna, *Caças e caçadas* (1950) reproduz "integralmente, apenas atualizando a nomenclatura científica", capítulos do livro «Caça e caçadas» — "de propriedade da Livraria Briguiet" — de autoria do major Henrique Silva (1865-1935) — devidamente referenciado em nota de rodapé. "O capítulo referente às armas de caça, sua escolha e instruções de como usá-las teve bondade de escrevê-lo o Snr. Bernardo Castro — incontestavelmente a autoridade máxima, entre nós, na especialidade, o que por si só dá a êste manual do caçador, singular valia".

Meu livro visa [Fig. 223 e 224], antes do mais, tornar a caça racional e praticada de forma tal que não venha prejudicar à multiplicação natural das espécies que vivem nas matas e campos. Êsse é, aliás, o espírito da lei que presidiu a organização do "Código de Caça". Divulgando-o neste livro, juntando-lhe as instruções para sua execução, mostrando com amplitude o que se pode caçar e aquilo que não é permitido caçar, e as razões por que, estamos prestando real serviço ao patrimônio faunístico do Brasil, uma vez que instruímos, exemplificando, esclarecendo. [...] "Não resta dúvida que o futuro da fauna indígena repousa, em grande parte, nas mãos das novas gerações de caçadores, física e moralmente educadas dentro das mais rígidas normas da ética esportiva", escreve João Paiva Carvalho com a dupla autoridade de naturalista e inspetor de caça, que foi. Êste livro é feito, sobretudo, neste propósito (Santos, 1950, p.9).


Animais da América Tropical — Reprodução duma estampa da obra "Viagem pelo Brasil", de J. B. von Spix e C. F. P. von Martius.

Figura 224 – Desenho reproduzido em *Caças e caçadas* (1950), p.11.

"Caças e Caçadas"

por Eurico Santos

J. Paiva Carvalho, o brilhante zoologista e douto colaborador nosso tão apreciado pelos leitores da CHA. E QUI., concluiu com estas palavras a apresentação da obra que acaba de publicar Eurico Santos "CAÇAS E CAÇADAS": Estou convencido de que este livro representa dadiva valiosa para os caçadores nacionais. Não tenho dúvida de que o público brasileiro faça, a seu respeito, identico julgamento."

Endossamos sincera e cabalmente este juizo, pois tivemos a felicidade de receber do generoso e velho amigo Eurico Santos o primeiro exemplar da sua recente obra e a folheamos de um folego e não exitamos em acrescentar que lavrou um tento o nosso grande vulgarizador da rica fauna do Brasil pois depois de tantas obras sobre nossos animais, escreveu esta que, como as anteriores visa, acima de tudo, elucidar o público e nos oferecer um trabalho útil à coletividade.

Facilmente ajudaremos a difusão da bela e completa obra entre os nossos leitores: será um prazer e uma honra. Bem nos lembramos o sucesso da obra do nosso tão saudoso amigo e colaborador Major Henrique Silva, com titulo quase identico "Caças e Caçadas no Brasil" cuja edição (1912) conseguimos esgotar, pois um livro otimo sempre precisa de um veiculo otimo para que o público não só não o ignore, quanto lhe saiba a beleza, a utilidade, o interesse. E é isto tudo que reune o trabalho que acaba de sair a lume pelos tipos da editora F. Briguiet & Cia. do Rio de Janeiro. Especialmente a utilidade e acrescentaremos a oportunidade. Leiam-se estas linhas do proprio autor a proposito do intento da sua obra: "Meu livro visa, antes do mais, tornar a caça racional e praticada de forma tal que não venha a prejudicar a multiplicação natural das espécies que vivem nas matas e campos. Esse é âliás, o espirito da lei que presidiu a organização do "Código de Caça". Divulgando-o neste livro, juntando-lhe as instruções para sua execução, mostrando com amplitude o que se pode caçar e aquilo que não é permitido caçar, e as razões porque, estamos prestando real serviço ao patrimônio faunistico do Brasil, uma vez que instruimos, exmplificando, esclarecendo."

Perto de 300 páginas e uma centena de gravuras constituem esta obra não só um manancial útil ao caçador e ao mesmo tempo aos que se desejam instruir sobre coisas da nossa fauna, pois a obra se constitue realmente num complemento dos quatro volumes de divulgação zoologica que publicou em relação aos vertebrados do Brasil, o brilhante naturalista senhor Eurico Santos.

Tendo adquirido uma parte da edição do livro CAÇAS E CAÇADAS, os leitores interessados poderão pedi-la à Livraria Agricola da CHA. E QUI., R. Tabatinguera, 122-124 — S. PAULO, ao preço de Cr$ 95,00 cada exemplar, livre de porte e registro. Pelo Reembolso Postal, cobraremos unicamente a taxa que nos é cobrada pelos próprios Correios.



Figura 225 – Resenha do livro *Caças e caçadas* (1950), publicada na revista *Chacaras e Quintaes*, v.81, n.1, 1950, p.611.

2.3.1. REVISTA *FAUNA*

"Você provavelmente a viu mais de uma vez esvoaçando sobre os arbustos, em um canto deserto do seu jardim, sem perceber que você estava negligentemente observando o venerável ancestral a quem provavelmente devemos a maioria de nossas flores e frutos (pois na verdade é estimado que mais de cem mil variedades de plantas desapareceriam se as abelhas não as visitassem) e possivelmente até a nossa civilização, pois nesses mistérios todas as coisas se entrelaçam".

M. MAETERLINCK[142]

A revista *Fauna*[xcvii] foi criada em 1942 e circulou até jan. 1968, quando o último número foi distribuído como suplemento da revista paulista *Sitios e Fazendas*, responsável pela sua edição. "Deseja conhecer a nossa insuperavel e numerosa riqueza faunistica? Assine 'FAUNA' unica revista no genero, no país" (Fauna, n.7, 1943, p.1) [143]. A revista — dedicada às atividades de caça, pesca e conservação — refletia a pensamento de sua época em relação à exploração da fauna como recurso natural. Apresentava relatos de expedições, técnicas de caça, documentação de espécies e abordava temas que gradualmente influenciariam mudanças nas percepções ambientais e legislativas no país (Fig. 226 a 234).


Radio Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro

"ARCA DE NOÉ", o original programa da Radio Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro (1.060 Kcs.) em combinação com a revista "FAUNA", todas as segundas feiras, às 19 horas, com Álvaro Moreira.

O programa "ARCA DE NOÉ" é inteiramente dedicado à vida e aos costumes dos animais. Uma grande creação radiofônica que diverte, instrue e revela aos radio-ouvintes os mistérios e belezas das florestas do Brasil.

Figura 226 – Divulgação científica no rádio, anúncio publicado em *Fauna*, n.7, 1943, p.43.

[xcvii] Fauna: revista mensal de caça, tiro, pesca e fauna em geral.



FAUNA

Está circulando o 1.o numero da interessante revista "Fauna", especializada em caça, tiro, pesca e fauna em geral.

Firmam-na como direto-responsavel D. A. Severi, velho lidador da imprensa e como redator-secretario o dr. Moacir Monteiro, conhecido e competente veterinario. São dois idealistas construtores que têm sempre a visão do beneficio coletivo.

Auxiliados por outras penas autorizadas, encontrando-se entre elas Ovidio Averoldi, exemplo do dinamismo seculo xx, aqueles dois distintos lidadores levarão, através do mar tormentoso destes dias dificeis, a "Fauna" a porto seguro plena de messes. "Fauna" deve ser lida nas escolas do Estado. Seria ótima leitura.

* * *

O mais dificil de todos os oficios, de todas as artes, de todas as ciências é a agricultura. Como, pois, ser um bom lavrador sem possuir uma instrução especializada?

Esta reflexão deve ser um incentivo para o nobre homem do campo.

Figura 227 – Pequena nota sobre a revista *Fauna*, publicada na PAGINA AGRICOLA E PECUARIA do *Correio Paulistano*, 8 fev. 1942, p.20.



O PREFEITO MUNICIPAL INAUGUROU ONTEM NO SAGUÃO DO COLISEU A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE PEIXES ORNAMENTAIS

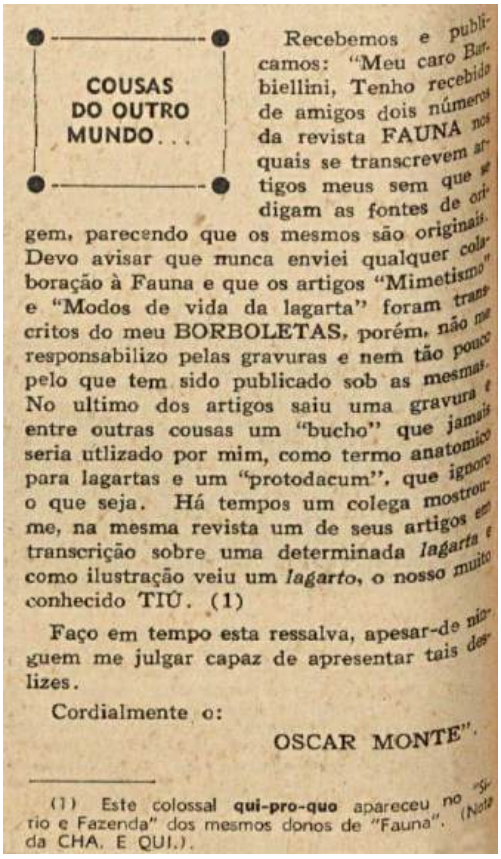
Discursaram durante a cerimônia os srs. Arquimedes Bava e Derosse de Oliveira — Raras e variadas espécies apresenta a interessante mostra ictiológica

O prefeito Gomide Ribeiro dos Santos inaugurando a 1.ª Exposição de Peixes Ornamentais

Figura 228 – *A Tribuna*, São Paulo, 27 jan. 1943, p.3.

Transcrição do parágrafo destacado: “No último número da revista ‘Fauna’, lê-se que a produção da pesca maritima no litoral brasileiro está longe de apresentar os resultados alcançados em países cuja similitude de condições pode ser tomada como base estimativa. E é sabido que a nossa plataforma continental constitue, como em algumas outras regiões do globo, a zona maritima mais produtiva para pesca, verdadeiro prado submarino que se estende ao longo da orla litorânea”.

As águas naturais, em virtude de vários fatores e condições, não produzem mais peixes para o consumo humano, de maneira natural e sem o trabalho do homem e da tecnologia, na quantidade necessária. Ademais, a devastação da natureza, flagelando a população das águas doces, em particular, ameaça a produção dos alimentos, sobretudo quando oriundos dos âmbitos naturais. No planeta Terra é chegada a hora grave e soberana de o Homem pagar mais caro o preço da vida e de sua sobrevivência (Santos, 1987, orelha).



COUSAS DO OUTRO MUNDO...

Recebemos e publicamos: "Meu caro Barbiellini, Tenho recebido de amigos dois números da revista FAUNA nos quais se transcrevem artigos meus sem que se digam as fontes de origem, parecendo que os mesmos são originais. Devo avisar que nunca enviei qualquer colaboração à Fauna e que os artigos "Mimetismo" e "Modos de vida da lagarta" foram transcritos do meu BORBOLETAS, porém, não me responsabilizo pelas gravuras e nem tão pouco pelo que tem sido publicado sob as mesmas. No ultimo dos artigos saiu uma gravura e entre outras cousas um "bucho" que jamais seria utlizado por mim, como termo anatomico para lagartas e um "protodacum", que ignoro o que seja. Há tempos um colega mostrou-me, na mesma revista um de seus artigos em transcrição sobre uma determinada *lagarta* e como ilustração veiu um *lagarto*, o nosso muito conhecido TIÚ. (1)

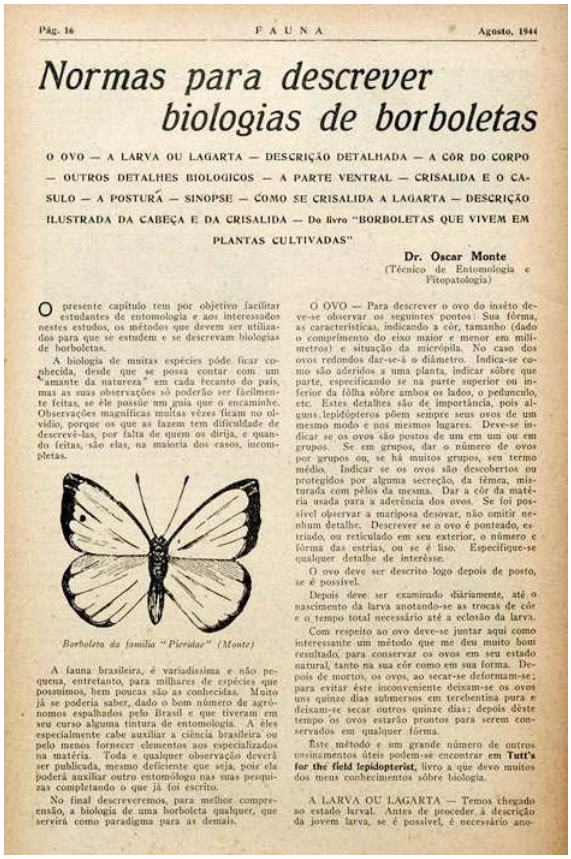
Faço em tempo esta ressalva, apesar-de ninguem me julgar capaz de apresentar tais deslizes.

Cordialmente o:

OSCAR MONTE".

(1) Este colossal **qui-pro-quo** apareceu no "Sitio e Fazenda" dos mesmos donos de "Fauna". (Nota da CHA. E QUI.).

Figura 229 – "Este colossal **qui-pro-quo** apareceu no 'Sitio e Fazenda' dos mesmo donos da 'Fauna'. (Nota da CHA. E QUI.)." *Chacaras e Quintaes,* n.72, 1945, p.460.



Pág. 16 FAUNA Agosto, 1944

Normas para descrever biologias de borboletas

O OVO — A LARVA OU LAGARTA — DESCRIÇÃO DETALHADA — A CÔR DO CORPO — OUTROS DETALHES BIOLOGICOS — A PARTE VENTRAL — CRISALIDA E O CASULO — A POSTURÁ — SINOPSE — COMO SE CRISALIDA A LAGARTA — DESCRIÇÃO ILUSTRADA DA CABEÇA E DA CRISALIDA — Do livro "BORBOLETAS QUE VIVEM EM PLANTAS CULTIVADAS"

Dr. Oscar Monte
(Técnico de Entomologia e Fitopatologia)

O presente capitulo tem por objetivo facilitar estudantes de entomologia e aos interessados nestes estudos, os métodos que devem ser utilizados para que se estudem e se descrevam biologias de borboletas.

A biologia de muitas espécies póde ficar conhecida, desde que se possa contar com um "amante da natureza" em cada recanto do país, mas as suas observações só poderão ser fácilmente feitas, se êle possúe um guia que o encaminhe. Observações magnificas muitas vêzes ficam no olvido, porque os que as fazem tem dificuldade de descrevê-las, por falta de quem os dirija, e quando feitas, são elas, na maioria dos casos, incompletas.

Borboleta da familia "Pieridae" (Monte)

A fauna brasileira, é variadissima e não pequena, entretanto, para milhares de espécies que possuimos, bem poucas são as conhecidas. Muito já se poderia saber, dado o bom número de agrónomos espalhados pelo Brasil e que tiveram em seu curso alguma tintura de entomologia. A êles especialmente cabe auxiliar a ciência brasileira ou pelo menos fornecer elementos aos especializados na matéria. Toda e qualquer observação deverá ser publicada, mesmo deficiente que seja, pois ela poderá auxiliar outro entomólogo nas suas pesquizas completando o que já foi escrito.

No final descreveremos, para melhor compreensão, a biologia de uma borboleta qualquer, que servirá como paradigma para as demais.

O OVO — Para descrever o ovo do insêto deve-se observar os seguintes pontos: Sua fórma, as características, indicando a côr, tamanho (dado o comprimento do eixo maior e menor em milimetros) e situação da micrópila. No caso dos ovos redondos dar-se-á o diâmetro. Indica-se como são aderidos a uma planta, indicar sôbre que parte, especificando se na parte superior ou inferior da fôlha sôbre ambos os lados, o pedunculo, etc. Estes detalhes são de importância, pois alguns lepidópteros põem sempre seus ovos de um mesmo modo e nos mesmos lugares. Deve-se indicar se os ovos são postos de um em um ou em grupos. Se em grupos, dar o número de ovos por grupos ou, se há muitos grupos, seu termo médio. Indicar se os ovos são descobertos ou protegidos por alguma secreção, da fêmea, misturada com pêlos da mesma. Dar a côr da matéria usada para a aderência dos ovos. Se foi possivel observar a mariposa desovar, não omitir nenhum detalhe. Descrever se o ovo é ponteado, estriado, ou reticulado em seu exterior, o número e fórma das estrias, ou se é liso. Especifique-se qualquer detalhe de interêsse.

O ovo deve ser descrito logo depois de posto, se é possivel.

Depois deve ser examinado diàriamente, até o nascimento da larva anotando-se as trocas de côr e o tempo total necessário até a eclosão da larva.

Com respeito ao ovo deve-se juntar aqui como interessante um método que me deu muito bom resultado, para conservar os ovos em seu estado natural, tanto na sua côr como em sua forma. Depois de mortos, os ovos, ao secar-se deformam-se; para evitar êste inconveniente deixam-se os ovos uns quinze dias submersos em terebentina pura e deixam-se secar outros quinze dias; depois dêste tempo os ovos estarão prontos para serem conservados em qualquer fórma.

Êste método e um grande número de outros ensinamentos úteis podem-se encontrar em **Tutt's for the field lepidopterist**, livro a que devo muitos dos meus conhecimentos sôbre biologia.

A LARVA OU LAGARTA — Temos chegado ao estado larval. Antes de proceder à descrição da jovem larva, se é possivel, é necessário ano-

Figura 230 – Artigo de Oscar Monte publicado em *Fauna*, n.8, 1944, p.16. «Modos de Vida da Lagarta» foi publicado em 1945.



COLOMBOFILIA

Um justo preito a um verdadeiro esportista

Concedida medalha de ouro ao sr. Lidio da Silva Gomes, segundo secretario da Confederação Colombofila Brasileira, pelos serviços prestados ao patriotico esporte — A divulgação colombofila na revista "Fauna"

Causou grande contentamento nos meios colombofilos desta capital o ato da diretoria da Confederação Colombofila Brasileira, em sessão de 28 do mês findo, concedendo, de acordo com a letra e, alinea 1.a, do artigo 13 do Regulamento aprovado por decreto n. 23.905, de 22-11-1934, ao sr. Lidio da Silva Gomes, 2.o secretario daquela entidade, a medalha de ouro, como recompensa, pelos serviços de real valor prestados à colombofilia nacional.

E' inegavel que o sr. Lidio da Silva Gomes vem imprimindo colaboração excepcional aos assuntos colombofilos de todo o país, contribuindo com a sua invulgar capacidade para o desenvolvimento do patriotico esporte considerado de interesse militar, e por isso amparado e orientado pelo Ministerio da Guerra.

Do seu valor e da sua capacidade de trabalho bem o diz ato recente do sr. cel. presidente da C.C.B., fazendo-o ingressar, em carater interino, na diretoria da Confederação, secundado pela concessão da medalha de ouro a quem tanto a tem dignificado por sua infatigavel operosidade e extrema dedicação.

A COLOMBOFILIA NA REVISTA "FAUNA"

Por gentileza do sr. João Lessa Olivé, presidente da Sociedade Colombofila Cruzeiro do Sul e um dos mais entusiastas amadores do patriotico esporte, recebemos um exemplar da revista "Fauna", relativa ao mês de janeiro ultimo, que dedica alentadas paginas à divulgação de assuntos colombofilos. No presente numero temos o boletim colombofilo n. 26-27-28, contendo deliberações na Confederação Colombofila Brasileira, de grande utilidade para conhecimento dos interessados no esporte; reportagem completa das festividades que encerraram a temporada de 1947, promovida pela Cruzeiro do Sul, com a relação dos premios concedidos a diversos amadores, além de informações de interesse dos colombofilos em geral.

Figura 231 – «A colombofilia na revista "Fauna"», publicada na seção ESPORTES do *Correio Paulistano*, 5 fev. 1948, p.8,.



Figura 232 – Capa da edição n.7, 1943, da revista *Fauna,* na qual foi publicado o artigo «Zoofonia: a voz dos animais em notas musicais: os grandes músicos das florestas: como cantam os passaros do Brasil», de Hercules Florence.



Figura 233 – Verso da capa da edição n.7, 1943, da revista *Fauna,* com indicações de livros de E.S. e Rodolpho von Ihering.



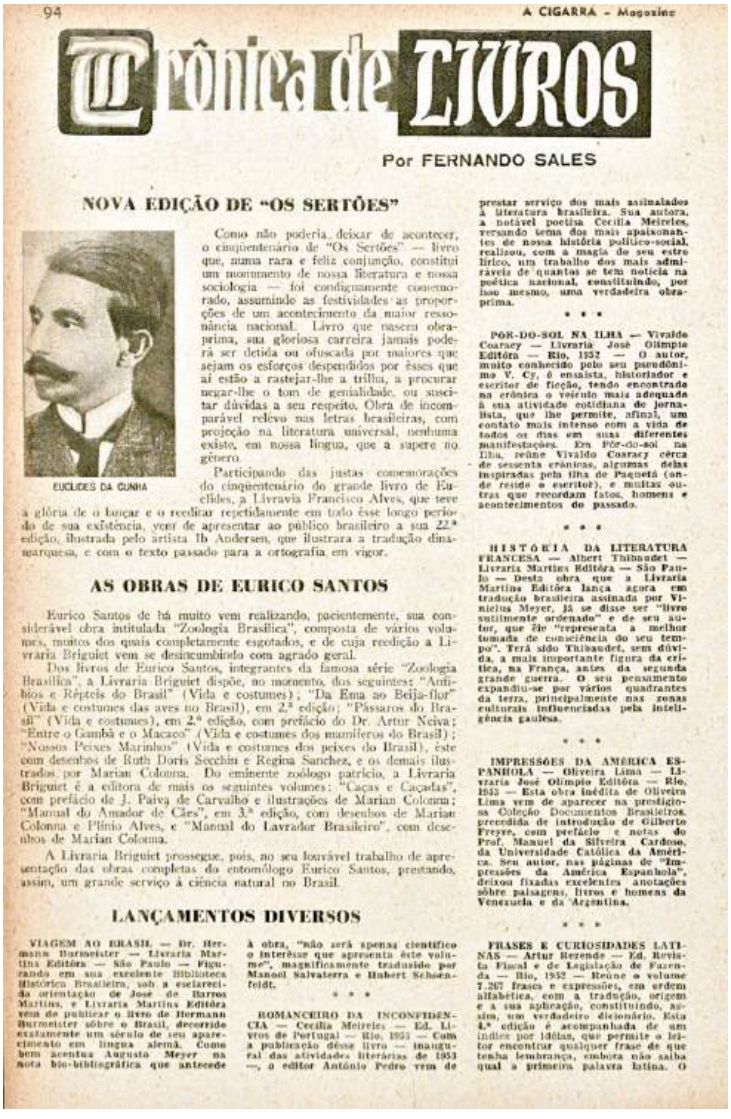
Figura 234 – No expediente da edição n.7, E.S. aparece como colaborador.

2.3.2. COLEÇÃO *ZOOLOGIA BRASÍLICA*

"O homem deu nome a todos os bichos
No início dos tempos, bem no começo
O homem deu nome a todos os bichos
No início dos tempos, muito tempo atrás"

B. DYLAN[144]

Os livros que compõem a coleção *«Zoologia Brasílica»* (Fig. 235 a 266) tornaram-se os mais conhecidos da vasta obra de E.S.: os 11 volumes, publicados no período de 1938-87, somam 2.600 páginas de informações sobre a "vida e costumes" de animais dos diversos grupos zoológicos com ocorrência[xcviii] no Brasil, da minúscula traça à maiúscula baleia-azul.



94 A CIGARRA - Magazine

Crônica de LIVROS

Por FERNANDO SALES

NOVA EDIÇÃO DE "OS SERTÕES"

EUCLIDES DA CUNHA

Como não poderia deixar de acontecer, o cinquentenário de "Os Sertões" — livro que, numa rara e feliz conjunção, constitui um monumento de nossa literatura e nossa sociologia — foi condignamente comemorado, assumindo as festividades as proporções de um acontecimento da maior ressonância nacional. Livro que nasceu obra-prima, sua gloriosa carreira jamais poderá ser detida ou ofuscada por maiores que sejam os esforços despendidos por êsses que aí estão a rastejar-lhe a trilha, a procurar ensombrar-lhe o tom de genialidade, ou suscitar dúvidas a seu respeito. Obra de incomparável relêvo nas letras brasileiras, com projeção na literatura universal, nenhuma existe, em nossa língua, que a supere no gênero.

Participando das justas comemorações do cinquentenário do grande livro de Euclides, a Livraria Francisco Alves, que teve a glória de o lançar e o reeditar repetidamente em todo êsse longo período de sua existência, veio de apresentar ao público brasileiro a sua 22.ª edição, ilustrada pelo artista Ib Andersen, que ilustrara a tradução dinamarquesa, e com o texto passado para a ortografia em vigor.

AS OBRAS DE EURICO SANTOS

Eurico Santos de há muito vem realizando, pacientemente, sua considerável obra intitulada "Zoologia Brasílica", composta de vários volumes, muitos dos quais completamente esgotados, e de cuja reedição a Livraria Briguiet vem se desincumbindo com agrado geral.

Dos livros de Eurico Santos, integrantes da famosa série "Zoologia Brasílica", a Livraria Briguiet dispõe, no momento, dos seguintes: "Anfíbios e Répteis do Brasil" (Vida e costumes); "Da Ema ao Beija-flor" (Vida e costumes das aves no Brasil), em 2.ª edição; "Pássaros do Brasil" (Vida e costumes), em 2.ª edição, com prefácio do Dr. Artur Neiva; "Entre o Gambá e o Macaco" (Vida e costumes dos mamíferos do Brasil); "Nossos Peixes Marinhos" (Vida e costumes dos peixes do Brasil), este com desenhos de Ruth Doris Secchin e Regina Sanchez, e os demais ilustrados por Marian Colonna. Do eminente zoólogo patrício, a Livraria Briguiet é a editora de mais os seguintes volumes: "Caças e Caçadas", com prefácio de J. Paiva de Carvalho e ilustrações de Marian Colonna; "Manual do Amador de Cães", em 3.ª edição, com desenhos de Marian Colonna e Plínio Alves, e "Manual do Lavrador Brasileiro", com desenhos de Marian Colonna.

A Livraria Briguiet prossegue, pois, no seu louvável trabalho de apresentação das obras completas do entomólogo Eurico Santos, prestando, assim, um grande serviço à ciência natural no Brasil.

LANÇAMENTOS DIVERSOS

VIAGEM AO BRASIL — Dr. Hermann Burmeister — Livraria Martins Editôra — São Paulo — Figurando em sua excelente Biblioteca Histórica Brasileira, sob a esclarecida orientação de José de Barros Martins, a Livraria Martins Editôra vem de publicar o livro de Hermann Burmeister sôbre o Brasil, decorrido exatamente um século de seu aparecimento em língua alemã. Como bem acentua Augusto Meyer na nota bio-bibliográfica que antecede à obra, "não será apenas científico o interêsse que apresenta êste volume", magnificamente traduzido por Manoel Salvaterra e Hubert Schoenfeldt.

* * *

ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA — Cecília Meireles — Ed. Livros de Portugal — Rio, 1953 — Com a publicação dêsse livro — inaugural das atividades literárias de 1953 —, o editor António Pedro vem de prestar serviço dos mais assinalados à literatura brasileira. Sua autora, a notável poetisa Cecília Meireles, versando tema dos mais apaixonantes de nossa história político-social, realizou, com a magia de seu estro lírico, um trabalho dos mais admiráveis de quantos se tem notícia na poética nacional, constituindo, por isso mesmo, uma verdadeira obra-prima.

* * *

PÔR-DO-SOL NA ILHA — Vivaldo Coaracy — Livraria José Olímpio Editôra — Rio, 1952 — O autor, muito conhecido pelo seu pseudônimo V. Cy, é ensaísta, historiador e escritor de ficção, tendo encontrado na crônica o veículo mais adequado à sua atividade cotidiana de jornalista, que lhe permite, afinal, um contato mais intenso com a vida de todos os dias em suas diferentes manifestações. Em Pôr-do-sol na Ilha, reúne Vivaldo Coaracy cêrca de sessenta crônicas, algumas delas inspiradas pela ilha de Paquetá (onde reside o escritor), e muitas outras que recordam fatos, homens e acontecimentos do passado.

* * *

HISTÓRIA DA LITERATURA FRANCESA — Albert Thibaudet — Livraria Martins Editôra — São Paulo — Desta obra que a Livraria Martins Editôra lança agora em tradução brasileira assinada por Vinicius Meyer, já se disse ser "livro sutilmente ordenado" e de seu autor, que êle "representa a melhor tomada de consciência do seu tempo". Terá sido Thibaudet, sem dúvida, a mais importante figura da crítica, na França, antes da segunda grande guerra. O seu pensamento expandiu-se por vários quadrantes da terra, principalmente nas zonas culturais influenciadas pela inteligência gaulesa.

* * *

IMPRESSÕES DA AMÉRICA ESPANHOLA — Oliveira Lima — Livraria José Olímpio Editôra — Rio, 1953 — Esta obra inédita de Oliveira Lima vem de aparecer na prestigiosa Coleção Documentos Brasileiros, precedida de introdução de Gilberto Freyre, com prefácio e notas do Prof. Manuel da Silveira Cardoso, da Universidade Católica da América. Seu autor, nas páginas de "Impressões da América Espanhola", deixou fixadas excelentes anotações sôbre paisagens, livros e homens da Venezuela e da Argentina.

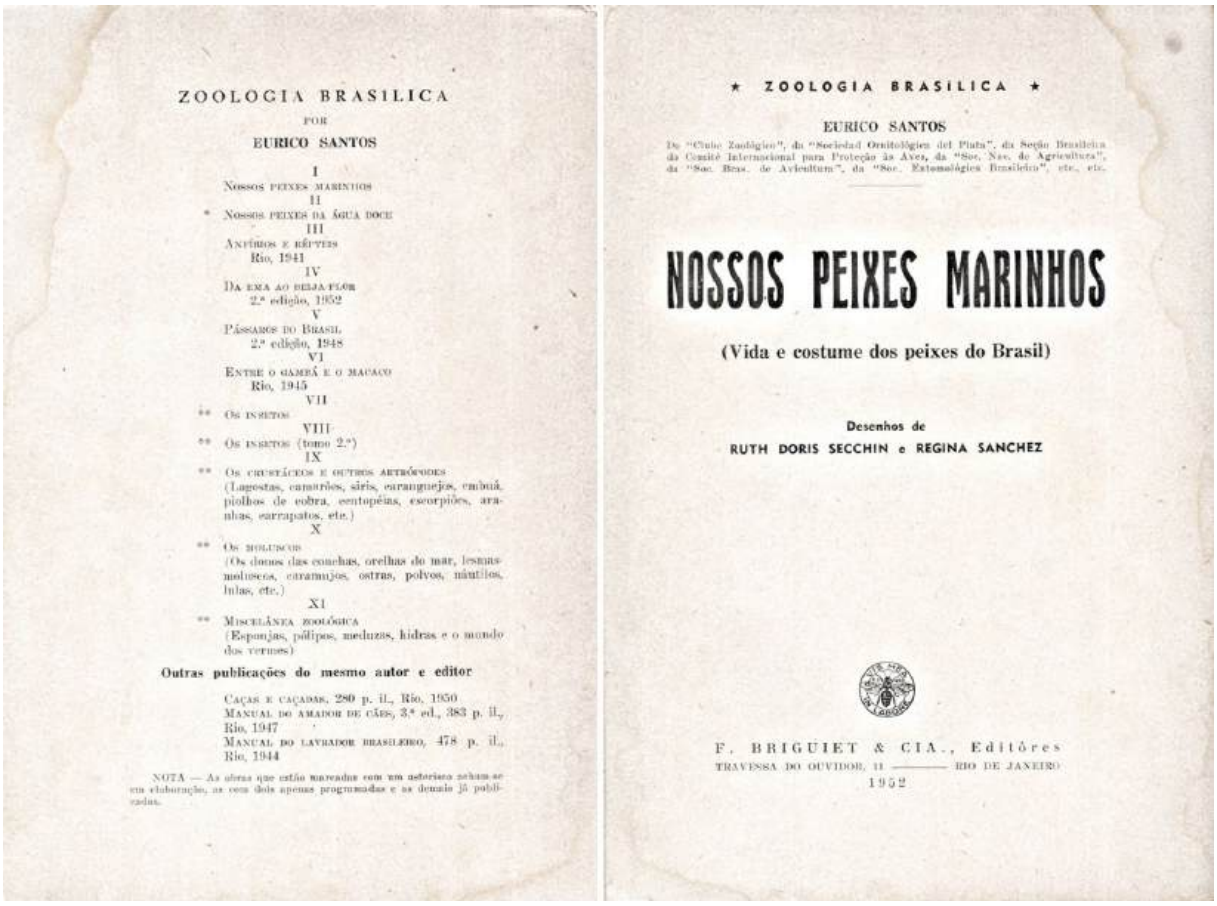
* * *

FRASES E CURIOSIDADES LATINAS — Artur Rezende — Ed. Revista Fiscal e de Legislação de Fazenda — Rio, 1952 — Reúne o volume 7.267 frases e expressões, em ordem alfabética, com a tradução, origem e a sua aplicação, constituindo, assim, um verdadeiro dicionário. Esta 4.ª edição é acompanhada de um índice por idéias, que permite o leitor encontrar qualquer frase de que tenha lembrança, embora não saiba qual a primeira palavra latina. O

Figura 235 – Coluna *Crônica de Livros* em *A Cigarra Magazine*, n.229, p.94, 1953.

[xcviii] Espécies nativas, migratórias, aquáticas ou terrestres, que tenham todo ou parte de seu ciclo de vida ocorrendo dentro dos limites do território brasileiro ou nas águas jurisdicionais brasileiras.

A ideia de “montar” uma coleção com informações sobre a fauna brasileira surgiu em 1952, com a publicação de *Nossos peixes marinhos*. No verso da falsa folha de rosto, há um sumário da coleção com a seguinte nota: “As obras que estão marcadas com um asterisco acham-se em elaboração, as com dois apenas programadas e as demais já publicadas”. As que já tinham sido publicadas: *Da ema ao beija-flor* (1938) — que viria ser o número 4 da coleção —, *Pássaros do Brasil* (1940) — que viria ser o número 5 —, *Anfíbios e répteis do Brasil* (1942) — que viria ser o número 3 —, *Entre o gambá e o macaco* (1945) — que viria ser o número 6[145]. Assim, o título da coleção — ★ ZOOLOGIA BRASILICA ★ —, estampada na folha de rosto, não aparece nas primeiras edições de *Da ema ao beija-flor* (1938), *Pássaros do Brasil* (1940), *Anfíbios e répteis do Brasil* (1942), *Entre o gambá e o macaco* (1945), nem em *Moluscos do Brasil* (1955). Nas obras, E.S. é apresentado como sendo “do Clube Zoológico, da Sociedade Ornitológica del Plata, da Seção Brasileira do Comitê Internacional para Proteção das Aves, da Sociedade Nacional de Agricultura, da Sociedade Brasileira de Avicultura, da Sociedade Entomológica do Brasil, etc.”.



ZOOLOGIA BRASILICA

POR

EURICO SANTOS

I
NOSSOS PEIXES MARINHOS
II
* NOSSOS PEIXES DA ÁGUA DOCE
III
ANFÍBIOS E RÉPTEIS
Rio, 1941
IV
DA EMA AO BEIJA-FLOR
2.ª edição, 1952
V
PÁSSAROS DO BRASIL
2.ª edição, 1948
VI
ENTRE O GAMBÁ E O MACACO
Rio, 1945
VII
** OS INSETOS
VIII
** OS INSETOS (tomo 2.º)
IX
** OS CRUSTÁCEOS E OUTROS ARTRÓPODES
(Lagostas, camarões, siris, caranguejos, embuá, piolhos de cobra, centopéias, escorpiões, aranhas, carrapatos, etc.)
X
** OS MOLUSCOS
(Os donos das conchas, orelhas do mar, lesmas-moluscos, caramujos, ostras, polvos, náutilos, lulas, etc.)
XI
** MISCELÂNEA ZOOLÓGICA
(Esponjas, pólipos, medusas, hidras e o mundo dos vermes)

Outras publicações do mesmo autor e editor

CAÇAS E CAÇADAS, 280 p. il., Rio, 1950
MANUAL DO AMADOR DE CÃES, 3.ª ed., 383 p. il., Rio, 1947
MANUAL DO LAVRADOR BRASILEIRO, 478 p. il., Rio, 1944

NOTA — As obras que estão marcadas com um asterisco acham-se em elaboração, as com dois apenas programadas e as demais já publicadas.

★ ZOOLOGIA BRASILICA ★

EURICO SANTOS

Do "Clube Zoológico", da "Sociedad Ornitológica del Plata", da Seção Brasileira do Comité Internacional para Proteção às Aves, da "Soc. Nac. de Agricultura", da "Soc. Bras. de Avicultura", da "Soc. Entomológica Brasileira", etc., etc.

NOSSOS PEIXES MARINHOS

(Vida e costume dos peixes do Brasil)

Desenhos de
RUTH DORIS SECCHIN e REGINA SANCHEZ

F. BRIGUIET & CIA., Editôres
TRAVESSA DO OUVIDOR, 11 ——— RIO DE JANEIRO
1952

Figura 236 – Verso da falsa folha de rosto e folha de rosto do primeiro livro de *Zoologia Brasílica.*

Os demais volumes da coleção apresentam prefácios assinados pelo próprio E.S., nos quais ele enaltece a diversidade faunística do Brasil e a sua divulgação, bem como apresenta a estrutura do livro, seguida por agradecimentos aos que contribuíram — com conteúdo, revisão ou informações — para a sua feitura. Quando o prefácio não é assinado por Eurico, há sempre «Algumas palavras» dele na sequência:

> Cumpre agradecer aqui, o auxílio que me prestou Dr. Hugo de Souza Lopes. Com aquela bonomia e espírito de colaboração que todos lhe conhecem (Santos, 1982, p.11).
>
> Os professores J. L. de Araujo e Alceu L. de Castro, ambos do Museu Nacional, tiveram a bondade de ler, o primeiro, o capítulo referente a escorpiões e aranhas e o segundo, toda a parte que diz respeito a crustáceos. Aqui testemunho meus agradecimentos aos dois especialistas que deste modo contribuíram para maior exatidão científica do trabalho (Santos, 1982, p.6).
>
> O que desejo — não por vaidade, mas por amor à minha terra — é apresentar à gente brasileira o panorama dos animais nossos patrícios traçado por mão patrícia. [...] Sobre os nosso animais silvestres poderemos até contar, pelos dedos da mão, as obras de divulgação popular propriamente (Santos, 1942, p.5).
>
> Entretanto como não podia deixar de entrar na programação desta série zoológica a enorme classe dos peixes, teremos de cuidar deles, procurando, como tem sido sempre o cuidado do autor, tornar o assunto menos árido, ou melhor, para o caso presente, tirando o maior número de espinhas do pescado, para que o leitor, não amante da iguaria, tente ao menos enfrentá-la (Santos, 1952, p.7).
>
> Não há aqui a menor novidade para o zoólogo[xcix], porque é obra destinada ao público em geral. *Nove, sed non nova*[c]. Para o público não especializado esse livro terá no entanto o ensejo de lhe apresentar em linguagem vulgar, pela primeira vez, um quadro geral dos peixes que habitam as nossas águas territoriais (Santos, 1952, p.10).

[xcix] "Em divulgação, nunca nos dirigimos a especialistas. Em função do público almejado, existem três graus de divulgação científica: a alta divulgação, a divulgação para o grande público e a divulgação para crianças" (Malavoy, 2005, p.7)

[c] Diz-se de um escritor que não apresenta ideias novas, mas que dá uma forma original a ideias já conhecidas. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/ e https://it.wikipedia.org/wiki/Nove_sed_non_nova. Acesso em: 2 mar. 2024.

As edições da Itatiaia e Villa Rica incluem novas pranchas e em maior número[ci] do que nas primeiras edições da F. Briguiet & Cia.. Sobre os ilustradores contratados pela Itatiaia, destaque à família Demonte (Apêndice G), a qual Noel (2004) se refere como “os últimos naturalistas”:

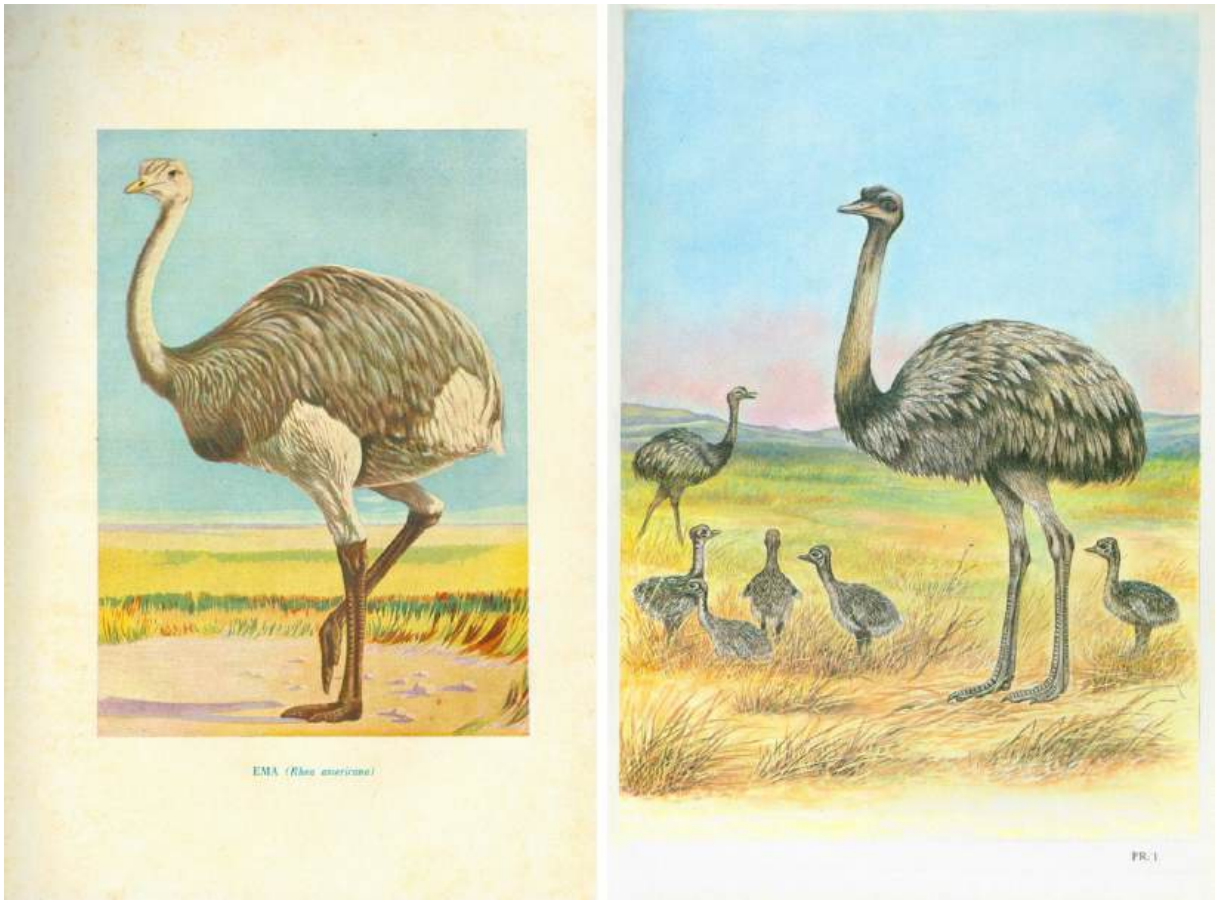


Figura 237 – Ilustrações de *Da ema ao beija-flor*. À esquerda, da edição de 1938; à direita, da edição de 1990.

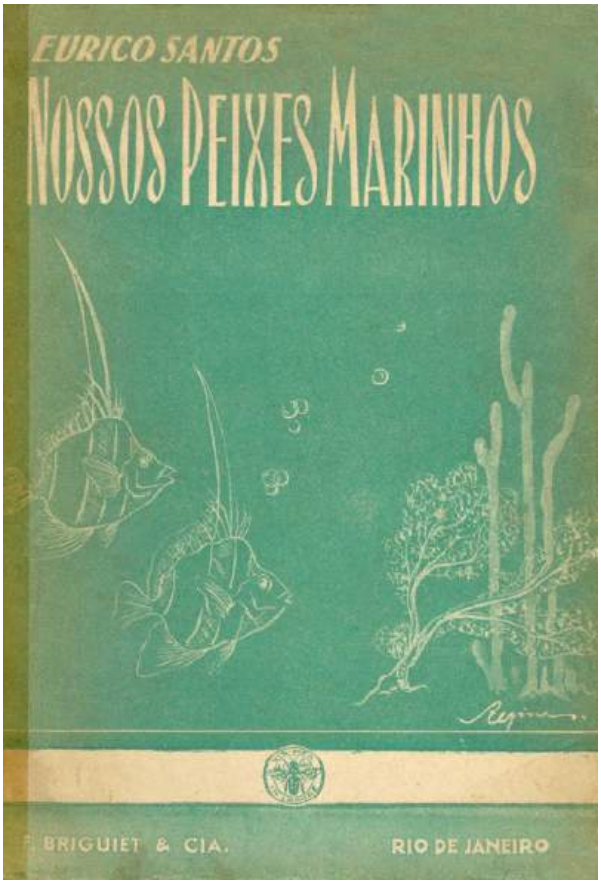
[ci] Prancha: sf. 8 grav, gráf m.q. estampa (no sentido de 'figura impressa'); 9 p.met.; grav tábua de madeira em que se grava a fôrma xilográfica; 10 cada gravura já pronta ‹cada p. desse artista está valendo uma fortuna› (Dicionário Houaiss Eletrônico).



Figura 238 – Ilustrações de *Da ema ao beija-flor*, edição de 1938.

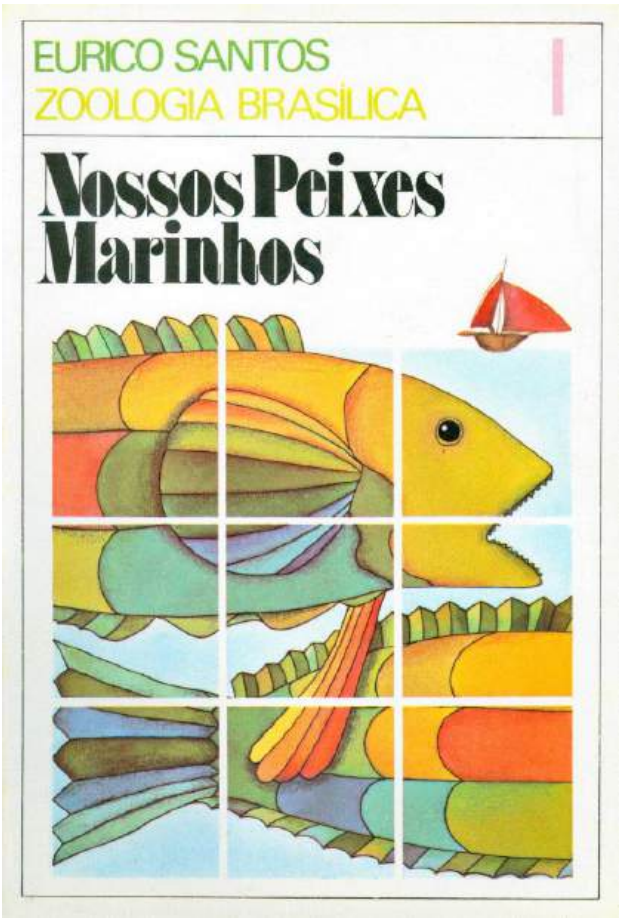


Figura 239 – Ilustrações de Etienne Demonte (1931-2004) para *Da ema ao beija-flor*, edição de 1990.



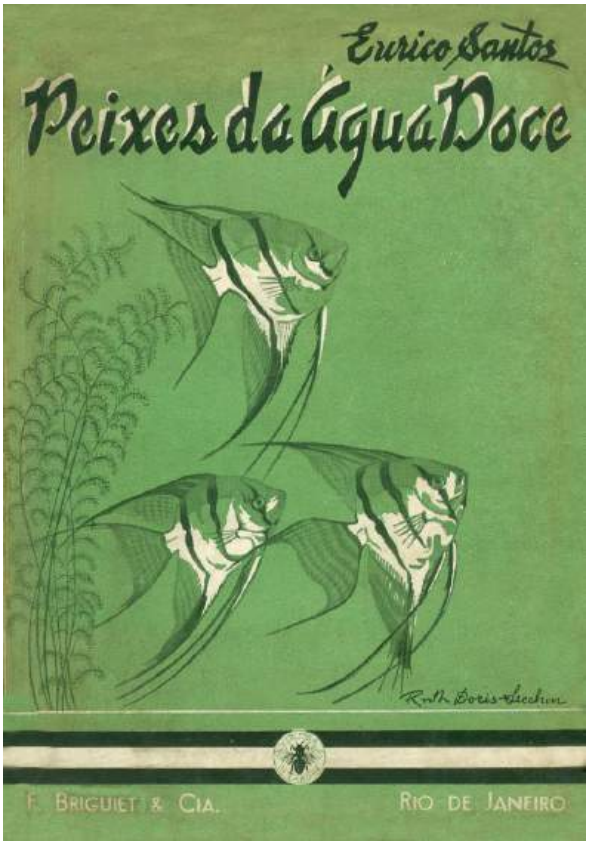
Transcrição de trecho do prefácio:
“Encontraremos entre a graúda e miúda gente marinha as formais mais curiosas, desde a moréia serpentiforme, ao cavalo-marinho, duas organizações estruturais que aberram das normas com que a Natureza modelou a generalidade de peixes. Mesmo dentro da arquitetura clássica dos peixes há uma diversidade pasmosa” (Santos, 1952, p.7).

Figura 240 – Capa de *Nossos peixes marinhos*, 1952, publicado pela F. Briguiet & Cia. Desenhos de Ruth Doris Secchin e Regina Sanchez. Incluir uma prancha colorida.



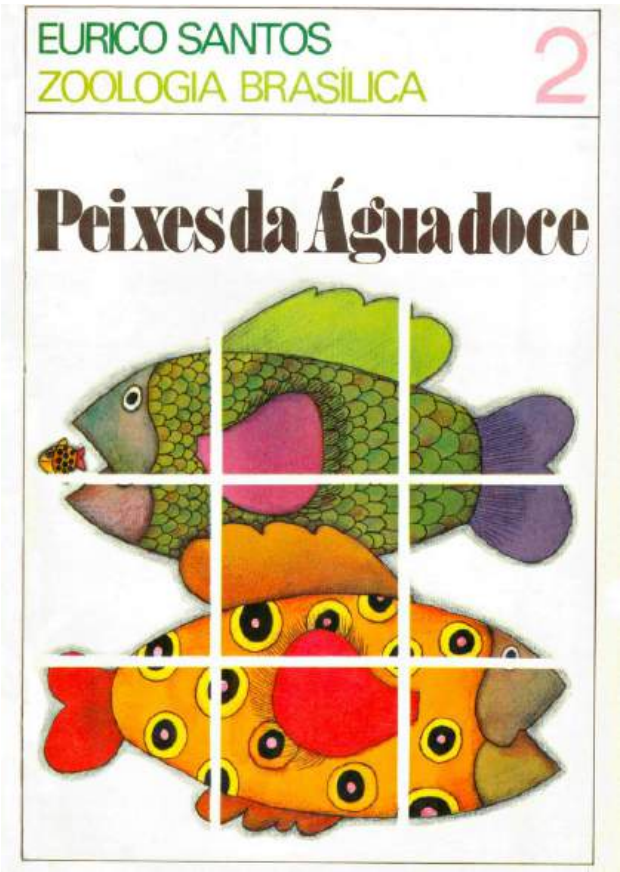
Transcrição de trecho do segundo capítulo:
“Para definir o que seja peixe, com absoluto rigor zoológico, diremos que são vertebrados hidróbios que possuem brânquias durante toda a sua existência e cujos membros, quando existem, se acham transformados em nadadeiras” (Santos, 1992, p.17).

Figura 241 – Capa de *Nossos peixes marinhos*, 1992, 2 ed., publicado pela Villa Rica. Capa de Branca de Castro. Desenhos de Ruth Doris Secchin e José Soares. Inclui 16 pranchas coloridas.



Transcrição de trecho do prefácio:
“Então, em se tratando de peixes, os nomes vulgares causam dúvidas e enchem-nos de perplexidade. [...] Não pude, é claro, abster-me dos nomes científicos da sistemática que a muitos se afigura simples pedantismo, mas que a clareza e a boa compreensão do assunto reclamam. Citar, por exemplo, um peixe pelo nome de bagre ou piaba, sem acompanhar do nome científico que identifica a espécies é fazer obra anti-científica e confusa”
Santos, 1954, p.6).

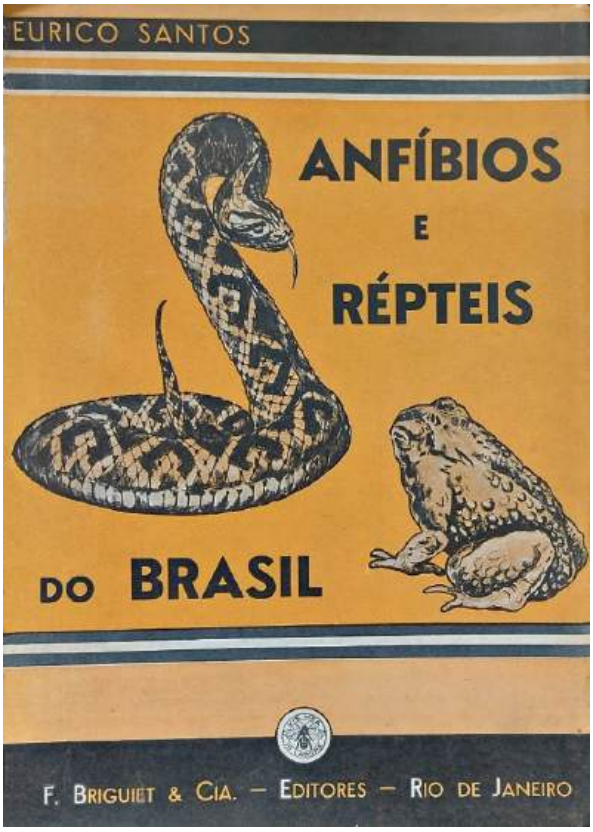
Figura 242 – Capa de *Peixes da água doce*, 1954, publicado pela F. Briguiet & Cia. Desenhos de Ruth Doris Secchin e Regina Sanchez.



Transcrição de trecho do prefácio: “Procurei, efetivamente, compulsando o que de melhor já se fez, neste sentido, organizar um trabalho de absoluta utilidade, honesto nas afirmações, escudado na ciência, mas sem o sibilino[cii] da sua linguagem. Não pude, é claro, abster-me dos nomes científicos da sistemática que a muitos se afigura simples pedantismo, mas que a clareza e a boa compreensão do assunto os reclamam” (Santos, 1987, p.6).

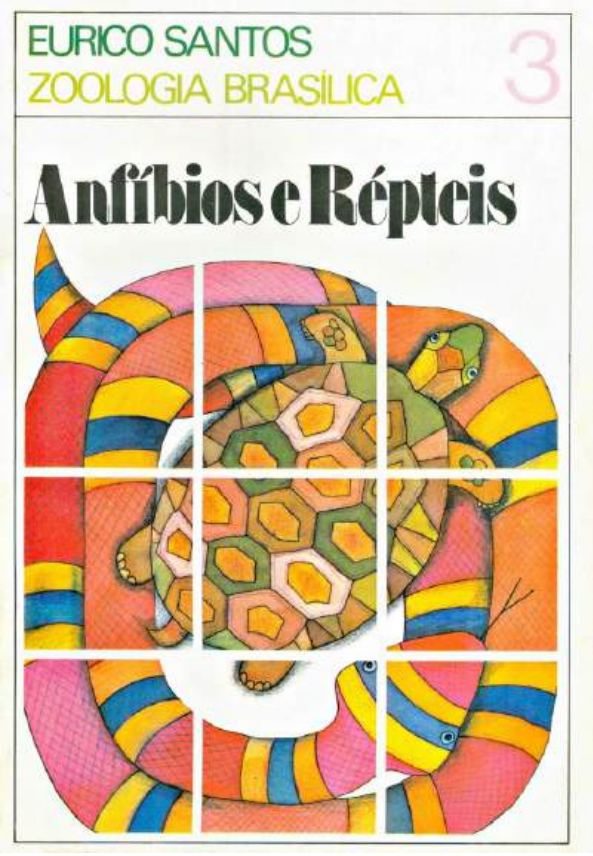
Figura 243 – Capa de *Peixes da água doce*, 1987, 4 ed., publicado pela Itatiaia. Capa de Branca de Castro. Desenhos de Ruth Doris Secchin, Regina Sanchez, Maria de Fátima R. de Melo e Maria Cláudia H. Vieira. Inclui 24 pranchas coloridas, algumas assinadas por Harmendani.

[cii] 1. Ref. a sibila. 2. Que é enigmático, obscuro (frase sibilina). [Antôn.: claro, preciso.] [F.: Do lat. *sibyllinus,a,um*.] (Aulete Digital, 2024).



Transcrição de trecho do prefácio:
"Nada estranho, nada novo direi.
O presente livro, como os anteriores, destina-se aos menos cientes da Zoologia e àqueles que realmente desejam conhecer, não a ciência zoológica, mas a vida dos animais e distingui-los entre a turbamulta[ciii] das espécies"
(Santos, 1942, p.5).

Figura 244 – Capa de *Anfíbios e répteis do* Brasil, 1942, publicado pela F. Briguiet & Cia. Desenhos de Marian Colonna. Inclui oito pranchas coloridas.



Transcrição de trecho do prefácio:
"O mar foi o berço de onde surgiu, misteriosamente, a vida animal. O aparecimento das formas terrestres [...] marca o início de uma nova era, durante a qual a Natureza inventa, experimenta, combina, forja, adapta, curiosas formas, que hão de povoar a superfície da terra, desde o mais humilde animal até o homem"
(Santos, 1994, p.7).

"Incontestavelmente são os lagartos os mais simpáticos animais da classe dos répteis"
(Santos, 1981, p.107).

Figura 245 – Capa de *Anfíbios e répteis do Brasil: vida e costumes*, 1994, 4 ed., publicado pela Villa Rica. Capa de Branca de Castro. Desenhos de [Marian] Mirian Colonna, Ruth Doris Secchin e Eraldo Faria. Inclui 16 pranchas coloridas.

[ciii] sf. 1. Multidão de gente em tumulto ou desordem; TROPEL; TURBA. 2. Grande número de pessoas juntas; MULTIDÃO; TURBA [F.: Do lat. turba multa.] (Aulete Digital, 2024).

"Anfíbios e Répteis do Brasil" — de Eurico Santos, Edição F. Brigiuet & Cia., Rio, 1942, 280 páginas com desenhos originais de Marian Colonna. — Esta é a 10.ª obra de Eurico Santos, que há trinta anos é um dos mais destacados divulgadores agrícolas do Brasil. Diretor de revistas agrícolas, redator de secções especializadas na imprensa diária, Eurico Santos ainda encontra tempo para exercer uma função técnica no Ministério da Agricultura e para escrever livros, que exigem pesquisa, estudo, discernimento, amplos e sólidos conhecimentos de zoologia, como "Anfíbios e Repteis do Brasil", ao qual se seguirá "Entre o gambá e o macaco" (Vida e costumes dos mamíferos do Brasil), já em preparo.

Neste livro, Eurico Santos segue a mesma orientação da série que iniciou, em 1938, com a obra "Da ema ao beija-flor", a que se seguiu um livro não menos precioso e não menos apreciado pelos que estudam as nossas riquezas: "Pássaros do Brasil". Nesses livros, Eurico Santos é sempre correto, mas não faz ciência árida: pelo contrário, os seus livros constituem leitura agradavel, amena, que se lê no bonde com o mesmo encanto de um romance ou de uma dessas revistas que traduzem e resumem para nós o que de mais interessante se publica no mundo inteiro. Mas "Anfíbios e Repteis do Brasil" é também, como "Pássaros do Brasil" e "Da ema ao beija-flor", livro de consulta e um auxiliar inestimavel para os estudiosos da vida e dos costumes da fauna brasileira. Agradecemos, sinceramente, o belo presente que Eurico Santos nos fez, oferecendo "Anfíbios e Repteis do Brasil".

Figura 246 – *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1942, p.7, coluna Livros do dia.

O SAPO FERREIRO

EURICO SANTOS

FERREIRO (Hyla faber) — Quem não viu o sapo ferreiro, como lèigamente lhe chama o povo, ao menos ouviu-lhe o martelar metálico da voz.

O ferreiro, assim ainda o crismaram, canta como um martelo ao bater no bigorna e tão fortemente que nos tomamos de surpresa ao ver que dos seus vocais de um bicho tão pequeno possa surgir tão forte ressonância. **Juipanga** chamava-lhe o indígena, como quem diz rã barulhenta.

De Wied que batizou o batráquio com a água lustral da ciência dando-lhe a denominação de **Hyla faber**, descreve-o de cor amarela terráquea, com listra escura do extremo focinho o entre coxas, estas e as pernas marcadas por faixas transversas, a parte inferior do corpo é mais clara. Chega a medir 11 cm. sendo, portanto, uma das maiores pererécas.

Ande pelas árvores e frequenta os charcos de quasi todo o Brasil, em cujas margens fabrica seu ninho.

Não é tão sòmente o canto do **ferreiro** que o notabiliza, mas igualmente o seu curioso ninho.

As pererécas, que já são batráquios mais evoluídos porque vivem nas árvores, libertas um tanto da escravidão que a água natal lhes impõe — vão procurando, através das idades, meios diversos para construir os suas "nurseries".

Goeldi teve a felicidade de surpreender tão curiosa cena e assim descreveu-a: "A margem de um grande poço de água, o **ferreiro** juntou aos poucos um montículo de lama, ao qual ia dando o feitio de cratera, com 30 cm. de diâmetro. Valendo-se habilmente das mãos como se manejasse uma colher de pedreiro, alisava a parede interna da bacia, obra em que não só a barriga, senão também o papo, colaborevam.

Na água tranquila daquele pequeno tanque-incubadeira foram então postos os ovos de onde surgiram os girinos quatro dias após.

Estes, ao atingir 3 cm. de comprimento, já tem a cauda totalmente absorvida.



Sapo ferreiro (Hyla Faber)

Construindo esta incubadeira de barro, em compartimento sem comunicação com os charcos, o industrioso batraquio põe seus filhos mais ao abrigo de inimigos naturais que pululem nas lagoas.

Possìvelmente que duas outras **Hylas**, a **pardalis** e a **maxima**, esta última aliás muito parecida com o **ferreiro**, estejam confundidas pelo povo sob o mesmo nome.

O gênero **Hyla**, que encerra as pererécas já referidas, contém um total de 46 espécies, o que equivale dizer que quasi duas terças partes destes batráquios pertencem a aquela grei.

São em geral animais delicados, algo elegantes, de pernas sempre longas e braços curtos.

O tipo mais pequeno do gênero é **Hyla parvula**, que mede 17 mm.

(Do livro recem-aparecido "Anfíbios e Répteis do Brasil", à venda no "O CAMPO".

"A SAUDE DO GADO"

Um produto veterinário de largo e variado emprego.

Empregado com surpreendentes resultados na cura do febre aftosa, magreza, aguamento (hypocemia) e nos animais atacados de sarna, piolhos, bernes, carrapatos etc.

A **SAUDE DO GADO** é um poderoso restaurador que activando as funções orgânicas do animal, fortalece os seus meios naturais de defesa, evitando assim o emagrecimento e a indisposição para uma infectosidade ou moléstias que atacam periodicamente o gado em geral.

Produto de facil aplicação e de preço mínimo os inúmeros atestados e a sua grande aceitação provam a sua eficacia.

Formula e propriedade do Fco. Alexandre Queiroz.

Depositários para todo o Brasil: P. DE ARAUJO & C. á rua de São Pedro n. 82.

RIO DE JANEIRO

SEMENTES EM GERAL

De Hortaliças, Flores, Florestais, etc.

FERRAMENTAS E APETRECHOS

INSETICIDAS E FUNGICIDAS

Frutas Nacionais e Estrangeiras

ARTIGOS APICOLAS

DIERBERGER AGRO-COMERCIAL LTDA.

Rua Libero Badaró, 100-501 — Cx. Postal 458

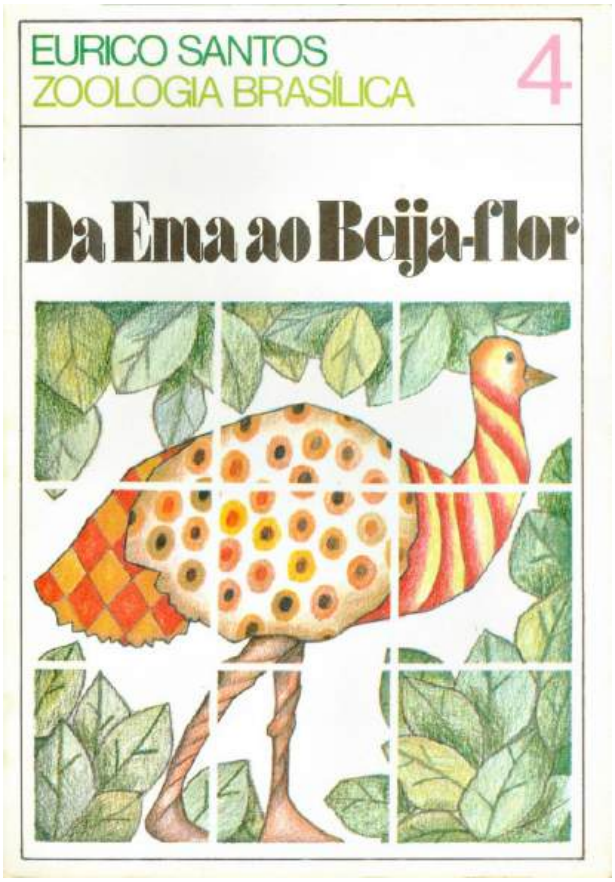
SÃO PAULO

Figura 247 – «O sapo ferreiro», por E.S.. "Do livro recem-aparecido 'Anfibios e Répteis do Brasil', à venda no 'O CAMPO'". *O Campo*, n.150, 1942, p.12.



Transcrição de trecho do prefácio:
“Na distribuição geral das aves pela face da terra, ficou o Brasil com a parte do leão. Das 7.220 espécies de aves que Sclater diz existirem no Globo, possue o nosso país 1.600 espécies, em números redondos. [...]
Os algarismos atestam-nos riqueza incontestável” (Santos, 1938, p.5).

Figura 248 – Capa de *Da ema ao beija-flor*, 1938, publicado pela F. Briguiet & Cia. Desenhos de Marian Colonna. Inclui dez pranchas coloridas.



Transcrição de trecho do prefácio:
“E´ indispensável que entre aqueles sábios e o público se encontre um intermediário, que é o divulgador, gente ainda escassa e pouco estimada entre nós. Pensei tentar a tarefa e escrevi, como ensaio, “Da ema ao beija-flor”, ensaio que encontrou nos srs. F. Briguiet & Cia editores entusiasmados e carinhosos (Santos, 1990, p.10).

Figura 249 – Capa de *Da ema ao beija-flor*, 1990, 5 ed., publicado pela Villa Rica. Capa de Branca de Castro. Desenhos de [Marian] Mirian Colonna, Ruth Doris Secchin e Eraldo Faria. Ilustrações em cores de Rodrigo e Etienne Demonte. Inclui 40 pranchas coloridas.



22 O CAMPO DEZEMBRO 1938

Da Ema ao Beija-Flor

Uma obra de divulgação sobre as aves silvestres do Brasil

Acaba de aparecer um magnífico trabalho sobre aves silvestres do Brasil, obra de divulgação popular, de autoria de Enrico Santos e editada, com muito gosto, pela conhecida casa Briguiet-Garnier.

Neste livro, a que está destinado amplo êxito, o autor apresenta um estudo muito bem elaborado a cada espécie, contendo, biologia, hábitos dos nossos pássaros.

Não queremos antecipar juízos críticos e assim para dar-lhe, ensejo de uma apreciação, pessoalmente e transcrevemos, na ordem, o capítulo referente ao sabiá, que bem conhecido.

Por esta amostra, poderá o interessado ler uma idéia de como o assunto é tratado neste livro digno de figurar em todas as bibliotecas.

O livro de grande formato contem 358 pg. ilustrações e 10 lindas pranchas a côres.

Passamos a transcrever um trecho sobre o sabiá:

Sabiá (Turdus rufiventer).

A história real e lendária desse canto originário e elegante encheria páginas duma biografia monumental, se fôssemos reger para escrevê-la.

A sua personalidade acha-se envolvida na trama emaranhada das lendas e, como certos cavaleiros da Idade Média, é acusado de praticar a magia e outras artes demoníacas.

Entretanto, por agora, da sua entidade real. É um ave colorido, um tanto parecido com o sabiá branco, porém menos raldongo. O comprimento total da ave é de 28 cents., tendo o bico 15 mm. e mostrando-se pequeno, empenso e amarelento.

O dorso é pardo acinzentado, com manchas longitudinais escuras nas canas das penas, o peito é branco sujo e o garganta e a barriga brancas sem pinta. A cabeça é acastanhada na cima e estriada de preto, lembrando um fraco sombreado sôbre os olhos, traço que corre até o meio e lhe empresta ares misteriosos.

Não lhe agrada a beleza nem a companhia dos outros seres; e, como os grandes solitadores, procura o silêncio e o ermo.

Por isso dá-se de preferência nas capoeiras, na sucalia dos desmatados, olhando o início dos campos e chamando a sua frase característica: "sem fim", "sem fim".

Melhor lhe agrada ainda viver entre ruínas, nas habitações dos caseiros abandonados, nos taperas, onde o mato reconquista o terreno que lhe tomaram. Aí, sim, está o sabiá nos seus domínios e empoleira-se numa parteira inútil e encurvada ou numa cêrca meio derribada e deslha horta e hortas o seu magro quinhão.

O canto do sabiá, pela magnitude expressiva, infantile, a quem o ouve, vaga tristeza, porém ainda mais lhe acentua na tecla do mistério, quando, ao ouvi-lo, pensamos a ave.

Gaehl, que se embrenhou tanto na mata, estudando a vida curiosa dos animais, escreve: "Ouve-se de longe durante horas o mesmo assobio característico, mas, seguindo-se êsse som, fica-se sempre ou muito longe ou muito perto, ou muito para a direita, ou muito para a esquerda, em suma, ora vezes está a ave muito perto ou muito longe para podermos dar-lhe um tiro".

(Conclue na pag. 36)

(162) "Notes biologiques sûrer oves brasiliennes" — Rev. Mus. Paulista — t. XIII.

Da Ema ao Beija-Flor

Por Enrico Santos

Obra magnífica de formato de 24 1/2 x 17 cents., 358 pgs., ilustrada com 10 lindas pranchas a côres e numerosas gravuras originais no texto, destinada ao estudo das aves do Brasil. Preço do volume 30$. Pedidos ao "O CAMPO" acompanhado de 1$000 para o porte.

Figura 250 – Texto publicado na revista *O Campo*, n.108, 1938, p.22, sobre o lançamento do livro *Da ema ao beija-flor*, "magnífico trabalho sobre aves silvestres brasileiras, obra de divulgação popular, de autoria de E.S. e editada, como muito gosto, pela conhecida casa Briguiet-Garnier".



68 O CAMPO ABRIL 1939

"DA EMA AO BEIJA-FLOR"

(Para o Campo)

OCTAVIO R. CUNHA

Enrico Santos escreveu mais um livro, e Briguiet o publicou.

Desta vez não tratou ele de doenças de aves, nem dos males das plantas: fez um bom trabalho de divulgação, pondo ao alcance do público larga boa porção da nossa ornitologia.

Consciencioso, não quis enfronhar-se por uma taxionomia complicada e massante, pretendeu limitar-se apenas ao indispensável à caracterização do individuo descrito no quadro geral da classificação zoológica.

E assim logo a descrever os hábitos e costumes, o meio de vida de cada ave ou pássaro focalizados, entretanto, também, no terreno das lendas e do folclore.

"Da ema ao beija-flor" é um livro muito interessante e útil. Serve ao esclarecer que quer divertir, aprendendo.

Talvez seja, mesmo, preferível tratar em vez velho em livro como este, que encontrar seu crédito com leituras extremamente de fundo.

Serve ao colégio em seus estudos, porque pode despertar-lhe a curiosidade para vôos mais amplos e mais profundos.

Serve ao fazendeiro, dando-lhe material para o ensino de meninos de suas relações.

Serve ao caçador, profissional ou não, fornecendo-lhe dados certos sobre os costumes, hábitos, postura e "habitat" destas bichinhas.

De leitura leve, o livro agrada.

O autor soube fazer da narrativa, procurando esclarecer e interessar aos seus leitores.

A linguagem é despretenciosa, e toda, com frequencia, a linguagem do gente simples que conta as coisas que ele vos conta, sobre a vida íntima dos passaros e das aves.

Não nos ocupar essas passagens, são numerosas.

Uma exceção são, as feitas aos limembos — uma caudalosa ave — boi o bastante para me levar a uma roda de meninos, ou de pessoas já letradas, ensina, cada caso, as muitas vezes, narrativas do caso dos tempos em que os bichos, inquietos os mandados, falavam, trocando mentiras ou vigarices reciprocas.

Abre o seu livro com um estudo sobre a ema, a avestruz americana.

É uma ave corredora, por excelencia. Bastante volumosa, seu pescoço comprido equilibra o corpo sobre o mesmo eixo. Muito pequeno, uma vez passarinho, de longe ainda, se intrometeu a encomodar.

Confiado, se distancia, com ventas contrarias, uma caracteristica bem saliente à frequentemente verificável.

Quando as emas marcham ainda, na vasta fauna já, gostava do perequeté, em galopar louco, manadas de centenas, nos vastos chapadões do Triangulo Mineiro.

O "crendeu" de sapim seco que se vêem dispersos pela campo queimado, indicam, segundo certos populos espiritual, existem já certos dotados reflexivos.

A ema, quando chocando, sente o aproximar do fogo destruidor o passo rasteiro. Levanta-se do ninho ou, nem, nem ao longe ou ao covego mais proximo, molha-se toda e vem, em disparada, pingando agua, umedecer o capim que rodeia o seu ninho, arrefecendo-os propositadamente.

Uma, duas e mais vezes, longinquas as vezes, são reincidentes.

Ainda: todo o livro, nota-se a preocupação de si. Enrico Santos na defesa das aves e animais contra o desbragamento dos caçados estupidos.

E chega a orientar a possibilidade da criação de certas aves selvagens, citando exemplos de varias tentativas realizadas principalmente no estrangeiro, com pássaros do Brasil.

Nomes idéia, também, colheu o Howard, sugerindo a criação industrial de certas poliformes dentro ou volteria dos nossos planaltos, e das araucárias.

A propagação vai pequena e grande. Feita por amadores, ou por profissionais, ela é variada e intensa. Certas especies, ela há pouco tão abundantes em zonas de lavoura, se escassam, dizimadas pelas espingardas e tabiques da mercenaria vadia ou folgará.

Nas asas da arma, de melhoria, ajuda, sempre, pela estabilidade ou à tarde, um passaredo variado para sobre os gibis cacete do colheita ai efetuada.

Nos capões de mata que os mistérios da fitogeografia localizam, isolados, no meio de uma extensa campina; nas queimas urbanas, dentro ou não, que combinam os cursos d'agua; nas baixas, também, de fôrma a competir tabaca do campo, as pessoas sempre afluem, numerosas.

E logo preferido.

E uma riqueza o que se mata, os estragos que causam são avultados, no certo. Na arborizam, e no perigo que decorre da propagação a colheita, os depredadores são proporcionais ao gosto de cada uma d'aquelas horas de cultura.

E preciso cuidar do caça todo, para não colher sordidamente.

Porem, com todos os pesares são raciais aos nossos interesses. Os mais copados, os mais perseguidos, são os predadores de todo.

Em certa época do ano, principalmente em dadas regiões os semeadores, requerem vigilancia atenta, de sol a sol.

Descuram-se criancas, até mulheres, e saltam impressivos aos trabalhos penados, para esse serviço.

A pedradas, e tiro com arcos — tudo serve para afugentar os importunos.

Porem, com todos os pesares são raciais aos nossos interesses. Os mais copados, os mais perseguidos, são os predadores de todo.

Em certa época do ano, principalmente em dadas regiões os semeadores, requerem vigilancia atenta, de sol a sol.

Descuram-se criancas, até mulheres, e saltam impressivos aos trabalhos penados, para esse serviço.

A pedradas, e tiro com arcos — tudo serve para afugentar os importunos.

Copam-se de todo gosto. Aimam-lhes cacadas. Assustam-nos com espantalhos. Distraem-nos com ervas envenenadas. Os inseparaveis se gabam atenadas de substancias de cheiro forte, extremamente desagradavel à gaiga infernal.

Apesar do grande regionalidade conquistada por certas avicolas, as vezes, os pessoros parece não diminuirem.

Fazem arraias. Fogem. Abandonam o campo, dando tempo de plantarem, se firmarem na terra.

Passada esse temporada, que é muito curta, ninguem mais volta a atentar para aue bichinhos a voar.

No entanto, as pessoas inocentes, de cérea exacta e apertinho, são procuradas seguidamente, o ano todo.

Nem respeitam o tempo de postura e de choca.

Nada detem o caçador inveterado.

Diante dessa perversidade geral, o inofensivinho chamado tetéu atravessa, a invadir dentro seus objetos quando estes pelo com certas imitações de seu canto.

Mostrando valentia temerosa, ela começa a correr em arrancada, toda arrepiada e com uma das asinhas caidas, fazendo como que procurando, posição conveniente para um golpe decisivo, contra o intruso que a assustava.

Houve um tempo em que a perdiz e o já eram comidas. Por incompatibilidade de gostos, divorciaram-se.

Mas o já não se conformou com essa divisão, ou se arrependeu posteriormente, contou até hoje ainda consulta ao meio de chão farfalhante.

Mulher, nunca ouviram?

E o perdiz, no contrario disso, estimou sem perder tempo em voltar.

Ed'... Pra nunca mais.

Absolutamente não se pode dizer que os pardais vivem em

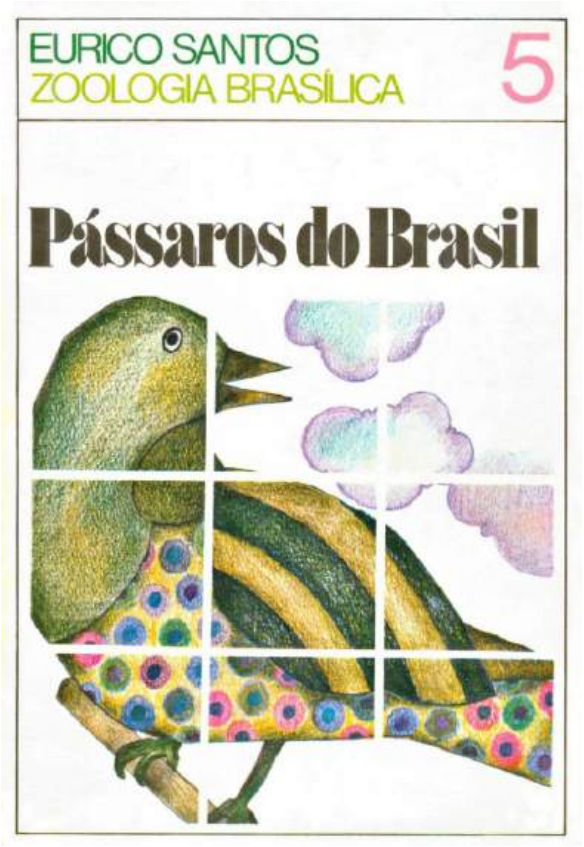
Figura 251 – *O Campo* n.112, 1939, p.68. Resenha do livro *Da ema ao beija-flor*, escrita pelo poeta e escritor[146] Octavio Ribeiro da Cunha: "Vamos ficar por aqui. O livro do sr. E.S. ensina, agrada e sugere muita cousa para as imaginações ferteis. Contem boas e numerosas ilustrações das quais algumas em tricomias[civ]. Ha descrições exatissimas: o vôo do "pica-pau", os habitos do "alma de gato", algo sobre o "anú preto", etc. Vale a pena lê-lo."

[civ] tricomia: s. f. || (art. gráf.) combinação de três, cores (amarelo, azul e vermelho) feita em três impressões sobrepostas. [Também se usa empregar o preto, com uma quarta impressão, o que a rigor seria uma tetracromia.] || Estampa obtida por esse processo. F. gr. Treis (três)+khroma (cor) +ia (Aulete Digital, 2024).



Transcrição de trecho da introdução:
"Os pássaros, por serem mansos e fracos diante das fôrças indomáveis da natureza e dos outros sêres eu o cercam, em luta constante, dão bem a idéia daqueles santos, que vinham pelo mundo prêgando a bondade e a concórdia, louvando em cânticos o criador de tantas maravilhas, mas que morriam, sempre, às mãos da gente bruta e má"
(Santos, 1940, p.15).

Figura 252 – Capa de *Pássaros do Brasil*, 1940, publicado pela F. Briguiet & Cia. Desenhos de Marian Colonna. Inclui nove pranchas coloridas.



Transcrição de trecho da introdução:
"É preciso pensar que 19 vigésimos das aves estão encarregadas de destruir sêmenes prejudiciais, alimárias[cv] devastadoras e insetos nocivos, os quais aniquilariam todo o trabalho do homem, tal seu poder de reprodução, se para contaminar aquela obra de devastação não tivéssemos as aves e não possuíssem elas a necessidade de devorar incessantemente"
(Santos, 1985b, p.18).

Figura 253 – Capa de *Pássaros do Brasil*, 1985, 5 ed., publicado pela Itatiaia. Capa de Branca de Castro. Desenhos de [Marian] Mirian Colonna, Ruth Doris Secchin e Eraldo Faria. Inclui 32 pranchas coloridas.

[cv] sf. 1. Animal irracional; ANIMÁLIA. 2. Besta de carga; ANIMÁLIA. 3. Fig. Pessoa estúpida, grosseira; ANIMAL. [F.: Do lat. animalia,ium 'animais', por dissimilação.] (Aulete Digital, 2024).

PASSAROS DO BRASIL

Emilio Goeldi, o naturalista suíço, o grande vulgarizador da fauna brasileira, vai na frente, distanciando-se algo, e seguem-no os dois von Ihering, especialmente o moço, cruelmente arrebatado pela parca iniqua, Wilson da Costa, tambem saudoso, Agenor Couto de Magalhães, Oliveira Pinto, Pinto da Fonseca, Franco da Rocha, Oscar Monte e quantos mais? Agora aparece Eurico Santos... E' a luzidia coorte de adoradores das nossas aves em que se alista tambem, soldado raso, ou melhor "desconhecido" (1) quem rabisca estas linhas, despertadas pelo recebimento do precioso livro PASSAROS DO BRASIL (2).

Eurico Santos, chegou por último, mas como Cesar nas Galias, chegou para triunfar e o prefacio de Arthur Neiva foi o louro da vitória. Eis como julga "Passaros do Brasil" e seu autor, o ilustre polígrafo baiano, honra de Manguinhos:

"As obras de Eurico Santos põem o leitor em contacto com a natureza: ensinam, educam e aperfeiçoam o sentimento. Quando escreve sobre aves, vive para o seu mundo e com elas talvez se entenda, a exemplo de S. Francisco de Assis.

"Está executando um programa de brasilidade. Conhece o nome vulgar de todos os sêres emplumados e as denominações que têm em vários pontos do país, batiza-os cientificamente com todo o rigor. Sua leitura encanta, pois abre vasto e esplêndido campo, para os jovens que travam relações com os seus trabalhos, os quais se ocupam com uma das coisas mais formosas que o Brasil possue: suas belas aves e tambem com as *aves que aqui gorgeiam.*"

O dr. Arthur Neiva — o "catalisador de competências" como acertadamente o definiu o Frei Thomaz Borgmeier na homenagem biográfica com que celebrou o seu 60º aniversário natalício — o Dr. Neiva ainda escreve no belo prefácio estas palavras que são o maior premio que podia ambicionar o autor de PASSAROS DO BRASIL" e com as quais desejamos "fechar em ouro", estas modestas linhas de recebimento do volume, com que nos distinguiram os seus egregios editores: "Sem nenhum favor, a obra empreendida por Eurico Santos é das mais meritórias. Faculta aos interessados a visão panoramica de um mundo encantado que sempre exerceu sobre os brasileiros grande atração, pois me recordo que as observações de Euler, a respeito da vida das aves fluminenses, foram lançadas em rodapés de um vespertino carioca, A NOTICIA, chamando a atenção do seu numeroso público de então.

"Os arraiais onde assentam a inteligência, o amor ao Brasil, a educação do sentimento, o culto às coisas belas estão de parabens com a publicação dos trabalhos de Eurico Santos.

"Aprendem-se fatos novos e são recordadas coisas esquecidas. Das páginas de obras tão úteis reçuma, em cada capítulo, o acendrado amor à incomparável natureza de nossa pátria, como demonstra a presente, que tanto me desvanece prefaciar. Rio, 3-VI-39. *Arthur Neiva.*"

---

(1) Todos os artiguetes divulgados nestas paginas, sem assinatura, sobre os nossos passaros, em anos passados, são da lavra do noso editor que até tencionava reuni-los em folheto, o que não se realizou até hoje por falta de tempo...

(2) Os editores snrs. F. Briguiet, ofereceram á CHA. E QUI. *"Passaros do Brasil"*, grosso volume de 300 paginas ricamente ilustradas. Para auxiliar a difusão de tal volume adquirimos alguns exemplares para os nossos leitores, que os encontrarão na nossa livraria a rs. 30$ cada exemplar. Pelo correio, registrado, mais 2$000.

Figura 254 – Resenha de *Pássaros do Brasil*, publicada na revista *Chacaras e Quintaes*, v.62, n.5, p.591, 1940.

Transcrição de trecho da resenha: “Agora aparece Eurico Santos... E’ a luzidia coorte de adoradores das nossas aves em que se alista tambem, soltado raso, ou melhor “desconhecido” quem rabisca estas linhas, despertadas pelo recebimento do precioso livro PASSAROS DO BRASIL”.



48 O CAMPO JUNHO 1940

A bucha e a buchinha

(Respondendo a uma consulta)

A bucha é a fôfa cilíndrica dos botânicos. A propósito desse vegetal utilizável lê-se no "Dic. das Plantas Uteis do Brasil", de Pio Corrêa:

"Trepadeira lenhosa, alta, caules 5-angulosos; folhas longo-pecioladas, palmati-5-lobadas, raramente 7-lobadas (folhas aparecidas ou acomodadas), denteadas, ásperas nas duas páginas, verdescuras; flores amarelas com veios verdes, as masculinas dispostas em racimos axilares de 4-20, longo-pedunculados, e as femininas solitárias, geralmente nos mesmos axilos e com pedúnculo de metade do comprimento; fruto oblongo, até 15 cm. de comprimento, cilíndrico ou trígono, brutalmente adelgaçado no ápice, esverdeado com 10 linhas longitudinais mais escuras; sementes pretas, comprimidas ou pardo-claras, rugosas e longo com alo circundante. O fruto desta espécie tem as mais aplicações industriais e medicinais recomendadas para o da "L. aegyptiaca L.", sendo ainda mais vulgarizado e utilizado nos serviços domésticos, especialmente na lavagem da louça, substituindo os nomes de "esfregão", "lava-pratos" e "courge-torchon" que, respectivamente, lhes damos nós e os franceses, parecendo ainda que estão atualmente na fabricação de gasogenios para automóveis; como alimentos, porém, dá-se um mau reparo porque antes de completamente desenvolvido e somente após deceção e preparação com manteiga, sal e pimenta, mas supomos que no Brasil naturalmente venha entrar na alimentação humana. Sabe-se portanto desde o Guiana até S. Paulo e cultivada em todos os Estados. Syn.: B. dos Paraibanos, Fruta dos paulistas, Quiabo-de-angola; Syn. vulg.: Estrangeira, no Maranhão; Bradi-rumi e Bracale, na Italia; Luffa, dos ingleses, vulgarizado no Egito e nas Maldivas; Nóyau-pagliale e Pidalu, em Ceylão; Pétoir, dos franceses."

A buchinha é a "Luffa operculata", como se vê, planta do mesmo feitio e do mesmo genero até. Pio Corrêa, na obra citada, escreve:

"Trepadeira de caule 5-angulosos ou não; gavinhas simples ou bífidas, cremi-

Tosse?
ELIXIR DE MASTRUÇO
Bronquite?

Bucha (cápsulas de frutos) Buchinha

...dos e villosos; folhas longo-pecioladas, cordiformes-reniformes, angulosas ou 3-5-lobadas, um pouco espessa, verde-escuras na página superior; flores amarelo-pálidas, campanuladas, pequenas, axilares, tendo as femininas pedunculos de 2 cm. de comprimento; fruto oblongo, mole, pequeno, oposto e com nervuras ou saliencias angulosas e sementes; comprido, comprimidas, com as margens regulares, sem alas. Os frutos exercem o principio ativo

"buchinha", que é uma substancia amarga solubilissivel, que tem posto ter vermifuga e a polpa é doce, amarga, laxativa mando os mucosos pois que tenha contra-ste. Depois de secos tornam-se as frutas um pequeno crucifero, purgativo, vomitivo e hidrogogo, de longe empregado contra o hidropsia, clorose, amenorreia, ictiricia, oftalmias, coricos e moléstias hepaticas, mas aqui ficaremos neste bastante curioso, porquanto frequentemente provocam dejeções fortissimas e acompanhadas de nausea e graves colicas; são considerados vulgarissimos dos do "Mamoeiro elatorium L.". A velocidade operativa-se contra purgativo para as aves domesticas. Tem a vantagem "intermedia", Guiana até ao Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiaz e Matto Grosso. Syn.: Abobrinha do mato, Bucha dos paulistas, Cabacinha, no Amazonas e no Ceará; Cabacinha, Purga de João Pais, em S. Paulo, P. dos paulistas.

Pássaros do Brasil
EURICO SANTOS
Belo volume com 300 paginas, muitas illustrações e interessantes. Vida e costumes dos pássaros do Brasil.
Obra magnifica - Preço 30$000
Pedidos ao "O CAMPO"

Raiz de Bugre
(MARCA REGISTRADA)
RAIZ DE BUGRE transforma o animal magro e feio, em boys robustos e vigorosos, de pelle lisa e sedosa.
PREÇO DA LATA 35000
PELO CORREIO 45000
Pedidos á FLORA MEDICINAL
- de -
J. MONTEIRO DA SILVA & C.
Rua São Pedro, 88 - Rio de Janeiro
PEÇAM CATALOGOS

Figura 255 – Primeiro anúncio de *Pássaros do Brasil* na revista *O Campo*, n.126, 1940, p.48.



JULHO 1940 O CAMPO 35

"Pássaros do Brasil"

Acaba de aparecer sob o titulo acima [illegible] "Pássaros do Brasil".

O volume que possue de cerca de 300 páginas contendo magnificas colorações onde os pássaros se mostram em suas côres naturais.

Todos os passaristas brasileiros, que o povo conhece pelos nomes vulgares, e são descritos e contados em particularidades de sua vida.

Foi, no realizado, um grande encanto aos passaros os pássaros desta obra — o "Rei Sacrificado" aos crianças, romantico canto de tucanos, pequena onde pequeno o rato de melhores informações sobres.

A [illegible] com [illegible] o assunto foi tratado pequeno e com um numero de biografias consecutivas que o leitor passará sem [illegible] com curiosidade.

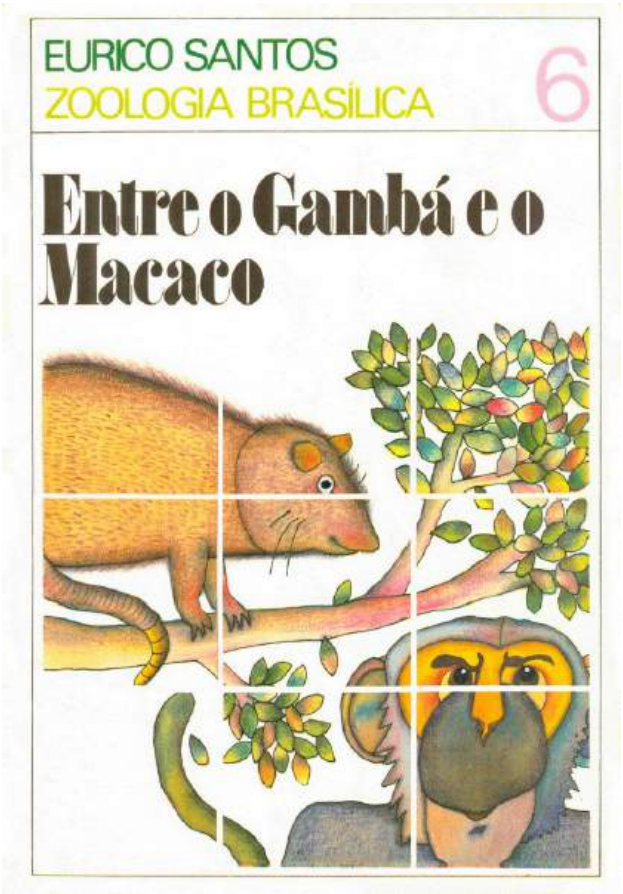
Os que se interessam pelas ciencias naturais, e muito particularmente os amadores de passaros terão ensejo de conhecer a vida de todo o passarinho.

Trabalho de biologia, o autor não se esqueceu de outros [illegible] [illegible] [illegible]



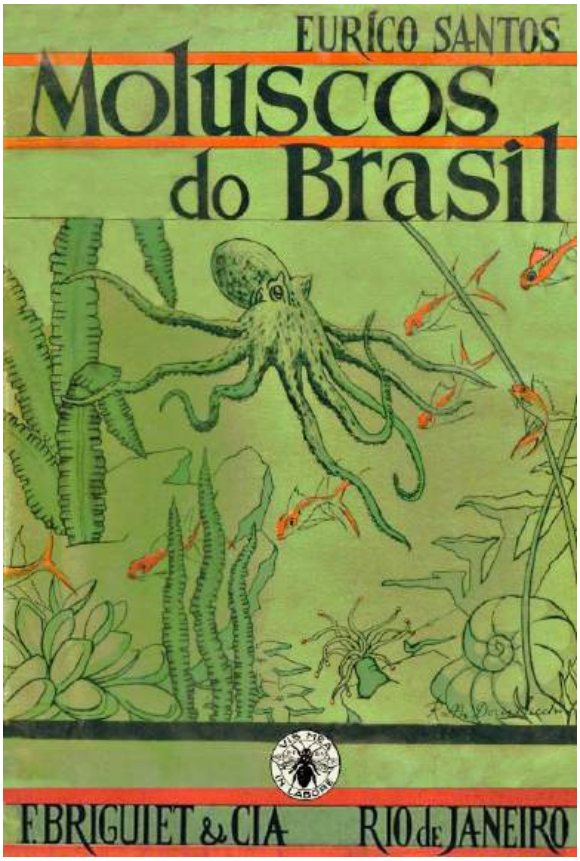
Transcrição de trecho do livro: “Mamíferos que voam, que se dão ao luxo de se locomoverem pelo espaço, imitando as aves, poucos existem e se fôssemos rigorosos na definição do vôo, só os *morcêgos* estariam incluídos em tal grupo” (Santos, 1945, p.25).

Figura 257 – Capa de *Entre o gamba e o macaco*, 1945, publicado por F. Briguiet & Cia. Desenhos de Marian Colonna. Inclui quatro pranchas coloridas.



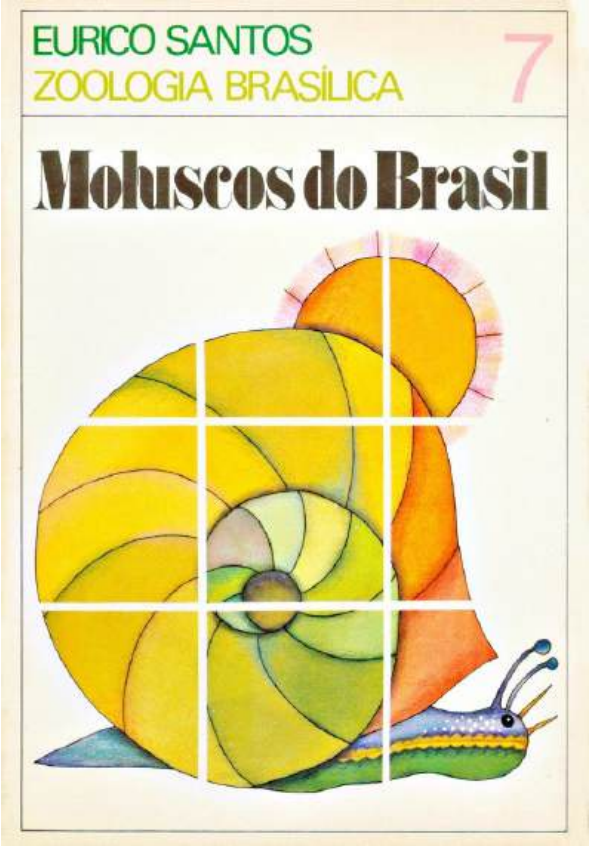
Transcrição de trecho do livro: “Incontestavelmente, são os antropóides, os seres mais semelhantes ao homem em todo o domínio da vida animal. É por este motivo que os macacos sempre são por nós outros contemplados com curiosidade, muito natural de quem olha par um parente remoto e desconhecido” (Santos, 1984, p.47).

Figura 258 – Capa de *Entre o gamba e o macaco*, 1984, 2 ed., publicado pela Itatiaia. Capa de Branca de Castro. Desenhos de Yvonne Demonte. Inclui 16 pranchas coloridas.



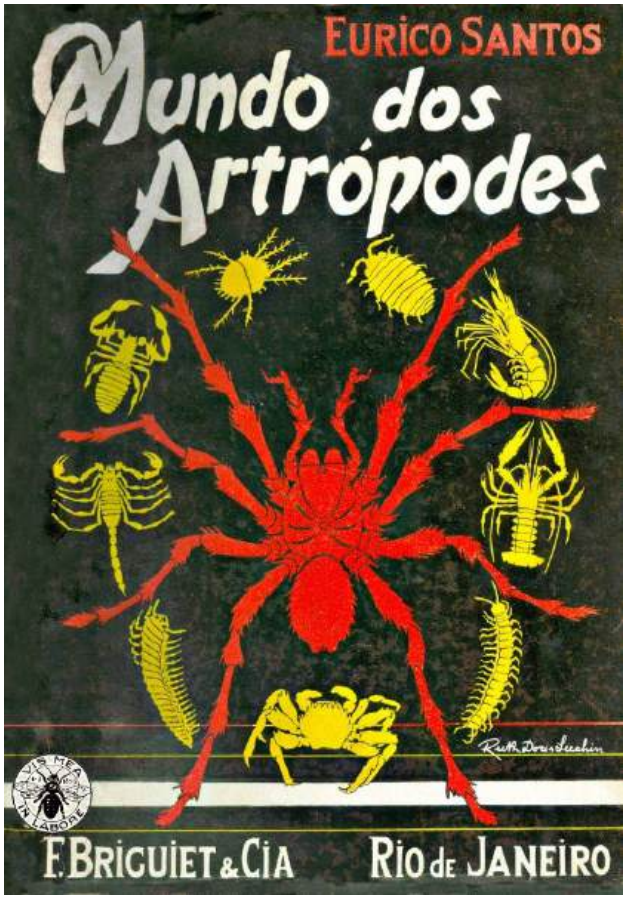
Transcrição de trecho do livro: “O volume presente, em que nos entreteremos com os representantes do filo dos moluscos, oferecerá à curiosidade do leitor um sem número de fatos relativos à vida de criaturas que parecem desprezíveis e desinteressantes, mas que ao invés disso são extraordinariamente originais. [...] os amores silenciosos dos caracóis, os horripilantes banquetes dos polvos [...] e os mistérios das pérolas...”
(Santos, 1955, p.6).

Figura 259 – Capa de *Molusco do Brasil*, 1955, publicado pela F. Briguiet & Cia. Desenhos de Ruth Doris Secchin. Inclui duas pranchas.



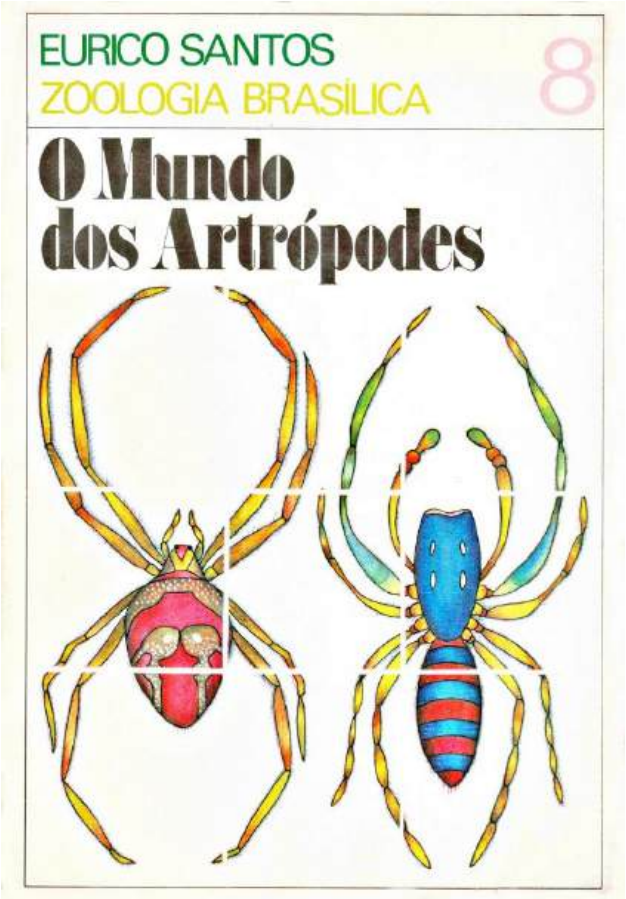
Transcrição de trecho do livro: “Todas estas manifestações da natureza viva evocaremos nestas páginas, numa récita de gala para os humildes criaturas do mundos dos moluscos, tão dissímil[147] que encerra a mal-aventurada lesma e se orgulha em possuir a encantadora pérola, que é a pérola das jóias”
(Santos, 1982, p.11).

Figura 260 – Capa de *Moluscos do Brasil*, 1982, 2 ed., publicado pela Itatiaia. Capa de Branca de Castro. Desenhos de Ruth Doris Secchin e José Soares. Inclui oito pranchas.



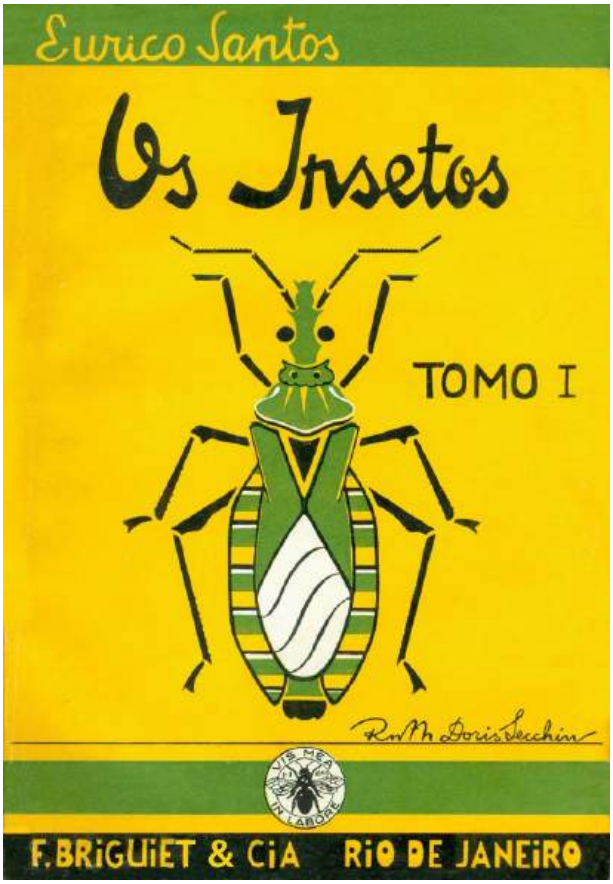
Transcrição de trecho do livro: “A palavra *artro*, que dizer articulação e *podos* significa pés, daí artrópodes. Um zoólogo diria que os artrópodes são metazoários de simetria bilateral, metamerizados e de segmentação heterônoma. Certíssimo, sem dúvida, mas algo técnico para divulgação”
(Santos, 1959, p.7).

Figura 261 – Capa de *O mundo dos artrópodes*, 1959, publicado pela F. Briguiet & Cia. Desenhos de Ruth Doris Secchin. Inclui cinco pranchas.



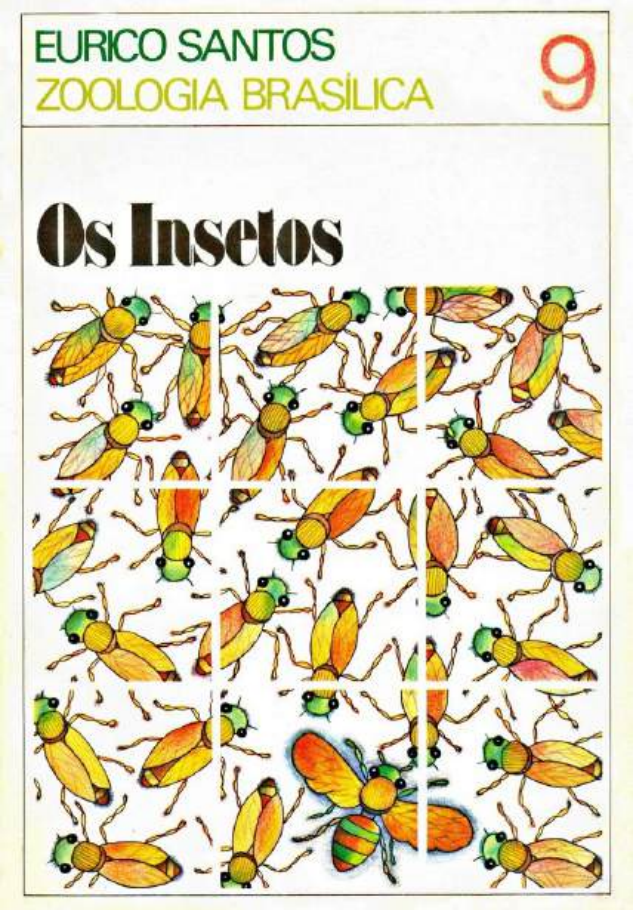
Transcrição de trecho do livro:
“Este caso vulgar entre as aranhas, das fêmeas, durante o acasalamento, ou pouco depois, devorarem os machos, acontece igualmente com escorpiões e os louva-deus. Se isso está entre os planos por vezes incompreensíveis da natureza, o certo é que, esta mesma natureza, cria meios para que, não lhe contrariando os propósitos, o macho possa chegar ao ato final, que é uma necessidade, sem ser vítima da conjugicida”
(Santos, 1982, p.41-42).

Figura 262 – Capa de *O mundo dos artrópodes*, 1982, 2 ed., publicado pela Itatiaia. Capa de Branca de Castro. Desenhos de Ruth Doris Secchin e Eraldo Faria. Inclui oito pranchas.



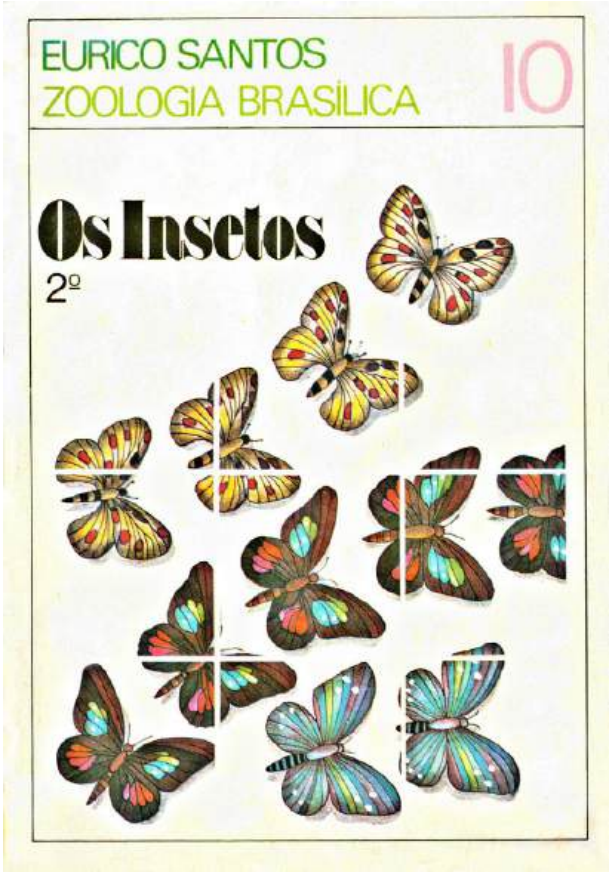
Transcrição de trecho do livro: “Como obra popular, o presente ensaio é realmente um dos mais vultosos a respeito dos nossos insetos e ainda assim muito ficou para dizer, o que outros mais tarde de certo o farão com mais autoridade que nós. [...] Este nosso trabalho, diante da grandeza do mundo dos insetos, não passa de insignificante ensaio, uma esforçada tentativa de tornar mais acessível o estudo da entomologia entre aqueles que, não se desejando especializar, também não querem ficar totalmente alheios a tão atraente ramo do conhecimento humano”
(Santos, 1961, p.5).

Figura 263 – Capa de *Os insetos*, tomo I, 1961, publicado pela F. Briguiet & Cia. Desenhos de Ruth Doris Secchin e Bruno.



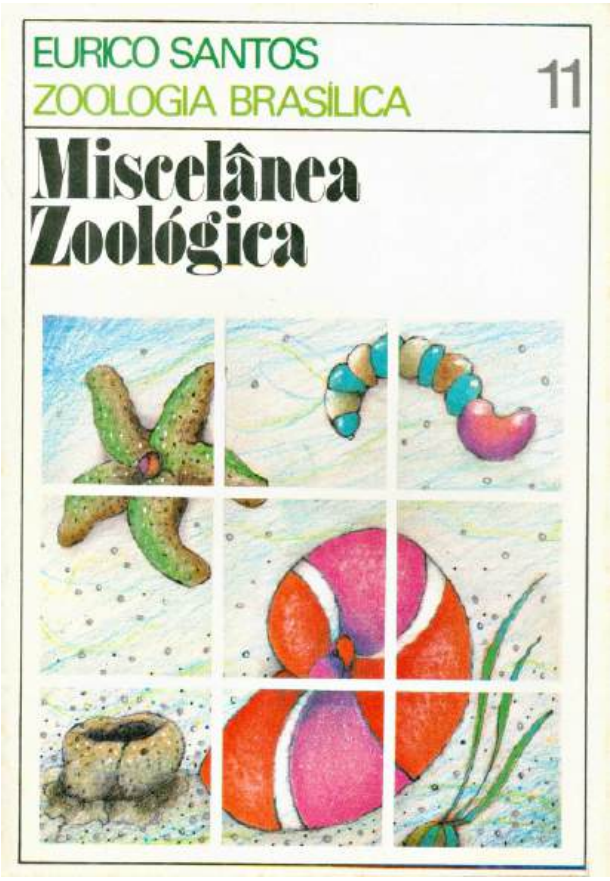
Transcrição de trecho do livro:
“A magríssima *família* dos bichos-pau.
A curiosa singularidade desta *ordem* prende-se ao fato de seus representantes parecem gravetos, hastes, ramúsculos secos e não insetos. Tanto isso representa aspecto incontestável que o povo os conhece sob o nome de bichos-pau, bichos-de-pau, taquarinhas, a par de outros nomes” (Santos, 1985, p.68).

Figura 264 – Capa de *Os insetos*, tomo I, 1985, 2 ed., publicado pela Itatiaia. Capa de Branca de Castro. Desenhos de Ruth Doris Secchin e José Soares. Inclui oito pranchas.



Transcrição de trecho do livro:
"Nossa gente conquanto adore cães e gatos e escute com encantamento os pássaros da gaiola, não nos parecia se desmandar, em matéria de curiosidade, pela bicharada e seus costumes" (Santos, 1985a, p.7).

Figura 265 – Capa de *Os insetos*, tomo II, 1985, publicado pela Itatiaia. Capa de Branca de Castro. Desenhos de J. Nunes, Mirian Colona e Ruth Doris Secchin. Pranchas dos Irmãos Demonte. Inclui 17 pranchas.



Transcrição de trecho do livro: "Terminamos com o presente volume a nossa 'Zoologia Brasílica'. É a hora da cerveja preta, com que, carapinas e alvanéis comemoram o assentamento do último andar de um edifício, que eles, com esforços e canseiras, levantaram" (Santos, 1987, p.9).

Figura 266 – Capa de *Miscelânea Zoológica*, 1987, 2 ed., publicado pela Itatiaia. Capa de Cláudio Martins. Desenhos de J. Nunes, Mirian Colona e Ruth Doris Secchin. Pranchas de Yvone Demonte. Inclui 16 pranchas.

Sobre *Miscelânea zoológica*, “deixemos que o Autor, com a modéstia que em vida foi sempre seu apanágio, fale do término de sua magistral Zoologia Brasílica em 11 volumes”:

> Terminamos com o presente volume a nossa *Zoologia Brasílica*. E a hora da cerveja preta, com que, carapinas e alvanéis comemoram o assentamento do último andar de um edifício, que eles, com esforços e canseiras, levantaram. Esta *Zoologia Brasílica*, da qual entregamos agora ao público o decimo primeiro e último volume, não se pode considerar nem compêndio e ainda menos tratado de Zoologia, porque se afasta de ambos, na feitura didática e nas intenções modestíssimas do autor, que é apenas a da divulgação popular. Entretanto, como o título da obra dá a entender que a matéria abrangerá toda a disciplina e como nos dez volumes anteriores s6 tratemos de moluscos, artrópodes e vertebrados, os filos superiores do reino animal, era indispensável, para que o texto se ajustasse ao título da obra, que constasse dele os demais filos, que, em seu conjunto, constituem assunto da Zoologia. Como para o grande público estes filos oferecem menor interesse, julgamos que bastaria cuidar deles, mais ligeiramente, enfeixando-os num so volume, sob o título *Miscelânea*, que ficará como remate desta nossa modesta divulgação (Santos, 1987, p.9).

3

AS EDITORAS DAS OBRAS DE EURICO SANTOS

O 'controle da natureza' é uma frase que exprime arrogância, nascida na Neanderthal da biologia e da filosofia, quando se supunha que a natureza existisse para a conveniência do ser humano. Os conceitos e as práticas da entomologia aplicada datam, em sua maior parte, da Idade da Pedra da ciência. Nossa preocupante tragédia é que uma ciência tão primitiva tenha se armado com as mais modernas e terríveis armas, e que, ao voltá-las contra os insetos, tenham-nas voltado também contra a Terra" [148].

Rachel Carson (1907-1964)
Bióloga marinha e escritora

3.1. EDITORAS, DIREITOS AUTORAIS E PUBLICAÇÕES

"Aos autores de obras literárias e artísticas é garantido o direito exclusivo de reproduzi-las, pela imprensa ou por qualquer outro processo mecânico. Os herdeiros dos autores gozarão desse direito pelo tempo que a lei determinar".

BRASIL[149]

3.1.1. F. BRIGUIET & CIA.

A casa editorial F. Briguiet & Cia. foi fundada em 1880, no Rio de Janeiro, por Ferdinand Briguiet — um dos assistentes de Baptiste-Louis Garnier (1823-1893)[150] —, que decidiu estabelecer-se por conta própria no mercado de livros ao adquirir a livraria de Lachaud, na Rua Nova do Ouvidor. A F. Briguiet & Cia. tornou-se uma das mais importantes casas editoriais do Brasil no século XIX, publicando uma grande variedade de obras de literatura, história, ciência e educação — livros didáticos, por exemplo, o *Geographia-atlas do Brazil e das cinco partes do mundo* (1912), obtendo apoio do governo e subvenção para investir em livros que construíssem a imagem nacional. A editora também foi um importante agente de divulgação da cultura brasileira no exterior. Encerrou suas atividades em 1930. No entanto, seu legado continua sendo importante fonte de informação e cultura. Em 1934, a F. Briguiet & Cia. — que possuía uma pequena rede de distribuição e destacava-se na importação e comercialização de títulos e autores franceses, alemães, ingleses e italianos — adquiriu a Garnier (Fig. 267). Na década de 1950, a F. Briguiet & Cia. foi comprada pela Difusão Europeia do Livro - Difel — de capital suíço e português — e, mais tarde, em 1973, grande parte do seu acervo foi comprado pela Editora Itatiaia — incluindo os contratos firmados com o escritor Machado de Assis (Borges, 2019; Granja, 2018; Hallewell, 2005; Menezes, 2023; Moreira, 2011).

A F. Briguiet & Cia. publicou cinco edições do primeiro livro de E.S. — *Manual do amador de cães*, lançado em 1927 e incorporado à coleção *Vis mea in labore*[cvi] quando republicado pela Itatiaia. —, o *Manual do lavrador brasileiro* (1944), nove volumes da coleção

[cvi] *Vis mea in labore* significa "Minha força está no trabalho", de acordo com o *site* MyMemory by translated LABS [Acesso em 19 jul. 2023]. O *site* Migalhas [Acesso em 19 jul. 2023] destaca que a expressão "A minha força (está) no trabalho" era o "lema da antiga Livraria Briguiet (Rio de Janeiro)".]. De acordo com o Bard [Acesso em: 19 jul. 2023], "a expressão [...] significa 'Minha força está no trabalho'. É uma frase de encorajamento para lembrar que a força e a realização vêm do trabalho duro e da dedicação [...]. Ela foi usada pela primeira vez pelos romanos, que acreditavam que o trabalho era uma virtude".De acordo com a Gemini [Acesso em 1 nov. 2024]: Tradução literal: "Minha força está no trabalho". Significado: Essa frase latina expressa a ideia de que a força, a energia e a realização pessoal de alguém provêm do trabalho árduo e dedicado. É uma afirmação de que o esforço e a dedicação são os pilares para alcançar o sucesso e a satisfação pessoal.

Zoologia Brasílica (1938-59), dois volumes da coleção *Vis mea in labore* (1945 e 1955) e *Caças e caçadas* (1950).



Figura 267 – Nota explicativa publicada no Catálogo Geral das Edições F. Briguiet & Cia. (1940) sobre a compra da Garnier.

3.1.2. ITATIAIA

A Itatiaia foi uma das mais importantes editoras brasileiras da segunda metade do século XX. Fundada em 1954, a casa assumiu lugar de protagonismo e prestígio, editorial e livreiro, em Minas Gerais, quando o cenário nacional se concentrava no eixo Rio-São Paulo. O nome “tipicamente mineiro” escolhido para editora foi uma homenagem ao “Pico do Itatiaia” (Pico das Agulhas Negras), situado na Serra da Mantiqueira, no Parque Nacional do Itatiaia[151]. Descobriu-se, depois, que o pico fica no estado do Rio de Janeiro. Ao longo de seis décadas, firmou-se pela publicação de clássicos — em especial, Kafka, *Guerra e Paz*, de Tolstói, Miguel de Cervantes, Goethe, Flaubert e Victor Hugo —, pela qualidade da literatura infantil — com coleções inteiras de Júlio Verne, Hans Christian Andersen, La Fontaine e irmãos Grimm — e preocupação com as estéticas dos livros editados. Abrigou em seu catálogo autores como Câmara Cascudo, Eça de Queirós, Mário de Andrade e Machado de Assis, além de escritores mineiros. A Itatiaia também incorporou as editoras Jacson, Villa Rica e Martins, e investiu em outras áreas do conhecimento, como a zootecnia, a etnografia e a zoologia de E.S., além dos viajantes naturalistas, como Spix e Martius (Borges, 2019; Hallewell, 2005; Ribeiro; Vinícius, 2019).

A Itatiaia passou a republicar a obra de E.S. em 1976, bem como a publicar livros inéditos deixados por ele, como *Nossas Madeiras* (1987), *Pesca e psicultura* (1977 e 1985), *Os insetos v. II* (1985) e *Miscelânea zoológica* (1987), encerrando, com estes dois, a obra máxima do autor: a coleção de onze volumes *Zoologia Brasílica*: "Terminamos com o presente volume a nossa 'Zoologia Brasílica'. É hora da cerveja preta, com que, carapinas e alvanéis comemoram o assentamento do último andar de um edifício, que eles, com esforços e canseiras, levantaram" (Santos, 1987a, p.9). Inicialmente, a intenção era publicar a obra de E.S. revisada (Fig. 268), mas os editores foram persuadidos a não o fazer:

> Nosso intuito primeiro era a atualização de toda a obra, ideia logo posta de lado, depois da consulta que fizemos ao Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo. Seria temerário mexer no texto por não se tratar de obra cientifica, porém de grande valor por ser a única do gênero com miríades de informações, utilizada por professores e alunos daquela Universidade. Sentimo-nos gratificados com a receptividade que o nosso trabalho gráfico e editorial vem recebendo não só público brasileiro como do exterior traduzidos em pedidos de entidades cientificas de todo o mundo, acentuadamente dos Estados Unidos. [...] A Editora sempre com o maior cuidado vem respeitando o texto do Autor, apenas enriquecendo a parte iconográfica com modernas ilustrações a cores dos irmãos Demonte. Artistas reconhecidos mundialmente por seu trabalho para instituições internacionais os três irmãos aceitaram a tarefa de refazer toda a iconografia a cores para esta obra de Eurico Santos, sendo este o terceiro volume ilustrado por Yvonne Demonte (Itatiaia, 1987 *apud* Santos, 1987a, segunda orelha).

Em 2018, a Itatiaia teve todo o seu acervo e um estoque estimado em um milhão de livros adquiridos pelos irmãos Teles — proprietários da Livraria Leitura (Borges, 2019). Na semana de 22 a 28 mar. 2021, "a 'Itatiaia-Garnier' ganhou destaque na Lista dos Mais Vendidos do *PublishNews* ao emplacar sete títulos — todos clássicos em domínio público (Neto, 2021)[152]. Em 2023, o Grupo *On Line* Editora (Instituto Brasileiro de Cultura Ltda. - IBC) adquiriu a Itatiaia (mensagem pessoal)[153].

O primeiro tratado internacional a proteger a criação intelectual foi a Convenção para a Proteção das Obras Literárias e Artísticas — também conhecida como Convenção de Berna —, apresentada em 9 set. 1886, passando, a partir daí, por revisões periódicas. O Brasil aderiu[154] à convenção durante a Semana de Arte Moderna (1922), promulgando-a[155] quatro meses depois. O Código Penal de 1890[156] definiu os "crimes contra a propriedade litteraria, artistica, industrial e comercial" e a Lei 496[86] criou, em 1898, conjunto de regras de defesa da propriedade intelectual.

> Os direitos de autor de qualquer obra litteraria, scientifica ou artistica consistem na faculdade, que só elle tem, de reproduzir ou autorizar a reproducção do seu trabalho pela publicação, traducção, representação, execução ou de qualquer outro modo. A lei garante estes direitos aos nacionaes e aos estrangeiros residentes no Brazil [...] (Brasil, 1898)[157].

A Lei 496 ficou conhecida como “Lei Medeiros e Albuquerque” — em homenagem ao seu relator; garantia direitos de brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil e considerava o registro da obra, feito na Biblioteca Nacional, uma formalidade constitutiva do Direito Autoral. A obrigatoriedade do registro vigorou pelo período de 1898-1917, permitindo o controle sobre a contagem de tempo para os efeitos do Domínio Público, condição na qual a utilização da obra pode ser feita por qualquer pessoa, sem a necessidade de autorização do autor, esgotado o prazo de proteção dos direitos no decurso de 50 anos desde a publicação. Nessa época, o país contava com reduzido número de autores e “de casas editoras” (Mooc Fiocruz, 2024 [158]; Oliveira e Silva, 1968, p.56). A Constituição de 1891 garantiu aos autores a exclusividade de exploração das obras protegidas por direitos autorais. O Código Civil de 1916[159] também apresentava um capítulo dedicado à propriedade literária, científica e artística.

Foi sob esse ordenamento jurídico que E.S. publicou sua obra. Contudo, não foram encontrados contratos firmados entre ele e as editoras Briguiet & Cia. e Itatiaia. No caso da segunda, informou que os direitos sobre os livros de E.S., das coleções *Vis Mea in Labore* e *Zoologia Brasílica*, “são de propriedade da [editora] Villa Rica[160]”, que E.S. não teria destinado seus direitos — autoral e patrimonial — a nenhum parente e que o acervo da Itatiaia havia sido adquirido pelo Instituto Brasileiro de Cultura Ltda. (mensagem pessoal)[161]. Contactado, o presidente do instituto prontificou-se a buscar documentação pertinente a E.S. (mensagem pessoal)[162]. Cobrado, informou: “no arquivo que recebemos [...] não localizamos material para lhe fornecer” (mensagem pessoal)[163] .

Considerando os argumentos do deputado federal Lopo Coelho (1911-1984) — da Aliança Renovadora Nacional - Arena —, apresentados à Câmara dos Deputados, por meio do Projeto n. 4.708 de 1954, para aumentar os proventos de aposentadoria de E.S., fica a interrogação sobre os rendimentos por direitos autorais[cvii] auferidos por ele — ou herdados pelos irmãos, Nilo[164] e Eurídice[165], falecidos em 1978 e 1990, respectivamente — nos termos da legislação vigente na sua época.

> Pois bem, é este homem devotado à ciencia, este extraordinário e incansável trabalhador intelectual, cujos estudos e trabalhos, são conhecidos não só entre nós como no estrangeiro, onde são sempre louvadamente citados, que ao alcançar a idade limite foi aposentado compulsoriamente com vencimentos insignificantes. Não seria justo que se deixasse em tão precária condições, já na velhice, um cidadão que viveu para o trabalho, para o culto das coisas do Brasil, para a divulgação da vida de nossas aves, peixes, mamíferos, arvores, etc., e cujas obras valiosas enriqueceram a ciencia e dignificaram a cultura desse país, levando-a além Atlantico e ao Setentrião americano a todos os meios onde se cultiva o saber, a todos os centros cientificos do mundo (Coelho, 1954 *apud* Brasil, Câmara dos Deputados, 1954, p.4).

[cvii] Lei n. 496/1898: “Art. 6º Na ausencia de contracto de edição, legalmente feito, presume-se sempre que o autor está na inteira posse de seus direitos. Aquelle que sem esse contracto, sejam quaes forem as allegações que fizer, publicar qualquer obra, deve ao autor uma indemnisação nunca inferior a 50 % do valor venal da edição completa”.

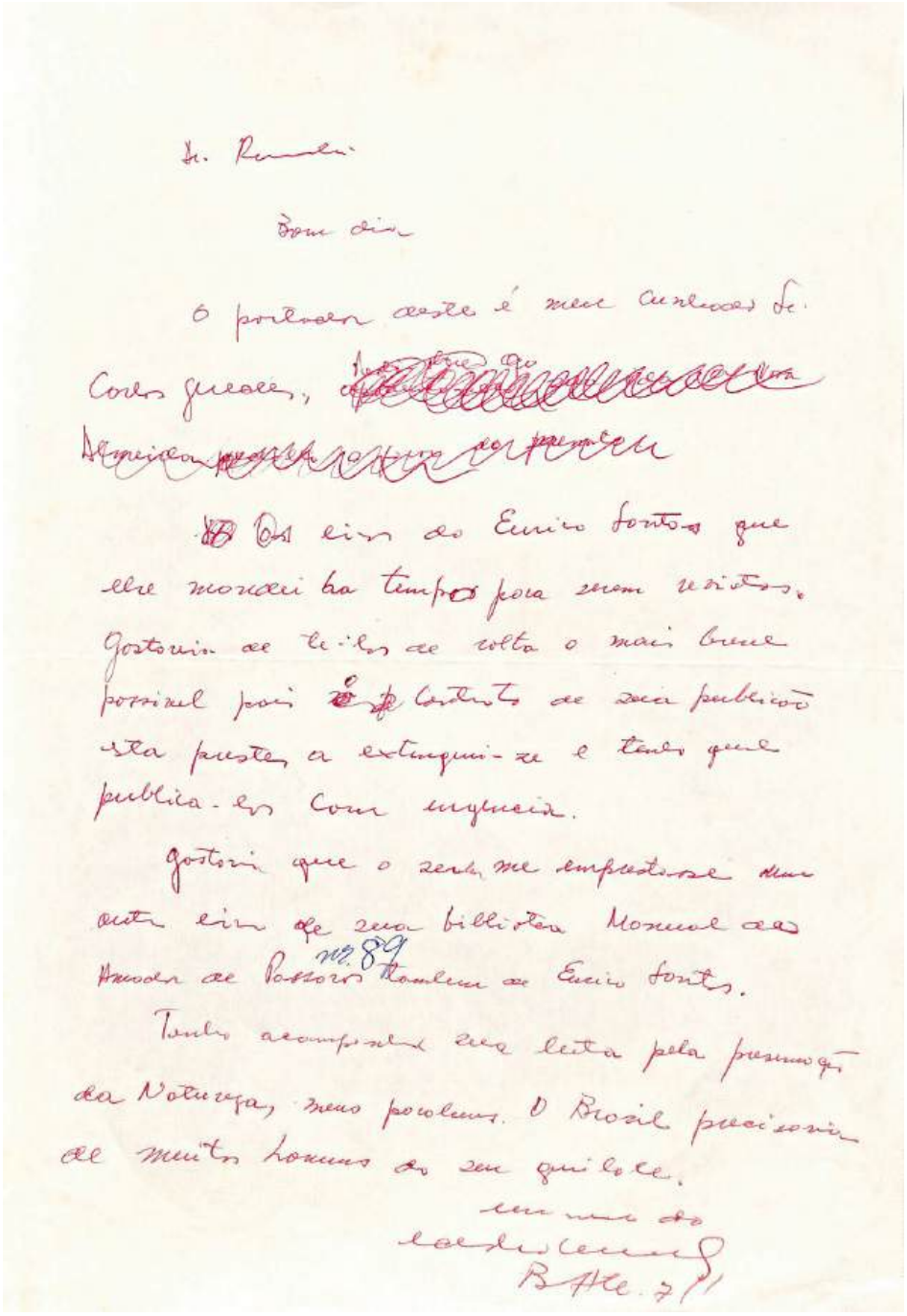


Figura 268 – Transcrição do bilhete: “Sr. Ruschi, Bom dia O portador deste é meu cunhado Sr. Carlos Guedes, [rasura] Os livros do Eurico Santos que lhe mandei ha tempos para serem revistos. Gostaria de te-los de volta o mais breve possivel pois o contrato de sua publicação esta prestes a extinguir-se e tenho que publica-los com urgencia. Gostaria que o senhor me emprestasse um outro livro de sua biblioteca Manual do Amador de Passaros tambem de Eurico Santos. Tenho acompanhado sua luta pela preservação da Natureza, meus parabéns. O Brasil precisaria de muitos homens do seu quilate. [...] do Edson Moreira[cviii] Bhte. 7/1” [197-]. A anotação “nr.89”, em azul, foi feita por Augusto Ruschi (1915-1986). O bilhete original compõe o acervo do Arquivo Augusto Ruschi, do Museu de Biologia Mello Leitão, que integra a estrutura do Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA), unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

[cviii] “Desde que fundada, em 1954, pelos irmãos Pedro Paulo e Edson Moreira, a casa [editora Itatiaia] assumiu lugar de prestígio e protagonismo no âmbito do cenário editorial e livreiro de Minas Gerais” (Ribeiro; Vinícius, 2019, p.66).

3.1.3. SERVIÇO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

"Comunicação rural é o conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre ele e os demais da nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida rural".

J. D. BORDENAVE[166]

A organização do "Ministerio dos Negocios da Agricultura, Indústria e Commercio" em 1906 — a partir da reestruturação da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas de 1860, que integrava a estrutura do Gabinete do 2º Império —, incumbiu-o de cuidar das "informações, propaganda, publicidade e divulgação de tudo quanto interessar á agricultura, industria e commercio no interior e no exterior", "museu e biblioteca". Em 1909, foi criada a Seção de Publicações e, vinculados a ela, a Biblioteca e o *Boletim do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio* — publicado mensal ou quinzenalmente, reunindo os atos expedidos pela pasta, artigos originais elaborados pelo pessoal das repartições técnicas, artigos, notícias e informações extraídas de instituições científicas e outros relativos à propaganda e à divulgação dos conhecimentos destinados à lavoura, à indústria e ao comércio. A seção passou a se chamar Serviço de Informações e Biblioteca em 1910[cix] — suas atribuições foram ampliadas e passaram a compreender a solicitação de materiais sobre os serviços das repartições a fim de completar o repositório de informações do ministério; a coleta de dados estatísticos sobre a produção, consumo, mercados internos e externos, estoques de produtos, previsão de colheitas, épocas de safra e outros temas; o fornecimento de informações requisitadas por instituições oficiais ou por particulares; a distribuição das publicações, de forma gratuita e sistemática, a órgãos públicos, bibliotecas e pessoas interessadas; e a remessa de exemplares para fora do país, realizada por intermédio da Comissão de Expansão Econômica —, Serviço de Informação e Divulgação em 1911 e Serviço de Informação em 1915 — ao qual foi dada novas atribuições, tal como o fornecimento semanal, à imprensa do Rio de Janeiro e de todas as capitais, do resumo telegráfico das cotações e dos estoques dos principais gêneros de importação e exportação. O Serviço de Informações enfrentou algumas dificuldades na execução de suas atividades por não possuir tipografia própria, que passou a ter em 1924, a partir de quando foram publicados livros, folhetos, mapas e calendários sobre diversos assuntos, e atendidas solicitações de outras

[cix] Em 1910 também foi criada, no "Districto Federal", a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, com a finalidade de formar engenheiros agrônomos e médicos veterinários (Brasil, 1910).

estruturas da pasta da Agricultura, Indústria e Comércio. Em 1928, por exemplo, o Serviço de Informações foi responsável pela distribuição gratuita de 150 mil itens de publicações. A eficácia da divulgação "de ensinamentos agrícolas e dos 'modernos' métodos de lavoura por meio dessas publicações" era criticado devido ao alto índice de analfabetismo entre a população rural, crítica rebatida, em certa ocasião, pelo então ministro Ildefonso Simões Lopes (1866-1943) : "[o trabalho desenvolvido não se dirigia] ao agricultor, em absoluto, ignorante, a quem nada aproveitaria, e sim [...] aos que administram fazendas, e seus feitores, aos proprietários de estabelecimentos agrícolas e seus prepostos". Aos agricultores — analfabetos e ignorantes — era dirigida "a propaganda oral, exercitada por professores ambulantes e a propaganda com a aplicação prática" realizada nos campos de demonstração, estações experimentais, postos zootécnicos e aprendizados agrícolas, nos termos do projeto ministerial construído desde 1909. O ministério buscava catequizar para a importância da modernização da agricultura e da diversificação da produção por meio de uma agricultura baseada em preceitos científicos, com a exploração racional dos recursos naturais do país e mesmo a sua conservação. Contava com a colaboração da Sociedade Nacional de Agricultura - SNA e, mais tarde, da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural - ABCAR[cx], para mediar a informação tecnológica entre produtores rurais. Nessa época, surgiram revistas agrícolas como *A Lavoura* — fundada em 1897 pela SNA — *O Fazendeiro (*1908), *Chácaras e Quintais* (1909), *A Fazenda* (1910) *O Campo* (1930) as quais, como o *Boletim do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio*, contavam com a colaboração de cientistas ligados a instituições governamentais que, desse modo, ampliavam seu público leitor e legitimavam seu papel social (Caiado, 1995; Camargo, 2020; Dicionário da Administração Pública Brasileira, 2016; Nocetti, 1978; Pinto, 2015; Silva e Mello; Miranda de Sá, 2018).

> A propaganda dos métodos racionais na agricultura, está entregue ao Serviço de Informação Agrícola. A tarefa é por demais estafante e impõe uma ação contínua e eficiente. Ao S. I. A. cumpre levar ao lavrador, onde quer que, pachorrentamente, ele se encontre, o que, de preferência, deverá plantar; como deverá fazê-lo e como poderá industrializar, ao máximo, o produto do seu labor Para atender a esses encargos, o Serviço de Informação Agrícola conta com as secções de In formação, de Documentação e um Gabinete de Cinematografia, alem de correspondentes, nos Estados, que exercem essas funções sem prejuízo das que lhes são próprias, como funcionários de outros serviços. Como se pode notar facilmente o S. I. A. age em um ambiente muito acanhado, impróprio para as suas altas finalidades. Racionalizar os métodos agrícolas não é coisa que se possa operar sem dificuldades enormes. O agricultor, ao contrário do industrial, resiste a toda a sorte de inovações. Aliás, essa qualidade não é exclusiva do lavrador nacional. Em todos

[cx] A ABCAR oferecia crédito agrícola para a aquisição e implementação de novas tecnologias, surgindo, a partir dela, a figura do extensionista rural. "A extensão rural, ou assistência técnico-educativa, fortaleceu a tarefa persuasiva-comunicativa e reduziu custos de produção e distribuição de informação agrícola" (Pinto, 2015). O Decreto n. 75.373, de 14 fev. 1975, criou a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural - Embrater em substituição a ABCAR (Brasil, 1975).

> os paises do mundo, enquanto o Estado não se decide intervir energicamente, os métodos agrícolas obedecem, tão somente, ao empirismo. Assim foi na Alemanha, Estados Unidos da América do Norte, França, Itália, etc. (Magalhães, 1941, p.73).

O Serviço de Informações manteve-se com esse nome até 1930, ano em que foi transferido para o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Em 1931, foi extinto, passando suas funções para o Departamento Nacional do Comércio. Na reorganização do Ministério da Agricultura, em 1933, foi criada a Diretoria de Estatística e Publicidade que, por sua vez, voltou a ser chamada de Serviço de Informação Agrícola em 1940 cujas principais responsabilidades eram a coleta, coordenação, guarda e publicação de textos e dados relacionados às atividades do ministério, elaboração de anais e relatórios anuais, e a execução de trabalhos cinematográficos para promover informações agrícolas, especialmente direcionadas a lavradores e criadores. Nova alteração em 1944, ano em que passa a ser Serviço de Documentação do Ministério da Agricultura, reassumindo, em 1947, o nome anterior: Serviço de Informação Agrícola - S. I. A. (Brasil, 1940; Caiado 1995; Camargo, 2020; Dicionário da Administração Pública Brasileira, 2016; Nocetti, 1978).

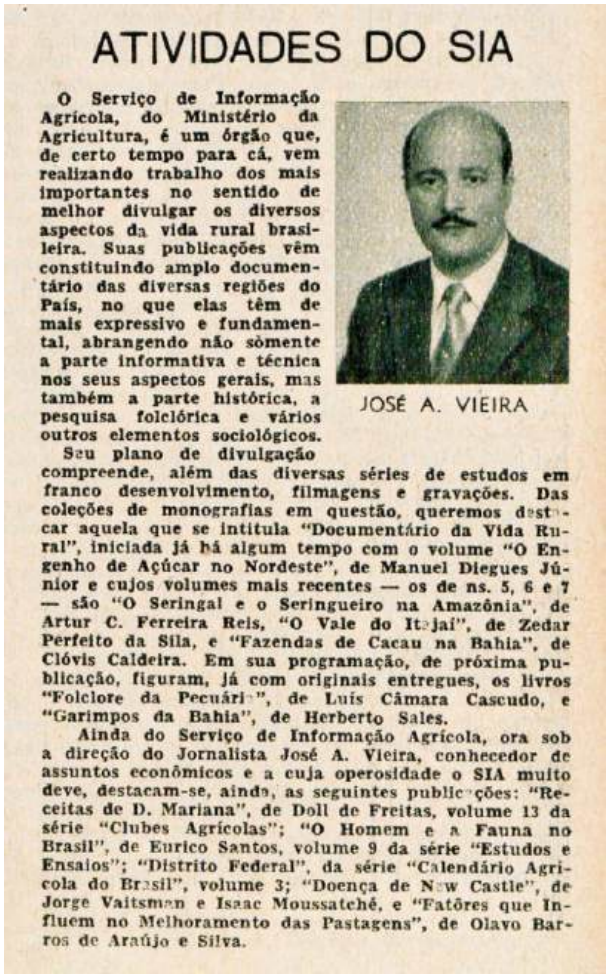
> Instalado em 1940, o Serviço de Informação Agrícola tem evoluído animadoramente, embora, por falta de maiores recursos, ainda não conseguisse levar às populações do interior, em extensão e profundidade, os beneficios da difusão dos ensinamentos, conselhos e orientação dos técnicos e das autoridades. Mesmo assim, a obra do S.I.A. é bastante apreciada por quantos a conhecem ou dela se têm valido. ...]. No ano passado, além de milhares de cópias fotográficas, foram distribuidas cerca de duas mil e oitocentas notícias diversas, tendo sido enviadas para mais de quatrocentos jornais do interior, seleções quinzenais daquele noticiário, que alimenta e anima várias campanhas de interêsse da economia nacional. O Setor de *Rádiodifusão Rural* prepara, diariamente, dois informativos de cinco minutos para quatro emissôras cariocas. Aos domingos, das oito as nove, transmite o programa *Terra Brasileira*, em co1aboração com a Rádio Mistério da Educação. E ainda remete, para duzentas e cinco emissoras do interior, semanalmente, um programa de quinze minutos. [...] Em matéria de Cinema Agrícola, o S.I.A. chegou a produzir cêrca de trezentos filmes, a maioria de propaganda e ilustração das atividades rurais (Vieira, 1955, p.599).

Durante as décadas de 1940 e 1950, o S. I. A. desenvolveu um amplo programa de informação (Fig. 269), incluindo a produção de 350[cxi] documentários educativos de curta-metragem — em instalações próprias, as mais sofisticadas da América Latina (Sperry, 1992 *apud* Pinto, 2015) — e a criação de sua própria emissora — a Rádio Rural — em 1958. Foi estruturado em várias seções, cada uma com responsabilidades específicas para apoiar o desenvolvimento agrícola e disseminar informações ao setor rural. A sua criação e evolução refletem uma tentativa de centralizar e sistematizar a informação agrícola no Brasil, buscando

[cxi] Caiado (1995) lista 145 documentários educativos de curta-metragem.

levar conhecimentos técnicos e científicos aos agricultores e contribuir para o desenvolvimento do setor agropecuário em todo o território nacional. O serviço utilizou estratégias de comunicação de massa para difundir informações diretamente ao público rural, buscando melhorar as condições de vida das famílias rurais e promover a adoção de novas tecnologias e práticas agrícolas mais eficientes. Essa comunicação rural era tema de debates entre os movimentos sociais e cientistas, que destacavam a importância de mudanças estruturais nas relações de poder e produção para um desenvolvimento rural sustentável a partir da construção de uma consciência crítica entre as famílias de trabalhadores e agricultores, aumentando sua autonomia e participação ativa. O S. I. A. funcionou até 1968 (Caiado, 1995; Vieira, 1955; Nocetti, 1978; Bordenave, 1983).

> É possível que a ação do S. I. A. tenha sido afetada negativamente pelas constantes mudanças e modificações estruturais, assim como pela abordagem global (pesquisa e extensão) de seus serviços, não obstante, conseguiu suprir as carências informatológicas de uma época em que o desenvolvimento do setor era insipiente. O programa de publicações do SIA não foi substituído “in extenso” por nenhum outro, sendo que as edições de livros estão hoje em os de particulares, os quais nem sempre se interessam pelas publicações do setor, devido as limitações do mercado (Nocetti, 1978, p.7).



ATIVIDADES DO SIA

O Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura, é um órgão que, de certo tempo para cá, vem realizando trabalho dos mais importantes no sentido de melhor divulgar os diversos aspectos da vida rural brasileira. Suas publicações vêm constituindo amplo documentário das diversas regiões do País, no que elas têm de mais expressivo e fundamental, abrangendo não sòmente a parte informativa e técnica nos seus aspectos gerais, mas também a parte histórica, a pesquisa folclórica e vários outros elementos sociológicos.

JOSÉ A. VIEIRA

Seu plano de divulgação compreende, além das diversas séries de estudos em franco desenvolvimento, filmagens e gravações. Das coleções de monografias em questão, queremos destacar aquela que se intitula "Documentário da Vida Rural", iniciada já há algum tempo com o volume "O Engenho de Açúcar no Nordeste", de Manuel Diegues Júnior e cujos volumes mais recentes — os de ns. 5, 6 e 7 — são "O Seringal e o Seringueiro na Amazônia", de Artur C. Ferreira Reis, "O Vale do Itajaí", de Zedar Perfeito da Silva, e "Fazendas de Cacau na Bahia", de Clóvis Caldeira. Em sua programação, de próxima publicação, figuram, já com originais entregues, os livros "Folclore da Pecuária", de Luís Câmara Cascudo, e "Garimpos da Bahia", de Herberto Sales.

Ainda do Serviço de Informação Agrícola, ora sob a direção do Jornalista José A. Vieira, conhecedor de assuntos econômicos e a cuja operosidade o SIA muito deve, destacam-se, ainda, as seguintes publicações: "Receitas de D. Mariana", de Doll de Freitas, volume 13 da série "Clubes Agrícolas"; "O Homem e a Fauna no Brasil", de Eurico Santos, volume 9 da série "Estudos e Ensaios"; "Distrito Federal", da série "Calendário Agrícola do Brasil", volume 3; "Doença de New Castle", de Jorge Vaitsman e Isaac Moussatché, e "Fatôres que Influem no Melhoramento das Pastagens", de Olavo Barros de Araújo e Silva.

Figura 269 – «Atividades do SIA» em *A Cigarra Magazine*, n.5, p.47, 1955.

Além do livro *Os animais selvagens* (1956), o S. I. A. editou[cxii] os seguintes folhetos de E.S.: *Combate aos ratos* (1948), *Serpentes peçonhentas* (1952), *O homem e a fauna no Brasil* (1955), *O que convém saber sobre môscas e mosquitos* (1957), *Animais nocivos* (1957), *O mundo animal que nos cerca* (1958), *Animais silvestres que nos são úteis* (1961), *Contribuições à zoologia agrícola do Brasil* (1966) e *Histórias do caçador que nunca mentiu* (1966). Escreveu o diretor do Serviço de Informação Agrícola, José Anastácio Vieira, na apresentação de *Os animais selvagens* (Fig. 270):

> Eurico Santos, bem conhecido por sua considerável bagagem de monografias a respeito dos diversos aspectos da Avicultura, Psicultura, Ornitologia e aspectos outros da Zoologia e da Agricultura, trabalhos esses recebidos com o mais vivo agrado pelo público e louvados pela crítica, nacional e estrangeira, era a pessoa indicada para a tarefa. Assim, foi incumbido o renomado publicista de preparar. Os Animais Selvagens para esta série. Partindo de breves considerações preliminares, pontos que o tema pedia fossem previamente esclarecidos, Eurico Santos estuda, em linguagem escorreita, acessível e agradável, dentro da técnica, todos os ângulos sobre o tema dos animais selvagens: seu aprisionamento, cativeiro, amansamento, domesticação e utilização, tocando, ao mesmo tempo, em múltiplos problemas de interesse científico e prático (Vieira, 1956 *apud* Santos, 1956, p.7).

No prefácio da mesma obra, E.S. contemporiza:

> Para contraminar as devastações da fauna, tem-se, em tôda parte quase, tomando precauções, estabelecendo-se leis eu regulam a caça e a pesca, ao mesmo tempo que se tomam outras medidas de proteção, como sejam os Parque Nacionais ou Reservas, onde fauna e flora estão sob a proteção e guarda do Estado. A par de tais providências, outras existem como sejam: reservas particulares de caça, refúgios e criadouros de animais silvestres. Êstes criadouros têm um fim: a reprodução e exploração comercial de certos animais ou produtos animais que são necessários ao homem e que já não se encontram, ou raramente são encontrados, na natureza, por causa da devastação que vêm sofrendo. [...] O que temos em mente ao tratar de animais selvagens, assunto cardial desta obra, é apontar o que deles poderemos obter". Anos antes, foi publicado Caça e caçadas, aqui apresentado pelo seu prefaciador: "Costuma-se dizer, com razão, que a caça é, a um só tempo, arte e ciência: arte, porque exige manha, destreza, agilidade ou astúcia da parte de quem a pratica; ciência, porque requer cuidados especiais e está condicionada a regras, princípios, leis e regulamentos que precisam ser considerados porque estão alicerçados em bases biológicas comprovadas. [...] Só assim será possível adotar medidas acertadas, tendentes a salvaguardar os interesses do patrimônio faunístico nacional". De perdizes a onças-pintadas, das medidas de segurança individual e coletiva à preparação de peles por encarregados de museus e interessados na industrialização de couros, o manual é notável! Perturbadoramente notável. Para E.S., "Caças e Caçadas será, assim julgo, um livro útil ao caçador e ao mesmo tempo aos que se desejem instruir sobre coisas da nossa fauna, pois sob certos aspectos êle se constituirá um complemento dos quatro volumes de

[cxii] Caiado (1995) lista 948 folhetos publicados pelo S. I. A.: Série Clubes Agrícolas (17), Série Didática (17), Série Estudos e Ensaios (14), Série Estudos Brasileiros (11), Série Documentária (2), Série Estudos Técnicos (11), Documentário da Vida Rural (14) e Série.
S. I. A. (850).

divulgação zoológica que publiquei em relação aos vertebrados do Brasil (Santos, 1956, p.9).

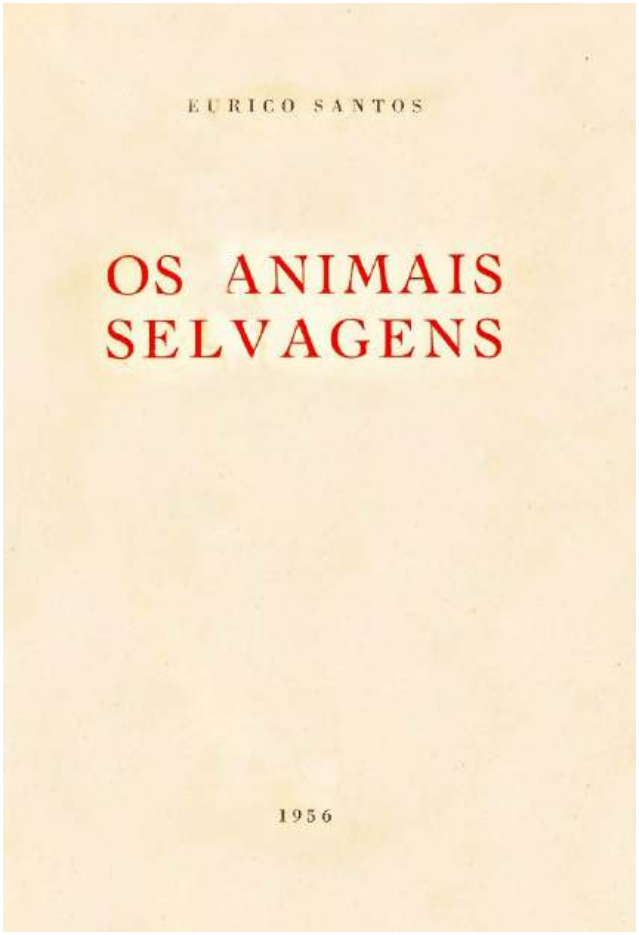


Figura 270 – Capa de *Os animais selvagens* (1956), publicado pelo Serviço de Informação Agrícola. Capítulos do livro foram reproduzidos pela revista *Chacaras e Quintaes* entre 1951-54.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo, creio, já foi pensado e dito por tantos e tontos.
Ou quase tudo. Ou quase tontos.
De modo que não há novidades debaixo do sol
— e isso também já foi dito.
'Os temas do mundo são pouco numerosos
e os arranjos são infinitos' – falou Barthes.
Então, o que se pode fazer de melhor é dizer de outra forma.

Manuel de Barros[167]
Poeta

“Não coloque os resultados no fim, mas no começo [...] como ‘iscas’. A ideia consiste em indicar de cara para o leitor o tema [...] e sobretudo sua pertinência.”

S. MALAVOY[168]

“Gostaria de concluir com duas observações: fazer uma tese significa divertir-se, e a tese é como porco: nada se desperdiça.”

U. ECO[169]

Esta pesquisa, de caráter histórico, evidenciou — por meio da coleta, leitura, análise e interpretação do *corpus* documental — as contribuições E.S. à divulgação — agrícola, pecuária, veterinária, cinófila, cinegética, florística e faunística — e à valorização da natureza, tendo como pano de fundo o contexto político e intelectual do período em que atuou como jornalista, editor e escritor. Foi possível demonstrar sua participação em redes técnico-científicas, sua trajetória alinhada à construção de uma ética ambientalista, e o papel político, social e intelectual da sua produção jornalística e literária, destacando suas contribuições à divulgação do conhecimento e à relevância da ciência como instrumento de mudança social.

A profundidade e a amplitude das contribuições de E.S. foram evidenciadas, reveladoras de como a ciência e a cultura podem ser poderosas aliadas na construção de uma sociedade sustentável. Ao tornar bem lembrado o legado intelectual de E.S. a partir do olhar hermenêutico sobre a sua obra — erigida ao longo do século XX (1910-1965) e articulada ao contexto histórico do Brasil, marcado pelo desenvolvimentismo, nacionalismo e cientificismo —, ofereço contribuição real e inédita à história ambiental e da divulgação científica no Brasil.

E.S. foi um jornalista, editor e escritor multifacetado do século XIX, que deu início à sua produção intelectual em meio a intensas transformações políticas, sociais e econômicas no Brasil. Sua obra, vasta e diversa — aborda temas que vão da agricultura à proteção ambiental —, em linguagem acessível, convidava (e ainda convida) os leitores a refletir sobre a importância dos avanços técnicos e da ciência no campo da agropecuária, sobre o apreço pela cinofilia e pelos cuidados indispensáveis dirigidos aos cães, bem como dos impactos excruciantes da caça indiscriminada — sem ordenamento e controle — sobre a harmonia das relações ecológicas — alinhamento com princípios emergentes de ética ambientalista e preocupação com os impactos da ação humana sobre o meio ambiente. Sua crítica à caça desregulamentada, por exemplo, bem como a promoção de uma convivência harmoniosa com a natureza destacam-se como um alerta precoce e premonitório sobre os desafios ambientais, ressaltando a necessidade de políticas de proteção. Essas ideias — contribuições aos debates que ainda ecoam na contemporaneidade — se mostraram pertinentes, especialmente no contexto de um Brasil em processo de industrialização e urbanização.

Em sua campanha intelectual, E.S. serviu tanto a um projeto de modernização e desenvolvimento agropecuário nacional, quanto à valorização e divulgação da fauna brasileira com seus ritos culturais de caça — com uma escrita de caráter descritivo, que foi sendo

aprimorada e consolidada ao longo de décadas, na qual misturava tecnicismo, erudição, clareza, humor e pouca modéstia. Ao compartilhar conhecimentos técnicos e científicos de forma acessível, usando linguagem coloquial entendível, compreensível, acessível, organizada, estruturada, capaz de estabelecer a relevância do assunto e despertar o interesse do leitor — eventualmente acrescida de elementos visuais, quando disponíveis — para o público alfabetizado amplo — o que caracteriza a "educação científica continuada", também chamada de divulgação científica — E.S. contribuiu para tornar a sociedade mais crítica ao contexto ao seu redor.

E.S. dispunha de uma escrita peculiar, progressista, misto de clareza, honestidade, humor, ironia, polidez e elegância, que lhe rendeu um longo rol de elogios. Vocabulário rebuscado. Foi um bom contador de histórias. Não há dúvida de que tinha consciência das suas habilidades para escrever e divulgar, que se sentia orgulhoso da sua produção intelectual e ciente da influência que ela poderia para o aperfeiçoamento e progresso agropecuário e para valorização da fauna e flora brasileiras tão diversas, mesmo em um contexto social caracterizado por alto índice de analfabetismo.

A materialidade do passado intelectual de E.S. — artigos, notas, resenhas, reportagens, livros, folhetos, opérculos e contos — denota apreço pela leitura, arte, erudição e estética — sobretudo a valorização estética da natureza, entusiasmo e encantamento pela plástica e beleza naturais —, evidencia que ele era um metódico estudioso de obras científicas, da cultura popular, e que mantinha proximidade com diversas instituições e associações científicas de sua época. Seus livros são extensas compilações organizadas, alinhadas às recomendadas práticas de divulgação e popularização do conhecimento.

A filiação ao Partido Republicano Nacional se deu mais por "conveniência de mercado" do que por convicção — nas revistas, clara bajulação aos ocupantes de cargos dos governos, sobretudo aos ocupantes do cargo de Ministro da Agricultura; contudo, quando achava necessário, não se furtava de fazer críticas ao governo. No seu íntimo, E.S. era mais alinhado a ideias como a do sociólogo francês Paul Fauconnet[cxiii]: "Socializara cultura, incorporar à civilização intelectual uma turba cada vez maior de homens do povo, parece me uma das tarefas que se impõem mais imperiosamente com maior urgência às nossas democracias. Devemos pôr ao alcance de todos os resultados da ciência, da filosofia e da história" (Fauconnet *apud* Santos, 1952, p.9). A filiação está mais para prestação de fidelidade afetiva às ideias de Júlio Arsênio de Barbosa — benfeitor fundamental na trajetória profissional de E.S. —, e garantia de escora governamental conveniente às suas revistas, posto que não se

[cxiii] Paul Fauconnet (1874–1938) foi um sociólogo e escritor francês, professor da Université de Toulouse e Faculté des Lettres de Paris, destacado colaborador do L'Année Sociologique, periódico acadêmico de sociologia fundado em 1898, e pelas suas análises sociológicas sobre responsabilidade penal e função social do crime.

furtou, amadurecido do seu ofício, a apresentar, eventualmente, críticas às políticas dos governos:

> Sou dos que não acreditam que a alfabetização constitua uma panacéia. Quando se fala em nosso atraso, logo vem a pêlo a porcentagem dos nossos analfabetos. O grande mal, no meu entender, não está na massa analfabeta, mas na alfabeta, que "sabe ler e escrever", mas não lê, e, como não lê, continua tão ignorante como se não soubesse ainda "juntar as letras". É indispensável, portanto, excitar o gôsto pela leitura, especialmente divulgando coisas do Brasil que sôbre as demais devem despertar nosso interêsse (Santos, 1952, p.8).

> A carne escasseia no mundo e o Brasil [...] luta para obter o preciso alimento. Já temos importado carne do Uruguai, como importamos milho para alimentar nossos porcos, o que é até vergonhoso confessar. Não é que não se produza milho, mas é porque as 6.000 toneladas de milho importadas da Argentina pela COFAP[cxiv], para o Rio Grande do Sul foram vendidas a Cr$ 160,00 a saca, enquanto o milho produzido entre nós, naquele Estado, é vendido a Cr$ 180,00. Chegamos, como se vê, à mais deplorável das situações. Por que não se contorna o problema, procurando a alimentação azotada indispensável, no peixe [...]. Estes são aspectos diversos para a solução do problema da fome, que começa a apertar o cerco (Santos, 1964 *apud* Santos, 1985, p.10).

No campo da divulgação agrícola, Eurico desempenhou papel central na disseminação do conhecimento técnico-científico em uma época de mudanças tecnológicas e econômicas significativas. Seus artigos e publicações apresentavam informações acessíveis e práticas para o público em geral — noções elementares sobre como cultivar plantas e usar a terra − por meio de uma didática característica presente em seus escritos. No seu empenho obstinado para servir ao projeto de modernização e desenvolvimento nacional — à luz do positivismo republicano —, E.S. vislumbrou no periodismo agrícola oportunidade de se inserir no mercado de trabalho, identificando espaço nos quais pode, também, expressar o seu apreço pela divulgação da cinofilia e da fauna brasileira — que incluía os ritos culturais de caça. É possível que na cosmovisão de E.S. — à luz do positivismo republicano — uma agropecuária pujante pudesse coexistir com a natureza preservada.

No campo da valorização da natureza, a obra mais emblemática de E.S. — a coleção *Zoologia Brasílica* — é um marco da divulgação científica. A coleção sintetiza informações sobre a fauna brasileira, oferecendo uma visão abrangente sobre a biologia e os hábitos de diversas espécies. Essa contribuição monumental não apenas documenta a biodiversidade do país, mas inspira conexão com a natureza que, de modo crescente, impõe a sua resiliência

[cxiv] Comissão Federal de Abastecimento e Preços foi criada em dezembro de 1951 com a missão de coordenar a distribuição de todos os produtos de consumo popular, com poderes para intervir na fixação de preços e no controle do abastecimento. Subordinada ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, a Cofap pretendia ter uma grande estrutura burocrática com repartições espalhadas em todos os municípios. Essa estrutura jamais chegou a ser completamente instalada e a Cofap foi extinta, em 1962. No anos seguintes, o governo criou a Superintendência Nacional de Abastecimento - Sunab, praticamente com a mesma estrutura e funções da Cofap. Durante a sua curta mas atribulada existência a Cofap se viu envolvida em várias polêmicas (Lourenço Neto, 2011, p.4).

e expõe a fragilidade e interdependência humanas. Seus livros circularam pelas escolas brasileiras de forma direta ou por intermédio das apropriações feitas pelos manuais didáticos (Carola; Cabral, 2013); “seu textos muito informativos, mas em linguagem sempre acessível, [certamente] influenciaram gerações de biólogos e outros apaixonados pela natureza” (Lima, 2021).

A partir da publicação de *Da ema ao beija-flor* (1938), a preservação da natureza parece estar mais presente na obra de E.S.. Isso fica bem evidente, por exemplo, em *Proteção à fauna indígena* (1948), no qual ele lista os efeitos lamentáveis da caça e sua prática, o declínio de algumas espécies, a legislação e sua prática, educação ambiental, criação de animais em cativeiro visando repovoamento e criação de unidades de conservação (Straube, 2009). Ele expressava de forma recorrente sua preocupação com o desaparecimento de espécies e com a insensibilidade humana no trato com os animais (Marchini, 2013).

A praxe de consultar e citar doutos — que deu E.S. respaldo acadêmico e prestígio social junto às elites político-intelectuais, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo que, desde a década de 1920, abrigaram instituições de pesquisa que discutiam a proteção da natureza em consonância com o projeto de construção da identidade nacional —, a proeminente atividade jornalística, intensa participação nos debates públicos e vinculação empregatícia ao Ministério da Agricultura foram substrato para o surgimento orgânico de uma vasta rede de contatos que, por sua vez, foi a retroalimentação da sua produção intelectual. Como membro ativo de diversas associações civis, estabeleceu uma robusta redes de contatos na busca pela integração entre ciência e sociedade, demonstrou habilidade para atuar como mediador entre o conhecimento acadêmico e o público leigo.

A obra de E.S. revela introspecção[cxv] e reforça seu papel como um intelectual à frente de seu tempo, anacronicamente alinhado aos princípios básicos e objetivos fundamentais da Política Nacional de Educação Ambiental — celebrada[cxvi] em 1999 — e ao entendimento sobre o “valor intrínseco da diversidade biológica e dos valores ecológico, genético, social, econômico, científico, educacional, cultural, recreativo e estético da diversidade biológica e de seus componentes” (Convenção sobre Diversidade Biológica, p.7):

> [...] a diversidade biológica tem valor intrínseco, merecendo respeito independentemente de seu valor para o homem ou potencial para uso humano. [...] o valor de uso da biodiversidade é determinado pelos valores culturais e inclui valor de uso direto e indireto, de opção de uso futuro (Brasil, 2002).

[cxv] Exame íntimo da consciência; observação que uma pessoa faz de seus próprios atos, de seu comportamento etc.; INTROVERSÃO [Pl.: -ções.] [F.: Do lat. *introspectio*, *onis*.] (Aulete Digital, 2024).
[cxvi] “O cerne da educação ambiental deveria ser o amor e o reencantamento pela natureza. Todo o resto é como chegar lá” (autor desconhecido).

Pádua (2010, p.86), reflete sobre esse entendimento:

> As coisas naturais seriam aquelas que existem por si mesmas, no sentido de possuir em si mesmas o princípio do seu movimento e repouso. Elas incluem matérias, configurações e formas que se se apresentam à percepção humana como natureza (Aristóteles, 2002, p.59, 61). Quando o observador humano contempla a realidade da existência, percebe que a esmagadora maioria das coisas que existem, incluindo os fundamentos do edifício material que permite que elas existam, não são criações humanas. Ou seja, para o observador humano elas existem por si mesmas, em termos tanto de materialidade quanto de organização. As espirais das galáxias, o Sol, a Lua, a textura das plantas, os ciclos da água, a fisiologia dos organismos – incluindo, por certo, o nosso próprio corpo mamífero e primata –, nada disso é criação humana, ao menos em sentido primário. Sua existência, sua forma e seu movimento não surgiram a partir do nosso arbítrio. O espanto da palavra Natureza está em unificar conceitualmente as incontáveis manifestações de uma realidade extremamente complexa e diversificada, produzindo uma aproximação entre o mais distante e o mais próximo [...].

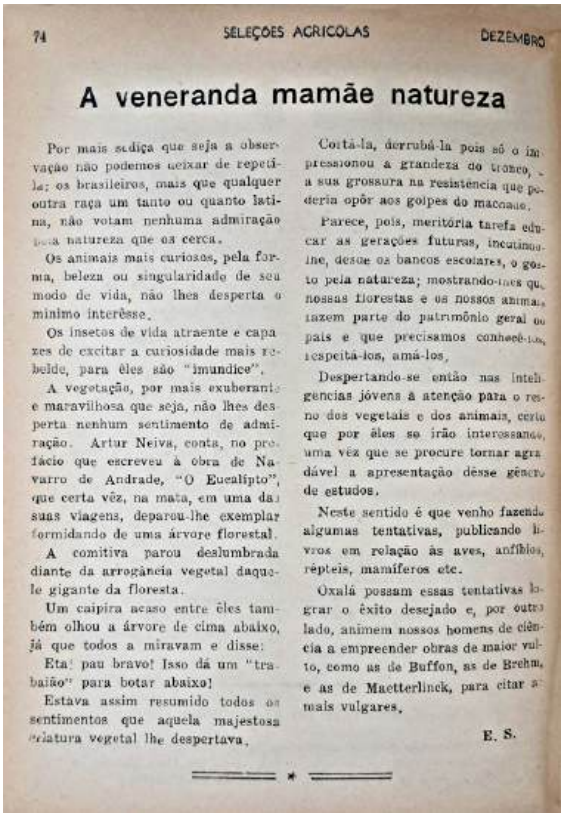
Durante um debate sobre a obra E.S., surgiu a seguinte pergunta intrigante, que expõe aparente polarização presente em sua obra e que continua, nos dias de hoje, a permear o debate público envolvendo desenvolvimento econômico *versus* proteção da natureza: “Se E.S. fosse proprietário de uma gleba coberta por mata, ele a manteria para os passarinhos ou a substituiria por uma plantação de milho?” Dividir a gleba entre o verde da mata e o da plantação seria uma solução aparentemente menos controversa, que atenderia aos apelos nacionalistas por uma agricultura mais pujante, ainda que existisse alguma compreensão sobre a importância dos serviços ambientais. Posto o dilema, há de se buscar nos escritos de E.S. o fio condutor para oferecer uma resposta.

Em 1978, o biólogo Roberto Gonçalves de Oliveira, fundador da Sociedade Sul Rio-Grandense de Ornitologia, registrou sobre E.S.:

> Conservacionista por índole e por convicção, às vezes encolerizava-se ante a constatação do morticínio das aves [...] Na única vez em que visitou o Rio Grande do Sul, integrando uma comissão de inspeção junto às vinícolas interioranas, verificou a ausência de aves na região de colonização italiana. Isso fez que produzisse um veemente libelo, constante na página 171 de seu livro [*Da ema ao beija-flor*] (Oliveira, 1978, p.8).

> [Libelo]. No equilíbrio biológico da Natureza, parece estar-lhes reservado um papel de alta significação. Dão caça incessante a uma infinidade de seres. Como destruidores de gafanhotos e de pequenos roedores, maiormente de ratos, o seu papel tem uma importância de tal relêvo, que só por esse motivo há sido pedida a sua protecção, como sucedeu na Argentina, por exemplo. Acusam-nos [os falconídeos], por vezes, de atacar espécies úteis, ou quando não, inofensivas, mas não poderemos compreender bem a harmonia que deve existir na entrosagem maravilhosa da Natureza, que só a intervenção do homem consegue quebrar (Santos, 1938, p.171).

Tendo em vista essa ética que orientava a sua visão de como o mundo deveria ser, o próprio E.S. parece nos apresentar a resposta, sobre o que fazer com a gleba de terra, em *Da ema ao beija-flor* e *Pássaros do Brasil* — primeiro e segundo livros daquela que viria ser a coleção Zoologia Brasílica — publicados em 1938 e 1940, respectivamente, e nos textos «A veneranda mamãe natureza» (1946) (Fig. 271) e «Homens e bichos» (1957) (Fig. 272):



74 SELEÇÕES AGRÍCOLAS DEZEMBRO

A veneranda mamãe natureza

Por mais sediça que seja a observação não podemos deixar de repeti-la: os brasileiros, mais que qualquer outra raça um tanto ou quanto latina, não votam nenhuma admiração pela natureza que os cerca.

Os animais mais curiosos, pela forma, beleza ou singularidade de seu modo de vida, não lhes desperta o mínimo interêsse.

Os insetos de vida atraente e capazes de excitar a curiosidade mais rebelde, para êles são "imundice".

A vegetação, por mais exuberante e maravilhosa que seja, não lhes desperta nenhum sentimento de admiração. Artur Neiva, conta, no prefácio que escreveu à obra de Navarro de Andrade, "O Eucalipto", que certa vêz, na mata, em uma das suas viagens, deparou-lhe exemplar formidando de uma árvore florestal.

A comitiva parou deslumbrada diante da arrogância vegetal daquele gigante da floresta.

Um caipira acaso entre êles também olhou a árvore de cima abaixo, já que todos a miravam e disse:

Eta! pau bravo! Isso dá um "trabalão" para botar abaixo!

Estava assim resumido todos os sentimentos que aquela majestosa criatura vegetal lhe despertava.

Cortá-la, derrubá-la pois só o impressionou a grandeza do tronco, a sua grossura na resistência que poderia opôr aos golpes do machado.

Parece, pois, meritória tarefa educar as gerações futuras, incutindo-lhe, desde os bancos escolares, o gôsto pela natureza; mostrando-lhes que nossas florestas e os nossos animais fazem parte do patrimônio geral do país e que precisamos conhecê-los, respeitá-los, amá-los.

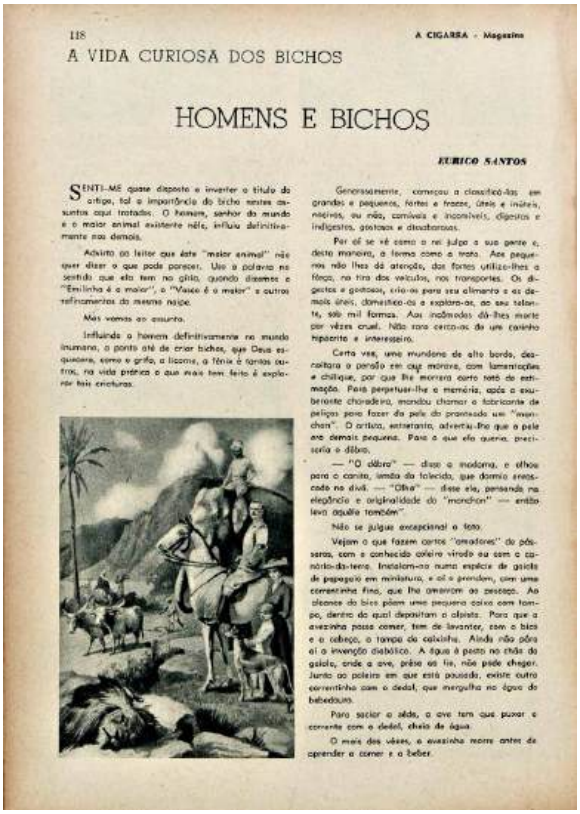
Despertando-se então nas inteligencias jóvens à atenção para o reino dos vegetais e dos animais, certo que por êles se irão interessando, uma vêz que se procure tornar agradável a apresentação dêsse gênero de estudos.

Neste sentido é que venho fazendo algumas tentativas, publicando livros em relação às aves, anfíbios, répteis, mamíferos etc.

Oxalá possam essas tentativas lograr o êxito desejado e, por outro lado, animem nossos homens de ciência a empreender obras de maior vulto, como as de Buffon, as de Brehm, e as de Maetterlinck, para citar as mais vulgares.

E. S.

Figura 270 – «A veneranda mamãe natureza», texto de E.S. publicado na revista *Seleções Agrícolas*, n.8, p.74, 1946.



118 A CIGARRA - Magazine

A VIDA CURIOSA DOS BICHOS

HOMENS E BICHOS

EURICO SANTOS

SENTI-ME quase disposto a inverter o título do artigo, tal a importância do bicho nestes assuntos aqui tratados. O homem, senhor do mundo e o maior animal existente nêle, influiu definitivamente nos demais.

Advirto ao leitor que êste "maior animal" não quer dizer o que pode parecer. Uso a palavra no sentido que êle tem no gíria, quando dizemos e "Emilinha é o maior", e "Vavá é o maior" e outros refinamentos do mesmo naipe.

Mas vamos ao assunto.

Influindo o homem definitivamente no mundo inumano, a ponto até de criar bichos, que Deus esqueceu, como o grifo, a licorne, a fênix e tantos outros, na vida prática o que mais tem feito é explorar tais criaturas.

Generosamente, começou a classificá-los em grandes e pequenos, fortes e fracos, úteis e inúteis, nocivos, ou não, comíveis e incomíveis, dígestos e indigestos, gostosos e desgostosos.

Por aí se vê como o rei julgo a sua gente e, desta maneira, a forma como o trata. Aos pequenos não lhes dá atenção, dos fortes utiliza-lhes a fôrça, na tira dos veículos, nos transportes. Os dígestos e gostosos, cria-os para sua alimentação e os demais úteis, domestica-os e explora-os, ao seu talante, sob mil formas. Aos inúmodos dá-lhes morte por vêzes cruel. Não raro cerca-os de um carinho hipócrita e interesseiro.

Certa vez, uma mundana de alto bordo, descaltara o pezinho em cuja mimosa, com lamentações e chilique, por que lhe morrera outro totó de estimação. Para perpetuar-lhe a memória, após o exuberante choradeira, mandou chamar o fabricante de peliças para fazer da pele do pranteado um "manchon". O artista, entretanto, advertiu-lhe que a pele era demais pequena. Para o que ela queria, precisaria o dôbro.

— "O dôbro" — disse a madama, e olhou para o canito, lembo da falecido, que dormia enroscado no divã. — "Olha" — disse ela, pensando na elegância e originalidade do "manchon" — então leva aquêle também".

Não se julgue excepcional o fato.

Vejam o que fazem certos "amadores" de pássaros, com o conhecido aviário virado ou com o canário-da-terra. Instalam-no numa espécie de gaiola de papagaio em miniatura, e aí o prendem, com uma correntinha fina, que lhe amarram ao pescoço. As vêzes do bico põem uma pequena caixa com tampa, dentro da qual depositam o alpiste. Para que a avezinha possa comer, tem de levantar, com o bico e o cabeço, a tampa da caixinha. Ainda não pára aí a invenção diabólica. A água é posta no chão da gaiola, onde a ave, presa ao fio, não pode chegar. Junto ao poleiro em que está pousada, existe outra correntinha com o dedal, que mergulha na água do bebedouro.

Para saciar a sêde, a ave tem que puxar a corrente com o dedal, cheio de água.

O mais das vêzes, a avezinha morre antes de aprender a comer e a beber.

Figura 271 – «Homens e bichos», texto publicado por E.S. na coluna *A vida curiosa do bichos* da revista *A Cigarra Magazine*, fev. 1957.

> Há quem desadore histórias de bichos, receosos, talvez, de certos confrontos... Outros julgam-se ainda de origem divina e destarte crêem que um abismo separa os homens dos outros animais, quando na realidade, não há entre êles senão, como diz Remy de Gourmont[170], "un tout petit ruisseau qu'enjamberait un enfant". Não é para aqueles que escrevo, mas para os que amam a Natureza, lhe sentem os encantos e, como S. Francisco de Assis, conversam a irmã andorinha, o irmão lobo, na linguagem universal da bondade — um esperanto que seria capaz de fazer até com os próprios homens que se entendessem. Pudesse eu contagiar aos meus leitores a admiração pelas aves, o intêresse pelos seus costumes e o respeito pelas suas vidas, tão sagradas quanto as nossas, e teria conseguido o principal desejo que me guiou, ao escrever êsse livro (Santos, 1938, p. 6).

> Os pássaros, por serem mansos e fracos diante das fôrças indomáveis da natureza e dos outros sêres que os cercam, em luta constante, dão bem a idéia daqueles santos, que vinham pelo mundo pregando a bondade e a concórdia, louvando em cânticos o criador de tantas maravilhas, mas que morriam, sempre, às mãos da gente bruta e má. Mal se

> vislumbra o crepúsculo matutino e já os pássaros começam, ainda dentro dos ninhos, ou nos pousos favoritos onde adormeceram, a saudar mais uma vez o dia que aí vem, como que enternecidos diante do esplendor do mundo. A luta pela existência, os mil perigos que os cercam e que bem conhecem, jamais lhes ensombram o ânimo. Cuidam da vida e desvelam-se pela geração do porvir, cumprindo, alegremente, as ignotas determinações da Natureza, que quer a terra povoada de sêres (Santos, 1940, p. 15).

> Dos grandes serviços que nos prestam as aves, sempre vigilantes contra as expansões do mundo dos insetos, já muito se tem escrito. Como variante, a modo de um "divertissement" [entretenimento], vou ferir outra tecla, apontando pequeninos e curiosos serviços, que aquele povinho alegre e alado nos faculta. Comecemos pela tarefa da fecundação das plantas (Santos, 1957 *apud* Chacaras e Quintaes, 1957, v.95, n.3, p.378).

Se certeira ou hipotética, a resposta deve ser interpretada com "objetividade e discernimento [...], atributos de um bom texto histórico (Karnal, 2016):

> Cada tribunal da História terá sempre o juiz do seu tempo, o júri e os advogados da sua historicidade específica. Nunca existirá isenção. Sempre vicejará a subjetividade. Neutralidade é um desejo e uma meta, jamais uma realidade integral. Não se trata de relativismo extremado, mas de reconhecer que o certo e o errado são determinados historicamente. [...] Todo tribunal é formado por homens e suas subjetividades. [...] Nem tragédia e nem farsa, como pensou Marx: a história é apenas uma sucessão caótica de acontecimentos destituída de lógica ou moral. Somos náufragos no gigantesco oceano dos fatos, dando ao passado direções póstumas a partir de morais presentes (Karnal, 2016).

Koselleck (1992) — em uma perspectiva diacrônica[cxvii] sobre a conservação da natureza percebe "permanências e deslocamentos" no pensamento, sobretudo no que diz respeito ao modo como os conceitos surgiram e foram apropriados ao longo do tempo. A anátema que poderia ser lançada sobre a produção intelectual de E.S. em torno da conservação e da caça perde força quando se alcança a compreensão de seus valores. Não existe ambiguidade, mas uma visão de mundo que abraça a coexistência entre seres humanos, suas necessidades e culturas, e o reconhecimento do valor intrínseco da natureza:

> *A caça não é tão só paixão de reis e grãos-senhores, mas é igualmente da maior parte dos homens e como as paixões inatas são muito difíceis de desarraigar, temos que contemporizar com elas e quando se fazem excessivas, buscar remédios. A cinegática, para se fazer desculpar, apresenta atenuantes, tais como: o instinto do homem ser carnívoro, constituir-se exercício higiênico e tonificante e, por fim, que o resultado da caça, dêste modo ou daquele, serve de alimento. Para evitar a destruição da fauna até o extermínio, as sociedades protetoras dos animais, os homens de bom senso e de bons sentimentos, protestaram e o Estado então interveio, em quase tôda parte, por meio de leis adequadas, proibindo a caça, em tais lugares, e indo mesmo ao ponto de proteger*

[cxvii] adjetivo 1. relativo à diacronia. 2. Derivação: por extensão de sentido. relativo ao estudo ou à compreensão de um fato ou de um conjunto de fatos em sua evolução no tempo (Dicionário Houaiss Eletrônico).

> *temporariamente certas espécies em via de desaparição. Por outro lado, criaram-se os refúgios, as reservas de caça — santuários onde as pobres criaturas vítimas da paixão venatória dos homens podem viver e se reproduzirem como outrora no éden. Essas leis, aliás, restringindo os excessos cinegéticos — as orgias sangrentas, as matanças inúteis, — vêm prestar serviços aso caçadores diretamente interessados em respeitá-las, o que, infelizmente, nem sempre se verifica. Aos que conhecem minhas idéias, que não encubro, a propósito do esporte da caça e da profissão de caçador, muito se lhes afigurará absurdo que vá eu escrever um livro precisamente destinado ao ensino de tal esporte e tal indústria. Nada mais coerente, entretanto [...] Não será só com a lei, e as cominações das penas, que conseguiremos salvaguardar nossa fauna dos depredadores, dos inconscientes, dos inscientes e dos caçadores-furtivos. Necessário se torna instruir, educar. O mal de que padecem as populações rurais, além das pandemias, está precisamente em ignorar. Ignorar porque não lhes ensinaram. A tarefa mais patriótica que um brasileiro será a de instruir seus irmãos. Por desconhecer os males que acarretam é que as crianças destroem os ninhos, matam os pássaros úteis, sacrificam animais pacíficos, judiam com os animais os animais domésticos, destroem os frutos dos pomares alheios, enquanto os pais e outros parentes adultos, armados de espingardas, atiram a torto e à direita, matando o que podem, muitas vêzes pelo simples prazer de se exercitar na pontaria. Há ainda os que matam por atacado, lançando fogo à floresta — Neros imbecis de pé descalço — destruindo em horas o labor secular da Natureza, matando milhares de sêres, vegetais e animais, cheios de utilidade em sua maioria e, sob outros aspectos, perfeitamente inofensivos e até inocentes. Necessário, pois, se torna instruir, educar a mocidade aí vem para nos suceder, porque a essa nova geração é que vamos entregar os tesouros naturais do solo pátrio, meio envergonhados pelos desfalques que fizemos, embora não intencionalmente* (Santos, 1950, p.8-9, grifo nosso).

E.S. morreu em 24 fev. 1968, por volta das 9 h, no Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro. No registro de óbito consta que: “Pelo declarante foi dito que o finado não deixou filhos nem bens”. Considerando os argumentos do deputado federal Lopo Coelho — da Aliança Renovadora Nacional (Arena) — apresentados (e rejeitados) à Câmara dos Deputados por meio do Projeto n. 4.708 de 1954, para aumentar os proventos de aposentadoria de E.S., fica a interrogação sobre os rendimentos por direitos autorais auferidos por ele — ou herdados pelos irmãos, Nilo e Eurídice, falecidos em 1978 e 1990, respectivamente — nos termos da legislação vigente na sua época.

Eurico de Oliveira Santos (1883-1968), E.S., “*polygrapho redactor*” [cxviii] natural do *Districto Federal*, o divulgador esquecido — comedido e alvissareiro —, que nos deixou a riqueza da sua obra como herança.

> [...] a escrita da história é fruto de escolhas afetivas, de constantes perguntas, da busca por conhecimentos transformadores e do desejo de fazer História como uma aventura intelectual que ressignifica nossas questões referentes à relação presente-passado por meio da construção de narrativas plausíveis (Pereira; Oliveira Júnior, 2011, p.379).

[cxviii] Expressão cunhada em Chácaras e Quintaes (v.44, n.2, 1931, p.202). Polígrafo: sm. 1. Quem escreve sobre vários assuntos diferentes: “O polígrafo do sertão: ciências naturais e literatura na obra de Euclides da Cunha.” (Marcos Vinicius de Freitas*, In História, ciências, saúde* - Manguinhos, maio-agosto 2002); 4. Indivíduo que conhece muitas ciências; POLÍMATA. [F.: Do gr. polygráphos, os, on. Hom./Par.: polígrafo (sm.), poligrafo (fl. de poligrafar).] (Aulete Digital, 2024).

O reflorestamento e a fauna

(Especial)

Quando se cuidar a sério de reflorestamento ou melhor nos vários problemas da silvicultura, um deles será o de evitar florestas extensas de uma só espécie.

Não devemos pensar, escrevi eu certa vez, "em formar florestas homogeneas, como os interêsses econômicos da exploração florestal preceituam, mas florestas um tanto heterogêneas, como exige a vida dos animais que aí devêm viver".

A silvicultura alemã, escreve M. Morath, realiza todos os esforços possíveis para conseguir florestas naturais. A floresta alemã e seus animais de caça são cousas indivisiveis para o povo alemão.

Na Alemanha, a caça é um serviço do Estado e era confiado, ao tempo de Hitler, à segunda personagem do Estado, ao próprio marechal Goering.

"A caça naquele país, escreve Jean Canu, é mais abundante que na França, seus regulamentos mais minuciosos e muito mais respeitados.

Representa, no capítulo alimentação, papel cada vez maior.

Em Berlim, por exemplo, a carne do cabrito montês é menos cara que a do bifteck".

Creio que para se realizar isso será indispensável ao se reformar o "Código Florestal" legislar sôbre o assunto, obrigando por lei, nas grandes explorações florestais de uma só espécie vegetal, a cultivar talhões intermediários onde sejam plantadas as essências que viviam na mata primitiva da região e de que se alimentava a fauna autoctone.

Vemos que se desenha a tendência de cultivar o eucalipto por toda a parte, desde o Rio G. do Sul ao nordeste, só porque tal essência se avantaja as demais pelo seu mais rápido desenvolvimento.

Julgamos que este critério comercial dos silvicultores não deve sobrepor-se aos interêsses do Estado porque êste tem que defender os da coletividade.

Assim devemos desde já estudar o assunto.

O botânico M. Kuhlmann e seu assistente auxiliar E. Kuhn publicara em 1947, através do Instituto de Botânica de S. Paulo, onde são funcionários, um excelente subsidio para o estudo da biocenose regional intitulado "A Flora do Distrito de Ibiti", que deve servir de modêlo para outros estudos que se venham a realizar no Brasil.

Por este trabalho ficamos conhecendo centenas de fatos em relação a alimentação dos animais que habitam a floresta.

Para dar um exemplo, transcreveremos, o que os autores acima citados dizem a respeito do conhecido Pinheiro do Paraná.

"**Araucaria angustifolia** (BERT.) O. KTZE. — "Pinheiro brasileiro" — Dissemina entre abril e junho. É um dos melhores abrigos para a construção dos ninhos de pássaros perseguidos por cobras e aves de rapina; pelo menos é esta a única explicação plausível para a interessante observação registrada pelo Dr. OLIVÉRIO PINTO (21, p. 125) e também pelo Dr. AGENOR COUTO DE MAGALHÃES (4, p. 207) a respeito da maior abundância do "Pintassilgo" nas regiões onde existem redutos naturais ou cultivados da mais notável GYMNOSPERMA sul-americana. No Jardim Botânico de São Paulo temos observado que o "Bentivi" — **Pitangus sulphuratus maximiliani** — também prefere fazer o seu ninho nos "Pinheiros". O dr. COUTO DE MAGALHÃES (4, p. 252) refere-se ainda a um fato curioso: atribue a grande dispersão geográfica do "Pinheiro brasileiro" no seu limite isotérmico ao fato de serem os seus frutos um dos alimentos preferidos pelas "Pacas". Estas, quando se fartam de comer os pinhões recolhidos, enterram as sobras do repasto e, assim instintivamente, vão "formando verdadeiros viveiros dessa preciosa Araucaria". Idêntico serviço lhe presta a "Gralha azul" que, conforme transcreve R. von IHERING (15, p. 364), não conseguindo descascar o pinhão por meio de bicadas, o leva a um pouso e "bate a semente repetidas vezes contra um pau, até amolecer ou esfrangalhar a casca. Desta forma, porém, muitas vezes acontece que o pinhão ainda intacto, lhe salta do bico e, caindo onde não possa ser achado, germina, tornando-se assim as gralhas agentes naturais da difusão dos pinheiros". Sabe-se ainda que os pinhões são o repasto de outros roedores e também dos "porcos do mato". SPIX E MARTIUS (27, p. 273) narram que as Araucarias então existentes entre Atibaia e a fronteira de Minas, formavam abrigos para milhares de "Papagaios verdes".

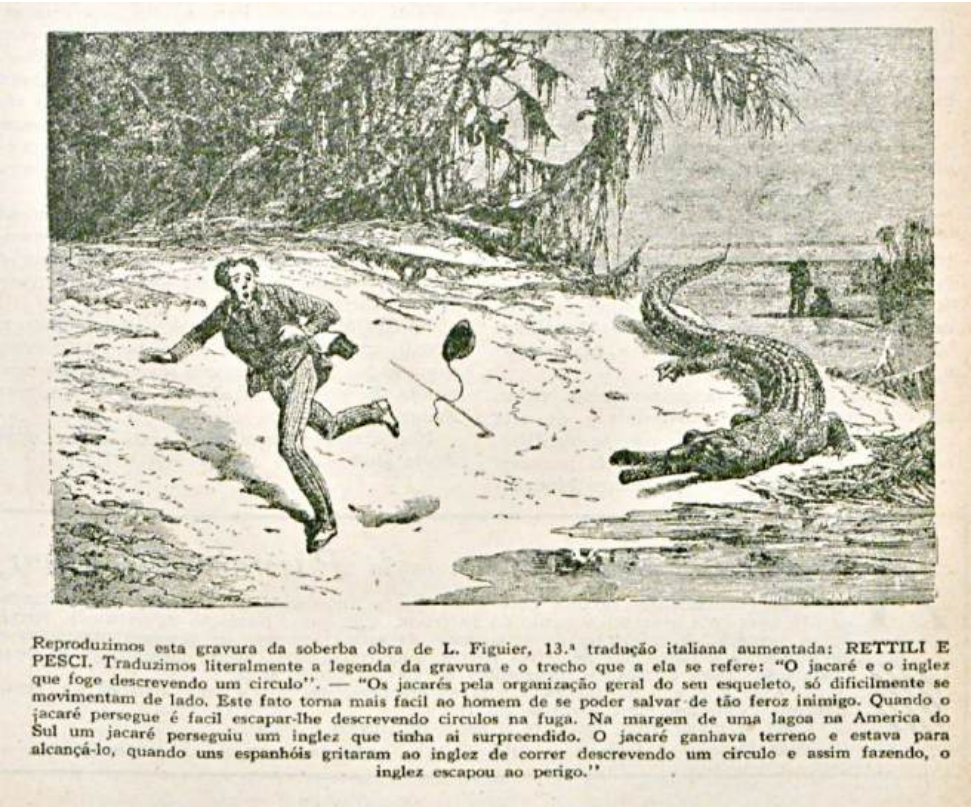
É assim, passando revista, nos vegetais de uma dada região botânica, que poderemos saber das exigências alimentares da fauna desta região, subsídio importante para quando tivermos de entrar pràticamente na silvicultura nacional.

Eurico Santos

Figura 273 – «O reflorestamento e a fauna», *Chacaras e Quintais*, v.96, n.1, 1957, p.41.

O esforço da Biblioteca Nacional na construção e disponibilização de acervos de periódicos — jornais, revistas, anuários e boletins — na *Hemeroteca Digital Brasileira* é merecedor dos mais vibrantes elogios. A *"memorioteca virtual"* ofereceu a possibilidade de coleta e reunião de vasta quantidade de documentos sobre a produção intelectual de E.S., o que foi fundamental para a consecução dos objetivos desta pesquisa.

As contribuições de E.S. — e de tantos outros divulgadores(as) do conhecimento técnico e científico, como Emilie Snethlage (1868-1929), Emílio Goeldi (1859-1917), José Cândido de Melo Carvalho (1914-1994), Rodolpho von Ihering (1883-1939), Rudolf Gliesch (1891-1974) e João Moojen de Oliveira (1904-1985), sem falar nos viajantes naturalista que nos encantam com seus relatos, descrições e arte — são anteriores às de José Reis (1907-2002), renomado divulgador científico, que escreveu inicialmente sobre doenças de aves na revista *O Biológico*, publicada pelo Instituto Biológico de São Paulo a partir de 1935 e, mais tarde, sobre ciência em geral na revista *Ciência e Cultura*, editada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e em jornais de grande circulação, em especial a *Folha de S.Paulo*. A fama de Reis provavelmente é insuflada por conta da maior visibilidade dos veículos de comunicação da sua época. A despeito do seu talento para escrever, se destacou mais pela oportunidade de ser divulgador do que pela vocação. Com isso, outros tantos foram ofuscados e esquecidos.



Reproduzimos esta gravura da soberba obra de **L. Figuier, 13.ª tradução italiana aumentada: RETTILI E PESCI.** Traduzimos literalmente a legenda da gravura e o trecho que a ela se refere: "O jacaré e o inglez que foge descrevendo um circulo''. — "Os jacarés pela organização geral do seu esqueleto, só dificilmente se movimentam de lado. Este fato torna mais facil ao homem de se poder salvar de tão feroz inimigo. Quando o jacaré persegue é facil escapar-lhe descrevendo circulos na fuga. Na margem de uma lagoa na America do Sul um jacaré perseguiu um inglez que tinha ai surpreendido. O jacaré ganhava terreno e estava para alcançá-lo, quando uns espanhóis gritaram ao inglez de correr descrevendo um circulo e assim fazendo, o inglez escapou ao perigo.''

Figura 274 – Desenho publicado em *Chacara e Quintaes*, v.64, n.4, 1941, p.445.

Em 1828, ou seja, há quase *dois séculos*, o fotógrafo, desenhista e naturalista francês Hercule Florence (1804-1879) publicou o artigo *Zoofonia* — reproduzido por E.S. (Fig. 276) em duas revistas (Fig. 00 a 00):

> Vêde, por toda a parte neste imenso Brasil tombam aos golpes do destruidor machado e a poder de fogo e do incendio dilatadas e seculares florestas, abrigo de inúmeros quadrupedes e volateis. Perdidos os sombrios recantos que lhes são precisos, tornar-se-ão cada vez mais raros, esquivos; e por fim de todo sumir-se-ão, inocentes vitimas da conquista do homem à solidão. Quem conservará a exata representação do modo por que exprimiam esses sêres seus sentimentos ou modulavam seus cantos, se não fôr a zoofonia (Florence, 1928 *apud* revista Fauna, n.7, 1943, p.8).[171].

"O Brasil tem um passado enorme pela frente", afirmação do premonitório aforismo do desenhista e jornalista Millôr Fernandes (1923-2012)[172]. Na resistência por dias melhores, a fonia pela valorização da natureza sempre esteve e continuará presente neste pobre rico Brasil.

No esforço de manter vivo o legado intelectual de E.S., há se destacar os esforços de *Roberto Gonçalves de Oliveira*[173] (1916-2004), do professor dr. *Hitoshi Nomura*[174] (1933-2017), do dr. *Carlos Henrique Fioravanti*[175], de *Fernando Costa Straube*[176] e do dr. *Silvio Marchini*[177]. As publicações assinadas por eles foram os primeiros passos desta pesquisa, motivada pela *Zoologia Brasílica* nas minhas memórias.



Figura 00 – Foto de Eurico Santos publicada na revista *Sulóris* (Oliveira, 1983).

Uma preciosa e sugestiva memória de um ilustre espirito de França, Hercules Florence, que muito conheceu e amou a nossa terra, revive nas colunas de 'FAUNA', graças a oportuna lembrança de nosso insigne colaborador, Eurico Santos, que nos forneceu o rarissimo original. 'Zoofonia', escrita em 1828, foi traduzida em 1877 pelo Visconde de Taunay. O tempo não prejudicou a deliciosa frescura dessas impressões de viagem, em que leitores encontrarão cousas interessantes e curiosas (Fauna, n.7, 1943, p.3, transcrição dos dois primeiros parágrafos).


FAUNA

ZOOFONIA

A VOZ DOS ANIMAIS EM NOTAS MUSICAIS — OS GRANDES MÚSICOS DAS FLORESTAS — COMO CANTAM OS PASSAROS DO BRASIL

Quelónios, Testudos e Mariscos

Figura 276 – «Zoofonia: a voz dos animais em notas musicais: os grandes músicos das florestas: como cantam os passaros do Brasil», artigo de Hercules Florence publicado na revista *Fauna*, n.7, 1943, p.3-8.

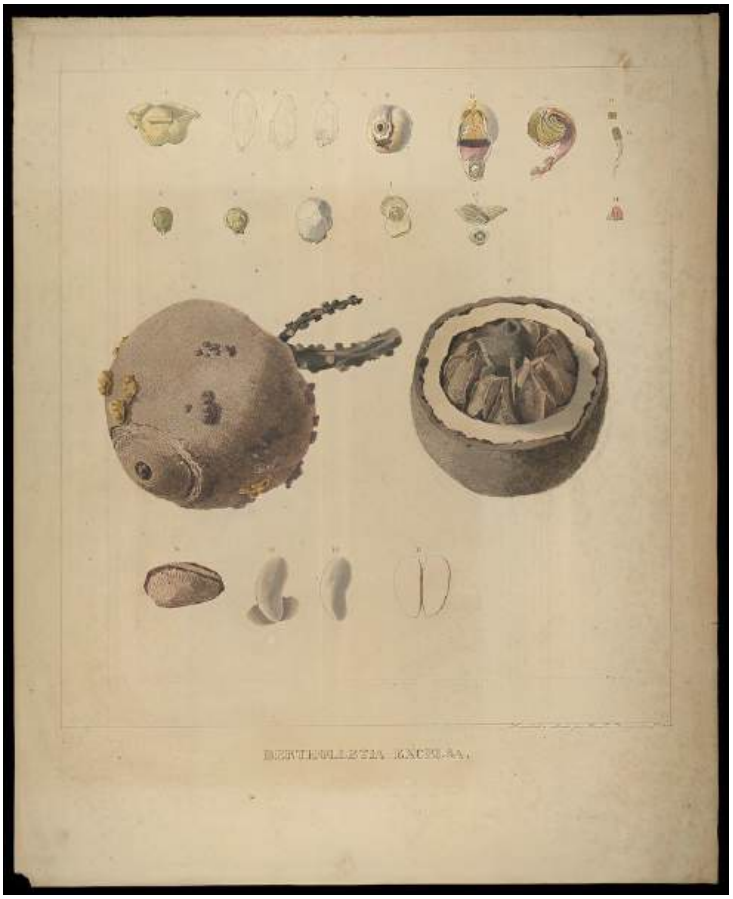


Figura 277 – Castanheira, flor e fruto, 1829, desenho de Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1879) (Acervo BNDigital).



Figura 278 – Castanheira, folhas e flores, 1829, desenho de Hercule Florence (Acervo BNDigital).



Figura 279 – O cachorro-do-mato-vinagre *Speothos venaticus*, do naturalista, desenhista e tipógrafo francês Hercule Florence (1804-1879), publicado em 1829 (Acervo BNDigital).

REFLEXÕES

Como, pois, se atreve o homem a destruir, em um momento e sem reflexão, a obra que a natureza formou em séculos, dirigida pelo melhor conselho? Quem o autorizou para renunciar a tantos e tão importantes benefícios? A ignorância, sem dúvida. [...] Destruir matos virgens, nos quais a natureza nos ofertou com mão pródiga as melhores e mais preciosas madeiras do mundo, além de muitos outros frutos dignos de particular estimação, e sem causa, como até agora se tem praticado no Brasil, extravagância é insofrível, crime horrendo, e grande insulto feito à mesma natureza.[178]

José Bonifácio d'Andrada e Silva (1856-1838)
Estadista e escritor

Estamos em guerra contra nossa própria estupidez[cxix]

Deixar que os sistemas de água, os sistemas de alimentação e os sistemas climáticos planetários sejam destruídos, essa é a estupidez que nos governa hoje. Nosso desafio é realmente contra a estupidez. Acabem com a água, já encontraram um substituto. Acabem com a comida, já encontraram um substituto. Mas existem substitutos para as verdadeiras coisas que fazem a vida funcionar? Não. A comida que dizem ter encontrado como substituta é comida falsa que está provocando grandes danos à nossa saúde. E tudo que não podem produzir, roubam. Os poderosos vão à comunidade mais pobres para desviar sua água.

Não acredito que o planeta vá morrer. Acho que a Terra é muito poderosa. Viveu tempos mais quentes, mais frios, viveu com dinossauros, sem dinossauros, viverá com seres humanos ou sem seres humanos. Somos dispensáveis. Ela encontrará o caminho. Somos nós que devemos proteger o nosso lar.

Deixaram para as mulheres o trabalho que não era considerado importante. Ir para a guerra e matar era considerado importante, obter lucros às custas dos outros países era considerado importante. Homens poderosos determinaram isso e encarregaram os homens não poderosos de fazer o trabalho sujo. As mulheres foram deixadas para as coisas reais: prover a água, prover a comida, cuidar da família. Os valores dos quais precisamos são os do conhecimento de como viver com a natureza. Isso é conhecimento de mulheres. Precisamos de conhecimento sobre como cuidar, isso é conhecimento que agora chamam de inteligência emocional. Precisamos de conhecimento sobre como compartilhar. Essa é uma necessidade que teremos cada vez mais no futuro. Em uma época de privatização e de extração, as mulheres, com seu cuidado e capacidade de compartilhar, serão as mestras de como ser humano no futuro.

Estamos vivendo as etapas finais de um sistema muito equivocado no qual tudo que é muito cara para o planeta e para o produtor pareça barato para o consumidor. Então, a produção de custo muito elevado com transgênicos, patentes, royalties e combustível fóssil se apresenta como comida barata. Uma produção que custa muito, que mata meninas em Bangladesh, em fábricas escravocratas, se apresenta como roupa barata. Isso é um barato falso.

Nesse período do fim do mundo, como semeamos a esperança de um mundo possível? Primeiro, cada jovem deve reconhecer que trabalhar com as mãos, com o coração e a mente, que estão interconectados, é a evolução mais elevada da nossa espécie. Trabalhar com as

---

[cxix] Transcrição da entrevista publicada pelo PlayGround BR em 2018. Disponível em: PlayGroundBR . Acesso em: 1 mar. 2024.

nossas mãos não é degradação, é a nossa verdadeira humanidade. Faça um jardim, crie um pátio para brincar onde também se cultive comida. Proteja as sementes. Cozinhe. Cozinhar foi considerada uma atividade menos importante. Sua mãe cozinhava e isso nem era considerado um trabalho, mas ela é o motivo pelo qual você está alimentado. Comece a fazer aulas de culinária, peça às suas avós que lhe ensinem a cozinhar. Crie uma comunidade. Não somos produtores e consumidores dispersos, fazemos parte da família da Terra, fazemos parte da família humana, fazemos parte de uma comunidade alimentar. A comida nos conecta, tudo é comida. E, por último, nunca tenha medo do poder falso, desonesto e cruel. Essa é a verdadeira liberdade.



Vandana Shiva
física e ambientalista

Ideias para adiar o fim do mundo[cxx]

É um abuso do que chamam de razão.

Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam *kits* superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobra do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernálias para nos manter entretidos.

Para que não fiquem pensando que estou inventando mais um mito, o do monstro corporativo, ele tem nome, endereço e até conta bancária. E que conta! São os donos da grana do planeta, e ganham mais a cada minuto, espalhando *shoppings* pelo mundo. Espalham quase que o mesmo modelo de progresso que somos incentivados a entender como bem-estar no mundo todo. Os grandes centros, as grandes metrópoles do mundo são uma reprodução uns dos outros. [...].

Enquanto isso, a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes — a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe. “Vamos separar esse negócio aí, gente e terra, essa bagunça.

É melhor colocar um trator, um extrator na terra. Gente não, gente é uma confusão. E, principalmente, gente não está treinada para dominar esse recurso natural que é a terra.” Recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar?

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de

[cxx] KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.11-12. (Edição do Kindle)

existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo.

[...] Todos nós sabemos que a cada ano ou a cada semestre uma dessas línguas maternas [línguas indígenas], um desses idiomas originais de pequenos grupos que estão na periferia da humanidade, é deletada. Sobram algumas, de preferência aquelas que interessam às corporações para administrar a coisa toda, o desenvolvimento sustentável. O que é feito de nossos rios, nossas florestas, nossas paisagens? Nós ficamos tão perturbados com o desarranjo regional que vivemos, ficamos tão fora do sério com a falta de perspectiva política, que não conseguimos nos erguer e respirar, ver o que importa mesmo para as pessoas, os coletivos e as comunidades nas suas ecologias. Para citar o Boaventura de Sousa Santos, a ecologia dos saberes deveria também integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade. Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. José Mujica disse que transformamos as pessoas em consumidores, e não em cidadãos. E nossas crianças, desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes. Não tem gente mais adulada do que um consumidor. São adulados até o ponto de ficarem imbecis, babando. Então para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões.



Ailton Krenak
indigenista e escritor

REFERÊNCIAS

Cremos, risivelmente, que descobrimos o modo como manter a natureza "no seu lugar". Cremos, risivelmente, em nosso mito de progresso técnico e, pior, em nosso mito de progresso moral e político. Mas, como bem sabia Joseph Conrad em seu magnífico "No Coração das Trevas", a civilização moderna, no seu desembestado ânimo neandertal, é cega para a realidade inumana que existe eternamente no silêncio do mundo. Os animais, em sua sofisticada tradição, parecem saber disso melhor do que nossa vã filosofia[179].

Luiz Felipe Pondé
Filósofo, escritor e ensaísta

A EDUCAÇÃO. *Revista mensal dedicada á defesa da instrucção no Brasil*. A educação... Rio de Janeiro: Empreza Industrial Editora “O Norte”, jun./jul., n.11-12, 1923. 362 p.

A LAVOURA. *Um grande divulgador de assuntos agrícolas*. A Lavoura... Rio de Janeiro: Sociedade Nacional de Agricultura, nov./dez., 1959. 56 p.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Arquivo dos Acadêmicos*: guia geral. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. 232 p. Acesso em: 5 jul. 2017.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões de magistro*. 2 ed. Tradução de J. Oliveria Santos e A. Ambrosio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores). Títulos originais: Confessionum, Libri Tredecim, De Magistro.

ALMENDRA, Ludmila Vargas. *Petrópolis 1958, 40 desenhos a pincel*: digitais holandesas e topofilia na poética de Wim van Dijk. Rio de Janeiro, 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em História e Crítica de Arte) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha; MOURA, Maria Isbela Gerth Landell de. A revista Chacaras e Quintaes e a comunicação rural. *Cadernos Ceru*, v.16, p.182-195, 2005.

ARQUIVO NACIONAL. Memória da Administração Pública Brasileira. Dicionário *on-line* da Administração Pública Brasileira [Recurso eletrônico], 2016. Acesso em: 23 jan. 2024.

ASHBY, Eric. Dons or crooners? *Science*, v.131, n.3408, p.1165-1170, 1960.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ZOOTECNISTAS. *História da zootecnia*. 2023. Acesso em: 8 jun. 2023.

AULETE DIGITAL. *O dicionário da língua portuguesa na internet*. Acesso em: 1 mar. 2024.

ÁVILA-PIRES, Fernando Dias de. Introdução à mastozoologia do Brasil meridional. *Revista Brasileira de Zoologia*, v.4, n.2, p.115-128, 1987.

AZEVEDO, Fernando de (org.) *As ciências no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994. 2 v., ilus.

BASTOS, Fernando. *Panorama das idéias estéticas no ocidente*: de Platão a Kant. Brasília: Editora UnB, 1987. 185 p.

BBC ONLINE. *Zoo Quest*. 2023. Acesso em: 23 ago. 2023.

BEDIAGA, Begonha. Revista Agrícola (1869-1891): sensibilizar o lavrador e plantar ciências agrícolas. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v.29, n 49, p.169-195, 2013.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Catálogo da Exposição do Livro Brasileiro Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1960, 167 p. Acesso em: 27 set. 2023.

_____. *Catálogo da Exposição do Livro Brasileiro Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1957, 254 p. Acesso em: 27 set. 2023.

BIBLIOTHECA publica e musêo paraense. *Jornal do Pará*, n.184, 19 ago. 1871, p.2. Acesso em: 2 mar. 2024.
BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods Research*, v.2, p.141-163, 1981.

BORGES, Afonso. À sombra da Garnier, renasce a Editora Itatiaia. *O Globo*, 30 jan. 2019. Acesso em: 14 jul. 2023.

BORGES, Thiago Almeida Rodrigues (org.) *Petições do povo*: os direitos na Assembleia Constituinte e Legislativa de 1823. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2023, 304 p.

BORGES, Vilma dos Santos. Um novo olhar sobre o belo na ótica de santo Agostinho. *Rev*. *Contemplação*, n.14, p.152-167, 2016.

BRANDÃO, Júlia Lima Gorges. O conservacionismo em ação: o Parque Nacional de Itatiaia e a administração de Wanderbilt Duarte de Barros (1943-1957). *Boletim do Parque Nacional do Itatiaia*, Rio de Janeiro, n. 28, nov. 2017. Acesso em: 15 abr. 2021.
BRANDI, R. Ricardo Krone e Lourenço Granato: influência na história da espeleologia paulista no final do século XIX e início do século XX. *O Carste*. v.19, n. 2, p.36-61. 2007.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. *Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2016-2022: Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Econômico e Social*. Brasília: Finep. 2016. 132 p.

_____. Decreto n. 4. 339, de 22 de agosto de 2002. Institui princípios e diretrizes para a implementação da Política Nacional da Biodiversidade. Acesso em: 5 jul. 2017.

_____. Decreto n. 75.373, de 14 de Fevereiro de 1975. Cria a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMBRATER, regulamenta dispositivos da Lei nº 6.126, de 6 de novembro de 1974, e dá outras providências. Acesso em: 1 mar. 2024.

_____. Decreto n. 48.577, de 22 de julho de 1960. Fica reconhecida a Medalha de Mérito Agrícola, instituída pela Confederação Rural Brasileira. Acesso em: 1 mar. 2024.

_____. Câmara dos Deputados. Projeto nº 4.708 de 1954. Eleva os proventos de aposentadoria do Auxiliar Administrativo no Mº da Agricultura, Eurico de Oliveira Santos ao padrão “M”. Acesso em: 23 jun. 2023.

_____. Decreto n. 2.094, de 28 de março de 1940. Transforma o Serviço de Publicidade Agrícola, do Ministério da Agricultura, em Serviço de Informação. Acesso em: 23 jun. 2023.

_____. Decreto n. 8.319, de 20 de outubro de 1910. Crêa o Ensino Agronomico e approva o respectivo regulamento. Acesso em: 23 jun. 2023.

BRASIL, Bruno. *Correio da Manhã*. Biblioteca Nacional Digital, 2015b. Disponível em: BNDigital. Acesso em: 10 fev.2024.

_____. *O Jornal*. Biblioteca Nacional Digital, 2015a. Disponível em: BNDigital. Acesso em: 10 fev.2024.

_____. *O Cruzeiro*. Biblioteca Nacional Digital, 2015b. Disponível em: BNDigital. Acesso em: 10 fev.2024.

_____. *A Manhã (Rio de Janeiro, 1925)*. Biblioteca Nacional Digital, 2014. Disponível em: BNDigital. Acesso em: 10 fev. 2024.

BRASILIANA ICONOGRÁFICA. *Os passarinhos de Jean Théodore Descourtilz*, 2017. Acesso em: 19 fev. 2024.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. História nacional em São Paulo: o Museu Paulista em 1922. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.10-11, n.1, p.79-103, 2003.

BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*: cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010. 480 p.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: conceitos e funções. *Ciência e Cultura*, v.37, n.9, p.1420-1427, 1985.

BUFFON, Georges-Louis Leclerc de. In: WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://fr.wikipedia.org/w/index.php?title=Georges Louis_Leclerc_de_Buffon&oldid=206217077 . Acesso em: 25 jul. 2023.

BURSZTYN, Marcel; PERSEGONHA, Marcelo. *A grande transformação ambiental*: uma cronologia da dialética homem-natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. 412 p.

CABRAL, Thiago Manhães Cabral. Fernando Antônio Raja Gabaglia. *Terra Brasilis* [Online], 17, 2022. Acesso em: 26 set. 2023.

CAIADO, Beatriz Coelho. *A informação agrícola na época de Getúlio Vargas*: o Serviço de Informação Agrícola. Brasília. 1995.137 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1995.

CAMARGO, Angélica Ricci. *Seção de Publicações e Biblioteca [do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio*], 2020. In: DICIONÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA [Recurso eletrônico]. Brasília: Arquivo Nacional: Memória da Administração Pública Brasileira, 2016. Acesso em: 23 jan. 2024.

CAMPOS, Raquel Discini de. Floriano de Lemos no Correio da Manhã, 1906-1965. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 2013, n.20, supl., p.1333-1352.

CAROLA, Carlos Renato; CABRAL, Gladir Silva. Concepções de natureza e sensibilidade ambiental nos livros didáticos de História Natural (1934-1971). *Rev. Bras. Estud. Pedagog*., Brasília, v. 94, n. 238, p. 858-880, 2013.

CARVALHO, Cory Teixeira. *Dicionário dos mamíferos do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1979. 135 p. il.

_____. *Dicionário dos mamíferos do Brasil*. São Paulo: Fundação Parque Zoológico, 1969. 133 p. il.

CARVALHO, José Cândido de Melo (org.). *Atlas da Fauna Brasileira*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005. 140 p. il.

CARVALHO, Paula Carolina de Andrade. O Museu Sertório: uma coleção particular em São Paulo no final do século XIX (primeiro acervo do Museu Paulista). *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.22, n.2, p.105-152, 2014.

CASTELFRANCHI, Yurij. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? (Muitas respostas óbvias... mais uma necessária). In: MASSARANI, Luisa. (org.). *Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana*. Rio de Janeiro: Museu da Vida: Fundação Oswaldo Cruz, 2010. p.13-21.

CASTRO, João Cardoso de; CASTRO, Murilo Cardoso de. Vocação, ressonância do ser-aí. *Educ. Teoria Prática,* Rio Claro, v.28, n.58, p. 339-356, 2018.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO CULTURAL ALEXANDRE EULALIO. Fundo Paulo Duarte: Catálogo. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2021. 407 p. Acesso em: 31 ago. 2023.

CID, Maria Rosa Lopez. Miranda Ribeiro: um zoólogo evolucionista nos primeiros anos da república (1894-1938). 2009. 230 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. *A história da zootecnia*. 17 ago. 2021. Acesso em: 8 jun. 2023.

CONSULADO-GERAL DA SUÍÇA. *Suíços do Brasil*. Acesso em: 22 jul 2023.

CONVENÇÃO SOBRE DIVERSIDADE BIOLÓGICA. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2000. 30 p. (Série Biodiversidade, 1).

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro: Edmundo Bittencourt, 1901-1974. Diário. Acesso em: 5 dez. 2023.

COSTA, Helouise. Entre o local e o global: a invenção da revista O Cruzeiro. In: *As origens do fotojornalismo no Brasil:* um olhar sobre O Cruzeiro, 1940-1960. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2012, p.8-31.

DANIEL, Laene Mucci; AMODEO, Nora Beatriz Presmo. A classificação da Publicidade e o discurso publicitário como fatores de construção das representações do rural. *Intercom Rev. Bras. Ciênc. Comum.*, v.37, n.1, p.243–261, 2014.

_____. As representações do rural nos anúncios da Revista Globo Rural (1980-2000). *Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade*, v.7, n.2, p.30-61, 2013.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2018. 479 p. Título original: On the origin of species by means of natural selection or the preservation of favoured races in the struggle for life; 1859.

DEAN, Warren. *A ferro e fogo*: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 484 p. Título original: With broadax and firebrand.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2016. 652 p. Título original: Voyage Pittoresque et Historique au Brésil.

_____. *Coroação de D. Pedro I*. 1828. Óleo sobre tela. 640 x 340 cm. Acesso em: 22 jul. 2023.

DE GROOT, R.; WILSON, M.A.; BOUMANS, R.M.J. A typology for the classification, description and valuation of ecosystem functions, goods and services. *Ecological Economics* 41, p. 393-408, 2002.

DESCOURTILZ*,* Jean Theodore. *Ornitologia brasileira ou História natural das aves do Brasil*. 2 ed. Tradução de Eurico Santos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983. 223 p. (Coleção *Vis Mea in Labore*, 4). Título original: Ornithologie Brésiliennne ou Historie des oiseaux du Brésil.

_____. *Ornitologia brasileira ou História natural das aves do Brasil*. Tradução de Eurico Santos. Rio de Janeiro: São Paulo: Livraria Kosmos Editora, 1944, 228 p. Título original: Ornithologie Brésiliennne ou Historie des oiseaux du Brésil.

_____. *Beija-flores do Brasil*. Tradução de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960. 85 p. Título original: Oiseaux-mouches orthorynques du Brésil.

DIAS, João Castanho. *A imprensa rural no Brasil*: histórias da agricultura e da propaganda agrícola. Santa Cruz do Rio Pardo: Barleus, 2011. 188 p.

DÍAZ, José Antonio Acevedo; ALONSO, Ángel Vázquez; MAS, Maria Antonia Manassero. Papel de la educación CTS en una alfabetización científica y tecnológica para todas las personas. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v.2, n.2, p.80-111, 2003.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DA PRIMEIRA REPÚBLICA: 1889-1930 [Recurso eletrônico]:. Coordenadora-geral Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. 8097 p.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE NO BRASIL: 1832-1970 [Recurso eletrônico]:. Departamento de Pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz: Fundação Oswaldo Cruz, 2000. Disponível em: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br. Acesso em: 23 jan. 2024.

DICIONÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA [Recurso eletrônico]. Brasília: Arquivo Nacional: Memória da Administração Pública Brasileira, 2016. Disponível em: http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario. Acesso em: 23 jan. 2024.

DIJK, Win van. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1348/win-van-dijk. Acesso em: 17 de abril de 2024. Verbete da Enciclopédia.

DILTHEY, Wilhelm. *Gesaminelte Schriften*, 2 ed., Stuttgart e Göttingen, 1958, t.VII, p. 205 *apud* KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

DOMINGUEZ, Celi Rodrigues Chaves. *Desenhos, palavras e borboletas na educação infantil*: brincadeiras com as ideias no processo de significação sobre os seres vivos. 176 f. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DUARTE, Regina Horta. A Biologia Militante: o Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil — 1926-1945. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 218 p.

_____. Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção, 1894-1938. *Latin American Research Review*, v. 41, n.1, p.3-26, 2006.

_____. Por um pensamento ambiental histórico: o caso do Brasil. *Luso-Brazilian Review*, v.41, n.2, p.144-62, 2005

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1977. p.238. (Coleção Estudos, 85). Título original: Corno se fa una tesi di laurea.

EVANS, Evan. Everything you need to know about british humour. 22 fev. 2021. Disponível em: https://evanevanstours.com/blog/everything-you-need-to-know-about-british-humour/. Acesso em: 25 ago. 2023.

FERREIRA-FERNANDES, Hugo; ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. Legislação e mídia envolvendo a caça de animais silvestres no Brasil: uma perspectiva histórica e Socioambiental. *Gaia Scientia*, v.8, n.1, p.1-7, 2014.

FERREIRA-FERNANDES, Hugo. *A caça no Brasil*: panorama histórico e atual. 466 f.2014. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, João Pessoa, 2014.

FIGUEIREDO, Luiz Fernando de Andrade. Contribuição para discutir a questão dos nomes vulgares para as aves brasileiras. *Boletim do Centro De Estudos Ornitológicos*, n. 1, 1986, 36 p.

FIORAVANTI, Carlos. Divulgação científica no período colonial brasileiro: as cartas jesuíticas. *Journal of Science Communication América Latina*, v.5, n.2, A05, 2022.

_____. Das cartas jesuíticas aos blogs de ciência: a diversidade de vozes e formas de noticiar o conhecimento científico no Brasil. Parte III – desde 1950. *SciELO Preprints*, 2021.

_____. Das cartas jesuíticas aos blogs de ciência: a diversidade de vozes e formas de noticiar o conhecimento científico no Brasil. Parte II – 1808-1950. *SciELO Preprints*, 2021.

_____. Olhar ampliado sobre a divulgação científica no Brasil — Os primeiros redatores profissionais [Das cartas jesuíticas aos blogs de ciência: a diversidade de vozes e formas de noticiar o conhecimento científico no Brasil. Parte I – 1551-1808]. *SciELO Preprints*, 2021.

_____. Prazer em descrever: o agrônomo EURICO SANTOS foi um divulgador da natureza brasileira durante 50 anos. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 229, mar. 2015.

FIUZA, Denis Henrique. *Modernidade discreta*: o mundo rural brasileiro nas páginas da revista Globo Rural (1985-2000). 2018. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2018.

FORSTER, Michael N.; GJESDAL, Kristin (Ed.). *The Cambridge companion to hermeneutics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. 432 p.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. 250 p.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. *Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009a. 272 p.

_____. *O Cuidado da Natureza*: a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza e a experiência conservacionista no Brasil: 1958-1992. Textos de História, v. 17, n. 1, p.59-84, 2009b.

_____. A Primeira Conferência Brasileira de Proteção a Natureza e a questão da identidade nacional. *Varia História*, n.26, p.77-96, 2002.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. *O caminho se faz caminhando*. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, 148 p.

FUNDAÇÃO BRASILEIRA PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA - FBCN. *Boletim Informativo*, n.23, 1988. 200 p.

_____. *Boletim Informativo*, n.7, 1972. p.3.

_____. *Boletim Informativo*, n.3, 1968. p.44.

_____. *Boletim Informativo*, n.1, 1966. p.2.

FUNDAÇÃO VAN ROGGER. Disponível em: http://vanrogger.com/index.php?/papiers/port-du-bresil/. Acesso em: 14 set. 2023.

GALÚCIO, Ana Vilacy; PRUDENTE, Ana Lúcia (org.). *Museu Goeldi*: 150 anos de Ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2019. 387 p.

GANDAVO, Pero de Magalhães de. *Historia da provincia santa cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*, feita por Pero de Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito illustre senhor Dom Leonis Pereira, governador que foi de Malaca e das mais partes do sul na Índia. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858, 68 p.

GAZETA DE NOTÍCIAS. *Carteiras profissionaes de jornalistas expedidas*. Rio de Janeiro, 7 jun. 1939. Página Syndical, p.13. Disponível em: BNDigital. Acesso em: 1 jun. 2022.

GLENDINNING, Lee. A typical briton: uptight but witty. *The Guardian.* 16 nov. 2004. Disponível em: The Guardian. Acesso em: 25 ago. 2023.

GODINHO, Paulo Roberto. A cinofilia brasileira, de Raul Peixoto a Sergio Castro. *Revista Oficial da Confederação Brasileira de Cinofilia Rio de Janeiro*, n.45, p.34, 2013.

GOMES, Laurentino. *1808*: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. 3 ed. rev. ampl. São Paulo: Globo, 2014. 384 p.

_____. *1889*: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a Proclamação da República no Brasil. São Paulo: Globo, 2013. 415 p.

GOOGLE ARTS & CULTURE. *Google Art Project*, 2011. Disponível em: Arts and Culture. Acesso em: 24 jul. 2023.

GRANJA, Lúcia. Três é demais! (ou por que Garnier não traduziu Machado de Assis?), *Machado de Assis em linha*, Universidade de São Paulo, v.11, n.25, p.18-32, 2018.

GUEDES, Fátima Becker; SEEHUSEN, Susan Edda (org.). 2. ed. *Pagamentos por serviços ambientais na Mata Atlântica*: lições aprendidas e desafios. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2011. 272 p. il. (Série Biodiversidade, 42). Disponível em: Portal Livro Aberto. Acesso em: 16 ago. 2023.

HAHN, Roger. *The Anatomy of a Scientific Institution*: the Paris Academy of Sciences, 1666-1803. Berkeley: Los Angeles: University of California Press, 1971. 433 p. [Internet Archive]

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*: sua história. 2 ed. rev. e ampl. Tradução: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. 1016 p. Título original: Books in Brazil: a history of the publishing trade.

HAMBURGER, Esther. Globo Rural merecia horário melhor. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 de janeiro de 2000. In: Banco de dados do Projeto TV- Pesquisa Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: Banco de dados do Projeto TV. Acesso em: 1 jul. 2023.

HARDIN, Garrett. The tragedy of the commons. *Science*, v.162, p.1243-1248, 1968.

HEMEROTECA. Artigos. 2014. Acesso em: 1 mar. 2024.

HERMANNY FILHO, Luiz. *O cão*: nosso melhor amigo. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1957. 520 p.

HOMENAGEM a EURICO SANTOS pelos 40 anos de divulgação científica. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1959. 1º Caderno. p.5.

HUE, Sheila. *Delícias do descobrimento*: a gastronomia brasileira no século XVI. São Paulo: Zahar, 2008, 209 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Tendências Demográficas*: uma análise da população com base nos resultados dos censos demográficos de 1940 e 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. 115 p. (Estudos & Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, 20).

_____. Noticiário. *Revista Brasileira de Geografia*, v.20, n.1, p.129, 1958.

_____. Professor Fernando Antônio Raja Gabaglia: noticiário. *Revista Brasileira de Geografia*, v.16, n.2, p.288, 1954.

INSTITUTO MOREIRA SALLES - IMS. *Martha e Erico Stickel*. Acesso em: 16 jun. 2023.

IHERING, Hermann von; IHERING, Rodolpho von. *Catalogos da fauna brazileira*. São Paulo: Museu Paulista, 1907, 485 p.

IHERING, Hermann von. *Os mamíferos do Rio Grande do Sul*. [S.l.: s.n.], 1894. 30 p.

IHERING, Rodolpho von. *Dicionário dos animais do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1968. 790 p.

_____. *Da vida dos nosso animais*. 2 ed. São Leopoldo: Rotermund & CO., 1946. 319 p.

_____. *Dicionário dos animais do Brasil*. São Paulo: [s. n.], 1940. 898 p.

_____. *Historia natural dos mais interessantes animaes do Brasil*. São Paulo: Editora Limitada, [193-], 63 p.

_____. *Fauna do Brasil*: texto explicativo do Atlas da fauna do Brasil. São Paulo: Secção de Obras d' "O ESTADO", 1917a. 126 p.

_____. *Atlas da fauna do Brasil*: atlas com 38 estampas representando 603 especies de animaes brasileiros, 2 cartas zoogeographicas coloridas. Tabellas, indices, etc. e acompanhado de um livro de texto explicativo. São Paulo: Hartmann-Reichenbach, 1917b.

_____. Os nomes zoologicos em portuguez. *Revista do Brasil*, v.4, n.15, p.282-290, 1917.

_____. Diccionarios portuguezes. *Revista do Brasil*, v.2, n.5, p.282-290, 1916.

_____. *O livrinho das aves*. São Paulo: Hartmann-Reichenbach, 1914. 47 p.

JOFFILY, Bernardo; JOFFILY, Mariana (org.). *Atlas Histórico do Brasil* (Brasil 500 anos). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Brasília: Finep, 2023. Acesso em: 1 mar. 2024.

JUNGHANS, Miriam Elvira. Among birds and net(work)s: material and social practices in the trajectory of ornithologist Emilie Snethlage (1868–1929). *Journal of History of Science and Technology*. v.10. p.71-101, 2016.

_____. *Avis rara:* a trajetória da naturalista alemã Emília Snethlage (1868-1929) no Brasil. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

KARNAL, Leandro. O historiador como juiz. Estadão, Opinião, 11 set. 2016. Acesso em: 1 mar. 2024.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, v.5, n.10, p. 134-146, 1992.

LENT, Herman. Eurico de Oliveira Santos (1883-1968). 2. ed. In: *Grande Enciclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro: Editora Delta, v. 13, p. 6117, 1979.

LIMA, Luciano. Aves compõem histórias do folclore brasileiro. *G1: EPTV: Terra da Gente*, Campinas, 18 ago. 2021. Acesso em: 1 mar. 2024.

LOBATO, Monteiro. *A caçada da onça*: novas aventuras de Narizinho, Rabicó e demais companheiros. São Paulo: Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1924. 35 p.

LOPES, Maria Margaret. Comemorações da Independência: a História ocupa o lugar das Ciências Naturais no Museu Paulista, Brasil. *L'Ordinaire Latino-américain*, n.212, p.33-50, 2010.

_____, *O Brasil descobre a pesquisa científica*: os museus e as ciências naturais no século XIX. 2 ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009. 372 p.

LOPES, Maria Margaret; MURRIELLO, Sandra Elena. Ciências e educação em museus no final do século XIX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.12 (Supl.), p.13-30, 2005.

LOPES, Maria Margaret. "Mais vale um jegue que Me carregue, que um camelo que me derrube... lá no Ceará". *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.3, n.1, p..50-64, 1996.

LUBENOW, Aline Maisa; SÁ, Magali Romero. O ato de coletar espécimes silvestres e a legislação brasileira. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n. 27, p. 64-83, 2016.

MAETERLINCK, Mauricio. *A vida das abelhas*. 3. ed. Tradução da 62ª edição por Candido de Figueiredo. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira. 1918. 307 p. Título original: La Vie des abeilles.

MAIA, Otávio Borges; SALES, Kleber Soares de. *Vox*: arte, cultura e ciência no Brasil. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação de Ciência e Tecnologia, 2017. 132 p. il. Disponível em: Portal Livro Aberto. Acesso em: 16 ago. 2023.

MAIA, Otávio Borges; FREITAS, Tino. *Livro Vermelho das Crianças*. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2015. 166 p. il. Disponível em: Portal Livro Aberto. Acesso em: 16 ago. 2023.

_____. *Vocabulário ambiental infantojuvenil*. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2013. 256p . il. Disponível em: Portal Livro Aberto. Acesso em: 16 ago. 2023.

MALAVOY, Sophie. *Guia prático de divulgação científica*. Tradução de Bernardo Esteves. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2005. 51 p. Titulo original: Guide pratique de communication scientifique: comment captiver son auditoire.

MARANHÃO FILHO, Luiz. *Legislação e comunicação*: direito de comunicação. São Paulo: LTr, 1995. 142 p.

MARCHINI, Silvio. Eurico Santos, divulgador da natureza brasílica. *O Eco*, Rio de Janeiro, 22 fev. 2013. Disponível em: Divulgador da natureza brasílica. Acesso em: 12 jul. 2017.

MARCOLIN, Neldson. Vulgarização controversa: a divulgação de pesquisas já causava polêmica entre pesquisadores no século XIX. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 222, ago. 2014.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à história*:* folheando páginas revisteiras. *História.* São Paulo, v.22, n.1, p. 59-79, 2003.

MARTINS, Ana Luiza. No país agrícola, revistas agronômicas. In: _____. *Revistas em revista:* imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922). São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008. 593 p.

MARTINS, Fernanda de Oliveira *et al*. Hans-Karl Wiegandt e a introdução da litografia na Província do Gram-Pará em 1870. *Projetica*, v.9, n 2, Supl. p.11–26, 2018.

MARTINS, Fernanda Santa Roza Ayala. Os "infelizes patrícios da selva", a "massa anonyma" e o "pessoal civilizado": o processo de implementação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores

Nacionais no Maranhão (1910-1918). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011, São Paulo. *Anais*... São Paulo: Associação Nacional de História, 2011.

MARTINS, Juliana. *Uma biografia de Eugênio de Barros Raja Gabaglia*. 2019. 134 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2019.

MASETTO, Ebráilon; ROSA, Russel Teresinha Dutra da. Interações do público escolar em dois diferentes tipos de museus de ciências. *Investigações em Ensino de Ciências*, v.25, n.3, p.41-69, 2020.

MASSARANI, Luisa Medeiros; ALVES, Juliana Passos. A visão de divulgação científica de José Reis. *Ciência e Cultura*, v.71, n.1, 2019.

MASSARANI, Luisa; DIAS, Eliane Monteiro de Santana (org.). *José Reis:* reflexões sobre a divulgação científica. Rio de Janeiro: Fiocruz: Casa de Oswaldo Cruz, 2018. 236 p.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro. Miguel Ozorio de Almeida e a vulgarização do saber. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 11, n.2, p.501-13, 2004.

MASSARANI, Luisa. *A divulgação científica no Rio de Janeiro*: algumas reflexões sobre a década de 20. 1998. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

MASSARANI, L. M. & MOREIRA, I. C. A retórica e a ciência: dos artigos originais à divulgação científica. *Ciência & Ambiente*, n.23, p.31-47, 2001.

MAGALHÃES, Oswaldo. Propaganda rural. *Revista do Serviço Público*, v.4, n.2, p.73-75, 1941.

MATTER, Sandro von. Aves da Mata Atlântica do Sudeste ganham belíssimo livro, organizado pela Wildlife Conservation Society. *Conexão Planeta*, São Paulo, 26 nov. 2015. Acesso em: 5 jul. 2017.

MENDONÇA, Vivian Lavander. *O folclore como ferramenta de motivação para o ensino de Zoologia na escola*: proposta de um livro paradidático. 2008. 276 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MENEZES, Adriana Vilar de. A mão visível do editor invisível. Jornal da Unicamp, n.686, p.6, 2023. Disponível em: A mão visível do editor invisível. Acesso em: 1 mar. 2024.

MELO, Pedro Américo de Figueiredo e. *D. Pedro II na abertura do parlamento*. 1872. Óleo sobre tela. 250 x 288 cm. Acesso em: 24 jul. 2023.

MIRANDA, Luciana Lilian de. Nacionalismos e nativismos nos anos de 1920: João Barros e aproximação luso-brasileira. *Patrimônio e Memória*, v.11, n.2, p.21-51, 2015.

MITIDIERO JÚNIOR, Marco Antônio; GOLDFARB, Yamila. *O Agro não é Tech, o Agro não é Pop e muito menos tudo*. São Paulo: Associação Brasileira de Reforma Agrária: Friedrich Ebert Stiftung, 2021. 40 p.

MOREIRA, Ildeu de Castro; STUDART, Nelson. Einstein e a divulgação científica. *Ciência & Ambiente*, Santa Maria, v.16, n.30, p.125-142, 2005.

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 1920. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. v.7, n.3, pp.627-651, 2001.

MOREIRA, Kênia Hilda. *O ensino de história do Brasil no contexto republicano de 1889 a 1950 pelos livros didáticos:* análise historiográfica e didático-pedagógica. 2011. 236 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2011.

MOREAUX, François-René. *A sagração de Dom Pedro II*. 1842. Óleo sobre tela. 310 x 238 cm. Acesso em: 24 jul. 2023.

MORITZ, Adria Laube et al. Indicadores do potencial educativo do Museu de Ecologia Fritz Müller para aprender ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM *Ciências*, 8, 2011, Campinas. *Atas*... Campinas: Abrapec, 2011. 13 p.

MOTTA, Marly Silva da. *Rio, Cidade-Capital*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 72 p. (Coleção Descobrindo o Brasil).

MUSEU DA VIDA. *Brasiliana: a divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz: Universidade Federal do Rio de Janeiro: Universidade Federal de Minas Gerais, 2024. Disponível em: https://www.fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=40. Acesso em: 1 mar. 2024.

NASCIMENTO, Tatiana Galieta. Definições de divulgação científica por jornalistas, cientistas e educadores em ciências. *Ciência em Tela*, v.1, n.2, p.1-8, 2008.

NAJJAR, Rosana *et al*. A Arqueologia de um jardim: pesquisa arqueológica do Passeio Público do Rio de Janeiro/RJ. *Habitus*, v.5, n.2, p.455-479, 2007.

NEVES, Margarida de Souza; HEIDER, Alda. *A ordem é o progresso:* o Brasil de 1870 a 1910. São Paulo: Atual Editora, 1991. 97 p. (Coleção História em documentos).

NETO, Lira. *A arte da biografia*: como escrever histórias de vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 188 p.

NOCETTI, Milton Amílcar Pedro. Estudo analítico da informação agrícola no Brasil. 1978. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

LOURENÇO NETO, Sydenham. Modernização, crise e protesto popular: a questão do abastecimento nos anos 50. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011. *Anais*... São Paulo: Associação Nacional de História, 2011, p.1-10.

NOGUEIRA NETO, Paulo. *Uma trajetória ambientalista:* diário de Paulo Nogueira Neto. São Paulo: Empresa das Artes, 2010. 880 p.

NOMURA, Hitoshi. *Ciência brasileira em entrevistas*: Hitoshi Nomura, 76 anos. Campinas, 7 jan. 2010b.49 min. Entrevista concedida a Luiz Roberto Pontes e Lilian Al-Chueyr Pereira Martins. Acesso em: 7 jul. 2023.

_____. Bio-bibliografia do ornitologista Roberto Gonçalves de Oliveira (1916-2004). *Atualidades Ornitológicas On-line*, Ivaiporã, n.156, 2010a. 3 p.

_____. Eurico Santos e a divulgação científica no Brasil. *Sitientibus Série Ciências Biológicas*, v.9, n.1, p. 71-85, 2009. Acesso em: 27 ago. 2023.

_____. Alfonso Maria Olalla, coletor de animais. *Atualidades Ornitológicas*, n.144, 2008 *apud* DELMIRO, Vinicius Franzoni. *A trajetória científica de Olivério Pinto*: a zoologia de campo no Brasil em meados do século XX (1929-1979). 2023. 143 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2023.

_____. O grande divulgador Eurico Santos. *Atualidades Ornitológicas*, v.123, n.4-5, 5 p., 2005. Acesso em: 27 ago. 2023.

_____. João Moojen de Oliveira (1904-1985). *Revista Brasileira de Zoologia*, v.10, n.3, p.553-558, 1993a.

_____. A obra científica de Antenor Leitão de Carvalho (1910-1985). *Rev. Bras. Zool.*, v.10, n.3, p. 545-552, 1993b.

_____. *Vultos da zoologia brasileira*. Mossoró: Escola Superior de Agricultura de Mossoró, 1991. 5 v. (Coleção Mossoroense, Série C, n. 661, 662, 770 e 771, 772).

_____. Centenário de Eurico Santos (1883-1969). *Ciência e Cultura*, v.35, n.6, p.844-845, 1983.

_____. Homens e instituições: Eurico Santos (1883-1969). *Ciência e Cultura*, v.21, n.17, p.100-103, 1969.

NOEL, Francisco Luiz. Os últimos naturalistas. O Eco, 20 out. 2004. Disponível em: https://oeco.org.br/reportagens/860-oeco_10573/. Acesso em: 27 ago. 2023.

O CAMPO. Rio de Janeiro, 1930-1952. Hemeroteca Digital Brasileira, Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Brasil, Disponível em: BNDigital. Acesso em: 1 jun. 2023.

O GLOBO. Matutina, Geral, 22 jul. 1960, p.12. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com. Acesso em: 18 abr. 2022.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles (org.). *O Museu Paulista e a gestão Afonso Taunay*: escrita da história e historiografia, séculos XIX e XX. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2017. 191 p.

OLIVEIRA, Roberto Gonçalves de. *As aves-símbolos dos estados brasileiros*. Porto Alegre: Editora Age, 2003. 128 p.

_____. Eurico Santos (1883-1983): primeiro centenário de nascimento (1883-1983). *Sulórnis*, Porto Alegre, n.4, p-5-6, 1983.

_____. Eurico Santos: vida e obras (1883-1968). *Natureza em Revista*, n.5, p.8-9, 1978.

OLIVEIRA, Cecilia Helena de Salles. Museu Paulista: espaço de evocação do passado e reflexão sobre a história. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.10-11, n.1, p. 105-126, 2003.

OLIVEIRA E SILVA, Francisco de. O Direito Autoral no Brasil. *Revista de Direito do Ministério Público do Estado da Guanabara*, Rio de Janeiro, n.6, p.56-60, 1968.

OSTA, Alcione José; SANTOS, Eurico (org.). *Calendário agrícola do Brasil*: estado de Minas Gerais. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1955. 161 p., il.]

OZÓRIO DE ALMEIDA, Miguel. *A vulgarização do saber*. Rio de Janeiro: Ariel Editora Ltda., 1931.

PAULA, Eurípedes Simões de. Noticiário. *Revista de História*, v.14, n.30, p.540-542, 1957.

PÁDUA, Helcias Bernardo de. *Quem foi Agenor Couto de Magalhães e a Da. Iaiá*. Disponível em: Memórias do Itaim. em 8 fev. 2010 *apud* PEREIRA, Elenita Malta. *Um protetor da natureza*: trajetória e memória de Henrique Luiz Roessler. 2011. 347 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, v.24, n.68, p.81-101, 2010.

_____. *Um sopro de destruição*: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. A profecia dos desertos da Líbia: conservação da natureza e construção nacional no pensamento de José Bonifácio. *Rev. Bras. Ciências Sociais*, v.15, n.44, p.119-142, 2000.

PAIS, José Alberto. Panorama dos aquários públicos da cidade do Rio de Janeiro. *Museologia e Patrimônio*, v.14, n.2, p.13-47, 2021.

PAIVA, Evelyn Morgan Monteiro. *O Campo em Revista: agrarismo e modernismo no Estado do Rio de Janeiro nos anos de 1920*. 2014. 241 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2014.

PAPAVERO, Nelson. *Origem do nome "América" e o Brasil na cartografia quinhentista*. São Paulo: NEHiLP/FFLCH/USP, 2018. (Arquivos do Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa, v.15). Disponível em: www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp. Acesso em: 10 abr. 2024.

PATIÑO-BARBA, Maria de Lourdes; GONZÁLEZ, Jorge Padilla; MASSARANI, Luisa. Diagnóstico de la divulgación de la ciencia en américa latina: una mirada a la práctica de campo. León: Fibonacci / Innovación y Cultura Científica / RedPOP, 2017. 144 p.

PENNA, Domingos Soares Ferreira. Archeologia e Ethnographia no Brazil. *Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia*, v.1, n.1, p.28-31, 1894. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/424692/36. Acesso em: 1 mar. 2024.

PEREIRA, Airton dos Reis; OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José Francisco de. A voz mais alta da biologia: diálogos entre história política e história da ciência. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v.27, n.45, p.379-382, 2011.

PEREIRA, Beatriz de Oliveira; VALLE, Mariana Guelero do. O discurso museológico e suas tipologias em um museu de história natural. *Ciênc. Educ*., Bauru, v.23, n.4, p.835-849, 2017.

PEREIRA, Elenita Malta. *A ética do convívio ecossustentável***:** uma biografia de José Lutzenberger. 2016. 630 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PETSCHELIES, Erik. O Museu Paulista, Hermann von Ihering (18501930) e os ameríndios. *Rev. antropol.* (São Paulo, Online), v.66, e202287, 2023.

PIAZZA, Leandro. *6 formas de monetizar startups que você precisa conhecer*. 2021. Acesso em: 1 mar. 2024.

PINTO, Rossini. Conservação da natureza. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1958. 1º Caderno. p.11.

PIO, Thaíse Bastos. O discurso sobre a terra italiana nas Geórgicas de Virgílio. Codex: Revista Discente de Estudos Clássicos, v.5, p.137-154, 2017.

PIRES, Débora de Oliveira (org.). *200 anos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Associação Amigos do Museu Nacional, 2017. 40 p. Acesso em ago. 2023.

PLANCK, Max. *Where is science going?* New York: W.W. Noton & Company, Inc., 1932, p.217.

PLATÃO, República. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001. 511 p.

PONDÉ, Luiz Felipe. O silêncio dos animais. *Folha de São Paulo*, 29 dez. 2014. Caderno Ilustrada, p.C6. Acesso em: 1 mar. 2024.

RAMOS, Graciliano. Pequena história da república [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Record, 2020. epub.

REIS, João Carlos. *Teoria e história*: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: FGV, 2012. 270 p.

REIS, José. Rodolpho von Ihering, divulgador e didata. *Ciência e Cultura*, v.35, n.7, p.993-995, 1983.

_____. O caminho de um divulgador. *Ciência e Cultura*, v.34, n.6, p.800-816, 1982.

_____. Responsabilidade de cientistas e jornalistas científicos. *Ciência e Cultura*, v.26, n.7, p.657-661, 1974.

_____. Divulgação da ciência. *Ciência e Cultura*, v.19, n.4, p.697-702, 1967.

RIBEIRO, Ana Elisa; VINÍCIUS, Mário (org.). *Minas geográfica*. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2019. 123 p.

RIBEIRO, Marcelo Jorge Pereira. *O Globo Rural e a Comunicação no Campo*: um estudo da recepção realizada pelos pequenos produtores. 2005. 69 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

RIBEIRO, Isadora Moreira. *Representações sociais da ruralidade brasileira na revista Globo Rural (1985-2015).* 2017.191 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Ciência e tecnologia na agricultura: algumas lições da história. *Cadernos de Ciência & Tecnologia,* v.4, n.1, p.59-95, 1987.

ROLLEMBERG, Marcello. Uma semana que dura para sempre. *Jornal da USP*, 2022. Disponível em: https://jornal.usp.br/cultura/uma-semana-que-dura-para-sempre/. Acesso em: 1 mar. 2024.

SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. O Museu Nacional e seu papel na história das ciências e da saúde no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v.34, n.12, e00192818, 2018.

SALGADO, Álvaro de Faria. *A radiodifusão educativa no Brasil* (notas). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946. 119 p.

SALGUEIRO, Eduardo de Melo. História da imprensa e jornalismo agronômico: possibilidades de pesquisa. *Escritas*, v.9, n.1, p.160-182, 2017.

SANJAD, Nelson Rodrigues; SILVA, João Batista Poça da. Três contribuições de Emílio Goeldi (1859-1917) à arqueologia e etnologia amazônica. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi Cienc. Hum.*, v. 4, n.1, p. 94-99, 2009.

SANJAD, Nelson Rodrigues; VELTHEM, Lúcia Hussak van (org.). *Catálogo da Exposição Reencontros: Emílio Goeldi e o Museu Paraense*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006. 60 p.

SANJAD, Nelson Rodrigues. *A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República*: 1866-1907. 2005. 440 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, Christian Fausto Moraes dos. Das memórias do Arco do Cego: divulgação científica na américa portuguesa do século XVIII. *Diálogos DHI/PPH/UEM*, v.12, n.1, p.207-225, 2008.

SANTOS, Eurico. *Manual do amador de cães*: origem, domesticação, classificação das raças, reprodução, criação, alimentação, habitação, higiene, adestramento, moléstias e seu tratamento. 8. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004, 424 p., il. (Coleção *Vis Mea in Labore*, 1). 🕮

_____. *Anfíbios e répteis do Brasil:* vida e costumes. 4. ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1994. 263 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 3).

_____. *Nossos peixes marinhos*: vida e costume dos peixes do Brasil. 3. ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1992. 265 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 1). 🕮

_____. *Da ema ao beija-flor:* vida e costumes das aves do Brasil. 5. ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1990. 396 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 4).

_____. *Miscelânea zoológica*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987a. t. 2, 118 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 11).

_____. *Nossas madeiras*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987b. 313 p. (Coleção *Vis Mea in Labore*, 7). 🕮

_____. *Peixes da água doce*: vida e costumes dos peixes do Brasil. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987c. 267 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 2). 🕮

_____. *Histórias, lendas e folclore de nossos bichos*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. 168 p. il. (Coleção *Vis Mea in Labore*, 5).

_____. *Os insetos*: vida e costumes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985. t.2, 243 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 10).

_____. *Pássaros do Brasil:* vida e costumes. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985. 312 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 5).

_____. *Pesca e psicultura*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985, 212 p., il. (Coleção *Vis Mea in Labore*, 2). 🕮

_____. *Entre o gambá e o macaco:* vida e costumes dos mamíferos do Brasil. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. 287 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 6).

_____. *Os insetos*: vida e costumes. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. t.1, 203 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 9).

_____. *O mundo dos artrópodes*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. 197 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 8).

_____. *Moluscos do Brasil*: vida e costumes. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. 141 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 7).

_____. *Nossos peixes marinhos*: vida e costume dos peixes do Brasil. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. 265 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 1).

_____. *Anfíbios e répteis do Brasil:* vida e costumes. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 263 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 3).

_____. *Peixes da água doce*: vida e costumes dos peixes do Brasil. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 267 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 2).

_____. *Amador de pássaros*: captura, manutenção e criação. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. 191 p. il. (Coleção *Vis Mea in Labore*, 3). 🕮

_____. *Como cultivar hortas e pomares*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1979. 142 p., il.

_____. *Pesca e psicultura*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977, 212 p., il. (Coleção *Vis Mea in Labore*, 2).

_____. *Manual do amador de cães*: origem, domesticação, classificação das raças, reprodução, criação, alimentação, habitação, higiene, adestramento, moléstias e seu tratamento. 5. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1971. 416 p. il. 🕮

_____. *Histórias, lendas e folclore de nossos bichos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967. 407 p. il. (Edições de Ouro. Coleção Brasileira de Ouro).

_____. *Histórias do caçador que nunca mentiu*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1966. 33 p. il. (S. I. A, Clubes Agrícolas, 31).

_____. *Contribuições à zoologia agrícola do Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1966. 92 p. il. (S. I. A, Clubes Agrícolas, 29).

_____. *Nossos beija-flores e seu nomes vulgares*. In: Anuário Agrícola 1965-1966: suplemento de Chácaras e Quintais. São Paulo: Chácara e Quintais, 1965, p.167-174, il. 🕮

_____. *Os insetos*: vida e costumes. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1961. t.1, 206 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 9).

_____. *Animais silvestres que nos são úteis*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1961. 80 p. (S. I. A, Série Clubes Agrícolas, 27).

_____. *Combate aos ratos*. 2. ed. atual. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1960. 43 p. il. (S. I. A., 849). 🕮 [1 ed. S.I.A. n. 689].

[PINTO, Agnaldo Moreira de; SANTOS, Eurico (org.). *Calendário agrícola do Brasil*: estado de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1960. 75 p. il.]

[OSTA, Alcione José; SANTOS, Eurico (org.). *Calendário agrícola do Brasil*: estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959. 108 p. il.]

_____. *O mundo dos artrópodes*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1959. 197 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 8).

_____. *O mundo animal que nos cerca*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1958. 108 p. (S. I. A, Série Clubes Agrícolas, 21).

_____. *O urucu*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1958. 14 p.

_____. *Manual do lavrador brasileiro*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1957. 512 p. il.

_____. *Histórias, lendas e folclore de nossos bichos*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1957. 409 p. il. 🕮

_____. *Animais nocivos*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1957. 79 p. (S. I. A., 811). 🕮

_____. *O que convém saber sobre môscas e mosquitos*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1957. 34 p. (S. I. A, Série Clubes Agrícolas, 18).

_____. *Os animais selvagem*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1956. 204 p. il. 🕮

_____. *Nossas fruteiras*. 3. ed. São Paulo: Chácara e Quintais, 1956. 44 p., il. (Bibliotéca Agricola Popular Brasileira).

SANTOS, Eurico; KATTERFELDT, H. Oscar. *A cabra leiteira*. São Paulo: Chácara e Quintais, 1956. 40 p. il. (Biblioteca Agrícola Popular Brasileira). 🕮

_____. *Moluscos do Brasil* [*Os moluscos: vida e costumes*]. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1955a. 132 p. il.

_____. *O amador de pássaros*: captura, manutenção e criação. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1955b. 171 p. il. 🕮

_____. *Aves de luxo, esporte e utilidade.* São Paulo: Chácara e Quintais, 1955c. 56 p. il. (Biblioteca Agrícola Popular Brasileira). 🕮

_____. *O homem e a fauna no Brasil.* Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1955d. 52 p., il. (S. I. A., Estudos e ensaios, 9). 🕮

_____. *Anfíbios e répteis do Brasil:* vida e costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1955. 262 p. il.

_____. *Peixes da água doce*: vida e costumes dos peixes do Brasil. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1954. 267 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 2). 🕮

_____. *Manual do amador de cães*: origem, domesticação, classificação das raças, reprodução, criação, alimentação, habitação, higiene, adestramento, moléstias e seu tratamento. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1954, 283 p. il.

_____. *Proteção à fauna*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1954. 45 p., il (S. I. A.,793).

_____. *Crie perus e ganhe dinheiro*. São Paulo: Chácara e Quintais, 1953. 16 p., il.

_____. *Nossos peixes marinhos*: vida e costume dos peixes do Brasil. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1952. 265 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 1). 🕮

_____. *Da ema ao beija-flor:* vida e costumes das aves do Brasil. 2. ed. rev. e muito ampl. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1952. 335 p. il. (Coleção Zoologia Brasílica, 4). 🕮

_____. *Serpentes peçonhentas*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1952. 60 p. il. (S. I. A., 783).

_____ (org.). *Caças e caçadas*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1950. 282 p. il. 🕮

_____. *Plantas têxteis*. São Paulo: Chácara e Quintais, 1950. 15 p. il. (Biblioteca Agrícola Popular Brasileira. Vamos para o campo, 58).

_____. *Proteção à fauna indígena*. São Paulo: Chácara e Quintais, 1948. 16 p. il. (Biblioteca Agrícola Popular Brasileira. Vamos para o campo, 39).

_____. *Combate aos ratos*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1948. 42 p., il. (S.I.A., 689).

_____. *Cultura do amendoim*. 3. ed. São Paulo: Chácara e Quintais, 1948. 16 p., il. (Biblioteca Agrícola Popular Brasileira. Vamos para o campo, 1).

_____. *Manual do amador de cães*: origem, domesticação, classificação das raças, reprodução, criação, alimentação, habitação, higiene, adestramento, moléstias e seu tratamento. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1947. 384 p. il. 🕮

_____. *Cereais*: trigo, milho, aveia, arroz, centeio e cevada. 2. ed. São Paulo: Chácara e Quintais. 1947. 19 p., il. (Biblioteca Agrícola Popular Brasileira. Vamos para o campo, 3).

_____. *O que todos os criadores devem saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Técnica Ltda., 1946. 172 p. il.

_____. *Formigas, rans e outros animais*. Rio de Janeiro: O Campo. 1945. 202 p., il. (Coleção Agrícola "O Campo", 6).

_____. *Entre o gambá e o macaco:* vida e costumes dos mamíferos do Brasil. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1945. 298 p. il.

[DESCOURTILZ, Jean Theodore. *Ornitologia brasileira ou História natural das aves do Brasil*. Tradução de Eurico Santos. Rio de Janeiro: São Paulo: Livraria Kosmos Editora, 1944, 228 p. Título original: Ornithologie Brésiliennne ou Historie des oiseaux du Brésil.

_____. *Manual do lavrador brasileiro*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1944. 478 p. il. 🕮

_____. *Avicultura*: fonte de riqueza. Rio de Janeiro: O Campo. 1943. 328 p., il. (Coleção Agrícola do "O Campo", 3).

_____. *Veterinária prática*. Rio de Janeiro: O Campo. 1943. 277 p., il. (Coleção Agrícola do "O Campo", 2).

_____. *As cobras venenosas*: como conhecê-las evitá-las. São Paulo: Chácara e Quintais, 1943. 111 p. il. (Biblioteca Agrícola Popular Brasileira). 🕮

_____. *Cereais*: trigo, milho, aveia, arroz, centeio e cevada. São Paulo: Chácara e Quintais, 1943. 20 p., il. (Biblioteca Agrícola Popular Brasileira. Vamos para o campo, 3).

_____. *Fruticultor moderno*. 2. ed. São Paulo: Chácara e Quintais, 1943. 32 p., il. (Bibliotéca Agricola Popular Brasileira).

_____. *Avicultura*: fonte de riqueza. Rio de Janeiro: O Campo [1943?]. 328 p., il. (Coleção Agrícola do "O campo", 3). 🕮

_____. *Veterinária prática*. Rio de Janeiro: Editora O Campo, [1943?]. 277 p., il. (Coleção Agrícola do "O campo", 2). 🕮

_____. *O cão através da história e da arte*. Rio de Janeiro: Século XX, 1942. 165 p. il. (Coleção Maravilhas). 🕮

_____. *Anfíbios e répteis do Brasil:* vida e costumes. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1942. 280 p. il. 🕮

_____. *Nossas fruteiras*. 2 ed. São Paulo: Chácara e Quintais, 1942. 44 p., il. (Bibliotéca Agricola Popular Brasileira). 🕮

_____. *Pássaros do Brasil:* vida e costumes. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1940. 301 p. il.

_____. *Da ema ao beija-flor:* vida e costumes das aves do Brasil. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1938. 358 p. il. 🕮

SANTOS, Eurico; QUEIRÓS, Eusébio de. *Dicionário de avicultura e ornitotecnia*. Rio de Janeiro: Moderna, 1938. 340 p. il. v.2.

_____. *Dicionário de avicultura e ornitotecnia*. Rio de Janeiro: Moderna, 1937. 448 p. il. v.1

_____. *Manual do amador de cães*: origem, domesticação, classificação das raças, reprodução, criação, alimentação, habitação, higiene, adestramento, moléstias e seu tratamento. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1935. 509 p., il. 🕮

_____. *O que todos os criadores devem saber*. Rio de Janeiro: Moderna. 1934. 139 p. il.

_____. *Inimigos e doenças das fruteiras*. Rio de Janeiro: O Campo, [1934?]. 90 p., il. (Biblioteca Agrícola O Campo).

_____. *O fruticultor moderno*. São Paulo: Chácara e Quintais. 1932, 32 p., il. (Bibliotéca Agricola Popular Brasileira).

_____. *Nossas fruteiras*. São Paulo: Chácara e Quintais. 1932, 32 p., il. (Bibliotéca Agricola Popular Brasileira).

_____. *Vida dos campos*. Rio de Janeiro: Edição do Autor. 1932, 180 p. v. 2.
[O autor selecionou as consultas que respondeu durante doze anos na secção Vida dos Campos, do periódico *O Jornal,* e as publicou nos dois volumes]

_____. *Vida dos campos*. Rio de Janeiro: Moderna. 1931, 192 p. v. 1.

_____. *Manual do amador de cães*: origem, domesticação, classificação das raças, reprodução, criação, alimentação, habitação, higiene, adestramento, moléstias e seu tratamento. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1927. 350 p., il. 🕮

_____. Ligeiro historico da imprensa agricola no Brasil (1832-1922). *Illustração Brasileira*, n.26, p.179, 1922.

SILVA, Gustavo Pereira da. O predomínio das casas estrangeiras sobre a exportação cafeeira em Santos no século XIX. *Am. Lat. Hist. Econ.,* México, v.22, n.3, p.213-246, 2015.

SILVA, Jacimara Vieira dos. *As naus e terra papagalli*: derrisão e ironia na dessacralização da verossimilhança. 2012. 228 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2012.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *O Rio de Janeiro na era Pedro Ernesto*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2001. 271 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 808 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis*: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 608 p.

_____. *As barbas do imperador:* D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 623 p.

_____. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 296 p.

SILVA, Elidiomar Ribeiro. De Eurico Santos a *Ciminius platensis*: do percursor da Zoologia Cultural à cigarrinha-comum que consegue sobrevier às ações humanas. *Fauna News*, 18 set. 2024. Acesso em: 2 nov. 2024.

SILVA, Stela Maria Vieira da. *A revista Chacaras e Quintaes e as plantas alimentícias da virada do século XX no Brasil*. 2018. 93 f. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SILVA E MELLO, Vanessa Pereira da; MIRANDA DE SÁ, Dominichi. O “agricultor progressista”: ciência e proteção à natureza em A Lavoura (1909-1930). *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n.27 (2016), p.27-63, 2018.

SILVEIRA, Antônio. *Mostrando o livro*: Pássaros do Brasil, Eurico Santos ed. 1960. 26 mai. 2020. Acesso em: 24 ago. 2023.

SILY, Paulo Rogério Marques. *Casa da ciência, casa da educação*: ações educativas do Museu Nacional (1818-1835). Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SKINNER, Q. *Significação e compreensão na história das ideias*. *In*: SKINNER, Q. Visões da política: sobre o método histórico. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

SNETHLAGE, Emilia. Catálogo de aves Amazônicas. *Boletim do Museu Goeldi de História Natural e Ethnographia*, Belém, v. 8, 1914. 543 p. Acesso em: 2 mar. 2024. fev.

_____. A travessia entre o Xingú e o Tapajoz. *Boletim do Museu Goeldi de História Natural e Ethnographia*, Belém, v. 7, p.49-92. 1910. Acesso em: 2 mar. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOLOGIA. Nota de falecimento. *Informativo Sociedade Brasileira de Zoologia*, n.122, p.5, 2017.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo, 1998. 852 p.

SOUZA, Deodato. *Aves do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1987. 159 p. il. (Coleção *Vis Mea in Labore*, 6).

SOUZA, Juliana da Costa Gomes de; FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. A criação da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.31, e2024019, 2024.

STICKEL, Erico João Siriuba. *Uma pequena biblioteca particular*: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. 748 p.

STRAUBE, Fernando Costa. Uma visão bio-bibliográfica de Eurico Santos: divulgador da natureza brasileira. *Atualidades Ornitológicas On-line*, Ivaiporã, n.148, 2009. 8 p.

_____. Rodolpho von Ihering e alguns documentos raros sobre a nomenclatura zoológica científica e popular em português do Brasil. *Atualidades Ornitológicas On-line*, Ivaiporã, n.137, 2007. 7 p.

TEMPERINI, Rosana Soares de Lima. *O sertão vai virar campo*: análise de um periódico agrícola (1930-1937). 2003. 107 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2003.

TOROK, Simon. Falar de ciência para crianças: algumas dicas. In: MASSARANI, Luisa (org.). *Ciência e criança*: a divulgação científica para o público infantojuvenil. Rio de Janeiro: Museu da Vida: Casa de Oswaldo Cruz: Fiocruz, 2008. p. 50-55.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Estudos Brasileiros. *Guia do IEB*: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros. Instituto de Estudos Brasileiros: São Paulo, 2010. 304p. il. Disponível em: https://www.ieb.usp.br/guia-ieb-2/. Acesso em: 31 ago. 2023.

VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 752 p.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. *Museus de ciências e tecnologia no Brasil*: uma história da museologia entre as décadas de 1950-1970. 2009. 276 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2009.

VIEIRA, José Anastácio. Documentação e divulgação da agricultura no Brasil. *Revista do Serviço Público*, v.66, n.3, p. 598-601, 1955.

VOGT, Carlos; GOMES, Marina; MUNIZ, Ricardo (org.). *ComCiência e divulgação científica*. Campinas: BCCL: Unicamp, 2018. 274 p.

WELTMAN, Wanda Latmann. *A educação do jeca*: ciência, divulgação científica e agropecuária na revista Chacara e Quintais (1909-1945). 2008. 230 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.4, n.8, p.198-215, 1991.

ZAMMITO, John H. Hermeneutics and history. In: FORSTER, Michael N.; GJESDAL, Kristin (Ed.). *The Cambridge companion to hermeneutics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 110-139.

NOTAS EXPLICATIVAS

"O queijo e os vermes pretende ser uma história, bem como um escrito histórico. Dirige-se, portanto, ao leitor comum e ao especialista. Provavelmente apenas o último lerá as notas, que pus de propósito no fim do livro [...], para não atravancar a narrativa".

C. GINZBURG[180]

---

[1] DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p.368. Título original: Idiót. (Coleção Leste).

[2] BEN-DAVID, Joseph. *The scientist's role in society*: a comparative study. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc., 1971, p.12. [Internet Archive]

[3] Trecho da introdução de artigo de divulgação publicado no *Berliner Tageblatt* (jornal publicado em Berlim de 1872 a 1939) em 1924 (Moreira; Studart, 2005, p.142).

[4] *Samba do avião*, de Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, foi gravada em 1962. A canção trata da paixão do compositor pelo Rio de Janeiro.

[5] Também em 1883, morreu Karl Marx (1818-1883) — autor do *Manifesto Comunista* de 1848 e do triplo volume *O Capital* (1867–1883) —; foi inaugurada a ponte do Brooklin, em Nova York; e o americano Lewis Waterman (1837-901) inventou a caneta-tinteiro. No ano anterior, morreu Charles Darwin (1809-1882), pai da teoria da evolução biológica por seleção natural (Gomes, 2013, p.11), publicada no incontornável *A origem das espécies*, publicado em 1859.

[6] Município Neutro, segundo a Constituição de 1824, sede do regime imperial e residência oficial dos soberanos brasileiros, a própria cidade do Rio de Janeiro era reconhecida como a Corte, apesar de a expressão corte ser originalmente restrita ao mundo palaciano da nobreza, príncipes e reis" (Vainfas, 2002, p.175).

[7] O palácio, inicialmente, havia pertencido a Elias Antônio Lopes, um comerciante português que enriqueceu com o tráfico negreiro. No Rio de Janeiro, os traficantes de escravos eram empresários proeminentes, reverenciados e respeitados. Tinham influência na sociedade e nos negócios do governo. Na corte de dom João, eles se destacavam entre os grandes doadores, recompensados com honrarias e títulos de nobreza. Em 1808, Elias Lopes presenteou o príncipe regente com o palácio que havia construído na chácara de São Cristóvão (Gomes, 2014).

[8] Martin Grossmann, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

[9] Sobre Edgar Roquette-Pinto, ver Apêndice C.

[10] Henrique Charles Morize (1860–1930) foi um engenheiro industrial francês, diretor do Imperial Observatório do Rio de Janeiro [atual Observatório Nacional] entre 1908-29 e fundador e primeiro presidente — cargo que exerceu por três mandatos consecutivos — da Sociedade Brasileira de Ciências [atual Academia Brasileira de Ciências], instituição, segundo ele, com a missão de "espalhar a importância da ciência como fator de prosperidade nacional". Nome expressivo da divulgação científica no Brasil desde o final do século XIX. Ajudou a criar a *Revista do Observatório* em 1886, escreveu diversos artigos de divulgação científica sobre geociência e astronomia, em particular cometas. Na *Revista da Sociedade Brasileira de Ciências*, lançada em 1917, assinou diversos textos da seção "Notas e informações", que divulgava novidades científicas publicadas em revistas estrangeiras. Foi difusor do ensino experimental de física nas escolas superiores do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, influenciando jovens estudantes como Miguel Ozorio de Almeida e Roquette-Pinto. Para Morize, a ciência pura no Brasil era recebida ou com indiferença ou com hostilidade, principalmente por não contribuir com o enriquecimento rápido do país (Museu da Vida, 2024). Disponível em: Fiocruz Brasiliana. Acesso em: 1 mar. 2024.

[11] "O período republicano foi marcado pela criação de várias instituições de pesquisa em saúde e também de outras voltadas ao setor da agricultura. Entre elas: o Instituto Agronômico de Campinas (1887); o Instituto Vacinogênico de São Paulo (1892); o Laboratório Bacteriológico (São Paulo, 1892), que, em 1893, transformou-se em Instituto Bacteriológico; o Instituto Butantan (1901), o Instituto Soroterápico Municipal (1899), que seria mais tarde o Instituto Oswaldo Cruz, o Instituto Biológico de Defesa Agrícola do Rio de Janeiro (1920); e o Instituto Biológico de São Paulo (1927)" (Weltman, 2008, p.27).

[12] Sobre Miguel Ozório de Almeida, ver Apêndice F. "Seu primeiro livro neste domínio [divulgação científica] foi *A mentalidade científica no Brasil* (1922), na coleção Cultura Contemporânea, da Livraria Científica Brasileira. Nos anos seguintes escreveu *Homens e coisas de ciência* (1925), *A vulgarização do saber* (1931) e *Ensaios, críticas e perfis* (1938), que reúnem no total em torno de sessenta textos, muitos dos quais especificamente de divulgação científica" (Massarani; Moreira, 2004).

[13]Primeira instituição museológica e de pesquisa do Brasil. Sobre o Museu Nacional, ver o Apêndice C.

[14] Trecho do discurso de Leôncio Corrêa, presidente da Sociedade dos Amigos das Árvores. SAMPAIO, Alberto José de. Relatório Geral da Primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza. In: *Boletim do Museu Nacional*, v. XI, n.1, 1935. p.15.

[15] Sigmund Freud (1856-1939), médico e fundador da psicanálise. FREUD, Sigmund. O Eu e o Id, autobiografia e outros textos (1923-1925). In: _____. Sigmund Freud, obras completas em 20 volumes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v.16. p.138.

[16] Rio de Janeiro, Registros da Igreja Católica 1616-1980. Acesso em: 2 mar. 2024.

[17] De acordo com o registro de óbito, "o falecimento, segundo o attestado apresentado [...] foi devido a meningite tuberculosa". Rio de Janeiro, Registro Civil 1829-2012. Acesso em: 2 mar. 2024.

[18] Rio de Janeiro, Registros da Igreja Católica 1616-1980. Acesso em: 2 mar. 2024.

[19] Rio de Janeiro, Registro Civil 1829-2012. Acesso em: 2 mar. 2024.

[20] De acordo com o registro de óbito, "casado com Emília Corrêa Santos", "não deixa filhos, ignora se deixa bens e testamento". Rio de Janeiro, Registro Civil 1829-2012. Family Search. Acesso em: 2 fev. 2024. "Contratou casamento com a senhora Dulce Camacho Pessoa, filha do Capitão-Tenente da Armada Sr. Isaac Pessoa, o Sr. Nilo de Oliveira Santos [21 anos], redactor d'*A Fazenda* (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 jun. 1914, p.14).

[21] Rio de Janeiro, Registros da Igreja Católica 1616-1980. Family Search. Disponível em:. De acordo com o registro de óbito, era solteira, "não deixa filhos, não deixa bens nem testamento". Rio de Janeiro, Registro Civil 1829-2012. Acesso em: 2 mar. 2024.

[22] Rio de Janeiro, Registro Civil 1829-2012. Acesso em: 2 mar. 2024.

[23] Na busca por dados biográficos, foram encontrados homônimos Eurico de Oliveira Santos, Destaque a Eurico Oliveira Santos, nascido no Rio Grande do Sul, citado com frequência nos jornais, vinculado à cena militar, da Justiça Federal e pecuarista do Rio Grande do Sul; e Eurico Santos, carioca, esportista, jogador da "Liga Suburbana de Foot-ball". Por exemplo:

a) "Foram ontem matriculados na escola militar [...] os seguintes individuos que verificaram praça no 13º batalhão e logo incluidos nas campanhas de alumnos: [...] Eurico de Oliveira Santos" (A Federação: Orgam do Partido Republicano, Porto Alegre, 26 jan. 1888, p.2) e "[...] destinou á Cooperativa de Caxias o casal *vaccum* holandez offertado pelo dr. Eurico de O. Santos" (O Brazil, Caxias, 28 jun. 1913, p.1).;
b) "Resultados dos exames effectuados na Faculdade Livre de Direito. [...] approvados [...] simplesmente Eurico Santos" (Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 3 dez. 1896, p.2);
c) "Os alunnos da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro reunirão-se [...] Eurico Santos [...]" (Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 7 set. 1897, p.2);
d) "Significativa manifestação de apreço e estima recebeu hontem dos alunos Faculdade Livre de Direito [...]. Fallárão [...] Euricos Santos [...]" (Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 12 set. 1899, p.34);
e) "Eurico Santos, empregado da guarda-mória da Alfândega desta capital, e morador na avenida Ruy Barbosa [...] tentou suicidar-se [...]" (A Imprensa, Rio de Janeiro, 16 fev. 1899);
f) "Realisou-se, no dia 11 do corrente, a festa comemmemorativa [...] Gremmio dos Estudantes da Faculdade Livre de Direito [...]. Agora passemos a descrever dentre as bellas toilettes as que nos prenderam a attenção: [...] Mme. Eurico Santos. En soie rose garnie de dentele" (Jornal Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, 17 de jun. 1889, p.7);
g) "receberão o gráu de bacharel em sciencias juridicas e sociaes [pela Faculdade de Livre Direito], depois de prestarem o compromisso da lei [...] Eurico de Oliveira Santos, natural do Estado de S. Paulo" (Jornal do Commercio, n.82, Rio de Janeiro, 23 mar. 1901, p.1). O advogado é citado em outros jornais cariocas e trabalhou na Justiça Federal do Rio Grande do Sul (Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1907, n.64, 1907, p.2705);
h) "Foram hontem recolhidos ao xadrez da repartição da polícia: [...] Eurico de Oliveira Santos [...]" (Jornal do Brasil, n.332, Rio de Janeiro, 27 nov. 1904, p.5);
i) Capitão Eurico de Oliveria Santos é citado como auditor de guerra da Brigada Militar do Rio Grande do Sul (Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1907, n.64, 1907, p.2708);
j) j) "Choque de vehiculos. Dois carroceiros machucados. Em sentido contrario passavam, hontem, ás 3 1|2 horas da tarde, as corroças ns. 396 e 1.078... e aquella pelo carroceiro Eurico Santos. Próximo á rua Quinze de novembro [...]" (A Imprensa, (Jornal do Brasil, n.1270, Rio de Janeiro, 14 jun. 1911, p.5);
k) Notas Carnavalescas. Fazem parte do Blôco Amantes da Catharina os seguintes foliões: [...] Eurico Santos [...]. (A Epoca, Rio de Janeiro, 5 fev.1915, p.4);
l) "Eurico de Oliveira Santos, auditor da brigada, rua Independencia n. 58 [Porto Alegra]" (Relatórios do Ministério da Fazenda, n.2, 1916, p.971);
m) "A's 16 horas, feita a chamada pelo juiz, Sr. Eurico Santos, foi inicado o jogo, que se manteve até o meio favorável ao club local. Reencetado, continuou a équipe olariense, consquistando com denodo goals, saindo victoriosa pelo score de 4 x 0" (O Paiz, Rio de Janeiro, 2 jan. 1919, p.6);
n) "[...] Eurico Santos, de S. João dos Patos [...] Maranhão" (Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 23 mai. 1922, p.2).
o) Movimento do Esforço Christão no Brasil. Tudo por Christo e sua egreja. "Japurá. — O irmão Eurico Santos nos dá alegres novas daquela Sociedade que trabalha com alegria. O endereço é agora -— Japurá linha de Araraquara -—- S. Paulo. Queiram rectifica a lista ultimamente publicada" (O Puritano, Rio de Janeiro, n.708, 1931, p.9);
p) Dr. Eurico de Oliveira Santos é listado no grupo de Criadores (de bovinos e ovinos) do Rio Grande do Sul (Almanak Laemmert 1918 a 1937);
q) Eurico de Oliveira Santos, presidente da Federação das Associações Rurais - Farsul (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 23 jun. 1960, p.16);

r) Aviação e Astronáutica. "Já adquiriram estabilidade desde julho, os seguinte sargentos: [...] Eurico de Oliveira Santos [...]" (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 6 ago. 1963, 2º Caderno, Correio Militar, p.7).

[24] "Carimbador suplente: Eurico de Oliveira Santos. Correio da Republica: Organisação e Administração. Administração dos Correios do Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro, 8ª Secção (Almanak Laemmert do Rio de Janeiro para 1899, n.56, 1899, p.696);

[25] "De ordem do Sr. Director geral, faço publico que o resultado das provas escriptas de composição portugueza dos exames finas da instrucção primaria (2. época), realizado no dia 3 do corrente na Escola Modelo Affonso Penna, foi o seguinte: Notas optimas (gráo 10) [...] Eurico de Oliveira Santos [...]. Os candidatos habilitados que constam da relação supra, deverão comparecer, sabbado, 6 do corrente, ás 10 horas da manhã, na escola-modelo 'Affonso Penns', afim de prestarem as provas escriptas de arithmetica e systema metrico." (O Paiz, Rio de Janeiro, 6 fev. 1909. p.4).

[26] Decreto n. 981, de 8 nov. 1890. Approva o Regulamento da Instrucção Primaria e Secundaria do Districto Federal. Coleção de Leis do Brasil (1890), fasc. XI, p.3474.

[27] O Paiz, Rio de Janeiro, 22 ago. 1914, p.8; 23 ago. 1914, p.7 e 24 ago. 1914, p.7. Prefeitura do Districto Federal, Publicação Diaria dos Actos Officiaes.

[28] Currículo Lattes. Acesso em: 18 fev. 2024.

[29] COELHO, Hélio Henrique. Arquivista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. (arquivo@osb.org.br). *Sobre antigo aluno do Mosteiro* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por otavio@ibict.br em 31 mai. 2019 e 6 jun. 2019.

[30] ANDRADE, Douglas. Coordenador do Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II. (nudom@cp2.g12.br). Consulta para PESQUISA DE DOUTORADO [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por otavio@ibict.br em 1 set. 2023.

[31] Roberto Gonçalves de Oliveira (1916-2004) nasceu em Uruguaiana, RS. Formou-se Contador (1933), bacharel em Ciências Econômicas (1942) e bacharel em Biologia (1975). Interessado em aves desde a infância, fundou a Sociedade Ornitológica Rio-Grandense – SOR e, mais tarde, a Sociedade Sul Rio-Grandense de Ornitologia – Sulornis, na qual criou a revista Sulornis, pioneira na divulgação sobre ornitologia. Era admirador da obra de Eurico Santos. Além de diversos artigos sobre ornitologia, escreveu o livro As aves-símbolos dos estados brasileiros, publicado em 2003 (Nomura, 2010).

[32] LENT, Herman. 1979. Eurico de Oliveira Santos (1883-1968). In: Grande Enciclopédia Delta Larousse. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1979, v.13, p.5793. Biografia de Herman Lent. Acesso em: 18 fev. 2024.

[33] O Confea foi provocado por meio do Serviço de Informações ao Cidadão, instituído por força do art. 9° da Lei n. 12.527/2011, mais conhecida como a Lei de Acesso à Informação.

[34] A palavra «zootecnia» origina-se do grego "*zoon* = animal" e "*technê* = arte", e significa a arte de criar animais. O termo foi cunhado em 1844, por Adrien Étienne Pierre (Conde de Gasparin), em seu livro Cours d`Agriculture (Associação Brasileira de Zootecnistas, 2023). No Brasil, os primeiros cursos superiores em ciências agrárias nasceram na Bahia, em 1877, sendo regulamentados somente em 1910 (Escola Agrícola de São Bento das Lages). Em 1929, a Zootecnia foi definida por Octávio Domingues (1897-1972) como a "ciência aplicada que estuda e aperfeiçoa os meios de promover a adaptação econômica do animal ao ambiente criatório, e este àquele".

[35] zootecnia: sf.1. Ciência e técnica de reprodução e melhoria de raças animais; 2. Ciência que visa a aumentar a produtividade e a rentabilidade na criação de animais; 3. Ciência que visa a aperfeiçoar geneticamente animais economicamente úteis. [F.: zo(o) - + -tecnia.] (Aulete Digital, 2024).

[36] "Entretanto, o dr. Olivério Pinto (in litt.)[36] informou-nos que ele era médico" (Oliveira, 1983).

[37] *O Campo*, 1947, n.208, p.19.

[38] *A Cigarra Magazine*, n.229, p.94, 1953.

[39] Hermanny Filho, 1957.

[40] Godinho, 2013.

[41] Citado como "renomado Almirante Eurico Santos, em Nossos peixes marinhos" (O Estado, Cartas, Florianópolis, 13 ago. 1974, p.4).

[42] Citado como "renomado biologista". *Chacaras e Quintaes*, v.81, n.6, 1950, p.744.

[43] Dr. Eurico de Oliveira Santos, engenheiro, residente a rua do Hospicio, 184, é elencado no Annuario Administrativo, Agricola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brazil para 1913 (Almanak Laemmert), 69º Anno, 1º v., Districto Federal, p.1055 seção Engenheiros (civis, geographos, geometras e militares), p.1419 e p.1982-62; e no Annuario Administrativo, Agricola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brazil para 1914 (Almanak Laemmert), 70º Anno, 1º v., Districto Federal, p.1360.

[44] Annuario Administrativo, Agricola, Profissional, Mercantil e Industrial do Districto Federal e Indicador para 1911-1912 (Almanak Laemmert), 68º Anno, 1911, p.1088.

[45] Annuario Administrativo, Agricola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brazil para 1914 (Almanak Laemmert), 70º Anno, 1º v., Districto Federal, p.870-4.

[46] Annuario Administrativo, Agricola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brazil para 1914 (Almanak Laemmert), 71º Anno, 1º v., Districto Federal, p.1166 seção Estabelecimentos de instrucção, p.1250 seção Professores, p.1644 parte V Indicador nominal dos principaes habitantes, negociantes industriaes e profissionaes do Districto Federal.

[47] Citações de Júlio Arsênio de Barbosa em jornais do Rio de Janeiro no período de 1902-61:

a) "ASSOCIAÇÕES". Eleito membro das commissões permanentes do Club Nativista (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 26 jul. 1902, p.3);
b) "A imprensa no dia 19 diz o seguinte: «Jornal do Brasil»: «Protestos dos seguintes»: [...] Julio Arsenio Barbosa, declarando que, quando se prosseguia na apuração da eleição, havendo sido installada a mesa na devida ordem, foi invadido o recinto estreitissimo do pavimento terreo da rua do Senado n. 145, onde funccionava a secção por um grupo de desordeiros, que, armados de revolveres e cacetes, estabeleceram a confusão, feriram varias pessoas [...]" (Annaes da Camara dos Deputados, Sessões de 18 abr. a 30 mai. 1903, Sessões Preparatorias, 12ª Secção, p.61);
c) "NOTICIAS TURFISTAS. Partiu hoje para o Estado de Minas o conhecido *turfmann* Julio Arsenio Barbosa, diretor da «Revista Sportiva». O nosso abalisado collega vai em visita á fazenda de criação do Sr. coronel Joaquim Pacheco de Rezende, em Lafayette e visitará outras haras, á convite de varios criadores. Em sua companhia seguiram os Srs. Barros Lobo e F. Paula Machado que, illustrarão com lindas chapas as impressões do jornalista excursionista" (Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, 27 mai. 1909, p.3);
d) "DIVERSOS. Conforme noticiámos, partiram, hontem, para Lafayette os srs. Julio Arsenio Barboza, F. Paula Machado e A. Barros Lobo que vão em visita á fazenda Tanque, de criação e pertencente ao coronel Joaquim Pacheco, afim de apreciar, nessa e noutras fazendas, o desenvolvimento da criação cavallar (A Imprensa, Rio de Janeiro, 27 mai. 1909, p.6, Sport);
e) Partiu para Porto Novo do Cunha, a serviço da *Revista Sportiva*, de que é director, o sr. Julio Arsenio Barbosa, activo e competente *sportmam*. Por esse motivo, a direção interina da symphatica revista está confiada ao seu dedicado secretario, Sr. Candido Bittencout Junior" (O Malho, n.353, Rio de Janeiro, 19 jun. 1909, p.13);
f) Deferência dirigida a Julio Arsenio Barbosa, "competentissimo Director d'esta excellente revista «A Fazenda»", por "Magnus Söndahl, inspector agricola do 5º districto" (A Fazenda, n.8, 1911, p.4);
g) "Natal Anno Bom e Reis. Recebemos ainda os seguintes cartões de cumprimentos, que retribuimos: [...] — Dos srs. Julio Arsenio Barbosa e Eurico de Oliveira Santos, director e secretario da revista agricola «A Fazenda»" (O Século, Rio de Janeiro, 7 jan. 1911, p.3);
h) "Distinguiram-se ainda com cartões de boas festas, que prazeirosamente retribuímos [...] Julio Arsenio Barbosa e Eurico de Oliveira Santos, director e secretario da revista agricola «A Fazenda»" (Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, 8 jan. 1911, p.6);
i) "Boas festas. Com os nosso agradecimentos, registramos os cartões de boas festas que nos enviaram os Srs. [...] Julio Arsenio Barbosa e Eurico de Oliveira Santos" (O Paiz, Rio de Janeiro, 17 jan. 1911, p.3).
j) Homônimo: "O conhecido pianista Julio Arsenio Barboza, executou bellissimos trechos musicaes, em languorosas valsas e saltitantes polkas" (A Imprensa, Rio de Janeiro, 9 set. 1911, p.4, Notas Mundanas).
k) "Comprimentos. Fazem annos hoje [...] Os Srs. [...] Julio Arsenio Barbosa, Director da revista agricola 'A Fazenda', que se publica nesta Capital" (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 fev. 1912, p11, Notas Sociaes);
l) "VIAJANTES. Parte hoje para o Estado de Minas, acompanhado de photographo, o sr. Julio Arsenio Barboza, director da importante revista agricola 'A Fazenda'. Vae visitar alguns dos principais nucleos agro-pecuarios mineiros (A Imprensa, Rio de Janeiro, 22 abr. 1912, p.4, Notas Mundanas);
m) "Partirá para o Estado de Minas, na proxima segunda-feira, o nosso collega Julio Arsenio Barbosa, director da importante revista agricola A Fazenda, acompanhado de photographo, para apanhar photos-documentarios de todas as fazendas que forme visitadas" (O Paiz, Rio de Janeiro, 20 abr. 1912, Vida Social, seção "Viajantes");
n) "Foram lidos hontem na cathedral os seguintes proclamas: [...] Julio Arsenio Barbosa e Isaura Rosario dos Santos" (O Paiz, Rio de Janeiro, 28 out. 1912, p.3);
o) "Foram hontem lidos na Cathedral Metropokitana os seguintes proclamas de casamento: [...] Julio Arsenio Barbosa e Isaura Rosario dos Santos" (Jornal do Commercio, NOTICIAS RELIGIOSAS, Rio de Janeiro, 28 out. 1912, p.5);
p) "EXPEDIENTE DO ARCEBISPADO. Foram despachado ante-hontem os seguintes requerimentos: [...] Julio Arsenio Barboza e Izaura do Rosario Santos — Como pedem (A Imprensa, Rio de Janeiro, 9 nov. 1912, p.6, Notas Religiosas);
q) "Agradecemos e retribuimos os comprimentos de boas festas que nos enviaram os Srs.: [...] Julio Arsenio Barbosa e Francisco de Paula Machado, d' [revista] *A Engenharia*" (A Noticia, Rio de Janeiro, 28 dez. 1912, p.2);
r) "A FAZENDA. Recebemos o 31° numero da excellente revista agricola *A Fazenda*, cujo summario abaixo localiza a sua importancia: [...] A Ferradura Ideal para corridas, por J. Arsenio Barbosa [...] Este numero acha-se bastante illustrado e nitidamente impresso" (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 10 jan. 1913, p.6);
s) "Acaba de chegar ás nossas mãos mais um excellente numero da brilhante revista technica ilustrada, «A Engenharia», que está sob a direção dos drs. [...], Julio Arsenio Barbosa [...] vem, como sempre, primorosamente confeccionada com optimas gravuras, bem escripta, tratando de todos os feitos da nossa engenharia. Certamente o seu numero alcançará mais um ruidoso sucecesso" (A Epoca, Rio de Janeiro, 25 mai. 1913, p.7);
t) Signatário do "Brasil brasileiro, dos brasileiros e para os brasileiros. Manifesto do Partido Republicano Nacional" (A.B.C., Rio de Janeiro, 12 abr. 1919, p.19);
u) Sobre "guias de divida, provenientes de differenças de direitos de consumo relativas ao papel importado [...]" (Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 15 set. 1919, p.9);
v) Membro do Conselho Deliberativo da Comissão Executiva do Partido Republicano Nacional (Gil Blas: Pamphleto de Combate, Rio de Janeiro, 25 fev. 1920, p.7);
w) Nota sobre a realização da 24ª sessão ordinária da Sociedade Brasileira de Botânica na qual Julio Arsenio Barbosa foi aceito como sócio, dentre outros (Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 27 out. 1925, p.6);
x) Ferradura ideal para corridas, por Julio Arsenio Barbosas, engenheiro (Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 3 dez. 1927, p.9, Na Fazenda e na Granja);
y) Membro do Conselho Director da Sociedade Brasileira de Botânica (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 nov. 1931, p.8 e O Jornal, Rio de Janeiro, 21 nov. 1931, p.12);

z) “VARAS CRIMINAES. Oitava Pretoria. Requerimentos em audiência. Executivo — [...] Almanack Laemmert Limitada, accusou a intimação da Escola de Engenharia do Rio de Janeiro [...]. Apregoada respondeu pela ré Julio Arsenio Barbosa, que offereceu uma certidão. [...] Teve o cuidado de requerer a Côrte de Appelação certidão, afim de verificar de Julio A. Barbosa é advogado; sendo a mesma negada [...]" (Jornal do Commercio, NOTICIAS RELIGIOSAS, Rio de Janeiro, 9 set. 1932, p.7);

aa) “Despejo — [...] réo, Dr. Julio Arsenio Barbosa” (O Paiz, Tribunaes e Juizos, Rio de Janeiro, 1 fev. 1934, p.7);

bb) “ASSOCIAÇÕES”. Nota sobre a realização da “39ª sessão ordinária e commemorativa ao seu [Sociedade Brasileira de Botânica] 10º aniversário de fundação”. Ausência de Julio Arsenio Barbosa justificada (Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 25 mar. 1934, p.21);

cc) “VARAS CRIMINAES. 1ª VARA [...] Julio Arsenio Barbosa — Artigo não classificado — Ao M.P.” (Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 28-29 ago. 1939, p.10);

dd) Despachos do director geral do Departamento de Imprensa e Propaganda - D.I.P. “— de Julio Arsenio Barbosa, pedindo seu registro como correspondente das revistas 'El Suelo' e ‘El Electro Técnico', que se editam em Buenos Aires, Argentina: — Apresente as credenciais traduzidas para o vernáculo e devidamente seladas” (Publicidade, n.26, 1943, p.35); “— de Julio Arsenio Barbosa, pedindo devolução de suas credenciais, afim de mandar fazer as respectivas traduções: - ‘Restituam-se, mediante recibo’ (Publicidade, n.30, 1943, p.30);

ee) “ERA UMA 'FÁBRICA' DE DIPLOMAS. O juiz não concordou com o arquivamento do processo contra Julio Arsenio Barbosa. O juiz Rizzio Barandier, da 15.ª Vara Criminal, exarou o seguinte despacho, no processo instaurado contra Julio Arsenio Barbosa: “Labora em evidente equivoco o ilustre representante do Ministerio Publico [...] Se se tratasse porventura, da responsabilidade criminal de Sebastião Barquete, contra o qual nada foi apurado, este Juizo não teria duvida em dterminar o arquivamento do inquerito. Todavia, o exame dos autos nô-lo demonstra que as investigações policiais, que se me afiguram inteiramente coroadas de êxito se orientaram no sentido de apurar a responsabilidade criminal de Julio Arsenio Barbosa, por infração do disposto no art. 171 da legislação penal vigente, de vez que há nos autos indicios veementissimos de que a agencia por ele mantida à avenida Marechal Floriano n. 5, 1.° andar, nessa capital, se destinava, num desrespeito e num desafio afrontoso às normas regulamentares do ensino do pais à exploração dos incautos, sob o pretexto de promover a expedição de diplomas e visando assim a obtenção, para si ou para outrem, de vantagem ilícita em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguem em erro mediante artificio, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento, do que, aliás, vamos recolher uma demonstração, muito expressiva na linguagem reticenciosa e sibilina da correspondência oriunda do escritório do indiciado [...]. Do procedimento ardiloso do indiciado, Sebastião Barquete teria sido uma das vitimas” (Diario de Noticias, 15 mai. 1943, p.7, Segunda Seção);

ff) “SÓCIOS TRANSFERIDOS PARA A CATEGORIA DE MILITANTES. [...] Julio Arsenio Barbosa, redator de 'Press Continental' (estagiário) [...]” (Boletim da Associação Brasileira de Imprensa, n.14, 1953, p.5); ATA DA SEGUNDA SESSÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO ADMINISTRATIVO DO ANO SOCIAL DE 1953-1954 (45.º ANO) (Boletim da Associação Brasileira de Imprensa, n.15, 1953, p.14); RELAÇÃO DE SÓCIOS QUE PAGARAM A ANUIDADE EM 2 DE JANEIRO A 15 DE FEVEREIRO (Boletim da Associação Brasileira de Imprensa, n.22, 1954, p.7); SAUDADE. [...] São estes os companheiros desaparecidos: [...] Julio Arsenio Barbosa (Boletim da Associação Brasileira de Imprensa, n.85, 1959, p.6);

gg) A Polícia na pista de falsos doutôres — O Delegado de Roubos e Falsificações já apurou — no inquérito sôbre a 'fábrica de dentistas, médicos, advogados e contadores, — que vão a centenas de diplomas falsos [...]. Os demais indiciados (até o momento) [...] e Julio Arsenio Barbosa” (Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 4 mai. 1955, capa);

hh) “Eficiente Ação da Perícia Nos Exames Grafotécnicos [...] PROVA PERICIAL [...] examinaram os processos de Julio Arsenio Barbosa [...]” (Diario de Noticias, Rio de Janeiro, 27 mar. 1956, p.6, Primeira Seção);

ii) VIOLADA A CAIXA DO CORREIO OFICIAL POR FABRICANTES DE DIPLOMAS FALSOS. Em papel timbrado do Ministério da Educação, os falsários responderam o pedido de informações das assembléias legislativas de Minas e São Paulo — Sómente nesta funcionavam 5 escritórios para falsificação. [...] Seu primeiro contato com Julio Arsenio Barbosa, por correspondencia, foi em 1942. Dez anos mais tarde, em 1952, recebia duas certidões que o tornavam diplomado em odontologia: a primeira, em original, atestava a sua vida escolar; a segunda, em fotocopia, referia-se à incineração do processo ministerial que validava seu diploma e que fôra destruido no incêndio dos arquivos do Edificio Regina, em 1943. [...] o acusado defendeu-se alegando que não lhe cabia a responsabilidade da falsificação, e que seu escritório foi apenas um tramite no apronto dos papeis. Julio A. Barbosa confessou ter pago a importancia de seis mil cruzeiros ao funcionário do Ministério da Educação e Cultura [...] a fim de que lhe fornecesse os documentos exigidos [...] (O Jornal, Rio de Janeiro, 24 jun. 1956, p.9);

jj) "O Ministério da Educação, tendo em vista as conclusões a que chegou e Comissão de Inquérito Administrativo, incumbida de apurar irregularidades na expedição de diplomas falsos de cirurgiões dentistas, resolveu proibir que [...] Júlio Arsênio Barbosa [...] continuem a exercer atividades, como procuradores de partes junto ao referido Ministério” (Ultima Hora, Rio de Janeiro, 9 abr. 1957, p.3);

kk) Berenice de Carvalho Barbosa [...] “comunicam a infausta passagem e enterramento do seu espôso [...], ocorrido ontem dia 29, sábado” (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 30 nov. 1958, p.18, Atos Religiosos, 2º Caderno); “Berenice de Carvalho Barbosa [...] comunicam a infausta passagem do espôso [...]” (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 30 nov. 1958, p.4); (O Jornal, Rio de Janeiro, 30 nov. 1958, p.9); “Serão celebradas as seguintes hoje: [...] Julio Arsenio Barbosa, ás 10,30 horas, na Igreja de N.S. da Conceição e Boa Morte “(Jornal do Commercio, Missas, Rio de Janeiro, 6 dez. 1958, p.6); FALECIMENTOS. Recebeu a Associação Brasileira de Imprensa a notícia do falecimento, ocorrido no dia 29 de novembro último, de seu antigo sócio sr. Julio Arsenio Barbosa que durante muitos anos exerceu, no Brasil, a função de correspondente de jornal argentino. Logo que teve ciência do fato, a ABI fêz presente suas condolências à familia do jornalista extinto (Diario Carioca, Rio de Janeiro, 9 dez. 1958, p.6).

ll) “Vendiam diplomas até a analfabetos. Denunciada ao Juiz da 25ª Vara Criminal uma quadrilha que agira mancomunada com funcionário do Ministério da Educação. [...] O promotor [...] ofereceu denúncia contra [...] Julio Arsenio Barbosa [...]” (O Jornal, Rio de Janeiro, 13 fev. 1959, p.11);

mm) “FALSIFICADORES DE DIPLOMAS DE CURSO SUPERIOR [...] Dos outros acusados até agora, já foram ouvidos Julio Arsenio Barbosa” (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 8 mar. 1961, p.8, 1º Caderno).

[48] Disponível em: Brasiliana Fotográfica. Acesso em: 1 mar. 2024.

49 “Em linhas gerais, havia duas tendências nas organizações nacionalistas da época em pauta. Uma que se revia como tributária da herança portuguesa e reconhecia o papel dos portugueses na formação do Brasil e a outra representada por um grupo de intelectuais identificados com um nacionalismo radical nativista, que endossava uma interpretação lusófoba da história brasileira” (Miranda, 2015 p.21).

[50] Decreto-lei n. 910, de 30 de novembro de 1938. Dispõe sobre a duração e condições do trabalho em empresas jornalísticas. Acesso em: 1 mar. 2024.

[51] Correio da Manhã, 13 nov. 1959, p.5, 1º Caderno e A Lavoura, n.11-12, 1959, p.44.

[52] Correio da Manhã, 13 nov. 1959, p.5, 1º Caderno e A Lavoura, n.11-12, 1959, p.44.

[53] Das Echo: Deutsche Nachrichten Wochenschrift für Politik, Literatur, Kunst und Wissenschaft [Revista Semanal Alemã sobre Política, Literatura, Arte e Ciência], editada em Berlim, Alemanha, para alemães no exterior, no período de 1882 a 1935. Disponível em: Wikipedia. Acesso em: 1 mar. 2024. Disponível na Biblioteca Mário de Andrade da Prefeitura de São Paulo (edições de 1898-1919).

[54] O Decreto n. 19.448, de 3 de dezembro de 1930. Dá nova denominação ao Ministério da Agricultura, Industria e Comércio passa a denominar-se simplesmente Ministério da Agricultura.

[55] Aquele que não pertence ao quadro efetivo dos funcionários do órgão público (Vocabulário Jurídico), admitido mediante contrato bilateral, para o desempenho de função reconhecidamente especializada e para a qual não haja servidor devidamente habilitado (Decreto-lei nº 5.175, de 7 jan. 1943).

[56] Portaria n. 709, de 9 de junho de 1953, publicada no Diário Oficial, Seção 1, de 11 de junho de 1953, p.10403.

[57] Decreto n. 7.614, de 13 de agosto de 1941. Altera tabelas numéricas do pessoal extranumerário-mensalista, do Ministério da Agricultura, sem aumento de despesa. [1 - Inspetor XII - 650$0 1. Eurico de Oliveira Santos]. Acesso em: 23 jun. 2023.

[58] Decreto-lei n. 982, de 23 dez. 1938. Cria novos órgãos no Ministério da Agricultura, reagrupa e reconstitue alguns dos já existentes e dá outras providências.

[59] Decreto de 3 de fevereiro de 1954, Diário Oficial de 5 de fevereiro de 1954, Seção I, p.1663.

[60] Nascido em Uruguaiana, RS, tornou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Niterói em 1939. Cursou na Escola Superior de Guerra em1964. Durante o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra (1883-1974), foi diretor do Departamento Administrativo do Serviço Público e subchefe da Casa Civil. Eleito deputado federal pelo Distrito Federal em 1950 e 1954. Em 1960, elegeu-se deputado estadual pela Guanabara, chegando à presidência da Assembleia Legislativa. Após dois anos exercendo cargos diplomáticas em Genebra e Buenos Aires, voltou ao Brasil sendo eleito deputado federal pela Aliança Renovadora Nacional - Arena — partido governista criado após a extinção dos partidos pelo Ato Institucional n.2, de 27 out. 1965 — em 1966 e 1970. Nesse interregno, foi presidente do diretório regional da Guanabara da Arena. Em junho de 1977, foi nomeado ministro do Tribunal Superior do Trabalho pelo presidente Ernesto Geisel (1907-1996), aposentando-se dois anos. Também atuou como jornalista (COELHO, Lopo. Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. Disponível em: LOPO DE CARVALHO COELHO | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (fgv.br). Acesso em: 1 mar. 2024.

[61] Inaugurado em outubro de 1947 — teve o seu planejamento iniciado em maio de 1934 —, o Hospital dos Servidores do Estado (H.S.E.) inicia sua existência em maio de 1934 (incorporado pelo Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Servidores do Estado - IPASE em 1938), sob a denominação de Hospital dos Funcionários Públicos, quando, por iniciativa do Ministro do Trabalho, Joaquim Pedro Salgado Filho (1888-1950), o Presidente Getúlio Vargas (1882-1954) assina decreto destinando recursos para a sua construção. As inovações técnicas e administrativas, levaram o H.S.E. a ser reconhecido como o mais avançado hospital público da América Latina por autoridades nacionais e estrangeiras. Desde a sua origem, foi identificado como organismo docente assistencial pioneiro. (Ministério da Saúde. Histórico do Hospital Federal dos Servidores do Estado. Disponível em: http://www.hse.rj.saude.gov.br/hospital/apres/hist.asp. Acesso em: 1 fev. 2024).

[62] Rio de Janeiro, Registro Civil 1829-2012. Registro de óbito. FamilySearch. Acesso em: 2 fev. 2024.

[63] BARROS, Manoel de. *Matéria de poesia* [1970]. São Paulo: LeYa, 2013. p.28. (Coleção Biblioteca Manoel de Barros).

[64] Lei n. 3.353, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil.

[65] Decreto n. 23.793, de 23 janeiro de 1934. Aprova o código florestal que com este baixa.

[66] Decreto n. 24.645, de 10 de julho de 1934. Estabelece medidas de proteção aos animais.

[67] Decreto-lei n.5.894, de 20 de outubro de 1943. Aprova e baixa o Código de Caça.

[68] Lei n.4.771, de 15 de setembro de 1965. Institui o novo Código Florestal.

[69] Lei n.5.197, de 3 de janeiro de 1967. Dispõe sobre a proteção à fauna e dá outras providências.

[70] Lei n. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente.

[71] (Malavoy, 2005, p.5).

[72] José Reis (1907-2002) nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Estudou em escolas públicas e no Colégio Pedro II, optando pela medicina devido a seu interesse por história natural. Frequentou a Faculdade Nacional de Medicina (1925-30) e

complementou a sua formação no Instituto Oswaldo Cruz (IOC). O bom desempenho no IOC garantiu-lhe convite para trabalhar como bacteriologista no Instituto Biológico (IB), em São Paulo. No Instituto Rockefeller (1935-36), em Nova Iorque, Estados Unidos, tornou-se especialista em ornitopatologia. Entre seus assistentes de pesquisa, estava a farmacêutica Annita Swensson (1909-2000), Participou de reformas administrativas no Governo do Estado de São Paulo. Ajudou a fundar a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a criar a revista Ciência e Cultura. José Reis divulgou a ciência em revistas e jornais, em livros infantojuvenis, em palestras e na elaboração de roteiros para boletins da Rádio Excelsior de São Paulo: Em 1979, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) instituiu o Prêmio José Reis de Divulgação Científica, destinado a jornalistas, pesquisadores, escritores, instituições e veículos de comunicação que atuam para popularizar a ciência, a tecnologia e a inovação (Maia; Sales, 2017, p.73).

[73] Lourenço Granato, engenheiro italiano, foi contratado pela Secretaria da Agricultura de São Paulo em 1900, demonstrando o perfil fisiocrático dessa instituição. Granato assumiu o cargo de inspetor do 6º Distrito Agrícola, sediado em Iguape, abrangendo outras regiões do litoral para aperfeiçoar as técnicas de produção. Atuou como espeleólogo ao lado de naturalista Ricardo Krone (1861-1917). Foi diretor do Aprendizado Agrícola Bernardino de Campos, em Iguape. Ao longo das suas atividades, escreveu diversos artigos e livros com teor técnico e didático constituindo uma das primeiras experiências sobre o ensino de agronomia e agroclimatologia do Brasil (Brandi, 2007).

[74] (Glendinning, 2004; Evans, 2021).
[75] *A Cigarra Magazine*, n.225, 1952, p.100, coluna “Vida Curiosa dos Bichos”.

[76] Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo nasceu em Umbuzeiro, Paraíba. [...] Em 1906, aos 14 anos, teve sua primeira experiência jornalística escrevendo para jornal *O Pernambuco*. [...] Ingressou na Faculdade de Direito do Recife em 1908 e, para custear seus estudos, tornou-se redator do *Jornal Pequeno* (1910-1915). [...] Em dezembro de 1915 foi aprovado no concurso da Faculdade de Direito do Recife para professor de direito romano e de filosofia do direito [...]. Em 1917, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde se estabeleceu como advogado, tornando-se a seguir consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores. [...] No entanto, não perdeu o contato com as atividades jornalísticas, colaborando como comentarista de política internacional no *Correio da Manhã* e sendo mais tarde convidado [...] para redator-chefe do *Jornal do Brasil*. [...] Em 1924, com a ajuda de [...], comprou o matutino *O Jornal* [...] cuja situação financeira era precária. [...] iniciou a estruturação de uma grande empresa jornalística, que mais tarde viria a ser conhecida como *Diários Associados* - a primeira rede de comunicação brasileira, que, em seu auge, contabilizaria 36 jornais, 18 revistas, 36 rádios e 18 emissoras de televisão, dentre as quais, a TV Tupi. Em 1927, fundou a revista *O Cruzeiro*, semanário que, segundo o próprio Chateaubriand, teria contado em seu lançamento com o auxílio de Getúlio Vargas, então ministro da Fazenda, o qual teria obtido a metade do capital necessário. No mesmo ano, coerente com sua postura de defesa do capital estrangeiro, fez campanha a favor da entrada da companhia Ford na Amazônia para cultivar borracha em larga escala, “como um princípio de redenção econômica”, por estar plenamente convencido de que “sem braços, sem técnicas e sem capital de fora, nem em cem anos o Brasil conseguiria começar a assimilar a Amazônia” (Dicionário histórico-biográfico da Primeira República, 2015).

[77] Lançada no Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1928, *O Cruzeiro* tornou-se uma das mais proeminentes revistas ilustradas da história da imprensa brasileira. Circulando semanalmente em todo o território nacional, foi um dos primeiros órgãos a integrar os *Diários Associados* (Brasil, 2015b).

[78] Eventualmente, a seção também era publicada aos sábados. A partir de dez. 1936, o suplemento passou a ser publicado também às quintas-feiras por um curto período.

[79] (O Campo, n.78, 1936, p.44).

[80] Natural de Lavras da Mangabeira, Ceará, tornou-se engenheiro agrônomo pela Escola Nacional de Agronomia e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Brasil. *Master of Science* em Sociologia Rural pela Wisconsin University e *PhD.* em Sociologia Comparada, Economia Agrícola e Problemas Demográficos pela American University e Maryland University. Foi servidor do Ministério da Agricultura, professor de Economia e Sociologia Rural da Universidade Rural do Brasil, diretor do Departamento de Agricultura da Prefeitura do Rio de Janeiro, presidente do extinto Instituto de Imigração e Colonização, segundo superintendente da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - Sudene, secretário adjunto da Organização dos Estados Americanos, representante permanente do Brasil junto à FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura). Academia Cearense de Administração. Acesso em: 1 mar. 2024.

[81] *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1930, p.8; *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 out. 1929, p.13.

[82] (Oliveira,1978, p.8).

[83] (Weltman, 2008, p.123).

[84] Trecho da resenha “Um amador que é verdadeiro sábio de tudo o que se diz respeito aos cães” — assinada por J.E.F. — exibida na primeira orelha da 7ª e 8ª edições de *Manual do amador de cães*, publicadas pela editora Itatiaia.

[85] Agenor Couto de Magalhães (1895-1961) nasceu em São Paulo, capital. Formou-se na Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Paulo, dedicando-se, no entanto, ao estudo dos peixes. Viajou por todo o Brasil, inclusive pelo Rio Araguaia, onde fez contatos com os índios Carajás. Foi chefe da Seção de Caça e Pesca do Serviço de Indústria Animal do Estado de São Paulo e um dos fundadores da Sociedade Geográfica Brasileira (Pádua, 2010 *apud* Pereira, 2011). Participou das discussões do Conselho Florestal Estadual para definir o Código Florestal Estadual. Fundou a Biblioteca Zoológica Editora — em conjunto com o coletor de animais, Alfonso Maria Olalla (1899-1971) —, que teve três fascículos publicados em 1956: o primeiro tratava das aves da Família Rheidae, o segundo de pássaros da Família Rupicolidae e o terceiro de aves da Família Tinamidae (Nomura, 2008 *apud* Delmiro, 2023). Agenor também foi um divulgador da fauna brasileira, autor de *Monographia brazileira de peixes fluviais* (1931), *Observações sobre a vida reproductiva de algumas espécies de peixes* (1938) e *Ensaio sobre a fauna brasileira* (1939) (ver apêndice G).

[86] Reportagem "Feirantes iludem a opinião pública nas barracas de peixes", por Hilson Carvalho Waehneldt.

[87] "Mais valioso, porém, do que tôdas as honrarlas [...]. Em suma, a certeza de que foi útil a uma causa, a segurança plena do homem que se realizou e fêz transbordar de sua existência, como numa taça de vinho espumante, os mais finos lavores do espirito, que aí estão, a ilustrar inteligências e a formar adeptos, seguidores e discípulos" (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 13 nov. 1959, p.5, 1º Caderno).

[88] Além de E.S., foram agraciados: Torres Filho, Costa Lima, Assis Chateaubriand e Martins Bastos (Chacaras e Quintaes, v.103, n.4, 1961, p.426).

[89] Decreto n. 48.577, de 22 de julho de 1960. Acesso em: 1 mar. 2024.

[90] Pesquisador, jornalista ambiental e fotógrafo de natureza. Fundador do Instituto Passarinhar. Acesso em: 1 mar. 2024.

[91] CROZARIOL, Marco Aurélio. Comunicação pessoal. 2024. (Ornitólogo e pesquisador do Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha, Campus Experimental de Educação Ambiental e Ecologia, Universidade Estadual do Ceará, 62.770-000 - Pacoti, Ceará, Brasil).

[92] (Nomura, 2005, p.4).

[93] A Noite, Rio de Janeiro, 26 nov. 1953, p.2.

[94] Criada pela Sociedade Alberto Torres, "destinam-se esses clubs: crear em nossas creanças amor à terra, reunil-a em torno dos problemas ruraes de sua região, despertar uma consciência agraria para vencerem esse urbanismo sem base econômica que é fator de morte para o Brasil" (O Globo, 1934).

[95] Augusto Ruschi (1915-1986) nasceu no dia 12 de dezembro de 1915, em Santa Teresa, Espírito Santo. O pai, imigrante italiano; a mãe, descendente austríaca. Tinha especial interesse pelos beija-flores que polinizam orquidáceas. Como na sua época não existia graduação em ciências biológicas, cursou agronomia, depois, direito. Tornou-se pesquisador do Museu Nacional e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicou mais de 400 artigos científicos e 22 livros, como os dez volumes da coleção *Aves do Brasil* e *Os beija-flores do Espírito Santo*. Engajado na defesa da natureza, crítico do reflorestamento com eucaliptos e do uso de agrotóxicos, foi divulgador das ciências no Brasil. Em 1949, Ruschi fundou o Museu de Biologia Professor Mello Leitão, em Santa Teresa. Atualmente, o museu faz parte da estrutura do Instituto Nacional da Mata Atlântica e guarda coleções científicas de plantas e de animais, particularmente de espécies da Mata Atlântica. A Lei n. 8.917/1994 concede a Ruschi o título de Patrono da Ecologia do Brasil (Maia; Sales, 2017).

[96] Disponível em: https://www.blmarrisstudio.com/biography. Acesso em: 1 mar. 2024.

[97] NOMURA, Hitoshi. Haroldo Pereira Travassos (1922-1977). In: _____. *Vultos da zoologia brasileira*. 2 ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1977, v.2, p. 238-240.

[98] João Paiva de Carvalho (1903-1961) nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou a carreira científica em 1925, dedicando-se à ornitologia. Em 1932, nomeado para o Instituto de Pesca Marítima do Departamento da Produção Animal, da Secretaria da Agricultura, iniciou os estudos de biologia marinha. Foi um dos fundadores do Instituto Paulista de Oceanografia (atual Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo). Disponível em: Revista USP. Acesso em: 2 mar. 2024.

[99] Raul Briquet Júnior (1914-1971). Agrônomo, catedrático da antiga Escola Nacional de Veterinária (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), *Master of Science* em genética animal. Disponível em: Necrológio. Acesso em: 2 mar. 2024.

[100] Em 1892, Luiz Cruls foi designado para chefiar a Comissão de Exploração do Planalto Central do Brasil, encarregada de levantamento geológico e mineral da região, assim como da demarcação da área para instalação da futura capital do país, prevista na Constituição de 1891. A expedição ficou conhecida como *Missão Cruls*: "*Existe no interior do Brasil uma zona gozando de excelente clima com riquezas naturais, que só pedem braços para serem exploradas [...]. Tenho a mais absoluta convicção de que da mudança da capital [...] resultará, para o Brasil, sua prosperidade e desenvolvimento futuro*" (Maia; Sales, 2017, p.73).

[101] The Internet Archive disponibiliza versão digitalizada de *Pássaros do Brasil* (1943). Disponível em: archive.org. Acesso em: 24 jul. 2023.

[102] Disponível em: suicosdobrasil.org.br. Acesso em: 1 mar. 2024.

[103] *Lathrotriccus euleri euleri* (enferrujado ou papa-mosca-de-euler). Disponível em: Wikiaves. Acesso em: 1 mar. 2024.

[104] Provalvelmente, *Lathrotriccus euleri flaviventris* (Lawrence, 1887), cuja ocorrência original é a ilha de Granada, está extinto. Disponível em: Wikiaves. Acesso em: 1 mar. 2024.

[105] Papa-lagarta-de-euler. Disponível em: Wikiaves. Acesso em: 1 mar. 2024.

[106] *Histoire Naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roi* [de Georges-Louis Leclerc, Conde de Buffon], em 36 volumes, cujas proporções imponentes podem ter contribuído ao nascimento,
no espírito de Balzac, da ideia de uma obra única que reunisse todos os seus romances.

[107] BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*: estudos de costumes: cenas da vida privada. 3 ed. Tradução de Vidal de Oliveira. São Paulo: Editora Globo, 2012. p. 81. v.1. Título original: La comédie humaine).

[108] A expressão "o agro é pop" foi criada pela Rede Globo de Televisão para promover o agronegócio brasileiro. A campanha publicitária "Agro é tech, agro é pop, agro é tudo" é transmitida desde 2016 nos intervalos de noticiários, novelas e salas de cinema. A campanha tem a ideia de que o agronegócio é a fonte de tudo o que é bom e necessário na vida (Mitidiero Júnior; Goldfarb, 2021).

[109] GALVEZ, Virgínia (org.). As fallas do throno e seu contexto histórico 1798 a 1889. In: _____. *As fallas do throno*: Senado e Câmara na construção do Império do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2023. v.3. 767 p.

[110] CHAGAS FILHO, Carlos. *O minuto que vem*: reflexões sobre a ciência no mundo moderno. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2023. p.96.

[111] I Seminário de Jornalismo Científico, realizado em Santiago (Chile), 1962.

[112] SANTOS-DUMONT, Alberto. *O que eu vi, o que nós vamos ver*. Bauru: Taller Comunicação, 2009. p.31.

[113] José Silvestre Rabello (1807-1891) foi um dos 27 sócios fundadores do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, fundado em 1838 sob os auspícios da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, que tinha como órgão de informação o periódico *Auxiliador a Indústria Nacional*.

[114] *O Auxiliador a Indústria Nacional*, mantido pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, circulou no período de 1833-92. Apesar da importância histórica, a revista não a pioneira da imprensa rural, mas sim o *Jornal da Sociedade de Agricultura, Comércio e Indústria da Província da Bahia,* fundado em 1832 e extinto no ano seguinte (Dias, 2011, p. 64).
[115] Durante a navegação pelas páginas das revistas agrícolas, foram observados anúncios sobre: adegas e vinhos, aguardente, agentes de propriedade intelectual, alfaiatarias, animais de criação, armarinhos, arquitetos e construtores, associações beneficentes, ateliês de costura, avisos sobre congressos e eventos científicos, caça, Caixa Econômica Federal e outros bancos, calçados, calendário agrícola, camiseiros, canis, chocadeiras, cigarros, coleções entomológicas, consultas e respostas, cuidados com animais de estimação e de produção, culinária, curas milagrosas, curiosidades e utilidades, dicas, elixires milagrosos, espelhos, criadores, eventos políticos da agropecuária, extintores de incêndio, exposições, extratos da Instituto Nacional de Previdência, farmácias, fauna silvestre, frigoríficos, resenhas de livros, feiras, filtros, flora medicinal, fumos (nacionais e importados), hospitais veterinários, hotéis e pensões, importação e exportação de animais, indicadores de produção, insumos agrícolas, Jokey Club Brasileiro (Grande Premio Brasil), laboratórios, lâmpadas, livros e livrarias, lojas de móveis, lojas de tecidos, loteria, luminárias, notas e notícias, maquinário, matrizes, medicamentos humanos, medicamentos veterinários, medicina, moinhos, mudas, novas tecnologias, perfumes e cosméticos, produção comercial de frutas, rações, rádios, relógios, reprodutores, roupa de cama e banho, seguros, sementes, traduções de artigos, uísques, vacinas, venenos dentre outros.

[116] Nesta obra, publicada originalmente na revista Die Revolution entre 1851 e 1852, Marx narra os eventos que levaram ao golpe de estado de Luís Bonaparte, sobrinho do antigo imperador Napoleão Bonaparte, na França, entre 1848 e 1851. Além disso, o autor alemão ultrapassa o registro histórico e relaciona os acontecimentos com suas teorias de luta de classes e de revolução operária. Ao analisar a figura de Napoleão III em relação ao seu tio, que tomara o poder também por um golpe cinquenta anos antes, Marx retoma Hegel ao afirmar que a história se repete, mas acrescenta: "uma vez como tragédia, e outra como farsa" (sinopse disponível em https://edipro.com.br/livro/o-18-de-brumario-de-luis-bonaparte/. Acesso em: 1 de jul. 2023). A frase de Marx, logo na abertura do texto, é: “Hegel [Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1777-1831)] observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira como tragédia, a segunda como farsa”.

[117] Revista *A Fazenda*, n.1, p.2, 1910.

[118] BURLAMAQUE, Frederico Leopoldo Cezar. *Aclimatação do dromedário nos sertões do Norte do Brasil, e da cultura da tamareira*: com a traducção do relatório de Mr. Dareste, apresentada à Sociedade Zoológica de Aclimatação de Paris, sobre o mesmo assumpto. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1857. 89 p.

[119] A edição de jan. 1927 foi a última localizada. Edições da revista foram localizadas nas seguintes instituições: Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará, Biblioteca de Ciências Biomédicas da Fundação Oswaldo Cruz, biblioteca do Museu Nacional (UFRJ), Biblioteca Mário de Andrade da Prefeitura de São Paulo e biblioteca do Instituto Agronômico de Campinas.

[120] Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, 27 jul. 1927, p.9, coluna “Na fazenda e na granja”.

[121] “Este profissional teve uma participação fundamental no ideário de modernização agrícola propagado na revista *O Campo*. [...] Percorrendo os artigos de *O Campo*, observamos que este grupo de especialistas vinculados às diversas escolas e instituições científicas emergem como fenômeno do desenvolvimento institucional agropecuário, pois, ainda que oriundos de instituições diferentes, faziam da noção da racionalidade e do uso da técnica o cerne de suas representações” (Temperini, 2003, p.66).
[122] “Creou-se o 'agronomo regional', corpo de technicos destinados a prestar assistencia local aos agricultores. O curso instituido pelo Ministerio da Agricultura visa tornar o agronomo diplomado apto a prestar serviços de natureza pratica” (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 12 jan. 1937, p.9).
[123] “Joao Castanho Dias (2011), por sua vez, traz um quadro no qual apresenta todas as publicações agronômicas existentes no país entre 1832 e 1921, a partir do que coletou junto ao “Annuario Commercial Industrial e Agrícola” (1924), lançado pelo Instituto Agrícola Brasileiro” (Salgueiro, 2017, p.164).
[124] SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.28. Título original: The demon-haunted world.
[125] “Art. 2º - Para consecução de seus fins, o Instituto empregará os seguintes meios: [...] §14 - Fará publicar uma revista orgam do Instituto, na qual se dará expediente deste, ahi sendo também inseridos artigos sobre agricultura em geral, de auctoria de escriptores agricolas, membros o não do Instituto. O ‘O Campo’ é actualmente órgão oficial do Instituto. [...]
Art. 5º - Os membros do Instituto deverão esforçar-se para manter na respectiva revista assidua colaboração, a fim de tornar este órgão de divulgamento assaz interessante” (O Campo, 1930, n.1, p.118-119).

[126] s. f. || cultura da terra. || Poema em que se celebra a cultura, a vida campestre: De ordinário... o grande mestre inspira os seus quadros em motivos populares... ou na geórgica estremenha rutilante de sol. (Júlio Dantas, Espadas e Rosas, p.45, 2 ed.) As *Geórgicas* de Virgílio. F. lat. *Georgica* (Aulete Digital, 2024). As *Geórgicas* (37-30 a.C.) constituem um poema sobre a vida rural e as diversas atividades agrícolas: o cultivo dos cereais, a arboricultura, em especial o cultivo da vinha, a criação dos rebanhos e a apicultura (Pio, 2017).

[127] No período de 1930-49, o sobrenome Guinle foi citado ao menos 192 vezes na revista *O Campo*, sendo que 51 menções são ao "dr. Carlos Guinle".

[128] Em fev 1935, o principal redator de *O Campo* passou a ser o engenheiro agrônomo Arthur Eugenio Magarinos Torres Filho (1889-1960), Director do Serviço de Inspecção e Fomento Agrícola do Ministério da Agricultura no período de 1922-33, vice-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura (1931-43) e presidente (1944-55). Em 1934, foi admitido como professor catedrático da 12° cadeira de Agricultura Vegetal da Escola Nacional de Agronomia; reitor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro no período de 1946-49.

[129] "O mineiro Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939) foi um dos mais profícuos e importantes naturalistas de sua era, publicando em todos os grupos de vertebrados. Dentre suas 146 publicações, merecem especial destaque 'Fauna Brasilensis: Peixes' e 'Notas para servirem ao estudo dos Gymnobrachios (Anura) brasileiros'. [...] Ribeiro (1945) relata como foi o despertar de seu interesse pela História Natural: 'Quando entrei, pela primeira vez, no Museu Nacional, era ainda estudante de preparatórios. [...] tive uma formidável emoção por encontrar aquele repositório que eu julgava a solução de todas as dificuldades da zoologia [...]. Percorri, embevecido, todas as salas e voltei às de zoologia, onde, à tarde, a mão amical do Porteiro (cujo ar severo e barbas a Francisco José emprestavam- lhe uma autoridade respeitável), tocando-me no ombro, interrompia-me a contemplação e me mostrava, ao mesmo tempo, a porta da rua. Não era, no entanto, possível a nenhuma força retirar-me assim, sem mais nem menos; travei conversa com o homem - Antônio Alves Ribeiro Catalão – a quem pedi me apresentasse ao Diretor do Museu, pois eu queria permissão para freqüentar aquele templo. [...] Sua primeira publicação, referente à Entomologia, foi em 1899; em 1902 (veja Referências), iniciam-se suas publicações com vertebrados, que irão se tornar sua especialidade. Em 1894 ingressou no Museu Nacional, com a função de preparador interino da 1ª Secção" (Pombal, 2002).

[130] A coleção da revista está disponível na Biblioteca Nacional de Agricultura - Binagri, do Ministério da Agricultura, Brasília, DF.

[131] "Manuel Móra (1884-1956) foi um artista português naturalizado brasileiro que viveu no Rio de Janeiro entre as décadas de 1920-40. Produziu capas e ilustrações para revistas como *O Cruzeiro*, *Cinearte* e *Para Todos*,
e ilustrações para material escolar e cartões-postais da Secretaria de Turismo [do Rio de Janeiro]. Também colaborou com o Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Getúlio Vargas" (Costa, 2012).

[132] Boletim da Associação Brasileira de Imprensa, n.10, 1971, p.4. Iniciou sua carreira profissional como comissário de polícia. Foi gerente do *A Manhã*, diário que circulou no Rio de Janeiro, de dezembro de 1925 a junho de 1929. Até 1945, estava vinculado à Revista Agricultura e Pecuária.

[133] Arthur Eugênio Magarinos Tôrres Filho (1889-1960) foi um dos pioneiros na defesa da ampliação do ensino agrícola e da extensão rural no país. Postulava a favor do exemplo norte-americano como o meio mais adequado e eficiente para a educação rural dos adultos, seja por seu caráter ambulante, seja pela feição prática, auxiliando na luta contra a migração rural-urbana. Autor de *O Ensino Agrícola no Brasil* (1926), foi diretor do Serviço de Inspeção e Fomento Agrícola do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, diretor do ensino agrícola do Ministério da Agricultura em 1926, professor da Escola Nacional de Agronomia, presidente da Sociedade Brasileira de Agronomia, presidente da Confederação Rural Brasileira e da Sociedade Nacional de Agricultura e reitor da Universidade Rural (1946-49).

[134] The Wallace Collection. Miss Bowles [1775 ou 1776]. Disponível em: https://wallacelive.wallacecollection.org/eMP/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=64926&viewType=detailView. Acesso em: 1 mar. 2024.

[135] GOODALL, Jane. *Entrevista com Jane - FRANÇA - #*HUMAN. Entrevista concedida para o documentário *Human* (2015), dirigido por Yann Arthus-Bertrand. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LcY8zbad6Us. Acesso em: 1 mar. 2024.

[136] (Santos, 1987, p.12).

[137] Georges-Louis Leclerc (1707-1788), Conde de Buffon, mais conhecido simplesmente como Buffon, foi um naturalista, matemático, cosmologista e filósofo francês cuja obra-prima, *Histoire Naturelle*, foi aclamada por seus contemporâneos. Suas teorias teriam influenciado duas gerações de naturalistas, particularmente Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829) e Charles Darwin (1809-1882). Ele ocupou o cargo de intendente no Jardin Royal des Plantes Médicinales, agora chamado de Jardin des Plantes ou Jardin des plantes de Paris. A obra *Histoire Naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roi* é uma coleção enciclopédica de 36 grandes volumes escritos entre 1749-1804. A obra deveria abarcar todos os reinos da natureza, mas inclui apenas os minerais e uma parte dos animais (quadrúpedes e aves), além de uma Théorie de la Terre (Teoria da Terra) e outros suplementos, entre os quais Époques de la nature (1778) (Épocas da Natureza), uma das mais belas obras do autor. *História Natural* foi impressa pela primeira vez, em 36 volumes, no Royal Printing Office. Buffon, então, comprou de volta os direitos de sua obra em 1764. Após sua morte, seus colegas, liderados pelo naturalista francês Bernard Germain de Lacépède (1756-1825), deram continuidade ao trabalho, publicando mais oito volumes no período de 1788-1804, sobre quadrúpedes ovíparos, cobras, peixes e cetáceos. Desde então, a obra de Buffon foi reimpressa várias vezes (Buffon, 2023).

[138] Agrippino Grieco (1888-1973) foi crítico literário, poeta, contista, tradutor e jornalista. Filho dos italianos Pascoal Grieco e Rosa Covello Grieco, provenientes de Basilicata. Em 1906, muda-se para o Rio de Janeiro e começa a carreira de funcionário público na Central do Brasil.

[139] LOBATO, Monteiro. *A caçada da onça*. São Paulo: Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobado, 1924. p.26.

[140] WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Notas de Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, 2004. p.292 (Edições do Senado Federal, v.17).

[141] Decreto-lei n.1.210, de 12 de abril de 1939. Aprova e baixa o Código de Caça. Art. 6º É proibida a caça: a) do animais úteis à agricultura; b) de pombos correios; c) de pássaros, aves ornamentais ou de pequeno porte, exceto os nocivos à agricultura; d) das espécies raras.

[142] Maurice Maeterlink (1862-1949) foi, na dramaturgia, o principal representante da estética simbolista, tendência que surgiu na França no fim do século XIX, como reação à rigidez parnasiana e à crueza do naturalismo. Maeterlink foi um poeta-filósofo. O destino do homem e a natureza eram suas matérias-primas. Seus estudos sobre as flores, as abelhas, as formigas e as térmitas são trabalhos de extrema sabedoria e beleza. Em *A vida das abelhas* (1901), o autor une a divulgação científica à metáfora sobre a sociedade humana (resenha da editora). Foi o ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1911.

[143] A Hemeroteca Digital Brasileira disponibiliza a revista Fauna a partir da edição n.7, de julho de 1943, Ano II.

[144] DYLAN, Bob. *O homem deu nome a todos os bichos*. Curitiba: Nossa Cultura, 2012. 32 p.

[145] O título da coleção — ★ Z O O L O G I A B R A S I L I C A ★ — não aparece nas primeiras edições de *Da ema ao beija-flor* (1938), *Pássaros do Brasil* (1940), *Anfíbios e répteis do Brasil* (1942), *Entre o gambá e o macaco* (1945). *Moluscos do Brasil* (1955) também não apresenta o título da coleção.

[146] De acordo com o jornal *O Imparcial*, ed. 4678, Rio de Janeiro, 1925.

[147] adj. || dessemelhante, diverso, diferente: Ao ver-me tão *dissímil* de mim mesmo, poderás crer que a fé que segues, sigo? (Fil. Elís.) F. lat. *Dissimilis*.

[148] CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2010. p.29.

[149] Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891, art. 72, § 26.

[150] Baptiste-Louis Garnier nasceu em uma família tradicional de livreiros de Paris, e veio para o Novo Mundo revolucionar o mercado de livros. Desembarcou no Rio de Janeiro em 24 jan. 1844. A B. L. Garnier, anteriormente denominada Garnier Irmãos, tornando-se, porém, mais conhecida como Livraria Garnier, foi uma livraria e editora localizada no Rio de Janeiro, e que esteve em atividade entre os anos de 1844 e 1934.
Seu presidente era Baptiste Louis Garnier. Notabilizou-se por publicar livros de escritores que se tornaram famosos, como Machado de Assis (Granja, 2018).

[151] O Parque Nacional do Itatiaia — primeiro parque do Brasil, criado em junho de 1937 — abrange os municípios de Itatiaia e Resende no Estado do Rio de Janeiro e Bocaina de Minas e Itamonte no Estado de Minas Gerais, onde ficam aproximadamente 60% de seu território.

[152] NETO, Leonardo. Itatiaia-Garnier, a fênix que ressurge entre os mais vendidos. *PublishNews*. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2021/04/05/itatiaia-garnier-a-fenix-que-ressurge-entre-os-mais-vendidos. Acesso em: 1 mar. 2024.

[153] José Henrique Teles Cardoso de Carvalho, sócio-administrador da Garnier Itatiaia Editora. Mensagem recebida pelo aplicativo WhatsApp em 10 jan. 2020. e 28 mar. 2023.

[154] Decreto n. 4.541, de 6 de fevereiro de 1922.

[155] Decreto n. 15.530, de 21 de junho de 1922.

[156] Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890.

[157] Lei n. 496, de 1º de agosto de 1898. Define e garante os direitos autoraes.

[158] História dos Direitos Autorais. Disponível em:https://mooc.campusvirtual.fiocruz.br/rea/ciencia-aberta/storage/23/timeline/index.html. Acesso em: 1 mar. 2024.

[159] Lei n. 3.071, de 1º de janeiro de 1916.

[160] A empresa Garnier Itatiaia Editora, com a razão social Villa Rica Editoras Reunidas Ltda., opera com o CNPJ 38.742.276/0001-18 e tem sua sede localizada na Rua São Geraldo, 53, Floresta, Belo Horizonte, MG, 30.150-070. Seu foco principal de atuação é de edição integrada à impressão de livros, de acordo com o código CNAE J-5821-2/00 (Dados da Receita Federal).

[161] José Henrique Teles Cardoso de Carvalho, sócio-administrador da Garnier Itatiaia Editora. Mensagem recebida pelo aplicativo WhatsApp em 10 jan. 2020. e 28 mar. 2023.

[162] Paulo Houch. Mensagem recebida pelo aplicativo WhatsApp em 28 mar. 2023.

[163] Paulo Houch. Mensagem recebida pelo aplicativo WhatsApp em 28 mai. 2024.

[164] Achados para o nome “Nilo de Oliveira Santos”: a) “concurrente” [aos 13 anos] do concurso n.28 promovido pelo Jornal das Crianças: O Tico-Tico (Rio de Janeiro, 28 mar. 1906, p.12); b) “agente de annuncios” da revista *A Fazenda* (n.37, 1913, p.1); c) “Contratou casamento com a senhora Dulce Camacho Pessoa, filha do Capitão-Tenete da Armada Sr. Isaac Pessoa, o Sr. Nilo

de Oliveira Santos [21 anos], redactor d'*A Fazenda*" (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 jun. 1914, p.14); d) membro do Instituto Agrícola Brasileiro, do qual E.S. foi vice-presidente (Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 20 jun. 1920, p.10); e) sócio do Pedregulho Football Clube (O Paiz, Rio de Janeiro, 29 out. 1922); f) Junta Commercial. Sessão de 9 de maio de 1929. Nilo é citado como sócio solidário da Pragrana - Fontes & Comp., "para o commercio de exploração de I revista, á rua Leopoldo Martins n.137, com capital de 20;000$000 (A Manhã, Rio de Janeiro, 11 mai. 1929, p.11 e Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 15 mai. 1929, p.10); Nomeações. "Nilo de Oliveira Santos [...] nomeados por decreto de 3 de abril de 1940, para exercerem, interinamente, o cargo de servente da classe B" (Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, n.62, 1940, p.387); Nomeações. "[...] Nilo de Oliveira Santos [...] serventes interinos, admitidos como extranumerários diaristas a partir de 2 de fevereiro do corrente ano" (Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, n.64, 1942, p.282); Admissões. "[...] Nilo de Oliveira Santos [...] admitidos como extranumerários diaristas, nos têrmos do Cap. IV, art. 34 p único do Decreto-lei n.5.175, de 21 jan. 1943 (Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, n.65, 1943, p.313); g) exonerado da pasta de Educação por decreto assinado pelo presidente Vargas (Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 9 abr. 1942, p.3; a mesma nota foi publicada em A Manhã, O Jornal, Gazeta de Notícias, Diário de Notícias, Diário Carioca); h) "Rua só tem buraco e conta como calçada", Nilo, morado da José Félix há mais de 20 anos (Diário Carioca, 9 mar. 1963, p.5).

[165] O nome "Euridice de Oliveira Santos, carteira de identidade n. 149.054, do Instituto de Polícia Técnica do E. do Rio de Janeiro" é citado na coluna "Quem perdeu? — Documentos achados nos trens da Leopoldina - Utilidade do Serviço de Policiamento dessa via férrea" do jornal *A Noite*, Rio de Janeiro, 4 jul. 1949, p.7, e na mesma coluna em 15 dez. 1949.

[166] BORDENAVE, Juan Diaz. *O que é comunicação rural*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.7.
[167] MÜLLER, Adalberto. *Encontros*: Manoel de Barros. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2010, p.46.

[168] (Malavoy, 2005, p.13).

[169] ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1977. p.167.

[170] Rémy de Gourmont (1858-1915), poeta e dramaturgo francês. Citação da obra *Physique de l'amour: essai sur l'instinct sexuel* (1903) A solidariedade, ideologia vã, se a restringirmos à espécie humana! Não existe abismo entre o homem e o animal; os dois domínios são separadas "*por um riacho muito pequeno que uma criança poderia atravessar*". Somos animais; vivemos dos animais e os animais vivem de nós. Somos parasitados e somos parasitas. Somos predadores e somos presas vivas de predadores. E quando fazemos amor, é, segundo a expressão dos teólogos, mais bestiarum. O amor é profundamente animal: essa é a sua beleza. Disponível em: gutenberg.org. Acesso em: 1 mar. 2024.

[171] "Com os moderníssimos e aperfeiçoados sistemas de gravação do son, ao ar livre, é muito facil a realização da idéia que preocupou o espírito desse grande amigo de nossa natureza, Hercules Florence. Nas discotecas organizadas para fins culturais ou recreativos podiam, por exemplo, não ser esquecidas as vozes dos pássaros do Brasil, incomparáveis tenores e sopranos de nossas florestas" (Florence, 1928 *apud* revista Fauna, n.7, 1943, p.8, grifo nosso).

[172] Milton Viola Fernande (1923-2012).

[173] "Oliveira foi aluno de diversos cursos, formando-se [...] bacharel em biologia [...] desde 1975. [...] fundou a Sociedade Sul Rio-Grandense de Ornitologia. [Criou duas publicações que] foram pioneiras no Brasil na divulgação sobre ornitologia [...] militou na imprensa durante 14 anos, no suplemento rural do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre. [...] era admirador da obra de E.S. [...]" (Nomura, 2010).

[174] Um dos sócios-fundadores da Sociedade Brasileira de Zoologia - SBZ, dedicou parte de sua carreira acadêmica à divulgação da zoologia e à publicação de biografias de zoólogos brasileiro — em 1983, recebeu o Prêmio José Reis de Divulgação Científica e Tecnológica, concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (SBZ, 2017).

[175] Jornalista especializado em ciência, ambiente e tecnologia, escritor e editor especial da revista *Pesquisa Fapesp*.

[176] Ornitólogo e conservacionista, dedicado à popularização da prática de observação de aves e à divulgação científica.

[177] Pesquisador visitante na WildCRU/University of Oxford, membro da União Internacional para a Conservação da Natureza - IUCN e do Instituto Pró-carnívoros e cofundador da Escola da Amazônia.

[178] SILVA, José Bonifácio de Andrada e. Necessidade de uma Academia de Agricultura no Brasil, 1821. In: NOGUEIRA, Octaciano (org.). *Obra política de José Bonifácio*. Brasília: Senado Federal, 1973, p.41-42.

[179] (Pondé, 2014, C6).

[180] GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Tradução: Maria Betânia Amoroso e José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.10. Título original: Il formaggio e i vermi: il cosmo de un mugnaio del'500.

ANEXO & APÊNDICES

Oxalá consigam as seguintes paginas
seu intento principal. — derramar
gosto pela natureza animada!.

A. GOELDI[114]

ANEXO A

PROJETO N. 4708 DE 1954 CÂMARA DOS DEPUTADOS

Os bons livros. Esse tempo passou. Mas seria útil que voltasse. E o governo faria obra realmente boa, mandando adotas nas escolas os livros modernos de Eurico Santos. Dizem a verdade científica, ilustram o espírito dos jovens e — o que é relevante na triste quadra que o nosso ensino atravessa — são bem escritos, em estilo natural e claro, sem erros de vernáculo. (Mirabile dictu!)[1]*. Registrou com razão Xavier de Brito, num dos seus magistrais trabalho: "Se não fosse a dolorosa indiferença do nosso país pelos estudos da história natural, certo teriamos avançado muito mais no vasto caminho do progresso intelectual e material, que engradece as nações cultas do velho e do novo mundo (O ... "Artigos zoológicos", 1890).*[2]

Floriano [Eduardo] de Lemos (1885-1968)[3]
Médico e jornalista

[1] Locução interjetiva: admirável de se dizer (Dicionário Houaiss Eletrônico).
[2] (Correio da Manhã, 1 nov. 1942, ed. 14725, Crônica Cientifica, p.12).
[3] (Campos, 2013, p.1334).

Câmara dos Deputados

Sr. Presidente

C18

Nos termos regimentais, solicito - desarquivamento do projeto nº 4.708, de 1954, de minha autoria, dispondo sobre a elevação dos proventos de aposentadoria do servidor aposentado Eurico de Oliveira Santos.

Rio de Janeiro, em 9 de julho de 1958

Lopo Coelho

A IMPRIMIR CÂMARA DOS DEPUTADOS

Em 14/11/958

PROJETO

N.º 4.708-A/54

C12

Eleva os proventos de aposentadoria do Auxiliar Administrativo, do Ministerio da Agricultura, Eurico de Oliveira Santos, ao padrão "M"; tendo parecer pela inconstitucionalidade, da Comissão de Constituição e Justiça.

PROJETO Nº 4.708/54, A QUE SE REFERE O PARECER

a/ 11/ 11

PROJETO N.° 4.708 DE 1954

República dos Estados Unidos do Brasil

Câmara dos Deputados

(Do Sr. Lopo Coelho)

ASSUNTO: PROTOCOLO N.°

Eleva os proventos de aposentadoria do Auxiliar Administrativo do Mº da Agricultura, Eurico de Oliveira Santos ao padrão "M".

DESPACHO: 28-7-54 - Às Com. de Const. e Justiça, de Serviço P. Civil e de Finanças

À Com. de Const. e Justiça em 29 de 7 de 19 54

DISTRIBUIÇÃO

Ao Sr. Fernando Nobrega D'Lascraix, em 19/10/54

O Presidente da Comissão de Justiça —

Ao Sr. Deputado Adaucto Cardoso, em 5/11/54

O Presidente da Comissão de Justiça

Ao Sr. ....., em 19....

O Presidente da Comissão de .....

Ao Sr. ....., em 19....

O Presidente da Comissão de .....

Ao Sr. ....., em 19....

O Presidente da Comissão de .....

Ao Sr. ....., em 19....

O Presidente da Comissão de .....

Ao Sr. ....., em 19....

O Presidente da Comissão de .....

Ao Sr. ....., em 19....

O Presidente da Comissão de .....

Ao Sr. ....., em 19....

O Presidente da Comissão de .....

SINOPSE

Projeto N.º ..... de ..... de ..... de 19 ..

Ementa : .....

.....

.....

Autor : .....

Discussão única .....

Discussão inicial .....

Discussão final .....

Redação final .....

Remessa ao Senado .....

Emendas do Senado aprovadas em ..... de ..... de 19 .....

Sancionado em ..... de ..... de 19 .....

Promulgado em ..... de ..... de 19 .....

Vetado em ..... de ..... de 19 .....

Publicado no "Diário Oficial" de ..... de ..... de 19 .....

Caixa: 232
Lata: 32
PL Nº 4708/1954
1

CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO Nº

A IMPRIMIR
Em 23/7/1954

Art. 1º - Ficam elevados ao valor correspondente ao padrão M os proventos de aposentadoria do inativo do Ministério da Agricultura, Auxiliar Administrativo, Eurico de Oliveira Santos, aposentado compulsòriamente por decreto de 3 de fevereiro de 1954.

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário.

JUSTIFICAÇÃO

Foi com leis especiais que o Executivo e o Legislativo acharam remedio legal para premiar os valores de Joaquim Castilho técnico em Bibliografia do Instituto Nacional do Livro e do ex-carteiro Raimundo

O primeiro, com o decreto-legislativo nº 19, de 1950 teve sua situação definida depois de prestar quasi meio seculo de serviços à industria do livro. O segundo, com a lei nº 1.657-52 viu premiados seus esforços e assim, de carteiro que era, passou, com absoluto merecimento, ao cargo de Entomologista M, conforme publicou o D.O de 16-7-1952

A medida proposta neste projeto tem a justificá-la, mais do que casos precedentes, o magnifico e patriotico trabalho que Eurico Santos vem realizando no dominio da divulgação cientifica, notadamente da zoologia.

O número de trabalhos publicados, só aludindo a livros, sem contar um sem número de artigos divulgados na imprensa técnica, revistas e jornais diários, vai a quasi uma trintena.

Esta vasta obra vem sendo elogiada, unanimemente, por homens de ciencia, como o saudoso sábio brasileiro, Arthur Neiva, que lhe prefaciou o volume "Passaros do Brasil".

Esse ilustre mestre e cientista, referindo-se a este trabalho escreve: "Os arraiais onde assentam a inteligencia, o amor do Brasil a educação do sentimento, o culto às coisas belas estão de parabens com a publicação dos trabalhos de Eurico Santos.

Observação: O Decreto n. 35.000, de 3 de fevereiro de 1954, define a composição dos Quadros e Tabelas do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação e Cultura e dá outras providências.

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Ramos 173

e 13

do Brasil, a educação do sentimento, o culto às cousas belas estão de parabens com a publicação dos trabalhos de Eurico Santos.

Em outra passagem diz: "As obras de Eurico Santos põem o leitor em contacto com a natureza, ensinam, educam e aperfeiçoam o sentimento. Está executando um programa de brasilidade".

Outros homens de ciência, como o dr. Afranio do Amaral, sabio diretor do Instituto de Butantã, ofiólogo de reputação mundial; o dr. Olivério Pinto, ornitologista de renome, diretor do Departamento de Zoologia de São Paulo; o professor Paulo Sawaya, do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, Couto Magalhães, e tantos outros, nacionais e estrangeiros, como a correspondência, notas de imprensa, separatas, etc, testemunham, louvam com calor a obra do ilustre patricio.

Numa "Crônica cientifica", (Correio da Manhã, 1-11-1942), o conhecido professor, homem de ciencia e escritor, Floriano de Lemos, sugere: "E o governo faria obra realmente boa, mandando adotar nas escolas os livros modernos de Eurico Santos. Dizem a verdade cientifica, ilustram o espirito dos jovens e - o que é relevante na triste quadra que o nosso ensino atravessa - são bem escritos, em estilo natural e claro, sem erros de vernáculo (Mirabile dictu)".

Para mais seguros esclarecimentos juntamos a lista integral das suas principais obras:

ZOOLOGIA BRASÍLICA

I - Nossos Peixes Marinhos (vida e costumes) 265 fls. il. F. Briguiet, Rio, 1952.

II - Os Peixes da Agua Doce (vida e costumes) 250 fls. il. Rio, 1954.

III - Anfibios e Répteis (vida e costumes) 280 pags. il. F. Briguiet & Cia., Rio, 1941.

IV - Da Ema ao Beija-Flôr (vida e costumes das aves) 356 pags. il., F. Briguiet & Cia., Rio, 1938.

V - Passaros do Brasil (Vida e costumes) 278 pags. il. F.

CÂMARA DOS DEPUTADOS

e 14

Briguiet & Cia., 2ª Edição, Rio, 1948.

VI - Entre o Gambá e o Macaco (Vida e costumes dos mamiferos) 298 pags. il., F. Briguiet & Cia., Rio, 1945.

VII - Os Moluscos (Vida e costumes) no prelo.

OUTRAS OBRAS DE ZOOLOGIA

Historias das Aves do Brasil, J.T. Descourtilz (tradução) 2 vols., il. Ed. Kosmos, Rio, 1944.

As Cobras Venenosas (como conhecê-las e evitá-las) 107 pags. il. Ed. "Chácaras e Quintais", São Paulo, 1943.

Combate aos Ratos - Folh. 42 pags. il. - publicação editada pelo S.I.A. - Premiada pelo Ministerio da Agricultura - Rio, 1948.

Proteção à Fauna Indigena - Folh. Ed. "chácaras e Quintais" - São Paulo, 1948.

Formigas, Rãs e outros Animais - Vol. 202 pags. il. Ed. "O Campo" - Rio, s/d (esgotado).

Serpentes peçonhentas "Folh. 60 pags. il., Editada pelo S.I.A. Ministerio da Agricultura, Rio, 1952.

Em Defesa da Fauna - Folh. fls. il. Editada pelo S.I.A., Ministerio da Agricultura, Rio, 1954.

AVICULTURA, PECUÁRIA, ETC

Dicionario de Avicultura e Ornitotecnia - 2 vols. 800 pags. il. Rio, 1937-38 -(esgotado)

O que todos os criadores devem saber - 2ª Edição - 174 pags. il. Ed. Tecnica Ltda., Rio, 1946.

Avicultura, Fonte de Riqueza - 328 pags. Ed. "O Campo", Rio, s/d (esgotado)

Manual do Amador de Cães - 3ªEdição - 383 pags. il. - F. Briguiet & Cia., Rio, 1947.

Veterinária Prática - 276 pags. il., Ed. "O Campo", Rio, s/d (esgotado)

CÂMARA DOS DEPUTADOS

C 15

Crie Perus e ganhe dinheiro - folh. 20 pags. Editado por "Chacaras e Quintais", São Paulo, 1953.

AGRICULTURA

Manual do Lavrador Brasileiro - 478 pags. il. F. Briguiet & Cia. Rio, 1944.

Vida dos Campos - 2 vols. Rio, 1931-1932 (esgotado)

Nossas Fruteiras - "Chacaras e Quintais" - São Paulo, 1932 2ª Edição.

Frùticultor Moderno - "Chacaras e Quintais" - São Paulo, 1932, 2ª Edição.

Inimigo e Doenças das Fruteiras - Ed- "O Campo", Rio, s/d (esgotado)

DIVERSAS

O Cão Atravéz da Historia e da Arte - "Ed. Seculo XX - Rio, 1942.

Caças e Caçadas - 280 pags. il. F. Briguiet.& Cia., Rio, 1950.

Eurico Santos pertence a varias instituições cientificas, entre as quais a Societé Nationale d' Acclimatation de France, Sociedad Ornitológica del Prata; Sociedade Brasileira de Entomologia; Sociedade Brasileira de Botanica; Comité Internacional para proteção às aves, cuja seção brasileira fundou no Rio de Janeiro em 1939 ou 1940.

Fundou as seguintes revistas de divulgação da agricultura: "A Fazenda", "A Fazenda Moderna","O Campo", "Seleções Agricolas" e seus artigos encontram-se, originais ou em transcrições, em grande numero de nossos semanários e mensários, como "Chacaras e Quintais", "A Fauna", "Lavoura e Criação", "Boletim do Campo", "Boletim do Leite", "A Cigarra" etc.

Pois bem, é este homem devotado à ciencia, este extraordinário e incansável trabalhador intelectual, cujos estudos e trabalhos, são conhecidos não só entre nós como no estrangeiro, onde são sempre louvadamente citados, que ao alcançar a idade limite foi aposentado compulsoriamente com vencimentos insignificantes.

CÂMARA DOS DEPUTADOS

016

Não seria justo que se deixasse em tão precárias condições, já na velhice, um cidadão que viveu para o trabalho, para o culto das coisas do Brasil, para a divulgação da vida de nossas aves, peixes, mamiferos, arvores, etc., e cujas obras valiosas enriqueceram a ciencia e dignificaram a cultura desse país, levando-a além Atlantico e ao Setentrião americano a todos os meios onde se cultiva o saber, a todos os centros ~~xx~~ cientificos do mundo.

Sala das Sessões, em 21 de julho de 1954

LOPO COELHO

5
48

CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

PROJETO Nº 4 708/54

P A R E C E R

O ilustre deputado Lopo Coelho, com o projeto nº 4708/54, pretende elevar os proventos da aposentadoria do Auxiliar Administrativo , padrão "M", do Ministério da Agricultura, Eurico de Oliveira Santos. Reconhecemos os altos propósitos do nobre representante do Distrito Federal, visando premiar um benemérito servidor da Nação, no domínio da divulgação científica, notadamente, da zoologia. Acontece que tôda lei deve trazer no seu corpo apenas normas de caráter geral para aplicação indeterminada. Saindo dessa orientação é de favor pessoal. Demais, aumentar proventos de aposentadoria é uma forma de elevar vencimentos. Choca-se com o § 2º do artigo 67, da Constituição. Pelo menos, com o seu espírito, a sua finalidade , a sua destinação. Pouco importa os precedentes invocados, todos de triste memória. Por essas razões, o nosso pronunciamento é pela recusa ao citado projeto.

Sala Afrânio de Melo Franco, em 30 de Nov de 1954

_____ Presidente

_____ Relator

FERNANDO NOBREGA

6/58

CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

PROJETO Nº 4 708/54, do Sr. Lopo Coelho, que eleva os proventos de aposentadoria do Auxiliar-Administrativo do Ministerio da Agricultura, Eurico de Oliveira Santos ao Padrão "M".

RELATOR: Dep. ADAUCTO CARDOSO.

PARECER

O projeto do nobre Deputado Lopo Coelho teve parecer pela sua inconstitucionalidade, em 30 de dezembro de 1954, da autoria do ex-Deputado Fernando Nóbrega, hoje Ministro do Trabalho.

São êstes os têrmos do parecer que se vê assinado a fls. 5 e que não chegou a ser apreciado pela Comissão de Constituição e Justiça:

> "O ilustre deputado Lopo Coelho, com o projeto nº 4708/54, pretende elevar os proventos da aposentadoria do Auxiliar Administrativo, padrão "M", do Ministerio da Agricultura, Eurico de Oliveira Santos. Reconhecemos os altos propositos do nobre representante do Distrito Federal, visando premiar um benemerito servidor da Nação, no dominio da divulgação cientifica, notadamente, da Zoologia. Acontece que toda lei deve trazer no seu corpo apenas normas de carater geral para aplicação ideterminada. Saindo dessa orientação e de favor pessoal. Demais, aumentar proventos de aposentadoria é uma forma de elevar vencimentos. Choca-se com o § 2º do art. 67, da Constituição. Pelo menos, com o seu espirito, a sua finalidade, a sua destinação. Pouco importa, os precedentes invocados, todos de triste memoria. Por essas razões, o nosso pronunciamento é pela recusa ao citado projeto."

Nada temos que aditar ou modificar nesse pronunciamento, cujas conclusões subscrevemos, opinando pela inconstitucionalidade do projeto.

Sala Afrânio de Melo Franco, 11 de novembro de 1958.

ADAUCTO CARDOSO - Relator

7/8f

CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

PARECER DA COMISSÃO

A Comissão de Constituição e Justiça, em reunião de sua Turma "A" realizada em 11-11-58, opinou, unânimemente, pela inconstitucionalidade do Projeto nº 4 708/54, na forma do parecer do Relator, presentes os srs. deputados Oliveira Brito - Presiden - te, Adaucto Cardoso - Relator, Milton Campos, Prado Kelly, Croacy de Oliveira, Tarso Dutra, Joaquim Duval, Abguar Bastos, Nogueira da Gama e Ivan Bichára.

Sala Afrânio de Melo Franco, 11 de novembro de 1958.

Presidente
Oliveira Brito

Relator
Adaucto Cardoso

§ 2.º Excluem-se da autorização dêste artigo os fornecimentos de combustível para os serviços públicos de transportes, presente ou futuramente executados por terceiros mediante contratos com a União, se não fôr esta responsável, legal ou contratualmente, por metade, no mínimo, do deficit da respectiva exploração.

Art. 2.º A débito do Tesouro Nacional é por conta do crédito que se abrir nos têrmos do artigo precedente o Banco do Brasil pagará diretamente às emprêsas de mineração o valor dos seus créditos mediante a apresentação de promissórias ou outros títulos oriundos de fornecimentos de carvão nacional a estradas de ferro, nos quais conste expressamente a indicação do fornecedor, do tipo de combustível fornecido, o local em que foi recebido, a sua quantidade e a importância a ser paga.

Art. 3.º Em cada ano será consignada no Orçamento Geral da República dotação suficiente para a liquidação pelo Tesouro Nacional com o Banco do Brasil do saldo da operação de que trata o art. 1.º com juros e despesas correntes.

Art. 4.º No início de cada exercício financeiro devem ser apurados os débitos das estradas de ferro com o Tesouro Nacional, oriundos dos pagamentos dos fornecimentos de carvão nacional efetuados no exercício anterior. A regularização de tais débitos será feito por determinação do Ministro da Fazenda, sem prejuízo, porém, do financiamento normal e continuado do combustível nacional para os serviços de transportes ferroviários na forma prevista desta lei.

Art. 5.º O Orçamento da União consignará as necessárias dotações para cumprimento da presente lei, até o limite de Cr$ 500.000.000,00 (quinhentos milhões de cruzeiros). Para o ano imediato ao da promulgação da presente lei o Orçamento da União consignará a verba necessária para a observância do artigo 1.º.

Parágrafo único. Será feito, anualmente, a apuração do saldo das contas entre o Tesouro Nacional e as estradas de ferro pertencentes ao patrimônio federal e referidas nesta para a devida liquidação mediante encontro e balanceamento dos respectivos débitos e créditos. Para êsse fim, todavia, 50% do valor das faturas de carvão nacional pagas por intermédio do Banco do Brasil (art. 1º) serão apurados e computados a débito da União Federal.

Art. 6.º A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala "Antonio Carlos", em de julho de 1954. — *Clovis Pestana.*

PARECER DA COMISSÃO

A Comissão de Finanças opina favoràvelmente ao substitutivo oferecido pelo Relator ao Projeto n.º 3.922, de 1953.

Sala "Antonio Carlos", em 19 de julho de 1954. — *Israel Pinheiro*, Presidente. — *Clovis Pestana*, Relator. — *Jandaky Carneiro.* — *Lameira Bittencourt.* — *Wanderley Júnior.* — *Ferreira Martins.* — *Benjamin Farah.* — *Pontes Vieira.* — *Joaquim Ramos.* — *Arnaldo Cerdeira.* — *José Bonifácio.*

Projetos apresentados

Projeto n.º 4.708, de 1954

Eleva os proventos de aposentadoria do Auxiliar Administrativo, do M. da Agricultura, Eurico de Oliveira Santos ao padrão "M".

(Do Sr. Lopo Coelho)

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º Ficam elevados ao valor correspondente no padrão M os proventos de aposentadoria do inativo do Ministério da Agricultura, Auxiliar Administrativo, Eurico de Oliveira Santos, aposentado compulsòriamente por decreto de 3 de fevereiro de 1954.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrário.

Justificação

Foi com leis especiais que o Executivo e o Legislativo acharam remédio legal para premiar os valores de Joaquim Castilho técnico em Bibliografia do Instituto Nacional do Livro e do ex-carteiro Romualdo.

O primeiro, com o Decreto legislativo 19 de 1956 teve sua situação definida depois de prestar quase meio século de serviço à indústria do livro. O segundo, com a lei n.º 1.637-52 viu premiado seus esforços e assim de carteiro que era, passou, com absoluto merecimento, ao cargo de Entomologista M, conforme publica o D. O. de 16-7-52.

A medida proposta nêste projeto tem a justificá-la, mais do que casos precedentes, o magnífico e patriótico trabalho que Eurico Santos vem realizando no domínio da divulgação científica, notadamente da zoologia.

O número de trabalhos publicados, só aludindo a livros, sem contar um sem número de artigos divulgados na imprensa técnica, revistas e jornais diários, vai a quase uma trintena.

Esta vasta obra vem sendo elogiada, unânimemente, por homens de ciência, como o saudoso sábio brasileiro, Arthur Neiva, que lhe prefaciou o volume "Pássaros do Brasil".

Esse ilustre mestre e cientista, referindo-se a êste trabalho escreve: "Os arraiais onde assentam a inteligência, o amor do Brasil, a educação do sentimento, o culto às coisas belas estão de parabens com a publicação dos trabalhos de Eurico Santos.

Em outra passagem diz: "As obras de Eurrico Santos põem o leitor em contacto com a natureza, ensinam, educam e aperfeiçoam o sentimento. Está executando um programa de brasilidade".

Outros homens de ciência, como o Dr. Afrânio do Amaral, sábio diretor do Instituto Butantã, ofiólogo de reputação mundial; o Dr. Oliverio Pinto, ornitologista de renome, diretor do Departamento de Zoologia de São Paulo; o professor Paulo Sawaya, do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, Couto Magalhães, e tantos outros, nacionais e estrangeiros, com o a correspondência, notas de imprensa, separatas, etc., testemunham, louvam com calor a obra do ilustre patrício.

Numa "Crônica científica", ("Correio da Manhã", 1-11-42), o conhecido professor, homem de ciência e escritor, Floriano de Lemos, sugere: "E o govêrno faria obra realmente boa, mandando adotar nas escolas os livros modernos de Eurico Santos. Dizem a verdade científica ilustram o espírito dos jovens e — o que é relevante na triste quadra que o nosso ensino atravessa — são bem escritos, em estilo natural e claro, sem erros de vernáculo (Mirabile dictu)".

Para mais segudo esclarecimento juntamos a lista integral das suas principais obras:

Zoologia Brasileira

I — Nossos Peixes Marinhos (vida e costumes) 265 fls. il. F. Briguiet, Rio, 1952.

II — Os Peixes da Agua Doce (vida e costumes) 250 fls. il. Rio, 1954.

III — Anfíbios e Répteis (vida e costumes) 280 págs. il. F. Briguiet, & Cia., Rio, 1941.

IV — Da Ema ao Beija-Flor (vida e costumes das aves) 356 págs. il., F. Briguiet & Cia., Rio, 1938.

V — Pássaros do Brasil (vida e costumes) 278 págs. il. F. Briguiet & Cia., 2.ª edição, Rio, 1948.

VI — Entre o Cambá e o Mbaeco (vida e costumes dos mamíferos) 298 págs. il, F. Briguiet & Cia., Rio, 1943.

VII — Os Moluscos (vida e costumes) no prelo.

Outras obras de Zoologia

Histórias das Aves do Brasil, J. T. Descourtilz (tradução) 2 vols., il. Ed. Kosmos, Rio, 1944.

As Cobras Venenosas (como conhecê-las e evitá-las) 107 págs. il. Ed. "Chácaras e Quintais", São Paulo, 1943.

Combate aos Ratos — Folh. 42 págs il. — publicação editada pelo S. I. A. — Premiada pelo Ministério da Agricultura — Rio, 1948.

Proteção à Fauna Indígena — Folh. Ed. "Chácaras e Quintais" — São Paulo, 1948.

Formigas, Rãs e outros Animais — Vol. 202 pág. il. Ed. "O Campo" — Rio, s/d (esgotado).

Serpentes peçonhentas "Folh. 60 págs. il, Editado pelo S. I. A. Ministério da Agricultura, Rio, 1952.

Em Defesa da Fauna — Folh. fls. il. Editada pelo S. I. A., Ministério da Agricultura, Rio, 1954.

Avicultura, Pecuária, etc.

Dicionário de Avicultura e Ornitotécnica — 2 vols. 800 págs. il. Rio, 1937-8 — (esgotado).

O que todos os criadores devem saber — 2.ª edição — 174 págs. il. Ed. Técnica Ltda., Rio, 1948.

Avicultura, Fonte de Riqueza — 328 pág E. "O Campo", Rio, s/d (esgotado).

Manual do Amador de Cães — 3.ª edição — 383 págs. il. — F. Briguiet & Cia., Rio, 1947.

Veterinária Prática — 276 págs. il., Ed "O Campo", Rio, s/d (esgotado).

Crie perus e ganhe dinheiro — fôlha 20 pães. — Editado por "Chácaras e Quintais", São Paulo, 1933.

Agricultura

Manual do Lavrador Brasileiro — 478 páginas ilustrada F. Briguiet & Cia., Rio, 1944.

Vida dos Campos — 2 volumes. Rio, 1931-1932 (esgotado).

Nossas Fruteiras — "Chácaras e Quintais" — São Paulo, 1932, 2.ª ed.

Fluticultor Moderno — "Chácaras e Quintais" — São Paulo, 1932, 2.ª edição.

Inimigos e Doenças das Fruteiras — Edição — "O Campo", Rio, s/n. (esgotado).

Diversas

O Cão Através da História e da Arte — Edição Século XX — Rio, 1942.

Caças e Caçadas — 280 págs. il. F. Briguiet & Cia., Rio, 1950.

Eurico Santos pertence a várias instituições científicas, entre as quais a Société Nationale d'Acclimatation de France, Sociedad Ortológica del Plata; Sociedade Brasileira de Entomologia; Sociedade Brasileira de Botânica; Comité Internacional para proteção às aves cuja seção brasileira fundou no Rio de Janeiro em 1939 ou 1940.

Fundou as seguintes revistas de divulgação da agricultura: "A Fazenda", "Seleções Modernas", "O Campo", "Seleções Agrícolas" e seus artigos encontram-se, originais ou em transcrições, em grande número de nossos semanários e mensários, como "Chácaras e Quintais", "A Fauna" "Lavoura e Criação", "Boletim do Campo", Boletim do Leite", "A Cigarra", etc.

Pois bem, é êste homem devotado à ciência, êste extraordinário e incansável trabalhador intelectual, cujos estudos e trabalhos, são conhecidos não só entre nós como no estrangeiro, onde são sempre louvadamente citados, que ao alcançar a idade limite foi aposentado compulsòriamente com vencimentos insignificantes.

Não seria justo que se deixasse em tão precárias condições, já na velhice, um cidadão que viveu para o trabalho para o culto das coisas do Brasil, para a divulgação da vida de nossas aves, peixes, mamíferos, árvores, etc., e cujas obras valiosas enriqueceram a ciência e dignificaram a cultura dêsse país, levando-a além Atlântico e ao Setentrião americano a todos os meios onde se cultiva o saber, a todos os centros científicos do mundo.

Sala das Sessões, em 21 de julho de 1954. — *Lopo Coelho.*

Projeto n.º 4.709, de 1954

Dispõe sôbre proventos de aposentadoria dos funcionários da Estrada de Ferro Central do Brasil.

(Do Sr. Frota Aguiar)

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º Os funcionários da Estrada de Ferro Central do Brasil que estiverem ou venham a ser aposentados pelo Govêrno, percebendo os proventos pelo Tesouro Nacional, não perderão direito a êstes, quando aposentados pela Caixa de Pensões da mesma Estrada.

Art. 2.º A Caixa de Pensões e Aposentadorias da Central do Brasil calculará o benefício, conseqüente das aposentadorias de que trata esta Lei, tomando por base o estipulado nos seus estatutos ou regulamentos.

Art. 3.º Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões, em 23 de julho de 1954. — *Frota Aguiar.*

Justificação

Visa esta Lei colocar em seus justos têrmos o conceito de aposentadoria de que trata o art. 191, Incisos I e II e §§ 1.º e 4.º da Constituição Federal em combinação com o que prescrevem o art. 176, Incisos I, II e III, §§ 1.º e 2.º, art. 177, art. 178, Incisos I, II e III e §§ 1.º a 5.º do Estatuto dos Funcionários Públicos da União.

As caixas e institutos de aposentadorias não passam de instituições securitárias cujo objetivo é conceder auxílios aos seus contribuintes, nas bases previstas em seus estatutos ou regulamentos, sem que do Estado remova a obrigação de assistência aos seus servidores, na conformidade do que está prescrito na Constituição Federal.

Quando as caixas ou institutos comunicam à Diretoria da Despesa Pública a concessão do benefício aos seus contribuintes, seja qual fôr a denominação que o mesmo tome, é para que dos proventos pagos pelo Tesouro Nacional não mais sejam descontadas as contribuições, de vez que passarão a ser descontadas, diretamente, do montante do benefício concedido.

O que, de certo, não encontra amparo legal, é a Diretoria da Despesa Pública tomar a iniciativa de tornar sem efeito, sumàriamente, um Decreto assinado pelo Presidente da República, publicado no *Diário Oficial*, cujos efeitos já tenham sido julgados pelo Colendo Tribunal de Contas e que, portanto, é um ato líquido, certo e incontestável.

Assim é que, os prejudicados que têm recorrido à Justiça, onde vem sendo amparados, com mandados de segurança que lhes foram expedidos, podendo citar entre êles os senhores Arthur Thompson, Pelinto Lôbo, Vitor Pio Pedro, Clegário Meireles Garcia, João Mateso, Teodomiro Adão Gonçalves e muitos outros mais que já obtiveram essa medida saneadora na Justiça singular ou no Tribunal Federal de Recursos.

Sala das Sessões, em 23 de julho de 1954. — *Frota Aguiar.*

Projeto n.º 4.711, de 1954

Exige a averbação prévia, à margem de transcrição aquisitiva constante de Registro de Imóveis, de títulos creditórios com as quais

Projeto n. 4.709, publicado no Diário do Congresso Nacional, Seção I, 24 jul. 1954, p.5059.

ANEXO B

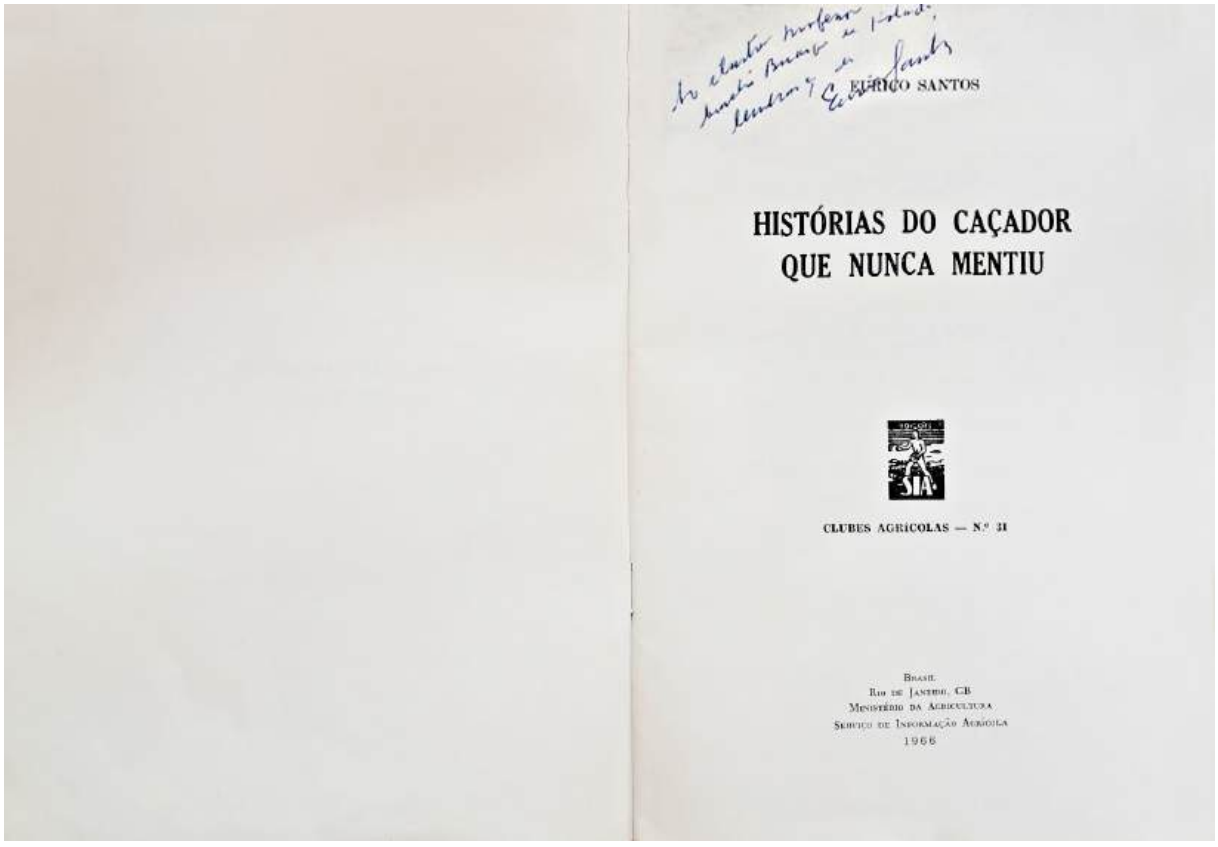
HISTÓRIAS DO CAÇADOR QUE NUNCA MENTIU (1966)

"Então abaixei-me, sentei no chão, e cada vez que
a irara punha cá para fora favos de mel para os garotos,
eu os apanhava e me ia deliciando com êles.
Os dois filhotes, de longe, chuchando no dedo, choramingavam
um chiado de gato bravo, e ao ouvi-lo, a boa mãe
julgando que estavam achando pouca a maquia, fungava de
impaciência e mandava mais um matacão de favo,
que eu chamava aos peitos.
Depois de farto, levantei-me e fui tratar da vida, deixando
os bichinhos em paz. Eu não mato por matar, caço para viver.
Em bicho de pouca valia não atiro
embora a irara não mereça essas considerações...
Enfim, não sou ingrato, ela me dera já um fartão de mel..."

(Santos, 1966, p.12)


EURICO SANTOS
HISTÓRIAS DO CAÇADOR
QUE NUNCA MENTIU


Serviço Gráfico do IBGE


EURICO SANTOS
HISTÓRIAS DO CAÇADOR
QUE NUNCA MENTIU
CLUBES AGRÍCOLAS — N.º 31
BRASIL
RIO DE JANEIRO, GB
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
SERVIÇO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA
1966

EURICO SANTOS

Do Clube Zoológico, da Sociedad Ornitológica del Plata, da Seção Brasileira do Comitê Internacional para Proteção das Aves, da Soc. Nacional de Agricultura, da Soc. Brasileira de Aviacultura, da Soc. Entomológica Brasileira, etc.

SUAS OBRAS PRINCIPAIS

ZOOLOGIA BRASILEIRA

I — **Nossos Peixes Marinhos** (Vida e Costumes) — 265 pgs., il., F. Briguiet & Cia., Rio, 1952.

II — **Os Peixes da Água Doce** (Vida e costumes) — 270 pgs., il., F. Briguiet & Cia., Rio, 1954.

III — **Anfíbios e Répteis** (Vida e costumes) 2.ª ed. 263 pgs., il., F. Briguiet & Cia., Rio, 1958.

IV — **Da Ema ao Beija-Flor** (Vida e Costumes das Aves) — 335 pgs., il., F. Briguiet & Cia., Rio 2.ª ed., 1952.

V — **Pássaros do Brasil** (Vida e Costumes) — 278 pgs., il., F. Briguiet & Cia., 2.ª ed., Rio, 1960.

VI — **Entre o Gambá e o Macaco** (Vida e Costumes dos Mamíferos) — 298 pgs., il., F. Briguiet & Cia., Rio, 1945.

VII — **Moluscos do Brasil** — Vol. 134 pgs. 51 ilustrações e duas estampas a côres — F. Briguiet & Cia., Rio, 1955.

VIII — **O Mundo dos Artrópodes** — Vol. 194 pgs., ilustrações e duas estampas a côres — F. Briguiet & Cia., Rio, 1958.

IX — **Os Insetos** (Vida e Costumes) — 1.º vol. — F. Briguiet & C. — Rio, 1961.

X — **Os Insetos** — 2.º vol. (No prelo).

XI — Miscelânea Zoológica — (Em colaboração).

HISTÓRIAS DO CAÇADOR QUE NUNCA MENTIU

Capa e ilustrações de
Mendez

Direitos autorais do
Serviço de Informação Agrícola

SUMÁRIO

Apresentação — Nuno Vieira 7
Epaminondas tapeia os filhinhos da irara 11
Veadinho mágico 13
Original processo de caçar tamanduás vivos 15
Epaminondas brinca com as onças 17
Epaminondas também caça arditosamente ... 21
O boi sabido e os marrecos 23
Os macacos são espertos, Epaminondas ainda é mais 25
O cachorro Pimpão, isca para os jacarés 29
Os macaquinhos e as caretas 31

Li não sei quando, nem onde, que "a mentira é a verdade que esqueceu de acontecer". Certo, êsse é pensamento de poeta, pois só os poetas apreendem a realidade das coisas num salto dos instintos divinos, sem "os trovões gritadores da dialética". E ainda por fôrça do espírito dêste livro de coisas que não aconteceram — ou aconteceram apenas na imaginação de um caçador, — lembro-me de uma das mais saborosas passagens do grande livro de Mário de Andrade: Macunaíma falou que tinha visto rastro de dois veados e tudo era mentira. Então Maanape pergunta:

— "Mas pra quê você mentiu, herói?!"

E Macunaíma dá a resposta sublime:

— "Não foi por querer não... quis contar o que tinha sucedido prá gente e quando reparei estava mentindo"...

Palavra puxa palavra... E ocorre-me aquela observação de Eça de Queiroz, que muita vez a necessidade estética de arrendondar a frase com um adjetivo, embelezá-la, trás novos contornos à idéia primitiva, desdobrando-a em novas idéias, porventura mais belas e profundas...

Nesta ordem de pensamento, chegamos à sabedoria popular: *quem conta um conto, acrescenta um ponto*. E veremos assim, que nos bons narradores de histórias, a criação estética está sempre presente, deformando a realidade, dando-lhe nova feição mais harmoniosa com a dinâmica daquilo

que se quer transmitir, ou narrar, — enfim, pondo-a em função do ideal. E finalmente, recuando no tempo — Aristóteles: — *a arte é a imitação das coisas tais quais deveriam ser.*

Nada mais natural, nada mais compreensível e explicável que os exageros das histórias de caçadores. Pois em poucas atividades humanas a inteligência toma parte tão ativa: manha contra manha, instinto de ataque contra instinto de defesa. Homens e cachorros usam de todos os instintos inteligentes para cercar a caça cobiçada; esta emprega todos os ardis e instintos de defesa para fugir ao cêrco fatal. Há momentos reais em que a caça desaparece virtualmente, sem nenhuma explicação — e cachorros e homens ficam zanzando no mato, tontos, aparvalhados. E aí começa a imaginação a trabalhar — e surge mais uma história fantástica de caçador. Se não houvesse o sal da mentira, como a vida humana seria insípida, chata no mais amplo sentido...

Mas Eurico Santos não é apenas o contador destas histórias, o transfigurador de realidades. É antes e acima de tudo um naturalista, um grande e extraordinário divulgador de ciência, um nôvo São Francisco falando às árvores, aos insetos, aos bichos, às gentes dêste imenso desconhecido Brasil. Sempre com doçura e bondade, num ato de inteligência a que não falta o calor do coração.

Pertence à galeria dàqueles homens simbólicos de que nos fala Emerson: espalham sementes de bondade e amor enquanto vivem, tornando as colheitas mais abundantes, mais bela e mais amorável a natureza, dando olhos de ver aos que apenas sabem olhar.

Em tôda a sua obra, totalizando uma trintena de volumes, não desponta o cardo da descrença, ou

os espinhos do pessimismo. É sempre amável e sua própria ironia traz um traço de bondade, como quando se refere aos nossos jacamins que, como os homens, brigam por causa da paz, defendendo os fracos contra os fortes * ... Ironia sutil, machadiana, porque nós, sofridos e vividos, bem sabemos que os homens, como as Nações, não brigam pela Paz, nem defendem os fracos contra os fortes... Pois que, no aguerrido e apressado mundo de hoje, todos passarão diante de uma gota d'água pensando que ela de nada vale, mas o Mestre amável parará e lembrará que a lágrima é também uma gota d'água... Esse amor, essa capacidade de transfiguração é o grande e extraordinário traço de tôda a sua obra.

Todos os seus livros são um primor de informação, não dessa informação apressada, comercial, mas daquela ampla, com objetivos didáticos desinteressados. Como muito bem observou João Moojen no prefácio de "Entre o gambá e o macaco" a verdade é que os livros de Eurico Santos são ciência disfarçada, amenizada e atraente. Êle vem fielmente cumprindo aquêle desejo externado em 1942 em "Anfíbios e répteis do Brasil", — de apresentar à gente brasileira o panorama da vida dos animais pátrios traçada por mão patrícia. Pois só mão patrícia, amante da terra natal, poderia acrescentar com carinho, à descrição das espécies animais, de seus hábitos, o imenso e extraordinário fabulário de nosso folclore. Molhou a pena no animismo do índio — e sua obra de patriota se tornou mais amável, mais humana, mais nitidamente brasileira.

Dentre os livros de Eurico Santos, há um de minha especial predileção, pela beleza do assunto

* Contribuição à zoologia agrícola do Brasil — Edição SIA, 1966.

e pela maneira poética com que é sempre tratado: "Da ema ao beija-flor", publicado em 1938. Título admirável em todos os sentidos, pela antítese que desperta o nosso pasmo e faz meditar nos caminhos da natureza, que cria a jóia alada do beija-flor e as formas grotescas da ema, sempre pisando terra. Mas logo o Mestre amável revela que a ema, essa agressividade visual, pode ser motivo de inspiração artística e nos informa que os araucanos ainda hoje, em certas danças, arremedam graciliment os movimentos característicos da ave gigantesca... Nesse livro todo admirável, quando o Autor chega ao capítulo dos beija-flôres, sua alma de artista quer trocar a pena, quase inútil, pelos pincéis do pintor, pois sente que "entramos nos domínios mágicos das côres"...

Essa é a confissão de um artista, sobrepondo-se ao objetivismo do cientista, do folclorista. Porque Eurico Santos, em todos os seus livros, é sempre um mestre amável, divulgador das belezas da vida.

Rio, agôsto 1966

NUNO VIEIRA
Chefe da Seção de Publicações do S.I.A.



1.

EPAMINONDAS

tapeia os filhinhos da irara

— Se entre as aventuras de caça há alguma coisa engraçada, é essa que vou contar da irara e seus filhotes.

Engraçada e verdadeira, ali no duro, porque aconteceu comigo.

Quando eu apenas falo "disseram", claro que não me responsabilizo pelo que conto, mas se digo, aconteceu comigo, a coisa muda de figura. Seria capaz de jurar, mas não juro, pois não admito que alguém seja capaz de duvidar de mim...

— Claro. Entretanto, Epaminondas, vôce jamais se refere ao que disseram, e sempre ao que viu, àquilo que testemunhou.

— De certo. O senhor conhece a irara, mais vulgarmente chamada papa-mel? É assim, uma espécie de cachorro de tamanho médio, corpo comprido, pardo-escuro, cabeça esbranquiçada, orelhas normais e cauda longa bem fornida de pêlos.

É bicho doido por mel. Anda sempre à procura dos ocos do pau onde vivem as abelhas. Descobre mel mais fàcilmente que os caboclos, sem encostar o ouvido no tronco, só pelo zumbido, porque é bicho de boa escuta.

Muito bem. Acontece que eu também sou doido por mel.

Observando certa ocasião, que muitas abelhas iam voando numa só direção, disse cá comigo, "há abelheira por aqui".

Fui seguindo, de nariz no ar, fariscando, fariscando.

Em breve dei com um bruto tronco de árvore derrubada, e em redor dela, dois filhotes de irara muito agitados, como que dançando em volta.

Espreitei, assuntei, e então cheguei a compreender o que via.

Os filhotes de irara, cá de fora, esperavam que a mamãe, metida dentro do tronco, passasse favos de mel, que os garotos iam chupando.

Eu, Epaminondas, homem feito e caçador de fato, há um tempão que lá sei, não provava um favo de mel, e ali, nas minhas barbas dois pirralhos de bicho se deliciando... Tinha lá jeito isso! Fui-me aproximando, pé ante pé, e já bem perto, sacudi dois bofetes bem puchados nos garotinhos da irara, que saíram bufando e correndo.

Então abaixei-me, sentei no chão, e cada vez que a irara punha cá para fora favos de mel para os garotos, eu os apanhava e me ia deliciando com êles.

Os dois filhotes, de longe, chuchando no dedo, choramingavam um chiado de gato bravo, e ao ouvi-lo, a boa mãe julgando que estavam achando pouca a maquia, fungava de impaciência e mandava mais um matacão de favo, que eu chamava aos peitos.

Depois de farto, levantei-me e fui tratar da vida, deixando os bichinhos em paz.

Eu não mato por matar, caço para viver. Em bicho de pouca valia não atiro, embora a irara não mereça essas considerações... Enfim, não sou ingrato, ela me dera já um fartão de mel...



2.

VEADINHO MÁGICO

Gostaria, disse eu ao Epaminondas, que você me contasse uma caçada de veados, coisa que deve ser espetacular.

— Destas caçadas sei muito, mas vamos devagar. Por agora falarei das manhas do veadinho camocica, bicho ladino, caborteiro e incrível. Pinchador como êle só. Quando dá tento que a cachorrada lhe vem nas águas, azula pelos descampados, cose-se com a beirada dos matos e, num átimo, some-se.

A cachorrada afrouxa, desnorteia, anda, desanda e zaranza. Isto é, perde o faro.

Como foi? Quero que o senhor me diga, não é doutor em bichos?

Aqui o Epaminondas soltou a sua gostosa gargalhada, pigarreou e batendo a cabeça várias vêzes, como um camaleão, explicou:

— Esse veadinho incrível, quando se vê aperreado, tem sempre uma saída, dá um salto, afunda no emaranhado de cipoal e moita carrasco, fica imóvel, nem respira, quietinho.

A perrada em redor fareja, mas o cão veadeiro só pega o faro na terra, e não encontrando mais cheiro, fica zonzo, desorientado.

Uma vez queimei um, já corrido, matreiro.

Observei, de repente, que a cachorrada estava sem tino, correndo à toa.

Mas como os bichos já não me enganam, comecei a procurar o cipoal, nem sombra de camocica.

Olho para os arvoredos e lá estava, no alto duma galhada, cheia de erva de passarinho, o camocica todo encolhido, espiando.

— Alto da árvore, Epaminondas? Que altura tinha a tal árvore?

— Olhe, môço, eu quando vou caçar não levo aparelho de medir, nem árvore nem bichos. Sabe? Assim eu não conto mais nada.

Ficou amuado o Epaminondas.

E, de fato, nesse dia disse verdade: não contou mais nada.



3.

ORIGINAL PROCESSO

de caçar tamanduás vivos

DIAS DEPOIS...

Esquecido das mágoas que lhe causaram minhas dúvidas, Epaminondas mal me avistou, engatilhou logo uma história de índios bravos.

Mas eu, que desejava episódios de caça, pedi:

— Ora, Epaminondas, eu queria saber é como você caça tamanduás.

— Está se vendo que o Sr. é môço de cidade. Caçar tamanduás para quê? A pele não presta para nada, a carne é uma nojeira. Eu caço tamanduás vivos, para Jardins Zoológicos, mas, meu jeitão de caçar tamanduás vivos, não ensino a ninguém.

Epaminondas regateava, regateava, mas sempre cedia o segrêdo; com o tamanduá, porém, parecia disposto a não ceder. Já acreditava que êle nada soubesse sôbre caçada de tamanduás, quando, ao correr da discussão, dispõe-se a contar o seu método.

— Você, Epaminondas, em matéria de caças e caçadas é o tal. Maior que você nem o Barão de Muchausen, disse-lhe eu, animando-o.

— Não precisa elogiar e nem conheço êsse tal barão. O Sr. quer é ficar sabendo. Pois vá lá. O tamanduá é o bicho mais fácil de caçar que existe. Notando-se que há tamanduá na vizinhança, faz-se um grande boneco de pano, quase do tamanho dum homem.

Quando se encontra o bicho, põe-se o boneco em sua frente, de forma a acuá-lo.

O tamanduá é bicho sossegado. Não gosta de conflito, sujeito pacífico, coitadinho, mas, quando se vê azucrinado, enfeza-se e, em dois pés, cresce pra gente.

Quando êle avança, joga-se a bruxa de pano nos braços do "otaro". "Danado" da vida, o papa-formiga abre os braços, estreita o embelêco e gruda-se num abraço que não acaba mais.

Então, joga-se um laço e prende-se o bruto sempre abraçado com a bruxa de trapos, e, traz-se para casa.

Uma vez, sabendo que o tamanduá estava com filhote, levei para o mato uma bruxa grande e um boneco para o garôto.

Foi a conta...



4.

EPAMINONDAS

brinca com as onças

CERTA VEZ, disse eu, despertando as recordações do Epaminondas:

— Você ainda não contou nada sôbre a mais sensacional das caçadas, que é, sem dúvida, a das onças!

— Caçada de onça, como é feita em geral, não tem graça. Êsses nossos caçadores soltam a cachorrada, que desmoita a onça, a qual perseguida foge dos cães e, logo que vê uma árvore, trepa ligeira para se livrar da perseguição. Aí, chega o valentão, armado duma boa espingarda, faz a mira de longe e derruba a bicha.

Diga-me. Isso é valentia?

— Certamente que não.

— Eu, (pode ir perguntar no sertão), quando vejo onça, quero logo brincar com ela. Duma feita, em três dias, matei sete, das grandes, nessas brincadeiras.

— Logo sete, Epaminondas! disse eu.

— Sete, sim. Sei que sete é conta de mentiroso, mas se matei sete é sete mesmo que tenho que dizer. Podia dizer oito, mas não é por causa do diabo duma onça que eu vou pregar mentira.

— Continue, continue. Quero saber da tal brincadeira com as onças.

— E eu lhe digo mais, até hoje, só perdi uma onça nas minhas brincadeiras. Vou contar como foi. Um dia, era um feriado de setembro...

— Talvez sete de setembro.

— Não era sete de setembro, não senhor... Era um feriado qualquer, que não me lembro. Nesse dia chegou um amigo da Fazenda do Riachão, em Mato Grosso, e pediu-me auxílio contra uma onça matreira, que estava dando cabo da bezerrada.

Há muito que não brincava com onça, e, topei logo a parada.

Peguei na forquilha e parti.

— E a espingarda?

— Para lidar com onça levo só a forquilha e um companheiro para auxiliar o cêrco, mais nada. O companheiro carrega a zagaia. Cheguei no campo, assuntei, farejei, descobri o rastro e fui logo dizendo: "é um macho de onça preta".

— Como só pelo rastro você sabe disso?

— Ora, môço, quem vive no mato sabe observar. Descobri que era macho porque êste é mais pesado que a fêmea, suas pegadas são mais fundas, e que era preta, porque naquela região só dá onça preta... Gostou?

— Você é o maior, Epaminondas!

— Seguindo o rastro dei com um gatarrão de malhas estreitas amoitado. Era hora da onça beber água. Tremi.

— De mêdo, Epaminondas?

—Mêdo, eu? Tremi de alegria. Aquela bicha não deveria mais papar os bezerros do meu amigo. Então, gritei para o meu acompanhante, o Caboclo Bastião, que estava aprendendo a caçar:

— Estuma a bicha daí, sem mêdo, pois ela vai sair já.

Bastião fingiu de cachorro:

— "Au! Au! Au!"

O cangaçu abriu a bocarra, rugiu e, muito solene, calmo e imponente, caminhou devagar pro meu lado. Deixei-a sair da brenha e surgi de repente, detrás da árvore que me ocultava. O gatarrão mal me viu, parou de nôvo e lançou seu grito de guerra.

— Plantei-me diante dêle, com a forquilha firmada no solo e inclinada para o inimigo.

A bichaça não queria lutar, mas eu fingi uma investida e então a fera soltou um urro medondo e veio pelo ar pra riba de mim.

Era isso que eu queria.

Esperei-a na forquilha e, dando impulso para trás, joguei a fera longe. Mal caiu, de nôvo se aprumou, como se fôsse de borracha e se arrojou contra mim, enganchando outra vez na forquilha.

Novamente repeti a manobra, arremeçando para trás a forquilha com a fera esperneante.

Cada vez que caía do outro lado, de nôvo investia e eu repetia a operação, risonho, satisfeito com a brincadeira.

Assim ficamos lutando mais de setenta minutos. Eu já estava cansado.

De repente, o canguçu, na última vez que se esborrachou no chão, quedou e não mais se levantou.

Aí, meu acompanhante, passou-me a zagaia para que eu tivesse a honra de abater a fera.

Olhei. A bicha estava arquejante de cansaço, olhos fechados. Observando mais, vi que de cansada dormira.

Eu não mato bicho que dorme, nem animal doente.

Sentei-me calmamente, de zagaia em riste, diante da minha vítima, esperando que acordasse para que ela soubesse quem era Epaminondas.

Meu cansaço também era grande e... não é que fechei os olhos e dormi? Quando acordei, môço, a onça tinha-se ido embora.

Essa foi a única onça que eu perdi...

— E eu ganhei uma história sensacional, que vou passar adiante. Mas em lugar de sete onças acho melhor escrever oito?

— Será o Benedito! O Sr. por causa dessas alterações no que eu digo, acaba fazendo-me passar por mentiroso. Só cacei sete, é sete mesmo. A verdade acima de tudo...



5.

EPAMINONDAS

também caça ardilosamente

— EPAMINONDAS, a respeito de uma das mais vulgares caças e caçadas do Brasil, você ainda nada me contou. E desta sei eu alguma coisa, falei assim, para dar começo a outra história...

— Se sabe, pode dizer. Mas de que se trata?

— Porco-do-mato.

— Ora! Porco-do-mato eu não caço, êles mesmos é que se matam, e eu os como depois. Quer saber? É meu prato. Sou doido por leitão do mato. Já comi muitos e ainda não gastei um tiro com êles.

— Você me deslumbra, Epaminondas! Será que você cria porcos-do-mato?

— Absolutamente.

— Esta história interessa-me mais que tôdas as outras. Não posso compreender, como, sem um tiro você consegue caçar um porco-do-mato.

— Tome nota, môço, não diga uma coisa por outra. Eu não falei caçar porco. Disse que êles é que se matam.

— Conte, que eu desta feita não compreendo nada.

— Pois vai compreender logo, e, então verá que ainda não se sabe caçar em nossa terra. O doutor conhece porco-do-mato, sabe que é bicho teimoso e embirrento. Anda sempre em grupo, fuçando e batendo os dentes de raiva. Bicho implicante e besta, com perdão da palavra.

Se escuta o ladrar dum cachorro, a porcada logo se assanha, arrepia o pêlo, bate matraca e solta uma catinga de tontear. Fica fula de raiva e investe sem mêdo. Se apanha cães ou homens, corta tudo a facadas. Cada dente é uma faca afiada. Quando se mete nestas brigas não vê nada. Fica louca. Se sente cheiro de sangue ou vê sangueiras então, tôda ela se angalfinha. Ora, que é que faz o velho Epaminondas? Coisa simples.

Quando vejo uma porcada batendo a dentaria, verifico a situação, trepo numa árvore a jeito, e, encarapitado, começo a imitar o latido dos cães. Eu imito tudo que é bicho. Mal a porcada escuta o ladrar, corre em procura do cão. Aí, eu ladro da maneira que os porcos têm mais raiva, que é um latido cheio de ameaças.

A vara funga e bate as prêsas que faz mêdo. A bicharada da floresta espanta-se. Quando o grupo começa a rodear minha árvore, eu de cima, com um chuço dou uma boa fisgada. Surge o sangue e aumenta a braveza. Os bichos lutam, se engalfinham, se anavalham. Eu nem me mexo e espero o fim da batalha.

Quando já estão todos feridos e cansados, vão-se os brutos, capengando uns, arrastando-se outros, e, dois ou três ficam prostados mortos ou quase mortos.

Escolho o melhor. Se não estiver morto aplico uma cacetada de misericórdia no agonizantezinho e toca a carregar o farnel.

— Sim senhor, "seu" Epaminondas eu só lhe repetirei o que disse Alviano ao amigo Brandômio: "Aprazível e deleitosa caça deve ser essa, por se fazer prêsa de tão pouco custo. Tomara eu ocupar-me sempre em semelhante exercício".

Quando quiser entrar numa dessas caçadas é só dizer...



6.

O BOI SABIDO

e os marrecos

— Caçada é comigo, topo tudo, mas caça aos marrecos chega ser vício, continuou Epaminondas, nesta sexta conversa.

Porém, não vou à toa para o brejo, como os caçadores que só aparecem aos domingos e dias de festa. Não há marrequinha, por mais tola, que não desconfie já de longe e nem pousa.

Quando vou caçar marrecas, mando o Sabido na frente, quinze dias pelo menos.

— Quem é o Sabido?

— Sabido é um boi marrequeiro, o mais sonso que já conheci. Igual a êle nenhum. Como sabe, boi marrequeiro é aquele que anda sôlto nos brejais, à beira das lagoas, entre todos os marrecos e marrequinhas paturis e paturebas, irerês e o resto da turma dos nadadores.

A marrecada acostuma logo cedo com o boi marrequeiro e nem move do lugar quando êle passa.

Então o Sabido, para fazer amizade, está sòzinho.

Quando já estão assim camaradas, tu pr'a lá, tu pr'a cá, apareço eu, aí pela manhãzinha.

Sabido, por vêzes, está ruminando deitado, mal me vê, se levanta e vai, como quem não quer a coisa, tomando posição.

Resguardado pelo seu vulto, caminho para o grupo mais próximo de marrecas.

Chego, ajeito a espingarda sôbre o lombo do meu ensinado boizinho, e, calmamente, aponto, miro para não estragar o chumbo.

Não é raro que seja o próprio Sabido que dá ordem de fogo, virando mansamente a cabeça para meu lado, como para apanhar um ramúsculo, e, piscando o ôlho brejeiramente, como quem diz, anda, Epaminondas, sapeca a chumbada.

— Êta boi incrível! — disse eu, com tanto entusiasmo, que desta feita Epaminondas encavacou, e assim falou sem levantar os olhos do chão:

Bom, no final de contas, nestes momentos eu estou muito atento na mira, não posso afirmar se o Sabido pisca mesmo o ôlho, mas a verdade é que sempre vira a cabeça para meu lado, dando sinal para eu atirar.

Penso que não é para causar tanto espanto.

Tenho visto coisas mais de admirar, e, nem por isso, julgo-as incríveis.

Epaminondas amuou e não disse mais nada naquele dia. Nem eu perguntei, porque já era hora de dormir...



7.

OS MACACOS SÃO ESPERTOS,

Epaminondas ainda é mais

— Já que me contou como se apanham vivos os tamanduás, gostaria de saber como é que são agarrados os macacos que vivem no Jardim Zoológico.

— Devia merecer prêmio do govêrno o meu método de apanhar macacos vivinhos da silva — O prêmio, para bem fazer compreender meu pensamento, não seria só pela engenharia do processo, mas pela aplicação que se poderia dar à macacada... Mas tudo isso é segrêdo para garantir o meu futuro.

Desta vez, Epaminondas punha-me em situação difícil. Não seria justo pedir para mim, o pecúlio que reservava para a velhice.

Entretanto arrisquei.

— Ora, Epaminondas, não serei eu quem vá despojá-lo duma riqueza bem merecida, mas na realidade sinto pena. Enfim...

— Para falar verdade, respondeu o grande caçador, louquinho por contar suas habilidades, só a segunda parte, quer

dizer, só em relação ao destino dos macacos é que desejo guardar segrêdo. Quanto aos meios de apanhá-los, posso ensinar. Não há nenhum mal. Receio, no entanto, dada a simplicidade do processo, que haja abundância de macacos no mercado, baixando tanto a cotação dêles, que até nisso se venham mais ainda a parecer com o homem — criatura mais vulgar que os símios, como diz o doutor.

— Então desembuche logo o segrêdo.

Enrolando o cigarro de palha, com aquela fleuma de caboclo, mestre Epaminondas começou:

— Meu sistema de tapear a macacada vai ficar célebre, pode crer. O doutor sabe que eu sou sujo com mentiras. Mentir, não minto. O sistema, de fato, não é meu. O seu a seu dono. Quem me ensinou foi um alemão. Na terra dêle, só se pega macaco dessa forma...

— Mas na Alemanha não há macacos, disse eu, só para atrapalhar o homem.

Epaminondas fitou-me meio encavacado, pensou um minuto e respingou.

— É claro, com um sistema tão fácil de apanhá-los, já deram cabo de todos. Posso continuar?

— Pois não.

Epaminondas pigarreou e foi direitinho ao assunto.

— Como todo mundo sabe, começou êle, o macaco gosta de imitar tudo que nós fazemos, não é verdade? Pois nisso se funda o sistema alemão de pegar macacos.

Quando, na mata, bispamos um grupo de macacos no alto duma árvore, muito calmamente, agarramos uma bacia com água e começamos a lavar o rosto.

A macacada lá em cima, intrigada, espia cá para baixo e fica em cócegas para lavar a cara também.

É isso que se quer.

Pomos, então, a bacia no chão, e, dentro dela, em lugar de água, goma-arábica diluída.

E, depois, só precisamos nos esconder.

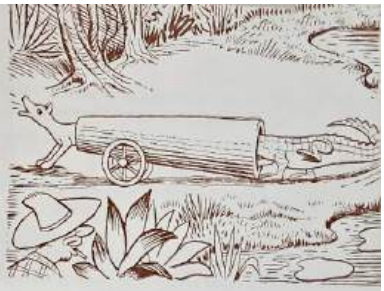
Os, "otaros", mal vêem a bacia no chão, enchem-se de comichões e vêm descendo.

Ao chegar perto da bacia, fazem logo o que nós fazíamos, começam a lavar a cara.

Aí, a goma-arábica gruda as pálpebras dos "trouxas" e então é que vamos rir. A macacada, de ôlho pregado, sem ver nada, é logo metida, em sacos fortes e bem amarrados.

É fácil ou não é, o sistema alemão de pegar macaco vivo?...

Eu fiquei pensativo e me lembrei daquele outro Epaminondas, o célebre cidadão de Tebas....



8.

O CACHORRO PIMPÃO,
isca para os jacarés

EPAMINONDAS gosta de caçar mais com astúcia que com armas de fôgo, e não foi sem muito custo que me contou a forma original de apanhar jacarés.

— Êste processo é meu e muito meu, disse-me o incrível caçador, começando a narrativa.

Não é fácil de explicar, mas prestando atenção vai compreender.

Para apanhar jacarés vivos inventei uma armadilha, que é um cano grosso, em que cabe o bicho.

Monto êste cano em cima de duas grandes rodas, e, quem me vê puxando a caranguejola, julga que é um canhão.

Coloco a "jacarôa", como batizei esta carriola, com a bôca virada para o rio ou lagoa, onde há jacarés; mas, um tanto afastada.

Agora, entra em cena o meu cachorro Pimpão, bicho inteligente e pensador.

Pimpão, depois que vê a "jacarôa", bem ajeitada, vai direitinho para a beira do rio, provocar os jacarés.

Começa a ladrar, a uivar, só falta dizer: "vem cá jacaré que eu estou aqui".

Mas não precisa. Jacaré quando vê cachorro fica logo com água na bôca e o Pimpão sabe disso.

Basta meia duzia de au!au! au!, para despertar os jacarés dorminhocos, que vêm logo se arrastando, velhacamente.

Aí, Pimpão vai ladrando e se afastando de costas. O jacaré rastejando, vagaroso, atrás dêle. Êle toca a recuar em direção ao canhão-armadilha.

Quando chega perto, o Pimpão mete-se pelo cano a dentro e o jacaré atrás.

Mas, o finório do meu cachorrinho sai por um buraco pequeno, que fica no outro lado do cano, e o jacaré fica prêso, porque aí, eu que estava escondido tapo a bôca do canhão e levo a caranguejola para o Jardim Zoológico.

— Formidável! Você deve ganhar um dinheirão com essas caçadas!

— Ganhava, ganhava, mas é que eu tenho pena dos jacarés...



9.

OS MACAQUINHOS

e as caretas

— Esta história do fornecimento de jacarés ao Jardim Zoológico (Epaminondas se refere à história anterior) faz lembrar outra, bem mais rendosa, a do fornecimento de macacos a aqueles referidos estabelecimentos do mundo inteiro.

— Parece, disse eu brincando, que você merecia ser chamado, por isso, o "rei dos macacos", a exemplo daquele que só por vender caprinos é conhecido pelo nome do "rei dos cabritos".

— Eu sou republicano e por isso não quero ser rei de coisa nenhuma, disse Epaminondas, e acrescentou: quer escutar ou não o meu processo de caçar macaquinhos novos?

— Venha lá a novidade.

— Há um ditado que dá a entender que os macacos morrem de careta e isso é quase certo. Realmente, os macaquinhos novos, quando se lhes faz uma careta feia, como eu sei fazer, desmaiam de mêdo.

Pois meu método de capturar jovens macacos funda-se neste feito.

— Curioso!

— Curioso e verdadeiro. Ouça como eu procedo.

— Quando eu tenho conhecimento da existência de macaquinhos novos em determinada região, entro com meu jôgo. Começo a me vestir de macaco. Corpo de macaco, cara de macaco, rabo de macaco, etc., — Mas ainda falta uma coisa. E essa é essencial, pois, nela é que está o segrêdo: cheiro de macaco.

A macacada é muito sabida e se você não tiver o cheiro especial, que ela sente ao longe, percebe logo que há tapeação e foge.

Assim preparado, com aspecto, jeito e cheiro de macaco, lá vai o Epaminondas, chiando e pulando.

Quando me aproximo, no primeiro momento, os macacos e macaquinhos mostram certo receio, pois são todos muitos desconfiados, mas depois, sentem o cheirinho da raça e, quando eu começo a choramingar, "mamãe", "mamãe", em língua de macaco, êles tomam confiança pensando que é gente de casa.

Aí, começo a folgar com a gurizada, e quando está tudo em intimidade, tu para lá, tu para cá, eu aproveito um ensejo, e armo uma careta horrenda para o macaquinho que está perto de mim.

Êste, apavorado, fecha os olhos, toma o chôro e cai para atrás, de susto. Eu, que levo um surrão apropriado, apanho o bichinho na queda, como quem não quer a coisa, chego-me depois para o mais próximo, e, tome lá outra careta daquelas! O pobre, horrorizado, cai logo em desmaio e lá vai outro para o surrão.

Convém não apanhar mais de dois, senão as mães macacas desconfiam e dão alarme.

Certa vez, uma macaca desconfiada de que eu lhe tinha roubado o filho, acompanhou-me até o antigo Jardim Zoológico. Naquele dia eu vendi a macaca velha e o filhinho, aliás por uma ninharia.

O Barão de Drumond, diretor do Zoológico, era muito pechincheiro para comprar...

Esta obra foi impressa no Serviço Gráfico do IBGE, em, Lucas, GB, sob a orientação gráfica do Sr. Nuno R. Vieira

OUTRAS OBRAS

História das Aves do Brasil, J. T. Descourtilz (tradução) 2 vols., il., Ed. Kosmos, Rio, 1944 (Esgotada).

As Cobras Venenosas — Como conhecê-las e evitá-las. 176 pgs. Ed. "Chácaras e Quintais". São Paulo, 1949.

Combate aos Raios — Folh., 42 pgs., il., — Publicação editada pelo S. I. A. Premiada pelo Ministério da Agricultura — Rio, 1948.

Proteção à Fauna Indígena — Folh. Ed. "Chácaras e Quintais" — S. Paulo, 1948.

Formigas, Rãs e outros Animais — Vol. 202 pgs. il. Ed. "O Campo" — Rio s/d (esgotado).

Serpentes peçonhentas — Pub. do S. I. A., M. da Agricultura, Rio, 1952.

Proteção à Fauna — Pub. do S. I. A. M. da Agricultura, Rio, 1934 (esg.).

O Homem e a Fauna no Brasil — Série Estudos e Ensaios — N. 9 — S. I. A. — Ministério da Agricultura, Rio.

Os Animais Selvagens — Vol. 291 páginas — Pub. S. I. A., Ministério da Agricultura, Rio, 1956.

Dicionário de Avicultura e Ornitotecnia — 2 vols. 800 pgs. il. Rio, 1937-38 (esg.).

O que todos os criadores devem saber — 2ª edição — 174 pags. il. Ed. Técnica Ltda., Rio, 1946.

Manual do Amador de Cães — 4ª edição — 305 pgs. il. — F. Briguiet & Cia., Rio, 1954.

Avicultura, fonte de riqueza — O Campo — Rio, s/data (esgotado).

Veterinária Prática — 276 pgs., Ed. "O Campo" — Rio, s/data (esgotado).

Crie Perus e Ganhe Dinheiro — Pub. da "Chácaras e Quintais". — S. Paulo, 1953.

ANEXO C

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DOS ANIMAIS

Existe um modo de comer galinha que se chama "galinha ao molho pardo". Você já comeu? O molho é feito com o sangue da galinha. Mas não adianta mandar comprar galinha morta: tem que ser viva e matada em casa para aproveitar o sangue. E isto eu não faço. Nada de matar galinha. Mas que é comida gostosa, é. A gente come com arroz bem branco e bem solto. [...]
É engraçado gostar de galinha viva mas ao mesmo tempo também gostar de comer galinha ao molho pardo. É que pessoas são uma gente meio esquisitona.[4]

Clarice Lispector (1920-1977)
Escritora e jornalista

[4] LISPECTOR, Clarice. *A vida íntima de Laura*. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 1999, p.11.

A ***Declaração Universal dos Direitos dos Animais*** («Duda») reconhece direitos fundamentais para os animais, afirmando sua igualdade em relação à vida e o respeito ao seu bem-estar. A autoria da versão original é atribuída ao belga Georges Heuse, que submeteu o texto, pela primeira vez, em 1972, à Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - Unesco, instituição da qual era membro do secretariado. O original recebeu modificações propostas pelo "Conseil National de la Protection Animale" [Conselho Nacional de Proteção Animal], associação que passou a adotá-lo em 25 set. 1973, intitulado "Les droits de l'Animal, douze príncipes à respecter" [Direitos dos animais, doze princípios a respeitar]. Ampla campanha na imprensa francesa — sobretudo do jornal *Le Parisien* e da rádio *RTL* — fez com que mais de dois milhões de assinaturas fossem recolhidas em apoio à declaração. Com um preâmbulo contundente, a declaração conectava a proteção dos direitos do Homem e a dos animais a partir do reconhecimento da senciência e da afirmação dos direitos naturais dos animais. Para dar ressonância internacional aos direitos dos animais, foi criada a «Ligue Internationale des Droits de l'Animal» [Liga Internacional dos Direitos dos Animais], em Genebra, Suíça, em 1976, com afiliadas na Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, França, Índia, Itália, Luxemburgo, Portugal e Reino Unido. A «Duda» recebeu novas contribuições de renomados cientistas e passou a ser adotada pela Liga em seu terceiro encontro, realizado em Londres, entre os dias 21-23 set. 1977. Em 1978, na Universidade de Bruxelas, Georges Heuse, presidente da «Ligue Internationale des Droits de l'Animal», apresentou novamente a declaração no seu formato final, com catorze artigos, que lembram a *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 dez. 1948. Em 15 out. 1978, a «Duda» foi lida solenemente em Paris por defensores dos animais, reunidos no edifício sede da Unesco [5]. Este texto foi novamente revisado pela Liga Internacional dos Direitos dos Animais em 1989 — para refletir uma abordagem científica, baseada no avanço das ciências como a neurofisiologia e a genética —, reiterando o direito dos animais a um tratamento digno. A declaração revisada foi submetida à Unesco em 1990 e tornada pública no mesmo ano, estando ainda em vigor [6]. Contudo, enfrentou e ainda enfrenta críticas, especialmente de grupos vegetarianos, que questionam a aceitação do abate de animais para consumo humano.

Segundo Neumann[7], a «Duda» apresenta influências filosóficas e científicas como as ideias do filósofo iluminista inglês Jeremy Bentham (1748-1832) — sobre o sofrimento dos animais — e as contribuições de autores como as do ativista britânico Henry Stephens Salt

[5] GONÇALVES, Claudia Maria da Costa; DESTERRO, Rodrigo Desterro; AMARAL NETO, João Francisco (org.). *Declaração Universal dos Direitos dos Animais*: uma nova arca de Noé? Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020, 188 p.
[6] Eco Jurisprudence Monitor. Acesso em: 4 out. 2024.
[7] NEUMANN, Jean-Marc. 2012. La déclaration universelle des droits de l'animal ou l'égalité des espèces face à la vie. In: Michel, Margot; Kühne, Daniela; Hänni, Julia (ed.*). Animal law: developments and perspectives in the 21st century / Tier und recht.: Entwicklungen und perspektiven im 21*. Jahrhundert. Zürich: Dike Publishers, p.359-396, 2015.

(1851-1939) — fundador da Humanitarian League — e André Géraud (1882-1974) — jornalista francês e defensor dos direitos dos animais que escreveu sob o pseudônimo de Pertinax. Apesar de suas limitações práticas e da pouca visibilidade no cenário global, a «Duda» representa um marco importante na redefinição das relações entre seres humanos e animais. Embora o impacto da declaração seja restrito, ela é considerada o texto mais ambicioso já escrito sobre os direitos dos animais, estabelecendo as bases para um novo equilíbrio na convivência entre espécies. Hoje, mais de trinta anos após a sua proclamação, é difícil afirmar se a «Duda» conduzirá os humanos a uma redefinição da sua relação com outras espécies *sencientes*, a despeito da longa série de declarações e cartas que foram surgindo ao longo do tempo ratificando sua essência. Tudo indica que a falta de efetividade moral e jurídica do documento se deve à sua natureza. A «Duda» não ter sido adotada formalmente pela Unesco ou pela Organização das Nações Unidas trouxe inegável prejuízo à sua disseminação: a declaração foi proclamada *na* Unesco e não *pela* Unesco.

A palavra *senciência* tem sido usada para definir a capacidade de sentir sensações e sentimentos de forma consciente. Senciência animal refere-se à capacidade dos animais de perceber e sentir o mundo ao seu redor. Animais sencientes têm a capacidade de experimentar sensações físicas, como dor e prazer, além de emoções como medo, alegria e sofrimento. A senciência está intimamente ligada à capacidade de um ser ter experiências subjetivas e responder a elas de maneiras que indicam uma consciência do ambiente e das suas próprias condições. Este conceito é central para os debates sobre bem-estar e direitos dos animais, fornecendo uma base ética e científica para políticas públicas que protejam os animais de maus-tratos. Desde 2012, existe o reconhecimento científico da senciência animal, a partir de *Declaração de Cambridge sobre a Consciência em Animais*.

> A ausência de um neocórtex não parece impedir um organismo de experimentar estados afetivos. Evidências convergentes indicam que os animais não humanos possuem os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos dos estados de consciência, juntamente com a capacidade de exibir comportamentos intencionais. Consequentemente, o peso das evidências indica que os humanos não são os únicos a possuir os substratos neurológicos que geram a consciência. Animais não humanos, incluindo todos os mamíferos e aves, e muitas outras criaturas, incluindo polvos, também possuem estes substratos neurológicos (Low, 2012)[8].

> Que ingenuidade, que pobreza de espírito, dizer que os irracionais são máquinas privadas de conhecimento e sentimento, que procedem sempre da mesma maneira, que nada aprendem, nada aperfeiçoam! Então aquela ave que faz seu ninho em semicírculo quando o encaixa numa parede, em quarto de círculo quando o engasta num ângulo e em círculo quando o pendura numa árvore, procede aquela ave sempre da mesma maneira? Esse cão de caça que disciplinaste não sabe mais agora do que antes de tuas lições? O canário

[8] LOW, Philip. *The Cambridge Declaration on Consciousness*. Proceedings of the Francis Crick Memorial Conference, Churchill College, Cambridge University, 2012, p.1-2.

a que ensinas uma ária, repete-a ele no mesmo instante? Não levas um tempo considerável em ensiná-lo? Não vês como ele erra e se corrige? Será porque falo que julgas que tenho sentimento, memória, ideias? Pois bem, calo-me. Vês-me entrar em casa aflito, procurar um papel com inquietude, abrir a escrivaninha, onde me lembra tê-lo guardado, encontrá-lo, lê-lo com alegria. Percebes que experimentei os sentimentos de aflição e prazer, que tenho memória e conhecimento. Vê com os mesmos olhos esse cão que perdeu o amo e procura-o por toda parte com ganidos dolorosos, entra em casa agitado, inquieto, desce e sobe e vai de aposento em aposento e enfim encontra no gabinete o ente amado, a quem manifesta sua alegria pela ternura dos ladridos, com saltos e carícias. Bárbaros agarram esse cão, que tão prodigiosamente vence o homem em amizade, pregam-no em cima de uma mesa e dissecam-no vivo para mostrar-te suas veias mesaraicas [mesentéricas]. Descobres nele todos os mesmos órgãos de sentimento de que te gabas. Responde-me, maquinista, teria a natureza entrosado nesse animal todos os elatérios do sentimento sem objetivo algum? Terá nervos para ser insensível? Não inquines à natureza tão impertinente contradição. Perguntam os mestres da escola o que é então a alma dos irracionais. Não entendo a pergunta. A árvore tem a faculdade de receber em suas fibras a seiva que circula, de desenvolver os botões das folhas e dos frutos: perguntar-me-eis o que é a alma da árvore? Ela recebeu estes dons. O animal foi contemplado com os dons do sentimento, da memória, de certo número de ideias. Quem criou esses dons? Quem lhes outorgou essas faculdades? Aquele que faz crescer a erva dos campos e gravitar a Terra em torno do Sol (Voltaire, 1764, p.127)[9].



Figura 00 - *Leão que ruge*, esboço de Leonardo da Vinci (1452-1519) feito com giz vermelho sobre papel bege (Acervo do Musée Bonnat-Helleu, França). *"Rei dos animais — como tu o descreveste — eu diria antes rei das feras [...] O homem tem muito poder de discurso que, na maior parte, é vão e falso; os animais têm pouco, mas é útil e verdadeiro, e uma pequena verdade é melhor do que uma grande mentira*"
(Anotação de Leonardo da Vinci)[10].

[9] VOLTAIRE, François-Marie Arouet. Dicionário Filosófico (1764), p.127. Disponível em: Portal Domínio Público.
Acesso em: 1 mar. 2024.[François-Marie Arouet ou Voltaire (1694-1778), filósofo e ensaísta].
[10] DA VINCI, Leonardo. The Project Gutenberg eBook of *The Notebooks of Leonardo da Vinci*, traduzido por Jean Paul Richter, 1888. [Leonardo di Ser Piero da Vinci (1452-1519), polímata].

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DOS ANIMAIS

Preâmbulo:

- Considerando que todos os animais têm direitos;
- Considerando que o desrespeito e o desprezo pelos direitos dos animais resultaram e continuam a resultar em crimes da espécie humana contra a natureza e contra os animais;
- Considerando que o reconhecimento pela espécie humana do direito à existência de outras espécies animais é a alicerce da coexistência de espécies em todo o mundo animal;
- Considerando que o genocídio foi perpetrado pela espécie humana contra os animais e a ameaça de genocídio continua;
- Considerando que o respeito pelos animais está ligado ao respeito do humano pelos humanos;
- Considerando que desde a infância o humano deve ser ensinado a observar, compreender, respeitar e amar os animais;

É proclamada a presente lei:

Artigo 1
Todos os animais nascem com igual direito à vida e os mesmos direitos à existência.

Artigo 2
1. Todos os animais têm direito ao respeito.
2. O humano, como espécie animal, não deve arrogar a si mesmo o direito de exterminar ou explorar de forma desumana outros animais. É seu dever usar seu conhecimento para o bem-estar dos animais.
3. Todos os animais têm direito à atenção, cuidado e proteção do humano.

Artigo 3
1. Nenhum animal deve ser maltratado ou sujeito a atos cruéis.
2. Se um animal tiver que ser morto, isso deve ser instantâneo e sem sofrimento.
Artigo 4
1. Todos os animais selvagens têm direito à liberdade em seu ambiente natural, seja na terra, no ar ou na água, e devem poder procriar.
2. A privação de liberdade, mesmo para fins educativos, é uma violação deste direito.

Artigo 5
1. Os animais de espécies que vivem tradicionalmente em um ambiente humano têm o direito de viver e crescer no ritmo e nas condições de vida e liberdade próprios da sua espécie.

2. Qualquer interferência do humano neste ritmo ou nestas condições para fins lucrativos é uma violação deste direito.

Artigo 6

1. Todos os animais de companhia têm o direito de completar sua vida natural.

2. O abandono de um animal é um ato cruel e degradante.

Artigo 7

Todos os animais de trabalho têm direito a uma limitação razoável da duração e intensidade do seu trabalho, à alimentação necessária e ao descanso.

Artigo 8

1. A experimentação animal [o uso de animais em experimento] que envolva sofrimento físico ou psicológico é incompatível com os direitos dos animais, quer se trate de pesquisa científica, médica, comercial ou qualquer outra forma de investigação.

2. Devem ser usados e desenvolvidos métodos de substituição.

Artigo 9

Sempre que os animais forem utilizados na indústria alimentar, eles devem ser criados, transportados, estabulados [alojados] e mortos sem que lhes seja infligido sofrimento.

Artigo 10

1. Nenhum animal deve ser explorado para a diversão do humano.

2. Exposições [exibições] e espetáculos que envolvam animais são incompatíveis com a sua dignidade.

Artigo 11

Qualquer ato que envolva a morte gratuita de um animal é biocídio, ou seja, um crime contra a vida.

Artigo 12

1. Qualquer ato que envolva a matança em massa de animais selvagens é genocídio, ou seja, um crime contra a espécie.

2. A poluição ou destruição do ambiente natural leva ao genocídio.

Artigo 13

1. Os animais mortos devem ser tratados com respeito.

2. Cenas de violência envolvendo animais devem ser banidas do cinema e da televisão [e da internet], exceto para fins de educação humanitária.

Artigo 14

1. Representantes de movimentos que defendem os direitos dos animais devem ter voz efetiva em todos os níveis de governo.

2. Os direitos dos animais, assim como os direitos humanos, devem gozar da proteção da lei.

*****

4 de outubro

O *Dia Mundial do Animal* (World Animal Day) — às vezes chamado de Dia Mundial do Bem-Estar Animal ou Dia Mundial da Proteção Animal — é dedicado a ações e reflexões sobre os direitos e bem-estar dos animais. A data é celebrada anualmente no mesmo dia da festa religiosa de Francisco de Assis[11], fundador da ordem franciscana e escolhido como santo padroeiro da ecologia e, por conseguinte, dos animais. A efeméride ajuda a ampliar a conscientização e melhorar a educação em todo o mundo sobre o reconhecimento dos animais selvagens, domésticos e de criação (de produção) — usados na alimentação humana — como seres sencientes com pensamentos, sentimentos e personalidades individuais.

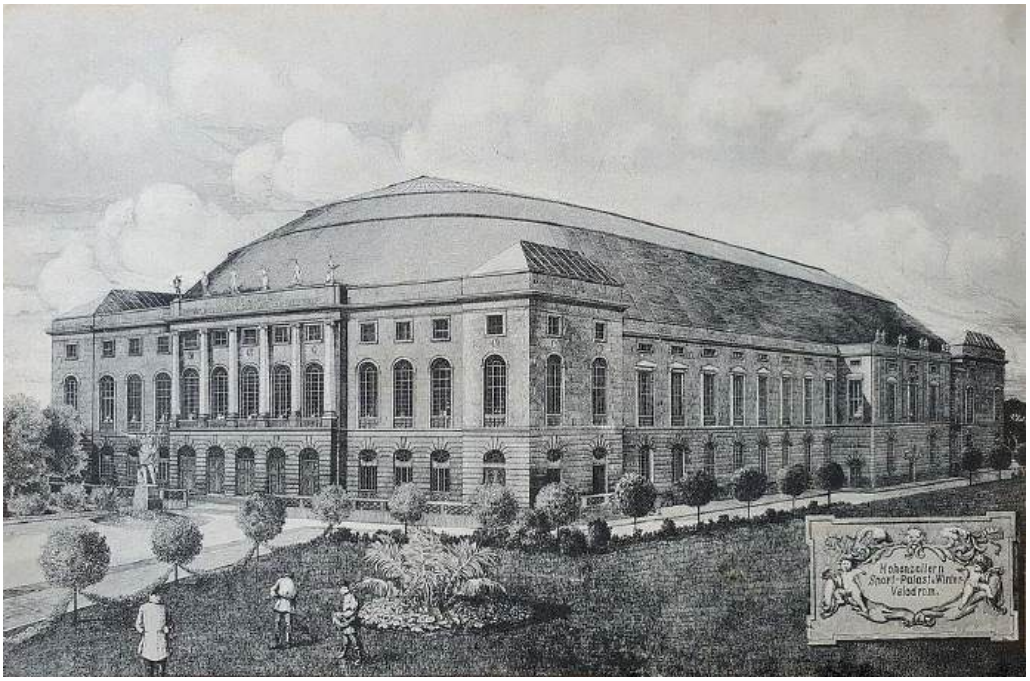
A data foi criada pelo polonês Heinrich Zimmermann (1887-1942), escritor e editor da revista *Mensch und Hund*[12], que nasceu em Varsóvia e mudou-se para Berlim, Alemanha. Ativista do movimento para a prevenção da crueldade contra os animais, ele organizou a primeira celebração do Dia Mundial do Animal, em 24 mar. 1925, no *Berlin Sportpalast* (Palácio Esportivo de Berlim), Alemanha. Cerca de cinco mil pessoas compareceram ao evento. Por que 24 mar.? O Sport Palace, único local grande o suficiente para receber milhares de pessoas, estava disponível. Os organizadores mantiveram a data nos anos seguintes, contudo, em 1929, o Dia Mundial do Animal foi celebrado, pela primeira vez, em 4 out., data originalmente deveria ser. Inicialmente, Zimmermann encontrou apoiadores apenas na Alemanha, Áustria, Suíça e Tchecoslováquia. Todos os anos, ele trabalhava incansavelmente na promoção da efeméride até que em maio de 1931, durante um encontro internacional de organizações de proteção animal[13], em Florença, Itália, sua proposta de tornar a data universal foi aclamada[14].



[11] Diz a lenda que São Francisco era capaz de falar com os animais, e é por isso que ele é retratado em inúmeras pinturas em sua companhia. Ele também pregava para os animais e até domesticou um lobo. Morreu na véspera de 4 de outubro.
[12] A revista [Homem e cão], publicada a cada duas semanas, foi usada como veículo para promover o bem-estar dos animais. Zimmermann também foi o editor de dois volumes do *Lexicon for Friends of Dogs* e do livro *Animal Brother*.
[13] Desde 1860, reuniões bienais dessas organizações eram realizadas em toda a Europa e frequentemente atraiam a presença de centenas de participantes de muitos países.
[14] Fontes: https://worldanimal.net/ e https://www.worldanimalday.org.uk/.



Heinrich Zimmermann (1887-1942).



O *Berlin Sportpalast* — construído em 1910 e demolido em 1973 — era uma arena coberta que acomodava cerca de 14 mil pessoas. Por muito tempo, foi o maior salão de reuniões de Berlim. Ficou mais conhecido por abrigar comícios durante a Alemanha nazista[15].

[15] Disponível em: Wikipedia. Acesso em: 2 nov. 2024.

A conversão do lobo de Gubbio é uma metáfora da atitude de São Francisco para com um explorador ou com toda uma coligação de opressores que amedrontavam e achacavam a população da cidade. Sua estratégia não é dura e agressiva contra a opressão, mas doce e suave pela via do diálogo, do apelo à sensibilidade que sempre existe nas pessoas e da certeza da primazia da colaboração sobre a competição. Fez-se um acordo entre o lobo de Gubbio e os cidadãos: todos deviam se ajudar mutuamente para que ninguém passasse necessidade e todos pudessem viver em paz (Boff, 2009, p. 75)[16].



São Francisco (1941)[17],
pintura a óleo, tela 73 x 60 cm,
de Cândido Portinari (1903-1962).



Cabeça de São Francisco de Assis (1944)[18], Igreja de São Francisco de Assis, Pampulha, Belo Horizonte, MG, pintura em azulejos, 60 x 45 cm, Cândido Portinari (1903-1962).

[16] BOFF, Leonardo. A oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
[17] Projeto Portinari. Acesso em: 1 mar. 2024.
[18] Projeto Portinari. Acesso em: 1 mar. 2024.



São Francisco (1941)[19], pintura a óleo, tela 72 x 60 cm, de Cândido Portinari (1903-1962).

[19] Projeto Portinari. Acesso em: 1 mar. 2024. Descrição: Composição nos tons terras, cinzas, ocres, preto, branco e amarelo. Textura espessa sobretudo no rosto, pescoço e mão da figura. Busto de São Francisco de Assis, segurando um pássaro, ocupando a quase totalidade da área do suporte, contra fundo em tons de cinzas e terra. O santo está de frente, com a cabeça ligeiramente voltada para a direita. Tem rosto alongado, cabelos curtos com franja cobrindo parte da testa que é marcada por rugas na horizontal. Tem olhos grandes, amendoados, separados, voltados para a direita; nariz fino e longo, lábios estreitos e fechados, barba e bigodes escuros e pescoço fino com rugas marcadas. Usa batina em tom terra, com pala na altura dos ombros, característica da ordem fundada por ele. Braço direito dobrado na altura do peito e mão muito magra com dedos esticados segurando, entre o polegar, que não está visível, e o dedo indicador, pássaro em tom terra com plumagem indicada por linhas e pontos pretos. O animal está de perfil para a esquerda, tem longo pescoço, cabeça voltada para cima e longa cauda caída, à direita. Fundo, de cima até quase a altura dos olhos do santo, em tom terra e para baixo, em tom cinza, sendo que o limite entre as duas áreas é ligeiramente diagonal subindo da esquerda para a direita.

APÊNDICE A

COLEÇÕES ARTÍSTICAS *ROCHE*

Não teria eu iniciado a arte
mais do que maravilhosa *de desenhar qualquer objeto,*
sem dar-me ao trabalho de o fazer
com a própria mão? [20]

Antoine Hercule Romuald Florence
Fotógrafo, desenhista, tipógrafo e naturalista

[20] A indagação do francês Florence (1804-1879) foi feita, em 24 de junho de 1833, em seu diário *Livre d'annotations et de premiers matériaux*. Ele se referia a suas pesquisas e experimentos no campo da fotografia, que o haviam levado a inventar, ele também e no Brasil, um processo de criação fotográfica (WANDERLEY, Andrea. Florence, autor do mais antigo registro fotográfico existente nas Américas. ***Brasiliana Fotográfica***, 2015. Acesso em: 27 fev. 2024).

Exórdio

Na década de 1940, a Roche[21] (Produtos Roche Químicos e Farmacêuticos S.A.), sediada na avenida Franklin Roosevelt, 115, 4º, cidade do Rio de Janeiro, publicou as *Coleções Artísticas "Roche"* no formato de prospectos cartonados — com frente e verso —, que apresentam uma gravura na primeira face, nota sobre a gravura e informes publicitários sobre medicamentos comercializados pelo laboratório à época. Esses prospectos, provavelmente, eram distribuídos a médicos e farmácias. Também foram impressos prospectos com uma dobra, os quais trazem em seu interior textos explicativos sobre as gravuras. Nestes, textos originais de E.S. estão presentes na coleção *Cães Domésticos*[84] e nas seguintes sobre espécies da flora e fauna brasileiras: *Aves do Brasil*, *Árvores do* Brasil[22], *Borboletas do Brasil, Peixes de Aquário*[84] e *Serpentes do Brasil*[84]. As pinturas estampadas nestes prospectos são de [Marian] Mirian Colonna, a mesma artista plástica que elaborou desenhos e pranchas para livros de E.S.. No verso ou na face interna dos prospectos das diversas coleções, há a seguinte inscrição: "Direitos reservados reg. [n.º][23]. Escola Nacional de Belas Artes". Ainda que informações obtidas em diferentes fontes sugiram o ano no qual algumas coleções tenham sido publicadas e distribuídas, não foi possível determinar a cronologia da publicação dessas coleções. Os prospectos não trazem a data de impressão. O catálogo do Fundo Paulo Duarte, editado pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio (Cedae, 2021, p.370-377), relaciona, entre seus itens documentais, 94 prospectos[24] das *Coleções Artísticas "Roche"*.

[21] Fundada em 1896, na Suíça, a Roche, pioneira em produtos farmacêuticos e de diagnóstico, está presente em mais de 100 países, entre eles o Brasil, operando nas divisões Farmacêutica, Diagnóstica e Diabetes.
[22] A coleção completa foi adquirida em uma filatélica localizada em Porto Alegre.
[23] Número de registro da gravuras na Escola Nacional de Belas Artes, identificados nos prospectos das coleções: Serpente do Brasil (s/n.), Árvores do Brasil (685 e 686), Peixes de Aquário (708 e 711), Cães Domésticos (728 e 729), Poesia dos portos (745 e 757), Borboletas do Brasil (s/n e 780), Igrejas (955).
[24] O catálogo vincula as gravuras dos prospectos à Escola Nacional de Belas Artes. Coleção Poesia dos Portos de Van Roger - Roche Química (Ie.09): 18 prospectos (26 x 30 cm) da *Coleção Poesia dos Portos do Brasil*, com gravuras de Roger Van Rogger; Coleção M. Colonna (Ie.12): 13 prospectos (26 x 18 cm) da *Coleção Povos e tipos da América*, com gravuras de Mirian Colonna; Coleção M. Colonna (Ie.13): 24 prospectos (15 x 21 cm) da *Coleção Peixes de Aquário*, com gravuras de Mirian Colonna e textos de E.S.; Coleção M. Colonna (Ie.14): 15 prospectos (26 x 18 cm) da *Coleção Borboletas do Brasil*, com gravuras de Mirian Colonna e textos de E.S.; Coleção M. Colonna (Ie.16): 15 prospectos (21 x 15 cm) da *Coleção Árvores do Brasil*, com gravuras de Mirian Colonna e textos de E.S.; Coleção M. Colonna (Ie.17): 9 prospectos (26 x 18 cm) da *Coleção Aves do Brasil*, com gravuras de Mirian Colonna e textos de E.S..

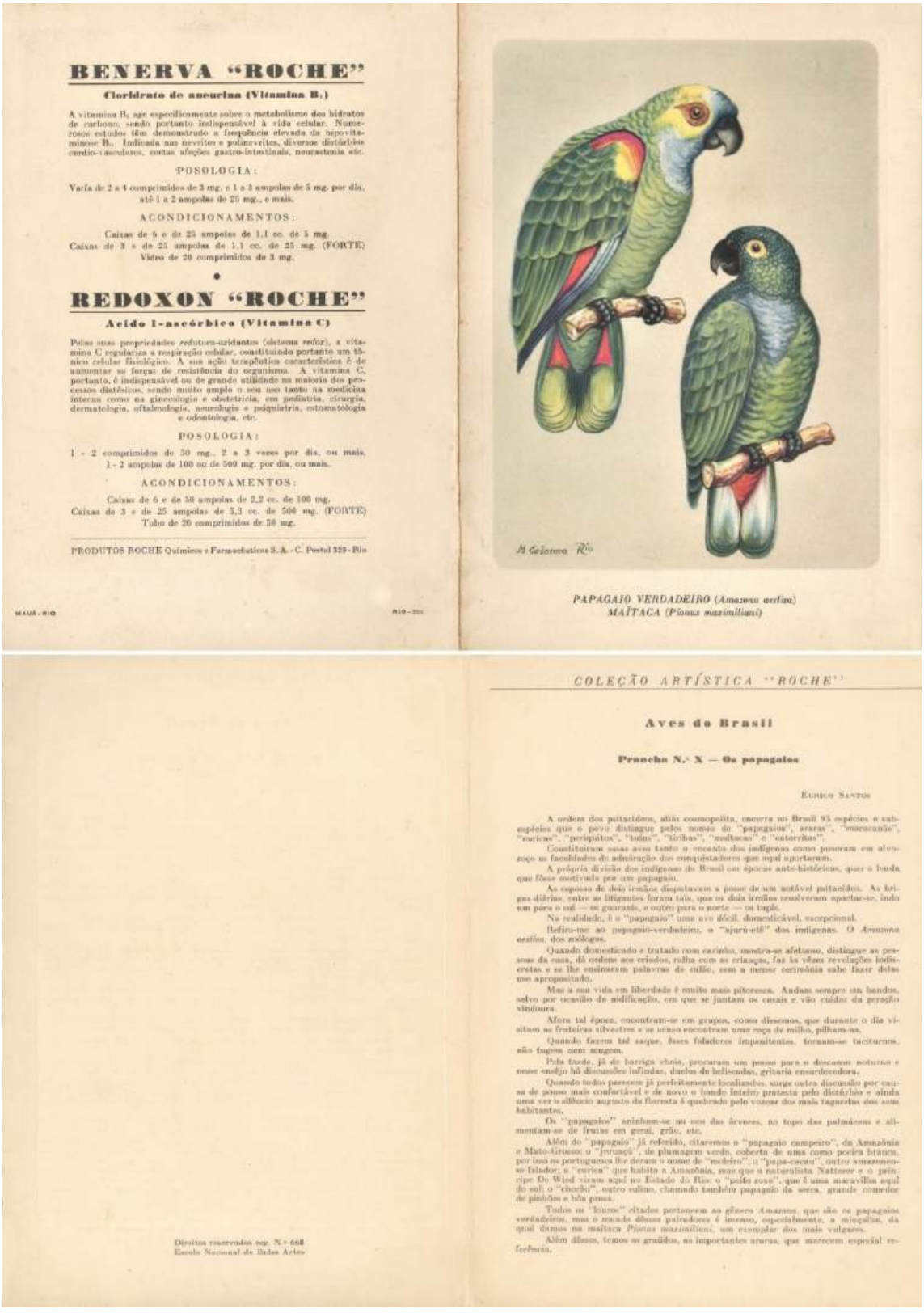
a. Coleção *Orquídeas* [194?], gravuras de pinturas [Marian] Miriam Colonna: (I) *Brasso catileya maronae*; (II) *Cattleya granulosa*; (III) *Cattleya intermedia* var. *punelatissima*; (IV) *Gongora bufonia*; (V) *Miltonia flavescens*; (VI) *Sobralia macranta*.



Frente de prospectos[25] (26 x 18 cm) da *Coleção Orquídeas*, que reproduz pinturas de [Marian] Mirian Colonna das espécies *Brasso catileya maronae*, *Gongora bufonia* e *Cattleya intermedia var. punelatissima*.

[25] Imagens obtidas na internet, em site de leiloeiro. Não foi possível verificar se os prospectos dessa coleção trazem textos de E.S..

b. Coleção *Aves do Brasil* [194?], gravuras de pinturas [Marian] Miriam Colonna e textos de E.S.: (I) Os pássaros cantores (pintassilgo *Spinus magellanicus* e cardeal *Paroaria coronata*); (II) lecre *Onychorhynchus coronatus* e azulão ou sanhassú-frade [sanhaço-frade] *Stephanophorus diadematus*; (II) tesoura *Muscivora tyrannus* [*Tyrannus savana*] e bentevi *Pitangus sulphuratus*; (IV) [beija-flor-brilho-de-fogo] *Topaza pella*; (V) beija-flores (*Leucochloris albicolis* e *Lophornis chalybeus*); (VI) tucano-de-bico-verde *Ramphastos dicolorus* e tucanu-açu [tucanuçu] *Ramphastos toco*; (VII) tucano-de-bico-preto *Ramphastos ariel* e araçari *Pteroglossus castanotis australis*; (VIII) corujão ou murucututu *Pulsatrix perspicillata*; (IX) alma-de-gato *Piaya cayana macroura* e surucuá [*Trogon viridis*]; *macroura* e surucuá [*Trogon viridis*]; (X) papagaio-verdadeiro *Amazona aestiva* e maítaca *Pionus maximiliani*; (XI) arara-piranga *Ara macao* e arara-azul *Anodorhynchus hyacinthinus*; (XII) seriema *Cariama cristata*; (XIII) harpia *Harpia harpyja*; (XIV) urubu-rei *Sarcoramphus papa*; (XV) cisnes; gansos e patos; (XVI) O anhuma *Anhima cornuta*; (XVII) O colhereiro *Ajaia ajaja* [*Platalea ajaja*] e o flamengo *Phoenicopterus ruber*; (XVIII) A ema *Rhea americana*.



BENERVA "ROCHE"

Cloridrato de aneurina (Vitamina B_1)

A vitamina B_1 age especificamente sobre o metabolismo dos hidratos de carbono, sendo portanto indispensável à vida celular. Numerosos estudos têm demonstrado a frequência elevada da hipovitaminose B_1. Indicada nas nevrites e polinevrites, diversos distúrbios cardio-vasculares, certas afecções gastro-intestinais, neurastenia etc.

POSOLOGIA:

Varia de 2 a 4 comprimidos de 3 mg. e 1 a 3 ampolas de 5 mg. por dia, até 1 a 2 ampolas de 25 mg., e mais.

ACONDICIONAMENTOS:

Caixas de 6 e de 25 ampolas de 1,1 cc. de 5 mg.
Caixas de 3 e de 25 ampolas de 1,1 cc. de 25 mg. (FORTE)
Vidro de 20 comprimidos de 3 mg.

REDOXON "ROCHE"

Acido l-ascórbico (Vitamina C)

Pelas suas propriedades *redutora-oxidantes* (sistema redox), a vitamina C regulariza a respiração celular, constituindo portanto um tônico celular fisiológico. A sua ação terapêutica característica é de aumentar as forças de resistência do organismo. A vitamina C, portanto, é indispensável ou de grande utilidade na maioria dos processos diatésicos, sendo muito amplo o seu uso tanto na medicina interna como na ginecologia e obstetrícia, em pediatria, cirurgia, dermatologia, oftalmologia, neurologia e psiquiatria, estomatologia e odontologia, etc.

POSOLOGIA:

1 - 2 comprimidos de 50 mg., 2 a 3 vezes por dia, ou mais.
1 - 2 ampolas de 100 ou de 500 mg. por dia, ou mais.

ACONDICIONAMENTOS:

Caixas de 6 e de 50 ampolas de 2,2 cc. de 100 mg.
Caixas de 3 e de 25 ampolas de 5,3 cc. de 500 mg. (FORTE)
Tubo de 20 comprimidos de 50 mg.

PRODUTOS ROCHE Químicos e Farmacêuticos S.A. - C. Postal 329 - Rio

MAUÁ - RIO

RIO - [illegible]

PAPAGAIO VERDADEIRO (Amazona aestiva)
MAÍTACA (Pionus maximiliani)

COLEÇÃO ARTÍSTICA "ROCHE"

Aves do Brasil

Prancha N.º X — Os papagaios

EURICO SANTOS

A ordem dos psitacídeos, aliás cosmopolita, encerra no Brasil 93 espécies e subespécies que o povo distingue pelos nomes de "papagaios", araras", "maracanãs", "curicas", "periquitos", "tuins", "tiribas", "sudancas" e "catorritas".

Constituiram esses aves tanto o encanto dos indígenas como puseram em alvoroço as faculdades de admiração dos conquistadores que aqui aportaram.

A própria divisão dos indígenas do Brasil em épocas ante-históricas, quer o lenda que fôsse motivada por um papagaio.

As esposas de dois irmãos disputavam a posse de um notável psitacídeo. As brigas diárias, entre as litigantes foram tais, que os dois irmãos resolveram apartar-se, indo um para o sul — os guaranis, o outro para o norte — os tupis.

Na realidade, é o "papagaio" uma ave difícil, domesticável, excepcional.

Refiro-me ao papagaio-verdadeiro, o "ajuru-eté" dos indígenas. O *Amazona aestiva*, dos zoólogos.

Quando domesticado e tratado com carinho, mostra-se afetuoso, distingue as pessoas da casa, dá ordens aos criados, rulha com as crianças, faz às vêzes revelações indiscretas e se lhe ensinaram palavras de calão, com a menor cerimônia sabe fazer delas uso apropositado.

Mas a sua vida em liberdade é muito mais pitoresca. Andam sempre um bandos, salvo por ocasião da nidificação, em que se juntam os casais e vão cuidar da geração vindoura.

Afora tal época, encontram-se em grupos, como dissemos, que durante o dia visitam as frateiras silvestres e se acaso encontram uma roça de milho, pilham-na.

Quando fazem tal saque, êsses faladores impenitentes, tornam-se taciturnos, não fogem nem sangem.

Pela tarde, já de barriga cheia, procuram um pouso para o descanso noturno e nesse ensêjo há discussões infindas, duelos de helicendas, gritaria ensurdecedora.

Quando todos parecem já perfeitamente localizados, surge outra discussão por causa de pouso mais confortável e de novo o bando inteiro protesta pelo distúrbio e ainda uma vez o silêncio augusto da floresta é quebrado pelo vozear dos mais tagarelas dos seus habitantes.

Os "papagaios" aninham-se no oco das árvores, no topo das palmáceas e alimentam-se de frutas em geral, grão, etc.

Além do "papagaio" já referido, citaremos o "papagaio campeiro", da Amazônia e Mato-Grosso; o "jerunçá", de plumagem verde, coberta de uma como poeira branca, por isso os portugueses lhe deram o nome de "moleiro"; o "papa-cacau", outro amazonense falador; a "curica" que habita a Amazônia, mas que o naturalista Natterer e o príncipe De Wied viram aqui no Estado do Rio; o "peito roxo", que é uma maravilha aqui do sul; o "chorão", outro sulino, chamado também papagaio da serra, grande comedor de pinhões e bôa prosa.

Todos os "louros" citados pertencem ao gênero *Amazona*, que são os papagaios verdadeiros, mas o mundo dêsses palradores é imenso, especialmente, a miscelânia, da qual demos na maitaca *Pionus maximiliani*, um exemplar dos mais vulgares.

Além dêsses, temos os graúdos, as importantes araras, que merecem especial referência.

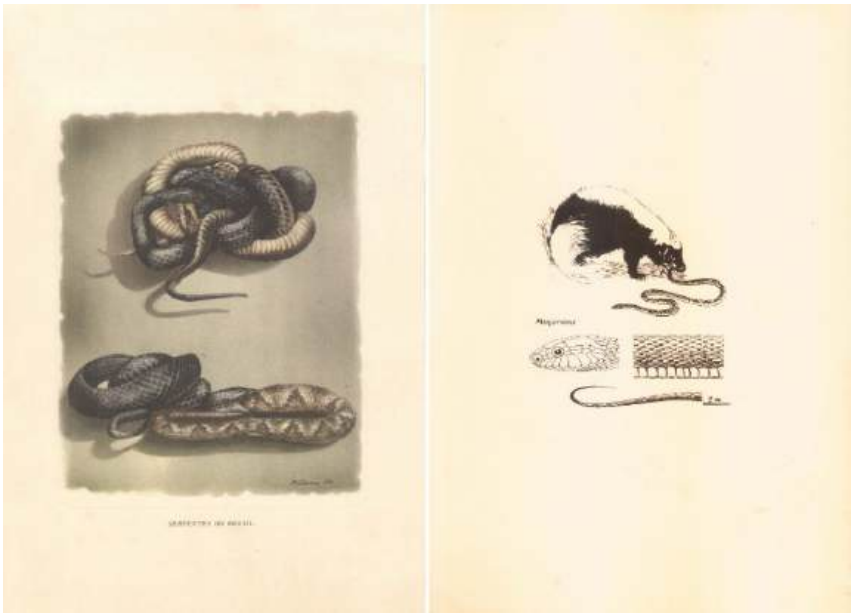
Direitos reservados reg. N.º 668
Escola Nacional de Belas Artes

As quatro faces do prospecto X (21 x 15 cm), com uma dobra, da *Coleção Aves do Brasil*, que reproduz texto de E.S. e pintura de [Marian] Mirian Colonna.

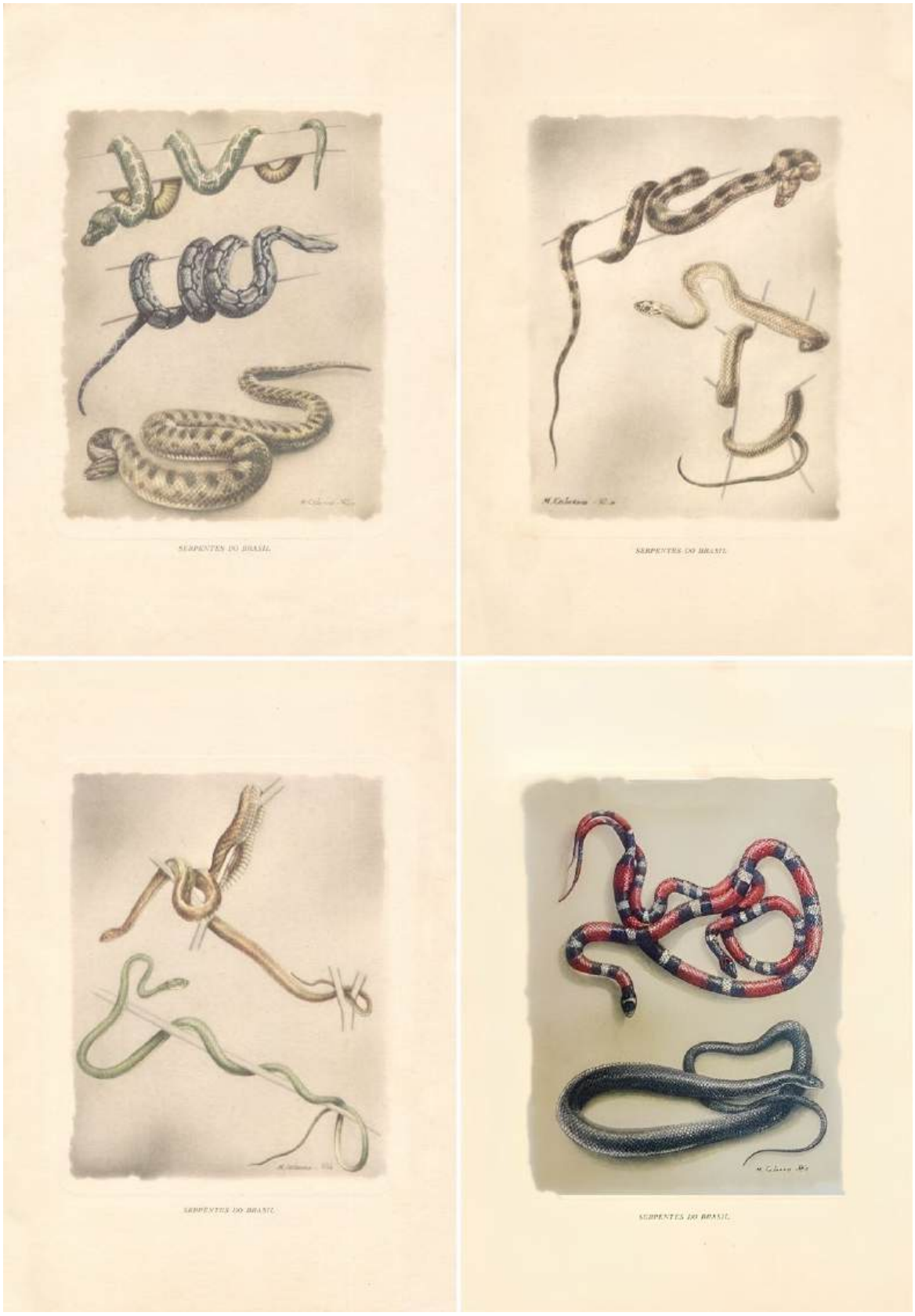


Imagens da face dos prospectos I, II, XVI e XVII (21 x 15 cm) da *Coleção Aves do Brasil*, que reproduzem pinturas de [Marian] Mirian Colonna.

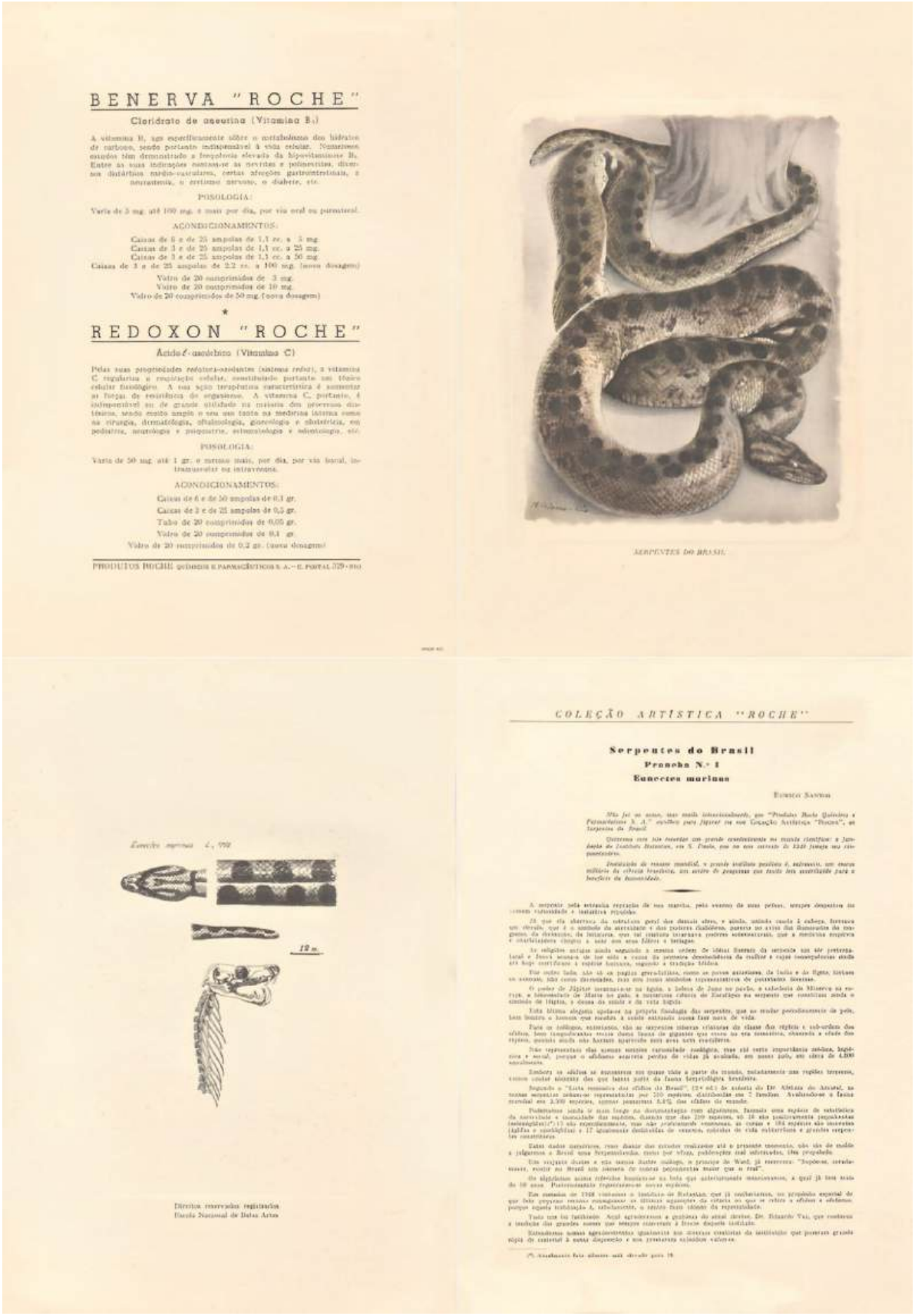
c. Coleção Serpentes *do Brasil* [194?], gravuras de pinturas [Marian] Miriam Colonna e textos de E.S.: (I) *Eunectes murinus* [sucuri]; (II) *Boa canina* [araramboia; cobra-papagaio; jiboia-verde *Corallus caninus*]; *Constrictor constrictor* [jiboia]; *Eunectes notaeus* [sucuri-amarela]; (III) *Dryadophis bifossatus* [jararaca-do-banhado; jararacuçu-do-brejolimpa-campo *Mastigodryas bifossatus*]; *Phrynonax sulphureus* [caninana-vermelha; surucucu-facão; cobra-papa-ovo Spilotes sulphureus]; (IV) *Chironius sexearinatus* [acutimbóia; cobra-cipó]; *Leptophis ahaetulla* [azulão-boia; cobra-cipó]; (V) *Drymarchon corais* [papa-pinto, papa-ovo], *Spilotes pullatus* [caninana]; (VI) *Xenodon merremii* [boipeva], *Cyclagras gigas* [surucucu-do-pantanal]; (VII) [?]; (VIII) *Leimadophis poecilogyrus* [cobra-de-capim *Erythrolamprus poecilogyrus*], *Liophis miliaris-miliaris* [cobra-d'água *Erythrolamprus miliaris*]; (XIX) *Philodryas schotti* [cobra-parelheira, papa-pinto *Philodryas patagoniensis*], *Siphlophis cervinus geminatus* [serpente-barriga-de-xadrez *Siphlophis cervinus*]; (X) *Crotalus terrificus* [cascavel *Crotalus durissus*], *Lachesis muta* [surucucu]; (XI) *Bothrops alternatus* [urutu, urutu-cruzeiro, cruzeiro, cruzeira], *Bothrops atrox* [jararaca-do-norte]; (XII) *Bothrops jararaca* [jararaca, jararaca-da-mata], *Bothrops jararacuçu* [jararacuçu, jararacuçu-verdadeiro, surucucu, surucucu-dourada, surucucu-tapete, urutu-dourado, urutu-estrela]; (XIII) [?]; (XIV) *Bothrops bilineatus* [jararaca-verde], *Bothrops cotiara* [cotiara, boicotiara, boiquatiara, jararaca-de-barriga-preta]; (XV) *Bothrops erythromelas* [jararaca-da-seca], *Bothrops insularis* [jararaca-ilhoa]; (XVI) *Bothrops pirajai* [jararaca-tapete ou tapete], *Bothrops castelnaudi* [jararaca *Bothrops lichenosus*]; (XVII) *Micrurus corallinus, Micrurus frontalis*, *Micrurus decoratus* [cobra-coral, coral-verdadeira, boicorá]; (XVIII) muçurana [*Clelia clelia*].



Imagens da face e verso da face do prospecto XVIII da *Coleção Serpentes do Brasil*, que reproduz pintura de [Marian] Mirian Colonna.



Imagens da face dos prospectos II, III, IV e XVII (26 x 18 cm) da *Coleção Serpentes do Brasil*, que reproduzem pinturas de [Marian] Mirian Colonna.



BENERVA "ROCHE"

Cloridrato de aneurina (Vitamina B_1)

A vitamina B_1 age especificamente sôbre o metabolismo dos hidratos de carbono, sendo portanto indispensável à vida celular. Numerosos estudos têm demonstrado a frequência elevada da hipovitaminose B_1. Entre as suas indicações contam-se as nevrites e polinevrites, diversos distúrbios cardio-vasculares, certas afecções gastro-entestinais, a neurastenia, o estirmo nervoso, o diabete, etc.

POSOLOGIA:

Varia de 5 mg. até 100 mg. e mais por dia, por via oral ou parenteral.

ACONDICIONAMENTOS:

Caixas de 6 e de 25 ampolas de 1,1 cc. a 5 mg.
Caixas de 3 e de 25 ampolas de 1,1 cc. a 25 mg.
Caixas de 3 e de 25 ampolas de 1,1 cc. a 50 mg.
Caixas de 3 e de 25 ampolas de 2,2 cc. a 100 mg. (nova dosagem)

Vidro de 20 comprimidos de 3 mg.
Vidro de 20 comprimidos de 10 mg.
Vidro de 20 comprimidos de 50 mg. (nova dosagem)

★

REDOXON "ROCHE"

Ácido l-ascórbico (Vitamina C)

Pelas suas propriedades *redutora-oxidantes* (sistema *redox*), a vitamina C regulariza a respiração celular, constituindo portanto um fator celular fisiológico. A sua ação terapêutica característica é aumentar as defesas do organismo. A vitamina C, portanto, é indispensável em tôda a atividade na história dos processos distróticos, sendo muito amplo o seu uso tanto na medicina interna como na cirurgia, dermatologia, oftalmologia, ginecologia e obstetrícia, em pediatria, neurologia e psiquiatria, estomatologia e odontologia, etc.

POSOLOGIA:

Varia de 50 mg. até 1 gr., o normal mais, por dia, por via bucal, intramuscular ou intravenosa.

ACONDICIONAMENTOS:

Caixas de 6 e de 50 ampolas de 0,1 gr.
Caixas de 3 e de 25 ampolas de 0,5 gr.
Tubo de 20 comprimidos de 0,05 gr.
Vidro de 20 comprimidos de 0,1 gr.
Vidro de 20 comprimidos de 0,2 gr. (nova dosagem)

PRODUTOS ROCHE QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS S. A. — E. POSTAL 329 - RIO

SERPENTES DO BRASIL

Eunectes murinus L., 1758

12 m.

Direitos reservados registrados
Escola Nacional de Belas Artes

COLEÇÃO ARTÍSTICA "ROCHE"

Serpentes do Brasil
Prancha N.º 1
Eunectes murinus

EURICO SANTOS

Não foi ao acaso, mas muito intencionalmente, que "Produtos Roche Químicos e Farmacêuticos S. A." escolheu para figurar em sua Coleção Artística "Flores", as Serpentes do Brasil.

Ocorrem aqui três exemplos com grande exuberância no mundo científico: a Sociedade de Instituto Butantan, em S. Paulo, com os seus cerca de 3.500 fungos em experimentos.

Instituição de renome mundial, o grande instituto paulista é, atualmente, um centro milenário da ciência brasileira, um centro de pesquisas que muito tem contribuído para o benefício da humanidade.

A serpente pela estranha perfeição de sua marcha, pela vivacidade de suas peles, sempre despertou as [illegible] curiosidade e imaginativa popular.

[illegible] que ela observou do mistérios geral dos demais atos, e ainda, animais cauda à cabeça, formava um círculo, que é o símbolo da eternidade e dos poderes diabólicos, porque no ritos dos iluminados do templos, da divinação, da feitiçaria, que tal símbolo ocorrera poderes sobrenaturais, que a medicina empírica e charlatanismo chegou a unir dos seus fábios à bruxaria.

As religiões antigas ainda segundo a mesma ordem de ideias floresce da serpente um ser protetor. Isaú e Israel acampa de luz sido a causa da permanente desobediência da criatura e cujas consequências ainda até hoje contribuem a explicar humanos, segundo a tradição bíblica.

Nas outras lados, não só as páginas greco-latinas, como as povos asiáticos, de Índia e do Egito, tinham as serpentes, não como divindades, mas sim como símbolos representativos de poderosos interesse.

O poder de Júpiter transmite-se na águia, a beleza de Juno no pavão, a sabedoria de Minerva na coruja, a benevolência de Marte no gado, a numerosa cabeça de Zeus/Júpiter na serpente que simbolizou ainda o símbolo de Higéia, a deusa da saúde e da vida higiá.

Esta última alegoria ajudaram na própria fisiologia das serpentes, que ao mudar periodicamente de pele, bem lembra a lenda que mudam à saúde adquirida nessa fase nova de vida.

Para os zoólogos, entretanto, são as serpentes ofídeos viventes da classe dos répteis e sub-ordem dos ofídios, bem conquistados muito cheia [illegible] de gigantes que viveu na era mesozoica, chamada a idade dos répteis, quando ainda não haviam aparecido aves nem seres evoluídos.

Não representam elas apenas mesmo curiosidade zoológica, mas até certa importância médica, higiênica e social, porque o ofidismo acarreta perdas de vidas já avaliadas, em nosso país, em cêrca de 4.000 anualmente.

Embora os ofídios se encontrem em quase tôda a parte do mundo, notadamente nas regiões tropicais, [illegible] existem dois que fazem parte da fauna herpetológica brasileira.

Segundo o "Lista remissiva dos ofídios do Brasil", (1.ª ed.) do saudoso Dr. Adolfo do Amaral, as [illegible] acham-se representadas por 220 espécies, distribuídas em 7 famílias. Avaliando-se a fauna ofídica mundial em 2.500 espécies, somam portanto 8,8% dos ofídios do mundo.

Pedimentos ainda o mais longo na determinação com algarismos, fazendo uma relação de subtílicos da nacionalidade e nacionalidade das espécies, dizendo que das 220 espécies, só 16 são positivamente peçonhentas (solenoglifos)(*) 13 são especialmente, mas não [illegible] venenosas, as cobras e 184 espécies são inofensivas (áglifos e opistóglifos) e 17 igualmente destituídas de veneno, existindo de cada exemplares e grandes serpentes constritoras.

Estes dados estatísticos, resultantes dos estudos realizados até o presente momento, não são de molde a julgarmos o Brasil uma [illegible] serpentífera, como por vêzes, publicações mal informadas, têm propalado.

Um conjunto diverso e não menos [illegible] zoólogo, o príncipe de Wied, já escrevera: "Impõe-se, entretanto, notar no Brasil são menores do [illegible] peçonhentas maior que o real".

Os répteis são [illegible] humanos na lista que anteriormente mencionamos, a qual já tem mais de 50 anos. Posteriormente registraram-se novas espécies.

Em sessão de 1918 [illegible] o Instituto de Butantan, que já conhecíamos, os propósitos especial de que [illegible] vacinas contra os ofídicos aparelhos da cobra ao que se refere a ofídios e ofidismo, porque aquela instituição é, atualmente, o centro [illegible] da especialidade.

Todo um [illegible] Assiz agradecimentos a gratidão do atual diretor, Dr. Eduardo Vaz, que continua a tradição dos grandes nomes que [illegible] dirigiram o Instituto daquela instituição.

Estendemos nossos agradecimentos igualmente aos diretos contratos da instituição que puseram grande [illegible] de material à nossa disposição e nos [illegible] valiosos.

(*) Atualmente [illegible] ofídios até dezoito para 19.

As quatro faces do prospecto I (26 x 18 cm), com uma dobra, da *Coleção Serpentes do Brasil*, que reproduz pintura de [Marian] Mirian Colonna.

d. Coleção *Árvores do Brasil* [194?], gravuras de pinturas [Marian] Miriam Colonna e textos de E.S.: (I) pau-brasil *Caesalpinia echinata*, (II) flamboyant *Poinciania regia* [*Delonix re*gia], (III) ipê-amarelo *Tecoma umbellata*, (4) ipê-mandioca *Tecoma alba* [*Tabebuia alba* ou *Handroanthus albus*], (5) Duas belas Cassias [*Cassia fistula* e *Chamaecrista apoucouita*], (6) canafístula-amarela *Cassia ferruginea*, (7) canafístula *Cassia grandis*, (8) *Cupania furfuracea*, (9) jacarandá-mimoso *Jacaranda mimosifolia*, (10) *Platimiscium* [*Platymiscium*] *floribundum*, (11) paratudo *Hortia arborea* [*Hortia brasiliana*], (12) flor-da-quaresma *Tibouchina arborea*, (13) angico *Piptadenia colubrina* [*Anadenanthera colubrina*], (14) faveira [angelin] *Vatairea heteroptera*, (15) visgueiro *Parkia pendula*, (16) sapucaia *Lecythis pisonis*, (17) ingá *Inga lanceifolia*, (18) guarabú-cebola *Phyllocarpus pterocarpus* [*Barnebydendron riedelii*], (19) sabipiruna *Caesalpinia peltophoroides*, (20) bico-de-pato *Machaerium angustifolium*, (21) rabo-de-tucano *Vochysia oppugnata*, (22) mangalô [pau-pereira] *Platycyamus regnellii*, (23) paineira-branca *Chorisia speciosa*, (24) paineira ou barriguda *Chorisia crispiflora*.

Sobre as pinturas dessa coleção, Erico Stickel (1920-2004)[26] escreveu:

> Fólio pequeno com 24 cartões avulsos, propaganda do laboratório farmacêutico Roche; reproduz aquarelas de M. Colonna que retratam árvores brasileiras de diversos tipos, todas com texto descritivo de Eurico Santos. As aquarelas originais reproduzidas nesta coleção se encontram na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro (Stickel, 2004, p.524).

Consultado, o acervo do Museu Dom João VI, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, informou não possuir pinturas de [Marian] Mirian Colonna. Entretanto, informou que obras não encontradas no acervo da Escola de Belas Artes podem "estar dentre as do Museu Nacional de Belas Artes, uma vez que em 1940 este museu já havia sido criado e parte do acervo da Escola Nacional de Belas Artes foi destinado a compor a coleção do referido museu" (mensagem pessoa)[27]. O Museu Nacional de Belas Artes, por sua vez, informou que, "a pedido do sr. Daniel Barretto, Chefe da Divisão Técnica,

[26] Erico João Siriuba Stickel (1920-2004) e Martha Diederichsen Stickel: Colecionadores de arte e bibliófilos. Paralelamente às obras de arte, adquiriram livros, catálogos e revistas, que compuseram importante coleção de obras que refletem, em especial, aspectos da cultura e da iconografia brasileira. Erico foi advogado formado pela Universidade de São Paulo – USP em 1944, industrial têxtil nos anos 1960 e 1970, presidente da Fundação Visconde de Porto Seguro e Fundação Martius. Em 1954, juntamente com sua esposa Martha, instituiu a Fundação Stickel. Em 2004, Erico publicou o livro Uma pequena biblioteca particular: subsídios para o estudo da iconografia brasileira, com descrição e comentários sobre as obras mais significativas de sua coleção, a qual foi iniciada com a biblioteca do naturalista alemão Johann Metz (1861-1936), tio-avô do autor, que chegou ao Brasil em 1893, e foi sendo ampliada ao longo dos anos pelo pai e, posteriormente, pelo filho. Desse grande acervo, Erico destaca sua pequena biblioteca, composta de cerca de quatro mil títulos, doada ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP em 2001 (USP, 2010). A "Coleção Martha e Erico Stickel", que reúne cerca de 1.500 obras que retratam o Brasil desde o século XVI (em cartografia) até o século XIX (em paisagens e registros do cotidiano feitos por artistas viajantes), agrupadas em fólios, encadernadas em álbuns ou como peças avulsas, compreendendo gravuras, desenhos, aquarelas e manuscritos, foi adquirida pelo Instituto Moreira Salles em 2008 (IMS, 2023).

[27] CARVALHAES, Renata. Museóloga do Museu D. João VI da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (museu@eba.ufrj.br). Pedido de informação sobre obras de Mirian Colonna [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por otavio@ibict.br em 12 jun. 2023.

[repassamos a sua solicitação à] sra. Cláudia Rocha, curadora dos Núcleos Desenho Brasileiro e Pintura Brasileira, solicitando o atendimento. Ao mesmo tempo informamos que o MNBA não possui nenhuma obra relacionada pela artista Mirian Colonna" (mensagem pessoal)[28]. Esta pesquisa tão pouco encontrou informações sobre a artista plástica.



Face frontal dos prospectos I a VI da *Coleção Árvores do Brasil*.

[28] NAUS, Felippe. Assistente Administrativo da Divisão Técnica do Museu Nacional de Belas Instituto Brasileiro de Museus - Ibram. (mnba.tecnica@museus.gov.br; rafael.felix@terceirizados.museus.gov.br; Daniel.Silva@museus.gov.br). Pedido de informação sobre obras de Mirian Colonna [mensagem pessoal].
Mensagem recebida por otavio@ibict.br em 17 ago. 2023.



Face frontal dos prospectos VII a XV da *Coleção Árvores do Brasil*.



Face frontal dos prospectos XVI a XXIV da *Coleção Árvores do Brasil*.

BENERVA "ROCHE"

Cloridrato de aneurina (Vitamina B_1)

A vitamina B_1 age especificamente sobre o metabolismo dos hidratos de carbono, sendo portanto indispensável à vida celular. Numerosos estudos têm demonstrado a frequência elevada da hipovitaminose B_1. Indicada nas nevrites e polinevrites, diversos distúrbios cardio-vasculares, certas afecções gastro-intestinais, neurastenia, eretismo nervoso, diabete, etc.

POSOLOGIA:

Varia de 2 a 4 comprimidos de 3 ou de 10 mg., e 1 a 3 ampolas de 5 mg. por dia, até 1 a 2 ampolas de 25 ou de 50 mg., e mais.

ACONDICIONAMENTOS:

Caixas de 6 e de 25 ampolas de 1,1 cc. de 5 mg.
Caixas de 3 e de 25 ampolas de 1,1 cc. de 25 mg. (FORTE)
Caixas de 3 e de 25 ampolas de 1,1 cc. de 50 mg. (FORTISSIMO)
Vidro de 20 comprimidos de 3 mg.
Vidro de 20 comprimidos de 10 mg.

REDOXON "ROCHE"

Acido l-ascórbico (Vitamina C)

Pelas suas propriedades *redutoras-oxidantes* (sistema *redox*), a vitamina C regulariza a respiração celular, constituindo portanto um tônico celular fisiológico. A sua ação terapêutica característica é de aumentar as forças de resistência do organismo. A vitamina C, portanto, é indispensável ou de grande utilidade na maioria dos processos diatésicos, sendo muito amplo o seu uso tanto na medicina interna como na ginecologia e obstetrícia, em pediatria, cirurgia, dermatologia, oftalmologia, neurologia e psiquiatria, estomatologia e odontologia, etc.

POSOLOGIA:

1 - 2 comprimidos de 50 ou de 100 mg., 2 a 3 vezes por dia, ou mais.
1 - 2 ampolas de 100 ou de 500 mg. por dia, ou mais.

ACONDICIONAMENTOS:

Caixas de 6 e de 50 ampolas de 2,2 cc. de 0,1 gr.
Caixas de 3 e de 25 ampolas de 5,5 cc. de 0,5 gr. (FORTE)
Tubo de 20 comprimidos de 0,05 gr.
Vidro de 20 comprimidos de 0,1 gr.

PRODUTOS ROCHE Químicos e Farmacêuticos S. A. - C. Postal 329 - Rio

IMPRIMA RIO — RIO - 813



PAU-BRASIL
(Caesalpinia echinata)

Direitos reservados reg. N.º 685
Escola Nacional de Belas Artes

COLEÇÃO ARTÍSTICA "ROCHE"

Árvores do Brasil

Prancha N.º I — Pau Brasil

EURICO SANTOS

Ao iniciar essa ligeira relação de árvores, indígenas ou exóticas, que em nossas terras vivem, evidentemente teríamos de colocar à *frente*, em lugar de destaque, o famoso e histórico pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), leguminosa que teve a honra de associar seu nome a um dos maiores impérios da terra.

Nos anais do mundo vegetal não consta que tamanha honra coubesse a qualquer outra espécie.

Quando aqui aportaram as caravelas de Cabral, notaram logo os descobridores da nova terra que nela existia o *pau-de-tinta*, o *ibirapitanga* do indígena, coisa semelhante ao brezil, brecilis, bracire, *brasyll*, espécie asiática que conheciam.

E tanto isso é verdade que já de *retôrno* a Portugal, uma das naves levava a notícia do descobrimento, e torna do famoso *pau-de-tinta*.

Delineou-se desde então o papel histórico do *pau-brasil*, pois demarcou ao longo do litoral os pontos em que mais convinha fixar o homem para explorar tal riqueza e tão intensa e importante se tornou a exploração e o consequente comércio que a região passou a ser indicada por terra do *pau-brasil*, terra do brasil e finalmente Brasil.

Esse nome prevaleceu sôbre o de Vera-Cruz e Santa-Cruz, isso com desgôsto dos homens de então, chegando mesmo o cronista João de Barros, em suas "Décadas" a lamentar azedamente, que nomes tão cristãos se mudassem "por influência do diabo dum pau que tinge panos".

Seja como fôr, a árvore que, pelas circunstâncias descritas, deu o nome ao nosso país, merece por êsse fato, uma carinhosa atenção que infelizmente não lhe consagram.

Só agora em 1939, dois eruditos escritores Bernardino José de Souza e Cel. A. L. Pereira Ferraz pagaram o tributo por todos nós, escrevendo com brilho dois volumes formosos "O pau brasil na história nacional", de autoria do primeiro e "Terra da Ibirapitanga", da lavra do segundo.

A árvore histórica é frondosa e de regular porte, chegando a atingir 19 metros, como testemunha um exemplar que plantado em 1873, ainda existe na estrada da Tijuca.

O Jardim Botânico do Rio possue muitos exemplares em várias fases de crescimento.

A sua folhagem delicada, quasi rendada, é de um verde claro, desanuviado, limpido. Magnífica árvore! Linda, leve, luminosa.

O crescimento de *Caesalpinia echinata* é como o do Brasil, lento, mas vigoroso.

E' uma árvore, diz Lamarck, que a descreveu em primeiro lugar, em 1789, que fica muito grossa e muito grande, e cuja casca acinzentada se acha armada de espinhos curtos e esparsos. Seus ramos estiram-se longamente, suas folhas são bipinadas e as flores amarelas que nascem em racimos têm uma metade do labelo, de tonalidade vermelha. O fruto é uma vagem chata, escura, com espinhos.

O corne compacto mostra ele vermelha da brasa.

A madeira, que é de primeira qualidade, emprega-se em marcenaria, construções civis e hidráulicas, mas o seu valor tintório, que tamanha importância lhe assegurava, deixou de ter préstimo.

O *pau-brasil*, que existia principalmente no litoral, desde o Rio de Janeiro ao Rio Grande do Norte, hoje, segundo o botânico G. Kuhlmann, não é frequentemente encontrado.

Zelemos, pois, pela bela árvore, como se fôsse uma relíquia da nacionalidade.

As quatro faces do prospecto I (21 x 15 cm), com uma dobra, da *Coleção Árvores do Brasil*, que reproduz pintura de [Marian] Mirian Colonna e texto de E.S..

e. Coleção *Peixes de Aquário* [1946], gravuras de pinturas [Marian] Mirian Colonna e textos de E.S.: (I) acará-bandeira *Pterophillum scalare*, (II) peixe-do-paraíso *Macropodus cupanus*, (III) peixe-do-paraíso *Macropodus linearis*, peixe-do-paraíso *Macropodus cupanus*, (IV) peixe dourado *Carassius auratus*, (V) rubrostigma *Panchax lineatus*, (VI) rásbora *Rasbora heteromorpha*, (VII) peixe-espada *Xiphorus hellei*, (VIII) plati *Platypoecilus maculatus*, (XIX) barrigudinho mexicano *Lebistesreticulatus*, (X) peixe-vidro *Ambassis lala*, (XI) peixe-de-briga *Betta aplenduns*, (XII) peixe-borboleta *Pantodon buchholzi*, (XIII) *Cichlasoma severum*, (XIV) peixe-jóia *Hemichromis bimaculatus*, (XV) engraçadinho *Hyphessobrycon flamineous*, (XVI) *Rivilus urophtalmus*, (XVII) cauda-vermelha *Aphoyocharax rubripinnis*, (XVIII) Os barbos, (XIX) disco *Symphysodon discus*, (XX) olhos-de-fogo *Hemigrammus ocellifer*, (XXI) *Neolebia ansorgi*, (XXII) arco-iris *Colisa lalia*, (XVIII) borboleta-pintada *Carnegiella stugata*, (XXIV) bandeira-paulista *Brachydanio rerio*.



Face frontal do prospecto XXIII (21 x 15 cm) da *Coleção Peixes de Aquário*,
que reproduz pintura de [Marian] Mirian Colonna e texto de E.S..

"[...] sendo que em 1946 publicaremos uma série de 24 pranchas "Peixes de Aquário".
Assim é que no decorrer de 1946 enviaremos cada mês, em tres envíos separados, duas pranchas "Peixes de Aquário", e uma prancha "Divertimentos e Cenas Populares" (Trecho do verso do prospecto *Ronda de Crianças*, publicado em dezembro de 1945).



Face frontal de prospectos II, IV, V, VI, VII, VIII, IX e X da *Coleção Peixes de Aquário*, que reproduzem pinturas de [Marian] Mirian Colonna.



Face frontal de prospectos XI, XII, XV, XVI, XVIII, XIX, XX e XXI da *Coleção Peixes de Aquário*, que reproduzem pinturas de [Marian] Mirian Colonna.

BENERVA "ROCHE"

Cloridrato de anearina (Vitamina B_1)

A vitamina B_1 age especificamente sobre o metabolismo dos hidratos de carbono, sendo portanto indispensável à vida celular. Numerosos estudos têm demonstrado a frequência elevada da hipovitaminose B_1. Indicada nas nevrites e polinevrites, diversos distúrbios cardio-vasculares, certas afecções gastro-intestinais, neurastenia, eretismo nervoso, diabete, etc.

POSOLOGIA:

Varia de 2 a 4 comprimidos de 3 ou de 10 mg., e 1 a 3 ampolas de 5 mg. por dia, até 1 a 2 ampolas de 25 ou de 50 mg., e mais.

ACONDICIONAMENTOS:

Caixas de 6 e de 25 ampolas de 1,1 cc. de 5 mg.
Caixas de 3 e de 25 ampolas de 1,1 cc. de 25 mg. (FORTE)
Caixas de 3 e de 25 ampolas de 1,1 cc. de 50 mg. (FORTISSIMO)
Vidro de 20 comprimidos de 3 mg.
Vidro de 20 comprimidos de 10 mg.

REDOXON "ROCHE"

Acido l-ascórbico (Vitamina C)

Pelas suas propriedades redutoras-oxidantes (sistema redox), a vitamina C regulariza a respiração celular, constituindo portanto um tônico celular fisiológico. A sua ação terapêutica característica é de aumentar as forças de resistência do organismo. A vitamina C, portanto, é indispensável ou de grande utilidade na maioria dos processos diatésicos, sendo muito amplo o seu uso tanto na medicina interna como na ginecologia e obstetrícia, em pediatria, cirurgia, dermatologia, oftalmologia, neurologia e puericultura, estomatologia e odontologia, etc.

POSOLOGIA:

1 - 2 comprimidos de 50 ou de 100 mg., 2 a 3 vezes por dia, ou mais.
1 - 2 ampolas de 100 ou de 500 mg. por dia, ou mais.

ACONDICIONAMENTOS:

Caixas de 6 e de 50 ampolas de 2,2 cc. de 0,1 gr.
Caixas de 3 e de 25 ampolas de 5,3 cc. de 0,5 gr. (FORTE)
Tubo de 20 comprimidos de 0,05 gr.
Vidro de 20 comprimidos de 0,1 gr.

PRODUTOS ROCHE Químicos e Farmacêuticos S. A. - C. Postal 329 - Rio



ACARÁ-BANDEIRA (*Pterophillum scalare*)

COLEÇÃO ARTÍSTICA "ROCHE"

Peixes de Aquário

Prancha N.º 1 — Acará-bandeira

EURICO SANTOS

Na opinião universal dos aquaristas, o *acará-bandeira* (*Pterophillum scalare*) é o rei dos peixes de aquário.

Inquestionavelmente a sua figura toma ares soberanos e majestáticos entre a vegetação do fundo dos aquários, levando-nos a sonhar que assim devem ser as paisagens submersas das profundidades fluviais, onde demoram os palácios verdes, o reino encantado dos iaras e outras divindades indígenas que, se não moram no fundo de lagos e lagôas, ao menos vivem no cérebro da gente sonhadora que habita o rio das amazonas.

O *acará-bandeira*, que é azul-verde-oliva-pratead**o**, ornado de três listras verticais escuras acinzentadas, ostenta barbatanas e exageradas nadadeiras dorsais e anais, que lhe emprestam figura romboidal muito típica e esquisita.

As nadadeiras ventrais prolongam-se em hastes, que se encurvam ao sentido do corpo.

Em seu habitáculo natural, da bacia amazônica, nos lagos, enseadas, cursos dágua tranquilos, sempre com abundante vegetação aquática, vemo-los nadando em pequenos bandos, próximos das margens, raramente no meio da corrente.

Nos aquários mantêm-se com elegância e mansidão, extasiando os que lhes apreciam as evoluções como se fôssem minúsculas galeras empavesadas.

No pequeno mundarinho do aquário bem se aveem e catão contentes, comendo, nadando e se reproduzindo.

Entre novembro e maio, aqui no Distrito Federal, o *acará-bandeira* cuida da reprodução da espécie.

A fêmea escolhe um sítio apropriado, entre 10 a 25 cms. do fundo do aquário, onde vicejam plantas. Feito o local, a fêmea, com cuidados maternais, começa por proceder a uma meticulosa limpeza na folha ou talo em que vai depôr os ovos. O macho, em regra, também dá uma ajudazinha moderada.

Avalia-se a importância desta operação preliminar pelo fato de demorar seguramente três dias, findo os quais se inicia a postura, em séries de 8-15 ovos, mediando entre cada série, 5 a 10 minutos.

À proporção que os ovos são depostos, o macho os fecunda.

Uma fêmea nova põe 50 ovos ou pouco mais, porém, uma adulta, em boa condição, poderá pôr até 1200 ovos.

Nesse momento transcendental, o casal não admite que o perturbe e se acaso tal ocorre, de pronto desmancha tôda a postura e, como Saturno, come os filhos embora ainda embrionários.

Feita a postura, sem incidentes, o par fica nas imediações para defender a prole em incubação, e, ao fim de 40 horas surgem os alevinos.

Nascem e se mantêm aderidos às folhas onde surgiram, isso durante uns dez dias. Os pais vigiam-nos ainda e mudam-nos de um lugar para outro, apanhando-os na boca e após projetando-os para o lugar em que devem ficar.

Durante os primeiros dias em que já nadam, igualmente os pais os acompanham.

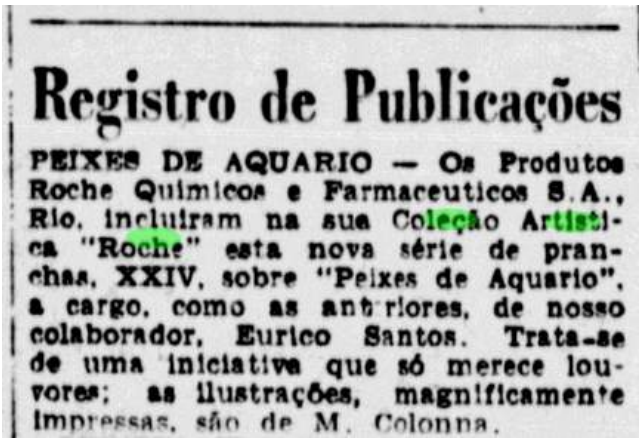
Ao fim de 15 dias, já vivem por conta própria e aos trinta já mostram o aspecto típico da raça, em miniatura.

O acará-bandeira alcança 16 cms. de comprimento, por outro tanto de altura e até mais.

Existem três espécies, entre as quais *P. altum*, que mede mais ou menos 14 cms. de comprido por 22 cms. de altura. Todos são belos ornamentos de aquário, onde chegam a viver durante dez anos.

Direitos reservados reg. N.º 706
Escola Nacional de Belas Artes

As quatro faces do prospecto I (21 x 15 cm), com uma dobra, da *Coleção Peixes de Aquário*, que reproduz pintura de [Marian] Mirian Colonna e texto de E.S..

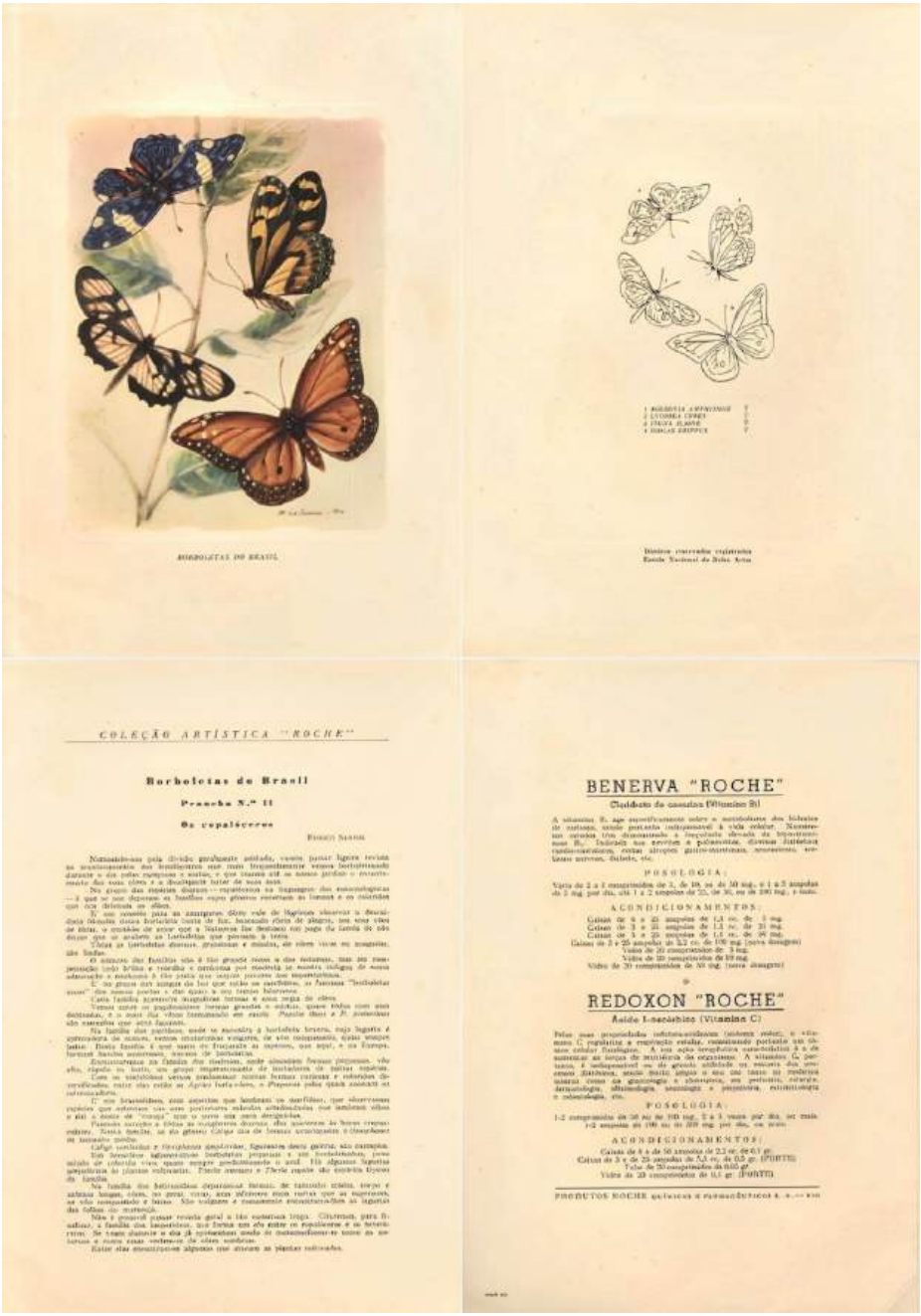


Registro de Publicações

PEIXES DE AQUARIO — Os Produtos Roche Quimicos e Farmaceuticos S.A., Rio, incluiram na sua Coleção Artistica "Roche" esta nova série de pranchas, XXIV, sobre "Peixes de Aquario", a cargo, como as anteriores, de nosso colaborador, Eurico Santos. Trata-se de uma iniciativa que só merece louvores; as ilustrações, magnificamente impressas, são de M. Colonna.

Única nota encontrada nos jornais cariocas, sobre as Coleções Artísticas Roche, publicada em *O Jornal*, 4 ago. 1946, p.6.

f. Coleção *Borboletas do Brasil* [194?], gravuras de pinturas de [Marian] Mirian Colonna e textos de E.S.: (I) Borboletas do Brasil, II) Os ropalóceros, (III) Os heteróceos, (IV) O ciclo vital dos lepidopteros, (V) As lagartas, (VI) Ainda as lagartas, (VII) As crisálidas, (VIII) Ainda as crisálidas, (XIX) Como se alimentam, (X) Como escapam aos seus inimigos, (XI) As mais belas de todas, (XII) As preciosidades, (XIII) As curiosidades, (XIV) As que fabricam seda, (XV) As que valem dinheiro, (XVI) Nuvens de borboletas, (XVII) A bruxa beija-flor, (XVIII) Coleções e colecionadores[29];



As quatro faces do prospecto II (25,5 x 18 cm), com uma dobra, da *Coleção Borboletas do Brasil*, que reproduz pintura de [Marian] Mirian Colonna e texto de E.S..

[29] Curiosidade: item desta coleção consta no acervo da Biblioteca Borchardt, La Trobe Universityna, Australia. Disponível: https://search.lib.latrobe.edu.au/permalink/f/ns71rj/Almalu 211912868 1000 2146 . Acesso em: 3 out. 2023.



Face frontal dos prospectos III, IV, V e VI da *Coleção Borboletas do Brasil*,
que reproduzem pinturas de [Marian] Mirian Colonna.



Face frontal dos prospectos VII, VIII, XIX e X da *Coleção Borboletas do Brasil*,
que reproduzem pinturas de [Marian] Mirian Colonna.



Face frontal dos prospectos XI, XII, XIII e XIV da *Coleção Borboletas do Brasil*, que reproduzem pinturas de [Marian] Mirian Colonna.



Face frontal dos prospectos XV, XVI, XVII e XVIII da *Coleção Borboletas do Brasil*, que reproduzem pinturas de [Marian] Mirian Colonna.

g. Coleção *Cães Domésticos* [194?], gravuras de pinturas de [Marian] Mirian Colonna e textos de E.S.: (I) O Mastim [e Boxer], (II) O Galgo Russo, (II) O Tekel, (IV) O Buldogue Francês, (V) O Dinamarquês, (VI) O Cão de São Bernardo, (XIX) O Papillon, (XVII) O Fox-Terrier pêlo de arame e o Airedale, (XIX) O Pequinês, (XX) O Buldogue [inglês], [?] Caniche (poodle, [?] Cão da Alsácia, [?] Cão de Brie, [?] Cocker Spaniel e Cocker Springer, [?] Colley, [?] Doberman, [?] Fox-terrier, Bul-terrier, Scotich-terrier, [?] Greyhound [Saluki?], [?] Loulou da Pomerânia, [?] Pointer, [?] O cão de São Humberto [Boloodhouse], [?] Setter Inglês e Setter Irlandês;



Face frontal dos prospectos *Buldogue Inglês e Buldogue Francês* da *Coleção Cães Domésticos*, que reproduzem pinturas de [Marian] Mirian Colonna.



Face frontal dos prospectos *Colley e Fox Terrier - Bull Terrier - Scottish Terrier* da *Coleção Cães Domésticos*, que reproduzem pinturas de [Marian] Mirian Colonna.



Face frontal de prospectos da *Coleção Cães Domésticos*, que reproduzem pinturas de [Marian] Mirian Colonna.

ACETYLCHOLINE "ROCHE"

Estimulante do parasimpático
Vasodilatador periférico

A ação característica da acetilcolina é uma *vasodilatação periférica* intensa, sendo portanto numerosas e importantes as suas indicações: espasmos vasculares, doença de Raynaud, gangrena, manifestações da hipertensão, hemiplegia, ankiloses, osteoporose, formação de cal retardada, úlcera varicosa, nopéia areata, espasmos do retina, atrofia do nervo ótico, etc.

ACONDICIONAMENTOS:

Caixas de 6 e 50 ampolas de 0,1 gr. de cloridrato de acetilcolina.
Caixa de 6 ampolas de 0,2 gr. de cloridrato de acetilcolina.

Cada caixa contem tambem 6 ampolas de 2 cc. de agua bi-destilada esterilizada, destinada ao preparo da solução.

•

DIGALÈNE "ROCHE"

Complexo digitálico total

A Digalène "Roche" contem todos os princípios terapêuticamente ativos da folha de digital purpúrea. A associação destes (digitoxina, gitalina, gitoxina e suas geninas) assegura à Digalène uma ação muis completa e menos brusca do que a da digitoxina isolada. A Digalène é de composição constante, a sua estabilidade é perfeita, ela é bem tolerada pelo trato gastro-intestinal e pode ser administrada por via bucal, parenteral, intra-peritoneal, retal e mesmo intracardial.

POSOLOGIA:

Adultos (doses médias): 15 gotas 2-3 vezes por dia, ou 1-2 ampolas por dia.
Crianças: 1-2 gotas por ano de idade, 1-2 vezes por dia.

ACONDICIONAMENTOS:

Caixas de 6 e de 50 ampolas de 1,1 cc.
Vidro de 15 cc.

PRODUTOS ROCHE Químicos e Farmacêuticos S.A. - C. Postal 329 - Rio



BULDOGUE INGLÊS

Direitos reservados reg. N.º 729
Escola Nacional de Belas Artes

COLEÇÃO ARTÍSTICA "ROCHE"

Cães Domésticos

Prancha N.º XX — O Buldogue

EURICO SANTOS

Os homens ao praticarem a façanha de domesticar animais selvagens não tiveram outro fito que procurar utilidades e comodidades.

Os lôbos e chacais que se transformaram em cães domésticos, através de cruzamentos, criaram raças que com outros sucessivos cruzamentos entre elas deram motivo a essas quasi duzentas raças de cães domésticos.

O fim em mira foi criar primeiramente animais de guarda, depois de combate ou guerra, e após de caça, guarda de rebanhos, e finalmente, outros misteres, indo até ao cão de companhia e luxo.

Os inglêses, grandes mestres na arte de criar animais, entre outras raças notáveis apresentam o seu *Bull-dog*, de remarcado aspecto e magnífica fealdade.

Ninguem sabe ao certo como lhes saiu das mãos aquela preciosidade.

Sabe-se apenas que tendo em mira um tipo de animal capaz de agarrar o inimigo sem jamais deixá-lo, só havia um meio, ideiar o buldogue, de largas guelas, ventas esborrachadas, com os incisivos recuados e os caninos proeminentes, dentes êsses que se cruzariam pela incurvação da mandíbula.

Claro que êsse programa zootécnico não estava ao alcance do homem e sim da Natureza que através da mutação brusca, por vêzes, lhe dá certas oportunidades.

Realmente o cão buldogue surgiu de uma mutação brusca, semelhante à que se verificou entre os bovinos prognatas que no Chile são denominados nhatos (*nãtos*).

De posse de tal tipo, os criadores, através da seleção, obtiveram a raça que hoje se acha espalhada no mundo e que através de cruzamentos originou outras, cujo prognatismo, mais ou menos acentuado, atesta a sua ascendência, como o buldogue francês o Boxer, o Carlin, o Boston, etc.

Como em tudo os britânicos se mostram utilitários e esportistas logo ideiam um esporte, muito apropriado a essa raça canina: o combate de cães.

Tal divertimento empolgou o público daquelas eras e chegou a se tornar o esporte genuinamente inglês, como Walter Scott o descreve na obra "O Castelo de Kenilworth".

Os romanos, anteriormente, também se apraziam com o bárbaro espetáculo da luta de cães de grande porte como mastins e molossos, com ursos, lobos etc.

A invenção felizmente não era inglesa e, em breve, surgiu uma campanha contra o esporte, que teve de desaparecer da Inglaterra.

Em tal ensêjo um dêsses aficionados, que sempre os há em toda especie de esporte, trouxe o seu protesto e uma petição dirigida á rainha Elisabeth, lamentando que se suprimisse um espetáculo tão eminentemente inglês, em substituição a distrações indignas de seu caráter.

As distrações indignas a que se referia o peticionário nada mais eram que (palavras textuais) "peças de teatro de um certo Shakespeare que corrompiam o espírito da juventude por toda sorte de disparates e invenções romanescas".

Felizmente para honra da espécie humana, desapareceu do mundo, o horrendo esporte. Os anais da história mal guardam o nome do singular peticionário e aquele "certo Shakespeare" continua sendo o mais profundo conhecedor do estranho, contraditório, mesquinho e magnânimo coração humano.

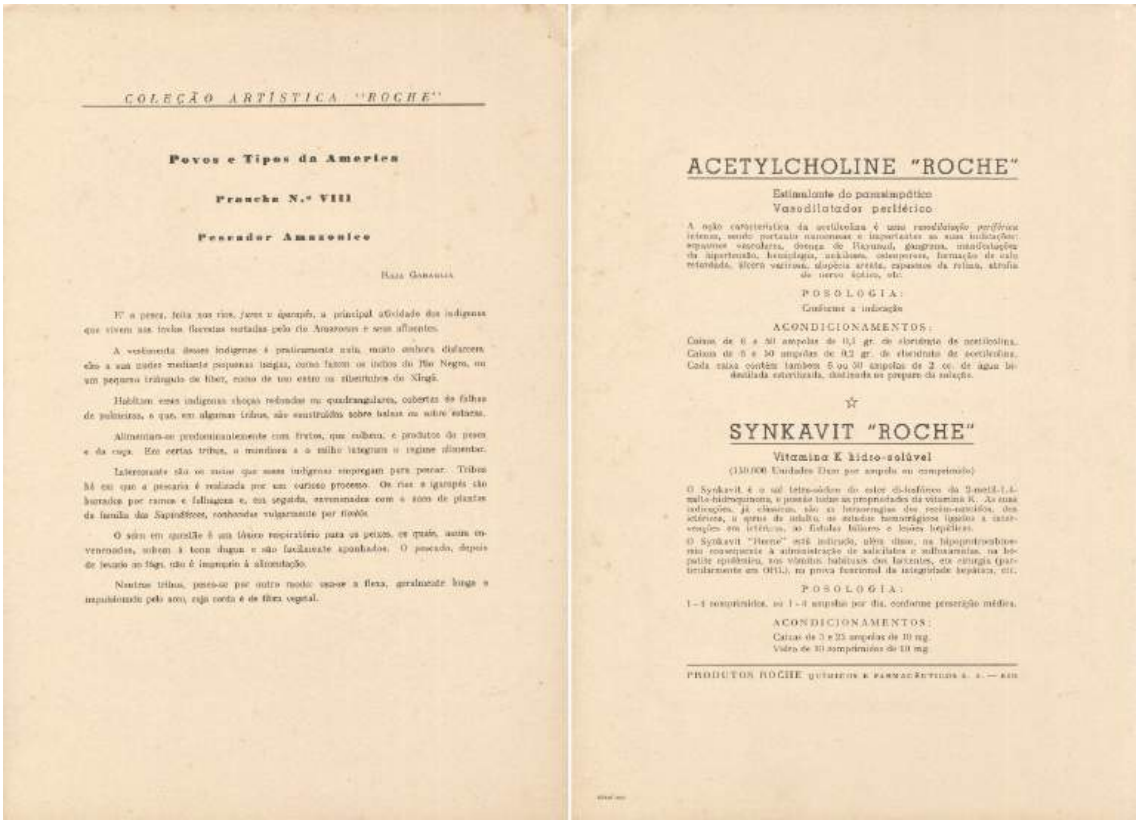
As quatro faces do prospecto XX (21 x 15 cm), com uma dobra, da *Coleção Cães Domésticos*, que reproduz pintura de [Marian] Mirian Colonna e texto de E.S..

h. Coleção *Povos e Tipos da América* [1947?], gravuras de pinturas de [Marian] Mirian Colonna e textos de Raja Gabaglia[30]: (I) Os Esquimós, (II) Peles Vermelhas, (III) Os Apaches, (IV) Ceramistas Asteques, (V) Guatemaltecos, (VI) Antilhanas, (VII) Indígenas da Colômbia, (VIII) Pescador Amazônico, (IX) Marajoaras, (X) Carajás, (XI) Vaqueiro Nordestino, (XII) Baianas, (XIII) Gaúchos, (XIV) Indígenas do Chaco, (XV) Indígenas Peruanos, (XVI) Indígenas Bolivianos, (XVII) Araucanos, (XVIII) Fuegustoinos.



Face frontal do prospecto VIII (26 x 18 cm) da *Coleção Povos e Tipos da América* que reproduz a gravura *Pescador Amazônico* de Mirian Colonna.

[30] Provavelmente, o autor dos textos dos prospectos da Coleção Povos e Tipos da América foi Fernando Antônio Raja Gabaglia (1895-1954), nascido na cidade do Rio de Janeiro, filho do matemático e professor Eugênio de Barros Raja Gabaglia (1862-1919). Formou-se em ciências jurídicas e sociais na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Em 1917, seguindo os passos do pai, prestou concurso para professor de geografia do Colégio Pedro II, sendo aprovado em primeiro lugar com sua tese publicada um ano antes em forma de livro: As Fronteiras do Brasil. Também exerceu a livre docência de Direito Internacional na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. O irmão, João Capistrano Raja Gabaglia (1904-1953), também lecionava no Colégio Pedro II e ambos foram consultores do Conselho Nacional de Geografia. Atuante no Conselho Nacional de Educação, Raja Gabaglia foi um dos intelectuais propulsores da geografia moderna no Brasil. Escreveu vários livros didáticos e outros sobre geografia, história e direito, sendo respeitado como uma das expressões da cultura brasileira (Cabral, 2022; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1954).



COLEÇÃO ARTÍSTICA "ROCHE"

Povos e Tipos da America

Prancha N.º VIII

Pescador Amazonico

RAUL GORADIA

O peixe, feita nas rios, furos e igarapés, a principal atividade dos indígenas que vivem nas ilhas florestas outadas pelo rio Amazonas e seus afluentes.

A vestimenta desses indígenas é praticamente nula, muito embora disfarcem, ela a sua nudez mediante pequenas tangas, como fazem os índios do Rio Negro, ou um pequeno triângulo de fiber, como os do estreito de Xingú.

Habitam esses indígenas choças redondas ou quadrangulares, cobertas de folhas de palmeiras, o que, em algumas tribus, são construídas sobre balsas ou sobre estacas.

Alimentam-se predominantemente com frutos, que colhem, e produtos do peixe e da caça. Em certas tribus, o mandioca e o milho integram o regime alimentar.

Interessante são os meios que esses indígenas empregam para pescar. Tribus há em que a pescaria é realizada por um curioso processo. Os rios e igarapés são barrados por ramos e folhagens e, em seguida, envenenadas com o sumo de plantas da familia das Sapindáceas, conhecidas vulgarmente por timbó.

O sêco em aguardente é um ótimo respiratório para os peixes, os quais, assim envenenados, sobem à tona dagua e são facilmente apanhados. O pescado, depois de lavado em água, não é inimigo à alimentação.

Nestas tribus, pesca-se por outro modo usa-se a flexa, geralmente longa e impulsionada pelo arco, cuja corda é de fibra vegetal.

ACETYLCHOLINE "ROCHE"

Estimulante do parassimpático
Vasodilatador periférico

A ação característica da acetilcolina é uma vasodilatação periférica intensa, sendo portanto nitidamente a suas indicações: espasmos vasculares, doença de Raynaud, gangrena, manifestações de hipertensão, hemiplegia, acidoses, osteoporose, formação de calo retardado, úlcera varicosa, alopécia areata, espasmos da retina, atrofia do nervo óptico, etc.

POSOLOGIA:

Conforme a indicação

ACONDICIONAMENTOS:

Caixas de 6 e 50 ampolas de 0,1 gr. de cloreto de acetilcolina.
Caixas de 6 e 50 ampolas de 0,2 gr. de cloreto de acetilcolina.
Cada caixa contém também 6 ou 50 ampolas de 2 cc. de água bidestilada esterilizada, destinada ao preparo da solução.

☆

SYNKAVIT "ROCHE"

Vitamina K hidro-solúvel

(150.000 Unidades Dton por ampola ou comprimido)

O Synkavit é o sal tetra-sódico do ester di-fosfórico do 2-metil-1,4-naftohidroquinona, e possue todas as propriedades da vitamina K. As suas indicações, já clássicas, são as hemorragias dos recém-nascidos, das icterícias, o apoio da cirurgia de grandes hemorragias ligadas à afecções em icterícias, as fístulas biliares e lesões hepáticas.

O Synkavit "Roche" está indicado, além disso, na hipoprotrombinemia consequente à administração de salicilatos e sulfonamidas, na hepatite epidêmica, nas vômitos habituais das lactentes, em cirurgia (particularmente em OTL), na prova funcional da integridade hepática, etc.

POSOLOGIA:

1 – 4 comprimidos, ou 1 – 4 ampolas por dia, conforme prescrição médica.

ACONDICIONAMENTOS:

Caixas de 5 e 25 ampolas de 10 mg.
Vidro de 50 comprimidos de 10 mg.

PRODUTOS ROCHE QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS S. A. — RIO

Terceira e quarta faces do prospecto que reproduz a gravura *Pescador Amazônico*.



CARAJÁS

VAQUEIRO NORDESTINO

Face frontal dos prospectos da *Coleção Povos e Tipos da América* que reproduzem as gravuras *Carajás* e *Vaqueiro Nordestino* de [Marian] Mirian Colonna.

Em dezembro de 1945, a Roche publicou um prospecto com a gravura *Ronda de Crianças*, inaugurando a (i) Coleção *Divertimentos e Cenas Populares* (1945-46)[31], com gravuras de Roger van Rogger (1914-1983): (0) Ronda de Crianças, (I) O Circo, (II) Os Dançarinos, (III) O Descanso dos Clowns, (IV) Os Ciganos, (V) Os Equilibristas, (VI) Taberna, (VII) A Máscara Roxa, (VIII) Casamento de Aldeia, (IX) O Palhaço, (X) Quermesse Flamenga, (XI) Arlequim, (XII) Após a Vindima.

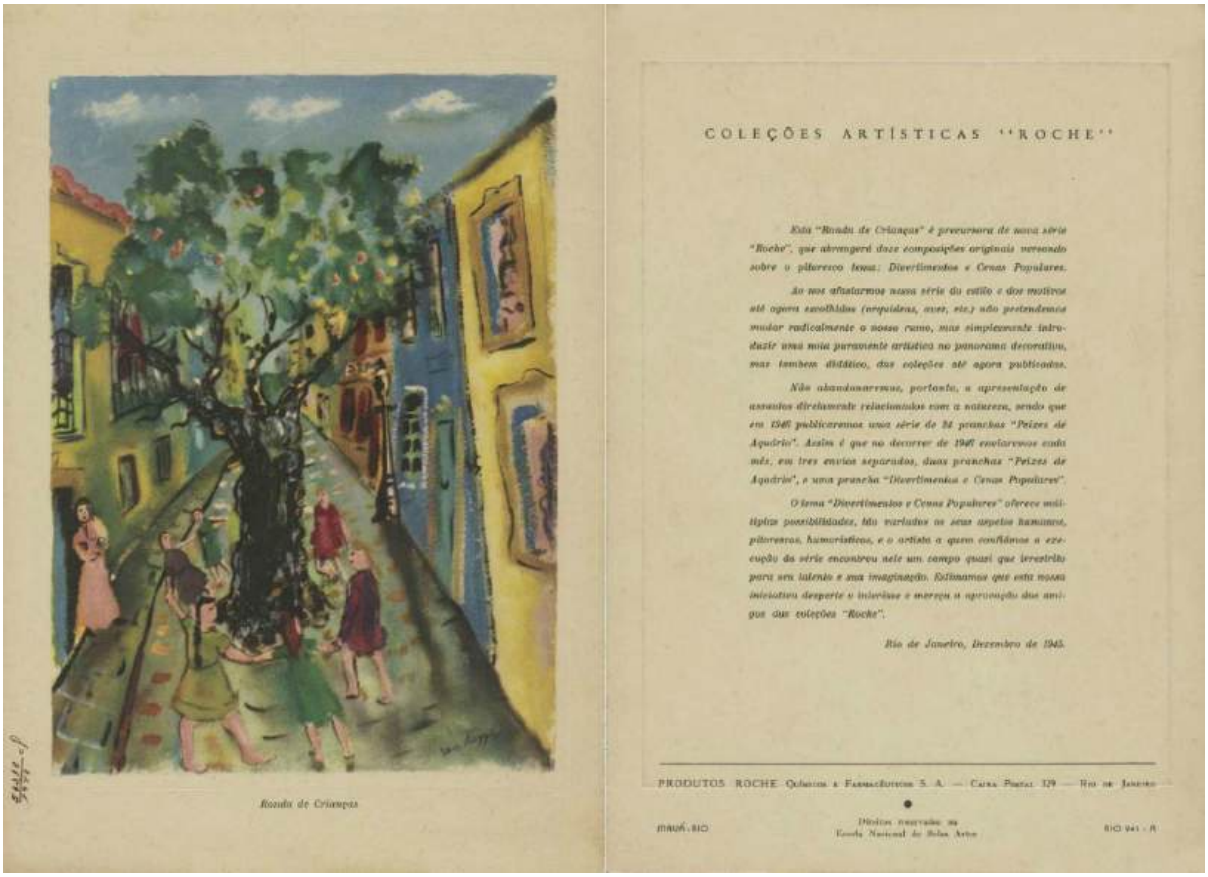
> Ao nos afastarmos nessa série [Divertimentos e Cenas Populares] do estilo e dos motivos até agora escolhidos (orquídeas, aves, etc.) não pretendemos mudar radicalmente o nosso rumo, mas simplesmente introduzir uma nota puramente artística no panorama decorativo, mas também didático, das coleções até agora publicadas. Não abandonaremos, portanto, a apresentação de assuntos diretamente relacionados com a natureza [...].



Face frontal de prospectos (26 x 18 cm) da Coleção *Divertimentos e Cenas Populares*, que reproduzem as gravuras das pinturas de Roger van Rogger.

[31] Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=88167 . Acesso em: 14 set. 2023.

Esta “Ronda de Crianças” é precursora de nova série “Roche”, que abrangerá doze composições originais versando o pitoresco tema: Divertimentos e Cenas Populares. Ao nos afastarmos nessa série do estilo e dos motivos até escolhidos (orquídeas, aves, etc.) não pretendemos mudar radicalmente o nosso rumo, mas simplesmente introduzir uma nota puramente artística no panorama decorativo, mas também didático, das coleções até agora publicadas. [...] O tema [...] oferece múltiplas possibilidades, tão variados os seus aspetos humanos, pitorescos, humorísticos, e o artista a quem confiámos a execução da série encontrou nele um campo quase que irrestrito para seus talento e imaginação. Estimamos que esta nossa iniciativa desperte o interesse e mereça a aprovação dos amigos das coleções “Roche”.



Frente e verso de prospecto da prospecto *Ronda de Crianças*[32], que reproduz a gravura de Roger van Rogger[33]. Acervo da Biblioteca Nacional.

[32] Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=88167 . Acesso em: 14 set. 2023.
[33] Roger Silberfeld (1914-1983) foi um pintor e poeta flamengo nascido na Antuérpia, Bélgica, em uma família judia de origem polonesa. Ficou órfão de mãe aos três anos de idade e, aos sete, passou a frequentar igrejas e museus onde admirava grandes mestres flamengos, despertando a sua vocação para poesia e pintura. Ele abandonou a família, que se recusou a deixá-lo estudar pintura, e passou a usar o sobrenome flamengo (idioma preferido por ele) de "Van Rogger" (ou seja: Roger, filho de Roger): “Então, aos 18 anos, decidi ser minha própria Sorbonne, minha própria raça e meus próprios ancestrais”. Em 1940, foi preso na Bélgica, sem motivo aparente, a não ser pela sua origem judaica. Fugiu alguns meses após a prisão e foi viver na França, onde se juntou à resistência ao nazismo. Forçado a exilar-se, mudou-se para o País Basco em 1943, partindo para o Brasil onde permaneceu por sete anos: “Começando do zero, podemos ficar aquém da verdade do dia, podemos repetir verdades que todos conhecem, mas também podemos refazer a nossa verdadeira educação humana. Não é fácil fazer arte no Brasil”. Tornou-se um pintor internacionalmente famosos. Em 1950, retornou à França (Fundação Van Rogger, 2023).

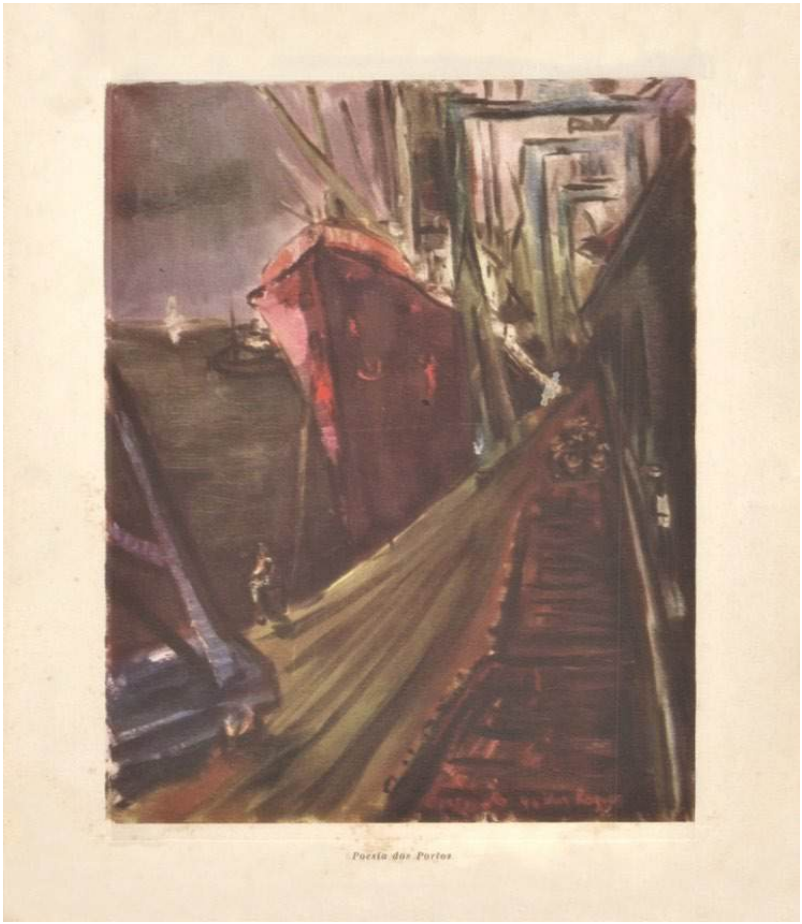


Frente e verso de prospectos (26 x 18 cm) da *Coleção Divertimentos e Cenas Populares*[34], que reproduzem as gravuras *O Circo* e *O Palhaço*, de Roger van Rogger.

[34] Acervo da Biblioteca Nacional, Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=88166 . Acesso em: 14 set. 2023.

j. Coleção *Poesia dos Portos do Brasil* [1948], gravuras de Roger van Rogger (1914-1983): (I) Poesia dos Portos, (II) Aracajú, (III) Baía, (IV) São Francisco do Sul, (V) Natal, (VI) Recife, (VII) Maceió, (VIII) Cabedelo, (IX) São Luís do Maranhão, (X) Fortaleza, (XI) Amazonas, (XII) Santos, (XIII) Rio Grande do Sul, (XIV) Paranaguá, (XV) Rio de Janeiro, (XVI) Vitória, (XVII) Angra dos Reis, (XVIII) São João da Barra, (XIX) Belém;[35]

> Em 1946, van Rogger recebeu uma encomenda dos laboratórios farmacêuticos ROCHE para pintar os portos do Brasil. Essas pinturas destinavam-se a integrar a "Coleções Artísticas Roche", e reproduções de 19 delas foram distribuídas a médicos com uma legenda, no verso, referente ao porto em questão. Esta encomenda honrada pela beleza destas pinturas, que formam um todo de grande harmonia, parece também deliberadamente desviada pelo pintor, que não faz das suas pinturas uma reprodução realista de cada porto, mas sim uma representação pessoal da atmosfera portuária que ele conheceu tão bem desde a infância (Fundação van Rogger, 2023).



Frente de prospecto I (30 x 26 cm) — apresentação da Coleção *Poesia dos Portos do Brasil* — que reproduz a pintura a óleo *Poesia dos portos* (1946), de Roger van Rogger.

[35] Curiosidade: a coleção consta do catálogo da National Library of Australia.
Disponível em: https://catalogue.nla.gov.au/catalog/985661. Poesia dos portos também está disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=88168 . Acesso em: 15 set. 2023.

“... Será um porto devéras? Não; é uma dessas quadras que não merecem a rigor aquele nome, porque surgem e se desenvolvem por toda a Amazonia. Uma velha barca comida de atrito das aguas e da chuva e os depósitos do petróleo internacional: vermelhos e amarelos. Um contraste permanente com a beleza grandiosa e ascética da paisagem, fazendo cismar nos textos bíblicos da criação do mundo, cuja seiva parece jorrar das planicies de vegetação luxuriosa, e que se adivinham adeante, sob um céo lacerado do fluxo torrencial das aguas...” (Roger van Rogger).



Frente e verso do prospecto XI (26 x 30 cm) da Coleção *Poesia dos Portos do Brasil*, que reproduz a pintura a óleo (65 x 81 cm) do porto de *Manaus*, de Roger van Rogger.

"...O porto visto do outro lado... Largas aguas espelhantes, grandes navios, e as enormes construções do trafico maritimo. Uma luz que brinca por toda a parte, indiferente à saturação dos portos de classe, a esse cheiro de alcataão, de mercadorias deterioradas e de cereais novos, de sacarias e de tintas frescas... A sensação, sem suma, do embate das ondas e dos ritmos intermináveis dos navios e das riquezas que chegam, e das riquezas e navios que partem..." (Roger van Rogger).



Verso e frente do prospecto XII (26 x 30 cm) da Coleção *Poesia dos Portos do Brasil*, que reproduz a pintura a óleo (65 x 81 cm) do porto de *Santos*, de Roger van Rogger.



Mosaico das pinturas que compõem a Coleção *Poesia dos Portos do Brasil*: Aracajú, Baía, São Francisco do Sul, Natal, Recife, Maceió, Cabedelo, São Luís do Maranhão, Fortaleza, Rio Grande do Sul, Paranaguá, Rio de Janeiro, Vitória, Angra dos Reis, São João da Barra e Belém.

I. Coleção *Igrejas do Brasil* [194?], gravuras (26 x 30 cm) das telas a óleo de Wim L. [Willem Leendert] van Dijk: (I) A Igreja do Espírito Santo, Recife, Pernambuco[36]; (II) A Igreja de S. Pedro dos Clérigos, Recife, Pernambuco[29]; (III) A Igreja de N. S. do Carmo, Recife, Pernambuco[29]; (IV) A Igreja de N. S. da Boa Vista, Recife, Pernambuco[232]; (V) A Igreja de N. S. das Neves, Olinda, Pernambuco[29]; (VI) A Igreja de N. S. dos Prazeres, Guararapes, Pernambuco[29]; (VII) Largo do Pelourinho, S. Salvador, Bahia[29]; (VIII) Interior do Convento de S. Francisco, S. Salvador, Bahia[29]; (IX) A Igreja de São João de Olinda, Pernambuco[29]; (X) Largo do Pelourinho, S. Salvador, Bahia[232]; (XI) A Igreja de S. Francisco, Ouro Preto, Minas Gerais[29]; (XII) A Igreja de S. Francisco, S. João del Rey, Minas Gerais[29]; (XIII) A Igreja de N. S. do Ó, Sabará, Minas Gerais[29]; (XIV) A Igreja do Senhor Bom Jesus do Matosinhos, Congonhas do Campo, Minas Gerais[29]; (XV) Convento dos Jesuítas, Paranaguá, Paraná[29]; (XVI) Ruínas de São Miguel, Rio Grande do Sul[30]; (XVII) Capela de São Francisco em Rio Pardo, Rio Grande do Sul[30]; (XVIII) A Igreja de Viamão, Rio Grande do Sul[37]; (XIX) Igreja de N. S. da Luz, São Paulo[38]; (XX) Igreja de N. S. do Rosário, São Paulo[31]; (XXI) Três Igreja de Igarassu, Pernambuco[29].



Gravuras usadas na face frontal de prospectos da *Coleção Igrejas do Brasil* (I, II, X e XII), que reproduzem pinturas a óleo de Wim van Dijk.

[36] Texto de Robert C. Smith, professor de História da Arte na Universidade de Pensilvânia.
[37] Texto do professor Fernando Corona, catedrático do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul.
[38] Texto do professor Affonso de F. Taunay, antigo diretor do Museu Paulista.



WIM. L. VAN DIJK — LARGO DO PELOURINHO — S. SALVADOR - BAHIA

VII — LARGO DO PELOURINHO

de WIM. L. VAN DIJK

(Quadro a óleo 0,95 x 0,81)

(Descrição de Robert C. Smith, Prof. de História da Arte na Universidade de Pensilvânia)

Diz-se haver em S. Salvador uma igreja para cada dia do ano, o que não deixa de ser exagêro. Todavia, mirando-se o horizonte em certas partes da velha cidade, é-se tentado a acreditar em tal afirmação. A cidade de S. Salvador é, como Olinda, construída sôbre uma série de colinas. Ruas íngremes ligam as cidades alta e baixa e vícios de suas praças estão dispostos sôbre terreno extremamente acidentado.

Numa dessas praças encontra-se, outrora, o pelourinho colonial, monumento exibindo as armas reais de Portugal, símbolo da autoridade e das leis daquêle país. Já não mais existe o pelourinho, porém o cenário não sofreu mudanças essenciais desde o fim do período colonial. Figura em primeiro plano a igreja de N. S. do Rosário, construída em fins do século XVIII por uma confraria negra. Sua fachada apresenta ornamentos de pedra, inspirados nas formas arquitetônicas então em voga em Lisboa. Atrás da igreja de N. S. do Rosário, circundada por casas antigas, erguem-se as torres gêmeas da igreja contemporânea da 3.ª Ordem Carmelita, cujos azulejos de portas e janelas foram importados de Portugal. Além, divisa-se a torre isolada da igreja dos frades carmelitas, que talvez ter estado em construção em 1709.

COMPLEXO B "ROCHE"

5 FATORES B ESSENCIAIS

Ampolas
Drágeas
Xarope

GANTRISIN "ROCHE"

SULFISOXAZOL

ANTI-INFECCIOSO ALTAMENTE
ATIVO E PRATICAMENTE
ATOXICO

Ampolas
Comprimidos

PROSTIGMINE "ROCHE"

ESTABILIZADOR DA
ACETILCOLINA
PARASSIMPATICOMIMETICO

Ampolas
Comprimidos
Gotas oftálmicas

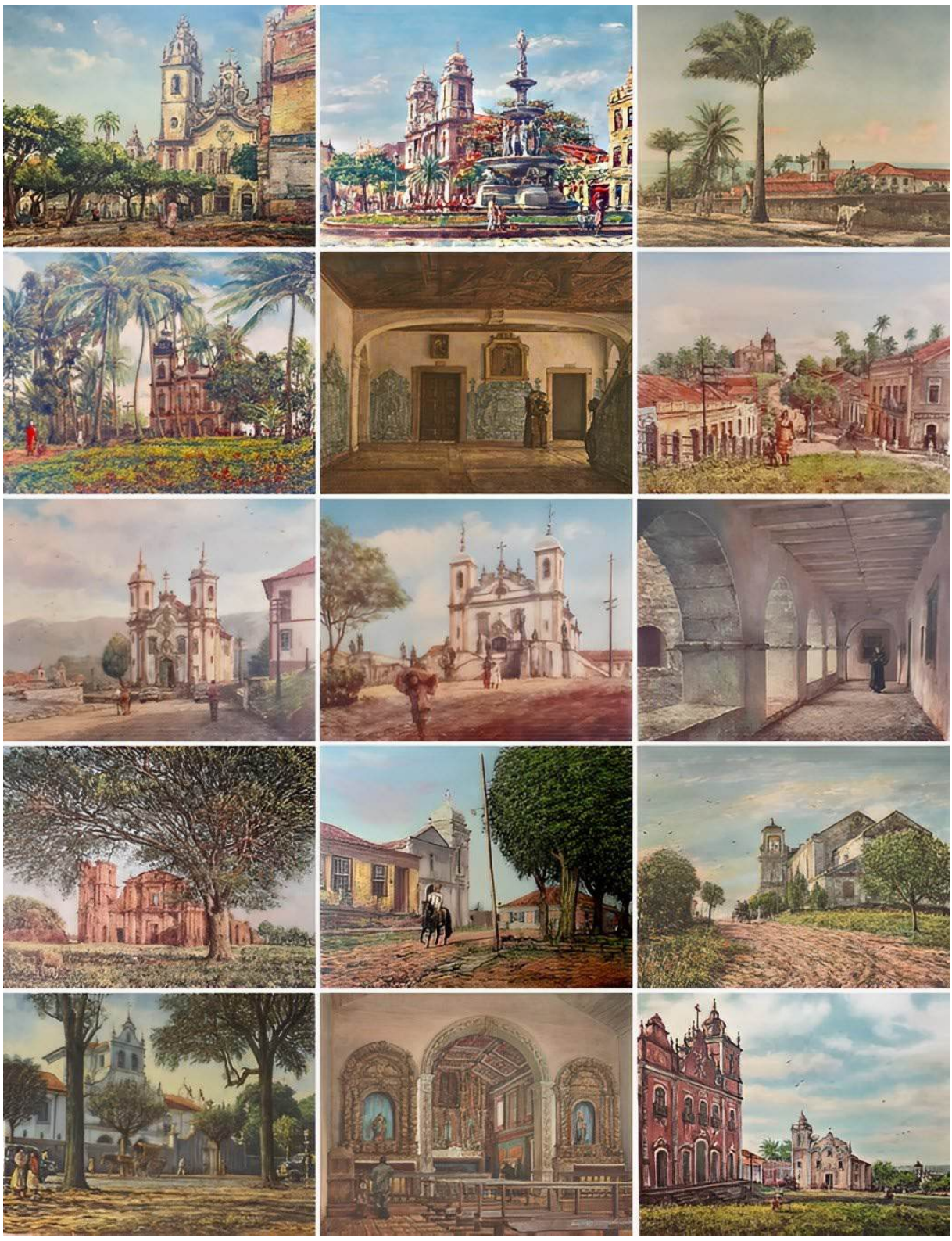
VITAMINETAS "ROCHE"

9 VITAMINAS E 5 MINERAIS
EM CADA
Drágea

PRODUTOS ROCHE QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS S. A.
Rua Morais e Silva, 38 — Rio de Janeiro

Direitos reservados reg. N.º 802
Escola Nacional de Belas Artes

Frente e verso de prospecto VII (26 x 30 cm) da *Coleção Igrejas do Brasil* que reproduz pintura a óleo *Largo do Pelourinho* [194?], de Wim van Dijk, e descrição de Robert Smith.



Gravuras usadas na face frontal de prospectos (26 x 30 cm)
da *Coleção Igrejas do Brasil* (III, IV, V, VI, VIII, XIX, XI, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX e XXI),
que reproduzem pinturas a óleo de Wim van Dijk.



Gravura usada na face frontal do prospecto XIII — *Igreja de Nossa Senhora do Ó*,
em Sabará, Minas Gerais — da *Coleção Igrejas do Brasil*,
que reproduze pintura a óleo de Wim van Dijk.



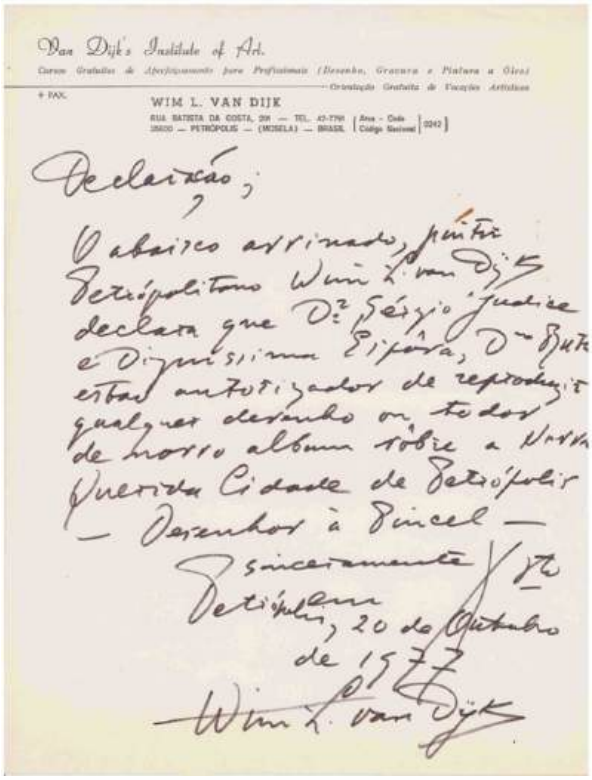
Face frontal do prospecto XX — *Igreja de Nossa Senhora do Rosário*, em São Paulo — da *Coleção Igrejas do Brasil*, que reproduz pintura a óleo de Wim van Dijk[39], autografado pelo artista.

[39] Willem Leendert van Dijk (Westmass, Holanda 1915 - Petrópolis RJ 1990). Pintor e desenhista. Estudou arte na Academia de Belas Artes, em Rotterdam, e em teologia na Universidade de Leiden, especializando-se em Línguas Bíblicas, Grego e Hebraico. Com apenas vinte anos, complementou seus estudos na Grécia e nas cidades de Paris, Roma, Florença e Milão. A trajetória artística de Van Dijk é interrompida pela Segunda Guerra Mundial, quando ele se alistou na resistência após o reino neerlandês ser invadido pelos alemães em 1940. Durante uma operação, van Dijk é atingido e teve as duas pernas amputadas. Após longo período de recuperação, retoma suas atividades artísticas, concentrando-se na pintura de cavalete. Amigo da Rainha Guilhermina, também pintora, foi nomeado Adido Cultural, em 1947, fixando residência no Rio de Janeiro. Realizou sua primeira exposição no Rio de Janeiro, na associação Brasileira de Imprensa, com o apoio do Instituto Brasil-Holanda, em homenagem ao Jubileu de Ouro do reinado da rainha Guilhermina. Em 1949, foi nomeado sócio honorário da Associação Brasileira de Imprensa, pela sua contribuição à divulgação do Brasil no exterior. Em 1951, ganhou a medalha de ouro no Salão dos Artistas Nacionais e, em 1952, a medalha de prata no Salão dos Artistas Brasileiros. Realizou exposições nos Estados Unidos, Alemanha, Países Baixos, França, Dinamarca, Argentina e Japão. Em 1960, publicou o livro de poemas Convite à Exposição. Em 1966, a Harwick Collection (Estados Unidos) adquire para o seu acervo a tela Jangadeiros em ação. Em 1968, à rainha Elisabeth II, em visita oficial ao Brasil, foi presenteada com a tela Petrópolis em flor. Em 1971, tornou-se membro da Academia Petropolitana de Letras. Seus cinquenta anos de pintura foram comemorados em 1987, com grande exposição no Hotel Casablanca, em Petrópolis. Em 1990, pouco antes da sua morte, fez 12 desenhos a nanquim da cidade de Teresópolis, Rio de Janeiro, reunidos no livro Teresópolis, a musa centenária (Almendra, 2007; Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2024)



Petrópolis 1958[40], livro ilustrado (27,5 x 38 cm). Texto em português com tradução paralela em inglês, francês e alemão. Capa: as armas de Petrópolis.

"Estes desenhos de van Dijk retratam Petrópolis ao completar cem anos e fixam os aspectos mais expressivos de uma época de transição que atinge, modifica e engrandece a cidade (Petrópolis 1958, Introdução por Flávio Castrioto)".



Autorização de Wim van Dijk para reprodução dos desenhos do livro *Petrópolis 1958* (Almendra, 2007, p.151).

[40] DIJK, Wim Leendert van. Petrópolis 1958: 40 desenhos a pincel. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1958. 55 p.

À Roche Brasil, foi solicitado registros sobre as *Coleções Artísticas "Roche"*. O Serviço de Informação Roche respondeu: "devido a passagem de muitos anos, não possuímos mais os registros solicitados" (mensagem pessoal) [41] . A Roche também foi provocada a patrocinar a confecção de um livro que resgatasse a história e as gravuras das coleções: "informamos que a empresa não possui, neste momento, disponibilidade para patrocinar este projeto de publicação" (mensagem pessoal)[42].

Sobre a artista plástica, Marian Colonna, não foram encontradas informações biográficas. Ela também ilustrou o livro *Atlas Elementar de Zoologia*, de Augusto Sevilha, publicado pela F. Briguiet & Cia. em 1943.



Pinturas de Marian Colonna. Pranchas II e III do livro *Da ema ao beija-flor* (1938).

[41] SANTOS, Gabrielle. Serviço de Informações Roche. (brasil.faleconosco@roche.com). RE Faleconosco Roche - Pedido de informação sobre Coleção Artística Roche - 02325216 [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por otavio@ibict.br em 24 abr. 2023.
[42] SANTOS, Gabrielle. Serviço de Informações Roche. (brasil.faleconosco@roche.com). RE Faleconosco Roche - Coleção Artística Roche - 02332666 [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por otavio@ibict.br em 14 set. 2023.



Pinturas de Marian Colonna. Pranchas V e VII do livro *Da ema ao beija-flor* (1938).



Pinturas de Marian Colonna. Pranchas VIII e IX do livro *Da ema ao beija-flor* (1938).

APÊNDICE B

LISTA DOS LIVROS E FOLHETOS[43] ASSINADOS POR EURICO SANTOS

Em primeiro lugar, Deus criou os idiotas.
Isto foi para praticar.
Então ele fez os revisores de texto.

Mark Twain[44]
Escritor e humorista

[43] 3. Doc. Publicação não periódica que tem no mínimo cinco e no máximo 48 páginas, sem contar as capas. [Cf.: livro.] [F.: Do it. foglietto.] (Aulete Digital, 2024).
[44] Samuel Langhorne Clemens (1835-1910), mais conhecido pelo pseudônimo Mark Twain, foi um escritor e humorista estadunidense crítico do racismo. É mais conhecido pelos romances *The Adventures of Tom Sawyer* e sua sequência *Adventures of Huckleberry* Finn, este último frequentemente chamado de *O Maior Romance Americano*. Directory of Mark Twain's maxims, quotations, and various opinions. Disponível em: http://www.twainquotes.com/Idiots.html. Acesso em: 1 mar. 2024.

Título	Ano	Editora	Outras edições
Manual do amador de cães	1927	F. Briguiet & Cia.	1935 (2. ed.)[45]
			1947 (3. ed.)[45]
			1954 (4. ed.)
			1971 (5. ed.)[45]
		[?]	[197-] (6. ed.)
		Itatiaia	1980 (7. ed.)
			2004 (8. ed.)
Vida dos campos v. I	1931	Moderna	
Vida dos campos v. II	1932	Edição do Autor	
O fruticultor moderno[45]	1932	Chácaras e Quintais	1943 (2. ed.)
Nossas fruteiras	1932	Chácaras e Quintais	1942 (2. ed.)
			1956 (3. ed.)
Inimigos e doenças das fruteiras	1934	O Campo	
		Técnica	[1946?] (2. ed.)
O que todos os criadores devem saber	1934	Moderna	
		Técnica	1946 (2. ed.)
Dicionário de avicultura e ornitotecnia v. I	1937	O Campo	
Dicionário de Avicultura e Ornitotecnia v. II	1938	O Campo	
Da ema ao beija-flor: vida e costumes das aves do Brasil	1938	F. Briguiet & Cia.	1952 (2. ed.)[46]
			1956 (3. ed.)
		Itatiaia	1979 (4. ed.)
		Villa Rica	1990 (5. ed.)
Pássaros do Brasil: vida e costumes	1940	F. Briguiet & Cia	1948 (2. ed.)[45]
			1960 (3. ed.)
		Itatiaia	1979 (4. ed.)
			1985 (5. ed.)
		Villa Rica	1992 (6. ed.)
Anfíbios e répteis do Brasil: vida e costumes	1942	F. Briguiet & Cia.	1955 (2. ed.)
		Itatiaia	1981 (3. ed.)
		Villa Rica	1994 (4. ed.)
O cão através da história e da arte	1942	Século XX	
Cereais: trigo, milho, aveia, arroz, centeio e cevada	1943	Chácaras e Quintais	1947 (2. ed.)
Cultura do amendoim	1943	Chácaras e Quintais	1946 (2. ed.)
			1948 (3. ed.)
As cobras venenosas	1943	Chácaras e Quintais	

[45] "Indicado pelo Departamento de Educação do Distrito Federal para uso dos professores do curso primário" (O Campo, n.78, 1936, p.44).
[46] Revista e muito ampliada.

Veterinária prática	1943	O Campo	
Avicultura: fonte de riqueza	1943	O Campo	
Manual do lavrador brasileiro	1944	F. Briguiet & Cia.	1957 (2. ed.)[43]
Entre o gambá e o macaco: vida e costumes dos mamíferos do Brasil	1945	F. Briguiet & Cia.	
		Itatiaia	1984 (2. ed.)
Formigas, rans e outros animais	1946	O Campo	
Combate aos ratos	1948	S.I.A.[47]	1960 (2 ed.)[43]
Proteção à fauna indígena	1948	Chácaras e Quintais	
Plantas têxteis	1950	Chácaras e Quintais	
Caças e caçadas	1950	F. Briguiet & Cia.	
Nossos peixes marinhos: vida e costumes dos peixes do Brasil	1952	F. Briguiet & Cia	
		Itatiaia	1982 (2. ed.)
		Villa Rica	1992 (3. ed.)
Serpentes peçonhentas	1952	S.I.A.[47]	
Crie perús e ganhe dinheiro	1953	Chácaras e Quintais	
Proteção à fauna	1954	S.I.A. [47]	
Peixes da água doce: vida e costumes dos peixes do Brasil	1954	F. Briguiet & Cia.	1962 (2. ed.)
		Itatiaia	1981 (3. ed.)
			1987 (4. ed.)
O homem e a fauna no Brasil	1955	S.I.A. [47]	
Moluscos do Brasil: vida e costumes	1955	F. Briguiet & Cia.	
		Itatiaia	1982 (2. ed.)
O amador de pássaros: captura, manutenção e criação	1955	F. Briguiet & Cia.	
		Itatiaia	1979 (2. ed.)
Aves de luxo, esporte e utilidade	1955	Chácaras e Quintais	
Calendário agrícola do Brasil: estado de Minas Gerais[48]	1955	IBGE	
Os animais selvagens	1956	S.I.A. [47]	
O urucu	1955	S.I.A. [47]	
A cabra leiteira	1956	Chácaras e Quintais	
O que convém saber sobre môscas e mosquitos	1957	S.I.A. [47]	
Animais nocivos	1957	S.I.A. [47]	
Histórias, lendas e folclore de nossos bichos	1957	Edições O Cruzeiro	
		Tecnoprint	1967 (2. ed.)
		Itatiaia	1987 (3. ed.)

[47] Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura.
[48] Colaborou na organização.

O mundo animal que nos cerca	1958	S.I.A. [47]	
O mundo dos artrópodes	1959	F. Briguiet & Cia.	
Calendário agrícola do Brasil: estado do Rio de Janeiro[48]	1959	IBGE	
Calendário agrícola do Brasil: estado de Santa Catarina[48]	1960	IBGE	
Os insetos: vida e costumes, tomo 1	1961	F. Briguiet & Cia.	
		Itatiaia	1982 (2. ed.)[49]
Animais silvestres que nos são úteis	1961	S.I.A. [47]	
Contribuições à zoologia agrícola do Brasil	1966	S.I.A. [47]	
Histórias do caçador que nunca mentiu	1966	S.I.A. [47]	
Pesca e piscicultura[42]	1977	Itatiaia	1985 (2. ed.)
Os insetos: vida e costumes, tomo 2[42]	1985	Itatiaia	
Miscelânea zoológica[50]	1987	Itatiaia	
Nossas madeiras[42]	1987	Itatiaia	

[49] De acordo com a editora, “não nos atrevemos a refundir o texto original do autor, apenas atualizamos a ortografia”.
[50] Obras inéditas publicadas a partir da década de 1970.

36 Livros publicados	Ano
1. Manual do amador de cães	1927
2. Vida dos campos v. I	1931
3. Vida dos campos v. II	1932
4. Inimigos e doenças das fruteiras	1934
5. O que todos os criadores devem saber	1934
6. Dicionário de avicultura e ornitotecnia v. I	1937
7. Dicionário de Avicultura e Ornitotecnia v. II	1938
8. Da ema ao beija-flor: vida e costumes das aves do Brasil	1938
9. Pássaros do Brasil: vida e costumes	1940
10. Anfíbios e répteis do Brasil: vida e costumes	1942
11. O cão através da história e da arte	1942
12. Veterinária prática	1943
13. Avicultura: fonte de riqueza	1943
14. As cobras venenosas	1943
15. Manual do lavrador brasileiro	1944
16. Entre o gambá e o macaco: vida e costumes dos mamíferos do Brasil	1945
17. Formigas, rans e outros animais	1946
18. Caças e caçadas	1950
19. Nossos peixes marinhos: vida e costumes dos peixes do Brasil	1952
20. Serpentes peçonhentas	1952
21. Peixes da água doce: vida e costumes dos peixes do Brasil	1954
22. Moluscos do Brasil: vida e costumes	1955
23. O amador de pássaros: captura, manutenção e criação	1955
24. O homem e a fauna no Brasil	1955
25. Aves de luxo, esporte e utilidade	1955
26. Os animais selvagens	1956
27. Animais nocivos	1957
28. Histórias, lendas e folclore de nossos bichos	1957
29. O mundo animal que nos cerca	1958
30. O mundo dos artrópodes	1959
31. Animais silvestres que nos são úteis	1961
32. Os insetos: vida e costumes, tomo 1	1961
33. Contribuições à zoologia agrícola do Brasil	1966
34. Pesca e piscicultura	1977
35. Miscelânea zoológica	1987
36. Nossas madeiras	1987

13 Folhetos publicados

37. O fruticultor moderno 1932
38. Nossas fruteiras 1932
39. Cereais: trigo, milho, aveia, arroz, centeio e cevada 1943
40. Cultura do amendoim 1943
41. Combate aos ratos 1948
42. Proteção à fauna indígena 1948
43. Plantas têxteis 1950
44. Crie perús e ganhe dinheiro 1953
45. Proteção à fauna 1954
46. A cabra leiteira 1956
47. O que convém saber sobre môscas e mosquitos 1957
48. O urucu 1958
49. Histórias do caçador que nunca mentiu 1966

Calendários agrícolas: organização

50. Calendário agrícola do Brasil: estado de Minas Gerais 1955
51. Calendário agrícola do Brasil: estado do Rio de Janeiro 1959
52. Calendário agrícola do Brasil: estado de Santa Catarina 1960

LITERATURA SÔBRE FIBRAS E PLANTAS TÉXTEIS

ACABA DE SER PUBLICADA

A monografia n.º 58 da vitoriosa série de publicações VAMOS PARA O CAMPO, intitulada PLANTAS TÉXTEIS e da autoria do culto polígrafo Sr. Eurico Santos. **Resumo do têxto:** Plantas têxteis mais intensamente exploradas no Brasil — Sisal — Caroá — Linho da Nova Zelandia — Guaxima — Juta — Papoula de São Francisco — Piteira — Abacaxi — Tucum — Relação das principais plantas têxteis indígenas e exóticas aclimadas, cujas fibras foram estudadas no Brasil. Exemplar, Cr$ 6,00.

Sôbre o mesmo assunto, "plantas têxteis" os interessados devem adquirir também os seguintes interessantes livros existentes na LIVRARIA AGRICOLA DA CHA. e QUI. (Rua Tabatinguera, 122-124 — São Paulo):

★ SITUAÇÃO DAS PLANTAS TÉXTEIS NATIVAS E CULTIVADAS NO BRASIL, dr. Juvêncio Mariz de Lira, edição do SIA do Ministério da Agricultura, um trabalho excelente, com 146 páginas e vendido ao preço abaixo do custo de .... Cr$ 4,00.

★ CULTURA PRATICA DA URENA LOBATA, pelo Agr.º Ubirajara Pereira Barreto, 82 págs. ilustradas, Cr$ 25,00.

★ FIBRAS TEXTEIS, Eng.º C. Dante Bianchi, 212 páginas ils., Cr$ 40,00.

★ TÉCNICA DO CULTIVO E DO BENEFICIAMENTO DA RAMIE, Dr. Shizuka Hara, trad. de José Santana do Carmo. 100 pág. ilustradas, Cr$ 18,00.

★ CULTURA DA RAMI, Eng.º Agr.º Ubirajara Pereira Barreto, vol. 11º da série VAMOS PARA O CAMPO!, Cr$ 2,00.

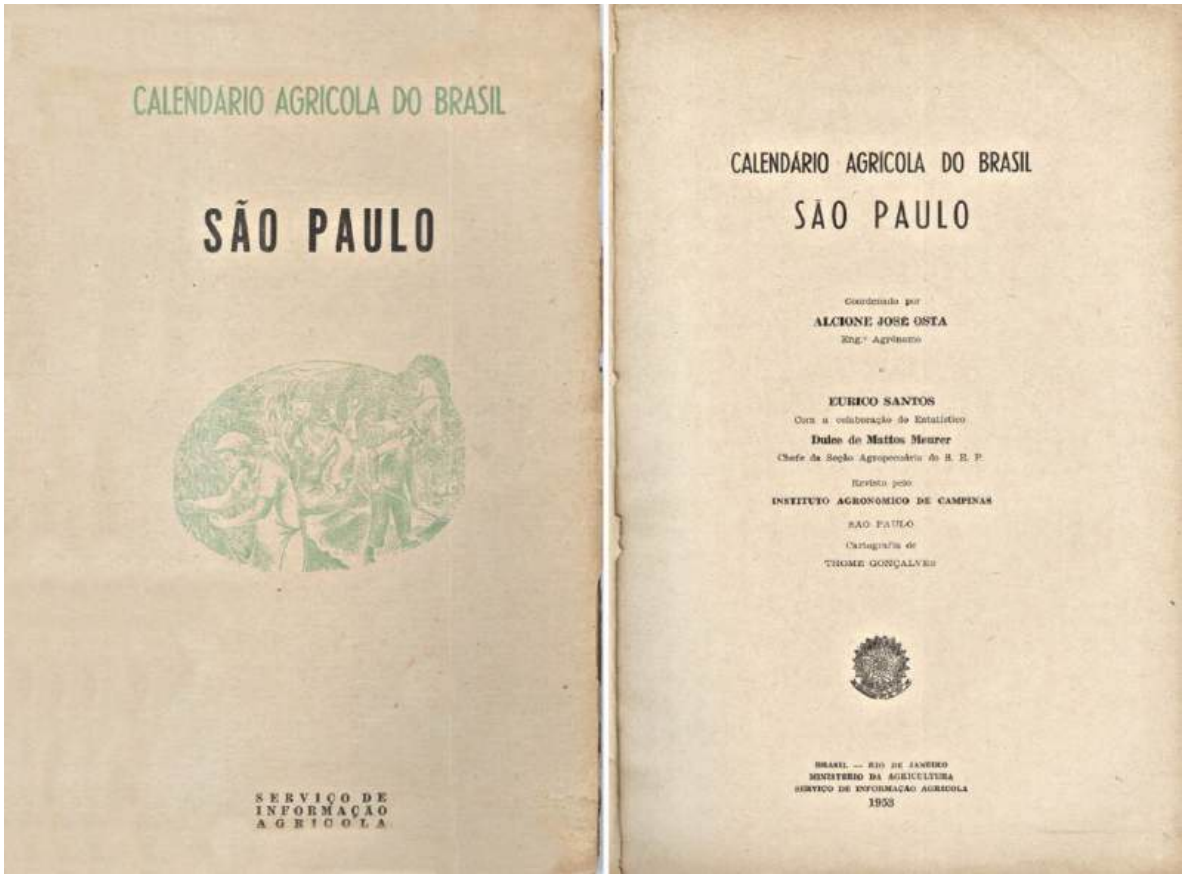
★ CULTURA E BENEFICIAMENTO DA JUTA, Dr. Okiro de Senna Braga, trabalho editado e premiado pelo SIA do Min. da Agricultura — 44 páginas ilustradas — preço abaixo do custo Cr$ 4,00.

★ CULTURA E BENEFICIAMENTO DO RAMI, Dr. Okiro de Senna Braga, trabalho editado e premiado pelo SIA do Min. da Agricultura — 46 págs. ilust., preço abaixo do custo de Cr$ 5,00.

★ A PIASSAVEIRA **e outras palmeiras Attaleanas na Bahia,** Dr. Gregório Bondar, 80 páginas ilustradas, Cr$ 20,00.

Todos êsses livros podem ser adquiridos pelo Reembolso Postal. Pedidos à LIVRARIA AGRICOLA DA CHA. E QUI. — Rua Tabatinguera, 122-124 — S. Paulo.

Anúncio publicado na revista *Chacaras e Quintaes*, v.82, n.6, 1950, p.777.



Coleção *Zoologia Brasília*, editora F. Briguiet & Cia:

1. *Nossos peixes marinhos*: *vida e costume dos peixes do Brasil* (1952);
2. *Peixes da água doce: vida e costumes dos peixes do Brasil* (1954);
3. *Anfíbios e répteis do Brasil: vida e costumes* (1942);
4. *Da ema ao beija-flor: vida e costumes das aves do Brasil* (1938);
5. *Pássaros do Brasil: vida e costumes* (1940);
6. *Entre o gambá e o macaco: vida e costumes dos mamíferos do Brasil* (1945);
7. *Moluscos do Brasil* [*Os moluscos: vida e costumes*] (1955);
8. *O mundo dos artrópodes* (1959);
9. *Os insetos: vida e costumes, tomo 1* (1961).

Coleção *Zoologia Brasília*, editora Itatiaia:

1. *Nossos peixes marinhos: vida e costume dos peixes do Brasil*
2. *Peixes da água doce: vida e costumes dos peixes do Brasil*
3. *Anfíbios e répteis do Brasil: vida e costumes*
4. *Da ema ao beija-flor: vida e costumes das aves do Brasil* (19xx)
5. *Pássaros do Brasil: vida e costumes* (19xx)
6. *Entre o gambá e o macaco: vida e costumes dos mamíferos do Brasil* (1984)
7. *Moluscos do Brasil: vida e costumes* (1982)
8. *O mundo dos artrópodes* (1982)
9. *Os insetos: vida e costumes, tomo 1* (1985)
10. *Os insetos: vida e costumes, tomo 2* (1985)
11. *Miscelânea zoológica* (1987).

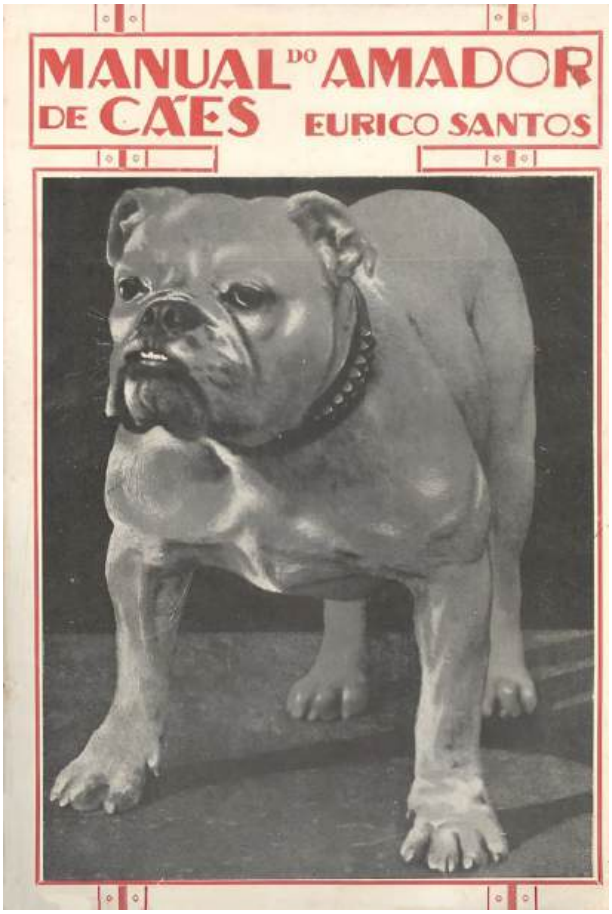
Coleção *Zoologia Brasília*, editora Villa Rica:

1. *Nossos peixes marinhos: vida e costume dos peixes do Brasil* (1992);
2. **** não reeditado*
3. *Anfíbios e répteis do Brasil: vida e costumes* (1994);
4. *Da ema ao beija-flor: vida e costumes das aves do Brasil* (1990);
5. *Pássaros do Brasil: vida e costumes* (1992);
6. **** não reeditado*
7. **** não reeditado*
8. **** não reeditado*
9. **** não reeditado*
10. **** não reeditado*
11. **** não reeditado*

Coleção *Vis mea in labore*, editora Itatiaia[51]:

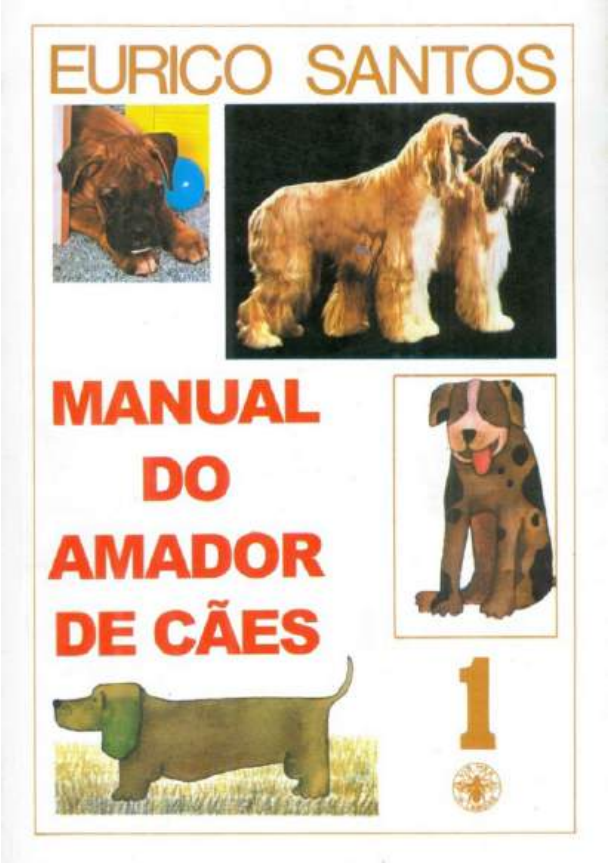
1. Manual do amador de cães (1980);
2. Pesca e psicultura (1985);
3. Amador de pássaros: captura, manutenção e criação (1979);
4. História Natural das aves do Brasil (1983)[52], de autoria de Jean Theodore Descourtilz (Tradução de Eurico Santos);
5. Histórias, lendas e folclore de nossos bichos (1987);
6. Aves do Brasil (1987), de autoria de Deodato Souza;
7. Nossa madeiras (1987);
8. Caça e caçadas (não foi publicado);
9. Manual prático de psicultura (1989), de autoria de João Moreira Ferreira da Silva;
10. Manual do lavrador brasileiro (não foi publicado);
11. Dicionário de avicultura e ornitotecnia (não foi publicado);
12. Dicionário de peixes do Brasil[53] (não foi publicado).

[51] A coleção *Vis mea in labore* editada foi planejada para ter 12 livros, sendo nove de autoria de E.S.
[52] Único volume publicado em capa dura.
[53] Em 1984, Hitoshi Nomura publicou *Dicionário dos peixes do Brasil* pela Editerra Editorial (ver êndice E).



Transcrição de trecho do primeiro capítulo da primeira parte: “O cão foi certamente o primeiro animal domesticado pelo homem. Já nos tempos prehistoricos, na epoca quaternaria, são encontrados destroços de varias raças caninas misturados a artefatos da industria primitiva do homem, que seria o *Canis familiaris fossilis*, *Pictel*. [...] Deixando os vestigios não bem determinados das epocas anteriores, o cão mais antigo e cuja domesticação se acha bem averiguada é o das turfeiras (*C. f. palustris*) descoberto nas estações lacustres da epoca da pedra polida” (Santos, 1935, p.15).

Capa da primeira edição do *Manual do amador de cães* (1927), publicado pela Pap. e Typ. Cruzeiro. Desenhos de Plínio Alves.



Transcrição de trecho do primeiro capítulo da terceira parte: “No começo do adestramento dever-se-á cuidar muito do cão, sob o ponto de vista físico. Procurar-se-á evitar, ao mesmo tempo, principalmente em se tratando de cães de caça em suas primeiras sortidas, que não cometa faltas graves que possam comprometer de uma vez para sempre o resultado de longos esforços. Um prudente adestrador saberá como agir para evitar tais insucessos” (Santos, 2004, p.294).

Capa de *Manual do amador de cães* (2004), 8ª ed., coleção *Vis Mea in Labore*, publicado pela Itatiaia. Capa de Branca de Castro. Desenhos de [Marian] Mirian Colonna, Plínio Alves, Ruth Doris Secchin e Eraldo Faria. Inclui 24 pranchas.

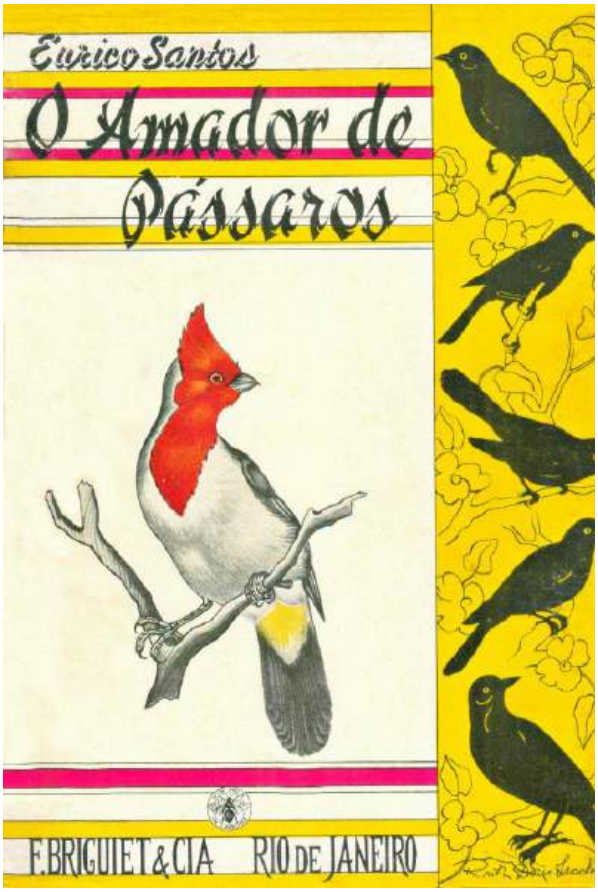


Transcrição de trecho do prefácio: “Julgo pelo desenvolvimento que se deu a tal assunto que nele encontrará o leitor interessado um guia prático e seguro para se guiar. [...] Não tenho dúvida em julgar que ‘Pesca e psicultura’ vai ser obra bem recebida e prestadia” (Santos, 1964 *apud* Santos, 1985, p.10).

Capa de *Pesca e psicultura*, 1985, 2ª ed., publicado pela Itatiaia. Capa de Branca de Castro. A primeira edição foi publicada em 1977, nove anos após a morte de E.S..



Quarta capa de *Pesca e psicultura* (1985), 2ª ed., publicado pela Itatiaia. As capas e a maioria das quartas-capas das edições Itatiaia e Villa Rica das coleções *Vis mea in labore* e *Zoologia Brasília* seguem o mesmo padrão.



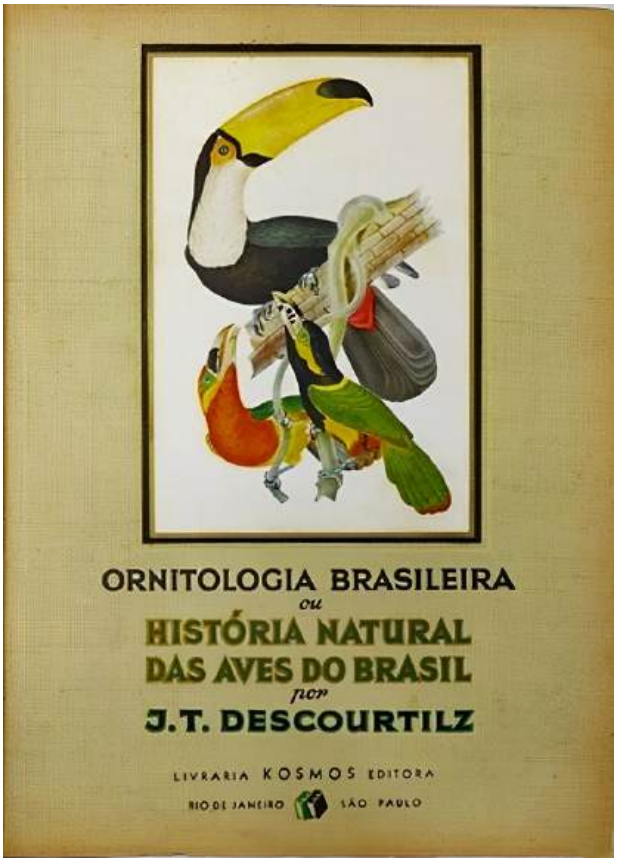
Transcrição de trecho do prefácio: “Julgamos melhor contribuir para minorar a agrura dos pássaros de gaiola, divulgando os meios racionais de aprisionar, alojar, alimentar e reproduzir. ‘Não deixamos, entretanto, de reconhecer que o cativeiro não constitui, para certas espécies, verdadeira desgraça, escrevemos, certa vez, pois se dão maravilhosamente aí, preferindo, depois de habituadas, o pouso certo do seu tugúrio aramado, onde o trato é suave e o alimento certo, à vida boêmia do espaço tão cheia de perigos e imprevistos. Deve, de começo, sofrer muito a avezinha engaiolada, porque a perda da liberdade é inconcebível, mas em troca desta perda prodigaliza o carcereiro tantos cuidados, que lhe adoça a amargura da sujeição. Depois vem o hábito, que é uma segunda natureza, e já não sofre o cativo, antes talvez se regozije em experimentar o doce cativeiro”
(Santos, 1942, p.5).

Capa de *O amador de pássaros*, 1955, publicado pela F. Briguiet & Cia. Desenhos em preto e ilustrações em cores de Ruth Doris Secchin. Inclui oito pranchas coloridas.



Transcrição de trecho do prefácio:
“Por outro lado consultamos grande parte do que de melhor se tem escrito em relação à ornitotecnia, desde o ‘Tratado sobre o modo de criar os pássaros canários’, maneira de os casar e tirar formosa a casta deles, de Huvier, trad. em português, Lisboa, Imprensa Régia, 1819, e ‘Manual do passarinheiro’. Passarinhos cantores úteis ou nocivos, seu tratamento e conservação, por uma sociedade de amadores — Lisboa 1821 até os trabalhos mais recentes de Billot, Legendre, Smet, Delpachier, etc.”
(Santos, 1979, p.6).

Capa de *Amador de pássaros*, 1979, 2ª ed., publicado pela Itatiaia. Capa de Branca de Castro. Desenhos em preto e ilustrações em cores de Ruth Doris Secchin. Inclui oito pranchas coloridas.

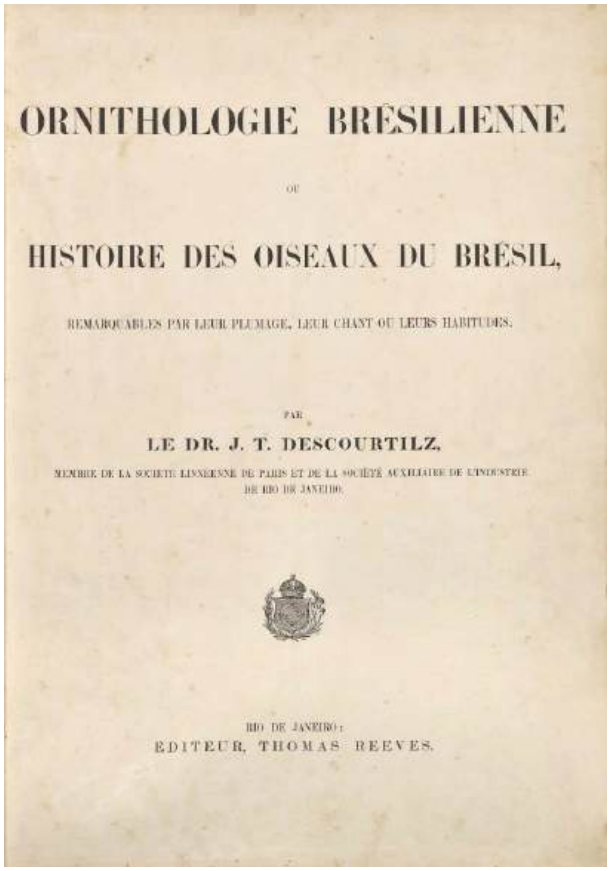


Capa do livro *Ornitologia Brasileira ou História natural das aves do Brasil*, de Jean Theodore Descourtilz, traduzido por Eurico Santos e publicado em 1944 pela Livraria Kosmos Editora. Prefácio e anotações de João Moojen de Oliveira (1904-1985). Moojen atualizou todos os nomes científicos das aves descritas nessa obra (Nomura, 1993a).



Capa da 2ª ed. publicada em 1983 pela Itatiaia. Capa de Branca de Castro. Inclui 48 pranchas coloridas fotografadas da obra original de 1852 e editadas.

Jean Theodore Descourtilz ou João Teodoro Descourtilz (1796-1855) foi um dos naturalistas estrangeiros que passaram pelo Brasil no século XIX com o objetivo de conhecer e registrar a biodiversidade do país. O ornitólogo francês chegou ao Brasil em 1830. [...] interessado por minerais e aves que observou durante as viagens que fez pela Floresta Atlântica do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Publicou três importantes obras sobre a avifauna brasileira. [...] O grande mérito do ornitólogo está na descrição dos hábitos, cores e formas de cada espécie. Diferentemente dos outros estudiosos da época, que se dedicavam a fazer relatos morfológicos, Descourtilz colocou em seus desenhos informações que, aliadas a uma descrição detalhada, revelaram o comportamento e o habitat de muitas aves (Brasiliana Iconográfica, 2017). Descourtilz destaca-se como um observador cuidadoso e preocupado com a qualidade das suas anotações. Desde 1851, quando começam as suas observações no sudeste brasileiro, podemos notar a sua acuidade e senso crítico. [...] O seu texto, muitas vezes poético e floreado, como bem servia ao costume da época, era acompanhado por belíssimas pranchas coloridas das espécies descritas. A maioria das 164 espécies descritas era constituída por aves comuns ou que poderiam ser mantidas em cativeiro. Destaca-se, contudo, as observações sobre pássaros insetívoros, pequenos ou de difícil observação. Retratou e descreveu algumas espécies que são muito raras até hoje, e as anotações de Descourtilz ainda são a maior fonte de informações sobre *Calyptura cristata*, o raríssimo cotingídeo do sudeste brasileiro. Suas anotações, embora breves, forneciam rápidas notas sobre a reprodução, os hábitos e a alimentação das espécies retratadas. Em agosto de 1854, foi contratado como naturalista viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro, falecendo em Janeiro de 1855, no litoral do Espírito Santo (Silveira, 2024)[54].


ORNITHOLOGIE BRÉSILIENNE

OU

HISTOIRE DES OISEAUX DU BRÉSIL,

REMARQUABLES PAR LEUR PLUMAGE, LEUR CHANT OU LEURS HABITUDES;

PAR

LE DR. J. T. DESCOURTILZ,

MEMBRE DE LA SOCIETE LINNEENNE DE PARIS ET DE LA SOCIÉTÉ AUXILIAIRE DE L'INDUSTRIE DE RIO DE JANEIRO.

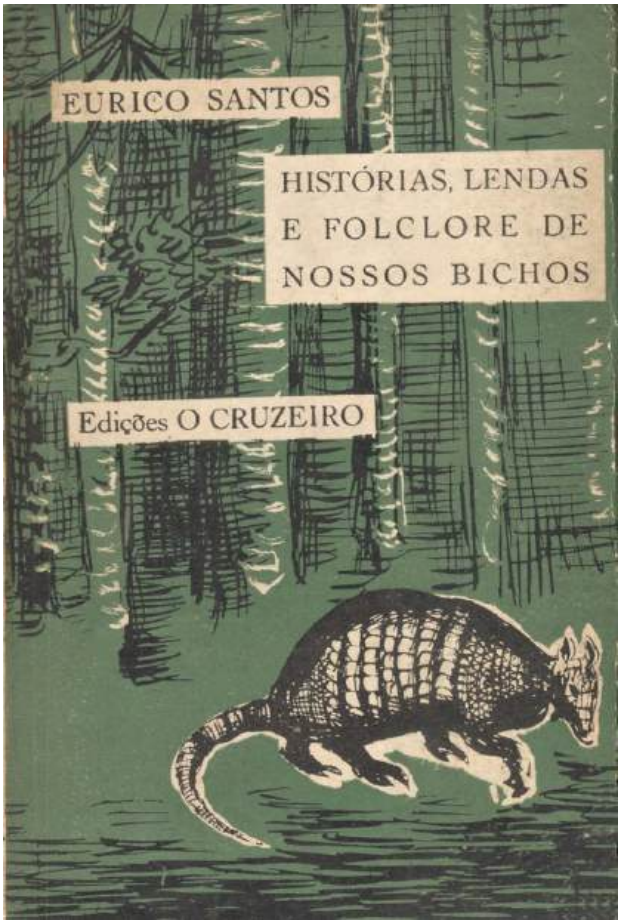
RIO DE JANEIRO:
EDITEUR, THOMAS REEVES.

À esquerda, folha de rosto da obra *Ornithologie Brésilienne, ou Histoire des Oiseaux du Brésil remarquables par leur plumage, leur chant ou leurs habitudes*[55] publicada em 1852.

[54] Texto do ornitólogo professor dr. Luís Fábio Silveira. Acesso em: 1 mar.. 2024.
[55] Acervo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: BNDigital. Acesso em: 1 mar. 2024.



Pranchas de *Ornithologie Brésilienne*, de Jean Theodore Descourtilz, publicada em 1852.



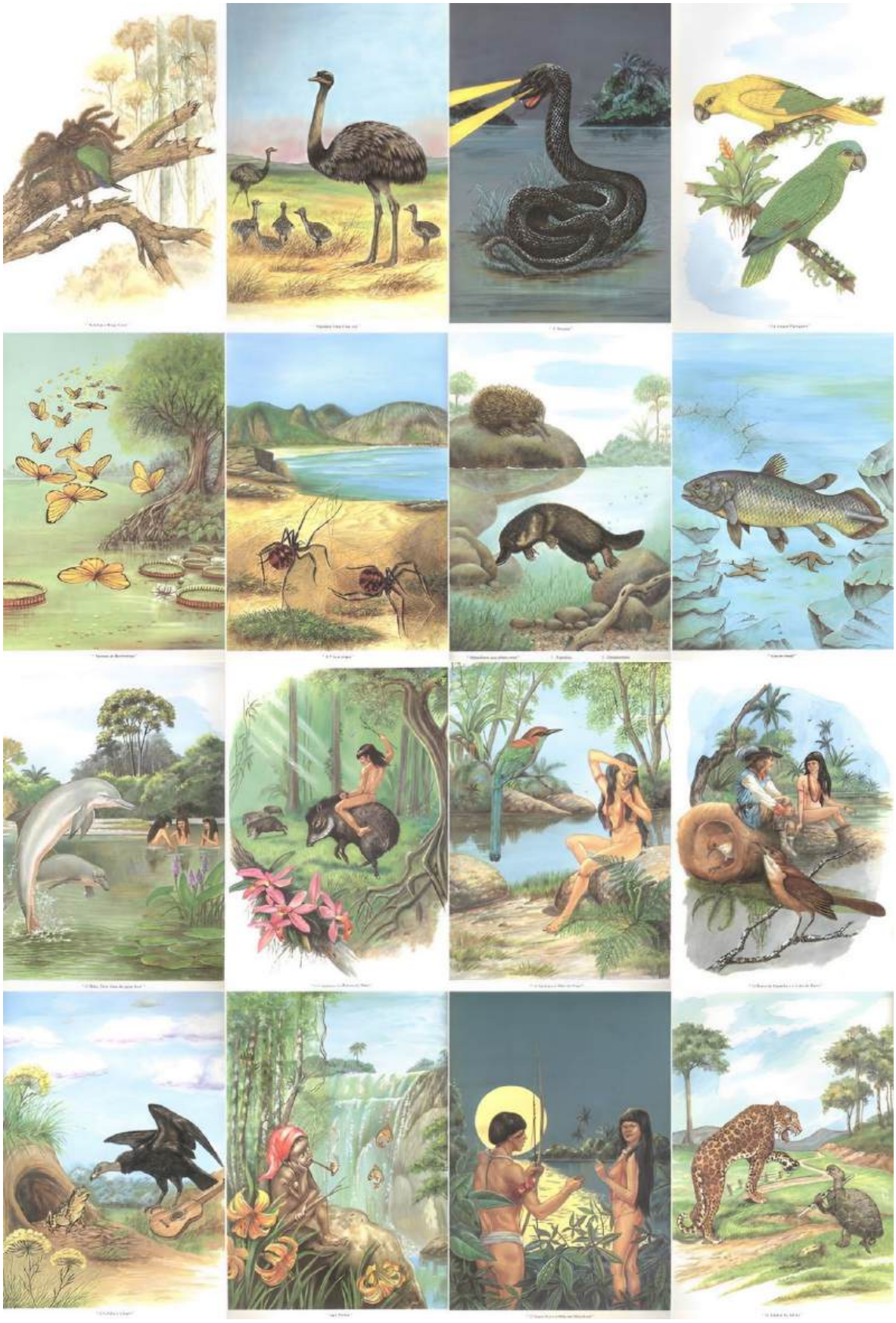
Transcrição de trecho do prefácio:
“Há também uma lenda, de origem cristã, que nos relata que, no dia de Natal, à meia-noite, os animais, quando a sós, sem a presença do homem, readquirem o dom da palavra e entre si conversam. Recordam, sem dúvida, nestas palestras da noite santificada, a feliz idade de ouro, quando o homem era um irmão, e ainda não se apossara do título, que a si próprio deu, de rei da criação” (Santos, 1957, p.9).

Capa de *Histórias, lendas e folclore de nossos bichos*, 1957, publicado pela Edições O Cruzeiro. Capa de Poty.



Transcrição de trecho do prefácio:
“Essas histórias ficariam na memória do povo e a tradição oral, como um córrego que vem do infinito do tempo, perpetuou, até à tradição escrita, os dramas e comédias bichandas que o folclores registra”
(Santos, 1987, p.9).

Capa de *Histórias, lendas e folclore de nossos bichos*, 1987, 3ª ed., publicado pela Itatiaia. Capa de Cláudio Martins. Ilustrações em cores de Yvonne Demonte. Inclui 16 pranchas coloridas.

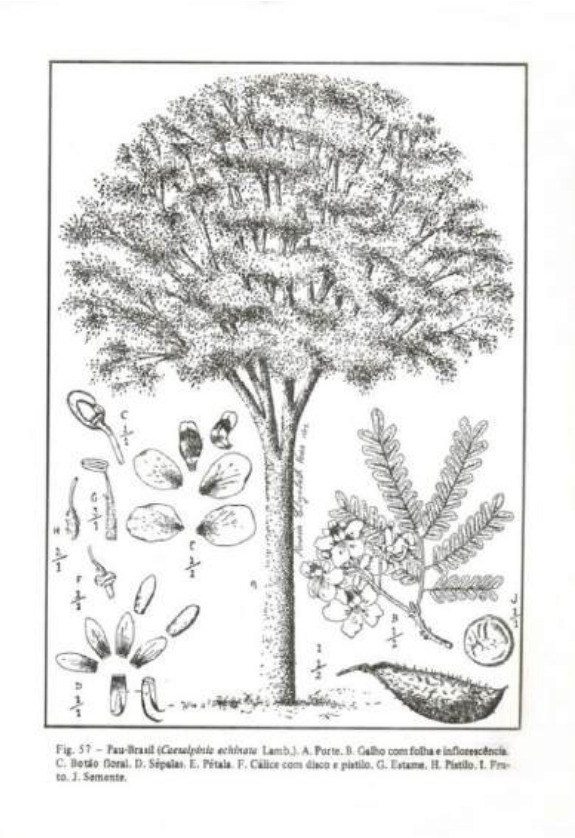


Pranchas da 3ª ed. de *Histórias, lendas e folclore de nossos bichos* (1987).



Transcrição de trecho do prefácio:
“As obras desta natureza que já se escreveram em nosso meio estão esgotadas e, como é natural, em evidente atraso. Era indispensável coisa recente e mais minuciosa. ‘Nossas Madeiras’ e sua utilização será o livro reclamado. Tem sobre as outras anteriores ‘a vantagem de vir depois’ e, portanto, mais ao corrente com o progresso que em tudo se vem processando” (Santos, 1987, p.9).

Capa de *Nossas madeiras*, 1987, publicado pela Itatiaia. Capa de Cláudio Martins. Desenhos em preto[56] de Maria Elizabeth Vess. Ilustrações em cores de Yvonne Demonte e Rosália Demonte. Inclui 16 pranchas coloridas.

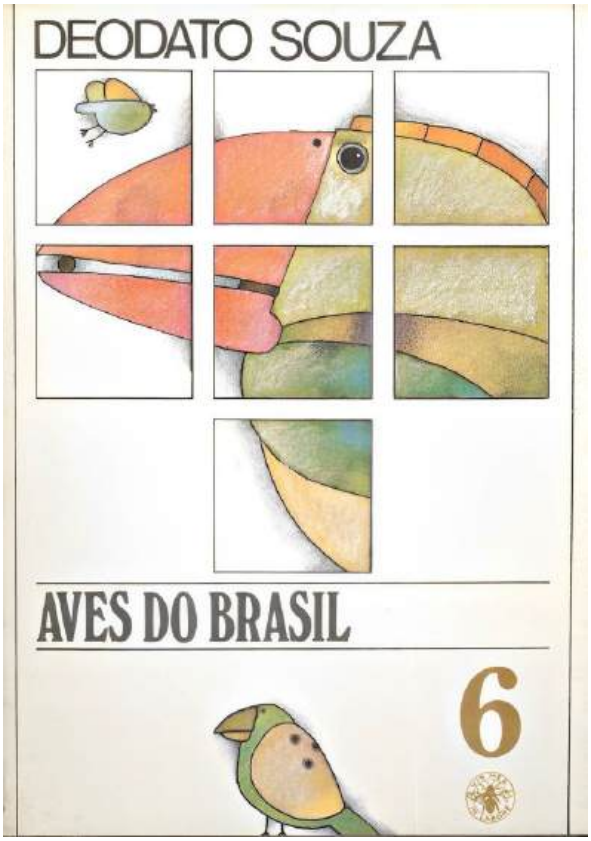

Fig. 57 – Pau-Brasil (*Caesalpinia echinata* Lamb.). A. Porte. B. Galho com folha e inflorescência. C. Botão floral. D. Sépalas. E. Pétala. F. Cálice com disco e pistilo. G. Estame. H. Pistilo. I. Fruto. J. Semente.

Representação do pau-brasil, pontilhado a nanquim, em *Nossas madeiras*, 1987, p.211, publicado pela Itatiaia. Desenho em preto de Maria Elizabeth Vess.

[56] A editora atribui os desenhos em preto a Ruth Doris Secchin e [Marian] Mirian Colonna embora a maioria esteja assinada por Maria Elizabeth Vess.



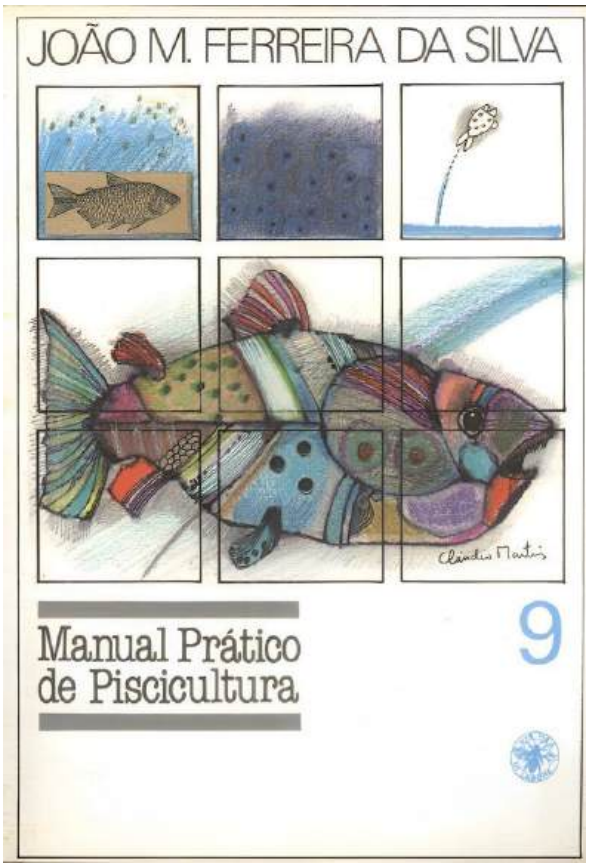
Pranchas da 3ª ed. de *Histórias, lendas e folclore de nossos bichos* (1987).



Ao lado, capa de *Aves do Brasil* (1987), de Deodato Souza, volume 6 da coleção *Vis mea in labore* publicada pela Itatiaia. Capa de Cláudio Martins. Desenhos em preto do próprio autor. Ilustrações de Ruth Doris Secchin. Inclui 16 pranchas coloridas.

Abaixo, à esquerda, capa do Manual prático de psicultura (1989), de João Moreira Ferreira da Silva, volume 9 da coleção *Vis mea in labore* publicada pela Itatiaia.

Abaixo, à direita, quarta-capa do *Manual prático de psicultura* (1989).





APÊNDICE C

LISTA INCOMPLETA DE CONTEÚDOS ASSINADOS POR EURICO SANTOS E PUBLICADOS EM JORNAIS E REVISTAS

A ciência natural nunca será capaz
de desvendar os últimos segredos do universo,
porque fazemos parte do mistério que procuramos desvendar.

Max Planck[57]
Físico

[57] PLANCK, Max. *Where is science going?* New York: W.W. Noton & Company, Inc., 1932, p.217. Max Planck (1858-1947), físico alemão, escreveu essa frase em seu livro "Wissenschaftliche Selbstbiographie: Mit einem Bildnis und der von Max von Laue gehaltenen Traueransprache" (Scientific autobiography and other papers, traduzido para o inglês) publicado em 1949, após sua morte. A citação original é: ""Die Naturwissenschaft wird niemals die letzten Geheimnisse des Universums aufdecken können, weil wir Teil des Geheimnisses sind, das wir zu ergründen suchen".

EURICO SANTOS NA REVISTA *A FAZENDA (1910-14)* [58]

1. A coagulação da borracha, n.6, p.6, 1910;
2. Os hybridos, (I) n.20, p.16, (II) n.23, p.18, 1912;
3. Cuidae dos vossos cães (dedicado aos sócios do Canil-Club), n.24, p.34, 1912;
4. O porco poland-china, n.26, p.9, 1912;
5. A febre aftosa, n.29, p.6, 1912;
6. O camelo: sua aclimatação no Brasil, n.30, p.10, 1912;
7. A importancia da criação do avestruz, n.31, p.4. 1912;
8. Uma visita ao zoológico, n.31, p.8, 1912;
9. Uma visita ao canil J. Ortigão, n.31, p.12. 1912;
10. O Paraná: seu progresso, sua agricultura, n.32, p.2, 1913;
11. O camelo na Argentina, n.33, p.14, 1913;
12. A tristeza do gado, n.33, p.17, 1913;
13. (Animais uteis) Sapos e rãs (Batrachios), n.35, p.15, 1913;


A FAZENDA 9

O Porco Poland-China

Porca Poland-China

O porco poland-china.


A FAZENDA 15

Sapos e rãs (BATRACHIOS) Animaes uteis Por E. SANTOS

Animais úteis.

[58] Em circulação de junho de 1910 a abril de 1913. Disponível em: BNDigital. Acesso em: 2 mar. 2024.

EURICO SANTOS NA REVISTA *A FAZENDA MODERNA (1916-28)*[59]

14. O ophidismo no Brasil: algumas considerações úteis, n.5-6, p.14, 1916;
15. O aproveitamento da farinha de mandioca no fabrico do pão, n.5-6, p.17, 1916;
16. Merece attenção a criação dos caprinos, n.7-8, p.6, 1916;
17. (Bibliographia), n.7-8, p.23, 1916;
18. A luta contra a formiga: sua situação atual, n.7-8, p.20, 1916;
19. Algumas considerações sobre a fruta pão, n.9-10, p.10, 1916;
20. O trigo no Brasil, n.1, p.18, 1920;
21. O mate e sua cultura, n.1, p.20, 1920;
22. As fruteiras do Brasil: tamarindeiro (*Tamarindus indica* L.), n.4, p.8, 1920;
23. Animais domesticos da raça angorá, n.5, p.1, 1920;
24. Enxertia do cafeeiro, n.5, p.3, 1920;
25. Estudos sobre o zebu, n.5, p.4, 1920;
26. Os problemas dos alimentos: o mate, n.7, p.2, 1920;
27. Uma árvore que produz sebo e óleo, n.8, p.13, 1920;
28. Algumas observações interessantes sobre banhos carrapaticidas, n.11, p.8, 1920;
29. O dendezeiro, n.11, p.10, 1920;
30. Fruteiras nacionais: as anonas, n.12, p.1, 1920;
31. Qual a ordem em que se devem empregar as manhas agrícolas para o preparo da terra?, n.12, p.5, 1920;
32. O estudo das vaccas leiteiras, n.1, p.3, 1921;
33. A noz e a sua cultura, n.1, p.8, 1921;
34. A baunilha, sua cultura e seu preparo, n.2, p.1, 1921;
35. A propósito da adubação verde na cultura da batata, n.2, p.5, 1921;
36. A cultura do lúpulo no Peru, n.2, p.6, 1921;
37. A cultura da batata economisando a semente, n.2, p.8, 1921;
38. Adubos de curral, n.2, p.13, 1921;
39. Os silos de cimento armado, n.3, p.1, 1921;
40. O farello de trigo na alimentação do gado, n.3, p.12, 1921;
41. (Bibliographia) Zoologia: mamíferos: Rudolf Gliesch[60], n.3, p.19, 1921;
42. Escarificadores e cultivadores, n.4, p.5, 1921;
43. Fermentação e seccagem do cacau, n.4, p.14, 1921;
44. (Bibliographia), n.5, p.22, 1921;
45. Duas palavras: O descrédito da nossa exportação e medidas que se impõem, n.7, p.1, 1921;
46. Como obter plantas resistentes às moléstias, n.7, p.18, 1921;
47. Estudos feitos nos Estados Unidos sobe o valor do cruzamento de reproductores machos ração leiteira pura, com vaccas tipo primitivo, n.11, p.8, 1921;
48. A propósito de silos, n.11, p.17, 1921;
49. A propósito da adubação, n.12, p.1, 1921;
50. A cultura da batata, n.2, p.6, 1922;
51. Bernes e bicheiras, n.2, p.17, 1922;
52. O mate: a bebida do futuro, n.5-6, p.1, 1922;
53. A sarna dos cães, n.7, p.6, 1922;
54. O consumo e a lavoura de bananas, n.10, p.12, 1922;
55. Motivos da acidez dos frutos plantados de sementes, n.10, p.22, 1922;
56. O rei do arroz, n.11, p.2, 1922;

[59] Em circulação de jan. 1916 a jan. 1927. De acordo com o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas – CCN, disponível na seguintes instituições: Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará e Biblioteca de Ciências Biomédicas da Fundação Oswaldo Cruz e biblioteca do Museu Nacional (UFRJ). Também disponível na Biblioteca Mário de Andrade da Prefeitura de São Paulo e biblioteca do Instituto Agronômico de Campinas.

[60] "Em 1925, [o zoólogo alemão] Rudolf Gliesch (1891-1974), então 'lente de zoologia [da Escola de Agronomia e Veterinária] e Chefe do Laboratório e Museu Zoológico do Instituto Borges de Medeiros de Porto Alegre' publicava um pequeno volume sobre *A Fauna de Torres*. Aquele instituto daria origem às escolas de Engenharia, Agronomia e Veterinária da universidade do Estado, hoje Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As observações, segundo Gliesch, foram realizadas por ocasião de quatro visitas realizadas em épocas de veraneio, estando mencionados os anos de 1919,1924 e 1925. Poucas são as referências a mamíferos, uma vez que o autor se preocupou em oferecer um manual ou guia da fauna litorânea-aquática" (Ávila-Pires, 1987, p.122). Em 1940, publicou *Curso geral de zoologia* pela Edições da Livraria do Globo, fundada em Porto Alegre em 1883. Ver "Homenagem a ilustre professor de Zoologia" em Apêndice G.

57. Colheita do cacau, n.11, p.10, 1922;
58. Fruticultura brasileira: o caju, n.12, p.8, 1922;
59. (Consultas) Sobre coelhos, n.1, p.14, 1923;
60. (Bibliographia), n.2, p.9, 1923;
61. A cultura do coqueiro, n.7, p.3, 1923;
62. Amanhos da terra, n.7, p.7, 1923;
63. Os sorgos, como forragem, são perigosos?, n.12, p.5, 1923;
64. (Bibliographia), n.12, p.8, 1923;
65. (Bibliographia), n.2-3, p.12, 1924;
66. O búfalo doméstico, n.4-5, p.13, 1924;


Cachoeira do Iguassú, com a formidavel potencia de 14.000.00, cavallos

Fotografia da cachoeira do Iguassú, publicada no artigo “O Paraná: seu progresso, sua agricultura”, n.32, p.3, 1913.


Uma das sete quedas d'agua que formam o grande Salto de Guaira, no alto Paraná

Fotografia de uma das sete quedas, no rio Paraná, publicada no artigo “O Paraná: seu progresso, sua agricultura”, n.32, p.4, 1913.

67. Leiteria: determinação da acidez do leite, n.4-5, p.15, 1924;
68. (Bibliographia), n.4-5, p.23, 1924;
69. (Bibliographia), n.8, p.15, 1924;
70. (Bibliographia), n.9, p.20, 1924;
71. Criação de cães: os cuidados necessários, n.10, p.4, 1924;
72. (Bibliographia), n.1, p.14, 1925;
73. (Bibliographia), n.2, p.11, 1925;
74. O piolho das galinhas, n.2, p.12, 1925;
75. A escolha dum cão de raça, n.2, p.13, 1925;
76. (Bibliographia), n.3, p.15, 1925;
77. Os gatos, n.4, p.8, 1925;
78. (Bibliographia), n.4, p.17, 1925;
79. (Bibliographia), n.5-6, p.10, 1925;
80. (Bibliographia), n.10-11, p.12, 1925;
81. As borboletas: estudo, collecção e commercio, n.1-2, p.14, 1926;
82. Jardinocultura: a calêndula, n.3-4, p.7, 1926;
83. O amendoim e a sua importancia industrial, n.3-4, p.11, 1926;
84. Os processos actuaes de prevenção contra a febre aftosa (tradução de E.S.), n.3-4, p.13, 1926;
85. (Bibliographia), n.3-4, p.15, 1926;
86. (Consultas) Qual o melhor capim para as vaccas leiteiras? Qual o melhor gado leiteiro, n.3-4, p.17, 1926;
87. Estudo sobre o emprego do Fly-Tox na hygiene domestica, na debelação de insectos que atacam as plantas cultivadas e na veterinária, n.7, p.1, 1926;
88. (Consultas) Ossos para adubação, n.7, p.13, 1926;
89. (Cães e canis) Os bons cães de caça, n.8, p.3, 1926;
90. (Cães e canis) O cão policial allemão, n.9, p.5, 1926;
91. (Bibliographia), n.9, p.15, 1926;


Rio de Janeiro ANNO XI — NS. 3 E 4 Março e Abril — 1926

A Fazenda Moderna

Orgam do Instituto Agricola Brasileiro

PURO SANGUE POR CRUZAMENTO

BIBLIOGRAPHIA

O leite, suas industrias e Falsificações

O Farello de algodão

Casa Tubarão

COMPRA-SE TUCUM EM RAMA

A. RAMADA

MERCADO MUNICIPAL N. 95 e 97 RIO DE JANEIRO

Transcrição da observação sobre a resenha: “Como se deprehende, o volume 'O Leite, suas industrias e falsificações', deve ser olhado como um acontecimento na nossa pauperrima bibliographia technica, onde o que apparece como novidade, é, as mais das vezes, uma velharia esquecida ou uma banalidade super-conhecida. E. S.”.

EURICO SANTOS NA REVISTA *O CAMPO (1930-52)*[61]

92. (Cães & Canis) As nossas raças caninas, n.1, p.36, 1930;
93. (Cães & Canis) Cães da moda, cães de luxo, n.2, p.30, 1930;
94. (Cães & Canis) A raiva canina, n.2, p.31, 1930;
95. (Cães & Canis) Cães de mostra, n.3, p.36, 1930;
96. A indústria e o comércio de Chicle, n.4, p.24, 1930;
97. O mamoeiro, n.5, p.89, 1930;
98. O mate: bebida do futuro, n.6, p.30, 1930;
99. Verme-planta, n.6, p.34, 1930;
100. O urucueiro e o seu produto, n.7A, p.146, 1930;
101. (Cães & Canis) A maneira de bem conduzir uma criação de cães, n.8, p.100, 1930;
102. A influencia imaginaria da lua na vida vegetal e animal, n.10, p.41, 1930;
103. A cystecercose dos porcos em seus aspectos com a hygiene rural, n.11, p.56, 1930;
104. Plantas Amazonicas através do relatorio do botanico, n.12, p.38, 1930;
105. (Cães & Canis) O cão Collie, n.1 e 2, p.28, 1931;
106. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Um pou;co de zootecnia pratica: o cruzamento continuo, n.1 e 2, p.28, 1931;
107. Hybridação das roseiras, n.1 e 2, p.72, 1931;
108. Nossos amigos os gatos, n.5, p.59, 1931;
109. (Fruteiras do Brasil) O cajueiro, n.12, p.62, 1931;
110. (Cães & Canis) A proposito de cães de caça e cães de companhia, n.12, p.52, 1931;
111. A Cherimolia, n.2, p.38, 1932;
112. Fruta de conde e condessa, n.3, p.56, 1932;
113. A mandioca no Brasil colonial, n.5, p.10, 1932;
114. O cão na philosophia dos anexins, n.9, p.48, 1932;
115. A adubação do fumo, n.3, p.44, 1933;
116. Aborto epizootico, n.4, p.59, 1933 (Tradução);
117. Inimigos de doenças das fruteiras, n.5, p.17, 1933;
118. (Bibliografia) Resenha sobre o “Guia prático do pequeno lavrador”, n.9, p.79, 1933;
119. O mamoeiro e sua cultura, (I) n.2, p.45, (II) n.3, p.27, (III) n.4, p.33, (IV) n.5, p.42, 1934;
120. Em favor do jacamim, n.4, p.15, 1934;
121. Os maracujá, n.10, p.50, 1934;
122. A cabra como animal leiteiro, n.11, p.27, 1934;
123. O caju e a cultura do cajueiro, n.2, p.66, 1935;
124. Doenças dos animais que podem ser transmitidas ao homem. A - Doenças infecciosas, n.4, p.60, 1935;
125. Doenças dos animais que podem ser transmitidas ao homem. B - Doenças parasitárias, n.5, p.38, 1935;
126. Inimigos naturais das formigas, n.10, p.62, 1935;
127. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças infecciosas I, n.74, p.57, 1936;
128. A goiabeira, (I) n.77, p.36, (II) n.78, p.57, (III) n.81, p.52, (IV) n.82, p.44, 1936;
129. Incrivel, mas veridico, o mecanismo da reprodução da mosca do berne, n.83, p.22, 1936;
130. Alguns aspectos da viti-vinicultura Rio-grandense, n.77, p.65, 1936;
131. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças infecciosas II, n.98, p.52, 1938;
132. (O que todo criador deve saber de veterinaria), Doenças causadas por parasitos III, n.99, p.42, 1938;
133. (O que todo criador deve saber de veterinaria), IV, n.100, p.22, 1938;
134. (O que todo criador deve saber de veterinaria), V, n.101, p.55, 1938;
135. As formigas II, n.103, p.57, 1938;
136. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças do equinos VI, n.103, p.22, 1938;
137. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças do equinos VII, n.105, p.42, 1938;
138. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças dos porcos e seu tratamento VIII, n.106, p.62, 1938;
139. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças dos porcos e seu tratamento IX, n.107, p.56, 1938;
140. As formigas V, n.108, p.38, 1938

[61] Em circulação de jan. 1930 a jan. 1952. A partir de 1936, a revista adotou a numeração decimal contínua das edições mensais, a partir do número 73 (janeiro de 1936); até então, as edições eram numeradas de 1 a 12 ao longo de um ano.

141. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças dos porcos e seu tratamento X, n.108, p.52, 1938;
142. O heroico cão de Recife, n.108, p.76, 1938;
143. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças dos carneiros e cabras e seu tratamento XI, n.109, p.44, 1939;
144. Goiabeira serrana, n.110, p.33, 1939;
145. As formigas VI, n.110, p.57, 1939;
146. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças dos carneiros e cabras e seu tratamento XII, n.110, p.60, 1939;
147. As formigas VII, n.111, p.31, 1939;
148. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças dos carneiros e cabras e seu tratamento XIII, n.111, p.3, 1939;
149. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças das galinhas e outras aves seu tratamento XIV, n.112, p.33, 1939;
150. As formigas VIII, n.112, p.62, 1939;
151. O bicho do pé, n.112, p.67, 1939;
152. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças das galinhas e outras aves seu tratamento XV, n.113, p.61, 1939;
153. O chopim, n.118, p.36, 1939;
154. Velhas superstições campesinas I, n.119, p.64, 1939;
155. Velhas superstições campesinas II, n.120, p.48, 1939;
156. Velhas superstições campesinas III, n.121, p.61, 1940;
157. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças das galinhas e outras aves seu tratamento XVI, n.122, p.27, 1940;
158. Ranicultura, n.122, p.42, 1940;
159. (O que todo criador deve saber de veterinaria) Doenças das galinhas e outras aves seu tratamento XVII, n.123, p.22, 1940;
160. A escolha dum cão: considerações sôbre aprumos e andaduras, n.123, p.30, 1940;
161. O futuro da indústria de conservas de doces no Brasil, n.123, p.58, 1940;
162. Velhas superstições campesinas IV, n.124, p.55, 1940;
163. (O que todo criador deve saber de veterinaria) cont. de XVII, n.124, p.58, 1940;
164. O combate biológico contra as pragas das plantas cultivadas, n.126, p.58, 1940;
165. Sarnas dos cães e dos gatos, n.129, p.38, 1940;
166. O Carlim, n.131, p.44, 1940;
167. (Cães & Canis) As verminoses dos cães, n.134, p.47, 1941;
168. Cães de caça brasileiros, n.140, p.27, 1941;
169. Tartarugas marinhas, n.140, p.33, 1941;
170. (Cães & Canis) A origem do cão, n.140, p.42, 1941;
171. Artigo Páu, n.141, p.35, 1941;
172. Um raro, belo e curioso pássaro brasileiro: o Galo da Serra, n.143, p.57, 1941;
173. A quina, n.150, p.10. 1942;
174. O sapo ferreiro, n.150, p.12, 1942;
175. A bananeira, n.150, p.40. 1942;
176. A quina, n.151, p.16. 1942;
177. Craveiro da Índia, n.153, p.18,1942;
178. (As especiarias) A baunilha, n.154, p.22, 1942;
179. (As especiarias) Pimenta do reino e o gengibre, n.154, p.29,1942;
180. Caçadores, cuidado com os carrapatos, n.155, p.44, 1942;
181. O topinambor (Helianthus teberosus L.), n.156, p.59, 1942;
182. A cultura da cana de açúcar, n.157, p.9, 1943;
183. Os sorgos, n.158, p.6, 1943;
184. A inteligência do cão, n.161, p.24, 1943;
185. Noz moscada, n.161, p.27, 1943;
186. O combate aos insétos nocivos á lavoura por seus inimigos naturais: fatos e testemunhos decisivos, n.164, p.51, 1943;
187. O cajú e a cultura do cajueiro, n.241/2, p.17, 1950 [reprodução do artigo publicado na edição n.2, p.66, 1935];
188. A goiabeira, n.243/4, p.16, 1950 [reprodução do artigo publicado em edições de 1936];

EURICO SANTOS NA REVISTA *SELEÇÕES AGRÍCOLAS (1946-67)*[62]

189. Mão-pelada ou guaxinim, n.1, p.14, 1946;
190. O pão nosso, a carne do boi e o leite da vaca, n.1, p.14, 1946;
191. Os inimigos dos nossos inimigos são bons amigos nossos, n.1, p.46, 1946;
192. Uma fruta que desapareceu do mercado: o cambucá, n.1, p.56, 1946;
193. Algo sôbre cães de caça na antiguidade, n.2, p.25, 1946;
194. As aranhas e os beija flores, n.3, p.17, 1946;
195. O papagaio contrafeito, n.3, p.28, 1946, Curiosidades da nossa terra;
196. Descobriu-se, finalmente, o elixir da longa vida?, n.4, p.39, 1946;
197. Eucaliptus: quais as espécies preferidas?, n.4, p.41, 1946;
198. O ratão do banhado, n.4, p.52, 1946;
199. Algo sôbre couros, n.5, p.30, 1946;
200. O caapora, n.5, p.81, 1946, Nossas lendas (do livro entre o gambá e o macaco);
201. Multipliquem-se as granjas de criação de aves, n.6, p.45, 1946;
202. O caju entre os indígenas, n.6, p.45, 1946;
203. Cultura intervalar entre coqueiros, n.6, p.57, 1946, Consultas;
204. Sopa de tartaruga, n.7, p.27, 1946;
205. Não só nas farmácias se encontram vitaminas, n.7, p.57, 1946;
206. O cão entre os indígenas do Brasil, n.7, p.77, 1946;



1946 SELEÇÕES AGRÍCOLAS 17

As aranhas e os beija-flores

Hoje sabe-se, de fonte limpa, por observações seguras e provas irrefutáveis que os beija-flores, posto que absorvam o nectar das flores, mais que deste se alimentam com insetos e aracnídeos que nas flores se encontram.

De aranhas tanto gostam que vão buscá-las até nas teias.

Em seu "Diário" de viagem, datado de setembro de 1834, já o grande Darwin notulava:

"Embora que os vejamos (os beija-flores) sempre a voar de uma flor a outra, em busca de alimento, seu estômago contém de ordinário restos abundantes de in-tos que são, a meu juizo, o que os beija-flores de preferência, ao nectar, buscam nas flores."

Já que os beija-flores tamanha hecatombe fazem nos arraiais das pequeninas aranhas, era natural que as aranhas gigantes não lhe perdoassem essas predileções alimentares, e, vingando a afronta, ôlho por ôlho, dente por dente, também atacassem os inimigos da espécie, comendo-os.

Assim, realmente, acontece. Quem primeiro relatou o fato

Aranha migale, matando um beija-flor, segundo Sibylle de Merian

"As aranhas e os beija flores", artigo publicado em *Seleções Agrícolas* n.3, p.17, 1946, assinado por E.S..



1949 SELEÇÕES AGRÍCOLAS 77

Conhece êste totó?

É o "Deutsche Schaferhound", vulgarmente chamado *Policial alemão*, designação que não deve prevalecer

Originariamente, como o nome indica, era um cão pastor, como o de "Brie" e o de "Beauce", na França; o "Groenendael", na Bélgica; o "Colley", na Escócia. Hoje o "Deutsche Schaferhound" está à frente de todas as raças caninas pela sua alta capacidade de aprender.

Assim, vêmo-lo exercendo as funções de policial, de guia de cego, cão de ambulância e igualmente artista de circo, de cinema, etc. Todos os cães que aparecem na tela, dando-nos a impressão de que dispõem de dotes artísticos, diremos mesmo de talento artístico, pertencem à classe dos cães de pastor.

Neste particular só rivaliza com o "Schaferhound" a raça "Colley", que vimos em filmes inesquecíveis, como "Força do Coração", por exemplo.

Franceses e alemães, sempre em desavenças de vizinhos, disputam entre si o berço de onde surgiu o a raça de que estamos tratando. Megnin escreveu alentada obra para provar que o cão era de origem francesa; um cinólogo alemão, cujo nome complicado não me ocorre agora, escreveu alentadissimo cartapácio, com erudição germânicamente cerrada, para provar que o canino era alemão.

Parece que nessa desavença ambos têm razão.

Segundo Dechambre, há duas raças distintas: o pastor da Alsácia, de talhe maior, de 65 a 70 cm. e o pastor alemão, menor, de 55 a 60 cm. Entretanto parece que o primeiro, o francês, é que sofreu nas mãos dos alemães, a partir de 1895, os trabalhos zootécnicos que o transformaram no super-cão que hoje se conhece.

Emfim, o assunto é controverso e não nos devemos meter em briga de vizinhos.

E. S.

"Conhece este totó?", coluna publicada em *Seleções Agrícolas* n.33, p.77, 1949, sobre a raça pastor alemão.

[62] Em circulação de mai. 1946 a jun. 1967.

207. Algo sôbre a pele e sua transformação em couros, n.8, p.19, 1946;
208. Sôbre o berne, n.8, p.69, 1946;
209. A veneranda mamãe natureza, n.8, p.74, 1946;
210. As madeiras do Brasil, n.9, p.32, 1947;
211. As orquídeas úteis, n.9, p.44, 1947;
212. Pau Brasil, n.9, p.63, 1947;
213. Como conseguir novas variedades de rosas?, n.10, p.11, 1947;
214. Caçar? Como e onde? (por R.), n.10, p.31, 1947;
215. A página das aves, n.10, p.45, 1947;
216. Você conhece o jequitibá?, n.11, p.27, 1947;
217. Importância da manga no ponto de vista comercial, n.11, p.73, 1947;
218. A influência do R, n.13, p.53, 1947;
219. Como o homem vem utilizando certos animais na caçada de outros II, n.13, p.82, 1947;
220. Que pensar dos gatos, n.18, p.82, 1947;
221. Flores nacionais, n.18, p.39, 1947;
222. Brasil, país de turismo, n.21, p.6, 1948;
223. Jardinagem, n.26, p.16, 1948;
224. Copiamos os animais, n.28, p.83, 1948;
225. Conhece este totó?, n.32, p.51, 1948;
226. Conhece este totó?, n.33, p.77, 1949;
227. Beija-flores, n.36, p.35, 1949;
228. Conhece este totó? — Pointer —, n.36, p.49, 1949;
229. O cavalo marinho, n.37, p.44, 1949;
230. O sapo n.38, p.16, 1949;
231. Que totó é êste?, n.38, p.57, 1949;
232. Crendices, n.39, p.49, 1949;
233. Que totó é êste, n.39, p.56, 1949;
234. Que totó é êste?, n.41, p.47, 1949;
235. As aves na ornamentação dos jardins, n.42, p.27, 1949;
236. Que totó é êste?, n.44, p.23, 1949;
237. Que totó é êste?, n.45, p.65, 1950;
238. Os animais sagrados, n.47, p.8, 1950;
239. Toma a casa e come o dono, n.47, p.51, 1950;
240. Comam mais frutas!, n.48, p.39, 1950;
241. Os animais úteis e os nocivos à agricultura, n.49, p.37, 1950;
242. Nota sobre o cão “Schnauser”, n.51, p.57, 1950;
243. A ostra na alimentação humana, n.52, p.51, 1950;
244. A caça entre os indígenas do Brasil, n.54, p.25, 1950;
245. Para ter cães sadíos, n.55, p.29, 1950;
246. Conhece êste totó? (Cocker spaniel), n.56, p.39, 1950;
247. Não é econômico criar rãs, n.58, p.37, 1951;
248. Orquídeas cheirosas, n.59, p.21, 1951;
249. Pindoroma, n.60, p.23, 1951;
250. Curiosidades zoológicas — Peixe elefante, n.61, p.39, 1951;
251. Plantas que matam peixes e inseto, n.61, p.47, 1951;
252. Nem só as serpentes têm peçonha, n.93, p.17, 1954;

EURICO SANTOS[63] NA REVISTA *CHÁCARAS E QUINTAIS*

253. (Entre livros e folhetos) Resenha do livro *Cultura da soja no Brasil*, v.44, n.2, p.202, 1931;
254. (Entre livros e folhetos) Resenha do *Almanak do criador de aves domesticas*, v.44, n.2, p.202, 1931;
255. A mandioca no Brasil colonial, v.46, n.3, p.237, 1932;
256. A mandioca no Brasil colonial, v.46, n.3, p.270, 1932;
257. (Consulta) Ensino e cuidado com os cães, v.57, n.5, p.741, 1938;
258. (Consulta) Caracteristicos dos cães policiais, v.59, n.4, p.514, 1939;
259. Algumas informações sôbre a Ema (Especial), v.63, n.1, p.31, 1941;
260. Um cágado do Norte e outro do Sul, v.63, n.5, p.617, 1941;
261. Um roedor-mór: a capivara (Especial), v.64, n.4, p.456, 1941;
262. A propósito de um cão famoso e de uma linda capa de "Chacaras e Quintais" (Especial), v.81, n.1, p.36, 1950;
263. Sobre periquitos do Brasil (Especial), v.81, n.1, p.65, 1950;
264. Combate aos morcegos, v.81, n.2, p.212, 1950;
265. Sobre os passarinhos TRINCA-FERRO (*Saltator species*) (Especial), v.81, n.2, p.227, 1950;
266. A araponga, «ferreiro dos sertões» *Procnias nudicollis* (Especial), v.81, n.3, p.296, 1950;
267. O ouriço cacheiro (Especial), v.82, n.5, p.585, 1950;
268. Macaco barrigudo (Especial), v.83, n.1, p.81, 1951;
269. E' a lingua ou o bico do picapau? (Especial), v.83, n.2, p.233, 1951;
270. Estudando o tatú: nem proteção, nem perseguição (Especial), v.83, n.5, p.601, 1951;
271. Os martim-pescadores (Especial), v.84, n.2, p.195, 1951;
272. Os Animais Selvagens «Aproveitamento – Cativeiro – Amansamento – Domesticação» (Especial): Cap. I – Algumas considerações preliminares, v.84, n.2, p.224, 1951;
273. Os Animais Selvagens: Cap. II – A criação de raposas, v.84, n.3, p.340, 1951;



VOLUME N.º 81.º — CHA. E QUI. — 15 DE JANEIRO DE 1950 — PÁG. 65

Sobre Periquitos do Brasil

(ESPECIAL)

Do nosso leitor Sr. H. M. da S., do **Rio de Janeiro**, recebemos a seguinte consulta: "Onde poderia obter um livro sôbre estudos dos nossos PERIQUITOS; - Classificação, biologia, origem, vida, distribuição no Brasil" e quase não bastasse, o Sr. consulente acrescentou um "vasto" et caetera...

Quão felizes seriamos se dispuzessemos em nossa literatura zoológica paupérrima, de um volume completo e nosso que pudessemos indicar ao Sr. consulente! O único livro que tem um capitulo especial sôbre os nossos PERIQUITOS, ainda assim, falando dêles em conjunto com os papagaios e araras, está, ainda, atualmente, esgotado: "DA EMA AO BEIJA-FLOR", de autoria do nosso velho colaborador e douto amigo, Sr. Eurico Santos. Outros livros, que tratam da nossa avifauna em geral, podem ser adquiridos pelo interessado, em nossa Livraria Agricola, tais como "PASSAROS DO BRASIL", do mesmo Auler, "ENSAIO SÔBRE A FAUNA BRASILEIRA, do Dr. Agenor Couto de Magalhães etc. Mas, para de certo modo, responder à consulta, condensamos as noções principais contidas no primeiro dos citados volumes, expressamente

PERIQUITOS (MARACANÃ — JENDAIA — TUIM) — Este belo quadro, reduzido pelos artistas da CHA. E QUI., aparece no ALBUM DE AVES AMAZONICAS organizado em 1900-1926 pelo Professor Dr. Emilio Goeldi, quando Diretor do Museu Paraense (MUSEU GOELDI), com a mesma legenda que acima reproduzimos. Desenhos de Ernesto Lohse, desenhista-litografo do histórico Museu.

Ha uma tremenda confusão nessa questão de saber-se os nomes dos PERIQUITOS e onde começam os PAPAGAIOS, sendo comos entre as formas intermediárias (TIRIBAS, TUINS, CURICAS, MARACANAS, TUIPARAS ETC). Este quadro, número 16 da citada obra infelizmente esgotada e rara, é o que representa maior número de PERIQUITOS (**Psittacidae**), tanto **Conurinae** (O L., central e o ultimo) como **Pionianæ** (os ultimos de baixo, à esquerda). Da esquerda para a direita: **Conuros leucophthalmus** (P. L. S. Muller) (**Conurus pavua**; C. **guianensis**) — MARACANÃ — ARAGUAI — ARIA; **Conurus leudaya** (Gmelin) (**C. pyrrocephalus, C. nuricapillus**) — CACAOÉ — JENDAIA; **Conurus aurens** (Gmelin) (**C. cruentatus**) — PERIQUITO REI — PERIQUITINHO DE TESTA AMARELA; **Brotogerys virescens** (Gmelin) — PERIQUITO; ESPIHUA — PERIQUITO DA CAMPINA; **Brotogerys tuipara** (Gmelin) (**B. notata**) — TUIPARA; (**Urochroma purpurata**) (Gmelin) **Euchroura purpurata**) — **E. viridicauda** Gray) — PERIQUITO; **Urochroma haeti** (Vieill.) (**Euchroura haeti**) — PERIQUITO; **Brotogerys tui** (Gmelin) (**B. passerina**) — **TUIM.**



VOLUME N.º 82.º — CHA. E QUI. — 15 DE NOVEMBRO DE 1950 — PÁG. 585

O OURIÇO CACHEIRO

(ESPECIAL)

Esta almofada de alfinetes andante diverte muito quem tem a pachorra de observá-la mais a mendo, porém de certa distância e com o devido respeito, bem entendido. O animalsinho de forma alguma não procura causar mal a ninguém, é muito pacato, levando a sua vidinha por entre matas e campos, mas faz questão de não ser amolado e se alguem, gente ou bicho, isto não quer ou não pode compreender e insiste em pegar naquela coisa espinhosa, tanto pior para ele. O OURIÇO não faz cerimônias nem ameaça com cara feia, mas simplesmente apela a uns músculos que controlam os movimentos da sua própria blindagem natural e — zás — trinta mil afiadissimos dardos, num abrir e fechar dos olhos, ensinam boas maneiras a quem faltou com o devido respeito. Quem, ato continuo, sofrerá dores horrendas positivamente não será o OURIÇO.

Não temos certêza se, de fato, são em número de trinta mil os dardos, talvez sejam apenas 29.850, mas certo é que são afiadissimos, muito leves, ôcos, quebradiços como vidro e, por cúmulo de perversidade, ainda nas pontas munidas de uma infinidade de farpas, quase invisíveis a olho nú, tão pequeninas que são. Mas êrro é pensar que o "porquinho de espinhos" jogue os seus dardos de encontro a quem o procura molestar; solta-os com extrema ligeireza, isto sim, mas jogar não os joga. No efeito ofensivo são todos iguais os espinhos, da cabeça até a ponta do rabo, mas é o rabo, por ser muito movel e sempre agitado pelo animal nos momentos de perigo, que deve ser mais respeitado. As espinhas uma vez encravadas na carne tendem a penetrar o mais profundo possivel, indo andando para diante sem parar, impulsionadas pela tenção dos músculos da vitima. Não adianta tentar "amolecer" as espinhas com óleo ou outra coisa qualquer, a fim de que se

Reproduzimos da História Natural Ediar, esta bellissima aquarela do artista pintor Don Carlos C. Wiedner, dada a devida vênia. Embora reduzindo-lhe o tamanho, aparece com as mesmas côres em que figura na soberba obra dos ilustres zoologistas argentinos Dr. Angel Cabrera e Dr. José Yepes, autores de MAMIFEROS SUD-AMERICANOS. Representa o lindo quadro o OURIÇO **Coendou patagonyensis**, comum na república vizinha que lhe deu o nome, mas no Brasil a mais comum é outra espécie vizinha, o **Coendou villosus.** "O nome de OURIÇO CACHEIRO é batismo português" diz Eurico Santos. O nome indígena é CUIM.

[63] A pesquisa por "Eurico Santos" na coleção *Chacaras e Quintais* da BNDigital gerou 615 ocorrências.

274. As nossas cobras corais (Especial), v.84, n.4, p.455, 1951;
275. Os Animais Selvagens: Cap. III – A criação dos cangambás, v.84, n.5, p.579, 1951;
276. Os Animais Selvagens: Cap. IV – Coipocultura, v.84, n.6, p.730, 1951;
277. Os Animais Selvagens: Cap. V – Guaraxaim, ou cachorro do mato, pode ser também “Renard Argenté” [raposa prateada], v.85, n.1, p.57, 1952;
278. Os Animais Selvagens: Cap. VI – A capivara, a anta e o caitetu podem ser criandos em amplos parques, v.85, n.2, p.185, 1952;
279. Os Animais Selvagens: (continuação do Capítulo VI) – Anta e porco do mato, v.85, n.3, p.356, 1952;
280. Os Animais Selvagens: Cap. VII – A paca reproduz-se bem em cativeiro, v.85, n.4, p.443, 1952;
281. Os Animais Selvagens: Cap. VIII – O furão domesticado desde alta antiguidade, ainda hoje presta serviços e prova como é possível amansar e até domesticar certos carnívoros, v.85, n.6, p.756, 1952;
282. Os Animais Selvagens: Cap. XI – Criação do peixe boi, v.86, n.4, p.534, 1952;
283. (Consulta) Combatendo gralhas e morcegos, v.86, n.5, p.651, 1952;
284. Os Animais Selvagens: Cap. XXII – A ema, ou nhandu, caminha para franca domesticação, v.86, n.6, p.845, 1952;
285. No reino dos cisnes (Especial), v.87, n.1, p.65, 1953;
286. Os Animais Selvagens: Ainda algumas aves cujo amansamentos e até domesticação podem ser tentados, v.87, n.6, p.855,
287. Os Animais Selvagens: Cap. XVIII – Criação de Jacarés, Lagartos e Serpentes, v.88, n.1, p.111, 1953;
288. Os Animais Selvagens: Cap. XIX – Não parece dificil criar a tartaruga amazonense, v.88, n.2, p.239, 1953;
289. Os Animais Selvagens: Cap. XX – Ranicultura, v.88, n.3, p.353, 1953;
290. Os roedores do Brasil (Especial), v.88, n.3, p.399, 1953;
291. Os Animais Selvagens: Cap. XXI – Ostreicultura, v.88, n.4, p.531, 1953;
292. Os Animais Selvagens: Cap. XXII – a Mitilicultura, v.88, n.5, p.735, 1953;
293. Os Animais Selvagens: Cap. XXIII – Criação de camarões ou lagostas de água doce, v.86, n.6, p.877, 1953;
294. Os Animais Selvagens: Cap. XXIV – Criação de carangueijos, siris e outros crustáceos, v.89, n.1, p.61, 1954;



VOL. 84.º ★ N.º 2 ★ CHA. E QUI. ★ 15 DE AGOSTO DE 1951 ★ PAG. 195

OS MARTIM-PESCADORES

(ESPECIAL)

Os MARTIM-PESCADORES são aves da ordem dos coraciiformes, e família dos alcedinídeos.

Encontram-se estas belas aves em tôdas as regiões da terra, mas o seu paraíso é o Arquipélago Malaio e a Nova Guiné.

Um dos mais belos, posto que todos sejam lindos, é o **Alcedo ispida**, que habita a Europa.

A América não conta com mais de 11 espécies e o Brasil possue, segundo os catálogos mais recentes, meia duzia delas.

O gigante do grupo é **Megaceryla torquata torquata**, e o anão é **Chlorocerylle s. aenea.**

O americícola dava a essas aves o nome de IAGUACATI, segundo Marcgrav, e, ainda, de conformidade com Natterer, o nome de UARURAMA, nome que se modificou em ARIRAMBA, pelo qual é hoje nomeado ainda na região amazônica.

O povo por lá distingue pelos nomes populares tantas espécies quantas entre nós reconhecem os ornitologistas e que são:

ARIRAMBA-GRANDE (**Megaceryle t. torquata**) chamado também MARTIM - PESCADOR GRANDE, MARTIM CACHA. Encontra-se no México, América Central tôda, até Argentina, excetuando-se Peru e Bolivia.

Regula o tamanho de um pombo, 40 a 47 cms., quer dizer da ponta do bico ao extremo da cauda.

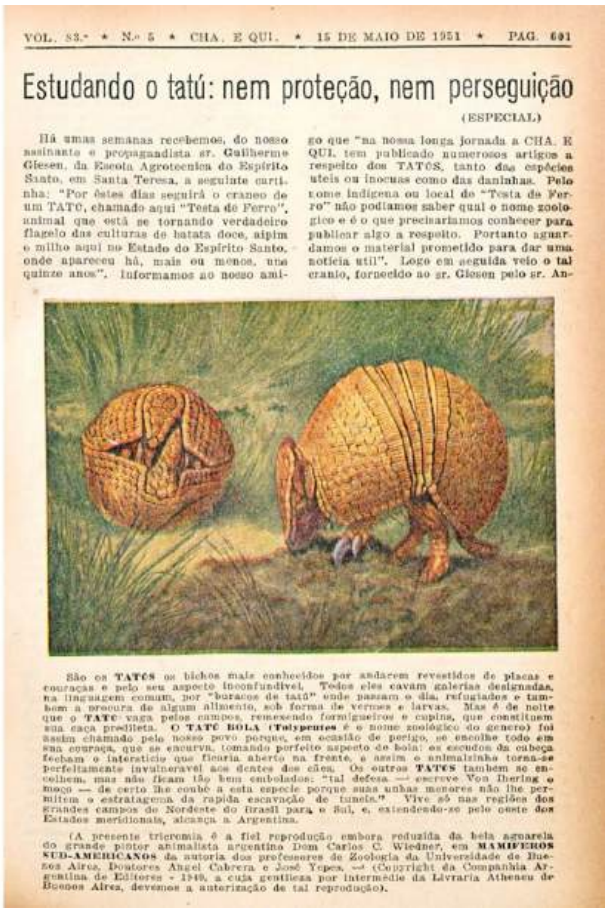
Nota-se, como de resto em tôdas as demais espécies, certa desarmonia de forma, pelo contraste entre a cabeça grande e chata, armada de longo bico e as asas e cauda curta.

A natureza — escreví eu na obra "Da Ema ao Beija-Flor" — pouco se preocupou com essas desproporções morfológicas, porque tinha em vista adaptar o conjunto do corpo ao seu especialíssimo meio de vida.

Para compensar-lhe as aparências algo fora das normas, caprichou em lhe dotar a plumagem com as mais vistosas côres.

Pela parte superior do corpo, cabeça, coberteiras das asas e colar peitoral nota-se um cinzento azulado, a garganta e todo o contôrno do pescoço é branco, a

Um casal do MARTIM PESCADOR, **Ceryle torquata** dos zoologistas e que o povo distingue com diversos nomes: ARIRAMBA GRANDE na região amazonica; MATRACA, MARTIM GRANDE, MARTIM CACHAÇA no centro e sul, sendo IAGUACATIGUAÇÚ o nome que lhe dão os indios. Encontra-se esta espécie e as outras menores, nas proximidades dos rios, riachos e igarapés, sempre pousadas em ramos de arvores ou arbustos que se vão debruçar sobre as margens, e aí aos casais ou solitários, espreitam peixinhos, ou larvas de insectos aquáticos de que se alimentam e às vezes caçam ao vôo, formigas aladas. — (Reproduzimos a bela tricromia da obra do nosso douto colaborador Eurico Santos "DA EMA AO BEIJA-FLOR". Edição Briguiet & Cia. Rio - 1938, obra infelizmente esgotada)



VOL. 83.º ★ N.º 5 ★ CHA. E QUI. ★ 15 DE MAIO DE 1951 ★ PAG. 601

Estudando o tatú: nem proteção, nem perseguição

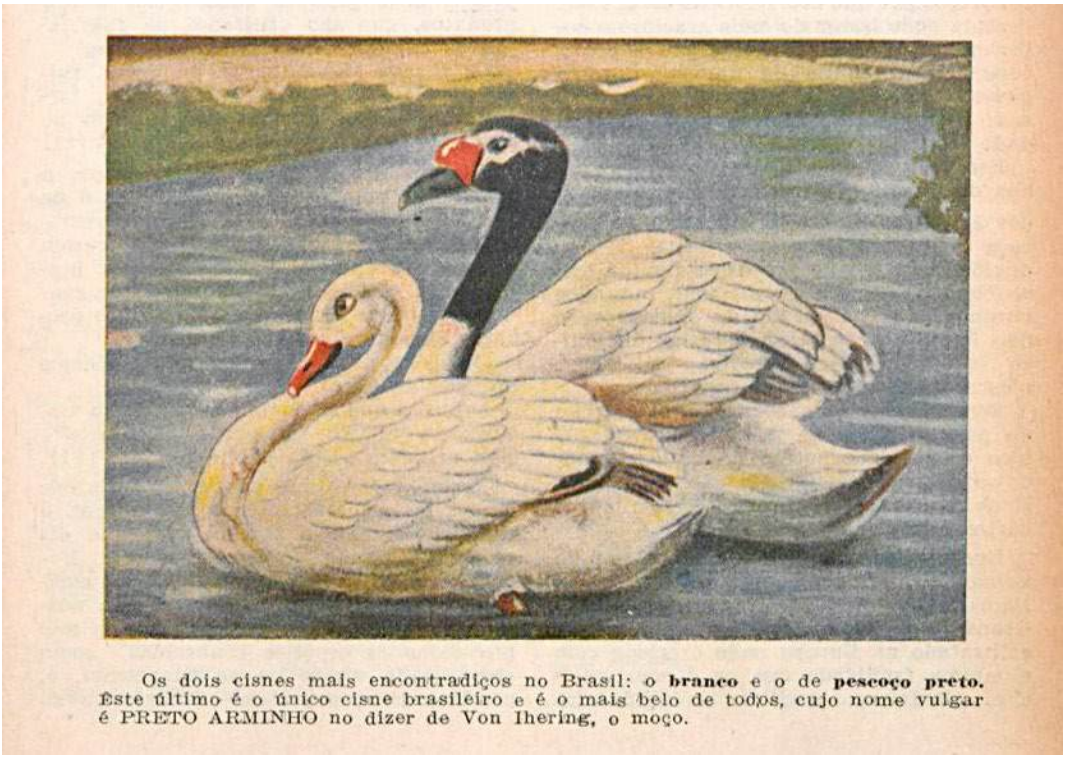
(ESPECIAL)

Há umas semanas recebemos, do nosso assinante e propagandista sr. Guilherme Giesen, da Escola Agrotecnica do Espírito Santo, em Santa Teresa, a seguinte carta: "Por êstes dias seguirá o craneo de um TATÚ, chamado aqui "Testa de Ferro", animal que está se tornando verdadeiro flagelo das culturas de batata doce, aipim e milho aqui no Estado do Espírito Santo, onde apareceu há, mais ou menos, uns quinze anos". Informamos ao nosso amigo que "na nossa longa jornada a CHA. E QUI. tem publicado numerosos artigos a respeito dos TATÚS, tanto das espécies uteis ou inocuas como das danilhas. Pelo nome indigena ou local de "Testa de Ferro" não podiamos saber qual o nome zoologico e é o que precisariamos conhecer para publicar algo a respeito. Portanto aguardamos o material prometido para dar uma noticia util". Logo em seguida veio o tal craneo, fornecido ao sr. Giesen pelo sr. An-

São os **TATÚS** os bichos mais conhecidos por andarem revestidos de placas e couraças e pelo seu aspecto inconfundivel. Todos eles cavam galerias designadas, na linguagem comum, por "buracos de tatú" onde passam o dia, refugiados e também a procura de algum alimento, sob forma de vermes e larvas. Mas é de noite que o **TATÚ** vaga pelos campos, remexendo formigueiros e capins, que constituem sua caça predileta. O **TATÚ BOLA** (**Tolypeutes** é o nome zoologico do genero) foi assim chamado pelo nosso povo porque, em ocasião de perigo, se escolhe todo em sua couraça, que se encurva, tomando perfeito aspecto de bola: os escudos da cabeça fecham o interstício que ficaria aberto na frente, e assim o animalzinho torna-se perfeitamente invulneravel aos dentes dos cães. Os outros **TATÚS** também se encolhem, mas não ficam tão bem embolados: "tal defesa — escreve Von Ihering o moço — de certo lhe coube a esta especie porque suas unhas menores não lhe permitem o estratagema da rapida escavação de tuneis." Vive só nas regiões dos grandes campos do Nordeste do Brasil para o Sul, e, extendendo-se pelo oeste dos Estados meridionais, alcança a Argentina.

(A presente tricromia é a fiel reprodução embora reduzida da bela aguarela do grande pintor animalista argentino Dom Carlos C. Wiedner, em **MAMIFEROS SUD-AMERICANOS** da autoria dos professores de Zoologia da Universidade de Buenos Aires, Doutores Angel Cabrera e José Yepes. — (Copyright da Companhia Argentina de Editores - 1940, a cuja gentileza por intermedio da Livraria Athenêu de Buenos Aires, devemos a autorização de tal reprodução).

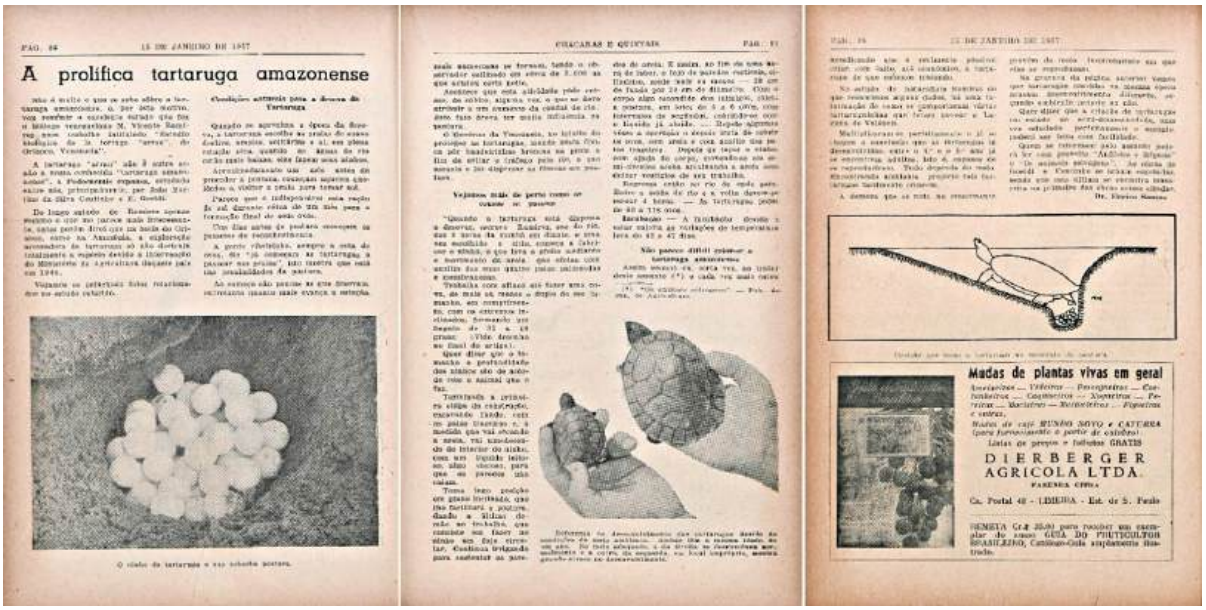
295. Os Animais Selvagens: Cap. XXV – Helicicultura, v.89, n.2, p.215, 1954;
296. Ovos de formigas (Especial), v.89, n.4, p.435, 1954;
297. (Consulta) Criando o pássaro “corrupião”, v.89, n.4, p.464, 1954;
298. Os Animais Selvagens: Cap. XXVI – Minhocas e Sanguessugas, v.89, n.4, p.476, 1954;
299. Os Animais Selvagens: Cap. XXVII – O bicho da seda indígena e a criação de borboletas, v.89, n.5, p.609, 1954;
300. Os Animais Selvagens: Cap. XXVII [XVIII] – Criação de Borboletas, v.89, n.6, p.737, 1954;
301. O quero-quero *Belonopterus cayennensis* (Especial), v.89, n.6, p.701, 1954;
302. Um cachorro selvagem raro e seus dois filhotes ainda mais raros (Especial), v.90, n.2, p.177, 1954;
303. (Consulta) Criação de mutuns, v.90, n.4, p.425, 1954;
304. Elogio do sapo, *Bufo marinus* L. (Especial), v.90, n.4, p.443, 1954;
305. (Consulta) Criando cágados? (Especial), v.90, n.5, p.566, 1954;
306. Como a cascavel e a urutu, é o jararacuçu uma das mais perigosas cobras do Brasil (Especial), v.91, n.1, p.109, 1955;
307. As abelhas sociais indígenas poderão fornecer compensadora produção de mel? (Especial), v.91, n.2, p.193, 1955;
308. Aves de luxo (Especial), v.91, n.3, p.378, 1955;
309. É a jiboia cobra util?, v.91, n.3, p.408, 1955;
310. (Consulta) Criação de araras, v.92, n.6, p.829, 1955;
311. Algo sôbre ninhos e ovos de nossas aves silvestres (Especial), v.93, n.3, p.281, 1956;
312. O canto da araponga (Especial), v.93, n.3, p.387, 1956;
313. Se existem lagartas, os cucos não são culpados (Especial), v.93, n.3, p.394, 1956;
314. Notícia de certo pinguim que andou por aqui (Especial), v.93, n.3, p.431, 1956;
315. Formigas que ferram e formigas que mordem (Especial), v.93, n.3, p.436, 1956;
316. Salvando a herança faunística para bem da humanidade (Especial), v.93, n.4, p.535, 1956;
317. A propósito de beija-flores e sua bibliografia (Especial), v.93, n.4, p.554, 1956;
318. Formigas que ferram e formigas que mordem (Especial), v.93, n.4, p.558, 1956;
319. É indispensável conhecer os ratos para bem combate-los (Especial), v.93, n.6, p.897, 1956;
320. Como os animais selvagens resolvem seus problemas – Histórias do porco espinho (Especial), v.93, n.6, p.905, 1956;



Os dois cisnes mais encontradiços no Brasil: o **branco** e o de **pescoço preto.** Êste último é o único cisne brasileiro e é o mais belo de todos, cujo nome vulgar é PRETO ARMINHO no dizer de Von Ihering, o moço.

321. Alguns aspectos curiosos da vida dos beija-flores (Especial), v.94, n.1, p.52, 1956;

322. A Paca, boa caça, é de fácil criação (Especial), v.94, n.1, p.71, 1956;
323. Meios e modos de acabar com os ratos (Especial), v.94, n.3, p.381, 1956;
324. De que se alimentam as serpentes (Especial), v.94, n.3, p.389, 1956;
325. Os novos rumos da ranicultura, v.94, n.4, p.536, 1956;
326. O gato e as aves (Especial), v.94, n.4, p.589, 1956;
327. Os beija-flores tambem cantam (Especial), v.94, n.5, p.701, 1956;



A prolifica tartaruga amazonense

Mudas de plantas vivas em geral

DIERBERGER AGRICOLA LTDA.



Um cachorro selvagem raro e seus dois filhotes ainda mais raros

(ESPECIAL)

ARROZ E LEGUMINOSAS

DIERBERGER AGRO-COMERCIAL LTDA.

EFICIENCIA NA CRIAÇÃO DE FRANGOS PARA CORTE

328. Criação de beija-flores, v.94, n.5, p.702, 1956;

329. De que se alimentam as serpentes II (Especial), v.94, n.5, p.758, 1956;
330. Oologia pitoresca (Especial), v.94, n.6, p.903, 1956;
331. A prolífera tartaruga amazonense, v.95, n.1, p.86, 1957;
332. Os híbridos animais e vegetais ainda nos reservam surpresas (Especial), v.95, n.2, p.189, 1957;
333. Como é possível espantar, sem matar, os pássaros prejudiciais (Especial), v.95, n.2, p.191, 1957;
334. O reflorestamento e a fauna, v.96, n.1, p.41, 1957;
335. Um “papinho” sôbre faisões, v.96, n.3, p.341, 1957;
336. Teria, mesmo, o homem destruido a maior ave do mundo? (Especial), v.95, n.3, p.357, 1957;
337. Pequenos serviços que nos prestam as aves (Especial), v.95, n.3, p.378, 1957;
338. O pitoresco da vida dos cães, v.96, n.2, p.259, 1957;
339. Os inimigos naturais do gafanhotos, v.96, n.3, p.369, 1957;
340. São os ácaros tão maléficos quanto os insetos, v.96, n.4, p.472, 1957;
341. Os insetos úteis, v.96, n.6, p.792, 1957;
342. Não é difícil criar faisões, v.98, n.1, p.51, 1958;
343. Porque matar as aranhas, v.98, n.2, p.223, 1958;
344. Garrancho, ou o Rei dos caranguejos, v.98, n.2, p.228, 1958;
345. Quais as aranhas peçonhentas, v.98, n.3, p.360, 1958;
346. Há aranhas que cuidam dos filhos, v.98, n.4, p.486, 1958;
347. A verdade sôbre a Monogamia da Rainha das Abelhas (Especial), v.99, n.3, p.291, 1959;
348. Já se disse bem dos Gatos, Mas..., v.99, n.5, p.567, 1959;
349. (Consulta) Cães de guarda, v.99, n.6, p.696, 1959;
350. O galo músico, v.99, n.6, p.704, 1959;
351. Há histórias de bichos mais curiosas que os próprios bichos, v.100, n.2, p.407, 1959;
352. «Xerimbabo»: o têrmo nos pertence, mas o «hobby» é universal, v.100, n.3, p.498, 1959;
353. O mel e sua produção, v.101, n.4, p.650, 1959;
354. Um Cãozinho Indígena que Tende a se Extinguir, v.102, n.4, p.639, 1960;
355. (Entre Livros e Folhetos) Papéis avulsos, v.101, n.6, p.705, 1960;
356. As baratas, além de destetáveis são perigosas, v.101, n.6, p.716, 1960;
357. (Consulta) A Lama ou Lhama, v.104, n.11, p.420, 1961;



O pinguim em companhia de seu dono e outros amigos exibe-se na praia do Leme (**Distrito Federal**). Seu almocinho consistia em uma porção de 8 a 12 sardinhas. **(Original)**

358. (Consulta) A Paca, boa Caça é de Fácil Criação, v.104, n.11, p.801, 1961;

359. (Consulta) Papagaio, aracuã e emas, v.104, n.11, p.802, 1961;
360. As penas das aves — seu aproveitamento industrial e comercial, v.106, n.7, p.163, 1962;
361. A Ema, ou Nhandu, pode ser criada em domesticidade, v.106, n.7, p.203, 1962;
362. O rato: êsse inimigo, v.108, n.7, p.157, 1963;
363. Guaraná, v.110, n.4, p.375, 1965;
364. (Consulta) Uru – criação em cativeiro, v.111, n.2, p.171, 1964;
365. Nossos beija-flores e seu nomes vulgares, Anuário Agrícola 1965-1966, p.171,1965;
366. Algumas considerações sôbre a picada das abelhas, Anuário Agrícola 1965-1966, p.187,1965;

O pitoresco da vida dos cães

Deixarei em silêncio todas as velhas histórias de cães. Não falarei no cão de Tobias, nem no famoso Argus, que depois de vinte anos reconheceu Ulisses e nem naquele cão de Maria Stuart que a acompanhou até a hora da morte, porque são histórias muito sabidas.

Entretanto aludirei a certo cão que pescava para o convento de franciscanos da cidade de Etampes, na França.

Possuiam estes frades um cão Barbet que usava o seguinte estratagema: entrava na água do mar e fingia-se morto. Isto à beira mar. Os siris afoitavam-se e se metiam através do pêlo.

Quando o cão julgava que já tinha boa carga deles agarrados, saia dágua e corria para a cozinha do convento onde o cozinheiro dava um jeito no acepipe.

Certa vez o pescador afogou-se, mas os franciscanos que o consideravam pela celebridade que dava ao convento erigiram-lhe um monumento.

Quem conta esta história é o dr. Mery, grande cinólogo e que parodiando o **Cave canem** (cuidado com o cão) gravado numa residência da cidade de Pompéia mandou esculpir na sua porta **Cave hominem** (cuidado com o homem).

Devido à fineza de seu olfato, o cão tem sido empregado em vários serviços.

O mais velho e conhecido é descobrir as trufas, que como se sabe nascem sob a terra.

O caçador de trufas, amestrado e seguido pelo dono vai para as terras, à procura daquela petisqueira. Vai de nariz rente ao solo farejando e onde pára e cava aí jazem trufas.

Atualmente existe na Central de gás de Utrech (Suiça) uma equipe de cães amestrados para localizar a fuga do gás.

Uma senhora de Kiel (Alemanha) ensinou seu cão Rex, pastor alemão, a acompanhar o marido em seus passeios de automovel.

O acompanhante não vai apenas para passeiar, mas para vigiar o esposo que quando ingere bebidas alcoólicas, Rex, pelo olfato, conhece e não permite que em tal estado meta-se no volante para guiar o carro.

No Rio Grande do Sul, em Itaqui, certo criador treinou determinado cão para localizar as furnas e ocos de árvores onde se abrigam e refugiam os morcegos.

Por este meio facilmente descobriu 13 casas daqueles quirópteros.

Estas são as últimas utilizações do olfato canino, pois as outras, já de há muito são conhecidas.

Dr. Eurico Santos



«Os animais selvagens» (1)

Aproveitamento - Cativeiro - Amansamento - Domesticação

CAPITULO VIII

O FURÃO DOMESTICADO DESDE ALTA ANTIGUIDADE, AINDA HOJE PRESTA SERVIÇOS E PROVA COMO E' POSSIVEL AMANSAR E ATE' DOMESTICAR CERTOS CARNIVOROS

SÚMULA BIOLÓGICA: O FURÃO, que podemos chamar verdadeiro, é um animal que pertence á ordem dos carnivoros e á familia dos mustelideos e ao gênero **Putorius**, sendo a espécie tipica oriunda do norte da Africa, certamente da Líbia, e levada, aos tempos do Imperio Romano, para a Europa e lá empregada, aliás como em seu país de origem, na caça do coelho e, posteriormente, na de ratos, sobretudo domésticos.

Trata-se de um animal de corpo longo, fusiforme, de patas armadas de unhas não retrateis e cauda comprida bem fornida de pêlo.

E' animal desconfiado e de indole sanguinária como os demais mustelideos.

Há na fauna européia duas variedades, o furão de pelagem cinzenta amarelada, indo até ao pardo escuro, parecendo-se muito com a doninha e o furão branco, que pode variar do branco amarelado ao branco creme.

A primeira variedade apontada tem olhos castanhos e esta última possue olhos vermelhos vivos ou alaranjados.

Há naturalistas que têm esta variedade última como albina e outros julgam até que se trata realmente, não duma variedade e sim de uma espécie.

Strabon dá testemunho seguro da domesticação na antiguidade romana quando nos conta minuciosamente que os espanhóis em apuros pela multiplicação dos coelhos, que lhes devastavam as culturas, pediram a ajuda de Roma que lhes enviou furões e instruções de como se deviam servir dêles na caça aos coelhos.

UTILIZAÇÕES: O furão presta serviços quando desejamos contraminar as devastações dos coelhos, mas é, sobretudo, criado em domesticidade para empregá-lo na caça esportiva do coelho, esporte que teve muitos aficionados na Europa, a posto de Felipe, o Belo, na Idade Média, al pelo ano de 1300, prescrever que tal esporte só poderia ser praticado por gentis-homens e que também, só êles, tinham o direito de criar, adestrar e usar o furão.

Há alguns anos atraz houve na Europa uma reviviscência do esporte.

Além disso valem-se das habilidades caçadoras do furão para empregá-las na caça aos ratos, em lugar do vulgarissimo gato ou da jibóia como procede gente do interior de alguns de nossos Estados do Norte.

Há aqui uma observação a fazer. O nome furão, entre nós é dado também a mustelideos do gênero **Grison.** Os zoologos Angel Cabrera e José Yepes, falando das espécies de **Galictes (Grison)** escrevem:

"Não é difícil mante-los em cativeiro se os apanharmos ainda jovens. Em alguns lugares do Brasil procuram domestica-los para detruição de ratos".

Ocorrem no Brasil duas espécies: o **Grison vittatus,** que mede 55 cm. de corpo, e mais 20 cm. de cauda e **Grisonella furax,** um tanto menor.

Em muitos lugares do Brasil dão a estes animais, desarrazoadamente, o nome de "cachorrinho do mato".

A uma destas espécies de furões já se referia Aires de Casal, em sua "Corografia Brasilica" (Rio, 1817) ao tratar da provincia da Paraiba: "Nota-se aqui uma casta de furão do tamanho de um gato



O "FURÃO"

algumas mães desnaturadas chegam a devorar os filhos.

A alimentação dos furões não oferece dificuldade. Leite é bom e constante alimento misturado ao pão, duas vêzes ao dia.

Convém de quando em quando dar carnes sangrentas, frisuras de galinha, ovo batido junto ao pão e leite, uma espécie de sopa. Nada de excesso de pão e absolutamente nada de sal. O sal mata o furão.

Quando se matam galinhas para a alimentação doméstica, pode dar-se, o sangue ainda quente ao furão, bem como algumas tripas.

Muita alimentação e muito repouso prejudicam o animal que engorda e se torna preguiçoso e mau caçador.

A arte de criar furões, para o esporte da caça poderá despertar interêsse para os nossos caçadores de pacas, pois o nosso coelho não é animal de toca e os mocós e preás não constituem caça de estima.

O que aqui fica muito resumidamente exposto sôbre a criação do furão africano na Europa, pode ser adotado para a criação do furão americano **(Grison e Grisonella).**

A criação de furões que se pratica há longos anos vem provar a possibilidade de domesticarmos animais carnivoros, que são tidos como os mais ferozes.

Se há animal feroz e sanguinário é o furão e estamos vendo que se domestica e amansa.

O lebo, animal predador e sanguinário, no estado selvagem, chega a se tornar sociável quando tratado com doçura.

Brehm cita muitos casos inclusive o referente ao sabio Cuvier, que criou um lobo desde a infância como se fôsse um cão.

E o animal, como um cão doméstico procedia, seguia Cuvier por tôda parte, obedecendo-lhe por um simples gesto e amando-o como é de regra com o seu parente doméstico.

Eurico A. Xavier de Brito, que foi diretor técnico do Jardim Zoológico do Rio, (*) nos seus Artigos Zoológicos (1890) escreve:

"Há, entretanto, no Jardim, um jaguar adulto, que é naturalmente de indole bôa, goeta que se lhe passe a mão pela cabeça e corpo, mostrando-se sempre alegre e satisfeito com isso. Nas inumeras vêzes que

(*) Domiciliou-se em 1892 por não concordar com a invenção do Barão de Drummond, que originou o chamado "Jogo do bicho".

assim lhe tenho feito, nunca me manifestou o mais ligeiro desagrado".

Já se falou aqui em CHACARAS E QUINTAIS, por vêzes, na criação de onças e o sr. Lahrvano Dourado, naturalista e sagaz observador, ao lidar longamente com tais felinos, em cativeiro, não receiou lembrar a sua criação e a relativa facilidade com que poderá ser levada a efeito.



Os felinos, tidos e navidos como ferozes, não raro se mostram de caráter sociável

A bossa onça pintada rareia, pois sua pele alcança preço elevado e acreditamos que tempo virá em que teremos de criá-la em cativeiro ou quando menos proteje-la em reservas de caça.

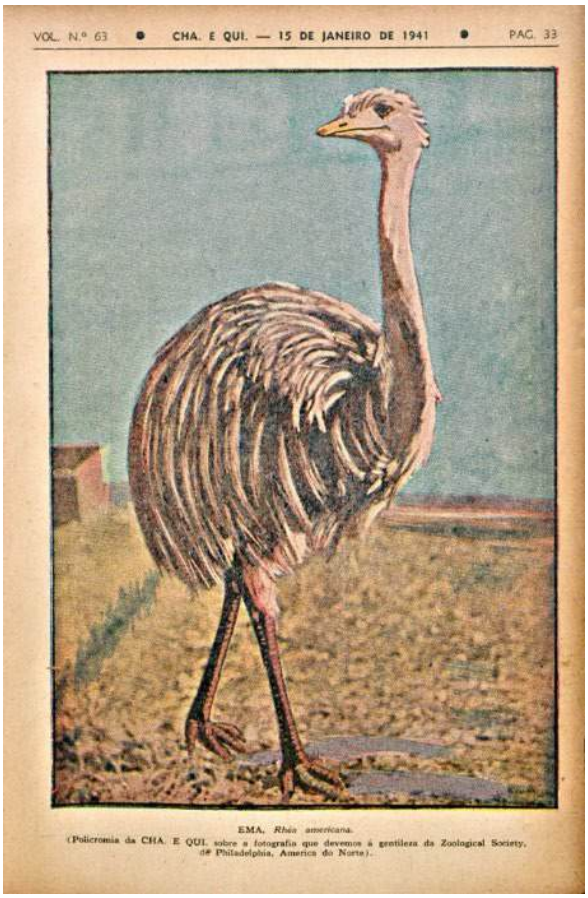
O maracajá ou jaguatirica, é sabidamente, fácil de amansar e, naturalmente, de domesticar.

EURICO SANTOS

REFERÊNCIAS:

"Entre o gambá e o mineo" — Eurico Santos, Rio, 1940.
"Le furet". "Comment chasser les lapins sans fusil" — R. Guinot, Paris, 1944.
"Artigos Zoologicos" — Eurico A. Xavier de Brito — Rio, 1890.
"L'Homme et la bête" — Arthur Mangin — Paris. 1872.

***** A seguir o Capítulo IX: Não existem mais CHINCHILHAS nos Andes, senão em criadouros (ilustrado).**



EMA, *Rhea americana.*
(Policromia da CHA. E QUI. sobre a fotografia que devemos á gentileza da Zoological Society, de Philadelphia, America do Norte).

Imagem publicada no artigo de E.S. sobre a ema em *Chacaras e Quintaes*, v.63, n.1, 1941.



CHÁCARAS E QUINTAIS

São Paulo, 15 de Outubro de 1960 — Ano 51.º — Vol. 102.º — N.º 4

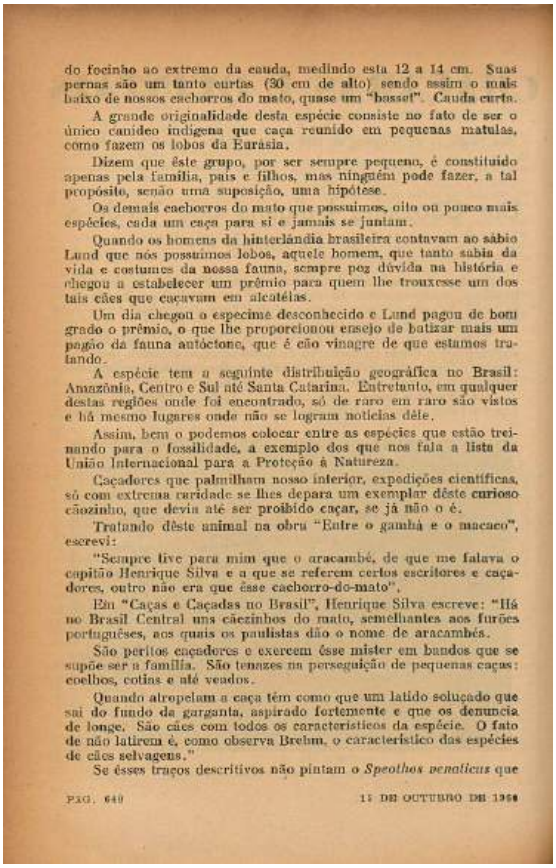
Um Cãozinho Indígena que Tende a se Extinguir

Na lista que a União Internacional para Proteção da Natureza publicou, onde constam 13 mamíferos, no mundo, ameaçado de extinção, devemos acrescentar mais um, fora do conhecimento do dr. Vrydagh, que organizou a lista.

Trata-se dum canídeo brasileiro, que o povo do nosso interior conhece sob o nome de cachorro-do-mato-vinagre, lobinho, jaguaracambé, talvez o aracambé que nos fala o velho caçador, major Henrique Silva, grande conhecedor de nossa fauna.

Na ciência o nome deste canídeo é *Speothos venaticus*, como Lund o batizou, cachorro de pequeno porte, de 65 a 68 cm da ponta

Cachorrinho do mato vinagre — Speothos venaticus.



do focinho ao extremo da cauda, medindo esta 12 a 14 cm. Suas pernas são um tanto curtas (30 cm de alto) sendo assim o mais baixo de nossos cachorros do mato, quase um "basset". Cauda curta.

A grande originalidade desta espécie consiste no fato de ser o único canídeo indígena que caça reunido em pequenas matulas, como fazem os lobos da Eurásia.

Dizem que êste grupo, por ser sempre pequeno, é constituido apenas pela família, pais e filhos, mas ninguém pode fazer, a tal propósito, senão uma suposição, uma hipótese.

Os demais cachorros do mato que possuimos, oito ou pouco mais espécies, cada um caça para si e jamais se juntam.

Quando os homens da hinterlândia brasileira contavam ao sábio Lund que nós possuimos lobos, aquele homem, que tanto sabia da vida e costumes da nossa fauna, sempre pez dúvida na história e chegou a estabelecer um prêmio para quem lhe trouxesse um dos tais cães que caçavam em alcatéias.

Um dia chegou o especime desconhecido e Lund pagou de bom grado o prêmio, o que lhe proporcionou ensejo de batizar mais um pagão da fauna antóctone, que é cão vinagre de que estamos tratando.

A espécie tem a seguinte distribuição geográfica no Brasil: Amazônia, Centro e Sul até Santa Catarina. Entretanto, em qualquer destas regiões onde foi encontrado, só de raro em raro são vistos e há mesmo lugares onde não se logram noticias dêle.

Assim, bem o podemos colocar entre as espécies que estão treinando para o fossilidade, a exemplo dos que nos fala a lista da União Internacional para a Proteção à Natureza.

Caçadores que palmilham nosso interior, expedições científicas, só com extrema raridade se lhes depara um exemplar dêste curioso cãozinho, que devia até ser proibido caçar, se já não o é.

Tratando dêste animal na obra "Entre o gambá e o macaco", escrevi:

"Sempre tive para mim que o aracambé, de que me falava o capitão Henrique Silva e a que se referem certos escritores e caçadores, outro não era que êsse cachorro-do-mato".

Em "Caças e Caçadas no Brasil", Henrique Silva escreve: "Há no Brasil Central uns cãezinhos do mato, semelhantes aos furões portuguêses, aos quais os paulistas dão o nome de aracambés.

São peritos caçadores e exercem êsse mister em bandos que se supõe ser a família. São tenazes na perseguição de pequenas caças: coelhos, cotias e até veados.

Quando atropelam a caça têm como que um latido soluçado que sai do fundo da garganta, aspirado fortemente e que os denuncia de longe. São cães com todos os caracteristicos da espécie. O fato de não latirem é, como observa Brehm, o caracteristico das espécies de cães selvagens."

Se êsses traços descritivos não pintam o *Speothos venaticus* que



vive caçando em matulas, então o aracambé é fantasia literária, "rodelas", latim de caçador.

Como se vê, há ainda coisas pouco conhecidas por êsses matos a dentro e o mais lamentável é que êste representante dos canídeos esteja para desaparecer.

Seria o caso de se apartar no seu *habitat*, uma região-refúgio da espécie, o seu santuário, onde ninguém pudesse caçar a fim de permitir que a espécie se recuperasse, se multiplicasse.

Tem a palavra a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.

EURICO SANTOS

O Gaucho
Francisco Sprovieri S/A.
AV. S. JOÃO, 347 — S. PAULO
Fones 34-2015 - 36-4980

Seringas veterinárias hipodérmicas de nylon, e agulhas de aço Inox. "GIMA". Seringas metálicas 20 cc. "HEGA". ARTIGOS VETERINÁRIOS EM GERAL.

Torquezes p/ costração VELOZ de nossa fabricação e BURDIZZO italiana.

Cutelaria fina, apetrechos para campo, jardins, caça e pesca.

Carabinas e espingardas nacionais e importadas.

«Um Cãozinho Indígena que Tende a se Extinguir», *Chacaras e Quintaes,* n.4, p.639, 1960. Neste artigo sobre o cachorro-vinagre, E.S. cita tanto a IUCN quanto a FBCN.



CHACARAS E QUINTAES

VOLUME 57 — 1 DE MAIO DE 1938 — PAGINA 741

ENSINO E CUIDADOS COM OS CÃES

CONSULTA (do "Amigo gaúcho", de *Porto Alegre*); "Sr. Editor — Leitor apaixonado da CHA. E QUI., ouso pedir-lhe o obsequio de solucionar estas perguntas:

1) Possúo um cão Daschund de dois mezes, (li o artigo s/ o assunto publicado em Nov. de 1935) desejo saber como castral-o para a caça de tatús etc. etc.?

2) Qual o mais indicado para esta especie de caça o Daschund ou o Fox?

3) Qual a ração diaria para este cão quando fôr adulto? (1 anno).

4) Quantos banhos deve-se dar semanalmente?

Se o bondoso amigo quizer poderá responder na revista em fórma de artigo.

Sem mais agradeço de coração as respostas e, peço licença para ocultar-me como *Amigo gaúcho*".

RESPOSTAS: 1.º) Nada sei sobre o ensino de cães encadeiros de tatús. Aqui no Estado do Rio já assisti uma escada destes desdentados e sempre ouvi dizer que o melhor cão paqueiro, que tambem caça tatús, é aquelle que só penetra no esconderijo quando o dono se acha proximo.

Parece que todo o ensino reside neste particular, pois os "basseta" e "terriers" têm todos o instincto da caça muito desenvolvido e não precisam que lhes ensinem a arte.

Só aquela particularidade é que convem ensinar.

Geralmente os cães paqueiros preocupados com a caça, quando em sua perseguição, metem-se nos esconderijos e deixando o encadeador em embaraços sobre o paradeiro do cão.

Algumas vezes intrometem-se em luras e de lá não podem sair.

2.º) Quer os terriers inglezes, quer o Daschund allemão, quer os basseta francezes se prestam a caça dos animais que entocam.

Os Daschunds, no seu modo de ver, devem ser os preferidos, isso sem desdouro para as demais raças.

3.º) Quanto a rações, recomendo ao consulente o meu "MANUAL" onde o assumpto encontra bom desenvolvimento, inclusive normas de rações, segundo o peso dos animais.

4.º) Como medida de hygiene, dois banhos, semanalmente podem bastar.

Nos cães de pêlo longo, os banhos em excesso, especialmente no tempo frio, trazem inconvenientes (bronchio-pneumonias, eczemas).

E. S.

— Banho para três!

*** Recommendamos com prazer o MANUAL DO AMADOR DE CÃES da autoria do nosso collaborador dr. Eurico Santos, competentissimo no assumpto. Este livro que é um completo repositorio de uteis ensinamentos e interessantes dados illustrados, custa Rs. 15$ em todas as boas livrarias.

«Consulta»: cão para caçar tatu, alimentação e banho.
Chacaras e Quintaes, v.57, n.5, 1938, p.741.



PAG. 36 — CHA. E QUI. — 15 DE JANEIRO DE 1959 — VOLUME N.º 81.º

A propósito de um cão famoso e de uma linda capa de "Chácaras e Quintais"

(ESPECIAL)

Deseja o diretor da CHACARAS E QUINTAIS, que um leitor lhe escreva a propósito da capa da aludida revista referente ao mês de novembro.

Quer que diga qual a raça de cão que lá figura, um tanto envaidecido por se achar no colo de um formosa dama.

Quer mais, e não é muito, que se descrevam as virtudes de tão afortunado totó, afortunado e invejado digo eu.

Logo ao primeiro relance vemos o vigilante atento e iluminado olhar do FOX-TERRIER DE PÊLO DURO, com as suas clássicas e arrepiadas barbas.

E' inconfundivel pela vivacidade da sua fisionomia, mesmo entre a populosa e inquieta grei dos terriers.

Além de tudo, hoje podemos considerá-lo cão da moda.

E nenhum mais do que êle pode acompanhar o dinamismo dos tempos que voam.

As outras beldades caninas que a moda trouxe, vão passando.

O King-Charles é muito sentimental, com as lágrimas que ainda hoje chora pela morte de Carlos I da Inglaterra; O Colley é muito espetacular; o Galgo russo muito fidalgo, cheirando a grão-duques eslavos, o Buldogue brutal, o Loulou muito vulgar, o Black and tan toy muito friolento, só o Wire-Haired acompanha o homem nesta corrida da civilização.

Só êle compreende, na sua filosofia cínica, o que vale a fuga veloz de Saturno devorando os filhos.

Por isso a sua alma canina afina-se no mesmo diapasão da mentalidade humana hodierna.

Vive correndo, na espectativa do que vai acontecer, esperando sempre o desconhecido, o sobrevindo, o inédito, tal qual como nós outros os déste mundo de século.

Por tudo isso o "pêlo de arame" tornou-se o cão da moda.

Copacabana, aqui no Rio, está cheio dêles.

Acompanham com dignidade, e sem mafiea, as senhoras um pouquinho desvestidas, como convém, aliás, às senhoras.

Têm admiração pública, o carinho dos donos, a liberdade das praias amplas e do mar ainda mais amplo, onde tomam banho, como seus donos e donas, porém com recato e elegância.

Inteligente, como talvez nenhum outro, êste eleito da sorte sabe-se comunicar com o dono, que êle admira e ama, julgando apenas que não é tão alegre como deveria ser.

Quanto à beleza, parece que não se pode exigir mais.

O pêlo quase áspero e sempre hirto reveste-o de originalidade absoluta.

Vê-lo atento, com dois olhos brilhantes no seu focinho quadrangular, constitue já um espetáculo admirável.

Entretanto, para bem conhecê-lo, precisamos travar amizade, trocar impressões, conversar com o bichinho e dizer-lhe certas verdades que êle não gosta muito de ouvir a propósito de seus excessos dinâmicos.

Não gosta do ouvir, de certo, mas não guarda rancor porque êle não é homem, felizmente para êle e para nós. **E. S.**

Miniatura da capa do fascículo de 15 de Novembro de 1943 de CHA. E QUI. é que deu origem ao interessante artigo do nosso velho amigo e colaborador, Eurico Santos, autor de tantos livros úteis e interessantes sôbre nossas riquezas naturais, e também de uma bela monografia dedicada, justamente ao nobre animal nosso amigo: MANUAL DO AMADOR DE CÃES! já em 1.ª edição.

«A propósito de um cão famoso e de uma línda caça de “Chácaras e Quintais”».
Chacaras e Quintaes, v.81, n.1, 1959, p.36.

EURICO SANTOS EM *A CIGARRA MAGAZINE*[64]

367. (A Vida curiosa dos bichos) Uma môsca astuciosa, n.222, p.91, 1952;
368. (Vida curiosa dos bichos) Histórias do porco-espinho, n.223, p.137, 1952;
369. (Vida curiosa dos bichos) As cigarras, n.224, p.137, 1952;
370. (Vida curiosa dos bichos) O louva-a-deus, quando ama, perde a cabeça, n.225, p.100, 1952;
371. (Vida curiosa dos bichos) Eva e as serpentes, n.226, p.96, 1953;
372. (Vida curiosa dos bichos) A tartaruga é que está com a razão, n.227, p.96, 1953;
373. (Vida curiosa dos bichos) Os insetos na alimentação, n.228, p.92, 1953;
374. (Vida curiosa dos bichos) A onça do meu amigo, n.229, p.92, 1953;
375. (Vida curiosa dos bichos) Os poetas e a zoologia, n.230, p.92, 1953;
376. (Vida curiosa dos bichos) A inteligência dos animais, n.231, p.92, 1953;
377. (Vida curiosa dos bichos) O bicho-da-sêda brasileiro, n.233, p.103, 1953;
378. (Vida curiosa dos bichos) Os literatos e a fauna, n.234, p.103, 1953;
379. Entre as amazonas e os índios redutores de cabeça: a dramática narrativa dum caçador brasileiro, n.235, p.52, 1953;
380. (Vida curiosa dos bichos) Aranhas caranguejeiras, n.235, p.115, 1953;
381. (Vida curiosa dos bichos) A cobra de duas cabeças e outros bichos pavorosos, n.236, p.103, 1953;
382. (Vida curiosa dos bichos) O maior bicho dêste mundo e desta época, n.237, p.103, 1953;
383. (Vida curiosa dos bichos) O que dizem as aves, n.1, p.103, 1954;
384. (Vida curiosa dos bichos) Um filho infante maior que os pais, n.2, p.103, 1954;
385. (Vida curiosa dos bichos) Um bicho que vira planta, n.3, p.103, 1954;
386. (Vida curiosa dos bichos) A viúva negra, n.4, p.103, 1954;
387. (Vida curiosa dos bichos) A pirambóia, n.5, p.103, 1954;
388. (Vida curiosa dos bichos) Percevejos, «barbeiros» e barata dágua, n.6, p.123, 1954;
389. (Vida curiosa dos bichos) Um punhado de bichinhos irritantes, n.7, p.128, 1954;
390. (Vida curiosa dos bichos) Uma formiguinha indesejável e de dupla nacionalidade, n.8, p.104, 1954;
391. (Vida curiosa dos bichos) O grilo, êste nosso conhecido, n.9, p.104, 1954;
392. (Vida curiosa dos bichos) Nem só as serpentes têm peçonha, n.10, p.108, 1954;
393. (Vida curiosa dos bichos) Proteção às aves, n.11, p.106, 1954;
394. (Vida curiosa dos bichos) O irapuru, n.12, p.106, 1954;
395. (Vida curiosa dos bichos) As aranhas amam música e tocam em surdina, n.1, p.106, 1955;
396. (Vida curiosa dos bichos) Mamíferos que põem ovos, n.2, p.106, 1955;
397. (Vida curiosa dos bichos) Os papagaios, n.3, p.106, 1955;
398. (Vida curiosa dos bichos) Um ex-fóssil, n.4, p.106, 1955;
399. (Vida curiosa dos bichos) Tritões e sereias, n.5, p.157, 1955;
400. (Vida curiosa dos bichos) Um caramgueijinho incrível, n.6, p.139, 1955;
401. (Vida curiosa dos bichos) O homem e os peixes, n.7, p.139, 1955;
402. (Vida curiosa dos bichos) Os lagartos, n.8, p.139, 1955;
403. (Vida curiosa dos bichos) Estão acusando os gatos, n.9, p.139, 1955;
404. (Vida curiosa dos bichos) Algo sôbre as serpentes, n.10, p.139, 1955;
405. (Vida curiosa dos bichos) O bicho-de-fogo, n.11, p.138, 1955;
406. (Vida curiosa dos bichos) A bruxa-beija-flor, n.12, p.139, 1955;
407. (Vida curiosa dos bichos) Os jacamins, como os homens, brigam por causa da paz, n.1, p.139, 1956;
408. (Vida curiosa dos bichos) Uma perereca prodigiosa, n.2, p.139, 1956;
409. (Vida curiosa dos bichos) Como se alimentam as borboletas, n.3, p.139, 1956;
410. (Vida curiosa dos bichos) As medusas, n.4, p.139, 1956;
411. (Vida curiosa dos bichos) Assim amam os caracóis, n.5, p.139, 1956;
412. (Vida curiosa dos bichos) O banho de formigas, n.6, p.139, 1956;
413. (Vida curiosa dos bichos) Relações amistosas entre formigas e lagartas, n.7, p.139, 1956;
414. (Vida curiosa dos bichos) Os marimbondos, n.8, p.171, 1956;
415. (Vida curiosa dos bichos) A pérola, n.9, p.139, 1956;
416. (Vida curiosa dos bichos) Esta cobra é venenosa?, n.10, p.139, 1956;
417. (Vida curiosa dos bichos) O rei-dos-ratos, n.11, p.139, 1956;
418. (Vida curiosa dos bichos) Superstições e o cuco papa-lagartas, n.12, p.139, 1956;

[64] Em circulação de [mar. 1914] a [jul. 1975].



VIDA CURIOSA
dos bichos

ESTÃO ACUSANDO OS GATOS

EURICO DOS SANTOS

Os gatos que já figuraram entre os animais sagrados e já gozaram, através dos séculos, a estima dos filósofos, dos sábios, dos reis e, sobretudo, dos homens de letras, vêem que seu prestígio se esvai, com o fluir do tempo e o império da ciência.

Eu, por mim, continuo a amá-los e não encontro, a não ser na mulher, criaturas mais graciosas e elegantes.

Entretanto a ciência tem dito coisas terríveis contra o gato, tem arrasado o bichano e declarado o Rominagrobis um bicho quase perigoso.

Citam os cientistas casos de asma provocados pela simples presença do gato e a seguir vem a raiva, as helmintoses, a tinha, a sarna, etc.

E como não bastasse tudo isso para amedrontar o mais intrépido catófilo, últimamente ficou averiguado que não são destituídas de perigo as arranhaduras que nos dão, muitas vêzes, os bichanos.

Delas provém uma moléstia das crianças e muitas vêzes dos adultos, caracterizada por adenopatias de evolução subaguda, indo até a supuração, e curando-se, aliás, sempre sem cicatriz.

Sôbre doze casos estudados pelo Professor R. Debré e seus assistentes, sete vêzes os doentes contrafram a moléstia devido aos tapinhas amáveis de seus felinos domésticos, que não tiveram a prudência de encolher a unhas.

Ficaram, assim, aquêles animais no Index, porque "puseram as unhas de fora", não figurada, mas realmente.

Mas, apesar de tudo, continuo a amar os gatos e não encontrei ainda quem desse tapinhas de unhas escondidas, mais gentis, veludosos e elegantes que a minha gata Juno, em cujos olhos verdes se reflete a calma das baías solitárias.

Coluna *Vida curiosa dos bichos*,
em *A Cigarra Magazine*, n.9, 1955, p.139.

419. (Vida curiosa dos bichos) Qual a mais perigosa das nossas serpentes?, n.1, p.96, 1957;
420. (A vida curiosa do bichos) Homens e bichos, n.2, p.118, 1957;
421. (A vida curiosa dos bichos) Bichos comiveis e incomíveis, n.3, p.80, 1957;
422. (Vida curiosa dos bichos) A inteligência dos animais, n.4, p.96, 1957;
423. (Vida curiosa dos bichos) A propósito dos beija-flores, n.5, p.64, 1957;
424. Os rinocerontes são assim, n.7, p.73, 1957;
425. A propósito de poderem os macacos auxiliar o homem na luta pela vida, n.9, p.113, 1957;
426. Implicância entre animais, n.10, p.124, 1957;
427. Parasitismo entre as aves, n.11, p.81, 1957;
428. História de girafas, n.12, p.92, 1957;
429. Inimigos das aranhas, n.4, p.80, 1958;
430. Também há cães de sangue azul, n.8, p.52, 1958;
431. Quando o galo canta, n.12, p.84, 1960;
432. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de julho etc., n.7, p.80, 1961;
433. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de agosto etc., n.8, p.34, 1961;
434. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de setembro etc., n.9, p.76, 1961;
435. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de outubro etc., n.10, p.80, 1961;
436. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de novembro etc., n.11, p.72, 1961;
437. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de dezembro etc., n.12, p.76, 1961;
438. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de janeiro etc., n.1, p.12, 1962;
439. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de fevereiro etc., n.2, p.76, 1962;
440. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de março etc., n.3, p.76, 1962;
441. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de abril etc., n.4, p.72, 1962;
442. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de maio etc., n.5, p.82, 1962;
443. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de junho etc., n.6, p.82, 1962;

444. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de julho etc., n.7, p.76, 1962;
445. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de agosto etc., n.8, p.64, 1962;
446. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de setembro etc., n.9, p.78, 1962;
447. Romance das borboletas, n.10, p.43, 1962;
448. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de outubro etc., n.10, p.78, 1962;
449. (plantas e flôres) O que fazer no pomar, na horta e no jardim no mês de novembro etc., n.11, p.74, 1962;
450. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de dezembro etc., n.12, p.76, 1962;
451. (plantas e flôres) O que fazer no pomar, na horta e no jardim no mês de janeiro & Notinhas, n.1, p.78, 1963;
452. (plantas e flôres) O que fazer no pomar, na horta e no jardim no mês de fevereiro & Notinhas, n.2, p.74, 1963;
453. (plantas e flôres) O que fazer no pomar, na horta e no jardim no mês de março etc., n.3, p.76, 1963;
454. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em abril etc., n.4, p.76, 1963;
455. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em maio etc., n.5, p.76, 1963;
456. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em junho etc., n.6, p.74, 1963;
457. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em julho etc., n.7, p.76, 1963;
458. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em agôsto etc., n.8, p.76, 1963;
459. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em setembro etc., n.9, p.92, 1963;
460. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em outubro etc., n.10, p.76, 1963;
461. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em novembro etc., n.11, p.78, 1963;
462. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em dezembro etc., n.12, p.84, 1963;
463. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em janeiro etc., n.1, p.84, 1964;
464. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em fevereiro etc., n.2, p.84, 1964;
465. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em março etc., n.3, p.84, 1964;
466. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em abril etc., n.4, p.76, 1964;
467. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em maio etc., n.5, p.84, 1964;
468. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em junho etc., n.6, p.84, 1964;
469. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de julho etc., n.7, p.84, 1964;
470. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de agôsto etc., n.8, p.84, 1964;
471. Coala, um bibelô animado, n.9, p.78, 1964;
472. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de setembro etc., n.9, p.84, 1964;
473. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de outubro etc., n.10, p.84, 1964;
474. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de outubro [novembro] etc., n.11, p.36, 1964;
475. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de dezembro etc., n.11, p.38, 1964;
476. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de janeiro etc., n.1, p.66, 1965;

VIDA CURIOSA dos Bichos

EURICO SANTOS



A ONÇA DO MEU AMIGO

JORGE X admirava panteisticamente a Natureza e amava, como a si mesmo, os bichos, nossos irmãos inferiores.

Esta paixão bichanda levava-o a manter, em seu palacete, em Laranjeiras, uma "menagerie".

Já de há muito insistia Jorge para que eu fôsse admirar a boniteza e a mansidão de uma onça que criara desde ainda mal desmamada.

Estava uma "linda bicha", muito educada e perfeitamente doméstica. Vivia em casa com as crianças. Ao me anunciar êstes prodígios, Jorge, que me encontrara em momento folgado, carregou-me para seu carro e lá fomos, rumo a Laranjeiras.

Durante a viagem reeditou Jorge o panegírico ao espírito pacato daquela onça e deu mesmo a entender que tôdas as onças eram assim, questão de educação. Boa índole, têm elas, coitadinhas, o que lhes falta é educação.

Chegamos.

Transpomos o grande jardim inglês e mal subimos os primeiros degraus que nos levaria à varanda, surge a espôsa de Jorge, visivelmente agitada, exclamando:

— Está aí no que deu a sua mania de bichos! O Luizinho hoje puxou a onça pela cauda e recebeu da "fera" uma unhada tremenda. Tive que chamar a Assistência, que deu três pontos na ferida e ainda aplicou uma injeção antitetânica.

Esta onça não gosta de crianças, e nós, Jorge, temos três filhos.

Isso não pode continuar. Ou esta onça vai daqui ou então vou eu. Ou Zoé (nome da onça) ou eu!

Jorge estava embaraçado, aturdido.

Pondo-me a mão no ombro apresentou-me a espôsa.

— Aquêle amigo que te falo sempre que gosta muito de bichos.

— O Sr. vem muito a propósito. Já que gosta tanto de bichos, pode hoje mesmo levar a onça.

— Eu, minha senhora! Onde vou acomodá-la, se moro em pequeno apartamento. Sei que é um presente que só os rajás oferecem a outros rajás. Mas peço perdão, em recusá-lo pelas razões expostas.

Ao ver meu embaraço, Jorge foi propondo entrarmos para visitar a vítima de Zoé.

Tratava-se de um arranhão de três dedos, que causara mais susto, que perigo.

— Onde está Zoé, perguntou Jorge.

— Olhe, respondeu a espôsa, o melhor e não mexer com a onça que hoje está espantada. Está no quarto de Jorginho.

O meu amigo abriu de manso a porta e tive ensejo de admirar uma magnífica jaguatirica que saltou da cama e veio festejar o dono, dando de leve com a cauda.

Chegou próximo a mim, eriçou um tanto o pêlo do pescoço e "soprou" à maneira dos gatos irritados.

— Diabo, disse Jorge, estou estranhando. Ela jamais faz isso. Vou chamar meu filho mais velho, Jorjinho, de que é muito amiga e veremos.

— Sairei contigo.

— Não pensei que tivesses mêdo de bichos.

— Eu não tenho mêdo de bichos, no mato, porque há muito para onde se correr, mas aqui dentro do quarto com uma onça agastada...

Jorjinho veio e a jaguatirica recebeu-o com amabilidades felinas, roçando-lhe pelas pernas, brincando como um gato.

Estava passada a zanga.

Reinava paz entre homens e bichos quando deixei o palacete do feliz possuidor de Zoé.

Uma semana depois, pela manhã, recebi de um portador grande caixão e a seguinte carta:

Senhor X.

"Envio-lhe Zoé que continua a não gostar de crianças e a fazer das suas.

Felizmente o Sr. não é criança e gosta de bichos.

Sei que vai ficar encantado. Jorge também ficou satisfeito porque sabe que Zoé está em boas mãos.

E', como o Sr. disse, um presente de rajá a outro rajá. Não precisa agradecer.

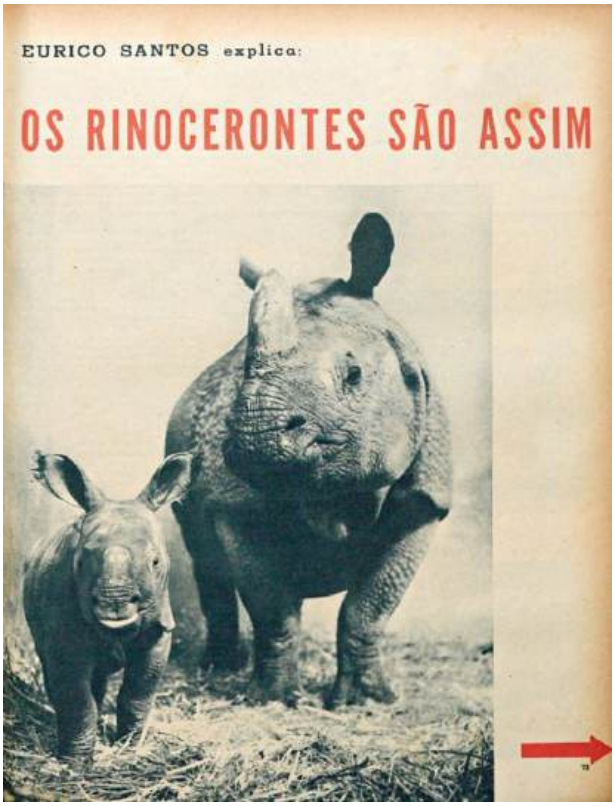
Subscrevo-me, etc."

Realmente, meu amigo Jorge, pelos seus teres e haveres podia perfeitamente receber o título principesco.

Mas eu não era nem aprendiz de rajá.

E foi por isso que dois dias depois, o velho Jardim Zoológico de Vila Isabel exibia uma magnífica jaguatirica de beleza e mansidão admiráveis.

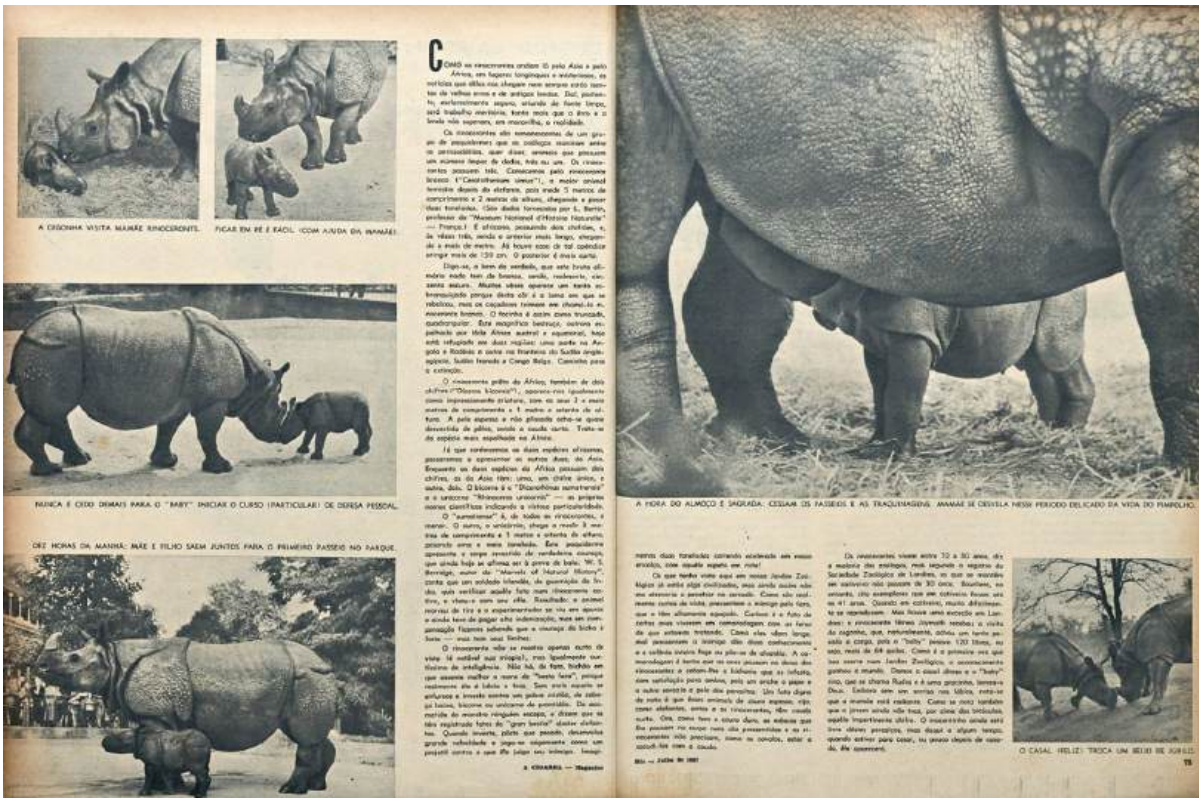
A Cigarra Magazine, n.229, p.92, 1953. E.S. foi um bom contador de histórias.



EURICO SANTOS explica:

OS RINOCERONTES SÃO ASSIM

Transcrição das legendas da página à direita: "A hora do almoço é sagrada: cessam os passeios e as traquinagens. Mamãe se desvela nesse período delicado da vida do pimpolho" e "O casal (feliz) troca um beijo de júbilo". *A Cigarra Magazine*, n.7, p.73-75, 1957.



A Cigarra Magazine, n.10, p.43, 1962.



Romance das borboletas



As côres alegres
do mundo
numa vida que dura pouco



477. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de fevereiro etc., n.2, p.76, 1965;
478. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de março etc., n.3, p.78, 1965;
479. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de abril etc., n.4, p.35, 1965;
480. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de maio etc., n.5, p.82, 1965;
481. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de junho etc., n.6, p.90, 1965;
482. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de julho etc., n.7, p.53, 1965;
483. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de agôsto etc., n.8, p.58, 1965;
484. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de setembro etc., n.9, p.36, 1965;
485. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de outubro etc., n.10, p.28, 1965;
486. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de novembro etc., n.11, p.28, 1965;
487. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de dezembro etc., n.12, p.78, 1965;
488. (plantas e flôres) O que fazer no jardim no mês de janeiro etc., n.1, p.76, 1966;
489. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em fevereiro etc., n.2, p.92, 1966;
490. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em março etc., n.3, p.90, 1966;
491. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em abril etc., n.4, p.92, 1966;
492. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em maio etc., n.5, p.80, 1966;
493. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em junho etc., n.6, p.86, 1966;
494. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em julho etc., n.7, p.61, 1966;
495. (Lisa Whiteley posando com um pitão), n.7, p.83, 1966;
496. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em agôsto, n.8, p.61, 1966;
497. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em setembro, n.9, p.58, 1966;
498. (plantas e flôres) O que fazer no jardim em novembro, n.11, p.26, 1966;
499. Beija flôres, n.11, p.56, 1966;
500. Camelo moral e físico, n.12, p.17, 1966;
501. Peixes no aquário, n.7, p.67, 1967[65].



PEIXES
NO AQUÁRIO

Reportagem de EURICO SANTOS

A criação ou simples manutenção de peixes de aquário, em casa, ou nos jardins, em tanques ou regatos é um "hobby" universal, é um grande prazer, de quem gosta de bichos (sertãobafo), já que o amador não pode manter em casa onças ou elefantes. Em matéria de peixes, estamos bem servidos, quer em peixes comestíveis, quer de aquário, pois os dois peixes, considerados os reis da beleza aquariófila, são brasileiros legítimos, ambos da Amazônia, que é a região mais rica em espécies. Os dois peixes considerados os reis do aquário são o acará-bandeira (Pterophilum scalere) *e o peixe-disco* (Symphysodon discus). *Antes de tratar dos peixes, vamos fazer umas considerações preliminares, informações para os interessados na arte de criar peixe de aquário.*

Considerações gerais

Principiamos pela escolha do aquário, que não há muito a considerar, contanto que ele seja de forma quadrangular. Jamais adote aquários redondos. Os tamanhos adotados são os seguintes:

Comprimento	Largura	Altura	Volume
dm	dm	dm	l
5,6	2,5	2,8	35,200
4,5	3,0	3,2	43,200
6,0	3,5	4,0	84,000
7,5	3,0	4,0	90,000
10,0	5,0	5,0	250,000
15,0	5,0	6,0	450,000
20,0	6,0	7,0	840,000

O popularíssimo Peixe vermelho — Carassius auratus — é o preferido das crianças. Sua côr vermelha e a beleza de sua forma justificam a simpatia dos piscicultores-mirins.

"Peixes no aquário", reportagem publicada em *A Cigarra Magazine*, em jul. 1967, p.66-73.

[65] Um dos últimos textos publicados antes da sua morte em 1969.

TEXTOS DE EURICO SANTOS NA *REVISTA FAUNA*

502. Conselho aos caçadores, n.1, p.23, 1942;
503. O ninho não é para as aves, senão um leito ou berço para os filhos, n.1, p.24, 1942;
504. Poucas aves ostentam plumagem de tamanho deslumbrante como o “Pavão do Pará”, n.1, p.31, 1942;
505. Mais de 100 especies consta hoje a familia dos dendrocolaptideos do Brasil, n.1, p.36, 1942;
506. O cisne brasileiro reune todas as qualidades do “cisne branco da Europa e negro da Australia”, n.5, p.34, 1942;
507. O poder da fascinação das cobras, n.5, p.39, 1942;

TEXTOS DE EURICO SANTOS NA *O QUE HÁ: GRANDE MAGAZINE POPULAR*

508. O coursing, o course au leurre e a corrida de cães: dois dedos de historia, o q a, n.2, p.22, 1929;
509. O cão na philosophia dos anexins, o q a, n.5, p.12, 1929;

TEXTOS DE EURICO SANTOS EM OUTROS VEÍCULOS

510. Nossas belas orquídeas pelos seus nomes populares (Eurico Santos e Harry Blossfeld), n.76 da coleção VAMOS PARA O CAMPO, editada pelo revista Chacaras e Quintaes (v.97, n.3, p.278, 1958);
511. Ligeiro historico da imprensa agricola no Brasil (1832-1922), *Illustração Brasileira*, n.26, p.179; n.27, p.107; n.28, p.99, 1922.

APÊNDICE D

MUSEU NACIONAL

Quando entrei, pela primeira vez, no Museu Nacional, era ainda estudante de preparatórios. [...] tive uma formidável emoção por encontrar aquele repositório que eu julgava a solução de todas as dificuldades da zoologia ...Percorri, embevecido, todas as salas e voltei às de zoologia, onde, à tarde, a mão amical do Porteiro (cujo ar severo e barbas a Francisco José emprestavam-lhe uma autoridade respeitável), tocando-me no ombro, interrompia-me a contemplação e me mostrava, ao mesmo tempo, a porta da rua. Não era, no entanto, possível a nenhuma força retirar-me assim, sem mais nem menos; travei conversa com o homem — Antônio Alves Ribeiro Catalão — a quem pedi me apresentasse ao Diretor do Museu, pois eu queria permissão para freqüentar aquele templo[66].

Alípio de Miranda-Ribeiro (1874-1939)[152]
Naturalista do Museu Nacional

[66] POMBAL JÚNIOR, José Perez. Ribeiro ou Miranda-Ribeiro? Nota biográfica sobre Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939). *Rev. Bras. Zool.*, v.19, n.3, p.935-939, 2002.

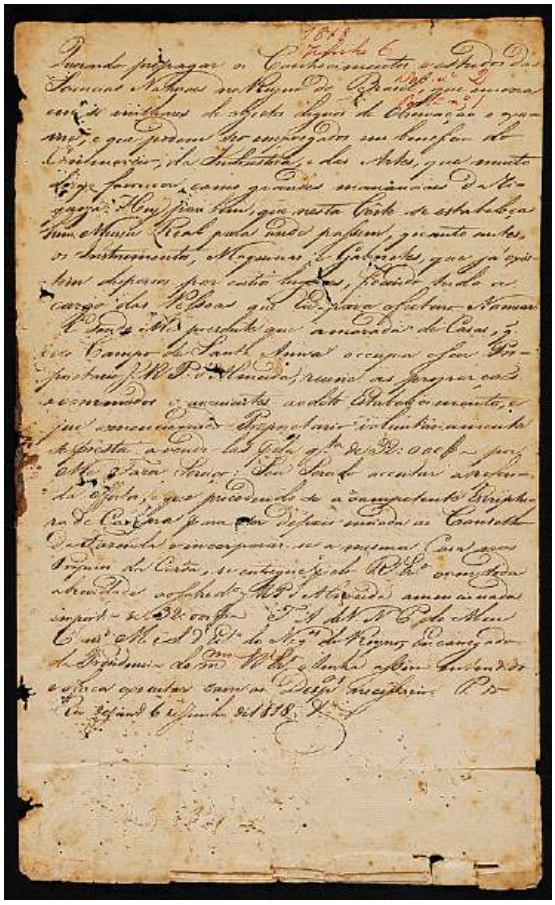


Imagem do decreto de criação do Museu Real em 1818, assinado por D. João VI[67].

Decreto de 6 de junho de 1818. «Crêa um Museu nesta Côrte, e manda que elle seja estabelecido em um predio do Campo de Sant`Anna que manda comprar e incorporar aos proprios da Corôa». Querendo propagar os conhecimentos e estudos das sciencias naturaes no Reino do Brazil, qie encerra em similhares de objectos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em beneficio do commercio, da industria e das artes, que muito desejo favorecer, como grandes mananciaes de riqueza: Hei por bem que nesta Côrte se estabeleça um Museu Real, para onde passem, quanto antes, os instrumentos, machinas e gabinetes que já existem dispersos por outros logares; ficando tudo a cargo das pessoas que eu para o futuro nomear e sendo-me presente que a morada de casas que no Campo de Santa Anna occupa o seu proprietario, João Rodrigues Pereira de Almeida, reune as proporções e commodos convenientes ao dito estabelecimento, e que o mencionado proprietario voluntariamente se presta a vendel-a pela quantia de 32:000$000, por me fazer serviço: sou servido acceitar a referida offerta, e que procedendo-se á competente escriptura de compra, para ser depois enviada ao Conselho da Fazenda, e incorporar-se a mesma casa nos proprios da Corôa, se entregue pelo Real Erario com toda a brevidade ao sobredito João Rodrigues a mencionada importancia de 32:000$000. Thomaz Antonio de Villanova Portugal, do meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, encarregado da presidencia de mesmo Real Erario, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em 6 de Junho de 1818. [Com a rubrica de Sua Magestade][68].

[67] Seção de Assistência ao Ensino. Acesso em 1 mar. 2024
[68] Collecção das Leis do Brazil de 1818. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. p.60.



Paço de São Christovão [ca. 1830]. Retrato do Paço Imperial com o Torreão Sul, de Eugène de la Michellerie (1802–1875) (Starn; Degregori; Kirk, 2016, p.97)[69]. Desenho retocado à aquarela sobre papel. A região onde se situa o Museu Nacional, no bairro de São Cristóvão, era terra dos jesuítas até expulsão deles em 1759. Em 1803, o terreno foi comprado por Elias Antônio Lopes (cujo nome original seria Elie Antun Lubbus), comerciante luso-libanês, traficante de escravos, que construiu a primeira casa e a cedeu à família real portuguesa em 1808. A partir de 1810, a construção inicial foi acrescida de novas dependências e mais um andar para ter a imponência que se esperava da família real. Chácaras seu redor foram incorporadas ao terreno e o conjunto passou a chamar-se Paço de São Cristóvão. Lá viveram Dom João VI e todos os seus descendentes que governavam o Brasil (Dom Pedro I, Dom Pedro II e a princesa Isabel). O palácio é cercado pela Quinta da Boa Vista, jardim projetado pelo paisagista francês Auguste Glaziou em 1869. Em 1938, o imóvel foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional[70].

[69] STARN, Orin; DEGREGORI, Iván; KIRK, Robin (ed.). *The Rio de Janeiro reader*. Durham: Londres: Duke University Press, 2016. 389 p. (Série The Latin America readers).
[70] Guia de Visitação ao Museu Nacional, [20-?]. Disponível em: Museu Nacional. Acesso em: 1 mar. 2024.

"Quem quiser aprender num museu, deve primeiro preparar-se para a visita. Aquilo é apenas o atlas; o texto deve vir com o estudante. As crianças, por si sós, não sabem ver o que tem um museu; elas só lucrarão si forem acompanhadas do mestre, papel e lápis."

E. ROQUETTE-PINTO[71]



Prédio do Museu Nacional no Campo de Sant`Anna, centro do Rio de Janeiro.
Fonte: gravura de Alfredo Pinheiro & Villas-Bôas, publicada na Revista da Exposição Antrhopologica Brazileira. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro & Co., 1882. p.III.

O Museu Real foi criado em 1818, por decreto de d. João VI (1767-1826), com o objetivo de "estimular os estudos de botânica e zoologia no local"; antes, em 1816, a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. Ambos faziam parte de um conjunto de medidas culturais implementadas pela corte portuguesa na capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves — cursos de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, Academia Real Militar, Biblioteca Real, Jardim Botânico, Laboratório Químico-Prático —, que coincidiam com o intenso movimento de naturalistas estrangeiros em direção ao Reino do Brasil e com a valorização de estudos práticos de história natural para o conhecimento das riquezas da América Portuguesa. A partir de 1815, a permissão da entrada de expedições científicas estrangeiras, como a do barão de Langsdorff (1774-1852), a do príncipe Maximiliano I José da Baviera (1756-1825), a de

[71] RANGEL, Jorge Antônio. *Edgard Roquette-Pinto*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. p.120. (Coleção Educadores).

Charles Othon Fréderic Jean Baside (1777-1817), membro da comitiva do duque de Luxemburgo, que trouxe o botânico Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), e as missões austríaca e bávara, esta dirigida por Johann Baptist Spix (1781-1826) e Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), que vieram após o casamento da arquiduquesa da Áustria, Leopoldina de Habsburgo-Lorena (1797-1826), com o príncipe herdeiro, d. Pedro (Schwarcz, 1993; 2002; Schwarcz; Starling, 2015; Pires, 2017; Sá; Sá, Lima, 2018).

Sediado no casarão[72] no qual residia João Rodrigues Pereira de Almeida (1774-1829), futuro Barão de Ubá, localizada entre as antigas ruas Nova do Conde e dos Ciganos, atuais Visconde do Rio Branco e da Constituição, na região conhecida como Campo de Santana, na cidade do Rio de Janeiro. O acervo original do Museu Real teve sua origem na antiga Casa de História Natural — mais conhecida como Casa dos Pássaros, criada em 1784 e que abrigava uma "pequena coleção doada pelo próprio d. João; esta se compunha de peças de arte, gravuras, objetos de mineralogia, artefatos indígenas, animais empalhados e produtos naturais, que lhe davam um ar de gabinete de curiosidades". Enriquecido por outras doações, o museu padecia de um mal semelhante a outras instituições criadas pelo monarca: o da falta de recursos financeiros. Sem raízes profundas a sustentá-lo, a primeira instituição científica fundada no Brasil conservava-se longe dos padrões científicos das instituições europeias. Seu papel, nesse primeiro momento, era antes de tudo comemorativo. A Decisão n. 69, de 24 out. 1819, facultou ao público a entrada no Museu Real às quintas-feiras, promovendo o papel educacional característico da instituição[73]. Em 1824, após a independência do Brasil, a denominação foi alterada para Museu Imperial e Nacional. A primeira organização do museu, visando uma melhor classificação e conservação dos objetos, foi aprovada em 1842[74]; alterou a denominação para Museu Nacional e dividiu sua estrutura em quatro seções: Anatomia Comparada e Zoologia; Botânica, Agricultura e Artes Mecânicas; Mineralogia, Geologia e Ciência Físicas; Numismática, Artes Liberais, Arqueologia, Usos e Costumes das Nações Modernas. Cada uma dessas seções era confiada a um diretor. Em 1850, a Sociedade Velloziana de Sciencias Naturaes[75] reuniu-se pela primeira vez no museu para promover a associação de naturalistas colaboradores da instituição. Em 1856, o museu passou a oferecer conferências públicas sobre zoologia, antropologia, botânica e física ministradas por seu corpo técnico. No mesmo ano, o governo aprovou proposta do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para ser formar uma comissão de naturalistas e engenheiros para exploração científica das províncias do norte e nordeste do país, a qual ficou conhecida como Comissão

[72] Atualmente ocupado elo Arquivo Nacional.
[73] (Museu Real, s.d.; Bittencourt, 2000, p.114 apud Arquivo Nacional, 2016).
[74] Regulamento n. 123 de 3 fev. 1842, previsto no artigo 2°, parágrafo 13, da Lei n. 164 de 26 set. 1840.
[75] Tinha por fim indagar, coligir (reunir em coleção) e estudar todos os objetos pertencentes à história natural do Brasil e interpretar as palavras indígenas com as quais eram designados estes objetos. A razão dessa denominação foi homenagear o naturalista Frei José Mariano da Conceição Vellozo (1741-1811), autor da obra *Flora Fluminensis*, publicada em 1825 (Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, 2000).

das Borboletas[76], organizada em seções: Botânica, Geológica e Mineralógica, Zoológica, Astronômica e Geográfica, Etnográfica e Narrativa da Viagem, está chefiada por Antônio Gonçalves Dias (1823 -1864). “A Comissão Científica de Exploração inaugurou o falar de biodiversidade, falar de meio ambiente no Brasil a partir de material brasileiro” (Stopiglia, 2019 *apud* O Povo *online*, 2019)[74]. Resultados[77] da expedição, iniciada em 26 jan. 1859, foram publicados em 1862 e a comissão incorporou ao acervo do Museu Nacional coleções constituídas por objetos colhidos pelas seções de mineralogia e botânica, instrumentos e materiais para o preparo de produtos, estampas de zoologia, etnologia e mineralogia, e cerca de mil livros, os quais passaram a integrar a Biblioteca do Museu Imperial e Nacional, inaugurada em 1863 com cerca de três mil volumes — parte deles legada pelo médico e naturalista Antônio Corrêa de Lacerda (1777-1852) — e a criação do cargo de bibliotecário (Schwarcz, 1993; Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, 2000; Schwarcz; Starling, 2015; Arquivo Nacional, 2016; Pires, 2017; Sá; Sá, Lima, 2018; Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional, 2024).

> A primeira grande exposição feita de material nacional tanto de antropologia quanto de biodiversidade foi feita através da expedição. A primeira exposição de brasileiros feita no Brasil é de material cearense, que é proveniente dessa expedição [Comissão das Borboletas]. [...] A exposição foi realizada de 7 a 15 de setembro de 1861, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Reunia produtos naturais, artísticos e relativos aos costumes do Ceará. A organização coube a Manuel Ferreira Lagos, chefe da seção Zoológica (Crozariol, 2019 *apud* O Povo *online*, 2019)[74].
>
> Costumão a dar aqui em Janeiro chuvas, que os do campo chamão de *rama*, ás quaes succede um intervallo de suspensão de agua; mas aquellas são sufficientes para fazer reverdecer os prados e cobri-los de rama para pascigo do gado, até que as verdadeiras chuvas de inverno, que caem com mais abundancia em Abril, lhe assegurem o sustento pelo resto da estação. Logo após as primeiras aguas de Fevereiro, grande quantidade de hervas cobrio os areaes deste lugar, crescendo e viçando com admiravel vigor, de modo que em poucos dias desabrochárão muitas flores. A rapidez de tal desenvolvimento deve infundir um sentimento de admiração no naturalista, ainda mesmo nos que tiverem observados a vegetação do Rio de Janeiro, cujas plantas, apezar, de muito vigorosas, nunca tomam igual incremento (Dias, 1859 *apud* Dias, 1924, p.226)[78].

O Decreto n. 6.116, de 9 fevereiro de 1876, renovou a estrutura organizacional do Museu Nacional, definiu a sua missão — “estudo da História Natural, particularmente da do

[76] Criada em 1856 pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, a Comissão Científica de Exploração iniciou seus trabalhos em 1859, sendo o Ceará a primeira província a ser explorada. Os intentos da comissão se articulavam ao projeto de integração e centralização política que emergia no II Reinado brasileiro (1840-1889), quando se buscava conhecer as riquezas nacionais e criar uma imagem do país por meio do saber nacional, da história escrita por brasileiros e não mais por viajantes europeus. Saber e poder caminhavam juntos na consolidação política desenvolvida no Brasil imperial (Santos, 2011 2001).
SANTOS, Paulo César dos. *O Ceará investigado*: a Comissão Científica de 1859. 2011. 174 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Fortaleza, 2011.
ABREU, Sylvio Fróes. A commmissão scientifica de 1859. *Revista do Instituto do Ceará*, t.33, p.198-207, 1919. Disponível em: Comissão das Borboletas foi o apelido jocoso dado pelos detratores da Comissão Científica de Exploração (O Povo *online*, 2019). Acesso em: 1 mar. 2024.

[77] *Trabalhos da Comissão Científica de Exploração*. Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert, Col. Alvarus, 3 v. il. grav.).

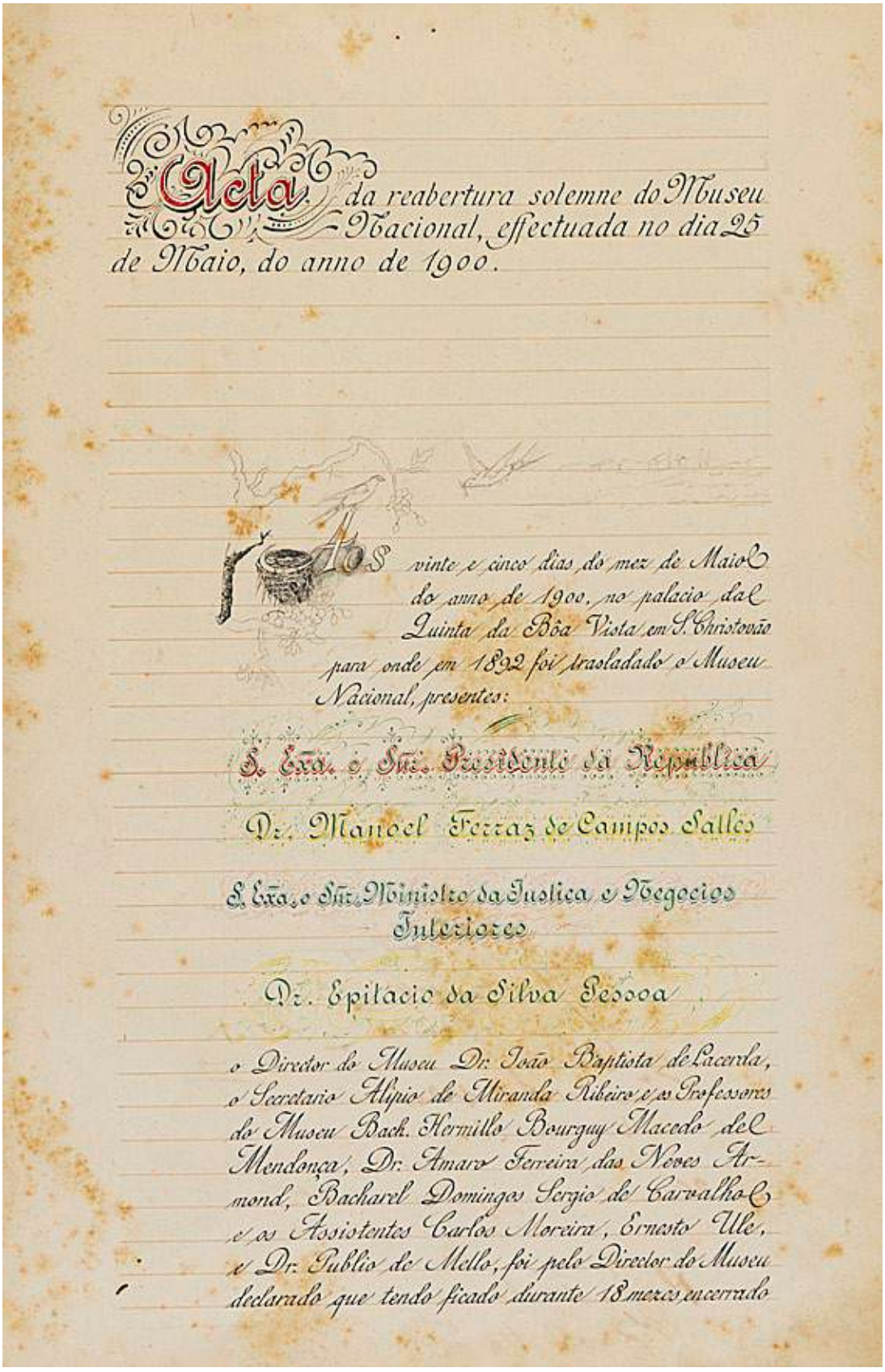
[78] Jornal do Commercio, supplemento n. 148 de 30 mai. 1859. DIAS, Antônio Gonçalves. Cartas de Gonçalves Dias durante sua estadia no Ceará como membro da Commissão Scientifica. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t 38, p.213-230, 1924. Acesso em: 1 mar. 2024.

Brasil, e ao ensino das ciências físicas e naturais sobretudo em suas aplicações à agricultura, indústria e artes" — e previu a realização de cursos públicos. As seções até então existentes foram reduzidas a três e foi criada a revista trimestral *Arquivos do Museus Nacional* — necessária para a comunicação e permuta com os museus do estrangeiro (Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, 2000). O novo regulamento aprovado pelo decreto nº 6.116, de 9 de fevereiro de 1876, na época em que Ladislau Netto era diretor efetivo, dispôs os termos para a realização dos cursos públicos. Ainda sob sua gestão, foi organizada a Exposição Antropológica, inaugurada em 29 de julho de 1882, "que teve todo o caráter de uma festa científica popular, pela primeira vez levada a efeito no Brasil, marcando uma época na história do Museu" (Leitão, 1937, p.183).

> [...] o lema do American Museum of Natural History — 'For the people, for education, for science' – para o caso norte-americano, [...] desconsiderou o passado museológico dos Estados Unidos, afirmando que os museus anteriores à década de 1870 reuniam objetos ao acaso, sem qualquer preocupação científica ou educacional, consistindo em meros espetáculos destinados à diversão pública. Seus seguidores se multiplicaram pelos museus de todo o mundo e não faltaram ecos de concepções semelhantes na América Latina, onde as últimas décadas do século XIX também assistiram a uma revitalização das instituições museológicas (Lopes e Murriell, 2005, p.15).

Sob a direção do naturalista Ladislau de Souza e Mello Netto (1838-1894), no período de 1870-92, foram empreendidas grandes transformações no museu. Em 1880, foi criado o Laboratório de Fisiologia Experimental, encarregado de estudos práticos de fisiologia e bacteriologia, estudos sobre veneno de animais, propriedades tóxicas e terapêuticas de plantas, doenças de animais e seres humanos, como beribéri, tuberculose e febre amarela, e fisiologia do cérebro por meio do estudo de primatas. O laboratório era frequentado por profissionais e estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, em fins da década de 1880, priorizava estudos em bacteriologia e de doenças animais. Data também dessa época a realização de estudos etnográficos e antropológicos, que contribuíram para sustentar as teorias raciais presentes nos debates intelectuais. Palestras e cursos passaram a ser oferecidos ao público, com uso de material didático, murais e projetor de imagens (Schwarcz, 1993; 2002; Schwarcz; Starling, 2015; Pires, 2017; Sá; Sá; Lima, 2018). Em 29 jul. 1882, foi inaugurada a Exposição Antropológica[79], celebrada como verdadeira "festa científica popular" — se estendeu por três meses —, que recebeu a visita do Imperador Pedro II acompanhada de uma de suas filhas, Princesa Isabel. A exposição recebeu mais de mil visitantes foi acompanhada de perto pela imprensa, incluindo importantes periodistas, como o caricaturista

[79] A Exposição Antropológica de 1882 e a história da antropologia no Brasil. Acesso em: 1 mar. 2024.



Acta da reabertura solemne do Museu Nacional, effectuada no dia 25 de Maio, do anno de 1900.

Aos vinte e cinco dias do mez de Maio do anno de 1900, no palacio da Quinta da Bôa Vista em S. Christovão para onde em 1892 foi trasladado o Museu Nacional, presentes:

S. Exa. o Snr. Presidente da Republica

Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles

S. Exa. o Snr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores

Dr. Epitacio da Silva Pessoa

o Director do Museu Dr. João Baptista de Lacerda, o Secretario Alipio de Miranda Ribeiro e os Professores do Museu Bach. Hermillo Bourguy Macedo de Mendonça, Dr. Amaro Ferreira das Neves Armond, Bacharel Domingos Sergio de Carvalho e os Assistentes Carlos Moreira, Ernesto Ule, e Dr. Publio de Mello, foi pelo Director do Museu declarado que tendo ficado durante 18 mezes encerrado

Ata da reabertura do Museu Nacional ao público em 1900[80].

[80] Seção de Assistência ao Ensino. Disponível em: https://sae.museunacional.ufrj.br/a-sae/. Acesso em 1 mar. 2024

Angelo Agostini e o fotógrafo Marc Ferrez (Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional, 2017[81]; Leitão, 1937 *apud* Sá; Sá; Lima, 2018[82]).

Em 1892, o Museu Nacional foi transferido[83] para a Quinta da Boa Vista, ocupando o prédio construído originalmente em 1803 como casarão residencial, adaptado em 1808 para receber a família real portuguesa e tornando-se a residência da família imperial. A abertura das exposições permanentes ao público ocorreu em 25 mai. 1900. “Communicam-nos as autoridades competentes que o Museu Nacional é um estabelecimento de instrucção secreta e como tal não pode ser visitado” (Careta, n.130, 26 nov. 1910, p.21). As atividades do Museu se reestruturaram e se intensificaram ao longo do século XX. Três novos laboratórios — química vegetal, fitopatologia e entomologia agrícola — foram instalados e a política de intercâmbio científico e de publicações foi reforçada, passando a instituição ser presença constante nas exposições internacionais: “o museu carioca levava ao estrangeiro um pouco das excentricidades desse país tropical”. Em 1907, integrantes do museu participaram da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas — mais conhecida como Comissão Rondon — com o objetivo de inventariar a fauna e a flora e de ser, o museu, depositário do material de história natural, arqueologia e etnografia coletado. Uma filmoteca foi criada em 1910 e novas exposições foram inauguradas em 1914; o museu passou a ficar aberto diariamente, exceto às segundas-feiras, com a intenção de aumentar a visitação pública (Arquivo Nacional, 1916; Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, 2000; Sá; Sá, Lima, 2018).

O antropólogo Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) foi diretor do Museu Nacional no período 1927-35. Na sua gestão, a instituição assumiu forte caráter educativo, desenvolvendo estratégias e meios que possibilitassem à população o acesso ao conhecimento científico: “É preciso estudar o Brasil, com seus encantos e as suas tristezas, para amá-lo conscientemente; estudar a terra, os animais, a gente do Brasil”[84]. O primeiro curso de museologia foi instituído no Brasil em 1932, no Museu Nacional, pela necessidade de formar profissionais para atuar na instituição. Personalidades da ciência visitaram o museu, como Albert Einstein (1879-1955),

[81] Exposição Antropológica de 1882. Acesso em: 1 mar. 2024.
[82] SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. O Museu Nacional e seu papel na história das ciências e da saúde no Brasil. *Cad. Saúde Pública*, v.3, n.12, 2018. 5 p.
[83] Com a República, o Museu passou a se chamar Museu Nacional, sendo transferido pelo decreto nº 377-A, de 5 de maio de 1890, para o Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos. Em 1892, conforme o decreto nº 1.160 de 2 de dezembro, passou a ocupar a sua atual sede na Quinta da Boa Vista, tornando-se na mesma época órgão do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, criado em 1891 como resultado da junção de três ministérios - da Justiça, do Interior e da Instrução Pública, Correios e Telégrafos. Lamentavelmente, várias coleções foram perdidas no transporte da antiga para a nova sede. Pelo decreto nº 7.727 de 9 de dezembro de 1909, a entidade vinculou-se à Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio. Já, em 1930, pelo decreto nº 19.402 de 14 de novembro, o Museu Nacional passou a fazer parte do Ministério dos Negócios, da Educação e Saúde Pública. Com a criação da Universidade do Brasil, pelo decreto nº 452, de 5 de julho de 1937, o Museu Nacional passou a ser uma de suas unidades. Em 1941, pelo decreto lei n° 2.974, de 23 de janeiro de 1941, o Museu Nacional foi organizado em órgãos, passando a 5ª seção à denominação de Seção de Extensão Cultural (S.E.C). Em 1946, quando o Museu foi incorporado à Universidade do Brasil como instituição nacional, integrando o Fórum, de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) voltou à denominação de Seção de Assistência ao Ensino, até hoje mantida de acordo com o último regimento, de 1971.
[84] (Roquette-Pinto *apud* Santos, 1938, p. 5).

Marie Curie (1867-1934) e Alberto dos Santos Dumont (1873-1932). Para facilitar as visitas, a instituição preparou o *Guia das Coleções de Antropologia do Museu Nacional*, pequeno manual com os fundamentos gerais da antropologia, que utilizava os objetos em exposição como ilustrações às explicações. Durante a sua gestão (1927-1935), Roquette-Pinto contou com a colaboração de destacados nomes da ciência brasileira, dentre os quais o zoólogo Cândido Firmino de Mello Leitão (1886-1948), Heloísa Alberto Torres (1895-1977) — antropóloga e futura diretora do museu —, a bióloga e feminista Bertha Lutz (1894-1976) e o geólogo Alberto Betim Paes Leme (1883-1938). Para Roquette-Pinto, o Museu deveria ser "a universidade do povo". Em 1927, foi inaugurado o Serviço de Assistência ao Ensino, com um auditório equipado com projetores para aulas de história natural. As escolas eram incentivadas a criar gabinetes de história natural para que pequenas coleções científicas fossem montadas pelas crianças que tratariam e desenhariam plantas e animais coletados por elas. O Museu Nacional exerceu forte influência sobre a pesquisa e divulgação científicas no país. Em 1946, passou a ser uma das unidades da Universidade do Brasil, que viria a se transformar na Universidade Federal do Rio de Janeiro (Schwarcz, 1993; Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, 2000; Arquivo Nacional, 2016; Pires, 2017; Sá; Sá, Lima, 2018; Biblioteca Nacional Digital, 2020).



Fotografia da fachada do Museu Nacional no início do século XX.
Acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional.



Cartaz[85] de divulgação do Museu-Nacional de História Natural impresso pela Imprensa Nacional em 1918. Arte de Helios Aristides Seelinger (1878 -1965) pintor, desenhista e caricaturista brasileiro com formação na Escola Nacional de Belas Artes.

[85]O cartaz (85 X 63 cm) apresenta o Parque da Quinta da Boa Vista, projetado em 1866 pelo paisagista francês Auguste François Marie Glaziou (1828-1906). Em estilo romântico inglês, destaca-se o lago ao centro, o Pagode Chinês à esquerda e a Alameda das Sapucaias à direita, que dá acesso ao Museu sediado no antigo Paço de São Cristóvão desde 1892. Durante a



Aquarela[86] de José dos Reis Carvalho [ca.1800-1893?] mostra o acampamento da Comissão Científica em trajeto pelo interior da província do Ceará.



Ilustrações científicas[77, 87] de José dos Reis Carvalho.

reforma do edifício, em 1910, foi removido o observatório astronômico de D. Pedro II sobre o Torreão Norte. Disponível em: https://bit.ly/44kNBuG. Acesso em: 18 ago. 2023.

[86] Reprodução do livro Aquarelas & desenhos do Ceará oitocentista: o trabalho de José dos Reis Carvalho na comissão científica de exploração (1859-1861). Organizado pelos arquitetos José Ramiro Teles Beserra e Alexandre Jacó, a obra apresenta retratos da província cearense pintados em mais de uma centena de trabalhos pelo artista José Reis Carvalho. Além das aquarelas, pastéis, guaches, um óleo e desenhos a crayon, a obra traz, ainda, texto e comentários atualizados pelo arquiteto, professor e pesquisador Liberal de Castro. Reis Carvalho ficou responsável por documentar os aspectos etnográficos, zoológicos e botânicos do sertão brasileiro durante a Comissão Científica de Exploração (Comissão das Borboletas). Em 1824, ingressou na primeira turma do curso de pintura da Academia Imperial de Belas Artes, onde foi aluno de Jean-Baptiste Debret (1768-1848). Foi também desenhista, cenógrafo e professor de desenho da Escola Imperial de Marinha, no Rio de Janeiro. Acesso em: 1 mar. 2024.

[87] *Tesouros do sertão*. Acesso em: 1 mar. 2024.

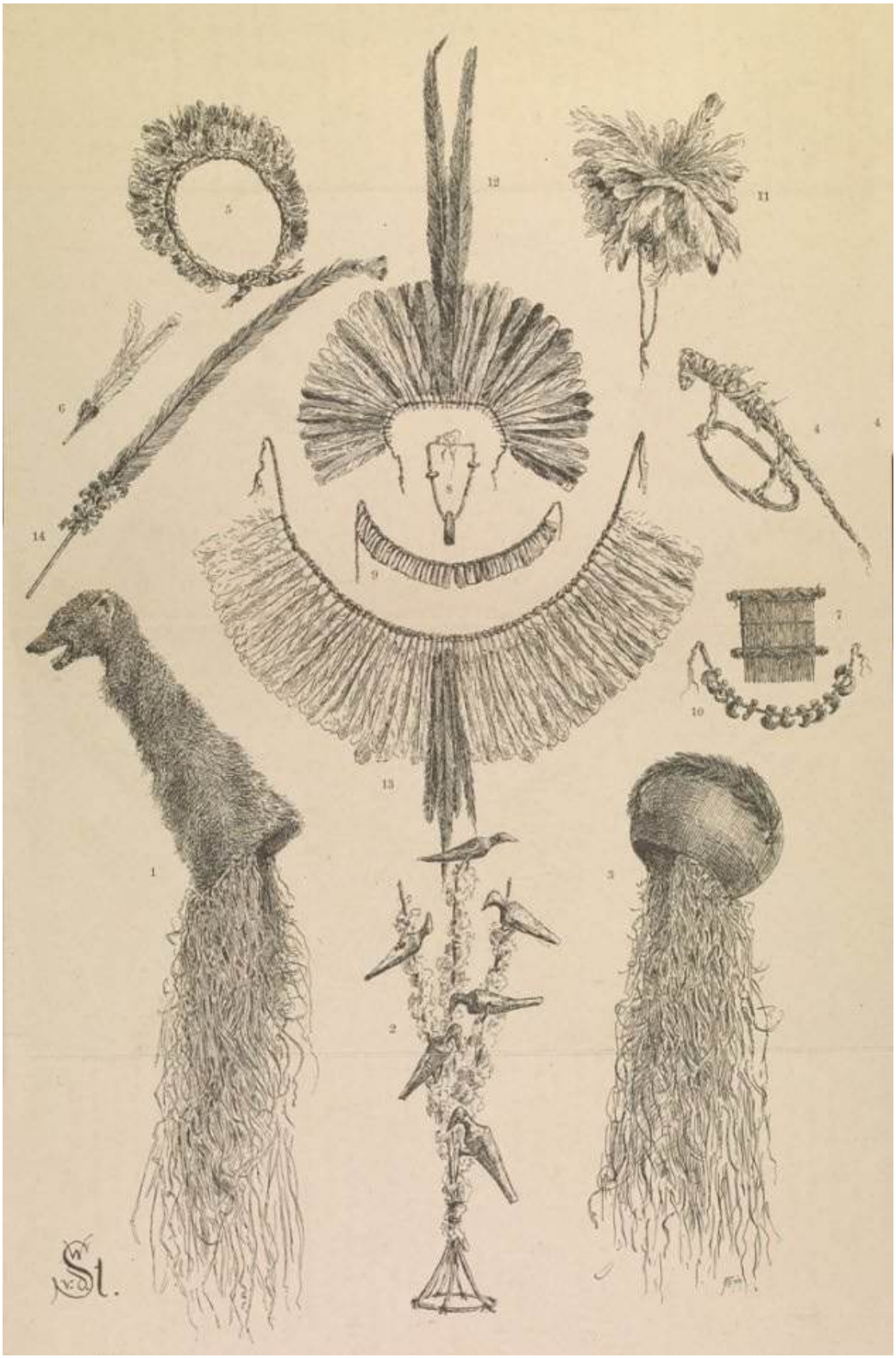
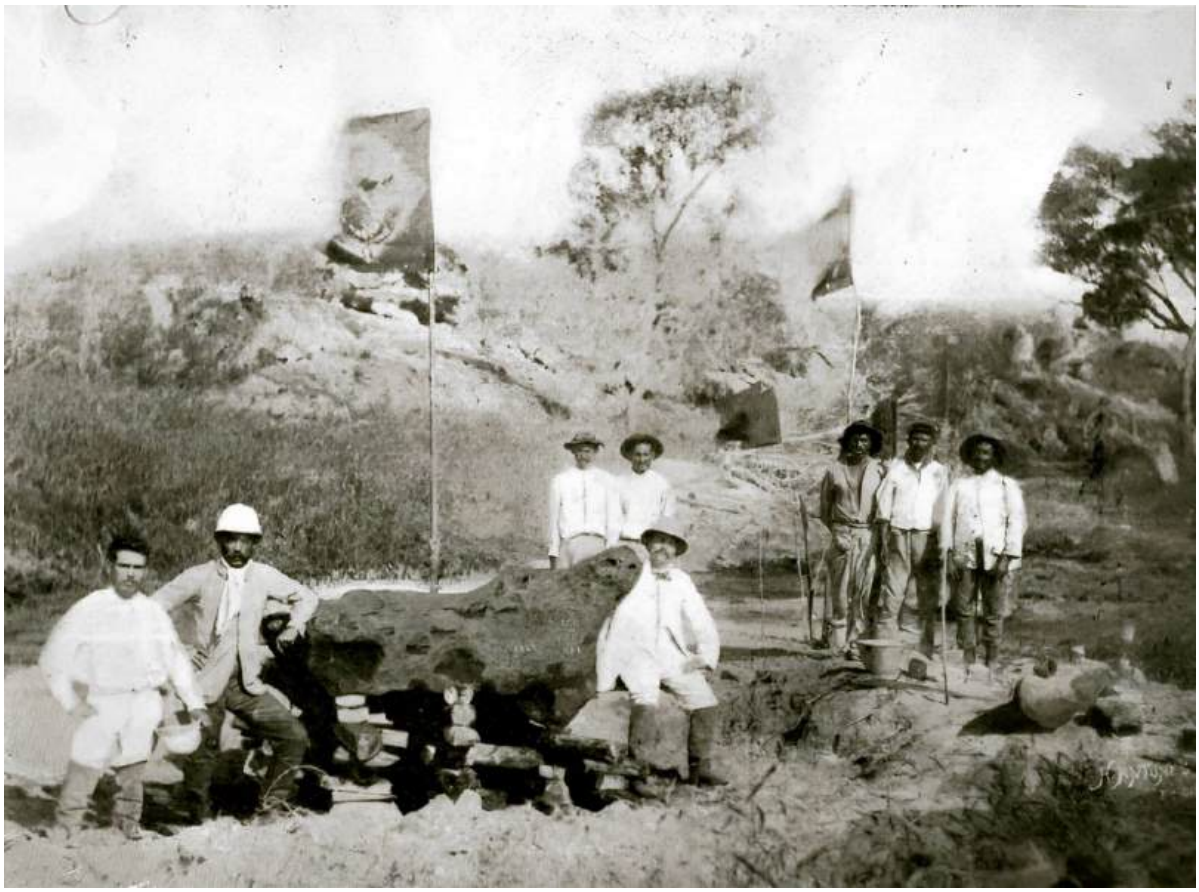


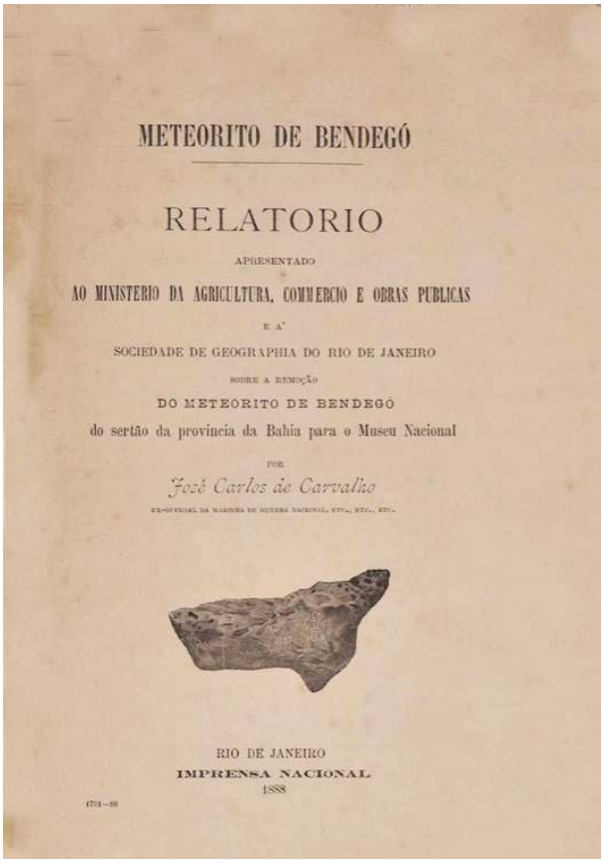
Imagem de artefatos indígenas incluída no livro *Através do Brasil Central*, publicado em 1886, do etnólogo alemão Karl Von Den Stenen (1855-1929)[88].

[88] (Arquivo Nacional, 2016).



Os engenheiros Humberto Saraiva Antunes e Vicente José de Carvalho, e o vice-almirante José Carlos de Carvalho ao lado do meteorito na margem do riacho Bendegó em 1887[89]. O meteorito foi encontrado em 1784 pelo menino Domingos da Motta Botelho, que pastoreava o gado em uma fazenda próxima à atual cidade de Monte Santo, no sertão da Bahia. Em 1886, o imperador Pedro II tomou conhecimento da existência do meteorito ao visitar a Academia de Ciências de Paris e decidiu providenciar sua remoção da caatinga para o Museu Nacional[90, 91].

[89] Fonte da imagem: Wikimedia Commons. Acesso em: 1 mar. 2024.
[90] CARVALHO, José Carlos de. Meteorito de Bendegó: relatório apresentado ao ministerio da agricultura, commercio e obras publicas e a sociedade de geographia do Rio de Janeiro sobre a remoção do meteorito de Bendengó do sertão da provincia da Bahia para o Museu Nacional, 1888. 85 p. Disponível em: https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/32. Acesso em: 1 mar. 2024
[91] Meteorito do Bendegó. Acesso em: 1 mar. 2024.



METEORITO DE BENDEGÓ

RELATORIO

APRESENTADO

AO MINISTERIO DA AGRICULTURA, COMMERCIO E OBRAS PUBLICAS

E Á

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO

SOBRE A REMOÇÃO

DO METEORITO DE BENDEGÓ

do sertão da provincia da Bahia para o Museu Nacional

POR

José Carlos de Carvalho

RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL

1888

Capa do relatório sobre o transporte do meteorito de Bendegó para o Museu Nacional.



Cartaz da Comissão do Bendegó.

“Chegamos a Bendegó no dia 6: inauguramos os trabalhos no dia 7. Assistiram as autoridades de Monte Santo. Assentámos a primeira pedra para marco do lugar onde cahio o meteorolitho, e denominamos este marco Pedro II, lavrando o competente termo. Tirámos photografias. No dia 9 começamos a suspender o meteorolitho e a explorar os caminhos”[92]

[92] FREITAS, Antônio de Paula. O meteorolitho de Bendegó. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, Tomo III, 3° Boletim, 1887. p.214-215. Acesso em: 1 mar. 2024.

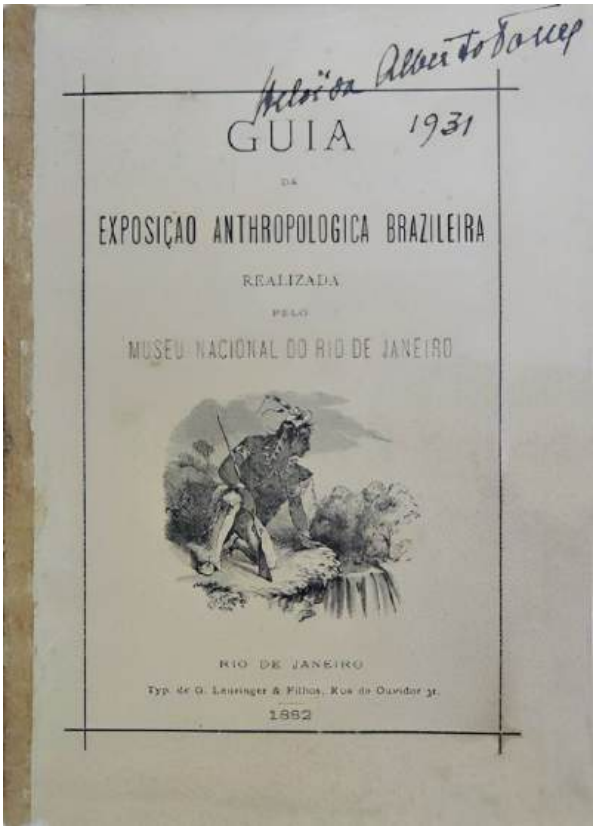


Reprodução de corpos de indígenas em machê. Exposição Antropológica Brasileira: artefatos e aspectos da vida indígena. Fotografia[93] de Marc Ferrez[89].

[93] Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=8248. Acesso em: 1 mar. 2024.

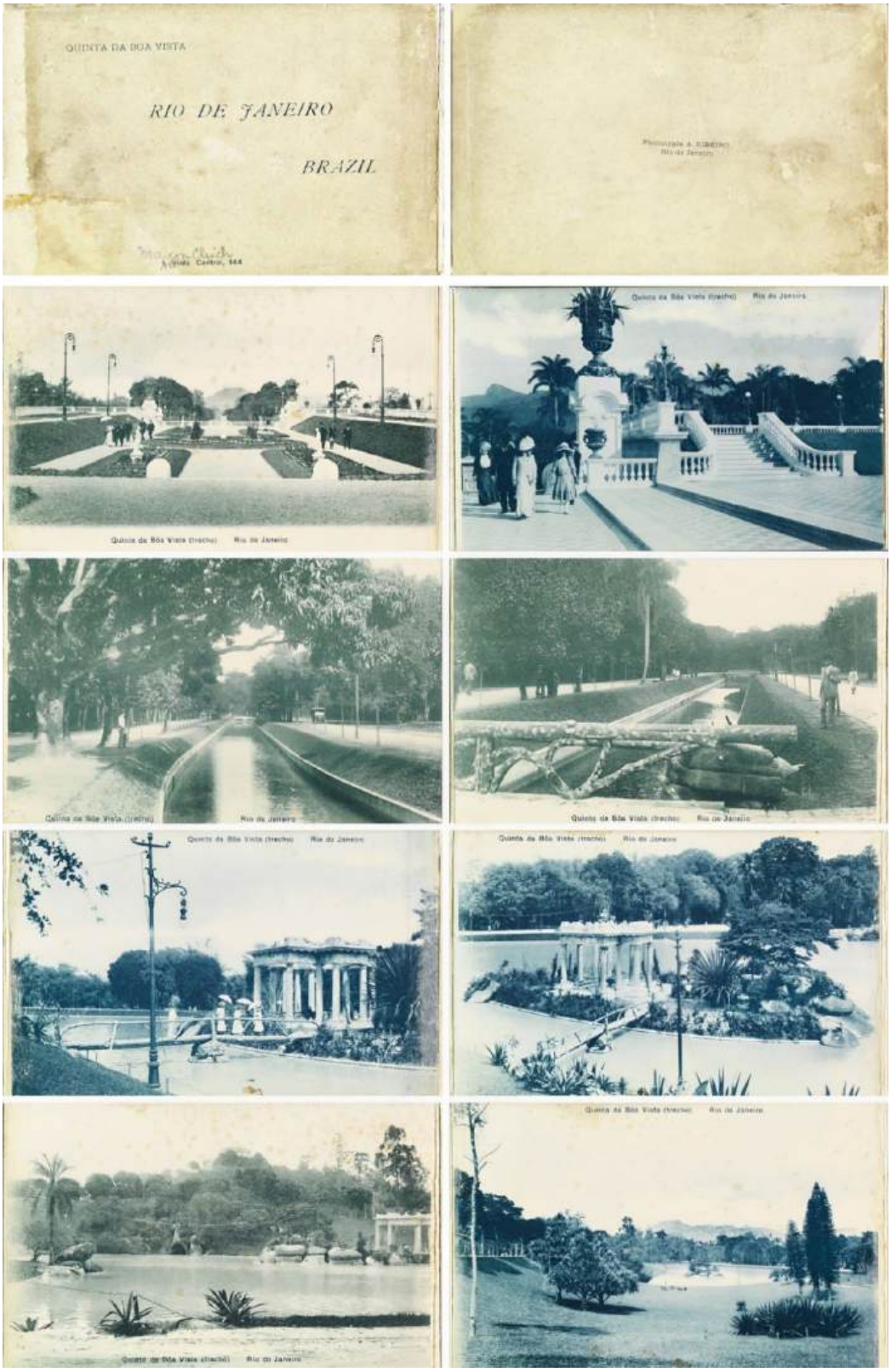


Indígenas Bororo, “exemplares vivos do homem primitivo”.
Fotografia de Marc Ferrez (Acervo Instituto Moreira Salles).



Exemplar do *Guia da Exposição Anthropologica Brazileira*[94], com o nome de "Heloísa Alberto Torres 1931” escrito na capa.

[94] Disponível em: https://archive.org/details/guiadaexposioan00bragoog/page/n4/mode/2up. Acesso em: 1 mar. 2024.



Quinta da Boa Vista, 1911, Phototypia A. Ribeiro (Acervo Biblioteca Nacional)[95].

[95] Quinta da Boa Vista [Iconográfico]. Rio de Janeiro, RJ. Acesso em 1 mar. 2024



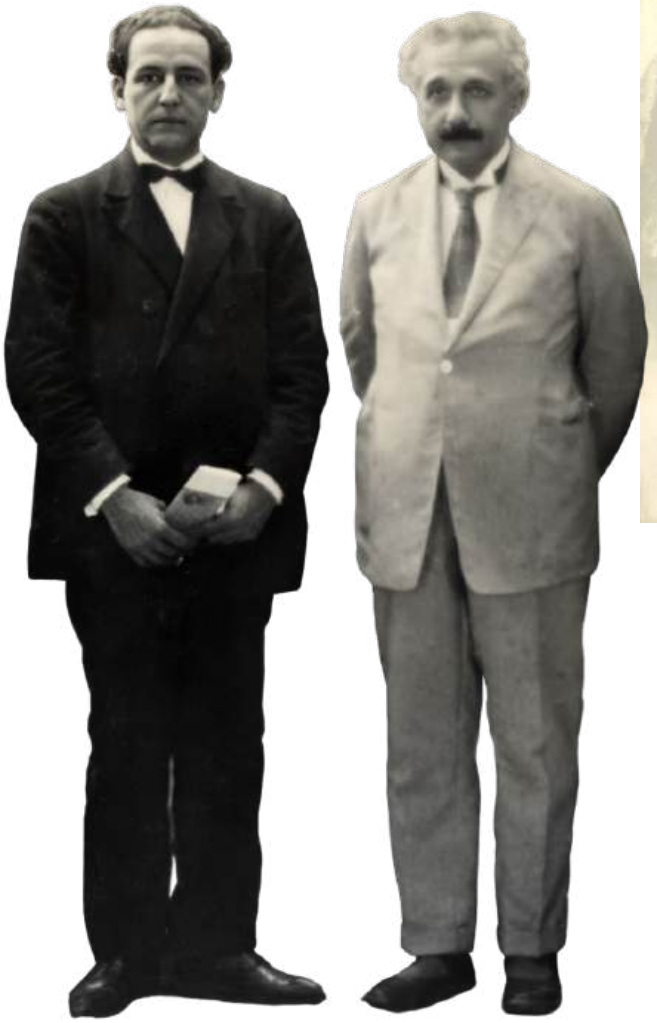
Fachada do Museu Nacional em [ca. 1930]. Fotografia de Augusto Malta[00].
Acervo Instituto Moreira Salles[96]



Einstein visitou o Museu Nacional em 7 mai. 1925. Na foto, ele está rodeado de autoridades e cientistas. Do seu lado esquerdo, Edgard Roquette-Pinto — diretor do Museu Nacional.

[96] Brasiliana Fotográfica. Acesso em: 1 mar. 2024.

7 de maio de 1935, Rio de Janeiro. Visita ao Museu de História Natural [Museu Nacional], principalmente animais e antropologia. Beleza da espinha dorsal de uma serpente como construção. Cultura dos índios, múmias reduzidas, flechas envenenadas. Lindo jardim diante do Museu. Estatística da mistura racial. Negros vão pouco a pouco desaparecendo através da mistura devido à falta de resistência dos mulatos. Índios relativamente pouco numerosos. Almoço na casa do professor Castro[97]. Verdadeiro tolo, mas companhias interessantes: arqueólogo russo, jornalista inteligente, escritora, bonita, inteligente e um pouco arrogante. À tarde, Academia de Ciências [Academia Brasileira de Ciências]. Sujeitos são oradores veementes. Quando elogiam alguém, estão elogiando a eloquência. Acredito que essa tolice e irrelevância tenha a ver com o clima. As pessoas acreditam que não (Tolmasquim, 2003, p.197)[98].





Einstein em visita ao Museu Nacional, em 7 mai. 1925, ao lado de Roquette-Pinto — diretor do museu. Reconhecido mundialmente por seu trabalho (Prêmio Nobel de Física de 1921), Einstein fez uma viagem pela América do Sul entre os meses de março e maio de 1925 como parte de uma turnê mundial, quando visitou algumas instituições científicas.

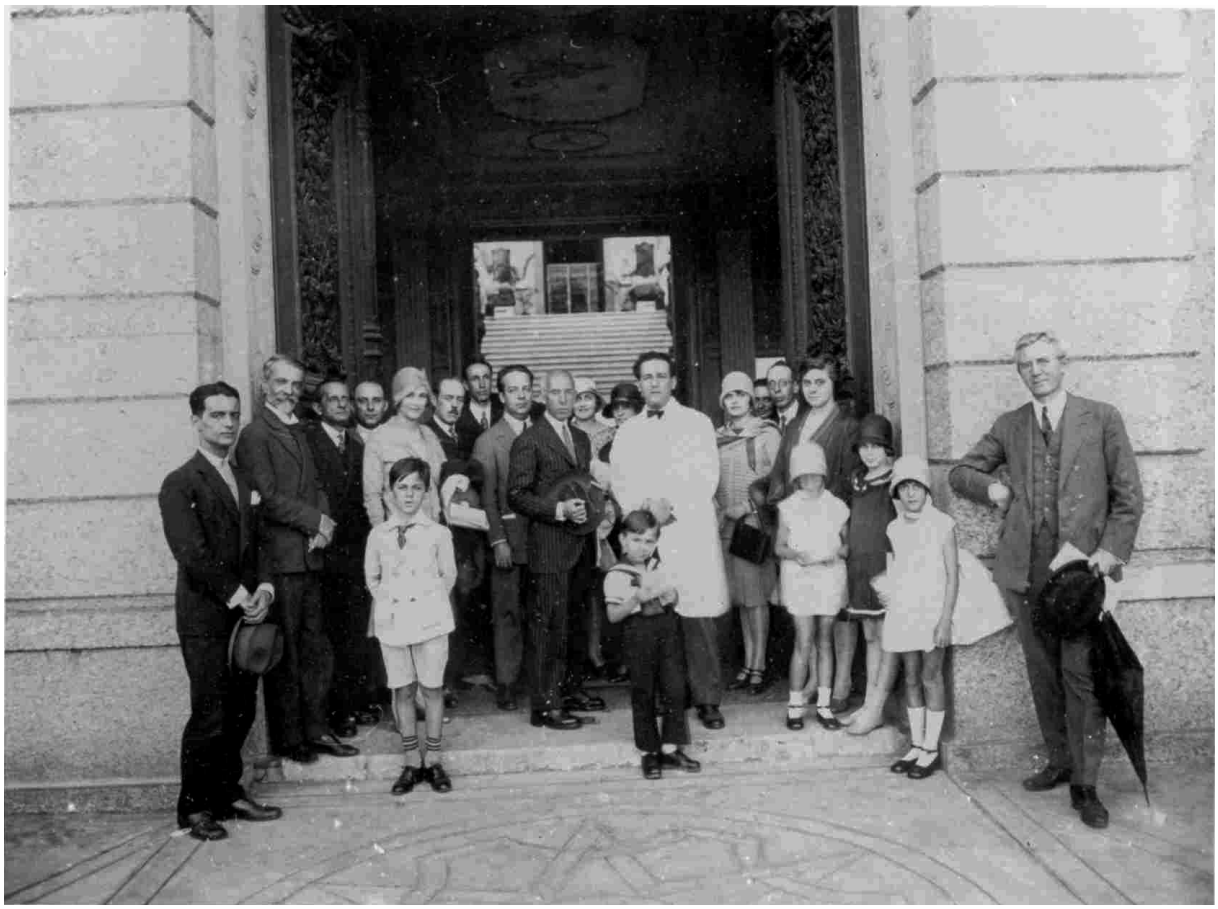
[97] Castro [Médico Aloysio de Castro]; [Alberto Childe, e Assis Chateaubriand e Rosalina Coelho Lisboa].
[98] TOLMASQUIM, Alfredo Tiommo. *Einstein*: o viajante da relatividade na América do Sul: inédito diário de viagem, 1925, Argentina, Brasil e Uruguai. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003. 256 p.



Visita de Marie Curie ao Museu Nacional, em 29 jul. 1926. Marie Curie está sentada.
Da esquerda para a direita: o naturalista Alipio de Miranda Ribeiro (1874-1939), o naturalista Edward May, o engenheiro civil Hermilio Bourguy de Mendonça (18-- – 1941) — diretor interino do museu —, Heloisa Alberto Torres, Alberto Betim Paes Leme, Irène Joliot-Curie (1897-1956) — filha de Marie Curie — e Bertha Lutz. A visita foi organizada pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.
O grupo posou ao lado do meteorito de Bendegó. Acervo do Arquivo Nacional[99].

"Numa época em que as ciências eram amplamente dominada pelos homens, Marie Curie tornou-se a primeira mulher a ganhar um Prêmio Nobel, quando, em 1903, com os físicos franceses, Pierre Curie (1859 – 1906), seu marido desde 1895, e Antoine Henri Becquerel (1852 – 1908), recebeu o Prêmio Nobel de Física "em reconhecimento aos extraordinários serviços por eles prestados em suas pesquisas conjuntas sobre o fenômeno da radiação, descoberto pelo Professor Henri Becquerel". Marie Curie voltou a receber um Nobel, desta vez de Química, em 1911, "em reconhecimento aos serviços que prestou para o avanço da química quando descobriu os elementos rádio e polônio, pelo isolamento do rádio e pelo estudo da natureza e composição desse notável elemento". Marie Curie tornou-se, então, a primeira pessoa a ser laureada duas vezes com o Prêmio Nobel" (Biblioteca Nacional: Brasiliana Fotográfica, 2016).

[99] Disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=hermilio-bourguy-macedo-de-mendonca-18-1941. Acesso em: 29 fev. 2024.



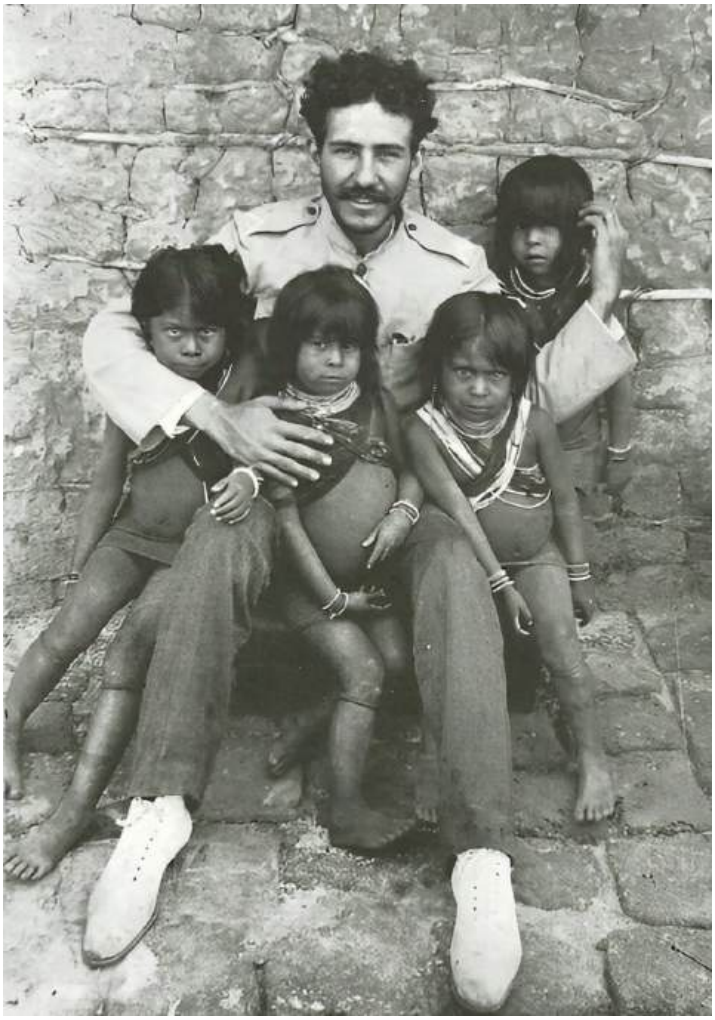
Visita de Alberto Santos Dumont (1873-1932) ao Museu Nacional em 27 jul. 1928 (Acervo do Museu Nacional)[100]. Santos Dumont aparece no centro da foto, de terno e chapéu na mão direita, enquanto o diretor da instituição, Roquette Pinto, à direita dele, de jaleco branco.

O aeronauta esteve no Museu algumas vezes para realizar experiências com suas invenções. Estes testes aconteciam no Jardim das Princesas, na companhia de parentes e cientistas[101].

A fotografia integra o fundo José Feio, série Diretoria, subsérie Museu Nacional. Identificados, da esquerda para a direita: 1 - Paulo de Miranda Ribeiro; 2 - Alípio de Miranda Ribeiro; 3 - Júlio César Diogo; 4, 5, 6, 7 - não identificados; 8 - Toledo Dodsworth; 9 - não identificados; 10 - Alberto Santos Dumont; 11 e 12 - não identificados; 13 - Edgard Roquette-Pinto; 14, 15 e 16 - não identificados; 17 - Álvaro Fróis da Fonseca; 18 - Heloísa Alberto Torres; 19, 20 e 21 - não identificados.

[100] Seção de Memória e Arquivo. Disponível em: https://www.museunacional.ufrj.br/semear/Galeria_de_Fotos/Personalidades/foto7.html. Acesso em: 1 mar. 2024.
[101] HELAL FILHO, William. Museu Nacional recebeu visitas de Albert Einstein, Madame Curie, Santos Dumont e outros notáveis. O Globo. Disponível em: http://glo.bo/49Z6yXa. Acesso em: 1 mar. 2024.

Em 1911, no Museu Nacional, Roquette-Pinto conheceu o tenente-coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, que desde 1890 trabalhava pela criação e desenvolvimento de povoados nos estados do norte do Brasil, delimitando fronteiras, implantando e expandindo linhas telegráficas, além de contactar indígenas. Em 1912, Roquette-Pinto integrou expedição à Serra do Norte (Comissão Rondon na Serra do Norte), zona compreendida por partes de Mato Grosso, Amazonas, Pará, Acre e Guaporé (atual Rondônia), entre os rios Juruena e Madeira. Passou várias semanas em contato com os índios Parecis e Nhambiquaras — até então isolados (sem estabelecer contato com a população nacional). Nos dizeres de Ruy Castro, em *Roquette Pinto: o Homem-multidão*, na expedição "ele foi etnógrafo, sociólogo, geógrafo, arqueólogo, botânico, zoólogo, linguista, médico, farmacêutico, legista, fotógrafo, cineasta e folclorista. Anotou toda a aparência da região – da floresta à árvore e à folha – a composição dos solos, o contorno das montanhas, o fluxo dos rios, a intensidade das quedas e a riquíssima variedade da fauna" (Rangel, 2010, p.41; Dicionário histórico-biográfico da Primeira República, 2015, p.7017).



Retrato de Roquette-Pinto entre os pequenos *Kozarinis* durante a expedição da Comissão Rondon no Mato Grosso em 1912.

> "[…] uma saga de extraordinária importância para o conhecimento do Brasil — porque, pela primeira vez, Rondon viajava com um homem à sua altura. Roquette-Pinto, sozinho, valia por uma equipe de cientistas" (Castro, 2004, p.43).



Em visita ao Museu Nacional em 1928, o general de brigada Cândido Mariano da Silva Rondon encontrou naturalistas que integraram a Comissão de Construção de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas.

Fotografia[102] tirada à entrada do Museu Nacional. Identificados, na frente, da esquerda para a direita: 1 - Álvaro Fróis da Fonseca; 2 - Alípio de Miranda Ribeiro; 3 - Cândido Mariano da Silva Rondon[103]; 4 - Edgar Roquette-Pinto; 5 - Heloísa Alberto Torres. Identificados, atrás da esquerda para a direita: 6 - não identificado; 7 - não identificado; 8 - Eduardo May; 9 - Júlio César Diogo; 10 - Raimundo Lopes da Cunha; 11 - não identificado; 12 - não identificado; 13 - não identificado; 14 - Benjamin Rondon [?].

[102] Disponível em: https://museunacional.ufrj.br/semear/Galeria_de_Fotos/Personalidades/foto4.html. Acesso em: 1 mar. 2024.
[103] Cândido Mariano da Silva Rondon (1866-1958), considerado o mais importante dos sertanistas brasileiros, destacou-se ao chefiar a Comissão de Construção de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas, que abriu caminhos nunca percorridos, registrando suas topografias, descobrindo rios e, principalmente estudando a fauna, a flora e os índios que por aí habitavam. O Museu Nacional tomou parte ativamente nessa expedição com uma equipe de naturalistas. A maior homenagem que o Brasil lhe concedeu foi dar seu nome ao território que ele explorou, em sua extensão, e integrou à civilização: Rondônia. Em 5 de maio de 1955, no plenário do Palácio Tiradentes, na Capital Federal, sede da Câmara dos Deputados, Rondon recebeu, diante do Congresso reunido, as platinas de marechal em reconhecimento a sua obra (Fontes: Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro). Disponível em: https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/cmdsrondon.html. Acesso em: 1 mar. 2024.



Visita do presidente Juscelino Kubitschek[104] ao Museu Nacional em 6 jun. 1958 (Acervo do Museu Nacional) [105]. O último presidente a visitar a instituição foi o militar Artur da Costa e Silva (1899-1969), nas comemorações pelos 150 anos do museu, em maio de 1968. Nenhum chefe do executivo esteve na celebração dos 200 anos, em maio de 2018.

[104] Juscelino Kubitschek (1902-1976), também conhecido como JK, foi um político brasileiro que esteve na presidência de nosso país entre 1956 e 1961. Médico por formação, ele ingressou na política na década de 1930, chegando a ser eleito deputado federal. Foi nomeado prefeito de Belo Horizonte em 1940. Eleito, assumiu o governo de Minas Gerais em 1951. Em 1956, após um período eleitoral conturbado e uma tentativa de golpe de estado, assumiu a presidência do Brasil. Seu governo ficou marcado pela política desenvolvimentista, que incentivava o desenvolvimento econômico do país via industrialização. O político mineiro entendia que a modernização do país passava, essencialmente, pelo desenvolvimento industrial. Foi o responsável pela construção de Brasília na década de 1950. Morreu em um acidente de carro. Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/historiab/juscelino-kubitschek.htm. Acesso em: 1 mar. 2024.

[105] Seção de Memória e Arquivo. Disponível em: https://www.museunacional.ufrj.br/semear/Galeria_de_Fotos/Personalidades/foto6.html. Acesso em: 1 mar. 2024.

> O primeiro estímulo que recebi no campo das ciências naturais veio de um professor do grupo escolar, chamado pela meninada de Bigodinho de Arame. [...] ele nos levava ao bosque de Ribeirão Preto para colher flores, bichinhos, pedras, e nos dava muitas explicações. Era o melhor dia da semana (Padre Moure *apud* SBPC, 1998, p.398).



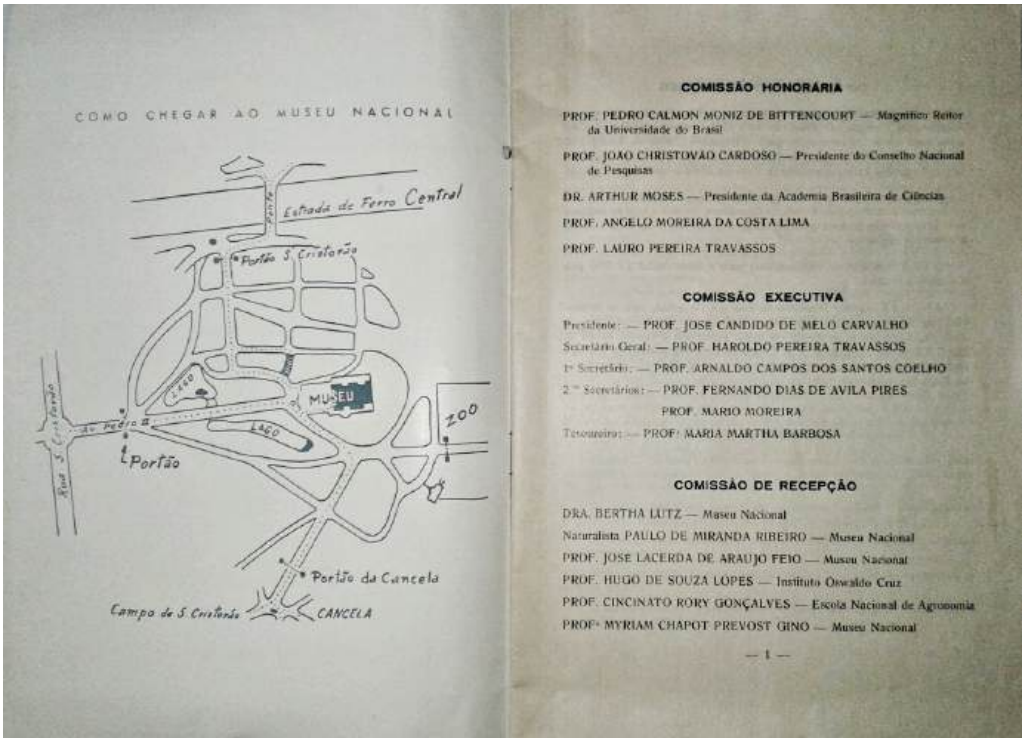
Participantes[106] do I Congresso Brasileiro de Zoologia, realizado no Museu Nacional, Rio de Janeiro, em 1960. Na frente do grupo, de batina, o entomologista Jesus Santiago Moure (1912-2010), conhecido como Padre Moure. Acervo do Museu Nacional[107].

106 Consultados, o Departamento de Entomologia do Museu Nacional, a Sociedade Brasileira de Entomologia, a Sociedade Entomológica do Brasil e a Sociedade Brasileira de Zoologia informaram não possuírem a lista dos participantes do I Congresso de Zoologia. A lista poderia indicar a participação de E.S., a despeito da sua idade, 77, em 1960. O evento contou com a presença de representante do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: https://centrodememoria.cnpq.br/realiz60.html Acesso em: 30 nov. 2023.

107 Departamento de Entomologia do Museu Nacional. Disponível em: https://entomologiamn.com/historico/. Acesso em: 30 nov. 2023.



Capa do opúsculo[108] do I Congresso Brasileiro de Zoologia — realizado no Museu Nacional, Rio de Janeiro, em 1960 — contendo a programação e a lista de participantes.



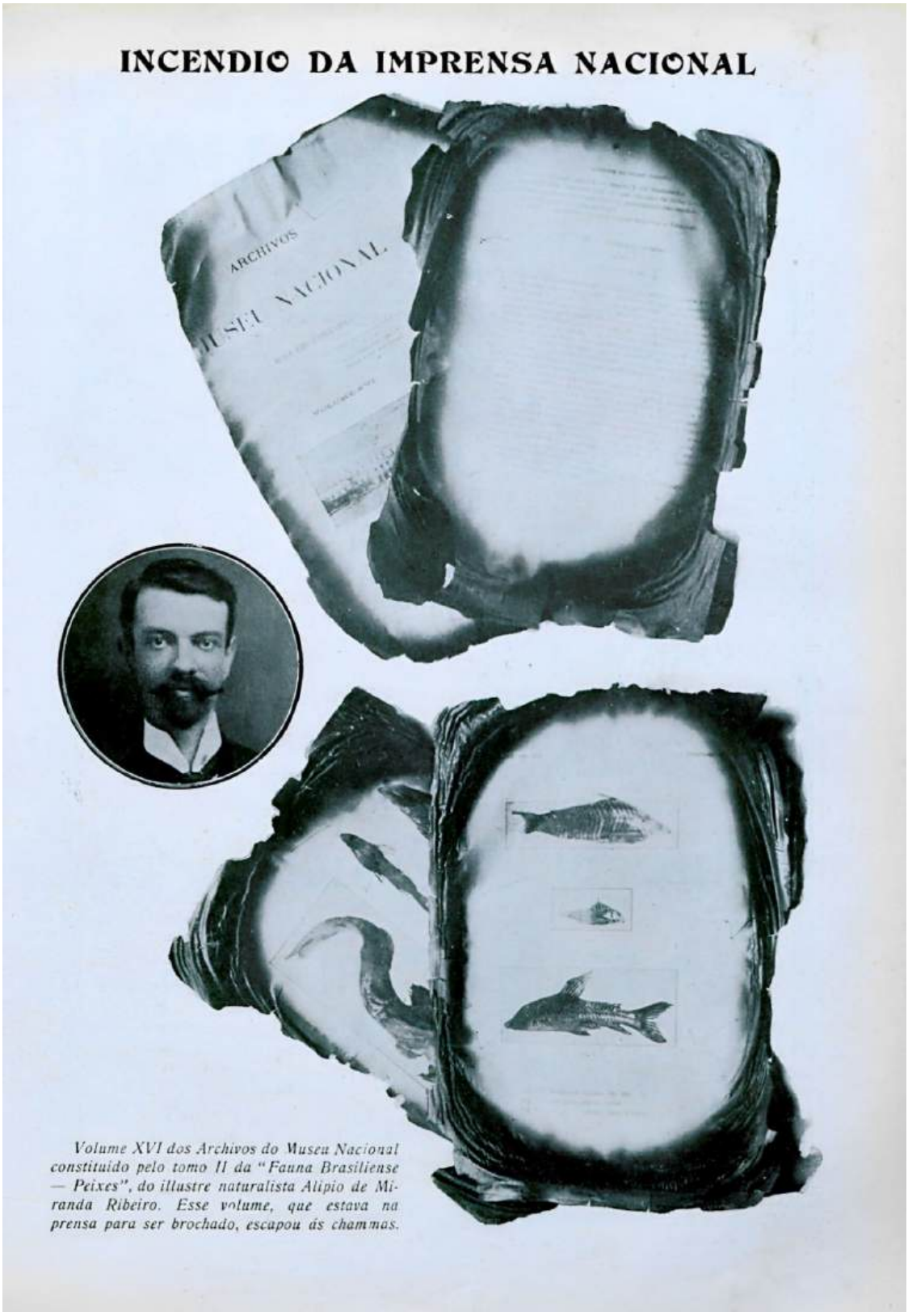
Contracapa do opúsculo do I Congresso Brasileiro de Zoologia e página com a lista das comissões envolvidas.

[108] Contribuição da Dra. Marcela Laura Monné Freire, coordenadora do Laboratório de Sistemática de Coleoptera e curadora da coleção de Coleoptera do Departamento de Entomologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em 2 set. 2018, o Museu Nacional [...] estava em chamas. As primeiras imagens foram chocantes; tratava-se de um incêndio de enormes proporções. As notícias eram dilacerantes para profissionais e estudantes da instituição, que celebrava seus dois séculos de existência no mesmo ano do desastre: o acervo de 20 milhões de peças, de valor inestimável para diferentes áreas científicas, como arqueologia, biologia, paleontologia, antropologia física e cultural, etnologia, história e botânica, estava quase inteiramente destruído. O Museu abrigava biblioteca e coleções biológicas e documentais; afrescos; fósseis; artefatos de diferentes sociedades pré-colombianas, ameríndias, indígenas, africanas, egípcias e etruscas. Do seu acervo, constavam o crânio de Luzia, o fóssil humano mais antigo das Américas; o meteorito de Bendegó, descoberto no século XVIII, e muitas outras peças que encantaram gerações de visitantes. O próprio prédio histórico, o Palácio de São Cristóvão, um dos maiores patrimônios culturais do país, ficou em ruínas e mal deteve a sua fachada (Sá; Sá, Lima, 2018).



O Museu Nacional, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, celebrou 200 anos de história em 2018, e contava com a maior coleção de arqueologia egípcia da América Latina.
Foto de Ricardo Moraes (Reuters), publicada pelo jornal *El País*.



Página publicada na revista *Careta*, n.175, p.39, 1911, sobre incêndio na Imprensa Nacional (Acervo da Biblioteca Nacional). A revista publicava, periodicamente, notícias pertinentes à ciência, bem como sátiras envolvendo instituições científicas, como o Museu Nacional, e personalidades acadêmicas.

CURIOSIDADES ZOOLOGICAS

)o(



A espátula européa

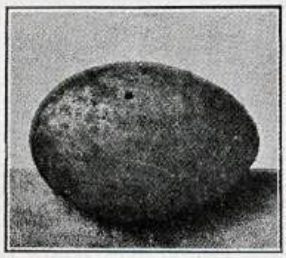
Não é só entre nós que o zoologo acha farto campo a explorar no campo scientifico. Os nossos tocanos de bico tão disforme que a musa satyrica de Gregorio de Mattos em meiados do XVII seculo já empregava em comparações ridiculas com os narizes dos Delegados d'El-Rey (*) Nosso Senhor têm nas ilhas da Oceania rivaes temerosos que de certo lá servirão tambem como termo de comparação aos narizes dos dominadores aduenas.



A *recurvirrostra avocceta*, cujo bico tem formas recurvas de pinzas

Em Bornéo ha o «Rhinophax vigil» que sobre o bico tem uma extranhissima saliencia de extructura cornea, um cavallete digno de sobre elle pousarem os nasoculos de um scientista allemão; o «Calao rhinoceroides» apresenta um não menos extranho adorno á feição do chifre que o rhinoceronte tem sobre o nariz.

Nas ilhas Celebes o «Cranorrhinus Cassidix» tem sobre o bico um adorno membranoso, á feição e da contextura das cristas dos gallinaceos.



Ovo do passaro lyra

O «Dichocerus bicornis» da Malasia tem um verdadeiro capacete corneo que o torna apto a dar as mais formidaveis cabeçadas.

O «Sarkidiornis melanonotus» de Madagascar tem esse como um lombinho corneo, uma especie de kisto endurecido que lhe dá o mais grotesco aspecto.

Entre nós os beija-flores de longos e recurvos, afilados bicos, são communs, como communs as «colhereiras de bico espatulado que d'antes abundando na Europa, vão aos poucos desapparecendo.

Nas selvas virgens da Australia abunda o mais lindo passaro que dar-se póde o «passaro-lyra» já raro em outras ilhas da Oceania pela caça que lhe dão selvagens e civilisados que se adornam com as suas plumas.



O *Dichocerus bicornis*, da Indo-China



O *Rhinophax vigil*, de Bornéo, notavel pelo enorme bico de contextura cornea e pelo corpo disforme

Interessante o habito que os naturalistas notam nessas lindas aves: a desputa da femea que aliás é bem feia, se faz entre os machos licitantes, não ás bicadas como os outros passaros, mas dançando e cantando. Esse espectaculo singular já tem sido observado por varios viajantes.

O nosso Museu Nacional tem em suas collecções todos os exemplares que figuram em nossas gravuras.



O passaro mosca

(*) No «Retrato do Governador Antonio Luiz da Camara Coutinho», diz Gregorio, com effeito:

Vá de retrato
Por consoantes
Que eu sou timantes
De um nariz de tocano côr de pato...

Divulgação científica: Curiosidades Zoológicas, publicada revista *Careta*, n.287, p.42, 1913, com menção ao Museu Nacional (Acervo da Biblioteca Nacional).

UM POUCO DE TUDO

Records capilares

As cabeleiras de metro e meio não são comuns, mas tambem não são raras. Não se conhecia abundancia capilar maior do que essa. Agora porem aparece uma americana que exibe uma cabeleira de dous metros e quarenta centimetros. Não parece que o peso dessa carga na cabeça lhe cause maior transtorno. Um fabricante calculou que esse cabelo, transformado em tecido, chegava com fartura para fazer um vestido para sua dona.

Dous metros e quarenta não são porem o comprimento maximo do cabelo humano.

O record nessa materia pertence ao inglez Mr. Robert Latter, de Tunbrige Wells, cuja barba mede quatro metros e oitenta centimetros! e necessita ser trazida dobrada e atada á cintura.

Trucs de espiões

Os espiões usam processos muito numerosos e engenhosos de informar o inimigo. A enumeração de alguns trucs encherá um volume. O meio mais comum consiste em subir a uma torre de igreja ou a outro logar onde haja um relogio, e fazer, com o ponteiro, signaes combinados segundo um codigo preestabelecido. O oficial observador da artilharia inimiga por esse meio se pode informar rapidamente dos pontos onde convem firmar a pontaria.

Caso curioso de espionagem foi o que se deu, ha pouco tempo, na França. Um camponez conduzia um rebanho de gansos, aparentemente destinados a uma cosinha militar. Ao passar pela orla de um bosque demorou alguns segundos em um certo ponto e depois seguiu seu caminho. Não tardou que uma chuva de obuses alemães cahisse no ponto em que parou o homem dos gansos, onde havia uma bateria disfarçada, matando muitos soldados e pondo algumas das bocas de fogo fóra de ação. O homem dos gansos foi suspeitado e seguido, e verificou-se que era um espião a serviço do inimigo.

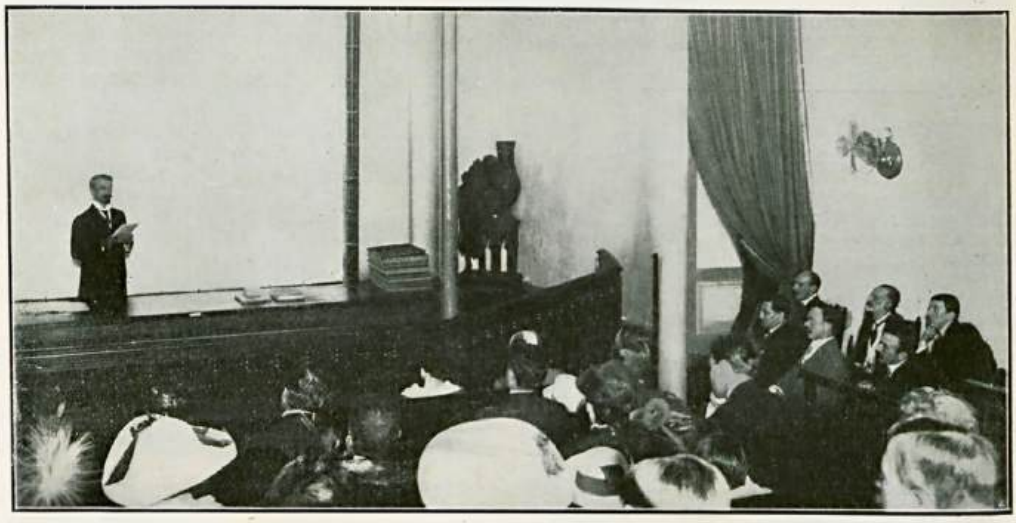
O seu fim foi rapido e justo.

A força dos insectos

Em proporção ao seu tamanho o homem é o mais fraco dos animaes. Os musculos de uma ostra de tamanho medio suportam um peso de 37 libras. Ha um caranguejo que levanta 492 vezes o seu proprio peso. Isto equivale á façanha de um homem de peso medio que levantasse um peso de trinta e duas toneladas. Felix Flateau, um scientista belga que fez muitas experiencias achou que a força de uma mosca que é capaz de levantar um palito fosforico, comparada com a humana, representa a força de um homem que, com os pés, fosse capaz de levantar uma barra de ferro de quatro metros e vinte centimetros de comprimento e quarenta centimetros de diametro. Ha um pequeno besouro que pode puxar seis fosforos, proesa igual á do homem que arrastasse 330 barras de ferro do seu tamanho. Com experiencias muito meticulosas elle chegou tambem á conclusão de que, peso por peso, uma abelha é trinta vezes mais forte do que um cavalo.

X.

MUSEU NACIONAL



O Prof. A. de Miranda Ribeiro, lendo a sua conferencia sobre «A Commissão Rondon», na qual tomou parte, tendo feito um detido estudo anthropologico e ethnographico no interior de nossas florestas.

Divulgação científica na revista *Careta*, n.410, p.12, 1916, destacando palestra do naturalista Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1839) no Museu Nacional (Acervo da Biblioteca Nacional).

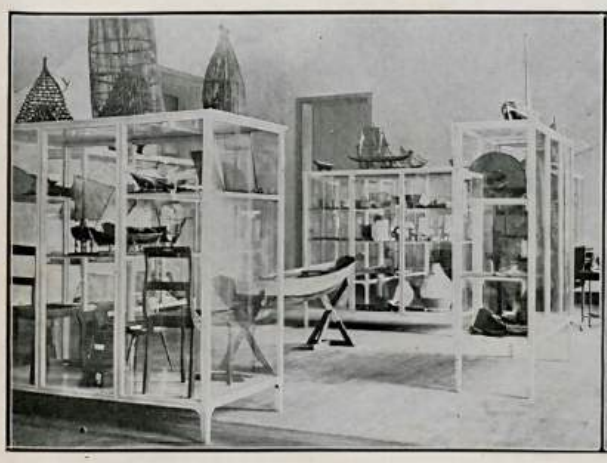
O centenario do Museu Nacional

No dia 6 do corrente, o Museu Nacional commemorou o seu centenario, tendo o presidente deste estabelecimento, dr. Bruno Lobo, promovido uma sessão solemne para festejar a data.

A sessão realizou-se na sala Lyell (secção de paleontologia), a um canto da qual se ostenta uma grande e artistica téla de D. Pedro II.

A solemnidade principou ás cinco horas e meia da tarde, com um discurso do dr. Bruno Lobo, relativo ao assumpto. O orador salientou, no final do seu discurso, os objectivos dáquella instituição e a sua inapreciavel utilidade na divulgação e conhecimento das riquezas do Brasil e sua historia, conservada pittorescamente nos seus mostruarios. Lançou a proposito uma ligeira vista sobre a historia do aproveitamento do ferro entre nós, cuja exploração vem de 1764.





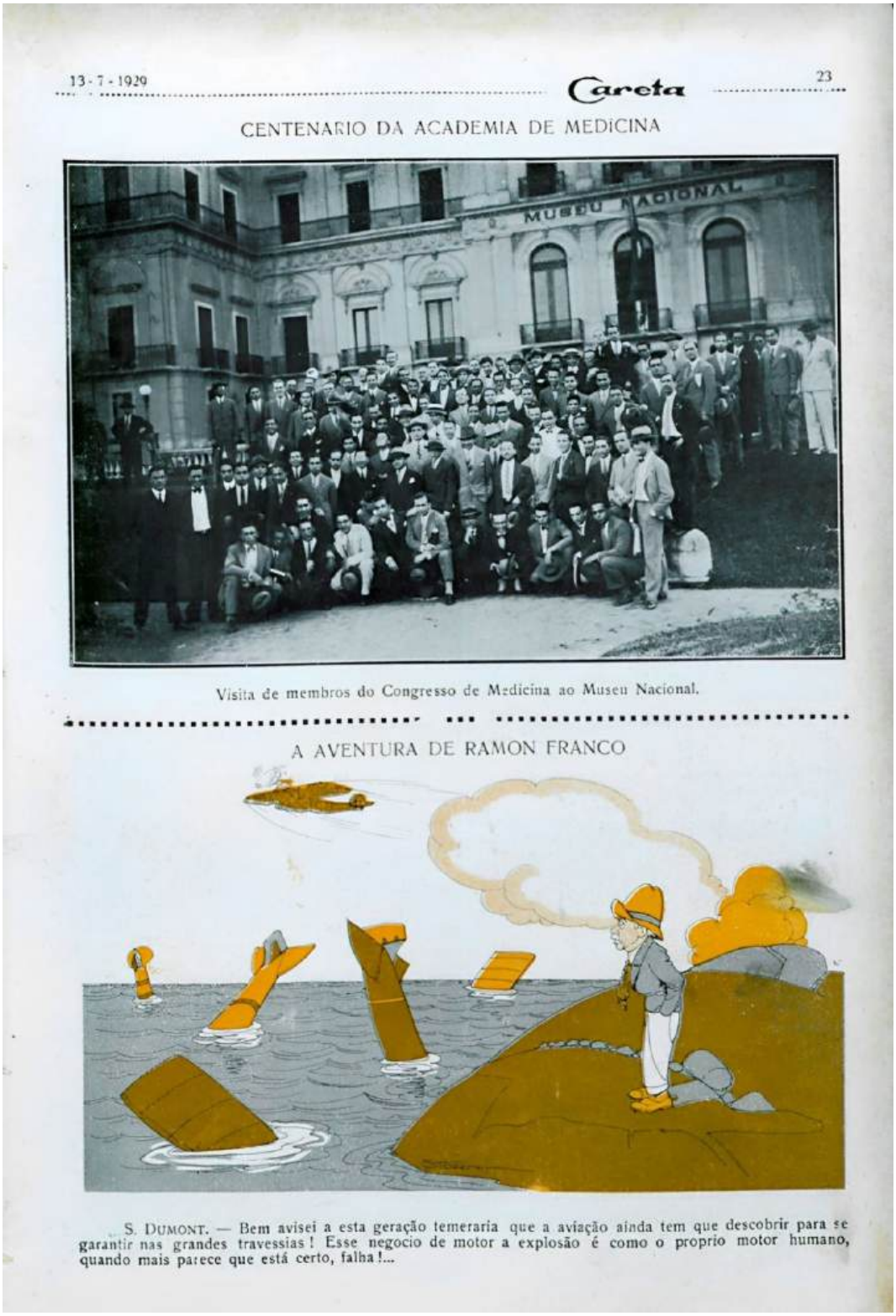




Falaram ainda: o sr. Tounay, director do Museu do Ypyranga em S. Paulo, os professores do Museu Nacional Betim Paes Leme e Miranda Ribeiro e por fim o sr. Roquette Pinto, que proferiu uma ligeira saudação á assistencia.

Compareceram á solemnidade os srs.: dr. Wenceslão Braz, presidente da Republica, com sua casa militar; os ministros Almirante Alexandrino de Alencar e Pereira Lima, deputados, senadores, altas autoridades, representantes da imprensa e numerosas pessôas.

Página dedicada ao centenário do Museu Nacional na revista *Careta*, n.521, p.9, 1918 (Acervo da Biblioteca Nacional).



13 - 7 - 1929 Careta 23

CENTENARIO DA ACADEMIA DE MEDICINA

Visita de membros do Congresso de Medicina ao Museu Nacional.

A AVENTURA DE RAMON FRANCO

S. DUMONT. — Bem avisei a esta geração temeraria que a aviação ainda tem que descobrir para se garantir nas grandes travessias! Esse negocio de motor a explosão é como o proprio motor humano, quando mais parece que está certo, falha!...

Na revista *Careta* n.521, p.23, 1929, além da fotografia dos membros do Congresso de Medicina em visita ao Museu Nacional, foi publicada charge sobre o acidente sofrido pelo famoso aviador Ramón Franco (1896-1938) no arquipélago dos Açores[109]. Acervo da Biblioteca Nacional.

[109] Ramón Franco en el campo de Gibraltar: julio de 1929. Acesso em: 1 mar. 2024.



No dia 11 de dezembro de 2024, a Embaixada de Portugal e o Centro Cultural Português em Brasília - Camões - CCP Brasília, em parceria com o Ministério da Cultura, promoveram o lançamento da publicação Museu Nacional: Passado, Presente e Futuro, organizado pelo diretor do m, Alexander Kellner, e por Maria Gabriela Evangelista, Mariáh Martins e Regina Dantas. A obra explora a trajetória da instituição ao longo de quase dois séculos de existência e apresenta as ações realizadas após o incêndio de 2018.



Capa do e-book Museu Nacional: Passado, Presente e Futuro.

APÊNDICE E

MUSEU PARAENSE

As aves representadas no presente fascículo compreendem os biguás, mergulhões, gaivotas, andorinhas-do-mar, limícolas, tarambolas, garças, saí-amarela, cegonhas, colhereiros, corruíras, gansos, patos, tucanos e martins-pescadores, bem como aquelas duas curiosas formas, a cigana e o pavãozinho-do-pará [...]. Várias espécies estão representadas na maioria das pranchas, e são oitenta no total. Mas uma prancha é inteiramente dedicada a uma bela ilustração (produzida a partir de uma fotografia instantânea tirada em 1900) de um criadouro de guará. A multidão de graciosos pássaros escarlates, apoiados pela rica e profunda vegetação dos trópicos ocidentais, proporciona uma visão que vale a pena ir à América do Sul para ver. Há agradáveis trechos de paisagens tropicais no fundo das pranchas, que formam imagens bastante bonitas. A obra foi impressa em Zurique e [...] as ilustrações dos pássaros parecem-nos decididamente boas, e reconhecemos prontamente à primeira vista vários velhos conhecidos sul-americanos. O suplemento será muito útil para qualquer pessoa que viaje pelo país e tenha um interesse passageiro pela história natural. As placas, como as "Aves do Brasil", recentemente concluídas pelo Dr. Goeldi, podem ser consideradas decididamente populares e, por esse motivo, sem dúvida se mostrarão as mais úteis em geral[110].

Nature (1901)
Periódico científico publicado na Inglaterra

[110] *Nature*, n.64, p.397, 1901. Disponível em: https://doi.org/10.1038/064397a0. Acesso em: 1 mar. 2024.

we have applications to curvature, envelopes, singular points and tracing of curves.

The second part of the book contains the fundamental methods of the integral calculus, including a slight treatment of double and triple integrals and their applications to surfaces and volumes.

There is also a short chapter on differential equations, giving the methods of dealing with some of the simpler forms, and the concluding chapter contains applications to such subjects as moments of inertia and the deflection of beams.

Compared with recent English treatises on the calculus for engineering and physical students, the work before us appears slight and superficial in its technical applications. But as an elementary text-book on pure mathematics it has decided merit, and is evidently the production of an experienced teacher.

Album de Aves Amazonicas. Organisado pelo Dr. Emilio A. Goeldi, Director do Museu Paraense. (Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia, 1900.)

THE illustrated supplement to Dr. Goeldi's "Aves do Brazil," of which the first part, consisting of twelve coloured plates designed by Señor Ernesto Lohse, has been issued, will when completed give a good general idea of the avifauna of those regions. The birds represented in the present fasciculus comprise the cormorants, grebes, gulls, terns, waders, plovers, herons, egrets, boatbill, storks, spoonbills, rails, geese, ducks, toucans and kingfishers, as well as those two curious forms, the hoactzin and the sun-bittern. In herons and their allies the country is very rich, and two plates illustrate ten species of toucan, both sexes in this, as well as in other cases, being figured when desirable. Several species are figured on most of the plates, and they number eighty in all. But one plate is entirely devoted to a beautiful illustration (produced from an instantaneous photograph taken in 1900) of a breeding-place of the scarlet ibis. The crowd of graceful scarlet birds, backed by the rich, deep greenery of the western tropics, must afford a sight worth going to South America to see. There are pleasing bits of tropical scenery in the background of the plates, which form quite pretty pictures. The work has been printed at Zürich, and although the designs are on a rather small scale, and too much must not be expected of colour printing, the illustrations of the birds strike us as being decidedly good, and we readily recognise at a glance several old South American acquaintances. The supplement will be most useful to any one travelling in the country who takes even a passing interest in natural history. The plates, like Dr. Goeldi's recently completed "Aves do Brazil," may be regarded as decidedly popular, and on that account will doubtless prove the more generally useful.

Qualitative Chemical Analysis, Organic and Inorganic. By F. Mollwo Perkin, Ph.D. Pp. viii+266. (London: Longmans, Green and Co., 1901.)

THIS book begins with a general account of dry reactions and reactions in solution, attention being paid both to the manipulative and the theoretical aspects. Then follows the usual account of metals in groups with their tests, and afterwards come the acids. The remaining third of the book is devoted to what is called organic analysis, and here appears the most distinctive feature, namely, a list of tests for a great variety of organic substances—acids, alcohols, sugars, nitrogenous bases, glucosides and alkaloids. The intention of the author, as declared in the preface, has been "to write a book in which theory and practice are more or less dovetailed." It is difficult to find any realisation of this in the large section devoted to organic substances, but the treatment of the inorganic section is more in accordance with the stated object. A. S.

LETTERS TO THE EDITOR.

[*The Editor does not hold himself responsible for opinions expressed by his correspondents. Neither can he undertake to return, or to correspond with the writers of, rejected manuscripts intended for this or any other part of* NATURE. *No notice is taken of anonymous communications.*]

The Fire Walk Ceremony in Tahiti.

THE very remarkable description of the "Fire Walk" collected by Mr. Andrew Lang and others had aroused a curiosity in me to witness the original ceremony, which I have lately been able to gratify in a visit to Tahiti.

Among these notable accounts is one by Colonel Gudgeon, British Resident at Raratonga, describing the experiment by a man from Raiatea, and also a like account of the Fiji fire ceremony from Dr. T. M. Hocken, whose article is also quoted in Mr. Lang's paper on the "Fire Walk," in the *Proceedings* of the Society for Psychical Research, February, 1900. This extraordinary rite is also described by Mr. Fraser in the "Golden Bough," and by others.

I had heard that it was performed in Tahiti in 1897, and several persons there assured me of their having seen it, and one of them of his having walked through the fire himself under the guidance of the priest, Papa-Ita, who is said to be one of the last remnants of a certain order of the priesthood of Raiatea, and who had also performed the rite at the island of Hawaii some time in the present year, of which circumstantial newspaper accounts were given, agreeing in all essential particulars with those in the accounts already cited. According to these, a pit was dug in which large stones were heated *red hot* by a fire which had been burning many hours. The upper stones were pushed away just before the ceremony, so as to leave the lower stones to tread upon, and over these, "glowing red hot" (according to the newspaper accounts), Papa-Ita had walked with naked feet, exciting such enthusiasm that he was treated with great consideration by the whites, and by the natives as a God. I found it commonly believed in Tahiti that anyone who chose to walk after him, European or native, could do so in safety, secure in the magic which he exercises, if his instructions were exactly followed. Here in Tahiti, where he had "walked" four years before, it was generally believed among the natives, and even among the Europeans present who had seen the ceremony, that if anyone turned around to look back he immediately was burned, and I was told that all those who followed him through the fire were expected not to turn until they had reached the other side in safety, when he again entered the fire and led them back by the path by which he had come. I was further told by several who had tried it that the heat was not felt upon the feet, and that when shoes were worn the soles were not burned (for those who followed the priest's directions), but it was added by all that much heat was felt about the head.

Such absolutely extraordinary accounts of the performance had been given to me by respectable eyewitnesses and sharers in the trial, confirming those given in Hawaii, and, in the main, the cases cited by Mr. Lang, that I could not doubt that if all these were verified by my own observation, it would mean nothing less to me than a departure from the customary order of Nature, and something very well worth seeing indeed.

I was glad, therefore, to meet personally the priest, Papa-Ita. He is the finest looking native that I have seen; tall, dignified in bearing, with unusually intelligent features. I learned from him that he would perform the ceremony on Wednesday, July 17, the day before the sailing of our ship. I was ready to provide the cost of the fire, if he could not obtain it otherwise, but this proved to be unnecessary.

Papa-Ita himself spoke no English, and I conversed with him briefly through an interpreter. He said that he walked over the hot stones without danger by virtue of spells which he was able to utter and by the aid of a goddess (or devil as my interpreter had it), who was formerly a native of the islands. The spells, he said, were something which he could teach another. I was told by others that there was a still older priest in the Island of Raiatea, whose disciple he was, although he had pupils of his own, and that he could "send his spirit" to Raiatea to secure the permission of his senior priest if necessary.

In answer to my inquiry as to what preparations he was going to make for the rite in the two or three days before it, he said he was going to pass them in prayer.

© 1901 Nature Publishing Group

Breve resenha do Álbum Aves Amazônicas (1900), de Emílio Goeldi, publicada na seção *Books Received* da revista *Nature*, n.64, p.397, 1901.

“LUZ DA SCIENCIA BEM NO MEIO DA FLORESTA AMAZÔNICA”

A história do Museu Paraense é vasta, fecunda em incidentes até a sua consolidação com uma das mais destacadas instituições de pesquisa da Amazônia. O idealizador e primeiro diretor do museu foi o naturalista Domingos Soares Ferreira Penna (1818-188)[111], mineiro radicado no Pará, pesquisador interessado na geografia, arqueologia e etnografia da Amazônia. Em 1866, Penna foi um dos protagonistas na criação a Associação Filomática, entidade de caráter particular formada por intelectuais interessados no desenvolvimento do conhecimento científico local. Dá associação, surgiu o museu, que cumpriria as atribuições de uma academia, uma vez que a cidade não possuía escolas de nível superior ou entidades de cunho científico. Domingos Penna defendia uma instituição criada por mecenas, sem ingerência governamental. Todavia, foi o governo quem acabou financiando o museu com o objetivo de estudar a natureza amazônica, flora e fauna, constituição geológica, geografia e história da imensa região. O Museu Paraense foi inaugurado em 25 de março de 1871, ocupando um pavimento do Liceu Paraense. Contratempos e falta de verbas, estudiosos demitem-se do museu. Com o desfalecimento do Império, o museu se transforma em uma simples repartição pública, extinta pelos deputados da Assembleia Legislativa em 1888 (Schwarcz, 1993, p.64; Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, 2000).

> Em 1866 appareceu aqui a idéa de formar-se uma associação destinada a crear e fundar na Capital um Museu — no qual pouco a pouco se reunisse os numerosos *produtos antigos e modernos* da indústria dos Indios aproveitando-se ao mesmo tempo toda a sorte de objectos de Historia Natural que se podesse obter. — Era, por outras palavras, *um Museu archeologico e ethnographico* que se tratava de fundar, mas sem a ostentação de palavras pomposas que a sciencia regeita. Ouvidos e consultados sobre esta idéa, dous dos mais distinctos paraenses, não só acolheram-n´a com plena approvação, mas logo e de accordo com outros cidadãos trataram de propagal-a e dar-lhe desenvolvimento. Em uma primeira reunião dos cavalheiros interessados pelo progresso intellectual da Provincia, reunião que se effectuou na sala principal do Palacio do Governo, foi resolvida a creação da Associação que tomou o nome de *Sociedade philomatica*, e na segunda reunião no mesmo Palacio ficou constituída a sociedade com a eleição da sua Meza ou Directoria que logo começou a trabalhar, e na mesma occasião se conferio ao futuro Museu o titulo de Museu Paraense. A Meza da sociedade dirigio cartas aos mais distinctos cidadãos residentes nas cidades e villas do interior pedindo-lhes o seu valioso concurso em beneficio do Museu. [...] Foi, porém, do interior, como se devia esperar, embora com demora indispensavel, que a Meza recebeu o maior numero de objectos, os mais preciosos artefactos, taes como vestimentas de pennas e plumas; adufos ou tamborins, trombetas e tibicinas; armas de guerra; instrumentos de caça e pesca; machados de pedra,

[111] Em 1882, colaborou com Ladislau Netto na organização da Exposição Antropológica Nacional, levando-o em excursões científicas aos sítios arqueológicos da Ilha de Marajó e às aldeias indígenas no interior da província do Pará (Lopes, 1997, p.206; Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, 2000).

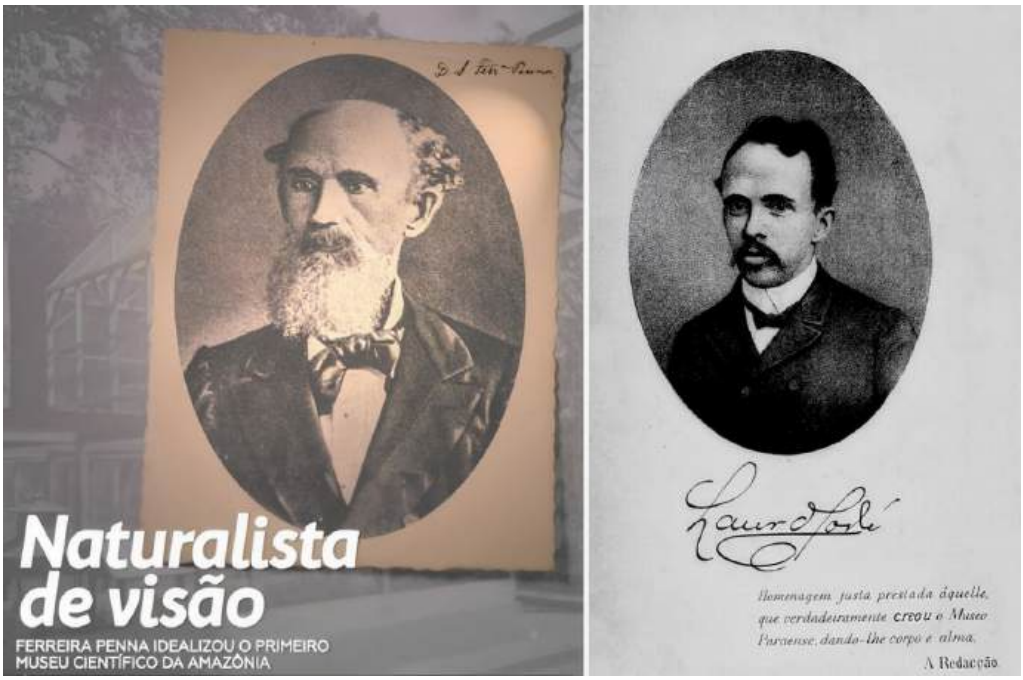
> tembetás de quartzo branco; ídolos de argila, e vasos de barro, alguns muito ornamentados, e assim outros objectos. Com estas collecções, que constituíram o núcleo do Museu, foi este afinal instalado em Abril de 1867 [...] (Penna, 1894, p.28)[112].

> O musêo paraense é o estabelecimento mais importante, que mais poderosa influencia tem de exercer para o desenvolvimento das sciencias n´esta província. O musêo é o primeiro núcleo de um estabelecimento de ensino superior; é o centro á que se hão acolher no Pará os estudos da sciencia da natureza. O regulamento expedido para este estabelecimento estabeleceo as bases do futuro desenvolvimento dos estudos superiores quando determinou que em cada semana um dos membros do respectivo conselho administrativo des e uma licção publica em leitura sobre o ramo de sciencias destribuido á secção á cargo d´esse membro do conselho. A directoria informa que esta disposição não pode ainda ser posta em vigor por não se achar ainda organisado definitivamente o conselho administrativo, o que espera realizar brevemente. O museu acha-se provisoriamente funci nando n´uma varanda do pavimento inferior do lycêu paraense, logar humido e sombrio muito improprio para conservação dos produtos offerecidos ao estabelecimento. Tem sido frequentado por grande numero de pessoas e muito mais o seria se tivesse espaço e acomodações convenientes. O numero de produtos teem crescido quase diariamente. Existe já nas prateleiras uma bôa collecção de serpentes, uma excellente collecção de mineraes da Europa que tendo pertencido á repartição das obras publicas foi por e ta offerecida ao musêo. Alem das offertas feitas por grande numero de paraenses, o museu recebeu ultimamente do distincto naturalista nart'americano dr. J; B. Stun que actualemnte viaja, no Amazonas, varios objectos, prometendo remeter dos diversos pontos, em que se achar, todas as duplicadas que for obtendo. O dr. Hartt, á q.^{m} já eu me referi, acaba de trazer do seu paiz para o nosso museu diversos volumes, contendo produtos importantes. Segundo comunicações officiaes, o illustrado director interino do museu nacional do Rio de Janeiro está preparando por ordem do governo imperial uma collecção geológica para ser remetida ao musêu paraense. Entretanto o museu lucta com tantos embaraços para poder corresponder á essas sympathias e desenvolver-se de modo á tomar porporções d'um estabelecimento scientifico digno d'um paiz civilizado, que se não fortemente protegido com os meios necessarios, sua existencia estará em perigo (Bibliotheca, 1871, p.2)[113].

Em 1872, o Museu Paraense foi legalmente reconhecido como uma repartição do Estado do Pará. Entre 1872 e 1894, a instituição foi mantida com poucos recursos. Sucessão de reveses fizeram o museu fechar suas portas no período 1888-91. Quase extinto, foi reinaugurado em 1891 devido ao fortalecimento econômico da região com a exploração da borracha e as pretensões de transformar Belém em uma espécie de "Paris do Sol". Contudo, o museu continuo a sofrer das mesmas carências: falta de verbas, objetivos, direção científica e pessoal capacitado (Schwarcz, 1993; Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, 2000; Hemeroteca, 2014).

[112] PENNA, Domingos Soares Ferreira. Archeologia e Ethnographia no Brazil. *Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia*, v.1, n.1, p.28-31, 1894. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/424692/36. Acesso em: 1 mar. 2024.
[113] BIBLIOTHECA publica e musêo paraense. *Jornal do Pará*, ed. 184, 19 ago. 1871, p.2.
Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=219339&pagfis=3495. Acesso em: 2 mar. 2024.

A ressurgência do tão sonhado Museu Paraense por Domingos Penna se deu a partir da contratação do zoólogo suíço Émill August Goeldi (1859-1917)[114], que chegou ao Brasil em 1884 para formar, no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, coleções de espécimes animais encontrados no país. Em 1894, Goeldi aceitou o desafio de atrair cientistas para a região Amazônica e dar a eles condições de trabalho adequadas, assumindo direção e concentrando as atividades do museu na história natural e na etnografia, embora tenha priorizado, na divisão de recursos e de cargos, a zoologia e a botânica.



À esquerda, foto de Domingos Penna publicada em reportagem da revista *Amazônia Viva*, n.62, 2016, p.34. À direita, bajulação ao governador do Pará, Lauro Sodré (1858-1944), em uma das páginas iniciais do *Boletim do Museu Paraense*, Tomo I, 1894.

[114] O zoólogo suíço Èmill August Goeldi [Emílio Augusto Goeldi, nome aportuguesado] ingressou na ciência influenciado pelo seu pai, professor de história natural. Iniciou a sua carreira como professor e após completar os estudos ornitológicos e ictiológicos na Universidade de Nápoles, obteve doutoramento em História Natural nas universidades de Leipzig e Jena (Alemanha), no curso de Zoologia e Anatomia Comparada. Formou-se por esta última universidade, defendendo em sua tese de doutorado um estudo genealógico e de anatomia comparada de três espécies europeias de peixe. Ele foi defensor da corrente evolucionista no campo da zoologia. Em 1884, iniciou suas pesquisas na área de zoologia aplicada. Naquele mesmo ano, recebeu um convite do diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Ladislau Neto (1839-1894), para assumir o cargo de subdiretor da seção zoológica daquela instituição. Em novembro de 1884, Emilio Goeldi desembarcou no Rio de Janeiro. No museu, desenvolveu trabalhos de pesquisa e publicou artigos sobre temas variados, com destaque para estudos sobre a relação entre plantas e insetos. O zoólogo permaneceu no Museu Nacional até maio de 1890; com a Proclamação da República, a contratação de estrangeiros foi temporariamente proibida e Goeldi ficou desempregado. Casado e com um filho, o pesquisador teve que se mudar para a casa do sogro. Juntos, eles criaram uma colônia de imigrantes suíços em Teresópolis, no Rio de Janeiro, mas o projeto não deu certo. Contudo, Goeldi continuou a fazer pesquisas que resultaram em importantes publicações, como a obra *Os mamíferos do Brasil* (1893) e, no ano seguinte, o primeiro volume de *As Aves do Brasil* (1894). Em 1892, descreveu o ciclo de vida de uma praga e os efeitos destrutivos dela sobre as plantações de café do Vale do Paraíba, entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Provavelmente, foi a partir desses trabalhos que o então governador do Estado do Pará, Lauro Sodré (1858-1944), tomou conhecimento do naturalista e não tardou a contratá-lo para promover uma reformulação no antigo Museu Paraense. Em 1894, ele assumiu a direção instituição. Foi demitido em 1907, sob a justificativa oficial de cuidar de sua saúde e da educação de seus filhos. Retornou à Suíça, inserindo-se no meio científico europeu. Faleceu em 5 jul. 1917 devido a infarto do miocárdio. Sua esposa e seus sete filhos retornaram ao Brasil em 1919, fixando residência no Rio de Janeiro (Goeldi, 1981; Sanjas, 2009; Museu Paraense Emílio Goeldi, 2024). História do Museu Paraense Emílio Goeldi. Disponível em: https://www.museu-goeldi.br/assuntos/o-museu/historia-1/Emilio-Goeldi. Acesso em: 1 mar. 2024.

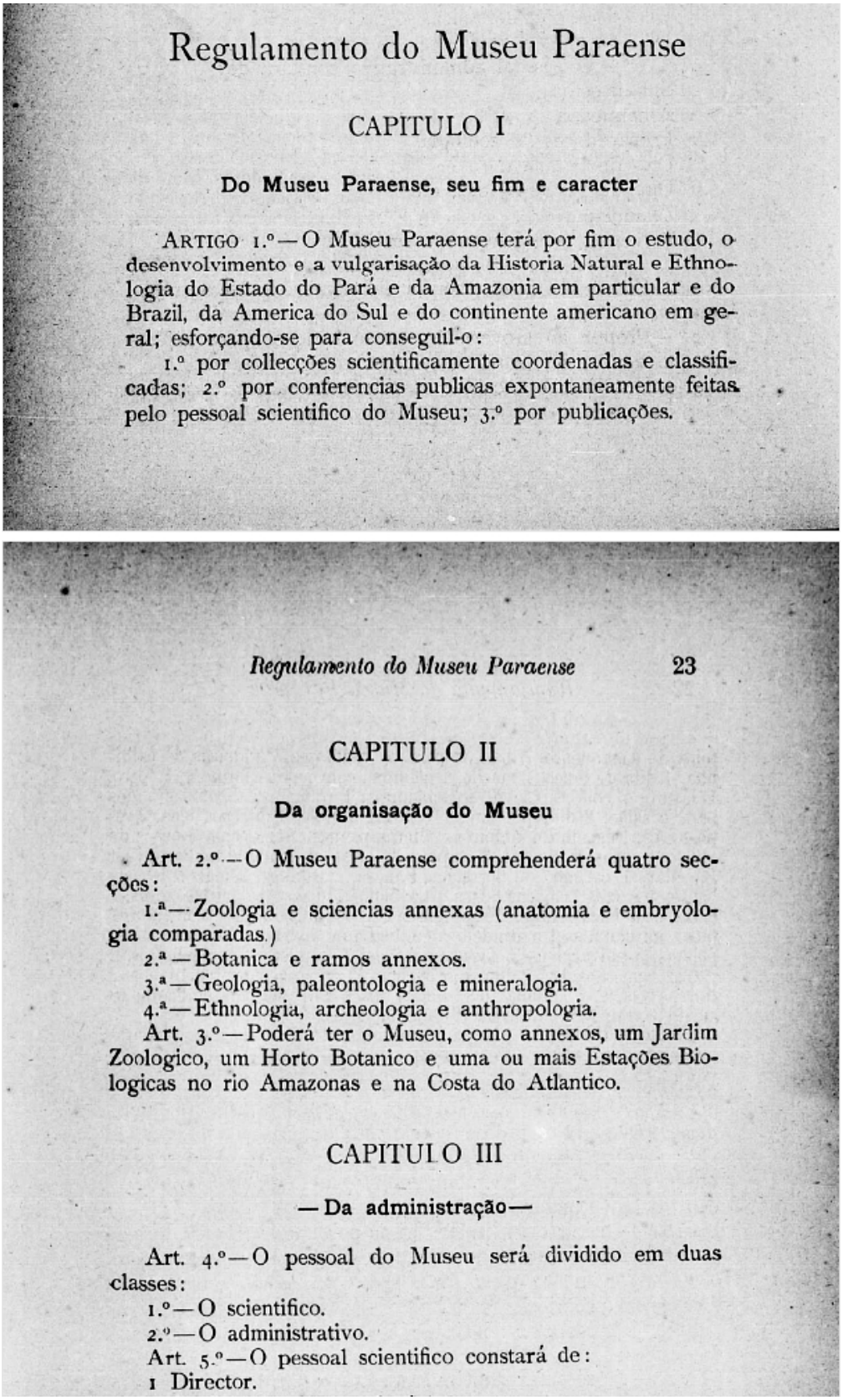
Organizou o museu em seções temáticas — zoologia, botânica, etnologia, arqueologia, geologia e mineralogia —, montou uma biblioteca especializada em ciências naturais e antropologia, e criou os jardins zoológicos e botânicos. A partir de então, aproximou-se do modelo profissional do Museu Paulista — criticando e desqualificando o projeto científico do Museu Nacional que, segundo Hermann Friedrich Albrecht von Ihering Ihering[115] e ele, vangloriava-se de um trabalho que na verdade não realizava —, fazendo do Museu Paraense uma reprodução fiel das instituições congêneres europeias (Schwarcz, 1993; Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, 2000; Sanjad, 2009; Hemeroteca, 2014; Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006, 2024).

> "[...] o Museu Paraense será um estabelecimento QUE SE PROPÕE OBSERVAR, COLLECCIONAR, CLASSIFICAR, DETERMINAR E TORNAR CONHECIDOS OS OBJECTOS DA NATUREZA INDIGENA. Prestará igualmente toda a attenção ao RAMO ETHONOGRAPHICO, visto que se trata de região altamente interessante n'este sentido, A Zoologia e a Botanica sobretudo — sciencias minhas prediletas — promettem fornecer um campo de trabalho extraordinariamente opulento e a preencher as lacunas scientificas, deixadas por investigadores e viajantes [...]" (Goeldi, em Carta-Circular publicada no *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Tomo I, 1894, p.9).

Antes de elaborar o novo regulamento, Goeldi foi implacável na crítica ao anterior, buscando, entretanto, usar — no *Relatorio sobre o anterior estado do Museu Parense* — palavras que contemporizassem o *status quo* sem perder a objetividade de cientista europeu seguro da sua missão, superioridade e qualificação:

> O regulamento até vingente é simplesmente inaproveitavel, tanto no geral como nos pormenores. Não constesto, que certamente elle se originou em boas intenções, mas não menos ceto é, que sua redacção deixa perceber completa inexperiencia da organisação de Museus em outras partes do mundo, e que nos causa a mesma imprssão que se sente no folhear um codigo legislativo medieval. É fazer-se outro, moldado sobre bases melhor assentes e adaptadas ás necessidades de um Museu no pé dos bons estabelecimentos congeneres, qual o deseja vêr creado aqui no Pará um Governo tão amigo do progresso material e intellectual de sua terra natal (***Boletim do Museu Paraense***, Tomo I, 1894, p.19).

[115] Diretor do Museu Paulista no período 1894-1915.



Regulamento do Museu Paraense

CAPITULO I

Do Museu Paraense, seu fim e caracter

ARTIGO 1.º — O Museu Paraense terá por fim o estudo, o desenvolvimento e a vulgarisação da Historia Natural e Ethnologia do Estado do Pará e da Amazonia em particular e do Brazil, da America do Sul e do continente americano em geral; esforçando-se para conseguil-o:

1.º por collecções scientificamente coordenadas e classificadas; 2.º por conferencias publicas expontaneamente feitas pelo pessoal scientifico do Museu; 3.º por publicações.

CAPITULO II

Da organisação do Museu

Art. 2.º — O Museu Paraense comprehenderá quatro secções:

1.ª — Zoologia e sciencias annexas (anatomia e embryologia comparadas.)

2.ª — Botanica e ramos annexos.

3.ª — Geologia, paleontologia e mineralogia.

4.ª — Ethnologia, archeologia e anthropologia.

Art. 3.º — Poderá ter o Museu, como annexos, um Jardim Zoologico, um Horto Botanico e uma ou mais Estações Biologicas no rio Amazonas e na Costa do Atlantico.

CAPITULO III

— Da administração —

Art. 4.º — O pessoal do Museu será dividido em duas classes:

1.º — O scientifico.

2.º — O administrativo.

Art. 5.º — O pessoal scientifico constará de:

1 Director.

Trecho do Regulamento do Museu Paraense, publicado no *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Tomo I, 1894, p.22. O regulamento, de julho de 1894, faz menção aos nomes “Museu Paraense” e “Boletim do Museu Paraense”.

Além de criar o *Boletim do Museu Paraense* (1894)[116] e a coleção *Memórias do Museu Paraense* (1900) para divulgar os resultados das pesquisas realizadas pela instituição, Goeldi foi hábil em cativar a comunidade paraense e atraí-la para dentro da instituição por meio de ações educativas — palestras e exposições da fauna e flora regionais — e lazer ao criar o horto botânico e o jardim zoológico, em 1895, concebidos como dois anexos distintos do museu, situados, cada um, em lados opostos ao prédio principal da instituição. O zoológico era o atrativo preferido do público e o meio mais direto de divulgação das atividades do museu; em 1901, o número de visitantes chegava, a cada domingo, a duas mil pessoas. Goeldi também desenvolveu suas próprias pesquisas — por exemplo, em entomologia médica, sobre o ciclo de vida dos mosquitos transmissores da malária e da febre amarela e a via de transmissão dessas doenças —, percorreu aldeias indígenas e fez escavações. Em artigo de divulgação científica, ele relata a descoberta da cerâmica Cunani, ocorrida em 1895, no norte do Amapá, Brasil. Em outras duas publicações, ele descreve achados arqueológicos na foz do Amazonas — área identificada como prioritária para pesquisas do gênero, incluindo as cerâmicas encontradas em Maracá, no Estado do Amapá, e na ilha de Marajó, no Pará, e as estatuetas líticas originárias do Baixo Amazonas — e o uso dos machados de pedra pelos índios Baikiri. Foram importantes as contribuições de Goeldi à arqueologia e etnologia amazônica entre 1900 e 1906. Publicou artigos relacionados à questão racial, à relação entre natureza e cultura e à etnologia, à cultura material e à compilação de dados que permitissem um melhor arranjo dos troncos etnolinguísticos indígenas, fazendo a junção, de maneira bastante habilidosa, dos recursos intelectuais proporcionados pela etnologia, pela arqueologia e pela linguística. A abertura dos arquivos do Barão do Rio Branco[117] desvendou a importante atuação diplomática de Goeldi durante o Contestado Franco-Brasileiro, no qual defendeu posição favorável ao Brasil na disputa territorial pela antiga Guiana Francesa[118], aumentando ainda mais a notoriedade do museu. Em 1900, por conta do feito diplomático, foi homenageado pelo governo estadual que alterou o nome do museu para Museu Emílio

[116] O primeiro número do *Boletim*, composto por quatro fascículos, teve o Tomo I publicado em 1896, dividido em duas partes: a Parte Administrativa apresenta "Documentos relativos ao Museu Paraense em sua phase antiga" — como o "Discurso pronunciado por José Veríssimo, Director Geral da Instrucção Publica, em 13 de Maio de 1891, por occasião de se inaugurar o Museu", no qual correlaciona ciência e civilização, elogia os viajantes que visitaram a região e enaltece as potencialidades locais, e o "Relatorio sobre o anterior estado do Museu Parense", apresentado por Goeldi ao governador do Pará —, e "Documentos relativos ao Museu Paraense em sua nova phase" — como a "Carta-circular do actual Director", assinada por Goeldi, que trata das suas perspectivas em relação a sua gestão, estrutura básica e áreas científicas do museu, o "Regulamento do Museu Paraense (Decreto de 2 de julho de 1894)" e "Instrucções sobre o modo de colligir productos da natureza para o Museu Paraense". A "Parte Scientifica" traz o artigo "Archeologia e Ethonographia no Brazil por D. S. Ferreira Penna", no qual relata como surgiu o Museu Parense, e o artigo de Goeldi sobre suas observações e impressões durante a viagem costeira do Rio de Janeiro ao Pará, dentre outros. Nos tomos seguintes, há uma compilação dos estudos do museu, dados bibliográficos e traduções comentadas de textos sobre a fauna amazônica, entre estes "Os Símios da Amazônia" (de Alfred Russel Wallace), "Os hóspedes das formigas e dos térmites no Brasil' (do jesuíta tirolês Erich Wasmann) e "A fauna do Pará" (de Fr. Dahl)" (Schwarcz, 1993; Hemeroteca, 2014).

[117] José Maria da Silva Paranhos Júnior (1845-1912), Barão do Rio Branco, advogado, geógrafo, diplomata, ministro das Relações Exteriores no período 1902-1912 (Dicionário histórico-biográfico da Primeira República, 2015, p.6925).

[118] Atual Estado do Amapá.

Goeldi[119]. No mesmo ano, Goeldi publicou o *Álbum de Aves Amazônicas*, (Goeldi, 1981; Schwarcz, 1993; Sanjad; Horta, 2006; Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006; Silva, 2009; Junghans, 2009; Florez; Sanjad; Okada, 2018).

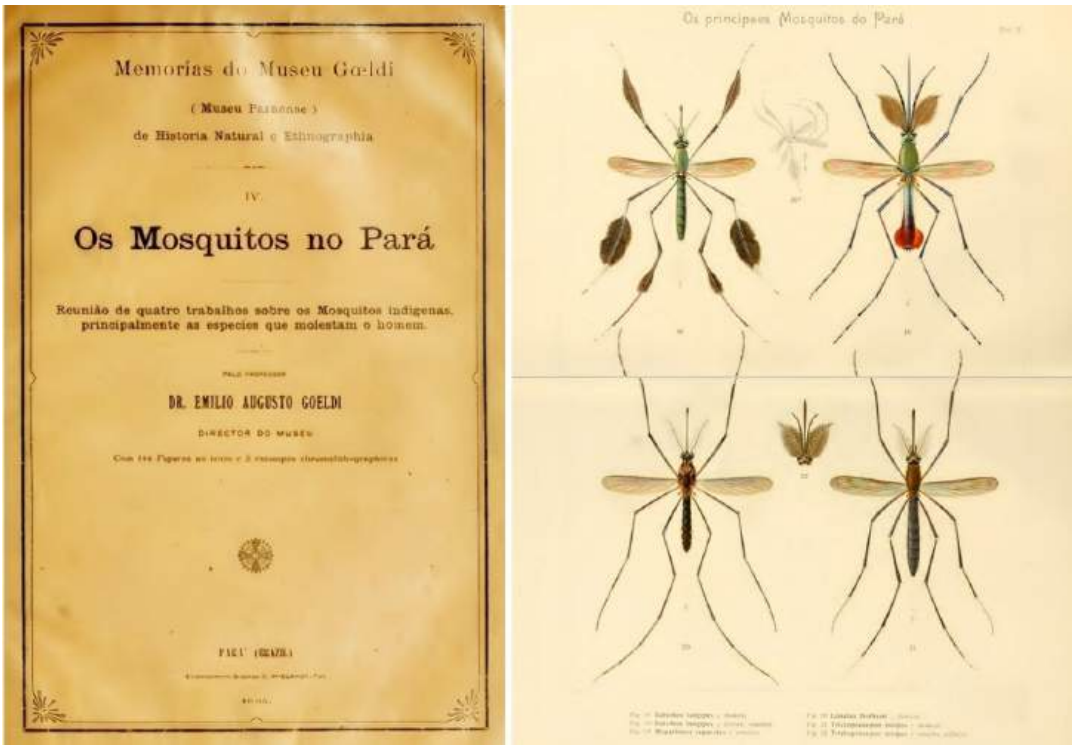


Estudos realizados por Goeldi e publicados em 1898[120], 1894[121] e 1902[122].

Aspectos marcantes da gestão de Emílio Goeldi fizeram com que o Museu Paraense crescesse institucional e cientificamente. Goeldi obteve o apoio incondicional de três governadores[123] — em uma época em que diferentes grupos políticos lutavam para controlar o poder na recém-República — e os transformou em recursos e autonomia para recriar e destacar a instituição; do regulamento à estética, o museu, que se assemelhava a um gabinete de curiosidades, foi transformado em uma instituição voltada à história natural da região amazônica. Goeldi também teve o mérito de atrair a população da cidade de Belém para o museu, construindo o zoológico e o horto botânico. A apropriação do museu pela população, dando a ele um fim também social, revestiu de sucesso a gestão de Goeldi e garantiu o empenho dos governadores na obtenção de recursos (Sanjad, 2005, p.409-410).

[119] Quando foi criado, em 1866, foi nominado Museu Paraense. Em 1894, o nome mudou para Museu Paraense de História Natural e Etnografia (o regulamento, de julho de 1894, faz menção ao nome Museu Paraense). Em 1900, para Museu Goeldi. Em 1931, para Museu Paraense Emílio Goeldi.
[120] GOELDI, Emílio Augusto. Os mammmiferos do Brasil (Monographias Brasileiras). Rio de Janeiro: Livraria classica de Alves & C., 1898. 181 p.
[121] GOELDI, Emil August. *As aves do Brasil*: primeira parte. Rio de Janeiro: São Paulo: Livraria Clássica de Alves & C., 1894. 758 p.
[122] GOELDI, Emílio Augusto. Estudo sobre o desenvolvimento da armação dos veados galheiros do Brazil *Cervus paludosus*, *C. campestris*, *C. Wiegmanni*. *Memorias do Museu Goeldi*, Pará, n.III, 1902. 46 p.
Obras digitalizadas disponíveis em: https://www.biodiversitylibrary.org/creator/223794#/titles. Acesso em: 1 mar. 2024.
[123] "Contratado por um governador que fez questão de imprimir uma marca pessoal na reforma do Museu Paraense, intitulando-se o "verdadeiro criador" da instituição, Goeldi manteve relativa neutralidade nas oscilações políticas locais, mantendo-se distante das lides partidárias e garantindo, assim, a sobrevida da instituição e de sua própria carreira (Sanjad, 2005, p.409)".

Não menos sabido é o modo pelo qual o Museu Nacional, do Rio de Janeiro, enriqueceu-se, ainda não há muitos annos, ás expensas incontestaveis do Museu Paraense com avultado numero de objectos preciosos oriundos de Marajó e de outros pontos da Amazonia, levando a directoria, a título de «emprestimo» e com o pretexto de dar maiores dimensões a uma tal de «Exposição anthropologica» a realizar-se na Capital Brazileira, o quinhão maior do que havia aqui no Pará, collecções representando o suor do rosto e o trabalho indefeso de homens da estatura de um Ferreira Penna! Nada voltou, nada foi dado em troca e natural é, que no Rio de Janeiro a recordação d'aquella divida de honra contrahida hoje já é tão pallida, que amanhã talvez seja completamente extincta. Ficaremos decididamente só com aquelle «recibo» na mão com valor de uma «acção *á fond perdu*?» (Goeldi, Relatorio sobre o estado do Museu Paraense, apresentado ao governador do Pará em 28 jun. 1894 e publicado no *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Tomo I, 1894, p.46).

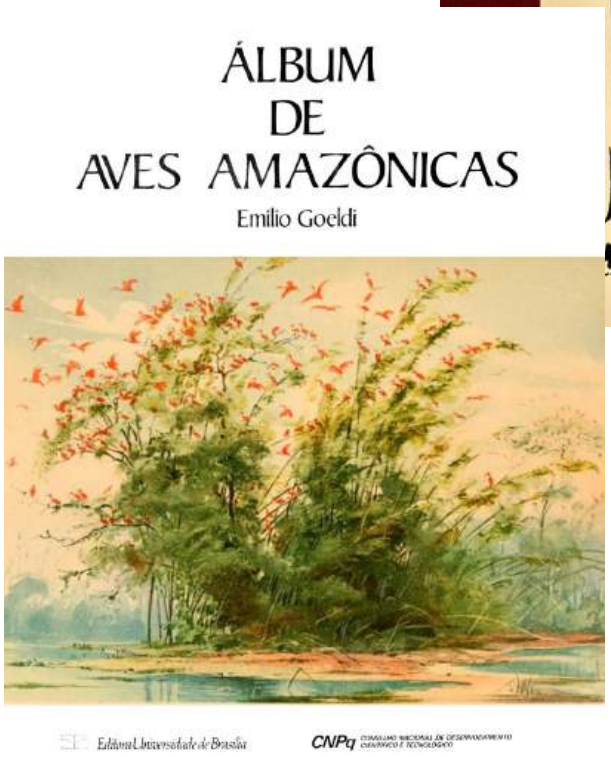


Estudo sobre os mosquitos no Pará, realizado por Goeldi e publicado nas *Memorias do Museu Goeldi* em 1905[124].

[124] GOELDI, Emílio Augusto. Os mosquitos no Pará: reunião de quatro trabalhos sobres os mosquitos indigenas, principalmente as especies que molestam o homem. Memorias do Museu Goeldi, Pará, n.IV, 1905. 175 p. Acesso em: 1 mar. 2024.

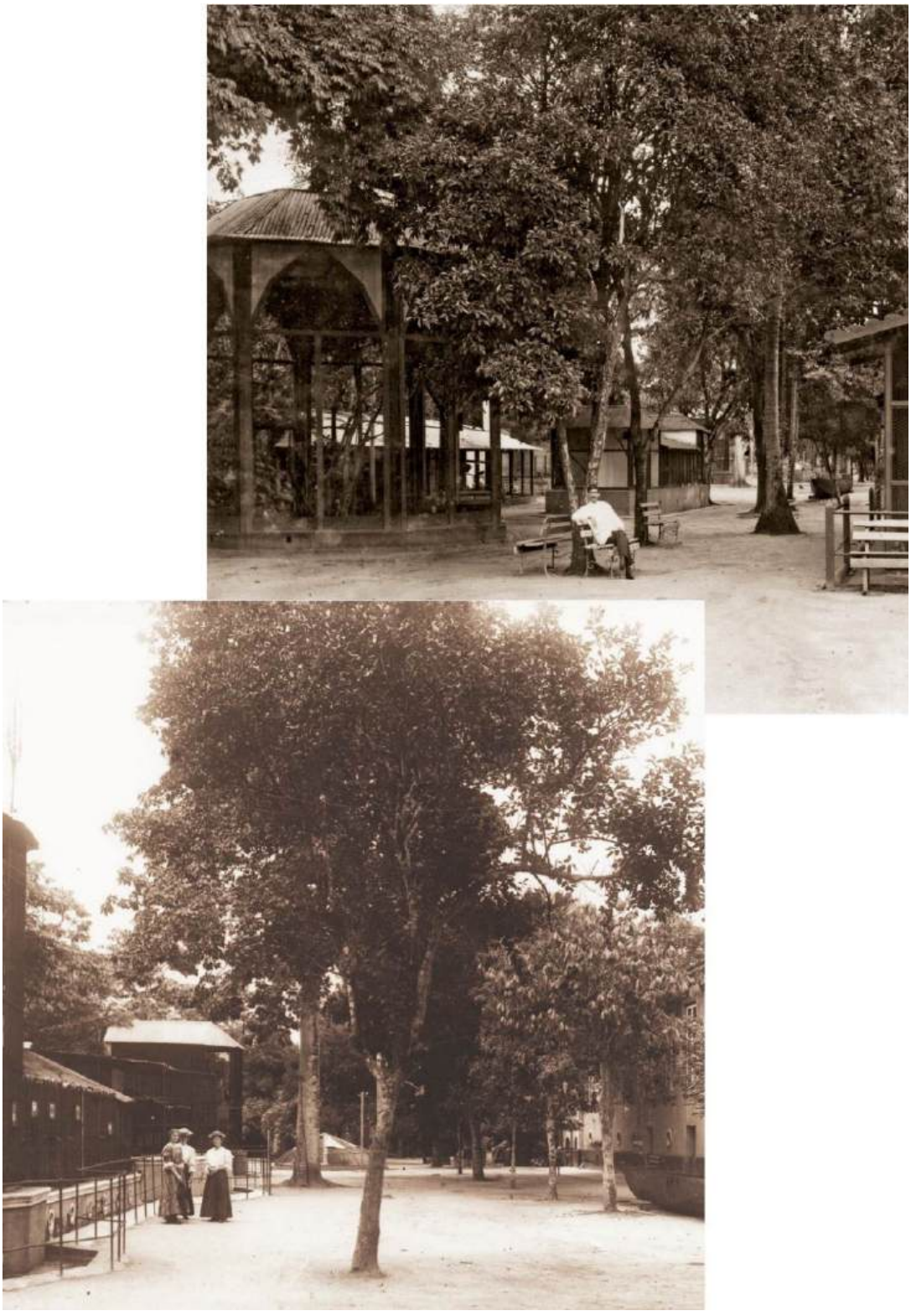






À esquerda, acima, Èmill August Goeldi, em 1895[125]. À direita, folha de rosto do *Álbum de Aves Amazônicas,* organizado por Emílio Goeldi e publicado em 1900, é uma das mais belas obras do zoólogo. As ilustrações foram produzidas por Ernst Lohse (1873-1930). À esquerda, abaixo, capa da segunda edição[126] — exibindo a estampa cena de um ninhal de guarás.

[125] Foto: Coleção Fotográfica, Arquivo Guilherme de La Penha, Acervo Museu Paraense Emílio Goeldi.
[126] GOELDI, Émil August. *Álbum de aves amazônicas*. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília: CNPq, 1981, 180 p. (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira, 1). [Suplemento illustrativo á obra "As aves do Brazil"].



Na foto superior, funcionário do Museu Paraense, não identificado, junto às gaiolas e viveiros do zoológico [ca.1900]. Foto inferior, senhoras visitando o zoológico [ca.1900][127].

[127] Fotógrafo não identificado. Coleção Fotográfica, Arquivo Guilherme de La Penha, Acervo do Museu Emílio Goeldi (Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006, p.13 e 16).



Canteiros do horto botânico, fotografados do alto de uma caixa d'água cenográfica, construída junto ao lago da vitória-régia em 1902[128].



Lago da vitória-régia [ca.1900][129].

[128] Fotografia: Felipe Augusto Fidanza, 1902, publicada em Fidanza (1902) (Florez; Sanjad; Okada, 2018, p.22).
[129] Fotógrafo não identificado. Fonte: Arquivo Guilherme de La Penha, Coleção Fotográfica, Negativo MPEG266, Acervo do Museu Emílio Goeldi (Florez; Sanjad; Okada, 2018, p.17).

Outro nome a ser destacado na história do Museu Paraense é o de Henriette Mathilde Maria Elizabeth Emilie Snethlage (1868-1929)[130], nascida na Província de Brandemburgo, ao norte de Berlim. Foi uma das primeiras mulheres a cursar a universidade na Alemanha, onde estudou história natural. Doutorou-se em 1904 e sua tese, ilustrada por ela mesma, tratava da origem da inserção da musculatura dos insetos. Em Berlim, passou a trabalhar no Museu de História Natural como assistente de zoologia do decano do museu, o ornitólogo alemão Anton Reichenow (1847-1941). Foi por intermédio dele que Snethlage soube da vaga de trabalho em um museu da América Latina. Em 1904, o auxiliar de zoologia do Museu Paraense desentendeu-se com o diretor, Emílio Goeldi, que, para substituí-lo, recorreu à sua rede de contatos na Europa. Goeldi exigia do candidato formação em ciências naturais — especialidade ainda inexistente no Brasil — e "probidade científica". Aos 37 anos, Snethlage tinha a perspectiva de uma carreira sólida em museus alemães. Na Amazônia, faria pesquisas de campo, mas poderia manter contato com instituições, periódicos e especialistas europeus por meio de correspondência e viagens. Dentre as suas viagens, se destacam a travessia entre os rios Xingu e Tapajós, em 1909 — durante a qual ela contou apenas com a companhia de indígenas — e as várias expedições pela Amazônia para coletar espécimes de aves. Em 1914, Snethlage assumiu a diretoria do museu e se tornou a primeira mulher a dirigir uma instituição científica na América do Sul. Com o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, ela foi afastada do cargo em 1918, sendo reintegrada no ano seguinte. Como o Museu passava por dificuldades financeiras, reflexo da economia regional, em 1922 ela aceitou o convite para trabalhar como naturalista viajante do Museu Nacional. Foi a segunda mulher a se tornar membro da Academia Brasileira de Ciências (1926). Em 1929, faleceu em Rondônia, durante uma expedição (Junghans, 2009; Sanjad, 2009; Maia; Kleber, 2017).

> As atividades de Snethlage no Museu Goeldi eram muitas e variadas. Incluíam a coleta e identificação de espécimes, suas atribuições no jardim zoológico, serviços administrativos eventuais, e as publicações. Na ausência do diretor, muitas vezes era encarregada da direção interina do museu e, após 1914, passou a dirigir a instituição de forma permanente, tendo seu tempo tomado por infinitos problemas administrativos. Durante o período em que trabalhou no Museu Nacional do Rio de Janeiro sua função de naturalista viajante a manteve mais distante da instituição, tanto fisicamente, quanto em questões gerenciais ou administrativas, e ela pôde dedicar-se integralmente à pesquisa ornitológica, fazendo trabalhos de coleta e identificação de espécimes e publicando os resultados de suas pesquisas (Junghans, 2009).

[130] Emília Snethlage — como assinava os artigos publicados no Brasil — nasceu em 13 de abril de 1868, em Kraatz, ao norte de Berlim, Alemanha. Com a morte da mãe, ela e os três irmãos foram educados em casa pelo pai, um pastor luterano. Aos 21 anos, começou a trabalhar como preceptora na Alemanha, Inglaterra e Irlanda. Dez anos mais tarde, inscreveu-se na Universidade de Berlim para estudar história natural. Foi uma das primeiras mulheres a frequentar a universidade na Alemanha. Estudou em Berlim, Jena e Freiburg, tornando-se doutora em ciências em 1904. No ano seguinte, tornou-se assistente de ornitologia no Museu de História Natural de Berlim (Maia; Kleber, 2017, p.57).



DIARIO OFFICIAL

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

ANNO LXI — 34º DA REPUBLICA — N. 87 CAPITAL FEDERAL QUINTA-FEIRA, 13 DE ABRIL DE 1922

DIARIO OFFICIAL Abril de 1922

TERMOS DE CONTRACTO

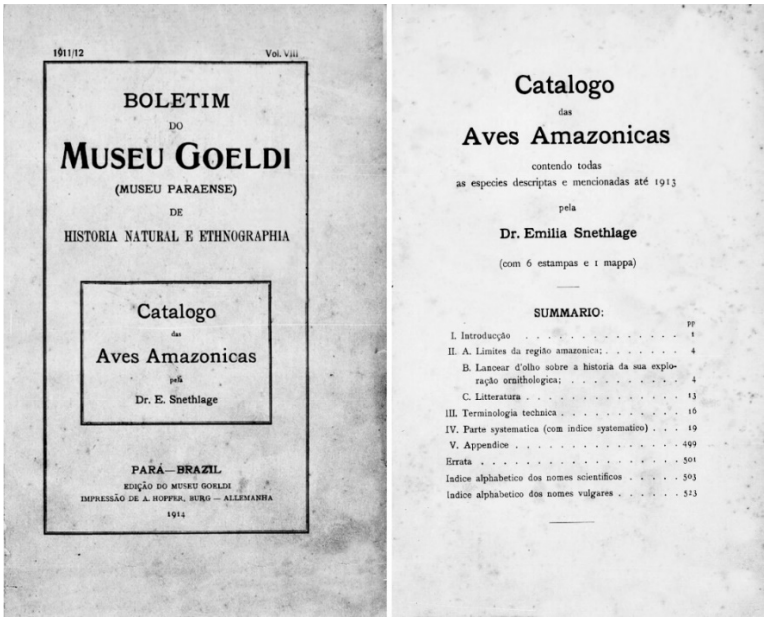
Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio

Directoria Geral de Contabilidade

TERCEIRA SECÇÃO

À esquerda, Emilie Snethlage (1868-1929)[131], em 1906. À direita, Diário Oficial n.87, de quinta-feira, 13 abr. 1922, no qual foi publicado “Termo de contracto entre o Governo Federal da Republica dos Estados Unidos do Brasil e a Dra. Emilie Suethlage, para servir na qualidade de naturalista-viajante do Museu Nacional”. Ao seis dias do mez de abril de 1922 [...] tendo em vista a necessidade que tem o Governo Federal de naturalista-viajantes para o Museu Nacional, accordou em assignar o presente termo de contracto [...] a importancia de 36:000$, mediante as seguintes condições: [...].

[131] Acervo do Museu de História Natural de Berlim: Imagem Histórica e Coleções Escritas (Junghans, 2016).



1911/12 Vol. VIII

BOLETIM
DO
MUSEU GOELDI
(MUSEU PARAENSE)
DE
HISTORIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA

Catalogo
das
Aves Amazonicas
pelo
Dr. E. Snethlage

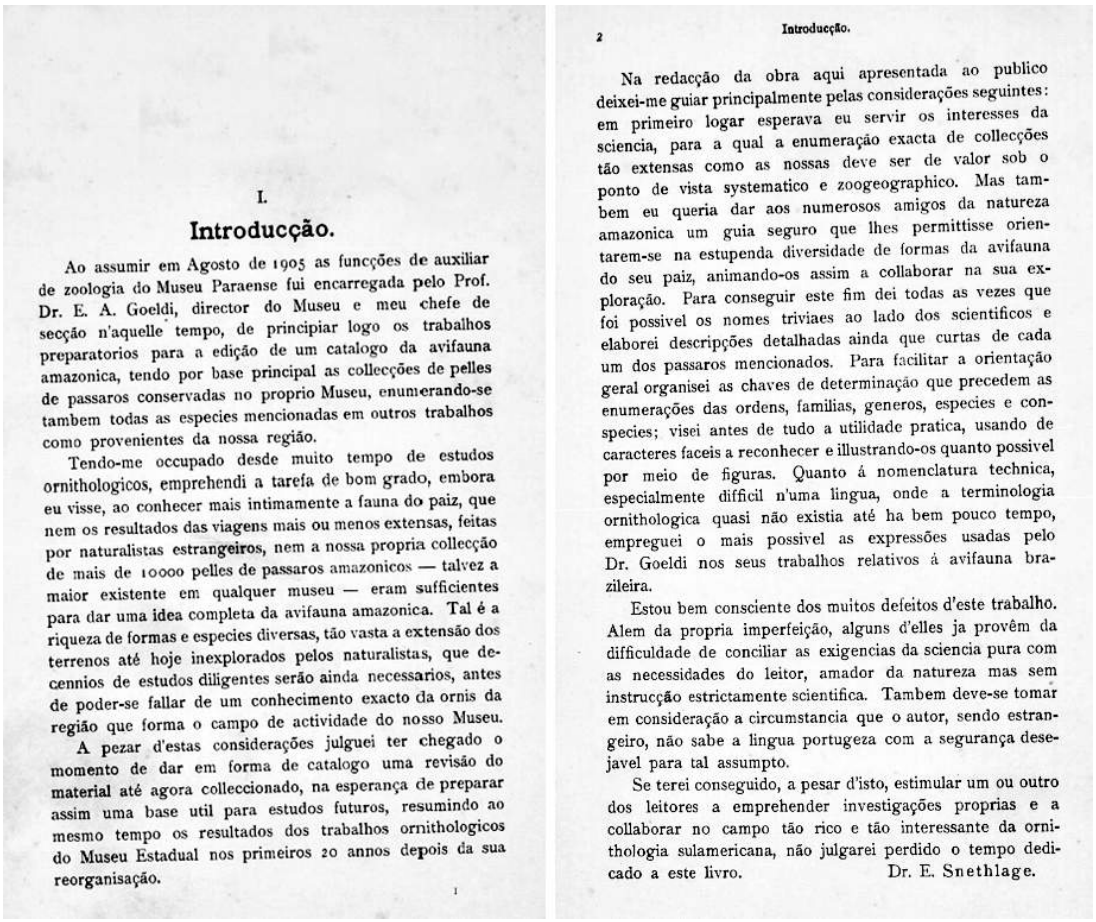
PARÁ—BRAZIL
EDIÇÃO DO MUSEU GOELDI
IMPRESSÃO DE A. HOPFER, BURG — ALLEMANHA
1914

Catalogo
das
Aves Amazonicas
contendo todas
as especies descriptas e mencionadas até 1913
pela
Dr. Emilia Snethlage
(com 6 estampas e 1 mappa)

SUMMARIO:

	pp
I. Introducção	1
II. A. Limites da região amazonica;	4
B. Lancear d'olho sobre a historia da sua exploração ornithologica;	4
C. Litteratura	13
III. Terminologia technica	16
IV. Parte systematica (com indice systematico)	19
V. Appendice	499
Errata	501
Indice alphabetico dos nomes scientificos	503
Indice alphabetico dos nomes vulgares	523

À esquerda, capa do *Boletim do Museu Goeldi*, v.8, 1914, dedicado ao *Catalogo das Aves Amazonicas*, "contendo todas as espécies descriptas e mencionadas até 1913 pela Dr. Emilia Snethlage (com 6 estampas e 1 mappa)".



I.

Introducção.

Ao assumir em Agosto de 1905 as funcções de auxiliar de zoologia do Museu Paraense fui encarregada pelo Prof. Dr. E. A. Goeldi, director do Museu e meu chefe de secção n'aquelle tempo, de principiar logo os trabalhos preparatorios para a edição de um catalogo da avifauna amazonica, tendo por base principal as collecções de pelles de passaros conservadas no proprio Museu, enumerando-se tambem todas as especies mencionadas em outros trabalhos como provenientes da nossa região.

Tendo-me occupado desde muito tempo de estudos ornithologicos, emprehendi a tarefa de bom grado, embora eu visse, ao conhecer mais intimamente a fauna do paiz, que nem os resultados das viagens mais ou menos extensas, feitas por naturalistas estrangeiros, nem a nossa propria collecção de mais de 10000 pelles de passaros amazonicos — talvez a maior existente em qualquer museu — eram sufficientes para dar uma idea completa da avifauna amazonica. Tal é a riqueza de formas e especies diversas, tão vasta a extensão dos terrenos até hoje inexplorados pelos naturalistas, que decennios de estudos diligentes serão ainda necessarios, antes de poder-se fallar de um conhecimento exacto da ornis da região que forma o campo de actividade do nosso Museu.

A pezar d'estas considerações julguei ter chegado o momento de dar em forma de catalogo uma revisão do material até agora colleccionado, na esperança de preparar assim uma base util para estudos futuros, resumindo ao mesmo tempo os resultados dos trabalhos ornithologicos do Museu Estadual nos primeiros 20 annos depois da sua reorganisação.

1

2 Introducção.

Na redacção da obra aqui apresentada ao publico deixei-me guiar principalmente pelas considerações seguintes: em primeiro logar esperava eu servir os interesses da sciencia, para a qual a enumeração exacta de collecções tão extensas como as nossas deve ser de valor sob o ponto de vista systematico e zoogeographico. Mas tambem eu queria dar aos numerosos amigos da natureza amazonica um guia seguro que lhes permittisse orientarem-se na estupenda diversidade de formas da avifauna do seu paiz, animando-os assim a collaborar na sua exploração. Para conseguir este fim dei todas as vezes que foi possivel os nomes triviaes ao lado dos scientificos e elaborei descripções detalhadas ainda que curtas de cada um dos passaros mencionados. Para facilitar a orientação geral organisei as chaves de determinação que precedem as enumerações das ordens, familias, generos, especies e conspecies; visei antes de tudo a utilidade pratica, usando de caracteres faceis a reconhecer e illustrando-os quanto possivel por meio de figuras. Quanto á nomenclatura technica, especialmente difficil n'uma lingua, onde a terminologia ornithologica quasi não existia até ha bem pouco tempo, empreguei o mais possivel as expressões usadas pelo Dr. Goeldi nos seus trabalhos relativos á avifauna brazileira.

Estou bem consciente dos muitos defeitos d'este trabalho. Alem da propria imperfeição, alguns d'elles ja provêm da difficuldade de conciliar as exigencias da sciencia pura com as necessidades do leitor, amador da natureza mas sem instrucção estrictamente scientifica. Tambem deve-se tomar em consideração a circumstancia que o autor, sendo estrangeiro, não sabe a lingua portugeza com a segurança desejavel para tal assumpto.

Se terei conseguido, a pesar d'isto, estimular um ou outro dos leitores a emprehender investigações proprias e a collaborar no campo tão rico e tão interessante da ornithologia sulamericana, não julgarei perdido o tempo dedicado a este livro. Dr. E. Snethlage.

A divulgação científica no texto de introdução ao *Catalogo das Aves Amazonicas* (1914), por Emília Snethlage, p.1-2.

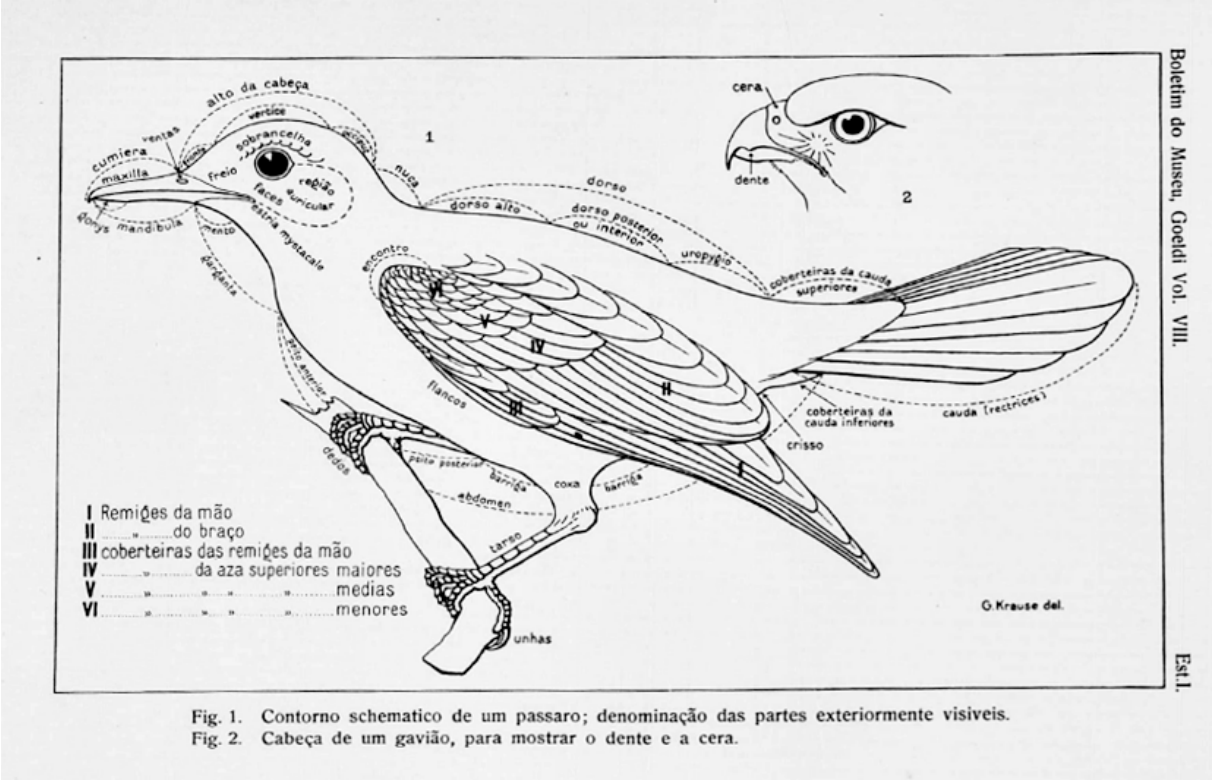


Fig. 1. Contorno schematico de um passaro; denominação das partes exteriormente visiveis.
Fig. 2. Cabeça de um gavião, para mostrar o dente e a cera.

Estampa I publicada no *Catalogo das Aves Amazonicas*, 1914.

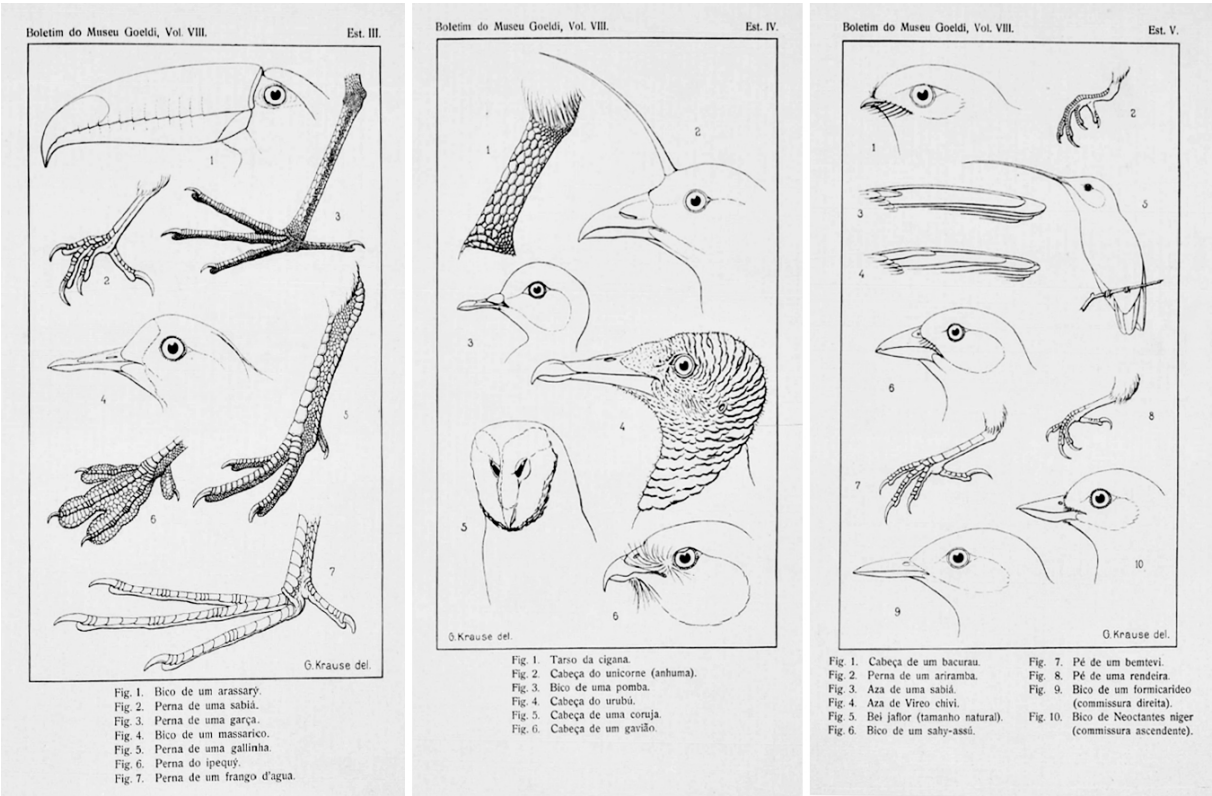
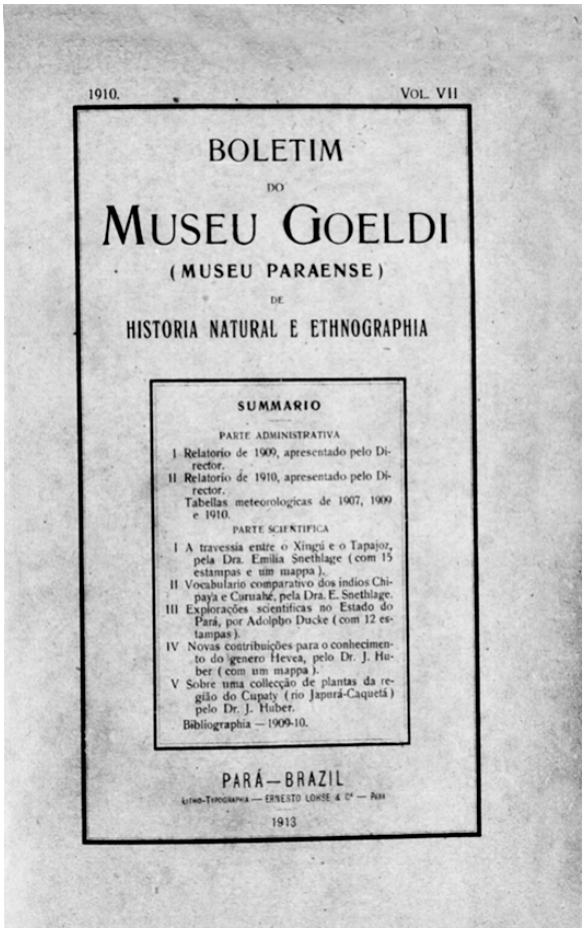


Fig. 1. Bico de um arassary.
Fig. 2. Perna de uma sabiá.
Fig. 3. Perna de uma garça.
Fig. 4. Bico de um massarico.
Fig. 5. Perna de uma gallinha.
Fig. 6. Perna do ipequy.
Fig. 7. Perna de um frango d'agua.

Fig. 1. Tarso da cigana.
Fig. 2. Cabeça do unicorne (anhuma).
Fig. 3. Bico de uma pomba.
Fig. 4. Cabeça do urubú.
Fig. 5. Cabeça de uma coruja.
Fig. 6. Cabeça de um gavião.

Fig. 1. Cabeça de um bacurau.
Fig. 2. Perna de um ariramba.
Fig. 3. Aza de uma sabiá.
Fig. 4. Aza de Vireo chivi.
Fig. 5. Bei jaflor (tamanho natural).
Fig. 6. Bico de um sahy-assú.
Fig. 7. Pé de um bemtevi.
Fig. 8. Pé de uma rendeira.
Fig. 9. Bico de um formicarideo (commissura direita).
Fig. 10. Bico de Neoctantes niger (commissura ascendente).

Estampas III, IV e V publicadas no *Catalogo das Aves Amazonicas*, 1914.



1910. VOL. VII

BOLETIM
DO
MUSEU GOELDI
(MUSEU PARAENSE)
DE
HISTORIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA

SUMMARIO

PARTE ADMINISTRATIVA

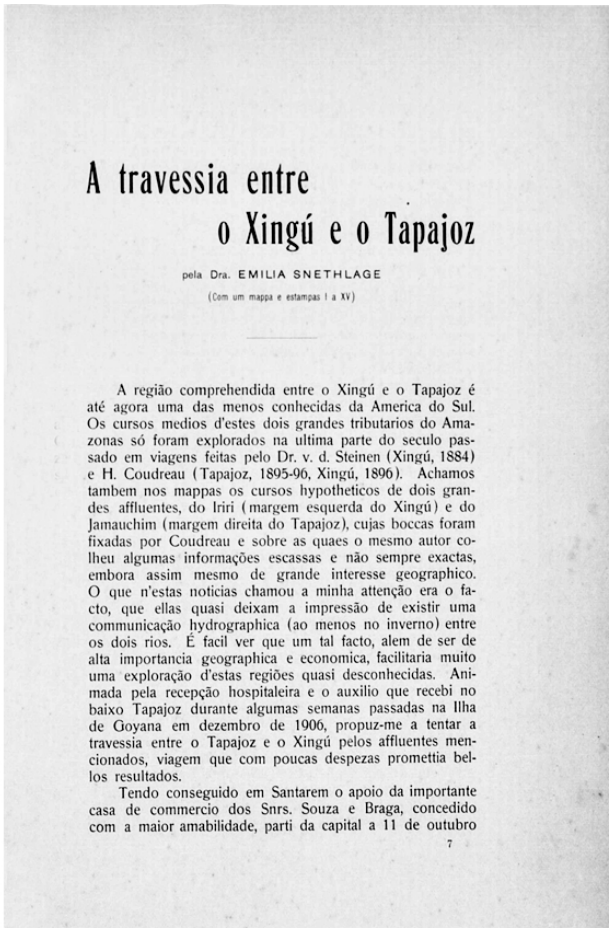
I Relatorio de 1909, apresentado pelo Director.
II Relatorio de 1910, apresentado pelo Director.
Tabellas meteorologicas de 1907, 1909 e 1910.

PARTE SCIENTIFICA

I A travessia entre o Xingú e o Tapajoz, pela Dra. Emilia Snethlage (com 15 estampas e um mappa).
II Vocabulario comparativo dos indios Chipaya e Curuahé, pela Dra. E. Snethlage.
III Explorações scientificas no Estado do Pará, por Adolpho Ducke (com 12 estampas).
IV Novas contribuições para o conhecimento do genero Hevea, pelo Dr. J. Huber (com um mappa).
V Sobre uma collecção de plantas da região do Cupaty (rio Japurá-Caquetá) pelo Dr. J. Huber.

Bibliographia — 1909-10.

PARÁ—BRAZIL
Lith.-Typographia — ERNESTO LOHSE & Cª — Pará
1913



A travessia entre o Xingú e o Tapajoz

pela Dra. EMILIA SNETHLAGE

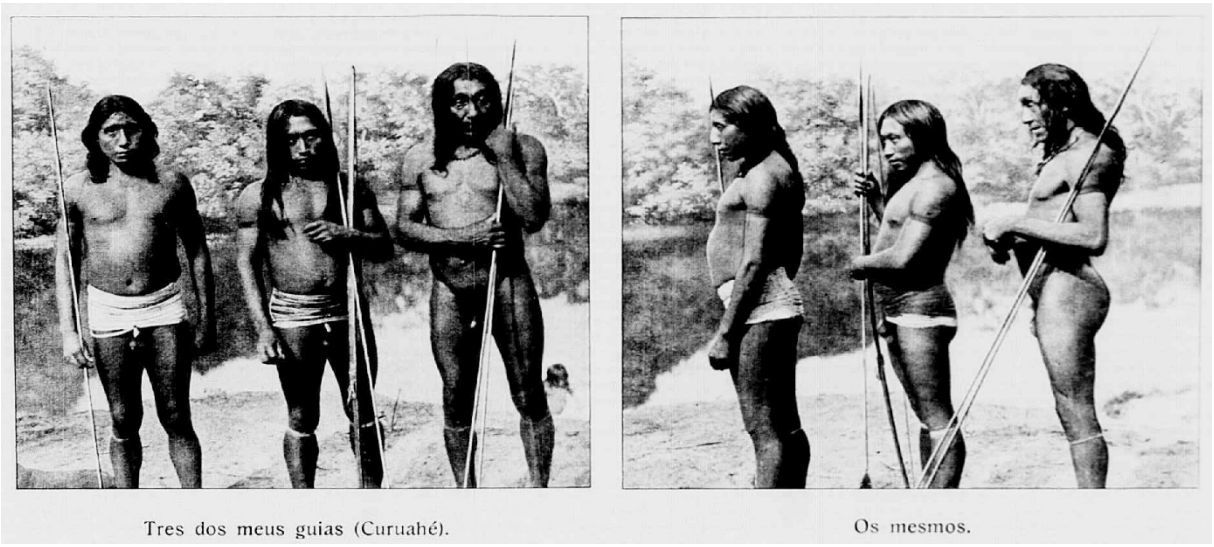
(Com um mappa e estampas I a XV)

A região comprehendida entre o Xingú e o Tapajoz é até agora uma das menos conhecidas da America do Sul. Os cursos medios d'estes dois grandes tributarios do Amazonas só foram explorados na ultima parte do seculo passado em viagens feitas pelo Dr. v. d. Steinen (Xingú, 1884) e H. Coudreau (Tapajoz, 1895-96, Xingú, 1896). Achamos tambem nos mappas os cursos hypotheticos de dois grandes affluentes, do Iriri (margem esquerda do Xingú) e do Jamauchim (margem direita do Tapajoz), cujas boccas foram fixadas por Coudreau e sobre as quaes o mesmo autor colheu algumas informações escassas e não sempre exactas, embora assim mesmo de grande interesse geographico. O que n'estas noticias chamou a minha attenção era o facto, que ellas quasi deixam a impressão de existir uma communicação hydrographica (ao menos no inverno) entre os dois rios. É facil ver que um tal facto, alem de ser de alta importancia geographica e economica, facilitaria muito uma exploração d'estas regiões quasi desconhecidas. Animada pela recepção hospitaleira e o auxilio que recebi no baixo Tapajoz durante algumas semanas passadas na Ilha de Goyana em dezembro de 1906, propuz-me a tentar a travessia entre o Tapajoz e o Xingú pelos affluentes mencionados, viagem que com poucas despezas promettia bellos resultados.

Tendo conseguido em Santarem o apoio da importante casa de commercio dos Snrs. Souza e Braga, concedido com a maior amabilidade, parti da capital a 11 de outubro

7

À esquerda, capa do *Boletim do Museu Goeldi*, v.7, 1910. À direita, primeira página do artigo de *A travessia entre o Xingú e o Tapajoz*, publicado a partir da p.49.



Tres dos meus guias (Curuahé).

Os mesmos.

Três dos guias de Emília Snethlage durante de *A travessia entre o Xingú e o Tapajoz*.
Foto publicada no *Boletim do Museu Goeldi*, v.7, 1910, p.93.



Grupo de indias Chipaya e Curuahé.

Grupo de índias Chipaya e Curuahé. Foto publicada no artigo de *A travessia entre o Xingú e o Tapajoz*, de Emilie Snethlage, *Boletim do Museu Goeldi*, v.7, 1910, p.93.



Grupo de indios Chipaya e Curuahé.

Grupo de índios Chipaya e Curuahé. Foto publicada no artigo de *A travessia entre o Xingú e o Tapajoz*, de Emilie Snethlage, *Boletim do Museu Goeldi*, v.7, 1910, p.93.



Emília Snethlage e a chimpanzé, doada ao Museu Paraense em 1908.
no zoológico do Museu Paraense em 1908[132].



Emília Snethlage e a chimpanzé no zoológico do Museu Paraense [1908?][321].

[132] Fonte: Coleção Fotográfica, Arquivo Guilherme de La Penha, Acervo Museu Paraense Emílio Goeldi (Junghans, 2009).

Na “Lista dos animaes do jardim zoológico” apresentada por Huber[133] no relatório de 1909, o primeiro lugar é ocupado por uma espécie exótica [...]. Trata-se de um, ou melhor, de uma *Anthropopithecus troglodytes* (atualmente *Pan troglodytes*) [...]. A chimpanzé aparece em diversas fotos de Snethlage, circulando livremente, do lado de fora das jaulas, e parecia gozar de especial estima entre o pessoal do museu. [...] construiu-se, em 1909, “em frente ao viveiro da lontra, uma casa espaçosa e bem arejada” para ela, que se destacava “pela sua estética simples e agradável à vista” (Relatório, 1910, p. 8). Snethlage criava ainda outros animais, alguns bem curiosos, como uma tartaruga de duas cabeças e seus cães de duas patas. Esses exemplares, dignos de um gabinete de curiosidades tinham, no lugar das patas dianteiras, apenas calosidades, e se movimentavam aos saltos, como cangurus. Snethlage fez, com eles, alguns experimentos de reprodução. Conseguiu obter crias de uma fêmea e, em cada ninhada, havia um filhote com as mesmas características da mãe. Heinrich Snethlage[132], que nos relata esses detalhes, descreve, com certo desalento, o final dos experimentos: “levados para a Alemanha, seus descendentes deram à luz apenas a filhotes normais” (Junghans, 2009).

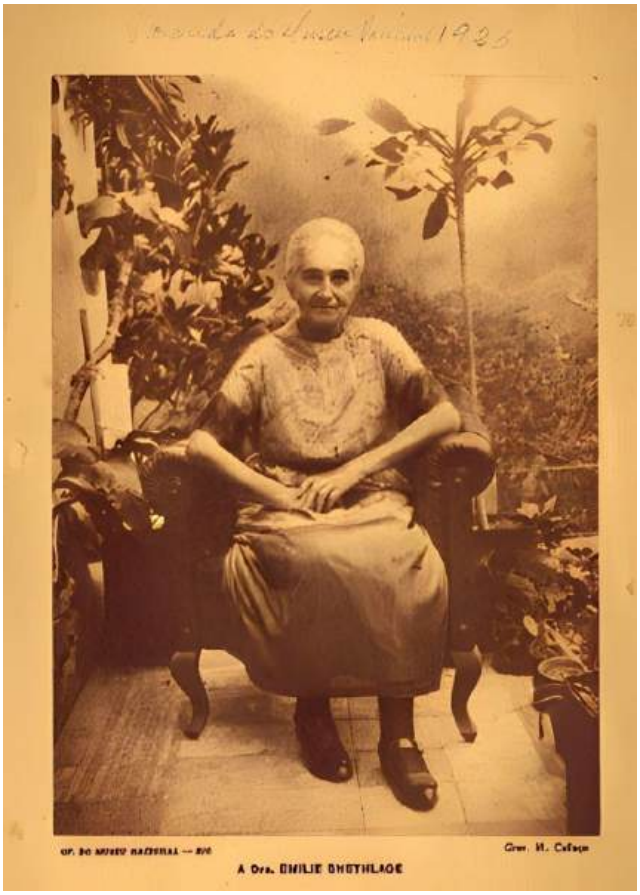


Recorte da foto na qual Emílio Goeldi posa com a família e funcionários do museu em março de 1907, destacando, na segunda fila, Jacques Huber e Emilie Snethlage.

[133] O botânico suíço Jacques Huber (1867-1914), formado em Ciências Naturais pela Universidade de Basiléia (Suíça), especializou-se em botânica na Universidade de Montpellier (França), dedicando-se ao estudo das algas. Chegou a Belém no ano de 1895, atendendo ao convite de Emílio Goeldi, então diretor do Museu Paraense. A intenção era torná-lo chefe da seção de botânica e colaborador no processo de reformulação da instituição. O contexto local no período da chegada de Huber é o do auge da economia regional, decorrente do sucesso das exportações da borracha, produzida na Amazônia a partir da extração do leite da seringueira, árvore abundante nas florestas da região. Diante disso, o botânico voltou suas pesquisas às árvores produtoras de borracha, o que resultou em diversos trabalhos publicados sobre o assunto; além da descoberta, descrição e mapeamento de novas espécies de seringueiras. Em 1907, com o retorno de Emílio Goeldi para a Europa, Jacques Huber assume a direção do Museu Paraense. Como diretor, representou o Museu e o Estado do Pará em diversos congressos e exposições internacionais, tornando-se cada vez mais conhecido no meio científico internacional. Em 1912, em meio aos prenúncios de uma crise econômica regional — devido às baixas nas exportações de borracha amazônica —, o botânico foi designado pelo governo do Estado para realizar uma viagem com fins de estudos técnicos sobre o cultivo de seringueiras nos principais países asiáticos. Naquele momento, o Pará perdia espaço no mercado internacional para a produção de borracha asiática. Huber também desenvolveu outras pesquisas de grande destaque sobre a natureza amazônica, dedicadas às frutas, matas e madeiras regionais, entre outras. Em 1913, além de continuar com os estudos relacionados à indústria extrativa do látex, Huber passa a dedicar-se também às pesquisas sobre a produção do cacau, sendo a contribuição ao Serviço de Assistência aos Plantadores de Cacau do Rio Tocantins um dos seus últimos trabalhos. Jacques Huber morreu em Belém no dia 18 de fevereiro de 1914, vítima de apendicite, deixando esposa e três filhos (Texto extraído da página eletrônica do Museu Paraense Emílio Goeldi. Disponível em: https://www.museu-goeldi.br/assuntos/o-museu/historia-1/Jacques-Huber. Acesso em: 8 abr. 2024).



Emília Snethlage e seu gato-maracajá de estimação, na porta dos fundos do prédio da Rocinha. Fotógrafo e data não identificados[134].

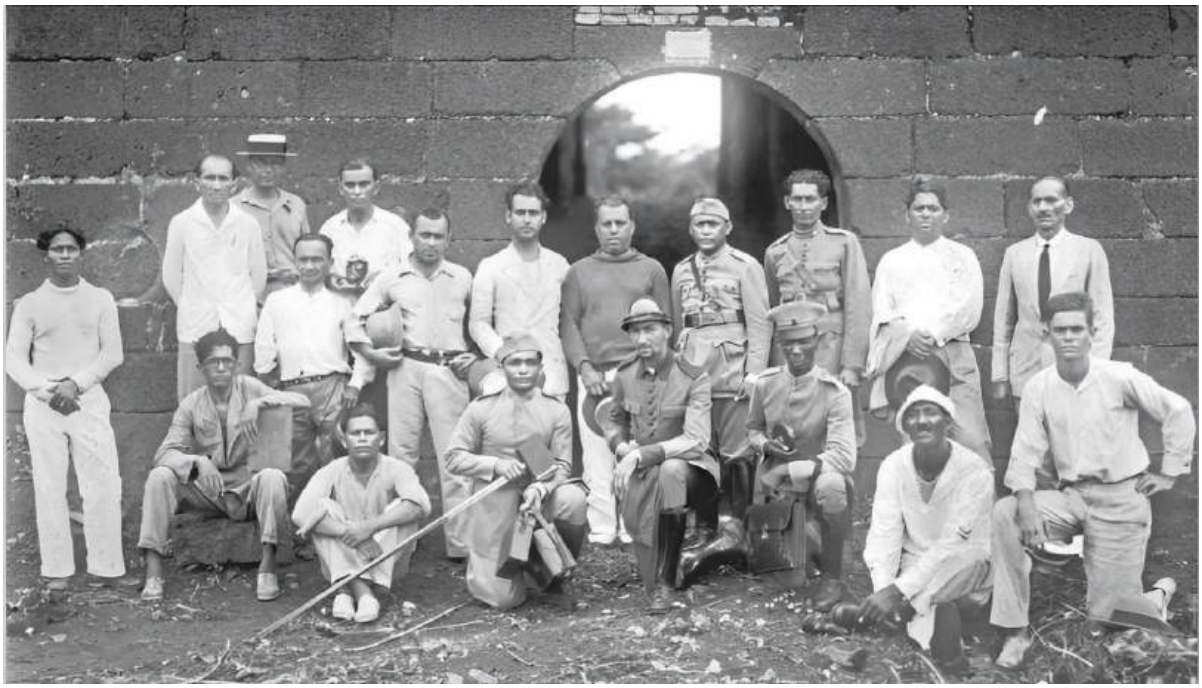


Emília Snethlage, em varanda no Museu Nacional, 1926. Ela teria sido inspiração para seu sobrinho, Emil Heinrich Snethlage, que se tornou pioneiro nos estudos dos povos originários de Rondônia.

[134] Fonte: Staatsarchiv des Kantons Basel-Stadt, PA 694c A 4-7. Basileia, Suíça (Florez; Sanjad; Okada, 2018).



Emil-Heinrich Snethlage, em [193-], na reserva técnica do Museu Etnográfico de Berlim, com objetos da cultura material de povos indígenas do vale do rio Guaporé, colecionados por ele entre 1933-34[135].



À esquerda, atrás, de chapéu e óculos, Emil-Heinrich Snethlage em visita ao Forte Príncipe da Beira, a convite do capitão Aluízio Ferreira, que mais tarde tornou-se o primeiro governador do Território Federal do Guaporé (Estado de Rondônia)[132].

[135] MERE, Gleice. Emil-Heinrich Snethlage (1897-1939): nota biográfica, expedições e legado de uma carreira interrompida. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v.8, n.3, p.773-804, 2013. Foto: Acervo de Emil-Heinrich Snethlage, Família Snethlage, Alemanha.

Emil-Heinrich Snethlage (1897-1939), pesquisador alemão, teve a vocação inspirada pela ornitóloga Emilie Snethlage, sua tia, que costumava enviar à família, na Alemanha, cartas nas quais contava suas experiências como pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi. Emil sentiu-se encorajado a viver aventuras como as de sua tia [...]. Sua primeira expedição no Brasil foi realizada como ornitólogo, em estados do Nordeste, para o Museu Field de História Natural (Chicago, Estados Unidos) entre 1923-26. Na segunda, entre 1933-35, viajou como etnólogo para o Museu Etnográfico de Berlim, pelo rio Guaporé, em Rondônia. Apesar de seu acervo ser a fonte mais completa de informações sobre os povos indígenas dessa região no período, as pesquisas que realizou são pouco conhecidas, pois sua morte precoce impediu a publicação de seus estudos. Ele colecionou mais de 2.400 objetos etnográficos, fez escavações arqueológicas, documentou a vida dos povos indígenas em um filme mudo e em fotografias, gravou músicas e escreveu listas de palavras de diversas línguas (Mere, 2013)[132].

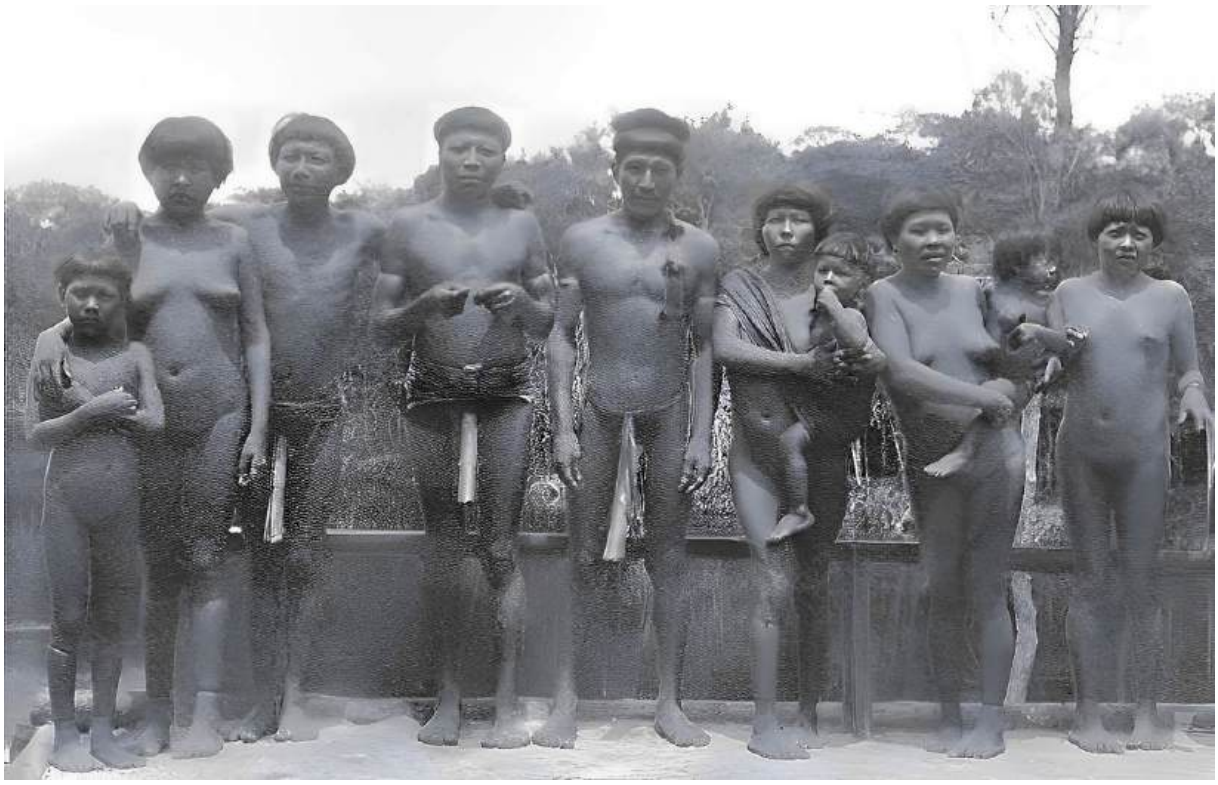


Foto dos Parintintin enviada por Curt Nimuendajú (1883-1945) — alemão que imigrou para o Brasil em 1903 e dedicou sua vida ao estudo dos indígenas brasileiros — a Emilie Snethlage[132].

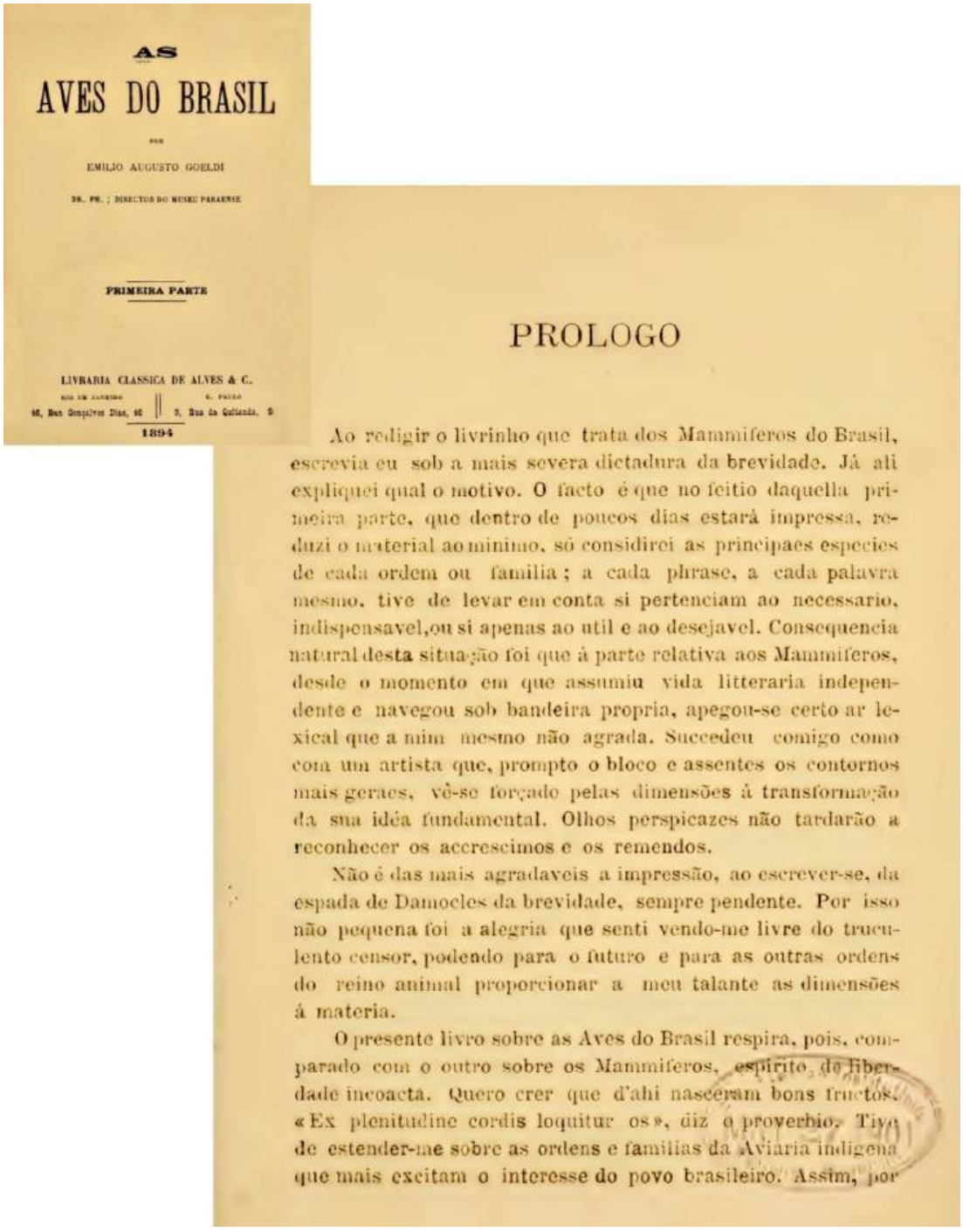




Diploma com o qual Emílio Goeldi nomeava membros honorários, sócios correspondentes e homenageava personalidades. Arte de Ernst Lohse e litografia de Hans-Karl Wiegandt[136, 137].

[136] Hans-Karl [Carlos, aportuguesado] Wiegandt (1841-1908) foi o primeiro litógrafo da Província do Grão-Pará e difusor da técnica aos seus contemporâneos, sendo responsável pelo cenário de jornais ilustrados que circularam no período e a farta utilização das imagens impressas em jornais, revistas, rótulos, embalagens (Martins, 2018).
[137]Acervo Biblioteca Nacional. Disponível em: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.html. Acesso em:20 mar. 2024.

“Em 1894, a publicação de ‘Aves do Brasil’, por Emílio Goeldi, revolucionou o conhecimento ornitológico no Brasil, relacionando-o as exigências da constituição da nacionalidade” (Duarte, 2006).



AS

AVES DO BRASIL

POR

EMILIO AUGUSTO GOELDI

DR. PH. ; DIRECTOR DO MUSEU PARAENSE

PRIMEIRA PARTE

LIVRARIA CLASSICA DE ALVES & C.

1894

PROLOGO

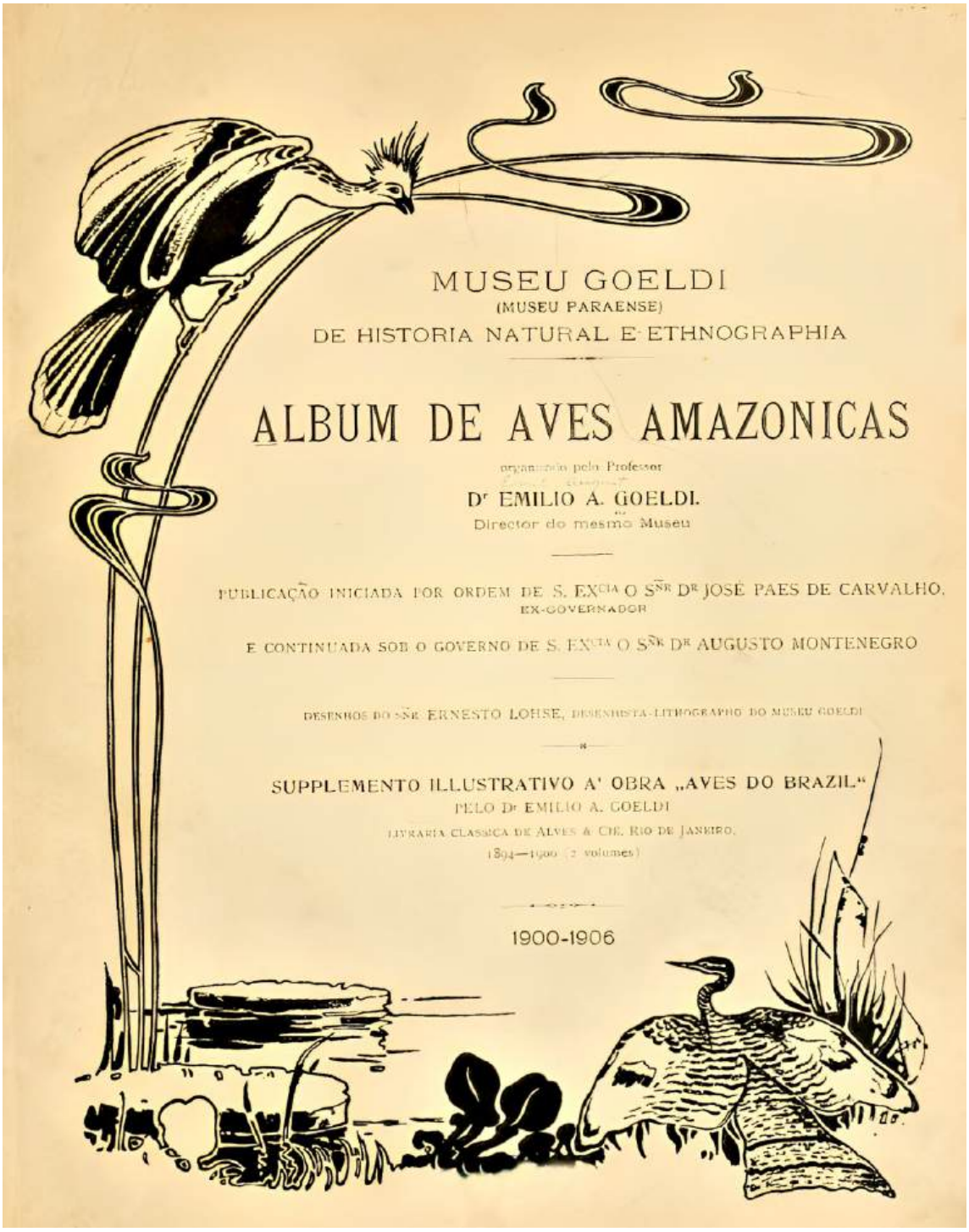
Ao redigir o livrinho que trata dos Mammiferos do Brasil, escrevia eu sob a mais severa dictadura da brevidade. Já ali expliquei qual o motivo. O facto é que no feitio daquella primeira parte, que dentro de poucos dias estará impressa, reduzi o material ao minimo, só considerei as principaes especies de cada ordem ou familia; a cada phrase, a cada palavra mesmo, tive de levar em conta si pertenciam ao necessario, indispensavel, ou si apenas ao util e ao desejavel. Consequencia natural desta situação foi que à parte relativa aos Mammiferos, desde o momento em que assumiu vida litteraria independente e navegou sob bandeira propria, apegou-se certo ar lexical que a mim mesmo não agrada. Succedeu comigo como com um artista que, prompto o bloco e assentes os contornos mais geraes, vê-se forçado pelas dimensões à transformação da sua idéa fundamental. Olhos perspicazes não tardarão a reconhecer os accrescimos e os remendos.

Não é das mais agradaveis a impressão, ao escrever-se, da espada de Damocles da brevidade, sempre pendente. Por isso não pequena foi a alegria que senti vendo-me livre do truculento censor, podendo para o futuro e para as outras ordens do reino animal proporcionar a meu talante as dimensões à materia.

O presente livro sobre as Aves do Brasil respira, pois, comparado com o outro sobre os Mammiferos, espirito de liberdade incoacta. Quero crer que d'ahi nasceram bons fructos. «Ex plenitudine cordis loquitur os», diz o proverbio. Tive de estender-me sobre as ordens e familias da Aviaria indigena que mais excitam o interesse do povo brasileiro. Assim, por

Primeira página do prólogo do livro *Aves do Brasil*[138], por Emílio Goeldi.

[138] Obra digitalizada disponível em: https://archive.org/details/asavesdobrasil12gl/page/n7/mode/2up. Acesso em: 1 mar. 2024. «*Ex plenitudine cordis loquitur os*» significa, de acordo com o Google Tradutor, “a boca fala da plenitude do coração”.



Folha de rosto do *Álbum de Aves Amazônicas*[139], organizado por Emílio Goeldi e publicado em 1900. As ilustrações foram produzidas por Ernsto Lohse (1873-1930)[140]. O álbum, uma relíquia da literatura científica brasileira, reúne 48 pranchas com desenhos das 337 espécies de aves amazônicas catalogadas por Goeldi.

[139] Obra digitalizada disponível em: https://archive.org/details/albumdeavesamazo00goel. Acesso em: 1 mar. 2024.
[140] O alemão Ernst Lohse (1873-1930), desenhista-litógrafo e fotógrafo, trabalhou no Museu Paraense em dois períodos distintos: entre 1897-1911 e 1926-30, quando foi baleado durante uma revolta popular em frente ao museu. Seu gênio artístico está presente, principalmente, em ilustrações e fotografias. Disponível em: https://oswaldogoeldi.org.br/_exposicoes/faunaeflora/index.php/ernst-lohse. Acesso em: 1 mar. 2024.



Álbum de *Aves Amazônicas*, cegonhas (tuiuiú, curicaca, cabeça-seca, maguari), guará e colhereiro, prancha 6.



Álbum de *Aves Amazônicas*, mutuns e urumutum, prancha 23.



Álbum de *Aves Amazônicas*, uirapurus, rendeiras e sauás, prancha 17.



Álbum de *Aves Amazônicas*, beija-flores, prancha 45.



Álbum de *Aves Amazônicas*, araras, prancha 14.



Álbum de *Aves Amazônicas*, papagaios, tanajuba e periquitos, prancha 33.



Álbum de *Aves Amazônicas*, tucanos, prancha 11.



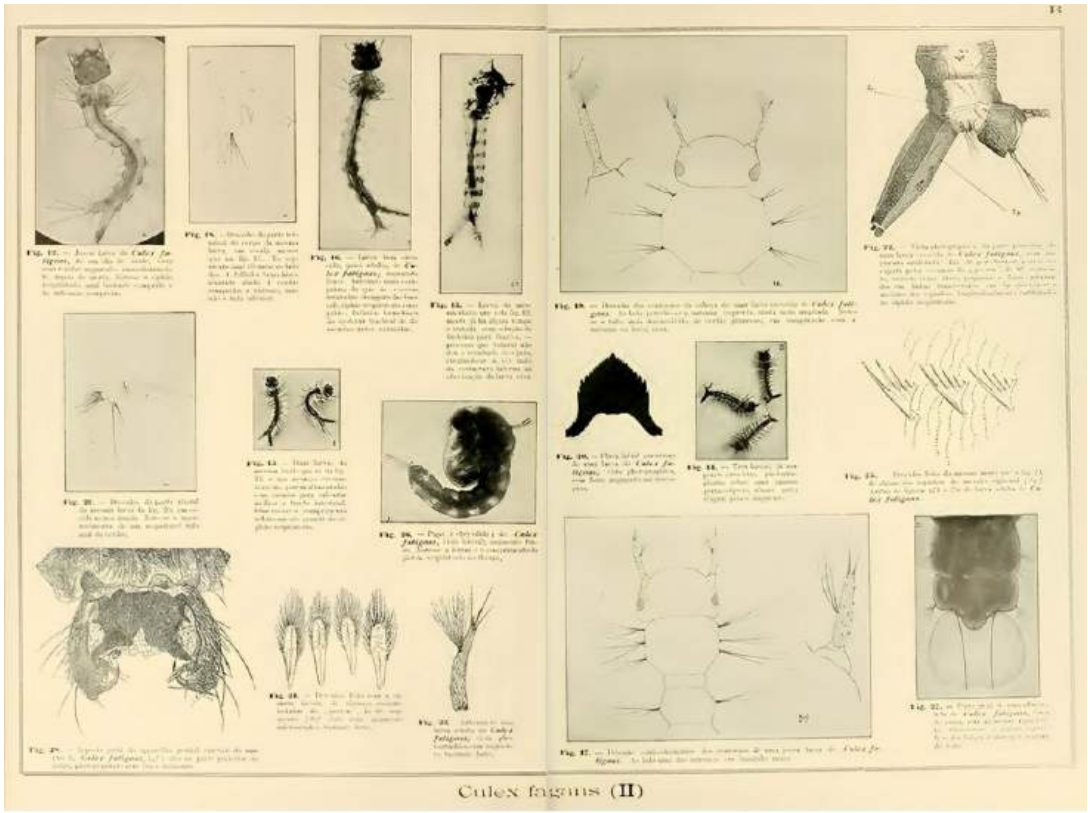
Álbum de *Aves Amazônicas*, araçaris, prancha 12.

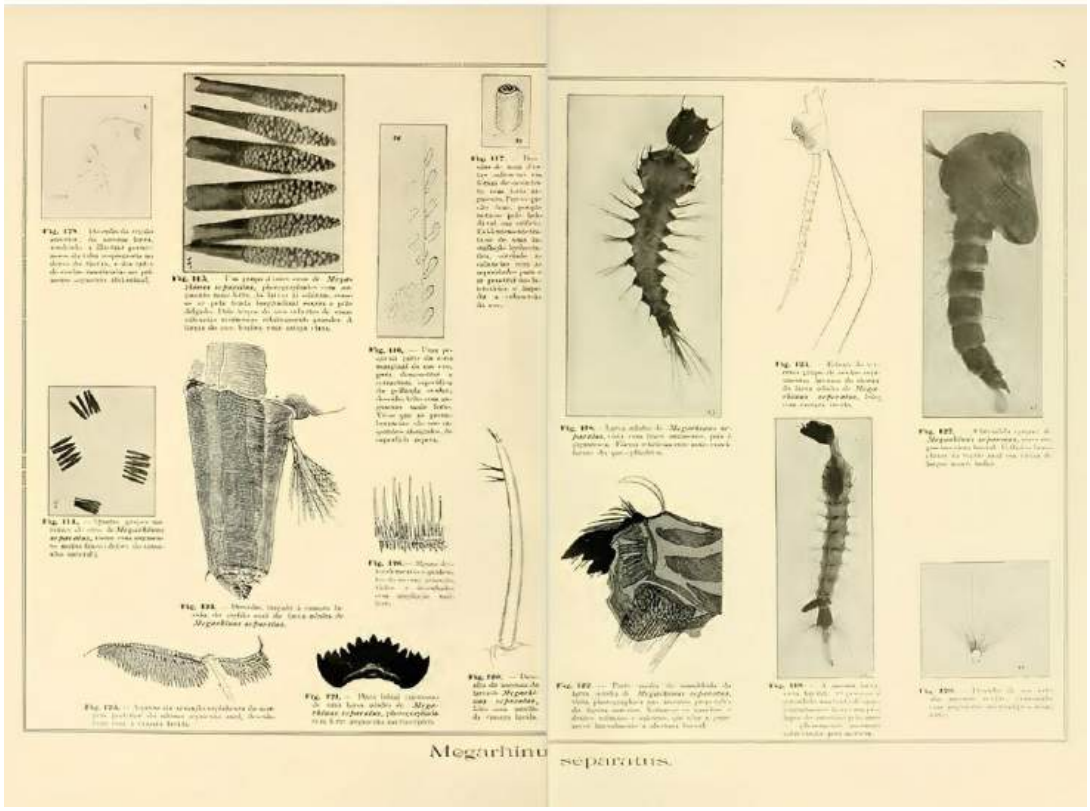


Álbum de *Aves Amazônicas*, gaviões, prancha 40.



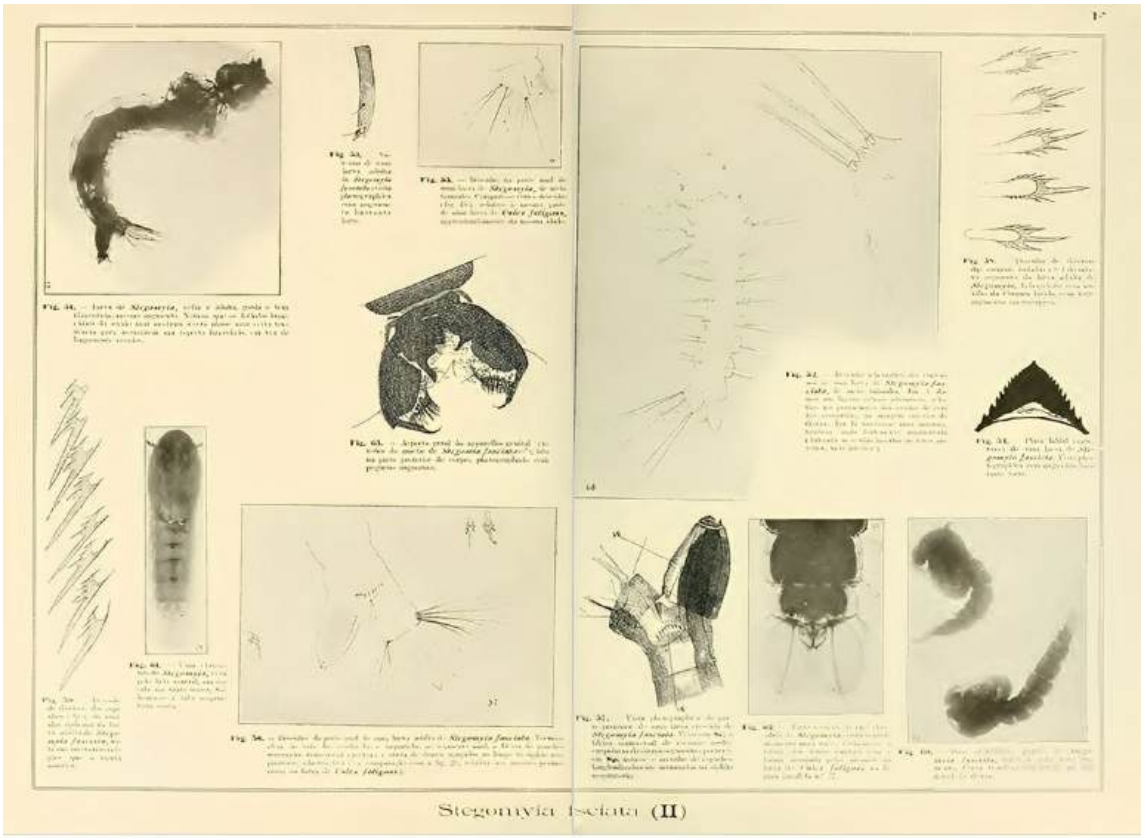
Álbum de *Aves Amazônicas*, corujas, prancha 42.

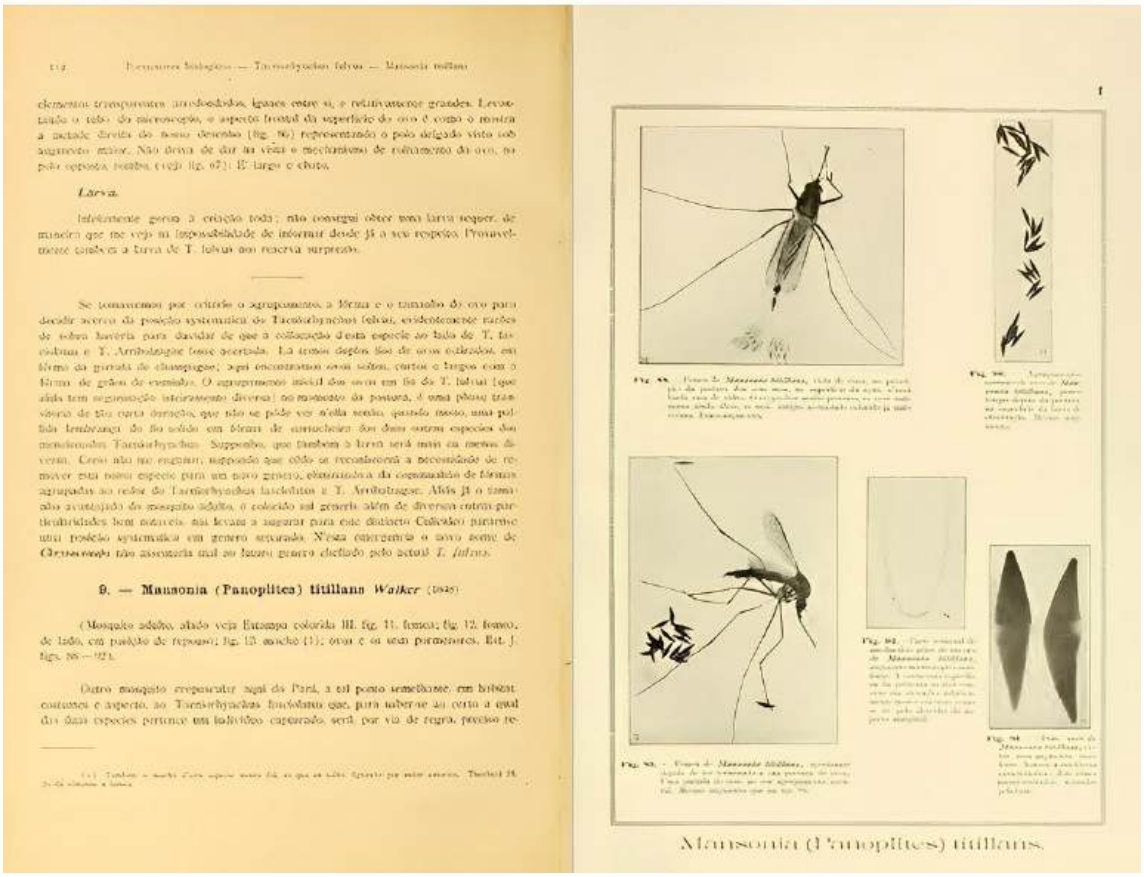




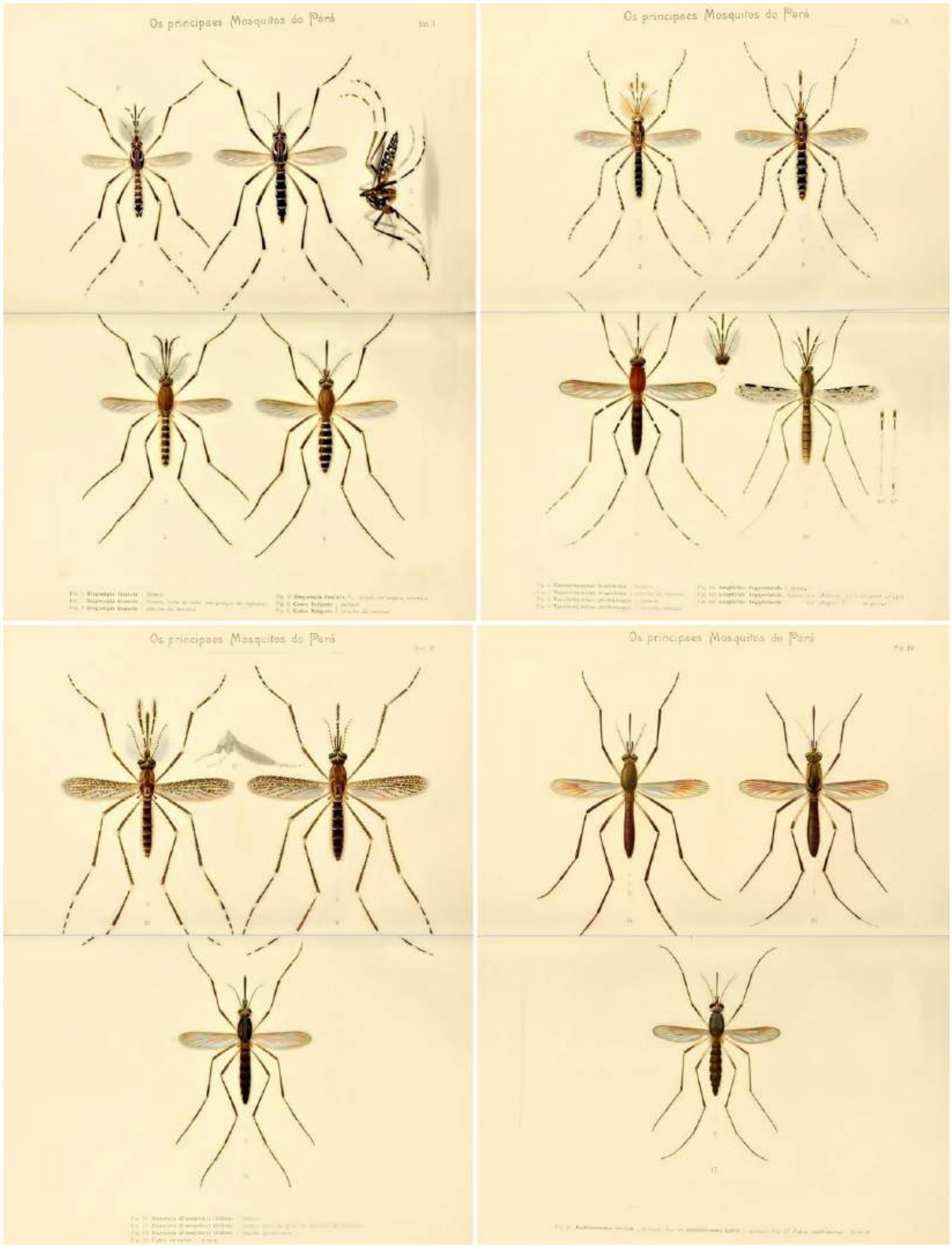
Pranchas publicadas em *Os mosquitos no Pará* (1905)[141].

[141] Obra digitalizada. Acesso em: 1 mar. 2024.

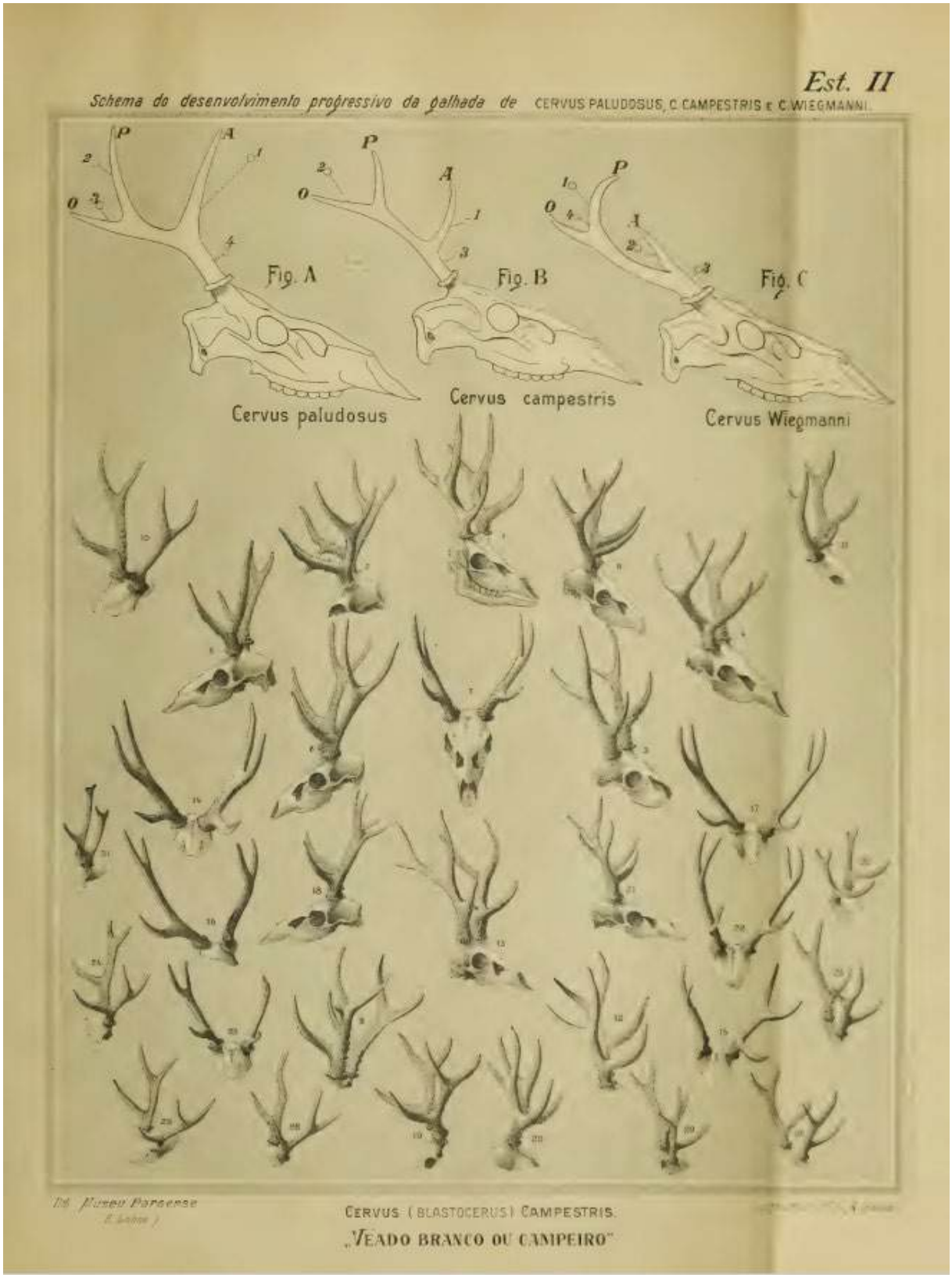




Pranchas publicadas em *Os mosquitos no Pará* (1905)[138].



Pranchas publicadas em *Os mosquitos no Pará* (1905)[138].



Prancha do Estudo sobre o desenvolvimento da armação dos veados galheiros do Brazil, publicado[142] por Emílio Goeldi em 1902.

[142] GOELDI, Emílio Augusto. Estudo sobre o desenvolvimento da armação dos veados galheiros do Brazil *Cervus paludosus*, *C. campestris*, *C. Wiegmanni*. *Memorias do Museu Goeldi*, Pará, n.III, 1902. 46 p.



Cartaz da 21ª *Semana Nacional dos Museus*.



Cartaz editado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi para divulgar a 21ª *Semana Nacional dos Museus*.



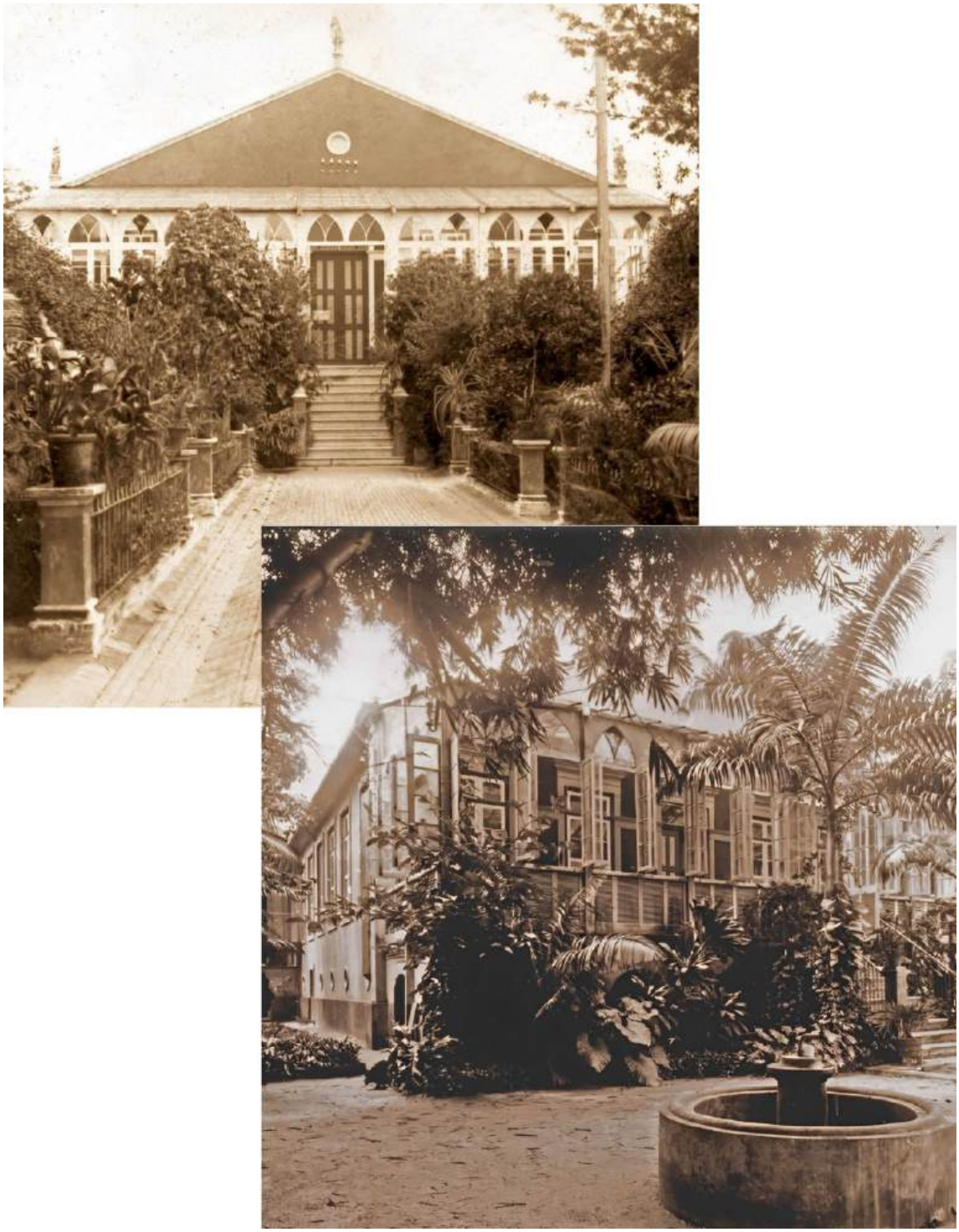




Figuras 00, 00 00 – Cartazes sobre a exposição[143] *Fauna e Flora: Emílio*[144] *e Oswaldo Goeldi* em Belém.

[143] A exposição, promovida pela Associação Artística Cultural Oswaldo Goeldi, é composta pelo núcleo Fauna, com pranchas que incluem desenhos de 337 espécies de aves amazônicas, catalogadas por Emílio Goeldi, e por 22 xilogravuras, que compõem o núcleo Flora, com a temática de flores brasileiras, obras realizadas por Oswaldo Goeldi, considerado um dos mais influentes gravadores brasileiros. Navegue pela exposição virtual em https://oswaldogoeldi.org.br/_exposicoes/faunaeflora/index.php. Acesso em 20 mar. 2024.

[144] Oswaldo Goeldi (1895-1961) gravador, desenhista, ilustrador e professor, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, filho de Adelina Meyer Goeldi e Emílio Goeldi. A primeira infância foi em Belém. Em1902, passou a viver em Berna, Suíça.

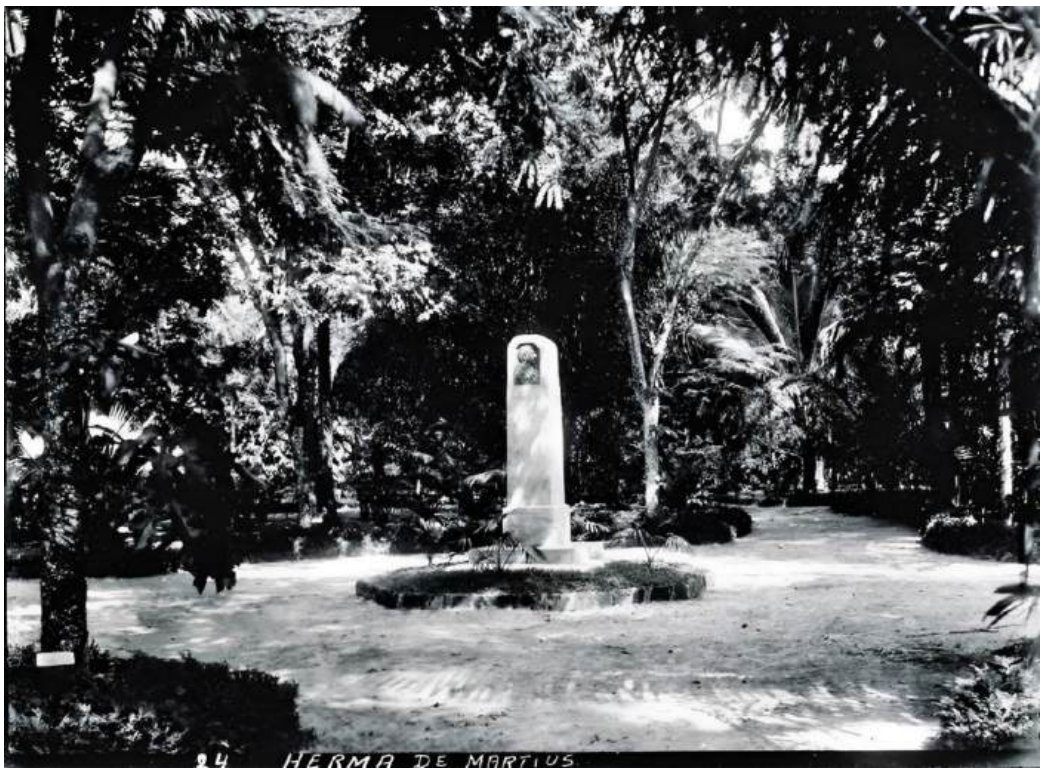


Construído em meados do século XIX, com traços neoclássicos, o Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna — mais conhecido como Rocinha[145] — é prédio mais antigo do Museu Paraense[146].

[145] Rocinha se refere a uma típica construção do século XIX, em Belém, que tinha seu uso destinado a temporadas de veraneio de famílias abastadas.
[146] BNDS, 2004. Disponível em: https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/onde-atuamos/cultura-e-economia-criativa/patrimonio-cultural-brasileiro/projetos-apoiados/museu-pr-emilio-goeldi/museu-pr-emilio-goeldi.
Acesso em: 1 mar. 2024. Fotos: Fotógrafo não identificado. Arquivo Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi.



Busto de Domingos Soares Ferreira Penna, inaugurado em 1908[144].



Monumento a Spix e Martius, inaugurado em 1908[147].

[147] Fotógrafo não identificado, sem legenda. Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Coleção Fotográfica, Negativo MPEG198. Belém, Brasil. Herma: 3. Bras. Qualquer escultura de meio-busto apoiada sobre plinto ou hermeta. [F.: Do lat. herma ou hermes, ae.] (Aulete Digital, 2024).



Emílio Goeldi e Adelina Goeldi-Meyer no prédio principal do Museu Paraense, 1895[148].

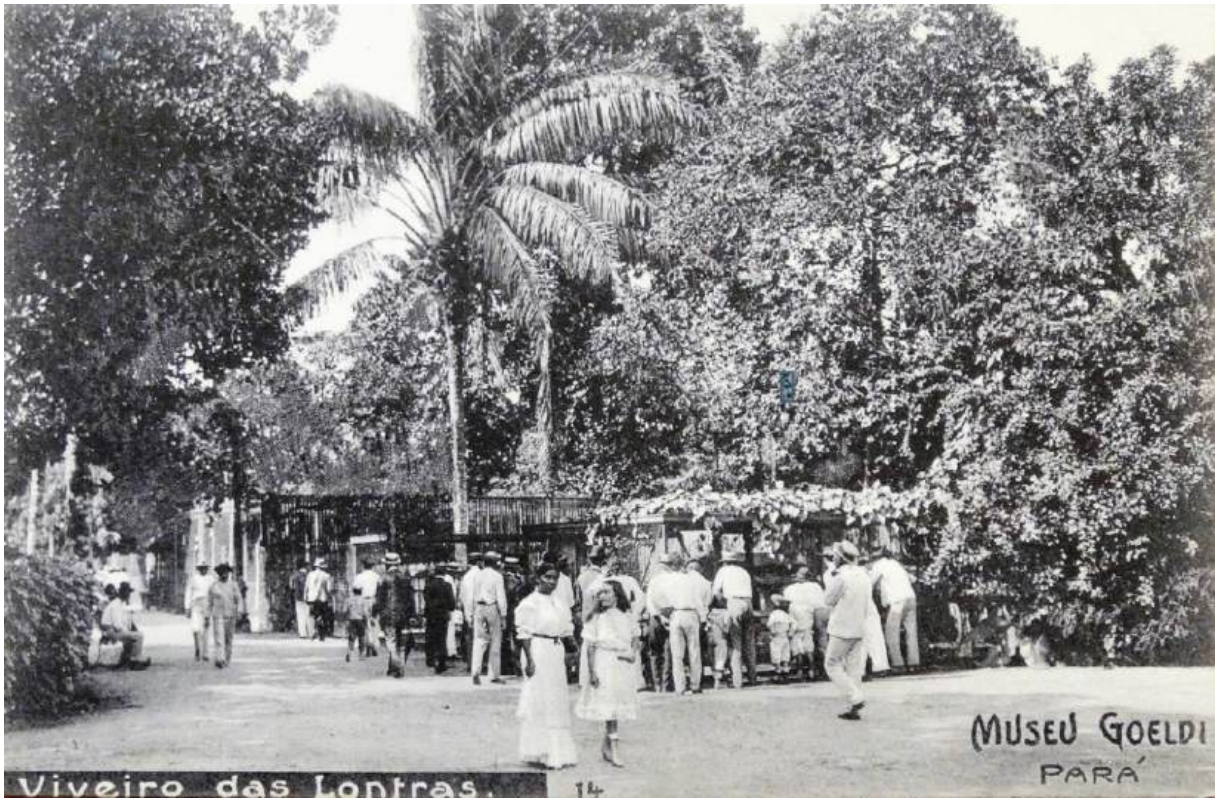


Emílio Goeldi (sentado, no centro) posa com a família e funcionários do museu em março de 1907, antes de retornar à Suíça[149]. Atrás dele, à direita, Jacques Huber e Emilie Snethlage.

[148] Fotógrafo não identificado. Fonte: Staatsarchiv des Kantons Basel-Stadt, PA 694c A 4-1 (1) 3. Basileia, Suíça (Florez; Sanjad; Okada, 2018).
[149] Fotógrafo não identificado. Coleção Fotográfica, Arquivo Guilherme de La Penha, Acervo Museu Paraense Emílio Goeldi.



Figuras 00 – Postal de número 11, com a legenda “Jaula das Onças”, [ca. 1908][150].



Postal de número 14, com a legenda “Viveiro das Lontras”, [ca. 1908][149].

[150] Fotógrafo não identificado. Fonte: Staatsarchiv des Kantons Basel-Stadt, PA 694c A 4-7. Basileia, Suíça (Florez; Sanjad; Okada, 2018).

PARTE ADMINISTRATIVA

I

DISCURSO PRONUNCIADO POR JOSÉ VERISSIMO, DIRECTOR GERAL DA INSTRUCÇÃO PUBLICA, PERANTE O GOVERNADOR DO ESTADO, CAPITÃO-TENENTE BACELLAR PINTO GUEDES, POR OCCASIÃO DE SE INAUGURAR O MUSEU, RESTAURADO EM 13 DE MAIO DE 1891. (*)

Sr. Governador:

Com a sua sincera boa vontade e seu nunca desmentido interesse por quanto á instrucção popular concernia, o Sr. Dr. Justo Chermont, não esqueceu um estabelecimento que havendo custado á antiga provincia do Pará, sommas não mesquinhas, quasi veio a desapparecer completamente após uma vida ingloria, obscura e inutil.

Esse estabelecimento é o que digna-se V. Ex.ª a reinstallar hoje, completando assim a obra benemerita por aquelle vosso antecessor iniciada, é o Museu Paraense.

Como um outro estabelecimento de instrucção, a Bibliotheca publica, o Museu Paraense deveu arrastar essa vida mesquinha e sem utilidade até quasi extinguir-se, não só a mal avisada economia, antes ridicula parcimonia das administrações que não lhes concederam os meios indispensaveis a uma prestadia existencia e, tambem ao erro de confiarem-n'os a individuos por via de regra escassamente habilitados para dirigirem-n'os.

Esperamos que o restaurado Museu, como a restaurada Bibliotheca, escaparão agora a esses males e que, providos de meios sufficientes e capazmente dirigidos, justifiquem a sua restauração e honrem a idéa patriotica que levou aquelle administrador a tental-a.

(*) NOTA DA REDACÇÃO. — Este discurso, que nos foi gentilmente offerecido pelo Sr. J. Verissimo, tem para o nosso Museu interesse historico. Mostra tentativas anteriores de endireital-o, ensina o que deveria ser, pronuncia esperanças e deixa perceber certos receios — que a experiencia ulterior demostrou bem fundados, pois o passo dado n'aquelle tempo, não foi coroado de successo. Hoje somos nós os herdeiros d'aquellas esperanças e d'aquelles compromissos!

Pará, 20 de Agosto de 1894.

Manter dignamente um Museu é uma consequencia, é quasi um dever da nossa civilisação. A nossa bella e futurosa cidade do Pará, não é só a capital politica de um Estado fadado a ser, sem o minimo preconceito nativista o digo, um dos mais importantes da União brazileira; é tambem inegavelmente a capital geographica da mais bella, da mais ricamente dotada região da America do Sul: a Amazonia.

A capital d'esta região, que o notavel scientista inglez, Bates, chamou o paraiso do naturalista, que, desde Lacondamine até Carlos Hartt, foi perlustrada por sabios e viajantes do mais alto valor, como Rodrigues Ferreira, o nosso comprovinciano Lacerda, o glorioso Humboldt, Martius, Castelnau, o celebre Wallace, e Chandless, e Orton, e Keller, e Agassiz, para não citar sinão os mais notaveis e benemeritos de menção especial, á capital d'esta região impõe-se como um dever de sua civilisação, como uma consequencia de sua situação e de seu justo prestigio a manutenção de um Museu que recolha, guarde, conserve e exponha á attenção e ao estudo dos naturaes e dos forasteiros as incalculaveis riquezas que em os tres reinos da natureza ella possue.

Além das riquezas naturaes do seu solo, a opulencia verdadeiramente maravilhosa da sua flora, a esquisita variedade de sua fauna, principalmente a ornithologica e a ichthyologica, a, ainda mal conhecida, mas por incontestaveis indicios, certamente notavel mineralogia, a região amazonica possue outros attractivos que a cada passo estão chamando a attenção dos scientistas do mundo inteiro.

N'esta parte da America passou-se, senhores, um d'esses dramas obsconditos e esquivos ás investigações ainda dos mais sagazes estudiosos que vem se passando no seio da Humanidade desde que ella surgio de seus principios obscuros e impenetraveis. N'esta região, raças cuja origem se ignora, cuja filiação se desconhece, cuja historia se não sabe, existiram, viveram, luctaram, deixando vestigios que lançam a cada passo a duvida, a hesitação, a contradicção, no campo das investigações scientificas, creando e destruindo na anthropologia e na ethnographia, hypotheses e generalisações.

Quem sabe, senhores, si aqui não está a chave de um dos enigmas mais excitantes da curiosidade scientifica d'estes tempos: a origem do homem americano? Quem sabe si os *mounds* de Maracá e de Marajó, cujo estudo não foi ainda com todo o rigor scientifico feito, quem nos diz que o *muirakitan*, os restos da maravilhosa ceramica d'essa gente apo-

nas sabida, não nos dará um dia um elemento importante á solução d'esse problema?

Para que um Museu, porém, possa a todos estes fins satisfazer, é indispensavel que não seja méra accumulação de raridades, mais ou menos curiosas, com mais ou menos gosto arranjadas, sinão uma collecção e um repositorio, systematicamente disposto e scientificamente classificado.

Tal qual está o restaurado Museu Paraense, não obstante a prova que dá do zelo e habilidade do digno preparador encarregado de sua installação e conservação, não corresponde ainda ao fim que é o seu e que em leves traços descrevi. Esse fim, porém, póde ser facilmente alcançado, desde que não esmoreça no governo o desejo de levantar e conservar dignamente esta util instituição.

Como elemento da instrucção popular, um Museu é uma eloquente, instructiva e interessante, para fallar a linguagem pedagogica, lição de coisas. Para que realmente o seja, não se dispensa tambem o arranjo systematico das collecções, a classificação rigorosa dos objectos dando aos visitantes ao mesmo tempo uma noção exacta, clara e precisa de cada coisa exposta e da classe a que pertence, o seu nome, a sua utilidade, a sua origem ou qualquer outro elemento necessario ao seu conhecimento.

O primeiro trabalho está feito e bem feito — posso dizel-o sem immodestia pois a parte que n'elle tive foi apenas a do interesse que me cumpria ter. Não devemos, entretanto, ficar n'isto.

Installado, arranjado, cumpre organisal-o com systema, com methodo, com sciencia, sem o que, por mais bello que seja á vista, fica inutil para a intelligencia.

Ao povo, de quem é e para quem é, cumpre amparal-o e auxilial-o, com a sua frequencia, com o seu interesse, com os seus donativos.

Não temos duvida que o fará e que, alcançando a importancia d'este instituto, lhe traga com a prova do seu interesse intelligente, a generosidade de suas dadivas.

Desde muito que penso e digo que não basta produzir borracha, e praz-me repetil-o em um novo regimem.

Nenhuma nação nenhum povo vive sinão pelas manifesções da sua actividade espiritual. A mais commercial nação do mundo, a Inglaterra, não põe no Westminster, no seu glorioso Pantheon, sinão os representantes do seu espirito, da sua intelligencia e da sua força moral.

Hoje reabre-se uma boa escola: que seja proveitosa de-

vem ser os nossos votos e para que seja devem convergir os nossos esforços.

Com venia de S. Ex.ª o Sr. Governador do Estado, está reinstallado o Museu Paraense.

II

CARTA-CIRCULAR

Ill.mo Sr.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. S.ª que a autonomia creada pela Republica para os diversos Estados do Brazil e a iniciativa propria assim despertada — em contraste vivo com a situação lamentavel que vigorava durante o imperio, onde Sul e Norte tinham por assim dizer de pedir no Rio de Janeiro autorisação e licença para qualquer progresso — já maduraram mais um precioso fructo pela decisão do Governo Estadoal do Pará de crear um MUSEU DE HISTORIA NATURAL E DE ETHNOGRAPHIA *«no pé dos bons estabelecimentos congeneres.»*

No Sul do Brazil o Estado de S. Paulo foi o primeiro a reconhecer a necessidade de um Museu proprio a cuja testa foi collocado pessoa benemerita das sciencias naturaes — o Sr. Dr. Herwann von Ihering, meu collega e amigo. No Norte da Republica, no Pará, quasi simultaneamente e de modo independente nasceu identica idéa, concebida em boa hora pelo Sr. Dr. Lauro Sodré, Dig.mo Governador, sempre zeloso do progresso do seu Estado natal. Já no anno decorrido tinha-me sido dirigida a pergunta se eu estaria inclinado a encarregar-me da creação e direcção de um Museu. Annuindo eu ao convite, foi lavrado o decreto no dia 31 de Janeiro de 1894.

Conforme este decreto as minhas propostas sobre o fim, a administração, etc., do novo Instituto foram acceitas e fiquei incumbido da direcção do mesmo.

A carta particular que acompanha a nomeação, como todos os documentos relativos a esta questão e oriundos da penna de tão esclarecida autoridade, respira o sentimento ardente e a profunda intelligencia da relevancia do assumpto «que tão de perto se relaciona com o nosso futuro, pelo muito que póde influir para a elucidação de partes obscuras da sciencia e pelo muito que póde contribuir para o desenvolvi-

Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia, Tomo I, Parte Administrativa, 1894, p.5-8. Trecho do "Discurso pronunciado por José Veríssimo, Director Geral da Instrucção Publica, em 13 de Maio de 1891, por occasião de se inaugurar o Museu [reinauguração]".



Capa e estampa litográfica, de autoria de Ernst Lohse, do livro *Excavações archeologicas em 1895*, publicado por Emílio Goeldi em 1900 (Sanjad; Velthem, 2006).

.



Peças do acervo etnográfico e arqueológico do Museu Paraense (Sanjad; Velthem, 2006).

APÊNDICE F

MUSEU PAULISTA

O destino do homem vai ser realizado nas próximas décadas, em que o progresso da ciência, mal conduzido, poderá levá-la a conjunturas nas quais, se não houver a sua destruição, poderá haver aniquilamento do que é imanente à sua condição. Como evitá-lo sem uma perfeita compreensão das vantagens e dos perigos da era tecnológica? A integração científica à formação intelectual de qualquer indivíduo deve ser sublinhada como base de elevação do nível cultural do homem, um dos objetivos sem dúvida primordiais da nossa civilização.
Essa integração é o "humanismo científico"[151].

Carlos Chagas Filho (1910-2000)
Médico, cientista, diplomata e ensaísta

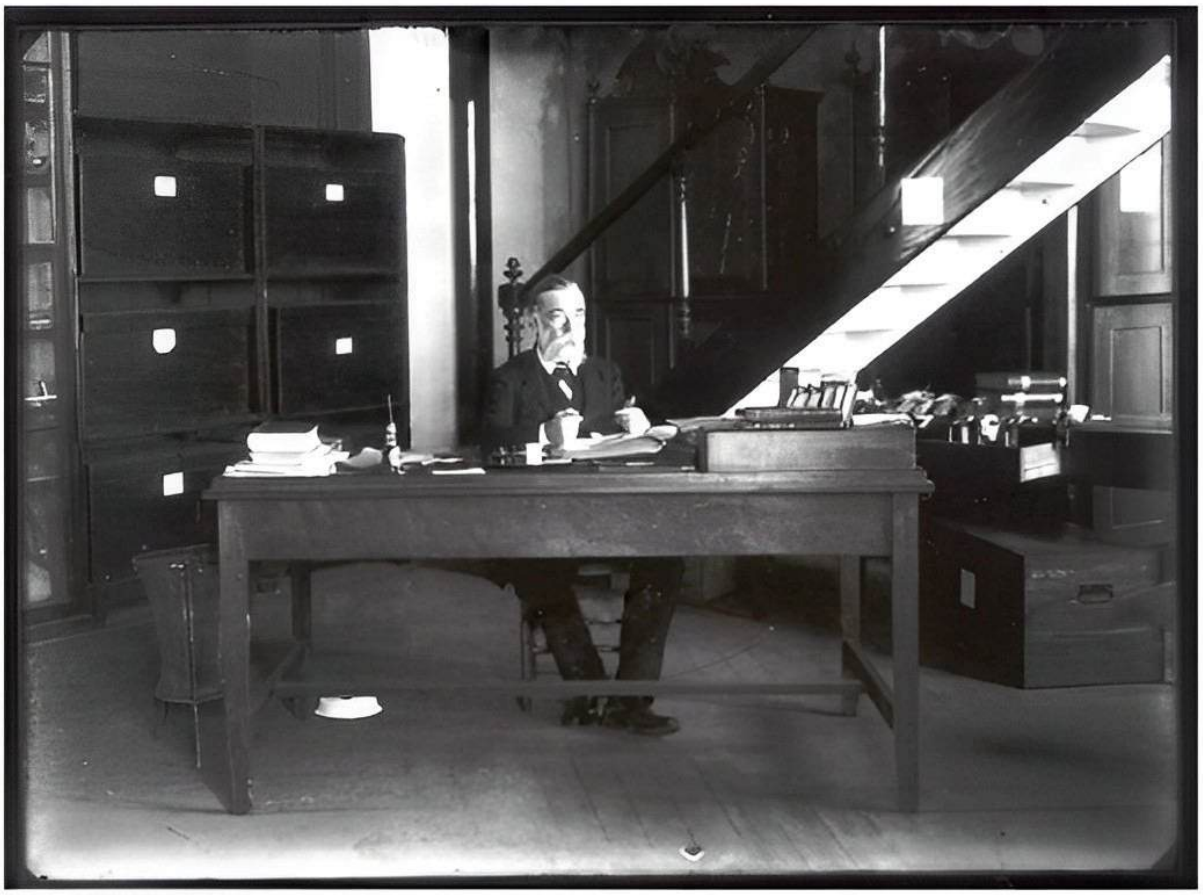
[151] Chagas Filho, Biblioteca Tempo Universitário, 32, 1972 *apud* CHAGAS FILHO, Carlos. *O minuto que vem*: reflexões sobre a ciência no mundo moderno. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2023. p.96.

O Museu Paulista, mais conhecido como Museu do Ipiranga, é uma das instituições mais emblemáticas da história da ciência no Brasil, integrando ciência, história e memória nacional. Localizado no Parque da Independência, na cidade de São Paulo, a edificação foi projetada para ser um monumento em celebração à Independência do Brasil, adaptado para abrigar um museu. O projeto arquitetônico, elaborado pelo italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi (1844-1915) em 1882, se baseia em palácios renascentistas — estilo neoclássico. A construção teve início em 1885, sendo finalizada em 1890. A construção do jardim foi iniciada apenas 13 anos depois, sendo inaugurado em 1909 e reinaugurado em 1923. Em 1895, o edifício foi oficialmente inaugurado como museu, abrigando coleções desde objetos históricos até itens relacionados às ciências naturais, consolidando-se como espaço de preservação e difusão do conhecimento. Entre as primeiras coleções que compuseram o acervo estava o Museu Sertório, cujas peças incluiam uma miscelânea de itens históricos, etnográficos e de história natural e foram doadas ao governo paulista em 1890, passando a integrar o recém-criado Museu do Estado. Em 1892, o museu foi transferido para o edifício-monumento, sendo oficialmente renomeado Museu Paulista em 1894. Nos primeiros anos, o museu serviu como espaço voltado à coleta e exposição de coleções enciclopédicas que abrangiam ciências naturais, antropologia e história. Integrado à Universidade de São Paulo desde 1963, o Museu Paulista ampliou suas funções, servindo não apenas como espaço de memória e ciência, mas também como centro de ensino, pesquisa e extensão, sendo referência em história da cultura material. Com mais de 450 mil itens em seu acervo, o museu mantém sua relevância ao investigar e expor temas relacionados à história da cultura material brasileira, com destaque para a história de São Paulo entre os séculos XVII e XX (Brefe, 2002; Carvalho, 2014; Oliveira, 2003; Petschelies, 2023).

A gestão de Hermann von Ihering — A administração de Hermann von Ihering[152], no período de 1894-1916, foi um divisor de águas para o Museu Paulista, marcando seus primeiros passos como instituição científica de renome. Nomeado primeiro diretor da instituição, ele imprimiu sua visão de museologia inspirada nos museus científicos europeus

[152] Nasceu em 1850, na cidade de Kiel (Alemanha), filho de Caspar Rudolf von Ihering (1818-1892), destacado jurista alemão. Doutorou-se em medicina, em 1873, na Universidade de Göttingen, Viena, e obteve seu Ph.D. em zoologia em 1876. Veio para o Brasil em 1880 e a viagem teria sido pelo encantamento pelas maravilhas das terras brasileiras e consequência do estremecimento de sua relação com seu pai por não ter se casado com a pretendente escolhida por este. Estabeleceu-se em Taquara do Mundo Novo, próxima à cidade de Porto Alegre, onde adquiriu uma ilha na foz do rio Camaquã, lá permanecendo por sete anos até ser contratado como naturalista-viajante do Museu Imperial e Nacional, posto que ocupou até 1891. Em 1884, publicou "A Lagoa dos Patos no século XIX: na visão do naturalista Hermann von Ihering". Em 1894, assumiu a direção do Museu Paulista, onde permaneceu até 1915. Sua gestão imprimiu um perfil profissional àquela instituição. A concepção de museu que imprimiu ao Museu Paulista foi a de um museu sul-americano, tendo em vista seus próprios trabalhos que apresentavam dimensões continentais. Em janeiro de 1896, foi publicado o primeiro número da Revista do Museu Paulista. Ihering manteve intercâmbio com outros cientistas e estabelecimentos estrangeiros, como o Musée de Paris, o British Museum, o National Museum of Natural History e a Smithsoniam Institution. Participou de inúmeras sociedades científicas, brasileiras e estrangeiras, tendo sido sócio honorário da Sociedade Antropológica Italiana, da Sociedade Geográfica de Bremen, da Sociedade Antropológica de Berlim, da Academia de Ciências de Filadélfia, da Sociedade de Naturalistas de Moscou, da Sociedade Entomológica de Berlim, do Museu Etnológico de Leipzig e da Sociedad Científica de Chile, e acadêmico correspondente da Academia Nacional de Ciências (Córdoba, Argentina). Faleceu em 24 de fevereiro de 1930, na Alemanha. (Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, 2000).

e americanos, com ênfase nas ciências naturais, bem na produção acadêmica. A fundação da Revista do Museu Paulista, em 1895, foi um marco nesse processo, concentrando-se inicialmente em artigos relacionados à zoologia e às ciências naturais, refletindo os interesses do diretor. Apesar de seu foco predominante nas ciências naturais, Ihering também reconheceu a importância da antropologia e da etnografia. Ele promoveu a coleta de artefatos indígenas, aquisição de coleções etnográficas e introudziu estudos sobre a história cultural dos povos indígenas do Brasil, colaborando com redes científicas internacionais e contribuindo para ampliar o escopo da instituição. Contudo, sua administração também recebeu críticas por negligenciar o potencial histórico do museu. Muitos itens históricos foram relegados a espaços secundários, sem a devida curadoria ou exposição. Apesar de críticas, sua administração consolidou o caráter enciclopédico do museu, estabelecendo-o como um centro de referência científica e cultural (Brefe, 2002; Carvalho, 2014; Petschelies, 2023).



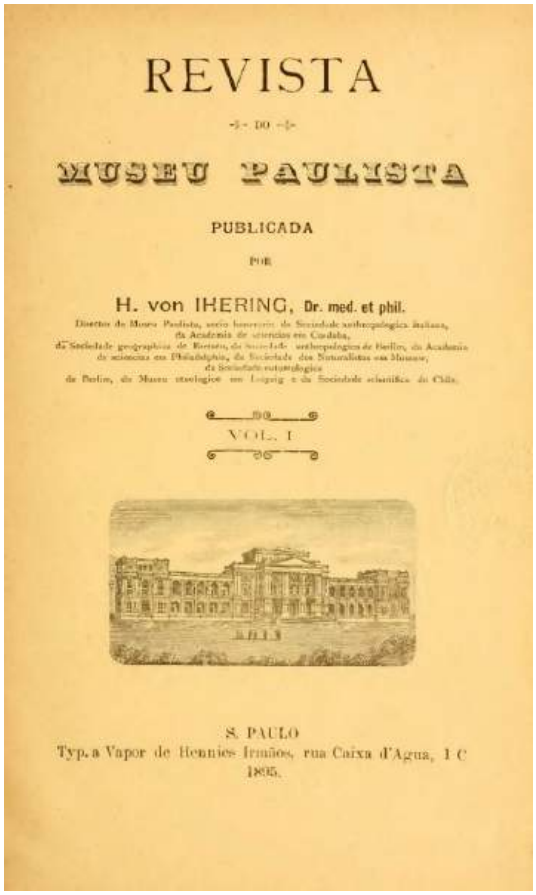
Hermann von Ihering em seu escritório [s.d.] (fotógrafo desconhecido).
(Acervo do Fundo Museu Paulista)[153].

[153] Fotografia publicada em PETSCHELIES, Erik. O Museu Paulista, Hermann von Ihering (1850-1930) e os ameríndios. *Rev. antropol.,* São Paulo, v.66, e202287, 2023.

Não temos até hoje universidade alguma no pais, nem ao menos uma academia ou eschola de sciencias naturais. Nestas condições não é difficil explicar o estado de atrazo em que até hoje acha-se o estudo das sciencias naturais no Brasil" (Hermann von Ihering, 1895 *apud* Schwarcz, 1993).

Obedecendo às tendências e preferências de seu espírito de especialista entendeu o Dr. Ihering criar um instituto por assim dizer exclusivamente consagrado ao estudo da ciência que já, aliás, lhe valera elevado renome de zoólogo. [...] Acrescentando ainda que durante os anos em esteve na sua direção [...] vegetou a coleção chamada histórica do Museu Paulista, amontoada em duas das menores salas do Palácio do Ipiranga, semivazio. Ou antes, praticamente não existiu. Não realizou aquisições senão insignificantes, neste largo lapso de anos. (Taunay, 1937 *apud* Brefe, 2002, p.82).

Excluído do passado, da memória, da história, da lembrança do Museu Paulista, pela conveniente separação institucional de 1939 que resultou na construção do Museu de Zoologia (é certo que localizado muito «inconvenientemente» perto do Monumento do Ipiranga), Von Ihering desapareceu do Museu Paulista. Nem Taunay, nem outros diretores deixaram qualquer vestígio museológico no Monumento do Ipiranga que se pudesse associar a Von Ihering. Ironicamente os novos heróis do Museu Paulista — desbravadores de fronteiras, caçadores de índios para escravizar baniram do museu qualquer traço associado a Von Ihering, acusado exatamente de defender os modernos bandeirantes, desbravadores do sertão, arautos do progresso e exterminadores dos indígenas que não se deixavam mais escravizar. E as festas do centenário da Independência, constituíram-se em marcos fundacionais dessas novas expografias historiográficas (Lopes, 2010, p.43).


REVISTA

DO

MUSEU PAULISTA

PUBLICADA

POR

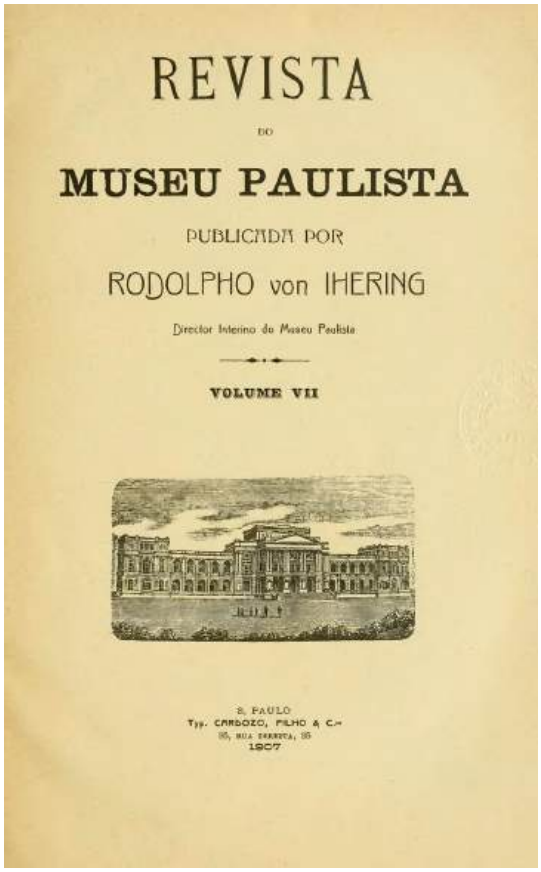
H. von IHERING, Dr. med. et phil.

VOL. I

S. PAULO

Typ. a Vapor de Hennies Irmãos, rua Caixa d'Agua, 1 C

1895.



REVISTA

DO

MUSEU PAULISTA

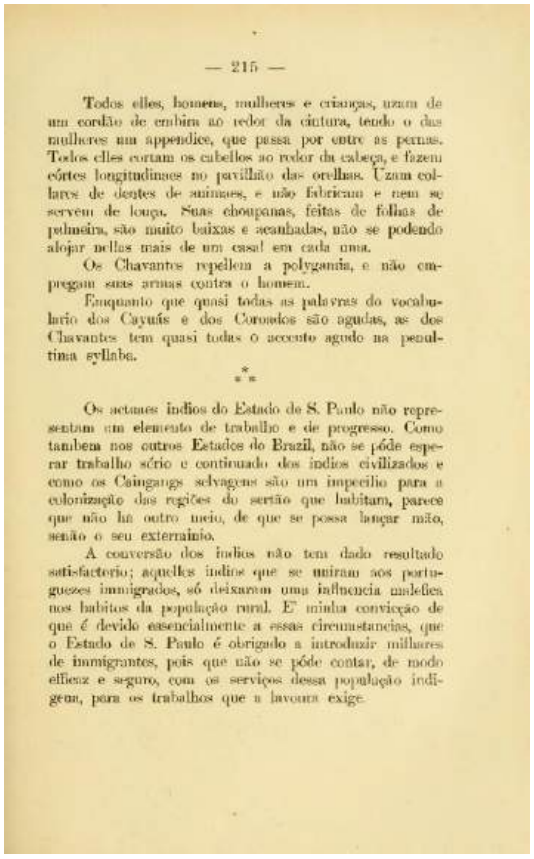
PUBLICADA POR

RODOLPHO von IHERING

Director Interino do Museu Paulista

VOLUME VII

S. PAULO
Typ. CARBOZO, FILHO & C.ª
1907



— 215 —

Todos elles, homens, mulheres e crianças, uzam de um cordão de embira ao redor da cintura, tendo o das mulheres um appendice, que passa por entre as pernas. Todos elles cortam os cabellos ao redor da cabeça, e fazem córtes longitudinaes no pavilhão das orelhas. Uzam collares de dentes de animaes, e não fabricam e nem se servem de louça. Suas choupanas, feitas de folhas de palmeira, são muito baixas e acanhadas, não se podendo alojar nellas mais de um casal em cada uma.

Os Chavantes repellem a polygamia, e não empregam suas armas contra o homem.

Emquanto que quasi todas as palavras do vocabulario dos Cayuás e dos Coroados são agudas, as dos Chavantes tem quasi todas o accento agudo na penultima syllaba.

***

Os actuaes indios do Estado de S. Paulo não representam um elemento de trabalho e de progresso. Como tambem nos outros Estados do Brazil, não se póde esperar trabalho sério e continuado dos indios civilizados e como os Caingangs selvagens são um impecilio para a colonização das regiões do sertão que habitam, parece que não ha outro meio, de que se possa lançar mão, senão o seu exterminio.

A conversão dos indios não tem dado resultado satisfactorio; aquelles indios que se uniram aos portuguezes immigrados, só deixaram uma influencia maleffica nos habitos da população rural. E' minha convicção de que é devido essencialmente a essas circumstancias, que o Estado de S. Paulo é obrigado a introduzir milhares de immigrantes, pois que não se póde contar, de modo efficaz e seguro, com os serviços dessa população indigena, para os trabalhos que a lavoura exige.

Transcrição dos parágrafos 4º e 5º da p.215:
“Os actuaes índios do Estado de S. Paulo não representam um elemento de trabalho e de progresso. Como também nos outros Estados do Brazil, não se póde esperar trabalho sério e continuado dos índios civilizados e como os Caingang selvagens são um impecilio para a colonização das regiões do sertão que habitam, parece que não há outro meio, de que se possa lançar mão, senão o seu extermínio.
A conversão dos indios não tem dado resultado satisfactorio; aquelles indios que se uniram aos portuguezes immigrados, só deixaram uma influencia maléfica nos hábitos da população rural. E' minha convicção de que é devido essencialmente a essas circumstancías, que
o Estado de S. Paulo é obrigado a introduzir milhares de immigrantes, pois que não se póde contar, de modo efficaz e seguro, com os serviços dessa população indigena para os trabalhos que a lavoura exige”.

IHERING, Hermann von. A anthropologia do estado de São Paulo. *Revista do Museu Paulista*, v.VII, 1907. p.215.

Transformações e o papel de Afonso Taunay — A partir de 1917, sob a direção de Afonso Taunay (1876-1958)[154], o Museu Paulista passou por uma profunda reconfiguração a fim de enfatizar o seu papel como guardião da memória histórica nacional. Taunay, historiador e entusiasta da memória nacional, reestruturou as exposições, enriqueceu os acervos históricos e reorganizou o espaço para reforçar seu caráter de memorial à Independência. Alterou o perfil da instituição, que se tornou gradualmente um museu de história, deixando em segundo plano as ciências naturais. Sua gestão foi marcada pela preparação do museu para as celebrações do Centenário da Independência em 1922. Nesse período, ele promoveu a decoração de salas com obras de arte e objetos históricos que evocavam a construção da identidade nacional, dando um caráter caráter narrativo aos espaços. Além disso, ampliou os jardins e revitalizou o edifício-monumento, reforçando o papel do museu como um "lugar de memória" e referência à fundação da nação brasileira (Brefe, 2002; Carvalho, 2014; Petschelies, 2023).

O Museu Paulista é mais do que um marco arquitetônico e histórico. Ele encapsula as mudanças e debates sobre memória, ciência e identidade nacional que moldaram sua trajetória. Desde as coleções naturalistas de Ihering até o resgate histórico promovido por Taunay, o museu reflete as transformações de um país em busca de suas origens.



[154] Afonso d'Escragnolle Taunay, professor, historiador, tradutor, lexicógrafo, nasceu em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, SC, em 11 jul. 1876, e faleceu em São Paulo, em 20 mar. 1958. Era filho de Alfredo d'Escragnolle Taunay, patrono da Cadeira 13 [da Academia de Letras], e Cristina Teixeira Leite Taunay, Visconde e Viscondessa de Taunay. Cursou a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde se formou em Engenharia Civil em 1900. Foi professor substituto da Escola Politécnica de São Paulo em 1904 e professor catedrático na mesma Escola a partir de 1910. Exerceu inúmeros cargos: diretor do Museu Paulista a partir de 1917; diretor dos Museus do Estado de São Paulo desde 1923; encarregado do Governo Federal para reorganizar, em comissão, a Biblioteca e o Arquivo do Ministério das Relações Exteriores em 1930; professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo entre 1934-37. Em dez. 1945 foi aposentado por decreto especial em que foi distinguido com o título de Servidor Emérito do Estado de São Paulo. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico de São Paulo, da Academia Paulista de Letras, da Academia ortuguesa de História e sócio correspondente de Institutos Históricos estaduais. Dedicando-se aos estudos historiográficos, Afonso Taunay especializou-se como o grande mestre do bandeirismo paulista, do período colonial brasileiro e da literatura, da ciência e da arte no Brasil, tendo também escrito uma monumental *História do café*. Foi também um lexicógrafo de reconhecido mérito, especializado sobretudo na terminologia científica. Sua vasta cultura permitiu-lhe preparar reedições comentadas de autores históricos. Segundo ocupante da cadeira 1 [da Academia Brasileira de Letras], eleito em 7 nov. 1929, na sucessão de Luís Murat, foi recebido em 6 mai. 1930 pelo acadêmico Roquette-Pinto. Fonte: Academia Brasileira de Letras, 2024.



Pedra Fundamental do Museu Paulista (1882), óleo sobre tela, 52 X 78 cm,
por Henrique Manzo (1896-1982). Acervo do Museu Paulista, coleção Fundo Museu Paulista.



Paisagem do Campo do Ipiranga (1893), óleo sobre tela, 100 X 148 cm,
por Antônio Parreiras (1860-1937). Acervo do Museu Paulista, coleção Fundo Museu Paulista.



O Edifício Monumento durante a construção dos andaimes, em 1888 (fotógrafo desconhecido). Acervo Museu Paulista, coleção Bezzi. Restauração óptica por João Sócrates de Oliveira, 1990.



Cartão postal do Museu do Ipiranga, [s.d.] (fotógrafo desconhecido).



Piquenique ao lado do Museu Paulista em [ca. 1900]. Acervo do Museu Paulista.



Colorização de Reinaldo Elias.



Pedro Américo

Independência ou morte (1888), óleo sobre tela, 415 x 760 cm, por Pedro Américo, é uma das obras mais icônicas do Museu Paulista. Acervo do Museu Paulista, coleção Fundo Museu Paulista.

Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905) foi romancista, poeta, ensaísta, teórico de arte, político e professor, mais lembrado como um dos mais importantes pintores acadêmicos do Brasil, deixando obras de impacto nacional.





Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro, 1500, óleo sobre tela, 190 x 330 cm, por Oscar Pereira da Silva (1867-1939). Acervo do Museu Paulista, coleção Fundo Museu Paulista.



"O Brasil descobre a pesquisa científica, de Maria Margaret Lopes, é o principal livro de referência sobre o assunto, abordando o início da criação dos museus brasileiros, inclusive o Museu Paulista, com foco na institucionalização das ciências naturais no país no final do século XIX e com ênfase no Museu Nacional do Rio de Janeiro" (Carvalho, 2014, p.106).

APÊNDICE G

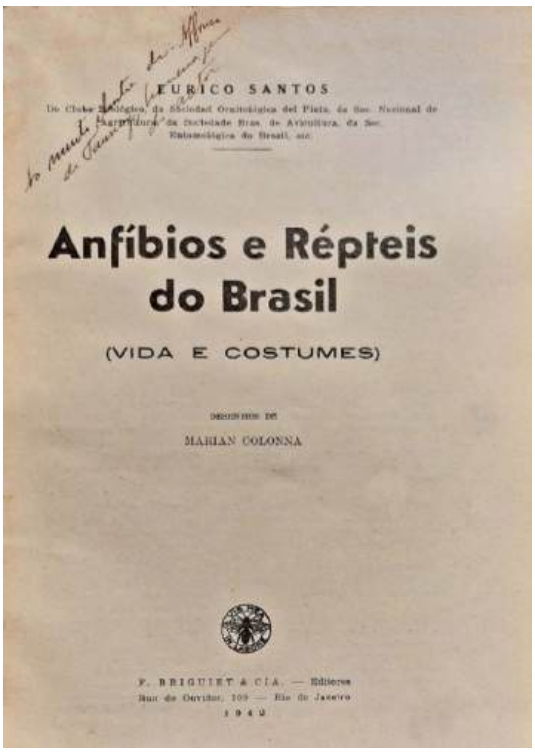
CURIOSIDADES TRIBUTOS & MEMÓRIAS

Existe pouca diferença entre saber intelectualmente
que estamos incompletos e assumir a natureza
de ser incompleto. Não somos completos.
Temos que nos inserir em um processo
permanente de busca. Sem isso, morreríamos em vida.
O que significa que manter a curiosidade é absolutamente
indispensável para que continuemos a ser ou a vir a ser.[1]

Paulo Freire (19221-1997)
Educador e escritor

[1] *(Freire, 2003, p.43).*

CURIOSIDADES SOBRE AS OBRAS DE EURICO SANTOS ADQUIRIDAS


EURICO SANTOS

Anfíbios e Répteis do Brasil

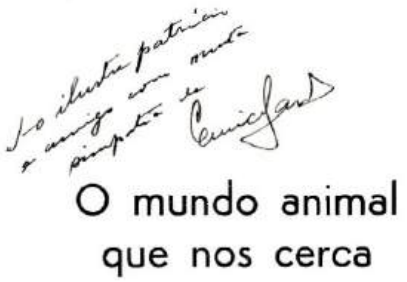
(VIDA E COSTUMES)

MARIAN COLONNA

F. BRIGUIET & CIA. — Editores

1942

Folha de rosto de *Anfíbios e répteis do Brasil* (1942), com dedicatória de E.S. para Affonso d'Escragnolle Taunay[2] (1876-1958), diretor do Museu Paulista (conhecido como Museu do Ipiranga) entre 1917 e 1945 (Oliveira, 2017): "Ao muito ilustre dr. Affonso de Taunay, homenagem do autor".


O mundo animal que nos cerca

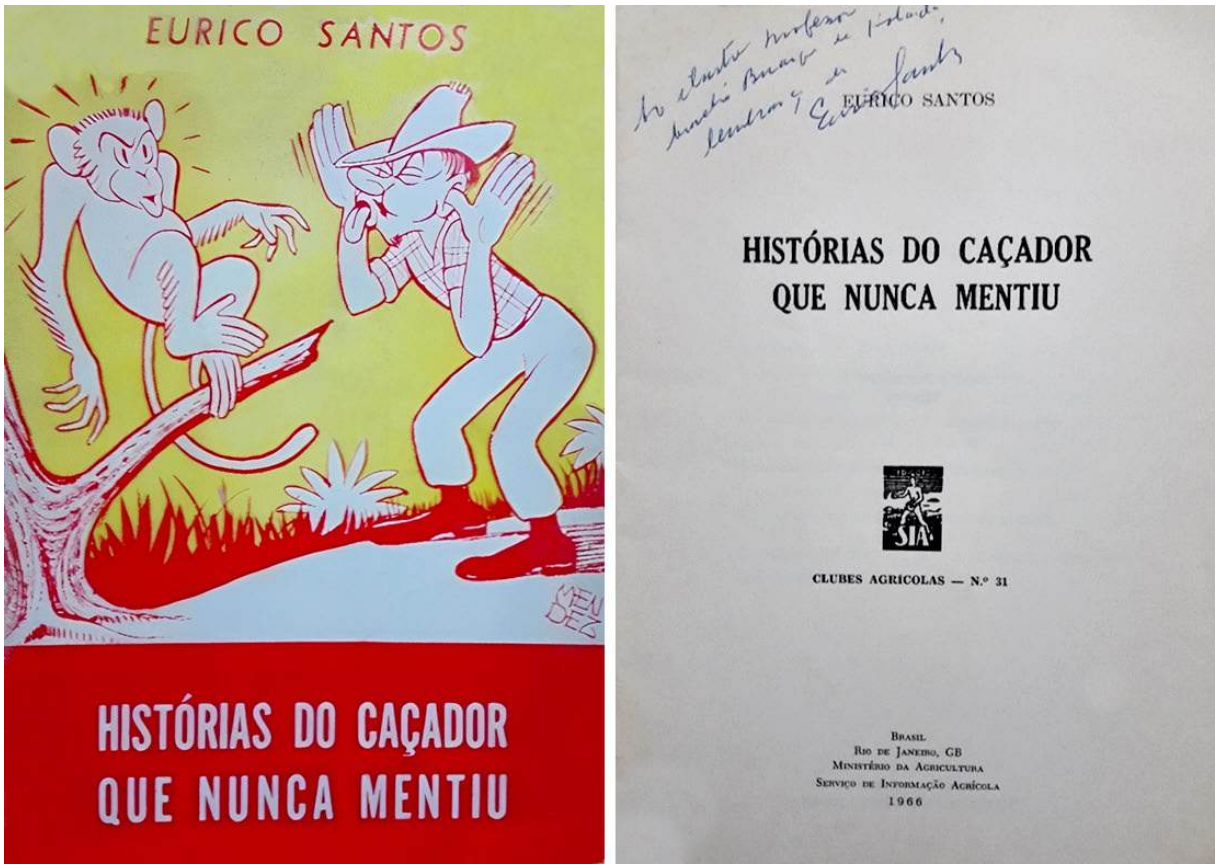

EURICO SANTOS

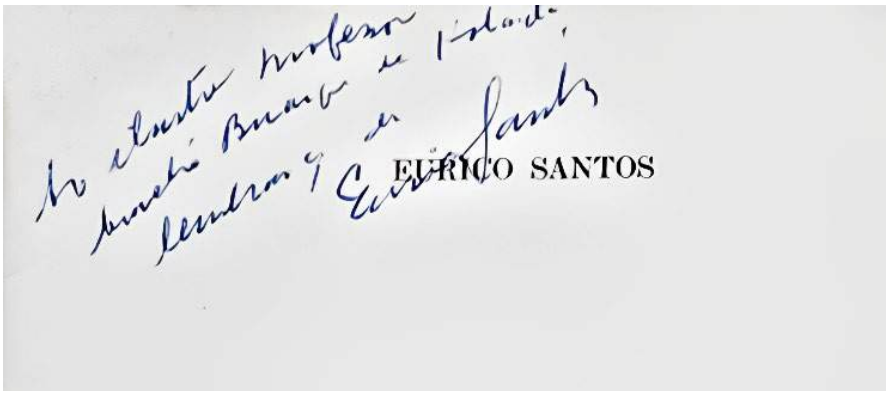
Série Clubes Agrícolas -- Nº 21

BRASIL RIO DE JANEIRO
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
SERVIÇO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA
1958

Folha de rosto do folheto *O mundo animal que nos cerca* (1958), com dedicatória de E.S.: "Ao ilustre patrício e amigo com muita simpatia de Eurico Santos".

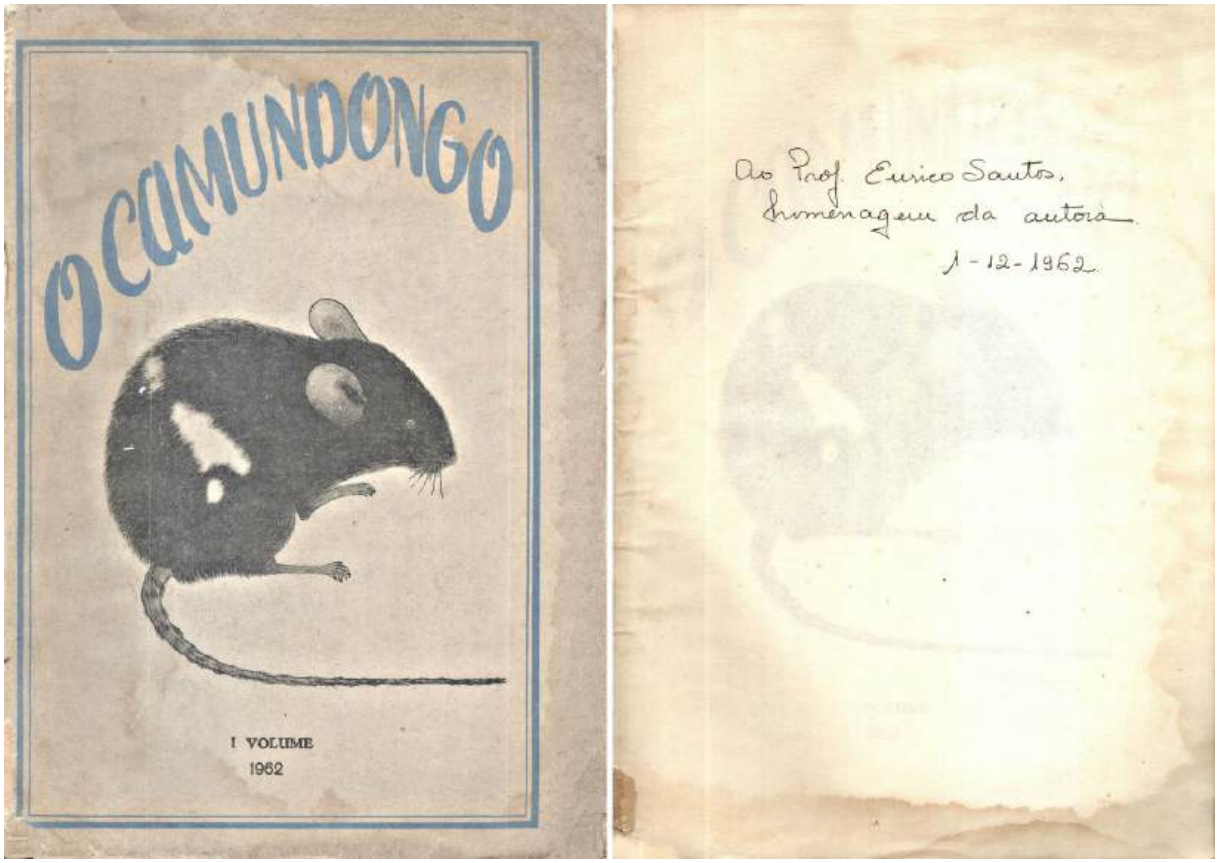
[2] Afonso Taunay foi professor, historiador, tradutor, lexicógrafo "de reconhecido mérito, especializado sobretudo na terminologia científica [...]. Segundo ocupante da cadeira 1, eleito em 7 nov. 1929 [...] foi recebido em 6 mai. 1930 pelo acadêmico Roquette-Pinto" (Academia Brasileira de Letras, 2003).





Capa e folha de rosto do folheto *Histórias do caçador que nunca mentiu* (1966): "Ao ilustre professor Aurélio Buarque de Holanda[3], lembranças de Eurico Santos".

[3] Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1910-1989), ensaísta, filólogo e lexicógrafo, organizador do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1975) (Academia Brasileira de Letras, 2003).



Imagens do exemplar *O camundongo* (1961), de Oridéa Fernandes, zoóloga do Ministério Saúde, autografado para E.S. em 1962.

Oridéa Ebba Zanasi Fernandes formou-se em farmácia na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil na década de 1930. Em 1951, foi encarregada do Biotério Geral do Instituto Oswaldo Cruz, no qual contava com a colaboração de um estudante de veterinária. Em 1960, foi uma das cinco pesquisadoras do instituto a liderar laboratório de pesquisa: Laboratório de Animais Estrangeiros, da Divisão de Zoologia Médica (Sousa, 2021, p.8)[4].

[4] SOUSA, Lia Gomes Pinto de. Mulheres que fazem ciência: pesquisadoras do Instituto Oswaldo Cruz e a profissionalização da pesquisa científica (Rio de Janeiro, 1938-1968). In: Encontro Internacional História & Parcerias, 3, 2010, evento virtual. *Anais*... Rio de Janeiro: Associação Nacional de História: Seção Rio de Janeiro, 2021. 13 p.



Folhetos de autoria de E.S..



"Das aves arroladas e estudadas pelos viajantes e cientistas que cruzaram, em várias épocas, as planícies e as terras baixas e alagadiças da faixa litorânea do território amapaense, se nos afigura como mais representativo o chamado flamingo ou ganso-cor-de-rosa, na linguagem local. Dizem que em tempos passados essas aves freqüentavam o delta do rio Amazonas, coisa que hoje não mais se verifica. Estão restritas à faixa atlântica do Estado do Amapá, única região em que atualmente ocorrem em território brasileiro (Oliveira, 2003, p.20)"

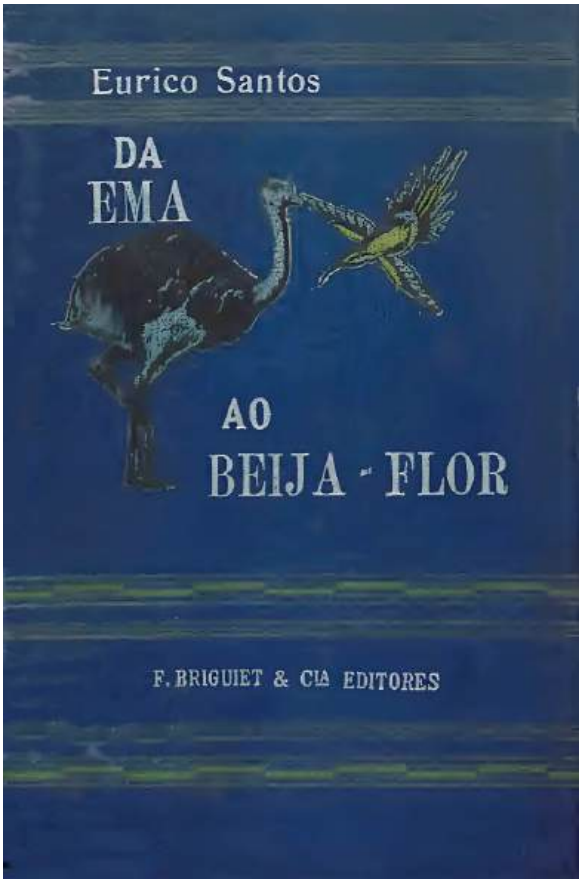
Capa da 2ª ed. de *Da ema ao beija-flor* (1952) estampando a gravura de um flamingo, espécie que tem ocorrência[5] pontual no extremo norte do Brasil.



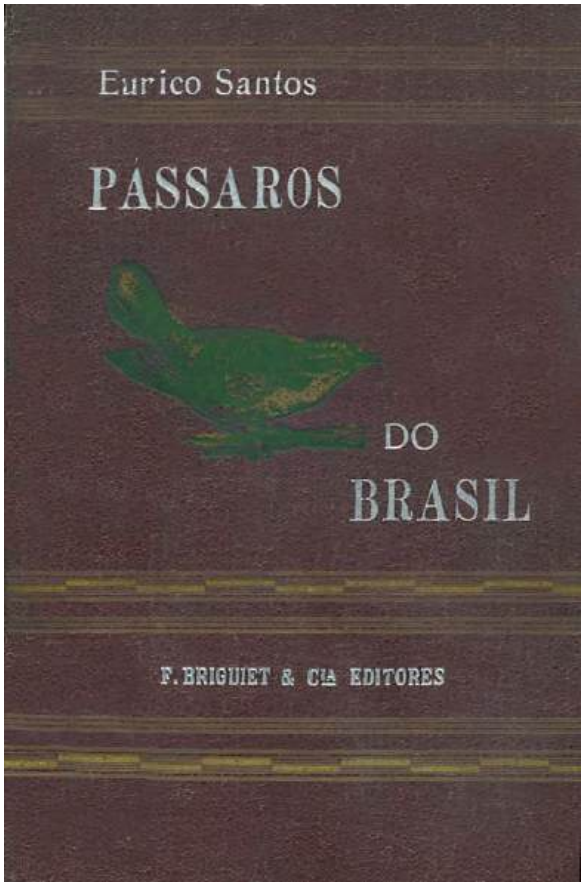
Desenho de um "flamingo americano" feito por John James Audubon (1785-1851), gravado e impresso por Robert Havell (1793-1878). Publicado em *Birds of America* (1871)[6].

[5] Disponível em: Wikiaves. Acesso em 19 set. 2023.

[6] AUDUBON, John James. *The Birds of America, from drawings made in the United States and their territories*. New York: G.R. Lockwood, 1871, p.168. v.VI.



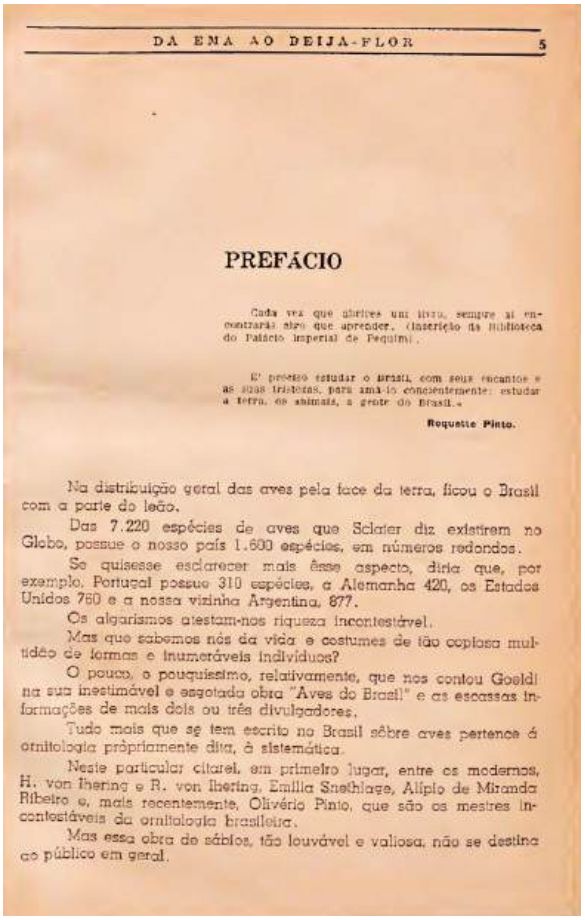
Primeira edição de *Da ema ao beija-flor* (1938), em capa dura, publicada por F. Briguiet & Cia.. Rio de Janeiro. Disponível em Archive.org.



Primeira edição de *Pássaros do Brasil* (1940), em capa dura, publicada por F. Briguiet & Cia., Rio de Janeiro. Disponível em Archive.org.



Caricatura de E.S., estudo de Kleber Sales para o livro Vox: arte, ciência e cultura no Brasil (Maia; Sales, 2017).



DA EMA AO BEIJA-FLOR 5

PREFÁCIO

Cada vez que abrires um livro, sempre aí encontrarás algo que aprender. (Inscrição da Biblioteca do Palácio Imperial de Pequim).

E' preciso estudar o Brasil, com seus encantos e as suas tristezas, para amá-lo conscientemente: estudar a terra, os animais, a gente do Brasil.»

Roquette Pinto.

Na distribuição geral das aves pela face da terra, ficou o Brasil com a parte do leão.

Das 7.220 espécies de aves que Sclater diz existirem no Globo, possue o nosso país 1.600 espécies, em números redondos.

Se quisesse esclarecer mais êsse aspecto, diria que, por exemplo, Portugal possue 310 espécies, a Alemanha 420, os Estados Unidos 760 e a nossa vizinha Argentina, 877.

Os algarismos atestam-nos riqueza incontestável.

Mas que sabemos nós da vida e costumes de tão copiosa multidão de formas e inumeráveis indivíduos?

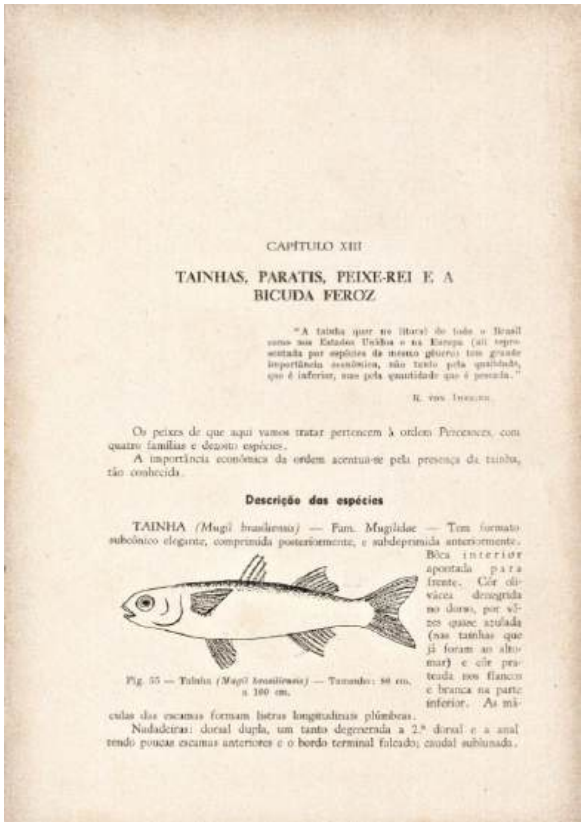
O pouco, o pouquíssimo, relativamente, que nos contou Goeldi na sua inestimável e esgotada obra "Aves do Brasil" e as escassas informações de mais dois ou três divulgadores.

Tudo mais que se tem escrito no Brasil sôbre aves pertence á ornitologia pròpriamente dita, á sistemática.

Neste particular citarei, em primeiro lugar, entre os modernos, H. von Ihering e R. von Ihering, Emilia Snethlage, Alípio de Miranda Ribeiro e, mais recentemente, Olivério Pinto, que são os mestres incontestáveis da ornitologia brasileira.

Mas essa obra de sábios, tão louvável e valiosa, não se destina ao público em geral.

Prefácio de *Da ema ao beija-flor* (1938, p.5), com epígrafe assinada por Edgard Roquette-Pinto (1884-1954).



CAPÍTULO XIII

TAINHAS, PARATIS, PEIXE-REI E A BICUDA FEROZ

"A tainha quer no litoral de todo o Brasil como nos Estados Unidos e na Europa (ali representada por espécies do mesmo gênero) tem grande importância econômica, não tanto pela qualidade, que é inferior, mas pela quantidade que é pescada."

R. von Ihering.

Os peixes de que aqui vamos tratar pertencem à ordem Percesoces, com quatro famílias e dezoito espécies.

A importância econômica da ordem acentua-se pela presença da tainha, tão conhecida.

Descrição das espécies

TAINHA (*Mugil brasiliensis*) — Fam. Mugilidae — Tem formato subcônico elegante, comprimida posteriormente, e subdeprimida anteriormente. Bôca inferior apontada para frente. Côr dívacea denegrida no dorso, por vêzes quase azulada (nas tainhas que já foram ao alto-mar) e côr prateada nos flancos e branca na parte inferior. As miúdas das escamas formam listras longitudinais plúmbeas.

Fig. 55 — Tainha (*Mugil brasiliensis*) — Tamanho: 80 cm. a 100 cm.

Nadadeiras: dorsal dupla, um tanto degenerada a 2.ª dorsal e a anal tendo poucas escamas anteriores e o bordo terminal falcado; caudal sublunada.

Do livro *Nossos peixes marinhos* (1952, p.102), com epígrafe assinada por Rodolpho von Ihering (1883-1939).

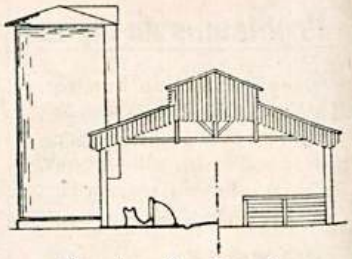


Criadeiro "NAS" Fundado em 1940 — Canários rolers de alto pedigrée importados dos Est. Unidos e Argentina em 1944-45-46-47-48
CANTO CLÁSSICO: exclusivamente nas cores verdes e pintados.
CANÁRIOS DE BOM CANTO: Branco, Amarelo, Laranja, Cinza, Prateado (beije) Baio e Baio dourado, Roseo (damasco) Bronze.
Criação técnica. Pavilhões distintos para cada "strain".
NESTOR A. SILVEIRA
Rua 19 de Fevereiro, 552-C — RIO GRANDE - **Est. R. G. Sul - BRASIL**

Entre o gambá e o macaco

O novo livro de EURICO SANTOS. Acaba de sair. 300 páginas com 71 gravuras sendo algumas coloridas. Trata da vida e costumes dos mamíferos do Brasil. Preço Cr$ 65,00 (sob registro ou pelo Reembolso Postal, Cr$ 68,00).

Pedidos à:
Livraria Agrícola da CHA. E QUI
Rua Tabatinguera, 122 São Paulo



Construções Rurais

4.a edição — **Eng.º Orlando Carneiro** - Prof. Cat. da Escola Sup. de Agr. "Luiz de Queiroz" da Un. de S. Paulo.
Generalidades ★ Materiais de construção ★ Habitações rurais ★ Construções rurais: Instalações agrícolas ★ Para bovinos — para equídeos — Instalações rústicas ★ para suinos — para caprinos — para ovinos — para abelhas — Construções diversas ★ Caixas dágua — Pontes — Boeiros — Mata-burros — Postes de concreto armado — Carvão vegetal — Forno para tijolos — Drenagem — Açudes — Saneamento! Combate aos fócos de malária — Fossas sépticas.
Nenhum fazendeiro adiantado pode deixar de possuir êste majestoso volume em sua estante. Uma obra completa, com plantas em tamanho grande, detalhadas, de tôdas as construções rurais. Exemplar, Cr$ 200,00. Pedidos á
LIVRARIA AGRÍCOLA DA CHA. E QUI — Rua Tabatinguera, 122-124 — S. Paulo.

Uma obra humanitária e de alta valia econômica, é a edição da "CHA. E QUI.", escrita por Eurico Santos:

As cobras Venenosas - Como conhecê-las e evitá-las - Tratamento do Ofidismo

Um volume esplendidamente ilustrado em preto e cores, impresso em ótimo papel e com capa colorida. — Resumo do Índice:
"O que são as serpentes" — Ligeiras informações biológicas sôbre ofídios — Quais as cobras que devemos julgar, praticamente, venenosas. — As cobras venenosas: como ditingui-las das que não o são. — Diferenciação das cobras venenosas e sua descrição. — Outras cobras venenosas de importância secundária: as "corais" — Os acidentes ofídicos. — Tratamento soroterápico da mordedura de cobra. — Tratamentos ineficazes e charlataneseos. — Profilaxia do ofidismo. — Inimigos naturais das cobras. — Lendas, mentiras e êrros a propósito de cobras.

Preço do exemplar Cr$ 20,00, mais o porte e registro

Pedidos à **EDITORA CHACARAS E QUINTAIS LTDA.**

RUA TABATINGUERA, 122-124 — SÃO PAULO

Proteção à fauna indígena

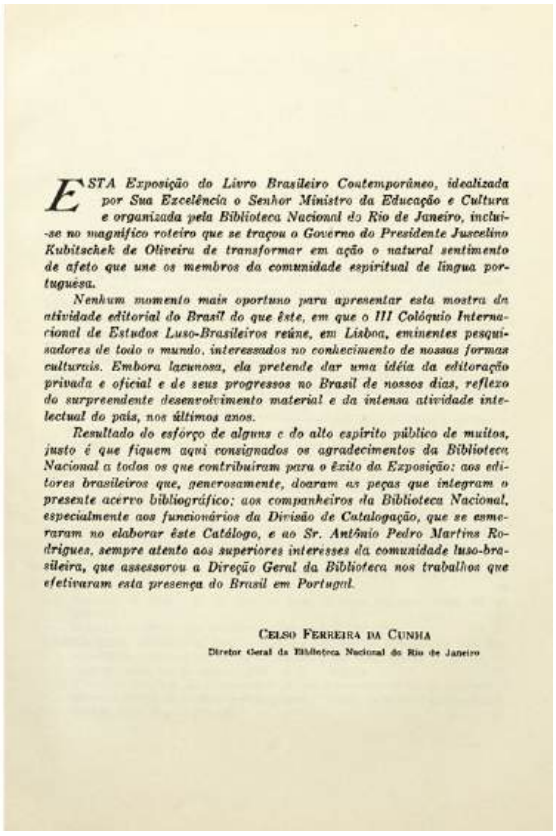
por Eurico Santos

Não deixem de ler a monografia n.º 39.º da vitoriosa série de folhetos sôbre lavoura, criação, ciências naturais e industrias rurais, "VAMOS PARA O CAMPO!" dedicada à "proteção à fauna indígena". Resumo do texto: Rememorando - Documentário Mecanismo da proteção — Animais que devemos proteger - A criação das espécies selvagens em cativeiro - Conservação dos animais selvagens.
Preço do exemplar: Cr$ 5,00.
Pedidos à CHA. E QUI. - c. postal 34-B
SÃO PAULO

Anúncios publicados na revista *Chacaras e Quintaes* em 1950.

“Esta Exposição do Livro Brasileiro Contemporâneo é uma contribuição do Brasil ao III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros e o seu acêrvo será distribuído por várias instituições culturais portuguesas. Foi inaugurada na tarde de 9 de Setembro de 1957 por Sua Excelência o Senhor Embaixador Álvaro Lins, representando o Governo do Brasil e os Brasileiros presentes ao III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros”.





ESTA Exposição do Livro Brasileiro Contemporâneo, idealizada por Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação e Cultura e organizada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, inclui-se no magnífico roteiro que se traçou o Governo do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira de transformar em ação o natural sentimento de afeto que une os membros da comunidade espiritual de língua portuguêsa.

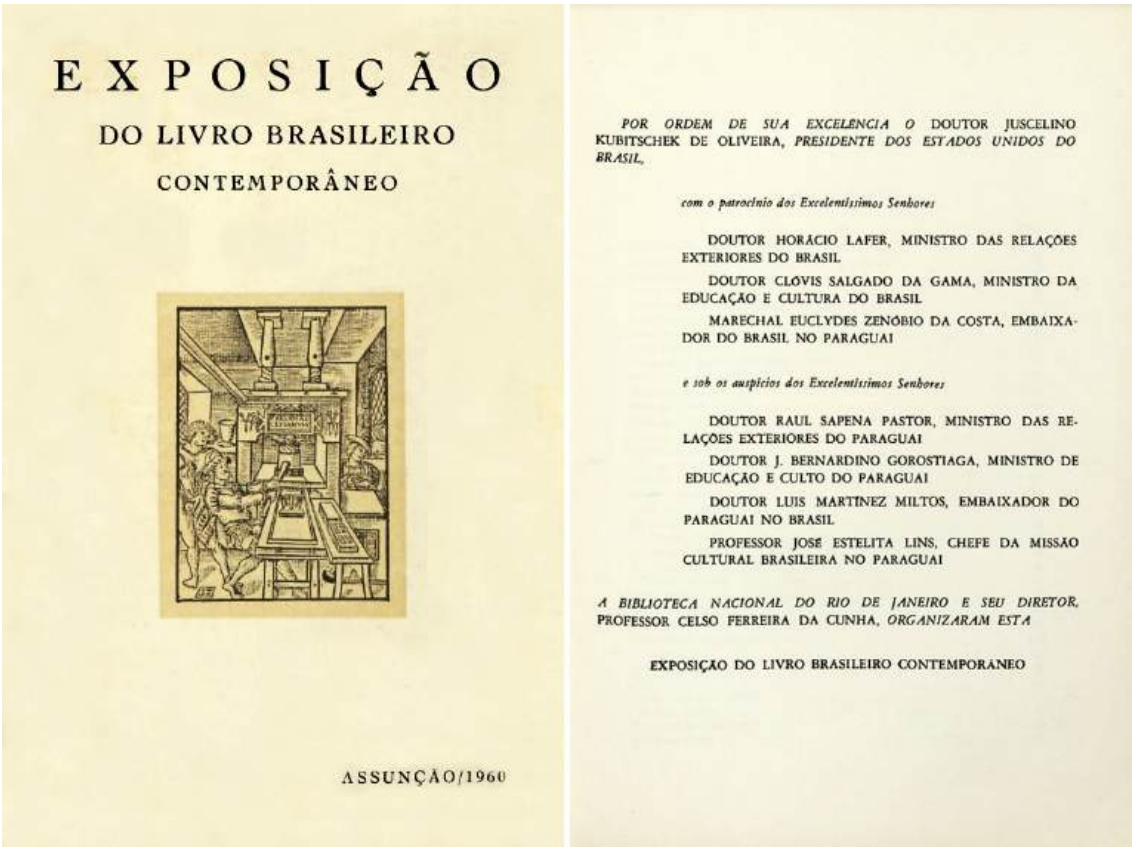
Nenhum momento mais oportuno para apresentar esta mostra da atividade editorial do Brasil do que êste, em que o III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros reúne, em Lisboa, eminentes pesquisadores de todo o mundo, interessados no conhecimento de nossas formas culturais. Embora lacunosa, ela pretende dar uma idéia da editoração privada e oficial e de seus progressos no Brasil de nossos dias, reflexo do surpreendente desenvolvimento material e da intensa atividade intelectual do país, nos últimos anos.

Resultado do esfôrço de alguns e do alto espírito público de muitos, justo é que fiquem aqui consignados os agradecimentos da Biblioteca Nacional a todos os que contribuíram para o êxito da Exposição: aos editores brasileiros que, generosamente, doaram as peças que integram o presente acêrvo bibliográfico; aos companheiros da Biblioteca Nacional, especialmente aos funcionários da Divisão de Catalogação, que se esmeraram no elaborar êste Catálogo, e ao Sr. Antônio Pedro Martins Rodrigues, sempre atento aos superiores interesses da comunidade luso-brasileira, que assessorou a Direção Geral da Biblioteca nos trabalhos que efetivaram esta presença do Brasil em Portugal.

CELSO FERREIRA DA CUNHA
Diretor Geral da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Catálogo da *Exposição do Livro Brasileiro Contemporâneo* — realizada em setembro de 1957 em Portugal, apresentado no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros[7] —, no qual são listados 12 livros de E.S..: ASSUNTOS — 398 — FOLCLORE — História, lendas e folclore de nossos bichos — 590 —ZOOLOGIA — Anfíbios e répteis do Brasil (vida e costumes), Da ema ao beija-flor (vida e costumes das aves no Brasil), Entre o gambá e o macaco (vida e costumes dos mamíferos do Brasil), O homem e a fauna no Brasil, Os moluscos (vida e costumes), Nossos peixes marinhos (vida e costume dos peixes do Brasil), Pássaros do Brasil (vida e costumes), Peixes da água doce (vida e costumes dos peixes do Brasil) , Proteção à fauna — 630 — AGRICULTURA — Combate aos ratos — 636 — ZOOTÉCNIA VETERINÁRIA — O amador de pássaros, captura, manutenção e criação.

[7] “O Primeiro Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros reuniu-se em Washington em outubro de 1950; o Segundo em São Paulo, em setembro de 1954. Conforme decisão tornada neste último, o próximo Colóquio reunir-se-á em Lisboa de 9 a 15 de setembro de 1957 [sob o patrocínio do Instituto de Alta Cultura e da Junta de Investigações do Ultramar]. Como os anteriores, o III Colóquio destina-se a promover o estudo da formação, desenvolvimento, difusão e manifestações características da civilização luso-brasileira em todos os lugares onde a sua presença se tem feito sentir. A apresentação e discussão das contribuições ao Colóquio será distribuída por sete secções; I. A Terra e o Homem; II. A Língua: III. A Literatura; IV. As Belas Artes; V. A Sociedade, a Política e a Economia; VI. O Ordenamento Jurídico; VII. Instrumentos de investigação e cultura. Haverá também sessões plenárias e sessões conjuntas de mais de uma secção (Paula, 1957)”. “O III Colóquio [...], destinou sua Secção I ao assunto "A Terra e o Homem" e, para debatê-lo, foram convidados geógrafos, etnólogos e historiadores de Portugal, do Brasil, bem como de outros países, especialistas em estudos luso-brasileiros. [...] Os temas focalizados pela Secção foram os seguintes: 1. A vida marítima; 2. A difusão das plantas cultivadas e de animais domésticos; 3. A cidade portuguêsa e a sua expansão no Atlântico, na África, no Brasil e no Oriente; 4. Os estabelecimentos rurais de colonização ("O monte", a "roça" e a "fazenda"); 5. Cruzamentos e contactos de civilização (IBGE, 1958)”.



EXPOSIÇÃO

DO LIVRO BRASILEIRO

CONTEMPORÂNEO

ASSUNÇÃO/1960

POR ORDEM DE SUA EXCELENCIA O DOUTOR JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA, *PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL,*

com o patrocinio dos Excelentissimos Senhores

DOUTOR HORACIO LAFER, MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL

DOUTOR CLÓVIS SALGADO DA GAMA, MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA DO BRASIL

MARECHAL EUCLYDES ZENÓBIO DA COSTA, EMBAIXADOR DO BRASIL NO PARAGUAI

e sob os auspicios dos Excelentissimos Senhores

DOUTOR RAUL SAPENA PASTOR, MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO PARAGUAI

DOUTOR J. BERNARDINO GOROSTIAGA, MINISTRO DE EDUCAÇÃO E CULTO DO PARAGUAI

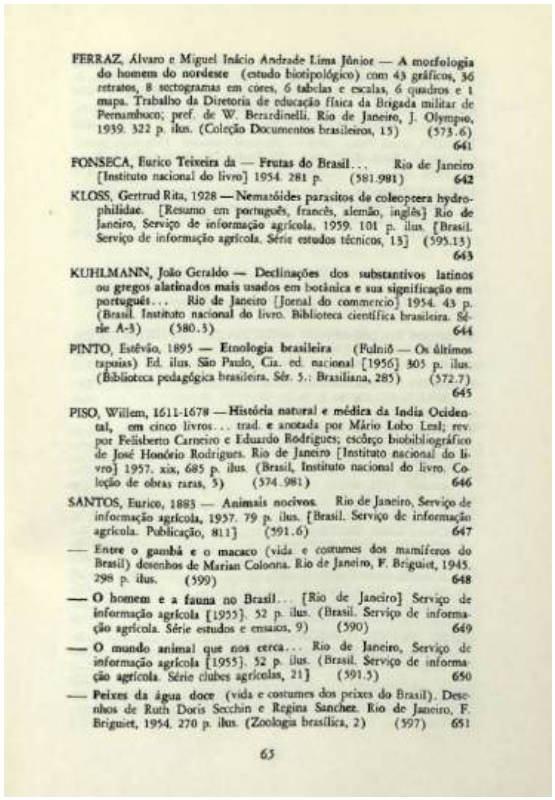
DOUTOR LUIS MARTINEZ MILTOS, EMBAIXADOR DO PARAGUAI NO BRASIL

PROFESSOR JOSÉ ESTELITA LINS, CHEFE DA MISSÃO CULTURAL BRASILEIRA NO PARAGUAI

A BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO E SEU DIRETOR, PROFESSOR CELSO FERREIRA DA CUNHA, *ORGANIZARAM ESTA*

EXPOSIÇÃO DO LIVRO BRASILEIRO CONTEMPORANEO

Catálogo da *Exposição do Livro Brasileiro Contemporâneo* — realizada em dezembro de 1960 no Paraguai —, no qual são listados sete livros de E.S..



FERRAZ, Álvaro e Miguel Inácio Andrade Lima Júnior — **A morfologia do homem do nordeste** (estudo biotipológico) com 43 gráficos, 36 retratos, 8 sectogramas em côres, 6 tabelas e escalas, 6 quadros e 1 mapa. Trabalho da Diretoria de educação física da Brigada militar de Pernambuco; pref. de W. Berardinelli. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959. 322 p. ilus. (Coleção Documentos brasileiros, 15) (573.6) 641

FONSECA, Eurico Teixeira da — **Frutas do Brasil**... Rio de Janeiro [Instituto nacional do livro] 1954. 281 p. (581.981) 642

KLOSS, Gertrud Rita, 1928 — **Nematóides parasitos de coleopteros hydrophilidae**. [Resumo em português, francês, alemão, inglês] Rio de Janeiro, Serviço de informação agrícola, 1959. 101 p. ilus. [Brasil. Serviço de informação agrícola. Série estudos técnicos, 13] (595.13) 643

KUHLMANN, João Geraldo — **Declinações dos substantivos latinos ou gregos alatinados mais usados em botânica e sua significação em português**... Rio de Janeiro [Jornal do commercio] 1954. 43 p. (Brasil. Instituto nacional do livro. Biblioteca científica brasileira. Série A-3) (580.5) 644

PINTO, Estêvão, 1895 — **Etnologia brasileira** (Fulniô — Os últimos tapuias) Ed. ilus. São Paulo, Cia. ed. nacional [1956] 305 p. ilus. (Biblioteca pedagógica brasileira. Sér. 5.: Brasiliana, 285) (572.7) 645

PISO, Willem, 1611-1678 — **História natural e médica da India Ocidental**, em cinco livros... trad. e anotada por Mário Lobo Leal; rev. por Felisberto Carneiro e Eduardo Rodrigues; escôrço biobibliográfico de José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro [Instituto nacional do livro] 1957. xix, 685 p. ilus. (Brasil, Instituto nacional do livro. Coleção de obras raras, 5) (574.981) 646

SANTOS, Eurico, 1883 — **Animais nocivos**. Rio de Janeiro, Serviço de informação agrícola, 1957. 79 p. ilus. [Brasil. Serviço de informação agrícola. Publicação, 811] (591.6) 647

— **Entre o gambá e o macaco** (vida e costumes dos mamíferos do Brasil) desenhos de Marian Colonna. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1945. 298 p. ilus. (599) 648

— **O homem e a fauna no Brasil**... [Rio de Janeiro] Serviço de informação agrícola [1955]. 52 p. ilus. (Brasil. Serviço de informação agrícola. Série estudos e ensaios, 9) (590) 649

— **O mundo animal que nos cerca**... Rio de Janeiro, Serviço de informação agrícola [1955]. 52 p. ilus. (Brasil. Serviço de informação agrícola. Série clubes agrícolas, 21] (591.5) 650

— **Peixes da água doce** (vida e costumes dos peixes do Brasil). Desenhos de Ruth Doris Secchin e Regina Sánchez. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1954. 270 p. ilus. (Zoologia brasílica, 2) (597) 651

65

ASSUNTOS — 330-338 ECONOMIA — O Urucu — 570-580-590 — BIOLOGIA - BOTÂNICA – ZOOLOGIA — Animais nocivos, Entre o gambá e o macaco (vida e costumes dos mamíferos do Brasil), O homem e a fauna no Brasi, O mundo animal que nos cerca, Peixes da água doce (vida e costumes dos peixes do Brasil), O que convém saber sobre moscas e mosquitos.

A MURÇA DO TRAJE MAJESTÁTICO DO IMPERADOR

Segundo alguns autores, o manto de D. Pedro II era feito com as penas do galo da serra, meadas com as de tucanos e araçaris. Até falaram em tributo, a que estavam sujeitos os índios da Amazônia, tributo pago com as penas referidas. Há quem duvide do fato, e há também quem afirme ser verdadeiríssimo. Eis aí como se cria um dos mais penosos enigmas da indumentária imperial (Santos, 1941, grifo nosso)[8].

Os galos-da-serra, as alvas garças, os rosados colheiros, os dourados jacamares, os metálicos tragônidas, as curiosas e pequenas tânagras de sete cores, os vistosos papagaios e outros pássaros mais, forneciam-lhe um variado e farto sortimento de penas apropriadas à produção dos mais bizarros efeitos (Wallace, 2004, p.305)[9].



Um raro, belo e curioso pássaro brasileiro — O Galo da Serra

EURICO SANTOS

Afundado nas florestas do extremo norte da Amazônia, no sul da Venezuela e nas Guianas, vive uma das espécies do mundo alado sôbre a qual muito pouco se conhece. Sabe-se apenas que é linda como um crômo, côr de laranja vegetalmente tingida de vermelho, colorido brilhante, que se espalha por todo o corpo, excepto as asas dum cinzento escuro, sendo que as rêmiges secundárias ostentam orlas alaranjadas. A cauda é parda acinzentada com um debrum laranja. Bico e pés amarelados.

Mas o que muito caracteriza tal ave é o originalíssimo tapete, formado pelas plumas do alto da cabeça, que se arrumam muito penteadinhas dos lados para cima, numa crista larga e em semi-circulo. Tal é a roupagem dos machos na quadra nupcial.

Veste-se a fêmea muito mais modestamente, com um uniforme pardo oliváceo, apenas com toques amarelos no uropígio, cauda abome e coberteiras inferiores das asas. Bico e pés de côr parda oliváceo como a plumagem.

O tamanho do **galo da serra,** ou **galo do Pará,** (Rupicola r. rupicola) como também é chamado, regula 32 cms. notabilizando-se os tarsos, um tanto altos (27 mm) que se mostram bastante emplumados.

O conjunto descrito reveste a magnífica ave duma silhueta que surpreende e encanta.

Da sua vida passada nos âditos das grandes florestas equatoriais pouco transpiro. Sabe-se apenas, pela narrativa de Humboldt e Schomburgk, que costumam realizar bailados nas clareiras das florestas.

E' o baile de núpcias. Torneio de graça e amor, uma paginazinha de "féerie", para ilustrar os livros das histórias infantis.

Schomburgk, o feliz espectador desta cena miri-fica, assim descreve o incrível bailado: "Os arbustos em derredor mantinham uma vintena de convidados entre machos e fêmeas. Num lageado, que era o palco, exibia-se um macho, o qual percorria o tablado em todos os sentidos, executando passos e movimentos surpreendentes. Ora entreabria as asas, lançando a cabeça para a direita e para a esquerda; escavava o solo com as patas; saltitava repetidamente no mesmo lugar, com maior ou menor rapidez; ora fazia roda com a cauda e, após em passadas graves, como que impando de orgulho, passeava em tôrno da lage, até que, fatigado, fazia ouvir um grito, bem diferente da sua voz costumeira e então voava para o mais próximo ramo. Outro macho, a seguir, vinha-lhe ocupar o lugar, mostrando igualmente a sua garridice, leveza e desembaraço e depois outro e outro sucessivamente".

Vemos pela descrição que sòmente os machos se exibem nesta parada de elegância e não resta dúvida que se trata dum bailado de sedução.

As fêmeas, com a mais dissimulada indiferença, julgam a beleza dos seus admiradores e, naturalmente, preferem êsse ou aquele. R. Schomburgk acrescenta até que as fêmeas, quando o macho termina o bailado, soltam um grito especial, uma espécie de aplauso.

O nome do galo parece provir do hábito, que têm tais aves, de ciscar, no chão, à maneira dos galináceos, e, ainda pelo fato de baterem as asas, como o nosso vigilante chantecler.

Segundo alguns autores, o manto de D. Pedro II era feito com as penas do **galo da serra,** meadas com as de **tucanos** e **araçaris.**

Até falaram em tributo, a que estavam sujeitos os índios da Amazônia, tributo pago com as penas referidas. Há quem duvide do fato, e há também quem afirme ser verdadeirissimo.

Eis aí como se cria um dos mais penosos enigmas da indumentária imperial.

O galo da serra exibe sua linda crista

O **galo da serra,** segundo Euler, faz um ninho aberto sôbre os rochedos e a postura tem lugar duas vezes ao ano, dezembro e abril. Os ovos, dois em cada postura, são esbranquiçados e cobertos de pontuações pardo-amarelas.

Humboldt informava que o ninho era colocado ao longo das paredes dos rochedos, entre fendas, e Schomburgk diz que era fixado à rocha como o ninho das andorinhas, colado por meio duma resina.

Os indígenas da região do Orenoco ofereceram a Humboldt gaiolas com **galos da serra** jovens, nunca porém machos no seu traje adulto.

A carne é delicada, mas dum vermelho laranja que muito a singulariza.

Alimenta-se de frutos.

Emilia Snethlage e H. v. Ihering dão o galo da serra

NOVEMBRO, 1941

— 57 —

O texto sobre o galo da serra, extraído do livro *Pássaros do Brasil* (1940) e publicado na revista *O Campo*, n.143, p.57-58, 1941, com alguns acréscimos, espelha as características do trabalho de composição de conteúdos de E.S. — menção a pesquisadores, referências bibliográficas científicas e condescendência da caç ("A carne é delicada, mas dum vermelho laranja que muito a singulariza") — e dá dicas sobre o seu círculo de amizades e rede de interlocutores.

[8] Revista *O Campo*, 1941, n.143, p.57.
[9] WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Notas de Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, 2004. p.292 (Edições do Senado Federal, v.17).

Citações sobre o manto do imperador:

> Por sua vez, o pobre garoto assustado, com seus quinze anos, mal escondia o temor debaixo da roupa tão volumosa e desajeitada, da coroa pesada e especialmente esculpida para aquela ocasião, do cetro comprido que continha na ponta uma serpe, o símbolo dos Bragança, do manto verde, com os ramos de cacau e tabaco, que se arrastava pelo chão, em razão da baixa estatura do novo imperador, da murça feita de **penas de galo-da-serra** e idealizada na época de seu pai como homenagem às aves e aos caciques da terra. Diziam, na época, que a murça de **galo-da-serra** teria sido encomendada por um comerciante a um grupo de índios Tirió, como presente ao imperador. A peça tornou-se, então, fundamental na indumentária dos imperadores brasileiros, sendo substituída, nos anos 60, por outra, feita de **penas de papo de tucano**. Nesse caso, não só o colorido era mais vivo, como sua manufatura mais artificial. De toda forma era a monarquia que, simbolicamente, "tropicalizava-se" (Schwarcz, 1998, p.78, grifo nosso).

> [...] o Império de um monarca 'genuinamente brasileiro, unificado pela cultura'. O diálogo entre o estilo europeu e os novos elementos nacionais é evidente. A constelação Cruzeiro do Sul e outras estrelas brasileiras mostram o céu do Brasil. O cabeção **de penas de papo de tucano**, a obreia ruiva de **penas de galo-da-serra** fazem referência aos nossos indígenas: um adorno de caciques, como se comentava na época (Schwarcz, 1998, p.81, grifo nosso).

> Com a Ordem do Cruzeiro do Sul, sempre no peito, em meio a uma coroa de estrelas, os ramos de tabaco e café, a coroa clássica de louros (simbolicamente substituída, por Gonçalves Dias em *Os Timbiras* [1857], por uma outra feita com flores brancas de acácia e as amarelas do sassafrás, numa metáfora iluminadora do indianismo), a murça de **penas de galo-da-serra** e depois de papo de tucano — quase um cocar da realeza —, a medalha de Paissandu... tudo colaborava para a construção de uma identidade feita de muitos empréstimos e várias incorporações (Schwarcz, 1998, p.141, grifo nosso).

> O mantéu forrado de sêda amarela que guarnece os ombros e esconde a abertura do manto é feito de **plumas de tucano** cuja côr alaranjada se harmoniza perfeitamente ao resto do uniforme. O bordado de estilo largo lembra, pela sua forma, frutos de folhas de palmeiras e frutos da mesma árvore; grandes estrelas de oito pontas, semeadas no fundo, completam a riqueza dêsse manto cuja execução merece justos elogios (Debret, 1940, t.2, p.167, grifo nosso).



Coroação de D. Pedro I (1828), por Jean-Baptiste Debret (1768-1848), óleo sobre tela, 340 x 640 cm. Acervo Artístico do Ministério das Relações Exteriores, Palácio Itamaraty.



O ato de coroação de D. Pedro II (1842), por François-René Moreaux (1807–1860), óleo sobre tela, 238 x 310 cm. Acervo do Museu Imperial. Na tela de Moreaux, que “documenta o evento de 18 de julho de 1841, o imperador, então com catorze anos de idade, recebe a coroa imperial das mãos do primaz do Brasil, d. Romualdo Antônio de Seixas. O acontecimento é retratado com grande pompa pelo artista, que destacou alguns personagens importantes da corte. Logo atrás, um pouco acima, as irmãs do imperador assistem à solenidade (Schwarcz, 1998, fig. 10).



Murça do traje majestático, em corte de pelerine com abertura até o meio do peito. Revestida em penas de papo de tucano-de-bico-preto[10], sobrepostas sucessivamente de baixo para cima formando gomos verticais, em suporte de tecido. Debruada com cadarço de algodão, cujas pontas servem para atar ao pescoço. Forro em seda com reforço do mesmo tecido (Acervo do Museu Imperial)[11].





À esquerda, D. Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança em uniforme de gala, gravura de Jean-Baptiste Debret (1768–1848), Acervo da Fundação Biblioteca Nacional[12]. À direita, o Traje Majestático de D. Pedro II, "O Magnânimo". O traje foi usado na coroação e por mais 48 anos, duas vezes ao ano, nas cerimônias de abertura e fechamento das sessões da Câmara e do Senado, ritual inaugurado por D. Pedro I em 1823[13].

[10] *Ramphastos vitellinus ariel*.
[11] Disponível em: Museu Imperial. Acesso em 24 ago. 2023.
[12] DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Impresa Oficial do Estado de São Paulo, 2016. p. 459, prancha 106.
[13] Disponível em: Museu Imperial. Acesso em 24 ago. 2023.



Tucano-de-bico-preto *Ramphastos vitellinus*. Cromolitografia do artista plástico, escritor e explorador inglês, Edward Lear (1812-1888)[14].

[14] GOULD, John. *A monograph of the ramphastidae, or family of toucans*. London: Published by the author, 1833..



Tucano-de-bico-preto *Ramphastos vitellinus*. Fotografia de Leonardo Casadei (2013)[15].





[15] Wikiaves. Acesso em 24 ago. 2023.



D. Pedro II na abertura do parlamento (Melo, 1872), acervo do Museu Imperial. A tela de Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905) retrata cerimônia realizada duas vezes por ano, abertura e encerramento da Assembleia Geral, ocasiões em que o imperador era visto com o traje majestático completo, coroa e cetro (Schwarcz, 1998, fig. 35).

CURIOSIDADES SOBRE A *INTRODUÇÃO, O DISTRITO FEDERAL DOM PEDRO II E A FAMÍLIA IMPERIAL*



Revista Illustrada (n.347, p.8), publicado em 30 jun. 1883, satirizando as nações escravocratas. Ilustração de Angelo Agostini (1843-1910).

Transcrição do diálogo abaixo da ilustração:

"— Queira perdoar, mas... com aquelle negrinho não pode entrar.
— Mas é que eu não posso separar-me delle: é quem me veste, que me dá de comer, quem... quem me serve em tudo afinal!
— É que... Enfim, em attenção ás illustres qualidades pessoaes de tão sábio soberano, creio que as nações civilisadas não duvidarão em admittil-o."



Anno 8. — Rio de Janeiro 1883. — Nº 347

REVISTA ILLUSTRADA

CORTE — PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI. A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas A RUA DE GONÇALVES DIAS, Nº 66, 1º ANDAR. — PROVINCIAS

Theatro-politico. Dona Joannita e Nini

Capa da edição n.347 do folhetim *Revista Illustrada*[16], publicado em 30 jun. 1883, dois dias após o nascimento de E.S., satirizando o imperador Pedro II (1825-1891). Ilustração de Angelo Agostini (1843-1910).



Anno XIV — Rio de Janeiro — Segunda-feira 14 de Maio de 1888 — N. 135

GAZETA DE NOTICIAS

BRAZIL LIVRE

1888 — TREZE DE MAIO — 1888

EXTINCÇÃO DA ESCRAVIDÃO

LEI N. 3353 DE 13 DE MAIO DE 1888

DECLARA EXTINCTA A ESCRAVIDÃO NO BRAZIL

A Princeza Imperial Regente em nome de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II: Faz saber a todos os subditos do Imperio, que a Assembléa Geral decretou e Ella sanccionou a lei seguinte:

Art. 1.º E' declarada extincta desde a data d'esta lei a escravidão no Brazil.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Manda portanto a todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O secretario de Estado dos Negocios da Agricultura e interino dos Negocios Estrangeiros, bacharel Rodrigo Augusto da Silva a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1888, sexagesimo setimo da Independencia e do Imperio.

PRINCEZA IMPERIAL REGENTE.

RODRIGO AUGUSTO DA SILVA.

Carta de lei pela qual Sua Alteza Imperial manda executar o decreto da Assembléa Geral, que houve por bem sanccionar, declarando extincta a escravidão no Brazil como n'ella se declara, para Vossa Alteza Imperial ver.

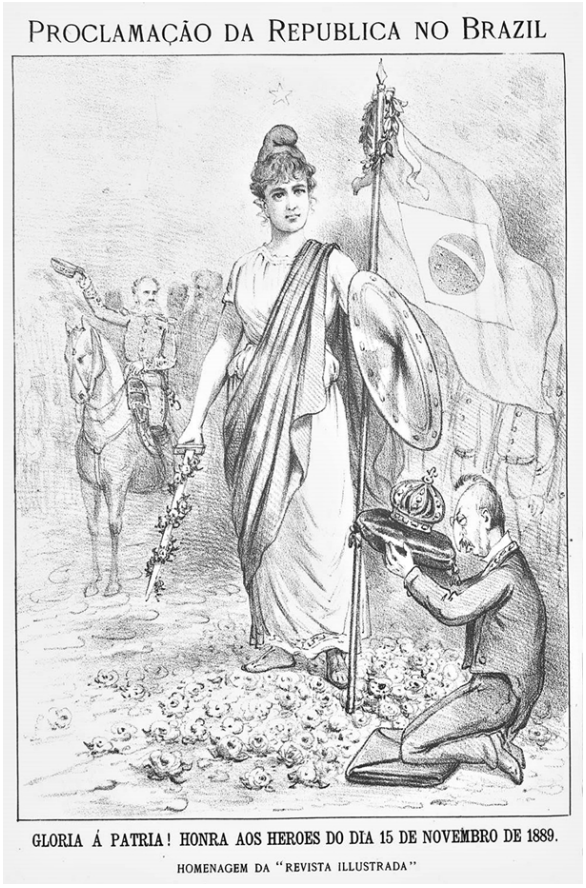
Chancellaria-mór do Imperio. — Transitou em 13 de Maio de 1888.

Antonio Ferreira Vianna. — José Julio de Albuquerque Barros.

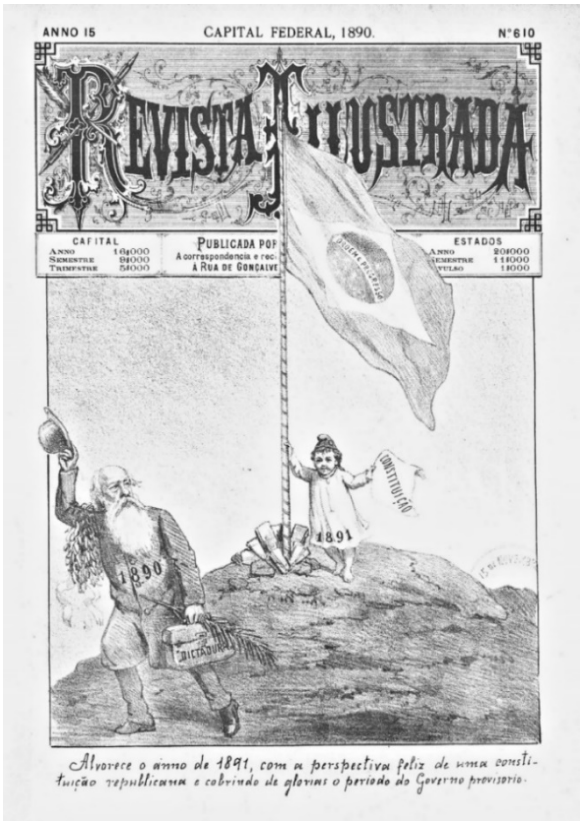
A JOSÉ DO PATROCINIO, A GAZETA DE NOTICIAS

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 14 mai. 1888.

[16] *Revista Illustrada*: "folha literária, artística e, principalmente, política", que circulou no Rio de Janeiro no período 1876-1898, criada por Angelo Agostini (1843-1910), "natural de Farcelle, sul da Itália [...] morou grande parte de sua vida em Paris [...] Chegou ao Brasil em 1859" (Dicionário histórico-biográfico da Primeira República, 2015, p.6799).



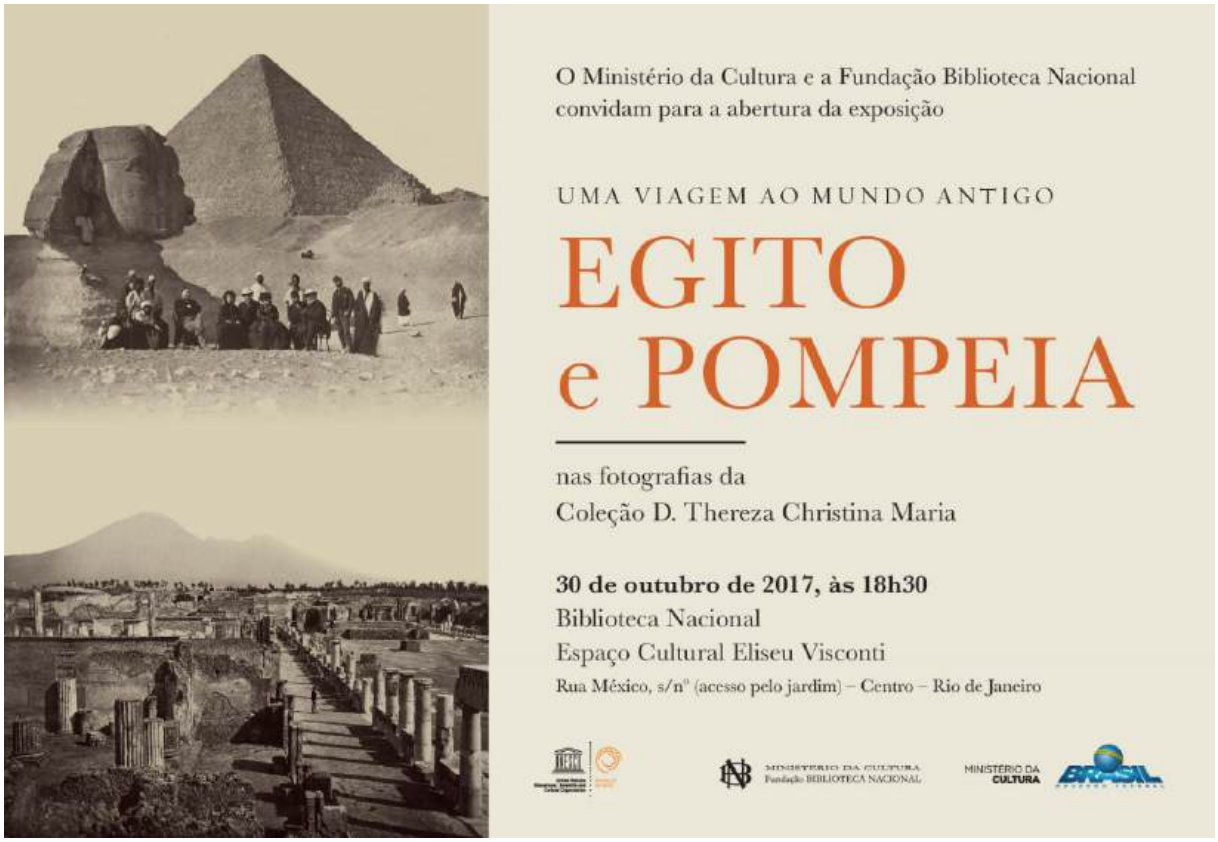
Revista Illustrada n.569, p.10, publicada em novembro de 1889.



Capa da edição n.610 da *Revista Illustrada*, publicada em dezembro de 1890.

Legenda da imagem: “Alvorece o anno de 1891, com a perspectiva feliz de uma constituição replubicana e cobrindo de glorias o periodo do Governo provisório”.

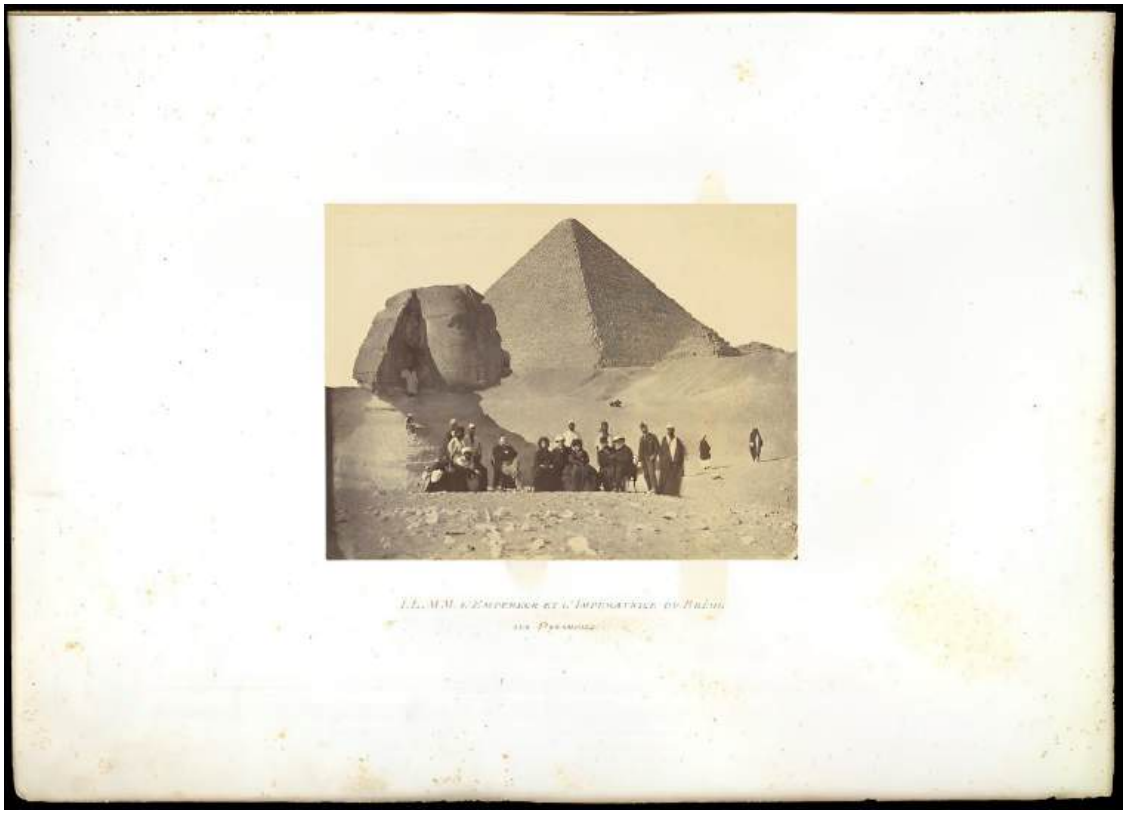
A *Coleção D. Thereza Christina Maria* foi assim nominada em atendimento à vontade de D. Pedro II, quando em seu exílio parisiense decidiu doar sua biblioteca ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Biblioteca Nacional — que recebeu, então, a maior doação de sua história. Eram livros, periódicos, mapas, estampas, impressos efêmeros, partituras e milhares de fotografias. [...] tal acervo está inscrito no Registro Internacional da Memória do Mundo, da Unesco. É sinal de reconhecimento da mais abrangente coleção de fotografias formada por um governante do século XIX, quando foi inventado este processo[17].



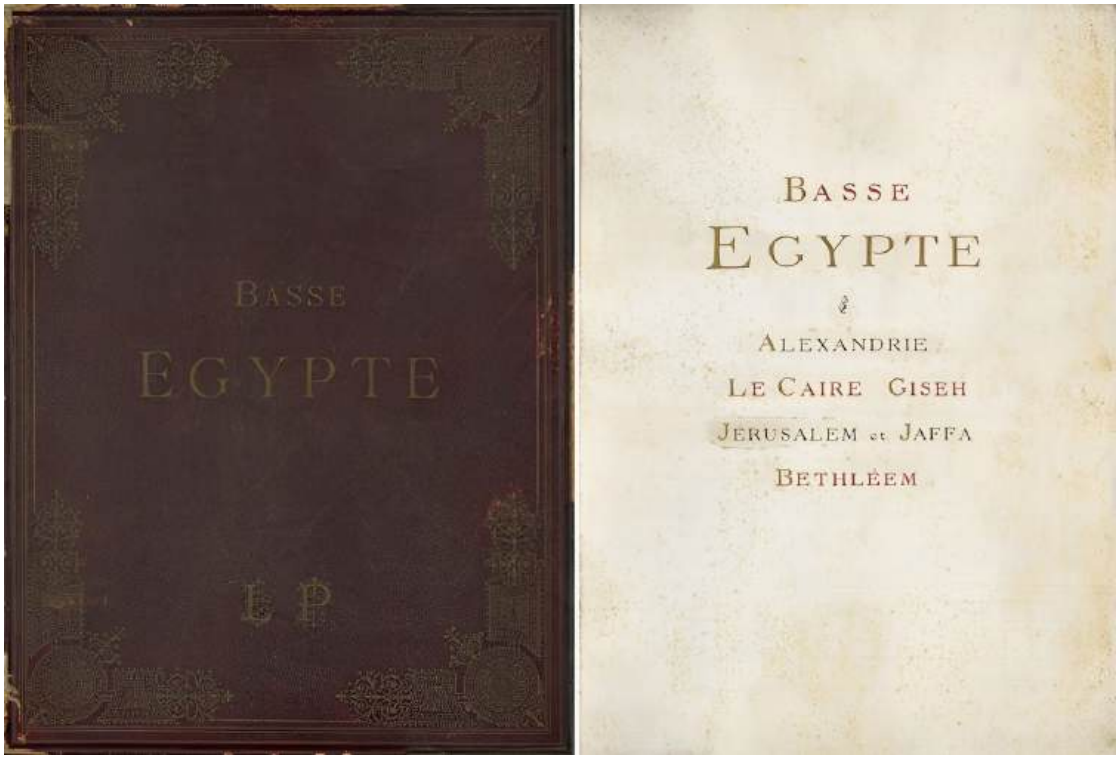
Cartaz da exposição *Uma viagem ao mundo antigo: Egito e Pompeia* em 2017.

Criado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco em 1992, o Programa Memória do Mundo (Memory of the World - MoW) reconhece documentos e conjuntos documentais e bibliográficos como patrimônio da humanidade, com o objetivo de garantir sua preservação, ampliar sua difusão e estimular o acesso de pesquisadores e do público em geral. Os documentos relativos às viagens do Imperador D. Pedro II pelo Brasil e pelo Mundo — doados ao Museu Imperial pelo príncipe d. Pedro Gastão de Orleans e Bragança, bisneto de d. Pedro II, em 1949 — reúnem diários, itinerários de viagens, correspondências, registros de visitas, contatos do imperador, relatórios de despesas, periódicos, panfletos, programas, homenagens, convites e desenhos, totalizando 2.120 itens.

[17] Disponível em: Biblioteca Nacional Digital. Acesso em: 1 mar. 2024.



D. Pedro II e sua comitiva visitando o Egito em 1871. Cópia fotográfica albuminada 20 x 26 cm em cartão-suporte 45 x 61 cm em álbum 63 x 49 cm.



Capa e folha de rosto do álbum (63 x 49 cm) "*Basse Egypte: Alexandrie, Le Caire, Giseh, Jérusalem et Jaffa, Bethléem* [Baixo Egito: Alexandria, Cairo, Gizé, Jerusalém e Jafa, Belém], editado pela Librairie Auguste Fontaine, [187-]".



D. Pedro II e sua comitiva visitando Gizé, Egito, em 1871. Sentados, da esquerda para a direita: Mariette (egiptólogo e diretor do Museu de Bulaq, atual Museu Egípcio), D. Josefina da Fonseca Costa (dama da Imperatriz), Visconde de Bom Retiro (Luís Pedreira do Couto Ferraz), D. Teresa Cristina Maria, homem não identificado e D. Pedro II. Em segundo plano a esfinge de Gizé; ao fundo a Grande Pirâmide de Quéops. Foto: H. Délié & E. Béchard.



Trechos das transcrições dos *diários de d. Pedro II* (1840-1891)[18].

[18] BEDIAGA, Begonha (org.). *Diários do Imperador D. Pedro II* (1840-1891). Petrópolis: Museu Imperial, 1999.. Disponível em: https://museuimperial.museus.gov.br/diarios/. Acesso em: 1 mar. 2024.

3 de novembro de 1871 - A mesquita de Mohamed-Ali ainda merece algumas palavras. O interior é de alabastro e vastíssimo e o zimbório eleva-se majestoso. Muitos passarinhos esvoaçavam chilrando [sic] dentro da mesquita e os árabes consideram isto como sinal de felicidade. [...] Este dia também foi notável pela visita do Museu de antigüidades de Bulak. Mr. Mariette[19] tudo explicou-me e fiquei maravilhado do grau de perfeição da escultura entre os Egípcios, 4.000 anos antes de J. C. [...] Não tenho sentido calor abrasador e as madrugadas e noites do Cairo são belíssimas e muito agradáveis nesta estação. As ruas são verdadeiros formigueiros, e que fedor! Não falo da parte da cidade que se tem europeizado (Viagem ao exterior, 3ª parte - Egito e Europa, v.13, p.330).

4 de novembro de 1871 - Estou muito cansado e atirar-me-ia já na cama se as saudades não exigissem que lhe desse as mais afetuosas boas noites. Adeus, cara amiga! Nada me interessa completamente longe de Você. Adeus! Depois de ouvir missa na igreja dos Franciscanos à qual só a pé se pode chegar por causa destas ruas que parecem galerias de formigas fui às Pirâmides de Gizeh O caminho quase todo por alamedas de acácias, das quais muitíssimas trançam entre si as comas do verde o mais esplêndido é condigno vestíbulo de tão venerando monumentos. Parecem pequenos até chegar a eles e só se faz idéia da altura da grande pirâmide quando se observam os que por ela trepam e vão-se tornando cada mais pigmeus. Subi facilmente ajudado pelos árabes e no cimo reunimo-nos mais de 30. Da minha companhia só foram Bom Retiro e o egiptólogo distinto dr. Brugsch, que muito tem simpatizado comigo e dado-me informações interessantíssimas. Também galgaram a pirâmide 11 de 17 moças nos Estados Unidos, que consta pertencerem a uma sociedade emancipadora [sic] das mulheres. Um rapaz e senhora de mais idade também as acompanharam. Logo que atingimos o alto da pirâmide soltamos muitos hurrahs, agitamos os lenços e eu assentado numa pedra do tempo de Chufu (Cheops dos gregos) escrevi algumas palavras a Você e os dados que o Brugsch comunicou-me a respeito da pirâmide. As americanas pediram-me que escrevesse meu nome em bilhetes de visita e eu fi-lo também numa das pedras do cimo do monumento, depois de havê-la escrito, com um grosso lápis dado por um árabe. Já havia feito o mesmo num recanto onde descansei mais tempo na subida. A vista do cimo é admirável. As tamareiras arremessando-se das ilhas que a inundação ainda forma; as acácias alastrando até quase ao Cairo, de onde se elevam a cúpula da mesquita de Mohamed-Ali e o Mokattam através de uma poeira luminosa, mas tudo domina pela majestade secular do monumento, que aliás um homem pisava... que mais posso eu acrescentar que não exprima melhor o abraço que toda amizade lhe dá seu devotado Gautier!... A descida não foi tão incômoda, apesar de ter de pular a pés juntos degraus de quase 2 metros de altura, embora aparado e mesmo carregado pelos ágeis árabes e depois de curto descanso entramos os três — quem dera que fôssemos nós três! — na pirâmide (Viagem ao exterior, 3ª parte - Egito e Europa, v.13, p.331).

18 de novembro de 1876 - [...] O clarear do dia foi roseando as neves do Monte Hermon, cujo resto da serra apresentava um azulado transparente, lindíssimo, encantou-me. A planície ostentava-se risonha e tudo prometia a jornada que tivemos. O solo era pedregoso, mas para o lado das montanhas cultivado e o aspecto destas tão belo quase como na Grécia, cujo verde claro do céu também observei um pouco esta madrugada (Viagem ao exterior, 2ª parte - Oriente Médio, v.18, p.435).

4 de dezembro de 1876 - Os cônsules aceitaram a distribuição da renda de 15 mil fr. que eu deposito como capital no Banco Otomano de Beirute para dar meios a crianças pobres de freqüentarem as escolas de Jerusalém onde sejam recebidas gratuitamente. É este o negócio que disse no meu diário de ontem que falaria no de hoje. O tempo ainda está belíssimo, apesar de relampaguear no princípio da noite. A pedra que apanhei na gruta, onde S. Pedro, dizem, fizera penitência depois que renegara

[19] O francês François Auguste Ferdinand Mariette (1821-1881) foi um dos fundadores da Egiptologia, tendo ocupado cargos importantes como curador assistente do Museu Egípcio do Louvre, diretor do Serviço de Antiguidades Egípcias do governo do Egito e diretor do Museu Bulaq, o primeiro museu público de egiptologia localizado no Cairo, aberto em 1863. Disponível em: https://fr.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7ois_Auguste_Ferdinand_Mariette. Acesso em: 1 mar. 2024.

Cristo lembra-me que aí estive no dia 1º. Fica na montanha de Ophil creio eu (Viagem ao exterior, 3ª parte - Oriente Médio, v.19, p.455).

12 de dezembro de 1876 - 6 horas da amanhã - O sol levante toma o colorido de apagado arco-íris. Egito, diz Heródoto, é um presente do Nilo, que vejo carregar turvas águas sedimentosas vivificadoras da vegetação, adorno das margens (Viagem ao exterior, 4ª parte - Egito, v.20, p.457).

17 de dezembro de 1876 - Às 9 e meia passamos por Farchut à margem esquerda, lugar industrioso; às 9 ¾ por Hou, do mesmo lado, onde com o binóculo avistei famoso felah santarrão.
Acocorado sobre um monte de palhas, só lhe pude ver a cabeça branca e o tronco. Rodeavam-no diversas pessoas, o nosso piloto tentou atirar-lhe no saco algumas oferendas, pois segundo crença geral, sucedem desastres às embarcações que não lhe tributam respeito.
Contaram-me que o Quediva costuma visitá-lo quando viaja e que pela imposição das mãos faz cessar a esterilidade das mulheres felahs. [...] Às 12 ¾ passamos pela Ilha de Tabeneh, à esquerda. Aí fundou S. Pacomio um mosteiro, no VI século. A ilha está cheia de tamareiras e de outras palmeiras, menos, da chamada dun, que eu já avistara nos dias anteriores. Li os Evangelhos; ocupação que reservo para os domingos desta viagem; assim fixarei as idéias com vistas à minha próxima excursão à Terra Santa.
Às duas, desembarcamos em Denderah, à esquerda. Como os burricos ainda estivessem do outro lado do rio, em Kench, e para não perder tempo, parti a pé. Em três-quartos de hora, cheguei ao pilono onde está o cartucho de Domiciano. O templo é notável pelo estado de conservação e informações coligidas do seu exame, acerca do culto e dos mitos egípcios. [...] Na parede exterior de oeste, perto de dois ângulos, vêem-se as imagens de Cleópatra e do filho. A fisionomia da rainha é bem cruel. Infelizmente degradaram as imagens, de modo a parecerem marcadas de bexigas. Tanto em Dendera como em Ábidos são flagrantes os vestígios de incrível vandalismo. O Quediva bem poderia gastar uma parte da soma, que prodigaliza com os seus palácios, na conservação desses monumentos, tão interessantes para o estudo do Alto Egito (Viagem ao exterior, 4ª parte - Egito, v.20, p.461-464).

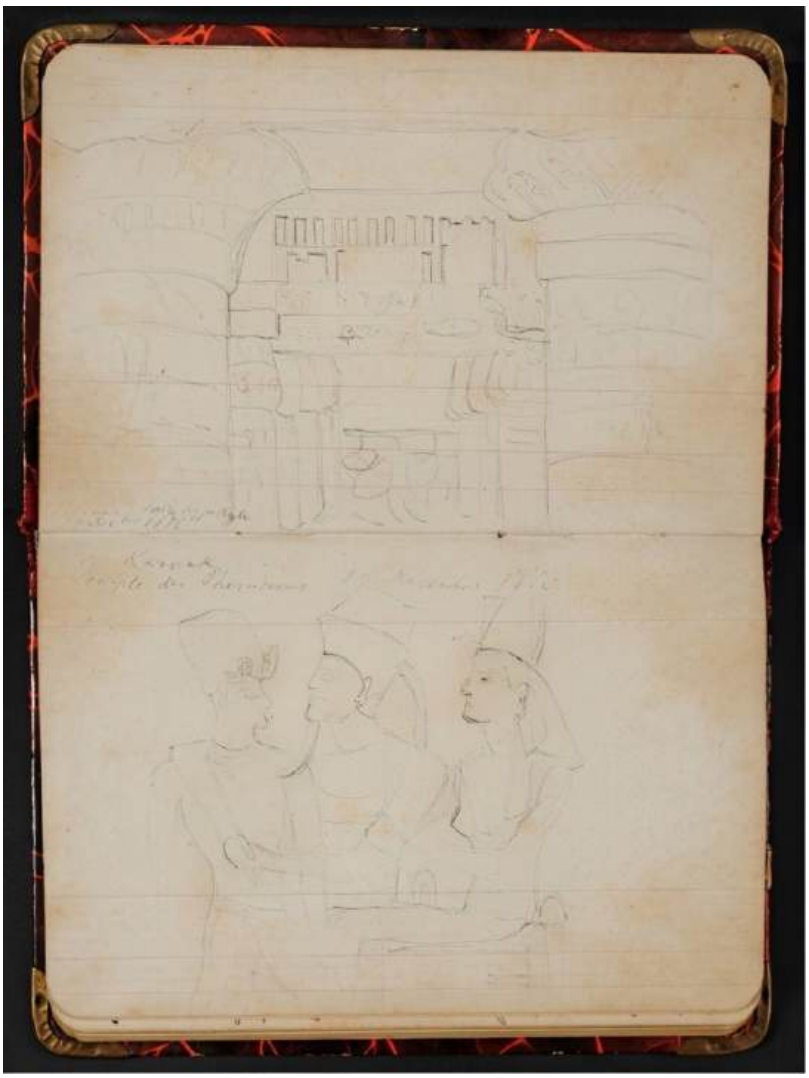
18 de dezembro de 1876 - [...] Montado em burrico, visitei depois Karnak. Observa Mariette -- Karnak é o mais admirável ajuntamento de ruínas do mundo. Nunca se vê Karnak o suficiente e mais se visita, mais avulta a idéia dela formada. Não há exagero no que diz Mariette. [...] Ao sair do grande templo, pude do primeiro pilono, apreciar o admirável ocaso; o sol esbraseava como ferro fundido, iluminando através de delgado véu de brumas a cadeia líbica e a verdura magnífica que cerca o Nilo. Do alto desse pilono adorei a Deus, criador de tudo quanto é belo, voltando-me para as minhas duas pátrias, o Brasil e a França, esta, pátria de minha inteligência e aquele pátria de meu coração. No interior do pilono, no alto, lêem-se os nomes das localidades do Egito onde se acham os principais monumentos, com a indicação de suas coordenadas geográficas, tudo aberto na pedra pela comissão francesa de 1798. As recordações científicas prendem-se, por toda parte, ao nome da França (Viagem ao exterior, 4ª parte - Egito, v.20, p.465).

24 de dezembro de 1876 - Partimos às 6h do local onde havíamos ancorado ontem. Antes do alvorecer avistamos o Cruzeiro do Sul. Foi um grande prazer para mim (Viagem ao exterior, 5ª parte - Egito, v.21, p.476).

29 de dezembro de 1876 - De pé às 5 1/2. Faremos a escalada ao pico de Aures-el-Guarany, local sagrado para os Árabes por causa do túmulo de um homem santificado. Dizem que a vista é magnífica e que dali se observa a passagem de incontáveis caravanas. [...] Visitei o acampamento dos mercadores próximo ao rio. Comprei pedaços de goma arábica ali oferecidos em grande quantidade. Um vaso de couro para carregar água chamou minha atenção por sua forma semelhante à das moringas de barro do Brasil. [...] Entrei na tenda de um dos mercadores feita internamente de esteiras.

Dentre os objetos característicos da sua região de origem, fiquei impressionado ao ver malfeitas cópias, a óleo, de Cenci[20] e da Sybilla-Persica[21] (Viagem ao exterior, 5ª parte - Egito, v.21, p.484).

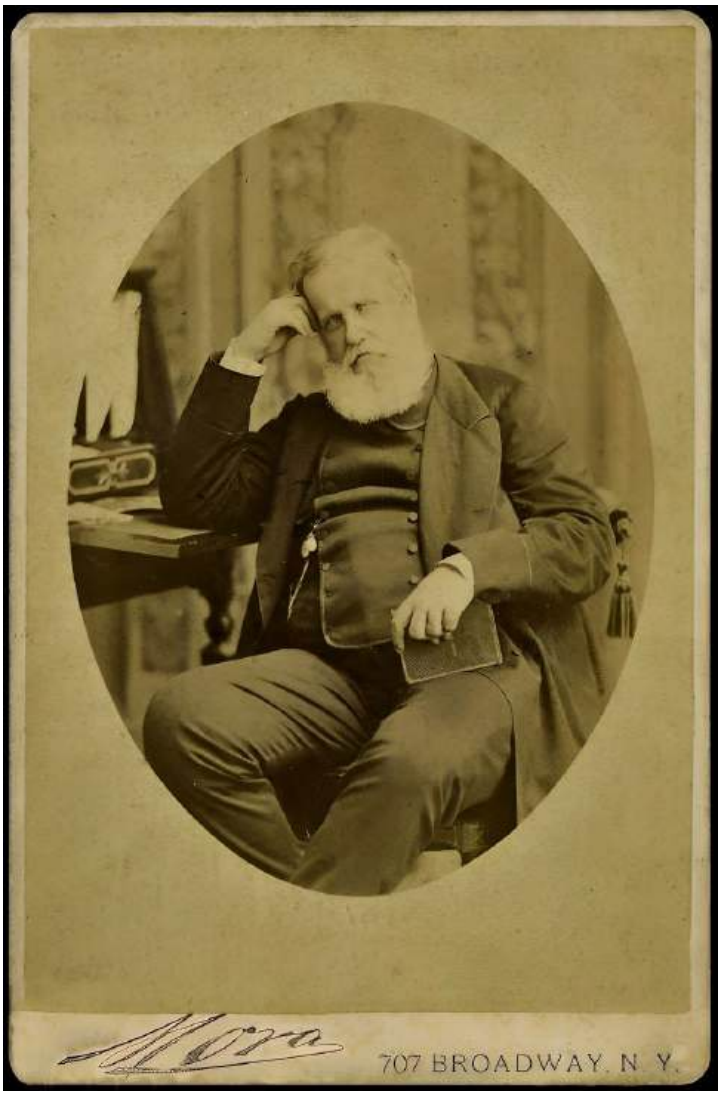
4 de janeiro de 1877 - Levantei às 5 h Escrevi cartas. O vapor partiu às 5 ¼ e passou agora, 7 h 25', defronte a Ombos. Vi rapidamente o pilono de Edfu e a aldeia de Esneh O vapor encalhou e somente quase duas horas depois voltou a flutuar outra vez. Cheguei a Luxor próximo às 5 h Fui até Karnak. [...] Existe também a figura do rei, de dimensões gigantescas, segurando homens como feixes, pelos cabelos, para espancá-los. A luz do magnésio me ajudou bastante, sobretudo na sala hipostila onde produzia um efeito feérico, principalmente no local da coluna que tombara e fora amparada por outra mais à frente. Esta sala é deslumbrante (Viagem ao exterior, 5ª parte - Egito, v.21, 490).



Desenho a lápis feito por D. Pedro II em seu diário
durante visita ao Templo Karnak, no Egito, em 1876 (Acervo Museu Imperial)[22].

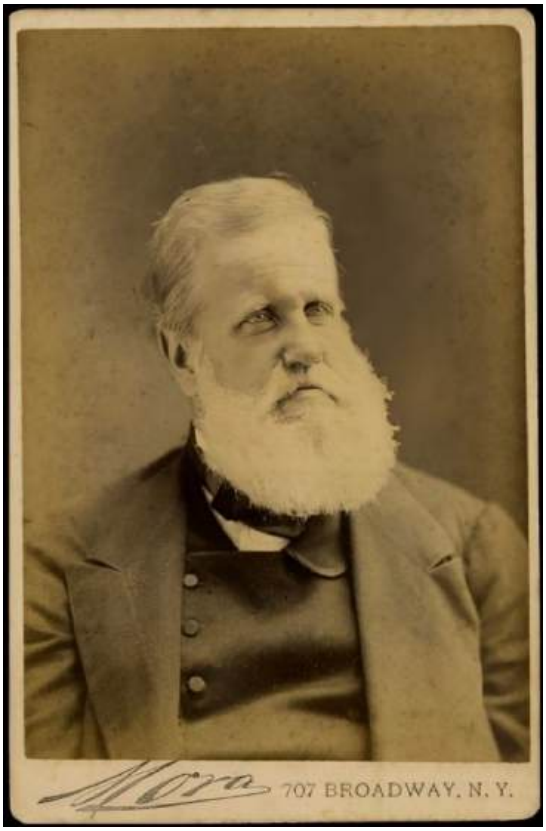
[20] Retrato de Beatrice Cenci, da pintora italiana Ginevra Cantofoli (1618–1672), acervo da Galleria Nazionale d'Arte Antica, Roma, Itália.
[21] A sibila Pérsica, também conhecida como Babilônica, Hebreia ou Egípcia, é uma figura da mitologia greco-romana que representa uma profetisa. O termo sibila vem da palavra de grego antigo sibulla, e significa profetisa. Provavelmente, d. Pedro II referiu-se a uma série de imagens de sibilas do Antigo Testamento, pintadas pelo artista italiano Maneira de Guercino (1591-1666).
[22] Museu Imperial. Acesso em: 1 mar. 2024.

“Nova Iorque foi o ponto de chegada e de partida da viagem de d. Pedro II aos Estados Unidos. Ele, d. Teresa Cristina Maria e comitiva partiram do Rio de Janeiro em 26 de março de 1876, e chegaram a Nova Iorque no dia 15 de abril. Essa foi sua segunda viagem internacional, mas foi a única vez que esteve nos Estados Unidos. Apesar de não ser uma viagem oficial como Imperador, Dom Pedro de Alcântara, como preferia ser chamado, conheceu grande parte do país, e tornou-se uma figura bastante popular. Seus modos simples e simpatia eram notáveis: cumprimentava a todos, caminhava pelas ruas a pé, carregando sua própria maleta e guarda-chuva. D. Pedro era um viajante incansável, e anotava tudo em seu diário”[23].



D. Pedro II em Nova Iorque, 1876. Fotógrafo: Jose Maria Mora (1847–1926). Foto em formato cartão *cabinet*[24], papel albuminado, oval 12 x 9 cm e 15 x 11 cm.
Acervo da Biblioteca Nacional[25].

[23] Viagem de D. Pedro II aos Estados Unidos em 1876 – Nova Iorque. Acesso em: 1 mar. 2024.
[24] CARTÃO *Cabinet*. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo83/cartao-cabinet. Acesso em: 15 de março de 2024. Verbete da Enciclopédia. Formato de apresentação de fotografias sobre papel que surgiu na Inglaterra em 1866 como uma evolução do formato cartão de visita, tendo portanto o mesmo tipo de apresentação, mas num tamanho maior, razão pela qual era dito de *cabinet*, de gabinete. Outra denominação empregada para esse formato, inclusive aqui no Brasil, era carte boudoir, em referência àquelas salas íntimas de uso feminino características das residências oitocentistas. Muito utilizado até fins do século passado, esse formato apresentava fotografias de cerca de 9,5 x 14cm montadas sobre cartões rígidos de cerca de 11 x 16,5 cm.
[25] Disponível em: Biblioteca Nacional Digital. Acesso em: 1 mar. 2024.



D. Pedro II em Nova Iorque, 1876.
Fotógrafo: Jose Maria Mora (1847-1926).
Foto em formato cartão *cabinet*, papel albuminado,
oval 12 x 9 cm e 15 x 11 cm.
Acervo da Biblioteca Nacional[26].



Tereza Cristina Maria, imperatriz, em Nova Iorque,
1876. Fotógrafo: Jose Maria Mora (1847-1926).
Foto em formato cartão *cabinet*, papel albuminado,
15 x 11 cm. Acervo da Biblioteca Nacional[27].

[26] Disponível em: Biblioteca Nacional Digital. Acesso em: 1 mar. 2024.
[27] Disponível em: Biblioteca Nacional Digital. Acesso em: 1 mar. 2024.



Um dos últimos retratos da Família Imperial no Palácio do Grão-Pará, no centro da cidade de Petrópolis, fotografada por Otto Hees (1870-1941) em 1889 (Fundação Getulio Vargas, 2023)[28].

Da esquerda para a direita, a imperatriz Dona Teresa Cristina, D. Antônio, princesa Isabel, o imperador, D. Pedro Augusto (filho de D. Leopoldina, duquesa de Saxe, irmã da princesa Isabel), D. Luís María, conde d'Eu e D. Dom Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança (príncipe do Grão-Pará).



Colorização por Reinaldo Elias (Colorizando o Passado, 15 jan. 2020)[29].

[28] ARGON, Maria de Fátima Moraes (org.). *Família Imperial:* álbum de retratos. Petrópolis: Museu Imperial, 2002.
[29] Disponível em: https://www.facebook.com/colorizandoopassado. Acesso em: 1 mar. 2024.

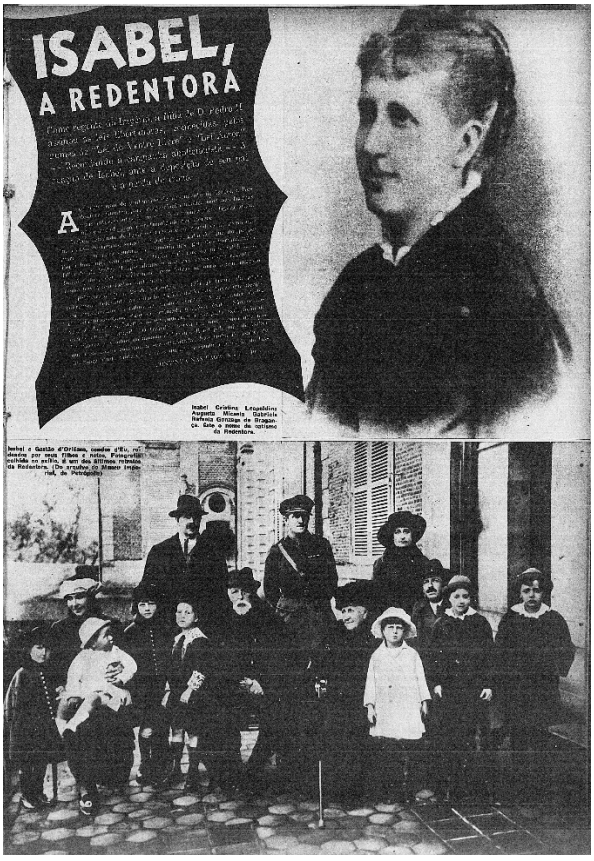


Em 1889, o fotógrafo Otto Hees tirou fotografias da Família Imperial no Palácio Isabem (Palácio do Grão-Pará), em Petrópolis. Esta fotografia, do acervo do Museu Histórico Nacional, foi reproduzida no artigo ‘Isabel, a Redentora’, publicado em *A Noite*, de 30 jul. 1946.

Da esquerda para a direita, D. Pedro Augusto (filho de D. Leopoldina, duquesa de Saxe, irmã da princesa Isabel), a imperatriz Dona Teresa Cristina, D. Antônio, princesa Isabel, Dom Pedro II, D. Luís María, D. Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança e conde d'Eu.



Da esquerda para a direita, Gastão de Orléans — Conde d'Eu —, o primogênito Dom Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança — príncipe do Grão-Pará —, Dom Antônio, princesa Isabel e Dom Luís María, em [ca. 1885].



Jornal *A Noite*, n.909, Rio de Janeiro, 30 jul. 1946, p.7, «Supplemento: Secção de Rotogravura».

Transcrição da lide: “Como regente do Império, a filha de D. Pedro II assinou as leis libertadoas, conhecidas pelos nomes de 'Lei do Ventre Livre' e 'Lei Áurea' — Recordando a campanha abolicionista — A reação de Isabel, ante a deposição de seu pai e a perda do trono”.



Jornal *A Noite*, n.909, Rio de Janeiro, 30 jul. 1946, p.9, «Supplemento: Secção de Rotogravura».

Transcrição da legenda da foto superior: “Otto Hees, fotógrafo com atelier à Praça Dom Afonso conseguiu esta chapa que se tornou histórica. Trata-se do último flagrante de parte da família imperial no Brasil. Foi colhida na entrada de uma das alas do Palácio Imperial de Petrópolis. Além dos Imperadores vêem-se os condes d'Eu, D. Pedro Agusto, D. Pedro de Orléans e Bragança, D. Luís de Orléans e Bragança e Dom Antônio”.





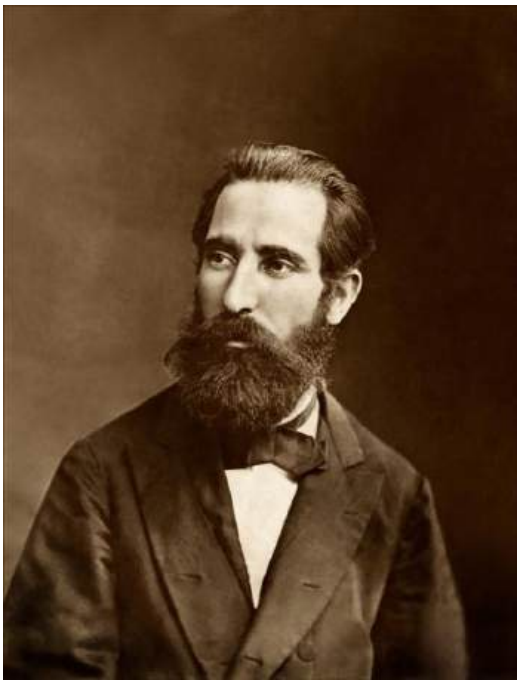
Avenida Central [atual avenida Rio Branco, Rio de Janeiro], 1906, um ano após a inauguração da instalação de iluminação incandescente. Fotografia de Augusto Malta[30] (Acervo Instituto Moreira Salles, 2024)[31]. "Bulevar dos Sonhos Perdidos: [...] parecia representar uma nova era para o Brasil, mas acabou se mostrando tão refratária e exclusivista como o próprio país" (Bueno, 2010, p.283).

[30] "O alagoano Augusto César de Malta Campos (1864-1957) foi o principal fotógrafo da evolução urbana do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, período de acelerada — e por vezes traumática — modernização. Radicado na cidade desde 1888 [...] trabalhou inicialmente como comerciante de tecidos até dar seus primeiros passos como fotógrafo amador na virada do século" (Acervo Instituto Moreira Sales, 2024). Disponível em: https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-augusto-malta/. Acesso em: 10 fev. 2024.

[31] Disponível em: https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/18177 ou https://bit.ly/3uDDOUD. Acesso em: 10 fev. 2024.



Avenida Central, 1908. Fotografia de Marc Ferrez (Acervo Digital Afro-Brasileiro)[32].



Marc Ferrez[33] aos 33 anos [ca. 1876],
Rio de Janeiro (Acervo Instituto Moreira Salles).

[32] Disponível em: https://www.flickr.com/photos/acervoafrobrasileiro/35946024126/. Acesso em: 12 fev. 2024.
[33] Marc Ferrez (1843-1923) pode ser considerado como o principal fotógrafo brasileiro do século XIX, dono de uma obra que se equipara à dos maiores nomes da fotografia em todo o mundo. Mais conhecido do grande público por suas paisagens — sobretudo as fotografias panorâmicas da cidade do Rio de Janeiro e arredores — feitas com câmeras especiais em negativos de grande formato, técnica praticada por poucos fotógrafos do mundo e à qual ele dedicou toda a sua inventividade técnica. "Do Império à República retratou eventos históricos e projetos emblemáticos de reconhecimento do território e da modernização do país". Disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=1443 e https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2575. Acesso em: 1 mar. 2024.





A Avenida Beira-Mar — que liga o centro do Rio de Janeiro à zona sul da cidade — começou a ser planejada em 1903, pelo prefeito Pereira Passos [Prefeito do Distrito Federal entre 1902-1906, o mesmo que planejou a Avenida Central. A foto de Marc Ferrez abrange o bairro da Glória, em [1906?], após as obras de reurbanização. À direita a estátua de Pedro Álvares Cabral e, ao fundo, a Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Acervo Instituto Moreira Salles.



Vista aérea do Rio de Janeiro, da praça Mauá para a zona sul, tendo ao fundo o Pão de Açúcar, c. 1929. A Avenida Central ligou o Rio de Janeiro de mar a mar, ou seja, do porto até a avenida Beira-Mar. Fotografia de Augusto Malta (1864-1957). Coleção Brascan Cem Anos no Brasil.
Acervo Instituto Moreira Salles.

"Segundo o Censo de 1930, a cidade do Rio de Janeiro contava com mais de 1 milhão de habitantes. As reformas promovidas pelo prefeito Francisco Pereira Passos (1836-1913) a partir de 1903 haviam multiplicado as vias de circulação, que passaram a interligar suas diferentes regiões. Outras administrações prosseguiram implantando projetos de remodelação, desenhando e redesenhando os espaços urbanos da capital federal"[34].

[34] Disponível em: https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/2919-o-rio-de-janeiro-transformacoes. Acesso em: 12 fev. 2024.



Cartaz e capa do catálogo da Semana de Arte Moderna. Arte: Di Cavalcanti (1897-1976).



A Semana de Arte Moderna foi realizada no Theatro Municipal de São Paulo nos dias 13-18 fev. 1922. Fotomontagem de Guilherme Castro (Jornal da USP).



A NOITE

Os milagres do ether

Vamos possuir, afinal, uma sociedade de propaganda do sem fio

A necessidade de tornarmos o grande invento ao alcance de todos os brasileiros

Manchete da edição n.4118 do jornal *A noite*, Rio de Janeiro, 18 mai. 1923, sobre a primeira rádio brasileira, a Rádio Sociedade, fundada em 1923 por Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) e Henrique Morize (1860-1930).

O Radio no Brasil

De todas as descobertas scientificas alcançadas pelo engenho humano, nenhuma conseguiu impor-se mais rapidamente que a radiotelephonia.

Empolgando de uma maneira incrivel as populações da America e da Europa, foi applicada immediatamente como expansora da cultura artistica de cada paiz e como elemento recreativo de notavel importancia.

De começo, nos Estados-Unidos, por exemplo, acima de duzentas foram as estações transmissoras de Radio que se inauguraram em periodo relativamente curto. Quasi todos os Estados da grande nação americana installaram estações de radio-diffusão com o escopo principal de proporcionar recreio e prazer aos seus ouvintes.

Proseguia assim a Radiotelephonia, dia a dia, acrescida de applicações mais modernas, quando no Brasil durante a Exposição do Centenario uma importante Companhia no genero, installou no Corcovado um posto de radio-diffusão, iniciando a cargo do engenheiro J. Jonotskoff o «broad-casting» brasileiro.

Logo, os nossos homens de sciencia, tiveram a perfeita visão do futuro da nova descoberta scientifica em relação ao progresso do Brasil e, unidos, do seio de sua corporação scientifica, a Academia Brasileira de Sciencias, deliberaram fundar uma estação transmissora tendo por fim a cultura literaria, scientifica e artistica dos que vivem em nossa terra.

Surgiu então, a Radio Sociedade do Rio de Janeiro que obedecendo a visão larga do professor Roquette Pinto e a direcção sabia, do professor Henrique Morize, se entregou desde logo á faina intensa de desbravar a vastidão do nosso territorio, tendo como vehiculo o ether, levando á todos e á toda a parte os seus ensinamentos sadios, as suas notas de sciencias, o bolhetim meteorologico, a hora do observatorio Nacional, a musica, o canto, a poesia, tudo emfim que constitue elemento de educação e cultura popular.

Desde esse momento, ahi repousaram o futuro e o progresso de nossa patria cuja extensão phisica estava desta sorte obedecendo á um só fóco irradiador de mentalidade. O Pará, Rio Grande do Sul, Matto Grosso e a Ilha da Trindade recebiam as ondas mysteriosas portadores da alegria e do saber.

Seu desenvolvimento não teve peias e a radiotelephonia da mesma forma que havia empolgado aos outros povos, tambem nos empolgou, á nós que bem cedo vimos a sua grande importancia como factor de educação valiosissimo.

Hoje, aprende-se Inglez, Phisica, Historia Natural e Chimica, pelo Radio bem como se conhecem os nossos mais notaveis conferencistas, homens de sciencia, maestros, compositores, cantores, poetas e declamadores.

As creanças teem diariamente á tarde, o seu «quarto de hora», entregue a educadores reputados e illustres que lhes contam historietas auxiliando sobremodo a formação do caracter e a elevação da moral dos homens de amanhã. No interior, o productor, o homem de negocios, sabe com precisão absoluta a oscillação do cambio, do café, do assucar, do algodão e outros productos que constituem o nossa riqueza. Os diarios mais importantes dedicam columnas varias ao estudo do Radio, que sempre interessa a grande numero de leitores.

Um calculo bem pessimista, orça em cerca de 20.000 o numero de apparelhos de Radio installados nesta Capital e não seremos exagerados se affirmarmos que 60.000 serão os ouvintes das nossas duas estações de radio-diffusão. Em todo o paiz o numero de radio-amadores attinge a 150.000.

E' esta, portanto, em synthese, a historia da Radio-telephonia no Brasil que orientada sempre pela maneira com que até hoje tem sido, muito contribuirá para o futuro de nossa patria.

AMADOR CYSNEIROS.

Rio, 6-925.

A nossa parte technica se inicia hoje com a publicação de alguns symbolos adoptados em radio-telephonia e um simples circuito receptor de cristal.

Editorial da revista *Universal*, n.24, 1925, p.6, que faz referência à Rádio Sociedade, primeira rádio brasileira, fundada em 1923 por Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) e Henrique Morize (1860–1930).

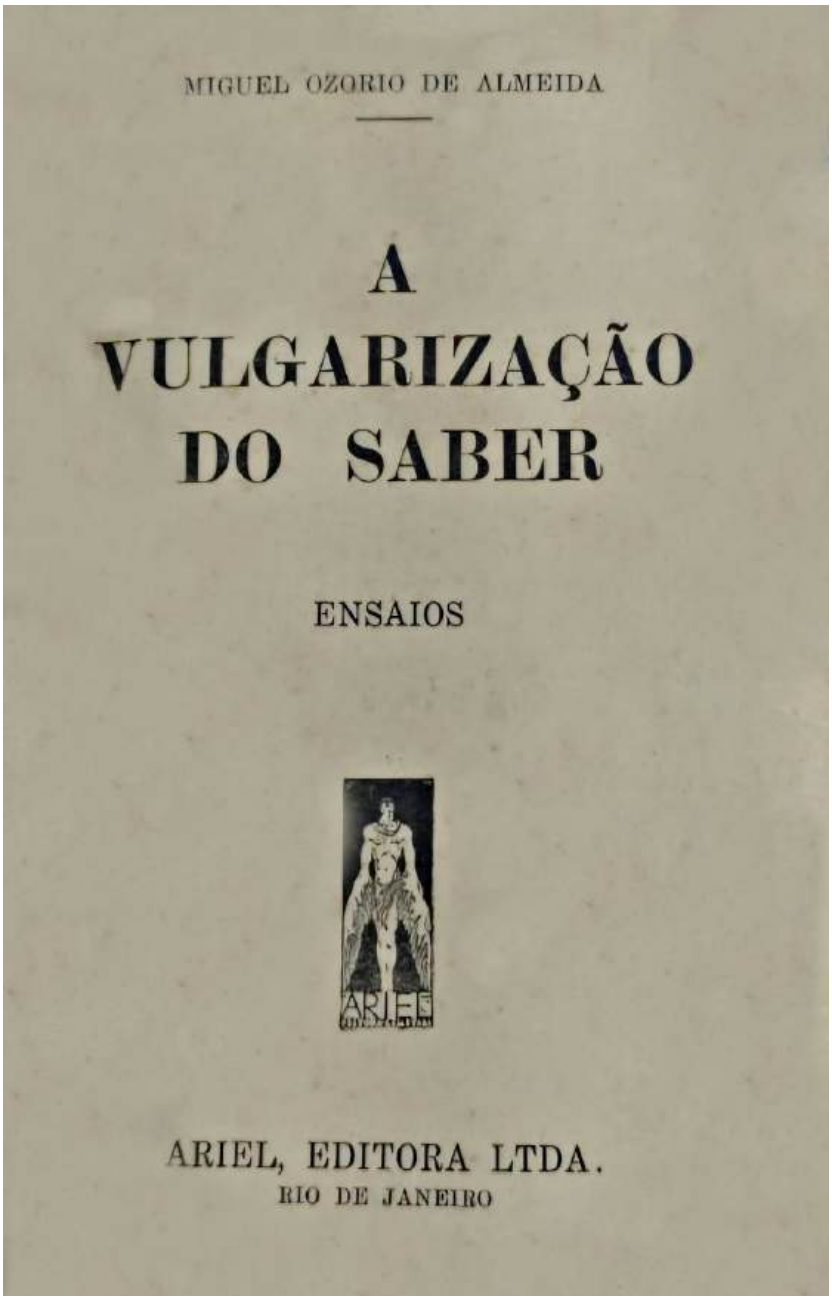


Imagem digital da capa do livro *A vulgarização do saber* (1931), de Miguel Ozório de Almeida (1890-1953), provavelmente a primeira obra brasileira a discutir o papel e as dificuldades da divulgação científica no Brasil.



CORREIO DA MANHÃ — Domingo, 20 de Maio de 1934 7

O QUE É NOSSO

(CURSO REGIONAL) S.A.A.T.

AS MAIORES AVES DE RAPINA

O BRASIL POSSUE A MAIS POSSANTE AVE DE RAPINA DO MUNDO: O UIRA-AÇÚ (A GRANDE AVE, GAVIÃO DE PENNACHO) THRASAETUS HARPYIA, COM UM METRO E CINCO DE ALTURA, VINTE E SEIS CENTIMETROS DE AZA, TRINTA E CINCO DE CAUDA E DOIS METROS E CINCOENTA DE ENVERGADURA. SUAS POSSANTES GARRAS MEDEM NO TARSO DOZE CENTIMETROS DE COMPRIMENTO E NOVE E MEIO CENTIMETROS DE CIRCUMFERENCIA, O DEDO MEDIO ONZE CENTIMETROS E O TRAZEIRO NOVE. NA CABEÇA ERIÇAM-SE AS PENNAS EM FORMA DE PENNACHO. A AGUIA DOURADA, EUROPEA CHEGA A TER TRES METROS DE ENVERGADURA. O CONDOR HABITA OS ANDES; MEDE UM METRO DE ALTURA E TRES DE ENVERGADURA.

MAGALHÃES CORRÊA

HARPIA ÁGUIA CONDOR

ELOGIO DA ARVORE

Padre Carlos Borges

Semear arvores é engrandecer, aformosear e enriquecer a Patria... Tudo quanto é necessario á vida do homem a arvore nol-o proporciona com providencia paternal: pão, vinho, azeite, roupa, tecto, leito. Desde o berço até o sepulcro, constantemente nos achamos nos braços das arvores. Que são os moveis do lar domestico senão de arvores amoldados pela industria humana ás nossas commodidades e caprichos? A mesa a que se senta a familia, o banco da escola, a vetusta cadeira da avózinha, o thalamo feliz dos esposos, o triste ataude em que ecerramos para sempre os despojos dos seres amados, não foram em suas formas primitivas troncos vestidos de verdura do ar livres dos campos sob as caricias do céo? "Assim nol-o pudessem dizer tambem os nossos queridos mortos, da tumba onde descansam das lutas e trabalhos da vida: "em uma arvore dormimos..."

Por isso a arvore é sagrada. Desde a macieira do Paraiso até a arvore mysteriosa do Calvario, com seu folhagem de dores e as suas rosas de sangue, a Biblia é uma profunda selva numerosa. A cada passo encontramos nella elogios ás arvores e ás plantas. Salomão, o Rei sabio e magnifico, assim falla do cedro do Libano, que a alvura dispõe ao Carmelo, como do hyssopo que vendra humilde entre as grutas do ruinoso muro. Este amor e respeito a arvore tem sido sempre um sentimento caracteristico das almas nobres e dos grandes povos. A illustre Grecia, o austero Egypto, a mysteriosa India, todos os povos pensadores, tem venerado essa maravilha da natureza, compendio dos elementos que não dá a gota de agua e a chispa de fogo, a onde o oxygenio e todo o nutrez que na terra existe. Onde não ha arvores não ha vida.

Sabido é que os primitivos templos da Divindade foram os bosques. Nada tão propicio a idéa e ao sentimento religioso como esses logares sombrios onde se sente a universal palpitação da vida divina.

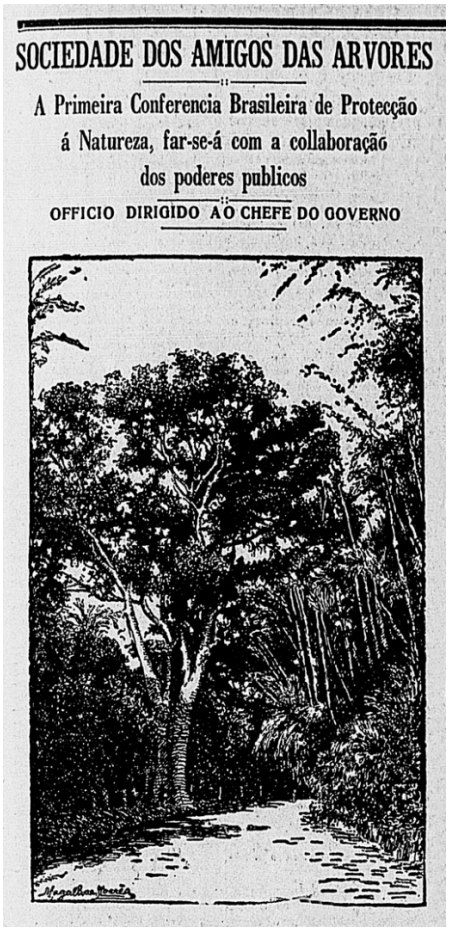
Profundos, solitarios, obscuros, no meio de um silencio sagrado cheio de inuffarels rumores, os bosques recebiam ao homem a presença de Deus escondido ou sob da esperança como no fundo de um santuario.

Da contemplação dessas immensas estendaes da natureza, nasceu a architectura.

A matta, o bosque, o arvoredo, com a infinita variedade e harmonia de suas formas, com suas sobrias abobadas de folhagem, com suas magnificas columnas e arcadas de troncos e ramos, com as profundas naves de suas penumbrosas galerias, com as altaneiras torres de suas arvores gigantescas, inspiraram ao homem são só as idéas fundamentaes da arte architectonica, mas tambem os elementos caracteristicos das diversas ordens e estylos, segundo o genio e a indole de cada povo.

Assim os gregos modelaram os seus templos pelas formosas arvores da Hyllia e da Thessalia e tornaram a elegante columna corinthia, com o seu capitel de folhagens, a imitação do tronco e ramos de palmeira.

Assim os romanos, dando mais largas ás suas ambições, imitaram as arvores colossaes das florestas da Germania e da Gallia, e crearam a columna dorica, a columna ionica, a columna composta, a columna toscana, a columna salomonica, a columna rostral, a columna triumphal, a columna funeraria, a columna miliaria, a columna gnomonica, a columna honoraria, a columna votiva, a columna sepulchral, a columna militar, a columna rudis, a columna cochlis, a columna coclide, a columna lactea, a columna centenaria, a columna caelata, a columna historiada, a columna rostrata, a columna fulminea



SOCIEDADE DOS AMIGOS DAS ARVORES

A Primeira Conferencia Brasileira de Protecção á Natureza, far-se-á com a collaboração dos poderes publicos

OFFICIO DIRIGIDO AO CHEFE DO GOVERNO

Correio da Manhã, 21 dez. 1932, p.3. Trecho do *Officio da Sociedade*: “Exmo. sr. dr. Getulio Vargas, eminiete e digníssimo chefe do governo provisorio. - A Sociedade dos Amigos das Arvores, que conta em seu seio illustres representantes da cultura brasileira, [...] afim de solicitar de v. ex. autorização para promover nesta capital a effectividade de uma Conferencia de Protecção á Natureza, a exemplo das que se têm realizado na Europa, tendo por objetivo ventilar os importantes problemas de defesa e exploração nacionaes de nossa flóra já bastante compromettida por intensiva devastação, bem assim para proteger a fauna brasileira outr'ora abundante e hoje reduzida por incessante perseguição e mais ainda a dos sitios e monumentos naturaes, por vezes admiraveis testemunhos dos tempos geologicos, frequentemente destruidos ou deformados pelos progressos das industrias, na sua marcha utilitarista e imprevidente”.



Monumentos Naturaes e Protecção á Natureza

PRIMEIRA CONFERENCIA BRASILEIRA DE PROTECÇÃO Á NATUREZA

Sessão inaugural

A Conferencia terá inicio com uma sessão solene hoje, 8 de abril, domingo ás 5 horas da tarde, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, gentilmente cedido por sua directoria.

Começará a sessão com a symphonia do Guarany, executada pela Banda da Brigada Policial em conjunto de sessenta figuras.

Secção permanente no Supplemento Illustrado do "Correio da Manhã", aberta á collaboração dos amigos da natureza no Brasil, devendo a collaboração ser concisa e em termos, sem preoccupações secundarias, pessoas ou politicas e endereçada em carta devidamente assignada a "Correio da Manhã — Secção de Monumentos Naturaes e Protecção á Natureza — Avenida Gomes Freire — Rio de Janeiro.

Matta da Tijuca — (*reflorestamento de Archer*)

Correio da Manhã, 8 abr. 1934, p.12. Trecho da nota: “A Conferencia terá inicio com uma sessão solene hoje, 8 de abril, domingo ás 5 horas da tarde [...]. Comecará a sessão com symphonia do Guarany, exeuctada pela Banda da Brigada plicial em conjunto de sessenta figuras”.
A nota destaca a ‘Acção da floresta’ sobre o solo, sobre o clima, ‘sob o regimen das aguas’, ‘nas montanhas’, a ‘creação de uma Comissão Internacinal de Protecção á Natureza ou de um officio ou Bureau internacional’, e anuncia a “Secção de Monumentos Naturaes e Protecção á Natureza como permanente no Supplemento Illustrado do 'Correio da Manhã', aberta á collaboração dos amigos da natureza no Brasil”.



JANEIRO 1933 O CAMPO 47

COMO já tem sido publicado, a Sociedade dos Amigos das Arvores, da qual fazem parte illustres scientistas brasileiros, teve a feliz lembrança de reunir nesta capital, ainda este anno e provavelmente no mez de março, a Primeira Conferencia de Protecção á Natureza.

A idéa é tanto mais louvavel, quanto não houve ainda, no Continente Sul Americano, nenhuma Conferencia ou Congresso desta natureza.

Procurando o sr. dr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, a directoria da Sociedade dos Amigos das Arvores encontrou, por parte de s. ex., todo o apoio á essa idéa, com a promessa de facilitar, nas differentes secretarias de Estado, tudo quanto se referir á prompta e necessaria realização desse certamen. Assim apoiada a feliz iniciativa pelo chefe do Governo, encontrou a Sociedade, dos ministros, a maior boa vontade, na divulgação de todos os trabalhos preparatorios da Conferencia.

A Sociedade resolveu recorrer a todas as Municipalidades da Republica, por intermedio dos interventores dos Estados, solicitando das mesmas dados estatisticos constantes e um interessante questionario que a imprensa diaria já teve occasião de publicar.

Em Paris, em 1923, reuniu-se o Primeiro Congresso Internacional de Protecção á Natureza, o qual visou os grandes objectivos: fóra, fauna, sitios e monumentos naturaes. Não póde, porém, a Sociedade dos Amigos das Arvores seguir o programma adoptado pelo Congresso de Paris, dada a differença de situações e a circumstancia de já haver aquelle Congresso encontrado muita cousa realisado, quer por parte dos poderes publicos, quer de particulares, quanto ao objecto do referido certamen e, no campo doutrinario, vasto cabedal scientifico, resultante da contribuição de congressos botanicos, zoologicos, geologicos, artisticos, litterarios e outros semelhantes como os de anthropologia e archeologia pre-historica. Assim, a Sociedade dos Amigos das Arvores organisou o plano geral da Conferencia tendo em vista as condições do meio brasileiro e das nossas possibilidades.

E' este o

PLANO GERAL DA CONFERENCIA

A Primeira Conferencia Brasileira de Protecção á Natureza, constará das seguintes secções:

1ª — Sólo e sub-sólo.

2ª — Flora, especialmente reflorestamento e florestas de protecção.

A Proxima reunião da Primeira Conferencia de Protecção á Natureza neste Capital

3ª — Fauna.

4ª — Anthropologia tratando especialmente de:

1º — Habitat Rural.

2º — Protecção aos Indios.

5ª — Sitios, Paisagens, Monumentos.

6ª — Educação, especialmente:

1º — Educação primaria e profissional;

2º — Exotismo.

7ª — Legislação:

1º — Do sólo e sub-sólo;

2º — Leis Florestaes;

3º — Leis de Caça;

4º — Leis de Pesca.

8ª — Exposição:

1º — Artes plasticas;

2º — Cinematographia;

3º — Conferencias publicas e radiophonicas.

Um exemplo da nefasta destruição de forma aterrorisa

Dado o caracter altamente educativo e dinamico que se deve imprimir á Conferencia, ella será illustrada por uma exposição especial de telas, paisagistas, vistas, mappas, productos naturaes, projectos de architecturas paisagistas, etc., pelo que serão organisadas duas Commissões Executivas, uma para a Conferencia e outra para a Exposição Annexa.

Cada secção poderá ser desmembrada ou reunida a outras, a juizo do presidente da Commissão Executiva, segundo o numero de trabalhos apresentados.

Terá cada uma um presidente de honra e um presidente effectivo designado pela Commissão Executiva. No momento da Conferencia, a Commissão indicará um vice-presidente e um secretario para cada secção.

COMMUNICAÇÕES: — Os Congressistas remetterão as communicações para a Sociedade dos Amigos das Arvores até um mez antes da data da Conferencia, dependendo a acceitação dos trabalhos pela Commissão Executiva da observancia das seguintes normas:

1º — As communicações deverão tratar exclusivamente de assumpto attinente á Protecção á Natureza e deverão ser originaes, visando realisações concretas.

2º — Serão concisas, não ultrapassando dez paginas dactylographadas, formato papel almasso.

3º — Ficarão sujeitas ao exame prévio da Commissão Executiva, que rejeitará as communicações sem valor technico ou que apresentem defeitos linguisticos ou graphologicos, erros scientificos, prolixidade ou offensas a pessôas ou administrações.

A graphia fica "sal libitum" do conferencista.

4º — Do rada trabalho, a Commissão Executiva fará publicar um resumo, conservando a Sociedade dos Amigos das Arvores em seu archivo os trabalhos á disposição dos interessados, fazendo-os publicar na integra desde que os autores custeiem a publicação.

Os resumos serão publicados antes da Conferencia e distribuidos brochura aos conferencistas.

5º — A Sociedade dos Amigos das Arvores facultará a todos os interessados a acquisição de exemplares desse resumo mediante a taxa de 2$000, como membros assistentes da Conferencia sendo taxa dará ingresso livre na Exposição.

6º — Todos os trabalhos serão remettidos á Sociedade dos Amigos das Arvores até um mez antes da Conferencia.

INSCRIPÇÃO: — A inscripção na Conferencia será feita directamente na Secretaria da

Divulgação da Primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza, publicada em *O Campo*, n.1, 1933, p.47, revista secretariada por E.S..

PRMEIRA CONFERENCA BRASILEIRA DE PROTECÇÃO A' NATUREZA

Rio de Janeiro, 8 a 15 de Abril de 1934

Plantas raras na Flora Brasileira

A. J. DE SAMPAIO

A Protecção á Natureza, em qualquer paiz, terá de visar com especial cuidado as especies raras, sejam as naturalmente escassas e acantonadas, sejam as ameaçadas de extincção, por motivo de colheita immoderada, para varios fins.

São naturalmente raras as que só uma vez ou poucas vezes têm sido encontradas e colligidas pelos botanicos, assim por exemplo a rubiacea *Faramea campanella*, colligida por Sello, entre Campos e Victoria, em 1830 e só de novo, em 1932, por A. C. Brade e Santos Lima, em Magdalena — E. do Rio (J. Santos Lima e N. de Aquino — Riquezas de Magdalena, 1933, pag. 22).

São em geral raridades floristicas os endemismos restrictos a uma só localidade, mas por vezes ahi abundantes, (maxime viveiros ou estações se se trata de especie gregaria, isto é que forma grupos ou viveiros naturaes).

Esses viveiros são chamados *estações* em linguagem phytogeographica universal.

São plantas em via de extincção as que tenham sido victimas de exploração immoderada, assim em geral as nossas principais madeiras de lei, em especial junto das cidades, onde já é raro haver uma grande peroba, um bello Jiquitibá, etc.

Em muitos casos será preciso replantar as plantas raras, cada exemplo neste particular sendo de grande relevancia para a floristica nacional.

De dois modos se deve fazer os catalogos de plantas raras

1. — Catalogo systematico, por familias.
2. — Catalogo regionaes.

Palestra proferida por Alberto José de Sampaio na Primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza, publicada nos *Annaes da Academia Brasileira de Ciencias*, Tomo VI, n.3, 1934, p.129.



Sociedade dos Amigos das Arvores

Votos aprovados pela primeira Conferencia Brasileira de Proteção á Natureza

Nota publicada no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1934, p.5.

Trecho da nota: “Urgencia do reflorestamento — Assim o reflorestamento foi alvo de atenção do certame, que reconheceu a necessidade de se iniciar com presteza, esse trabalho, dado o desembaraço com que prossegue a destruição florestal e a crise climatéria, que por toda parte, se assinala por temporais violentos, inundações, quedas de barreiras, geadas abundantes, invasão das secas em zonas antes indene do flagelo e outros fenômenos peculiares ás regiões devastadas. A oportunidade desse voto é patente se se ponderar que esta em pleno vigor, desde 9 do corrente, o Codigo Florestal [...]”.



Resultados da Primeira Conferencia Brasileira de Proteção á Natureza

Alcance pratico dos votos aprovados

Nota publicada no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1934, p.22.

Trecho da nota: “A formula Protecção á Natureza, pouco vulgarizada no nosso meio, abrangendo varias questões atinentes á defesa dos bens naturais — flora, fauna, solo e sub-solo, tendo por escopo conciliar as necessidades economicas com as da perpetuidade da materia prima, correspondente, na sua essencia, a um problema de educação, cujos lineamentos constituem importante copro de doutrina e de preceitos já concatenados em publicações naturalista e técnicos dos centros cultos da Europa e da América do Norte”.

CURIOSIDADES SOBRE *NOTAS BIOGRÁFICAS*

"Registros de cartório, por mais insossos que pareçam, também são fontes férteis e podem fornecer elementos cruciais ao biógrafo."

L. NETO[35]

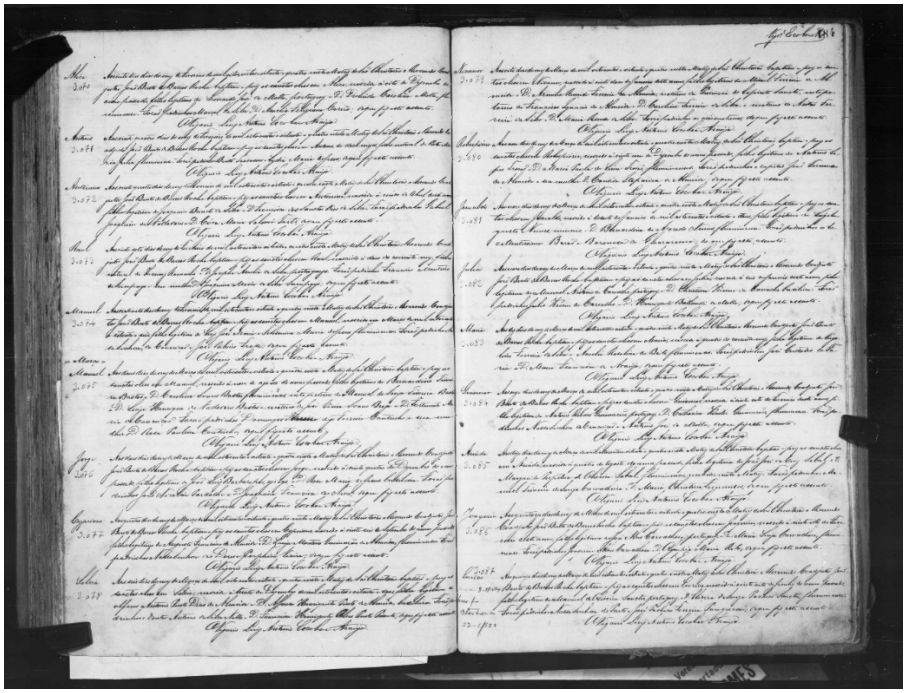
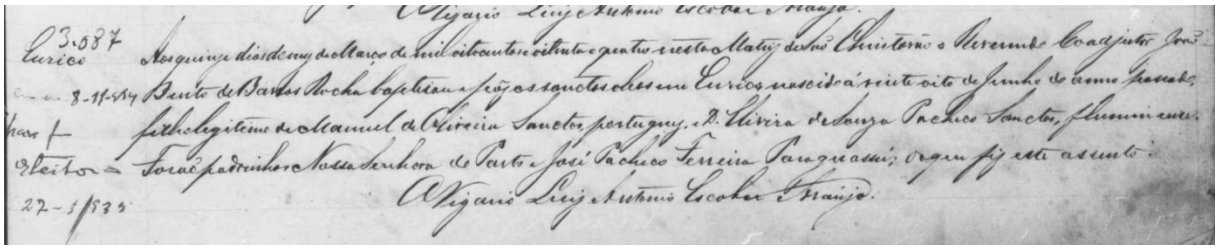


Imagem digital do livro de "Registros da Igreja Católica São Cristóvão Janeiro de 1877 a Agosto de 1884", no qual foi anotado o batismo de E.S..

Transcrição do registro de batismo de E.S.:

Aos quinze dias do mes de Março de mil oitocentos e oitenta e quatro nesta Matriz de São Cristovão o Reverendo Adjunto João Bento de Bastos Rocha baptisou e fez os santos óleos em Eurico, nascido á vinte oito de junho do anno passado, filho legitimo de Manuel de Oliveira Sanctos, portuguez, e D. Elvira de Souza Pacheco Sanctos, fluminense. Foram padrinhos Nossa Senhora do Parto e José Pacheco Ferreira Paraguassu. [aqui] fiz este assunto: O Vigário Luiz Antonio Escobar Araújo.



Registro de batismo de E.S.. Recorte da página do livro de "Registros da Igreja Católica São Cristóvão Janeiro de 1877 a Agosto de 1884".

[35] NETO, Lira. *A arte da biografia*: como escrever histórias de vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p.94.

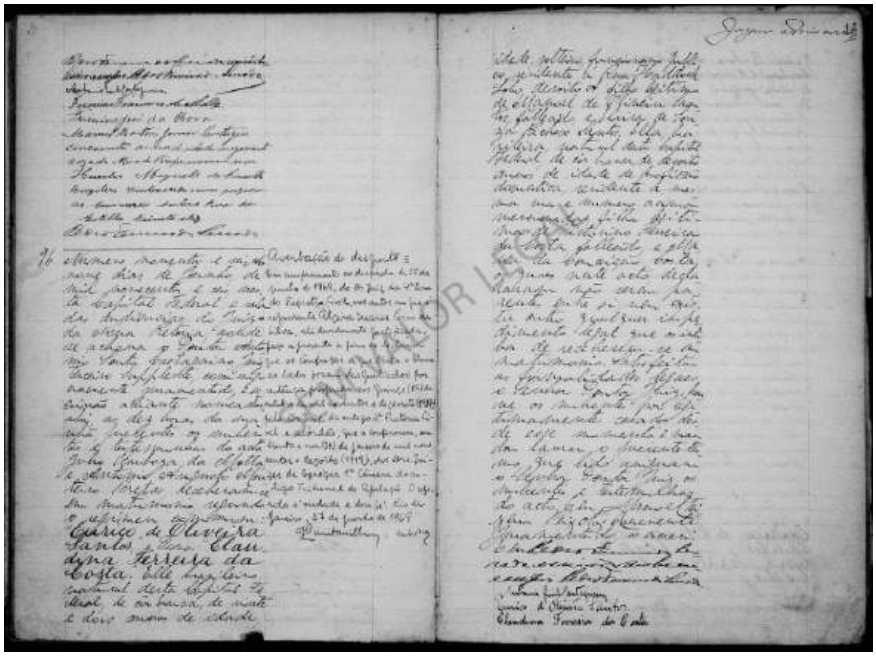


Imagem digital do registro de casamento de E.S., em 9 jun. 1906, e do desquite, em 15 out. 1917.

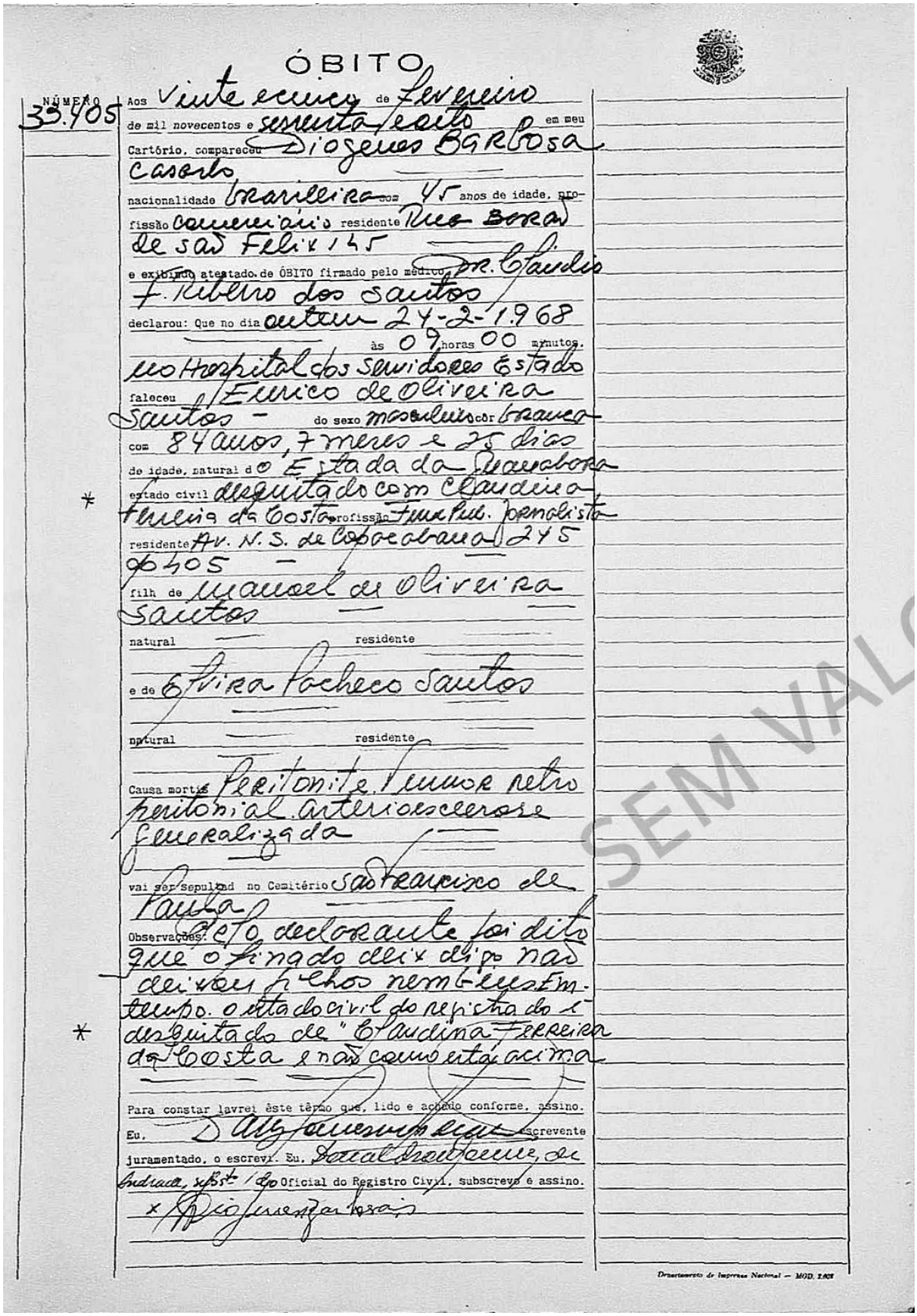
Transcrição do registro de casamento de E.S.:

> Número noventa e seis. Aos nove dias de junho de mil novecentos e seis, nesta Capital Federal [...] as dez horas da manhã, presentes os nubentes e testemunhas do acto. [...] receberam-se em matrimonio, segundo o regímen commum: “Eurico de Oliveira Santos” e Dona “Claudina Ferreira da Costa”. Elle brasileiro natural desta Capital Federal, de côr branca, de vinte e dois annos de idade, solteiro, funcionario publico residente á Rua Haddock Lobo, dezoito A filho legítimo de Manoel de Oliveira Santos, fallecido, e Elvira de Souza Pacheco Santos. Ella, brasileira, natural desta Capital Federal, de côr branca, de dezoito anos de idade de profissão doméstica, residente á mesma rua e numero acima mencionadas, filha legítima de Victorino Ferreira da Costa, fallecito, e Maria da Conceição Costa, os quais neste acto, declararam não serem parentes entre si, nem existir outro qualquer impedimento legal que os [iniba] de receberem-se em matrimonio. Satisfeitas as formalidades legaes o Senhor Doutor Juiz, [...] os nubentes por legitimamente casados desde esse momento e mandou lavrar o presente termo que lido, assinaram o Senhor Doutor Juiz, os nubentes e testemunhas do acto. [...] Manoel Teixeira Peixoto, escrevente juramentado [...] (FamilySearch, 2014)[36].

Transcrição da averbação do desquite[37] de E.S.:

> Averbação de desquite: Em cumprimento ao despacho, de 25 de junho de 1968, do Dr. Juiz da 4ª Zona do Registro Civil, nos autos em que é requerente Alzira Maria Perri da Silva, ali devidamente qualificada, faço a presente a fim de declarar que os cônjuges de que trata o têrmo ao lado foram desquitados por sentença proferida aos quinze (15) de outubro de mim novecentos e dezessete (1917) pelo Dr. Juiz da antiga 3ª Pretoria Cível e acórdão, que a confirmou, em trinta e um (31) de janeiro de mil novecentos e dezoito (1918), dos Drs. Juízes da Egrégia 1ª Câmara do antigo Tribunal de Apelação. O referido é verdade e dou fé. Rio de Janeiro, 27 de junho de 1968 [Assinatura] (FamilySearch, 2014)[26].

[36] Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil 1829-2012, 7ª Circunscrição, Matrimônios de maio 1906 a junho1907. FamilySearch. Acesso em: 1 mar. 2024.
[37] A averbação foi feita após a morte de E.S., em 24 fev.1968.



ÓBITO

NÚMERO 35.405

Aos Vinte e cinco de Fevereiro de mil novecentos e sessenta e oito em meu Cartório, compareceu Diogenes Barbosa Casado, nacionalidade brasileira com 45 anos de idade, profissão comerciário residente Rua Borda de São Felix 145 e exibindo atestado de ÓBITO firmado pelo médico Dr. Claudio F. Ribeiro dos Santos declarou: Que no dia ontem 24-2-1968 às 09 horas 00 minutos, no Hospital dos Servidores Estado faleceu Eurico de Oliveira Santos - do sexo masculino côr branca com 84 anos, 7 meses e 25 dias de idade, natural do Estado da Guanabara estado civil desquitado com Claudina Ferreira da Costa profissão func. Pub. penalista residente Av. N. S. de Copacabana 245 ap 405 - filho de Manoel de Oliveira Santos natural residente e de Elvira Pacheco Santos natural residente Causa mortis Peritonite, tumor retro peritonial. Arteriosclerose generalizada vai ser sepultado no Cemitério São Francisco de Paula Observações: Pelo declarante foi dito que o finado deixou dispos. nas deixou filhos nem bens este tempo. o estado civil do referido é desquitado de "Claudina Ferreira da Costa e não como está acima

Para constar lavrei êste têrmo que, lido e achado conforme, assino. Eu, [illegible] escrevente juramentado, o escrevi. Eu, [illegible] Oficial do Registro Civil, subscrevo e assino.

Departamento de Imprensa Nacional — MOD. 2.405

SEM VALO

Registro de óbito de Eurico Santos.

nistério da Justiça e Negócios Interiores.

Antônio Ferreira Leite, Escrevente Juramentado do 11.º Ofício de Notas da Justiça do Distrito Federal, no cargo de Escrivão Criminal da mesma Justiça.

CONCEDER LICENÇA:

Usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item XV, da Constituição Federal, e tendo em vista o que consta do processo n.º 1.866-54, do Departamento do Interior e da Justiça do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

A Avelino Pessoa Cavalcânti, brasileiro, nascido aos 21 de maio de 1891, filho de Avelino Pereira da Silva Cavalcanti e de Izabel Pessoa Cavalcânti, residente nesta Capital, para aceitar e exercer o cargo de Cônsul Honorário da República Dominicana no Distrito Federal.

DECLARAR:

Tendo em vista o que consta do processo n.º 24.494, de 1953, do Departamento de Administração do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Que a promoção por antiguidade feita por decreto de 8 de julho de 1953, do Major-Médico Graduado Doutor Correntino Weguelin Nogueira Paranaguá, ao pôsto de Major-Médico da Polícia Militar do Distrito Federal, é a partir da data do respectivo decreto, e não a partir de 12 de setembro de 1951, como consta do mesmo.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

DECRETOS DE 3 DE FEVEREIRO DE 1954

O Presidente da República resolve:

DESIGNAR:

Ildefonso Falcão, ocupante do cargo da classe O da carreira de Diplomata do Quadro Permanente do Ministério das Relações Exteriores para, de acôrdo com o Decreto n.º 34.635, de 17 de novembro de 1953, exercer, cumulativamente, a função de Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Brasil no Afganistão.

REMOVER EX-OFFICIO, NO INTERÊSSE DA ADMINISTRAÇÃO:

De acôrdo com o artigo 56, item I, da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952, combinado com os artigos 4.º e 5.º, do Decreto-lei número 9.202, de 26 de abril de 1946,

Adolpho Cardoso de Alencastro Guimarães, ocupante do cargo da classe O da carreira de Diplomata do Quadro Permanente do Ministério das Relações Exteriores, da Embaixada do Brasil no México para a Embaixada do Brasil na Austria e designá-lo para exercer a função de Embaixador.

Themistocles da Graça Aranha, ocupante do cargo da classe O da carreira de Diplomata do Quadro Permanente do Ministério das Relações Exteriores, da Embaixada do Brasil no Egito para a Embaixada do Brasil nos Países Baixos e designá-lo para exercer a função de Embaixador.

De acôrdo com o artigo 56, item I, da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952, combinado com os artigos 4.º e 6.º, do Decreto-lei número 9.202, de 26 de abril de 1946,

Antônio Mendes Viana, ocupante do cargo da classe N da carreira de Diplomata do Quadro Permanente do Ministério das Relações Exteriores, do Consulado Geral do Brasil em Antuérpia para a Legação do Brasil no Irã e designá-lo para exercer a função de Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário.

Frank de Mendonça Moscoso, ocupante do cargo da classe N da carreira de Diplomata do Quadro Permanente do Ministério das Relações Exteriores, da Embaixada do Brasil na Grã-Bretanha para a Legação do Brasil na Polônia e designá-lo para exercer a função de Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário.

De acôrdo com o art. 56, item I, da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952, combinado com os arts. 4.º e 10, do Decreto-lei n.º 9.202, de 26 de abril de 1946,

Armando Braga Ruy Barbosa, ocupante do cargo da classe L da carreira de Diplomata do Quadro Permanente do Ministério das Relações Exteriores, da Secretaria de Estado para a Embaixada do Brasil na República Dominicana e designá-lo para exercer a função de Segundo Secretário.

DECLARAR APOSENTADO:

Tendo em vista o que consta do processo s/n.º da Secretaria de Estado das Relações Exteriores,

De acôrdo com os artigos 176, item I, 177 e 184, item I, da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952, combinado com o artigo 12, § 1.º, do Decreto-lei n.º 9.202, de 26 de abril de 1946, com as modificações previstas no artigo 4.º da Lei n.º 1.220, de 28 de outubro de 1950,

A partir de 11 de janeiro de 1953,

Nestor Marins de Braga Melo, no cargo da classe N da carreira de Diplomata do Quadro Permanente — Parte Transitória — do Ministério das Relações Exteriores.

TORNAR SEM EFEITO:

O decreto publicado no *Diário Oficial* de 30 de outubro de 1953, que removeu *ex-officio*, no interêsse da administração, de acôrdo com o art. 56, item I, da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952, combinado com o art. 4.º e art. 10, § 2.º, do Decreto-lei n.º 9.202, de 26 de abril de 1946, Armando Braga Ruy Barbosa, ocupante do cargo da classe L da carreira de Diplomata do Quadro Permanente do Ministério das Relações Exteriores, da Secretaria de Estado para o Consulado Geral do Brasil em Capetown e designou-o para exercer a função de Cônsul Adjunto.

MINISTÉRIO DA FAZENDA

DECRETOS DE 3 DE FEVEREIRO DE 1954

O Presidente da República resolve:

NOMEAR:

De acôrdo com o artigo 12, item IV, letra "a", combinado com os artigos 72 e 73, § 2.º, da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952,

Enéas Franco Melo, para exercer, interinamente, como substituto, o cargo de Tesoureiro-Auxiliar (Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional no Estado de São Paulo), padrão M, do Quadro Permanente do Ministério da Fazenda, durante o impedimento do respectivo titular, Mário Altamiro Guimarães, que se encontra à disposição da Recebedoria Federal em São Paulo.

DEMITIR:

De acôrdo com o artigo 207, item II, da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952,

Tendo em vista o que consta do processo n.º 62.012-53, da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda,

Alda Pires da Silveira, do cargo de Tesoureiro-Auxiliar (Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional no Estado de São Paulo), padrão M, do Quadro Permanente do Ministério da Fazenda, que ocupa interinamente em substituição a Mário Altamiro Guimarães, que se encontra à disposição da Recebedoria Federal no Estado de São Paulo.

DEMITIR A BEM DO SERVIÇO PÚBLICO:

De acôrdo com o art. 207, item VI, combinado com o art. 209, da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952,

Tendo em vista o que consta do processo n.º 187.396, de 1951, do Ministério da Fazenda,

Santilio Aristeu Borges, do cargo da classe L da carreira de Coletor do Quadro Suplementar do Ministério da Fazenda.

MINISTÉRIO DA VIAÇÃO, E OBRAS PÚBLICAS

DECRETO DE 31 DE DEZEMBRO DE 1953

O Presidente da República resolve:

PROMOVER:

No Quadro III do Ministério da Viação e Obras Públicas.

Parte Suplementar:

I — Por antiguidade, de acôrdo com o artigo 39, combinado com o parágrafo 1.º do artigo 40 da Lei número 1.711, de 28 de outubro de 1952:

a) na carreira de Ascensor

1) Francisco Silva Pereira da classe D à classe E, vago em virtude do falecimento de Antônio Rosas;

2) Alfredo Joaquim da Silveira da classe C à classe D, vago em virtude da promoção de Francisco Silva Pereira;

3) Alvaro Silva da classe B à classe C, vago em virtude da promoção de Alfredo Joaquim da Silveira.

DECRETO DE 3 DE FEVEREIRO DE 1954

O Presidente da República resolve:

NOMEAR:

De acôrdo com o artigo 1.º do Decreto-lei n.º 145, de 29 de dezembro de 1937,

Otacília da Silva Teles, ocupante do cargo da classe G da carreira de Escriturário (Decreto-lei n.º 145, de 1937), do Quadro II do Ministério da Viação e Obras Públicas, para exercer o cargo da classe H da carreira de Oficial Administrativo, dos mesmos Quadro e Ministério, vago em virtude do falecimento de Júlia de Oliveira Alves.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

DECRETOS DE 3 DE FEVEREIRO DE 1954

O Presidente da República resolve:

NOMEAR:

De acôrdo com o artigo 12, item II, da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952,

Hermógenes Alves Madeira para exercer o cargo da classe D da carreira de Prático Rural, do Quadro Permanente do Ministério da Agricultura, vago em virtude da promoção de Daniel Utsch Carneiro.

De acôrdo com o artigo 12, item IV, letra "a", da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952,

Sady Roland para exercer, interinamente, o cargo da classe K da carreira de Engenheiro de Minas, do Quadro Permanente do Ministério da Agricultura, vago em virtude do falecimento de Raimundo Nonato Gomes.

APOSENTAR:

De acôrdo com o artigo 176, item III combinado com o artigo 178, item III, da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952.

Tendo em vista o que consta do processo S.C. 1.694-54, do Departamento de Administração,

Gregório Leonardo Leite, amparado pelo artigo 23 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, na função de referência 21, da Série Funcional de Guarda, da Parte Permanente da Tabela Única de Mensalistas do Ministério da Agricultura.

DECLARAR APOSENTADO:

A partir de 28 de junho de 1953, de acôrdo com o artigo 175, item I, combinado com o artigo 187 da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952.

Tendo em vista o que consta do processo S.C. 63.343-53, do Departamento de Administração,

Eurico de Oliveira Santos, amparado pelo artigo 23 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, na função de referência 24, da Série Funcional de Auxiliar Administrativo da parte Permanente da Tabela Única de Mensalista do Ministério da Agricultura.

Tendo em vista o que consta do processo S.C. 63.783-53, do Departamento de Administração,

A partir de 5 de novembro de 1953,

Laura de Nova Friburgo, amparada pelo artigo 23 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, na função de referência 27 da Série Funcional de Tradutor da Parte Permanente da Tabela Única de Mensalistas do Ministério da Agricultura.

CONCEDER APOSENTADORIA:

De acôrdo com o artigo 176, item II, combinado com o artigo 178, item I, da Lei n.º 1.711, de 28 de outubro de 1952,

Tendo em vista o que consta do processo S.C. 71.572-53, do Departamento de Administração,

A Luiz Lofgren no cargo da classe [illegible] da carreira de Engenheiro do Quadro Permanente do Ministério da Agricultura.

Decretos de 3. fev. 1954, dentre os quais o que declara aposentado E.S., a partir de 28 jun. 1953.


ESPAÑA

1915

Núm. 10 Cts. SEMANARIO DE LA VIDA NACIONAL Núm. 10 Cts.

ENTRE SALVAJES

Capa da revista *España*, Madrid, 23 set. 1915, n. 35. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de España.

Transcrição da legenda: Entre salvajes — En mi vida he visto hombre tan civilizado como ese maldito cuñado tuyo. Ayer, despues de matar mas de veinte inocentes criaturas, se las comió crudas[38].


ESPAÑA

Guia del estudiante

CARRERAS MILITARES
GRAN ACADEMIA "EL NORTE"
MADRID — ARENAL, 13 — MADRID

ACADEMIA PREPARATORIA
LIBERTAD, 13, MADRID

ACADEMIA ORAD

ACADEMIA MORENO

COLEGIO CLÁSICO ESPAÑOL
CLAUDIO COELLO, 61

ACADEMIA MADARIAGA

ACADEMIA MESOL

CORREOS - TELÉGRAFOS - CARRERAS MILITARES

ACADEMIA COLEGIO HISPANO

ACADEMIA TAMARIT

Academia Estévez

Escuelas Internacionales por Correspondencia

INSTITUCION CERVERA ⊞ VALENCIA (España).

ESCUELAS LIBRES DE

Ingenieros Electricistas, Ingenieros Mecánicos, Ingenieros Mecánico-Electricistas, Ingenieros Agrícolas, Electroterapéuticos, Arquitectos constructores, Telegrafistas Navales.

IDIOMAS

Son las Escuelas más importantes de Europa en su clase. Su nombre y fama son universales.

El Director DON JULIO CERVERA BAVIERA

SR. D. JULIO CERVERA BAVIERA
VALENCIA

Propaganda da Instituicion Cervera na revista *España*, Madrid, 23 set. 1915, n. 35, p.11. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de España.

[38] Entre selvagens: Na minha vida, vi um homem tão civilizado quanto aquele maldito cunhado seu. Ontem, depois de matar mais de vinte criaturas inocentes, ele as comeu cruas.



Capa da revista *España*, n.6,
Madrid, 5 mar. 1915.

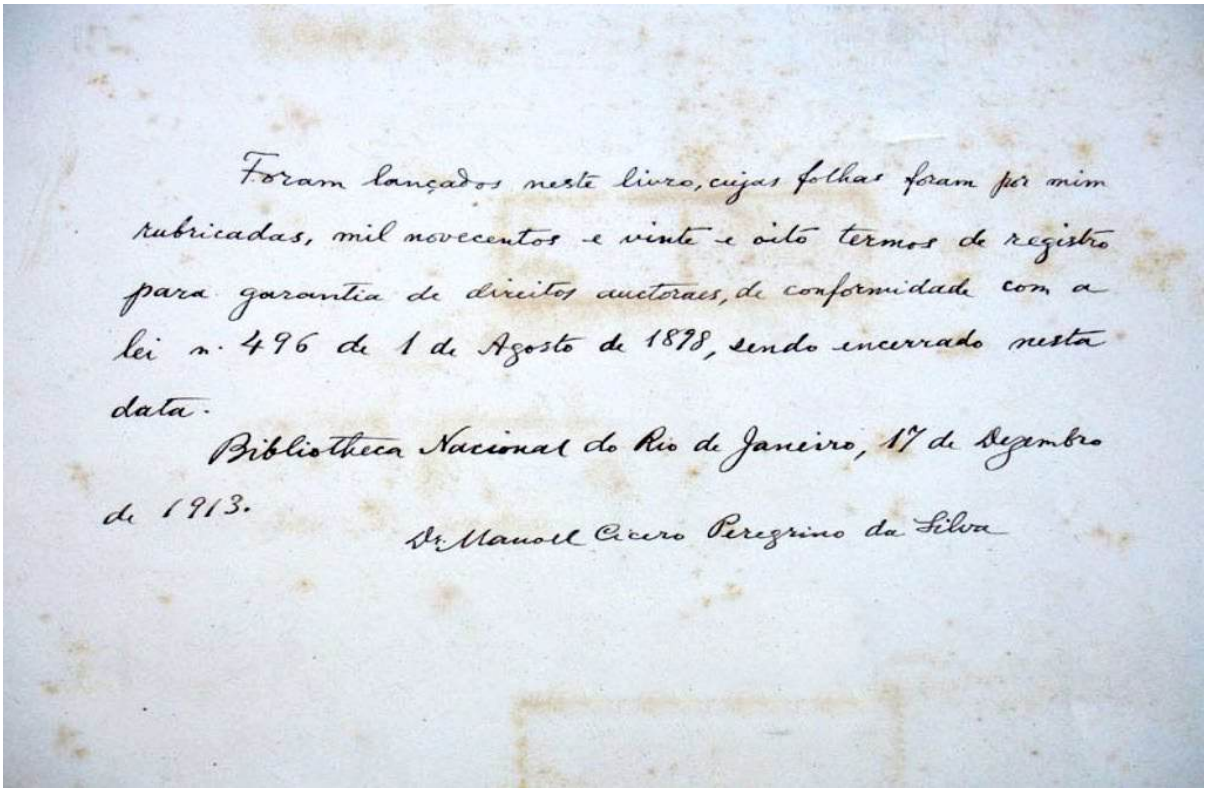
Transcrição da legenda da figura:
“EN LA SELVA. — EL LEÓN: ¡¡Que viene el hombre!!...”



Capa da revista *España*, n.9,
Madrid, 23 mar. 1915.

Transcrição da legenda da figura:
“ LOS UNICOS SUPERVIVIENTES. —
¡Al fin, solos!”

CURIOSIDADES SOBRE *AS CASAS EDITORIAIS E OS DIREITOS AUTORAIS*



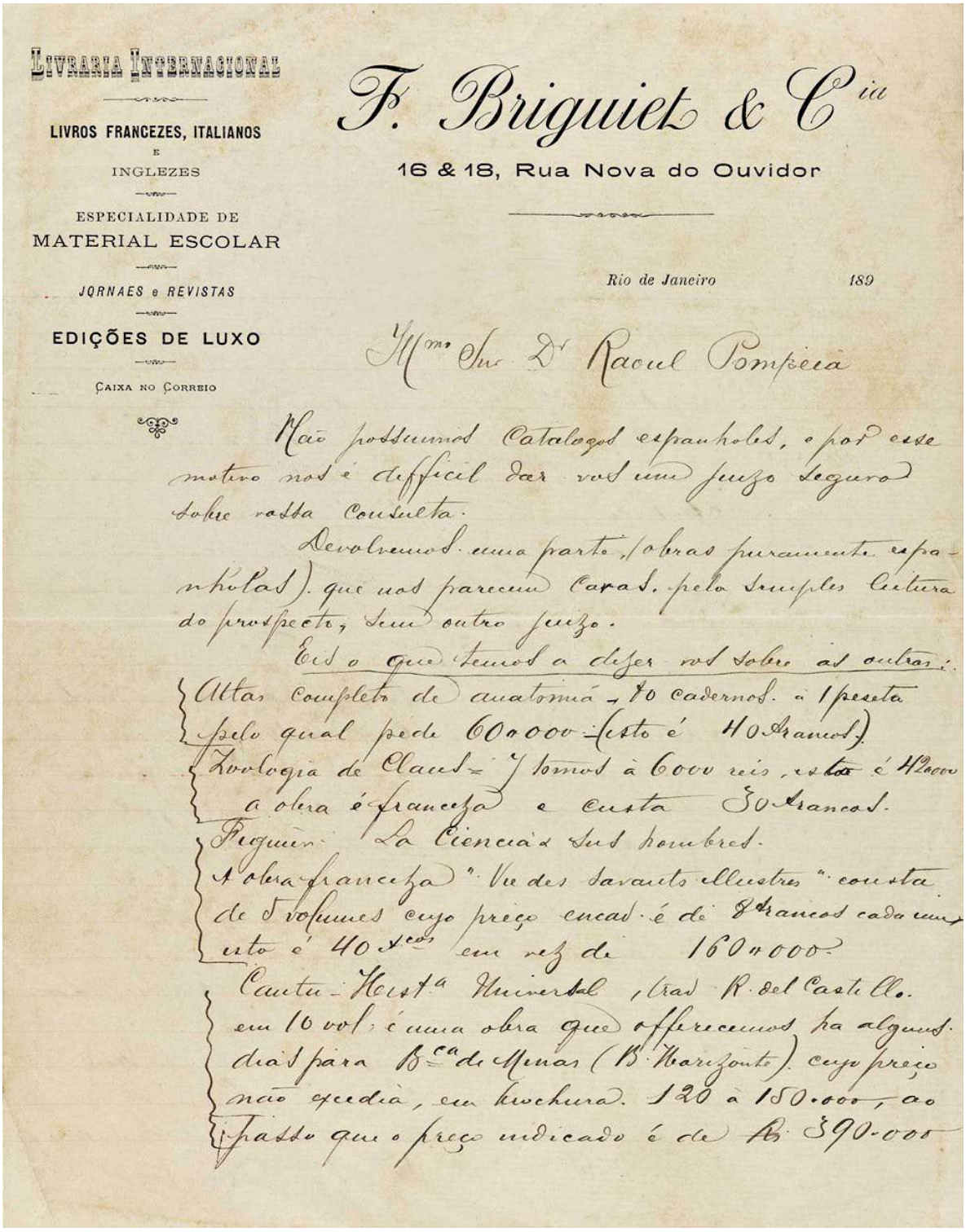
Foram lançados neste livro, cujas folhas foram por mim rubricadas, mil novecentos e vinte e oito termos de registro para garantia de direitos auctoraes, de conformidade com a lei n. 496 de 1 de Agosto de 1898, sendo encerrado nesta data.

Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 17 de Dezembro de 1913.

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva

Da lavratura do primeiro registro[39], em 16 dez. 1899, até o encerramento do Livro n. 1 (de anotações dos registros), em 17 dez. 1913, foram registradas 1.928 obras publicadas.

[39] A primeira obra registrada no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional foi *Lithographia e chromolithographia*, da editora León de Rennes & Cia.



LIVRARIA INTERNACIONAL

LIVROS FRANCEZES, ITALIANOS
E
INGLEZES

ESPECIALIDADE DE
MATERIAL ESCOLAR

JORNAES e REVISTAS

EDIÇÕES DE LUXO

CAIXA NO CORREIO

F. Briguiet & Cia

16 & 18, Rua Nova do Ouvidor

Rio de Janeiro 189

Illm. Snr. Dr Raoul Pompeia

Não possuimos Catalogos espanhoes, e por esse motivo nos é difficil dar-vos um juizo seguro sobre vossa Consulta.

Devolvemos uma parte, (obras puramente espanholas). que nos parecem caras, pelo simples exame do prospecto, sem outro juizo.

Eis o que temos a dizer-vos sobre as outras:

Atlas completo de anatomia — 70 cadernos à 1 peseta pelo qual pede 60$000 (isto é 140 francos)

Zoologia de Claus — 2 tomos à 6$000 reis, custa é 42$000 a obra é franceza e custa 30 francos.

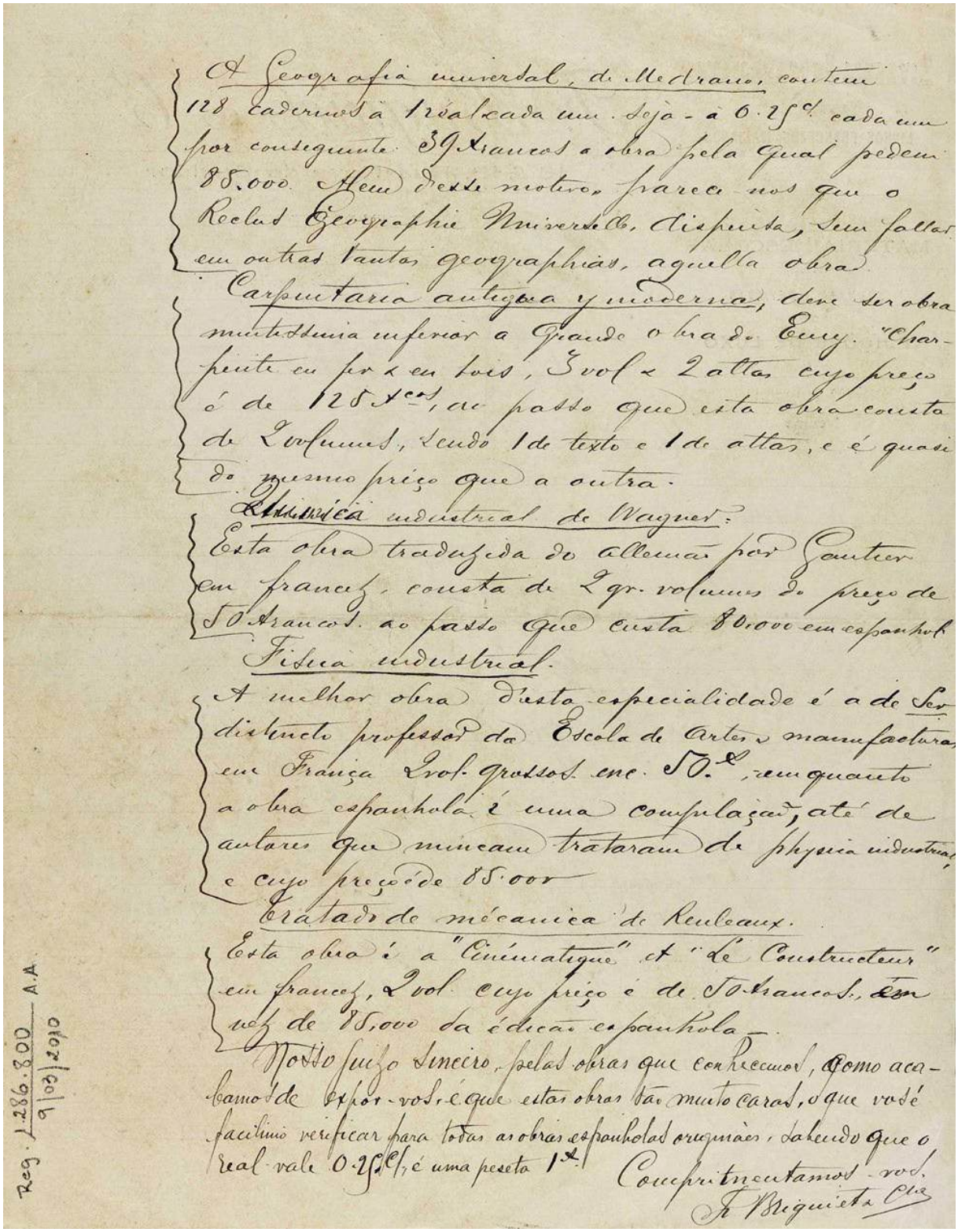
Figuier: La Ciencia e sus hombres.

A obra franceza "Vie des savants illustres" consta de 5 volumes cujo preço encad. é de 8 francos cada um, isto é 40 francos em vez de 160$000

Canto — Hist.a Universal, trad. R. del Castillo. em 10 vol; é uma obra que offerecemos ha alguns dias para B.ca de Minas (B. Horizonte) cujo preço não excedia, em brochura, 120 à 150$000, ao passo que o preço indicado é de Rs 390$000

Imagem digital[40] da primeira página da carta dirigida ao diretor da Biblioteca Nacional, Raul d'Avila Pompéia, assinada por Ferdinand Briguiet, informando-o sobre as obras solicitadas (Acervo Biblioteca Nacional).

[40] Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1286800/mss1286800.pdf. Acesso em: 1 mar. 2024.



A Geographia universal, de Medrano, contem
128 cadernos à 1 real cada um. Seja - à 0.25 cada um
por conseguinte 32 francos a obra pela qual pedem
85.000. Hem deste motivo parece nos que o
Recluz Geographia Universelle, disputa, sem fallar
em outras tantas geographias, aquella obra.

Carpentaria antiga y moderna, deve ser obra
muito mais inferior a Grande obra de Emy. "Char-
pente en fer" en bois, 3 vol e 2 atlas cujo preço
é de 125 francos, ao passo que esta obra consta
de 2 volumes, sendo 1 de texto e 1 de atlas, e é quasi
do mesmo preço que a outra.

Chimica industrial de Wagner:
Esta obra traduzida do allemão por Gautier
em francez, consta de 2 gr. volumes do preço de
50 francos. ao passo que custa 80.000 em espanhol

Fisica industrial.
A melhor obra desta especialidade é a de Ser
distincto professor da Escola de Arte e manufacturas
em França Prof. Grassot enc. 50. [illegible], emquanto
a obra espanhola é uma compilação, até de
autores que mincam trataram de physica industrial
e cujo preço de 85.000

Tratado de mécanica de Reuleaux.
Esta obra é a "Cinématique" et "de Constructeur"
em francez, 2 vol cujo preço é de 50 francos, em
vez de 85.000 da édicão espanhola.

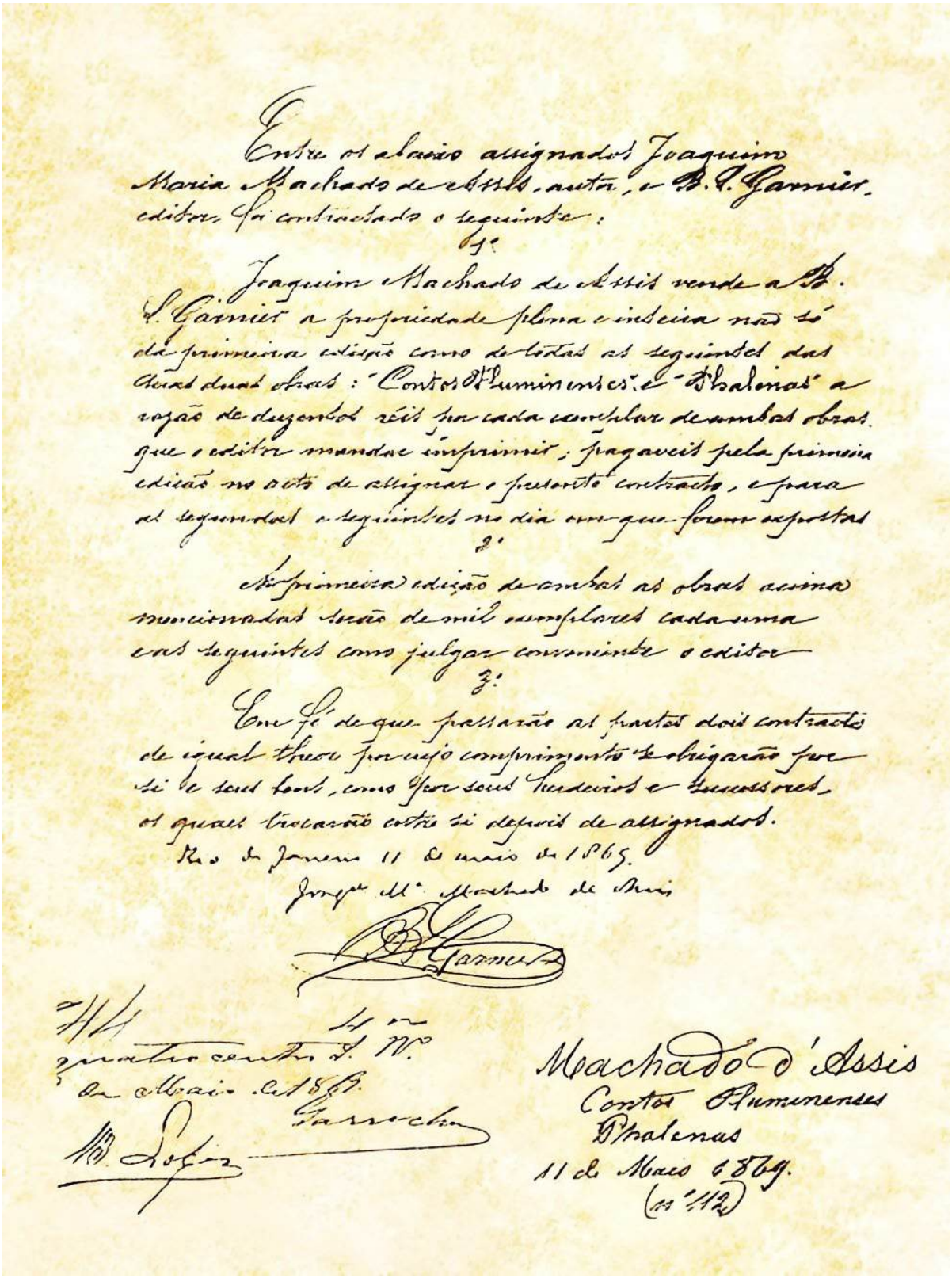
Nosso juizo sincero, pelas obras que conhecemos, como acabamos de expor-vos, é que estas obras tão muito caras, o que vos é facilimo verificar para todas as obras espanholas originaes, sabendo que o real vale 0.25 c, é uma peseta 1.

Cumprimentamos-vos.
F. Briguiet & Cia

Reg. 1.286.800 A.A. 9/03/2010

Imagem digital[41] da segunda página da carta dirigida ao diretor da Biblioteca Nacional, Raul d'Avila Pompéia, assinada por Ferdinand Briguiet, informando-o sobre as obras solicitadas (Acervo Biblioteca Nacional).

[41] Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1286800/mss1286800.pdf. Acesso em: 1 mar. 2024.



Entre os abaixo assignados Joaquim Maria Machado de Assis, autor, e B. L. Garnier, editor, foi contractado o seguinte:

1º

Joaquim Machado de Assis vende a B. L. Garnier a propriedade plena e inteira não só da primeira edição como de todas as seguintes das duas obras: "Contos Fluminenses" e "Falenas" a razão de duzentos réis por cada exemplar de ambas obras que o editor mandar imprimir; pagaveis pela primeira edição no acto de assignar o presente contracto, e para as seguintes no dia em que forem expostas

2º

A primeira edição de ambas as obras acima mencionadas terão de mil exemplares cada uma e as seguintes como julgar conveniente o editor

3º

Em fé de que passarão os fractos dois contractos de igual theor para cumprimento de obrigação por si e seus bens, como por seus herdeiros e successores, o que vae rubricado com as declarações de assignados.

Rio de Janeiro 11 de maio de 1864.

Joaquim Maria Machado de Assis

B. L. Garnier

2$/4

Duzentos centos réis

Rio de Maio de 1864.

B. L. Garnier

Machado d'Assis
Contos Fluminenses
Falenas
11 de Maio 1864.
(2$/4)

Imagem digital[42] do contrato firmado por Machado de Assis em 1864, no qual cede a propriedade inteira e perpétua das obras *Contos fluminenses e falenas*: o escritor passou a exigir novas condições em acordos subsequentes, entre os quais o pagamento em caso de reedição.

[42] Disponível em: 'A mão visível do editor invisível' | Unicamp. Acesso em: 1 mar. 2024.



Frontispício do artigo citado por E.S. em *A Fazenda*, n.30, p.10, 1912, disponível na Coleção de Obras Raras do Acervo Digital da Biblioteca Machado de Assis. Acesso em: 14 ago. 2023.



Dromedário. Ilustração de Charles Dessalines d'Orbigny (1806-1876), publicada no *Dictionnaire universel d'histoire naturelle* (1846).

Poder Occulto que protege e favorece em todos os negocios e emprehendimentos !

Com os Accumuladores Mentaes sereis effectivamente feliz e vivereis na abundancia, porque vosso desejo de boa sorte, devido á saturação dos vossos effluvios nervosos, ao preparar os Accumuladores conforme o ensino do impresso que os acompanha, se formulará na atmosphera magnetica da Terra, e nella ficará vitalizado pela vossa intenção, á maneira de torpedo espiritual que insinuará suggestivamente os acontecimentos por vós desejados. As pessoas sobre as quaes tivestes intenção de influenciar procederão a vosso favor desde então, como inspiradas pelo livre arbitrio dellas proprias; mas estarão de facto suggestionadas indirectamente por vós, e talvez mesmo sem mais estardes pensando no que desejaste.

Estes Accumuladores operam tambem com a influencia dos astros, mas sua composição é segredo de bm grupo de altos iniciados occultistas americanos. Apezar de estarem protegidos pelo «Registro Official de Marcas», convem entretanto para evitar imitações, que se os adquira de nós directamente, visto sermos seus agentes geraes em toda a America. De muitas notabilidades que tem adquirido estes Accumuladores desde mais de 12 annos, possuimos importantes attestados favoraveis, alguns dos quaes, cuja publicação foi expressamente autorisada, tem sido publicados nos nossos 25 magazines illustrados.

Os Accumuladores são necessarios a todas as pessoas. — Tendes algum desejo que, apezar de vosso esforço, não conseguis ver realizado ? Sois infeliz em vossa familia ou em vosso commercio ? Necessitaes descobrir alguma cousa que vos preoccupa ? Quereis fazer voltar para vossa companhia alguem que se tenha separado ? Quereis curar alguem do vicio da bebida, jogo ou sensualismo ? Alguma molestia do cerebro, nervosa ou qualquer outra ? Destruir algum maleficio ? Alcançar bom emprego ou prosperidade ? Facilitar algum casamento difficil ou alguma reconciliação ? Fazer desapparecer alguma difficuldade ? Empregae os **Accumuladores Mentaes**, conforme as instrucções impressas que os acompanham, pois darão os resultados que desejaes alcançar.

Preço dos Accumuladores Mentaes em dinheiro brazileiro. Um Accumulador sozinho, 33$000 rs.; os dois, por junto 66$000 rs. Faz-se pelo mesmo preço a remessa pelo correio, com todas as instrucções impressas em portuguez. Se não tiverdes recursos para obter de prompto os dois Accumuladores, comprae um de cada vez; ou então comprae por 10$000 o livro **Occultismo Pratico** do Dr. J. Lawrence, com o qual podereis muito obter, sem os Accumuladores.



Agencia de Diplomas Scientificos Medico (Doutor em Medicina), Cirurgião Dentista, Pharmaceutico, Engenheiro Civil, Veterinario, Machinista, Commandante de embarcações, Guarda-Livros ou Chefe de Contabilidade, Technico em Commercio (para negociantes) Engenheiro Industrial, (para industrias), Photographo, Agronomo (para lavradores) Bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes (para Juizes de Paz, delegados e advogados), Doutor em Sciencias Politicas e Administrativas (para autoridades e chefes politicos), Doutor em Sciencias Pedagogicas (para professores) Doutor em Philosophia ou Theologia (para pregadores do Evangelho). **Cada diploma: 60$000. Com registro no Registro de Titulos no Rio de Janeiro : Mais 40$.**

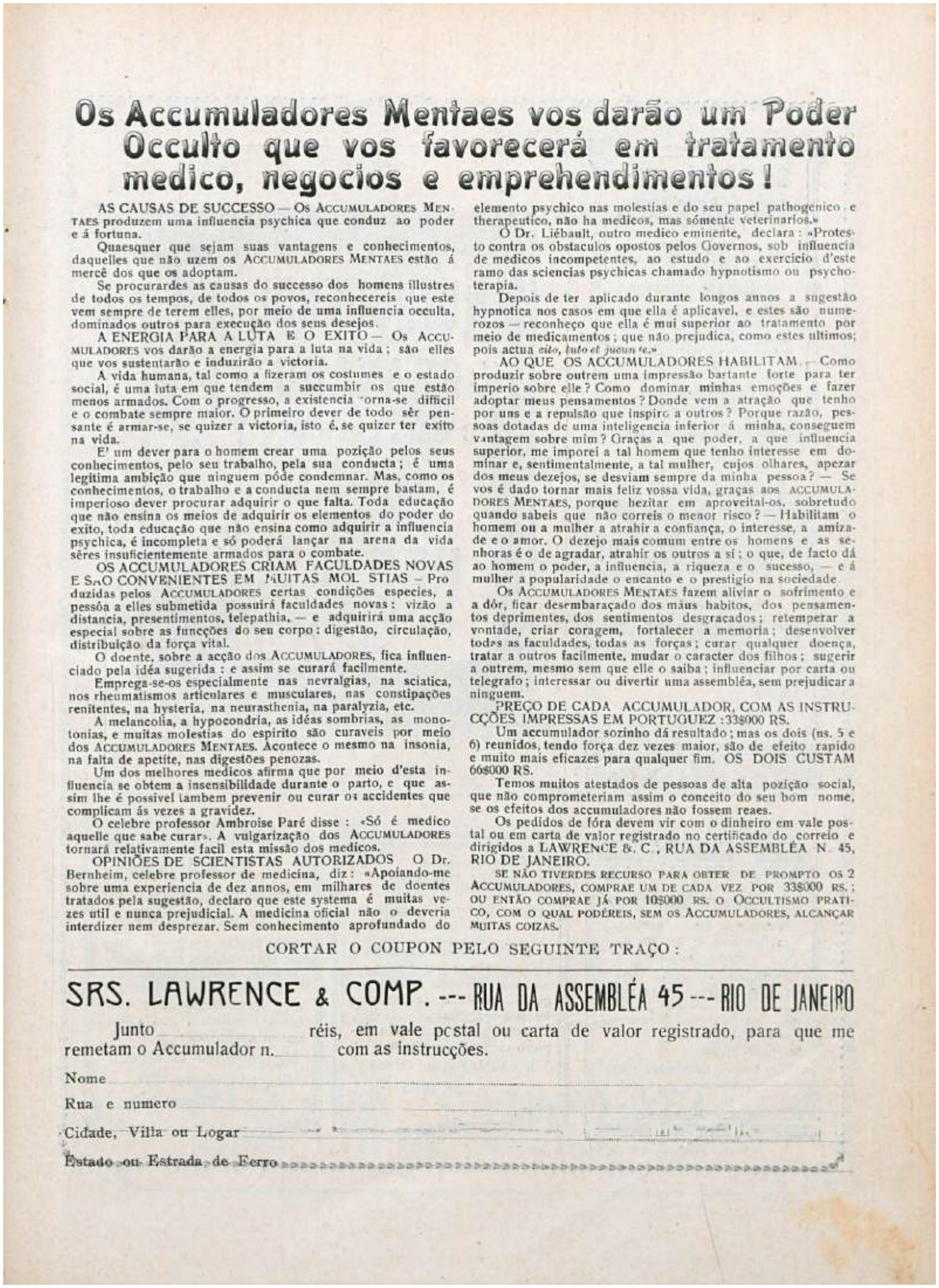
COMO REMETTER O DINHEIRO :

Em vale postal ou carta pelo registro chamado **Valor declarado**, a

LAWRENCE & C. RUA DA ASSEMBLEA 45
RIO DE JANEIRO

Esta casa é conhecida desde ha cerca de 20 annos como Agencia de Universidades estrangeiras. Fornece, a quem os pedir, folhetos gratis explicativos.

Couch Lawrence, «Accumuladores Mentaes», «Occultismo Pratico» e venda de “Diplomas Scientificos”, anúncio publicado em *A Fazenda*, n.34, 1913.



Os Accumuladores Mentaes vos darão um Poder Occulto que vos favorecerá em tratamento medico, negocios e emprehendimentos!

AS CAUSAS DE SUCCESSO — Os ACCUMULADORES MENTAES produzem uma influencia psychica que conduz ao poder e á fortuna.

Quaesquer que sejam suas vantagens e conhecimentos, daquelles que não uzem os ACCUMULADORES MENTAES estão á mercê dos que os adoptam.

Se procurardes as causas do successo dos homens illustres de todos os tempos, de todos os povos, reconhecereis que este vem sempre de terem elles, por meio de uma influencia occulta, dominados outros para execução dos seus desejos.

A ENERGIA PARA A LUTA E O EXITO — Os ACCUMULADORES vos darão a energia para a luta na vida; são elles que vos sustentarão e induzirão a victoria.

A vida humana, tal como a fizeram os costumes e o estado social, é uma luta em que tendem a succumbir os que estão menos armados. Com o progresso, a existencia torna-se difficil e o combate sempre maior. O primeiro dever de todo sêr pensante é armar-se, se quizer a victoria, isto é, se quizer ter exito na vida.

E' um dever para o homem crear uma pozição pelos seus conhecimentos, pelo seu trabalho, pela sua conducta; é uma legitima ambição que ninguem póde condemnar. Mas, como os conhecimentos, o trabalho e a conducta nem sempre bastam, é imperioso dever procurar adquirir o que falta. Toda educação que não ensina os meios de adquirir os elementos do poder do exito, toda educação que não ensina como adquirir a influencia psychica, é incompleta e só poderá lançar na arena da vida sêres insuficientemente armados para o combate.

OS ACCUMULADORES CRIAM FACULDADES NOVAS E SÃO CONVENIENTES EM MUITAS MOLESTIAS — Produzidas pelos ACCUMULADORES certas condições especies, a pessôa a elles submetida possuirá faculdades novas: vizão a distancia, presentimentos, telepathia, — e adquirirá uma acção especial sobre as funcções do seu corpo: digestão, circulação, distribuição da força vital.

O doente, sobre a acção dos ACCUMULADORES, fica influenciado pela idéa sugerida: e assim se curará facilmente.

Emprega-se-os especialmente nas nevralgias, na sciatica, nos rheumatismos articulares e musculares, nas constipações renitentes, na hysteria, na neurasthenia, na paralyzia, etc.

A melancolia, a hypocondria, as idéas sombrias, as monotonias, e muitas molestias do espirito são curaveis por meio dos ACCUMULADORES MENTAES. Acontece o mesmo na insonia, na falta de apetite, nas digestões penozas.

Um dos melhores medicos afirma que por meio d'esta influencia se obtem a insensibilidade durante o parto, e que assim lhe é possivel tambem prevenir ou curar os accidentes que complicam ás vezes a gravidez.

O celebre professor Ambroise Paré disse: «Só é medico aquelle que sabe curar». A vulgarização dos ACCUMULADORES tornará relativamente facil esta missão dos medicos.

OPINIÕES DE SCIENTISTAS AUTORIZADOS — O Dr. Bernheim, celebre professor de medicina, diz: «Apoiando-me sobre uma experiencia de dez annos, em milhares de doentes tratados pela sugestão, declaro que este systema é muitas vezes util e nunca prejudicial. A medicina official não o deveria interdizer nem desprezar. Sem conhecimento aprofundado do elemento psychico nas molestias e do seu papel pathogenico e therapeutico, não ha medicos, mas sómente veterinarios.»

O Dr. Liébault, outro medico eminente, declara: «Protesto contra os obstaculos opostos pelos Governos, sob influencia de medicos incompetentes, ao estudo e ao exercicio d'este ramo das sciencias psychicas chamado hypnotismo ou psychoterapia.

Depois de ter aplicado durante longos annos a sugestão hypnotica nos casos em que ella é aplicavel, e estes são numerozos — reconheço que ella é mui superior ao tratamento por meio de medicamentos; que não prejudica, como estes ultimos; pois actua *cito, tuto et jucunde*.»

AO QUE OS ACCUMULADORES HABILITAM — Como produzir sobre outrem uma impressão bastante forte para ter imperio sobre elle? Como dominar minhas emoções e fazer adoptar meus pensamentos? Donde vem a atração que tenho por uns e a repulsão que inspiro a outros? Porque razão, pessoas dotadas de uma inteligencia inferior á minha, conseguem vantagem sobre mim? Graças a que poder, a que influencia superior, me imporei a tal homem que tenho interesse em dominar e, sentimentalmente, a tal mulher, cujos olhares, apezar dos meus dezejos, se desviam sempre da minha pessoa? — Se vos é dado tornar mais feliz vossa vida, graças aos ACCUMULADORES MENTAES, porque hezitar em aproveital-os, sobretudo quando sabeis que não correis o menor risco? — Habilitam o homem ou a mulher a atrahir a confiança, o interesse, a amizade e o amor. O dezejo mais comum entre os homens e as senhoras é o de agradar, atrahir os outros a si; o que, de facto dá ao homem o poder, a influencia, a riqueza e o sucesso, — e á mulher a popularidade o encanto e o prestigio na sociedade.

Os ACCUMULADORES MENTAES fazem aliviar o sofrimento e a dôr, ficar desembaraçado dos máus habitos, dos pensamentos deprimentes, dos sentimentos desgraçados; retemperar a vontade, criar coragem, fortalecer a memoria; desenvolver todas as faculdades, todas as forças; curar qualquer doença, tratar a outros facilmente, mudar o caracter dos filhos; sugerir a outrem, mesmo sem que elle o saiba; influenciar por carta ou telegrafo; interessar ou divertir uma assembléa, sem prejudicar a ninguem.

PREÇO DE CADA ACCUMULADOR, COM AS INSTRUCÇÕES IMPRESSAS EM PORTUGUEZ: 33$000 RS.

Um accumulador sozinho dá resultado; mas os dois (ns. 5 e 6) reunidos, tendo força dez vezes maior, são de efeito rapido e muito mais eficazes para qualquer fim. OS DOIS CUSTAM 66$000 RS.

Temos muitos attestados de pessoas de alta pozição social, que não comprometeriam assim o conceito do seu bom nome, se os efeitos dos accumuladores não fossem reaes.

Os pedidos de fóra devem vir com o dinheiro em vale postal ou em carta de valor registrado no certificado do correio e dirigidos a LAWRENCE & C., RUA DA ASSEMBLÉA N. 45, RIO DE JANEIRO.

SE NÃO TIVERDES RECURSO PARA OBTER DE PROMPTO OS 2 ACCUMULADORES, COMPRAE UM DE CADA VEZ POR 33$000 RS.; OU ENTÃO COMPRAE JÁ POR 10$000 RS. O OCCULTISMO PRATICO, COM O QUAL PODÉREIS, SEM OS ACCUMULADORES, ALCANÇAR MUITAS COIZAS.

CORTAR O COUPON PELO SEGUINTE TRAÇO:

SRS. LAWRENCE & COMP. --- RUA DA ASSEMBLÉA 45 --- RIO DE JANEIRO

Junto _____ réis, em vale postal ou carta de valor registrado, para que me remetam o Accumulador n. _____ com as instrucções.

Nome _____

Rua e numero _____

Cidade, Villa ou Logar _____

Estado ou Estrada de Ferro _____

«Accumuladores Mentaes vos darão um Poder Occulto que vos favorecerá em tratamento medico, negocios e emprehendimentos!», anúncio publicado em *A Fazenda*, n.35, 1913.



"O Campo" em face da crise do papel

UMA DECLARAÇÃO INDISPENSAVEL

O Campo

REVISTA MENSAL
LAVOURA · PECUARIA · INDUSTRIAS RURAIS
FUNDADA EM 1930

Propriedade da
Editora O CAMPO Limitada.

Diretores: F. ACQUARONE e JORGE RIBEIRO
Diretor-Gerente: ARMANDO ALVES RIBEIRO

ASSINATURAS ANUAIS

Visto da censura: MANOEL DE ANDRADE JUNIOR

PRISÃO DE VENTRE? MINORATIVAS

SETEMBRO, 1942

— 3 —

Essa foto foi publicada na revista *O Campo* n.153, 1942.
Se fosse hoje, qual seria a reação diante da pureza?

cem os preceitos de hygiene individual e se descuidam, em extremo, da limpeza do vasilhame.

Torna-se, pois, necessario instruir esse pessoal e isso só se poderá conseguir com a criação de escolas onde sejam administrados as noções indispensaveis de hygiene.

Sem o certificado dessa escola que prove se achar o individuo, apto a exercer a profissão, não poderia se empregar nesse mister.

Formar, primeiro o pessoal habilitado. Inspecção frequente do gado por veterinarios.

Exame medico do pessoal para a acquisição da carteira de aptidão physica.

Fiscalização frequente do serviço, sobretudo, nas horas da ordenha. A legislação sobre o serviço do leite não se deve limitar a nossa Capital, mas estender-se ás fazendas e granjas dos Estados, onde as condições do serviço em algumas deixam muito a desejar.

O transporte do leite deve ser rapido e em vagão frigorificado.

As escolas para o preparo do pessoal devem ter um cunho todo pratico, não se prolongando o curso por mais de 12 mezes.

Os estabulos actuaes devem ser substituidos pelas granjas leiteiras onde os animaes possam viver em liberdade com boas pastagens, agua abundante, o que não será difficil conseguir em nossa cidade, cercada de morros com vastas extensões, proximos ao centro e com facilidade de transporte rapido.

Nessas granjas o local destinado a ordenha deverá ser coberto, ter o solo impermeabilisado com sargetas para o escoamento das aguas servidas, torneiras e o dispositivo preciso para a boa execução do serviço.

Outras medidas que os poderes publicos precisam adoptar é a prohibição da venda do leite frigorificado de mais de 48 horas, porquanto o gelo não evita a fermentação da CASEINA que sob a acção posterior da ebulição se apresenta sob a fórma de flocos que perturbam a digestão.

Prestando-se o nosso paiz a criação do gado e constituindo os lacticinios uma industria, seria de necessidade a formação de technicos que mais tarde se collocassem á frente dessa industria e a impulsionasse.

Para isto seria de vantagem a criação de uma escola de lacticinios ou emquanto não se podesse crial-a, proporcionar um curso na Escola de Agricultura e Medicina Veterinaria.

O Brasil precisa progredir, sobresahir, impôr-se ao mundo civilizado e sahir dessa estagnação colonial para o que não pode haver desculpas.

Influencia das abelhas na productividade dos pomares

E' nullo ou quasi nullo, nos pomares, o valor da pollinização anemophila, e sendo a boa distribuição do pollen a condicção primaria da productividade e da fertilidade, é interessante apreciar o papel que os insectos a este respeito desempenham.

A caprificação é, sem duvida, o mais interessante exemplo da pollinização entomophila; mas o transporte do pollen pelo *Blastophaga*, e a fertilização das flores femininas da figueira, apresentam uma physionomia especial, que não interessa o nosso problema. Queremos referir-nos em especial ás abelhas, cujo papel na pollinização das especies fruteiras é consideravel.

A tão antiga noção do valor destes insectos tem sido confirmada recentemente por numerosas experiencias, que melhor definem a sua utilidade. E já hoje, na California, alguns pomareiros alugam colmeias, que distribuem pelos pomares durante a época da floração. O custo do aluguer, em 1930 e 1931, era de 2 a 5 dollars por colmeia, durante aquelle periodo (1).

São muito interessantes as experiencias de Alderman (1917) sobre o valor das abelhas na productividade dos pomares. Tendo isolado 16 macieiras *Rome Beauty*, casta bem conhecida pela sua sui-improductividade, assegurou a pollinização cruzada com ramos em flôr de outras variedades, collocados em vasos com agua. Nas arvores isoladas em tendas com abelhas, a percentagem de frutos vingados foi de 12,6, emquanto que nas arvores não isoladas apenas foi de 7,8 (2).

Experiencias analogas de Tufts (1919, 1922, 1923), com pereiras e amendoeiras, de Hendrickson (1918), com ameixeiras, de Overholser (1927), com macieiras, confirmam a extraordinaria utilidade destes insectos nos pomares, durante a época da floração.

Este ultimo autor obteve os seguintes resultados na variedade *Yellow Nowton*:

	Numero de flores	*Numero de frutos vingados*	*% de frutos vingados*
Sui-pollinizada sob uma tenda com abelhas	2.046	381	18,62
Pollinizada pelo vento (cobrindo os ramos para excluir os insectos)	1.768	5	0,28

Numa ameixeira *Rainha Claudia*, isolada para excluir os insectos, só 10% das flores vingaram, emquanto que numa arvore proxima, exposta aos agentes pollinizadores, esse numero elevou-se a 36%. Num pomar composto por pereiras de dezaseis annos, a introducção de colmeias elevou a producção cincoenta e cinco vezes. Em experiencias realizadas na Estação de Michigan (1929), a producção da cerejeira *Montmorency* foi sete vezes maior, quando pollinizada pelas abelhas, e a da ameixieira *Monarch* cerca de 9 vezes, do que a das arvores isoladas em gaiolas de rede para excluir os insectos.

Na litteratura européa tambem são numerosas as referencias á utilidade das abelhas sob este aspecto.

A deficiencia de agentes transportadores do pollen, se não conduz á improductividade absoluta, póde reduzil-a grandemente.

(1) Cf. *American Fruit Grower Magazine* — Abril de 1930, Abril de 1931.

(2) Ambas as percentagens são muito elevadas. Nas pereiras e macieiras basta que 5 a 7% das flores dêm frutos que alcancem a maturação para se obter uma boa colheita.

Arvores productoras de leite potavel

O mucugé que é a "Couma rigida", (Mull-Arg.) dos botanicos, pertence á familia das apocynaceas. E' uma arvore de 10 a 12 metros produz madeira pouco preciavel empregada para taboado e ripas.

Como as demais representantes da familia produz latex, que é bebida alimentar especialmente misturada ao café sendo assim um succedaneo do leite animal.

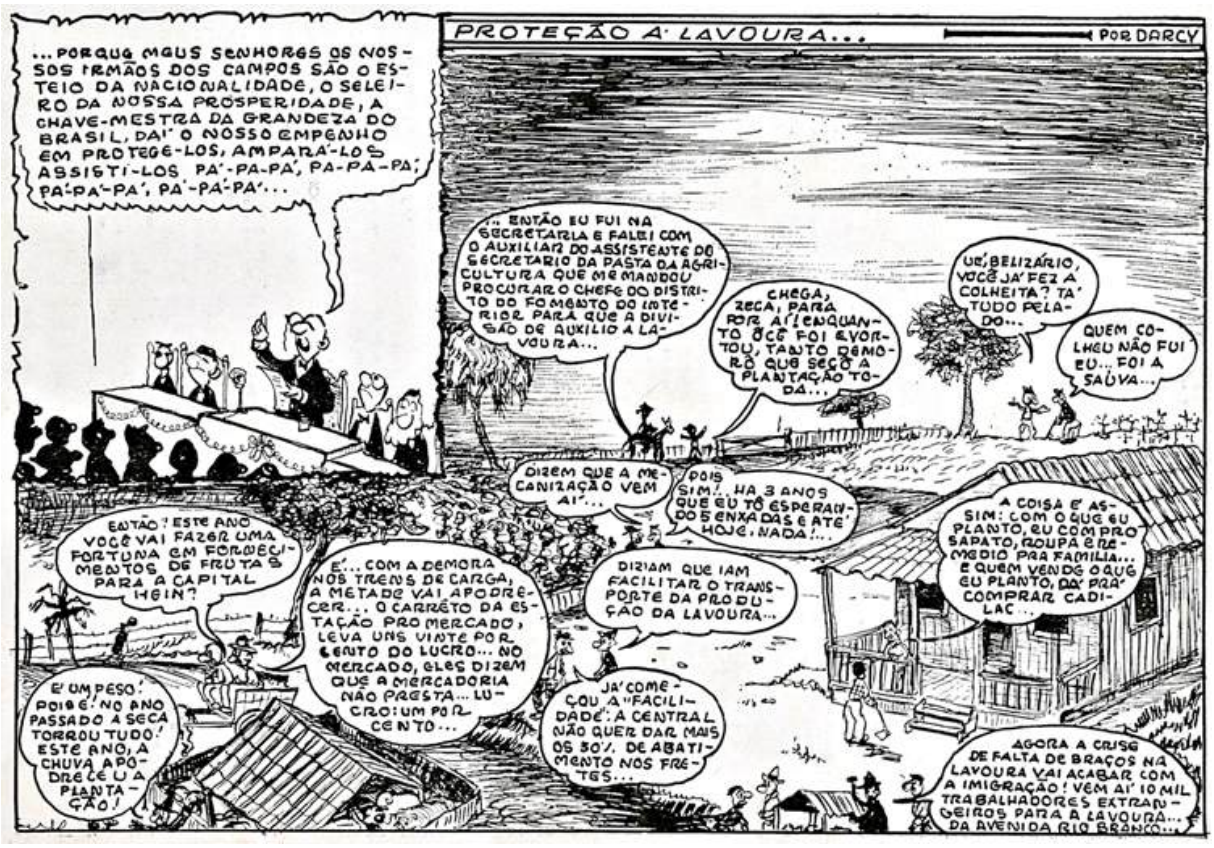
Não é sómente o mucugé que faculta este leite potavel, outras plantas desta familia participam tambem deste privilegio, como o amapá, "Hancornia amapá", Hbner, cujo latex goza de virtudes medicinaes, a sorveira, "Couma guyanensis", Aubl, a sorva grande chamada pelos indigenas cumã-assú, "Couma macrocarpa" Barb.-Rodr.

Nesta familia encontra-se a celebre mangabeira, arvore preciosa quer pelos excellentes frutos já gabados por Gabriel Soares, quer por ser productora de borracha de primeirissima qualidade.

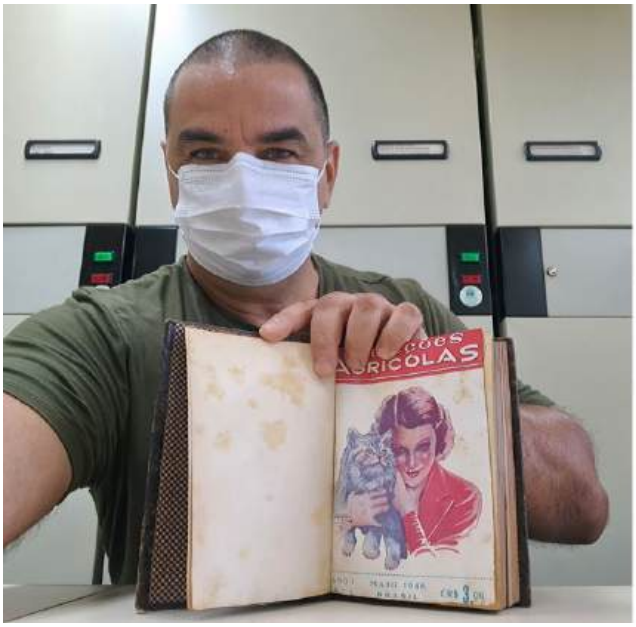
Em relação ao valor alimentar e medicinal destes leites vegetaes, fornecidos pela apocynaceas tudo que se conhece é o que diz o povo em seu empirismo. Seria necessario submetter estas substancias a analyse chimica e experiencias para desvendar o seu valor.

E. S.

A importância do serviço de polinização prestado pelas abelhas e o leite das árvores (O Campo, n.4, 1933, p.64).



Crítica à política agrícola no verso da capa da última edição da revista *O Campo*, n.256, janeiro de 1952.





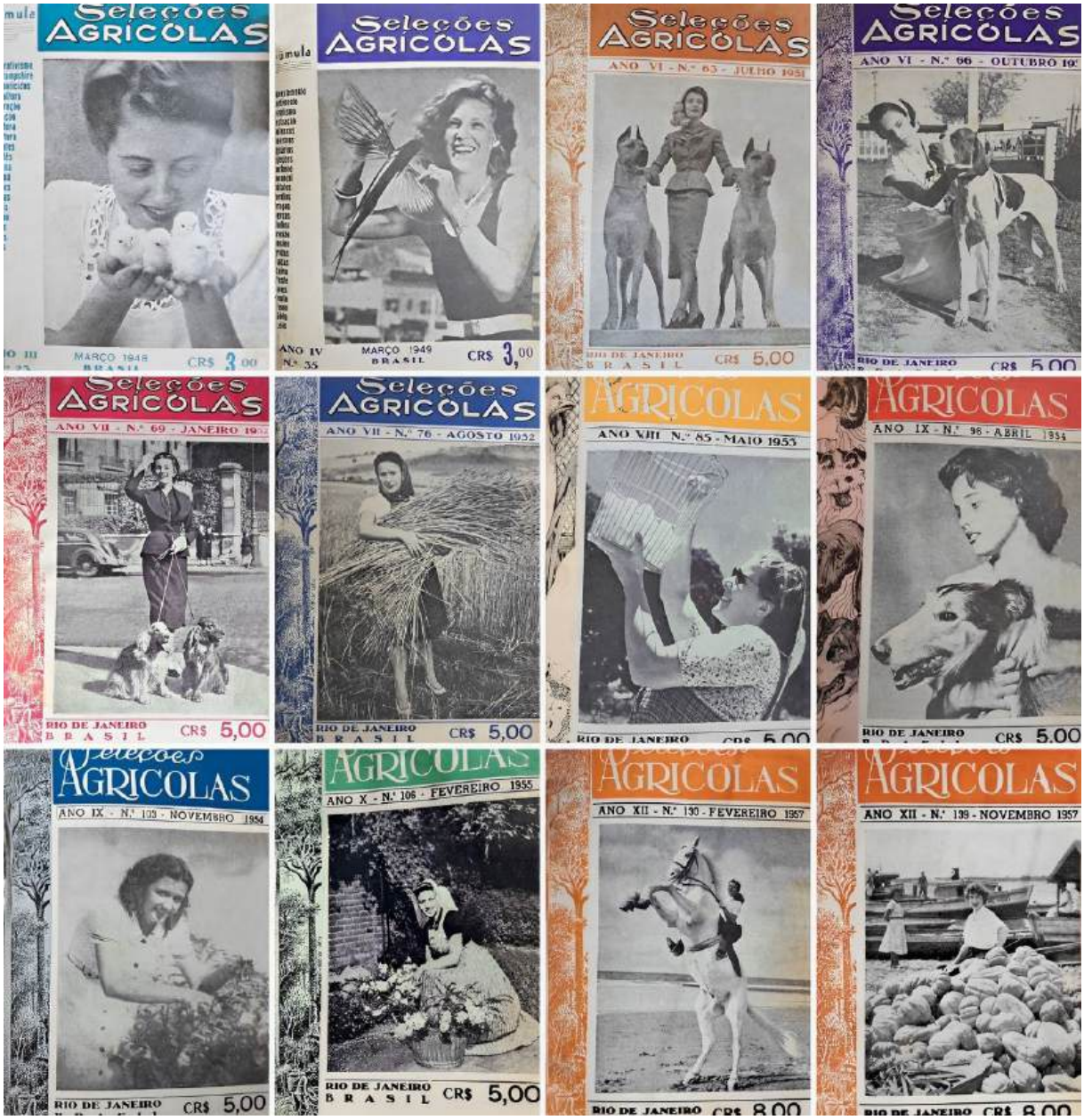
A Biblioteca Nacional de Agricultura - Binagri, do Ministério da Agricultura, em Brasília, mantém acervo com mais de 400 mil volumes relacionados à agropecuária. São livros, revistas, vídeos, CD-ROMs e legislação, do Brasil Império aos dias atuais.



Coleção da revista Seleções Agrícola.



Coleções dos folhetos editados pelo Serviço de Informação Agrícola - S.I.A..



Das 266 capas da revista *Seleções Agrícolas*, 25 estampam mulheres de diferente estilos em situações diversas.

"Eu acredito que nós vivemos num mundo em que a imagem é *modelo de* e *modelo para*. Ou seja, *modelo de*, no sentido de que ela plasma uma realidade, mas ela é um *modelo para* porque toda a imagem cria valores e representações. Penso que devemos conceber a imagem não como um adereço, muito menos como um reflexo imediato, passivo da realidade, mas que possamos pensar de que maneira nós vivemos num mundo de imagens, e como as imagens produzem realidades. Ou seja, as representações não são somente um produto, elas produzem também realidades" (Lilia Schwarcz, 2010)[43].

"As imagens não são nada inocentes. As imagens não são produto, elas produzem valores. Não são ilustrações apenas [...]; nessa civilização das imagens, elas têm um papel fundamental na construção dos nossos imaginários" (Lilia Schwarcz, *podcast Oi, gente* #50, 12 jul. 2024).

[43] Oficina do Historiador entrevista Lilia Moritz Schwarcz. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.1, n.1, 2010.

UM ESQUEMA DEMONSTRANDO AS FUNÇÕES DAS FLORESTAS

Um esquema demonstrando o processo de erosão nas declividades destituidas de florestas tem sido motivo de exibições feitas pelo Serviço Florestal dos Estados Unidos em diversas exposições.



Êsse modêlo indica como se processa a erosão

Mostra a evolução dos fenômenos naturais tão bem, e é tão simples para se construir que aqui se dá uma descrição de modêlo semelhante, o qual podia ser construido nas escolas que dão cursos de estudos de natureza, agricultura elementar e geografia física.

O modêlo esquemático consiste de duas ladeiras em declive para dois vales, através dos quais dois regatos correm em ziguezague pelas fazendas e terras até que venham dar em dois lagos em frente da paisagem. Ambas as ladeiras são feitas da mesma qualidade de terra, a da região na qual o modêlo é erigido, mas uma é coberta espessamente com mato, pequenas árvores ou arbustos, para estimular o desenvolvimento de uma floresta, em baixo da qual se acha um tapete de musgo representando a camada de folhas e renovos que cobrem o chão na verdadeira floresta, enquanto que a outra ladeira se acha destituida de tôda a vegetação.

Por meio de algum dispositivo adequado de regar faz-se cair a água em forma de chuva com fôrça igual sôbre as duas ladeiras. No declive coberto de árvores, a queda da água é quebrada pela folhagem e cai brandamente sôbre a superfície do chão coberta de musgo. O musgo e o solo que são conservados frescos e porosos pela proteção da cobertura das árvores, ligeiramente absorve a chuva e permite que ela verta uma água bem clara pelo declive abaixo, formando dêste modo um regato de montanha que passa pelos vales verdes e férteis e desemboca em um lago claro na extremidade mais baixa do modêlo.

No outro declive, a chuva batendo sôbre a superfície desprotegida e endurecida, faz regos fundos na ladeira, conduz o solo para o arrôio turvo que escorre no vale em baixo, e daí para um lago lamacento. A erosão do declive abala as pedras que em seguida são resvaladas abaixo nas fazendas dos vales; a lama amoutoada no canal do ribeiro desvia a água, que vai abrindo regos pela terra sêca; o ribeiro principal torna-se mais raso e mais largo e muitas vêzes inunda os campos; ilhas e montes de lama se formam no ribeiro; e deltas são construidos em forma característica à entrada do lago.

Os processos de erosão que são demonstrados neste esquema, o arruinar-se da ladeira, o enlameamento do leito do ribeiro, desvio gradual do curso do regato, a formação de deltas e montes de areia no lago e a abertura gradual de cursos de água por meio deles são todos típicos dos processos que estão constantemente em operação na natureza e mostram a relação íntima entre as florestas e a formação de superfície. Isto é, o mesmo processo de erosão em maior escala, a qual, depois da destruição das nossas florestas, causa a translação do solo de cima dos declives, os converte em regos e deposita areia e cascalho pedregoso sôbre o fértil terreno de aluvião das terras do fundo, nos reservatórios ou nos canais dos regatos, impedindo assim a navegação e causando inundação.

Embora que o modêlo só tenha por fim mostrar os processos de erosão, contudo pode ser empregado para demonstrar também que um declive coberto de florestas exerce a função de um reservatório encerrando a água e consentindo que ela verta vagarosamente nos regatos, e, de outro lado, que a água corra pela superfície logo que cáia, resultando em inundações quando a precipitação é demasiada e em sécas durante a estação séca. Se conservar o regador parado se tôda a água for tirada, tanto dos regatos como dos lagos, o lago que se acha coberto de floresta, dentro de poucas horas, receberá uma quantidade considerável de água como resultado da vertência do lado da ladeira cheia de árvore, enquanto que o outro lago permanecerá praticamente vasio.

"Não desprezemos as árvores exóticas que nos podem ser úteis, mas não deixemos de zelar pelas que são nossas e que por isso mesmo, e por serem mais belas, precisam ser protegidas e propagadas".

Artigo publicado em *Seleções Agrícolas*, n.1, 1946.
Transcrição do rodapé da p.70: "Não desprezemos as árvores exóticas que nos podem ser úteis, mas não deixemos de zelar pelas que são nossas e que por isso mesmo, e por serem mais belas, precisam ser protegidas e propagadas".

@sosmataatlantica
Maquete usada para representar a importância da conservação das florestas. Disponível em: https://www.tiktok.com/@sosmataatlantica/video/7215965576588627206. Acesso em: 1 mar. 2024.

O engenheiro agrônomo José Carlos Perdigão demonstra a importância das árvores e da restauração florestal.
Disponível em: @ongjaguatibaia. Acesso em: 1 mar. 2024.



1946 SELEÇÕES AGRÍCOLAS 45

Aspectos da vida dos beija-flores

Augusto Ruschi
(Do Museu Nacional)

Não constitue exagêro tropical dizer que Augusto Ruschi é, sem dúvida alguma, a maior autoridade mundial em matéria de biologia dos troquilídeos. O artigo aqui inserto nada mais é que a resposta a uma série de perguntas que lhe endereçamos sôbre vários aspectos, pouco conhecidos uns, duvidosos outros, da vida dos beija-flores. O artigo é uma revelação para o público em geral, porque os estudiosos da nossa natureza já conhecem a figura quasi incrível do jovem e singular naturalista brasileiro

O canto dos beija-flores

Todos cantam e cada espécie tem um canto distinto. Algumas como **Colibri serrirostris, Pygmornis idaliae, Anisoterus pretrei, Hylocharis cyanus cyanus, Clytolaema rubricauda,** têm canto apreciável; naturalmente não tanto como um canário, porém não nos deixa também perder tempo em apreciá-lo; e, se adicionarmos o canto do **Pygmornis idaliae,** o gesque faz em tôrno de uma teia de aranha, abrindo o bico, separando a mandíbula e mantendo-a em ângulo de 90 graus, rodando em círculos, em frente ao ninho, para aparhá-lo logo a seguir, ficamos maravilhados com este bailado tão lindo. Neste ato o canto é idêntico ao do instrumento denominado "birimbau"; é uníssono, em compasso quaternário dizendo: rau-rau-rau-rau. Noutras horas o seu canto é menos interessante; limita-se a sons agudos emitidos em compasso binário dizendo: "si-si".

Outra espécie cujo canto é o **Chlorostilbon aureoventris pucherani,** que apesar de produzir um can-

Quando criados em cativeiro os beija-flores aproximam-se para receber alimento

Aspectos da vida dos beija-flores", de Augusto Ruschi, artigo concluído em 16 jan. 1946 e publicado na edição de junho de *Seleções Agrícolas*, n.2, p.45-54, 1946. Ruschi é listado como um dos colaboradores da revista.



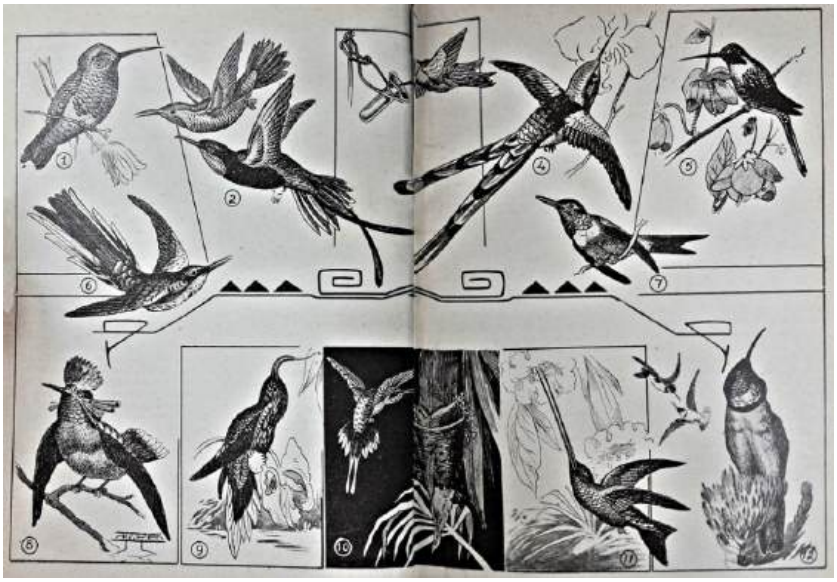
O autor alimentado um jovem Pygmornis idaliae, com 20 dias de idade, criado em cativeiro.



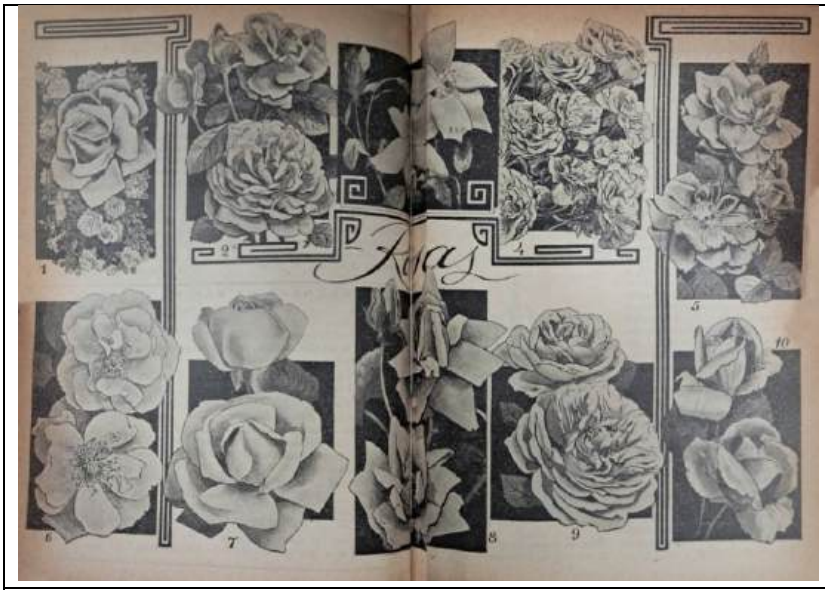
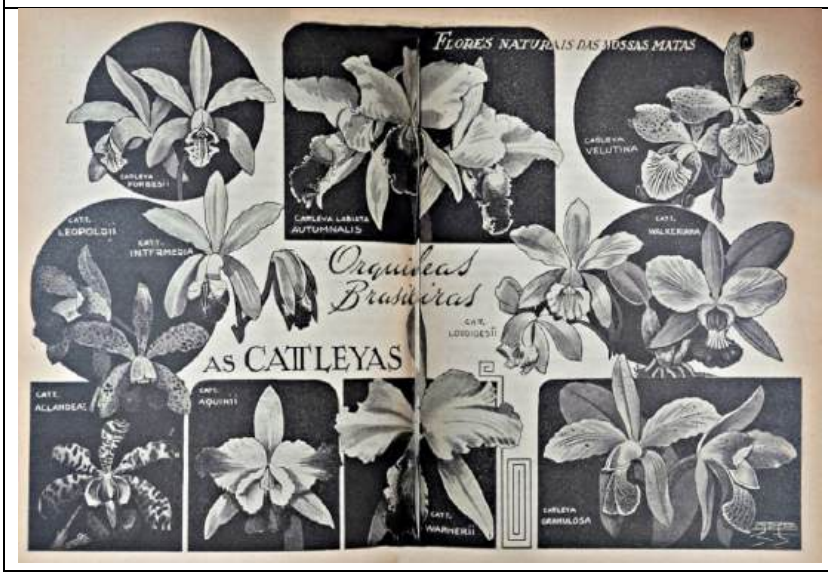
Captura de beija-flores, na hora da calmaria, quando pousados. O autor, com o laço feito de crina de cavalo, colocado na ponta de um arame fino de aço, captura-os a maneira com que nossos indígenas apanhavam periquitos.



Dois jovens (Phaethornis eurynome) com 47 dias de idade, criados em cativeiro, um recebendo alimento e outro pedindo-o



Desenhos do artigo "Aspectos da vida dos beija-flores", de Augusto Ruschi, publicado em *Seleções Agrícolas*, n.2, p.45, 1946.

	Desenhos do artigo “Rosas trepadeiras”, publicado em *Seleções Agrícolas*, n.4, p.46, 1946.
	Desenhos de Manuel Móra para o artigo “No país das Cattleyas...”, de Luys de Mendonça, publicado em *Seleções Agrícolas*, n.8, p.46, 1946.
	Desenhos do artigo “...as Laelias são as maiores rivais”, de Luys de Mendonça, publicado em *Seleções Agrícolas*, n.10, p.46, 1947.



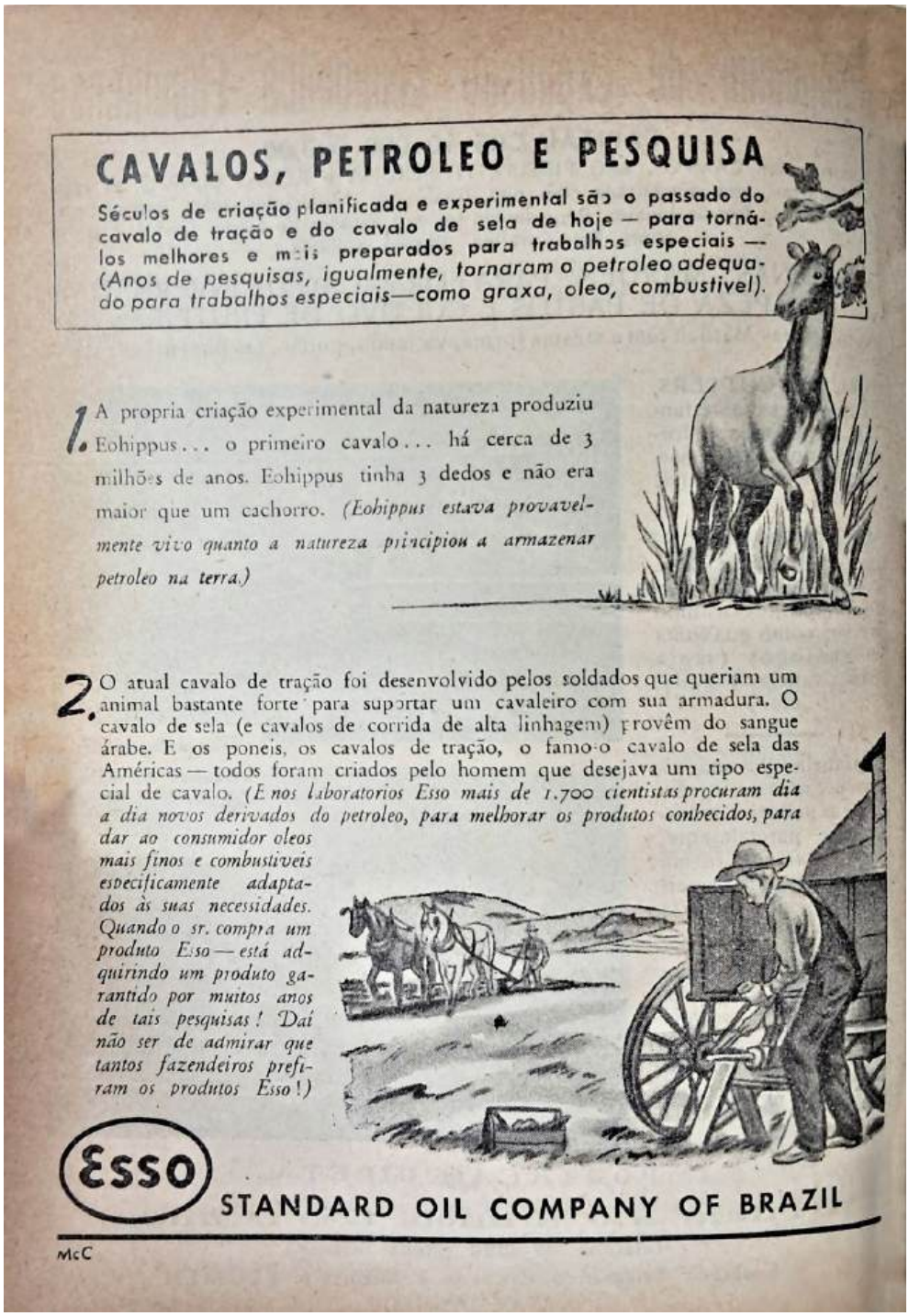
Desenhos usados em capas da revista *Seleções Agrícolas*.



Desenhos usados em capas da revista *Seleções Agrícolas*.



Desenhos usados em capas da revista *Seleções Agrícolas*.



Anúncio da *Esso* publicado em *Seleções Agrícolas*, n.6, p.95, 1946.



ANNO I — JUNHO, 1930 — N.º 6

O CAMPO

AGRICULTURA * INDUSTRIA * COMMERCIO

Os leites frigorificados na alimentação infantil

Artigo “Os leites frigorificados na alimentação infantil” publicado na revista *O Campo*, n.6, p.9, 1930.



O leite hygienico

"O Campo" iniciou uma justa campanha

Despertou vivo interesse nosso artigo do numero anterior sobre o perigo que offerece á alimentação infantil o leite conservado durante largos dias em baixa temperatura, como é norma entre nós.

A imprensa diaria, valendo-se dos dados technicos aqui exarados, tratou com vehemencia do assumpto.

Os leiteiros de casaca, os reis do leite, os magnatas da leiteria, a gente em summa que vive com deleite na exploração desta via lactea suspeita, incommodaram-se deveras com as verdades scientificas aqui expostas.

O mais curioso documento desta raiva surda e subterranea deu-nos um quidam Suffran, gerente da Usina de Lact. Cruzeiro.

Após ter solicitado verbalmente ao eng. agr. Frederico Schmidt, nosso redactor, a sua inclusão como assignante do "O CAMPO", ao lêr o referido artigo murcha as orelhas e envia-nos pelo correio este coice epistolar:

"Pelo mesmo correio devolvo-lhe a revista e o "Pedido de Assignatura", pedindo de não pôr o meu nome em lista alguma sem minha autorização. Nunca pedi a remessa da sua revista e peço de não me incommodar mais no futuro, ficando qualquer missiva sua sem reparo de meu lado e sem responsabilidade de mim.

Sem mais com estima

(assig.) *Walt Suffran*

Gerente da Usina de Lact. Cruzeiro

Conservamos a redacção que esta alimaria deu ao documento, redacção tão espuria como deve ser o leite manipulado pela sua venenosa technica.

O caso deste gerente é typico.

Não soffre o sr. Suffran, nem por instancias do seu nome, que se fale em leite hygienizado.

Esta ojeriza ao assumpto desparta-nos um mundo de duvidas.

Que haverá na Usina Cruzeiro?

Dolorosa interrogação.

Figura 00 –. A contenda em torno de “O leite hygienico”, publicada em *O Campo*, n.7A, p.159, 1930.



DEZEMBRO 1933 O CAMPO 61

As primeiras raposas pretas prateadas importadas para o Brasil

Em um dos ultimos domingos do mês de novembro findo, o honrado presidente do Automovel Club do Brasil, Dr. Carlos Guinle reunia os congressistas que tomaram parte nas discussões sobre a estrada Rio-Bahia, em sua encantadora *Granja Comary*, no agradavel Alto da Serra, em Terezopolis, em um almoço de cerca de uma centena de homens-representativos. Esse almoço foi o mais encantador possivel, quer pelo carinho do anfitrião, quer pelo bom gosto e pela esplendida fidalguia dos manjares finos da dona da casa.

No granja Comary respira-se o ar puro da montanha, ouve-se e bem estar. A casa em estilo *casa-de-campo* fica ao lado de um lago artificial, represado por uma muralha de sustentação, onde em suas aguas limpidas e tranquilas, no perdo em que outróra havia um pantano, vivem milhares de carpas, originarias de alguns casaes importados da Europa e, sobre essa aguas, uma infinita e variada multidão de aves aquaticas, desde o magestoso cisne austriaco e todo a gama de palmipedes nativos, exoticos e indigenas, inclusive a classica marrequinha ibérê, dos banhados e alagadiços e o nosso pato selvagem o *Sarkidiornis carunculata*, habitante de nossa America tropical e temperada.

De tudo se encontra naquela granja modelar, graças ao espirito inteligente, culto e empreendedor do seu proprietario, um ardente ruralista, que sabe utilizar o sólo liberrimo de suas terras.

Em frente á porta da casa que abre sobre as aguas espelhadas do lago reflete-se a imagem do ponhoeiro "Dedo de Deus", que, vista desde uma certa posição da encantadora granja efecta a caricatura estilisada de uma cabeça de india estupida natural-

mente cá pedra granitica pelas erosões do tempo da chuva e do vento.

Não cabe aqui descrever o que é a granja Comary. "O Campo" deseja apenas registrar em suas paginas e garantir a prioridade, do facto sobre todos auspicioso, de ser o Dr. Carlos Guinle o primeiro criador patricio, que iniciou em seus dominios a criação da *raposa preta prateada* — Renard argentée.

As raposas da granja Comary são as famosas raposas prateadas pertencentes ao genero real *Canis vulpes*. E' um genero que contem muitas variedades e que se encontram em Norte America, na Europa e na Asia, sob differentes nomes, como por exemplo: raposa dourada do Canadá, raposa de cruz (*Crossfox*), raposa preta septentrional, raposo prateada asiatica, etc.

Essas raposas, todas elas, cruzam-se entre si dando bons resultados, apesar das differenças morfologicas e ainda histológicas, pois o periodo de gestação da raposa prateada, por exemplo, é de 57 dias, ao passo que o da raposa vermelha européa vai até 63 dias.

Os outros animaes que em zoologia sistematica taxhem se chamam raposas, como a raposa polar, a raposa azul (*), a raposa

(*) Esta no inverno por effeito do mimetismo ou homocromismo ambiente, muda a côr do pello para brancos afim de passar despercebida na neve e poder assim conseguir surprender as (abegoas de que se alimenta (neste caso alimentou agradecida) e livrar-se do lobo que lhe dá caça (infelizmente defendida em lei de protecção).

Vista em conjunto do raposario da "Granja Comary", Terezopolis, E. do Rio

A raposa, com seus bellos "casaes verdes"

nomum da America do Sul (*Canis Azarae*), a raposa brasileira ou cachorro do mato (*Pseudalopex Azarae* ou *Canis Brasiliensis*), a raposa vermelha da Terra do Fogo, não são do mesmo genero; ao contrario, estas parecem-se mais ao cachorro do que á raposa verdadeira, como se prova pela possibilidade de cruzarem com o nosso cachorro (*Canis familiaris*). Tais cruzas têm grande e importante interesse para estudos scientificos, especialmente zoológicos, nunca, porém, para a criação industrial.

O cruzamento da raposa prateada — *Blackslver fox* — em inglês e — *Renard argentée* — dos francezes, com outra do mesmo genero real não são "cross-foxes". O cross-fox (raposa de cruz), é uma raça especial, a qual é assim chamada por ter uma cruz negra sobre as espaldas, em quanto que os descendentes de raças differentes são raposas cruzadas.

Dentro do genero real de *Canis Vulpes* a situação sistematica da raposa *argentée* não está exatamente fixada. Há 2 teorias e indas elas acceitaveis. Uns explicam a raposa prateada como melanica de varias formas da raposa vermelha norte-americana; outros sustentam ser cruza entre a raposa preta septentrional e a raposa de cruz (*crossfox*) e, alguns finalmente a classificam como verdadeira raça geografica da mesma qualidade na qual se acham enumeradas as outras raposas.

Existem 2 variedades mui differentes de raposa negra prateada, em inglês "*silver*",

O Campo, n.12, p.61, 1933. Importação de raposas para o Brasil.

"O Campo" deseja apenas registrar em suas paginas e garantir a prioridade, do facto sobre todos auspicioso, de ser o Dr. Carlos Guinle [o dono do carneiro Campo] o primeiro criador patricio, que iniciou em seus dominios a criação da raposa preta prateada — Renard argentée [...] são as famosas raposas prateadas pertencentes ao genero real Canis vulpes [...]. Pelo que vimos no raposario da granja Comary, seus habitantes não extranham nosso clima serra e oxalá esse plantel de animais de raça pura, os primeiros importados no Brasil e talvez na América do Sul, sirvam para dar origem a um novo ramo de pecuaria lucrativa como é a exploração de péle e agasalhos carissimos como são os *Renard argentée*, as mais estimadas e as mais custosas, por isso mesmo as mais bonitas, por serem as mais raras, fazendo assim cessar sua importação em troca do curo que drenam para o estrangeiro, podendo assim ser criadas aqui mesmo dentro de nossas fronteiras, que tudo produzirá desde que se crie com inteligencia e tenacidade cujo exemplo é aquela área de terra de um par de centenas de alqueires como na Granja Comary, onde se faz ruralismo inteligente, são e cientifico, transformando os productos do sólo em beneficio da industria, do comercio e da riqueza do país" (O Campo, 1933, n.12, p.61).

Poder Occulto que protege e favorece em todos os negocios e emprehendimentos !

Com os Accumuladores Mentaes sereis effectivamente feliz e vivereis na abundancia, porque vosso desejo de boa sorte, devido á saturação dos vossos effluvios nervosos, ao preparar os Accumuladores conforme o ensino do impresso que os acompanha, se formulará na atmosphera magnetica da Terra, e nella ficará vitalizado pela vossa intenção, á maneira de torpedo espiritual que insinuará suggestivamente os acontecimentos por vós desejados. As pessoas sobre as quaes tivestes intenção de influenciar procederão a vosso favor desde então, como inspiradas pelo livre arbitrio dellas proprias; mas estarão de facto suggestionadas indirectamente por vós, e talvez mesmo sem mais estardes pensando no que desejaste.

Estes Accumuladores operam tambem com a influencia dos astros, mas sua composição é segredo de bm grupo de altos iniciados occultistas americanos. Apezar de estarem protegidos pelo «Registro Official de Marcas», convem entretanto para evitar imitações, que se os adquira de nós directamente, visto sermos seus agentes geraes em toda a America. De muitas notabilidades que tem adquirido estes Accumuladores desde mais de 12 annos, possuimos importantes attestados favoraveis, alguns dos quaes, cuja publicação foi expressamente autorisada, tem sido publicados nos nossos 25 magazines illustrados.

Os Accumuladores são necessarios a todas as pessoas. — Tendes algum desejo que, apezar de vosso esforço, não conseguis ver realizado ? Sois infeliz em vossa familia ou em vosso commercio ? Necessitaes descobrir alguma cousa que vos preoccupa ? Quereis fazer voltar para vossa companhia alguem que se tenha separado ? Quereis curar alguem do vicio da bebida, jogo ou sensualismo ? Alguma molestia do cerebro, nervosa ou qualquer outra ? Destruir algum maleficio ? Alcançar bom emprego ou prosperidade ? Facilitar algum casamento difficil ou alguma reconciliação ? Fazer desapparecer alguma difficuldade ? Empregae os **Accumuladores Mentaes**, conforme as instrucções impressas que os acompanham, pois darão os resultados que desejaes alcançar.

Preço dos Accumuladores Mentaes em dinheiro brazileiro. Um Accumulador sozinho, 33$000 rs.; os dois, por junto 66$000 rs. Faz-se pelo mesmo preço a remessa pelo correio, com todas as instrucções impressas em portuguez. Se não tiverdes recursos para obter de prompto os dois Accumuladores, comprae um de cada vez; ou então comprae por 10$000 o livro **Occultismo Pratico** do Dr. J. Lawrence, com o qual podereis muito obter, sem os Accumuladores.



Agencia de Diplomas Scientificos Medico (Doutor em Medicina), Cirurgião Dentista, Pharmaceutico, Engenheiro Civil, Veterinario, Machinista, Commandante de embarcações, Guarda-Livros ou Chefe de Contabilidade, Technico em Commercio (para negociantes) Engenheiro Industrial, (para industrias), Photographo, Agronomo (para lavradores) Bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes (para Juizes de Paz, delegados e advogados), Doutor em Sciencias Politicas e Administrativas (para autoridades e chefes politicos), Doutor em Sciencias Pedagogicas (para professores) Doutor em Philosophia ou Theologia (para pregadores do Evangelho). **Cada diploma: 60$000. Com registro no Registo de Titulos no Rio de Janeiro : Mais 40$.**

COMO REMETTER O DINHEIRO :

Em vale postal ou carta pelo registro chamado **Valor declarado**, a

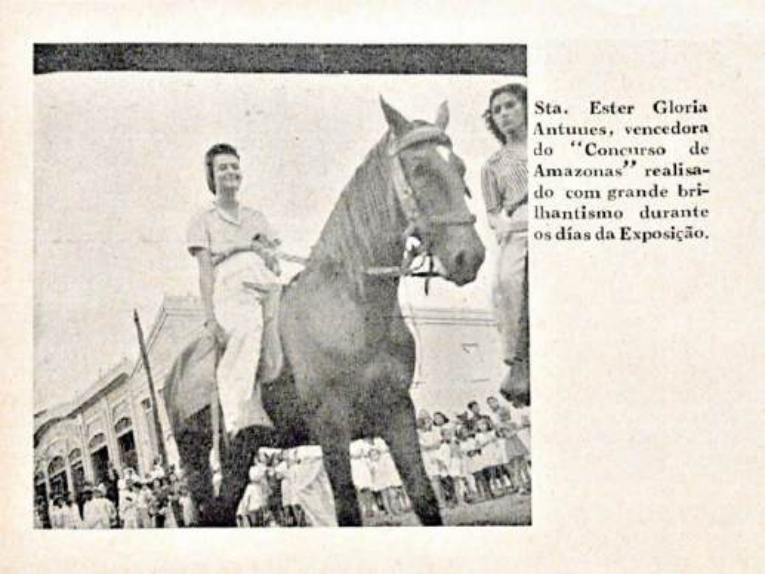
LAWRENCE & C. RUA DA ASSEMBLEA 45
RIO DE JANEIRO

Esta casa é conhecida desde ha cerca de 20 annos como Agencia de Universidades estrangeiras. Fornece, a quem os pedir, folhetos gratis explicativos.

O obscurantismo propagandeado na revista *A Fazenda*, n.33, p.7, 1913.



Capa da edição n.141, 1941, de *O Campo*. “NOSSA CAPA: Visão florida da primavera”.
A análise do discurso elitista, europeizado e machista da revista poderia ser tema de pesquisa.

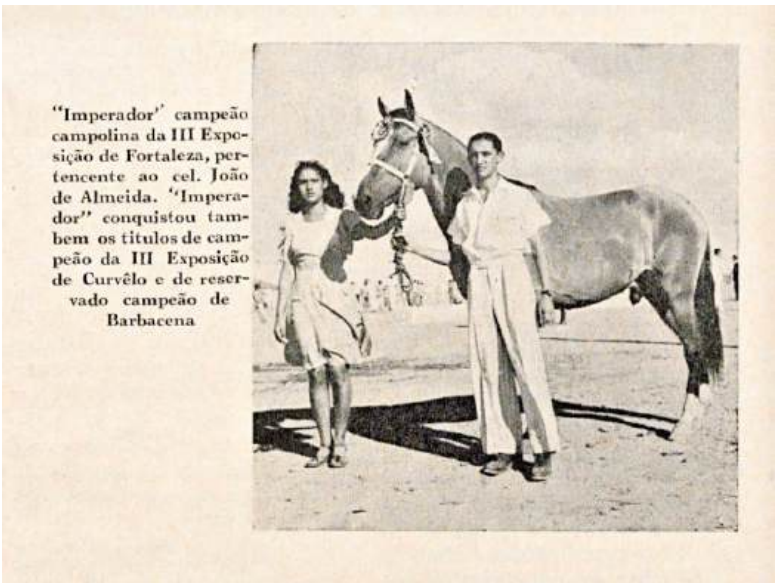


Sta. Ester Gloria Antunes, vencedora do "Concurso de Amazonas" realisado com grande brilhantismo durante os dias da Exposição.

O Campo, 1943, n.160, p.46, 1943. Resultado do concurso de amazonas da "III Exposição Agro-pecuaria Industrial de Fortaleza [realizada no Parque Getulio Vargas]: o brilhante exito alcançado pelo Grande Certame do Norte de Minas".

"E, o sucesso do 'meeting' pecuarista organisado pela Associação Rural do Norte e Nordeste mineiro e realisado sob os auspicios dos governos federal, estadual e municipal, é uma afirmação dos trabalhos realisados nestes ultimos anos" (O Campo, 1943, n.160, p.46).

Trecho do discurso do coronel João de Almeira na abertura da exposição: "A contingencia a que nos levou a insania egoistica do totalitarismo cria-nos deveres irrecusaveis e da mais alta transcedencia: a defesa da **Patria** pelas **armas** e o fortalecimento da Nação pelo trabalho, pela produção, pela economia e pela **união sagrada**" (O Campo, 1943, n.160, p.47, grifo nosso).



"Imperador" campeão campolina da III Exposição de Fortaleza, pertencente ao cel. João de Almeida. "Imperador" conquistou tambem os titulos de campeão da III Exposição de Curvêlo e de reservado campeão de Barbacena

O Campo, n.160, p.48, 1943. Imperador, o campeão da raça campolina da exposição

Pagina Feminina do "O CAMPO"

Ao «O Campo» não passou despercebida a necessidade de dedicar algumas paginas á vida domestica, aos labores femininos, aos esportes do sexo gentil e emfim a esta entidade inconcebivel, instavel, mas encantadora que é V. Ex. a Moda.

Não estaria no entanto completo o programma se a pagina cinematographica faltasse ao conjuncto e assim não faltará do proximo numero em diante.

Esta secção, portanto, constará de varias paginas de literatura ligeira, movimento feminista, vida domestica, esportes feminis, moda, cinematographo, etc.

—❀—

Em vão te lisonjeias
Com juras e protestos inscasatos;
Finge que nisso crês, porém não creias,
Não creias nas palavras, mas nos actos.

Finge, ás vezes, que és mouca,
Embora isso a ti mesmo desagrade:
A funcção mais commum que tem a bocca
É esconder a verdade.

—❀—

Por causa de alguns actos imprudentes
Que ingenua praticavas dia a dia
Já te não qQuer quem antes te queria;
E hoje, na solidão em que te sentes,
Nem com os olhos alcanças
Quem já te encheu de tantas esperanças!

Deixa que o tempo emfim te restitua,
Com as novas illusões, a paz perdida;
Mas se a dôr te pungir por toda a vida,
Has de reconhecer que a culpa é tua,
Pois tiveste o capricho
De collocar dois santos num só nicho...

—❀—

MULHERES VETERINARIAS

As ultimas eleições da Inglaterra puzeram por tal fórma em fóco as mulheres inglezas que certamente interessará aos leitores algumas informações sobre o exercicio da veterinaria pelas eleitoras do Reino-Unido.

Não que eu lhes possa dizer a qual dos partidos pertencem as veterinarias subditas de Jorge V, mas pendendo os profissionaes veterinarios mais para os partidos avançados do que para os retrogrados, é de suppôr que entre os oito milhões de suffragios dos trabalhistas, alguns pertençam ás veterinarias.

E não me atreveria a negar que entre os cincoenta mil votos dos communistas não esteja algum das veterinarias.

Posso porém informar que ha sete senhoras inglezas diplomadas em veterinaria e dezeseis «misses» seguem os cursos do «Royal Veterinary College», esperando se, no futuro anno lectivo, uma maior affluencia de alumnas.

Um periodico do condado de York abriu um inquerito sobre o futuro da mulher na profissão veterinaria, mas, como é costume em tentativas desta natureza, não se chegou a resultados que elucidassem inteiramente a questão, porquanto as mais autorizadas opiniões são discordantes.

Assim emquanto o «Royal College of Veterinary Surgeon», pela bocca de «Sir» John McFadyean, é pessimista, alegando que, não podendo as mulheres concorrer aos postos de veterinarios militares nem occupar cargos officiaes, nem exercer a clinica dos grandes animaes, a profissão veterinaria offerece fracas probabilidades de successo aos diplomados femininos; em contraposição o Director do «Royal Veterinary College», professor Frederick Hobday, affirma que as actuaes veterinarias exercem com exito a profissão, ou como assistente ou por sua propria conta, succedendo que, na clinica de pequenos animaes, bastante importante na pratica veterinaria, as mulheres são por vezes mais habeis do que os homens; e accrescenta que a profissão veterinaria não prejudica os encantos femininos, por quanto das 7 diplomadas 3 já estão casadas e 2 com camaradas na profissão.

—❀—

UMA ESCOLA PARA NOIVAS EM WASHINGTON

A Principal Disciplina é a Arte Culinaria

Washington. (U. P.) — Começou a funccionar aqui, sob os auspicios da Associação Christã Feminina, uma escola para noivas, com um programma que as instrue sobre a maneira de manter satisfeitos os futuros maridos.

A principal disciplina é a de ensinar a manter contentes os estomagos dos futuros consortes. Muitas das noivas pretendentes desejam receber lições mais sobre a arte culinaria do que sobre outros assumptos.

A sra. Irving W. Ketchen, directora de Educação da Associação Christã Feminina, disse que a nova escola se iniciou com um grande numero de alumnas, muitas das quaes desta capital.

«As jovens comprehendem — disse a directora — que devem conquistar os seus maridos com o coração e mantel-os ao seu lado com os necessarios cuidados com que os tratarem. Temos classes de culinaria, de compras, de direcção propriamente do lar, de direcção de criadagem e da arte de fazer vestidos».

—❀—

O LAR DO FAZENDEIRO
RECEITAS UTEIS

Para matar baratas

Póde empregar as armadilhas que se vendem para esse fim, mas qualquer vasilha vidrada interiormente, á qual se encostem umas reguas de madeira, que vão da borda do chão, faz o effeito. Deitam-Lhe no fundo umas sopas de pão com agua e assucar ou uma pasta de farinha assucarada, á qual se póde juntar um pouco de cerveja, cujo cheiro as attráe bastante.

De manhã destróem-se facilmente todas as baratas que ficaram prisioneiras, deitando, sobre ellas, agua bem quente.

Se a casa se puder fechar hermeticamente, póde proceder á destruição das baratas por meio do anhydrido sulufroso, queimando o enxofre á razão de 30 a 50 grammas por metro cubico de capacidade e deixando-o actuar durante 48 horas.

Pódem-se empregar tambem os iscos (sôpas ou papas) envenenados com arsenico, mas este processo apresenta sempre perigo, pelo menos para as crianças e animaes domesticos, pelo que não o aconselho.

Tambem se recommenda insuflar pó de pyrethro em todas as fendas, que servem de refugio a este insecto.

Uma bôa medida é evitar a existencia de fendas ou buracos.

—❀—

TERRINAS DE «FOIE-GRAS»

Faz-se um recheio composto de figado de pato gordo ou ganço, figado de vitela, banha de porco (póde juntar-se gordura do pato, se houver) açorda com manteiga, túbaras e toucinho.

Prepara-se o figado de vitela (1 kilo) igual porção do figado de pato gordo, tendo o cuidado de tirar as partes esverdeadas junto do fél, 250 grs. da açorda, 250 grs. de tubaras e igual porção de toucinho cozido sem pelle. Corta-se o figado do pato em aftias de seis centimetros de comprimento por quatro de largo e tres de espessura, approximadamente. Deita-se o toucinho numa caçarola e leva-se a fogo brando, juntando duas echalotas ou cebolinhas, quatro ramos de salsa, sal e especiarias. Deixa-se aquecer depois em lume mais forte, juntando-se o figado de vitela e o resto cortado aos bocadinhos, menos o figado de pato. Mexe-se e ao fim de cinco minutos retira-se do lume, deixa-se arrefecer, esmaga-se depois e junta-se a açorda e os quatro ovos. Passa-se por peneira, barra-se a terrina com este recheio e no fundo estende-se uma camada.

Por cima põe-se uma camada de fatiaás de ifgado de pato, temperados com sal e especiarias e uma camada de túbabaras. Enche-se a terrina em ordens successivas e a ultima é de fatias de toucinho com uma folha de louro. Tapa-se com a propria tampa e leva-se a apurar em banho-maria até o figado de pato ter tempo de cozer, e deixa-se arrefecer.

Se a terrina fôr destinada a guardar-Sse, deita-se sobre a ultima camada uma porção de manteiga clarificada.

—❀—

NO INVERNO

(De Victor Hugo).

A terra, de Inverno, chora
E o sol que apenas se avista
Chega tarde e vai-se embora
Fatigado da entrevista.
Trocam phrases vagarosas:
Amemos, astro? — «pois sim...
Mas eu não te vejo rosas»

Elle pretexta a geada,
Nuvens, vento e diz-lhe a rir:
«Olha a noite minha amada»
E deixa a noite ao partir.

Como o amante que anda a ver
Quando o seu jugo sacode,
E sem ter já que dizer
Foge o mais cêdo que póde.

Queiroz Ribero.

O Campo, n.1, p.98, 1930.
A edição, com 150 páginas, dedicou uma à "Página Feminina".

A mulher e a agricultura

LEDORES, por quanto nos é possivel, de tudo o que se publica no interesse da evolução da agricultura, ficamos agradavelmente impressionados com os artigos que o dr. Luiz Silveira tem escripto acêrca da educação da mulher pio para se iniciar uma santa e patriotica cruzada no sentido na agricultura. Pena é que outros homens não lhe sigam o exemdo attrair a mulher brasileira aos afazeres da vida rural.

E' certo que não é de hoje que se fala de educar a mulher brasileira nas disciplinas georgicas, pois que numa revista que possuimos, impressa ha cincoenta annos no Rio de Janeiro, acham-se publicados numerosos artigos que constituiam uma verdadeira campanha a favor dessa especie de ensino.

Infelizmente, os annos passaram e, através desse meio seculo, nada se tentou para se iniciarem em nosso país os estudos de disciplinas que habilitariam a mulher a ser uma companheira de grande valor para com o esposo dedicado á lida dos campos.

Parecerá á primeira vista que a mulher bem pouca cousa tem a aprender, em relação ás sciencias agrarias, cujo estudo se julga proprio e exclusivo para os homens. Entretanto assim não é, pois que, num esboço de programma que organizámos e que opportunamente publicaremos, incluimos dezenas de materias especializadas dos grupos da agricultura propriamente dita, da criação de animaes, das industrias e das sciencias economicas.

Julga-se, pois, erradamente, que a agricultura só póde ser exercida pelos homens, quando é certo que explorações agricolas existem para serem exercidas pelas mulheres mais do que pelos proprios homens.

Mas, na rigorosa expressão da verdade, não ha ramo algum da agricultura que não admitta o auxilio da mulher, quando ella fôr educada na lida dos campos.

Nenhum outro exemplo como o da grande guerra poderá melhor demonstrar a capacidade da mulher no exercicio da vida campestre.

Para isso podemos lembrar que quando todos os homens validos foram chamados a defender a honra do pavilhão da propria patria, foi a mulher que o substituiu em todos os serviços ruraes, desde o escriptorio administrativo até a guia do arado nas lavras do sólo.

E nesse tempo de lutas sangrentas em que cada cidadão, velhos, mulheres e crianças, foi chamado a despender maior esforço do que em tempo de paz, a mulher em todos os paises da Europa mostrou-se sufficiente para se desempenhar dos trabalhos que eram lidas quotidianas do pae, do esposo, do filho ou do irmão, que no campo de batalha defendiam a honra da patria e, quiçá, a honra do proprio lar.

E', pois, absolutamente falso o conceito de que a mulher não póde exercer a agricultura para, com proveito, servir a patria e a familia. Nos tempos do patriarchado, era ella e só ella que provia de alimentos os filhos que tambem só a ella pertenciam. Era tambem ella que havia de prover o sustento da casa quando na primeira phase de organização da familia, ao homem só cabia a defesa do lar, occupação que se estendia, quando muito, á caça e ao pastoreio.

Com o progredir da civilização deu-se á mulher a posição sublime de anjo tutelar da familia; mas, onde esse ideal foi melhor comprehendido, a mulher jamais abandonou em deadém a lida rural que a faz feliz por dar-lhe a robustezphysica que garante o vigor da raça.

E, cousa curiosa, nós não estranhamos que as mulheres collaborem no fatalissimo êxodo dos campos, como não extranhamos quando affluem nas fabricas onde ficam sendo candidatas á tuberculose e ás molestias moraes que as ameaçam!

Entre nós a mulher, infelizmente, tem influido para o despovoamento das fazendas, onde quasi sempre não ha attractivos que a prendam, devido á falta de evolução da nossa agricultura.

A apathia da mulher pela agricultura, por essa ou por outras causas, provem aqui e além o êxodo dos campos, porque é devido a essa apathia, á consequencia della, que a mulher arrasta para a cidade o filho e o proprio esposo que deveria permanecer á testa da administração rural, para a qual não ha substituto mais idoneo do que o legitimo dono quando estiver bem orientado nos afazeres da fazenda.

Se nos déssemos ao trabalho de investigar o que se faz nos outros paises para educar a mulher na lida dos campos, veriamos que não ha pais adiantado dos varios continentes, onde não se cuide de guiar a mulher no exercicio da agricultura, especialmente quando é a agricultura a maior, senão unica fonte de riqueza da nação.

O Brasil é de facto um pais essencialmente agricola como foi qualificado por Campos Salles, e lembremos que tambem se poderá tornar eminentemente agricola, se a mulher se affeiçoar á terra, cuja exploração fará a prosperidade economia da patria.

COMO EXTINGUIR A TIRIRICA

Pergunta — Queira ensinar-me um meio de extinguir a terrivel tiririca.

— A tiririca é realmente uma erva damninha de extirpação bastante difficil.

E' uma vegetal bem conhecido em toda America, pertencente á familia das cyperaceas, e denominado pelos botanicos "Cyperus rotundus". Nos paises da America onde se fala o espanhol chamam-lhe "castanhol".

Os processos usados na extincção desta erva são diversos. Em terrenos pouco extensos o melhor methodo é revolver o sólo com arado e ahi soltar os porcos. Estes animaes são muito gulosos das tuberas ou rhizomas da tiririca e catam-nos com avidez revolvendo o sólo. Póde-se então fazer parques, moveis e encerrar na zona que se deseja destruir a tiririca estas tapadas com porcos. Quando o terreno estiver limpo muda-se de logar e vae-se assim, pouco a pouco, expurgando o sólo da praga.

Ha um outro methodo:

Como se sabe, a tirica reproduz-se pelas panículas e pelos rhizomas e naquellas em maior proporção visto serem em maior numero que estes. Assim um bom methodo é atacar a parte aerea da planta cortando as panículas em qualquer tempo, impedindo assim a maturidade das sementes. Ao mesmo tempo revira-se o sólo com enxadão ou arado Texas Ranger, ou outro, levantando longas porções de terra bem junto uns aos outros, isto do meio do verão até á entrada do inverno.

No fim de 5 a 8 dias passa-se uma grade e completa-se o trabalho com os ancinhos que recolherão as tuberas. Como não existem sementes pois já foram cortadas as panículas a terra fica o mais possivel livre da tiririca.

E' claro que para ficar o terreno perfeitamente livre da praga é necessario repetir-se mais tarde a operação, pois sempre escapa um ou outro rhizoma.

Em alguns paises usa-se do seguinte processo:

1.º) — Planta-se de milho ou algodão o terreno infestado. Prepara-se o sólo da melhor maneira possivel, antes de plantar a semente. Em todas as cultivações que se façam, arranca-se a tiririca com uma enxada. Sempre que seja possivel, convém semear soja nas fileiras do milho.

2.º) — A plantação deve ser mondada uma vez por semana, pelo menos, usando um machete ou qualquer outro instrumento adequado. Toma-se cuidado para não espalhar as sementes da tiririca sobre os terrenos que não estejam infestados pela mencionada praga.

3.º) — Logo depois de effectuada a colheita, lavra-se e grada-se o terreno, semeando-o com uma planta de protecção para o inverno, tal como a aveia ou a ervilhaca, sendo que a combinação destas duas dá excellentes resultados para combater a tiririca.

4.º — Na primavera seguinte, depois que a aveia, e a ervilhaca tenham sido colhidas, repete-se o mesmo processo. Nos terrenos assim tratados a tiririca ao cabo de um ou dois annos, terá diminuido tanto que quasi não causará damno. Deve-se, não obstante, continuar arrancando com a enxada as pouras plantas que se encontrarem no caminho ao praticar a cultivação recommendada.

Ha ainda outros processos como cultivar mucuna preta, caupi e outras plantas que tenham grande desenvolvimento de folhas pois estas sombreiam de tal fórma o terreno que não permitte o desenvolvimento da tiririca, sabendo-se que está não vegeta na sombra.

Infelizmente as preparações chimicas que com vantagem se empregam na extincção de certos vegetaes parasitas, não tem alcançado nenhum resultado quando se emprega contra a tiririca. — **E. S.**

O Campo, n.8, p.155, 1930. A mulher e a agricultura.

"[...] ficamos agradavelmente impressionados com os artigos [...] acerca da educação da mulher para se iniciar uma santa e patriotica cruzada no sentido da agricultura. [...] Infelizmente, os anos se passaram e, através desse meio seculo, nada se tentou para se inciarem em nosso país os estudos de disciplinas que habilitariam a mulher a ser uma companheira de grande valor para o esposo dedicado á lida dos campos."



O "Campo" em Goiáz

No intuito de divulgar o alto grau de progresso que já atingiu a pecuária em Goiáz, "O CAMPO" prepara uma grande reportagem que está sendo feita naquele Estado pelo nosso companheiro Valdez Corrêa.

Era nosso pensar dar publicidade a esta matéria no número de Setembro. No entanto, dadas as grandes distancias a vencer ali, e sobretudo as dificuldades de transportes, esse trabalho torna-se um tanto demorado, razão pela qual prevenimos os nossos leitores e em especial aos daquele Estado, que a referida reportagem será amplamente divulgada no número de Outubro.

ENRIQUECIDO O CORPO DE COLABORADORES DO "O CAMPO"

Registra neste número "O CAMPO", uma nota sobremodo honrosa e que de certo encontrará éco nos meios intelectuais, científicos e pecuaristas do país.

Trata-se da inclusão do nome do Dr. Bibiano Loures, médico dos mais acatados e criador dos mais entusiastas, para o corpo de colaboradores efetivos da nossa Revista.

É da lavra deste ilustre intelectual o trabalho que "O CAMPO" publicará em um dos seus próximos números, sobre "O Boi Asiático como Fator Econômico na Zona da Mata", que mereceu no Clube Gir de Ubá os mais entusiásticos aplausos por parte dos que naquela agremiação se encontravam.

É pois com justa satisfação, que "O CAMPO" inclue o nome do Dr. Bibiano Loures entre os seus brilhantes colaboradores.

JUSTIFICAÇÕES NECESSÁRIAS

Fazenda São Geraldo (Carmo — E. do Rio)

Imensamente contrariados registramos aqui o lamentavel engano ocorrido com a publicidade desta conhecidissima Fazenda, e que aqui retificamos. Na página 32 do numero de Junho último, na publicidade da "Fazenda São Geraldo", de propriedade do grande criador patricio Sr. Fidelis Lengruber Sobrinho e sediada na localidade de Carmo, no E. do Rio, a foto que se vê ai, não é a de "Torpedo", como afirmamos. "Torpedo", o belo exemplar puro sangue Nelore, é o que figura no anúncio da "Fazenda Conceição D'Oeste", e que se encontra no alto da página 33.

Fica dessa fórma retificado este erro, que não deixamos de lamentar e que acreditamos o Sr. Fidelis Lengruber Sobrinho desculpará, como um engano de revisão.

URBANO F. MELO E JOSÉ L. DE ANDRADE

Em nosso número de Maio último, cometemos um lapso, que procuramos retificar neste momento.

Os Srs. Urbano F. Melo e José L. de Andrade, que apresentaram na página 56 do referido número três poses do famoso "Ubajara", são criadores, dos mais importantes, em Passos, no Estado de Minas Gerais.

MARCHANDO COM O PROGRESSO DE VOLTA REDONDA

Com o crescente desenvolvimento de Volta Redonda, que se vem dia a dia presenciando, tornava-se imperiosa a criação de uma empreza que levasse até ali um maior intercambio comercial entre aquêla e demais cidades brasileiras, representando ali firmas que se interessam com tal intercambio. Não ficam no entanto ai as atividades desta empreza, pois ainda está entregue a ela a direção de uma empreza de transportes.

Assim, está Volta Redonda ligada à nossa Capital e outros centros por uma empreza de reconhecido valor. Trata-se de I. Brodie, que toma dessa forma a seu cargo tudo que diz respeito a transportes e representações.

Seus escritórios centrais se acham localizados na Cidade Siderúrgica, havendo, porém, para melhor facilidade de seus clientes, instalado outros escritórios aqui no Rio na rua da Relação 29 e Av. Gomes Freire 72 (Tel: 43-4037) e em Barra Mansa, no E. do Rio, à Av. Domingos Mariano, 156.

UM AVISO IMPORTANTE ÀS NOSSAS LEITORAS

"O CAMPO" lançará em seu número de Setembro próximo uma seção feminina sob o titulo "O Lar da Fazendeira", e que estará a cargo da professora ALL DE FREITAS, ilustre educadora e conhecedora profunda dos problemas domésticos das nossas fazendas.

Usina Queiroz Junior Ltda.

(USINA ESPERANÇA)

A DECANA DAS ORGANIZAÇÕES SIDERÚRGICAS DO PAIS

ALTOS FORNOS em Esperança e Gagé

E. F. C. B. — Minas

Telefone ITABIRITO 12 — End. Telegr. GUSA

Produtores do Ferro Gusa "ESPERANÇA".
Fundição de ferro, bronze e aluminio.
Oficinas de fabricação de:

MÁQUINAS AGRÍCOLAS: arados e seus pertences, debulhadores, engenhos de cana, etc.
MÁQUINAS HIDRÁULICAS: bombas, carneiros, turbinas de tipo Francis e Pelton, etc.
MÁQUINAS PARA MATERIAL DE CONSTRUÇÃO: aparelhos para lavagem, betoneiras, britadores, guinchos, etc.
MÁQUINAS PARA ABASTECIMENTO DAGUA E CANALIZAÇÃO: caixas para registros, derivantes, registros, raios, tampões, etc.
CHAPAS PARA FOGÃO DE TODOS OS TIPOS. PANELAS DE 3 PÉS, LOUÇAS POLIDAS E ESTANHADA, etc.
SECÇÃO DE ELETRICIDADE: enrolamentos de motores, geradores e transformadores, instalações de usinas elétricas e hidro-elétricas.

Preços e Orçamentos:

ESPERANÇA, MINAS, E. F. C. B.

RUA ARAUJO PORTO ALEGRE, 61-3º-salas 310-312

RIO DE JANEIRO

Stozembach & Cia. Successores de Leclerc & Cia.

AGENTES OFICIAIS DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL — FUNDADA EM 1882

Registro em geral de Privilegios de Invenção e Marcas de Fábrica e de Comercio, no Brasil e nos Paises Estrangeiros, e de todos os assuntos relativos à Propriedade Industrial, Literaria e Artística

ESCRITORIO:
RUA URUGUAIANA, 37 - 5º and. (Ed. Adriático)

Caixa Postal 755 — Tel. 23-2217 — Rio de Janeiro

O patriarcado estampado na revista *O Campo*, n.175, p.64,1944.

UM AVISO IMPORTANTE ÀS NOSSAS LEITORAS

"'O CAMPO' lançará em seu número de Setembro próximo uma seção feminina sob o título 'O Lar da Fazendeira', e que estará a cargo da professora ALL DE FREITAS, ilustre educadora e conhecedora profunda dos problemas domésticos das nossas fazendas."

VAE MELHORAR A SITUAÇÃO DO JARDIM ZOOLOGICO

O PREFEITO SANCCIONOU UMA RESOLUÇÃO LEGISLATIVA QUE AUTORIZA A CONCESSÃO DE UM AUXILIO ANNUAL DE 200 CONTOS ÁQUELLE ESTABELECIMENTO DE DIVERSÕES

O Jardim Zoologico que, como é do conhecimento de todos, vinha atravessando, quasi sempre, sérias crises economicas, de modo a não poder proporcionar aos seus visitantes um aspecto de conforto e de progresso condicentes com o meio, por falta mesmo de auxilio efficiente por parte dos poderes publicos, terá, agora, a opportunidade de tornar-se um estabelecimento modelo.

É que hontem, o prefeito Prado Junior sanccionou a resolução approvada pelo Conselho Municipal, que autoriza a concessão de um auxilio annual de 200:000$, pagavel em quatro quotas trimestraes. Destina-se, exclusivamente, á reorganização do Jardim Zoologico, nas obras de melhoramentos, bem como á acquisição de novas collecções de animaes, aves e reptis, das diversas especies do reino animal. Essa subvenção vigorará por tres annos, prorogaveis por mais dois annos, no maximo, a juizo do prefeito, se até o final do primeiro prazo não tiver sido installado, e não estiver funccionando um Parque Zoologico da Municipalidade, e o actual não tiver cumprido rigorosamente todas as concessões previstas.

Ainda, como auxilio ás despesas do Parque, a Municipalidade permittirá a collocação, durante dezoito mezes, e com isenção de quaesquer impostos ou taxas municipaes, de paineis artisticos de annuncios de casas commerciaes, affixados no interior do jardim.

A QUE A ADMINISTRAÇÃO DO JARDIM ZOOLOGICO SE OBRIGA

Por sua vez, a administração respectiva obrigar-se-á a facultar ingressos gratuito aos alumnos de qualquer escola, quando acompanhados do respectivo professor, bem como aos alumnos dos asylos mantidos pela municipalidade, quando estes se apresentarem devidamente uniformizados; a ceder á Prefeitura, durante o periodo da subvenção, o grande predio situado junto ao predio n.º 226, na rua Visconde de Santa Isabel, para installação de escola; a fornecer aos museus escolares os animaes e as aves que morrerem e que lhes sejam uteis; a ceder, annualmente, o parque á Prefeitura para a realização, em cada semestre, de festivaes em beneficio das caixas escolares; a reduzir a 50% os preços dos ingressos no terceiro domingo de cada mez, para facilitar a entrada dos membros das classes proletarias, mediante a apresentação das respectivas carteiras profissionaes.

Por ultimo, fica estabelecido que a Municipalidade exercerá sobre essa remodelação a fiscalização necessaria, não só para que sejam respeitados os fins da nova lei, como no proposito de oriental-a, de accordo com as exigencias technicas ou urbanistas, previstas no plano geral de melhoramentos da cidade.

Desde 1930 que se diz que “Vae melhorar a situação do Jardim Zoológico”.
Nota publicada na revista *O Campo*, n.2, p.26, 1930.

ANIMAIS FEROZES

Do Polo Ártico caçados nas Montanhas Degelo

O DOCUMENTARIO COMPLETO DA ÚLTIMA EXPEDIÇÃO AO ÁRTICO — SERÁ ESTREADO, HOJE, NO "CINEAC TRIANON, UM PROGRAMA REPLETO DE NOVIDADES COM "ANGÚ DE MAÇA". O MAIS RECENTE SUCESSO DE MR. KENNEDY, O CARECA DO AZAR

RIO, 1 (CBL) — Emocionante e singular a reportagem que o Cineac Trianon exibirá sobre a última expedição ao polo Ártico. Dezenas de animais ferozes prontos a atacar o homem. No programa — Atualidades "O Globo" V. II N.º 13 Pan-Filme, D. F. B.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, sexta-feira, 1 mai. 1942.



Em 31 out. 2018, ursos polares foram vistos se alimentando em um depósito de lixo perto da vila de Belushya Guba, no remoto arquipélago de Novaya Zemlya, no norte da Rússia, uma área militar rigidamente controlada. Os cientistas dizem que os conflitos com ursos dependentes do gelo aumentarão devido ao aquecimento global — derretimento do gelo do Ártico — e ao aumento da presença humana na área, à medida que Moscou reforça a atividade econômica e militar na região
(Foto de Alexander Grir/AFP via Getty Images).

plantas e flôres

EURICO SANTOS

Rabo-de-tucano: uma árvore admirável

A família das voquisiáceas, puramente americana e restritamente tropical e subtropical, possui algumas espécies arbóreas de relativo valor como madeiras, e tôdas de grande prestígio decorativo. São realmente árvores admiráveis a Vochysia saldanha e, a V. laurifolia, a *V. turfuracea* e, sobretudo, a *V. eximia*, que habita as matas pantanosas da Amazônia e cujas inflorescências enormes são espetacularmente amarelas.

Deixando essa criatura equatorial e escandalosa, volvamos nosso olhar para *Vochysia oppugnata*, bem corriqueira no Estado do Rio e Minas, e até conhecida pelo nome plebeu de rabo-de-tucano e rabo-de-arara.

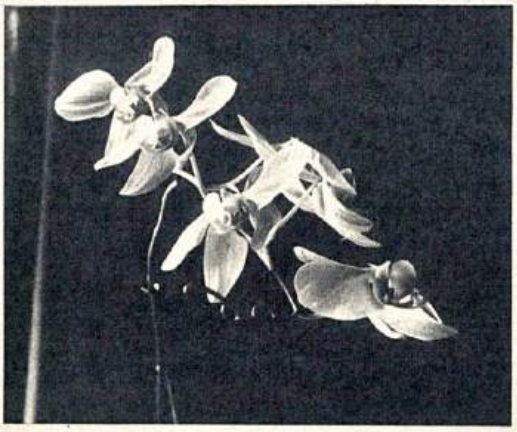
Essa árvore, de altura média, com fôlhas de 17 cm de comprimento, oblongas, lustrosas na página anterior, apresenta, na época de floração, inflorescências cilíndricas ou piramidais alongadas, multifloras. Tais flôres, de um rico amarelo-ouro, contrastam singularmente com o verde brilhante da folhagem.

De novembro a março, temos invariàvelmente a mesma cena — uma das mais belas que nos oferecem as nossas árvores florestais. Ora, uma árvore que assim tão galantemente se adorna com tanto ouro, como uma vitrina de joalheiro, está reclamando um lugar especialmente nas nossas longas estradas de rodagem.

Seria um espetáculo de "féerie" percorrer uma estrada arborizada pela *Vochysia oppugnata* em floração. Teríamos uma visão das mais fantásticas do El Dorado, cujas casas tinham telhados de ouro, segundo a lenda. Eu, se fôsse escolher uma árvore que simbolizasse Minas Gerais, a terra das manhãs brumosas e das minas de ouro, escolheria a *vochysia oppugnata*, tão vulgar naqueles rincões serranos.

E, por falar em plantas simbólicas, recordo-me de um velho projeto de se fazer em Niterói a Praça dos Estados, iniciativa do Rotary Club. Nesta projetada Praça cada Estado seria representado pela mais típica de suas árvores. Por aquela ocasião, o Amazonas se ia fazer representar pelo guaraná, o Piauí pela carnaubeira, Pernambuco pelo oiti-coró, Sergipe pela manga-rosa, Bahia, pelo cacaueiro, e os outros Estados ficaram elegendo suas árvores... e não se falou mais no assunto.

A idéia é interessante demais para que se abandone e esperamos vê-la, mais tarde, vingar. A Praça dos Estados em Niterói ou onde acaso se logre organisar, será uma lição objetiva de botânica pitoresca, amor à terra e culto à árvore.



O que fazer no jardim em junho

NO POMAR — O tratamento das plantações e árvores frutíferas, nesse mês, limita-se em recolher e queimar todos os galhos e fôlhas sêcas, frutos e outras partes das árvores e plantas. As videiras atacadas pela "antracnose" devem ser podadas e o tronco e ramos tratados com uma solução de 10% de ácido sulfúrico em água, aplicada com uma brocha. Neste mês amadurecem as laranjas e mais frutos do gênero *Citrus*. Desinfetar as plantas de frutos, especialmente os pessegueiros, com soluções concentradas (4—5 % de Pó Caffaro).

NA HORTA — Convém ainda plantar ervilhas, o feijão, cebolas, couve, repôlho e couve-flor. É hábito comum, entre os hortelãos, fazer os canteiros curtos e elevados, sistema êste pouco econômico no tempo e nos resultados obtidos. Seria de maior vantagem se os canteiros fôssem compridos e ao nível da superfície da terra: assim será evitada a evaporação excessiva da umidade, e as hortaliças, plantadas em canteiros compridos, podem ser cultivadas com cultivadores e enxadas mecânicas, puxadas por um animal ou pelo próprio hortelão.

NO JARDIM — Arrancam-se as "batatas" das dálias que já secaram, fazendo tal trabalho com cuidado, para não ferir. Transplantam-se estas "batatas" para lugar sêco e ventilado. Da mesma forma se procede com os rizomas de Cana Flórida ou Biri, que já estão secos neste período. Boa época para transplantarem-se para canteiros, os enraizados das roseiras, que foram feitos em março ou abril e que serão enxertados no início do futuro verão. Inicia-se na segunda quinzena dêste mês a poda das roseiras, que deverá terminar em fins de julho. Tôdas as partes cortadas devem ser queimadas. Também neste mês começa o plantio das roseiras, que deve terminar nos primeiros dias de agôsto. Neste mês inicia-se a poda dos arbustos floridos, e multiplicam-se por estacas os arbustos e trepadeiras que se acham em repouso. Quase nada se semeia êste mês, a não ser as Coníferas, Araucárias, Tuias Ciprestes e a nossa "Arvore de Natal", a Cryptomeria-japonica. Termina o plantio dos Rainúnculos, Anêmonas, Espôrinhas e Ervilhas-cheirosas e podam-se as cêrcas vivas. Muitas flôres, com o frio, desaparecem, mas as trepadeiras enfeitam o jardim. No orquidário, o mês se notabiliza pelo florescimento das magníficas "Cattleyas" com a Loddigesil, Walkeriana. Continua a floração das Sophronitis. De noite, deve-se proteger as orquídeas, mais ainda nas noites frias, quando ameaçar gear e houver ventos frios, levando-as para recintos fechados, estufas, varandas envidraçadas etc.

Caixotes de semeação

As sementeiras de plantas floríferas ou horticolas são feitas no local definitivo ou se fazem em viveiros, para mais tarde serem as plantinhas transplantadas. Depende isso não só da espécie, mas da época da semeadura. Para as plantas que exigem transplante, o mais comumente empregado são os caixotes para semeadura ou semeação. Esses caixotes devem medir 50 a 55 por 30 a 35 cm de largo e 10 a 12 cms. de altura. Êsse caixote é pregado em duas grossas travessas, deixando o fundo livre e munindo-o com alças de arame forte para que êle possa ser tirado do local, quando assim seja preciso fazer transplante, não ofendendo as plantinhas novas.

Êsse fundo do caixote deve ser furado com uma broca grossa ou um ferro em brasa. Os furos são cobertos com cacos de telhas com o lado abaulado para cima. Sabe-se que tais furos assim obtidos têm por fim drenar os caixotes, permitindo o escoamento da água da rega.

Enchem-se os caixotes de terra penetrada, deixando-se um centímetro de margem, como bordas. A terra deve ser o que se chama terra vegetal ou terra de jardim, misturada com areia fina bem penetrada e lavada. Deixa-se assentar a terra, aplainando-a, levemente com uma prancha, para não deixar vastos. Nessa superfície então se distribuem as sementes o mais uniformemente possível, dependendo da natureza delas a cobertura das sementes com terra. Quando forem muito pequenas, basta apertá-las junto à terra; e preferem as maiores devem ser cobertos com um terriço fino penetrado.

As regas

Parece cousa das mais simples, entretanto deve merecer certos cuidados. Tôda a planta recém-plantada precisa de rega diàriamente, até criar raizes novas. A hora da rega deve, de preferência, ser pela manhã, isto no inverno; no verão, a hora preferível será à tarde, para evitar a queimadura das fôlhas. Prefira-se água dos tanques ou barris à água da bica. A rega deve ser copiosa, não para refrescar a planta, mas para lhe matar a sêde, água que será tomada pelas raízes. Evitar sempre o encrostamento da terra, afofando-a. Preferir o regador com ralo e não mangueira, que só se prestam para árvores e arbustos, e não plantinhas de jardins.

Texto de E.S. publicado na coluna *plantas e flôres* da revista *A Cigarra*, n.6, p.86, 1966.



EURICO SANTOS

Pois bem, uma senhora, esta lhe cito o nome por ser uma cientista mundialmente conhecida, Mme. Marie Phisalix, utilizava as serpentes no seu laboratório de pesquisas no Museu de História Natural, em Paris, e guardava os ovos para omeletas.

Uma vedete londrina, cujo nome não me ocorre, usava como bôlsa uma pequena jibóia, que também lhe servia de "boa", como chamam os franceses a um agasalho que as senhoras usam ao pescoço, assim como um rôlo de peles, e por isso mesmo lembra a jibóia, ou seja, a *boa*.

E por falar em jibóia, que é muito nossa, lembrarei, neste panorama serpentino, a Luz del Fuego, artista que não só domestica cobras, como com elas dança (ou dançava) e bem se entende, não obstante as velhas contas que as duas, entre si, têm de ajustar, segundo a versão bíblica.

Na foto ao lado, vemos a modêlo Lisa Whiteley, de 23 anos, posando com um pitão (domesticado, é claro) de 4 metros e meio, que serve de enfeite para o seu audacioso vestido em piquê branco. Se a cobra morrer, não haverá problema: pode ser transformada em bôlsa, que Lisa usará com outros vestidos.

83

Texto de E.S., aos 83 anos, publicado em *A Cigarra Magazine*, n.7, p.83, 1966.

OBRAS DE “DIVULGADORES ESQUECIDOS” DA FAUNA BRASILEIRA

Jean Theodore Descourtilz (1796-1855)[44]



Capa e folhas de rosto de *Beija-flores do Brasil* (1960)[45], reprodução da obra original *Oiseaux-mouches orthorynques du Brésil* (1831) seguida da tradução em português — por Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) — e “estudo crítico-sistemático das espécies” — por Olivério Mário de Oliveira Pinto (1896-1981).

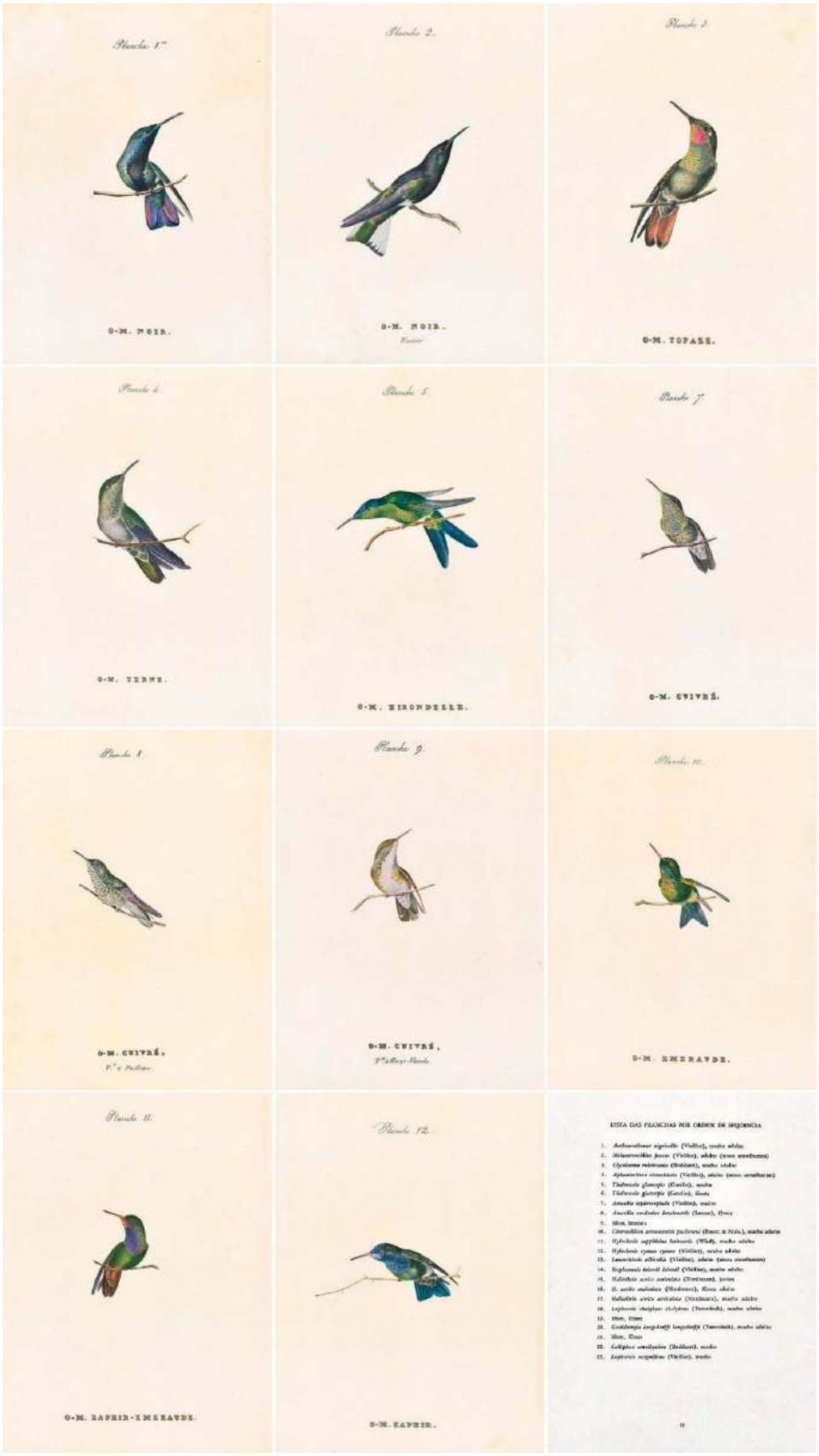
“Esta edição [...] consubstancia quatro anos de pertinazes esforços. Foi em 1956, logo após assumirmos a direção da Biblioteca Nacional, que tivemos sob os olhos, pela primeira vez, o precioso inédito do Dr. Théodore Descourtilz, que enriquece os arcazes da Seção de Manuscritos desta Casa de Cultura. Desde então, passamos a acalentar a idéia de fazermos uma publicação condigna de suas belas estampas coloridas e do texto, que o naturalista-pintor preparou à maravilha para ser facsimilado. Dificuldades várias, especialmente de ordem financeira, obrigaram-nos a adiar a concretização do projeto [...]. Graças, porém, ao apreciável aumento nas dotações orçamentárias que o Congresso Nacional tem concedido a esta Casa e ao apoio irrestrito que nossa administração vem recebendo de Suas Excelencias o Senhor Presidente Juscelino Kubitschek e o Senhor Ministro Clóvis Salgado, foi-nos possível incluir a publicação do album de Descourtilz no plano de realizações comemorativas do 150º aniversário da fundação da Biblioteca Nacional”[46].

---

[44] João Teodoro Descourtilz (1796-1855) foi um dos naturalistas que passaram pelo Brasil no século XIX com o objetivo de conhecer e registrar a biodiversidade do país. O médico e artista francês chegou ao Brasil em 1830, a convite de Dom Pedro II, interessado por minerais e aves que observou durante as viagens que fez pela Floresta Atlântica do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Entre 1851-55, ocupou o cargo de naturalista viajante do Museu Nacional. Publicou três importantes obras sobre a avifauna brasileira. [...] O grande mérito do ornitólogo está na descrição dos hábitos, cores e formas de cada espécie. Diferentemente dos outros estudiosos da época, que se dedicavam a fazer relatos morfológicos, Descourtilz colocou em seus desenhos informações que, aliadas a uma descrição detalhada, revelaram o comportamento e o habitat de muitas aves (Brasiliana Iconográfica, 2017). Descourtilz destaca-se como um observador cuidadoso e preocupado com a qualidade das suas anotações. Desde 1851, quando começam as suas observações no sudeste brasileiro, podemos notar a sua acuidade e senso crítico. [...] O seu texto, muitas vezes poético e floreado, como bem servia ao costume da época, era acompanhado por belíssimas pranchas coloridas das espécies descritas. A maioria das 164 espécies descritas era constituída por aves comuns ou que poderiam ser mantidas em cativeiro. Destaca-se, contudo, as observações sobre pássaros insetívoros, pequenos ou de difícil observação. Retratou e descreveu algumas espécies que são muito raras até hoje, e as anotações de Descourtilz ainda são a maior fonte de informações sobre *Calyptura cristata*, o raríssimo cotingídeo do sudeste brasileiro. Suas anotações, embora breves, forneciam rápidas notas sobre a reprodução, os hábitos e a alimentação das espécies retratadas. Publicou três importantes obras que apresentam de forma belíssima a avifauna brasileira: *Oiseaux brillants et remarquables du Brésil* (1831), *Beija-flores do Brasil* (1835) e *História natural das aves do Brasil notáveis por sua plumagem, canto e hábitos* (1852). Faleceu em jan. 1855, no litoral do Espírito Santo (Fontes: texto do professor dr. Luís Fábio Silveira e Spix & Descourtilz: naturalistas viajantes).

[45] “Acabou-se de imprimir em abril de 1960 nas oficinas de Sedegra Sociedade Editôra e Gráfica Ltda., Rio de Janeiro, com licença da biblioteca nacional do rio de janeiro para a livraria. São José Ltda., Rio de Janeiro, com clichês gravados dos originais por Atlelier Esto-Clichês S.A. e Latt-Mayer Clicherias Reunidas S.A. Tiragem um mil exemplares. Todos numerados”.

[46] Celso Ferreira da Cunha (1917-1989), diretor da Biblioteca Nacional.



Cromolitografias da obra *Oiseaux-mouches orthorynques du Brésil* (1831).

INTRODUÇÃO

TRADUÇÃO DE
CARLOS DRUMOND DE ANDRADE

Sob a irradiação do céu luminoso, no seio de uma natureza eternamente virgem, embora fecunda, e envoltos pelo ar puro, impregnado do perfume das flôres, circulam com rapidez de relâmpago passaros que cintilam como ouro ou despedem reflexos de outros metais, a que se aliam tons de pedras preciosas. O vermelho delicado do RUBI, o vermelho escuro da granada, o alaranjado do topázio, o verde agradável da esmeralda, êsse outro, mais intenso e mais sedoso, da malaquita, o azul da safira e o roxo da ametista figuram separadamente na plumagem de espécies batizadas com êsses nomes; quando tais côres se combinam, é para formar deleitosas harmonias que o olhar admira, mas que o pincel mais experimentado só imperfeitamente saberia reproduzir. Se a êste luxo de penas acrescentarmos a delicadeza do tamanho, formas graciosas e esbeltas, e vivacidade de movimentos, teremos um esbôço ligeiro, mas fiel, do pássaro-môsca.

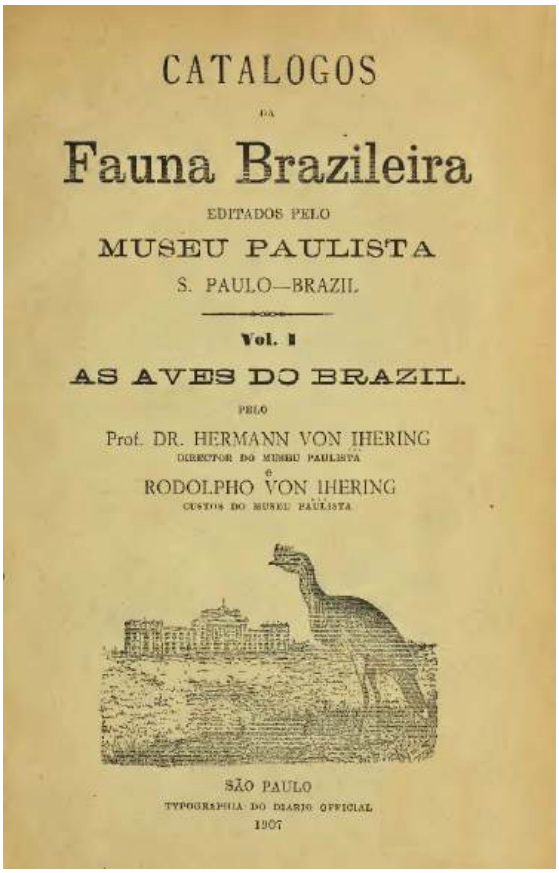
Já muito antes da descoberta do Novo Mundo pelos espanhóis, os primitivos habitantes dessas regiões deliciosas conheciam e procuravam com interêsse os pássaros-môsca; usavam-nos como penduricalho de orelha, à guisa de amuleto; com as penas da garganta faziam quadros em que os matizes, combinados com arte, eram inalteráveis e brilhantes. Impressionados com o pequeno porte dêsses passarinhos, e comparando-os às suas mais ínfimas medidas de pêso, deram-lhes os conquistadores europeus o nome de *tominos;* os brasileiros, à vista de seus hábitos, chamam-lhes beija-flor, papa-môscas, chupa-flor, nomes que dão idéia perfeita dêsses pássaros elegantes, como que suspensos diante das flôres, parecendo acariciá-las.

Com espécies bastante numerosas, os beija-flôres são peculiares à América, mas a África e a Ásia Meridional nos apresentam como análogas as diversas tribos melívoras de papa-açúcar e de cétias, na maio-

SciELO

Beija-flores do Brasil (1960), primeira página da introdução em português.

Hermann Friedrich Albrecht von Ihering (1850-1930) & Rodolpho Theodor Wilhelm Gaspar von Ihering (1883-1939)[47]


CATALOGOS

DA

Fauna Brazileira

EDITADOS PELO

MUSEU PAULISTA

S. PAULO—BRAZIL.

Vol. I

AS AVES DO BRAZIL.

PELO

Prof. DR. HERMANN VON IHERING

DIRECTOR DO MUSEU PAULISTA

E

RODOLPHO VON IHERING

CUSTOS DO MUSEU PAULISTA

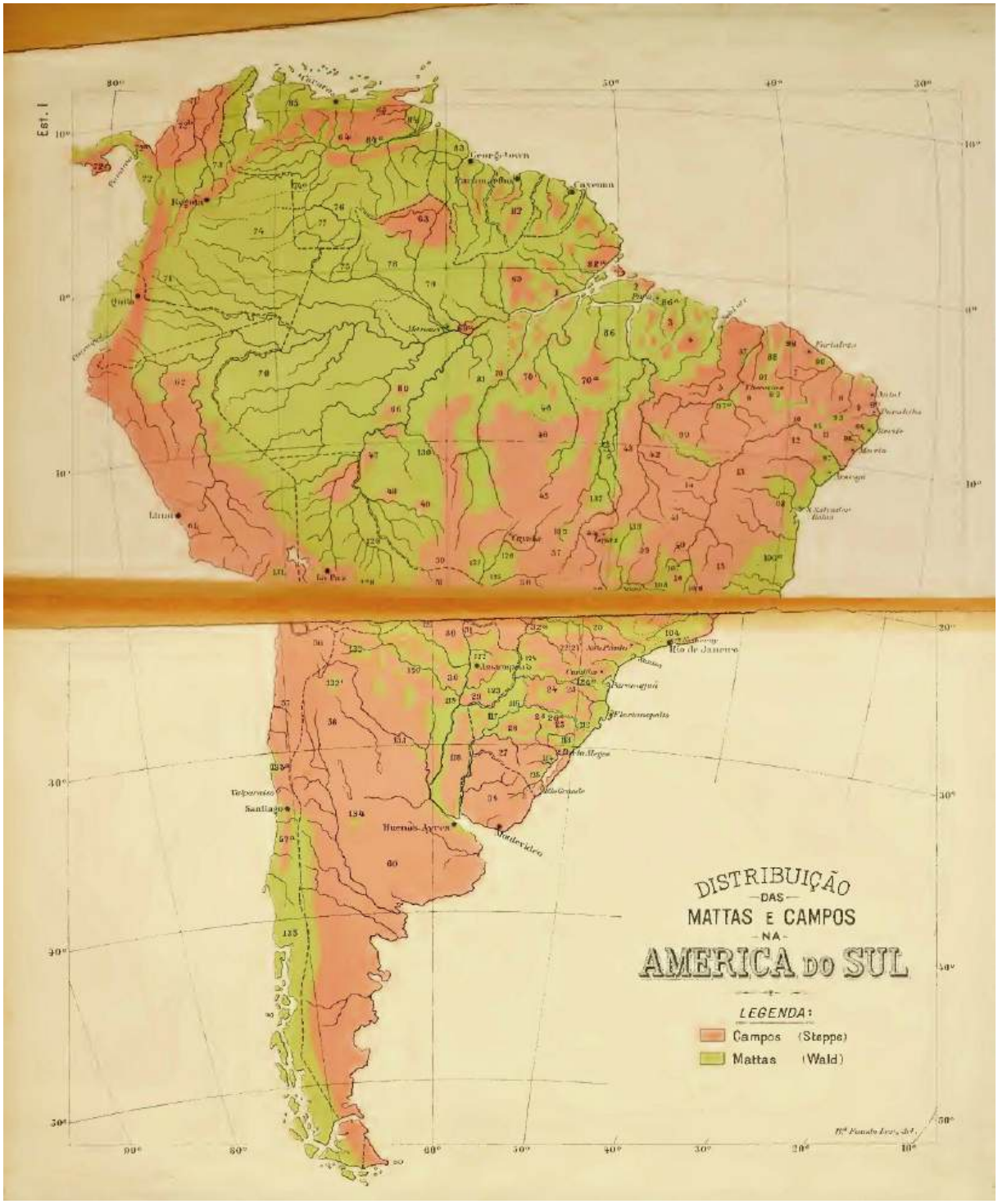
SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO DIARIO OFFICIAL

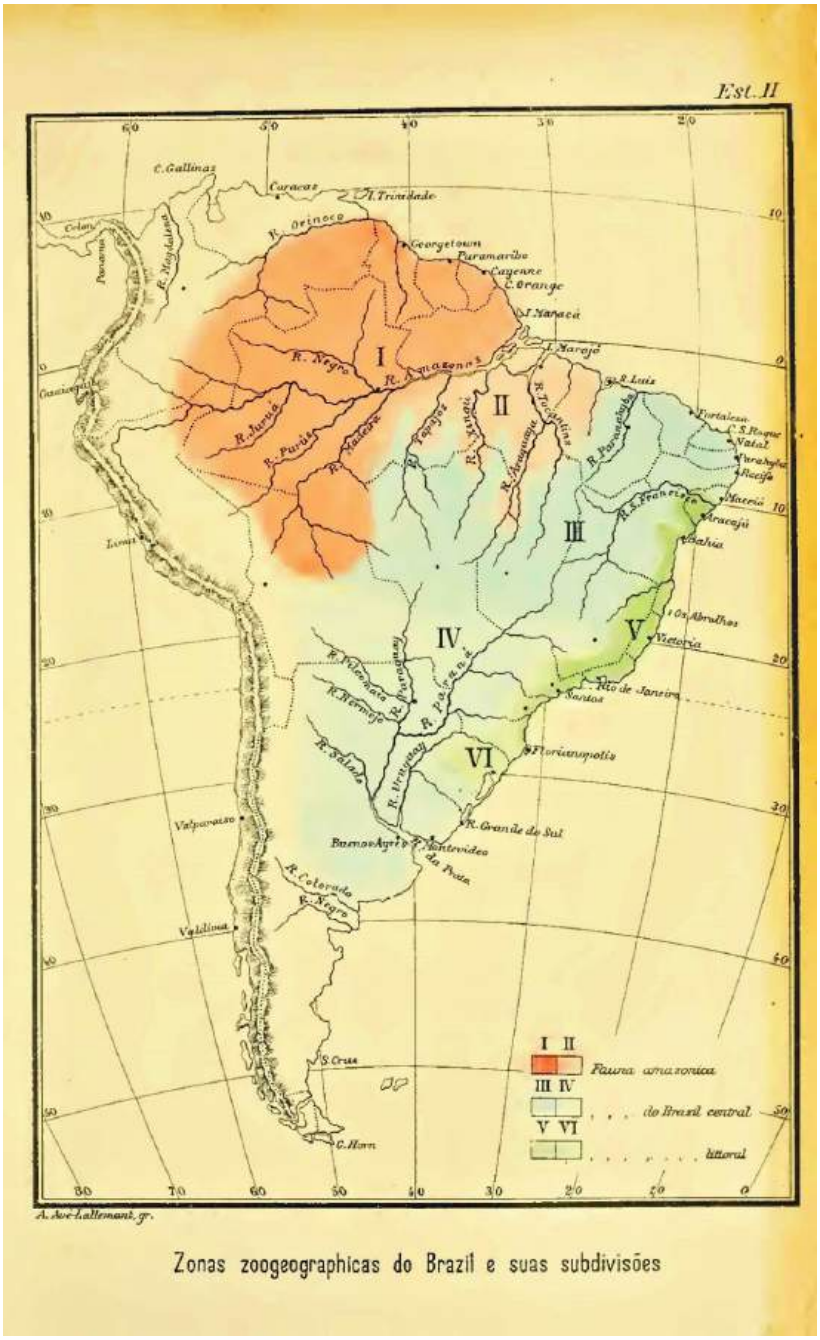
1907

Transcrição de trecho da introdução assinada por Hermann von Ihering: “Não é só a nossa inienção de registrar aqui os materiaes accumulados em nossas collecções, mas pretendemos também dar nesta occasião uma synopse de tudo que do respectivo grupo até agora é conhecido do Brazil. Procurando-se uma orientação sobre a fauna do Brazil não se encontra obra alguma capaz de satisfazer este desejo. Em 1864 publicaram Piso e Markgrav a sua interessante obra, ricamente illustrada: *Historia Naturalis Brasiliae*, que, dedicada principalmente á região pernambucana, trata largamente da fauna, da flora, do clima etc. do Brazil em geral. Desde aquella época não foi mais publicado livro algum que correspondesse mais ou menos á obra citada. Para o conhecimento da luxuriosa vegetação do paiz serve como base a *«Flora brasiltensis»*, obra monumental, que acaba de ser concluída. Não existe publicação alguma que se propuzesse a tarefa correspondente para o reino animal. Seria assumpto do Congresso Nacional subvencionar uma obra semelhante, con relação á fauna do Brazil [...].Em vista da lacuna indicada na nossa literatura já será de valor um prodomo da fauna brazileira como é a nossa intenção de creal-o por meio destes nossos
catálogos. Estes volumes por conseguinte tèm o caracter de «Gheck-Lists», dando os nomes scientiíicos e triviaes das respectivas espécies do Brazi), iní' miando sobre a principal literatura, explicando a distribuição geographica de cada espécie e enumerando aíinal o respectivo material guardado nas collecções do Museu Paulista” (Ihering; Ihering, 1907, p.I).

[47] PEREIRA, Clemente. Rodolpho von Ihering (1883-19339). *Arquivos de Zoologia*, v.1, artigo 16, p.491-502. 1940. “Nascido no Rio Grande do Sul [...], filho do grande zoólogo prof. Hermann Friedrich Albrecht von Ihering [...] pode ter desde criança seu pai como precioso guia no estudo da natureza, o que veiu emprestar grande realce k sua notável aptidão para o estudo das Ciências Naturais. Passou sua infância, até os 8 anos, numa ilha do rio Camaquan, pertencente a seu pai e conhecida por 'Ilha do Doutor' devido a seu progenitor, ocasionalmente, lá exercer clínica, enquanto trabalhava em zoologia, comissionado pelo Museu de Berlim. Quando se decidiu o aproveitamento do Monumento do Ipiranga para Museu [...], seu ilustre pai foi convidado para dirigi-lo. Desta maneira, a família von Ihering mudou-se em 1891 para S. Paulo Em 27 de Janeiro de 1902 passava a ocupar o cargo de Assistente do Diretor e ´Custos' do Museu Paulista. [...] Em 1907 assumiu a Diretoria do Museu Paulista, em substituição a seu pai [...]. A obra científica de R. von Ihering caracterizou-se pela grande diversidade de assuntos com os quais se preocupou. Sua atividade no Museu Paulista (1903-17) traduz-se por trabalhos versando resultados de estudos sôbre os himenópteros [...] artrópodos [...] herpetologia [...] ao conhecimento dos nossos peixes, assunto êste que iria mais tarde ocupar quasi que exclusivamente sua atenção. Desde o comêço de sua atividade científica, nota-lhe a preocupação de dirigir atenção sobre problemas de possível aplicação prática sendo interessante assinalar o verdadeiro devotamento com que se dedicou à divulgação dos conhecimentos relativos à nossa fauna. [...] Sua grande cultura zoológica estava sempre aberta para difundir ensinamento aos que deles se acercassem”. Ihering foi autor de centenas de artigos técnicos e de divulgação científica, bem como de livros, dentre eles, o *Atlas da Fauna do Brasil* (1907) — convertido no *Da vida dos nossos animais: fauna do Brasil* (0000) — e o *Dicionário dos animais do Brasil* (1940) (Nomura, 1997 apud Strauber, 2007, p.1).



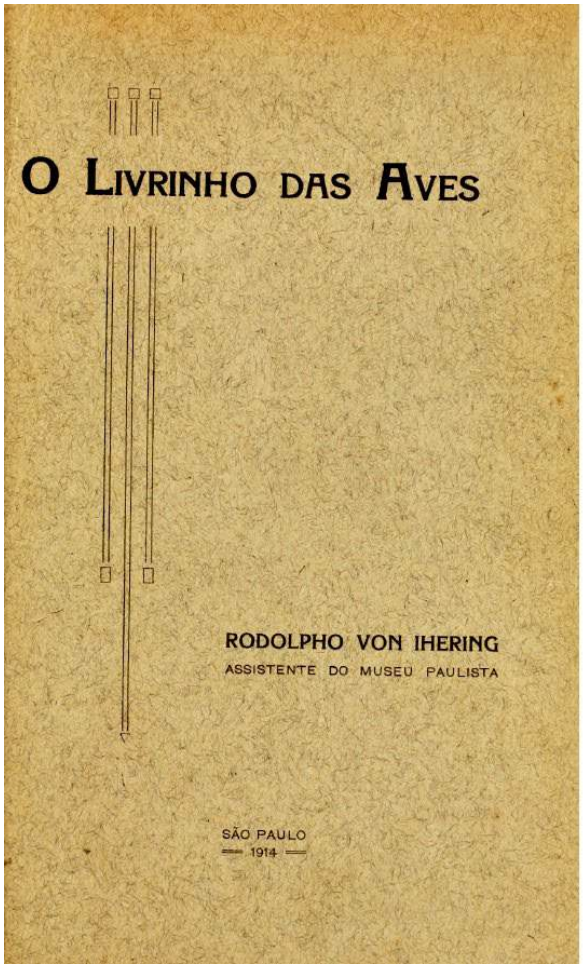
"*Mappa da distribuição das mattas e campos na America do Sul*
A cor verde indica a extensão das mattas, a vermelha a dos campos. Os números reíerem-se ás fontes literárias e mais indicações colhidas pelo dr. H. von Ihering e que os explicará em seu estudo que em breve apparecerá publicado no próximo volume VII da «Revista do Museu Paulista». Naturalmente, em vista da escala diminuta do mappa, só puderam ser tomados em consideração os complexos maiores, quer de mattas, quer de campos; mas são também justamente estes que aqui nos imporia conhecer, pois que só elles são de real importância nos estudos zoogeographicos a que o mesmo mappa se propõe servir de base" (Ihering; Ihering, 1907, p.484).

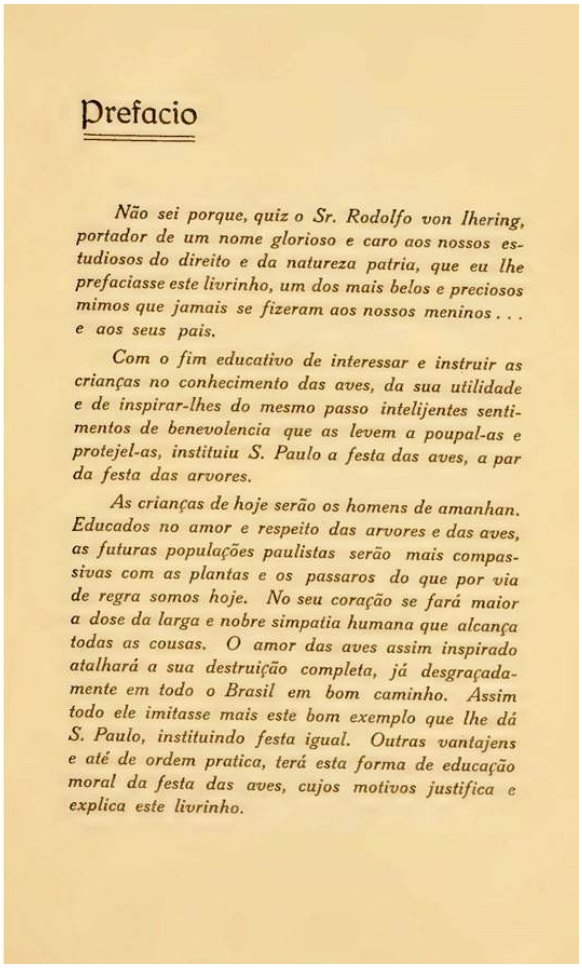


Zonas zoogeographicas do Brazil e suas subdivisões

"*Zonas zoogeographicas do Brazil e suas subdivisões*

Tambem quanto a este mappa e as ideias zoogeographicas que elle exprime, enviamos o leitor á pg. XI da introducção deste catalogo. Por certo que tambem aqui as futuras investigações indicarão um certo numero de correcções a fazer; comtudo já este mappa corresponderá em seus traços geraes á realidade dos factos, dando ao leitor um ideia das zonas zoogeographicas em que se divido o Brazil. Como já ficou dito á pag. XI, este mappa, ainda que baseado de preferencia nos conhecimentos da distribuição geographica das aves, refere-se em geral aos animaes brazileiros de vida mais ou menos análoga, tomando-se em consideração, não só os dados que se referem directamente á sua occorrencia, mas também as condições geographicas e floristicas. Estas, segundo a sua disposição, delimitara as zonas e se tornam mesmo barreiras insuperáveis a certos animaes; nestes casos estão os cursos dos grandes rios, as elevações de terreno, as grandes parcellas de mattas ou de campos ininterruptos. Quanto a estes, veja-se a estampa precedente" (Ihering; Ihering, 1907, p.485).





Prefacio

Não sei porque, quiz o Sr. Rodolfo von Ihering, portador de um nome glorioso e caro aos nossos estudiosos do direito e da natureza patria, que eu lhe prefaciasse este livrinho, um dos mais belos e preciosos mimos que jamais se fizeram aos nossos meninos . . . e aos seus pais.

Com o fim educativo de interessar e instruir as crianças no conhecimento das aves, da sua utilidade e de inspirar-lhes do mesmo passo intelijentes sentimentos de benevolencia que as levem a poupal-as e protejel-as, instituiu S. Paulo a festa das aves, a par da festa das arvores.

As crianças de hoje serão os homens de amanhan. Educados no amor e respeito das arvores e das aves, as futuras populações paulistas serão mais compassivas com as plantas e os passaros do que por via de regra somos hoje. No seu coração se fará maior a dose da larga e nobre simpatia humana que alcança todas as cousas. O amor das aves assim inspirado atalhará a sua destruição completa, já desgraçadamente em todo o Brasil em bom caminho. Assim todo ele imitasse mais este bom exemplo que lhe dá S. Paulo, instituindo festa igual. Outras vantajens e até de ordem pratica, terá esta forma de educação moral da festa das aves, cujos motivos justifica e explica este livrinho.

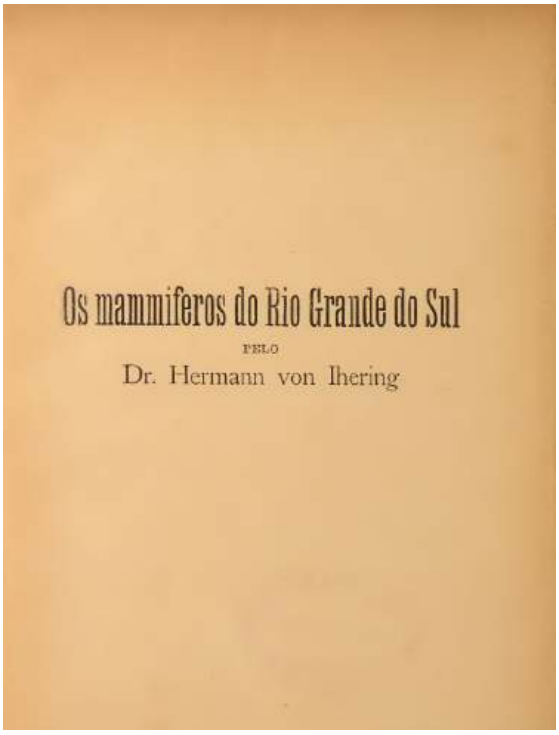
O livrinho das aves, (1914). Prefácio de José Veríssimo (1857-1916) [48].



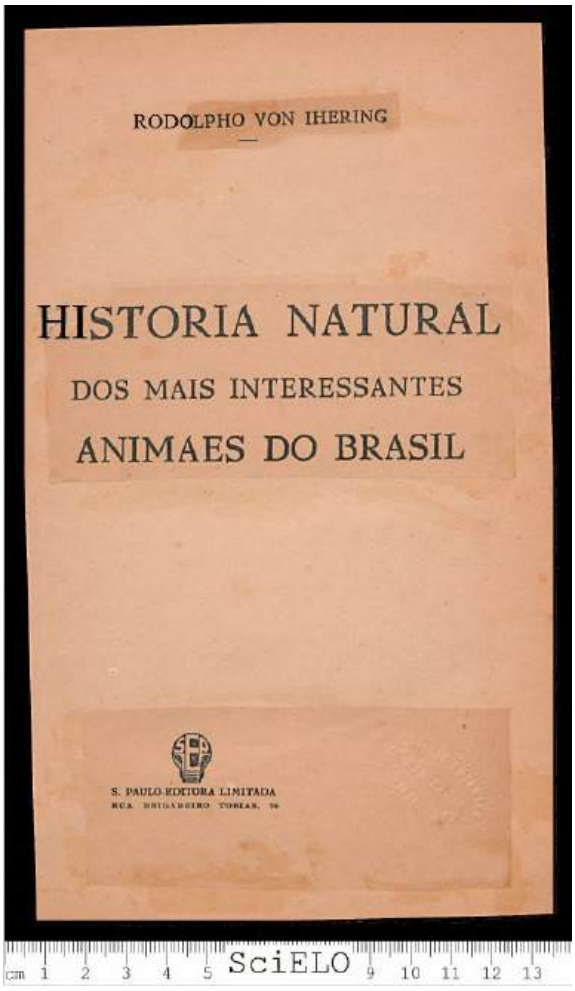
[48] Nascido no Pará, José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916) foi escritor, educador, jornalista e estudioso da literatura brasileira, membro e principal idealizador da Academia Brasileira de Letras.



Cromolitografias reproduzidas em *O livrinho das aves* (1914).

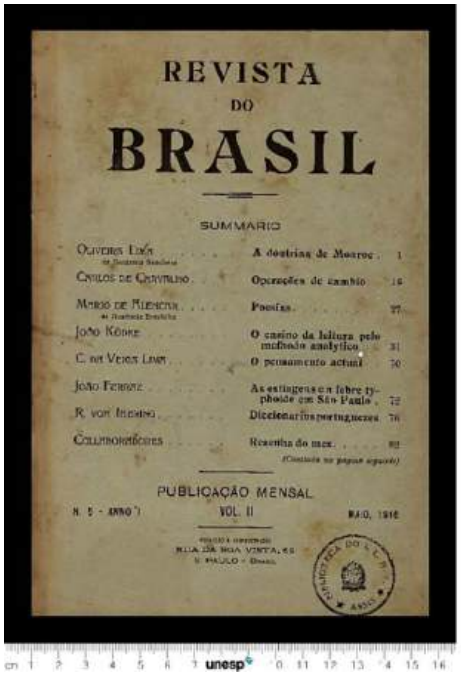


Transcrição de trecho da obra: “Nenhum dos outros estados do Brazil está actualmente estudado com tanto cuidado em relação aos seus mammiferds como o Rio Grande do Sul. Isto é devido primeiramente aos estudos que aqui fez o sabio Reinhold Merisel nos annos de 1863 a 1865. Hensel publicou como resultado de suas observações um extenso trabalho no qual enumerou, além de 12 animaes (mammiferos) domésticos, 74 especies indigenas no nosso Estado. [...] Muitas pessoas que tem interesse pela nossa historia natural poderão talvez ajudar-me com informações sobre a distribuição geographica e nomes indigenas e mesmo fornecer-me specimens de mammiferos interessantes, seja em caxaça, como morcegos, gambàsinhos, camondongos, tuco-tucos e outros, seja em pelles com o respectivo craneo” (Ihering, 1894, p.3).



Transcrição de trecho da introdução: “Demonstrada a necessidade da elaboração de um Vocabulario zoologico, mais facilmente encontraremos excusa para o nosso arrojo, dando à publicidade o que está longe de ser o que o titulo adoptado deveria abranger. Já em 1914 haviamos permittido a impressão de uma edição preliminar, do que consideravamos apenas o esqueleto da obra planejada. Com todas as suas deficiencias foi, ainda assim, bem recebida pelos interessados, laes como medicos, hygienistas, professores e agricultores, ao quaes convinha semelhante arranjo practico para consultas ligeiras; tambem aos caçadores e amigos da natureza em geral, parece que agradou a explicação zoologica ou theorica do que já sabiam pela observação da nossa fauna ou do que procuravam conhecer mais detalhadamente a respeito da nossa ‘bicharada’. Certos, pois, de que fariamos trabalho util a uns, agradavel a outros, tencionavamos proseguir na elaboração final do manuscripto, quando a grande guerra, em uma das suas mais curiosas consequencias, sob forma de guerrilha de intrigas e mentiras, nos obrigou a dar por finda a nossa dedicação ao Museu Paulista” (Ihering, [193-], p.5).

Já por outra ocasião (*)[49] glosámos os “nomes zoológicos contidos nos Dicionários da língua portuguesa”. Lastimável é que o “Novo Dicionário” de Candido Figueiredo não tenha sido expurgado neste sentido na terceira edição, de 1922, aumentando êle, pelo contrário, a lista dos erros aos quais então nos referimos. A própria Academia Brasileira de Letras, em seus Anais, ao coligir os brasileirismos, não soube precaver-se contra deslizes, que não são apenas palmares do ponto de vista zoológico, mas sobremodo prejudiciais, pois que todo brasileiro vê nas publicações desse Instituto Nacional, o expoente do nosso puritanismo linguístico (Ihering, 1940, p.17).


REVISTA
DO
BRASIL

SUMMARIO

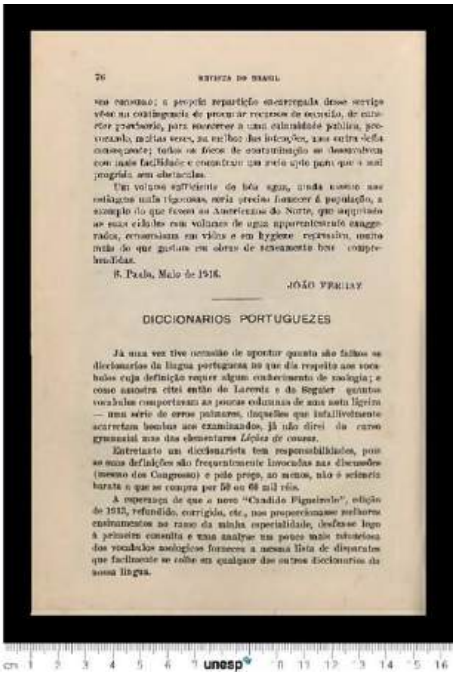
Oliveira Lima — A doutrina de Monroe . . . 1
Carlos de Carvalho — Operações de cambio . . . 16
Mario de Alencar — Poesias . . . 27
João Köhler — O ensino da leitura pelo methodo analytico . . . 31
C. de Vasconcellos Lima — O pensamento actual . . . 70
João Ferreira — As estiagens e a febre typhoide em São Paulo . . . 72
R. von Ihering — Diccionarios portuguezes . . . 76
Collaboradores — Resenha do mez . . . 89

(Continua na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 5 - ANNO I — VOL. II — MAIO, 1916

RUA DA BOA VISTA, 62
S. PAULO - Brasil


76 REVISTA DO BRASIL

vas necessaria; a propria repartição encarregada desse serviço vêse na contingencia de procurar recursos de soccorro, de caracter provisorio, para soccorrer a uma calamidade publica, periodica, muitas vezes, ao cabo das licções, mas outra sêca consecutiva; torna-se facto de contribuição se desenvolver com mais facilidade e encontrar um meio qualquer para que o mal progrida sem obstaculos.

Um volume sufficiente de bôa agua, ainda mesmo nas estiagens mais rigorosas, seria preciso fornecer á população, a exemplo do que fazem os Americanos do Norte, que supprimem as suas cidades com volumes de agua apparentemente exaggerados, economisam nas vidas e em hygiene reparam, muitas vezes ao cabo de largos annos, com obras de melhoramento bem comprehendidas.

S. Paulo, Maio de 1916.

JOÃO FERREIRA

DICCIONARIOS PORTUGUEZES

Já uma vez tive occasião de apontar quanto são falhos os diccionarios da lingua portugueza no que diz respeito aos vocabulos cuja definição requer algum conhecimento de zoologia; e como naquella citei então do Laroussi e do Seguier quantos vocabulos comportavam as poucas columnas de sua nota ligeira — uma serie de erros palmares, daquelles que infallivelmente acarretam bombas aos examinandos, já não direi de curso gymnasial mas dos elementares *Lições de coisas*.

Entretanto um diccionarista tem responsabilidades, pois as suas definições são frequentemente invocadas nas discussões (mesmo dos Congressos) e pelo preço, ao menos, não é sciencia barata a que se compra por 50 ou 60 mil réis.

A esperança de que o novo "Candido Figueiredo", edição de 1913, refundido, corrigido, etc., nos proporcionasse melhores ensinamentos no ramo da minha especialidade, desfasse logo á primeira consulta e uma analyse um pouco mais attenciosa dos vocabulos zoologicos forneceu a mesma lista de disparates que facilmente se colhe em qualquer dos outros diccionarios da nossa lingua.


REVISTA
DO
BRASIL

SUMMARIO

José de Alencar — A sesta d'Anhanguera . . . 231
Oliveira Lima — A Revolução de 1817 . . . 247
Basilio de Magalhães — Domingos Jorge Velho . . . 260
Julio Cesar da Silva — Sonetos . . . 265
Sergio Espindola — C. C. P. A. . . . 268
Rodolpho von Ihering — Os nomes zoologicos em Portuguez . . . 282
Padre Heliodoro Pires — D. Luiz de Britto . . . 291
Machado de Assis — Um prelacio . . . 304
Affonso Arinos — Feiticeira . . . 306
Collaboradores — Resenha do mez . . . 320

(Continua na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 15 - ANNO II — VOL. IV — MARÇO, 1917

RUA DA BOA VISTA, 62
S. PAULO - Brasil


OS NOMES ZOOLOGICOS
EM PORTUGUEZ

No texto explicativo do nosso *Atlas de Pesos do Brasil* á pag. XIV, dissemos a seguinte cousa em relação á grapha dos nomes zoologicos em portuguez:

"Em regra, a nomenclatura scientifica é sempre latina: os nomes genericos e especificos são universalmente extrahidos em latim; na terceira linha ou que foram propostos pelos scientistas que primeiro descreveram os animaes ou as plantas em questão. Assim os vocabulos francezes ou allemães, Pelo contrario, Cruzeiro borrifos, Mas os nomes de familias, ordens, classes, etc., ao decorrer da exposição, geralmente soffrem uma ligeira adaptação á linguagem commum, pela modificação de suffixo, de accordo com o indole da lingua e segundo regras estabelecidas: a familia **Apidæ**, em francez, diz-se "les Apides", em allemão "die Apiden", em italiano "gli apidi". Como dizemos em portuguez? Não houve nada, nem em Portugal nem no Brasil, quem estabelecesse as regras a observar em todos os casos, e dahi a irregular falta de uniformidade na grapha destes nomes quando sendo assim nomes scientificos.

Assim, colocando-se a minima familia **Colubridæ**, os nomes portuguezes escrevem indifferentemente: Colubrinos, Colubricos, Colubrinios, Colubralinos, Colubridæos. As duas primeiras formas são positivamente erradas, porque o suffixo inus, ina, nos accrescentamos, designa as subfamilias. Resta-nos optar por "ideo", "ideos" "ideos", "ideos". Preferimos esta ultima forma, ideos, para os nomes zoologicos, reservando ideas para os termos botanicos. Tambem os inglezes adoptaram esta divisão, com muito criterio, porque assim se reconhece desde logo se o nome se refere á planta (no feminino) ou a animaes (no masculino).

Dividem pois os Colubridæos, os Apideos, os Arachnideos. A estricta observação destas regras traz mais esta vantagem: salvan-

[49] Revista do Brasil, v.2, n.5, p.282-290, 1916.



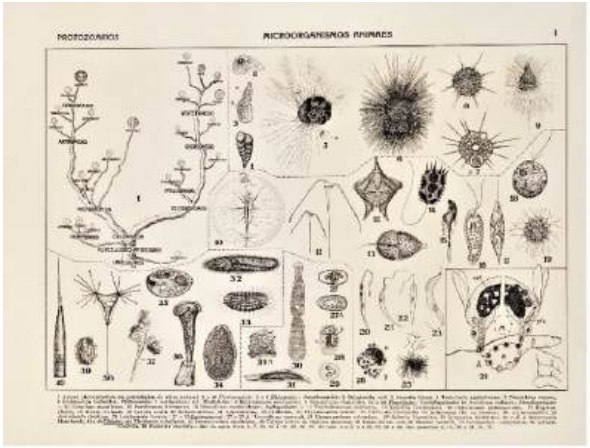
Atlas da Fauna do Brasil (1917).

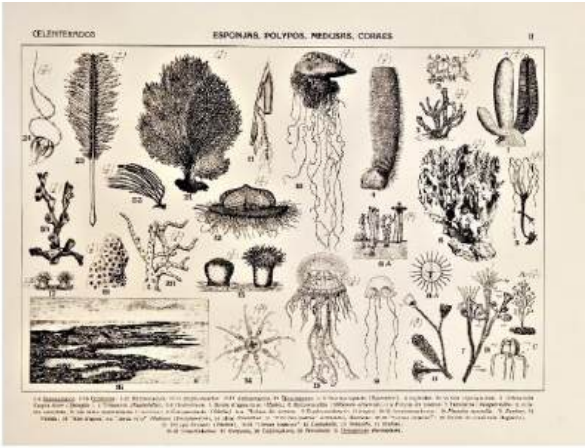


Transcrição de trecho do prefácio subscrito por Arhtur Neiva (1880-1943) em 16 dez. 1916:

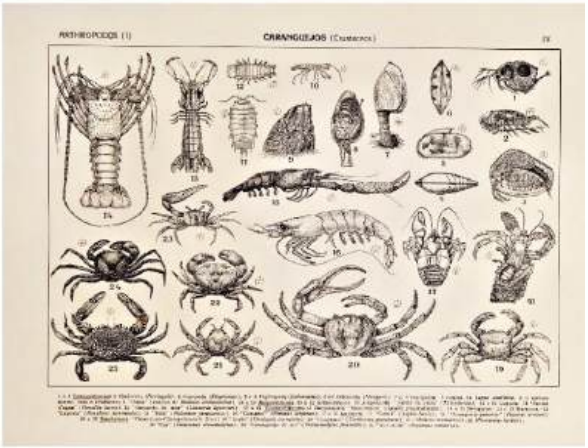
"O trabalho para o qual o ilustre Snr. Rodolpho von I hering pediu-me um prefacio, constitue um acontecimento bibliografico cujo valor somente poderá ser aquilatado convenientemente quando, dentro de alguns anos, ele revelar á ciencia nacional vários naturalistas cuja inclinação jámais poderia ser evidenciada, se por ventura não tivessem encontrado tão util quão perfeito guia. Trata-se de fato de um livro de valor o qual marcará época nos fastos da ciencia brazileira. Sei por experiencia propria, que não ha o menor exagero nas minhas palavras e, estou certo, nenhum dos brazileiros actualmente preocupados com o estudo da zoologia no Brazil poderá ter outra opinião".

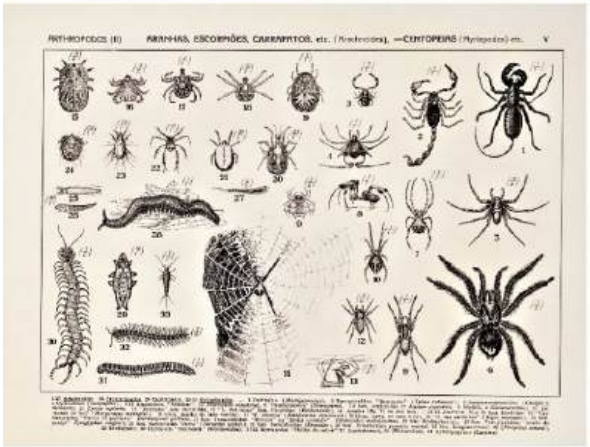
Nas próximas cinco folhas, são apresentadas 37 miniaturas das estampas do *Atlas da Fauna do Brasil* (1917).

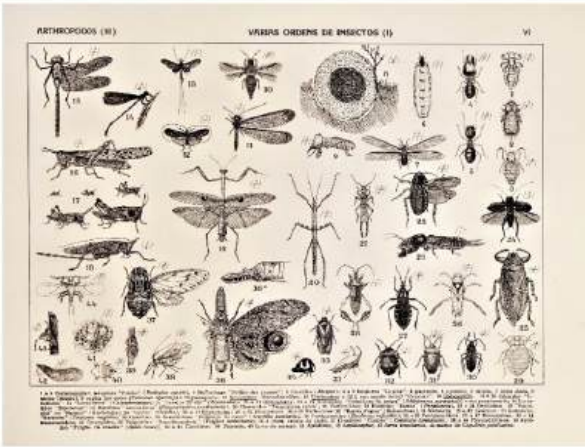

PROTOZOARIOS
MICROORGANISMOS ANIMAES
I

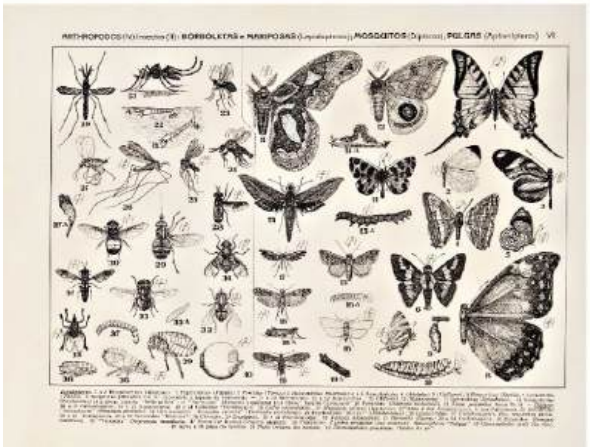

CELENTERADOS
ESPONJAS, POLYPOS, MEDUSAS, CORAES
II

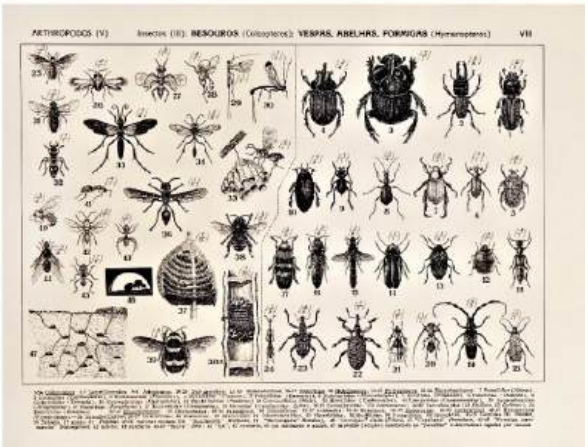

ESCOLECIDAS e ANNELIDAS
VERMES
III

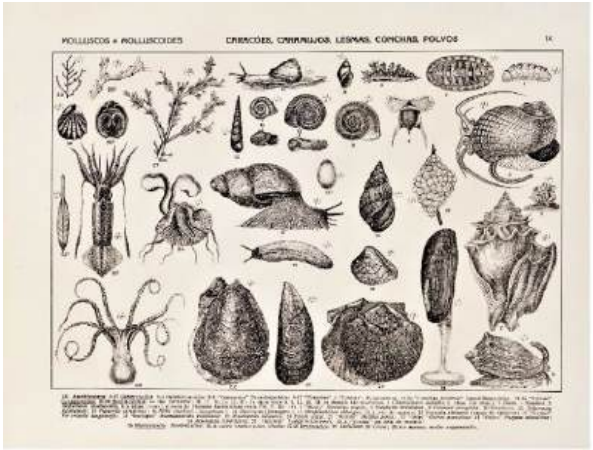

ARTHROPODOS (I)
CARANGUEJOS (Crustaceos)
IV

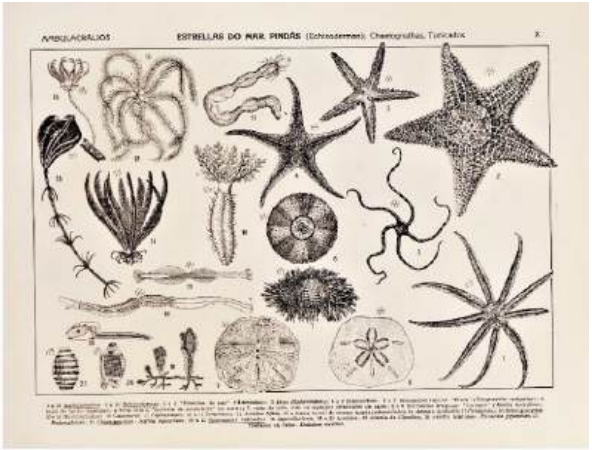

ARTHROPODOS (II)
ARANHAS, ESCORPIÕES, CARRAPATOS, etc. (Arachnidas), —CENTOPEIAS (Myriapodes) etc.
V

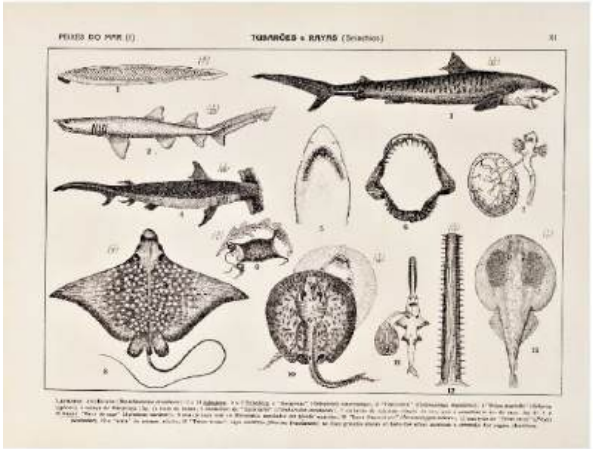

ARTHROPODOS (III)
VARIAS ORDENS DE INSECTOS (I)
VI

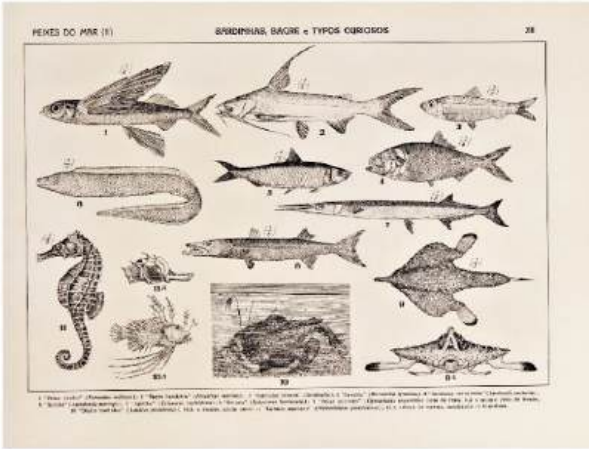

ARTHROPODOS (IV) Insectos (II): BORBOLETAS e MARIPOSAS (Lepidopteros), MOSQUITOS (Dipteros), PULGAS (Aphanipteros)
VII

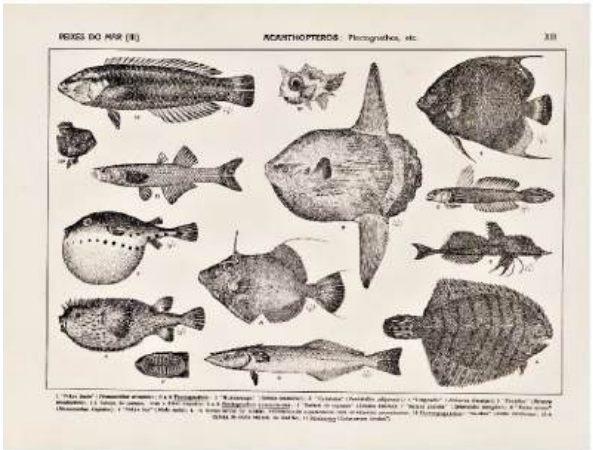

ARTHROPODOS (V) Insectos (III): BESOUROS (Coleopteros); VESPAS, ABELHAS, FORMIGAS (Hymenopteros)
VIII

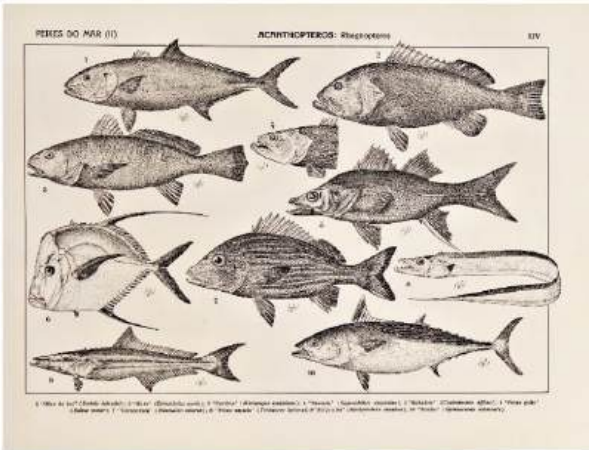

MOLLUSCOS e MOLLUSCOIDES
CREAÇÕES, CARAMUJOS, LESMAS, CONCHAS, POLVOS
IX

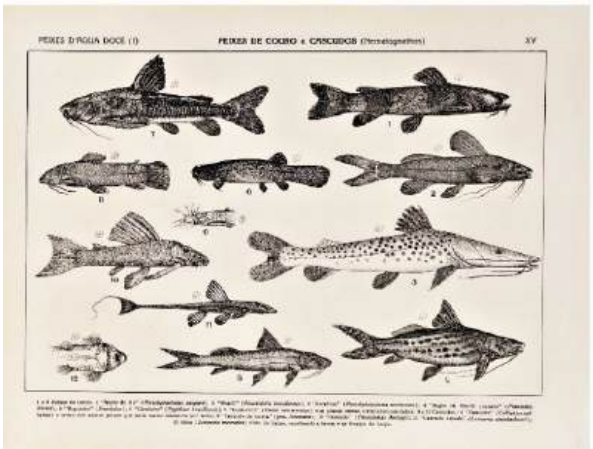

AMBULACRALIOS
ESTRELLAS DO MAR, PINÁS (Echinodermes, Chaetognathes, Tunicados)
X

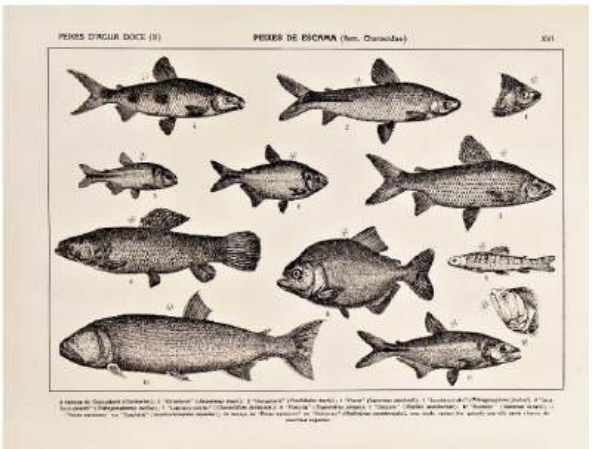

PEIXES DO MAR (I)
TUBARÕES e RAYAS (Selachios)
XI


PEIXES DO MAR (II)
SARDINHAS, BAGRE e TYPOS CURIOSOS
XII

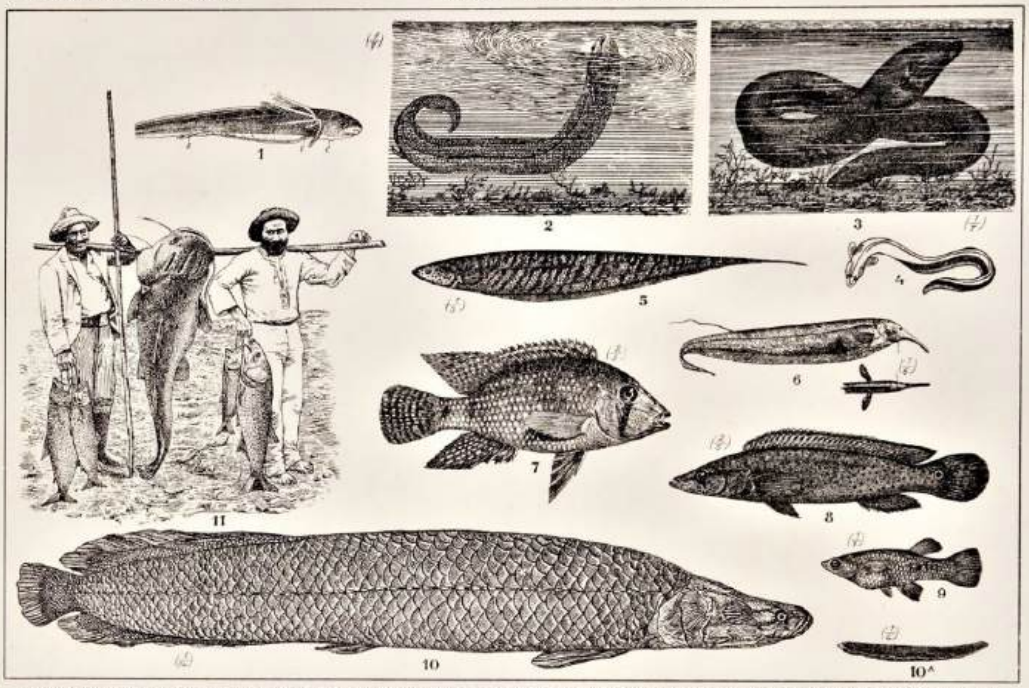

PEIXES DO MAR (III)
ACANTHOPTEROS: Pleuronectes, etc.
XIII


PEIXES DO MAR (IV)
ACANTHOPTEROS: Rheoptotomi
XIV

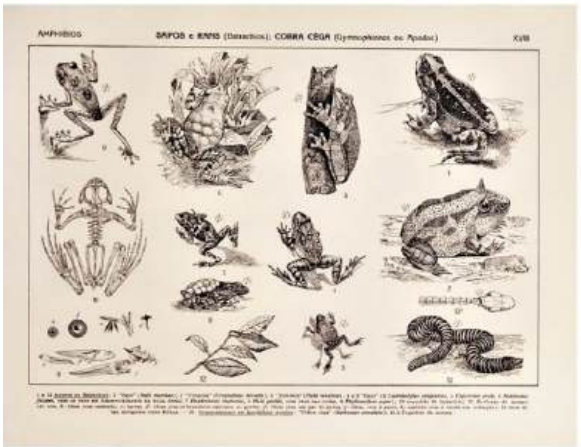

PEIXES D'AGUA DOCE (I)
PEIXES DE COURO e CASCUDOS (Nematognathes)
XV

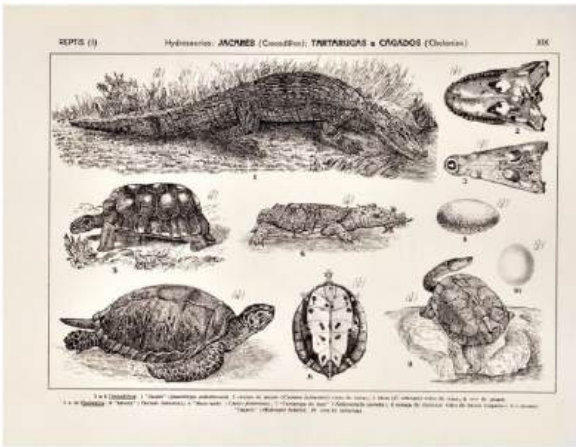

PEIXES D'AGUA DOCE (II)
PEIXES DE ESCAMA (fam. Characidae)
XVI

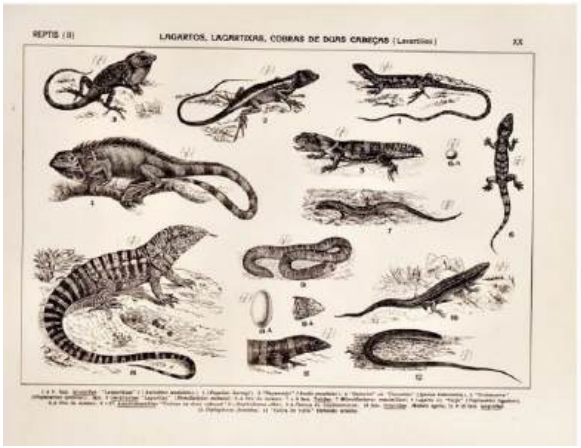
PEIXES D'AGUA DOCE (III) Principaes typos de varias familias menores XVII

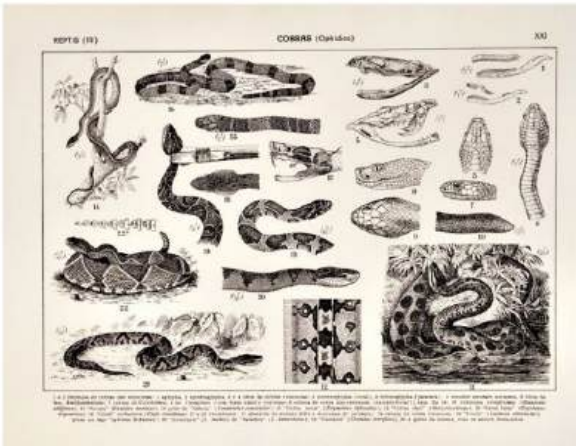


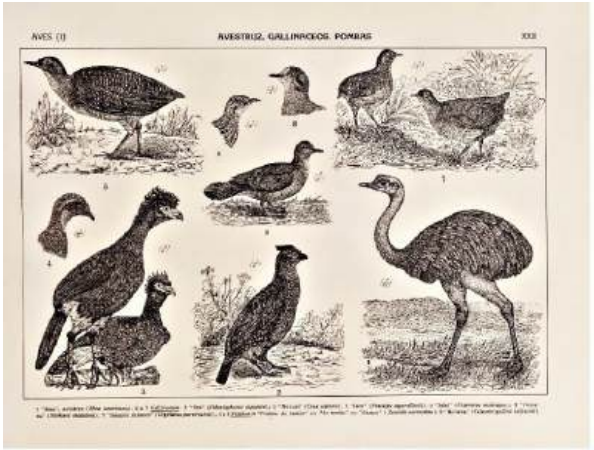
1 Cabeça da forma larval da "Piramboia", mostrando os bronchios externos; 2 "Piramboia" *(Lepidosiren paradoxa)* respirando; 3 a 6 fam. Gymnotidae; 3 "Poraquê" ou "Peixe electrico" (*Electro, pharus electricus*), 4 o mesmo, mostrando a posição do apparelho electrico (faixa escura, caudal), 5 "Tuvira" *(Carapus fasciatus)* 6 Pira-tamandua *(Sternarchus curvirostris)*; 7 a 8 fam. Cichlidae: 7 "Acará" *(Geophagus brasiliensis)*; 8 "Joannisha" *(Crenicichla lacustris)*; 9 fam. Poecilidae: "Guarú-guarú" *(Phallaptychus januarius)*; 10 "Pirarucú" (*Arapaima gigas*), 10.A, lingua ossea do mesmo; 11 "Jahú" (*Paulinia labbeni*) veja pagina "Peixes de couro", e "Dourados" (*Salmilous cuvieri*) veja pag. XVI. fig. 10.

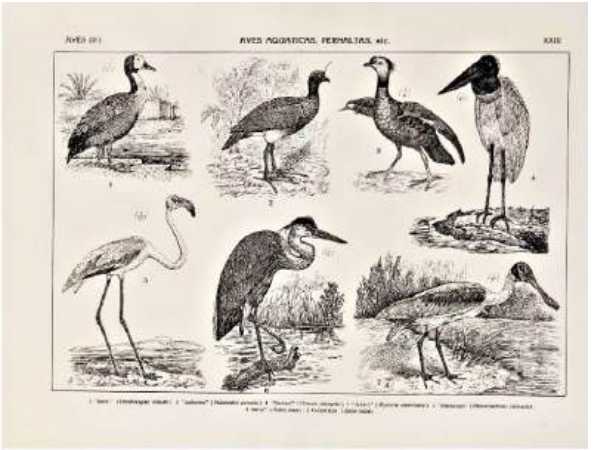


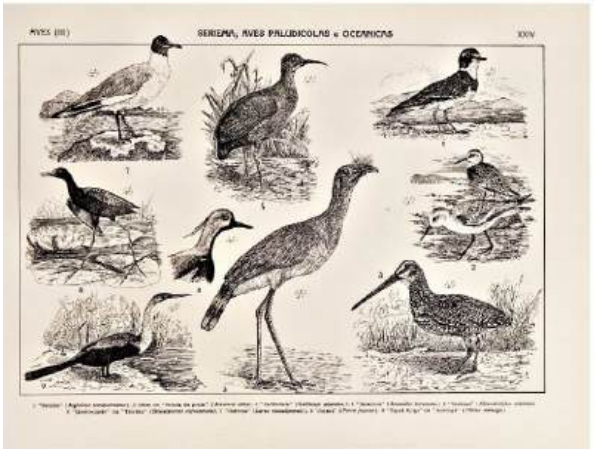


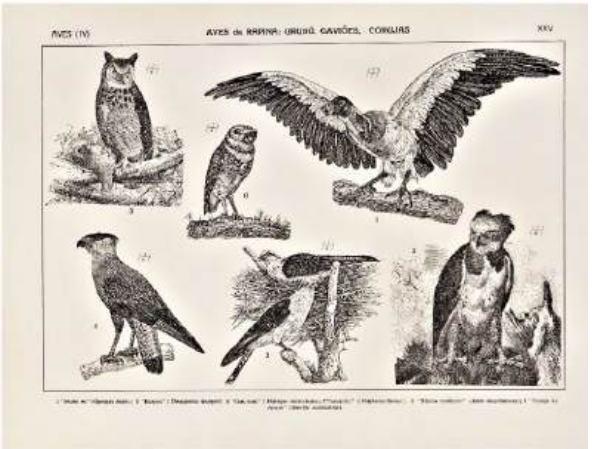


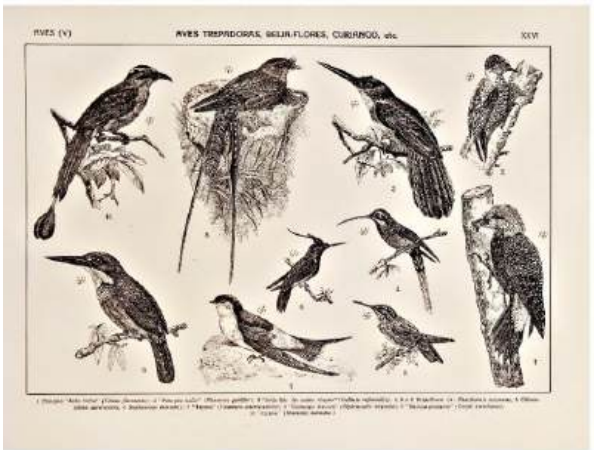


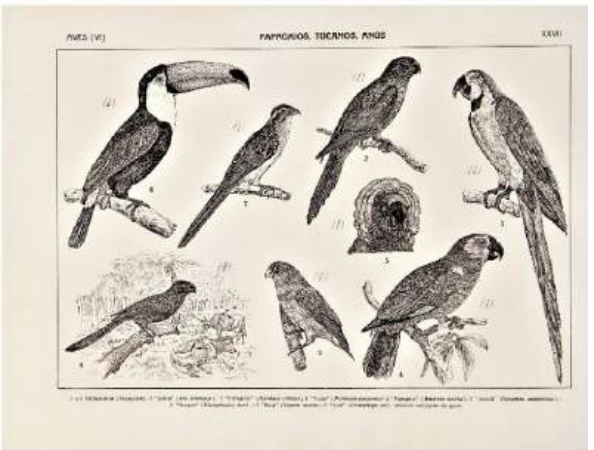

AVES (I)
AVESTRUZ, GALLINACEOS, POMBAS
XXII

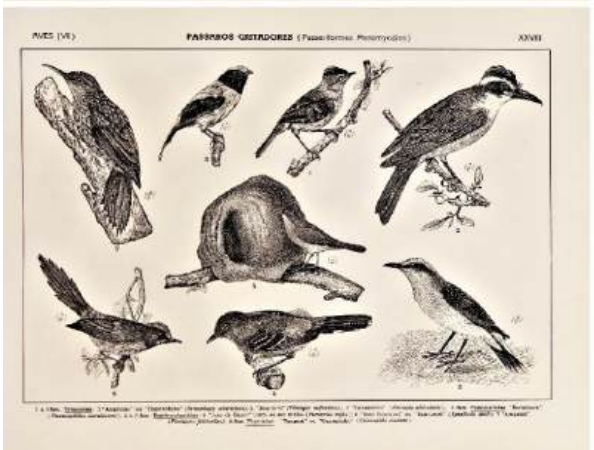

AVES (II)
AVES AQUATICAS, PERNALTAS, etc.
XXIII


AVES (III)
SERIEMA, AVES PALUDICOLAS e OCEANICAS
XXIV

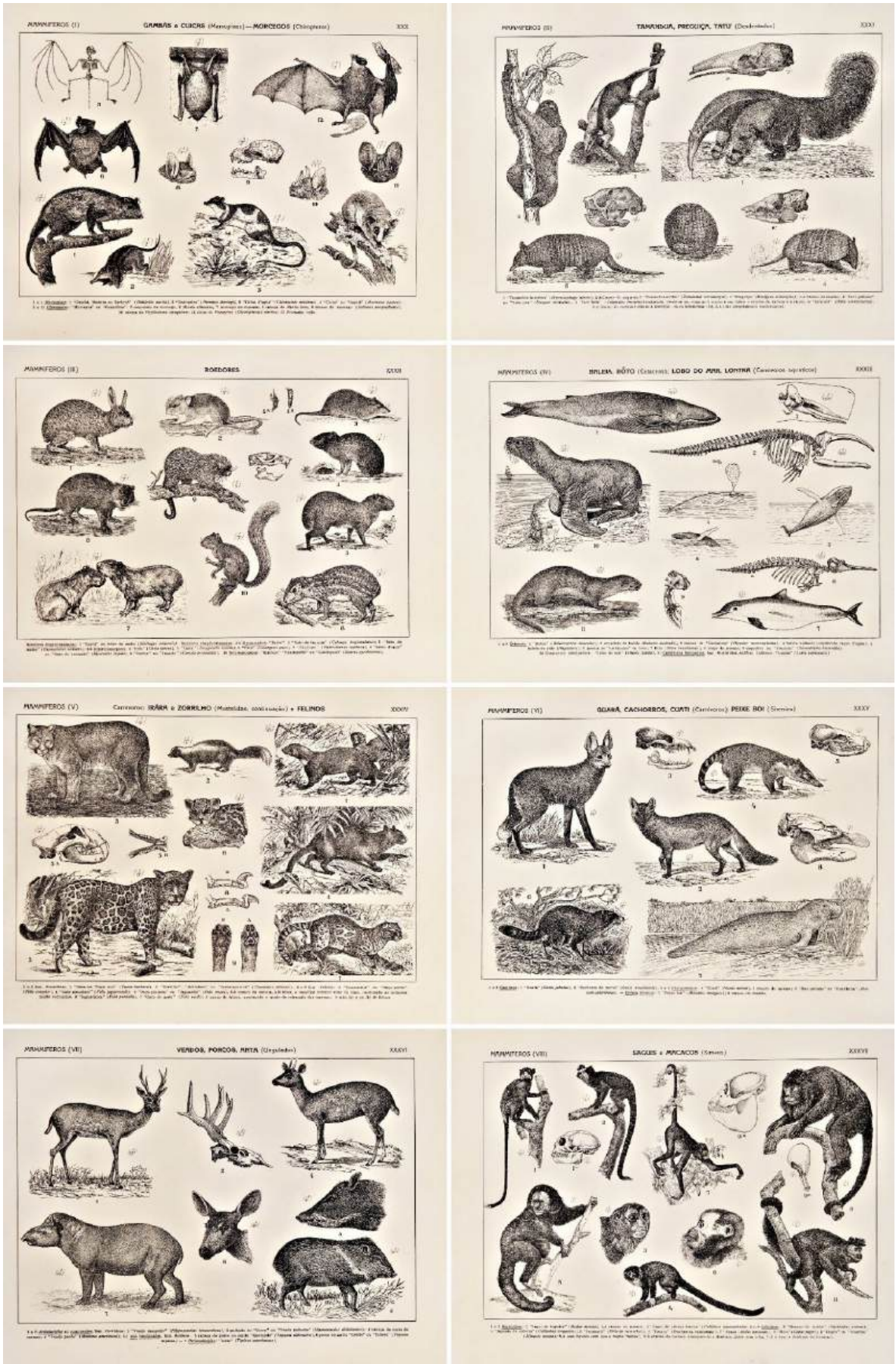

AVES (IV)
AVES de RAPINA: URUBÚ, GAVIÕES, CORUJAS
XXV


AVES (V)
AVES TREPADORAS, BEIJA-FLORES, CURIANGO, etc.
XXVI


AVES (VI)
PAPAGAIOS, TUCANOS, ANOS
XXVII

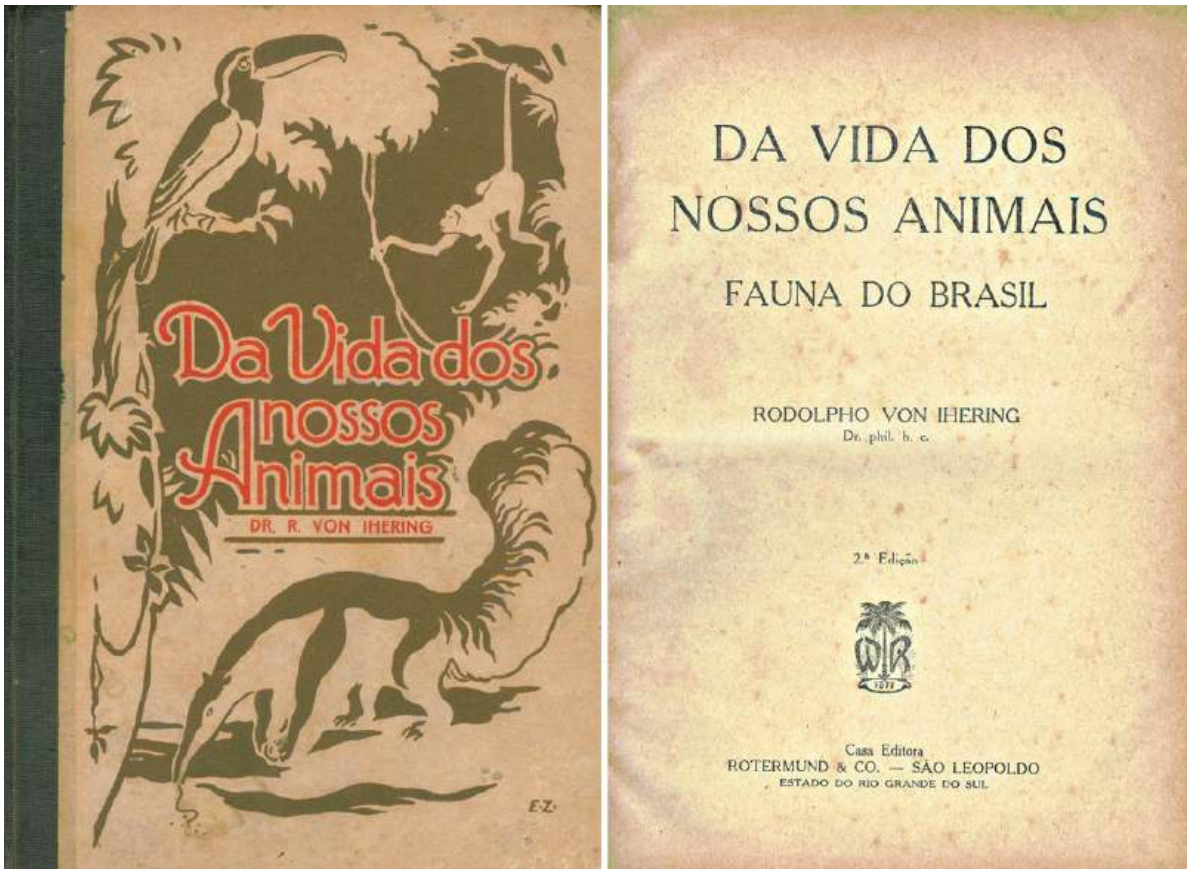

AVES (VII)
PASSAROS GESTADORES (Passeriformes Mesomyodae)
XXVIII


AVES (VIII)
PASSAROS CANÔROS (Passeriformes Picnonyodae)
XXIX


MAMMIFEROS (I)
GAMBÁS e CUICAS (Marsupiaes)—MORCEGOS (Chiropteros)
XXX
MAMMIFEROS (II)
TAMANDUA, PREGUIÇA, TATU (Desdentados)
XXXI
MAMMIFEROS (III)
ROEDORES
XXXII
MAMMIFEROS (IV)
BALEIA, BÔTO (Cetaceos), LOBO DO MAR, LONTRA (Carnivoros aquaticos)
XXXIII
MAMMIFEROS (V)
Carnivoros: IRÁRA e ZORRILHO (Mustelidas, continuação) e FELINOS
XXXIV
MAMMIFEROS (VI)
GUARÁ, CACHORROS, COATI (Carnivoros), PEIXE BOI (Sirenios)
XXXV
MAMMIFEROS (VII)
VEADOS, PORCOS, ANTA (Ungulados)
XXXVI
MAMMIFEROS (VIII)
SAGUES e MACACOS (Simios)
XXXVII

Tal magnitude de território e de condições climáticas tão diversas, tem como consequência uma variedade na fauna que coloca o Brasil à frente de todos os países quanto à riqueza em espécies zoológicas[...] Tais argumentos bastarão para convencer críticos exigentes, de que seria inútil tentar um resumo satisfatório da zoologia brasileira, sem exceder os limites de um livro portátil (Ihering, 1946, p.V) [50].

Outro ponto que desejamos esclarecer é o da ortografia. Este livro tem uma finalidade precipuamente didática e se destina ao uso escolar, si bem que não possa deixar de interessar também ao naturalista, pois, ao que nos conste, é a **primeira exposição sistemática de toda a fauna brasileira**. Tivemos, por isso, de adotar a ortografia simplificada que continua a ser obrigatória nas escolas, a~pesar~das dúvidas levantadas em face de um recentíssimo dispositivo constitucional. As figuras que, com notável abundância, ilustram a obra, dando-lhe um cunho sobremodo atraente e valioso, foram tiradas, como licença expressas do autor, do seu magnífico «Atlas da fauna do Brasil», obra infelizmente exgotada e cujos direitos autorais estão reservados pelo depósito na Biblioteca Nacional, nos termos da lei (Ihering, 1946, p.VII) [51].



Capa[52] e folha de rosto da 2ª ed. do livro *Da vida dos nosso animais* (1946).

[50] Trecho do prefácio assinado por Ihering em 1931.
[51] Trecho do prefácio assinado pelo editor Ihering em 1934.
[52] A capa é de autoria de Carl Ernst Zeuner (1895-1967), pintor, desenhista e ilustrador alemão radicado no Brasil. Zeuner estudou na Academia de Artes Gráficas de Leipzig e mudou-se para Porto Alegre em 1922, onde trabalhou também na formação de artistas gráficos gaúchos.

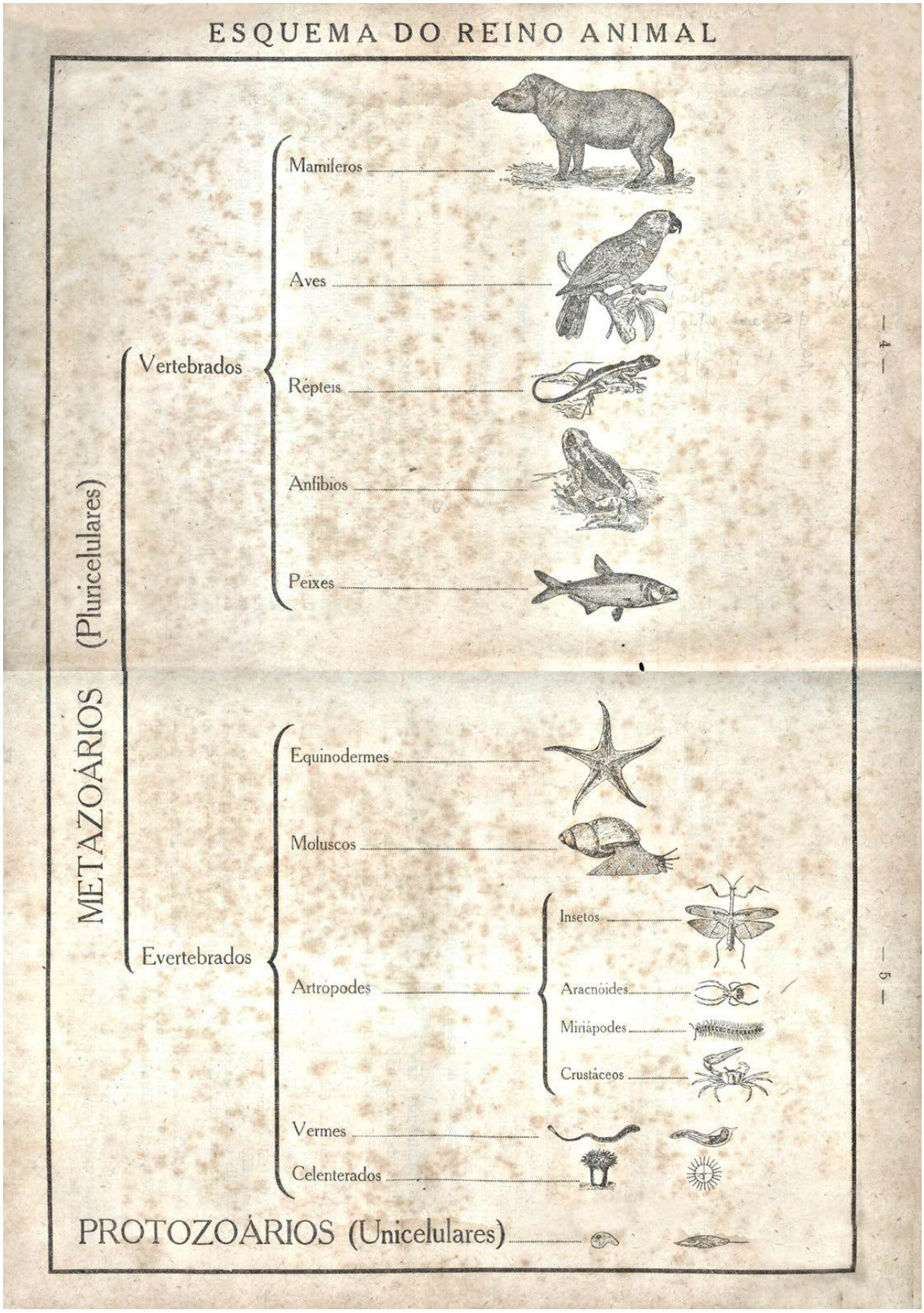
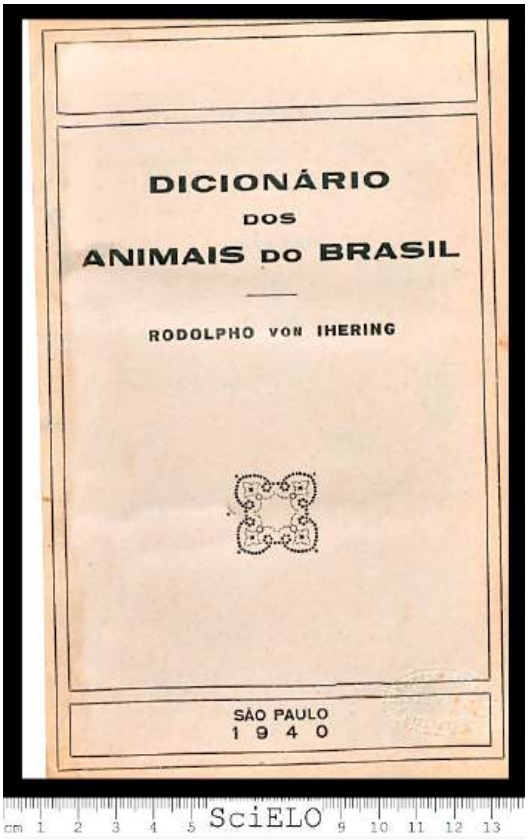
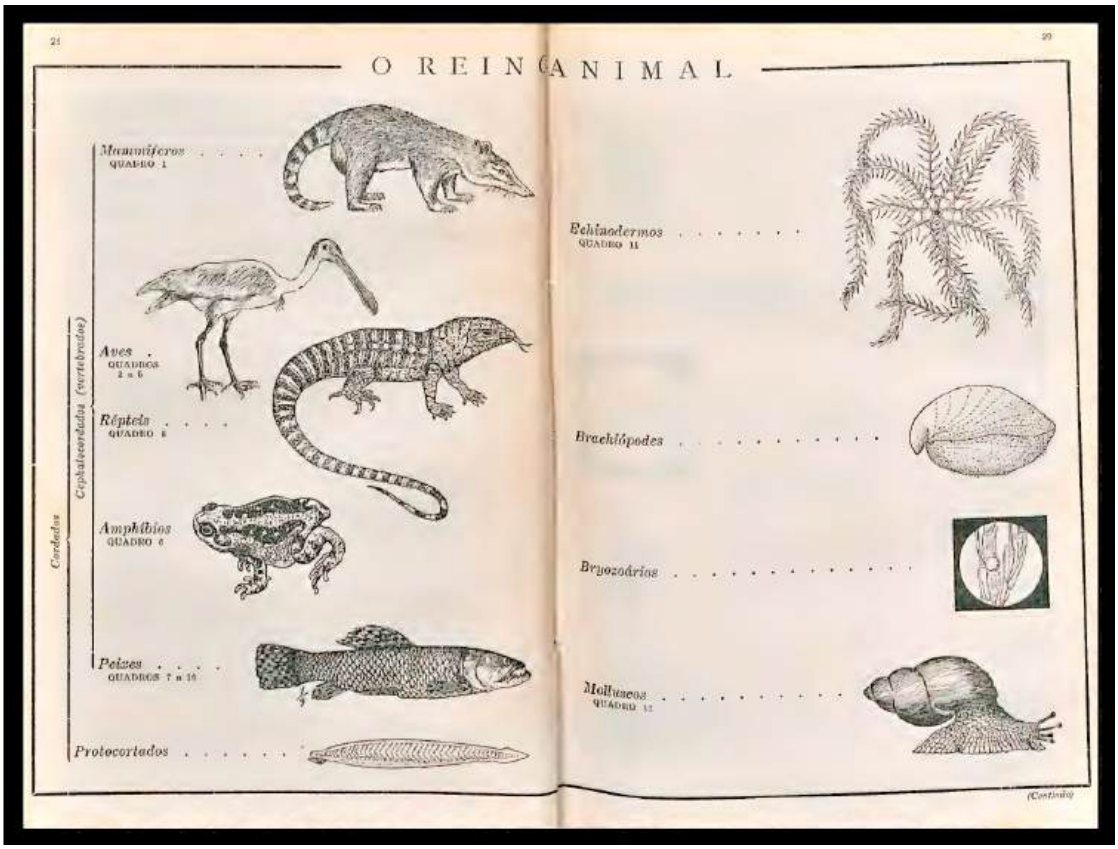
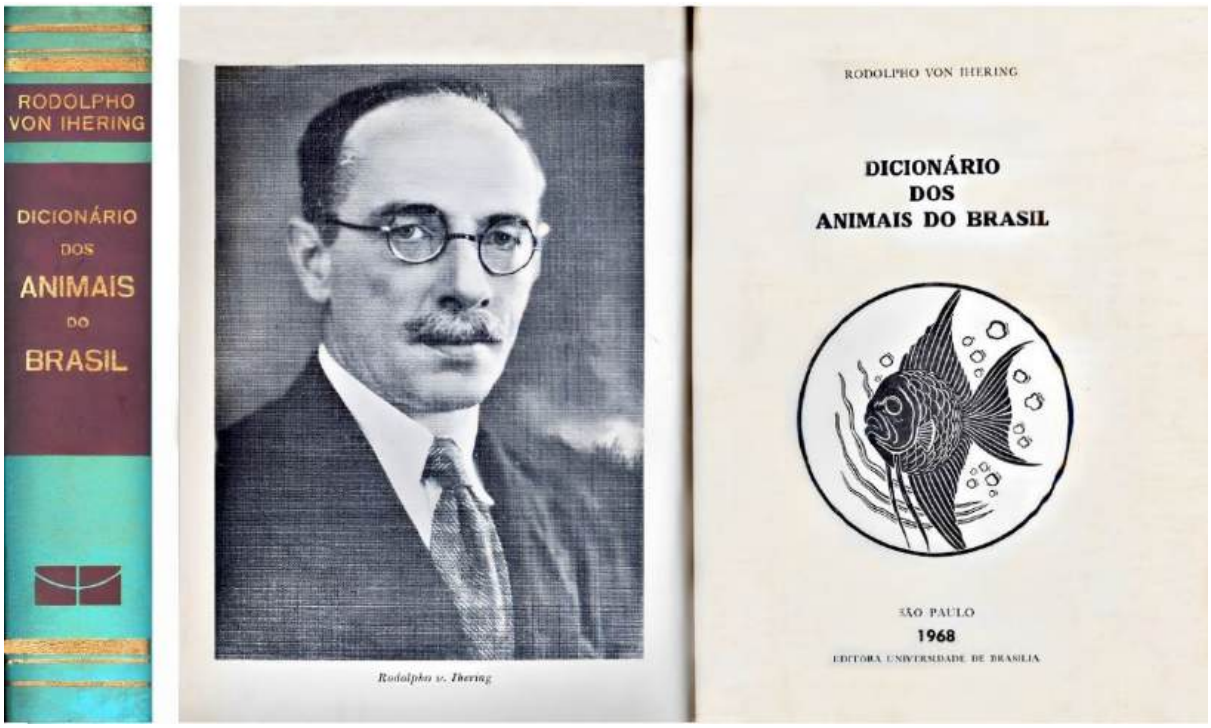


Figura do livro *Da vida dos nosso animais* (1946).



Ao escrever sobre os vocábulos zoológicos brasileiros em 1939, Rodolpho von Ihering afirmou que a Botânica já possuía os nomes vulgares das plantas indígenas e seus correspondentes em sistemática divulgados, mas equivocou-se ao dizer que para a Zoologia nada havia sido feito nesse sentido. Embora o esboço inicial do seu "Dicionário dos Animais do Brasil" tenha sido publicado em 1914, ele desconhecia a existência do artigo de José Joaquim Tavares Belfort, publicado no "Jornal de Recife' em outubro de 1868 e reproduzido em um trabalho de F. A. Pereira da Costa datado de 1906. Nesse trabalho encontra-se uma lista geral dos animais comuns a Pernambuco, inclusive peixes, com seus correspondentes em sistemática (Nomura, 1984, p.13).





Lombada e folha de rosto (fotografia na página anterior à folha de rosto) do *Dicionário dos animais do Brasil*, publicado pela Editora Universidade de Brasília em 1968.



Capa da 3 ed., publicada em 2002 pela editora Bertand, com revisão técnica de Denise Wilches Monsores e illustrações Amaury Fernandes.

Transcrição de trecho da obra: “Pouca gente costuma fazer distinção, com valor classificativo, no emprego dêstes vocábulos [aves e pássaros], peculiares à nossa língua e à espanhola. O francês emprega indiferentemente ‘oiseau’, tanto ao designar o avestruz como o pardal e da mesma forma ‘Vogel’ em alemão e ‘bird’ em inglês aplicam-se a qualquer vertebrado plumado. Ninguém, falando corretamente nossa língua, dirá que a ema, o gavião e o papagaio sejam pássaros. ‘Pássaros são as aves pequenas’, temos ouvido definir. Estará certa? O bem-te-vi é um pássaro, mas a rolinha, muito menor, pode ser designada assim? Certamente que não, pois a rôla é uma pomba e os representante desta ordem não são pássaros, porém aves, como as galinhas. [...] Aves são todos os vertebrados plumados, inclusive os pássaros; estes, porém, constituem um determinado grupo zoológico das aves, conhecido na nomenclatura científica como constituindo a ordem Passeriformes (e que o alemão conhece por ‘Schrei- u. Singvögel’ e o inglês por ‘Pershing-birds’)” (Ihering, 1968, p.115).

Chacaras e Quintaes

Revista mensal illustrada dedicada á Horticultura, Lacticinios, Criação de animaes, Veterinaria, etc. e a todos os interesses da pequena propriedade agricola

RUA JOSÉ BONIFACIO, 17 — SÃO PAULO — Brasil

EDITOR: CONDE AMADEU A. BARBIELLINI

O PROXIMO VOLUME SERÁ ENVIADO SÓ ÁS PESSOAS QUE TOMAREM ASSIGNATURA

Assignatura para 1910 . . . . . Rs. 10$000

Neste numero collaboram:

Dr. Lourenço Granato, Chefe da Secção de Agronomia da Secretaria de Agricultura do Estado de S. Paulo — **Dr. J. Amandio Sobral**, funccionario do Ministerio de Agricultura — **Eng. L. Navarro de Andrade,** Director do Serviço Florestal da Companhia Paulista — **Dr. Julio Vieira Zamith**, Delegado Fiscal do Governo Federal — **Dr. Giuseppe Bassotti,** Director da Escola de Pomologia e Horticultura do Estado de S. Paulo — **Dr. Rodolpho von Ihering,** Director do Museo Paulista —**Bach. José Marianno Filho** — **Dr. Picollo,** Veterinario do Posto Zootechnico "Carlos Botelho" — **F. Charlier,** Encarregado do Colmeal do Governo na Escola Agricola do Estado — **Dr. José Leite da Costa Sobrinho,** Presidente do Club de Caça e Pesca de Santos — etc. etc.

Aos leitores,

Facil é traçar planos e organisar programmas. É difficil, porém, vencer as difficuldades da execução. Tendo a intenção de editar a nova revista ***"Chacaras e Quintaes"****, não quiz senão fazer um numero de ensaio que representasse o que será este periodico que enceitará suas publicações regulares no anno vindouro, sahindo o numero correspondente ao mez de Janeiro de 1910, no fim do proximo mez de Novembro. Sei muito bem que as difficuldades do começo duma revista como esta, não foram todas vencidas: a revisão do texto, a fineza das illustrações e a ordem dos artigos deixa um pouco a desejar; nos proximos numeros, porém, todos estes defeitos serão evitados e* ***Chacaras e Quintaes*** *se tornará uma revista não só interessante e util no texto, mas tambem elegante na estetica. Pedindo aos leitores desculpa das inevitaveis falhas deste primeiro numero, peço-lhes que me auxiliem contribuindo para a maior diffusão da revista. Se não me faltar o apoio dos assignantes, comprometto-me offerecer ao adiantado publico brasileiro uma revista digna do paiz e melhor das melhores da Europa e da America do Norte.*

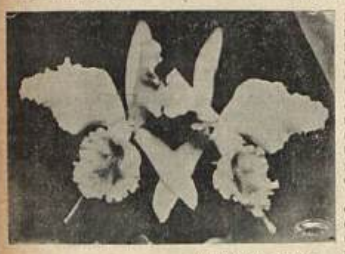
Amadeu A. Barbiellini

S. Paulo, 14 de Outubro de 1909.

disposta em um pau roliço, sem que dependa da escolha da madeira. E entretanto, aconselhada a escolha da qualidade que melhor porção de humidade possa absorver, estando nesse caso principalmente o cambará e muitos outros dessa especie.

exploram esse commercio não obedecem a nenhum criterio.

Ha occasiões em que vendem por 2$000 ou 3$000 um balaio com 30 ou 40 exemplares de *cattleyas* e outras variedades que tambem se encontra nas mesma região.



(Cl. "Chacaras e Quintaes")

Cattleya labiata, de procedencia do litoral do Estado

Como vêem os leitores, não ha nenhuma difficuldade para se ter num jardim os mais bellos exemplares de *cattleya harrisoniana*, ou das suas variedades de maior valor como a *cattleia labiata*, que se encontra em todo o littoral, a *cattleia bicolor*, em todo o norte do Estado, a *velutina*, a *intermedia* e ainda tantas outras das quaes nos occuparemos em melhor opportunidade.

Em geral, o tratamento de outras variedades da *cattleya* é o mesmo que se emprega com as nossas *cattleyas harrisonianas*, reclamando os mesmos cuidados para o seu viço e desenvolvimento na florescencia.

A sorte da *cattleya*, adaptada ao pau, deve ser amarrada com um cipó fino, protegendo-se a base da planta com uma pequena porção de musgo.

A sua collocação deve ser em logar de boa luz e em condições de receber os raios do sol. A irrigação da planta, em todo o verão é indispensavel que se faça diariamente, porque, em caso contrario, retarda-se o desenvolvimento da planta, a florescencia deixa de ser abundante e o exemplar definha pelo exgottamento de suas substancias vitaes, até que por si, tardiamente, volte a adquirir novo viço e isto depois de não florescer por tres ou quatro annos.

Na nossa capital, nesta época, não é difficil a acquisição das *cattleyas*. Os lavradores de pontos não distantes da cidade, aproveitam a florescencia da primavera para trazer á venda os exemplares que encontram ao longo de todo o valle do Tieté. Os preços estabelecidos para as vendas que fazem os que

Relativamente ao assumpto de que tão ligeiramente nos occupamos nesta chronica, acceitaremos com prazer qualquer communicação que nos seja dirigida, de modo a facilitar com conselhos praticos o desenvolvimento em S. Paulo da cultura das orchideas.

AGÁ Hess

Insectos prejudiciaes

(Destinado especialmente para "Chacaras e Quintaes")

Ao iniciarmos esta secção, em que pretendemos passar successivamente em revista os principaes insectos nocivos ás nossas culturas, julgamos conveniente dar em poucas paginas um resumo de entomologia, em que serão salientadas as familias cujas especies mais importa conhecer.

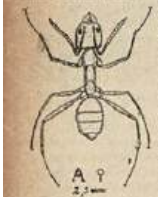
Certamente não é possivel ao cultivador classificar scientificamente todos os insectos que lhe vem damnificar suas plantações — E haveria mesmo vantagem nisto? — pergunta-

matta virgem ou nos campos agrestes raras são as pragas que se possam multiplicar tão amplamente, pois lá a propria natureza estabelece todo de forma a manter-se o equilibrio normal entre todos os seres dos dous reinos.

PEQUENAS NOTAS ENTOMOLOGICAS

Como exterminar as pulgas? — O Dr. H. Skinner fez uso dos varios remedios apregoados para exterminar as muitas pulgas *(Ctenocephalus canis)* que sem predilecção por cães e gatos lhe trazia aos quartos. O emprego de creolina e pyrethrum de pouco valeu. Serviu-se então de 2,5 kl. de naphthalina em pó, que espalhou pelo chão e, fechando o quarto, deixou-o assim por 24 horas. Com o tempo quente a naphthalina volatilisa-se facilmente, e tão forte é a sua acção, que o effeito sempre é completo, sem causar outros prejuizos. Em mesmo tive occasião de applicar a naphthalina (juntamente com um pouco de camphora) em eguaes circumstancia, depois de ter usado varios meios aconselhados para matar ou afugentar as pulgas dos quartos. O resultado obtido foi excellente, pelo que muito recommendo este processo. Variando outra vez a naphthalina, ella pode servir para a desinfecção de muitos commodos. Preço 2$500 o kilo.

Em certas circumstancias este remedio barato poderá ser empregado tambem contra varias outras pragas.



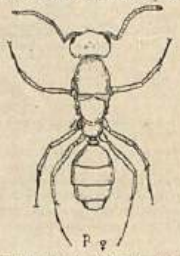
Formiga assucareira *Solenopsis geminata Mayr*; femea, 2,5 a 3,7 mm. de comprimento.

A formiga assucareira importada como praga nos Estados Unidos.

A nossa formiga assucareira *(Iridomyrmex humilis)* não existia na America do Norte e parece que lá foi importada em 1891 pelos navios que daqui lhes levavam o café.

Apparecendo a principio na cidade de Nova Orleans, em breve se alastrou pelas regiões visinhas como praga incommoda nas casas. Deram-lhe o nome de "formiga New Orleans" e depois o de "formiga argentina", (e felizmente não o da "formiga brasileira" como com justiça poderiam ter feito) porque tinha sido descripta primeiro por G. Mayr em 1868 como originaria de Buenos Aires. Hoje os norte americanos vêm neste pequeno hymenoptero uma praga tão perigosa como elles tem poucas ao redor de suas casas e em suas hortas. Os prejuizos directos que a formiga causa, são bem conhecidos por todos nós; indirectamente ella se torna muito nociva prefazer, como algumas outras formigas, criação de cochidas e pulgões, prejudiciaes ás plantas.

E ainda mais consideraveis são os malefícios praticados pela pequena formiga, nas culturas de algodão. Não que ella cause estragos directamente, mas por dar combate a uma outra especie de formiga tambem nossa, a *Solenopsis geminata*, cujo desenvolvimento tem sido favorecido ultimamente pelos norte



Formiga assucareira *Solenopsis geminata Mayr*; rainha, 4,5 a 5,5 mm. de comprimento.

americanos, que mesmo a importaram da America Central, porque foi reconhecida como grande destruidora do tão prejudicial "cotton-boll weevil", o terrivel besouro destruidor das maçãs de algodão.

Deste modo a pequena formiga ameaça seriamente duas das principaes culturas dos Estados Unidos: o algodão, porque, destruindo a formiga *Solenopsis*, ella favorece indire-

etamente o desenvolvimento do "boll weevil" e da canna de assucar porque ella se associa á cochila *Pseudococcus calceolariae*, terrivel praga dos canna viaes, protegendo a contra os inimigos naturaes, para ella mesma sugar-lhe as transudações doces.

E nós que temos este pequeno e entretanto tão grande malfeitor em casa! E o caso de pôrmos as barbas de molho.

S. Paulo, 14 de Setembro de 1909.

R. von Ihering.

ARAPUÁ

Arapuá é o nome indigena da *Trigona ruficrus, Latreille*, uma especie de hymenoptero prejudicial, de que tratará no proximo numero de *"Chacaras e Quintaes"* em interessante e original artigo o nosso distincto collaborador dr. José Marianno Filho.



A primeira estação biologica na America Meridional (Cl. Chacaras e Quintaes)

O Parque Estadual do Cajurú no Alto da Serra para estudos praticos sobre silvicultura, doenças vegetaes e animaes etc., dentro de breve tempo será um facto acabado. A photographia mostra o estado actual dos trabalhos (8 de Outubro).

No proximo numero de *Chacaras e quintaes* publicaremos um artigo detalhado sobre este laboratorio biologico criado pela intelligente actividade scientifica do Dr. Hermann von Ihering, d. director do nosso Museu Paulista.

Rodolpho von Ihering foi colaborador da revista *Chacaras e Quintaes* desde o «Numero de ensaio», publicado em out. 1909.



«A festa das aves», *Chacaras e Quintaes*, v.3, n.3, 1911, p.17.

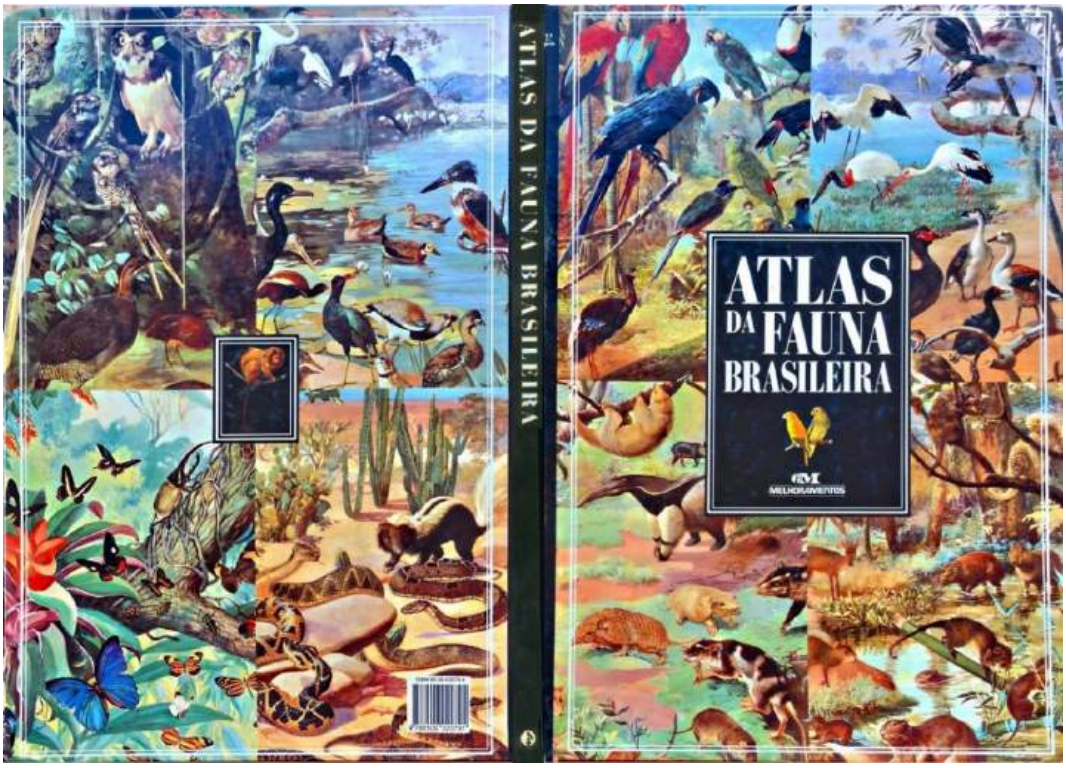


Capa da edição n.5, v.33, 1926, de *Chacaras e Quintaes*,

José Cândido de Melo Carvalho (1914-1994)

Ao conjunto de animais que existem numa certa área, seu meio ecológico natural, dá-se o nome de *fauna*. A fauna de um país é importante parcela dos recursos naturais renováveis nacionais, e sua defesa vem se tornando cada vez mais necessária, devido à destruição dos hábitats, à caça indiscriminada e aos maus efeitos colaterais da civilização tecnológica, traduzidos em extinção já verificada, ou iminente, de numerosos animais. A fauna brasileira é muito rica qualitativamente, ou seja, em variedade de animais, em sua grande maioria própria dos climas tropicais. [...] Cada país deve proteger sua fauna por todos os meio possíveis. Considerando não apenas um dever, mas também uma questão de ética, conserva a vida animal, figuram entre as finalidades principais deste trabalho as de divulgar conhecimento sobre a fauna brasileira [...]. Eminentes especialistas patrícios elaboraram as diferentes partes dessa obra que, pela substância do seu texto e riqueza de sua ilustrações policrômicas, certamente irá contribuir para a mais generalizada compreensão da necessidade urgente de se adotarem medidas capazes de evitar o desaparecimento, em futuro próximo, de muitas espécies animais tipicamente brasileiras, cuja extinção total representaria inestimável perda para o patrimônio faunístico universal.[53]

José Cândido de Melo Carvalho (1914-1994)[54]
Entomólogo e conservacionista



Quarta capa e capa do *Atlas da fauna brasileira* (7 ed.), organizado por
José Cândido de Melo Carvalho, do Museu Nacional, Rio de Janeiro, e publicado em 1995.

[53] Carvalho, 2005, p.13. A elaboração do *Atlas da fauna brasileira* contou com a participação dos zoólogos Adelmar Faria Coimbra-Filho (1924-2016), Helmunt Sick (1910-1991), Augusto Ruschi (1915-1986), Walter Narchi (1929-2004), Heraldo Antônio Britski e Luiz Soledade Otero.

[54] 1958, criou a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN) da qual foi Presidente por dois mandatos Em 1946 ingressara no Museu Nacional. foi um dos fundadores DA Sociedade Brasileira de Zoologia
Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro E Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências desde 1951.

Cory Teixeira de Carvalho (1928-2024)[55]

Meu conselho é que os interessados em mastozoologia não devem visar grandes recursos remuneratórios. Ganhar dinheiro com Zoologia é uma coisa, resolver problemas inerentes à mesma é outra! A internet ajuda, porém não elimina totalmente a leitura de livros. Naturalistas ou cientistas (que não gosto do uso) não se improvisam, há necessidade de muito suor na sua formação. Outro aspecto importante é participar de ações coletivas (Carvalho, 2014)[56].



Capas do *Dicionário dos mamíferos do Brasil*, edições de 1969 (à direita) e 1979 (à esquerda).

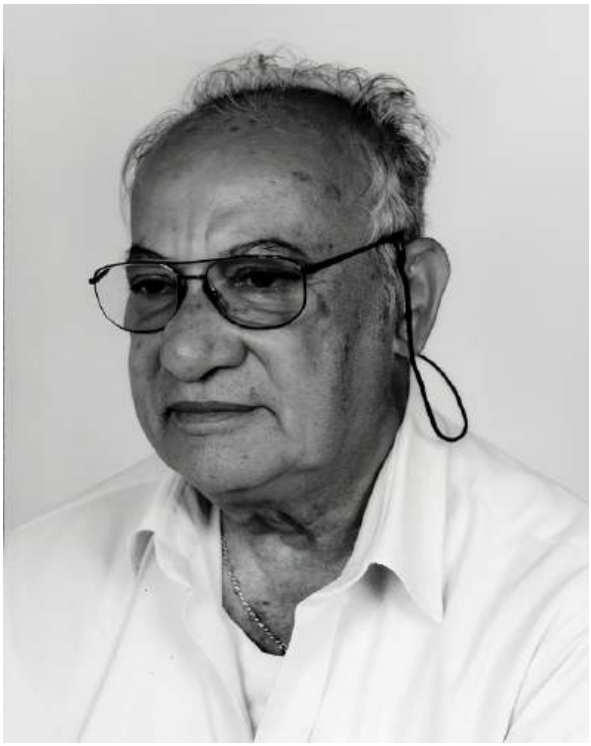


Foto publicada no *Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Zoologia* em 2014.

[55] O soteropolitano Cory Teixeira de Carvalho (1928-2024) foi um naturalista que deixou muitas contribuições à mastozoologia, ecologia e comportamento animal. No Rio de Janeiro, adolescente, cursou entomologia-médica no Instituto Oswaldo Cruz e foi estagiário voluntário no Museu Nacional, realizando capturas e taxidermias de roedores. Durante a graduação, foi estagiário de José Cândido de Melo Carvalho (1914-1994) e João Moojen de Oliveira (1904-1985). Na década de 1950, atuou como "naturalista viajante" do Museu Paraense Emilio Goeldi e do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazonia. Em 1959, foi para São Paulo a convite do Paulo Vanzolini (1924-2013), Diretor do Museu de Zoologia de São Paulo, onde trabalhou como pesquisador. Na Universidade de São Paulo, concluiu o mestrado em 1966 (Faculdade de Medicina Veterinária) e o doutorado no em 1969 (Instituto de Biociências). No Estado de São Paulo, trabalhou na Divisão de Produção Animal, da Secretaria de Agricultura, Caça e Pesca, no Zoológico e, por fim, setor Fauna Silvestre do Instituto Florestal do Estado de São Paulo, quando ajudou a criar a Estação Ecológica Santa Bárbara para proteger o cerrado remanescente. Seu primeiro projeto na Estação foi com veado-campeiro, espécie cuja população estava em declínio por conta da caça e da redução das áreas naturais. Durante 15 anos, desenvolveu estudos sobre o lobo-guará. Participou de pesquisas sobre o mico-leão-preto no Parque Estadual do Morro do Diabo e na Estação Ecológica de Caetetus. Por 20 anos, foi professor-visitante e orientador no Departamento de Zoologia da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Nas décadas de 1960-70, esteve engajado na regulamentação da profissão de biólogo. Ao longo de sua vida profissional, estabeleceu uma rede de contatos da qual faziam parte renomados pesquisadores da zoologia brasileira.

[56] Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Zoologia, ano XXXVI, n.108, 2014, p.5. Acesso em: 1 mar. 2024. Obituário.



Desenhos em nanquim estampados em *Dicionário dos mamíferos do Brasil* (1979).



Desenhos em nanquim estampados em *Dicionário dos mamíferos do Brasil* (1979).

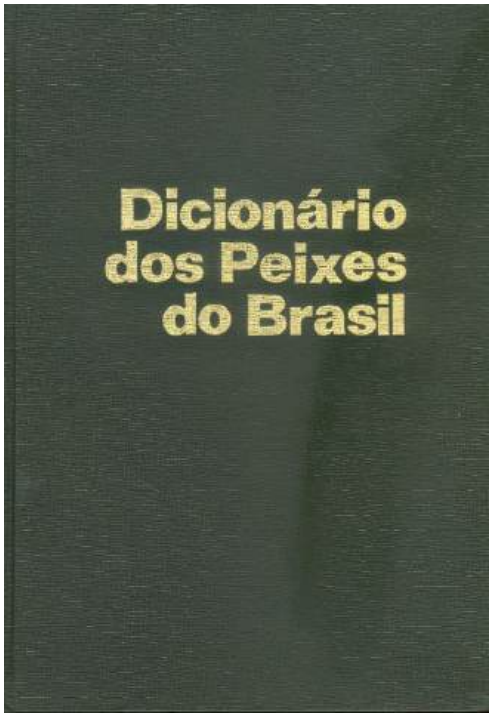
Hitoshi Nomura (1933-2017)

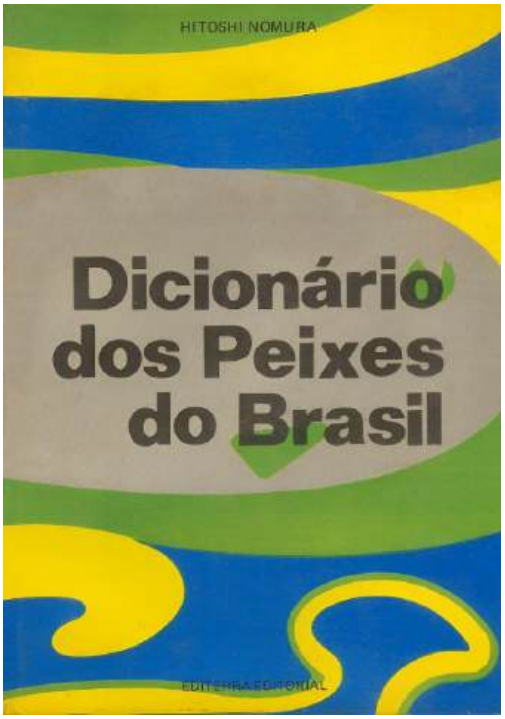
... dedicado a memorar os “vultos da zoologia brasileira”.



“No presente Dicionário, apresentamos também os peixes ornamentais introduzidos e bem adaptados no Brasil e, portanto, ‘naturalizados brasileiros’, mas somente os que têm nomes vulgares. Para a elaboração dessa parte valemo-nos das obras de [...], Eurico Santos (1954, 1962) [...]” (Nomura, 1984).

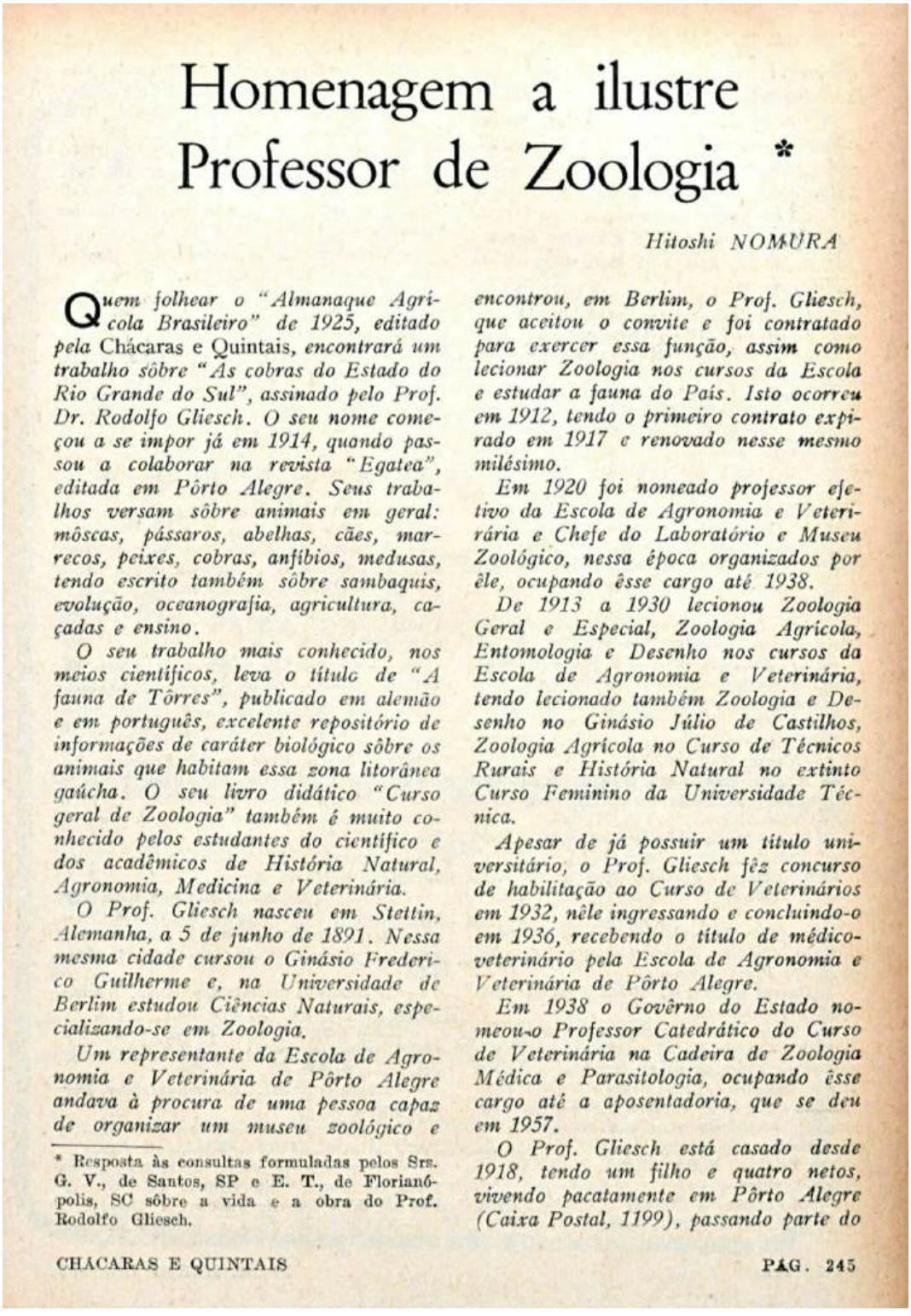
Hitoshi Nomura, em janeiro de 2010, ao conceder entrevista[57] ao projeto “Ciência brasileira em entrevistas”.





“O primeiro dicionário[58] dos peixes do Brasil. Obra dedicada especialmente ao grande público, organizada pelo nome vulgar dos peixes. Abrangendo os peixes ósseos e os cartilaginosos, inclui 147 famílias, com 517 espécies de água doce, 429 de águas marinhas e 76 importadas. Apresenta os nomes científicos dos peixes, com seus correspondentes nomes vulgares. Contém um breve estudo sobre a anatomia externa dos peixes. Ilustrado com 354 figuras” (Texto da 4ª capa).

[57] Entrevista em vídeo. Acesso em: 7 jul. 2023.
[58] NOMURA, Hitoshi. *Dicionário dos peixes do Brasil*. Brasília: Editerra, 1984. 482 p.



Homenagem a ilustre Professor de Zoologia *

Hitoshi NOMURA

Quem folhear o "Almanaque Agrícola Brasileiro" de 1925, editado pela Chácaras e Quintais, *encontrará um trabalho sôbre "As cobras do Estado do Rio Grande do Sul", assinado pelo Prof. Dr. Rodolfo Gliesch. O seu nome começou a se impor já em 1914, quando passou a colaborar na revista "Egatea", editada em Pôrto Alegre. Seus trabalhos versam sôbre animais em geral: môscas, pássaros, abelhas, cães, marrecos, peixes, cobras, anfíbios, medusas, tendo escrito também sôbre sambaquis, evolução, oceanografia, agricultura, caçadas e ensino.*

O seu trabalho mais conhecido, nos meios científicos, leva o título de "A fauna de Tôrres", publicado em alemão e em português, excelente repositório de informações de caráter biológico sôbre os animais que habitam essa zona litorânea gaúcha. O seu livro didático "Curso geral de Zoologia" também é muito conhecido pelos estudantes do científico e dos acadêmicos de História Natural, Agronomia, Medicina e Veterinária.

O Prof. Gliesch nasceu em Stettin, Alemanha, a 5 de junho de 1891. Nessa mesma cidade cursou o Ginásio Frederico Guilherme e, na Universidade de Berlim estudou Ciências Naturais, especializando-se em Zoologia.

Um representante da Escola de Agronomia e Veterinária de Pôrto Alegre andava à procura de uma pessoa capaz de organizar um museu zoológico e encontrou, em Berlim, o Prof. Gliesch, que aceitou o convite e foi contratado para exercer essa função, assim como lecionar Zoologia nos cursos da Escola e estudar a fauna do País. Isto ocorreu em 1912, tendo o primeiro contrato expirado em 1917 e renovado nesse mesmo milésimo.

Em 1920 foi nomeado professor efetivo da Escola de Agronomia e Veterinária e Chefe do Laboratório e Museu Zoológico, nessa época organizados por êle, ocupando êsse cargo até 1938.

De 1913 a 1930 lecionou Zoologia Geral e Especial, Zoologia Agrícola, Entomologia e Desenho nos cursos da Escola de Agronomia e Veterinária, tendo lecionado também Zoologia e Desenho no Ginásio Júlio de Castilhos, Zoologia Agrícola no Curso de Técnicos Rurais e História Natural no extinto Curso Feminino da Universidade Técnica.

Apesar de já possuir um título universitário, o Prof. Gliesch fêz concurso de habilitação ao Curso de Veterinários em 1932, nêle ingressando e concluindo-o em 1936, recebendo o título de médico-veterinário pela Escola de Agronomia e Veterinária de Pôrto Alegre.

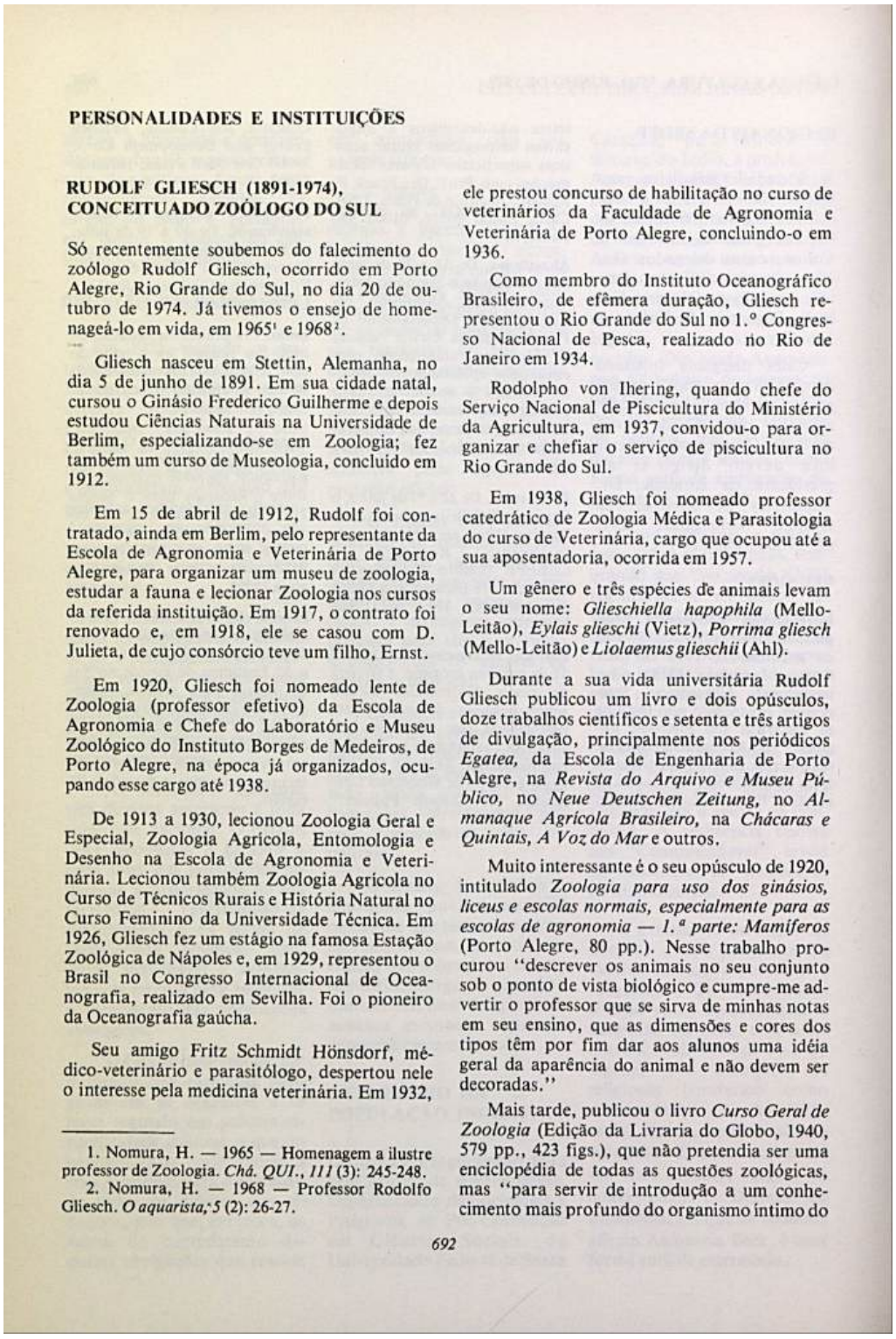
Em 1938 o Govêrno do Estado nomeou-o Professor Catedrático do Curso de Veterinária na Cadeira de Zoologia Médica e Parasitologia, ocupando êsse cargo até a aposentadoria, que se deu em 1957.

O Prof. Gliesch está casado desde 1918, tendo um filho e quatro netos, vivendo pacatamente em Pôrto Alegre (Caixa Postal, 1199), passando parte do

* Resposta às consultas formuladas pelos Srs. G. V., de Santos, SP e E. T., de Florianópolis, SC sôbre a vida e a obra do Prof. Rodolfo Gliesch.

Sobre o zoólogo Rudolf Gliesch (1891-1974)[59].

[59] NOMURA, Hitoshi. Homenagem a ilustra professor de Zoologia. *Chácaras e Quintais*, n.111, p.245-246, 1965. Disponível em: *Chácaras e Quintais*. Acesso em: 2 mar. 2024.



PERSONALIDADES E INSTITUIÇÕES

RUDOLF GLIESCH (1891-1974), CONCEITUADO ZOÓLOGO DO SUL

Só recentemente soubemos do falecimento do zoólogo Rudolf Gliesch, ocorrido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 20 de outubro de 1974. Já tivemos o ensejo de homenageá-lo em vida, em 1965[1] e 1968[2].

Gliesch nasceu em Stettin, Alemanha, no dia 5 de junho de 1891. Em sua cidade natal, cursou o Ginásio Frederico Guilherme e depois estudou Ciências Naturais na Universidade de Berlim, especializando-se em Zoologia; fez também um curso de Museologia, concluido em 1912.

Em 15 de abril de 1912, Rudolf foi contratado, ainda em Berlim, pelo representante da Escola de Agronomia e Veterinária de Porto Alegre, para organizar um museu de zoologia, estudar a fauna e lecionar Zoologia nos cursos da referida instituição. Em 1917, o contrato foi renovado e, em 1918, ele se casou com D. Julieta, de cujo consórcio teve um filho, Ernst.

Em 1920, Gliesch foi nomeado lente de Zoologia (professor efetivo) da Escola de Agronomia e Chefe do Laboratório e Museu Zoológico do Instituto Borges de Medeiros, de Porto Alegre, na época já organizados, ocupando esse cargo até 1938.

De 1913 a 1930, lecionou Zoologia Geral e Especial, Zoologia Agrícola, Entomologia e Desenho na Escola de Agronomia e Veterinária. Lecionou também Zoologia Agrícola no Curso de Técnicos Rurais e História Natural no Curso Feminino da Universidade Técnica. Em 1926, Gliesch fez um estágio na famosa Estação Zoológica de Nápoles e, em 1929, representou o Brasil no Congresso Internacional de Oceanografia, realizado em Sevilha. Foi o pioneiro da Oceanografia gaúcha.

Seu amigo Fritz Schmidt Hönsdorf, médico-veterinário e parasitólogo, despertou nele o interesse pela medicina veterinária. Em 1932, ele prestou concurso de habilitação no curso de veterinários da Faculdade de Agronomia e Veterinária de Porto Alegre, concluindo-o em 1936.

Como membro do Instituto Oceanográfico Brasileiro, de efêmera duração, Gliesch representou o Rio Grande do Sul no 1.º Congresso Nacional de Pesca, realizado no Rio de Janeiro em 1934.

Rodolpho von Ihering, quando chefe do Serviço Nacional de Piscicultura do Ministério da Agricultura, em 1937, convidou-o para organizar e chefiar o serviço de piscicultura no Rio Grande do Sul.

Em 1938, Gliesch foi nomeado professor catedrático de Zoologia Médica e Parasitologia do curso de Veterinária, cargo que ocupou até a sua aposentadoria, ocorrida em 1957.

Um gênero e três espécies de animais levam o seu nome: *Glieschiella hapophila* (Mello-Leitão), *Eylais glieschi* (Vietz), *Porrima gliesch* (Mello-Leitão) e *Liolaemus glieschii* (Ahl).

Durante a sua vida universitária Rudolf Gliesch publicou um livro e dois opúsculos, doze trabalhos científicos e setenta e três artigos de divulgação, principalmente nos periódicos *Egatea,* da Escola de Engenharia de Porto Alegre, na *Revista do Arquivo e Museu Público,* no *Neue Deutschen Zeitung,* no *Almanaque Agrícola Brasileiro,* na *Chácaras e Quintais, A Voz do Mar* e outros.

Muito interessante é o seu opúsculo de 1920, intitulado *Zoologia para uso dos ginásios, liceus e escolas normais, especialmente para as escolas de agronomia — 1.ª parte: Mamíferos* (Porto Alegre, 80 pp.). Nesse trabalho procurou "descrever os animais no seu conjunto sob o ponto de vista biológico e cumpre-me advertir o professor que se sirva de minhas notas em seu ensino, que as dimensões e cores dos tipos têm por fim dar aos alunos uma idéia geral da aparência do animal e não devem ser decoradas."

Mais tarde, publicou o livro *Curso Geral de Zoologia* (Edição da Livraria do Globo, 1940, 579 pp., 423 figs.), que não pretendia ser uma enciclopédia de todas as questões zoológicas, mas "para servir de introdução a um conhecimento mais profundo do organismo íntimo do

1. Nomura, H. — 1965 — Homenagem a ilustre professor de Zoologia. *Chá. QUI., III* (3): 245-248.
2. Nomura, H. — 1968 — Professor Rodolfo Gliesch. *O aquarista,* 5 (2): 26-27.

692

Conceituado zoólogo do sul[60].

[60] NOMURA, Hitoshi. Rudolf Gliesch (1841-1974). Conceituado zoólogo do sul. *Ciência e Cultura*, n.6, p.692-693, 1979. Disponível em: *Ciência e Cultura.* Acesso em: 2 mar. 2024.

Bibliografia

"Frasil" — Ano III — N. 27 — Rio de Janeiro.

"A União" — Ano 2 — N. 16 — Manhuassú — Minas Gerais.

"Revista de la Associacion Rural del Uruguay" — Año LX — N. 5 — Montevidéo — Uruguay.

"O Solo" — Ano XXV — Ns. 3-4 — Piracicaba — S. Paulo.

"Experiment Station Record" — Washington, D.C. — E.U.A.

"Edificadora" — Ano I — Ns. 3, 4 e 5 — Fortaleza — Ceará.

"Sericicultura" — Ano V — N. 36 — Campinas — S. Paulo.

"Sudoeste" — Ano I — Ns. 1 e 3 — Jequié — Baia.

"Agronomia" — Ano XXV — N. 146 — Buenos Aires — Argentina.

"A Panificadora" — Ano IV — N. 91 — Rio de Janeiro.

"Revista de Chimica Industrial — Ano II — N. 12 — Rio de Janeiro.

"Revista dos Criadores". F. P. C. B. — Ano III — N. 35 — S. Paulo — Est. de S. Paulo.

"Boletim do Leite" — Vol. V — N. 59 — Rio de Janeiro.

"Brasil-Polonia" — Ano II — N. 2 — Rio de Janeiro.

"Revista Agricola Teuto-Brasileira" — Ano VI — N. 3 — S. Paulo — Est. S. Paulo.

"Minas Commercial, Industrial e Agricola" — Ano I — N. 10 — Juiz de Fóra — Minas Gerais.

"Boletim de Agricultura — Ano VI — Numeros 1 e 2 — Bogotá — Colombia.

"O Cultivador Moderno" — Ano 3 — Numero 11 — Mocóca — Est. de S. Paulo.

"Bulletin Mensuel de Reiseignements Techniques" — Ano XXIV — N. 5 — Roma — Italia.

"O Criador Brasileiro" — Ano XI — N. 1 — Junho 1933 — S. Paulo — Est. S. Paulo.

"The Wheats of Syria, Palestine and Transjordania". Cultivated and wild. M. M. Jacubziner. To the Bulletin of Applied Botany, Genetics and Plant-Breeding — U. S. S. R. — Lenningrad — Russia.

"Bulletin of Applied Botany, of Genetics and Plant-Breeding" — IX-th series — N. 1 — Technical plants. The Linin Academy of Agricultural sciences in U.S.S.R. — Institute of Plant Industry — Liningrad — Russia.

"Folha da Manhã" — S. Paulo — Est. de S. Paulo.

"Lavoura Mineira" — Ano I — Rio de Janeiro.

"Die Ernahrung Der Pflanze" — Maio 1933 — Berlim — Alemanha.

"Correio de Mathias" — Mathias Barbosa — Minas Gerais.

"O Tempo" — Ano I — Caratinga — Minas Gerais.

"Tagarella" — Ano I — N. 1 — Niteroi — Est. do Rio.

"Anales de la Sociedad Rural Argentina" — Vol. LXV — Mayo 1 — Buenos Aires — 1933.

"Jornal de Barbacena" — Barbacena — Minas Gerais.

"Boletim de la Direccion de Agricultura y Granaderia" — Ano II — Ns. 6, 7 e 8 — Lima — Perú.

"La Vie Agricole et Rurale — Ano 22 — Paris — França.

"O Brasil" — Tokio — Japão.

"Revista Aerea Condor" — Ano V — N. 2 — Rio de Janeiro.

"Revista de Agricultura" — Ano VIII — Ns. 3 e 4 — Piracicaba — Est. S. Paulo.

"Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinaria" — Ano IV — N. 4 — Belo Horizonte — Minas Gerais.

"CLUBE AGRICOLA ESCOLAR"

Sua fundação, em S. Paulo, com o amparo do Inst. de Educação

Comunicado da Diretoria de Publicidade Agricola, da Secretaria da Agricultura de S. Paulo:

"As publicações agricolas elementares, destinadas ás crianças das escolas, ocupariam lugar de destaque nos trabalhos da Seção de Divulgação Agricola, desta Diretoria, se varios motivos ponderosos não tivessem impedido a execução integral de seu vasto plano de ação.

Efetivamenee, o ideal seria que, ao par das publicações cientificas destinadas aos agrónomos e cientistas: das publicações praticas sobre trabalhos agricolas e sobre pecuaria; das publicações praticas domestico-agricolas, destinadas ás mulheres que vivem no campo, fossem largamente distribuidas ás crianças das escolas, publicações elementares — sobre assuntos agro-pecuarios para os meninos, e sobre assuntos domestico-agricolas para as meninas. Seria incalculavel o beneficio de tal publicidade na formação da mentalidade da futura população rural do Estado; em primeiro lugar, desenvolveria nas crianças o gosto pela agricultura; se essas crianças não pudessem depois proseguir nos estudos, sairiam da escola primaria com algum saber para o trabalho campesino; teriam mais facilidade para compreender o ensino médio, ministrado pelas publicações destinadas aos trabalhadores do campo; os conhecimentos que assim conseguissem constituiriam uma base para os que, no futuro, cursassem uma escola agricola; e quantas crianças não haveria que transmitiriam aos pais analfabetos ou ignorantes algumas das lições aprendidas nos folhetos recebidos gratuitamente?

Infelizmente, como acentuámos, não foi possivel levar avante esse plano de trabalho. Continuamos, entretanto, a pensar sempre que para a juventude deveria volver-se o melhor da atenção de todo aquele que desejasse realizar uma campanha eficiente em pról da agricultura paulista. Daí o nosso interesse por tudo quanto se refere á propaganda entre os escolares.

Ainda recentemente, referimo-nos, em comunicado distribuido á imprensa, ao progresso que vão alcançando em Cuba os clubs agricolas para menores, ali organizados com a mesma orientação dos existentes na União Norte-americana. Lançamos então um apelo ao magisterio publico do Estado, para que procurasse desenvolver tambem aqui as referidas associações, e lhe lembramos o que, há anos, conseguira nesse sentido, em Piracicaba, o professor Thales de Andrade, conhecido educador, lente da Escola Normal daquela cidade.

Nosso apelo não ficou sem éco. De um filho de Thales de Andrade, acabamos de receber, a esse proposito, o seguinte oficio:

"Li com justificado orgulho e extraordinario contentamento o comunicado dessa diretoria, em data de 25 de maio do corrente ano, sob o titulo "Clubes Agricolas para Menores".

Suas palavras repercutiram em meu espirito como o festivo bimbalhar dos sinos em repique na Matriz de minha saudosa Piracicaba. Fizeram-me o efeito de um toque de clarim, tão vibrante quanto imperativo.

Filho de Thales de Andrade e professor normalista, cursando a Escola de Professores do Instituto de Educação, aluno inscrito no 1.º ano da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", que pretendo cursar depois, ex-socio do antigo "Club da Horta" de Piracicaba, senti no apelo do comunicado, talvez mais do que ninguem em toda parte, uma ordem que me cabia cumprir, á custa de quaisquer sacrificios, sem perda de tempo, fechando ouvidos á minha insignificancia.

Com a aprovação e animação de meu progenitor, a quem dei parte do meu projéto, com o apoio decidido e o amparo certo da direção do Instituto de Educação e sob a orientação firme de d. Noemy Silveira, competentissima diretora do Serviço de Psicologia Aplicada, fundei o Clube Agricola Escolar no referido Instituto, com os alunos do seu Curso Primario.

Diante da alegria e do entusiasmo revelados pelas crianças que se inscreveram voluntariamente como socias, julgo auspiciosos os resultados que virão a ser alcançados pela átividade infantil ao correr dos proximos trabalhos do clube.

Feita esta comunicação, que era de meu sagrado dever, e dever que cumpro com o maximo jubilo, penso poder anunciar que, em breve, hei-de voltar á sua honrosa presença, afim de dar noticias amplas do Clube Agricola Escolar, seu "pupilo" e "afilhado".

Sem mais, etc. — Elyseu Castanho de Andrade".

E' com grande prazer que divulgamos os termos desse oficio, que afirmam o lançamento, em bôa terra, duma preciosa semente. S. Paulo terá interesse em que, desta vez, a iniciativa da fundação, entre nós, desses clubes agricolas, que tão notavel influencia vão exercendo na juventude de adiantados paises do mundo. Assim julgando, asseguramos tambem, aos clubes que se formarem, a nossa inteira simpatia e o auxilio que estiver ao nosso alcance.

Dentro em breve, daremos mais amplas informações sobre o trabalho que está desenvolvendo o sr. prof. Elyseo Castanho de Andrade".

Nota sobre a fundação do Clube Agrícola Escolar (O Campo, n.7, 1933, p.80).



RECUSA-SE A IUGOSLAVIA A ASSINAR O TRATADO DE PAZ COM A ITALIA

CARBONIZADOS!

o avião PP-PCH, bi-motor douglas DC-3

A MANHÃ

CONTRA OS EXPLORADORES DO POVO

A EXPORTAÇÃO DE MAQUINARIA PESADA INGLESA PARA O BRASIL

OS NOVOS MINISTROS DA JUSTIÇA E DA MARINHA

APROVADA A NOVA FRONTEIRA ITALO-IUGOSLAVA

TRUMAN ACREDITA NA PAZ PERMANENTE

QUAIS AS NECESSIDADES DO SEU BAIRRO?

APRENDA BRINCANDO!

APRENDA BRINCANDO!

É A SÉRIE DE INTERESSANTISSIMAS HISTORIETAS DESENHADAS CUJA PUBLICAÇÃO "A MANHÃ" INICIA HOJE, COM EXCLUSIVIDADE E QUE DE CERTO DESPERTARÁ O MAIS VIVO INTERÊSSE DA JUVENTUDE, ASSIM COMO DOS PAIS E PROFESSORES. ESTA PUBLICAÇÃO SERÁ FEITA DIARIAMENTE. — (Vêr na 3.ª página).

Anúncio da coluna “Aprende brincando” do jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 29 set. 1945, p.1.

APRENDA BRINCANDO!

Exclusividade para A MANHÃ — (Publicação diária)

A VIDA DAS ABELHAS

M-1

1 — *A VIDA DAS ABELHAS é a historia de uma estranha e maravilhosa comunidade de vidas individuais, dedicadas a uma causa comum, com todas as fadigas e todos os sacrificios, às vezes cruéis, que caracterizam a atividade humana.*



2 — *Os objectivos da vida das abêlhas concentram-se em tôrno da Rainha, mãe de toda a comunidade, e a única que é capaz de pôr ovos.*



3 — *De seus súditos, cérca de 40.000 são obreiras, fêmeas não de todo desenvolvidas e normalmente incapazes de pôr ovos. Trabalham continuamente para o sustento da Rainha, delas mesmas*



4 — *... e de cérca de 3 a 400 zangões, machos que nada fazem e incapazes do menor trabalho, inclusive de aguilhoar e cujo único objectivo na vida é a paternidade.*

A VIDA DAS ABELHAS

RESUMO DA PARTE PUBLICADA

A Rainha é a mãe de tôdas as abêlhas da colmeia. Somente ela põe ovos. Dos seus súditos, 40.000 são obreiras, que trabalham para o sustento de todos, e 300 a 400 zangões, que nada fazem além de ser pais. As abelhas moram em milhares de células de cêra. A população aumenta de 3.000 a 4.000 por dia. Por isso a Rainha decide ir fundar outra colmeia, deixando na antiga uma jovem rainha e parte da população. As obreiras preparam então células especiais, onde a Rainha põe os ovos dos quais sairá a sua herdeira. A jovem rainha nasce de um ovo igual ao que dá origem a uma obreira. E' somente graças a uma alimentação especial que o ovo produz uma rainha, e não uma obreira. Terminada a alimentação especial, as células são fechadas hermeticamente, à espera do nascimento das novas rainhas. Feito isto .....

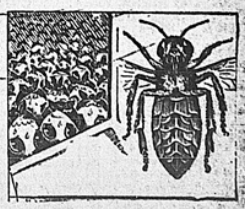
APRENDA BRINCANDO

(CONTINUAÇÃO) Exclusividade para A MANHÃ — Publicação diária.









13 — ..... numa grande nuvem, a Rainha e mais da metade de seus súditos partem da colmeia e.....

* * *

14 — ..... numa arvore vizinha, a Rainha estabelece seu novo lar depois que seus súditos construiram uma colmeia provisória, onde todos ficarão durante algum tempo. Entrementes, observadores são enviados para todos os cantos a fim de escolher o local que se transformará na residência efetiva do grupo.

15 — Geralmente, a nova residência definitiva é encontrada num período que nunca excede de uma hora. De modo geral, é localizada num buraco de alguma árvore. Com os observadores à frente, todo o grupo dirige-se em ordem para o lar definitivo.

16 — Dentro do novo ninho, as abêlhas ficam umas juntinhas às outras, pois o calor de seus corpos produz uma temperatura alta o que faz que pequena quantidade de cêra de seus corpos se derreta.

(CONTINUA).

A VIDA DAS ABELHAS

RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA

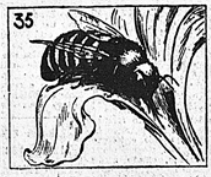
No momento em que a população da colmeia se torna excessiva, a Rainha decide fundar outra, deixando uma herdeira em seu lugar, para o que põe certa quantidade de ovos em células especiais. Esses ovos, submetidos a uma alimentação adequada produzem rainhas e não abreiras. Feito isso, a antiga rainha sai, com parte da população, e escolhe o local da nova colmeia. Aí as abelhas se aglomeram, de modo que o calor derrete a cêra que recobre os seus corpos e com a qual elas começam a construção das paredes da colmeia. Na velha colmeia, os ovos postos nas células especiais deram nascimento a um certo número de rainhas. A primeira destas que se torna capaz de pôr ovos é a única que sobrevive, pois que, mata as suas concorrentes. Começa então a nova Rainha a pôr ovos em profusão, que devem produzir as obreiras e, em menor número, os zangões (êstes só têm por função tornar-se pais de outras abelhas). Ao fim de três dias cada ovo se transforma numa larva pequena e branca, que é alimentada por obreiras-enfermeiras. Passados mais dois dias, a larva, agora muito maior, é alimentada com mel e pólen. Depois de mais alguns dias, a célula onde está a larva é fechada com uma mistura de cêra e pólen. Duas semanas mais tarde, a larva transformou-se numa abelha que rompe o tampão da célula. Dentro da colmeia, as abelhas têm diferentes ofícios. As mais novas são enfermeiras, que se encarregam de alimentar as larvas. Outras trabalham na armazenagem da cêra, que servirá para a construção de outras células, e do alimento necessário à população que cresce rápidamente.

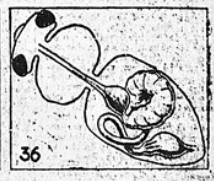
APRENDA BRINCANDO

(CONTINUAÇÃO) Exclusividade para A MANHÃ — Publicação diária.









33 — Entrementes, para proteger a colmeia e seus valiosos produtos de alguma abelha ladrona, procedente de outra colmeia, das vespas ou de qualquer outro intruso, as abelhas mais velhas montam guarda à entrada da colmeia.

34 — Com três semanas de idade, a jovem abelha começa a trabalhar, indo buscar o nectar e o pólen, trabalho êsse que será o seu durante tôda a vida.

35 — O nectar colhido nas flôres contém açúcar e uma grande quantidade de água.

36 — No saco de mel da abelha registram-se então modificações químicas, transformando o nectar em mel aquoso.

A VIDA DAS ABELHAS

RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA

Quando a população da colmeia se torna excessiva, a Rainha decide fundar outra, deixando uma herdeira em seu lugar, para o que põe certa quantidade de ovos em células especiais. Esses ovos, submetidos a uma alimentação adequada, produzem rainhas e não obreiras. Feito isso, a antiga rainha sai, com parte da população, e escolhe o local da nova colmeia. Aí as abelhas se aglomeram, de modo que o calor derrete a cêra que recobre os seus corpos e com a qual elas começam a construção da colmeia. Na velha colmeia, os ovos postos nas células especiais deram nascimento a um certo número de rainhas. A primeira destas que se torna capaz de pôr ovos é a única que sobrevive, pois que mata as suas concorrentes. Começa então a pôr ovos em profusão, que devem produzir as obreiras e, em menor número, os zangões. Ao fim de três dias cada ovo se transforma numa larva. Mais dois dias e a larva, ainda muito maior é alimentada com mel e pólen. Depois de mais alguns dias, a larva transformou-se numa abelha. Dentro da colmeia as abelhas têm diferentes ofícios. As mais novas são enfermeiras. Outras trabalham na armazenagem da cêra e do alimento. Outras, são guardas da colmeia. Com três semanas, a abelha começa a fabricar o mel com o pólen e o nectar que recolhe nas flores. O nectar é depositado nas células, onde a água se evapora, deixando como resíduo o mel. O pólen é usado para nutrir as abelhas mais jovens. Preparando-se para o inverno, tôdas as fendas das colmêias são fechadas e os zangões são expulsos da colmêia, onde nada mais têm que fazer.

APRENDA BRINCANDO

(CONTINUAÇÃO) Exclusividade para A MANHÃ — Publicação diária.









45 — Incapazes de se defenderem, muitos morrem.

⁂

46 — Enquanto que outros são deixados de fora até morrerem de fome.

⁂

47 — Com a chegada do outono, nenhum ovo é posto e com seus armazens abarrotados de mercadorias, a colônia permanece fechada na colméia a espera da primavera.

⁂

48 — Com a chegada do bom tempo, inicia-se novamente o trabalho diário e a rainha dá o primeiro sinal pondo seus ovos. E assim, tem início mais outra face da vida das abelhas.

FIM

‘A vida das abelhas’ em 49 quadros publicados nas edições 1579 a 1591 do jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, de 29 set. a 18 out. 1946, p.3.

APRENDA BRINCANDO!

Outra historieta educativa, em quadrinhos, vai ser publicada por A MANHÃ

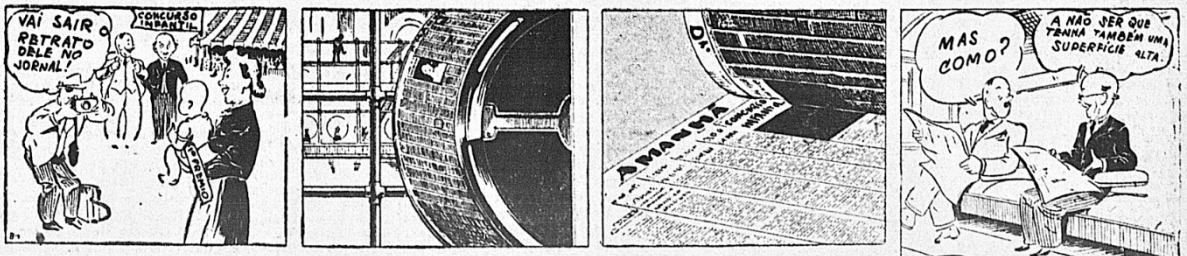
Concluimos hoje a publicação de A VIDA DAS ABELHAS. TERÇA-FEIRA próxima iniciaremos outra historieta da interessante e inédita série educativa em quadrinhos:

COMO SE IMPRIME A FOTOGRAFIA

APRENDA BRINCANDO

COMO SE IMPRIME A FOTOGRAFIA

Exclusividade para A MANHÃ — Publicação diária.



1 — Como sai facilmente da bôca do pai orgulhoso a declaração de que seu filho terá o retrato nos jornais, enquanto observa o fotógrafo tirar o retrato do garoto que acaba de vencer um concurso infantil!

2 — Mas, para que o retratinho seja reproduzido no jornal, torna-se preciso o seguinte: primeiro, a fotografia deve tomar o seu lugar entre as colunas de tipos cuja superfície coberta de tinta é preparada para que o jornal seja impresso.

3 — O tipo pode ser impresso no papel porque é ligeiramente mais alto, mas a superfície lisa da fotografia, coberta com tinta, reproduzirá apenas uma mancha negra, a não ser que...

COMO SE IMPRIME A FOTOGRAFIA

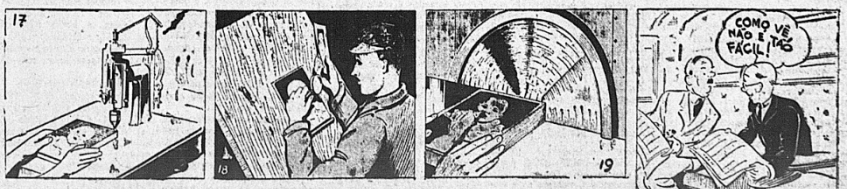
RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA

A fotografia, antes de ser impressa no jornal, deve passar por uma série de operações, de modo que a sua superfície deixe de ser lisa e apresente um relêvo semelhante ao dos tipos de imprensa. Primeiramente a fotografia é por sua vez fotografada numa placa supersensivel, produzindo o novo negativo que é um conjunto de milhares de pontinhos. Em seguida é feito um molde numa placa de zinco que recebe uma superficie sensivel á luz. Essa placa é colocada em contacto com o segundo negativo e exposta a uma luz forte, isto faz com que a fotografia se reproduza na placa, que é então colocada sob água corrente. As partes que não foram expostas á luz se dissolvem, deixando a fotografia reproduzida em forma de pontos embóra os nossos olhos não a possam distinguir. Para que a fotografia apareça, os pontos devem ser coloridos, o que se consegue mergulhando a placa num banho de anilina violeta. A placa é depois aquecida, transformando-se numa placa esmaltada á prova de ácido. Com uma mistura de ácido acético e sal removem-se os vestigios de material estranho entre os pontos. Em seguida, a placa é colocada numa máquina elétrica, onde recebe um banho de ácido que come o zinco entre os pontos esmaltados. Assim, a placa adquire uma tonalidade média e é retocada, isto é, pincelam-se as partes escuras com uma substância á prova de ácido. Vai em seguida para uma máquina elétrica, onde os espaços entre os pontos escuros fiquem maiores. Depois disso, a placa é gravada á mão, para que suas linhas gerais adquiram maior nitidez e perfeição.

APRENDA BRINCANDO

(CONTINUAÇÃO)

Exclusividade para A MANHÃ — Publicação diária.



17 — Como última operação, fazem-se os preparativos para a impressão. A placa é primeiro nivelada e em seguida montada em madeira.

18 — Uma "prova" tirada a mão é cuidadosamente comparada com a cópia original para se vêr se se torna necessário qualquer retoque.

19 — A placa é então colocada numa máquina niveladora até que tenha a mesma altura dos tipos de impressão. Finalmente, a fotografia, na forma de um bloco, está pronta para o processo de impressão.

(Continua).

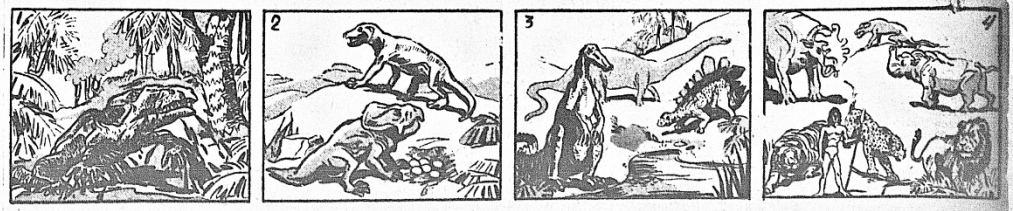
‘Como se imprime a fotografia’ em 20 quadros publicados nas edições 1592 a 1596 do jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, de 15 out. a 19 out. 1946, p.3.

UMA RELIQUIA DA ZOOLOGIA: O PLATYPUS

A MANHÃ inicia hoje outra historieta em quadrinhos desta interessante série educativa: Uma relíquia da zoologia: o platypus

APRENDA BRINCANDO

Exclusividade para A MANHÃ — Publicação diária.



1 — Ha centenas de milhões de anos surgiu, dos pantanos quentes de um mundo novo, uma nova forma de vida: os primeiros animais terrestres.

2 — Desses anfíbios primitivos provêm dois grandes ramos da vida animal: os répteis, que põem ovos, e os mamíferos, cujos filhos já nascem vivos e são por eles alimentados após o nascimento.

3 — Os répteis que punham ovos e que possuiam a pele escamosa ou encouraçada desenvolveram-se mais rapidamente do que os mamíferos e dominaram o mundo durante milhões de anos. Foram os terriveis dinosauros.

4 — Quando os dinosauros acabaram, os mamíferos primitivos, animais com a pele coberta de pelos desenvolveram-se numa grande variedade de criaturas, inclusive o homem, que se destinava a ser o senhor da criação nos anos vindouros.

(CONTINUA)

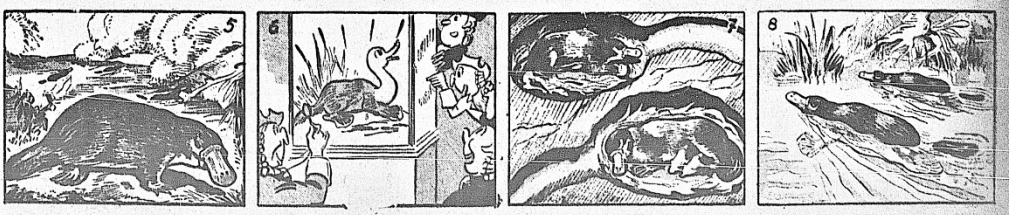
UMA RELIQUIA DA ZOOLOGIA: O PLATYPUS

APRENDA BRINCANDO

Exclusividade para A MANHÃ — Publicação diária.

RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA

Há milhões de anos, dos pântanos quentes do mundo, surgiu uma nova forma de vida: os primeiros animais terrestres. Désses anfíbios provêm dois grandes ramos da vida animal: os répteis, que põem ovos, e os mamíferos, cujos filhos já nascem vivos e são por êles em seguida alimentados. Os répteis desenvolveram-se mais rapidamente e dominaram a Terra por muito tempo: eram os terriveis dinosauros. Quando êstes desapareceram, os mamíferos primitivos, animais com a pele coberta de pelos, desenvolveram-se numa grande variedade de espécies. Entre êles, o homem, que se destinava a ser mais tarde o rei da criação.



5 — No "platypus", animal dotado de um bico semelhante ao do pato, nós encontramos hoje uma ligação entre os répteis e os mamíferos, isto é, um vestígio da cadeia da evolução.

— 6 Isto porque nessa curiosa criatura os caracteristicos de réptil e mafífero se encontram misturados a tal ponto que, quando de sua primeira exibição em 1799, houve quem acreditasse tratar-se de um embuste.

7 — O que há de mais interessante nesse animal é que êle põe ovos como um réptil e amamenta seus filhotes como um mamífero.

8 — Encontrado na Austrália e na Tasmânia, o "platypus" vive nos rios e é um grande nadador. Sua cauda chata faz o papel de um leme.

(CONTINUA)

Uma relíquia da zoologia: o platypus

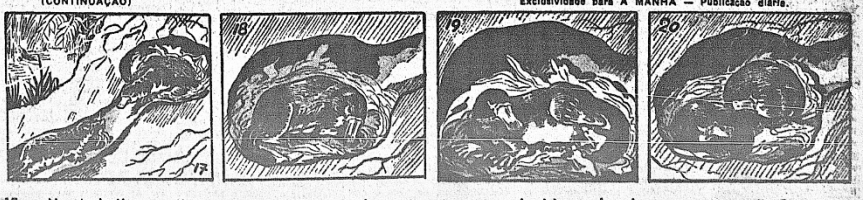
RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA

Ha milhões de anos, dos pântanos quentes do mundo, surgiu uma nova forma de vida: os primeiros animais terrestres. Désses anfíbios provêm dois grandes ramos da vida animal: os répteis, que põem ovos, e os mamíferos, cujos filhos já nascem vivos e são por êles em seguida alimentados. Os répteis desenvolveram-se mais rapidamente e dominaram a Terra por muito tempo: eram os terriveis dinosauros. Quando êstes desapareceram, os mamíferos primitivos, animais com a pele coberta de pelos, desenvolveram-se numa grande variedade de espécies. O "platypus" é uma ligação entre os répteis e os mamíferos. Isto é, um vestigio da cadeia da evolução. Nele se encontram de tal modo misturados os caracteristicos de réptil e mamífero, que quando foi exposto pela primeira vez, em 1799, houve quem pensasse tratar-se de um embuste. O "platypus" põe ovos, como um réptil e amamenta os filhotes como um mamífero. Encontra-se na Austrália e na Tasmania e vive nos rios. Seu pêlo é marrón e por causa dele o "platypus" foi caçado tão intensamente que a espécie se extinguiria se não sé fizessem leis para protegê-lo. Os pés do "platypus" têm cinco dedos, ligados por uma membrana, que se encolhe quando o animal anda em terra e que na água serve para a natação. O "platypus" alimenta-se de mexilhões e outros animais aquáticos. E' obrigado a mergulhar para apanhá-los e guarda o alimento no interior das bochechas, para mastigá-lo depois. O "bico" do "platypus" não é corióceo, como o do pato, mas de um tecido membranoso e enervado. O "platypus" abre na margem do rio um túnel, do qual uma boca se abre na água e a outra em terra.

APRENDA BRINCANDO

(CONTINUAÇÃO)

Exclusividade para A MANHÃ — Publicação diária.



17 — No túnel, êle constrói um ninho feito de grama, ramos secos e folhas.

18 — Aí, êle põe de um a três ovos, de casca áspera e dura, que a mãe choca até o nascimento dos filhotes.

19 — A mãe usa a cauda para guiar os filhotes até as aberturas do abdomen, de onde sai o leite.

20 — O "platypus" tem periodos de descanso, quer em terra quer na água, quase sempre durante o dia. Em terra, êle descansa enrolado sôbre si mesmo.

(Continua).

Uma relíquia da zoologia: o platypus

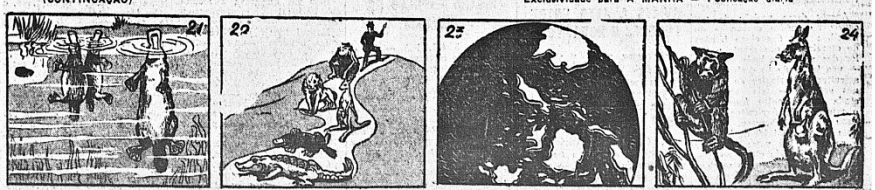
RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA

Ha milhões de anos, dos pântanos quentes do mundo, surgiu uma nova forma de vida: os primeiros animais terrestres. Désses anfíbios provêm dois grandes ramos da vida animal: os répteis, que põem ovos, e os mamíferos, cujos filhos já nascem vivos e são por êles em seguida alimentados. Os répteis desenvolveram-se mais rapidamente e dominaram a Terra por muito tempo: eram os terriveis dinosauros. Quando êstes desapareceram, os mamíferos desenvolveram-se numa grande variedade de espécies: O "platypus" um vestigio da cadeia da evolução. Nele se encontram de tal modo misturados os caracteristicos de réptil e mamífero, que quando foi exposto pela 1.ª vez houve quem pensasse tratar-se de um embuste. O "platypus" põe ovos, como um réptil e amamenta os filhotes como um mamífero. Encontra-se na Austrália e na Tasmania e vive nos rios. Seu pêlo é marron e por causa dele o "platypus" foi caçado tão intensamente que a espécie se extinguiria se não sé fizessem leis para protegê-lo. Os pés do "platypus" têm cinco dedos, ligados por uma membrana, que se encolhe quando o animal anda em terra e que na água serve para a natação. O "platypus" alimenta-se de mexilhões e outros animais aquáticos. O "bico" do "platypus" é corióceo, como o do pato, mas de um tecido membranoso e enervado. O "platypus" abre na margem do rio um tunel do qual uma boca se abre na água e a outra em terra. No tunel êle constrói um ninho, onde põe de um a três ovos, que a mãe chóca Em terra, o "platypus" descansa enrolado, como uma bola.

APRENDA BRINCANDO

(CONTINUAÇÃO)

Exclusividade para A MANHÃ — Publicação diária



21 — Na água, êle descansa em posição vertical, como se fosse uma garrafa, mantendo o bico fóra d'água para respirar.

22 — Embora o leite seja produzido como nos demais mamíferos, o "platypus" não possui tetas. Isto mostra a posição primitiva dêsse animal na escala da evolução.

23 — Que o "platypus" tenha permanecido mais ou menos sem evoluir durante milhões de anos, é coisa que até certo ponto se explica por seu isolamento geográfico, que não proporcionou influências externas sôbre êle.

24 — E' interessante que na Australia, que esteve isolada geográficamente durante milhões de anos, se encontrem também outros animais não evoluidos, como o kangurú e o oposssum. (FIM)

'Uma relíquia da zoologia: Platypus' em 24 quadros publicados nas edições 1605 a 1610 do jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, de 30 out. a 6 nov. 1946, p.3.



CIÊNCIA para Todos

ANO II — N.º 13 — SUPLEMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE "A MANHÃ" — Rio, Domingo, 27-3-1949

UM ANO DE TRABALHO

Manifestam-se cientistas e professores a propósito da passagem do primeiro aniversário de "Ciência para Todos"

COM O PRESENTE número CIÊNCIA para TODOS inicia mais um ano de atividade. O sucesso que coroou esta iniciativa deixou-nos sobremaneira desvanecidos. Parece que a orientação dada a êste suplemento da MANHÃ se ajustou às necessidades culturais do povo. Os nossos leitores pertencem a todos os set ores da atividade social e encontram nestas páginas informações proveitosas. Demos especial ênfase ao movimento científico brasileiro, procurando divulgar a obra e a vida dos nossos grandes sábios e daqueles que, apesar de jovens, prometem enriquecer com pesquisas bem orientadas o patrimônio da humanidade. A divulgação da ciência é sempre uma tarefa ingrata, não obstante o seu imenso alcance social. Há sempre o perigo de deformar os fatos e as leis científicas quando procuramos colocá-los ao alcance dos leigos. Esforçamo-nos para evitar que isto aconteça e estamos certos de que fomos bem sucedidos. Aplicar-nos-emos no corrente ano a melhorar cada vez mais o nosso trabalho e aproveitamos a feliz circunstância para agradecer aos nossos leitores e amigos o interêsse e a apreciação que demonstraram por esta iniciativa da MANHÃ.

Palavras do PROF. THEODOSIUS DOBZHANSKY, da Columbia University de Nova-Iorque, e da Universidade de São Paulo:

Acho "Ciência para Todos", pelo menos na parte biológica, a qual eu posso julgar, um tipo de popularização científica de extremo sucesso. Tentativas para apresentar questões científicas ao público em geral tropeçam, na maioria das vezes, em uma das duas dificuldades: ou o tema é apresentado de maneira a não cativar a atenção do leitor, em geral, ou as coisas são tão simplificadas ao ponto de não poderem ser cientificamente aceitas, tornando-se a popularização apenas vulgarização. "Ciência para Todos" escapa a ambos os perigos.

Palavras do PROF. EMILIO MIRA Y LOPEZ, Diretor do Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getulio Vargas:

"O suplemento de divulgação científica "Ciência para Todos" que aparece como fôlha dominical anexa ao diário a MANHÃ é um dos esforços de maior êxito que conheço para transmitir os conhecimentos científicos fundamentais ao grande público, sem alterar sua pureza nem obrigar o leitor a estudos exaustivos.

Não há dúvida de que na escolha de temas, na seleção dos colaboradores, na distribuição e paginação dos originais e em sua ilustração gráfica lograram singular acêrto os diretores e redatores dêsse suplemento. Seu valor didático é tal que seria desejável reunir o material anual em forma de volume aparte, a ser vendido ao público, cada vez mais necessitado de adquirir visões objetivas e lógicas da realidade".

Palavras do DR. GUSTAVO MENDES DE OLIVEIRA CASTRO, Naturalista do Instituto Oswaldo Cruz e Chefe do Museu:

Famosas enciclopédias, assim a francesa e britânica; coleções de monografias, quais as da "Sammlung Goeschen", da "Methuen", da "Bibliothèque de Philosophie Scientifique"; ou os livrinhos da "Tre Home Library", de "Pelican Books", de "que sais-je?"; revistas, como "La Nature", "Endeavour", "Scientific Monthly" são exemplo do nobre esfôrço de ilustres homens de ciência querendo divulgar aquilo que aprenderam ou descobriram.

Há céticos, no entanto, que têm por inútil a popularização da ciência. Estão errados: a técnica e a teoria elementar do rádio, postas ao alcance do povo, geraram entre as classes leigas mais diversas amadores que se tornaram verdadeiros engenheiros eletricistas, capazes de montar e de desmontar complicadíssimos aparêlhos eletrônicos, de calcular e de medir grandezas elétricas e de contribuir com idéias novas para grande parte do progresso dêsse ramo de aplicação da física.

Divugue-se, pois, a ciência, que surgirão novos valores e maior progresso.

A CIÊNCIA para TODOS, com sua autorizada colaboração, constitui interessantíssima realidade nêsse sentido. Pobre de vestes, grande de espírito, tem tôda a minha simpatia.

Palavras de ABGAR RENAULT, Secretário de Educação de Minas Gerais:

"Considero êsse suplemento, excelentemente orientado nos moldes de publicações inglêsas e americanas, afortunada iniciativa para a divulgação de noções fundamentais de ciências em nosso meio e, portanto, instrumento realmente indispensável para que se eleve o nível de qualidade e de quantidade da nossa cultura".

Declarações do PROF. ANDRÉ DREYFUS, Chefe do Departamento de Biologia Geral da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo:

De algum tempo para cá vários cotidianos têm dedicado páginas especiais ou mesmo seções inteiras de certas de suas edições à divulgação científica. Essa é uma prática que não se pode deixar de louvar sem restrições. Na verdade, trata-se de uma emprêsa de grandes responsabilidades, pois a vulgarização bem feita, única que realmente pode dar resultados satisfatórios é provàvelmente uma das emprêsas mais difíceis de quantas possam ser propostas a um cientista. E necessário que os artigos sejam escritos por pessoas conhecedoras do assunto e ao mesmo tempo capazes de separar aquilo que só interessa ao especialista, do que tem significado geral, bem como apresentar os resultados sem a roupagem as vezes incompreensível para o leigo, de que se reveste a linguagem técnica. No entanto, é essa uma das obras mais importantes de nossa época. Se é verdade que, graças ao desenvolvimento da imprensa, do cinema e do rádio, os recursos educacionais foram multiplicados no nosso tempo, numa escala impressionante, não é menos certo que o emprêgo perigosíssimo dessas armas, tem sido feito quase sempre, infelizmente, no pior sentido. Na música, em vez de procurar despertar o gosto pelas boas obras, procura-se, ao contrário, satisfazer o povo com as formas mais abastardadas dessa arte. Na literatura, aí temos o rádio-teatro e o sensacionalismo jornalístico como as formas mais cultivadas do mau gosto nos seus aspectos mais repulsivos. E que dizer dos "complementos" e filmes nacionais de longa metragem? Felizmente a CIÊNCIA para TODOS é uma das poucas e salutares exceções a essa regra. Poucas tentativas haverá tão dignas de louvor quanto a dos abnegados que a redigem, ao mesmo tempo com elegância, precisão e preocupação em despertar a curiosidade do público. Esperemos que a tentativa progrida cada vez mais e que seu exemplo se irradie nas outras esferas do jornalismo, do rádio e do cinema.

12-3-49."

A máquina que lê 60 palavras por minuto

Como funciona a máquina de ler: O ôlho elétrico vê a letra e transmite sua forma ao cérebro eletrônico. O integrador identifica a letra e transmite, a um solenóide, a ordem de tocar o registro da voz correspondente.

O progresso da ciência tem se manifestado em todos os campos da vida, modificando os hábitos e o modo de ser do homem. Mas, o homem de hoje ainda lê do mesmo modo como o fizeram os seus antepassados há muitos séculos atrás. Tal fato não durará por muito tempo; pois, já agora, investigadores da R.C.A. apresentaram um aparelho experimental capaz de olhar qualquer palavra impressa e soletra-la em voz alta, letra por letra, tal como o fazem os propagandistas do rádio.

O principal inconveniente desta maravilhosa invenção é o seu preço excessivo.

A máquina de lêr nasceu das pesquisas, que visam ajudar os cegos invalidos da guerra, iniciadas e fomentadas pelo govêrno da América do Norte em cooperação com a companhia R. C. A.

O seu precursor, também resultado destas pesquisas, foi o "lapis que lê", aparelho que emite um som diferente para cada uma das letras do alfabeto e que atualmente está sendo submetido a ensaios nos hospitais de cegos. O lapis somente lê cêrca de 20 palavras por minuto. E', portanto, muito mais tedioso que correr os dedos sôbre um texto escrito em Braille, e é muito mais lento de que a nova máquina.

Estes dois dispositivos têm, porém, carater puramente experimental e ainda não se planeja a sua manufatura.

Além de lêr as letras do alfabeto — soletrando assim qualquer palavra — a máquina de lêr pode também enunciar integralmente algumas palavras. Seria mesmo possivel construir-se um aparelho capaz de lêr palavras adicionais, pelo simples expediente de torná-la maior e mais complexa. Mas o aparelho existente já é um pesadelo para um engenheiro em eletrônica, quanto não o seria ao se tornar maior e mais complexo.

O arranjo das células foto-elétricas inunda literalmente uma grande caixa de equipamento eletrônico com mais de 100 valvulas. Uma única parte do seu cérebro usa somente 960 resistências diferentes.

E' êle caro de mais para ser um aparelho doméstico, mas seria possivel instalá-lo em bibliotecas e instituições. Também poderia ser instalado como estação central para servir a pessoas separadas por grandes distancias.

O aparelho foi ideado e construido sôbre a orientação de L. E. Flory e W. S. Pike nos laboratórios da R. C. A.

A máquina apresenta três partes principais: um ôlho elétrico, que vê a letra, um cérebro eletrônico, que identifica a letra; e um fonógrafo, que enuncia a letra.

O olho é essencialmente um soletor que se desloca, à mão, sôbre o texto. No seu interior há um tubo catódico com oito feixes oscilantes que se acendem e apagam 600 vezes por minuto. A luz dêstes feixes é interrompida quando incide em uma letra devido à absorção da luz pela côr preta. Estas interrupções são transformadas em impulsos

(conclui na pag. 10)

Declarações do DR. JOAQUIM COSTA RIBEIRO, professor chefe do Departamento de Física da Faculdade Nacional de Filosofia da U. B.:

"O suplemento "Ciência para Todos", do jornal A MANHÃ, obedece à feliz orientação de **divulgar sem vulgarizar** os conhecimentos científicos.

Suas exposições claras e concisas, porém corretas e precisas, são redigidas por especialistas nos assuntos tratados, o que permite tornar as conquistas da ciência acessíveis às pessoas de cultura não especializada, sem no entanto cair na vulgarização imperfeita e deformadora, infelizmente tão comum em certas

(conclui na pag. 10)

Figura 00 – Capa do suplemento de divulgação científica n.13, do jornal *A Manhã*, de 27 mar. 1949, Rio de Janeiro. Publicado no último domingo de cada mês.

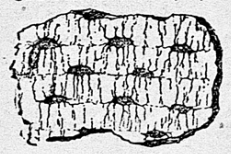
BIOLOGIA AO ALCANCE DE TODOS

O ESQUELETO VIVO

O. FROTA-PESSOA

"Lembra-te que és pó, e que em pó te hás de tornar". De tôdas as partes do nosso corpo, são os ossos que mais resistem a êste fatídico mandamento. Sendo em grande parte constituídos de substâncias minerais (principalmente fosfato de cálcio), escapam da fermentação bacteriana que decompõe rapidamente as outras partes feitas de substâncias orgânicas. Além disso, sendo mais duros que o resto, resistem melhor, depois de mortos, à dessecação e à pulverização.

Muitos animais que se extinguiram há milhões de anos deixaram, como único vestígio, alguns ossos fossilizados que permitem aos paleontologistas a reconstrução aproximada do animal (Se Você for um dia à Argentina, não deixe de visitar a magnífica exposição de ósseis gigantescos do Museu de La Plata).



Tecido ósseo visto ao microscópio: as células se comunicam por finos prolongamentos através da substância morta

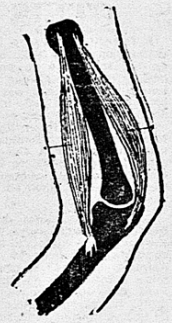
A INFRA-ESTRUTURA

Se algum super-homem dirigisse contra nós um poderoso "raio osteolítico" (destruidor de ossos), como nas histórias de quadrinhos, nosso corpo desabaria imediatamente, como os arranha-céus cariocas têm o mal hábito de fazer de vez em quando; e ficaríamos reduzidos a um monte informe de carnes. Homenageemos, portanto, de início, a *função de sustentação* do nosso esqueleto.

Nos ossos convenientemente articulados é que se prendem os músculos, ligamentos e aponevroses (lâminas de tecido conjuntivo) que empacotam, amarram, sustentam, os nossos orgãos internos: o esqueleto serve de cabide para o resto.

MOVIMENTOS

Músculos e ossos trabalham em estreita cooperação para sustentar e mover nosso corpo. E o resultado desta colaboração é admirável. Pensemos, de início, no simples fato de nos conservarmos de pé. Para isso trabalham trezentos músculos presos por tendões em nossos ossos. Cada um varia constantemente de tensão para compensar os ligeiros desvios da verticalidade e evitar que percamos o equilíbrio. No entanto parece-nos facílimo ficar de pé, porque todo êste jogo de forças se faz automaticamente sem que precisemos controlá-lo conscientemente.





Tanto em nosso braço (à esquerda) como na pata de um inseto, os músculos se prendem no esqueleto: interno, em nós, e externo no inseto

A marcha é de uma harmonia maravilhosa. Andando, ficamos mais tempo em um pé só do que em dois, e mudamos constantemente a posição relativa dos membros: no entanto temos perfeita sensação de equilíbrio, e deslizamos suavemente, graças ao jogo combinado dos músculos, dos ossos e das articulações, magistralmente coordenados pelo sistema nervoso.

Que dizer, então, dos movimentos rápidos e de extraordinária precisão que executa um pianista, uma bailarina, um jogador de futebol? E' melhor não dizer nada. Cada um que se maravilhe por conta própria.

A CARNE E' FRACA

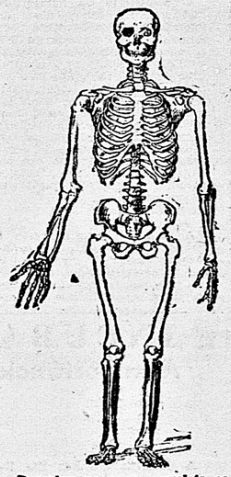
Mas os ossos não servem apenas para sustentar o corpo e permitir nossos movimentos. Os ossos da abóbada craniana não sustentam nada e são imóveis. Poderia Você, porém, dispensá-los? Se o fizesse, ficaria exposta a parte mais delicada e mais preciosa de todo o corpo: o cérebro.

A função do crâneo é de *proteção*. Ele forma uma caixa fortíssima que resiste a pressões e pancadas. Dentro dela está o quartel general do alto comando do corpo: o encéfalo, do qual faz parte o cérebro. As vias de comunicação do encéfalo com o resto do corpo passam por orifícios que existem na base do crâneo, o maior dos quais é o "buraco occipital", que fica no osso do mesmo nome e pelo qual se une o encéfalo com a medula, contida dentro da coluna vertebral.

Outros ossos protetores são as costelas, que são as ripas do engradado que envolve os pulmões e o coração. Se fossem também ossos imóveis, dificilmente poderíamos respirar; mas as cartilagens que as ligam às vértebras, do lado de trás, e ao osso esterno, na frente, são suficientemente flexíveis para permitir que se movam dilatando o volume do tórax e promovendo a entrada do ar.

COM O ESQUELETO A MOSTRA

Só têm ossos os vertebrados. O aparecimento dêste grande grupo de animais, que inclui os peixes, os anfíbios, os répteis, as aves e os mamíferos, representou uma verdadeira revolução nos métodos arquitetônicos da Natureza. Tomemos um invertebrado qualquer, por exemplo um camarão ou um caracol. Evidentemente não têm êles nenhum vestígio de osso, mas possuem, sem dúvida um esqueleto, isto é, um conjunto de partes duras que dão apoio às partes moles.



Descubra no nosso esqueleto os ossos que servem principalmente para: a — proteger; b — sustentar; c — produzir movimentos

E o mais interessante é que o esqueleto fica por fora da carne, em vez de ficar por dentro, como nos vertebrados. Quando descascamos camarões para fazer um ensopado, estamos retirando-lhes o esqueleto — uma lâmina fina, porém dura, que lhes envolve todo o corpo, composta de uma substância chamada quitina. Aliás todos os artrópodos — crustáceos, miriápodos, insetos e aracnídeos — têm esqueleto externo, de quitina.

No caso do caracol, e dos moluscos em geral, o esqueleto é a concha, composta principalmente de carbonato de cálcio. Embora nos ossos também exista cálcio, uma concha não pode ser chamada de osso, pois difere muito na composição química e na estrutura. O osso, como veremos, é formado por células vivas separadas por substância morta e dura; a concha, ao contrário, é totalmente morta, e não passa de um depósito de secreções do manto do molusco, uma membrana viva que o envolve.

O esqueleto externo dos invertebrados tem como função principal a proteção do corpo contra ferimentos e compressões. Têm, portanto, a mesma função dos ossos do nosso crâneo. Mas serve também para dar apoio a músculos.

DON QUIXOTE E O BESOURO

A medida que a evolução foi aperfeiçoando os animais, a função de sustentação do esqueleto se foi tornando mais importante do que a de proteção. Você talvez já tenha posto um açucareiro em cima de um pesouro para se divertir vendo que o inseto, sob um pêso dezenas de vêzes maior que o seu, nem por isso fica esmigalhado: continua mesmo a andar até escapar da opressão, e nada sofre com a aventura. Podemos também pisar sôbre ostras e mariscos sem prejudicar os animais nas suas conchas. Isso mostra o formidável poder protetor dos esqueletos externos de certos invertebrados.

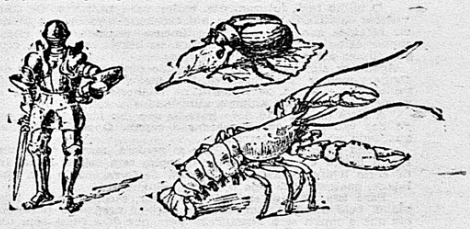
Nossa carne, ao contrário, ficando por fora dos ossos, é muito mais vulnerável. Por isso os guerreiros antigos, os cavaleiros da Idade Média, como Don Quixote, se protegiam dentro de armaduras de aço, que eram imitações do esqueleto externo dos artrópodos e moluscos.

Mas aqui surge uma pergunta. Qual a vantagem de ser interno o esqueleto, em vez de externo? Em que consiste a superioridade dos vertebrados sôbre os invertebrados, quanto ao esqueleto?

Se durante a evolução foram favorecidos os animais de esqueleto interno é porque esta novidade apresentava vantagens suficientes para compensar a desvantagem de ficarem as carnes na superfície, desprotegidas.

ESQUELETO E CRESCIMENTO

A maior vantagem do esqueleto interno é possibilitar um crescimento muito maior e mais simples, e permitir que se movam facilmente animais de grande tamanho. Procure imaginar um elefante sem ossos com as carnes sustentadas por uma carapaça externa. Tal carapaça teria de ser fortíssima e contínua, para não desabar. Mas como poderia o animal andar, correr, deitar-se e fazer acrobacias de circo? Ainda que imaginássemos um complicado processo de articulações que não enfraquecesse a carapaça, o simples pêso dela tornaria impossível qualquer movimento.



O esqueleto exterior dos invertebrados lembra a armadura dos cavaleiros medievais

O elefante de verdade, entretanto, se move facilmente, porque seu esqueleto interno é relativamente pouco pesado, seus ossos giram uns sôbre os outros graças a articulações simples, e as carnes e a pele, moles e flexíveis, podem comprimir-se e distender-se.

O esqueleto externo faz surgir sérias complicações no modo de crescimento dos invertebrados. Consideremos uma lagarta de borboleta que, quando jovem, come tanto que seu pêso se torna, em 24 horas, cinco vêzes maior, ou mais. E' claro que, dentro de pouco tempo, o animal não cabe mais dentro da própria casca, pois esta, sendo morta, não cresce: apenas é capaz de esticar-se um pouco.

A maneira que a Natureza encontrou para enfrentar êsse impasse foram as "mudas". De tempos em tempos rompe-se a casca e a lagarta sai de dentro dela envolvida por nova carapaça, que se formou por dentro da primeira, e que é ainda muito tênue e flexível. Assim pode ela crescer mais um pouco, distendendo sua nova armadura, até que esta, enrijecida, não se estica mais e tem de ser novamente abandonada. A lagarta sofre, assim, uma série de mudas para poder crescer.

Nós, ao contrário, crescemos sem constrangimento, sem precisarmos sair de tempos em tempos de dentro da própria pele: nossa pele não é morta, e cresce juntamente com o resto do corpo. Nossas "mudas" são apenas de roupas e sapatos, que são como que esqueletos externos artificiais. Quando crescemos um bocado, compramos novos sapatos, de número maior, e damos os apertados para o filho da lavadeira.

COMO CRESCEM OS OSSOS

Uma importante diferença entre o nosso esqueleto interno, e o externo dos invertebrados é que o nosso contém células vivas, e portanto é capaz de crescer, enquanto o deles é totalmente morto, e não pode crescer. Mas o crescimento dos ossos não é problema tão fácil como o das partes moles, porque neles as células estão envolvidas por substância morta e dura, que elas mesmas produziram.

Se observarmos ao microscópio uma fatia de osso, veremos que as células ficam separadas umas das outras por substância morta através da qual passam finos prolongamentos das células, que as ligam umas às outras. Esses prolongamentos são indispensáveis para que as células não morram de inanição.

E' o sangue que trás os alimentos e o oxigênio para as células. Os ossos são percorridos por inúmeros vasos sanguíneos, por onde circula o sangue. Os alimentos dissolvidos em água, extravasam deles e atingem as células mais próximas, que passam o alimento para as que estão mais distantes, através dos prolongamentos celulares, visto como a substância morta é impermeável.

Cada célula óssea está numa loja escavada na substância morta e dura. Não pode, portanto, crescer ou multiplicar-se. Então, como cresce o osso?

Isso se explica. E' que um osso — o osso da coxa, por exemplo, chamado fêmur — não é totalmente feito de tecido ósseo. Suas pontas são de cartilagem, que é um tecido formado também de células vivas

(Conclui na 8.ª pág).

Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1952, p.3. Coluna 'Ciência para todos'.

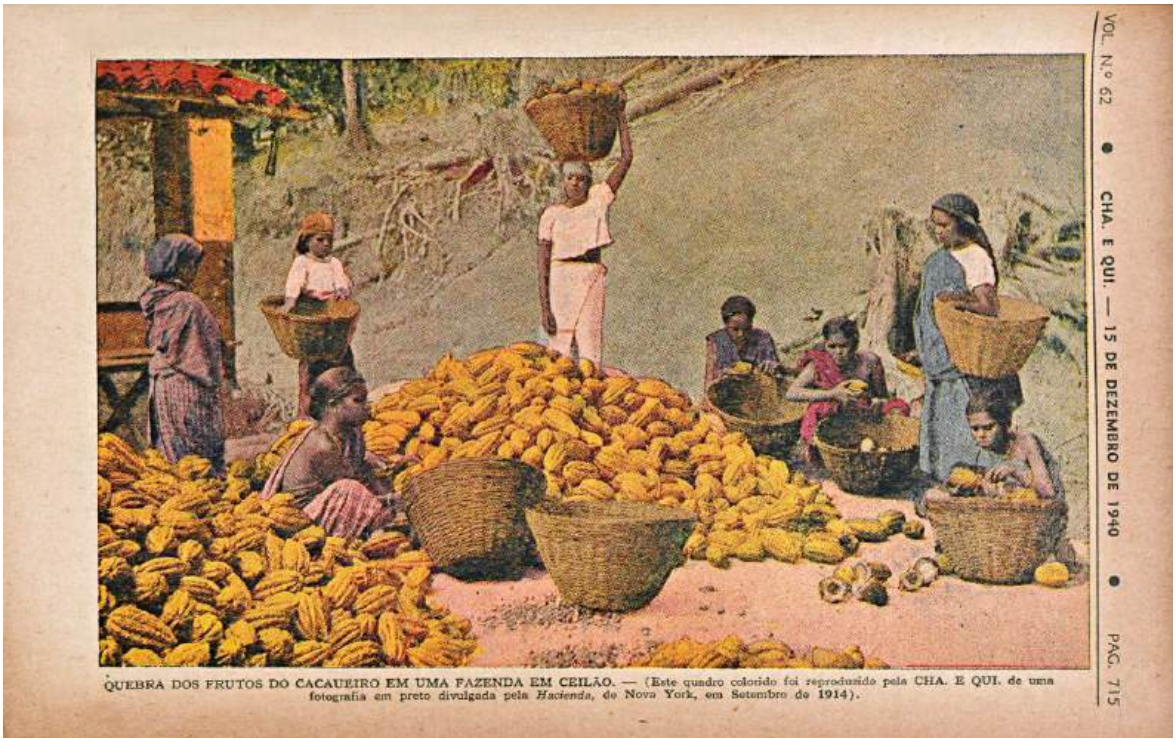
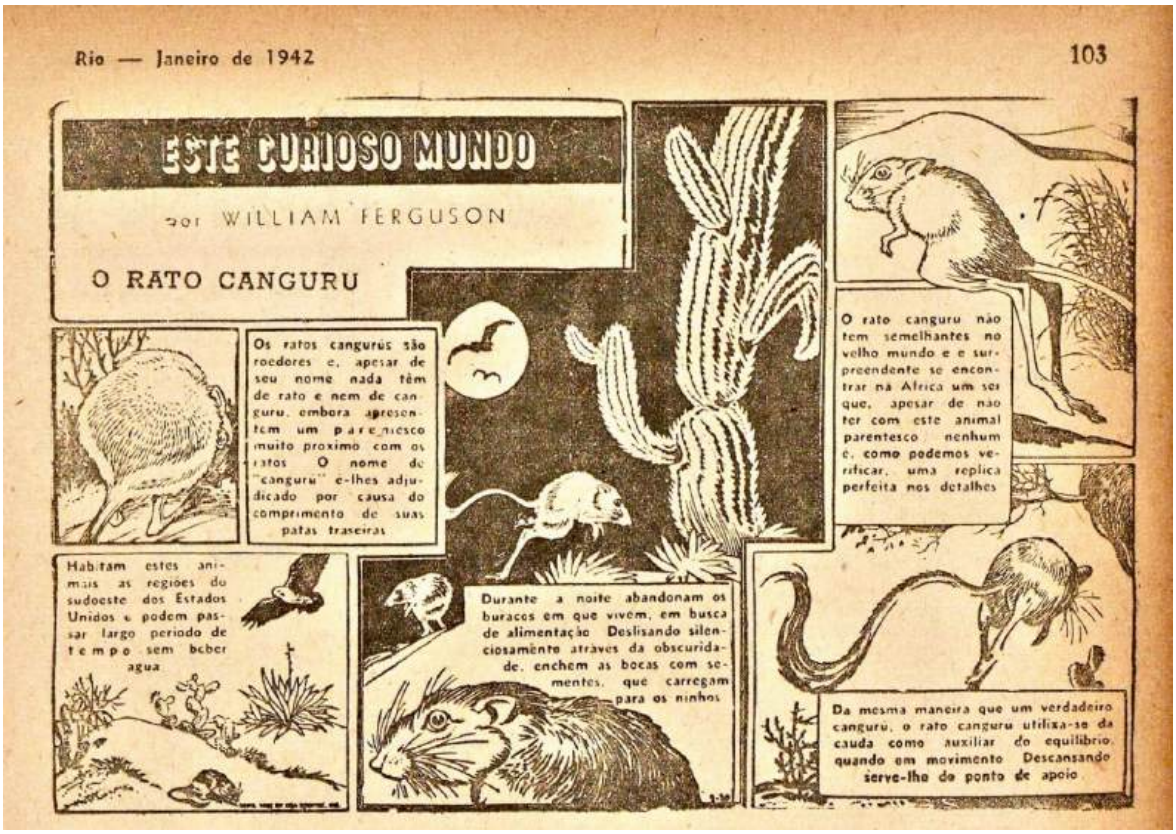
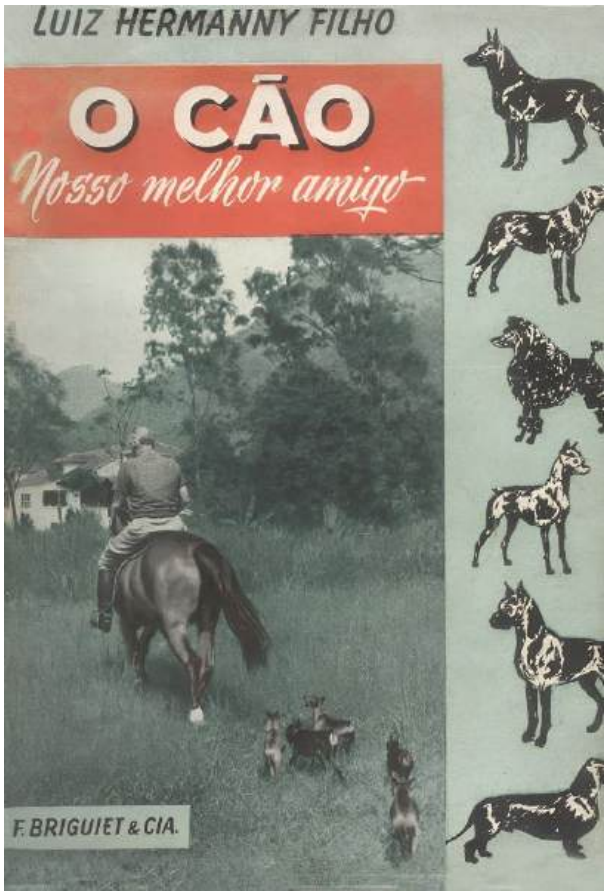


Imagem publicada no artigo “Cultura do cacao”, publicado em *Chacaras e Quintaes*, v.62, n.6, 1940.



A Cigarra Magazine, n.94, p.103, 1942.



Sobrecapa do livro
O cão, nosso melhor amigo, publicado pela F. Briguiet & Cia em 1957.
Luiz Hermanny Filho foi um dos membros fundadores da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza - FBCN.


LUIZ HERMANNY FILHO

Vice-presidente honorário do Miniature Pinscher Club of America, Membro do Pinscher-Schnauzer Klub — Solingen — Mercheid, Alemanha, do Club Français du Pinscher — Paris, do Conselho Deliberativo do Brasil Kennel Club, do Kennel Club Paulista e Sociedade de Cães Pastores Alemães.
Sócio Benemérito da Sociedade Hípica Brasileira do Rio de Janeiro.

O CÃO, NOSSO MELHOR AMIGO

SUA VIDA EM NOSSA COMPANHIA, ESPECIALMENTE OS DA RAÇA MINIATURA PINSCHER — O CAOZINHO QUE SE DISTINGUE PELA SUA BELEZA, INTELIGÊNCIA, LEALDADE E CORAGEM. — OUTROS ANIMAIS DE NOSSA PREFERÊNCIA, COMO COMPANHEIROS OU DE UTILIDADE.

F. BRIGUIET & CIA., Editôres
TRAVESSA DO OUVIDOR, 11-A ——— RIO DE JANEIRO
1957

Capa do livro
O cão, nosso melhor amigo (1957).

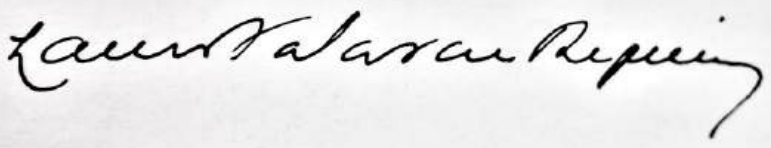
PREFÁCIO

Êste livro, útil e despretensioso, reúne os artigos dominicais que o Sr. Luiz Hermanny Filho vem publicando em "O Jornal", desde 1953, na conhecida e prestigiosa secção "O Cão, nosso melhor amigo".

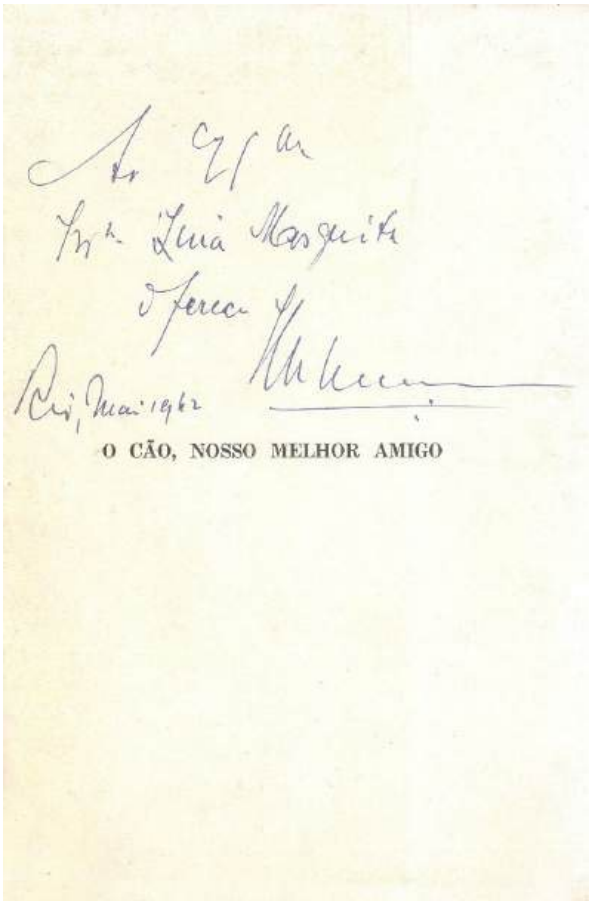
Desportista, homem de sociedade, solicitado constantemente pelos vultosos encargos das suas emprêsas comerciais e industriais, responsável pelo destino da tradicional Organização Hermanny, de âmbito nacional, encontra ainda o autor lazeres para dedicar-se ao "hobby" que tem sido em sua vida uma grande paixão. Criador e expositor bem sucedido, há longos anos, de Miniatura Pinchers — raça que difundiu e popularizou entre nós — dispõe êle, mercê de estudos, de viagens e de longa experiência no lidar com cães, de preciosos conhecimentos que, em estilo sóbrio, ameno e objetivo, transmite aos seus muitos leitores, que são quantos se interessam pelo cão de puro sangue.

Pobre como é a literatura indígena de obras da natureza desta, está o Sr. Hermanny Filho, com a publicação dos seus trabalhos, prestando inestimável serviço à cinofilia brasileira, que de tempos para cá, vale assinalar com satisfação, vem-se desenvolvendo magnìficamente, sobretudo no Distrito Federal e em São Paulo.

O livro aborda os temas mais variados dentro da especialidade, indo dos simples e judiciosos conselhos ao candidato à aquisição de um cão — e todos nós o somos em potencial — até o registro e à crônica de todos os fatos que se passam no mundo canino, para os quais o comentário esclarecido e a crítica elevada e serena do autor, trazem sempre valiosa contribuição, servindo, em derradeira análise, aos interêsses do "melhor amigo do homem".



Prefácio do livro *O cão, nosso melhor amigo* (1957).



O CÃO, NOSSO MELHOR AMIGO

Dedicatória de Luiz Hermanny Filho à [?] Mesquita.



6 LUIZ HERMANNY FILHO

jous tanto nos caminhos bons como em terrenos acidentados — nobre raça por nós introduzida no Brasil desde 1937.

Com nossos bons amigos CHICO e CHICA

Mas não somente em passeios nos deram prazer os nossos cavalos. Também em nossa vida esportiva tivemos sua prestimosa e incansável colaboração. Por isso — que nos perdoem os leitores a vaidade — focalizamos nestas páginas alguns flagrantes de diversos concursos que disputamos na pista do antigo

Foto de Hermanny Filho com os macacos-barrigudos Chico e Chica (Hermanny, 1957, p.8). A espécie *Lagothrix lagotricha* é endêmica da Amazônia ocidental.

TERRA BRASILIS, TERRA PAPAGALLI
CURIOSIDADES SOBRE A REPRESENTAÇÃO *E VALORIZAÇÃO DA NATUREZA*

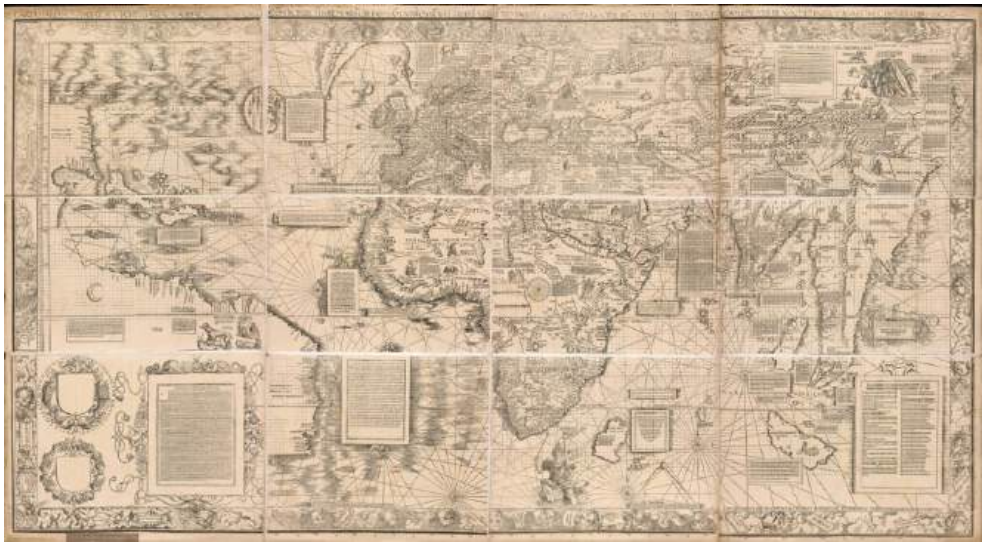
Esta é a carta da região do grande Brasil,
a qual toca, pela parte ocidental, com as Antilhas do Rei de Castela.
Porém a gente dêste é de cor parda, brava e muito bárbara,
e alimenta-se de carne humana. Esta mesma gente serve-se
com suma habilidade do arco e das setas.
Aqui encontram-se papagaios versicolores, e outras inúmeras,
feras monstruosas, muitas espécies de macacos,
e nasce a árvore chamada brasil,
considerada boa para tingir as vestes de côr púrpura[61].

Lopo Homem (1497-1572)
Cartógrafo

Exórdio

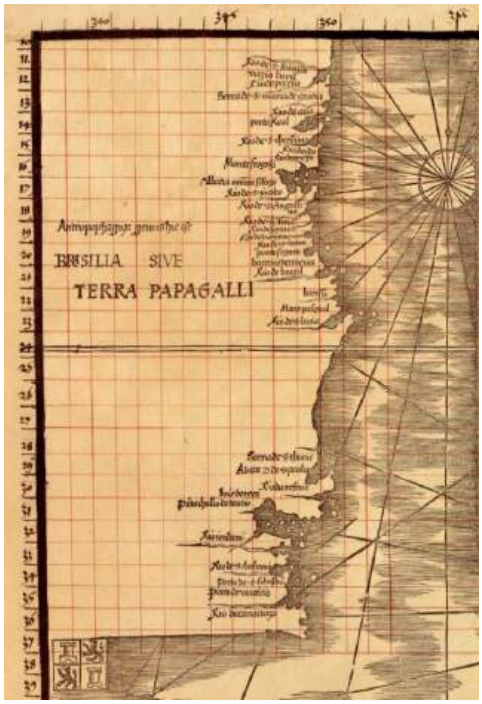
Chamou-se o país *Terra Brasilis* porque abundava em suas matas o pau-brasil — a *ibirapitanga* dos índios. [...] Vêm-se também [no mapa] papagaios e araras de diversas côres, assim como macacos, curiosidades apreciadas pelos europeus. [...] O pau-brasil é representado ao longo da costa da Mata Atlântica. [...] Duas bandeiras portuguesas, uma no norte e outra no sul, reivindicam para Portugal a soberania sobre a vasta zona intermediária. Também são representados os navios, naus e caravelas, perfeitamente diferenciados No interior do mapa avultam as iluminuras[62] — [...] a partir do século XVI são predominantemente vivas, dando a impressão de realidade, através principalmente da perfeição do desenho e da riqueza do colorido — figurando a população indígena do Brasil perfeitamente caracterizada, e animais como papagaios, araras, macacos e abundante vegetação representada pela árvore de pau-brasil, sua extração e transporte. Este se constitui no primeiro mapa onde aparece a representação do comércio português. [...] foi por causa do "pau de cor abrasada e vermelha" que o nome Brasil foi dado à terra descoberta, desalojando o de Terra de Santa Cruz — o que, para o franciscano [Frei Vicente], sinalizava o triunfo do diabo nas plagas desde então brasílicas. O fato é que o comércio do pau-brasil foi sem dúvida, a principal atividade econômica desenvolvida pelos portugueses nas terras descobertas por Cabral até cerca de 1530. Sua importância estava na tintura da madeira para manufaturas têxteis européias. [...] o papel dos índios foi fundamental no processo de exploração do pau-brasil, a começar pelo fato de que eram eles que cortavam a madeira e levavam para os navios. O trabalho era árduo considerando-se o tamanho das árvores, a espessura dos troncos e seu peso. Em troca desse serviço, os nativos recebiam facas, espelhos, miçangas, tesouras, agulhas, foices e, decerto, machados de ferro para cortarem os troncos (Biblioteca Nacional Digital Brasil, 2024)[63].

[61] (*Cortesão, 2022, p.293*). Tradução da legenda do mapa *Terra Brasilis*, do latim para o português, por Jaime Cortesão.
[62] sf. 1. Arte e técnica que remonta à Idade Média de ilustração de manuscritos com a pintura de letras, arabescos e figuras diversas. 2. A pintura realizada dessa forma. [F.: Do fr. enluminure] (Aulete Digital, 2024).
[63] Biblioteca Nacional Digital Brasil, 2024. Acesso em: 1 mar. 2024.



Carta marina navigatoria Portvgallen navigationes... elaborada pelo cartógrafo alemão Martin Waldseemüller (1470-1519) e por Johann Schöner (1477-1547), publicada em [Strasbourg, France?] em [1516][64].

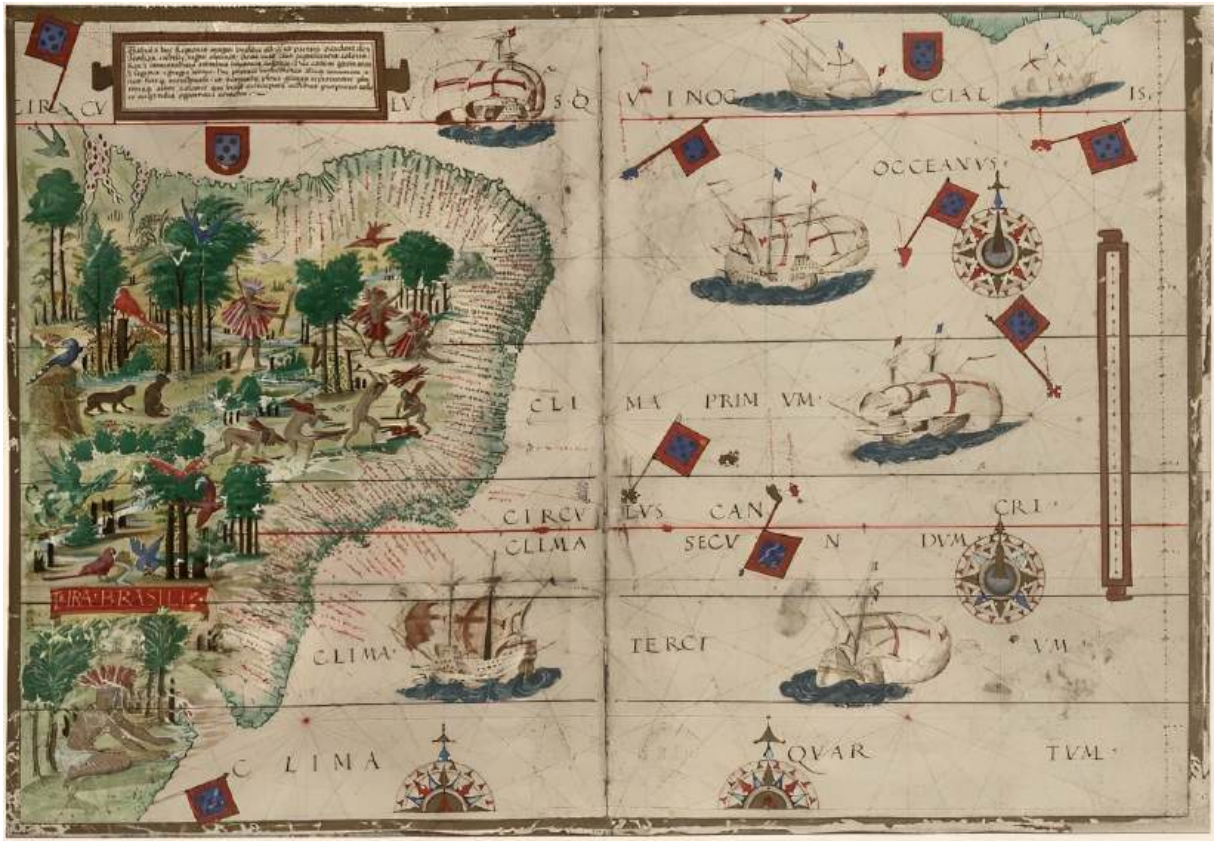
O mapa mostra a costa do Brasil e parte do Atlântico central, desde as duas largas aberturas do Amazonas até o Prata e ainda, parte da costa que se lhe segue ao sul. No topo do mapa há uma legenda característica da cartografia portuguesa do século XVI, que foi traduzida do latim para o português Jaime Cortesão em 1935. A legenda é uma característica da cartografia portuguesa do século XVI (Papavero, 2018).



Recorte da placa 10 da *Carta marina navigatoria...*[65].
A designação *Brasilia sive Terra Papagalli* surgiu na Carta Marina de Waldseemüller publicada em 1516. "Waldseemüller provavelmente leu a versão alemã de Montalboddo (1508), que lhe inspirou a expressão *Terra Papagalli*" (Papavero, 2018, p.43).

"E há muitas aves de muitos tipos, especialmente papagaios de muitas cores, entre os quais existem alguns grandes como galinhas e outras aves muito belas. Das penas das ditas aves fazem chapéus e barretes que usam" (Montalboddo, 1507 *apud* Papavero 2018, p.43)[66].

[64] Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Acesso em: 1 mar. 2024.
[65] Library of Congress Geography and Map Division Washington. Acesso em: 1 mar. 2024.
[66] Tradução de Teixeira & Papavero, 2006, p.58 *apud* Papavero 2018, p.



Mapa *Terra Brasilis* (1519)[67].

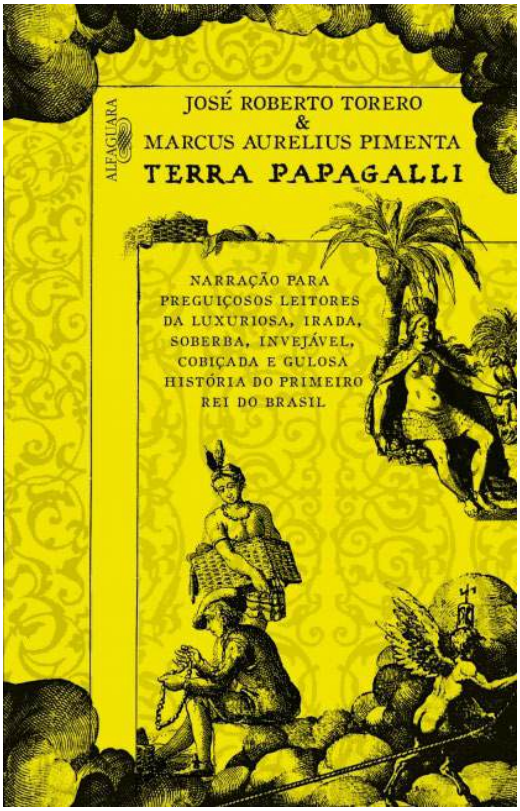


Detalhe do mapa *Terra Brasilis*. Extração e transporte do pau-brasil por indígenas.

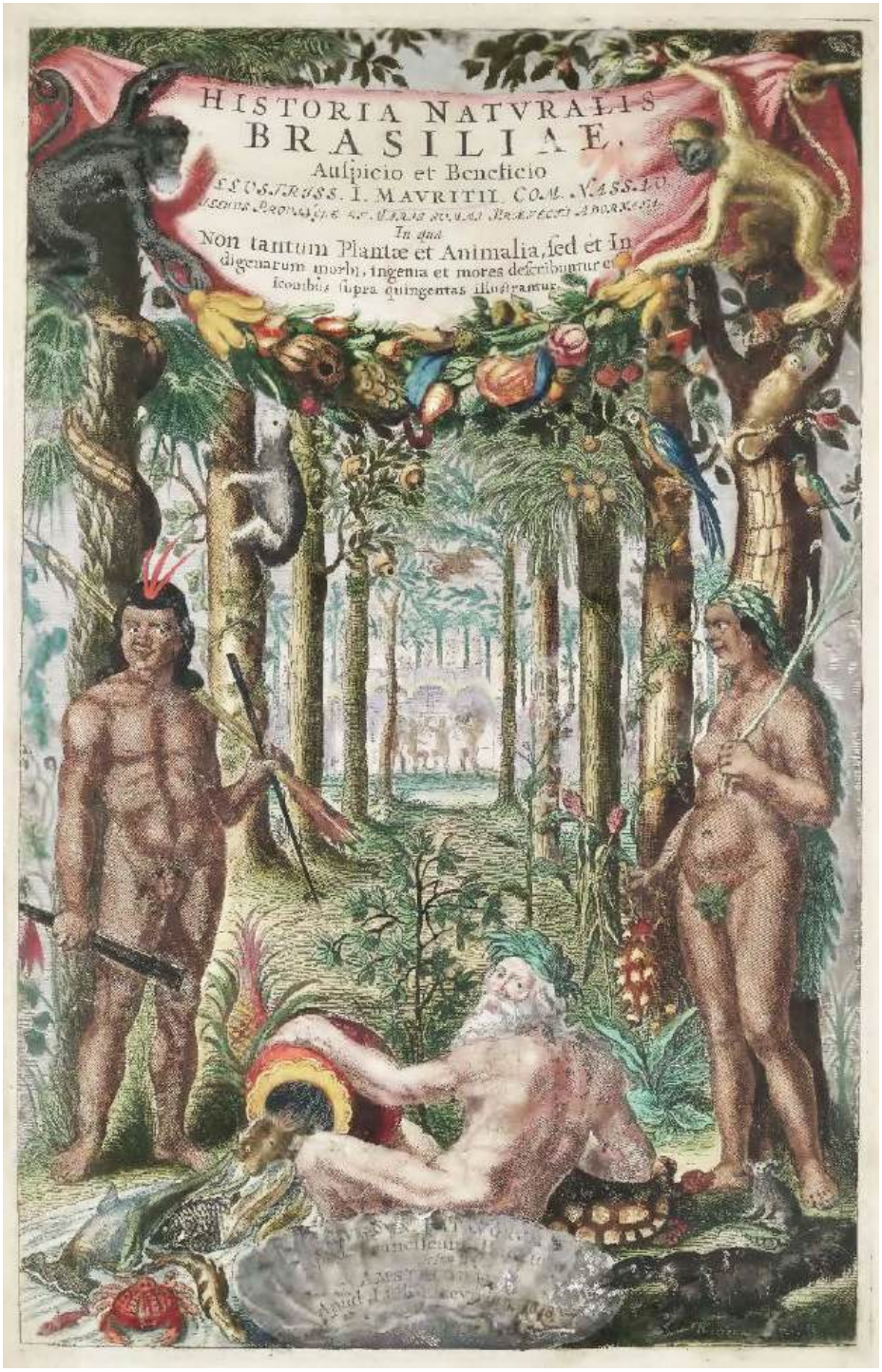
[67] O mapa, publicado em 1519, faz parte do *Atlas Miller* — também conhecido como Atlas Lopo Homem-Reineis —, ricamente ilustrado, incluindo uma dezena de cartas náuticas. O atlas é resultado do trabalho conjunto dos cartógrafos Lopo Homem (1497-1572), Pedro Reinel [ca.1462- ca.1542] e seu filho Jorge Reinel [ca.1502-1572], ilustrado pelo miniaturista António de Holanda [entre 1480 e 1500- entre 1553 e 1571]. O altas teria sido uma oferta de Dom Manuel I de Portugal (1469-1521) para Francisco I da França (1494-1547). Mapa *Terra Brasilis* em alta resolução disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/46/Brazil_16thc_map.jpg. Acesso em: 1 mar. 2024.



Detalhe do mapa *Terra Brasilis*.



"José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta têm uma produção literária marcadamente intertextual e paródica em que o humor aparece como uma categoria importante que imprime densidade crítica sob as máscaras do riso fácil. Os autores brasileiros trazem, em Terra Papagalli, uma paródia do Descobrimento do Brasil e dos primeiros anos da vida colonial, esfacelando as fragilidades da sua suposta coerência e verdade inscritas na história e, paralelamente, revelam cronologias superpostas que perfazem intermediações entre o passado e o presente" (Santos, 2012, p.8).



Capa de *Historia Naturalis Brasiliae* (1648)[68], primeira obra sobre a flora, a fauna e a etnologia brasileiras, que imortalizou o naturalista alemão Georg Marcgrave (1610-1644), publicada quatro anos após a morte do autor. A obra recebeu ajustes daquele que ficou responsável por fazer a sua revisão e publicação, Joannes de Laet (1581-1649).

[68] PISO, Willem [PISONIS, Guilielmi], MARGGRAF, Georg [MARCGRAVI, Georgi]. *Historia Naturalis Brasiliae: in qua non tantum plantæ et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et moresdescribuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Antwerpianus [Antuérpia]: Ioannes de Laet [Joannes de Laet], 1648, 300 p. Disponível em: https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/565. Acesso em: 2 mar. 2024.



Páginas ilustradas de *Historia Naturalis Brasiliae* (1648), capítulo *Historiae Plantarum*.



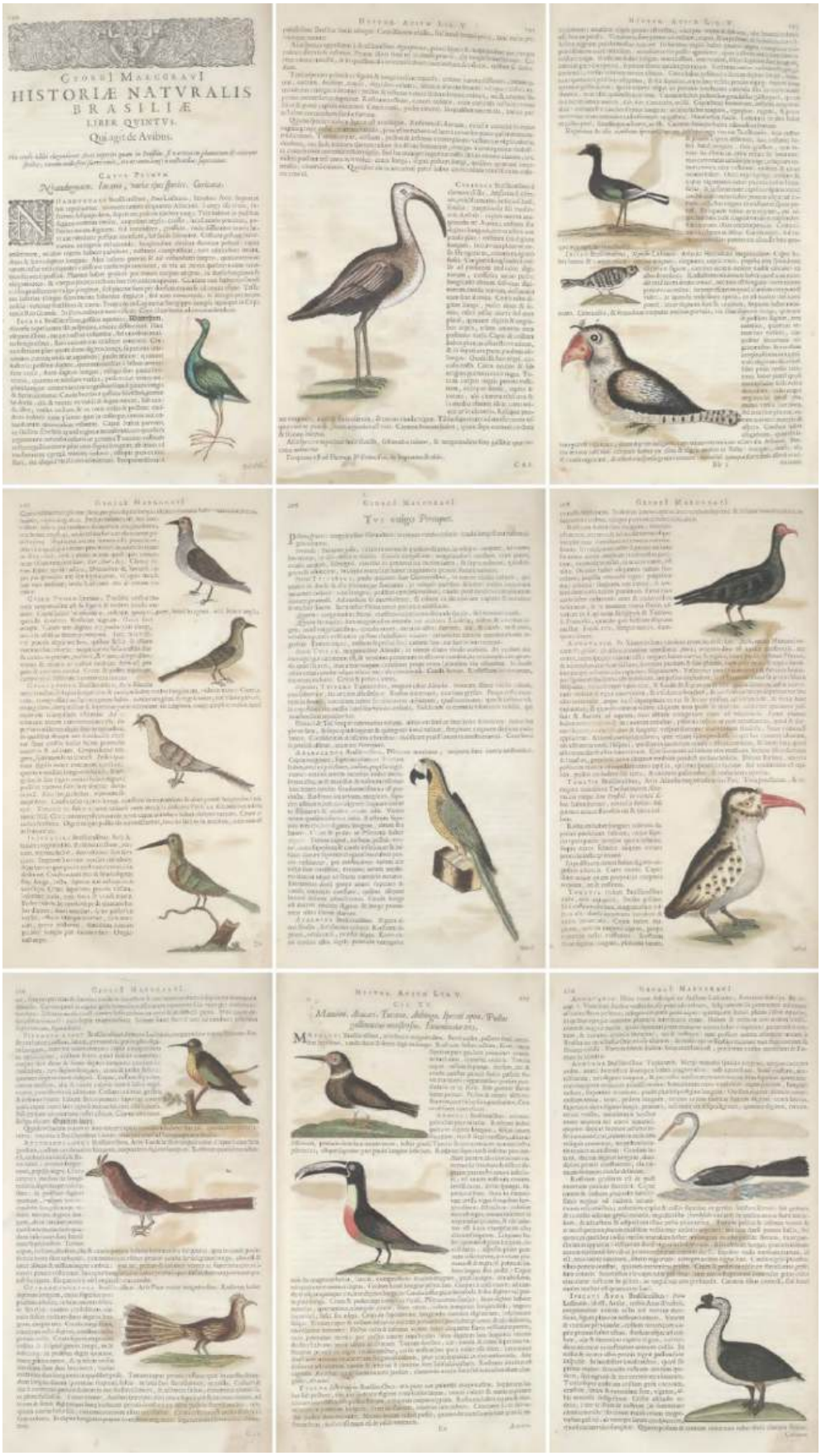
Maracujá, pitanga, [?], jaborandi, inhame e caju representados em *Historia Naturalis Brasiliae* (1648).

“Não se sabe como Marcgrave conseguiu ser incluído na comitiva de Nassau [Johann Moritz von Nassau-Siegen (1604-1679)], acredita-se que ele tenha conhecido Johannes de Laet [(1581-1649)], que, além de ser diretor da WIC [Companhia das Índias Ocidentais], era também um profundo conhecedor do Novo Mundo, ainda que por meio de relatos. Ele deve ter vislumbrado no jovem alemão um grande potencial e o incluiu na lista daqueles que viajariam ao Brasil na companhia do conde. Partiu da Holanda no dia primeiro de janeiro de 1638 e chegou ao Recife dois meses depois. Tudo indica que Marcgrave e seu colega Cralitz estariam encarregados dos estudos de botânica e zoologia do Novo Mundo. Durante a viagem, porém, seu colega vem a falecer, e ele passa a ter de realizar sozinho o trabalho que estava direcionado aos dois” (Florêncio, 2021)[69].

[69] FLORÊNCIO, Francisco de Assis. Tradução do texto de *Cibo et potu brasiliensium* de Jorge Marcgrave. Principia, Rio de Janeiro, n.41, p.33-43, 2021.



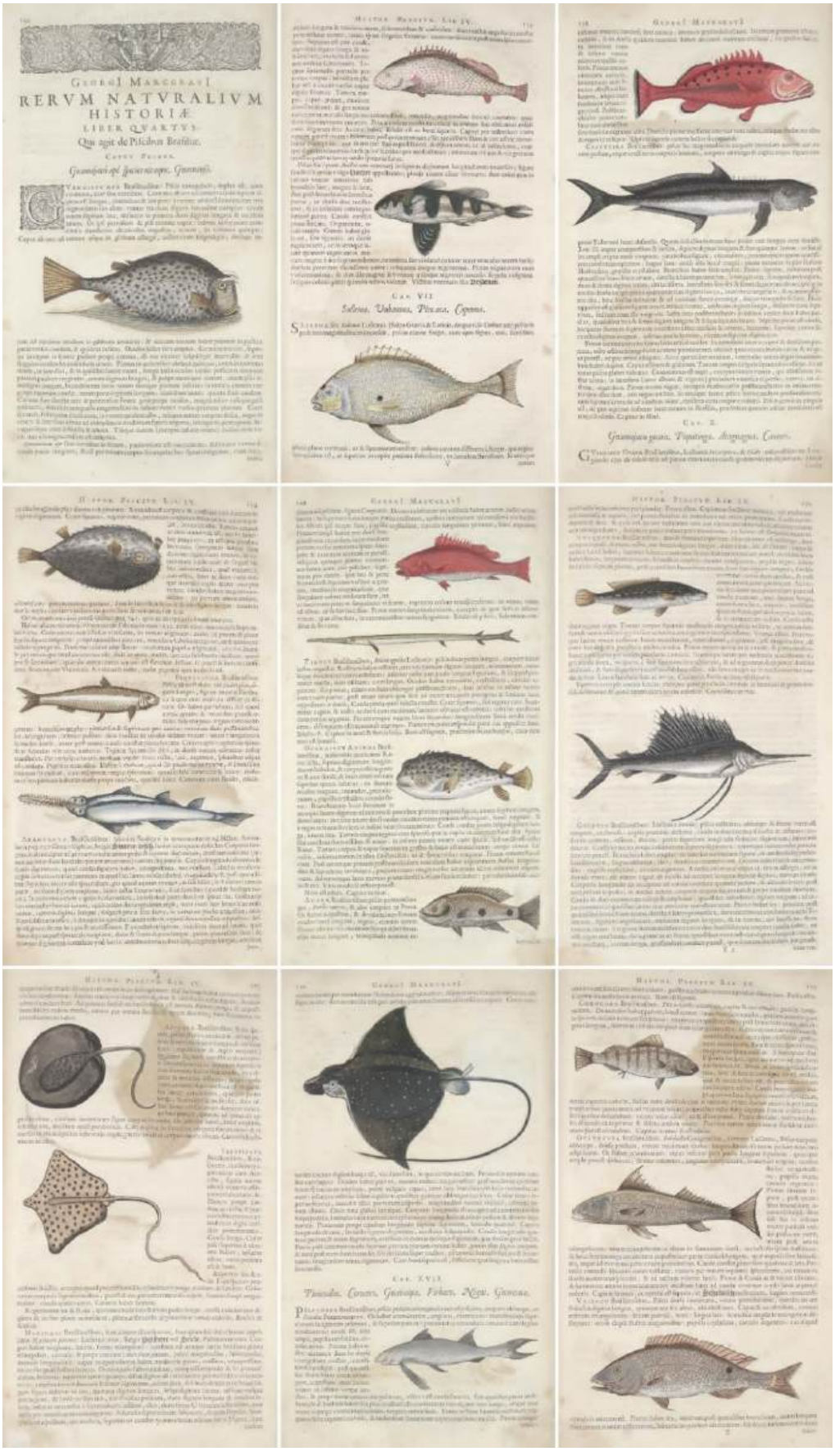
Páginas ilustradas de *Historia Naturalis Brasiliae* (1648), capítulo sobre quadrúpedes.



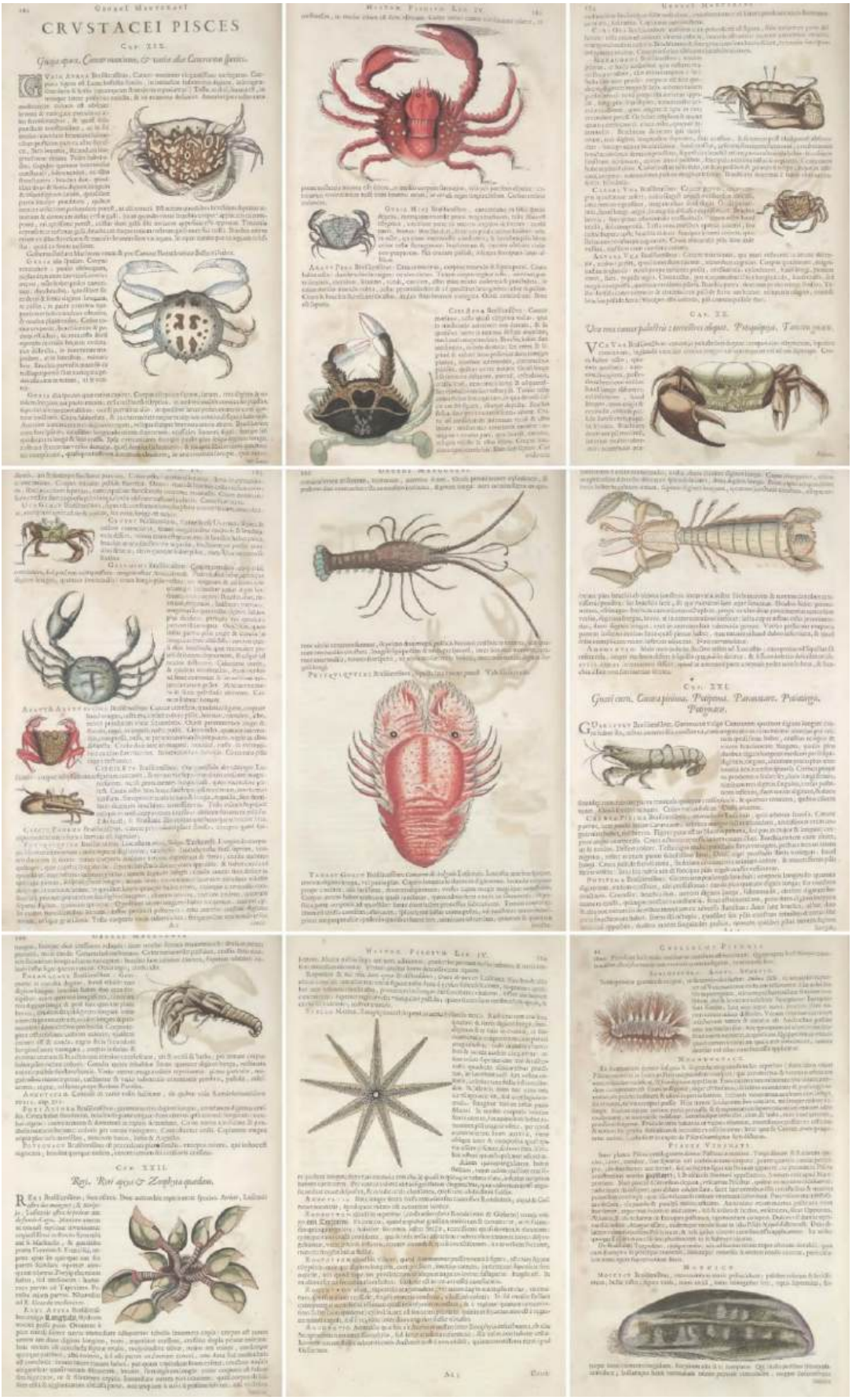
Páginas ilustradas de *Historia Naturalis Brasiliae* (1648), capítulo sobre aves.



Páginas ilustradas de *Historia Naturalis Brasiliae* (1648), serpentes, lagartos e um anuro.



Páginas ilustradas de *Historia Naturalis Brasiliae* (1648), capítulo sobre peixes.



Páginas ilustradas de *Historia Naturalis Brasiliae* (1648), crustáceos.



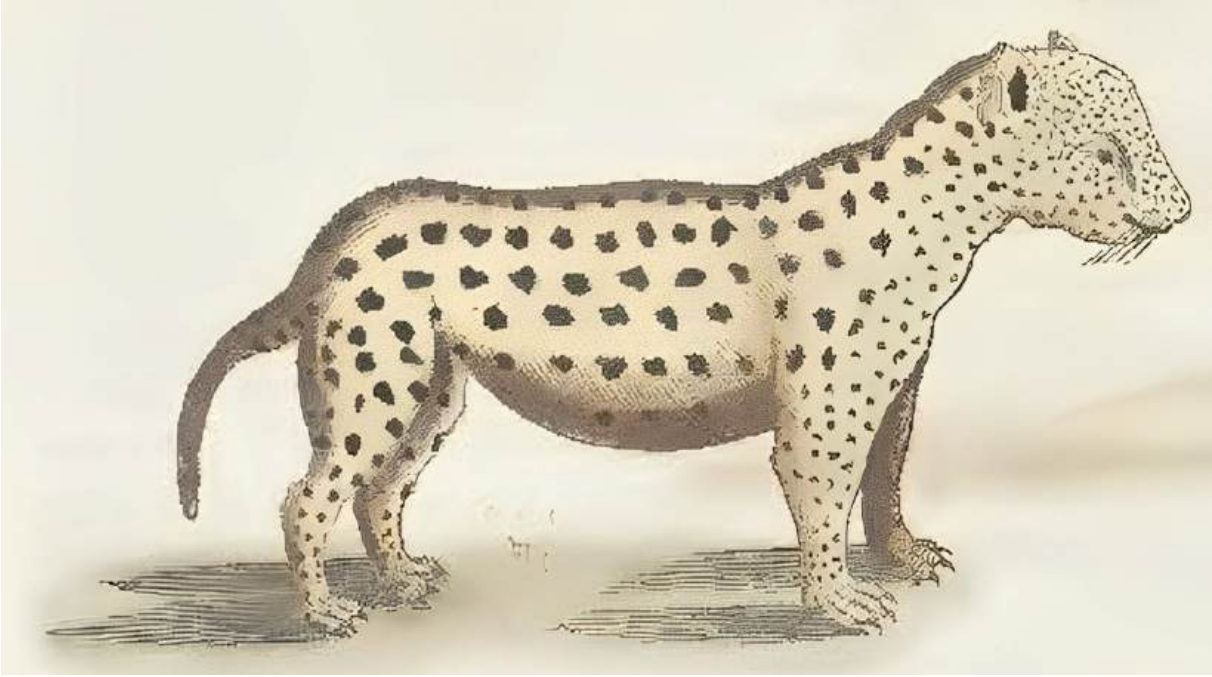
Páginas ilustradas de *Historia Naturalis Brasiliae* (1648), insetos.



Vista da ilha de Itamaracá no Brasil (1637), de Frans Post (1612- 1680), tinta a óleo 63,5 x 88,5 cm. Acervo do museu Mauritshuis. Frans Post foi um dos artistas que viajou ao Brasil com Johan Maurits [João Maurício de Nassau-Siegen] (1604-1679) — contratado pela Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais (WIC), em 1636, para administrar os domínios por ela conquistados na região Nordeste do Brasil. “Esta paisagem com vista para a ilha de Itamaracá é a primeira pintura de Post e a primeira que um pintor europeu fez do Brasil. [Na cena] Quatro homens estão à beira da água: dois portugueses e dois africanos escravizados. A presença deles faz da pintura mais do que uma simples paisagem brasileira – Post inadvertidamente nos mostra que a desigualdade entre preto e branco estava ligada à cor da pele. O trabalho árduo e perigoso nas plantações de cana-de-açúcar e nos engenhos de açúcar era feito por homens, mulheres e crianças trazidos da África. Eles foram colocados para trabalhar como escravos. Não vemos praticamente nada do lado bruto de suas vidas nas pinturas de Post. Estes mostram principalmente uma imagem idílica da colônia”.

Paisagem brasileira (1667), de Frans Post (1612- 1680), tinta a óleo 50 x 69 cm. Acervo do museu Mauritshuis.

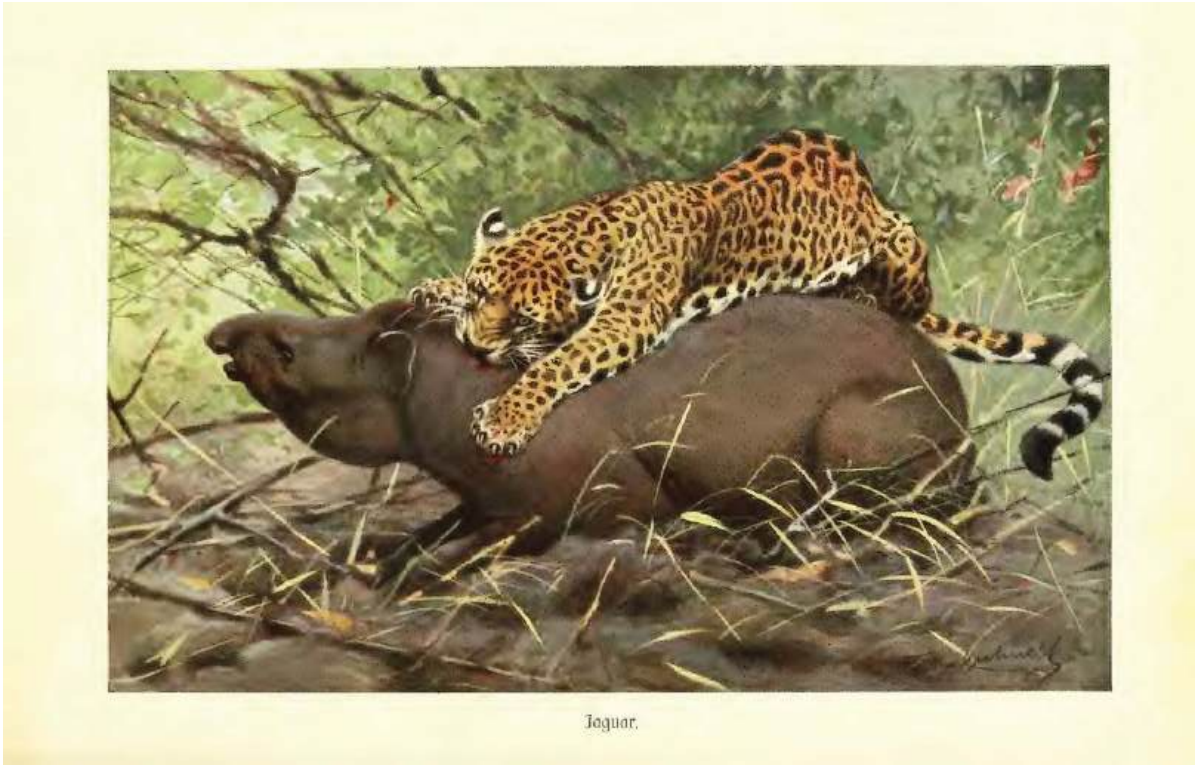




Onça-pintada retratada em *Historia Naturalis Brasiliae* (1648).



Jaguar *Panthera onca*. Ilustração de Charles Dessalines d'Orbigny (1806-1876), publicada no *Dictionnaire universel d'histoire naturelle* (1846).



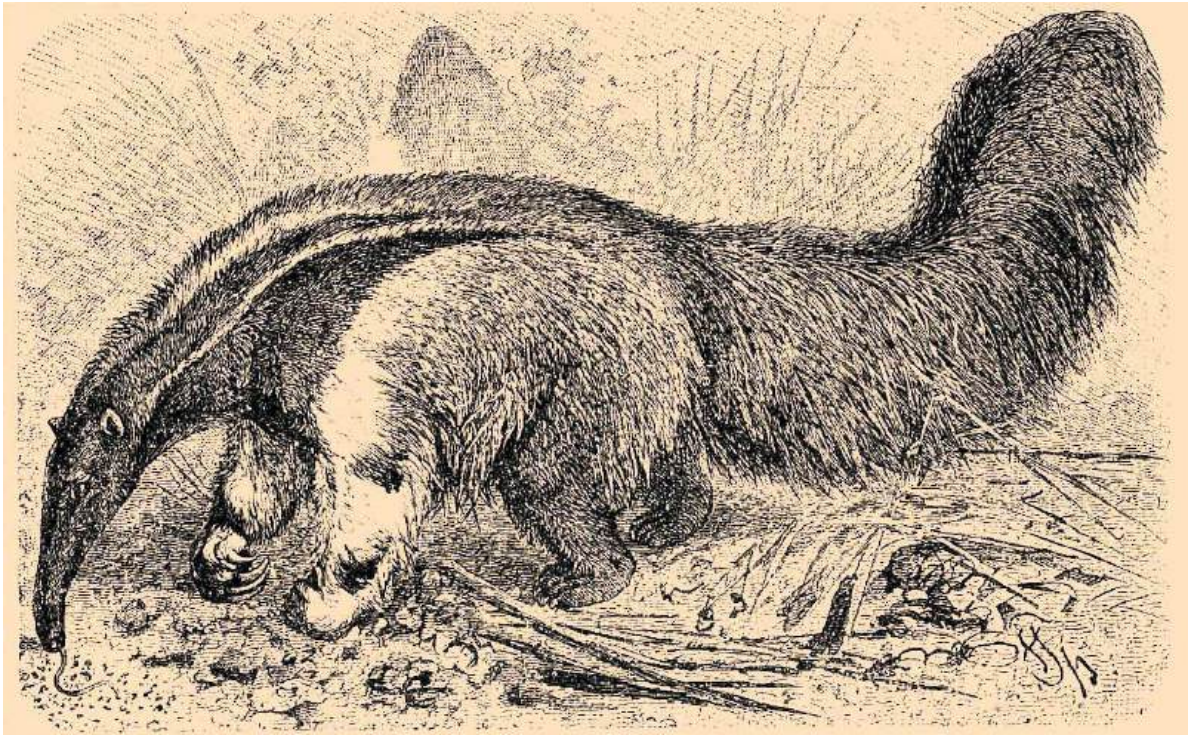
Onça-pintada *Panthera onca* predando anta *Tapirus terrestris*. Pintura estampada na obra Brehms Tierleben. Allgemeine kunde des Tierreichs (1911) [A vida animal de Brehm. Conhecimento geral do reino animal], de Alfred Edmund Brehm (1829-1884).



Lobo-guará *Chrysocyon brachyurus*. Imagem publicada em LIDTH DE JEUDE, Theodoor Gerard van (1788-1863) *et al*. *Canis jubatus* - 1834. In: Iconographia Zoologica [ca.1600-ca.1900] (Special Collections University of Amsterdam).



Cuíca d'água *Chironectes minimus*, por Friedrich Specht (1839–1909), pintor e ilustrador de história natural alemão. Ilustração publicada em *Brehms Tierleben*, Small Edition (1927).



Tamanduá-bandeira *Myrmecophaga tridactyla*, por Friedrich Specht (1839-1909), desenho publicado no *Dicionário Enciclopédico Brockhaus e Efron* (em russo: Энциклопедический словарь Брокгауза и Ефрона), publicado no Império Russo entre 1890-1907. Specht forneceu ilustrações de animais e paisagens para um grande número de publicações sobre zoologia e veterinária.

Dentes cruéis

"Os dois animais mostram um ao outro seus dentes cruéis. Isto é o que as tartarugas [jabutis] machos fazem durante a época de acasalamento [sopram uns nos outros de forma ameaçadora]. Quase dá para ouvir o assobio dos lutadores. Mas os animais são menos perigosos do que parecem, porque as tartarugas na vida real não têm dentes. Aparentemente, Eckhout queria torná-los um pouco mais emocionantes do que realmente são [dando a eles dentes que não fazem parte da anatomia dos jabutis]".



Estudo de duas tartarugas brasileiras, de Albert Eckhout (1610-1655)[70], pintadas no papel 30,5 x 51 cm. Acervo do museu Mauritshuis (em português, Casa de Maurício).



Ilustrações da fauna brasileira de Albert Eckhout.

[70] Albert Eckhout, desenhista e pintor holandês, foi um dos artistas da comitiva de Johan Maurits [João Maurício de Nassau-Siegen] (1604-1679) — contratado pela Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais (WIC), em 1636, para administrar os domínios por ela conquistados na região Nordeste do Brasil. Eckhout registrou a população, a flora e a fauna brasileiras em desenhos e pinturas, como esses dois jabutis-piranga *Chelonoidis carbonária* com cabeças escamosas, cascos com linhas geométricas e bocas cheias de dentes afiados.

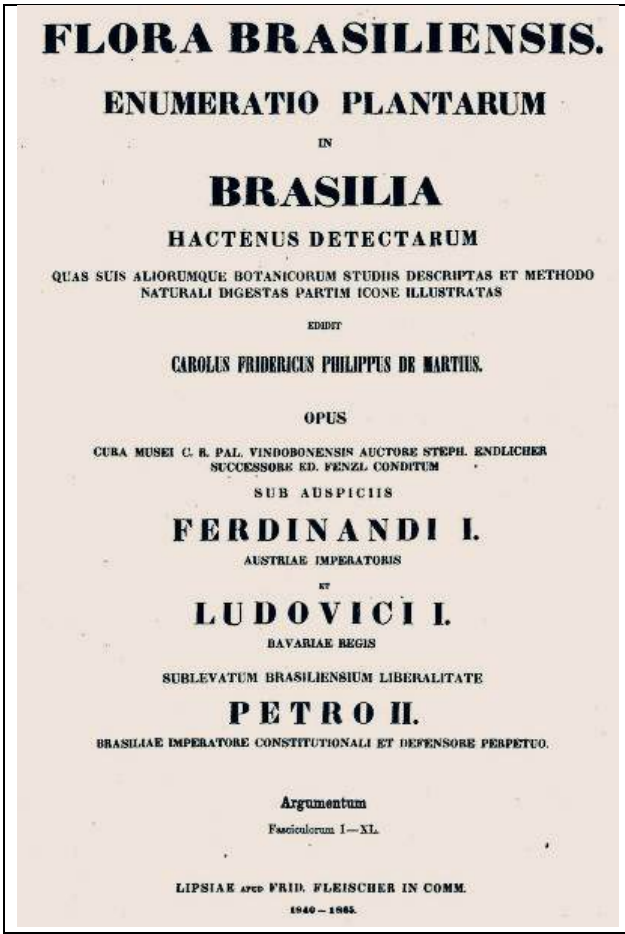


Reproduções das pinturas de aves tropicais existentes no castelo Hoflössnitz, na Saxônia, que integram a publicação *Birds of Brazil* (1970), de Albert Eckhout, publicado pela Editora Agir, contendo 20 pranchas.



Fotografia do teto da sala principal do Castelo de Hoflössnitz, palacete erguido entre 1648 e 1650 na localidade de Radebeul, próxima a cidade de Dresden, Alemanha. O teto é adornado com oitenta óleos (90 x 75 cm) de aves tropicais de Eckhout; seis das pinturas apresentam diferentes tamanhos, adaptando-se aos recortes arquitetônicos do salão (Teixeira, 2009)[71].

[71] TEIXEIRA, Dante Martins. Os quadros de aves tropicais do Castelo de Hoflössnitz na Saxônia e Albert Eckhout (ca. 1610-1666), artista do Brasil Holandês. *Rev. Instituto de Estudos Brasileiros*, n.49, p.67-90, 2009.



FLORA BRASILIENSIS.

ENUMERATIO PLANTARUM

IN

BRASILIA

HACTENUS DETECTARUM

QUAS SUIS ALIORUMQUE BOTANICORUM STUDIIS DESCRIPTAS ET METHODO NATURALI DIGESTAS PARTIM ICONE ILLUSTRATAS

EDIDIT

CAROLUS FRIDERICUS PHILIPPUS DE MARTIUS.

OPUS

CURA MUSEI C. R. PAL. VINDOBONENSIS AUCTORE STEPH. ENDLICHER SUCCESSORE ED. FENZL CONDITUM

SUB AUSPICIIS

FERDINANDI I.

AUSTRIAE IMPERATORIS

ET

LUDOVICI I.

BAVARIAE REGIS

SUBLEVATUM BRASILIENSIUM LIBERALITATE

PETRO II.

BRASILIAE IMPERATORE CONSTITUTIONALI ET DEFENSORE PERPETUO.

Argumentum

Fasciculorum I—XL.

LIPSIAE apud FRID. FLEISCHER IN COMM.

1840—1865.

A *Flora brasiliensis* foi produzida entre 1840 e 1906 pelos editores Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), August Wilhelm Eichler (1839-1887) e Ignatz Urban (1848-1931), com a participação de 65 especialistas de vários países. A obra apresenta registros de 22.767 espécies, a maioria de angiospermas (subdivisão do Reino Vegetal que compreende as plantas floríferas) brasileiras, reunidos em 15 volumes, divididos em 40 partes, com um total de 10.367 páginas[72].

A digitalização das imagens, em alta resolução, ficou sob a responsabilidade do Jardim Botânico de Missouri. A revisão e atualização dos nomes das plantas ficou sob a coordenação do Departamento de Botânica do Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

Folha de rosto[73] de *Flora Brasiliensis, enumeratio plantarum in Brasilia hactenus detectarum :quas suis aliorumque botanicorum studiis descriptas et methodo naturali digestas partim icone illustratas.*



Cultura de café *Coffea sp* nas Serras dos Órgão. Vol. I, Part I, Prancha 44, Publicado em 1906. Classificação segundo a *Flora brasiliensis*.

[72] A obra completa está disponível em: http://florabrasiliensis.cria.org.br/index. Acesso em: 1 mar. 2024.

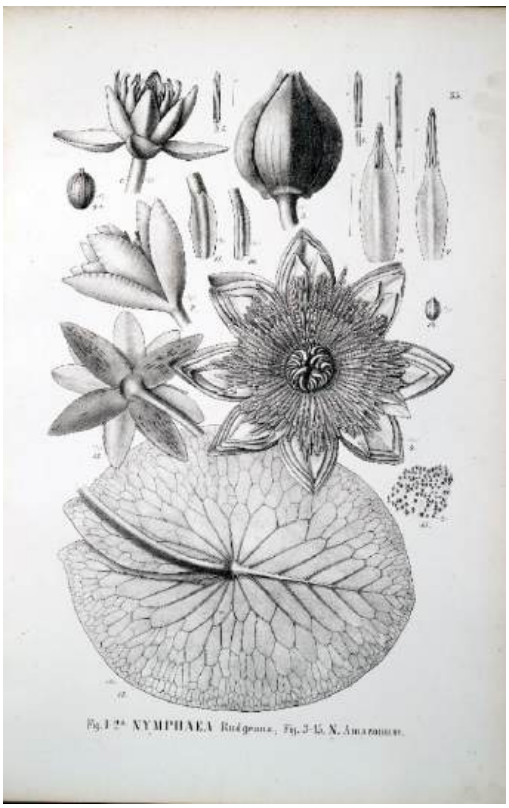
[73] Disponível em: https://www.biodiversitylibrary.org/item/9629#page/2/mode/1up. Acesso em: 1 mar. 2024.



Litogravura de *Calliandra longipes*.



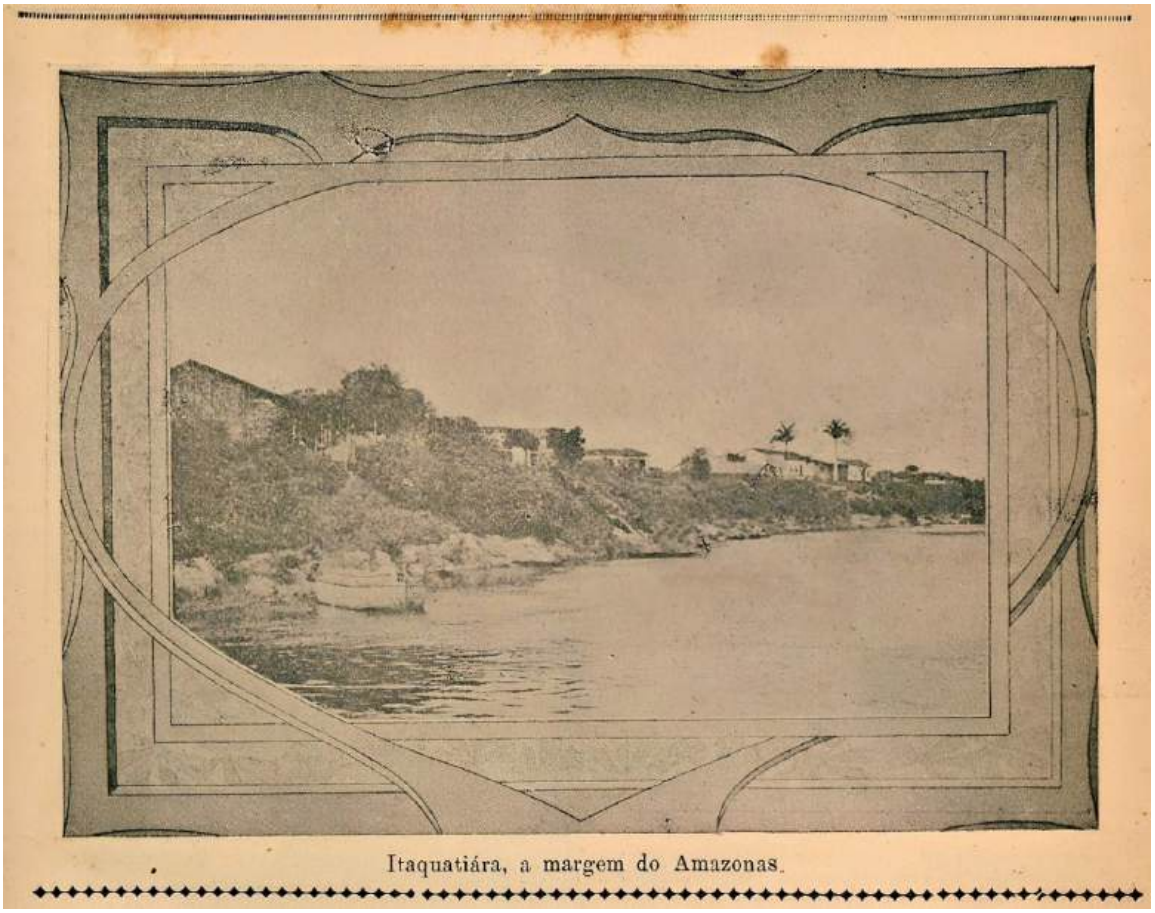
Litogravura de *Paepalanthus brasiliensis*.



Litogravura de *Nymphaea amazonum.*



Litogravura de *Zygopetalum mackayi*.



Itaquatiára, a margem do Amazonas.

"E, dos Estados do Brasil, o Amazonas é então o que mais se resente do que vimos apontando. E', por assim dizer, o grande desconhecido na União. Estado longínquo, limitrophe com paizes estrangeiros, no Norte quasi ignorado, cerca-o apenas, como sombra apavorante ás suas bellezas inegualaveis, uma lenda phantastica feita de invejas e intrigas, tecidas com injustiças flagrantes e despeitos extravasados. O Amazonas é bem o supremo calumniado neste Brazil diffamado. Estado rico, prospero e feliz, tendo vida propria accentuada, dia a dia, foi do paiz o que mais lucrou com a proclamação da Republica. Data dahi toda a sua evolução, todo o seu progredir espantoso. Não cabe nos estreitos limites d'esta noticia, uma monographia do Amazonas. Dahi não falarmos na sua natureza surprehendente, na sua flora e na sua fauna, já cantada pelos Humboldts e Agassiz. O rio mar já mereceu, de exploradores e de poetas, paginas dum brilhantismo raro e duma verdade empolgante. Eu não sei se rio mais cheio de maravilhas e riquezas inexploradas, bordadas as suas margens de florestas interminaveis com todas as escalas do verde, cheias as suas mattas de aves variegadas e de fructos saborosos e no seu bôjo, ainda quasi virgem. a gomma elastica, que é a fortuna destas paragens immensas. Como um traço de poesia, á noite milhões de pyrilampos crivando de luz as florestas gransiosas, e de dia bandos de borboletas douradas pintalgando de ouro as margens calmas do mar doce..."

(Raul de Azevedo[74] *apud* Revista do Brasil, Bahia, n.3, 1908, p.36).

[74] O maranhense Raul de Azevedo (1875-1957), servidor público, viveu boa parte de sua vida no Amazonas, onde foi Secretário do Governo, Secretário de Estado, Diretor da Biblioteca Pública e Deputado Estadual. Romancista, cronista, contista, teatrólogo e jornalista, sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e efetivo da Academia Amazonense de Letras. Na Academia Maranhense de Letras, foi o primeiro sócio correspondente. Acesso em: 1 mar. 2024.

Protecção ao sapo--O papel desse animal como auxiliar do combate aos insectos nocivos.

«Agora que a defesa natural da agricultura, vai, felizmente, merecendo alguma attenção entre nós, vale a pena lembrar uma especie animal utilissima, da qual o homem póde tirar proveitos inestimaveis—o sapo.

O sapo é um bicho muito util e incansavel na caça aos inimigos da agricultura. A natureza foi, porém, pouco generosa para com elle, dando-lhe aquella conformação exterior tão em desaccôrdo com as suas virtudes. Por isso, é um animal feio e essa feiura tem valido para que sobre elle se edificasse toda uma immensa collecção de absurdos preconceitos, os responsaveis pela perseguição continua e cruel que soffre da parte do povo ignorante.

O sapo é realmente um animal muito feio. Mas, o que ninguem póde contestar é que seja elle muitas vezes mais util do que feio! Aliás, não serão poucos os leitores aos quaes já tenha acudido, em horas de reflexão, a mesma idéa: si se protegem os passaros por serem uteis á agricultura, porque não haverá tambem leis protegendo os sapos, já que estes são tão uteis como aquelles?

Assim deveria ser e não só para com esta, mas com todas as especies uteis. E' tempo de se iniciar, em toda parte uma campanha pela sua defeza. E dado o papel que no seio dellas cabe ao sapo, deveria ser elle o mais visado pela protecção, ainda mais por causa dos preconceitos que a seu respeito ainda imperam, constituindo tremendo embaraço á sua livre procreação. Contra este mal de difficil cura, parece que só a educação, pela divulgação da biologia do sapo, poderá ser efficaz. Por isso vamos, sem a pretenção de dizer muito a respeito do sympathico amigo do homem, resumir aqui noções que os professores primarios poderão utilizar para transmittil-as aos seus alumnos e com

Revista *Lavoura e Criação*, n.9, 1929, p.139, artigo sem autoria.

Neste artigo, E.S. cita cientistas e instituições de pesquisa, e apresenta o conceito do que atualemnte é conhecido como Serviços Ambientais (O Campo, n.126, 1940, p.58).



58 O CAMPO JUNHO 1940

O combate biologico contra as pragas das plantas cultivadas

— EURICO SANTOS —

Um naturalista francês assegura que 10 annos após a extinção da ultima ave, o homem, não obstante os recursos da ciencia, não poderá disputar aos insectos o dominio da Terra.

Na realidade terá o homem, ao partilha da Terra, ensejo de enfrentar e vencer as grandes feras, como aquelle formidavel dinossauro conhecido, o "Tyrannosaurus rex" por exemplo, que segundo a descripção dos paleontologistas devia ter o aspecto dum carro de assalto, um "tank", vivo e enraivado.

Sabiá

Mas se póde luctar com tão aguerridos elementos, até hoje não conseguiu vencer os insectos pequeninos.

São esses pequenos seres que até agora, victoriosos, desafiadamente a luta constante, reivindicando o posto que, por direito natural, lhes cabe, no planeta.

A ferocidade com que lutam devem-na em grande parte, a sua maravilhosa organização estructural; a superioridade evidente do esqueleto externo, constituido de uma substancia protegente, o quitino e a vida a sua qual sempre fantastica e incrivel fecundidade de se reproduzirem.

Além destas vantagens gozam elles, em alto gráu, de miraculoso poder de adaptação.

Em toda parte, por onde volvemos os olhos, ha ambiente propicio á vida dos insetos e em todas as materias algumas especies encontrem sempre o que se utilisar para viver.

Temos exemplos vulgares dentro de nossas casas, onde vemos as baratas que comem todos os cáscos que os filhos deixaram, os traças que vivem de papel e pannos, e os chamados escaravelhos dos droguistas, que habitam o ambiente das farmacias, comendo desde a cêra de velas ás misturas dos xaropinhos, não se fazendo de rogados para devorar até insecticidas.

Ha insetos que possuem mandibulas tão fortes que com elas perfuram canos e canos de chumbo, e outros metaes, até de grande riqueza, como crisolite dos folheres, laminas metallicas, zinco, etc.

Aqui no Brasil, nas cidades do Recife, Belo e Victoria, os tubos de chumbo, conductores de electricidade, são atacados por um coleoptero.

Noutras partes do mundo, no Panamá, no Equador, na Australia, certos coleopteros causam damos de vulto de energia electrica e no America do Norte chegam a ser os flutuveis.

Insetos que veiculam doenças terriveis, que atacam os vegetais nos campos e nos tulhos, productos manufacturados da industria animal e vegetal, os que deveram pannos, foram chorutos, destruem madeiras, e se banqueteiam nas bibliotecas, digerindo durmes intragaveis e ciencias indigestas, todos já conhecem.

E assim, de fórmas muito variadas e não obstante os valiosos recursos da ciencia, os insetos causam enormes prejuizos ao homem, destruindo tudo.

Howard, valendo-se duma estatistica de Marlatt, calculou em dois bilhões e duzentos milhões os prejuizos causados pelos insetos á agricultura norte-americana actualmente.

Numas considerações a tal proposito A. Q. Martins, do Instituto Biologico de S. Paulo, diz que não é exagerado avaliar em 5 por cento os prejuizos causados á lavoura, por pragas e doenças.

Acceito esse percentagem e verificado que neste producto do anno foi em 1934-1935 de 2.525.134.5965500, os prejuizos causados por parasitos só neste cultura vão a 126.267.2295825.

A broca do café, se não fosse sustada o seu curso, estragando 25 por cento occasionaria o prejuizo de 326.978.710$200, calculado sobre a producção de 1934-35.

Movido uma vez de minha, e verificando nela os estragos do bicharia, estraga esse restado nos milhares de cousa todo o país, A. D. Martini chegou á conclusão que, no mesmo o bicharia estraga mas pés de cada 100 e se a producção ultimo do milho foi de 22.750.144 sacos, no valor de .... 227.501.440$00 (saco a 10$000) só este bicharia deu-nos um prejuizo de 6.825.043$200.

Ora são as aves o grandemente os passaros o poderoso exercito encarregado de evitar as expansões colonizadoras do mundo dos insetos, ás suas reivindicações imperialistas, pois, segundo deve constar dos archivos das rochas multimilenarias, de paleozoico, elles foram os donos primitivos da terra.

Nessa guerra surda, tenaz, por vezes invisivel, mas que não cessa nem de noite, são as aves os nossos melhores aliados.

E' preciso pensar que 19 vigesimos das aves — diz Toussenel, "estão encarregadas de destruir semestes prejudiciais, animaes devastadores e insetos nocivos, os

Sciricora

quaes aniquilariam todo o trabalho do homem, tal seu poder de reproducção, se para contrariar aquella obra de destruição não tivessemos as aves e não possuissem essas a necessidade de devorar incessantemente".

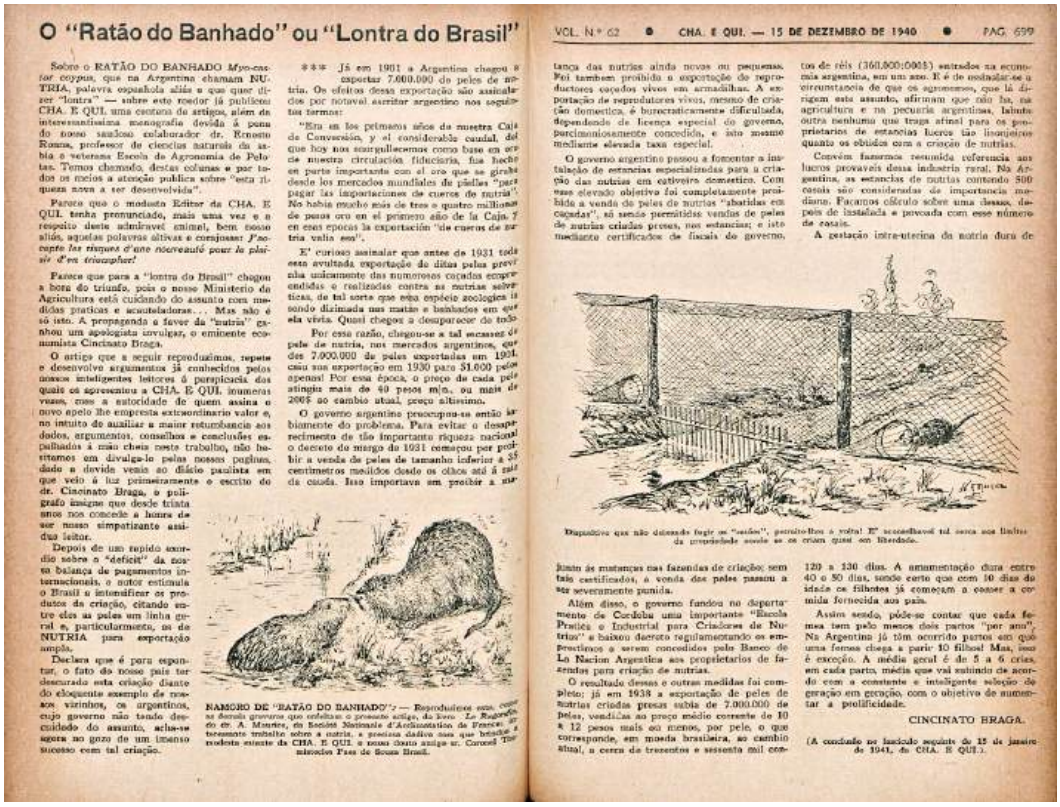
Cada ave tem uma tarefa e a sua especialização.

Umas caçam á noitinha, como bucaraus e curiangos, outras bem mais para noite como as corujas, umas vivem nas mattas fechadas, alimentando o solo, revirando a folhada, essas no subsolo, aquellas nos troncos, e ainda aquellas nos campos das graças.

Ha as especies que frequentam os canaes, os pomares e as hortas, vindo mesmo os jardins, familiarmente, na intimidade do homem, como o sabiá, o bem-te-vi e o joão-de-barro são exemplos mais conhecidos.

As pastagens alimentares, saborosamente distribuidas, ainda mais concorrem para o extermino dos insetos nocivos.

Ha uma multidão de passaros que se especializaram em devorar formigas e todos os especies e como muito numerosas são as saúvas, tenda, naturalmente devastadores de roças, fazendas e sitios do citado especie.



O "Ratão do Banhado" ou "Lontra do Brasil"

Sobre o RATÃO DO BANHADO *Myocastor coypus*, que na Argentina chamam NUTRIA, palavra espanhola aliás a que quer dizer "lontra" — sobre esto roedor já publicou CHA. E QUI. uma centena de artigos, além da interessantissima monografia devida á penna do nosso saudoso collaborador dr. Ernesto Ronna, professor de sciencias naturaes da sabia e veterana Escola de Agronomia de Pelotas. Temos chamado, destas columnas e por todos os meios a attenção publica sobre "esta riqueza nova a ser desenvolvida".

Parece que o modesto Editor da CHA. E QUI. tenha pronunciado, mais uma vez e a respeito deste admiravel animal, bem nosso alliê, aquellas palavras altivas e consignare *J'accepte les risques d'une nouveauté pour le plaisir d'en triompher!*

Parece que para a "lontra do Brasil" chegou a hora do triunfo, pois o nosso Ministerio da Agricultura está cuidando do assunto com medidas praticas e acauteladoras... Mas não é só isto. A propaganda a favor da "nutria" ganhou um apologista invulgar, o eminente economista Cincinato Braga.

O artigo que a seguir reproduzimos, repete e desenvolve argumentos já conhecidos pelos nossos inteligentes leitores á perspicacia dos quaes os apresentou a CHA. E QUI. inumeras vezes, mas a autoridade de quem assina o novo apelo lhe empresta extraordinario valor e, no intuito de auxiliar a maior retumbancia aos dados, argumentos, conselhos e conclusões espalhados á mais cheia nesta trabalhos, não hesitamos em divulga-lo pelas nossas paginas, dado a devida venia ao diario paulista em que veio á luz primeiramente o escrito do dr. Cincinato Braga, o polygrafo insigne que desde trinta annos nos concede a honra de ser nosso sympathizante assiduo leitor.

Depois de um rapido exordio sobre o "deficit" da nossa balança de pagamentos internacionaes, o autor estimula o Brasil a intensificar os productos da criação, citando entre elles as peles um linha geral e, particularmente, as de NUTRIA para exportação ampla.

Declara que é para espantar, o facto de nosso paiz ter descurado esta criação diante do eloquente exemplo de nossos visinhos, os argentinos, cujo governo não tendo descuidado do assunto, acha-se agora no gozo de um immenso successo com tal criação.

*** Já em 1901 a Argentina chegou a exportar 7.000.000 de peles de nutria. Os effeitos dessa exportação são assignalados por notavel escriptor argentino nos seguintes termos:

"Era os los primeros años de nuestra Caja de Conversión, y el considerable caudal, del que hoy nos enorgullecemos como base en ora de nuestra circulación fiduciaria, fue hecho en parte importante con el oro que se giraba desde los mercados mundiales de pieles "para pagar las importaciones de cueros de nutria". No habia mucho más de tres o cuatro millones de pesos oro en el primero año de la Caja. Y en esas epocas la exportación "de cueros de nutria valia esto".

E' curioso assinalar que antes de 1931 toda essa avultada exportação de ditas pelas provinha unicamente das numerosas caçadas emprehendidas e realizadas contra as nutrias selvaticas, de tal sorte que essa especie zoologica ia sendo dizimada nas matas e banhados em que ella vivia. Quasi chegou a desaparecer de todo.

Por essa razão, chegou-se a tal escassez de pele de nutria, nos mercados argentinos, que de 7.000.000 de peles exportadas em 1901, caiu sua exportação em 1930 para 51.000 peles apenas! Por essa época, o preço de cada pele attingiu mais de 40 pesos m/n., ou mais de 200$ ao cambio atual, preço altissimo.

O governo argentino preoccupou-se então seriamente do problema. Para evitar o desapparecimento de tão importante riqueza nacional o decreto de março de 1931 começou por prohibir a venda de peles de tamanho inferior a 25 centimetros medidos desde os olhos até á raiz da cauda. Isso importava em prohibir a exportação das nutrias ainda novas ou pequenas. Foi tambem prohibida a exportação de reproductores cevados vivos em armadilhas. A exportação de reproductores vivos, mesmo de criação domestica, é burocraticamente difficultada, dependendo de licença especial do governo, parcimoniosamente concedida, e isto mesmo mediante elevada taxa especial.

O governo argentino passou a fomentar a installação de estancias especializadas para a criação das nutrias em cativeiro domestico. Com esse elevado objetivo foi completamente prohibida a venda de peles de nutrias "abatidas em cagadas", só sendo permittidas vendas de peles de nutrias criadas presas, nas estancias, e isto mediante certificados de fiscaes do governo, tanto das nutrias como dos filhotes.

Dispositivo que não deixando fugir os "ratões", permitte-lhes a volta! E' acccessivel tal cerca aos limites da propriedade sendo as ex criam quasi em liberdade.

Emfim ás mudanças nas fazendas de criação; sem taes certificados, a venda das peles passou a ser severamente punida.

Além disso, o governo fundou no departamento de Cordoba uma importante "Escola Pratica e Industrial para Criadores de Nutrias" e baixou decreto regulamentando os emprestimos a serem concedidos pelo Banco de La Nacion Argentina aos proprietarios de fazendas para criação de nutrias.

O resultado dessas e outras medidas foi completo: já em 1938 a exportação de peles de nutrias criadas presas subia de 7.000.000 de peles, vendidas ao preço medio corrente de 10 a 12 pesos mais ou menos, por pele, o que correspondia, em moeda brasileira, ao cambio atual, a cerca de trezentos e sessenta mil contos de réis (360.000:000$) entrados na economia argentina, em um anno. E é de assignalar-se a circumstancia de que os agricultores, que lá dirigem este assunto, affirmam que não ha, na agricultura e na pecuaria argentinas, labuta outra nenhuma que traga afinal para os proprietarios de estancias lucros tão lisonjeiros quanto os obtidos com a criação de nutrias.

Convém fazermos resumida referencia aos lucros provaveis dessa industria rural. Na Argentina, as estancias de nutrias contendo 500 casaes são consideradas de importancia mediana. Façamos calculo sobre uma dessas, depois de installada e provada com esse numero de casaes.

A gestação intra-uterina da nutria dura de 120 a 130 dias. A amamentação dura entre 40 e 50 dias, sendo certo que com 10 dias de idade os filhotes já começam a comer a comida fornecida aos paes.

Assim sendo, póde-se contar que cada femea tem pelo menos dois partos "por anno". Na Argentina já tem ocorrido partos em que uma femea chega a parir 10 filhos! Mas, isso é excepção. A média geral é de 5 a 6 crias, em cada parto, média que vai subindo de accordo com a constante e intelligente seleção de geração em geração, com o objetivo de augmentar a prolificidade.

CINCINATO BRAGA.

(A concluir no fasciculo seguinte de 15 de janeiro de 1941, da CHA. E QUI.).

NAMORO DE 'RATÃO DO BANHADO'? — Reproduzimos aqui, como as demais gravuras que ornam o presente artigo, do livro *Le Ragondin* do cel. A. Montes, da Société Nationale d'Acclimatation de France, o interessante trabalho sobre a nutria, a preciosa dadiva com que brinda o modesto amante da CHA. E QUI. o nosso caro amigo sr. Coronel Theophilo Paes de Sousa Brasil.

Artigo sobre o ratão-do-banhado, publicado em *Chacara e Quintaes*, v.62, n.6, 1940.



Vida e costumes da Preguiça, Bradypus tridactylus

A preguiça, ou bicho-preguiça, como o vulgo teralmente denomina este sorto originalissima de mamifero, é assim chamada pelo fato de ter o animal movimentos excessivamente lentos, como si estivesse mesmo possuido de enorme fadiga.

A denominação scientifica define bem o animal, já que ele de fato se locomove com uma vagarosidade e grudencia pasmosas, pelos galhos das arvores, onde busca as folhas tenras.

Jámais muda de um galho para outro se poderosas garras tan ganho sem experimentar primeiro a resistencia e as condições da arriscada transferencia...

Com a grande capacidade de que é dotado para locomover-se pelas ramadas, com a precaução das braçadas seguras, jamais tomba das altaroas francas onde balança e executa as suas nembarias sem o menor risco para a integridade fisica.

A preguiça é nimiamente docil. Sua fisionomia bem mostra quanto é meiga e inerme, do todo incapaz de agredir. Limita-se a soltar um lugubre silvo, que mais é um suspiro de alivio ou de dor do que mesmo uma demonstração de colera. A cabeça e o pescoço movem-se com grande facilidade para a frente, para os lados e para tras, permittindo-lhe inspecionar com pequeno esforço os logares pretendidos. Por outro lado, a disposição do pulso e das unhas permite-lhe abraçar o galho com tanta firmeza que só mesm voluntariamente dêle se despega.

Contam os caçadores que as preguiças, quando pressentidas pelos seus inimigos, e no impossibilidade absoluta de fugir, limitam-se a chorar, pendendo a cabeça e fechando compassivamente os olhos. Esse resignado e bom animal é indifferente ao ataque dos cães e tambem aos homens, em suas investidas pelas matas.

Nas derrubadas, á preguiça assiste, do alto das embuvas, o devastação dos seus dominios, com a indifferença estoica dos predestinados. Enquanto o resto da animalada toda abandona o florestr, a preguiça espera cair o seu trono para com êle cair tambem resignadamente, dignamente.

Docil e meigo animal, vive sempre isolado nas matas virgens. Uma ou outra vez é encontrado com o filhote a agarrar-lhe o flanco, como o fazem tambem os tamanduás e os macacos.

Aspecto geral de um locomover de PREGUIÇA *Bradypus tridactylus*. (Fotografia gentilmente enviada á CHA. E QUI. pela *New York Zoological Society*).

Ha uma verdadeira colação de ectoparasitos acoutados no seu pêlo felpudo e sêco, sendo de notar uma especie peculiar de artropodos anomuros, já estudados por Fiorio da Fonseca (*Amblyomma varium*), bem como baratas, traças e algas, que se fixam no emaranhado do pêlo ventral e ai prosperam.

Ocupemos, para finalizar, o que diz Goeldi sobre os inimigos desses epiginas inofensivos e o futuro sombrio que os aguarda si não houver, da parte dos governos, uma protegão eficiente dessas interessantes especies de mamiferos:

A PREGUIÇA mostrando, em sua plenitude, a cauda fidissima e os pedoncos musculos com as garras adunca.

"As preguiças vivem isoladas na mata densa, trepam cautelosas até o topo das embuvas (*Cecropia*) e congeneres, devoram os rebentos novos, as folhas tenras e tambem uma vez por outra saboream algum fruto silvestre. Em consequencia da estructura do corpo, seus movimentos não podem ser ainda um segurar e desengatar na parte inferior dos galhos, um rojar de corpo para diante ou para trás, para cima ou para baixo, que, ao trepar num tronco vertical, graças á força que faz no abdomen e as pernas que ficam muito apartadas uma da outra, lhes dá extraordinaria segurança; não podem andar por cima de qualquer galho horizontal, a maneira de outros quadrupedes."

O seu reconal, quasi imperceptivel, não accendoa ninguem, porque o animal não assume jámais attitude agressiva.

Os generos classificados são em número de tres, respectivamente: *Choloepus* — preguiças perfeitamente semelhantes á especie mais conhecida, diferindo dela por terem duas unhas nas patas dianteiras e tres nas traseiras; essas armas, que mais lhes servem para fixar-se ou pendurar-se nos galhos, são excessivamente utilizadas na defesa, pois, como já foi dito atrás, a preguiça é de indole passiva. O genero *Choloepus* é distribuido pela parte mais septentrional da America do Sul e zonas limitrofes do Brasil. *Choloepus didactylus* é a denominação scientifica desse desdentado, que chega a attingir setenta e cinco centimetros de comprimento; a côr predominante é bruno-acinzentada; cara preta; pelagem espessa e sêca como a das demais especies. O genero *Arctopithecus*, mais conhecido, do qual vamos tratar agora, enfecha os exemplares de tres garras adunca, dispostas de tal modo que permittem sustentar o animal por muitas horas nas mais esquisitas posições, como mostra a figura. O genero *Bradypus* decorrina os individuos de côr *cinzenta*, portadores, por vezes, de manchas mais claras, que se destacam, preferencialmente, na parte supero-posterior dorsal e membros inferiores. Toda o corpo da preguiça é coberto dessa lanta manta de pelos sécos de particular estructura, que lhe garantem um permanente agasalho para frio e chuvas. Como já dissemos, a côr cinzenta, por vezes com tons amarelados, veste todo o corpo macio do brádipo até os vigorosos pulsos; dos cantos dos olhos ao pescoço vê-se uma lista negra; a testa é branca. Esses caracteristicos lhe emprestam uma feição burlesca. Data venia, transcrevo aqui uma apanhado de notas do meu distinto amigo Paulo Sawaia sobre o preguiça, notas que muito poderão interessar aos estudiosos, pela idoneidade que o citado zoologo imprime nos seus trabalhos:

"Da familia *Bradypodidae*, o genero que mais frequentemente ocorre no Estado de S. Paulo é o *Bradypus*, do qual a especie mais encontradiça é a *tridactylus* (L.). Já tem sido capturada nos municipios visinhos da Capital, como sejam Santo Amaro, Mogy das Cruzes etc., sendo relativamente abundante no litoral do Estado (norte). Encontra-se na Baixada Fluminense o *Bradypus torquatus* e no norte do Brasil existe o *Choloepus hoffmani* (Pet.)

O *Bradypus tridactylus* é de côr acinzentada com manchas brancas. Os machos distinguem-se logo por uma mancha preta circundada por uma orla marron, com uma extensão de cerca de

Artigo sobre a preguiça, também publicado em *Chacara e Quintaes*, v.62, n.6, 1940.



Rio — Outubro de 1952 137

Marcha Nupcial

(Conclusão na página 151)

cias dela não me aparece. Há quanto tempo estou esperando! Vem ou não vem? Já me sinto mais nervoso do que devia estar. E o diabo! São os seus passos que ouço? É-la. Vai bater à porta.

— Entra!

— Com licença...

— Vem cá, Lúcia. Puxa aquela cadeira e senta-te aqui perto de mim.

Tem um belo corpo. Inexplorado. Cheio de segredos. Será meu.

— Que estavas fazendo?

— Arrumando a casa.

— Já terminaste?

— Já.

— Se não vieres ver-me, que irias fazer?

— Dormir.

— Estraguei-te a sésta.

— O não... Se eu imbesse que o senhor não se incomodava, viria conversar todas as tardes.

— Que prazer encontrar tão companhia de um homem como eu?

— Que modéstia, a sua! Gosto muito de ouvi-lo falar, acho o senhor tão diferente, não ser... tão original...

— Diferente de quem?

— Ora, dos outros.

— Qual nada, Lúcia. Minha existência, apenas, mais calma.

— Não sei o que é.

— Ha! ha! ha! Imaginação. Pura imaginação. Fantasias da tua cabecinha.

— Ainda neste alguma coisa nas orelas?

— Não. Parece que estou ilesa.

— Que bom!

— Precisa de um pouco de exercício. Um passeio não me faria mal.

— Se quiser, vou vestir-me e saimos juntos.

— Agora não. Prefiro descansar um pouco. Gostas de passear?

— Gosto, mas não tenho com quem.

— Como não tens?

— Não tenho, mesmo.

— E porque não queres.

— Talvez...

Qual! Que conversa paulificante! Não quero casar, não devo casar, nem devo pensar nisso. Sou uma besta!

— Lúcia: sabes que o teu corpo me tem tirado o sono? Sabes que na casa de saúde eu sonhava com os teus lábios?

Estou curado, estou curado! Ela está elegante, olha-me e ri.

— Eu sabia que o senhor ainda me diria isso!- Sabia!

VIDA CURIOSA dos Bichos

EURICO SANTOS

HISTÓRIAS DO PORCO-ESPINHO

Uma veneranda Dona Joana de tal, cozinheira de forno e fogão, e contadora de histórias da carochinha e mentiras estilizadas, dizia-me, há meio século passado, que vira o nosso ouriço-cacheiro chiando de satisfeito ao carregar, na ponta de seus espinhos, uma porção de goiabas.

Há quem pense que esta balela é mentira do nosso caboclo, uma daquelas "histórias pr'a boi dormir".

Entretanto enganam-se. Isso vem de longe. O "Physiologus", um tratado de zoologia que já gozava crédito no IV século, dizia que o porco-espinho subia pela videira para colher os cachos e os enfiava em seus espinhos.

E, pois, um caraquinho com 1.000 anos de idade.

O porco-espinho europeu, pôsto que de família diferente, é, como o nosso ouriço-cacheiro, um roedor ouriçado de espinhos.

Mas enquanto o europeu tem regime alimentar quase exclusivamente inseticoro e carnívoro, o nosso ouriço é francamente frugívoro.

Havia, pois, mais razão em acreditar em Dona Joana que no "Physiologus".

Eu, entretanto, continuo a não crer em ambos, pôsto que homens de ciência, fiados não no que viram, mas no que lhe contaram pessoas acreditadas, inclinadas a aceitar tal fato.

O que criou a lenda parece ter sido coisa muito simples.

O porco-espinho europeu costuma procurar insetos e suas larvas nos pomares de macieiras e, naturalmente, uma ou outra maçã que ao acaso caia da árvore bem pode enfiar-se num espinho.

O nosso ouriço também vive à procura de goiabeiras silvestres e outras frutíferas e bem pode acontecer-lhe o mesmo.

Alguém que avistou o ouriço com tal carga, logo imaginou-o rebelando-se, de espinhos ouriçadíssimos, por cima das goiabas para tão astuciosamente fisgá-las.

E' bem mais simples e crível despencar-se um fruto da árvore, quando o bicho está com os espinhos de prontidão, do que o mesmo bicho rojar-se no solo com tôda aquela espinharia arrepiada.

Como a primeira hipótese era de extrema simplicidade, o povo, que gosta das coisas maravilhosas, preferiu a segunda, que dá ao porco-espinho europeu e ao ouriço-cacheiro americano ares de pitoresca engenhosidade.

Vida curiosa do bichos, coluna inaugurada na edição n.223 da *A Cigarra Magazine*. E.S. teve seus conteúdos publicados pela revista durante 15 anos, a partir de out. 1952 a jul. 1967.



100 A CIGARRA - Magazine

VIDA CURIOSA dos Bichos

EURICO SANTOS

O LOUVA-A-DEUS, QUANDO AMA, PERDE A CABEÇA

QUEM não conhece o louva-a-deus, êste inseto verde-claro, que mal nos aproximamos dêle ergue as mãos em atitude súplice? O gesto, para quem não lhe conhece as manhas, chega a encantar pela humildade e devoção.

Nada, entretanto, mais falso, refalsado e mentiroso.

O louva-a-deus é a hipocrisia em forma de inseto.

Aquela atitude que nos crentes é recolhimento da alma, que procura interiorizar-se, nêle é preâmbulo dum gesto de agressão.

Sabe esconder-se, camuflar-se, mimetizar-se de tal forma que a bicharada, a cuja custa vive, deixa-se apanhar fàcilmente.

E não contente de acometer todos os insetos que dêle se aproximam nem seus próprios irmãos escapam.

Mas ainda, agravando tão abominável modo de viver, as espôsas do louva-a-deus, logo ao primeiro dia de núpcias, no próprio momento, até no mesmo ato congressual, devoram o seu infeliz esposo, o único esposo que não se pode chamar consorte.

O nefando hábito de devorar os machos tem sido observado por dezenas de naturalistas e H. Fraibvan chega a julgar que nenhum candidato ao amor se evade à tão triste destino.

Entretanto o macho quando se lhe depara uma fêmea, alvoroça-se, agita as antenas, sente-se tão rendido aos apelos do amor que, embora não pareça ignorar totalmente o destino que o aguarda, enfrenta-o com desprêzo.

Digo que embora não pareça ignorar o perigo, porque durante muito tempo êle hesita aproximar-se. Leva por vêzes horas, até que totalmente alucinado de amor, avança sempre e ansiosamente pelo lado direito e se aposta da companheira.

Quinze minutos e, por vêzes, até duas horas, dura o enlace, mas a fêmea espera o primeiro ensejo e muitas vêzes o macho não terminou o seu abraço nupcial e já está decapitado. Dêste sinistro, pode dizer-se que o amor faz perder a cabeça.

Fabre que observou o pavoroso espetáculo escreve:

"Um decapitado, um amputado até o meio do corpo, um cadáver, persiste em querer dar a vida."

Não terminaremos sem dizer que êste mau hábito de comer o marido não é privilégio do louva-a-deus, pois os grilos, os escorpiões e as aranhas fazem o mesmo.

E há ainda quem se queixe das mulheres...

Uma Noite no Albergue

(Continuação da pág. 99)

contrário: nada o preocupava, pois não tinha filhos, espôsa, nem outros membros da família. Penalizado, êle tentava compartilhar o sofrimento do amigo. Foi quando o tristonho sertanejo lhe contou a sua história, revelando o segrêdo que o atormentava há vários anos e que nem mesmo sua espôsa dêle suspeitava. Alguém precisava saber de tôda a verdade; e não havia pessoa mais indicada: era "tio" Guilherme.

Iniciou, então, a sua narrativa.

...que era natural de Buíque, uma próspera e populosa cidadezinha do interior pernambucano. Ali viveu muitos anos, trabalhando na criação de gado, fazendo o plantio do algodão, milho, feijão, etc. Mas a sorte lhe foi ingrata, não o ajudando a normalizar a vida para que pudesse, então, educar seus filhos. A carestia começou a aparecer, lentamente, modificando todos os seus planos. Desiludido e notando a impossibilidade de poder continuar naquela cidade, Teotônio embarcou para Petrolina, onde se empregou como manipobeiro. A situação, porém, continuava crítica, insustentável. Era época de natal e seus filhos, vendo outras crianças com brinquedos, recorreram a êle para que também comprasse alguma. O sertanejo tentou esquivar-se, alegando não poder comprá-los. Mas, tanto os meninos insistiram, choraram e suplicaram que o velho João não pôde mais suportar. Saiu à rua e prometeu voltar com os brinquedos. "Como conseguirei dinheiro para satisfazer a vontade de meus filhos?" era a pergunta que latejava no cérebro de Teotônio. Por todos os lugares onde passava, aqui e acolá, via grupos de crianças com suas bonecas e seus carrinhos de madeira. Tudo isso o comovia, profundamente. Seu coração confrangeu-se de dor. Era impossível conseguir tudo aquilo para seus filhos. Sentia ódio, porque também não compreendia ser o des-

No número "de Natal" de *A Cigarra Magazine*, n.225, 1952, p.100, E.S. inaugura a coluna "Vida Curiosa dos Bichos".

VIDA CURIOSA DOS BICHOS

A PROPÓSITO DE BEIJA-FLORES

EURICO SANTOS



Primeiro desenho que se fêz de um beija-flor. (MacGrave, 1658).

OS beija-flores estão em moda e assim lembraremos alguns fatos e aspectos da sua vida, mostrando que só modernamente se chegou a saber algo certo a respeito de tão lindos pequerruchos alados.

Há no mundo, segundo dados recentes, mais de 500 formas, quer dizer, espécies e subespécies destas aves, tôdas americanas, pois ocorrem do Canadá e Território de Alasca, até o estreito de Magalhães. O Brasil possui 105 espécies, incluindo subespécies.

O maior beija-flor do mundo vive, precisamente, na Patagônia, terra de gente grande: é o **Patagonia gigas,** não maior que uma andorinha.

Entre nós, o gigante da família, é o **Topaxa pella.** O menor supõe-se seja o beija-flor das fadas (**Calypte helenae**), de Cuba, mas outros opinam que o nosso **Glaucis hirsuta** seja a menor ave do mundo. Há outro também muito pequeno, o **Pigmornis idalliae,** que pesa 2,2 grs.

Um dos enigmas da vida destas aves era descobrir-lhes a alimentação que se supunha fôsse exclusivamente o néctar das flores, daí o nome que também lhe davam de chupa-mel.

MacGrave chegou a dizer que quando não havia flores, estas aves se firmavam com o biquinho no tronco das árvores e aguardavam seis meses que volvesse a nova floração. Hoje se sabe, pelo exame do conteúdo gástrico, que as lindas avezinhas de que estamos tratando, não só se alimentam de néctar, mas igualmente de insetos e pequenos aracnídeos que vivem nas flores.

Há alguns que dão muito aprêço às aranhas, a ponto de irem buscá-las na própria teia em que vivem.

Darwin foi o primeiro que estudou o assunto, escrevendo em seu diário de viagem (24 de setembro de 1834): "Embora que sempre os vejamos voando de flor em flor, em busca de alimento, seu estômago contém, de ordinário, restos abundantes de insetos, que são, a meu ver, o que êles buscam, mais do que o néctar."

No corrente ano, em maio, Augusto Ruschi, biologista e "field naturalist", sem dúvida o maior conhecedor da vida dos beija-flores fêz, no Jardim Botânico, a primeira revoada de beija-flores, isto por iniciativa e sob os auspícios do Senador Assis Chateaubriand e do Seabra's Club.

O naturalista Ruschi cria certas espécies de beija-flores como nós criamos canários ou coleiros. Há em sua criação um beija-flor com 14 anos de cativeiro.

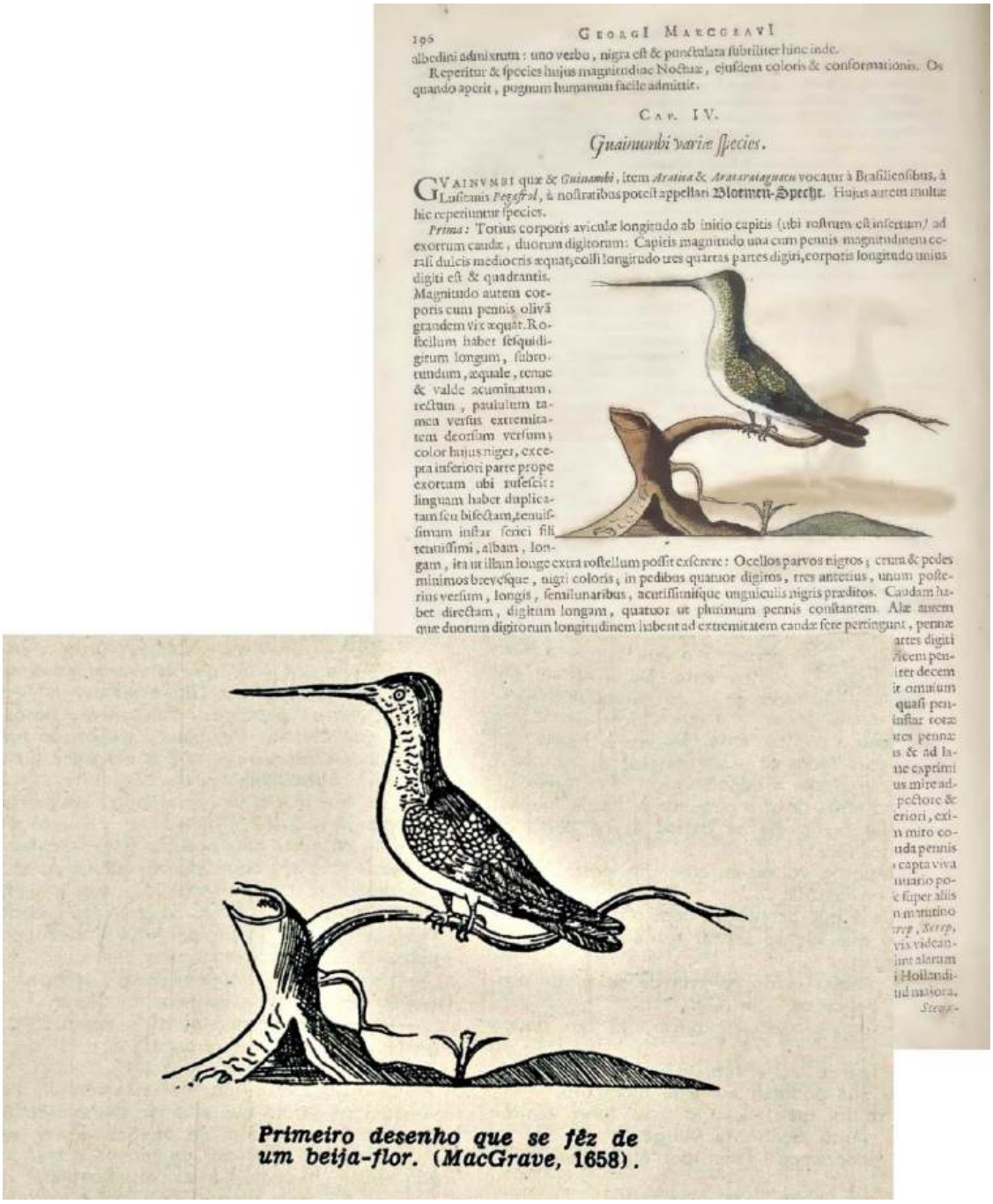
Digo certas espécies, porque há algumas que não se adaptam ao cativeiro.

O fito daquela entreprêsa dos amigos da Natureza em dispersar beija-flores é repovoar a cidade do Rio de Janeiro com aquelas lindas criaturas aladas.

Realmente, ver um beija-flor adejando, pairando junto às flores, constitui sempre espetáculo encantador.

O desditoso Maximiliano II, em sua passagem pela América, ao se lhe deparar aquela cena de mágica, escreveu: "Je regardais comme une très rare fortune d'avoir vu un colibri dans le premier jour que je passais sur le sol du Brésil".

Última coluna *Vida Curiosa dos Bichos*, publicada em *A Cigarra Magazine*, n.5, 1957, p.64. Transcrição de trechos do artigo: “Os beija-flores estão em mora e assim lembraremos alguns fatos e aspectos da sua vida, mostrando que só modernamente se chegou a saber algo certo a respeito de tão lindos pequerruchos alados. [...] No corrente ano, em maio, Augusto Ruschi, biologista e 'field naturalist', sem dúvida o maior conhecedor da vida dos beija-flores fêz, no Jardim Botânico, a primeira revoada de beija-flores, isto por iniciativa e sob os auspícios do Senador Assis Chateaubriand e do Seabra's Club. O naturalista Ruschi cria certas espécies de beija-flores como nós criamos canários ou coleiros. Há em sua criação um beija-flor com 14 anos de cativeiro. Digo certas espécies, porque há algumas que não se adaptam ao cativeiro”.



196 GEORGI MARCGRAVI

albedini admixtum : uno verbo, nigra eſt & punctulata ſubtiliter hinc inde.

Reperitur & ſpecies hujus magnitudine Noctuæ, ejuſdem coloris & conformationis. Os quando aperit, pognum humanum facile admittit.

CAP. IV.

Guainumbi variæ ſpecies.

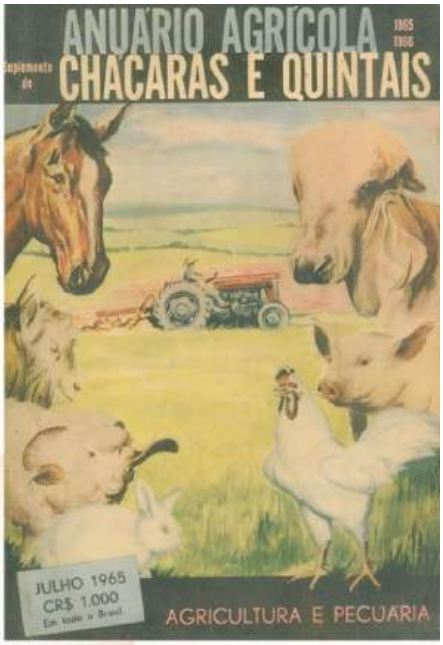
GVAINVMBI quæ & *Guinambi*, item *Arcuina* & *Araracatagua-cu* vocatur à Braſilienſibus, à Luſitanis *Pegafol*, à noſtratibus poteſt appellari **Blotmen-Specht**. Hujus autem multæ hic reperiuntur ſpecies.

Prima: Totius corporis aviculæ longitudo ab initio capitis (ubi roſtrum eſt infertum) ad exortum caudæ, duorum digitorum: Capitis magnitudo una cum pennis magnitudinem ceraſi dulcis mediocris æquat, colli longitudo tres quartas partes digiti, corporis longitudo unius digiti eſt & quadrantis. Magnitudo autem corporis cum pennis olivæ grandem vix æquat. Roſtellum habet ſeſquidigitum longum, ſubrotundum, æquale, tenue & valde acuminatum, rectum, paululum tamen verſus extremitatem deorſum verſum; color hujus niger, excepta inferiori parte prope exortum ubi ruſeſcit: linguam habet duplicatam ſeu biſectam, tenuiſſimam inſtar ſerici fili tenuiſſimi, albam, longam, ita ut illam longe extra roſtellum poſſit exſerere: Ocellos parvos nigros; crura & pedes minimos brevesque, nigri coloris, in pedibus quatuor digitos, tres anterius, unum poſterius verſum, longis, ſemilunaribus, acutiſſimiſque unguiculis nigris præditos. Caudam habet directam, digitum longam, quatuor ut plurimum pennis conſtantem. Alæ autem quæ duorum digitorum longitudinem habent ad extremitatem caudæ fere perveniunt, pennæ artes digiti ...ceem pen... ...irer decem ...it omnium quaſi pen... ...inſtar rotæ ...tos pennæ ...s & ad la... ...ne exprimi ...us mire ad... ...pectore & ...eriori, exi... ...n miro co... ...uda pennis ...capta viva ...uario po... ...e ſuper aliis ...n matutino ...ſerp, Serep, ...vis videan... ...ime alarum ...i Hollandi... ...ud maiora. Serep...

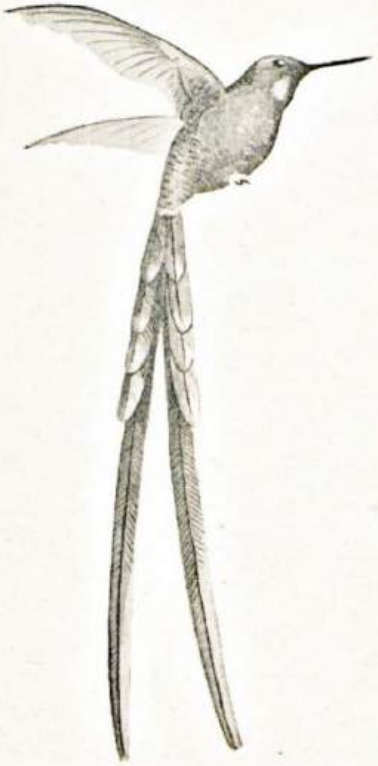
Primeiro desenho que se fêz de um beija-flor. (MacGrave, 1658).

Abaixo, desenho destacado na coluna “Vida Curiosa dos Bichos”, intitulada “A propósito dos beija-flores”, publicada em *A Cigarra Magazine*, n.5, 1957, p.64. Acima, o mesmo desenho na obra original[75]. Transcrição de trechos do artigo: “MacGrave [1610-1644] chegou a dizer que quando não havia flores, estas aves se firmavam com o biquinho no tronco da árvore e aguardavam seis meses que volvesse a nova floração. Hoje se sabe, pelo exame do conteúdo gástrico, que as lingas avezinhas de que estamos tratando, não só se alimentam de néctar, mas igualmente de insetos e pequenos aracnídeos que vivem nas flores. [...] Darwin [1809-1882] foi o primeiro que estudou o assunto, escrevendo em seu diário de viagem (24 de setembro de 1834): 'Embora que sempre os vejamos voando de flor em flor, em busca de alimento, seu estômago contém, de ordinário, restos abundantes de insetos, que são, a meu ver, o que êles buscam, mais do que o néctar'".

[75] PISO, Willem [PISONIS, Guilielmi], MARGGRAF, Georg [MARCGRAVI, Georgi]. *Historia Naturalis Brasiliae: in qua non tantum plantæ et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et moresdescribuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Antwerpianus [Antuérpia]: Ioannes de Laet [Joannes de Laet], 1648, 300 p. Disponível em: https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/565. Acesso em: 2 mar. 2024.



Nossos BEIJA-FLÔRES e seus nomes vulgares



EURICO SANTOS

Notas preliminares

Neste intróito, ou preludiação, diremos algo sôbre a biologia dos beija-flôres, notadamente aquilo que é comum à espécie em geral, deixando para a descrição das espécies pelo seu nome vulgar, motivo dêste trabalho, certas peculiaridades que merecem especial relêvo.

Diremos, pois, que os beija-flôres são aves não passeriformes, pertencentes à ordem dos Micropodiformes e família dos Troquilideos.

No Catálogo das Aves do Brasil, de Olivério Pinto, citam-se 83 espécies e algumas subespécies brasileiras, mas em estudo mais recente (jan./1960) de Augusto Ruschi, do Museu de Biologia Melo Leitão, dá êste autor descrição de 88 espécies e 41 subespécies que ocorrem no Brasil e ainda mais dois híbridos.

Quanto à enumeração dos traços mais marcantes da sua biologia, diremos antes do mais que não há ave mais pequena, nem mais graciosa, mais dinâmica e mais admirável que o beija-flor.

Anuário Agrícola de Chácaras e Quintais, n.112, 1965, p.167.

Graças á afinidade espiritual que nos aproxima, nesse terreno, tenho o prazer de citar as obras que Eurico Santos, secretario dessa revista, tem ultimamente publicado sobre ornitologia, as quais vieram possibilitar, entre nós, o estudo dessa ciencia, sobre a qual existia no pais uma ignorancia pasmosa.

Exemplifico a assertiva com um episodio pitoresco.

Não faz muito, um zoologo patricio pedia, em artigo até ilustrado a capricho, a proteção dos poderes publicos para os passaros de genero "Tanagra violacea", alegando, ao par da beleza, a inocencia imaculada dessas aves, no seu modo de ver, — ameaçadas de exterminio.

Caiu-me felizmente debaixo dos olhos uma descrição desses passaros, feita ha muito pelo cientista alemão Martius, o qual diz o seguinte:

"Os passaros desse grupo ,"Tanagra violacea", vivem em grandes bandos na America do Sul, onde são o verdadeiro terror dos arrozais".

Vejam só.

O alemão, lá de longe, pôs as cartas na mesa direitinho: em vez de proteção, o de que essa praga precisa é de boa carga de chumbo.

A obra de Eurico Santos, que é servido por uma solida cultura, tras o sinete de uma honestidade austera.

A classificação em historia natural é de uma importancia grave e foi por isso mesmo que o sabio sueco encontrou, nesse campo de ação, a corôa de sua imortalidade.

Amigo dos estudiosos e grande estimulador da historia natural, no Brasil, eu levanto, por isso, a minha taça e bebo à saude de "O CAMPO", pela passagem do primeiro decenio das lutas que sustentou e das vitorias que o animam a continuar a sua obra civilizadora.

Em manifesto intitulado “Levanto a minha taça”, publicado na revista *O Campo*, n.121, p.10, 1940, Arlindo Chaves[76] enaltece E.S. e faz menção ao gaturamo-verdadeiro *Euphonia violacea* e aos naturalistas Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) e a Carl von Linné (1707-1778), também conhecido como Carolus Linnaeus, autor de *Systema naturae* (1735).

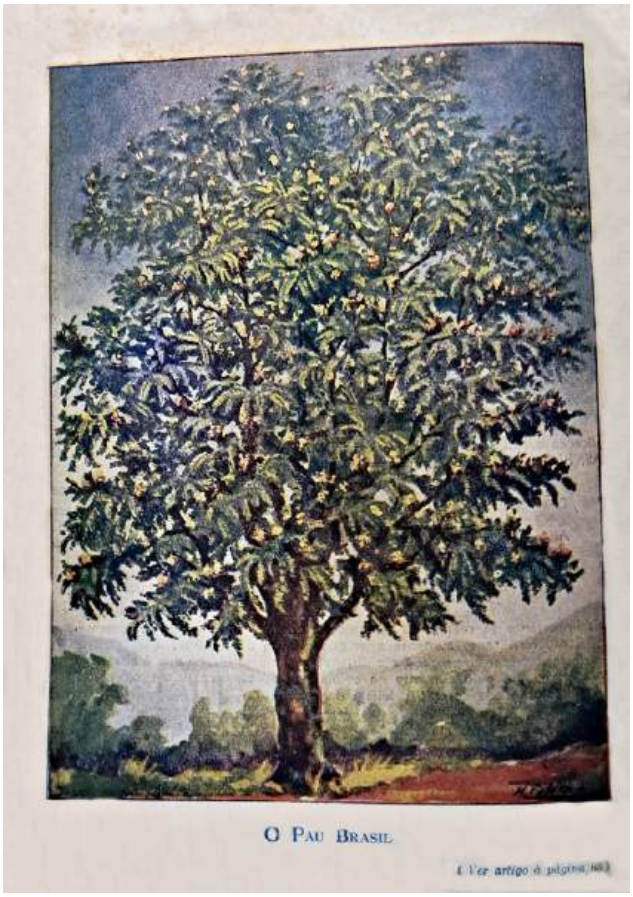


Prancha publicada em *Pássaros do Brasil* (1940, p.96/97), de E.S., exibindo o gaturamo-verdadeiro (n.5). Desenho de [Marian] Mirian Colonna.

[76] Arlindo Alves é citado como colaborador da revista *O Campo*, na qual tem os seguintes textos publicados: “A proposito de aves silvestres: carta aberta a E.S.”, “Algumas notas sobre os gaturamos”, “Gruta de Nossa Senhora da Abbadia” e “Levanto a minha taça”. É citado por E.S. em “Incrivel, mas veridico, o mecanismo da reprodução da mosca do berne” (O Campo, 1936, n.83, p.22) como sendo o autor de artigo publicado no *Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinária*.



Desenho do artigo
«As orquídeas úteis», por Eurico Santos,
Seleções Agrícolas n.9, 1947, p.44.



Pintura de pau-brasil estampada na quarta-capa
da revista *Seleções Agrícolas*, n.9, 1947.



6 EURICO SANTOS

Os canídeos indígenas da América do Sul pertencem a êsse último grupo e são, portanto, mais raposas que cães-do-mato como em geral são denominados.

A propósito dêsses canídeos, encontrará o leitor interessado amplo capítulo numa obra recém-publicada. (2)

II. CÃES DOMÉSTICOS AMERICANOS — Sempre que se estudam os fatos relativos ao cão doméstico, depara-se-nos um problema curioso que é o da existência do cão doméstico da América em época pré-colombiana.

Fig. 2 — Cachorro-do-mato, do Brasil (*Atelocynus microtis*).

Os viajantes que primeiro aportaram à América contaram em suas relações de viagens que aqui viviu, em domesticidade, várias raças de cães.

Por outro lado, numerosos foram os achados de cães nos túmulos da gente americana que aqui viveu em épocas remotíssimas.

(2) "Entre o gaúcho e o matuto", Eurico Santos, Rio, 1945.

Foto do raro cachorro-do-mato-de-orelhas-curtas *Atelocynus m*icrotis, endêmico do bioma Amazônia, estampada no *Manual do amador de cães*,1927, p.6.



MANUAL DO AMADOR DE CÃES 9

Com efeito, se tomarmos por um lado, os Briards, os Old-Scotches, os Belgas de pêlo duro e os ovelheiros russos, teremos dêsse modo alguns tipos extremos desta categoria nas quais uma das grandes modificações está constituída pela natureza do pêlo longo e áspero.

Dêsse tipo passaremos, sem grande transição ao Beauceron de pêlo curto que serve de intermediário entre as raças precitadas, os Malinois e os ovelheiros alemães.

Pois bem, entre estas últimas e o lôbo a diferença não é grande e é lógico admitir que êste é seu antepassado.

O cão dos esquimaus que não é geralmente classificado entre os cães ovelheiros, sendo principalmente empregado na tração, sem embargo, deve ser próximo parente dessas raças. Não existe maior diferença entre um Malinois que o existente entre um lôbo da Europa e um lôbo esquimau e de ciência certa se sabe que êste último é o antepassado do cão esquimau.

De tudo isso resulta que tôdas estas raças de cães do Norte parecem ter como antepassado o lôbo, animal existente ainda.

Passando agora ao grupo dos cães de caça, vemos que está composto, por uma parte, de galgos, e por outra, de cães de rasto e cães ventores europeus.

As várias raças de galgos diferem pouco entre elas, o seu tipo é o mesmo; trata-se de um animal grande, de patas muito longas. Seu tipo é demasiado característico e uniforme para não admitir que tôdas essas raças descendam de um tipo comum selvagem que apresentava já êsses caracteres.

O galgo foi domesticado desde a mais alta antiguidade e é talvez originário do sul da Ásia ou, por outra, em sua maior parte, oriundo do norte da África.

Na África, justamente, encontramos um animal selvagem, o lôbo da Abissínia (*C. simensis*) muito parecido com os galgos de pêlo curto, embora menor, ademais, parece que ao mesmo tempo que se domesticava o galgo de pêlo curto, também sofria a mesma operação, um outro de pêlo longo, que em vão se procura na Europa e na Ásia ou África, um animal selvagem semelhante.

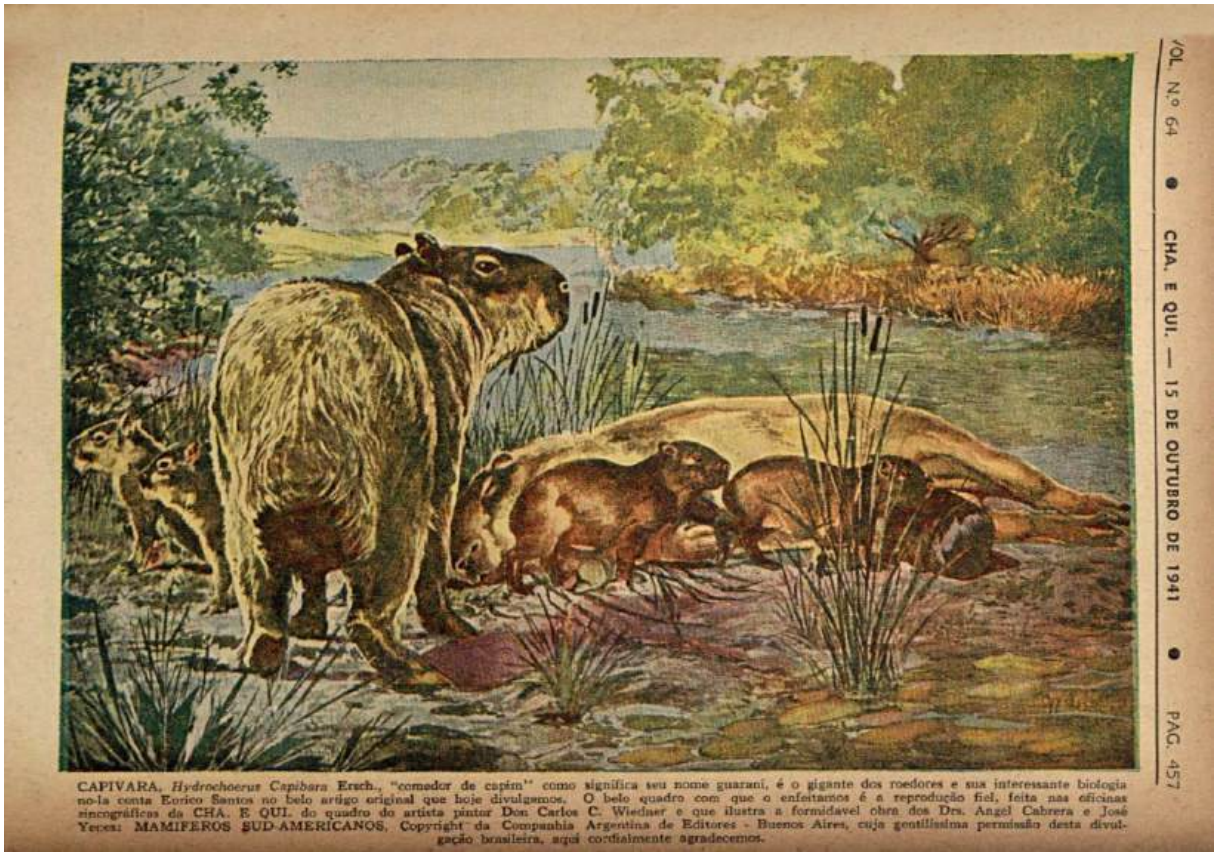
Isso não deve significar grande coisa pois muitas são as espécies extintas e assim, sem desistir das pesquisas, poderíamos pensar no nosso cão guará (*Chrysocyon brachyurus*), que tem muitos pontos de contacto com o galgo. (Vide fig. 4)

Fig. 4 — Guará (*Chrysocyon brachiurus*)

Sabe-se que a fauna da África e da América do Sul, apresentam formas que se diriam aparentadas e por isso zoólogos e geólogos, concordam que em épocas desconhecidas, êsses dois continentes achavam-se ligados por terras que desapareceram.

Não seria descabido pensar que existiu na África um animal, muito próximo parente de *Chrysocyon brachyurus* e que foi provàlvemente o antepas-

Desenho do “cão guará (*Chrysocyon brachyurus)*, que tem muitos pontos de contacto com o galgo. [...] Não seria descabido pensar que existiu na África um animal, muito próximo parente [...] e que foi provàlvemente o antepassado dos galgos”. *Manual do amador de cães*,1927, p.9.



Tela do pintor Don Carlos Wiedner, ilustrando artigo o «Um roedor-mór: a capivara», de E.S., publicado em *Chacara e Quintaes*, 1941.



VOLUME N.º 66 • CHA. E QUI. — 15 DE NOVEMBRO DE 1942 • PAG. 584

Guará ou Lobo Brasileiro

Chrysocyon brachiurus

(Especial)

O GUARA', é o maior representante da família *Canidae*, cujo porte pode atingir até 1m.65. Possue a cauda muito volumosa e munida de cerdas muito longas. Ornamenta-lhe o pescoço uma espécie de juba. Posto que se assemelhe um tanto ao exemplar europeu, o representante brasileiro é mais corpolento, ainda que não possa se comparar ao espécime exótico devido à sua grande covardia, não chegando às vezes nem a ponto de tiro. E' arisco e não muito conhecido.

Geralmente, em cativeiro, não vive mais do que um ano, devido a uns vermes que lhe corroem os rins, deixando-os reduzidos a frangalhos. Vem, por isso, a morrer com muita

Um belo Guará no Parque Zoológico de Pomerode no Estado de Santa Catarina. (Fotografia gentilmente enviada à CHA. E QUI. pelo nosso estimado assinante sr. J. R.).

frequência quando encerrados em ambientes restritos.

No mato, deve encontrar um remédio para esse terrivel mal e quem sabe mesmo si a chamada Fruta de Lobo, da familia das Solanaceas não terá um papel preponderante no debelar a moléstia?

No nosso Parque morreram diversos Guarás todos vitimados pelo mesmo flagelo. Deliberamos, então, mandar o material oriundo da necrópsia para o Instituto Biológico de São Paulo, afim de ser examinado. Por se tratar de moléstia frequente, que deve interessar a outros criadores, divulgamos a carta subscrita pelo sr. Dr. Joaquim de Melo, técnico daquele importante estabelecimento de pesquizas:

Resultado: *Dioctophyme renale* Goeze, 1782.

E' o maior dos Nematoides conhecidos. O macho, mede de 15 a 45 cm. e a femea de 20 cm. a um metro de comprimento, por 5 a 17 mm. de largura. Tem côr avermelhada, apresentando uma cuticula muito fina e quebradiça, delicadamente estriada no sentido transversal.

Hospedeiro definitivo — Cão, lobo, raposa, lontra, foca, excepcionalmente o boi, o cavalo, o porco e o homem.

Hospedeiro intermediário — Diversos peixes.

Localização — Rim. Raramente fígado ou peritônio.

Lesões — Destruição do rim.

Biologia — O verme adulto se localiza no rim. A femea põe ovos que saem para o exterior com a urina do hospedeiro. Esses ovos tem a casca grossa e durissima. Em seu interior ha uma larva que resiste com vida por alguns anos. Nesse interim o ovo pode ser engulido por um peixe diretamente, isto é, o peixe pode engulir fezes de lobo contendo ovos de verme; ou indiretamente, o peixe pode engulir artropodos ou insetos coprofagos, que comeram fezes de lobo com ovos de verme. No organismo do peixe, a larva sai do ovo e se desenvolve até um certo ponto. E' por isso que o peixe é o hospedeiro intermediário. Sem ele não há o desenvolvimento da larva. E é preciso que seja um peixe de determinada espécie. Está verificado que na Europa é o *Idus idus*, da familia *Cyprinidae* o hospedeiro intermediario do *Dicoctophima*. No Brasil, ainda não se sabe qual seja o peixe responsavel pela evolução da larva do verme. De qualquer forma, o lobo se infesta comendo peixes que são os hospedeiros intermediários do verme. A larva atravessa o tubo digestivo do lobo, perfura-o, passa ao peritonio, ou cai na circulação indo ao figado e por fim ao rim onde se localiza e se torna verme adulto.

Tratamento — Cirúrgico. E' preciso localizar préviamente o verme. Geralmente só um rim é atacado. Este deve ser estirpado.

Profilaxia — Evitar que os animais tidos como hospedeiros definitivos do verme, comam "peixe crú".

* * *

No cativeiro, o lobo alimenta-se de frutas; bananas, mamão, cana de açucar e de 2 a 3 frangos por semana.

O sr. Johanes Rood, do Parque Zoológico de Pomerode, Estado de Santa Catarina, adianta que, si lhe darem um Gavião por semana, o lobo torna-se mais forte.

Logo que são aprisionados, os lobos, talvez por excesso de medo, investem contra o tratador. Com o correr de tempo, apesar de se mostrarem sempre medrosos, tornam-se mais mansos e tratáveis.

Quando pequenos são inteiramente pretos, com uma pinta branca na ponta de cada orelha e na cauda. Vão mudando de côr dos três meses de idade em diante até se tornarem pardo avermelhados, com os pés e o focinho pretos. A garganta possue uma mancha branca e a cauda é de cor bege claro com a ponta branca.

Todos os exemplares que morreram no nosso Parque estavam muito gordos, parecendo que os vermes não lhes prejudicavam o desenvolvimento.

As medidas do corpo que tomamos foram sempre idênticas para os diversos espécimes e podem ser assim expressas:

Comprimento da cauda: 43 cms.; comprimento do corpo: 64 cms.; comprimento do pescoço: 28 cms.; comprimento da cabeça: 30 cms.; comprimento total: 1m.65.

Altura dos pés: 92 cms.; altura das mãos: 87 cms.; diferença de altura: 5 cms.

Grossura do peito: 50 cms.; grossura do meio do corpo: 61 cms.; grossura do abdomen: 60 cms.; grossura do pescoço: 38 cms.; grossura da cabeça: 40 cms.; grossura da cauda: 19 cms.; grossura da coxa: 33 cms.; grossura do braço: 29 cms.

Como se vê, a diferença de tamanho da trazeira para a dianteira do animal é de 5 centimetros, circunstância que contribue para que o animal corra com pouca velocidade e de uma maneira bem característica.

Ribeirão Preto, 13 de agosto de 1942.

Laureano Dourado

Taxidermista do Museu Zoológico do Bosque Municipal

APROVEITAMENTO DOS RESIDUOS DAS FABRICAS DE TECIDOS

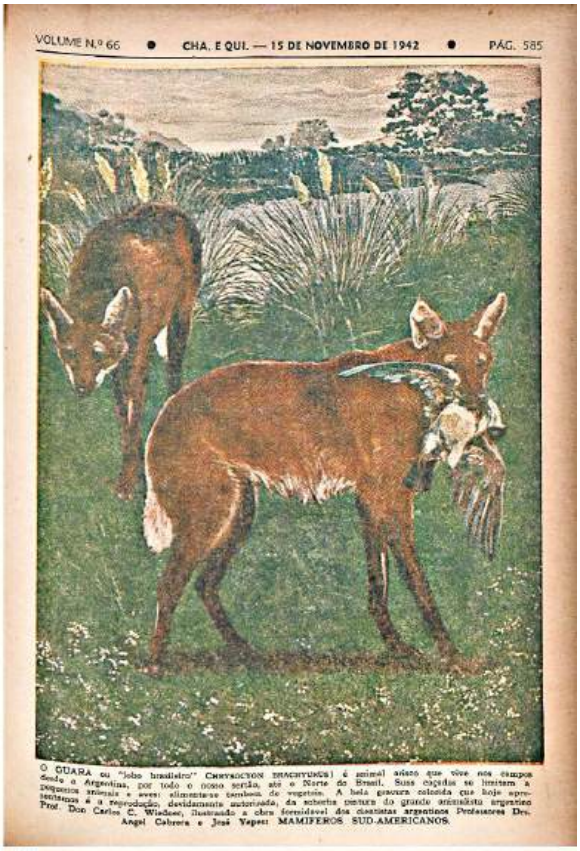
O sr. O. D. da C. L. da Companhia Industrial Santo Amaro, de Magé, Estado do Rio, escreveu-nos o seguinte: "Conjuntos na proverbial solicitude com que a CHA. E QUI. atende às inúmeras consultas que lhe são feitas e no criterioso acerto dos competentes técnicos a quem são confiados nossos intrincados casos, pedimos a fineza de indicar uma fórmula que nos permita consumir como combustivel, os residuos de algodão de nossa fábrica de tecidos, que por falta absoluta de utilidade em nossa indústria e de procura em qualquer outro mercado, somos forçados a pôr fóra como lixo, depois de penetrado e aproveitado o mais possivel em nossas máquinas.

O nosso problema é dar-lhe uma composição consistente, em forma de torta ou briquete, de mistura com algum produto, que evite a poeira espalhar-se pela tubulação da caldeira e obstrui-lo, conforme acontece queimando-se o resíduo em sua forma natural.

Além do resíduo de algodão, estimaríamos também poder aproveitar o cavaco que semanalmente tiramos das fornalhas, por ocasião de retirar as cinzas da lenha que queimamos e bem assim, a serragem e os cavacos de nossa serraria.

Desde já agradecidos e certos de mais esta prova da utilidade pública dessa conceituada revista, etc."

* * * Sendo enviada a consulta ao Instituto de Pesquisas Tecnologicas do Estado de S. Paulo, anexo à Escola Politecnica, recebemos do respectivo diretor a seguinte resposta. Aliás divulgando ambas, talvez alguns dos nossos numerosos leitores já lutando com idênticas dificuldades, tivesse encontrado boa solução para tais problemas e quizesse partilhar com seus colegas, era obra meritória e nós, desde já, afagando tal perspectiva, adeantamos agradecimentos. Eis o parecer do I. P. T.: "... cumpro-me informar que o problema proposto da briquetagem de resíduos da fábrica de tecidos de algodão só poderá ser examinado à vista do próprio material que deverá ser aglomerado, pelo que não podemos antecipar qualquer indicação sobre o assunto. Será, portanto, conveniente aos interessados na questão, que entrem em contato pessoalmente com o I. P. T. ou com o Instituto Nacional de Tecnologia no Rio de Janeiro, fornecendo os esclarecimentos necessários e trazendo amostras do materiais que desejam empregar como combustival."



VOLUME N.º 66 • CHA. E QUI. — 15 DE NOVEMBRO DE 1942 • PAG. 585

O GUARA ou "lobo brasileiro" CHRYSOCYON BRACHYURUS) é animal aliás que vive nos campos desde a Argentina, por todo o nosso sertão, até o Norte do Brasil. Suas exigências se limitam a pequenos animais e ovos; alimentam-se também de vegetais. A bela gravura colorida que hoje apresentamos é a reprodução, devidamente autorizada, da aquarela mestra do grande animalista argentino Prof. Don Carlos E. Windsor, ilustrando a obra foresidevel dos classicistas argentinos Professores Drs. Angel Cabrera e José Yepez: MAMIFEROS SUD-AMERICANOS.

VOLUME N.º 67 • CHA. E QUI. — 15 DE MARÇO DE 1943 • PAG. 363

Ainda o Guará ou Lobo Brasileiro

(ESPECIAL)

Do reverendo Frei Bertoldo van der Mee, nosso fiel estudioso assinante, recebemos as interessantes linhas que a seguir divulgamos e mais a fotografia que as acompanhavam:

"Foi com sumo interesse que li no número de 15 de novembro, pág. 584 da nossa boa revista CHA. E QUI. o artigo de Laureano Dourado: "O guará ou lobo brasileiro". Este artigo tem sido uma verdadeira revelação para mim. Há mais de cinco anos que moro neste sertão sãofranciscanense no norte extremo de Minas, onde o guará é encontrado com relativa frequência entre a rica fauna dêste povo as imensas campinas que cobrem grande parte do território extenso do município de São Romão.



FOX, guará com três meses de idade, criado ao redor residência de São Romão, no sertão de Minas Gerais

Já duas vezes adquiri um belo exemplar de guará afim de manda-lo ao Instituto Butantan, do qual sou um humilde mas fervoroso colaborador. O primeiro exemplar era um macho de uns três a quatro meses de idade, que depois de seis meses de cativeiro morreu quasi repentinamente e de um modo verdadeiramente misterioso para mim.

O segundo exemplar era uma bela femea, pegada na redondeza de São Romão. Tambem esta morreu há poucos dias depois de um mês de cativeiro. Ambos os animais manifestaram sempre um apetite voraz e uma valentia extraordinária, fatores que não deixavam suspeitar um desenlace tão rápido. A causa mortis constituiu um verdadeiro enigma para nós. Podeis pois calcular quanta satisfação a minha ao receber poucos dias depois o último número do CHA. E QUI. que num belo artigo do douto Laureano Dourado veiu dissipar todas as dúvidas e explicar-me qual foi a causa provavel da morte de ambos os exemplares.

Envio-vos uma fotografia de "Fox", um belo macho de três a quatro meses de idade. De bom grado ofereço esta fotografia aos leitores da nossa valiosa revista, agradecendo a CHA. E QUI. mais esta gentileza.

Po. Frei Bertholdo van der Mee
missionário-carmelita

O PERIGO É PARA TODOS!

Assim como a gota dagua vai lentamente perfurando a pedra, uma tosse leve e teimosa póde minar a saúde mais robusta!

Esteja alerta! Cuide mesmo da pequena tosse, para que não se torne bronquite, laringite e, mais tarde, tuberculose!

Fuja dos calmantes fortes, como os brometos, o bromoformio, o cloral e outros. O emetico e a poaia deprimem o organismo e entorpecem as suas reações, o mesmo acontecendo ao creosoto, por prejudicar o estomago.

Use, sem perda de tempo, o PEITORAL DE CAMBARA de Souza Soares — o maravilhoso remédio para as molestias pulmonares.

Para qualquer esclarecimento, escreva a

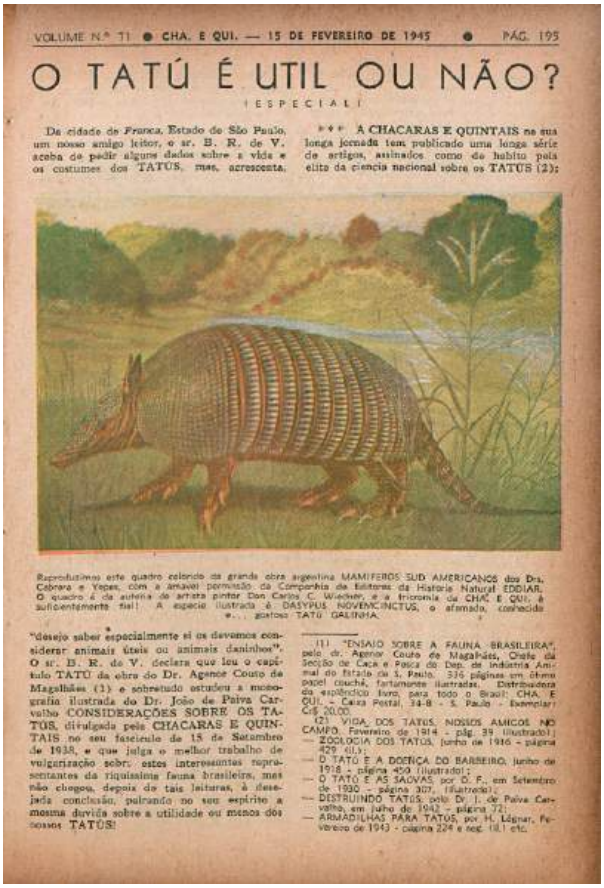
SOUZA SOARES & IRMÃO,

em

PELOTAS

(Est. do Rio Grande do Sul) - Caixa Postal, 3

«Guará ou Lobo Brasileiro», por Laureano Dourado, taxidermista do Museu Zoológico do Bosque Municipal, especial publicado em *Chacaras e Quintaes* (n.5, 1942, p.584-586)
e «Ainda o Guará ou Lobo Brasileiro», por Frei Bertholdo van der Mee (n.3, 1943, p.263).



VOLUME N.º 71 ● CHA. E QUI. — 15 DE FEVEREIRO DE 1945 ● PÁG. 195

O TATÚ É UTIL OU NÃO?

(ESPECIAL)

Da cidade de *Franca*, Estado de São Paulo, um nosso amigo leitor, o sr. B. R. de V. acaba de pedir alguns dados sobre a vida e os costumes dos TATUS, mas, acrescenta,

*** A CHACARAS E QUINTAIS na sua longa jornada tem publicado uma longa série de artigos, assinados como de habito pela elite da ciencia nacional sobre os TATUS (2);

Reproduzimos este quadro colorido da grande obra argentina MAMIFEROS SUD AMERICANOS dos Drs. Cabrera e Yepes, com a amavel permissão da Compañia de Editores de Historia Natural EDDIAR. O quadro é da autoria do artista pintor Don Carlos C. Wiedner, e a tricromia da CHA. E QUI. é suficientemente fiel! A especie ilustrada é DASYPUS NOVEMCINCTUS, o afamado, conhecido *... glorioso TATU GALINHA.

"desejo saber especialmente si os devemos considerar animais úteis ou animais daninhos". O sr. B. R. de V. declara que leu o capitulo TATU da obra do Dr. Agenor Couto de Magalhães (1) e sobretudo estudou a monografia ilustrada do Dr. João de Paiva Carvalho CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TATUS, divulgada pela CHACARAS E QUINTAIS no seu fasciculo de 15 de Setembro de 1938, e que julga o melhor trabalho de vulgarização sobre estes interessantes representantes da riquissima fauna brasileira, mas não chegou, depois de tais leituras, á desejada conclusão, pairando no seu espirito a mesma duvida sobre a utilidade ou menos dos nossos TATUS!

(1) "ENSAIO SOBRE A FAUNA BRASILEIRA", pelo dr. Agenor Couto de Magalhães, Chefe da Secção de Caça e Pesca do Dep. de Industria Animal do Estado de S. Paulo. 336 páginas em ótimo papel couché, fartamente ilustradas. Distribuidora da explendido livro, para todo o Brasil: CHA. E QUI. — Caixa Postal, 34-B — S. Paulo — Exemplar Cr$ 20,00.

(2) VIGA, DOS TATUS, NOSSOS AMIGOS NO CAMPO. Fevereiro de 1914 - pág. 39 (ilustrado) — ZOOLOGIA DOS TATUS, junho de 1916 - página 429 (il.); — O TATÚ E A DOENÇA DO BARBEIRO, junho de 1918 - página 450 (ilustrado); — O TATÚ E AS SAUVAS, por D. F., em Setembro de 1930 - página 307, (ilustrado); — DESTRUINDO TATUS, pelo Dr. J. de Paiva Carvalho, em julho de 1942 - página 72; — ARMADILHAS PARA TATUS, por H. Légner, Fevereiro de 1943 - página 224 e seg. (il.) etc.

Chacara e Quintaes, 1945.



VOLUME N.º 74 ● CHA. E QUI. — 15 DE SETEMBRO DE 1946 ● PÁG. 325

TAPITI: O nosso Coelho do Mato

(ESPECIAL)

Quando a CHACARAS E QUINTAIS publicou em 1914 o seu primeiro livrinho CRIAÇÃO DE COELHO, edição agora completamente desaparecida e substituida pelas obras mais recentes de conhecidos progressistas já com experiencias vitoriosas brasileiras: naquele livrinho de há 32 anos e que foi o primeiro, sobre o assunto publicado no Brasil, dizíamos aí, como não podia deixar de ser, em capitulo especial sobre o nosso proprio coelho, o COELHO-DO-MATO, o nosso simpatico TAPITI, cuja belissima tricromia hoje reproduzimos nos nossos leitores, reproduzindo-a, com a gentil permissão dos seus editores, da grandiosa obra argentina MAMIFEROS SUD-AMERICANOS de Cabrera e Yepes, cujos quadros não da autoria do artista-pintor Wiedner. (1)

Embora os zoologistas afirmem que o TAPITI não possa cientificamente chamar-se pelo COELHO, nem LEBRE, é fato que não só nós, como desde 1587 o tão citado Gabriel Soares de Sousa, todo o mundo o chama de coelho e de lebre: são estas as palavras do antigo escritor lusitano ao citá-los: "Em toda a par-

(1) Mamiferos Sud-Americanos (Vida, Costumbres y Descripcion) pelos Dr. Angel Cabrera e Dr. José Yepes, professores de zoologia e membros da la Comision Nacional de Protección de la Fauna Sud-Americana. Todos os quadros coloridos, em numero de 60 grandes laminas, são de autoria do artista pintor Don Carlos C. Wiedner. Edição: Compañia Argentina de Editores — Buenos Aires, 1940.

A bela tricromia representa o chamado TAPITI DE AZARA, ou **Coelho-do-Mato**, SYLVILAGUS BRASILIENSIS, e a reproduzimos, com venia, da obra argentina MAMIFEROS SUD-AMERICANOS dos Drs. Angel Cabrera e José Yepes. É autor do estupendo quadro o artista pintor Don Carlos C. Wiedner.

Chacara e Quintaes, 1945.



VOLUME N.º 76 ● CHA. E QUI. — 15 DE JULHO DE 1947 ● PÁG. 65

No mundo das Cuicas:

OS MIMOSOS PEQUENOS MARSUPIAIS DO BRASIL

(ESPECIAL)

Quando o Museu Nacional editou o atraente e util livrinho de M. Maojen intitulado "Captura e Preparação de Pequenos Mamiferos para Coleções de Estudo", este nosso revista deu-lhe ampla divulgação e aconselhou aos leitores interessados em tais assuntos de não deixar de enviar uma cartinha á Professora Helena Alberto Torres, Diretora do M.N., solicitando um exemplar do pequeno e eficiente manual. Entre aquêles que atenderam o livrinho contou-se uma distinta estudiosa nazarena, residente no interior do Estado, de quem recebemos logo a interessante carta-consulta que vai a seguir: "Lendo a bela notícia, escrevi ao Museu Nacional e não demorou o

belo livrinho estar em minha mão. Pegai verdadeiramente encantada pelas otimas instruções, tão claras e ricas de ilustrações explicativas. No mesmo dia que chegou o livrinho, do sr. Maojen, o meu gato capou um pequeno marsupio por mim descobrido e algo esquisito apanhei-o e até o bichinho mordeu-me no dedo com seus quasi microscópicos uns alicates dentinhos. Decidi de embalsamar o bichinho de acôrdo com os costumentos do livro. E minha primeira experiencia de embalsamar. Gastei tanto tempo como se tivesse de embalsamar um elefante, mas consegui perpará-lo de maneira que a possa remeter ao sr. Redator para que o classifique e me informe

A CUICA D'AGUA, ou CUICA-DE-DE-PATO (**Chironectes minimus**), da numerosa familia das CUICAS, é certamente um dos mais elegantes representantes da ordem dos **marsupiais** e da familia das **didelfidas**, embora os mais bonitos sejam os pequenos CATITAS, o 3 uma especie deles, cientificamente **Metachirus Americana**, mais especialmente dedicado o presente artigo. Reproduzimos a belissima tricromia de uma das aquarelas do artista pintor Don Carlos C. Wiedner que numerosas enriquecem a obra MAMIFEROS SUD-AMERICANOS dos Drs. Angel Cabrera e José Yepes, professores de zoologia da Universidade de Buenos Aires, obra publicada com o maior luxo e riqueza pela Compañia Argentina de Editores).

Chacara e Quintaes, 1947.



VOLUME N.º 77 ● CHA. E QUI. — 15 DE ABRIL DE 1948 ● PÁG. 455

Vida e costumes dos nossos Coatis

(*Nasua sp.*)

Os COATIS são animais de inteligencia viva, muito simpáticos, alegres e quando domesticados excelentes companheiros, roubeira, alguns revelam como o amigo urso, seu remoto parente, um caráter dissimulado.

O COATI tem feição tipica, pois apresenta um longo focinho movel, insinuante, cauda comprida, que ao marchar mantem-na no alto. (1).

(1) CHACARAS E QUINTAIS publicou em seu fascículo de 15 de Outubro de 1940 um artigo sobre COATIS, da autoria do nosso colega amazonico Agenor Couto de Magalhães. Recentemente o nosso colaborador Dr. Carlos de Paiva, do mez de Paz Brasil Curitiba) THE GREAT NATURALISTS EXPLORE SOUTH AMERICA (New York, 1940), interessantes noticias sobre o nosso COATI que diz "pessoa uma longa cauda mal é absolutamente comprimida e a morde é conservada erguida e o seu corpo comprido, magro, quasi pessoal. Seu focinho é longo em forma à Cabeça de Gorgona!"

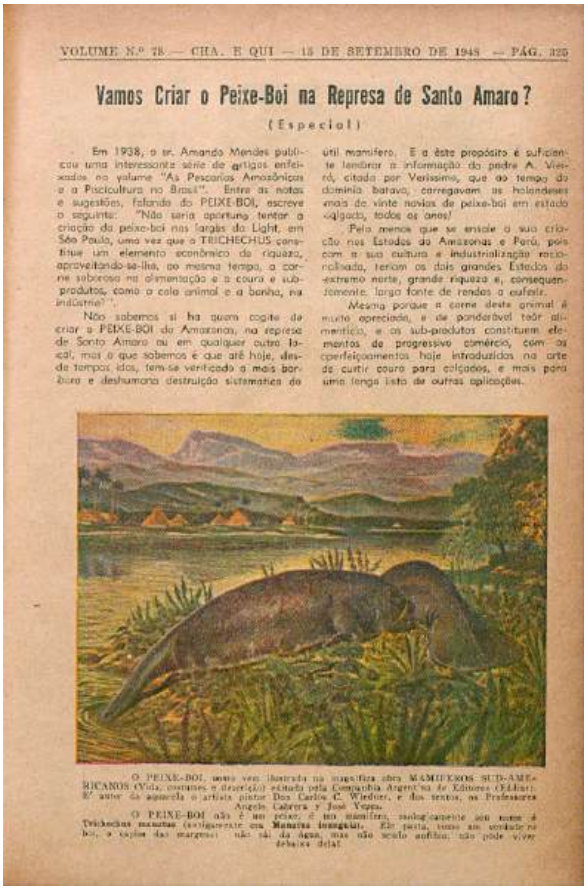
O corpo do animal, da ponta do focinho á raiz da cauda mede 70 cm. e a cauda 50 a 55 cm., quer dizer que medindo toda o animal 120 a 125 cm. a cauda representa 41 a 44 % do seu comprimento. As pernas são curtas dando todo isso ao animal particular respecto o que lembra Marcgrave a descrevê-lo como "uma raposa do tamanho de um cachorro, com pernas curtas e braços iguais ao do macaco-de-sabo-comprido".

A pelagem do COATI malhos se define de tenue que é de côr cinza avermelhada quasi ao ventre o nivel tende para o amarelado. Nos focinhos preto ha perto dos olhos, manchas esbranquiçadas e traços desta mesma côr em pleno cara. Os pés são pretos.

No cauda vêem-se 7 ou 8 anéis pretos, que se alternam com outros claros. Mas não se pode descrever com precisão a côr da pelagem

Os **Coatis**, gêneros **Nasua** dos zoologistas, carnívoros bem conhecidos nos estados setentrionais são seus países e suas covas. Acostumam-se ao cativeiro e — na dizer de Carlos de Magalhães "tornam-se então os admiradores mais convictos do cativo, pois não morgos e muito amigos dos seus amos, o que não acontece com relação às guaribas e primatas..." Recordaremos a presente tenue tricromia da notavelmente obra dos Professores Angelo Cabrera e José Yepes MAMIFEROS SUD-AMERICANOS (Vida, costumes e descrição) editada pela Companhia Argentina de Editores, de Buenos Aires, e autor do aquarelista artista pintor Don Carlos C. Wiedner.

Chacara e Quintaes, 1948.



VOLUME N.º 78 — CHA. E QUI — 15 DE SETEMBRO DE 1948 — PÁG. 329

Vamos Criar o Peixe-Boi na Represa de Santo Amaro?

(Especial)

Em 1938, o sr. Amando Mendes publicou uma interessante série de artigos enfeixados no volume "As Pescarias Amazônicas e a Piscicultura no Brasil". Entre as notas e sugestões, falando do PEIXE-BOI, escreve o seguinte: "Não seria oportuno tentar a criação do peixe-boi nas largas do Light, em São Paulo, uma vez que o TRICHECHUS constitue um elemento econômico de riqueza, aproveitando-se-lhe, ao mesmo tempo, a carne saborosa na alimentação e a coura e subprodutos, como o cola animal e a banha, na indústria?".

Não sabemos si ha quem cogite de criar o PEIXE-BOI do Amazonas, na represa de Santo Amaro ou em qualquer outro local, mas o que sabemos é que até hoje, desde tempos idos, tem-se verificado a mais bárbara e deshumana destruição sistematica do util mamifero. E a êste propósito é suficiente lembrar a informação do padre A. Vieira, citada por Varnhagen, que ao tempo do dominio batavo, carregavam as holandezes mais de vinte navios de peixe-boi em estado salgado, todos os anos!

Pelo menos que se estude a sua criação nos Estados do Amazonas e Pará, pois com a sua cultura e industrialização racionalizada, teriam os dois grandes Estados do extremo norte, grande riqueza e, consequentemente, larga fonte de rendas a explorar.

Mesmo porque a carne deste animal é muito apreciada, e de ponderavel teôr alimentício, e os sub-produtos constituem elementos de progressivo comércio, com os aperfeiçoamentos hoje introduzidos na arte de curtir couro para calçados, e mais para uma longa lista de outras aplicações.

O PEIXE-BOI, numa vez ilustrada na magnifica obra MAMIFEROS SUD-AMERICANOS (Vida, costumes e descrição) editada pela Companhia Argentina de Editores (Ediar). E' autor da aquarela o artista pintor Don Carlos C. Wiedner, e dos textos, os Professores Angel Cabrera y José Yepes.

O PEIXE-BOI não é um peixe; é um mamifero, zoologicamente sob nome de **Trichechus manatus** (exemplar na **Manatus inunguis**). Em parte, tendo um comportamento boi, o caboclo das margens: não vai da água, mas não sendo anfibio, não pode viver debaixo delal



VOLUME N.º 82.º — CHA. E QUI — 15 DE NOVEMBRO DE 1950 — PAG. 585

O OURIÇO CACHEIRO

(ESPECIAL)

Esta almofada de alfinetes andante diverte muito quem tem a pachorra de observá-la mais a miude, porém de certa distancia e com o devido respeito, bem entendido. O animalsinho de forma alaranjada não procura causar mal a ninguém, é muito pacato, levando a sua vidinha por entre matas e campos, mas faz questão de não ser amolado e se alguem, gente ou bicho, isto não quer ou não pode compreender e insiste em pegar naquela coisa espinhosa, tanto pior para ele. O

Não temos certêza se, de fato, são em número de trinta mil os dardos, talvez sejam apenas 29.856, mas certo é que são afiadissimos, muito leves, ocos, quebradiços como vidro e, por cúmulo de perversidade, ainda nas pontas munidas de uma infinidade de farpas, quase invisiveis a olho nú, tão pequeninas que são. Mas erro é pensar que o "porquinho de espinhos" jogue os seus dardos de encontro a quem o procura molestar: solta-os com extrema ligeireza, isto sim, mas jogar não os joga. No efeito ofensivo são todos iguais os espinhos, da cabeça até a ponta do rabo, mas é o rabo, por ser muito movel e sempre agitado pelo animal nos momentos de perigo, que deve ser mais respeitado. As espinhas uma vez encravadas na carne tendem a penetrar o mais profundo possivel, indo andando para dinate sem parar, impulsionadas pela torção dos músculos da vitima. Não adianta tentar "amolecer" as espinhas com óleo ou outra coisa qualquer, a fim de que se

* Reproduzimos da História Natural Ediar, esta belissima aquarela do artista pintor Don Carlos C. Wiedner, onde a devida ênfase. Embora reduzindo-lhe o tamanho, aparece com as mesmas côres em que figura na soberba obra dos ilustres zoologistas argentinos Dr. Angel Cabrera e Dr. José Yepes, autores de MAMIFEROS SUD-AMERICANOS. Representa o citado quadro o OURIÇO **Coendou paraguayensis**, comum na república vizinha que lhe deu o nome, mas no Brasil a mais comum é outra espécie vizinha, o **Coendou villosus**. "O nome de OURIÇO CACHEIRO é batismo portuguêz" diz Enrico Santos.

O nome indígena é CUIM.



VOL. 11.º • N.º 6 • CHA. E QUI. • 15 DE JUNHO DE 1951 • PAG. 378

Os "pequenos" mamiferos "grandes" inimigos da "pequena" criação

Este GAMBA' é a terrivel COMADREJA dos argentinos (Didelphis azarae) cuja bela fotografia especialmente em poder do escritor que dirige a extraordinaria obra MAMIFEROS SUD-AMERICANOS dos Drs. Angel Cabrera e José Yepes, autor da aquarela o pintor Don Carlos C. Wiedner, (Edição da Companhia Argentina de Editores, de Buenos Aires).

Chacara e Quintaes, 1945.

Chacara e Quintaes, 1945.

Chacara e Quintaes, 1947.



PROTECÇÃO Á NATUREZA

CONFERENCIA REALIZADA PELO DR. ALBERTO J. DE SAMPAIO
— NA "SOCIEDADE DOS AMIGOS DE ALBERTO TORRES" —

«Protecção á natureza», artigo do botânico Alberto José de Sampaio (1881-1946) publicado em *O Campo*, n.12, 1932, p.60.

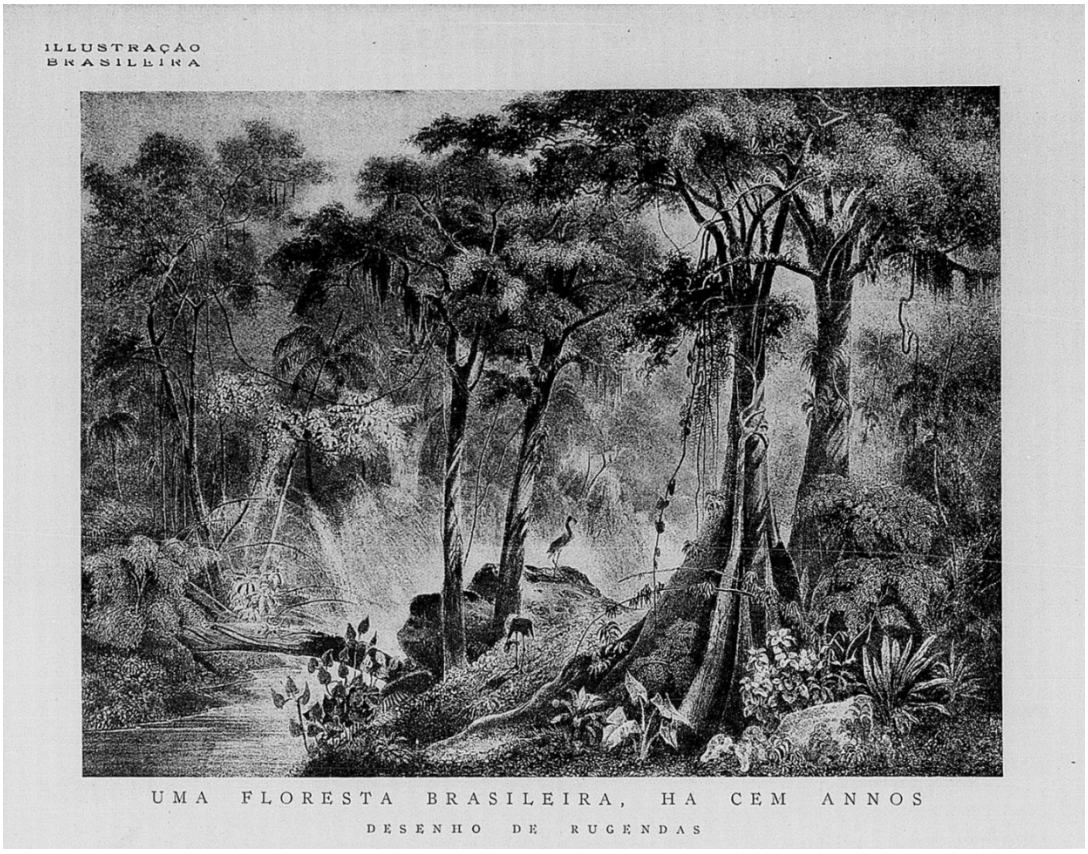
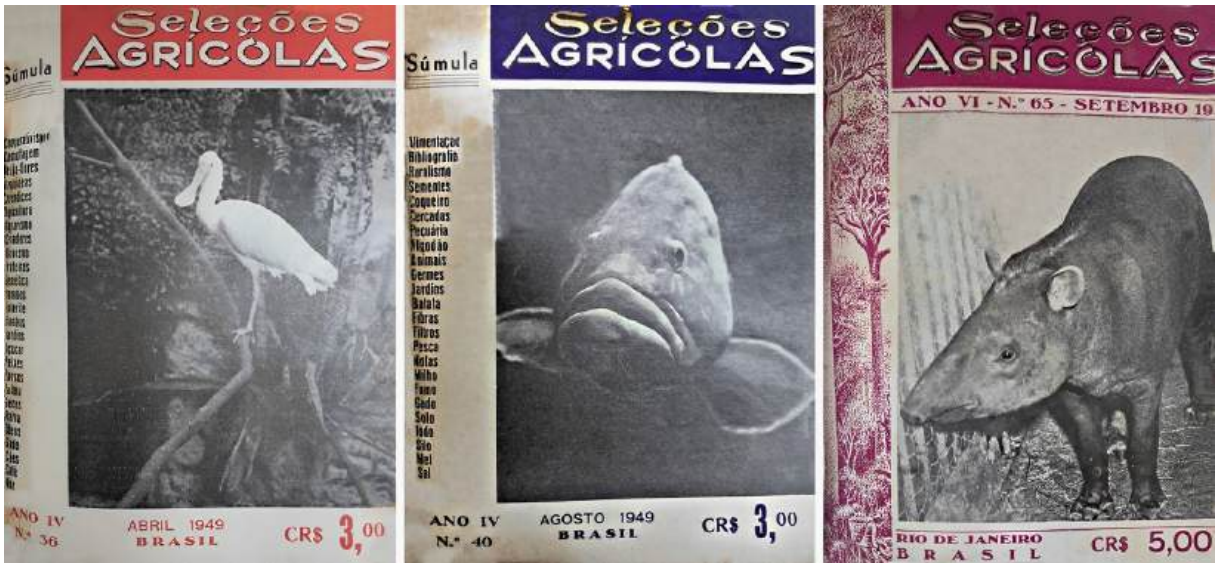


Ilustração do artigo "A perfeição", de José do Patrocinio Filho (1853-1905)[77], publicada na revista *Illustração Brasileira* (n.27, 1922, p.27).

[77] José do Patrocínio Filho (1886-191-), jornalista, escritor, diplomata e empresário teatral, preso em Londres durante a 1.ª Guerra Mundial acusado de espionagem, filho de José do Patrocínio (José Carlos do Patrocínio), jornalista, orador, poeta e romancista (Academia Brasileira de Letras, 2024).



Capas de *Seleções Agrícolas* estampando fotografias de espécies da fauna silvestre brasileira: colhereiro, mero e anta.



Capas de *Seleções Agrícolas* estampando desenhos em nanquim da fauna silvestre brasileira: suçuarana, borboleta e arapaçu.

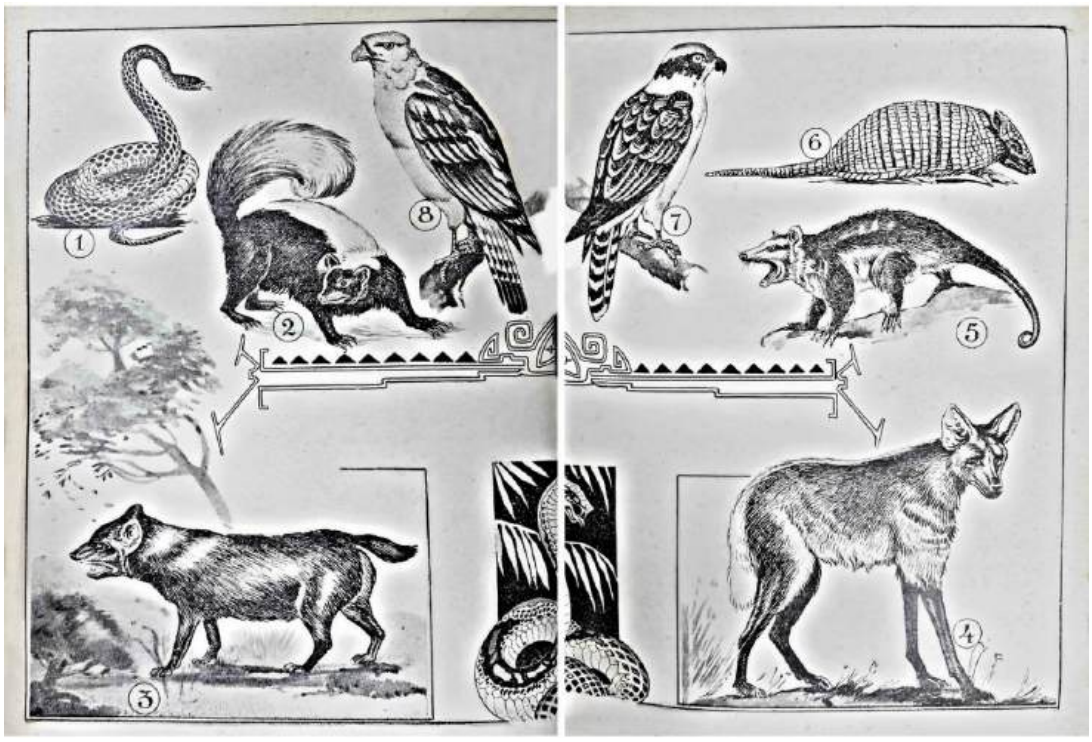


Ilustração de Manuel Móra para o artigo “Os inimigos dos nossos inimigos são bons amigos nossos”, de E.S., publicado em *Seleções Agrícolas*, n.1, 1946. Trecho do artigo: “Muito se tem escrito, até no Brasil, a propósito dos animais silvestres que, por comerem serpentes, podem prestar serviços, limitando um tanto a multiplicação dos ofídios venenosos. E' claro que não podemos contar com êsses inimigos naturais senão de forma muito relativa. Entretanto, mal andaríamos se não aproveitássemos”.



UM POUCO DE CIÊNCIA

SUPLEMENTO DE DIVULGAÇÃO TÉCNICO-CIENTIFICA

Um deus dormiu nas orquídeas

E OS BEIJA-FLÔRES, GASTRÔNOMOS EXIGENTES, FAZEM DAS ARANHAS SEU REPASTO PREDILETO

A maravilhosa entrosagem do mundo animal com o vegetal — Um dia é da caça, outro do caçador — A teia de aranha com que o beija-flor constrói a delicada estrutura de seu ninho pode se transformar em cilada imprevista — Propagadores de espécies

EURICO SANTOS

Qualquer observador superficial, mesmo sem intenções pré-determinadas, percebe a entrosagem maravilhosa da vida animal e vegetal. Observa logo que muitos animais alimentam-se à custa do mundo vegetal e outros à custa dos que assim se alimentam.

Mas se êste fato é tão evidente, que logo à primeira vista chama atenção, outros se processam no recesso da vida íntima da natureza, que só o observador atilado, interessado na descoberta dos pequenos segredos da vida animal e vegetal, descobre-os.

Ora vejamos o que acontece com beija-flôres, orquídeas e aranhas, que parecem não dever nada uns aos outros.

A CÂMARA ACETINADA DAS ORQUÍDEAS

As magníficas orquídeas abrigam, em seu hipoquílio, que é a parte inferior do labelo — ampla câmara acetinada — certas pequeninas aranhas.

Os beija-flôres sabem disto e talvez até "acreditem", na sua inocência, que é o deus dos beija-flôres que ali as colocou para ajudá-los na criação da prole.

Seja como fôr, porque nada sabemos do que se passa na cabecinha daquelas aves, mas o fato é que tais criaturinhas visitam sempre as orquídeas em flor.

Jovens aranhas e espécies de aranhas pequeninas ainda são encontradas nas pétalas de muitas flôres e igualmente com elas se regalam os beija-flôres.

Há quem afirme que tais aranhas, em certos casos, possam fecundar as flôres o que levou o naturalista argentino Dinelli a interrogar se as aranhas são úteis, e se os beija-flôres, seus inimigos naturais, não representarão um papel nefasto?

Como é sabido, as aves de que tratamos, alimentam-se, não exclusivamente de nétar das flôres como se chegou a pensar, mas igualmente de aranhas como vimos, e insetos, especialmente micro-coleópteros, micro-himenópteros e dipterídias.

"GASTRONOMOS" EXIGENTES

Há certas espécies que têm predileção alimentar especial pelas aranhas, a ponto de se encontrar em seu trato intestinal 43,40% dêstes animaículos, embora em outros tal proporção não passe de 2%.

Esta preferência de tal modo se evidencia, quando sabemos que êles não

Beija-flôres, orquídeas e aranhas

trepidam, muitas vêzes, em ir caçar, na própria teia, a sua moradora.

O naturalista Augusto Ruschi que como ninguém conhece a vida e costume dos troquilídeos, descreveu uma destas cenas de caça efetuada pelo beija-flor *Pygmornis idaliae*.

O "BALLET" MACABRO

A graciosa "tragédia" começa por um ballado em derredor da teia, descrevendo círculos, com o bico aberto. É um "ballet" delicioso, diz o naturalista acima citado, "acompanhado de canto em compasso quaternário dizendo, em voz de berimbau: rau-rau rau-rau".

Não desmentindo o ditado "um dia é da caça e outro do caçador", tem-se encontrado, êste, poucas vêzes, preso no aranhol onde teria sido sacrificado.

Os beija-flôres precisam das aranhas não sòmente para lhes aplacar a fome, mas também como fornecedoras de material indispensável na construção de seus ninhos.

Realmente Ruschi chega a dizer: "A fixação de tôda o material dos ninhos dos troquilídeos e a fixação do próprio ninho ao suporte em que se encontra, é sempre feito com teia de aracnídeos e de florideos".

Estamos, pois, verificando o quanto de dependência existe entre beija-flôres e aranhas.

PROPAGADORES DE ESPÉCIE

Em relação às orquídeas, os beija-flôres são indispensáveis para a vida e propagação de algumas espécies, especialmente as do gênero *Stanhopea*.

Enseja-nos êste fato um quadro curioso assim descrito por Hoehne.

"Em *Stanhopea*, diz o famoso botânico, êste órgão (labelo)da flor desenvolve dois cifres sôbre um saco da base, mais ou menos grande e tem em seu ápice uma lâmina, que se parte

"FABRICANDO" MARRECOS em laboratório

PARIS — Tôda a imprensa parisiense comenta e ilustra o nascimento, num laboratório do Bosque de Bolonha, dos vinte e seis marrecos do professor Jacques Benoit, do "Collège de France", do Reverendo Padre Leroj, da Ordem dos Jesuítas.

Os marrecos em aprêço representam a primeira descendência de uma nova raça dita "Branca de Neve", "fabricada" recentemente com o auxílio de injeções de ácido desoxiribonucléico (ADN) nos palmípedes da raça denominada de "Pequim". As transformações observadas nos pais se reproduzem nos 26 marrecos. Nestes, a modificação dos caracteres hereditários parece definitiva. A questão que se apresenta é a de saber se as mutações serão transmissíveis à geração seguinte.

A "operação marreco" apaixona o mundo científico. O cronista científico do "Monde", o dr. Escoffier-Lambiotte, considera que o nascimento dos marrecos "Branca de Neve" poderia, certamente, marcar "o advento de uma nova era da biologia e da genética" (F.P.).

quídeas do gênero citado a existência de beija-flôres.

Quisemos nestas ligeiras pinceladas ecológicas chamar atenção dos estudiosos, sobretudo daqueles que acham encanto nos domínios da biologia, para esta vida de interdependência ou melhor de relação entre a flora e a fauna.

“Quisemos nestas ligeiras pinceladas ecológicas chamar a atenção dos estudiosos, sobretudo daqueles que acham encanto nos domínios da biologia, para esta vida de interdependência ou melhor de relação entre a flora e a fauna”.



388 MEMORIAS

MEMORIA

Sobre a Peſca das Baleas, e Extracçaõ do ſeu Azeite; com algumas reflexões a reſpeito das noſſas Peſcarias.

POR JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

Niſi utile eſt quod facimus, ſtulta eſt gloria.
Phædr.

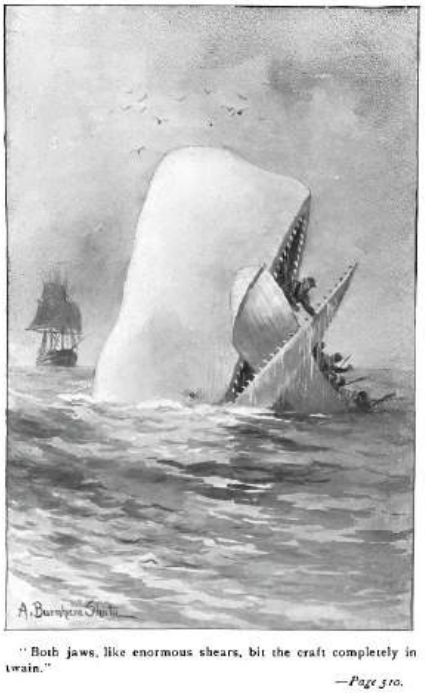
INTRODUCÇAÕ.

AS Peſcarias em geral tem a todos os Economiſtas Politicos até ao dia de hoje merecido louvas e bem fundadas recommendações. Deſde o começo do ſeculo paſſado as Nações Maritimas da Europa abriraõ os olhos ſobre eſte ramo de Induſtria, taõ intereſſante ao bem dos particulares, como ao geral dos Eſtados. Naõ preciza ter-ſe alguem empégado muito no eſtudo do Commercio, e da Economia Publica, para entender quanto cumpre o fomentar as peſcarias. Criadoras, como a Agricultura, ellas ſuſtentaõ a pouco cuſto os artifices e demais obreiros das fabricas e officios, em que he preciſo abaratar o trabalho por meio de huma commoda ſubſiſtencia.

E que lucros naõ haõ grangeado e naõ grangeaõ ainda hoje os Hollandezes, Inglezes, e os demais Povos do Norte da peſca unicamente do Harenque? Só á Hollanda rendia eſte ramo em tempo de D. Jeronymo de Uztariz, conforme ſeu calculo, perto de 40,000,000 cruzados; e empregavaõ annualmente nella 3,000 barcos, e 15,000

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria (Fedro)
[Nada do que fazemos é útil, estulta[78] é a glória]

Transcrição de trecho do artigo[79]: “Deve certo merecer também grande contemplação a perniciosa prática de matarem os baleotes de mama, para assim arpoarem as mães com maior facilidade. Têm estas tantos amor aos filhinhos, que quase sempre os trazem entre as barbatanas para lhe darem leite; e se porventura lhos matam, não desamparam o lugar, sem deixar igualmente a vida na ponta dos farpões: é seu amor tamanho, que podendo demorar-se no fundo da água por mais de meia hora sem vir respirar acima, e escapar assim ao perigo, que as ameaças, folgam antes expor a vida para salvaram a dos filhinhos, que não podem estar sem respirar por tanto tempo. Esta ternura das mães facilita sem dúvida a pesca: e o método de matar primeiro os baleotes pequenos para segurar as mães, que enraivecidas muitas vezes viram as lanchas, parece visto a vulto excelente, mas olhado de perto é mau, e trará consigo, a não se prover nisso, a ruína total desta tão importante pescaria”.



"Both jaws, like enormous shears, bit the craft completely in twain."

—*Page 510.*

Moby Dick atacando um navio baleeiro. Ilustração[80] de Augustus Burnham Shute (1851 ou 1852-1906) da edição *Moby-Dick*, de Herman Melville (1819-181), publicada por CH Simonds Co. em 1892. O romance foi escrito em 1851.

[78] a.1. Que não tem discernimento; que se mostra insensato, tolo, estúpido; PARVO; IMBECIL; NÉSCIO [Antôn.: perspicaz.] [F.: Do lat. stultus.] (Aulete Digital, 2024).
[79] ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de. *Memória sobre a pesca das baleias, e extracção do seu azeite; com algumas reflexões a respeito das nossas pescarias*. In: Memórias econômicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes e da indústria em Portugal, e suas conquistas. Lisboa: Na officina da mesma academia, 1790, tomo II, p.388-430. Disponível em: Google Livros. Acesso em : 1 mar. 2024.
[80] Wikimedia Commons. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Moby_Dick_p510_illustration_(cropped).jpg



Pesca da baleia na Baía de Guanabara [17--], óleo sobre tela, 96 x 125,7 cm. Acervo do Museu Histórico Nacional. Pintura documental de Leandro Joaquim (1750-1798). “Na metade inferior, mar calmo, azul, com navios e pequenos barcos repletos de homens, perseguindo várias baleias, umas pulando e outras esguichando água. No centro inferior, ilhota ocupada em toda sua extensão por fortificação retangular de paredes inclinadas e pequenas casas. À esquerda, duas baleias mortas, cujas carnes estão sendo cortadas por alguns homens que se encontram sobre elas. Na metade superior, ainda à esquerda, casas e galpões. Ao fundo, cadeia de montanhas verdes e céu limpo em tons róseos e azuis. Moldura oval, em madeira estucada e dourada, envolvida por toro de loureiro em relevo. No dorso do chassi, carimbo com a inscrição: FÁBRICA DE MOLDURAS/-DA-/GALERIA JORGE/131, RUA DO ROSÁRIO”.



Detalhe da tela *Pesca da baleia na Baía de Guanabara* [17--] destacando a “armação” — construção beira-mar para onde as baleias arpoadas eram levadas para serem mortas e desmembradas.

A BALEIA, COMO ALIMENTAÇÃO PRINCIPAL DO HOMEM

O professor C. H. Lawall publicou na revista "American Journal" um curioso estudo sôbre a alimentação do homem dentro de 100 anos. Segundo o renomado cientista, a carne bovina será mais apreciada pelo seu sabor que pelo seu valor alimentício.

Os ovos continuarão a ter um grande consumo, mas a carne de baleia será o alimento preferido.

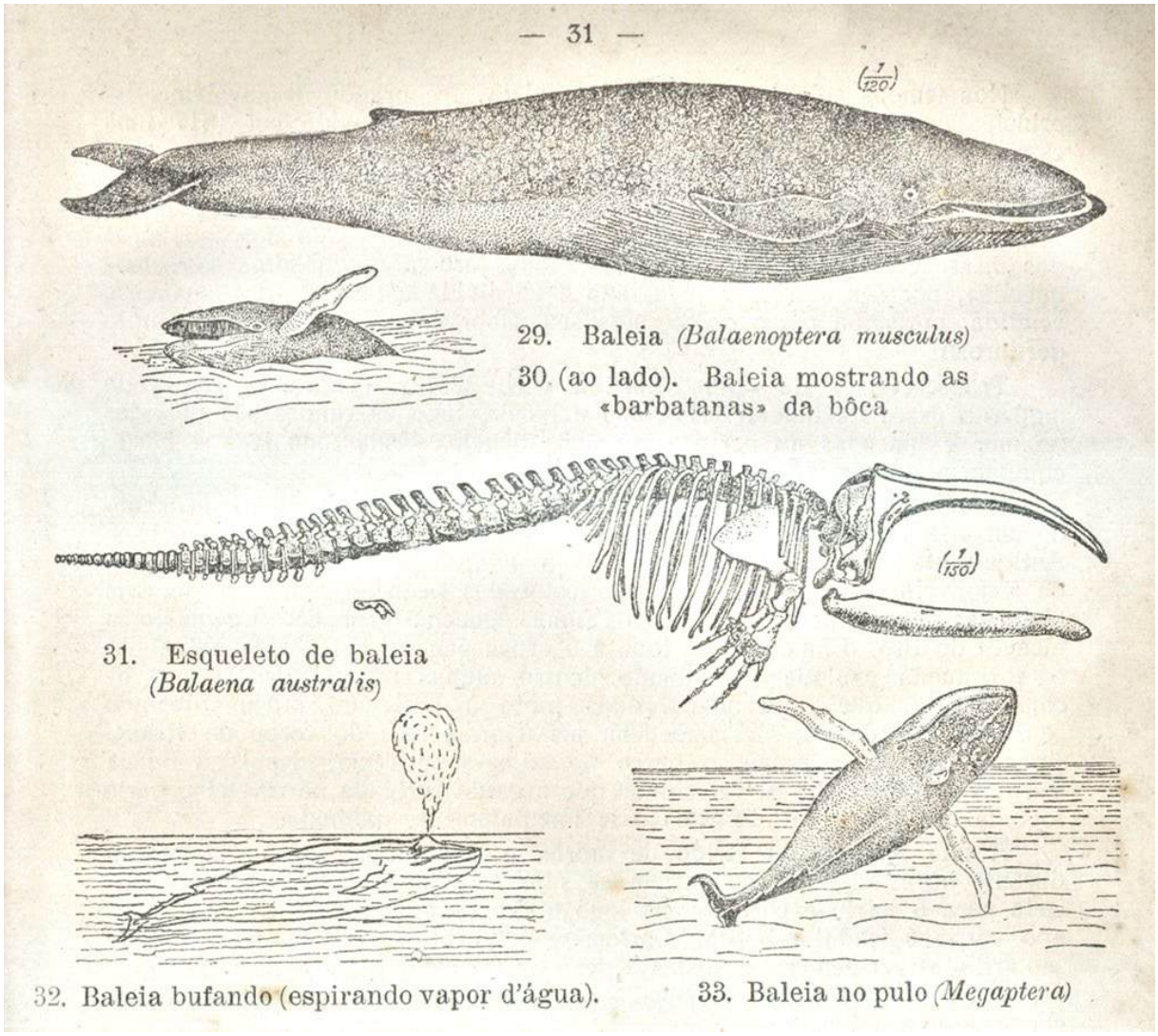
E sobretudo mais barato, pois uma só baleia dá 36.000 kgs. de carne magra e sem osso.

Assim sendo, esperemos o ano da graça de Nosso Senhor Jesus Christo de 2046, quando, então, segundo afirma o professor Lawall, poderemos comer um pouco melhor e muito mais barato.

Faltam 22 anos para que as previsões do renomado cientista Lawall sejam validadas ou refutadas. Nota publicada na revista *O Campo*, n.143, p.32, 1946.

“4 de outubro de 1859 = 9 ½ – Ontem recolhi-me às 8 ¼.
[...]
5 ½, defronte do rio das Contas, vê-se até a Ponta de Castelhanos e mais além a de Camamu e descobrem-se casas.
5 e 40’: Avista-se uma baleia.
5 ¾: O efeito do ocaso não pôde ser bem apreciado por causa das nuvens.
6 menos 6, esguicha a baleia, mas não a posso avistar.
Toca o Hino para arriar o estandarte. O cônego, que é de Sergipe e ordenou-se na Bahia, disse que o tempo das baleias é de junho até novembro e que agora andam elas paridas.”

Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891)
[81]



[81] BEDIAGA, Begonha (Org.). *Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891).* Petrópolis: Museu Imperial, 1999. v.2. [Viagem à costa leste – 1ª parte (Bahia) 01/10 a 07/11/1859].

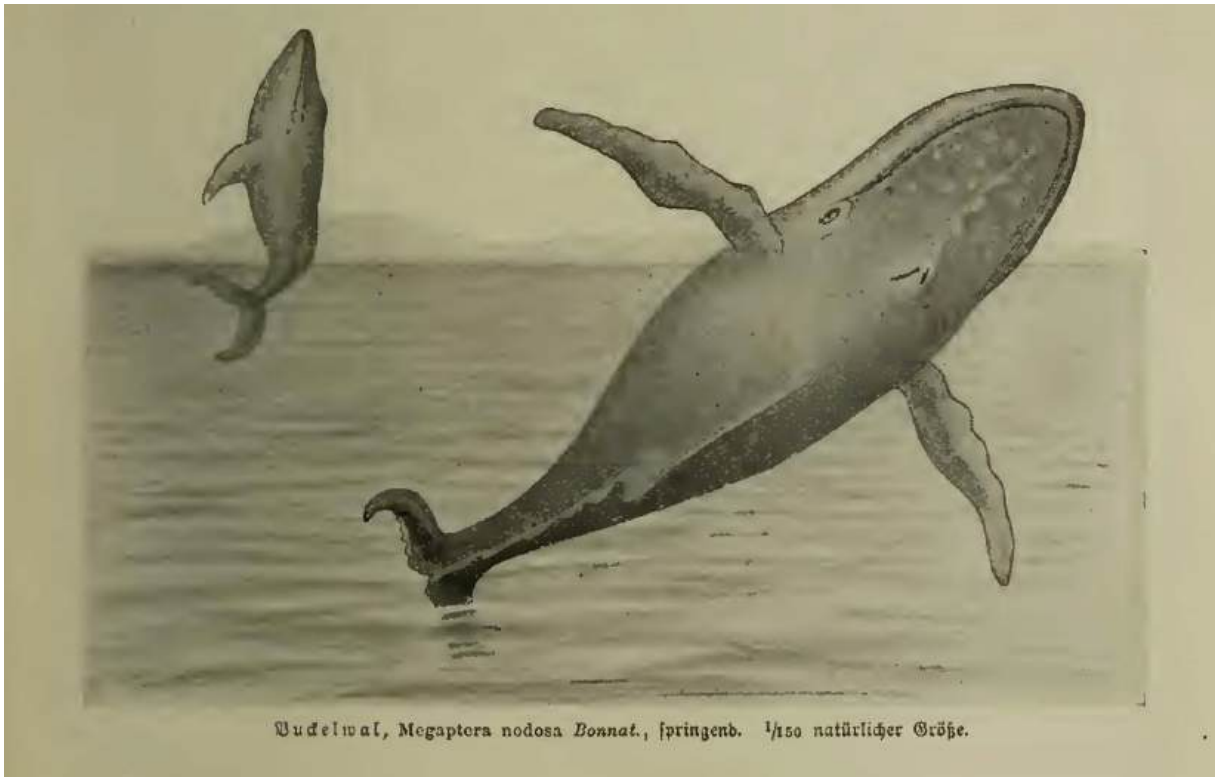
Figura do livro *Da vida dos nosso animais* (1946), de Rodolpho von Ihering.

"Não menos extraordinário que o reino das plantas é o dos animais que habitam as matas virgens. O naturalista para aí transportado pela primeira vez, não sabe o que mais admirar se as formas, os coloridos ou as vozes dos animais."

J. B. SPIX E C. F. P. MARTIUS[82]

"Em suma, com algum estudo nos grandes museus e aprofundando-se nas obras especiais de ornitologia, chegaremos ao resultado de que no atual período da terra, se acha concentrada nas zona tropicais do Velho e Novo Mundo, a maioria das aves assinaladas pela singularidade das formas e pela formosura do colorido".

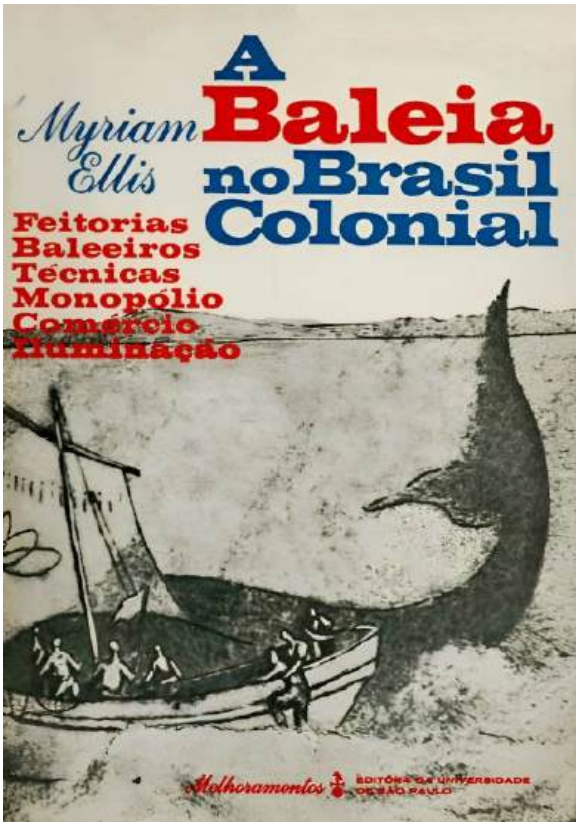
E. GOELDI[83]



Desenho de baleias-jubarte saltando, publicado em *Brehms Tierleben: allgemeine Kunde des Tierreichs* (1915) [A vida animal de Brehm: Conhecimento geral do reino animal], p.505.
Alfred Edmund Brehm (1829-1884) naturalista alemão (ornitólogo), escritor e pintor, organizador da coleção *Brehms Tierleben*, tornou-se uma referência na divulgação da fauna mundial.

[82] SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil 1817-1820.* Tradução: Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Editora Itatiaia: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. v.1. p.95. Título original: Reise in Brasilien. (Coleção Reconquista do Brasil, 46).
[83] Goeldi, 1894 *apud* Santos 1938, p.274.

A história da baleia no Brasil é marcada por um longo período de caça comercial e corrupção, que começou em 1603 e só terminou em 1986. A captura das baleias teve como objetivo o comércio, com a utilização de diversas partes do animal, como a carne, a gordura e as barbatanas. A pesca de baleia na Baía de Guanabara foi uma atividade econômica importante do século XVII até metade do século XIX. A região era um importante núcleo baleeiro e a capitania do Rio de Janeiro se beneficiou da atividade. A pesca da baleia foi introduzida no Brasil em 1602 pelos bascos de Biscaia, na Espanha. A atividade declinou no século XIX com a introdução da iluminação a querosene em substituição ao óleo de baleia.



"O tema das feitorias baleeiras no Brasil, que escolheu a Professôra Myriam Ellis para o presente trabalho, abre um território ainda inexplorado e singularmente fértil para o desenvolvimento entre nós dos estudos de história econômica no período colonial. Até aqui visavam tais estudos, quase sem exceção, o abranger aquêles produtos cuja importância se faz imediatamente evidente, mesmo aos não especialistas, tais como o açúcar, o ouro, o algodão e o café. Mas o certo é que a história econômica ficaria tão incompleta ou inconsistente se limitada a considerar aquilo que hoje parece de valor óbvio, como o ficaria a história política se se contentasse com a explicação e exaltação dos grandes caudilhos, das grandes batalhas ou das grandes revoluções. [...] Myriam Ellis desenvolveu um esfôrço de pesquisa verdadeiramente exemplar e, tanto quanto possível, exaustivo. Para isso recorreu a um sem-número de fontes. manuscritas ou impressos, nacionais ou estrangeiras que, sujeitas a criterioso e inteligente processo de triagem, lhe a1udariam a obter uma clara visão de conjunto da matéria estudada. E como se isso não lhe bastasse, ainda procurou iluminar melhor seu conhecimento dessa matéria, embarcando ela própria num moderno baleeiro. e buscando observar diretamente os aspectos da pesca do cetáceo que, não obstante as mudanças de métodos, se mantiveram, em parles, substancialmente os mesmos até os dias atuais. Creio que é essa a primeira vez em que a técnica da 'observação participante', bem conhecida dos sociólogos é aplicada entre nós num trabalho histórico, e espero, pelos bons resultados obtidos, que o exemplo seja fecundo".

Sérgio Buarque de Holanda, março de 1968.

Aqui nesta mostra de temas ecológicos, sentimos os Demonte demonstrando, de maneira sublime, amor e dedicação pelas coisas da Natureza, fazendo ressurgir com esse novo surto cultural-científico uma época do passado, revitalizada com temas ecológicos,tão de nossos dias.

Augusto Ruschi (1915-1986)

Gostaria de me externar a respeito da arte dos Demonte, que, a meu ver, aliam a técnica admirável, a observação da Natureza, documentando com minúcias de detalhes, características que definem não só a flora como também a fauna.

Roberto Burle Marx (1909-1994)



Capa de *Fauna e Flora do Brasil*[84].

[84] PEREIRA, Geraldo Jordão (ed.). Fauna e Flora do Brasil (Yvonne, Rosália e Ludmyla Demonte). Rio de Janeiro: Salamandra Consultoria Editorial: Shell, 1990. 176 p.

Referência da pintura naturalista no Brasil, os Demonte são reverenciados mundo afora por estudiosos das ciências da natureza e amantes da arte de perseguir a reprodução realista do mundo natural. Por muito tempo, foram conhecidos como irmãos Demonte [...]. “Nossa pintura é informativa, documentarista. Mas meu pai dizia que a pintura naturalista deve transcender os limites da mera documentação”, diz André [filho de Etienne Demonte]. “O naturalismo dos Demonte é, ao mesmo tempo, ciência e arte”. Rosália [Demonte], nascida em 1932, ilustra essa convergência com o testemunho da reação do público às obras da família durante exposição itinerante do Sesc que rodou o país por dois anos. “As crianças e adolescentes se emocionavam e aprendiam com as informações transmitidas pelos quadros” (Noel, 2004)[85].



Cartaz da exposição *Ilustrações e fotografias de Augusto Ruschi* em 2021.

[85] Os últimos naturalistas. A pintura da família Demonte resiste ao tempo e às novas tecnologias. Há quase 50 anos, eles aliam ciência e arte para registrar a fauna e a flora brasileiras. Disponível em https://oeco.org.br/reportagens/860-oeco_0573/. Acesso em: 1 mar. 2024.





Cartazes da exposição *Ilustrações e fotografias de Augusto Ruschi* em 2021.

No realismo das Desmonte [Yvonne, Rosália e Ludmyla], há a mesma representação fiel das espécies e a precisão que gerou imagens tecnicamente perfeitas. Mas a imaginação artística e sensibilidade para entrever aspectos mais sutis da realidade transcenderam a técnica e forma muito além da proposta informativa e científica, criando uma atmosfera própria, de encantamento e admiração intrínseca por todas as coisas vivas (Chrystiane Blower *in* Pereira, 1990, p.18).

Devemos ainda mencionar a família Demonte. Estes artistas incríveis que moram em Petrópolis perpetuam a tradição da ilustração botânica em nosso país. Os irmão [...] Demonte e seus filhos têm dado uma contribuição extraordinária para a ilustração de espécies animais e vegetais de nosso país. Seus trabalhos encontram-se nas melhores coleções do mundo, sendo que muitos dos mais belos selos editados pelos Correios do Brasil foram produzidos por eles (Santos-Silva, 2006)[86].

O Brasil desenvolveu uma grande tradição na ilustração científica, principalmente na ilustração botânica. Os irmãos Demonte, Maria Werneck de Castro — que nos anos 1960 trabalhou brevemente para o Departamento de Botânica da UnB — e, claro, Margaret Mee, são apenas alguns dos nomes de maior destaque (Santos-Silva, 2015)[87].

Eles [a família Demonte] utilizavam principalmente a *gouache* como material. Suas ilustrações da Fauna e Flora serviram de inspiração para várias gerações de ilustradores brasileiros (Museu de Biologia, 2024)[88].



Capitão-do mato (1960)
Morpho achilles achilleana,
de Rosália Demonte.

[86] SANTOS-SILVA, Marco Antônio. História da Ilustração Científica. *Cadernos Manuelzão*, n.2, p.12-16, 2006.
[87] SANTOS-SILVA, Marco Antônio. A ilustração científica como parceira na conservação do Cerrado. *Sustentabilidade em Debate*, v.6, n.1, p.200-217, 2015.
[88] Disponível em: https://mbiounb.com/explore/exposicoes/capturando-cores-da-ciencia-a-ilustracao/. Acesso em: 1 mar. 2024.









Etienne Demonte assina a arte de vários selos postais emitidos pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (exceto Búfalos do Marajó, arte de Yvonne Demonte).









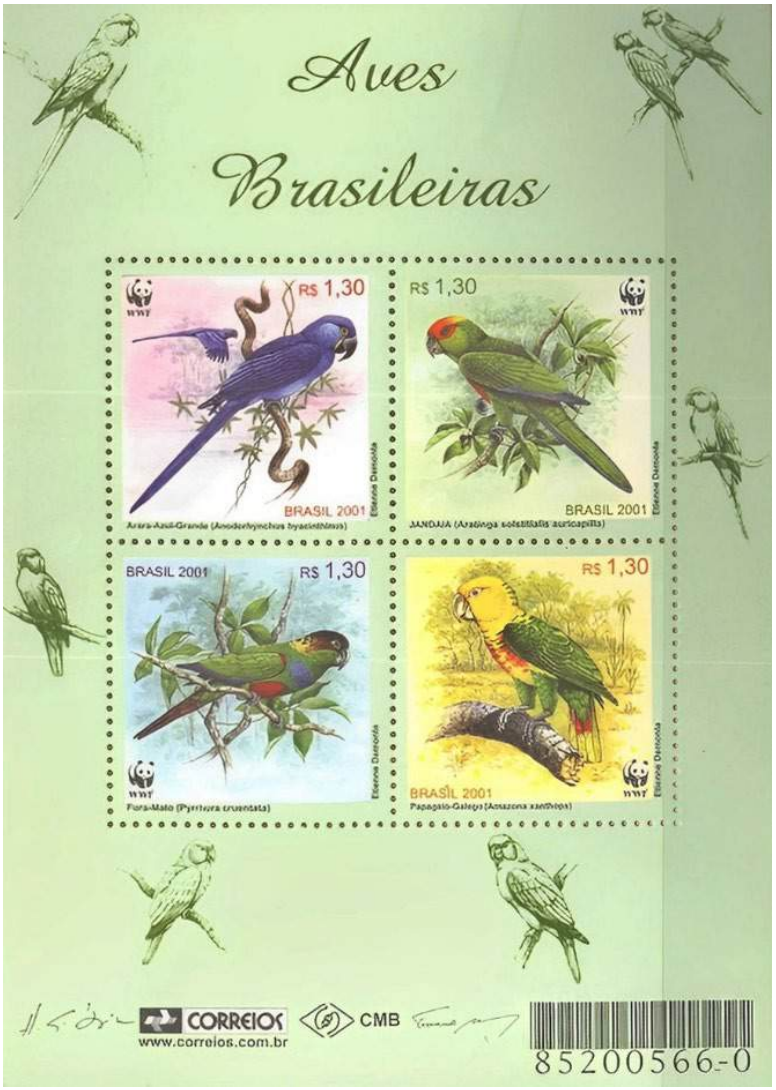
Etienne Demonte assina a arte de vários selos postais emitidos pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (exceto Reserva Mamirauá, uacari, arte de André Demonte).



Arte de Etienne Demonte, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 1991.
Tamanho real.



Arte de Etienne Demonte, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 1995.
Tamanho real.



Arte de Etienne Demonte, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 2001.
Tamanho real.

Dunas[89]

Mês de março em Salvador
o verão está no fim
todo o mato está em flor
e eu me sinto num jardim

Quem sair do Abaeté
rumo à praia do Flamengo
não de carro mas a pé
pelas dunas mato adentro

Há de ver belezas tais
que mal dá pra descrever
tem orquídeas, gravatás
água limpa de beber

Cavalinhas e teiús
borboletas e besouros
tem lagartos verde-azuis
e raposas cor de ouro

Sem falar nos passarinhos
centopeias e lacraus
nas jiboias e nos ninhos
de urubus e bacuraus

Vejo orquídeas cor de rosas
entre flores amarelas
Dançam cores, vão-se as horas
entre manchas de aquarela

Desce a tarde, vem na brisa
um cheirinho de alecrim
canta um grilo, sinto a vida
tudo está dentro de mim

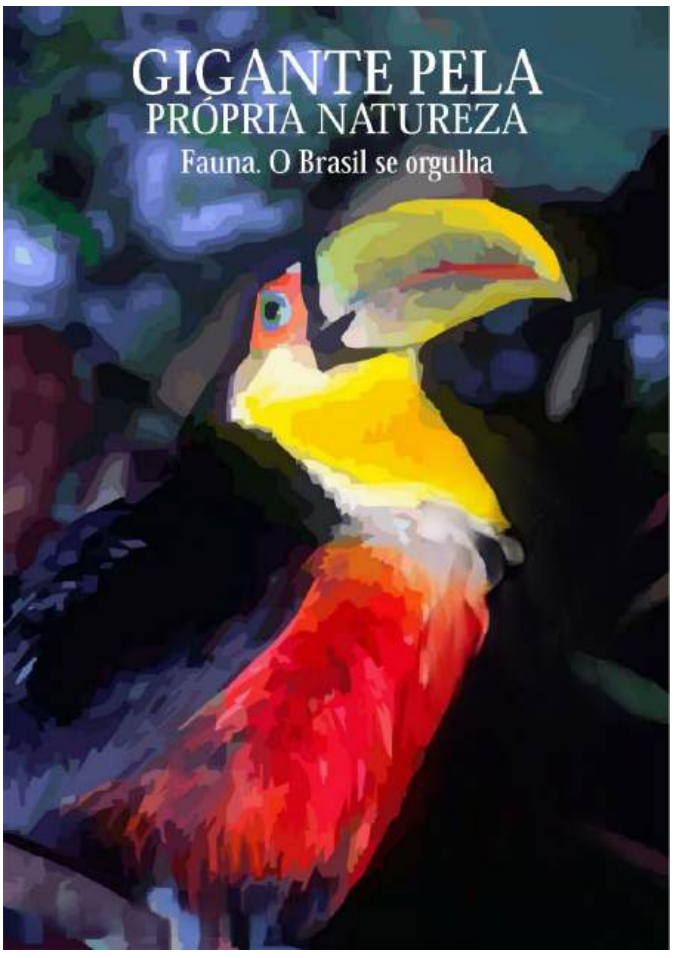
Mês de março em Salvador
o verão está no fim
todo o mato está em flor
e eu me sinto num jardim



[89] Composição: Rosa Passos e Fernando de Oliveira. Faixa do CD *Festa* (1993), gravadora Velas. Disponível em: https://www.letras.mus.br/rosa-passos/981737/ e https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/festa-1548 Acesso em: 13 abr. 2024.

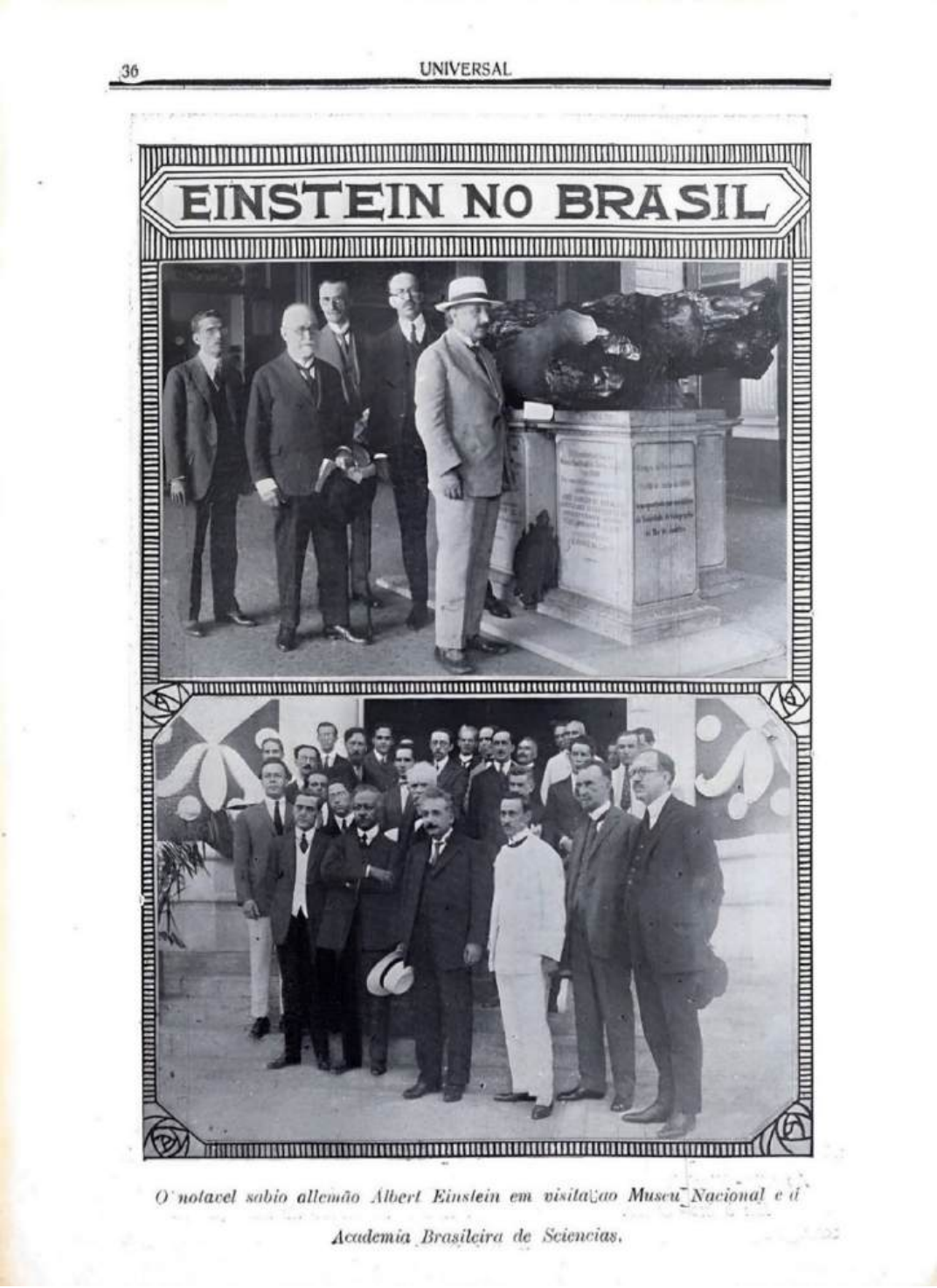


Arte-final de cartaz veiculado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - Ibama em [2006?], exibindo espécime de arara-canindé *Ara ararauna*[90].



Arte-final de cartaz veiculado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - Ibama em [2006?], exibindo espécime de tucano-de-bico-verde *Ramphastos dicolorus*[91].

[90] Wikiaves. Acesso em: 1 mar. 2024.
[91] Wikiaves. Acesso em: 1 mar. 2024.



36 UNIVERSAL

EINSTEIN NO BRASIL

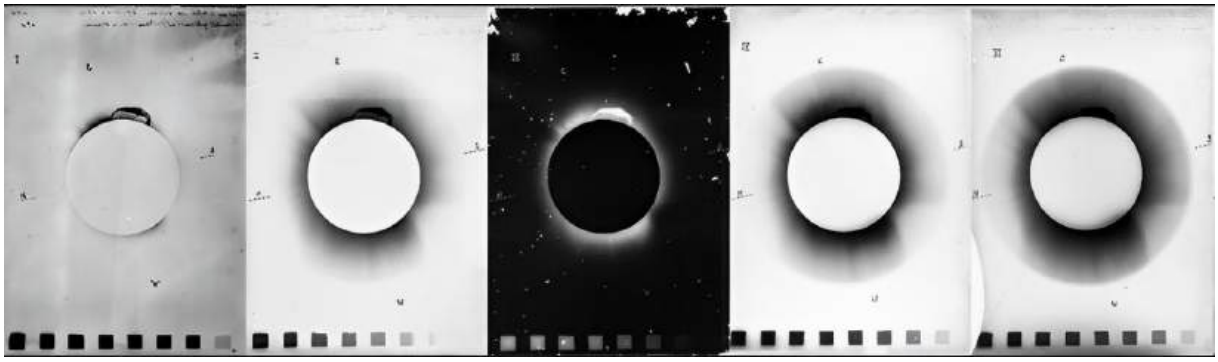
O notavel sabio allemão Albert Einstein em visita ao Museu Nacional e á Academia Brasileira de Sciencias.

"O notavel sabio allemão Albert Einstein em visita ao Museu Nacional e á Academia Brasileira de Letras" (Universal Revista Encyclopedica, n.19, 13 mai.1925, p.36)[92].

[92] Memória Biblioteca Nacional. Disponível em: Biblioteca Nacional Digital. Acesso em 29 fev. 2024.



Einstein e os astrônomos do Observatório Nacional em 9 mai. 1925.
Na ocasião, o cientista alemão conheceu os astrônomos que participaram da observação do eclipse de Sobral, em 29 mai. 1919. O município do estado Ceará entrou para a história da ciência por ser o local onde foi possível comprovar, experimentalmente, a Teoria da Relatividade Geral[93].

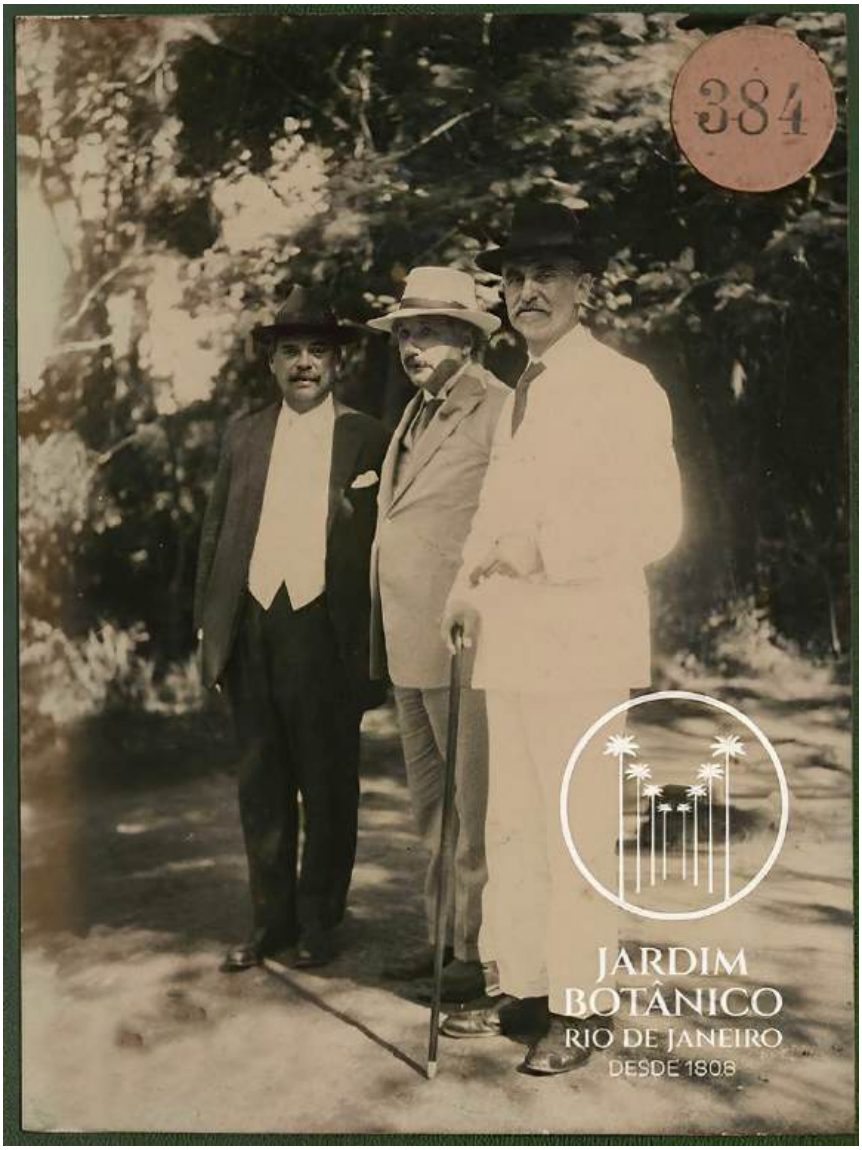


Placas fotográficas da coroa solar, de 18 x 24 cm, com diferentes tempos de exposição.
A Teoria da Relatividade Geral afirma que a massa dos corpos deforma o espaço próximo a eles, de modo que o caminho da luz emitida por um astro, ao passar pela vizinhança deformada, deixa de ser uma linha reta e é desviada. Esse fenômeno só poderia ser testado por meio de um eclipse total do Sol, ao observar as estrelas que estivessem atrás dele. Para se comprovar a teoria, algumas expedições científicas partiram em busca de locais favoráveis à observação. Após a Primeira Guerra Mundial, a previsão do próximo eclipse apontava para dia 29 mai. 1919 e a cidade de Sobral, no Ceará, e a Ilha do Príncipe, na África, como locais com posições geográficas favoráveis à observação da sombra total causada pela ocultação do Sol pela Lua[94].

[93] Disponível em: https://www.gov.br/mast/pt-br/assuntos/noticias/2018/maio/93-anos-da-visita-de-albert-einstein. Acesso em 29 fev. 2024.
[94] MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS - MAST. O Eclipse Solar de 1919: como a teoria da relatividade geral de Albert Einstein foi comprovada por um eclipse no céu do nordeste brasileiro. 2019. Disponível em: https://www.mast.br/sobral/index.html. Acesso em: 1 mar. 2024.

Einstein desembarcou no Rio de Janeiro no dia 21 de março de 1925 para fazer uma escala de um dia antes de viajar para Buenos Aires. Nas poucas que ficou na cidade, visitou o JB[95]: “O Jardim Botânico, bem como a flora de modo geral, supera o sonho das mil e uma noites. Tudo vive e cresce a olhos vistos. Experiência fantástica! Indescritível abundância de impressões em poucas horas”.

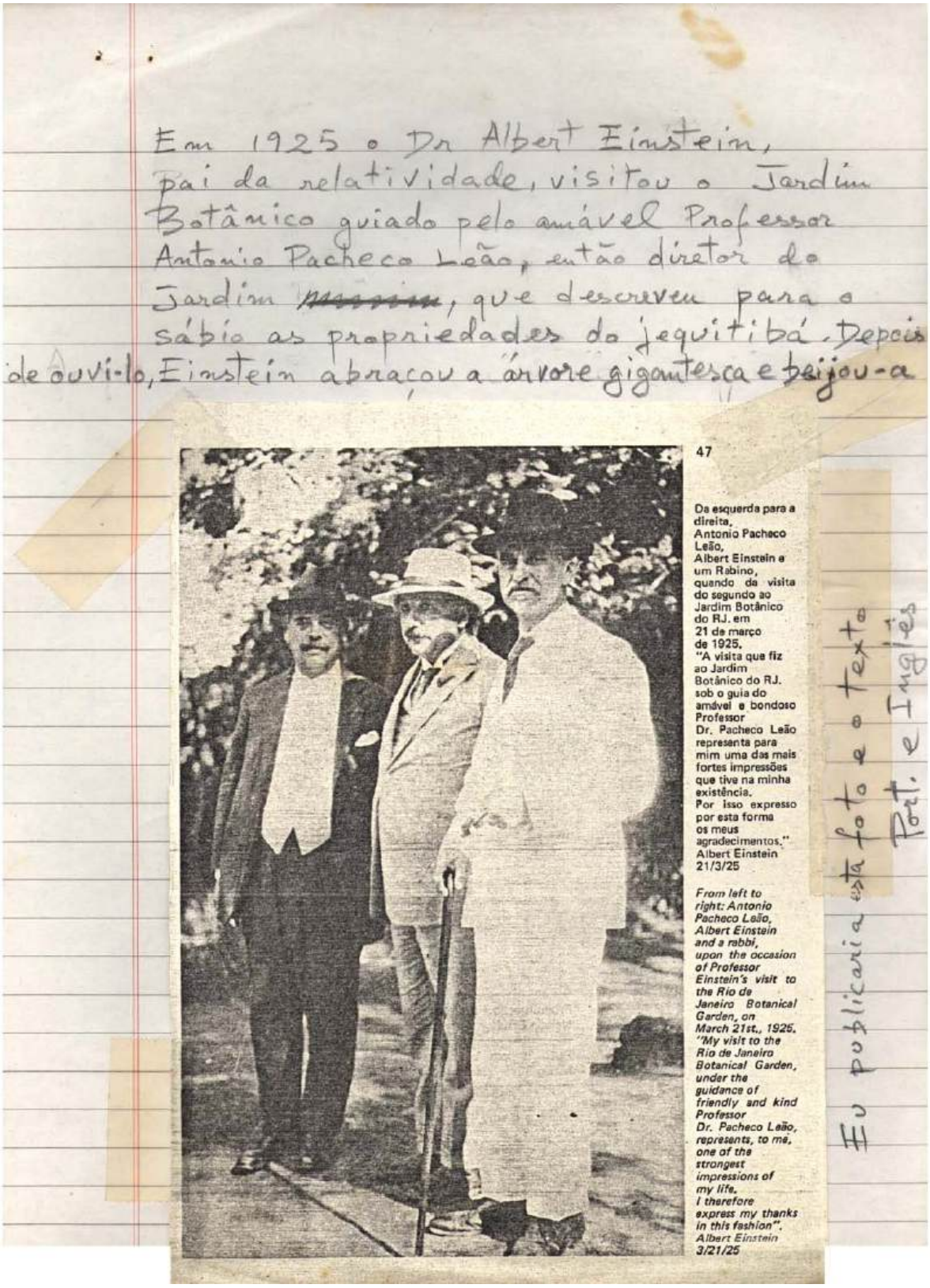
“A visita que fiz ao Jardim Botânico do RJ sob o guia do amável e bondoso Professor Dr. Pacheco Leão representa para mim uma das mais fortes impressões visuais que tive na minha existência. Por isso expresso por esta forma os meus agradecimentos”, registrou Einstein no livro de visitas do Jardim Botânico (em alemão).



Da esquerda para a direita, Pacheco Leão — presidente da instituição —, Albert Einstein e um rabino que o acompanhava, em visita ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 21 mar. 1925 [96].

[95] ROSSINI, Maria Clara. Em sua primeira (e única) visita, Albert Einstein não gostou do Brasil. 2022. Disponível em: https://super.abril.com.br/cultura/em-sua-primeira-e-unica-visita-albert-einstein-nao-gostou-do-brasil/. Acesso em: 1 mar. 2024.

[96] Foto: Acervo do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: https://acervo.jbrj.gov.br/acervo-em-baixa/517579-2/. Acesso em: 1 mar. 2024.



Anotações feitas por Antônio Carlos Jobim (Tom Jobim) sobre a visita de Albert Einstein ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 21 mar. 1925[97].

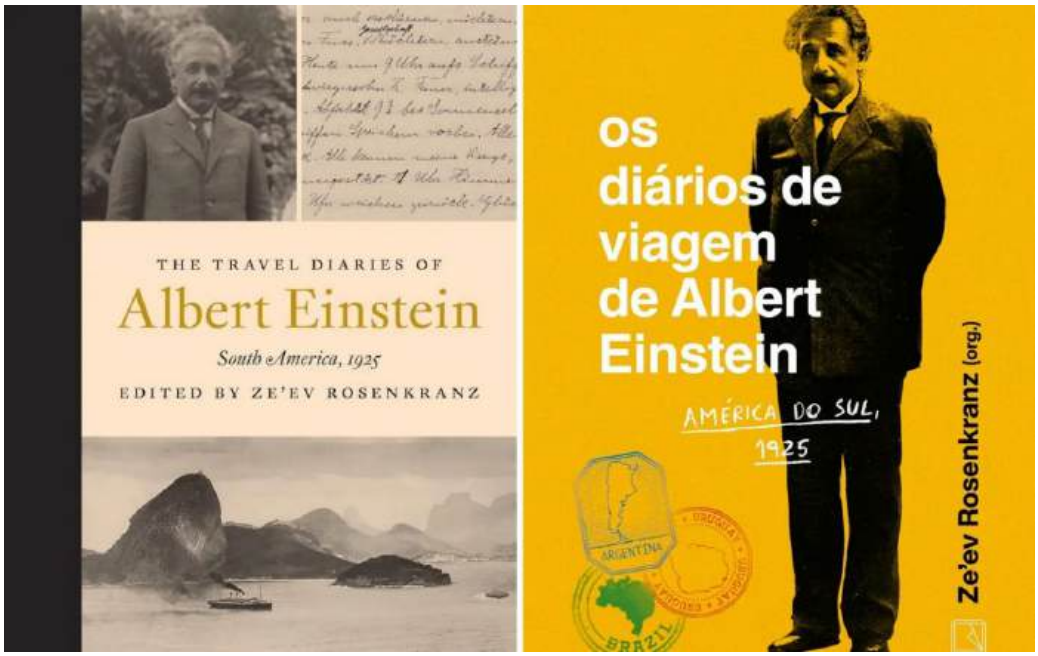
[97] Foto: Acervo do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: https://acervo.jbrj.gov.br/acervo-em-baixa/517579-2/. Acesso em: 1 mar. 2024.

"Aqui sou uma espécie de elefante branco para os demais, eles são macacos[98] *para mim"*

O livro Os Diários de Viagem de Albert Einstein: América do Sul, 1925, organizados por Ze'ev Rosenkranz, conta a fascinante jornada de três meses do multifacetado físico alemão pelo continente sul-americano. O livro revela anotações, reflexões e observações de Einstein, oferecendo um olhar único sobre os países visitados. Nos diários, ele anotou, de forma concisa, suas impressões imediatas e reflexões sobre as pessoas que conheceu e os lugares que visitou — pretendia ter o registro para si mesmo e para compartilhar com Elsa, sua segunda esposa, e Margot, a filha mais nova, que não puderam acompanhá-lo, permanecendo em Berlim. O livro também aborda as repercussões e controvérsias decorrentes das declarações polêmicas do cientista, e seu legado duradouro na América do Sul. Segundo o autor, "Einstein foi um homem peculiar, violinista apaixonado, espirituoso e carismático, mas também intolerante e rabugento".

Na primavera de 1925, após inúmeros convites das comunidades científica e judaica, Einstein embarcou no S.S. Cap Polonio com destino à Argentina, Uruguai e Brasil para realizar uma série de conferências. Sua estadia no país durou sete semanas, durante as quais ele também aproveitou para conhecer a cultura local e interagir com intelectuais brasileiros. Ele ficou deslumbrado com a geografia, mas fez observações ambíguas sobre a população. Descreveu os brasileiros como *fofinhos* que se assemelhava a *macacos*.

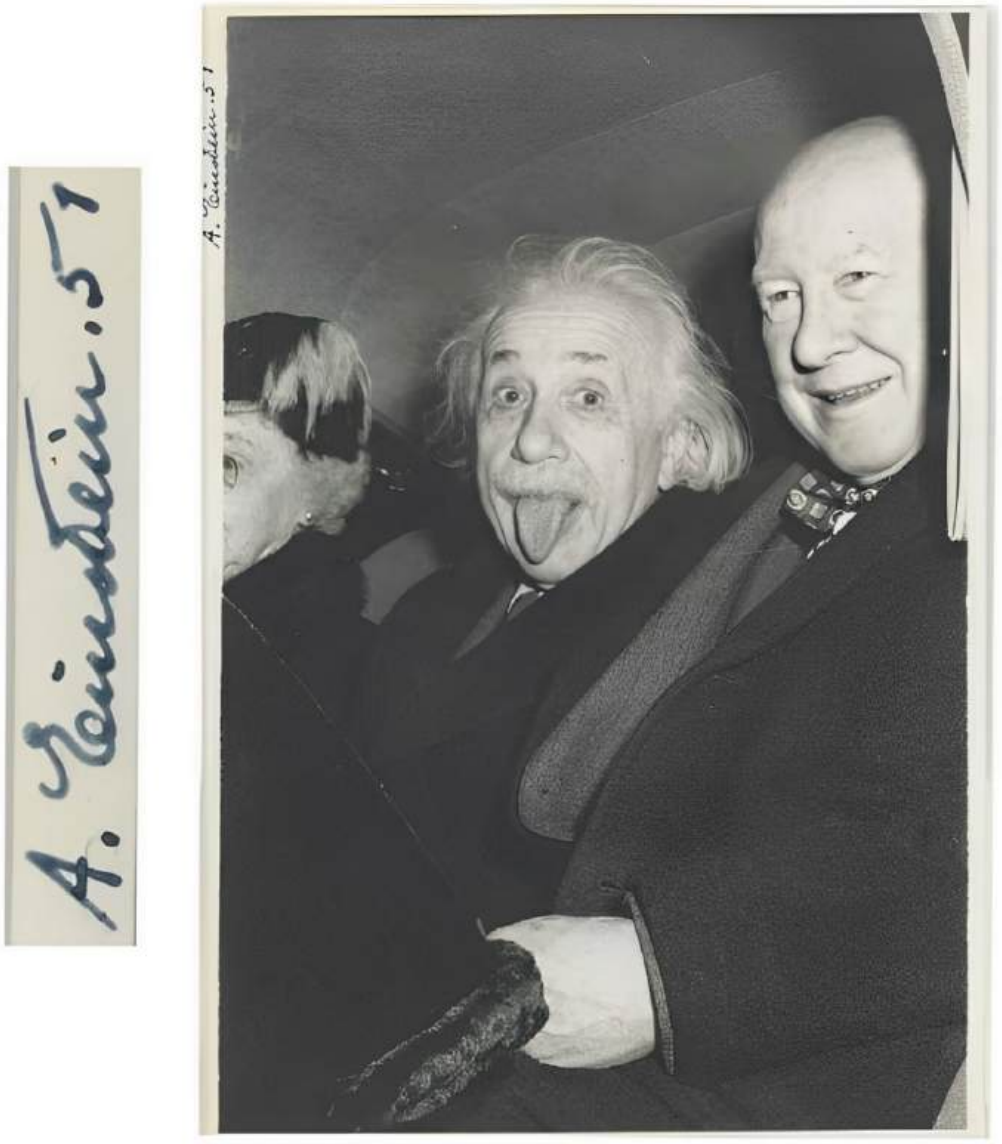
O Brasil estava passando por um período de transformações políticas e sociais significativas, vivendo um momento de grande efervescência cultural e intelectual, com o movimento modernista ganhando força. Além disso, a economia brasileira estava em transição, com a industrialização e urbanização começando a moldar o futuro do país. A viagem de Einstein coincidiu com esse momento histórico, proporcionando um contexto rico e dinâmico para suas observações e reflexões sobre a sociedade brasileira. Apesar das polêmicas geradas pelas sus declarações sobre os brasileiros, a viagem do renomado cientista deixou um legado significativo na América do Sul, contribuiu para a troca de conhecimento e experiências científicas, além de estimular o interesse por temas como a teoria da relatividade.



Provavelmente, está é a imagem mais emblemática de Einstein: a do cientista louco (ou brincalhão). A foto foi feita no dia 14 de março de 1951, aniversário de 72 anos do físico, quando ele, sentado na

[98] A palavra usada por Einstein, em alemão, também significa tolo.

traseira de um carro — entre Frank Aydelotte, diretor do Instituto de Estudos Avançados de Princeton, onde Einstein trabalhou, e a esposa, Marie Jeanette Aydelotte —, deixava uma comemoração no Princeton Club em Nova Jersey. O fotógrafo Arthur Sasse (1899-1991), da United Press International, tentava persuadir Einstein a sorrir para a câmera, mas, tendo ele sorrido para fotos muitas vezes naquele dia, em vez disso mostrou a língua. Os empregadores de Sasse, inicialmente, hesitaram em publicar a imagem iconoclasta. Contudo, Einstein se divertiu tanto com ela que encomendou várias cópias para assinar e distribuir aos amigos[99].



Einstein mostra a língua para o fotógrafo Arthur Sasse. A foto está assinada na margem esquerda "A. Einstein .51" e foi arrematada em um leilão[100], em 2017, por U$ 125,000.
Tamanho da foto: 18 x 25 cm.

[99] DAVIS, Nicola. Playful Einstein photograph goes up for auction. The Guardian, 2017. Disponível em: https://www.theguardian.com/science/2017/jul/25/playful-einstein-photograph-goes-up-for-auction. Acesso em: 1 mar. 2024.
[100] Disponível em: https://natedsanders.com/The_Most_Famous_Photo_of_Albert_Einstein__Playfull-LOT46751.aspx. Acesso em: 1 mar. 2024.

“Este é um retrato impressionante de Einstein, capturando o gênio em uma pose melancólica durante uma visita a Santa Bárbara, em 1931, onde ele e sua esposa Elsa foram recebidos pelo Dr. Ludwig Kast. Carl Ober, nascido na Alemanha, era um fotógrafo proeminente da costa sul da Califórnia entre as décadas de 1930-60. É uma imagem brilhante, capturando Einstein como uma figura singular na história do século 20 e influência duradoura na cultura popular” [101].



Albert Einstein na praia de Santa Barbara, Califórnia, EUA, em 1933, fotografado por Carl Obert. Tamanho da foto: 23 x 18 cm. Moldura assinada com caneta-tinteiro “Para o Sr. e Sra. EL Doheny, Albert Einstein, 19.II.33. e a lápis pelo fotógrafo “Carl Obert, S. Barbara”.

[101] RR Auction. 2023. Disponível em: https://www.rrauction.com/auctions/lot-detail/347276806696048-albert-einstein-signed-photograph-on-santa-barbara-beach-1933. Acesso em: 1 mar. 2024.

A história por trás da foto de Albert Einstein
usando sandálias femininas na praia

Em 1939, Einstein alugou uma casa de campo em Nassau Point para colocar seu barco a remo em Horseshoe Cove. Ele — que nunca aprendeu a nadar, não tinha pretensões quanto às suas proezas náuticas — ocupava seu tempo de férias remando ou tocando violino. Em Southold, cidade próxima, Einstein foi a loja de David Rothman, um comerciante que não havia concluído o ensino médio — mas mantinha um ávido interesse pela ciência. Rothman pensou que Einstein tinha entrado na loja em busca de "relógios de sol" e mostrou-lhe o que tinha no quintal. Einstein apontou para os pés. Ele precisava de sandálias e Rothman vendeu-lhe o maior par que lhe restava: tamanho 11, feminino. Einstein usou-as durante todo o verão, junto com um *short* e uma camisa esporte branca. Quando o cientista de 60 anos entrou na loja de Rothman, então com 43 anos, estava tocando a "Sinfonia nº 40", de Mozart, no fonógrafo e eles começaram a conversar sobre música. Rothman começou a tocar violino aos 36 anos; Einstein começou quando tinha seis, mas insistiu que tocassem juntos. Na noite seguinte, Rothman foi a Nassau Point com seu instrumento e algumas partituras, mas a musicalidade de Einstein estava fora de seu alcance e eles, então, passaram o resto da noite conversando. Eles se deram bem e Rothman organizou muitas noites musicais em sua casa, onde Einstein e alguns amigos tocariam. Às vezes, quase cem pessoas ouviam do lado de fora, esperando ver o famoso cientista. Antes do final daquele verão, de 1939, Einstein assinaria uma carta ao presidente Franklin Delano Roosevelt alertando-o de que os Estados Unidos não podiam se dar ao luxo de esperar enquanto a Alemanha nazista possivelmente fabricasse uma arma nuclear (Rumsey, 2013)[102].



Einstein na enseada Horseshoe, verão de 1939, usando as sandálias vendidas por Rothman.
Foto: Reginald Donahue.

[102] RUMSEY, Spencer. Einstein's Long Island Summer of '39. Long Island Press, 2013. Disponível em: https://www.longislandpress.com/2013/02/01/einstein-on-the-beach/. Acesso em: 1 mar. 2024.



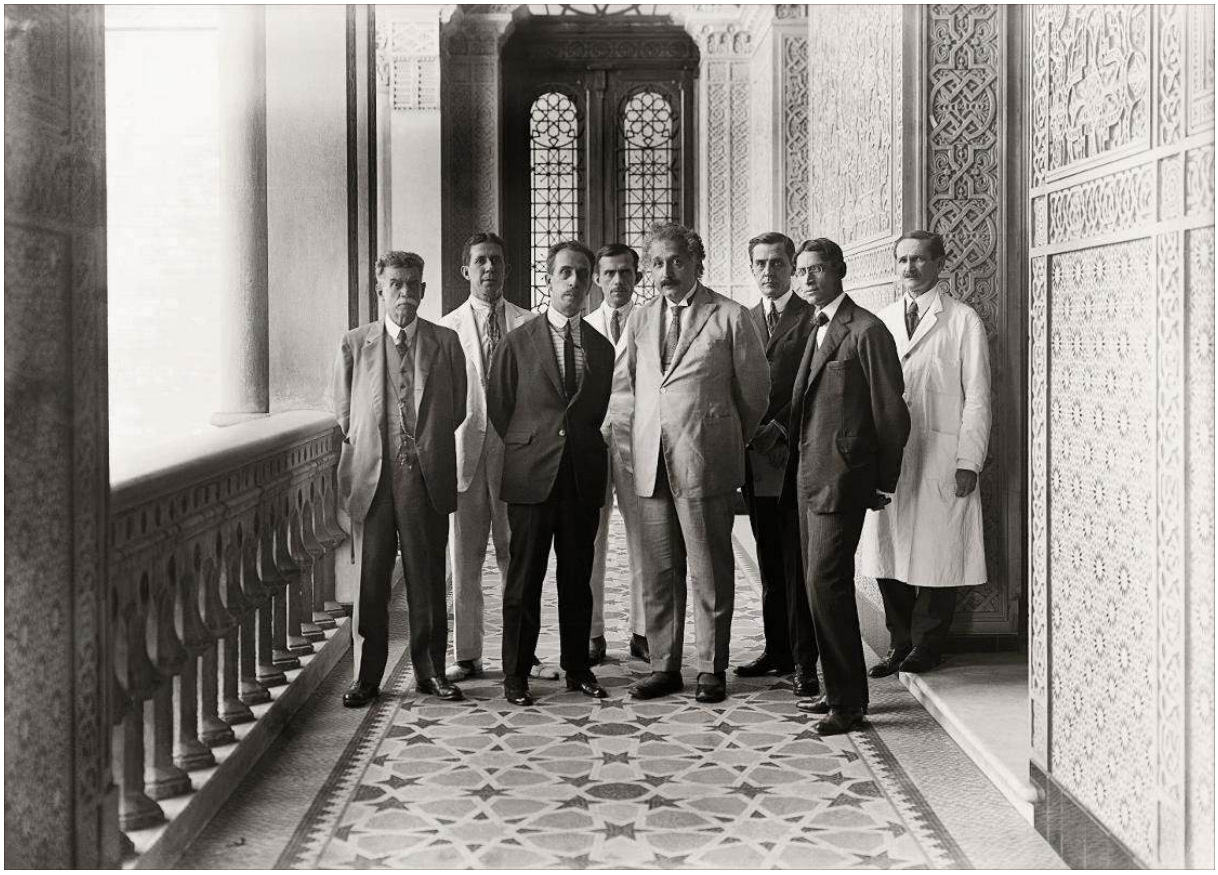
O comerciante e amigo David Rothman estava com suas roupas de trabalho enquanto Einstein estava vestido para a praia, ambos sentados em uma rocha na enseada Horseshoe[103], verão de 1939. O encontro foi registrado pela câmera de Reginald Donahue.



Einstein, um dia antes de seu 70º aniversário, com crianças judias refugiadas visitando-o em sua casa na 112 Mercer Street, Princeton, Nova Jersey, 1949. Foto de Philippe Halsman[104].

[103] Horseshoe Cove (enseada) localiza-se em Southold, uma das dez cidades do Condado de Suffolk, na Long Island, estado de Nova Iorque, Estados Unidos da América, cujo acesso se dá pela Nassau Point Rd. Suffolk é o condado mais oriental do estado americano de Nova Iorque e compreende os dois terços orientais de Long Island, uma ilha (península) no sudeste do estado de Nova Iorque, constituindo parcela significativa da área metropolitana da cidade de Nova Iorque. Saiba mais em: https://www.longislandpress.com/2013/02/01/einstein-on-the-beach/. Acesso em: 1 mar. 2024.

[104] HIAS/Shelby White and Leon Levy Archives Center, Institute for Advanced Study, Princeton, NJ. New York Public Radio. Disponível em: https://www.wnyc.org/story/einstein-listened/ e National Library of Medicine. Disponível em: http://resource.nlm.nih.gov/101414563. Acesso em: 1 mar. 2024.



Visita de Albert Einstein ao Instituto Oswaldo Cruz, Manguinhos, Rio de Janeiro, em 8 mai. 1925. Fotógrafo: Joaquim Pinto da Silva (1884 – 1951) (Acervo Casa de Oswaldo Cruz).

“Em 1925, Einstein conheceu o Brasil, o Uruguai e a Argentina. Na foto aparece o cientista em visita ao Instituto Oswaldo Cruz. Em nosso país, entre compromissos profissionais e passeios, ficaram registradas também as visitas ao Observatório Nacional, Escola Politécnica, Museu Nacional, Jardim Botânico e ao Clube de Engenharia. Não há dados sobre uma ida ao Butantã. No momento eternizado, na ampla varanda do belo prédio, o Pavilhão Mourisco, famoso Castelo da Avenida Brasil, estão fazendo companhia ao autor da Teoria Geral da Relatividade, Carlos Chagas, Alcides Godoy, Astrogildo Machado, Leocádio Chaves e demais pesquisadores” (Santos, 2021)[105].

[105] Disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=23910. Acesso em: 1 mar. 2024.

em feixes, lançando-as em periodos ageis e densos, de discursos articulados em minutos, que ficarão como obras primas de precisão. Sendo ao mesmo tempo homem de gabinete, isto é, um estudioso, e homem de espirito, Lafayette encantava, pondo, como disse com propriedade o Sr. Affonso Celso, um traço de arte na trivialidade dos annaes parlamentares, e fazia-se temer. Impunha-se e suggestionava. Esse feio, cabeçudo, de maçãs salientes, quando orava naquella eloquencia mathematica, transfiguravase num "charmeur", espalhando epigrammas, como quem atira alfinetes. E ninguem lhe enxergava o rosto, mas a physionomia moral que o illumi-

... Lafayette reunia em um equilibrio exacto as qualidades indispensaveis a um doutrinario: o methodo, a penetração, a clareza e a cultura. Pôde assim reverdecer o velho tronco lusitano de uma seiva nova. Por outro lado, elle era mineiro, da terra dos garimpos. Dir-se-ia que antes de manusar textos e compulsar tratados, tomara o ouro nas mãos e trabalhara-o. Porque accusava o gosto, a paciencia, o genio lapidar dos ourives que amam as pedras sem jaça e os metaes polidos.

Basta attentar as preferencias intellectuaes que elle conservava no Brasil: Nabuco e Machado de Assis, os dois typos atticos por excellencia da nossa civilização, no que o Brasil tem de mais esbelto, de mais subtil e de mais greco-latino, retificado por alguns humoristas inglezes, Renan e a Biblia. Lafayette denotava o gosto purificado como elles.

Apenas Joaquim Nabuco tinha uma alma azul, que se desentranhava em doçura: Machado de Assis mergulhava a sua dentro de um claro-escuro, onde ella se estrangulava, contorcida no mais suave e compassivo soffrimento; e Lafayette dera a sua, sorrindo, ao demonio, que a enfeitiçara de uma graça diabolica mesmo.

Por isso elle infligiu nesse paiz dôres fulgurantes, com aquelle sorriso despreoccupado com que entregou a alma ao Maligno. — (A. Chateaubriand — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

OSWALDO CRUZ

... Ninguem, entre nós, realizou obra de tal magnitude no curto espaço de 17 annos de vida publica. Remodelou a hygiene no Brasil no decurso de 3 annos, realizando a prodigiosa obra de extineção da febre amarella, trabalho incomparavelmente mais difficil que o realizado pelos norte-americanos em Cuba e no Panamá, não só pelo volume da população do Rio de Janeiro, como ainda por se achar em Havana, de facto, e praticamente a zona canal, sob o regimen da lei marcial.

Jámais, opposição mais feroz, desencadeou-se sobre nenhum homem em qualquer paiz do mundo. Tudo quanto a imaginação humana pode lançar



mão para combater, foi usado contra elle. Depois de exgotada a incrivel fertilidade dos nossos caricaturistas, o ridiculo inventou uma cançoneta que teve época e era tocada e cantada em milhares de casas cariocas. Os arestos, sentenças, mandatos de manutenção, "habeas-corpus", todo o arsenal das chicanas judiciarias de que somos capazes, tambem se despedaçaram diante da bravura d'alma do saneador do Rio. Violentas criticas scientificas oriundas do despeito ou da incredulidade, agitaram a imprensa, o parlamento e associações scientificas.

As ameaças, insultos, calumnias, todo o enxurro ignobil de que uma opposição systematica e sem hori-

"Ninguém, entre nós, realizou obra de tal magnitude...". *Revista Brasil*, n.15, v.4, 1917, p.333-337.

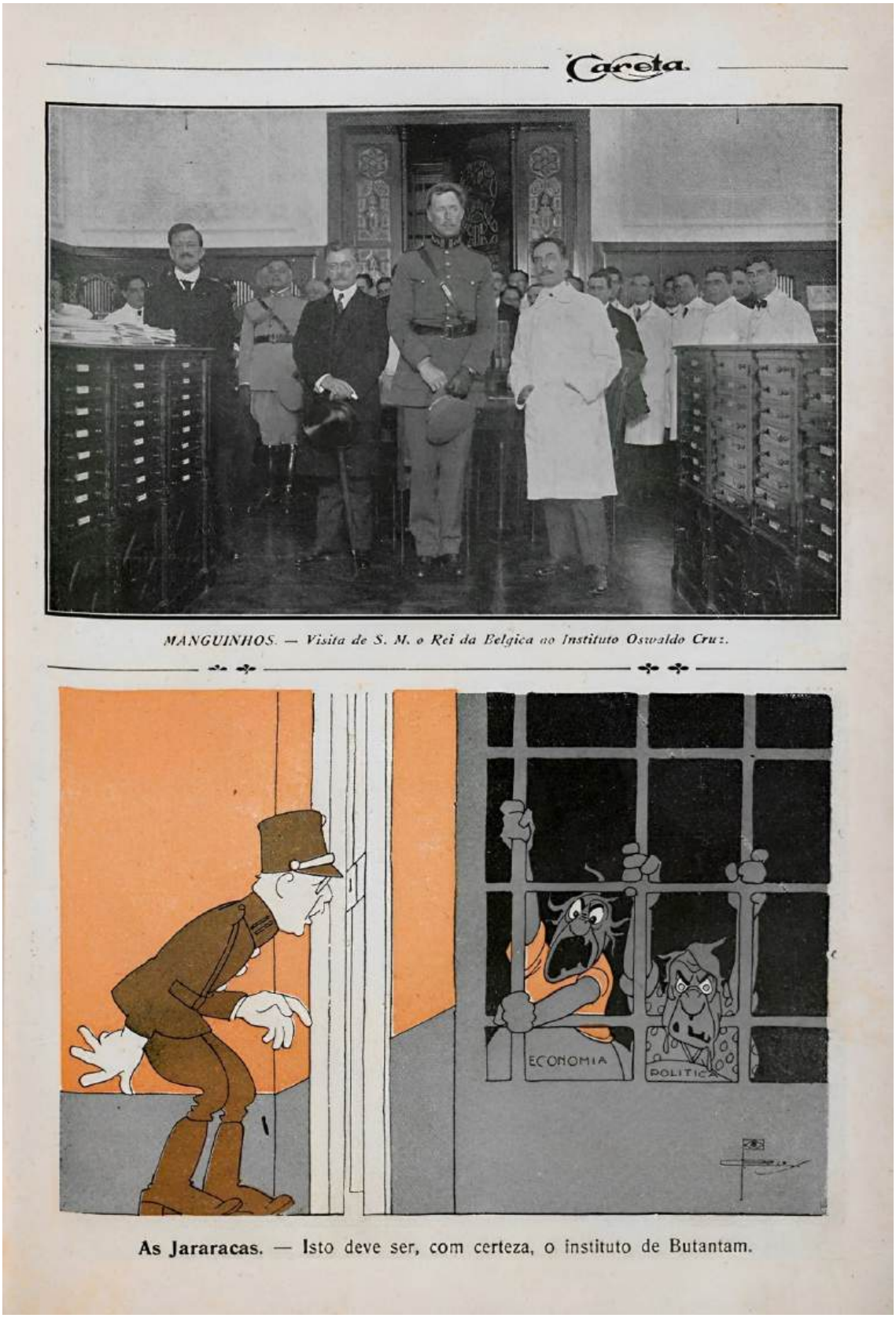


Oswaldo Cruz ao microscópio em laboratório de Manguinhos, Rio de Janeiro, observado por seu filho Bento Oswaldo Cruz e por Burle de Figueiredo. Acervo Casa de Oswaldo Cruz[106].



Vista do Pavilhão Mourisco, Rio de Janeiro [1910-1920].

[106] Disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=exposicao. Acesso em: 1 mar. 2024.



Visita do Rei Alberto I (1875-1934), da Bélgica, ao Instituto Oswaldo Cruz. Na fotografia, em primeiro plano, da esquerda para a direita, Epitácio Pessoa, presidente da República, Rei Alberto e Carlos Chagas (1879-1934). Revista *Careta*, n.641, 1920, p.25 (Acervo da Biblioteca Nacional).



22 Careta 13-7-1929

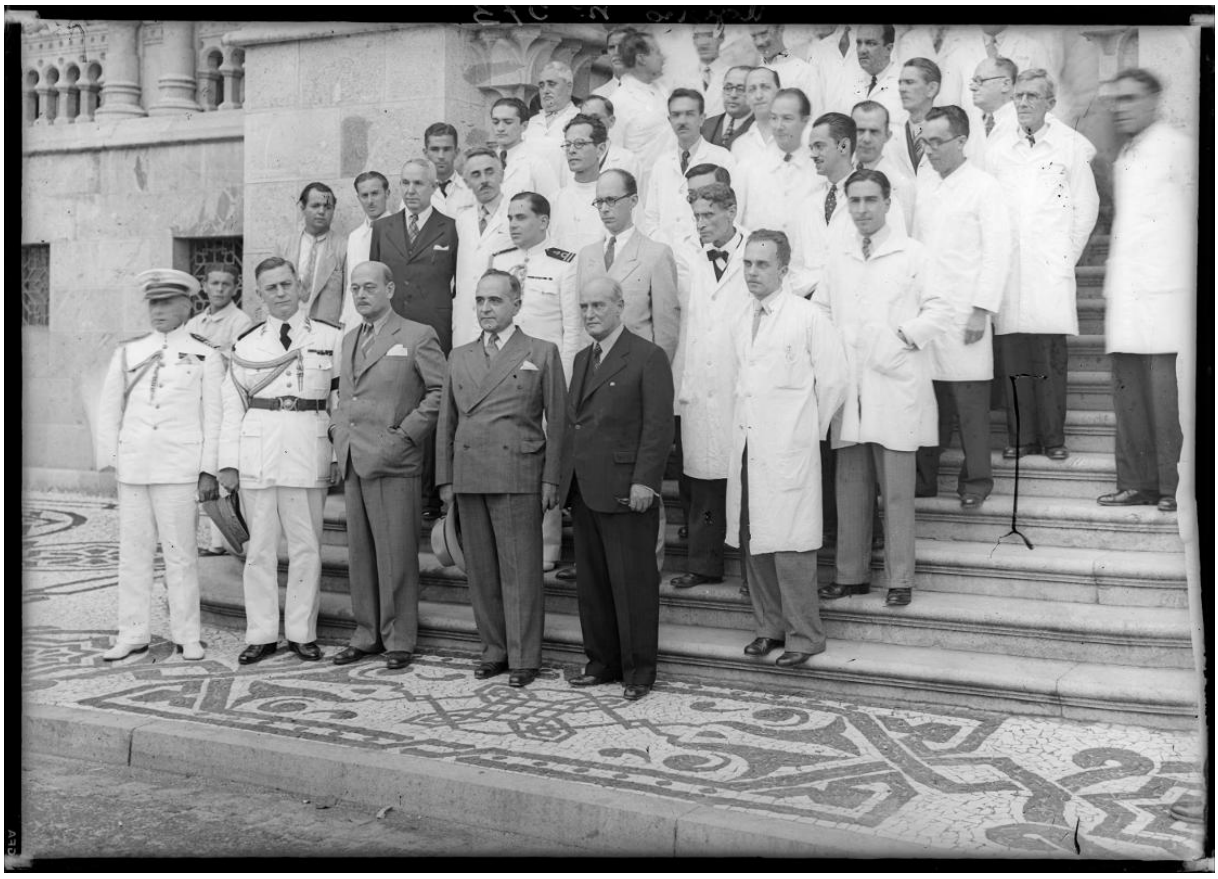
O 13.º MARIDO

AZEREDO. — E a senhora se casa por livre e espontanea *vontade*?
JECA. — *Oie* a ingenuidade delle!... Todo mundo sabe que ella nunca teve *vontade*...

CENTENARIO DA ACADEMIA DE MEDICINA

Visita de membros do Congresso de Medicina ao Instituto Oswaldo Cruz em Manguinhos.

Na revista *Careta* n.521, p.24, 1929, fotografia dos membros do Congresso de Medicina em visita ao Instituto Oswaldo Cruz (Acervo da Biblioteca Nacional).



Visita do presidente Getúlio Vargas (1882-1954) ao Instituto Oswaldo Cruz, Manguinhos, Rio de Janeiro, em 1935 (Acervo Casa de Oswaldo Cruz).

Na fotografia, atrás de Getúlio Vargas, de óculos, Gustavo Capanema (1900-1985), ministro da Educação e Saúde Pública, e os cientistas Souza Araújo e Artur Neiva (1880-1943)[107]. “Inúmeros cientistas nacionais e estrangeiros frequentaram Manguinhos, estudando, trabalhando ou visitando” (Santos, 2021)[108].

[107] Arthur Neiva, diretor do Museu Nacional de 1923-26
[108] Disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=23910. Acesso em: 1 mar. 2024.

A Lei nº 8.917/1994 concede a Augusto Ruschi o título de Patrono da Ecologia do Brasil. A Lei n. 2.433/2013 institui o beija-flor como ave símbolo do município de Santa Teresa, bem como define 12 de dezembro como o dia de comemoração anual em homenagem ao nascimento do ornitólogo.



Em 1977, Ruschi concedeu entrevista ao jornal *O Pasquim*: “A turma de choque do Pasquim, os repórteres Marcelo Cruz, Luiz Antônio Mello e Rosental Calmon Alves chegaram com ele ao Aeroporto do Galeão, pouco depois das sete horas. A entrevista ia ser ali, enquanto esperavam o avião que partiu para Vitória as onze” [109].



Destaque da manchete sobre a entrevista com Augusto Ruschi
(*O Pasquim*, 1977, n 432, p.7).

[109] RUSCHI, Augusto. Ecologia: "No Brasil não há clima pra isso". *O Pasquim*, n. 432, 7 out.1977. Entrevista concedida a Marcelo Quiroga Santa Cruz.

Em 1989, a dedicação de Ruschi aos beija-flores e às orquídeas foi estampada nas notas[110] de 500 cruzados novos e 500 cruzeiros — que circularam entre 1990-94.





Descrição: Efígie do cientista Augusto Ruschi, ladeada por alegorias de flora e fauna, destacando-se uma representação da *Cattleya labiata warneri*, orquídea que, com dezenas de variedades, é a mais típica do Espírito Santo e a maior flor do gênero no Brasil.



Descrição: Ruschi examinando orquídeas, aparecendo em destaque a figura de um beija-flor.

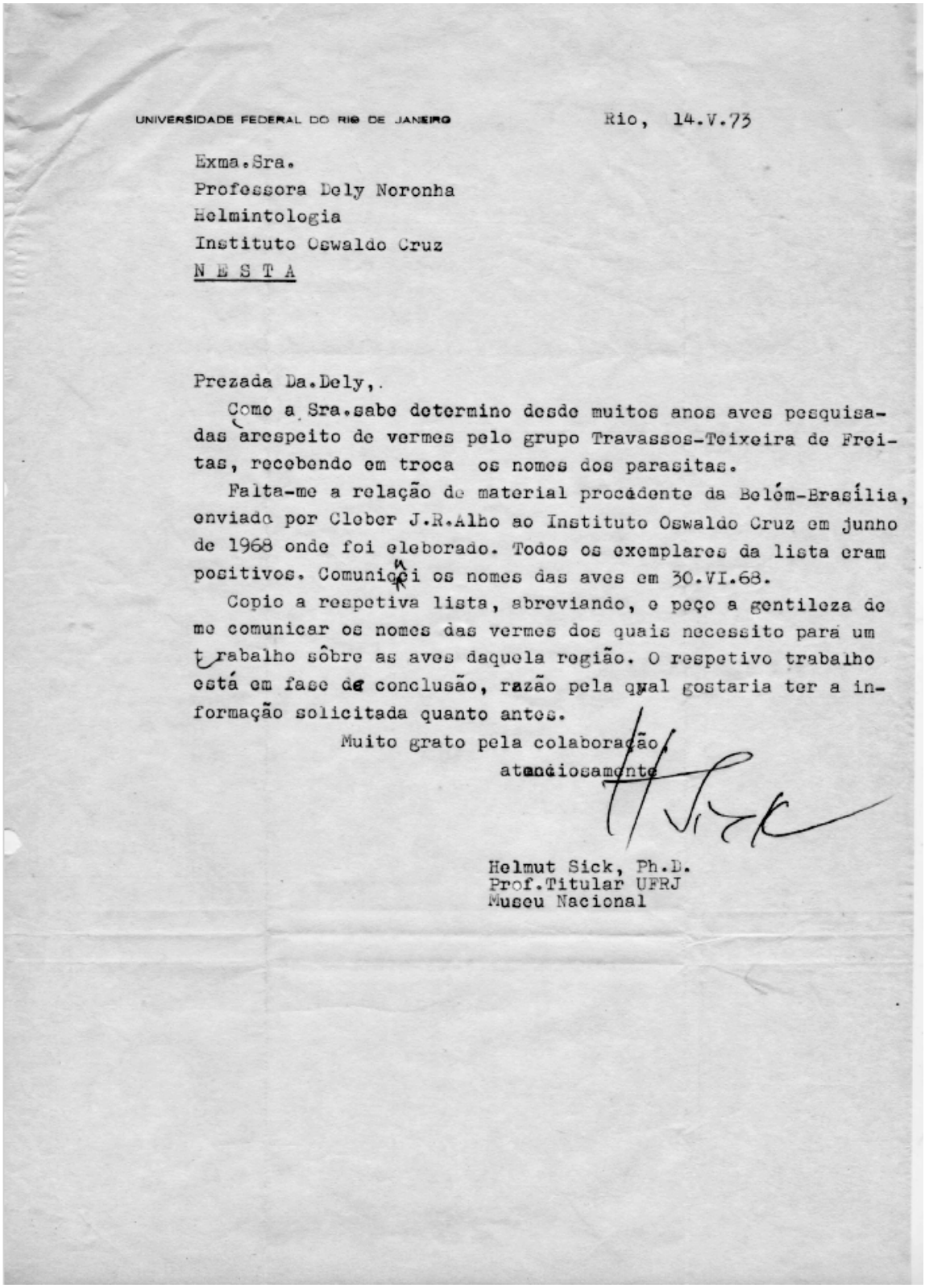
[110] Cédulas emitidas pelo Banco Central do Brasil. Padrão Monetário: Cruzado Novo. Lançamento: 16.01.1989. Período de Circulação: 08.11.89 a 15.09.94. Banco Central. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/cedulasemoedas/cedulasemitidas. Acesso em 15 fev. 2024.



Os números dão uma amostra da intensa produção de Helmut Sick que, apesar de ser alemão, foi naturalizado brasileiro e considerado o ornitólogo mais famoso do país. Foram expedições por todas as regiões do Brasil, diversos livros escritos, mais de 3 mil exemplares de aves catalogadas, 840 de mamíferos e répteis, 860 de artrópodes e 870 de plantas, para citar alguns exemplos. Grande parte dessa história está no arquivo pessoal do cientista, sob guarda do MAST [Museu de Astronomia e Ciências Afins] e em processo de organização pela equipe do Arquivo de História da Ciência. São cerca de 20.000 documentos, entre textos e imagens, grafados, além do português, em inglês, espanhol e alemão, entre outros. O acervo é composto por documentos sobre ornitologia e ecologia, incluindo a participação do titular em estudos, observações, eventos, entidades e expedições cujo principal objetivo era a observação e a pesquisa sobre pássaros, sobretudo brasileiros. Faleceu em 5 de março de 1991

(Mast, 2023)[111].

[111] Disponível em: https://www.gov.br/mast/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/no-aniversario-de-helmut-sick-conheca-o-maior-ornitologo-do-brasil. Acesso em: 14 fev. 2024.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Rio, 14.V.73

Exma.Sra.
Professora Dely Noronha
Helmintologia
Instituto Oswaldo Cruz
N E S T A

Prezada Da.Dely,.

Como a Sra.sabe determino desde muitos anos aves pesquisadas arespeito de vermes pelo grupo Travassos-Teixeira de Freitas, recebendo em troca os nomes dos parasitas.

Falta-me a relação de material procédente da Belém-Brasília, enviado por Cleber J.R.Alho ao Instituto Oswaldo Cruz em junho de 1968 onde foi eleborado. Todos os exemplares da lista eram positivos. Comuniquei os nomes das aves em 30.VI.68.

Copio a respetiva lista, sbreviando, e peço a gentileza de me comunicar os nomes das vermes dos quais necessito para um trabalho sôbre as aves daquela região. O respetivo trabalho está em fase de conclusão, razão pela qual gostaria ter a informação solicitada quanto antes.

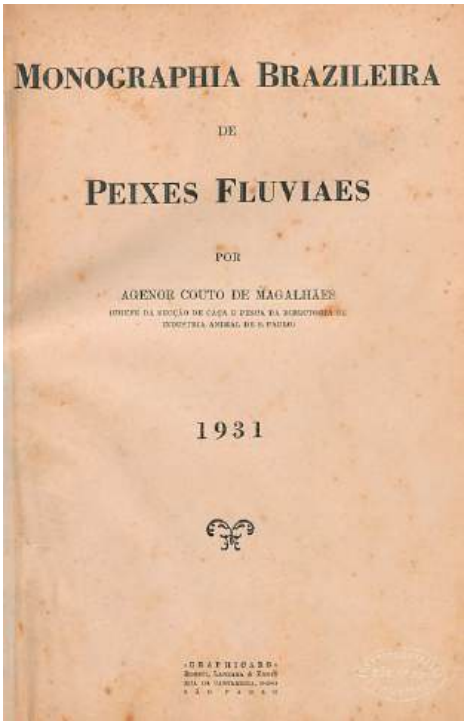
Muito grato pela colaboração,
atenciosamente

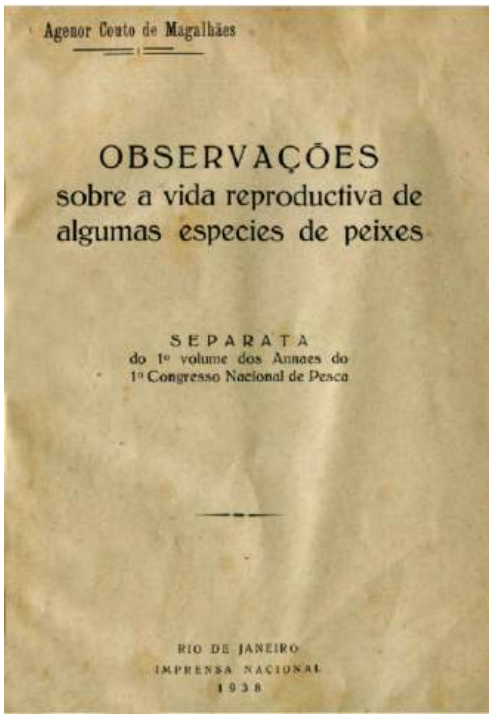
Helmut Sick, Ph.D.
Prof.Titular UFRJ
Museu Nacional

Carta de Helmut Sick, endereçada ao Instituto Oswaldo Cruz em 1973, solicitando “os nomes dos vermes”[112].

[112] Disponível em: Casa de Oswaldo Cruz. Acesso em: 12 fev. 2024.

Agenor Couto de Magalhães (1895-1961), que prefaciou *Nossos peixes marinhos* (1952), primeiro livro da coleção *Zoologia Brasílica*, de E.S., também foi um divulgador da fauna brasileira, autor de *Monographia brazileira de peixes fluviais*[113] (1931), *Observações sobre a vida reproductiva de algumas espécies de peixes*[114] (1938) e *Ensaio sobre a fauna brasileira*[115] (1939).



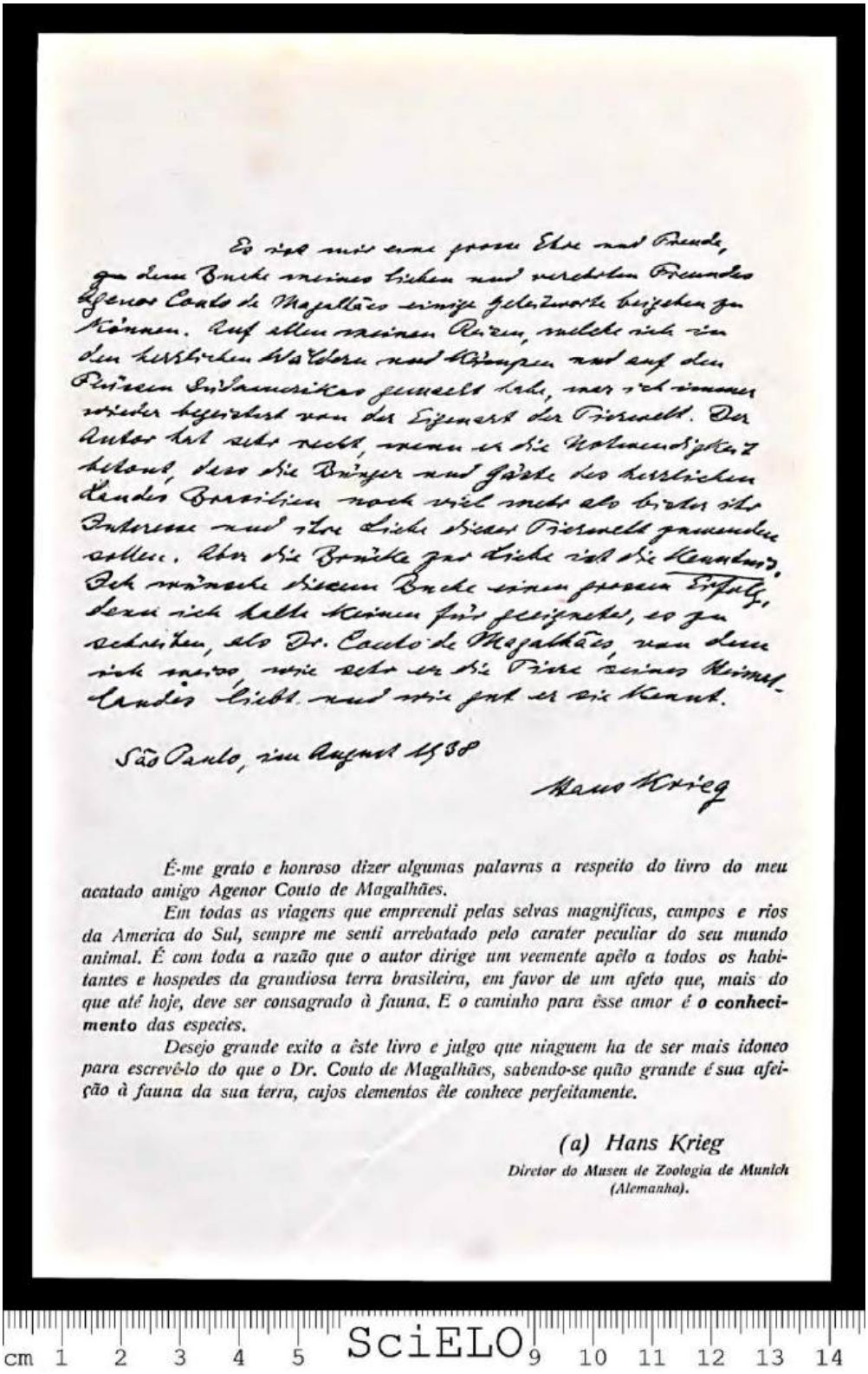




Transcrição de trecho do Exórdio[116] do *Ensaio sobre a fauna brasileira*:

"O presente trabalho, como o título bem o diz, nada mais é do que um ligeiro ensaio sobre a fauna brasilica, um estudo rapido e superficial dos animais silvestres, que se vão desfilando, nas paginas subsequentes. Elaborando-o em linguagem simples e acessivel, visei marcar o ponto inicial das futuras observações concernentes à vida dêsses animais indigenas, até hoje quasi desconhecidos da nossa gente. [...] Êsses panoramas selvaticos do sertão brasileiro, que, indubitavelmente, exercem fortissima impressão no espirito de quem os contempla, são de uma inexcedivel beleza porque traduzem o aspeto de uma natureza virgem e primitiva, de atributos incomparaveis (Couto de Magalhães, 1937).

[113] Disponível em: Biodiversity Heritage Library. Acesso em: 1 mar. 2024.
[114] Disponível em: Museu da Imprensa. Acesso em: 1 mar. 2024.
[115] Disponível em: Biodiversity Heritage Library. Acesso em: 1 mar. 2024.
[116] sm. 1. A primeira parte de um discurso oratório; PREÂMBULO; PRÓLOGO ... [F.: Do lat. exordium.] (Aulete Digital, 2024).



É-me grato e honroso dizer algumas palavras a respeito do livro do meu acatado amigo Agenor Couto de Magalhães.

Em todas as viagens que empreendi pelas selvas magnificas, campos e rios da America do Sul, sempre me senti arrebatado pelo carater peculiar do seu mundo animal. É com toda a razão que o autor dirige um veemente apêlo a todos os habitantes e hospedes da grandiosa terra brasileira, em favor de um afeto que, mais do que até hoje, deve ser consagrado à fauna. E o caminho para êsse amor é **o conhecimento** das especies.

Desejo grande exito a êste livro e julgo que ninguem ha de ser mais idoneo para escrevê-lo do que o Dr. Couto de Magalhães, sabendo-se quão grande é sua afeição à fauna da sua terra, cujos elementos êle conhece perfeitamente.

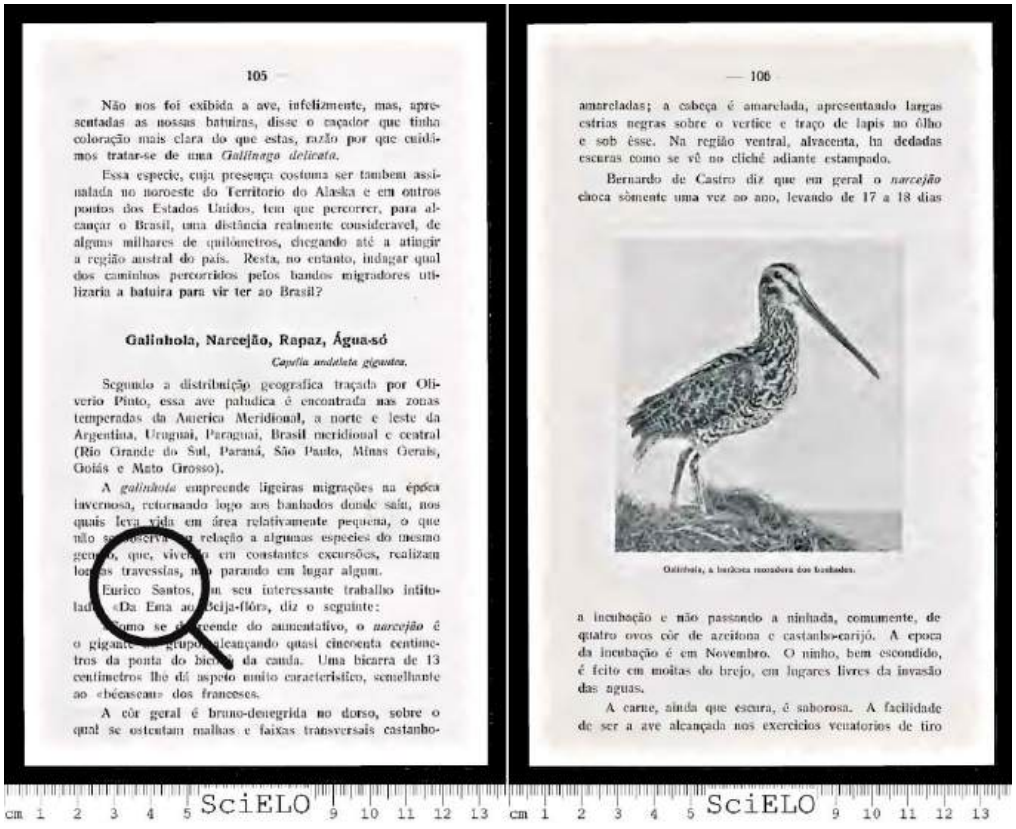
(a) Hans Krieg

Diretor do Museu de Zoologia de Munich (Alemanha).

SciELO

Manuscrito assinado por Hans Krieg[117] (1888-1970), diretor do Museu de Zoologia de Munique, em agosto de 1938, publicado na página anterior ao exórdio do *Ensaio sobre a fauna brasileira* (1939).

[117] Formado em ciências naturais e medicina, Hans Krieg foi o primeiro presidente da Deutschen Naturschutzrings (Aliança Alemã para a Conservação da Natureza. Em 1927, tornou-se diretor das Coleções Zoológicas do Estado de Munique. “Hans Krieg foi o último explorador importante na linhagem de Alexander von Humboldt e Sven Hedin”. Disponível em: Präsidiale Ahnengalerie e Deutsche Biographie. Acesso em: 1 mar. 2024.



— 105 —

Não nos foi exibida a ave, infelizmente, mas, apresentadas as nossas batuiras, disse o caçador que tinha coloração mais clara do que estas, razão por que cuidamos tratar-se de uma *Gallinago delicata*.

Essa especie, cuja presença costuma ser tambem assinalada no noroeste do Territorio do Alaska e em outros pontos dos Estados Unidos, tem que percorrer, para alcançar o Brasil, uma distancia realmente consideravel, de alguns milhares de quilometros, chegando até a atingir a região austral do país. Resta, no entanto, indagar qual dos caminhos percorridos pelos bandos migradores utilizaria a batuira para vir ter ao Brasil?

Galinhola, Narcejão, Rapaz, Água-só

Capella undulata gigantea.

Segundo a distribuição geografica traçada por Oliverio Pinto, essa ave paludica é encontrada nas zonas temperadas da America Meridional, a norte e leste da Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil meridional e central (Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Geraes, Goiás e Mato Grosso).

A *galinhola* empreende ligeiras migrações na época invernosa, retornando logo aos banhados donde saiu, nos quais leva vida em área relativamente pequena, o que não se observa em relação a algumas especies do mesmo genero, que, vivendo em constantes excursões, realizam longas travessias, não parando em lugar algum.

Eurico Santos, em seu interessante trabalho intitulado «Da Ema ao Beija-flôr», diz o seguinte:

«Como se deprende do aumentativo, o *narcejão* é o gigante do grupo, alcançando quasi cincoenta centimetros da ponta do bico à da cauda. Uma bicarra de 13 centimetros lhe dá aspeto muito caracteristico, semelhante ao «bécasseau» dos franceses.

A côr geral é bruno-denegrida no dorso, sobre o qual se ostentam malhas e faixas transversais castanho-

— 106 —

amareladas; a cabeça é amarelada, apresentando largas estrias negras sobre o vertice e traço de lapis no ôlho e sob êsse. Na região ventral, alvacenta, ha dedadas escuras como se vê no cliché adiante estampado.

Bernardo de Castro diz que em geral o *narcejão* choca sòmente uma vez ao ano, levando de 17 a 18 dias

Galinhola, a batuira reinadora dos banhados.

a incubação e não passando a ninhada, comumente, de quatro ovos côr de azeitona e castanho-carijó. A epoca da incubação é em Novembro. O ninho, bem escondido, é feito em moitas do brejo, em lugares livres da invasão das aguas.

A carne, ainda que escura, é saborosa. A facilidade de ser a ave alcançada nos exercicios venatorios de tiro

SciELO

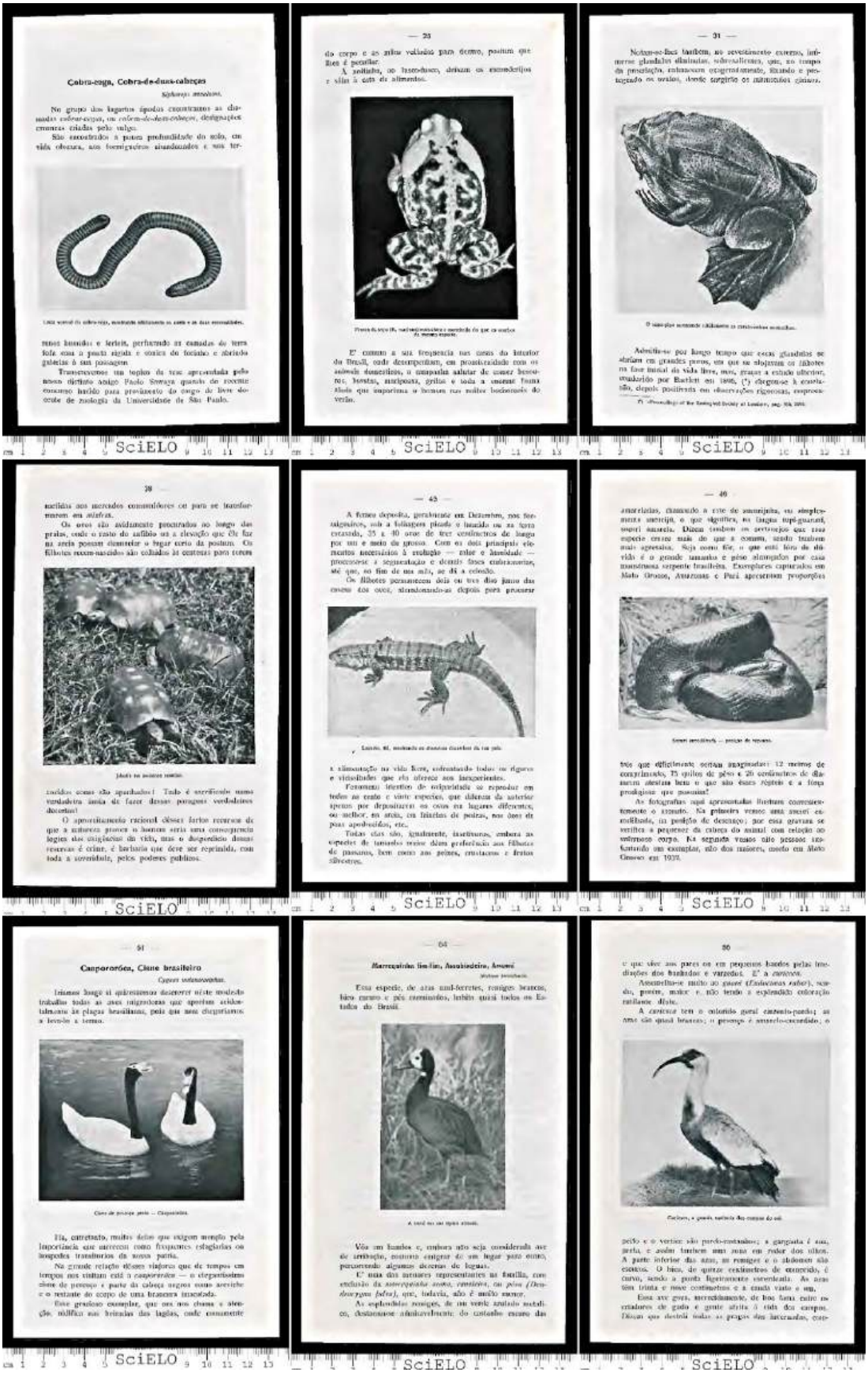
"Eurico Santos, em seu interessante trabalho intitulado «Da Ema ao Beija-flôr»", citado no *Ensaio sobre a fauna brasileira* (Couto de Magalhães, 1939, p.105).



Beija-flor de barriga branca
Florisuga mellivora (L.) ♂

SciELO

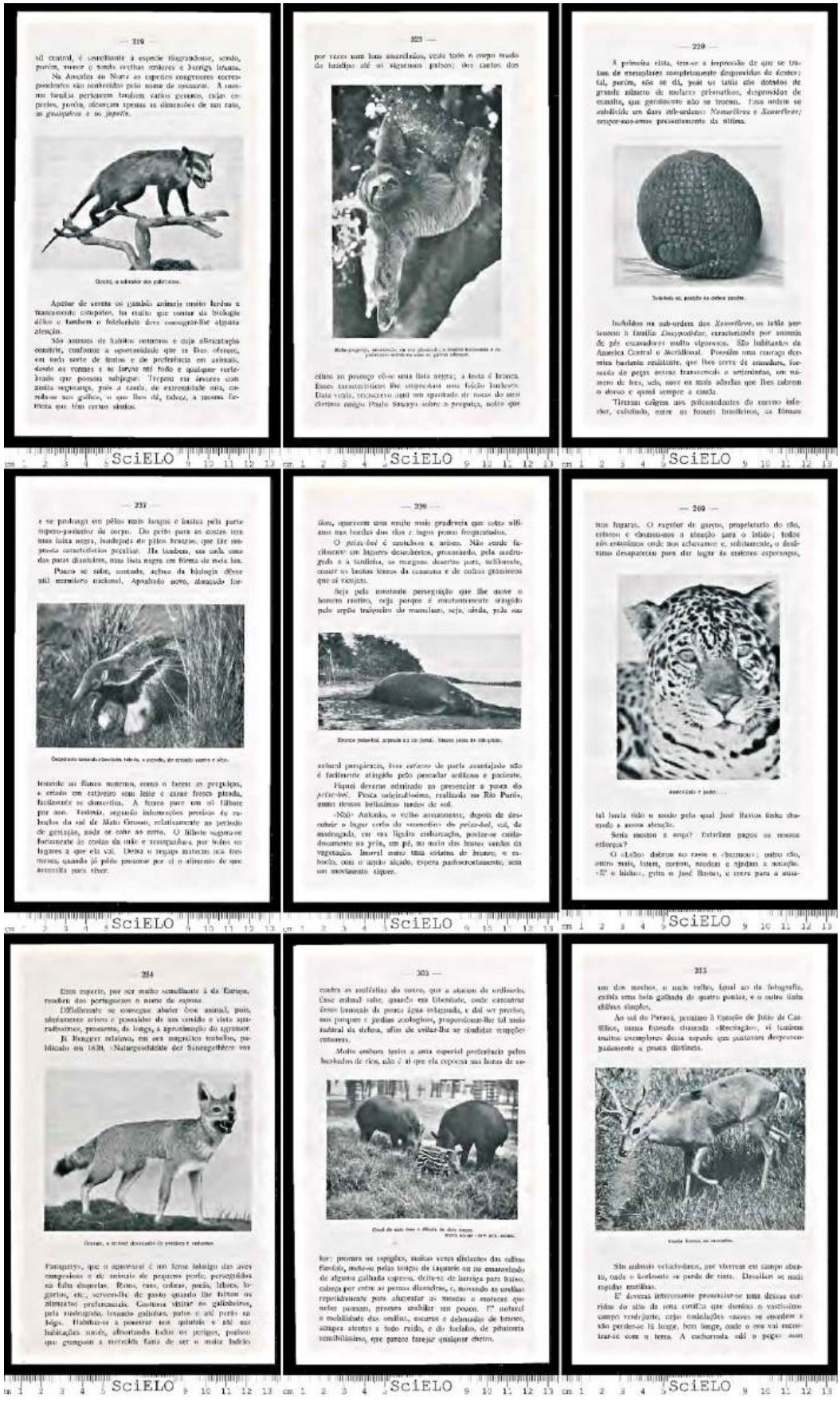
Ùnico desenho colorido apresentado na obra *Ensaio sobre a fauna brasileira* (1939), de Agenor Couto de Magalhães.



Imagens da obra *Ensaio sobre a fauna brasileira* (1939), de Agenor Couto de Magalhães.



Imagens da obra *Ensaio sobre a fauna brasileira* (1939), de Agenor Couto de Magalhães.



Imagens da obra *Ensaio sobre a fauna brasileira* (1939), de Agenor Couto de Magalhães.

Grande concentração de barcos em Messina

NUMA BASE AÉREA ALIADA AVANÇADA NA SICILIA, 10 — Retardado — (A. P.) — O movimento de pequenos navios e embarcações através do estreito de Messina foi grandemente acelerado durante as últimas noites, segundo observaram os aviadores aliados. O crescente número de embarcações visíveis em pleno dia indica que todos os barcos disponíveis estão sendo concentrados, talvez para a evacuação.

Abandonaria Berlim o governo alemão! -

O que dizem viajantes chegados a Zurique — Tropas nazistas mandadas para a linha do Vistula — Casamatas, armadilhas para tanks e barricadas nas ruas de Paris — (Texto na 3.ª página)

Vitória este ano!

Acredita-se, em Quebec, que nas atuais conversações de Churchill no Canadá serão tomadas resoluções vitais — Luzes acesas durante toda a noite — As conversações com Roosevelt — Por que Stalin não compareceu — Tem sido, contudo, informado "quase de hora em hora"



Quando falava à NOITE o ministro Yad Ollah Azodi,

ANO XXXIII — Rio de Janeiro, — N. 11.314 — Quarta-feira, 11 de agosto de 1943

A NOITE

Diretor: ANDRÉ CARRAZZONI — Redator-chefe: CARVALHO NETTO — Empresa A NOITE — Superintendente: LUIZ C. DA COSTA NETTO — Gerente: OCTAVIO LIMA — Número Avulso: Cr$ 0,40

QUEBEC, 11 (De Robert Vivian, enviado especial da Reuters) — A visita do Sr. Winston Churchill ao Canadá deverá tornar a vitória aliada à vista ainda este ano, é esta a convicção dos círculos bem informados desta cidade que assinalam que os "premiers" britânico e canadense, acompanhados de seus assessores militares, iniciaram conversações de natureza vital. No palácio em que o primeiro ministro britânico está hospedado, as luzes estiveram acesas a noite inteira, denotando atividade. Concomitantemente, os dois chefes de Estado conferenciavam noite à dentro. Notava-se, por outro lado, um contínuo intercâmbio de mensagens telegráficas oficiais entre Quebec, Londres, Washington e Ottawa. Membros da comitiva de Churchill salientaram que o estadista britânico está em última saude após a jornada do viagem da Inglaterra até este Domínio.

A entrevista com Roosevelt

QUEBEC, 11 (U. P.) — O primeiro ministro Winston Churchill chegou, ontem, a esta cidade, afim de realizar uma série de conferências com as autoridades canadenses. Estas conferências serão seguidas de outras conversações com a participação do presidente (CONTINUA NA 2ª PÁGINA)

DENTRO DE 48 HORAS!

Espera-se a queda de Kharkov — A captura de Khotinets abre a perspectiva de um grande desastre para as tropas alemãs — Cinco colunas soviéticas convergem sobre aquela primeira cidade — (Telegramas na 7ª página)

Para que o Iran e o Brasil se conheçam mais profundamente

A política que seguirá o Sr. Yad Ollah Azodi, primeiro ministro persa em nosso país

O Brasil hospeda há dias o Sr. Yad Ollah Azodi, ministro do Irã no Brasil. Como se sabe, o Brasil acaba de criar na Persia, na legação, o mesmo acontecendo da parte daquele país no Brasil. O Sr. Yad Azodi, que é figura marcante da diplomacia em seu país, é o primeiro representante do Irã no Brasil e na América do Sul. O ilustre hóspede, que agora integrará o quadro de representação diplomática acreditada- (CONTINUA NA 3ª PÁGINA)

Legislação uniforme contra os nazi-fascistas

Debates sobre o "Conceito de crime político e o após guerra", na Comissão de Código e Processo Penal — Outras teses discutidas e aprovadas por esse orgão da II Conferência Interamericana de Advogados

(TEXTO NA 2ª PÁGINA)



Flagrante dos trabalhos da Comissão de Imigração, Naturalização e Cidadania

AFASTEM-SE!

NOVA YORK, 11 (A. P.) — A rádio britânica dirigiu uma advertência "final" aos trabalhadores húngaros para que se retirem quanto antes dos centros industriais, afim de escaparem com suas famílias aos perigos dos bombardeios.



Embaixador Adrian Escobar, em fotografia colhida pela A NOITE, durante a entrevista

Diretório para governar a Alemanha

ANGORÁ, 11 (R.) — Um diretório de seis membros assistirá Hitler no governo. Três são civis e três militares. Os nomes não foram ainda fornecidos, mas assegura-se que a Alemanha não mais será governada pelo Fuehrer mas por essa comissão. Os três membros militares serão elementos do exército já afastados por Hitler. A situação do Fuehrer, segundo se acentua aqui, é precária.

Importantes atribuições ao Comando Naval do Centro

O aviso do ministro da Marinha ao almirante Durval de Oliveira Teixeira (Texto na 4ª pág.)

FINAL

MOVEIS DE ESTILO
DA MAIS ALTA QUALIDADE
VISITEM
A RENASCENÇA
CATETE, 55, 57 e 59
CONFIANÇA E SERIEDADE ABSOLUTA.



Quando falava à imprensa, em S. Paulo, o Sr. Agenor de Couto Magalhães

50 MIL MORTOS

ESTOCOLMO, 11 (A. P.) — O bombardeio aliado contra Homburgo destruiu 11 dos 40 distritos daquela cidade, o, ao que se presume, houve pelo menos 50 mil mortos — dizem notícias aqui chegadas.

Revisão de tratados comerciais

Para maior desenvolvimento do intercâmbio argentino-brasileiro — O embaixador Adrian Escobar exalta as relações entre os dois países amigos — A Conferência dos Advogados — O desejo do governo do general Ramirez de cooperar cada vez mais com o governo do Brasil

Estivemos esta manhã na Embaixada Argentina, no momento em que o embaixador Adrian Escobar conferenciava com a delegação daquele país à II Conferência Interamericana dos Advogados.

Quando nos recebeu num dos salões da Embaixada, na praia do Botafogo, o eminente diplomata estava cercado dos jurisconsultos J. Honorio Filhueira, Ernesto Cordeiro (CONTINUA NA 2ª PÁGINA)

Fortalezas no centro de Paris

BERNA, 11 (A. P.) — A "Tribune de Geneve" informa que o Ministério da Marinha e as ruas no centro de Paris foram transformadas numa fortaleza, com inúmeros fortins de cimento armado, ligados entre si por tuneis. Muitas ruas foram completamente fechadas ao tráfego civil.



BUENOS AIRES, agosto (Serviço especial para A NOITE) — *Vito Dumas, o navegante solitário argentino, recebido pela comissão especial na atalaia do desembarque do Yacht Club argentino, momentos depois de terma. ar seu "raid", dando volta ao mundo no "Leyh II" numa façanha sem paralelo*

TRINCHEIRAS EM BERLIM!

ESTOCOLMO, 11 (A. P.) — Dizem informações recebidas de Berlim que o abertura de trincheiros e construção de novos abrigos antiaéreos, bem como reforço dos antigos e estabelecimentos de depósitos d'água em toda a cidade, iniciadas há duas semanas prosseguem com intensidade.

Soldados e a população trabalhando nas construções

ESTOCOLMO, 11 (A. P.) — Soldados de policia, das tropas de elite, bem como a população trabalham na construção de trincheiras e abrigos em Berlim. Em todos os pontos da cidade estão sendo realizadas demonstrações e dados aulas sobre o combate de bombas incendiárias.

Os trens desaparecem no solo, através de portas blindadas

BERA, 11 (A. P.) — Segundo as informações reproduzidas pela "Tribune de Geneve", a avenida Kleber, em Paris, está transformada numa rede de fortificações. Todo o quarteirão da capital francesa constitue hoje, Nínha de defesa, que incune um tunel de 4 andares; as ligações se fazem em parte por estrada de ferro de bitola estreita, cujos trens desaparecem misteriosamente, no solo, através de portas blindadas.

Do túmulo de Fernão Dias às cabeceiras do Xingú

O entusiasmo do povo paulista pela expedição que irá desbravar o Roncador e povoar o "hinterland" brasileiro — Palavras de fé de um sobrinho do general Couto de Magalhães — Visão penosa — Relembrando a época de 1867 — O que representa a aviação na grande marcha

(TEXTO NA SEXTA PÁGINA)

Devassa nos bens dos funcionários italianos

LONDRES, 11 (A. P.) — A rádio de Roma notícia que o governo Italiano ordenou a todos os ministros que investiguem cuidadosamente as fontes de renda de todos os funcionários dos Ministérios e Organizações subordinadas.

D. Jayme Camara está em Fortaleza

FORTALEZA, 11 (A. N.) — D. Jayme Camara, novo arcebispo do Rio de Janeiro, chegou ontem a esta capital, às 17 hs., procedente de Baturité, acompanhado do Sr. Andrade Furtado, secretário do Interior e Justiça.

Esmagando toda resistência

As forças aliadas prosseguem o seu avanço na Sicília, visando Messina — Essa cidade sob intensos ataques aéreos

Q. G. ALIADO NA AFRICA DO NORTE, 11 (A. P.) — Progressos continuam a ser feitos pelas forças aliadas de terra — anuncia o comunicado dessa manhã. "Nossas tropas — diz o comunicado — vão vencendo toda a resistência e destruindo os obstáculos que o inimigo vai deixando no caminho". CONTINUA NA 2ª PÁG.

SERÃO ALOJADOS NO HIGH-LIFE

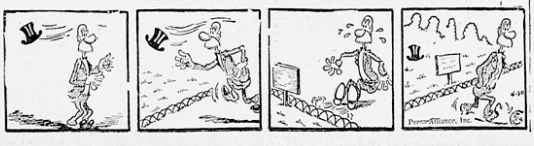
Os náufragos dos navios mercantes das nações aliadas

O High-Life na crônica social carioca tem marcado relevo. O seu título sempre foi, pela tradição de elegancia e bom gosto, das suas festas pomposas, gravado no mesmo ritmo dos velhos tempos da cidade. O antigo Rio, de antes da avenida, tinha no High-Life o centro de reunião fidalga, não só do nosso "grand mond", como do estrangeiro. Mesmo as festas semi-oficiais, para recepção de embaixadas artisticas e sociais encontravam no fidalgo club um ambi- (CONTINUA NA 2ª PÁGINA)

Está travada a maior batalha

Q. G. ALIADO NA ARGELIA, 11 (U. P.) — Urgente — As últimas informações de frente dizem que a maior batalha da campanha siciliana está sendo travada às portas de Randazzo.

Pacífico não quer complicações...



A INVASÃO DA FRANÇA - o melhor caminho para vencer Hitler

Com as fortificações alemãs na região do Pó, já não interessa a ocupação da Italia — O que deverá constituir um dos pontos da entrevista Churchill-Roosevelt

Por Dewitt Mackenzie, comentarista internacional norteamericano

NOVA YORK, 11 (Exclusividade de A NOITE, no Brasil) — Desta vez, os senhores Roosevelt e Churchill estão iniciando uma conferência sem a costumeira "cortina de fumaça", e nem mesmo tentaram ocultar os preparativos do que promete ser uma das mais importantes reuniões desta guerra. Isso não significa, naturalmente, que as conversações serão realizadas ao ar livre, para todo o mundo ouvir. Fica a nós a tarefa de imaginarmos quais os problemas que serão discutidos, neste momento crítico.

No entanto, o próprio desenrolar dos acontecimentos indica que há pelo menos dois grandes problemas, com os quais a conferência deverá ocupar-se, e que são: (CONTINUA NA TERCEIRA PAGINA)

Capa da edição do jornal *A Noite*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1943, estampando Agenor Couto de Magalhães no clichê da reportagem "Do Túmulo de Fernão Dias às cabeceiras do Xingú".

Transcrição de trechos da reportagem “Do túmulo de Fernão Dias às cabeceiras do Xingú” (*A Noite*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1943, p.6):

S. Paulo, 10 (A.N.) — Partiu desta capital a expedição organizada pela Coordenação da Mobilização Econômica rumo às cabeceiras do rio Xingú, — via Serra do Roncador — abrindo, com sua passagem, um caminho pelo “hinteland”, que ligará a Amazónia ao resto do Brasil. [...] Na expedição para o seu êxito absoluto, serão utilizados todos os recursos modernos, não faltando mesmo a colaboração da aviação, que, com a ajuda de possantes estações de rádio, darão diariamente o roteiro aos expedicionários, que serão geólogos, entomologistas, médicos, agrônomos, botânicos, mineralogistas, enfim, homens que estudarão a região em todos os seus detalhes. [...].

O entusiasmo em São Paulo

A partida da expedição para a Serra do Roncador causou o mais vivo entusiasmo em São Paulo, terra, de onde sairam as primeiras bandeiras que rasgaram as florestas imensa do Oeste, tornando maior e mais rico o Brasil. [...].

Um descendente de Couto Magalhães e a expedição

O repórter procurou ouvirem São Paulo, o escritor Agenor de Couto Magalhães, sobrinho do general Couto Magalhães, o brasileiro que iniciou a navegação do Araguaia, depois de transportar pelas florestas três navios desmontados, do rio Cuiabá à barragem do Araguaia. A epopeia de Couto Magalhães, por volta de 1867, foi qualquer coisa de épico. Abrindo picadas por entre as selvas durante um semestre, Couto Magalhães, com a ajuda de carros de bois e caboclos, conduziu três grandes barcos de um rio para outro [...] vencendo centenas de quilômetros. [...].

Penetração penosa

O sobrinho do general Couto Magalhães abriu um mapa da região a ser visitada e cita fatos ocorridos com a expedição do intrépido e malogrado Hermano Ribeiro da Silva. A expedição será dividida em dois escalões. O primeiro, de 100 homens, irá com a incumbência de desbravar o sertão, e o outro sairá um ano depois e cuidará da implantação de famílias. O segundo será formado por 1.000 homens. Nas zonas colonizadas serão instaladas duas estações de rádio, que, juntamente com as transmissões de aviões, manterão em dia os serviços de comunicação. Com as forças expedicionárias, seguirão vários radio-telegrafistas. Uma vez na Serra do Roncador, o escalão avançará para as nascentes do Rio Xingu e dali para Santarem. Neste caminho para a Amazônia que está aberto pelo interior do Brasil, nenhum esforço será poupado nem será desprezado nenhum dos pontos estabelecidos. Os expedicionários, na invernada, não só disporão de sementes, como também de querosene, açúcar e sal, fazendo, assim, as suas próprias culturas, orientadas pelos agrônomos presentes. [...].

O concurso da aviação

[...] Disse o chefe da expedição:

“As terra serão dadas gratuitamente aos primeiros povoadores. A expedição possui recursos mais modernos da época e conta para o seu serviço com aviões e várias estações de rádio. Pelo sertão afora, usaremos carroças apropriadas para o trânsito em qualquer terreno, bem como tropas de mulas”.

O Sr. Agenor Couto Magalhães não esconde o seu entusiasmo pela participação de aviões na expedição Roncador-Xingú e diz:

— Hermano Ribeiro da Silva, de cuja Bandeira fui um dos padrinhos, só atingiu as fraldas do Roncador depois de oito meses de penosa peregrinação. Agora, o ministro João Alberto, visitando São Paulo, onde veio assistir à participação da expedição e agradecer, de viva voz, o apoio do povo paulista ao seu notavel e patriótico empreendimento, quis sobrevoar a Serra do Roncador, numa viagem, que não duraria mais de 45 horas. A aviação terá papel de relevo na grande marcha para o oeste.

E, finalmente, acrescentou o descendente do general Couto Magalhães:

— A exploração do “hinterland” do Brasil é urgente necessidade.



Príncipe Charles (Rei Charles III) e princesa Anne com David Attenborough — locutor, naturalista e divulgador científico — no estúdio da BBC em Londres, em 1958.



Príncipe Charles (Rei Charles III) e princesa Anne com David Attenborough e sua cacatua de estimação, no estúdio da BBC em Londres, em 1958 (BBC Online, 2023)[118].

[118] Disponível em: BBC UK. Acesso em: 20 abr. 2023.



David Attenborough e a família do Príncipe de Gales. Em setembro de 2020, Attenborough presenteou o Príncipe George[119] com um dente fossilizado de megalodone[120] —
o maior tubarão a viver nos oceanos —, encontrado em Malta no final dos anos de 1960.

"Não creio que houvesse alguém na década de 1950 que pensasse que havia o perigo de podermos aniquilar parte do mundo natural. A noção de que os seres humanos poderiam exterminar uma espécie inteira não era algo que as pessoas pensassem e, se ocorresse, parecia a exceção" (Attenborough, 2019)[121].

"Há cinquenta ou 60 anos, muito poucas pessoas na Grã-Bretanha ou mesmo na Europa tinham realmente visto um pangolim ou um tatu, por isso não importava quão mal ou amadoramente você fosse, se mostrasse uma foto de um tatu as pessoas não olhavam criticamente, apenas viam um tatu. Então, fazer filmes de história natural naquela época era relativamente fácil. Bastava mostrar os animais e as pessoas ficavam maravilhadas" (Attenborough, 2019)[121].

[119] Sir David Attenborough: Naturalist gives Prince George a fossil at royal screening. Disponível em: BBC UK. Acesso em: 8 fev. 2024.
[120] Megalodonte: saiba mais sobre esse antigo tubarão gigante. Disponível em: National Geographic Brasil. Acesso em: 8 fev. 2024.
[121] Top quotes from Prince William's interview with Sir David Attenborough at Davos 2019. Disponível em: World Economic Forum. Acesso em: 8 fev. 2024.



O cachorro[122] (Le Chien) (placa, página 46) de *Eaux-fortes originale pour des textes de Buffon* (Georges-Louis Leclerc, Conde de Buffon), livro com trinta e uma gravuras em águas-tintas produzidas por Pablo Picasso, publicado pela Editora Martin Fabiani, Paris, em 1942.

"Picasso era um grande amante dos animais e cercou-se de animais de estimação como cachorros, cabras e pássaros [...]. Esse relacionamento se traduziu em sua arte em representações distintas das características e movimentos de um animal"
(The Museum of Modern Art)[123].

[122] Disponível em: https://www.moma.org/collection/works/29441 . Acesso em: 24 ago. 2023.
[123] The Museum of Modern Art (MoMA), Midtown Manhattan, Cidade de Nova Iorque, EUA. MoMA), Midtown Manhattan, Cidade de Nova Iorque, EUA. Disponível em: https://www.moma.org/collection/works/29413 . Acesso em: 24 ago. 2023.



Jane Goodall abraçada a um filhote de beagle (a foto é uma cortesia da Família Goodall).

“I've always learned from and loved animals, from my earliest years into today. [...] I can't imagine my life without dogs. It's very tough for me not to have my own dog, because it's that special bond. And all my life... there's been a special dog waiting for me... And dogs understand me... I can communicate with a dog in China or Africa in exactly the same way...” (Goodall, 2017)[124].

[124] “Não consigo imaginar a minha vida sem cachorros. É muito difícil pra mim não ter o meu próprio cachorro, porque esse vínculo é especial. E durante toda a minha vida... houve um cachorro especial esperando por mim... e os cachorros me entendem... posso me comunicar com um cão na China ou na África exatamente da mesma maneira...” (tradução livre). Disponível em: Facebook. Acesso em: 1 mar. 2024.



Jane Goodall e seu amigo de infância, Rusty, na residência da família em Bournemouth, Inglaterra, 1954. No verso da foto, está escrito: “Jane e Rusty, os inseparáveis”
(A foto é uma cortesia da Família Goodall).

"I learned so much from Rusty. He proved to me that animals have minds, personalities and feelings. This gave me great strength in my convictions and work with chimpanzees" (Goodall, 2019)[125].

[125] “Aprendi muito com Rusty. Ele me provou que os animais têm mente, personalidade e sentimentos. Isso deu forças às minhas convicções e ao meu trabalho com chimpanzés” (tradução livre). Disponível em: Facebook. Acesso em: 1 mar. 2024.



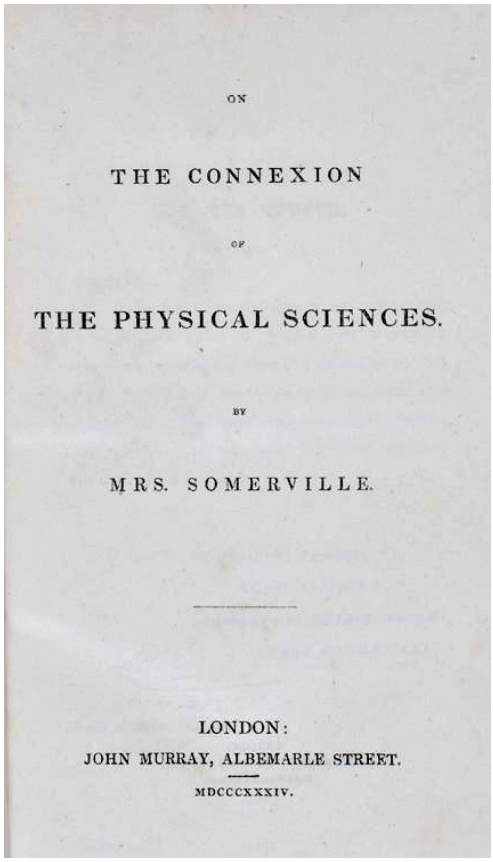
David Attenborough e Jane Goodall em Cambridge, Inglaterra, celebrando o Dia da Terra em 22 abr. 2017[126].



Vandana Shiva e Jane Goodall, delegadas da Cúpula Internacional das Mulheres sobre a Terra e o Clima, em Nova Iorque, 2013 (Foto de Lori Waselchuk)[127].

[126] Disponível em: https://www.facebook.com/janegoodall/photos/pb.100044401240420.-2207520000/10155296528017171/?type=3. Acesso em: 1 mar. 2024.
[127]Disponível em: Facebook. Acesso em: 1 mar. 2024.

“Há menos de dois séculos, a ciência popular mal existia. Em 1830, o astrônomo John Herschel escreveu ao filósofo William Whewell sobre a necessidade urgente de “resumir o que é realmente conhecido em cada ramo específico da ciência [...] para dar uma visão conectada do que foi feito”. A notável escritora notável que primeiro alcançou essa “visão conectada” e provavelmente lançou a escrita científica popular foi uma matemática escocesa autodidata, Mary Fairfax Somerville (1780-1872). Seu livro, *On the Connexion of the Physical Sciences* [Sobre a conexão das ciências físicas], publicado por John Murray em 1834 [...] não contém equações, há poucos diagramas e pouca matemática. Uma obra-prima de explicação descritiva e analogia que revela uma visão científica completa do mundo, abrangendo tudo, desde estrelas até insetos. Foi a publicação científica mais vendida de Murray até a publicação de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, em 1859. A obra de Somerville teve dez edições na Grã-Bretanha e foi publicado na França, Itália, Alemanha e Estados Unidos (Holmes, 2014)[128].


ON

THE CONNEXION

OF

THE PHYSICAL SCIENCES.

BY

MRS. SOMERVILLE.

LONDON:

JOHN MURRAY, ALBEMARLE STREET.

MDCCCXXXIV.


Mary Somerville helped to unify science intellectually at a time of specialization.

IN RETROSPECT

On the Connexion of the Physical Sciences

À esquerda, página de rosto de *On the Connexion of the Physical Sciences* (1834), de Mary Somerville, indiscutivelmente um dos primeiros livros de divulgação científica. À esquerda, retrato de Mary Somerville publicado no artigo de Richard Holmes (2014)224.

[128] HOLMES, Richard. In retrospect: On the Connexion of the Physical Sciences. *Nature*, n.514, p.432-433, 2014.



Anno LII Rio de Janeiro — Sabbado, 10 de Março de 1928 N. 59

GAZETA DE NOTICIAS

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "GAZETA DE NOTICIAS"

A Terra não tem um movimento regular de rotação!

O direito das minorias

A noticia sensacional que nos traz um astronomo francez

Quaes serão as consequencias dessa anormalidade do nosso planeta?

O regresso do professor Sampaio Corrêa

A SIGNIFICATIVA MANIFESTAÇÃO QUE LHE FEZ A POPULAÇÃO CARIOCA

Os discursos de saudações no caes e em sua residencia

O governo maranhense

O tempo de marcha-ré, e outras humorgloblinas..

VIEMOS DO MACACO OU DA MEDUSA?

A estupenda theoria de um darwinista

EM COPACABANA

A' ESPERA DA HORA DO BANHO

OS VENCIMENTOS DO FUNCCIONALISMO MUNICIPAL

Foram assignados pelo prefeito os tabellas de augmento

UM NOVO MOTOR PARA AERO-PLANOS

Experiencias secretas de Lindbergh

INGENUIDADE

Notícia publicada na primeira página da *Gazeta de Notícias*, ed. 59, Rio de Janeiro, 10 mar. 1928.

Transcrição: **"*VIEMOS DO MACADO OU DA MEDUSA?***

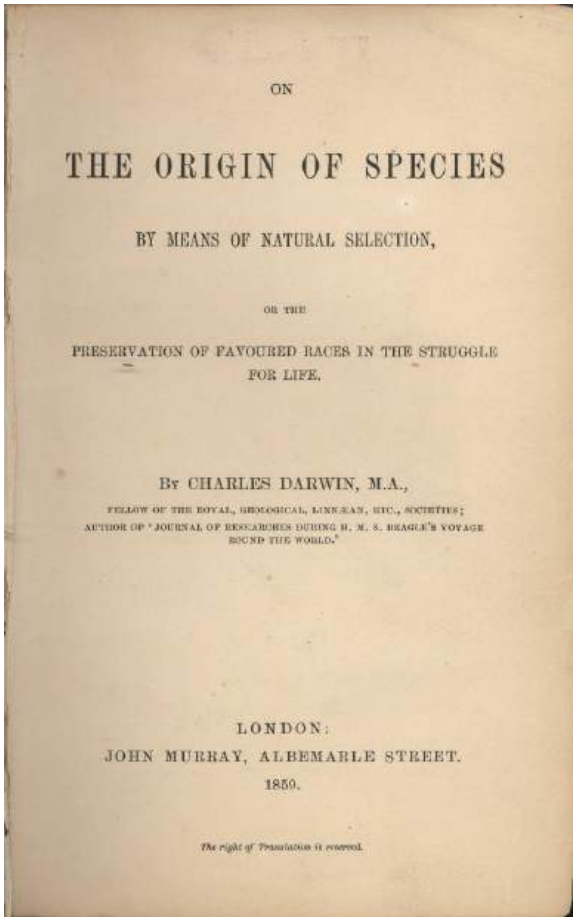
A estupenda theoria de um darwinista: A imaginação do zoologo inglez Arthur Keith, que defende com ardor a theoria de Darwin, garantindo que o homem descende do macaco, foi superada pelo Dr. Bidder [?], que deixou estupefacta a assembléa da Associação Britannica pelo Progresso das Sciencias. Com toda a gravidade dos homens de sciencia, o Dr. Bidder [?], [?] uma nova theoria, segundo a qual os homens não só descendem da medusa, mas, ainda, della herdaram [?] poeticos e mysticos: "Nosso amor aos bailes, á poesia, ao jazz se deve á metamorphose do rythmo que herdámos dos nossos [?] antepassados e [?] guardamos no coração [?] inquietações tentaculares."

“É interessante contemplar a margem de um rio coberta com todo tipo de vegetação, pássaros cantando nos arbustos, vários tipos de insetos ali voando e vermes rastejando pela terra úmida e, então, refletir sobre o fato de que estas formas construídas de maneira tão elaborada — muito diferentes e dependentes umas das outras e de maneira tão complexa — foram todas produzidas por leis que agem em nosso entorno. Em seu sentido amplo, essas leis são a do crescimento com reprodução; a da hereditariedade, que quase pode ser inferida pela reprodução; a da variabilidade causada pela ação indireta e direta das condições externas de vida e pelo uso e desuso; uma razão de crescimento tão elevado a ponto de levar à luta pela sobrevivência e, como consequência, à seleção natural, que implica na divergência de caracteres e na extinção das formas menos aprimoradas. Assim, resulta da guerra da Natureza, da fome e da morte, o objeto mais elevado que somos capazes de conceber, qual seja, a aparição dos animais superiores. Há grandiosidade nessa forma de conceber a vida, com seus diversos atributos, como algo originalmente soprado em poucas formas ou em apenas uma; e é igualmente grandioso saber que, enquanto este planeta gira de acordo com a lei fixa da gravidade, infinitas formas, as mais belas e maravilhosas, tenham iniciado a partir de uma origem muito simples, e mantenham sempre em marcha sua evolução” (Darwin, 2018, p.459)[129].



Desenho feito por um dos filhos de Charles Darwin (provavelmente Francis)
no verso de uma das folhas do manuscrito do livro *A origem das espécies* (1859)
(Reproduzido com a gentil permissão da Cambridge University Library).

[129] Último parágrafo do livro *A origem das espécies* (1859), de Charles Darwin (1809-1882).



ON

THE ORIGIN OF SPECIES

BY MEANS OF NATURAL SELECTION,

OR THE

PRESERVATION OF FAVOURED RACES IN THE STRUGGLE FOR LIFE.

By CHARLES DARWIN, M.A.,

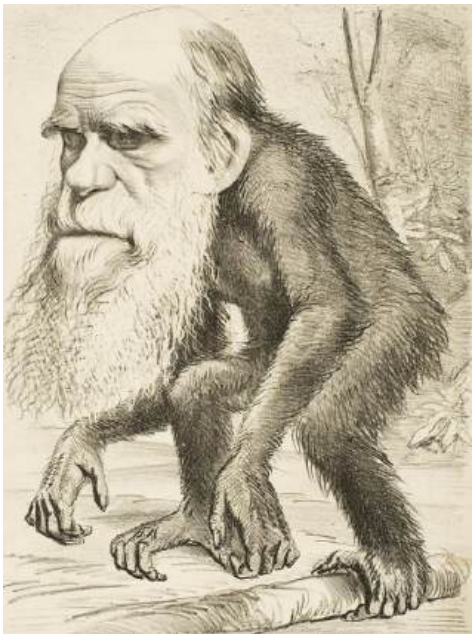
FELLOW OF THE ROYAL, GEOLOGICAL, LINNÆAN, ETC., SOCIETIES;
AUTHOR OF 'JOURNAL OF RESEARCHES DURING H. M. S. BEAGLE'S VOYAGE ROUND THE WORLD.'

LONDON:
JOHN MURRAY, ALBEMARLE STREET.
1859.

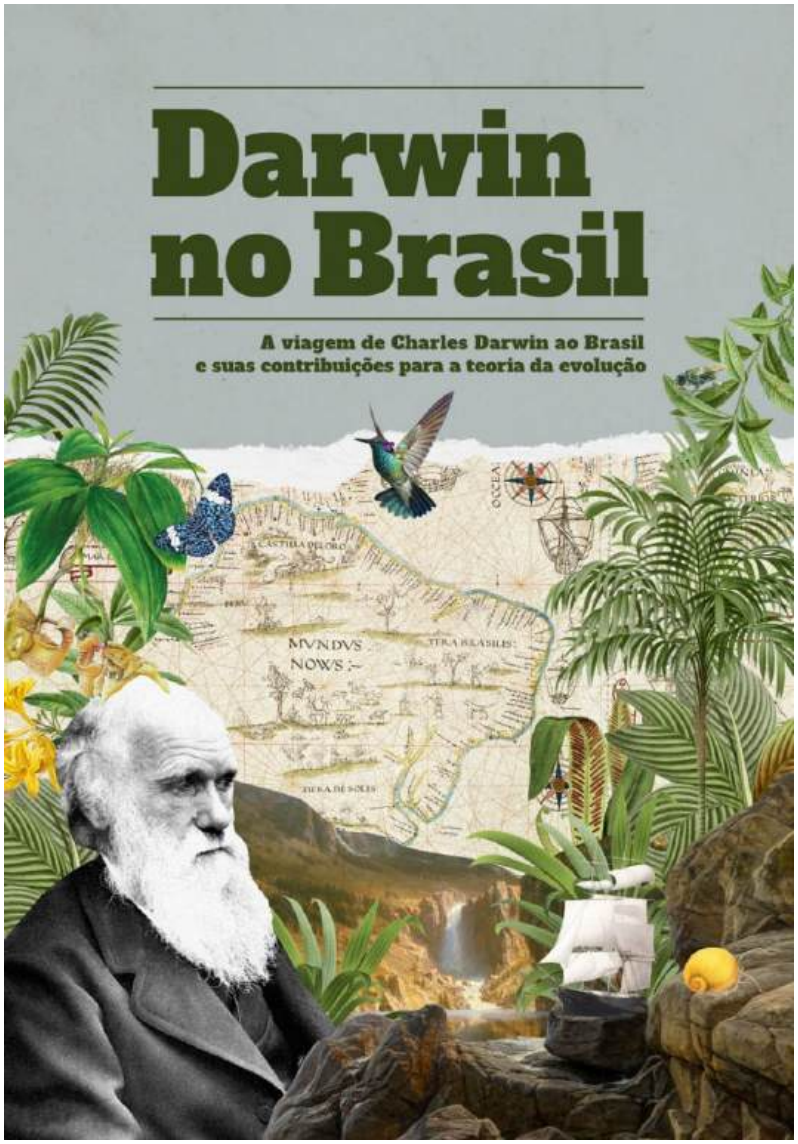
The right of Translation is reserved.

Folha de rosto da primeira edição de *A origem das espécies por meio da seleção natural ou A preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, Londres, 1859.

Transcrição do último parágrafo : “Durante a nossa estada em Maldonado (Uruguai), coletei vários quadrúpedes, oitenta espécies de pássaros e muitos répteis, inclusive nove espécies de cobras. Dos mamíferos indígenas, o único que agora resta, independentemente do tamanho, e que é comumente encontrado é o *Cervus campestris*. Esse veado é excessivamente abundante, com frequência em pequenas manadas, ao longo de todas as regiões que margeiam o Prata e ao norte da Patagônia. Se alguém se agachar e se aproximar rastejando de uma manada, os veados, levados pela simples curiosidade, costumam se aproximar para ver o que há. Utilizando-me dessa artimanha, consegui matar de uma só vez três ou quatro da mesma manada. Apesar de mansos e curiosos, são excessivamente ariscos à aproximação de um cavalo. Por aqui ninguém anda a pé, e os veados somente reconhecem um homem como inimigo quando este está montado a cavalo e com as bolas em punho” (Darwin, 2018, p.459).



A Venerable Orang-outang, caricatura de Charles Darwin publicada em 1871 na revista *The Hornet*. Darwin é retratado como um chipanzé, suposta alusão à sua teoria da evolução, na qual os humanos evoluíram dos primatas, uma ideia completamente nova na época.



“Durante a nossa estada em Maldonado (Uruguai), coletei vários quadrúpedes, oitenta espécies de pássaros e muitos répteis, inclusive nove espécies de cobras. Dos mamíferos indígenas, o único que agora resta, independentemente do tamanho, e que é comumente encontrado é o *Cervus campestris*. Esse veado é excessivamente abundante, com frequência em pequenas manadas, ao longo de todas as regiões que margeiam o Prata e ao norte da Patagônia. Se alguém se agachar e se aproximar rastejando de uma manada, os veados, levados pela simples curiosidade, costumam se aproximar para ver o que há. Utilizando-me dessa artimanha, consegui matar de uma só vez três ou quatro da mesma manada. Apesar de mansos e curiosos, são excessivamente ariscos à aproximação de um cavalo. Por aqui ninguém anda a pé, e os veados somente reconhecem um homem como inimigo quando este está montado a cavalo e com as bolas em punho” (Darwin, 2018, p.459).

APÊNDICE H

(MINHAS)

MEMÓRIAS DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

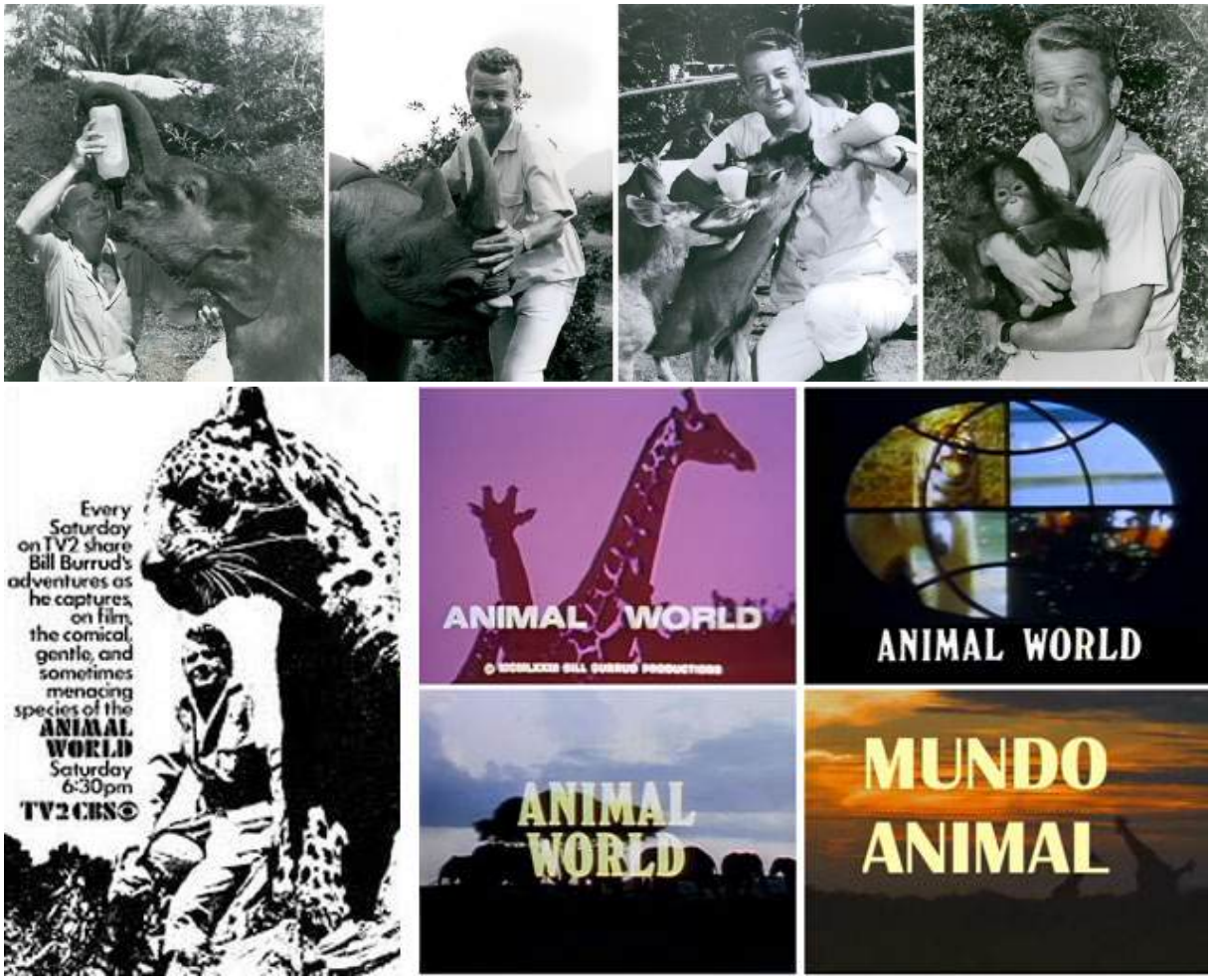
Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.[130]

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)
Poeta

[130] ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p.20. (Coleção Carlos Drummond de Andrade).

“Eu não sou zoólogo. Eu não sou um especialista. Tive o prazer de conhecer cientistas e há muitos caras no campo que são *experts* [...]. Eu não me importaria de pagá-los, mas eles preferiam ter o equipamento[131]. Certa vez, levamos um termômetro retal para um cientista nas Ilhas Komodo [...] para medir a temperatura dos dragões de Komodo.”

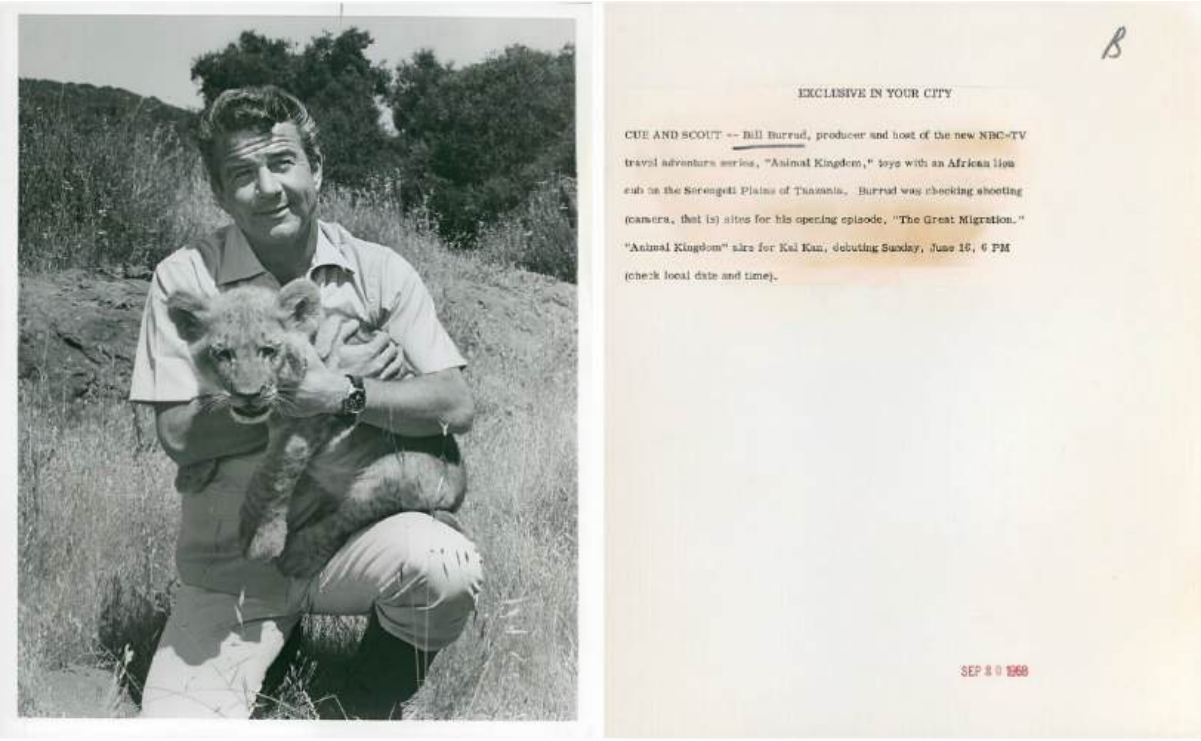
Bill Burrud (1925-1990)
Ator infantil, apresentador e produtor de televisão



Imagens de Bill Burrud, do cartaz e da vinheta do programa *Mundo animal.*

William James Burrud foi conservacionista e produtor de filmes sobre animais selvagens, exibidos em mais de 20 países. Em 1974, ele produziu o especial *Where did all the animals go?*, distribuído gratuitamente para as redes de televisão em troca de arrecadação para combater a caça furtiva no Parque Nacional de Tsavo, no Quênia, por meio da compra de um helicóptero. Burrud tinha o especial como um dos projetos mais gratificantes da sua carreira (Los Angeles Time, 1989[132]; The New York, 1990[133]). *Animal World* foi um dos programas produzido e apresentado por ele, exibido em horário nobre de 1968 a 1971 nas três principais redes de TV aberta estadunidenses. No Brasil, *Mundo Animal* foi exibido nas manhãs da década de 1970 pela Rede Globo.

[131] Em troca de ajuda para os seus programas, Burrud fornecia equipamentos aos pesquisadores de campo.
[132] Disponível em: https://projects.latimes.com/hollywood/star-walk/bill-burrud/index.html. e Disponível em: https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1989-03-26-ca-1151-story.html. Acesso em: 13 fev. 2024.
[133] Disponível em: https://www.nytimes.com/1990/07/15/obituaries/william-burrud-65-television-producer-of-nature-programs.html e Disponível em: https://www.nytimes.com/1990/07/16/obituaries/william-burrud-65-television-producer-of-nature-programs.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 13 fev. 2024.



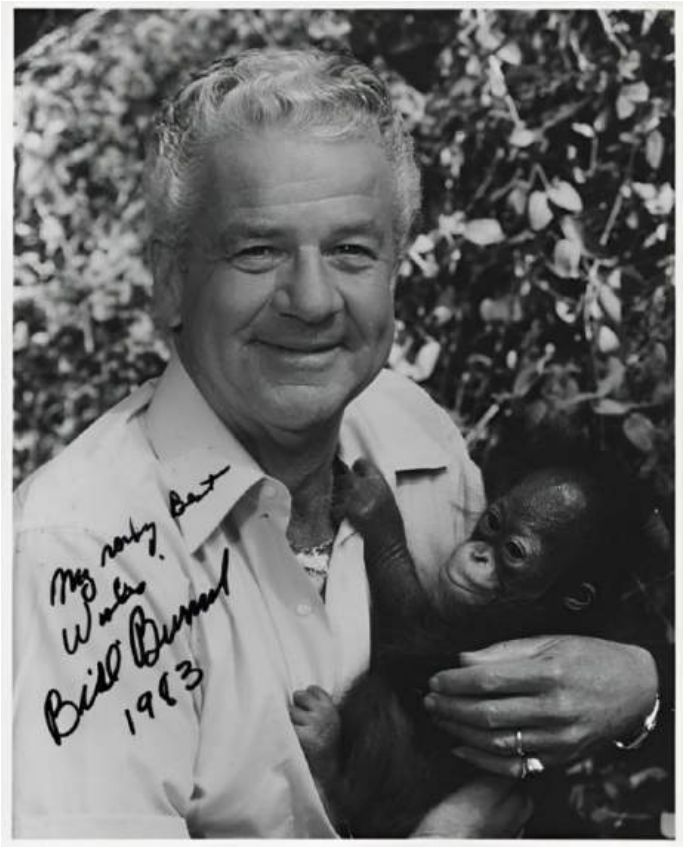
8

EXCLUSIVE IN YOUR CITY

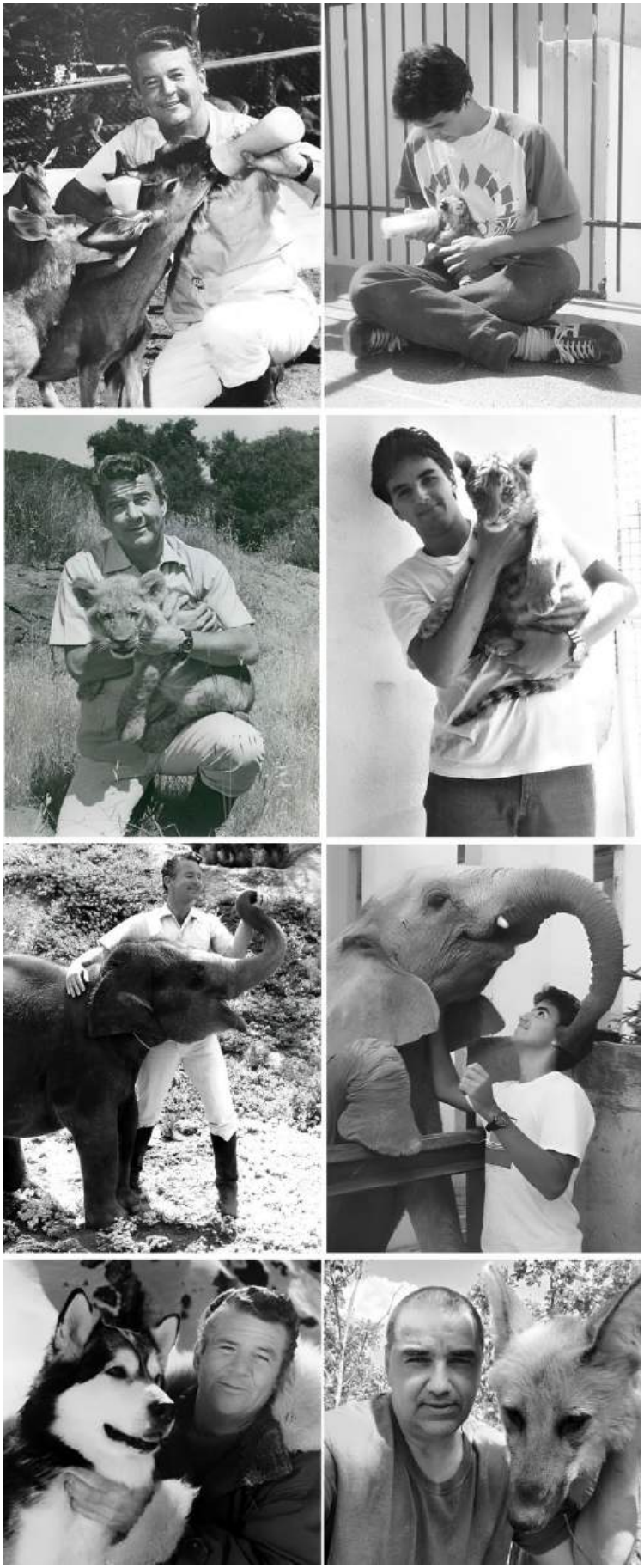
CUE AND SCOUT -- Bill Burrud, producer and host of the new NBC-TV travel adventure series, "Animal Kingdom," toys with an African lion cub on the Serengeti Plains of Tanzania. Burrud was checking shooting (camera, that is) sites for his opening episode, "The Great Migration." "Animal Kingdom" airs for Kal Kan, debuting Sunday, June 16, 6 PM (check local date and time).

SEP 8 0 1968

Bill Burrud segurando um filhote de leão na planície do Serengeti, Tanzânia, durante a gravação do episódio *The great migration* (A grande migração), em 16 jun. 1968.

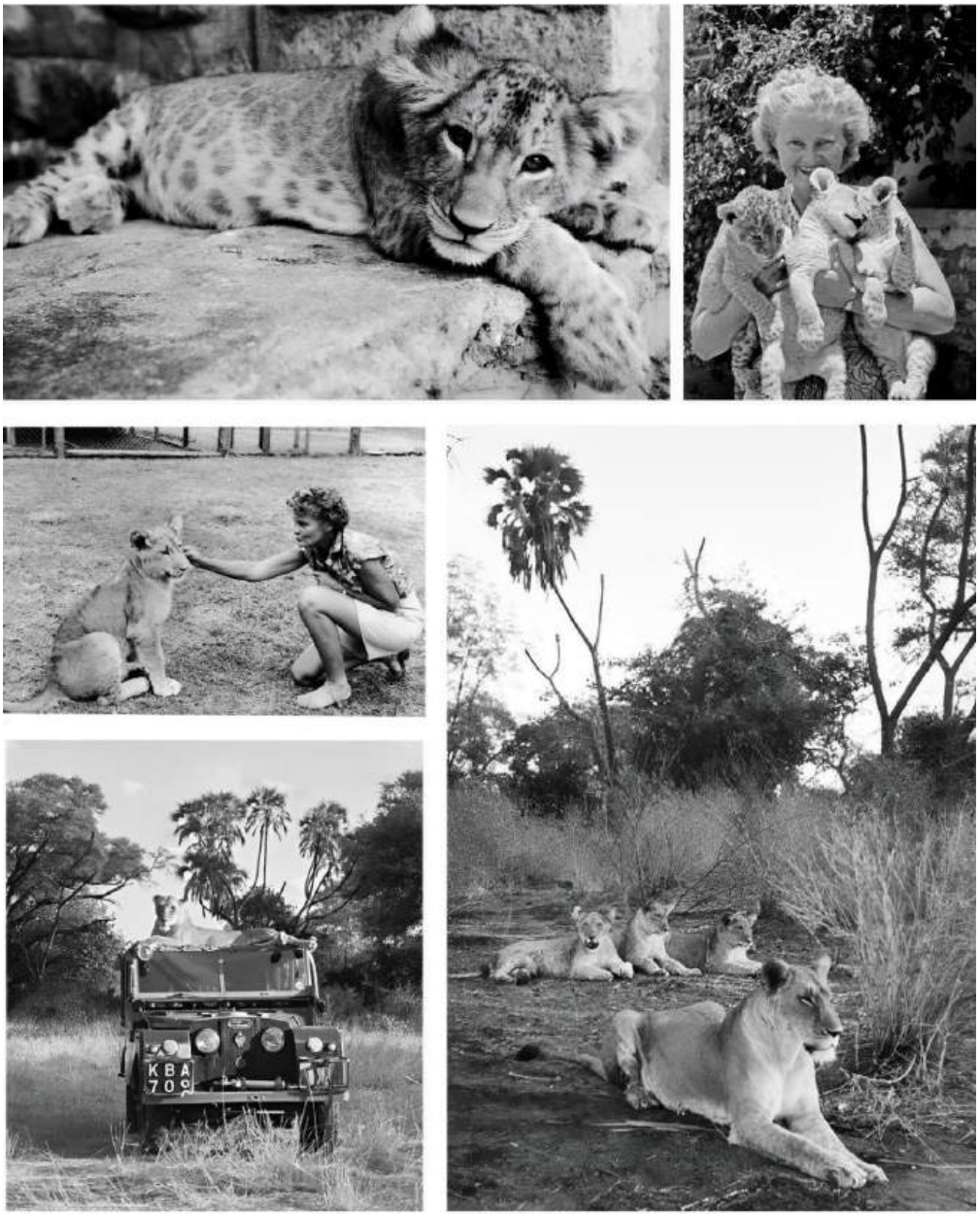


Bill Burrud segurando um filhote de orangotango, em fotografia autografada por ele.



O influenciador
(divulgador da vida selvagem)
e o influenciado.

Resgatadas após a morte da mãe por um guarda florestal, em fevereiro de 1956, *Elsa* e suas irmãs foram “criadas à mão” pelo próprio guarda e sua esposa. *Big One* e *Lustica* tiveram como destino o Zoológico de Rotterdam, Holanda. Elsa permaneceu sobre os cuidados do casal Adamson no Parque Nacional de Meru, no Quênia, tornando-se uma das primeiras experiências de reabilitação[134] da história da conservação. A história de Elsa foi registrada no livro *Born Free* (1960), que virou filme em 1966, em 1972, e minissérie em 1974.

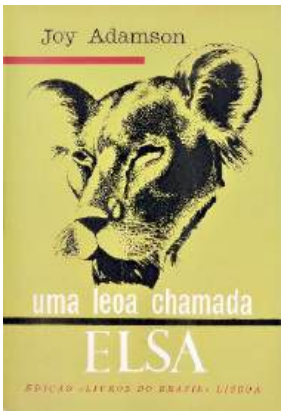


Elsa com Joy Adamson, deitada sobre o Land Rover (pose clássica) e acompanhada de seus filhotes, Quênia, África.

[134] *Reabilitação*, de acordo com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - Ibama, é definida como “ação de recuperar as condições sanitárias, físicas e comportamentais de um animal silvestre, de modo que permita se desenvolver em seu ambiente natural de forma independente e de acordo com as características biológicas de sua espécie”.



Capas e sobrecapas da primeira edição dos livros que compõem a trilogia sobre Elsa, publicados em 1960, 1961 e 1962.



Capa do livro *Uma leoa chamada Elsa*[135].
Joy Adamson escreveu sobre suas experiências criando animais selvagens em romance de 1960, *Born Free*, traduzido para o português por Armando Ferreira e publicado em Portugal em 1960.



Foto 00 - Cartazes dos filmes Born free (1966), Living free (1972) e da minissérie (1974).

[135] ADAMSON, Joy. *Uma leoa chamada Elsa*. Lisboa: Livros do Brasil, 1960. 174 p.



Cartaz de *Born Free* (1966) — estrelado pelo casal Virginia McKenna e Bill Travers —, ganhador do Oscar 1967 nas categorias Melhor Trilha Sonora e Melhor Canção Original.



Virginia McKenna, George Adamson (1906-1989), Bill Travers (1922-1994) e Joy Adamson (1910 - 1980) na locação de Born Free, Quênia, África, 1965[136].

[136] Columbia Pictures Corporation. Fotógrafo não identificado.



Living Free (1972), estrelado por Susan Hampshire e Nigel Davenport (1928-2013), foi baseado no terceiro livro da série sobre Elsa, *Forever Free*. O filme foi indicado ao Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro em Língua Inglesa.

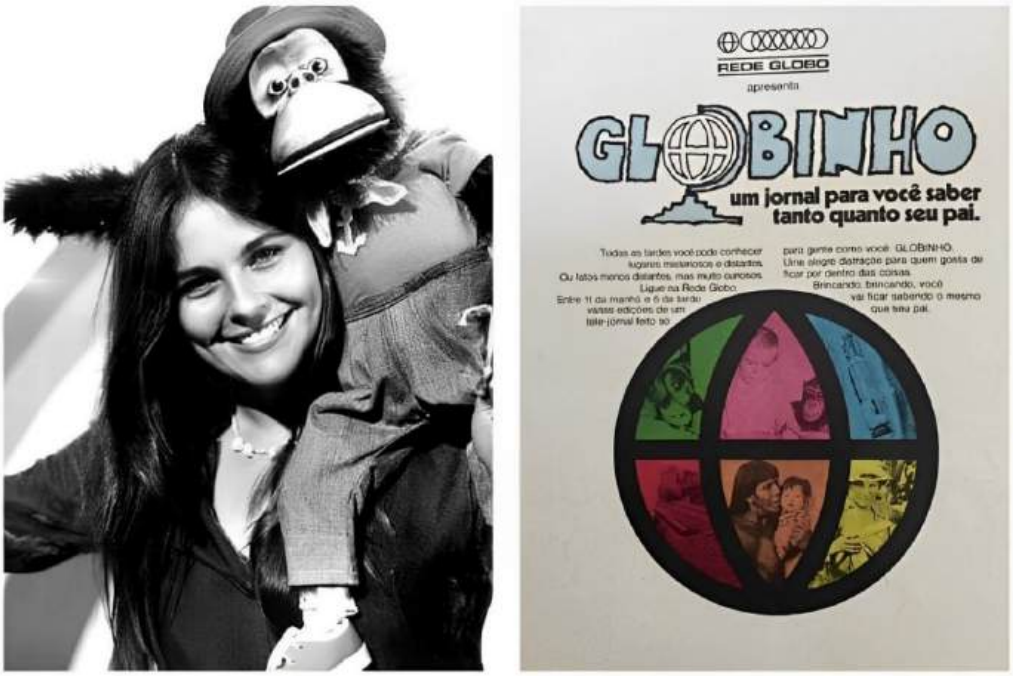


Gary Collins, Hal Frederick e Diana Muldaur[137]. *Born Free*[138] é uma série americana com 13 episódios, baseada no livro e filme homônimos de 1960 e 1966, respectivamente. Foi ao ar na rede de televisão NBC de 9 set. a 30 dez. 1974, produzida pela Columbia Pictures Television, estrelada e narrada por Diana Muldaur.

[137] Fotógrafo não identificado. Fonte IMDB. Disponível em: https://m.imdb.com/title/tt0070972/mediaviewer/rm61436928/. Acesso em: 1 mar. 2024.
[138] Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Born_Free_(TV_series). Acesso em: 1 mar. 2024.

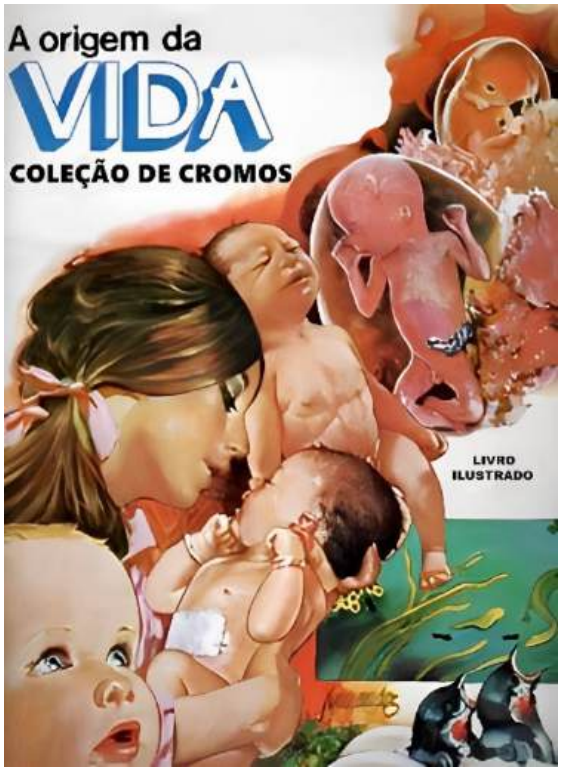
“Na verdade, ele [Globinho] dava muito trabalho. Escrever para adultos, você escreve. Mas na hora de você passar aquele conteúdo complexo para jovens, mas principalmente pra crianças, você tinha que escrever duas vezes. A parte da participação popular também era muito difícil, porque a gente não queria, por exemplo, no Rio de Janeiro, ficar entrevistando crianças só na zona sul, em Brasília, você tinha que ir às cidades satélites, você tinha que ir mais longe. Era muito difícil a produção. [...] foi um sucesso basicamente pelo fato de você estar conversando olho no olho com os jovens [...] eu metia o dedo na câmera e contestava, e aí vinha jovem para assistir aquele negócio, puxa, que telejornal é esse que a Censura não mexe? Não existe censura prévia e tal. E era muito engajado, de vanguarda. [...] Era um programa contestador [...]. Nós inventamos uma coisa mais trabalhosa ainda que foi o [...] Globinho Repórter, na época, que eram documentários, aos sábados [...] mostrando questões ambientais [...]. O primeiro documentário, *A Amazônia é nossa*, deu um bafafá danado, porque não se podia dizer na época da censura, na época de ditadura militar, que a Amazônia era nossa, embora qualquer cidadão brasileiro, enfim, tivesse que se orgulhar disso. Nós mostrávamos questões bem polêmicas de intervenções no ambiente brasileiro que tinham como consequência a degradação ambiental e o prejuízo para as comunidades” (Comitê de Imprensa, 2006; Memória Globo, 2021)[139, 140].

Paula Saldanha
Jornalista e produtora



Paula Saldanha e o macaco Loiola no Globinho, 1972 (Foto: Acervo Globo).

[139] Câmara dos Deputados. Comitê de Imprensa (2006). Programas da TV Câmara. Disponível em: https://www.camara.leg.br/tv/174101-paula-saldanha-jornalista-bl-1/. Acesso em: 21 fev. 2024.
[140] Memória Globo. Globinho. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/globinho/noticia/globinho.ghtml. Acesso em: 21 fev. 2024.



Em 1980, o álbum *A origem da Vida*, da Editora Saravan, oferecia 133 figurinhas cartonadas sobre citologia, embriologia, zoologia, botânica e corpo humano.



Em 1983, a Nestlé lançou o chocolate Surpresa, no tradicional formato retangular, mas apresentando um animal em alto relevo na superfície da barra. Dentro da embalagem havia um cartão colecionável com a imagem de um animal[141]. No verso do cartão, informações biológicas como nome popular, nome científico, família, *habitat*, alimentação, reprodução e particularidades.
O álbum "Animais de Todo o Mundo", para colar os cartões, era enviado pela Nestlé em troca de embalagens do chocolate.

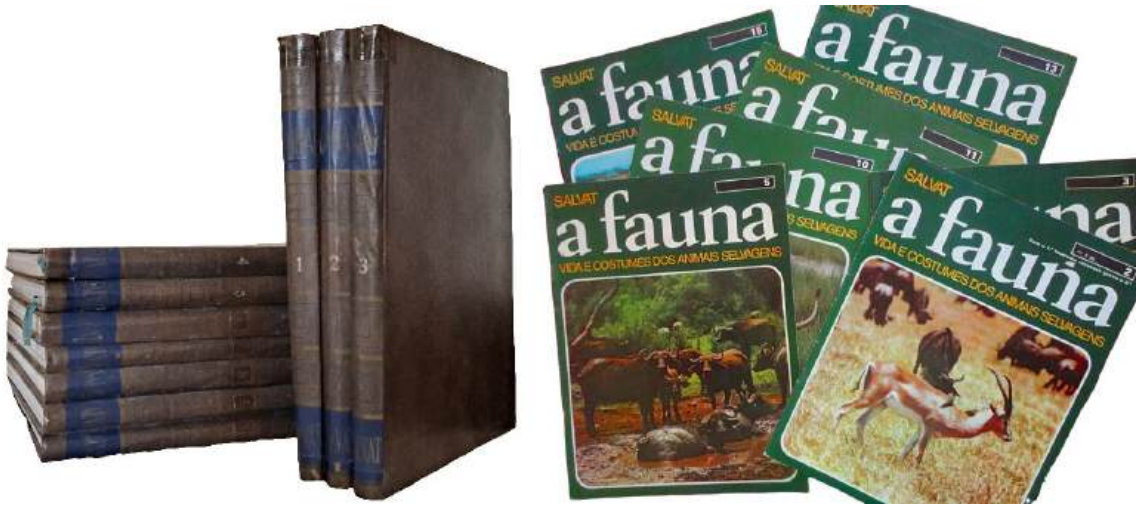
[141] 01-A Arara, 02-B Canguru, 03-C Carneiro das Montanhas Rochosas, 04-D Cisne, 05-E Coruja, 06-F Dromedário, 07-G Elefante, 08-H Esquilo, 09-I Flamingo, 10-J Garça, 11-K Girafa, 12-L Leoa, 13-M Lhama, 14-N Mandarim, 15-O Pelicano, 16-P Raposa, 17-Q Tatu, 18-R Tigre 19-S Panda-gigante, 20-T Zebra.



Carta do Príncipe da Holanda para a edição francesa de *A Fauna.*

"Neste mundo civilizado onde a natureza está permanentemente ameaçada, é reconfortante encontrar uma obra como 'A FAUNA', que proporciona um melhor conhecimento dos animais selvagens, os quais estão seriamente em perigo no nossos dias. O objetivo do World Wildlife Fund consiste em proteger todos os animais em perigo de extinção, e esta foi a grande causa que 'A FAUNA', a enciclopédia dos animais selvagens, se propôs defender. Espero, por isso, que esta publicação tenha muitos leitores."

O Príncipe da Holanda,
Presidente do World Wildlife Fund[142]

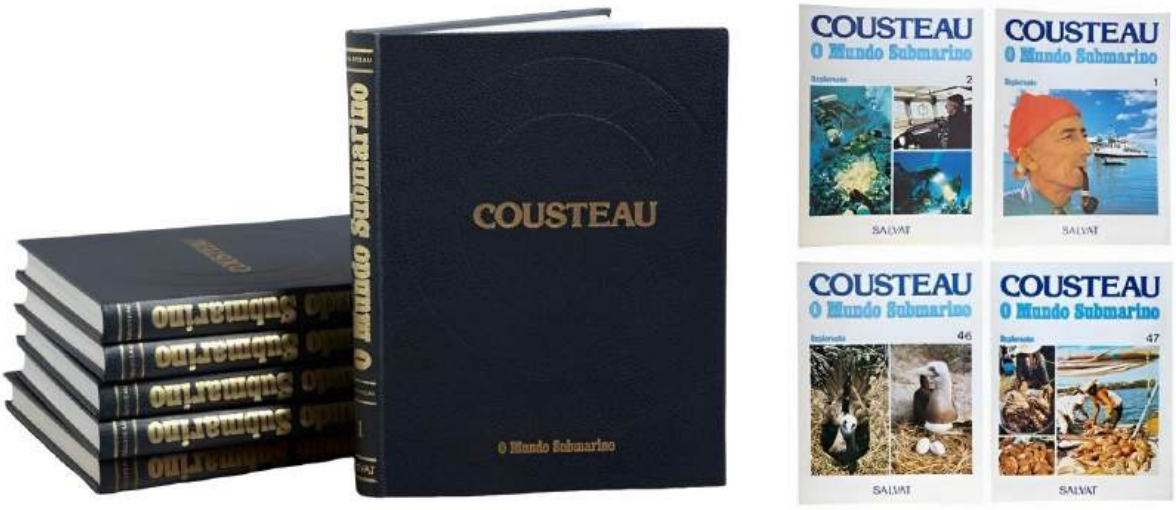


Os 165 fascículos da enciclopédia *A fauna: vida e costumes*[143] *dos animais selvagens*[144], foi comercializada na década de 1980 pela Editora Salvat do Brasil.

[142] Esta carta de S.A.R. o Príncipe da Holanda foi escrita para a edição francesa de A FAUNA, e publicada no fascículo n.1.
[143] A expressão "vida e costumes" aparece em oito dos dez títulos da coleção Zoologia Brasílica, de E.S..
[144] FUENTE, Félix Rodrigues de la. *A fauna*: vida e costumes dos animais selvagens. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1985. 11 v. Título original: La Faune: vie et moeurs des animaux sauvages, 1971.

Cinquenta anos consagrados ao mar. Meio século no decurso do qual aprendi a minha profissão de marinheiro, sulquei todos os oceanos do mundo, explorei, mergulhando, as maravilhas escondidas soba as vagas[145], criei uma equipe de homens tão apaixonados quanto eu próprio. Juntos, imaginamos novos aparelhos, fotografamos e filmamos o comportamento da maior parte dos animais marinhos, compartilhamos o nosso deslumbramento e o nosso amor pelo mar com milhões de telespectadores do mundo inteiro. Vimos, igualmente, nascer as poluições e destruições de todos os tipos que hoje em dia ameaçam um meio frágil mas indispensável à nossa sobrevivência e lançamo-nos com esperança num combate encarniçado para salvar o mar da ignorância e da incúria dos tecnocratas da nossa época. No decurso destes anos repletos de aventuras esforcei-me por associar um espírito de curiosidade quase poético a um muito realista espírito científico. Apenas esta combinação permite que se adquira uma visão global indispensável à compreensão das realidades dos nossos dias e das possibilidades futuras. A exploração e o estudos dos oceanos estão longe do seu fim, reservando-nos ainda muitas surpresas e, entre estas, tantas promessas como ameaças. Os filósofos sonham com uma civilização do mar, os economistas avaliam as suas riquezas. Senti a necessidade de tentar uma arbitragem entre estes sonhos e, como marinheiro, conseguir, de algum modo, fazer o «ponto». [...] Ela [O mundo submarino] permitirá ainda que todos partilhem o mesmo amor pelo mar — o mesmo amor pela vida[146]

Jacques-Yves Cousteau (1910-1997)
Oceanógrafo e documentarista

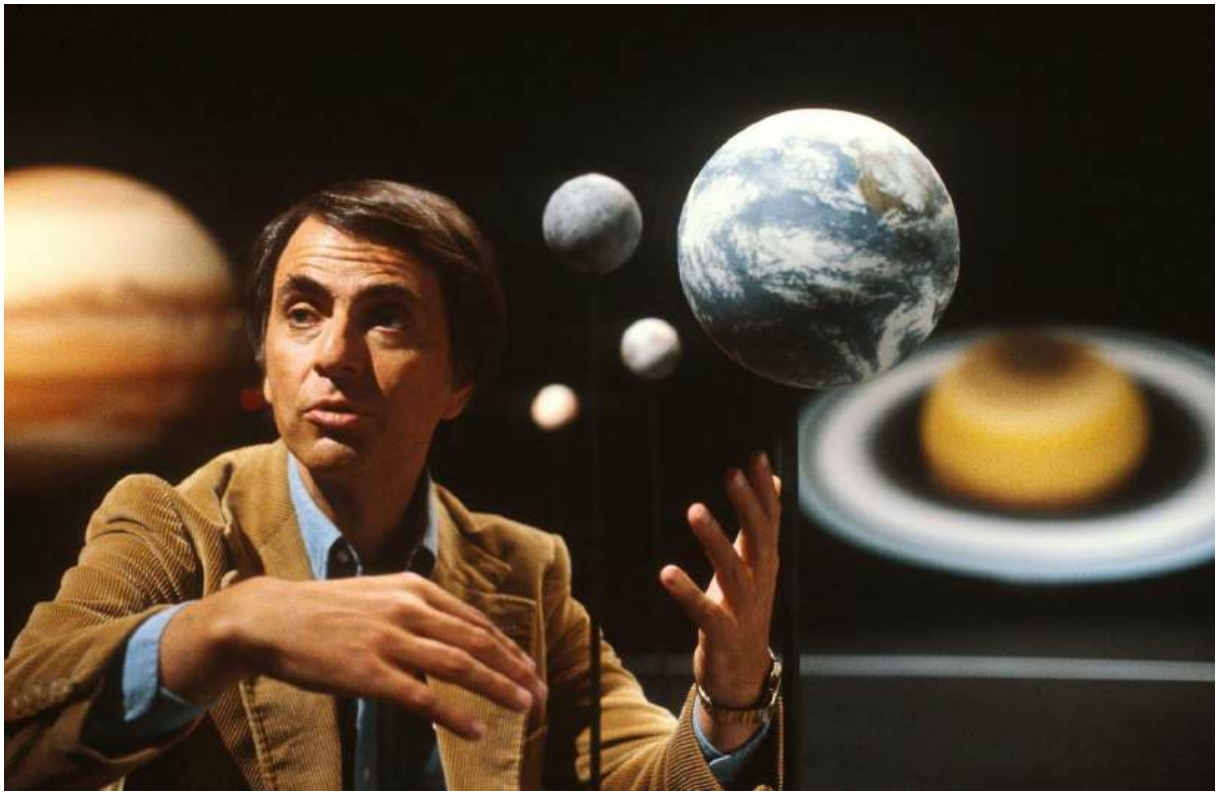


À esquerda, seis volumes da enciclopédia *O mundo submarino*, comercializada também pela Editora Salvat do Brasil, na década de 1980, em fascículos semanais vendidos nas bancas de jornais e revistas. À direita, as capas de quatro dos 96 fascículos.

[145] Vaga sísmica: espécie de vaga causada por sismo; vaga de fundo (Aulete Digital, 2024).
[146] COUSTEAU, Jacques-Yves. *O mundo submarino*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1986, v.1, p.1.

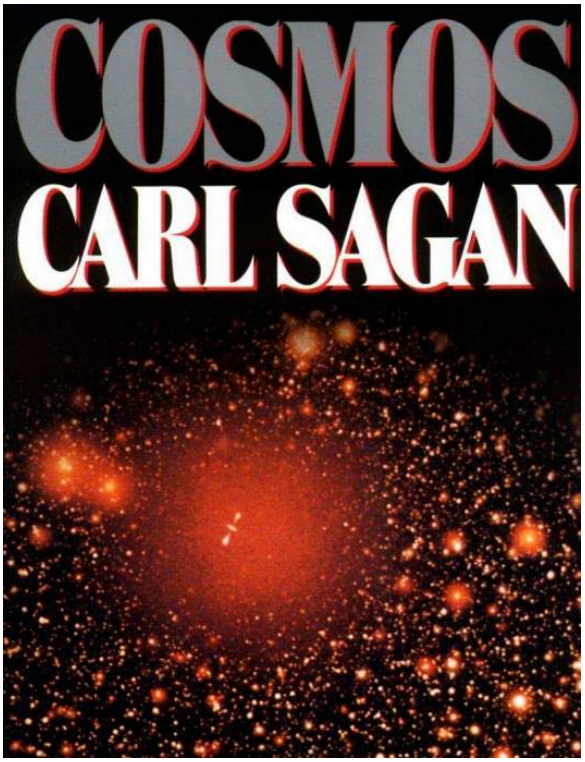
Olhem de novo para o ponto. É ali. É a nossa casa. Somos nós. Nesse ponto, todos aqueles que amamos, que conhecemos, de quem já ouvimos falar, todos os seres humanos que já existiram, vivem ou viveram as suas vidas. Toda a nossa mistura de alegria e sofrimento, todas as inúmeras religiões, ideologias e doutrinas econômicas, todos os caçadores e saqueadores, heróis e covardes, criadores e destruidores de civilizações, reis e camponeses, jovens casais apaixonados, pais e mães, todas as crianças, todos os inventores e exploradores, professores de moral, políticos corruptos, 'superastros', 'líderes supremos', todos os santos e pecadores da história de nossa espécie, ali — num grão de poeira suspenso num raio de sol.[147]

Carl Edward Sagan (1934-1996)
Astrofísico



Carl Edward Sagan (1934-1996) foi professor de astronomia e ciências espaciais e diretor do Laboratório de Estudos Planetários na Universidade Cornell; antes, foi professor assistente em Havard. Teve papel relevante nos projetos das expedições das espaçonaves Mariner, Viking, Voyager e Galileu, o que lhe valeu as medalhas da Nasa por Realizações Científicas Excepcionais e (duas vezes) por Notável Serviço Público. Ganhou ainda o Prêmio Pulitzer, a Medalha Oersted e muitos outros prêmios — entre os quais vinte títulos honorários em faculdades e universidades americanas — por sua contribuição à ciência, à literatura, à educação, à divulgação científica[148] e à preservação do ambiente. Em prêmio póstumo, a Fundação Nacional da Ciência dos Estados Unidos declarou que "sua pesquisa transformou a ciência planetária […] suas dádivas ao gênero humano foram infinitas".

[147] SAGAN, Carl. Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 418 p. Título original: Pale Blue Dot: a vision of the human future in space (1994).
[148] Livros de divulgação científica: *Os dragões do Eden* (1977), *O cérebro de broca* (1979), *Pálido ponto azul* (1994) e *O mundo assombrado pelos demônios* (1995).





A premiada série televisiva *Cosmos: a personal voyage*, escrita e narrada por Carl Sagan, tornou-se o programa com maior audiência na história da TV pública americana. Cosmos se destaca pelo uso inovador de efeitos especiais, que permitem a Sagan percorrer ambientes que são, na verdade, maquetes, e não cenários completos. A trilha sonora inclui trechos de músicas do compositor *Vangelis*. A série foi vista por pelo menos 500 milhões de pessoas em 60 países.
O livro, dela derivado, também chamado *Cosmos*, é um dos mais vendidos dentre os publicados em língua inglesa sobre ciência. Sagan também escreveu um romance de ficção científica chamado *Contact*, publicado em 1985; virou filme em 1997.



“Cosmos é uma palavra grega que expressa a ordem do universo. É, de certa forma, o oposto de caos. Implica a profunda interconexão entre todas as coisas.”

Sagan e os fundadores da Planetary Society [ca.1970].



Edições n.1, n.3, n.156 e n.320 da revista *Ciência Hoje*.

"Nossa história tem início em 1982, quando um grupo de cientistas, integrantes da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), decide criar a primeira revista de divulgação científica do país. No intuito de estimular um debate mais amplo em torno da ciência e de seu impacto social, bem como de integrar a atividade de divulgação ao cotidiano dos pesquisadores como parte importante de suas responsabilidades profissionais e sociais, nasce a revista Ciência Hoje. Pioneira no propósito de popularização da ciência no país, a Ciência Hoje abriu caminho para que surgissem outras publicações com objetivos similares."[149]



Capas das edições n.389, n.363, n.372, n.396 e n.400 da revista *Ciência Hoje*.

[149] INSTITUTO CIÊNCIA HOJE. 2024. Disponível em: https://cienciahoje.org.br/instituto/historia/. Acesso em: 25 fev. 2024.



Capas das edições n.0, n.1, n.16, n.64 e n.100 da revista *Ciência Hoje das Crianças*.

"Do sucesso da Ciência Hoje brotou o desejo de estimular uma nova geração a se interessar pela informação científica. Então, em 1986, criou-se o suplemento Ciência Hoje das Crianças [...] que, em 1990, ganhou autonomia, tornando-se uma revista independente. Já em 1991, a Ciência Hoje das Crianças, pela notoriedade de seu conteúdo e singularidade como publicação de divulgação científica direcionada ao segmento infantojuvenil, passou a ser adquirida pelo Ministério da Educação e distribuída às escolas públicas de todo o país."[150]


PRIMEIRA LINHA

VETERINÁRIA Vacinas, doságens de hormônios e análises de DNA ajudam a conservar a espécie

Saúde para o lobo-guará

O maior canídeo brasileiro está incluído na lista oficial da fauna brasileira ameaçada de extinção e na lista de espécies ameaçadas do estado de Minas Gerais. A espécie é considerada 'vulnerável' – sujeita a extinção na natureza em médio prazo principalmente devido à destruição do seu hábitat, o cerrado. As alterações que essa destruição causa na alimentação dos lobos-guarás (e seus efeitos) serão investigados através de análise de DNA em amostras de fezes. A perda de hábitat também aumenta a possibilidade de interações entre esses animais e cães domésticos, que podem transmitir doenças aos lobos. E a medicina veterinária da conservação ajudando a preservar a espécie. Por **Otávio Borges Maia**, do *Laboratório de Ecologia e Fisiologia de Microrganismos* do *Instituto de Ciências Biológicas*, da *Universidade Federal de Minas Gerais*.

O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), com sua pelagem avermelhada – daí o nome guará, de origem tupi e que significa vermelho – é uma das espécies mais típicas do cerrado. Tímido e solitário, apresenta dieta bastante diversificada (onívora), que inclui grande quantidade de frutos silvestres, principalmente a fruta-de-lobo (*Solanum lycocarpum*), abundante na região, além de aves, répteis, pequenos mamíferos e invertebrados (insetos, minhocas etc.). A única ameaça é natural, ou seja, vem ao longo do ciclo e não do curto disponibilidade de frutos e presas em seu hábitat.

Uma das principais ameaças à sobrevivência do lobo-guará é a intensa destruição da natureza para a implantação de empreendimentos agropecuários. Queimadas criminosas também são a causa de muitas mortes. Os animais são atropelados por veículos ao atravessar estradas e, muitas vezes, acabam sendo vítimas de caçadores, que os matam por crendices populares, que atribuem ao animal poderes mágicos, também o tornam alvo de muitos caçadores (ver 'Uma lobeira', em *CH* nº 145).

Impactos da destruição do hábitat

Infelizmente, o lobo-guará é capaz de se ambientar em áreas degradadas, dificultando uma sua presença nas proximidades de centros urbanos em busca de alimento. Entretanto, o impacto causado pelas alterações do hábitat sobre seus hábitos alimentares e os efeitos das mudanças de dieta em seu sistema digestório e em seu processo digestivo ainda precisam ser investigados.

Um estudo pretende investigar a ocorrência eventual de variabilidade na microbiota local do lobo-guará e a diversidade de alimentos consumidos. Levando em conta que em ambientes preservados a variedade de itens alimentares pode ser maior, espera-se, com a pesquisa, mostrar que a diversidade da microbiota fecal pode ser usada como um indicador das condições do hábitat ocupado por esses animais. Uma técnica de biologia molecular será usada para caracterizar (pela identificação das moléculas de DNA) a diversidade de microrganismos presentes em amostras de fezes de lobos-guarás saudáveis e diferentes regimes alimentares (natural e artificial).

Se bem-sucedido, o projeto fará com que amostras de fezes que já estejam sendo utilizadas na identificação de alimentos consumidos pelo lobo-guará possam também a informar se as condições do seu hábitat são ou não saudáveis à sua boa saúde. Os resultados obtidos poderão ser utilizados como indicadores de qualidade do ambiente e como subsídios para a adoção de medidas corretivas pelas autoridades responsáveis, visando a preservação de áreas naturais e a sobrevivência do lobo-guará. Além disso, a técnica poderá ser utilizada em benefício de outras espécies.

Lobo-guará fêmea e filhote, junto à toca cavada no recinto da Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte

Os efeitos de vacinas caninas

Considerando que os lobos-guarás são susceptíveis às viroses caninas, estudo realizado no Laboratório de Virologia Animal, da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), teve como objetivos verificar a eficiência e a segurança da uso, em lobos-guarás, de vacinas produzidas para cães domésticos. Com base nos resultados, foi possível estabelecer um programa de vacinação que minimize a mortalidade de lobos-guarás pelos vírus da cinomose e da parvovirose caninas. Essas duas doenças, comuns em cães domésticos, foram responsáveis pela morte, entre 1988 e 1992, de 4% da população de lobos-guarás mantida em zoológicos do mundo inteiro.

Nenhum dos 47 animais (adultos e filhotes) vacinados teve qualquer reação adversa à vacina, mesmo os mais jovens. Indiscutível vacinação (por exemplo, o drasticamente diminuído das doenças contra as quais os lobos foram vacinados, já que as vacinas são produzidas com vírus vivos, mas atenuados, para não causar a doença em cães domésticos), segurança e segurança das vacinas utilizadas, possivelmente devido ao parentesco entre cães domésticos e lobos-guarás. Deve-se ressaltar que possibilidade filogenética não é suficiente para garantir que uma vacina desenvolvida para determinada espécie possa ser aplicada de forma segura e eficaz em uma espécie aparentada. Esse, porém, pode ser o critério referencial para a realização de estudos desse naturezas.

A avaliação feita após a vacinação também demonstrou que os lobos-guarás produziram anticorpos contra os vírus da cinomose e parvovirose em uma quantidade (denominada 'título de anticorpos') considerada protetora em cães domésticos. Isso significa que a resposta imunológica apresentada pelos lobos-guarás foi semelhante à resposta de cães domésticos.

Embora o impacto causado pelas doenças virais sobre lobos-guarás em vida livre seja desconhecido, os resultados de estudo fazem-se subsídios para a adoção de medidas preventivas como necessárias, aos populações desse espécie confinadas em áreas de conservação são foco preciso, devido a interações entre-guarás, elas e outras espécies domésticas. Não há registro de surtos de doenças em populações de lobos-guarás em vida livre. O hábito solitário da espécie e a ocupação de territórios extensos fazem com que a densidade populacional seja baixa, o que reduz a possibilidade de um grande número de indivíduos ser infectado durante eventual surto de alguma doença. Essas características, no entanto, também dificultam a obtenção de dados sobre a saúde dos indivíduos em vida livre.

Lobo-guará, em contenção física, sendo vacinado no Hospital Veterinário da Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte

Estudando a reprodução

Outro estudo em sendo desenvolvido visando obter informações sobre a fisiologia reprodutiva da espécie. A reprodução do lobo-guará ocorre no inverno, período em que macho e fêmea permanecem juntos, cortejando e acasalando o mesmo território. Uma vez formado, o casal costuma permanecer junto por muitos anos, sendo desfeito apenas quando um deles morre.

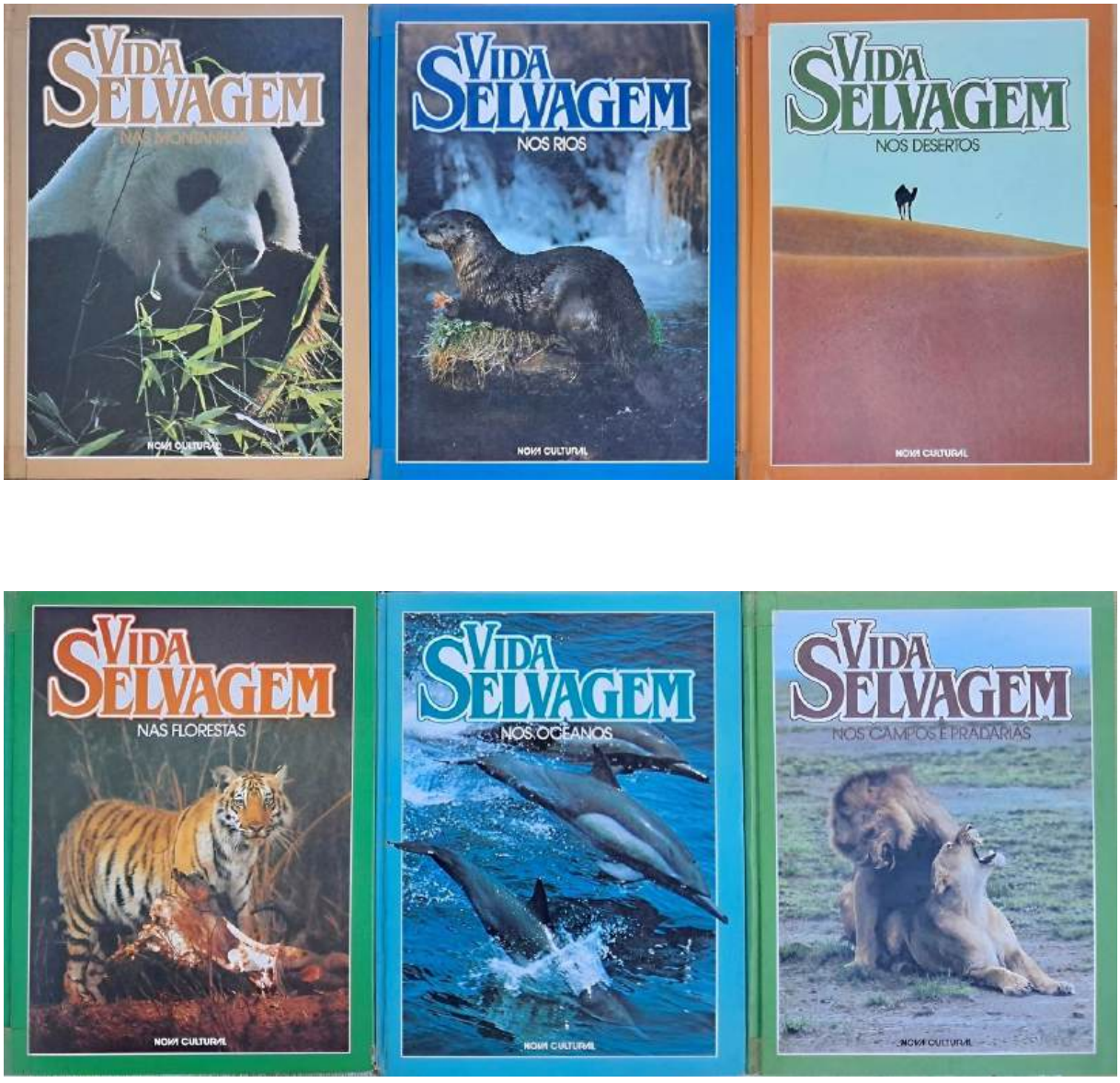
O estudo da função reprodutiva dos lobos-guarás, através da dosagem (pela técnica de radioimunoensaio) de hormônios da reprodução presentes em amostras de sangue, demonstrou que os machos adolescentes, nos machos, e progesterona, nas fêmeas, ocorrem a partir dos dois anos, indicando a idade provável em que ocorrem a maturidade sexual. Com isso, ocorre uma concentração de nascimentos de lobos-guarás nos meses de maio a agosto. Como a gestação dura cerca de 65 dias, o período de amamentação coincide com o início das chuvas, o desmame dos filhotes ocorre na primavera e no verão, estações que apresentam maior abundância de alimentos para os jovens guarás.

A pesquisa sobre a fisiologia reprodutiva do lobo-guará pode contribuir grandemente para a conservação da espécie. A análise dos níveis dos hormônios da reprodução pode ser usada para identificar indivíduos férteis e inférteis em programas de reprodução e para confirmar a gestação. Hoje, ainda, fornece subsídios para a interpretação de particular do sistema reprodutivo e de alterações em seu funcionamento reprodutivo, e para o desenvolvimento de técnicas de reprodução assistida (inseminação artificial, fertilização in vitro, transferência de embriões).

Uma lista de publicações sobre o lobo-guará pode ser consultada no site http://pessoal.vet.ufmg.br/~otavio/Bibliografia.html.

Nota publicada na revista Ciência Hoje[151], em 2003, divulgando pesquisas realizadas por Maia e colaboradores sobre a saúde do lobo-guará. À direita, Guadalupe, loba-guará que passou pelo criadouro científico *Vila Lobos*, instalado por Maia na cidade de Betim, Região Metropolitana de Belo Horizonte, em 1994.

[150] INSTITUTO CIÊNCIA HOJE. 2024. Disponível em: https://chc.org.br/era-uma-vez-em-1986/. Acesso em: 25 fev. 2024.
[151] MAIA, O.B. Saúde para o lobo-guará. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v.32, n.190, p.68-69, 2003.



Vida Selvagem (1987) [152], também comercializada em fascículos vendidos nas bancas de jornais e revistas, aborda ecologia, zoologia e botânica de seis paisagens do planeta.

[152] VIDA SELVAGEM. Rio de Janeiro: Nova Cultural (antiga Abril Cultural), 1987. 6 v. Título original: Wildlife Habitat Series.



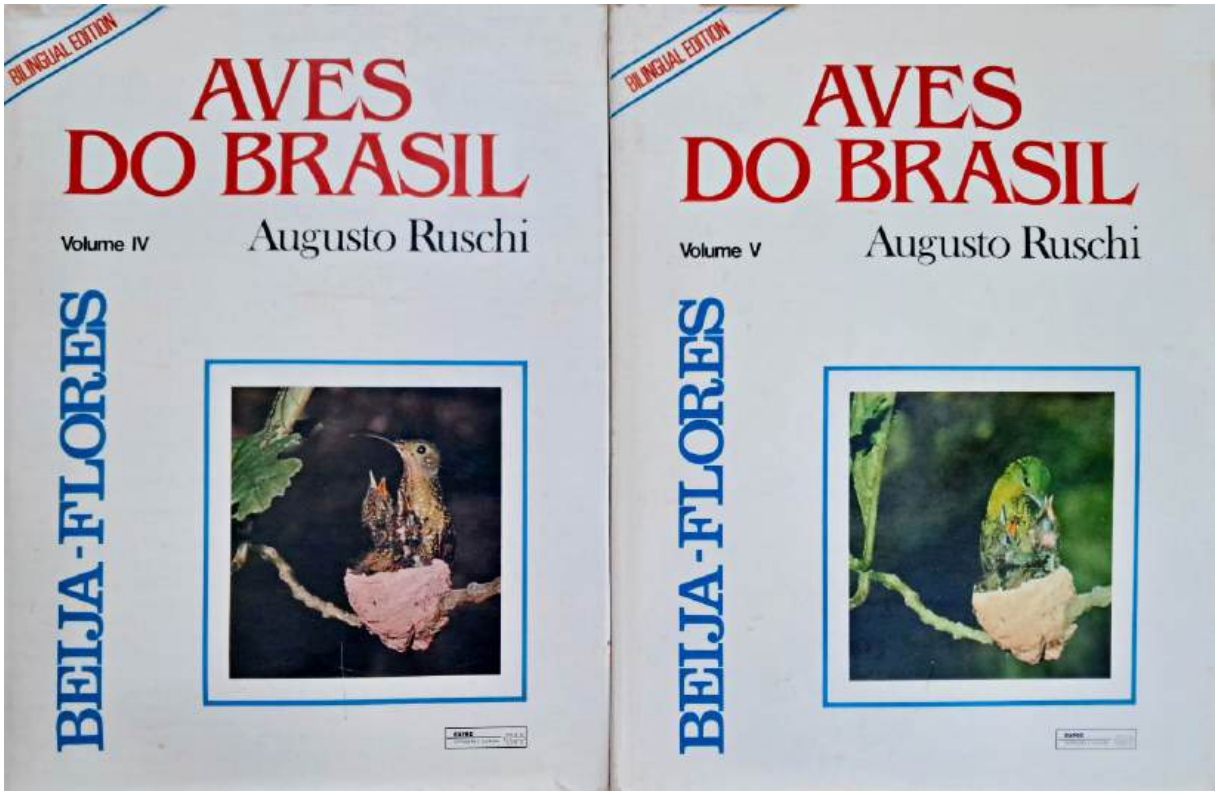
"Em setembro de 1987, dois milhões de exemplares de uma revistinha de 20 páginas foram impressos e distribuídos, gratuitamente, dentro de outras revistas da Editora Abril. Quinze dias depois, chegou às bancas o n. 1, com um trem-bala na capa – uma boa imagem para representar a rapidez com que a revista se esgotou. A Abril reimprimiu o número 1 e ele esgotou outra vez.
No primeiro dia da Super nas bancas, 5 000 pessoas já eram assinantes. "Aquela revista inovadora, que prometia me explicar de modo simples como as coisas complexas funcionam, me arrebatou", diz a socióloga paulistana Ana Maria Tetti, uma das que fez sua sua assinatura logo no primeiro dia"[153].

[153] BURGIERMAN, Denis Russo. História: 15 anos de Super, 2002.
Disponível em: https://super.abril.com.br/historia/15-anos-de-super. Acesso em: 25 fev. 2024.



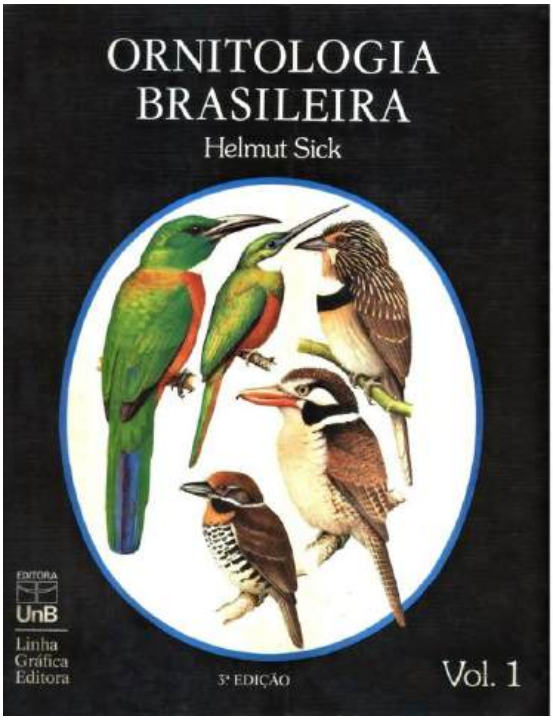
"Enquanto não se formar a criançada na direção certa, o futuro da natureza do Brasil continuará ameaçado" [154].

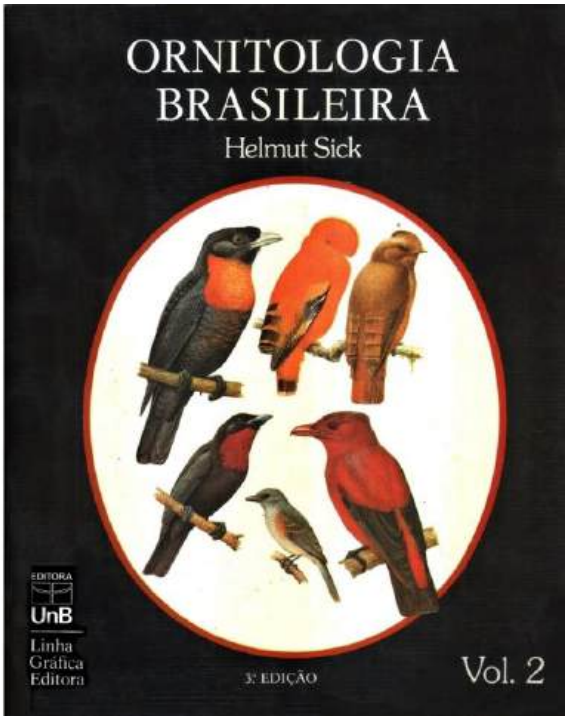
Augusto Ruschi (1915-1986)
ornitólogo



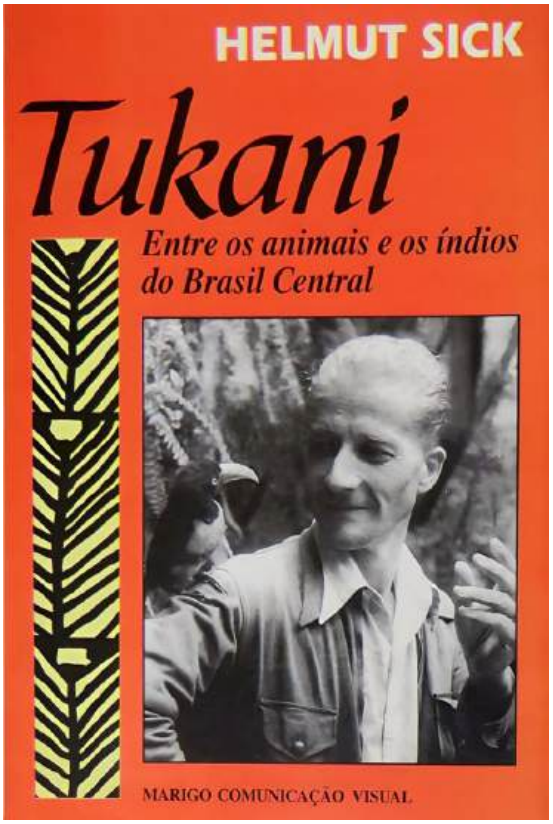
Aves do Brasil[155], beija-flores (v. IV e V).

[154] MAIA, Otávio Borges; SALES, Kleber Soares de. *Vox*: arte, cultura e ciência no Brasil. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação de Ciência e Tecnologia, 2017. p.23. Caricatura: Kleber Sales.
[155] RUSCHI, Augusto. Aves do Brasil: beija-flores. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1986. v.5 e 6.





"Logo após seu ingresso no Museu Nacional, Sick começou a trabalhar no grande projeto da sua vida, o livro *Ornitologia Brasileira*[156] — que somente viria a ser concluído e publicado 25 anos depois, e ser tornaria referência obrigatória para os estudiosos dessa matéria."[157]
"Dedicado à Dra. Emilie Snethlage, pioneira na pesquisa de campo de aves no Brasil".



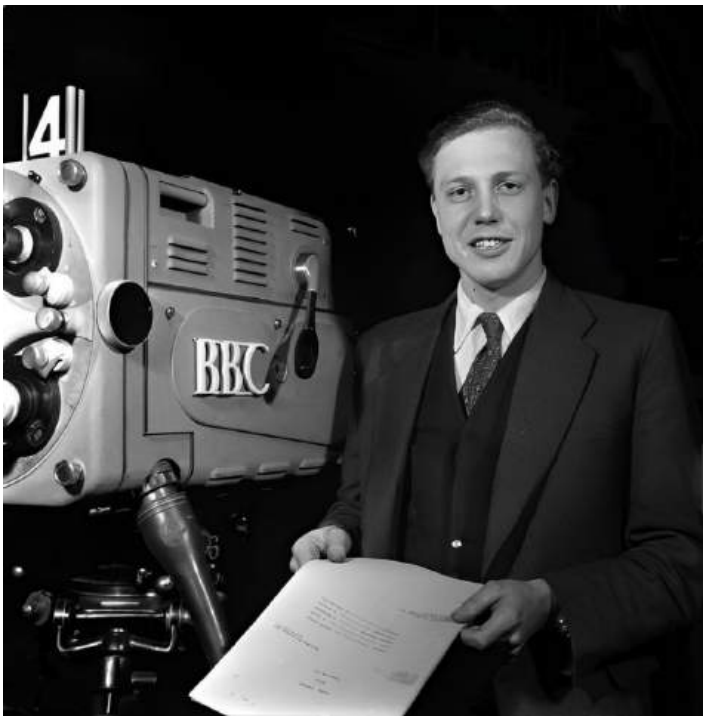
"Antes de nos embrenharmos também pelas vastidões do Brasil, convém lembrar que esse país, outrora uma promessa de aventuras e achados paras os naturalistas que o trilhavam, formou-se nesse meio tempo um grande estado moderno, no qual a floresta virgem, os animais selvagens e os índios são vistos como anacronismos, quando não como causa de vergonha. Em sua maioria, os que vivem no Brasil, sejam brasileiros ou estrangeiros, não tomam contato cm nada disso: para eles só existe a fachada brilhante das cidades e a terra cultivada das fazendas e sítios" (Sick, 1997, p.7)[157].

Helmut Sick (1910-1991)
ornitólogo

[156] SICK, Helmunt. *Ornitologia brasileira*: uma introdução. Brasília: Editora Universidade de Brasilia, 1984. 2 v.
[157] SICK, Helmunt. *Tukani*: entre os animais e os índios do Brasil Central. Tradução de Leonardo Fróes. Rio de Janeiro: Marigo Comunicação Visual, 1997. 231 p.

Os melhores programas são como histórias; todos eles têm uma narração na qual você deseja ver o que vem a seguir. E isso funciona para um romance policial e para um programa de ciências. A ciência é interessante porque levanta uma questão e o espectador quer ver qual é a sequência de fatos que finalmente o levará à resposta, e esta o levará a outra questão. Mas a procura de um enredo não deve ser levada ao extremo de distorcer a verdade[158]. Qualquer conceito [da história natural] pode ser explicado em termos simples, já que tratamos de questões que as pessoas podem ver e conhecer; e falamos sobre fatos e emoções que as pessoas podem entender facilmente[159].

David Attenborough

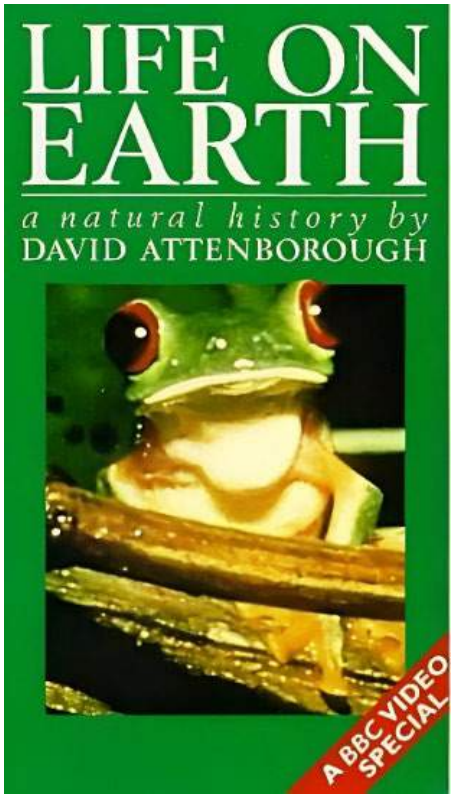


"Nosso planeta está fadado ao desastre. Precisamos aprender a trabalhar com a natureza e não contra ela (Attenborough, 2020)[160]".

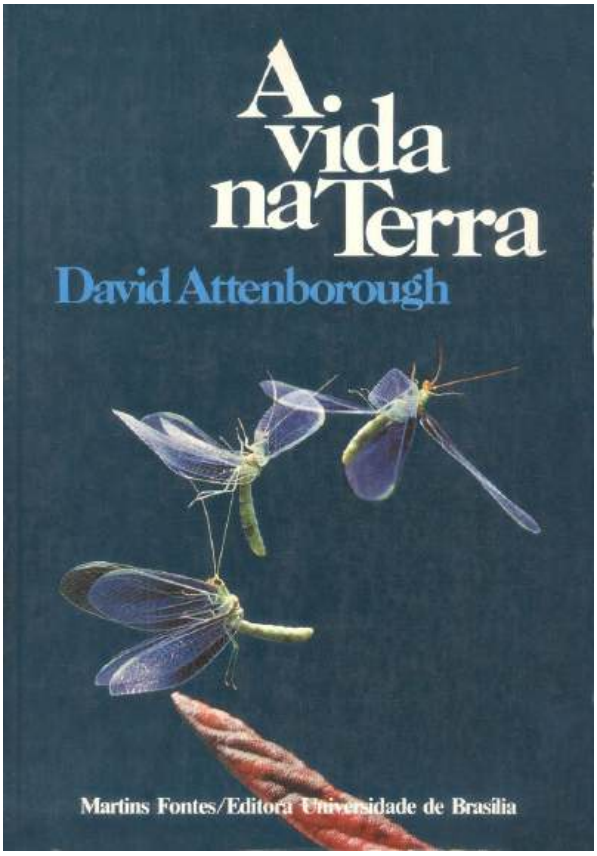
Attenborough na BBC em 1965[161].

David Frederick Attenborough nasceu em 8 de maio de 1926 em Isleworth, na Grande Londres, Inglaterra. Em 1936, foi fortemente tocado por uma palestra de Grey Owl (1888-1938)[162], um dos primeiros conservacionistas do mundo. Formou-se em Ciências Naturais na Universidade de Cambridge. Sua primeira viagem à África, para filmar animais, foi 1954. Ingressou na British Broadcasting Corporation - BBC em 1952. O naturalista, locutor, apresentador, escritor e ativista do ambientalismo é conhecido mundialmente por seus documentários sobre vida selvagem e pela sua narração suave[160, 163].

[158] Entrevista com Attenborough, Londres, 14 de julho de 1994. LEÓN, Bienvenido. Science popularisation through television documentary: A study of the work of British wildlife filmmaker David Attenborough. In: INTERNATIONAL CONFERENCE OF SCIENCE AND TECHNOLOGY, 5, 1998, Berlin. Disponível em: http://pantaneto.co.uk/science-popularisation-through-television-documentary-a-study-of-the-work-of-british-wildlife-filmmaker-david-attenborough-bienvenido-leon/. Acesso em: 23 ago. 2023.
[159] Entrevista com Attenborough, Londres, 7 de março de 1997 (Léon, 1998).
[160] DUARTE, Fernando. BBC News Brasil. 2020. Quem é David Attenborough, o ambientalista de 94 anos que 'quebrou' o Instagram com mensagem de preservação. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-54389143. Acesso em: 25 fev. 2024.
[161] Getty Images.
[162] Grey Owl era na verdade Archibald Belaney, um homem branco que se fazia passar por um nativo canadense. Sua mensagem ambientalista, no entanto, foi genuína.
[163] ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. David Attenborough: english broadcaster, writer, and naturalis. Disponível em: https://www.britannica.com/biography/David-Attenborough. Acesso em: 25 fev. 2024.



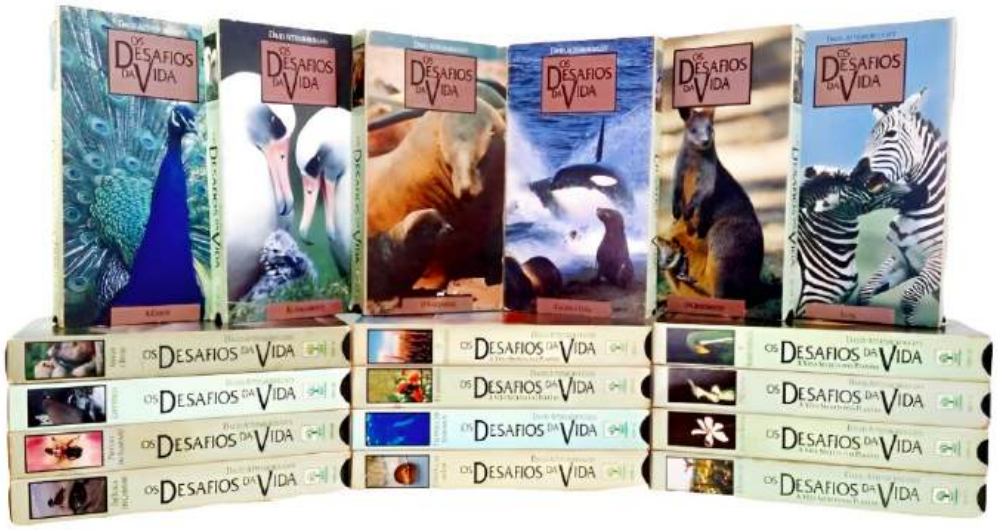
A primeira série de TV apresentada por Attenborough, *Life on Earth* — 13 episódios revolucionários em termos de complexidade técnica e escala —, foi exibida pela BBC no Reino Unido em 1979.
Foi assistida por cerca de 500 milhões de pessoas em todo o mundo: o encontro de Attenborough com um grupo de gorilas da montanha, em Ruanda, é uma das imagens mais memoráveis da série e da sua privilegiada carreira.



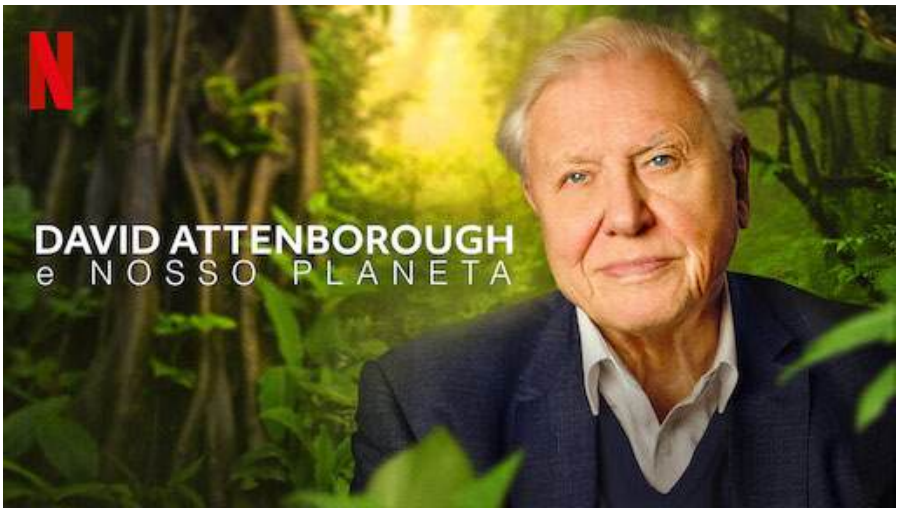
"Este livro, como a séria de programa da British Broadcasting Corporation na qual é baseado, oferece uma história natural fora dos moldes convencionais de uma história natural. Conta-nos essa história da natureza, sempre que possível, relacionada aos animais e plantas que existem hoje. O resultado é um suntuoso espetáculo da vida."

Capa do livro A vida na terra[164], "registro permanente de um dos mais ambiciosos projetos já realizados pela televisão britânica".

[164] ATTENBOROUGH, David. A vida na terra. Tradução de Cynthia Ayer. São Paulo: Martins Fontes; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981, 352 p. Título original: Life on Earth: a natural history.



A coleção *Os Desafios da Vida*, em VHS, foi lançada pela Abril Coleções entre 1996-97, em parceria com a Time Life. *Trials of Life*[165] estreou em outubro de 1990 no Reino Unido, sendo a terceira série de história natural de grande sucesso de David Attenborough — depois de *Life on Earth* e *The Living Planet*. O objetivo da série é aumentar a compreensão do mundo natural com uma visão nada sentimental do comportamento animal. Feito ao longo de três anos pela Unidade de História Natural da BBC, *Os Desafios da Vida* apresenta sequências de filmes impressionantes, às vezes chocantes, muitas até então nunca capturadas pelas câmeras.



Na série *David Attenborough e Nosso Planeta* (Netflix, 2020), o naturalista britânico fala sobre a sua trajetória e a evolução da vida na Terra, lamenta a perda de áreas selvagens do planeta e oferece sua visão de um futuro possível. Há quatro décadas, os documentários de Attenborough são veiculados em todo o mundo. Nos últimos anos, ele tem buscado a atenção do público jovem como parte de seu ativismo contra o aquecimento global. Em 2020, a estrela de 94 anos atingiu o número mágico de um milhão de seguidores no Instagram em pouco mais de quatro horas após postar na rede social pela primeira vez[165].

[165] History of the BBC. Disponível em: https://www.bbc.com/historyofthebbc/anniversaries/october/trials-of-life. Acesso em: 25 fev. 2024.

APÊNDICE I

INTELIGÊNCIA ARTIFICAL

Talvez o mais importante seja o fato de que a inteligência artificial e a biotecnologia estão dando à humanidade o poder de reformulação e reengenharia da vida. Muito em breve alguém terá de decidir como usar esse poder — com base numa narrativa implícita ou explícita sobre o sentido da vida. Filósofos são muito pacientes, mas engenheiros são muito menos, e investidores são os menos pacientes de todos. Se você não sabe o que fazer com o poder de reengenharia da vida, as forças do mercado não vão esperar mil anos por uma resposta. A mão invisível do mercado imporá sua resposta cega. A menos que você se compraza em deixar o futuro da vida à mercê de relatórios de contabilidade, é preciso ter uma ideia clara do que é a vida.[166]

Yuval Noah Harari
Historiador e escritor

[166] *(Harari, 2018, p.5).*



Imagem de boneco *Funko Pop*[167] gerada pelo Microsoft Designer, ferramenta que utiliza inteligência artificial (IA) para gerar personagens baseados em comandos fornecidos pelo usuário (Generated with AI . January 7, 2024 at 10:54 pm).

[167] *Funko Pop* é uma linha de figuras colecionáveis produzidas pela empresa americana Funko. Elas têm um design cabeçudo, corpo pequeno e uma aparência amável e caricatural. São feitas de vinil e têm em média 10 cm de altura, à semelhança de personagens da cultura *pop* e podem ser de uma pessoa real ou de um personagem fictício de filmes, histórias em quadrinhos, etc. As primeiras iterações dessas figuras *pop* os mantinham em uma pose neutra, mas nos últimos anos, Funko expandiu sua linha e criou diferentes moldes para seus *Pops*. Ademais, os tamanhos desses Pops também mudaram, com o Funko produzindo 12 cm, 20 cm e até mesmo um *Pop* superdimensionado de quase 50 cm. A Funko obteve muitos direitos de licenciamento que lhes permitem criar milhares dessas estatuetas de vinil exclusivas. As licenças servem como taxas de contrato que a Funko paga a outras partes (como DC Comics, Disney e Marvel) pela permissão para produzir essas figuras. Desse modo, personagens de quadrinhos, ícones pop, esportes e estrelas de cinema são apenas alguns dos personagens que esses *Pops* retratam (*Chat* Microsof Bing, 2024).



Imagem de boneco *Funko Pop* gerada pelo Microsoft Designer, ferramenta que utiliza inteligência artificial (IA) para gerar personagens baseados em comandos fornecidos pelo usuário (Generated with AI. January 7, 2024 at 11:00 pm).

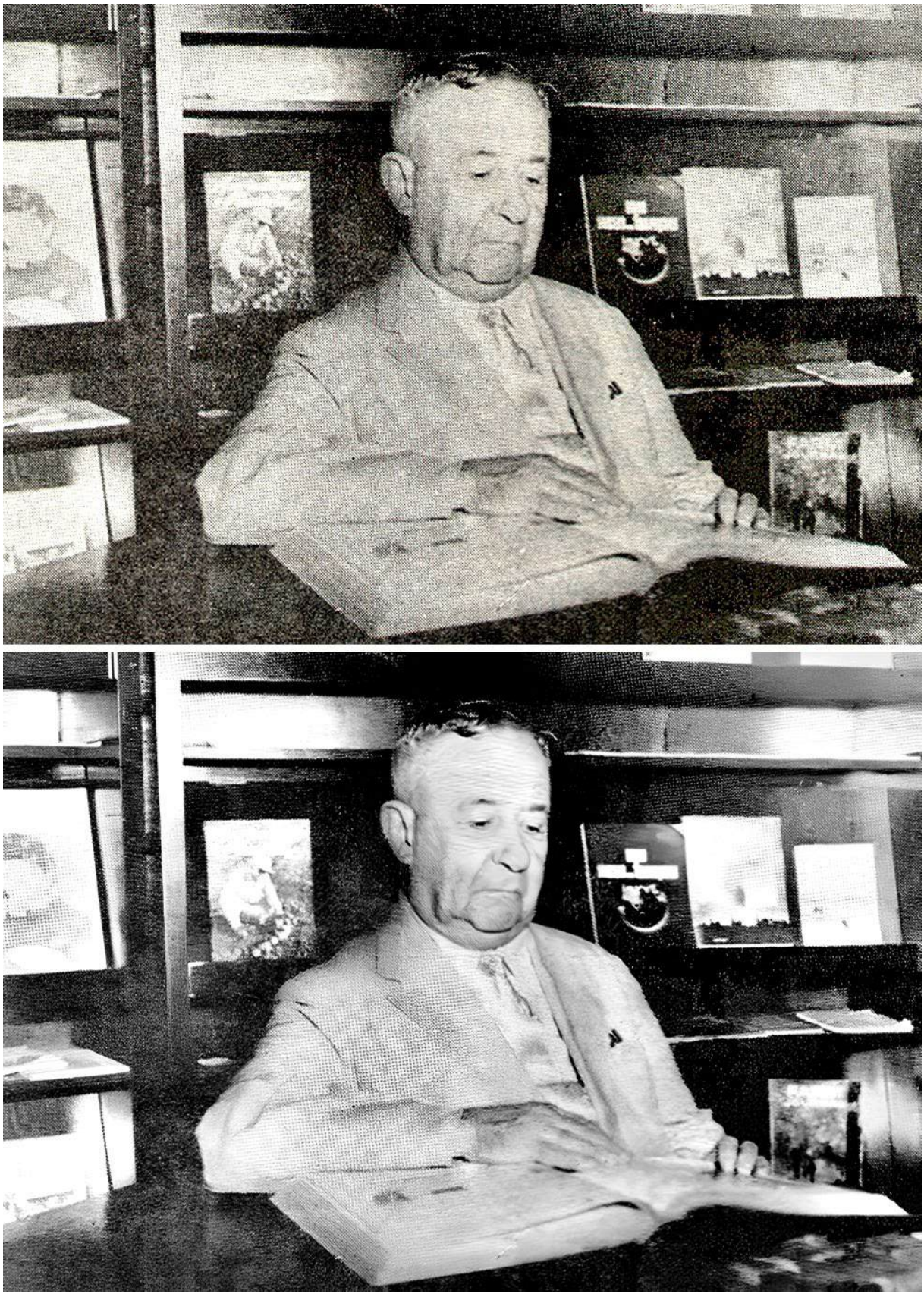
COMPARAÇÃO ENTRE AS FOTOS ORIGINAL E EDITADA PELA FERRAMENTA DE APRIMORAMENTO FACIAL PICWISH AI PHOTO EDITOR



Comparação entre as fotos original e editada publicada por Nomura (2005).



Comparação entre as fotos original e editada publicada em *Natureza em Revista* (1978).



Comparação entre as fotos original e editada publicada na revista *Sulóris* (1983).

SOBRE O AUTOR

Há quem acredite que a ciência é um instrumento para governarmos o mundo. Mas eu prefiro ver no conhecimento científico um meio para alcançarmos não domínios mas harmonias. Criarmos linguagens de partilhas com os outros, incluindo os seres que acreditamos não terem linguagem. Entendermos e partilharmos a língua das árvores, os silenciosos códigos das pedras e dos astros. Conhecermos não para sermos donos. Mas para sermos mais companheiros das criaturas vivas e não vivas com quem partilhamos este universo. Para escutarmos histórias que nos são, em todo momento, contadas por essas criaturas.[168]

Mia Couto
Biólogo e escritor

[168] COUTO, Mia. *Pensatempos*. 2.ed. Lisboa: Caminho, 2005. p.49.

Otávio Borges Maia



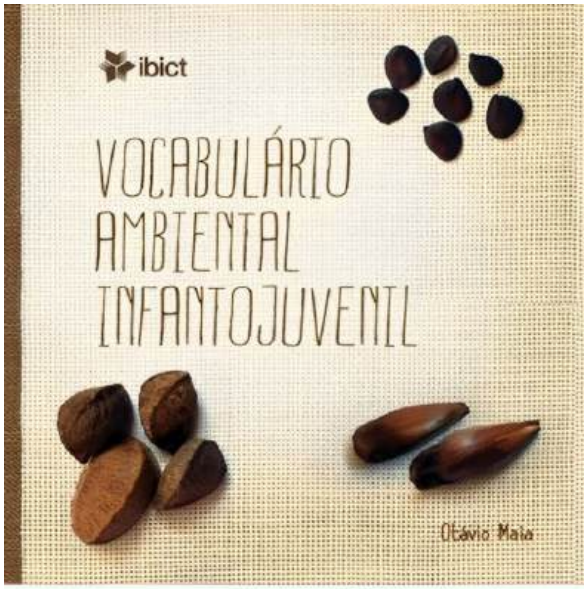
169

Graduado em medicina veterinária (1994) pela Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, concluiu o mestrado (1998) pela mesma escola. Desenvolveu atividades de pesquisa e docência nas áreas de microbiologia, zoologia e medicina veterinária da conservação. Analista Ambiental (2002-10) vinculado ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), coordenou o Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (Sisbio) — premiado na 13ª edição (2009) do Concurso Inovação na Gestão Pública Federal —, sendo um dos responsáveis pelo seu desenvolvimento e implementação. No período 2002-09, participou dos trabalhos do Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGen), colegiado presidido pelo Ministério do Meio Ambiente. Desde 2010, é Analista em Ciência e Tecnologia vinculado ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - Ibict, onde atuou, até 2018, como conteudista do Canal Ciência, serviço de divulgação científica. Atualmente, está vinculado ao Laboratório de Informação para Sustentabilidade. Publicou os livros *Vocabulário Ambiental Infantojuvenil* (2013), *Livro Vermelho das Crianças* (2015), *Vox: arte, cultura e ciência no Brasil* (2017)[170], *Livro vermelho para crianças: fauna ameaçada de extinção* (2021), *Cidade Esponja* (no prelo) e *Almanaque da biodiversidade: fauna & flora* (no prelo) dirigidos ao público infantojuvenil. Ao longo de 2022-23, ajudou a cuidar da Pequi.



Desenho feito pelo autor em [197-], publicado no *Vocabulário Ambiental Infantojuvenil* (Maia, 2013).

[169] Caricatura original publicada em Maia e Kleber (2021).
[170] *Download* gratuito dos três livros em: Portal Livro Aberto.



“Este Vocabulário é ferramenta percuciente, sem esquecer o lúdico, e é consistente, sem fingir sofisticação. Nem tudo nele é à primeira vista transparente, pois há ideias que não se traduzem com tanta facilidade; contudo, é leve na procura da seriedade, sem ostentação banal e nem intrincamentos inúteis. Como algumas coisas na vida é melhor começar cedo antes que seja tarde, este Vocabulário chegou na hora, nos colocou juntos no caminho e, com beleza e pertinência, nos ajudará na boa trilha para uma Vida fértil!”

Mário Sérgio Cortella
filósofo



“Neste genial Livro Vermelho, a informação científica aparece disfarçada na forma de saborosas histórias caprichosamente ilustradas pelas crianças que tiveram seus trabalhos selecionados no Concurso de Desenhos Infantojuvenis Animais em Perigo. Impossível não se entreter com a diversidade de estilos e sensibilidades que imprimiram ao traço de cada ilustrador uma personalidade única. É criança se comunicando com criança. O resultado é espetacular.”

André Trigueiro
jornalista

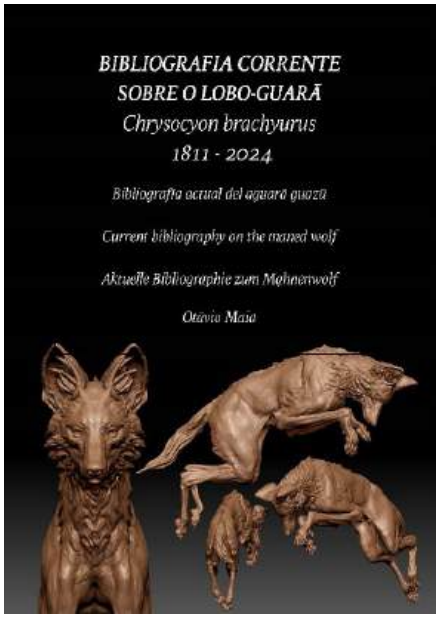


“Ao percorrer cada vida, entendemos que a história das ciências não é uma crônica de descobertas. Um relato de técnicas inventadas. Mas sim a história da evolução de uma ideia e de instituições que, em diferentes contextos históricos, oferecem ao pensamento meios de se desenvolver. Assim como permitem às tradições enriquecer a pesquisa.O talento dos nossos cientistas e humanistas emerge desse conjunto de biografias, um gênero literário que apaixona, pois nos deixa entrar na história das pessoas.”

Mary del Priore
historiadora

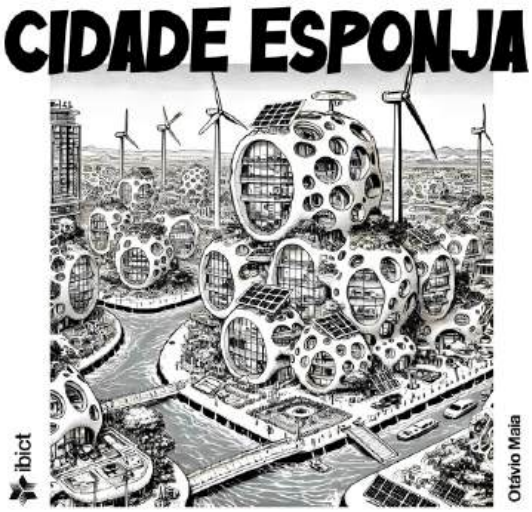


Os textos foram elaborados a partir de consultas a quatrocentas referências bibliográficas, entre as quais o *site* da IUCN Red List of Threatened Species, o banco de imagens Arkive, livros, artigos científicos, textos de divulgação científica, planos de ação, reportagens, dicionários, mapas e *sites* de organizações governamentais e não governamentais que atuam em pesquisa e conservação da fauna. Selos «Altamente recomendável», concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil, e «Acervo informativo de qualidade», concedido pela Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio.



Capa da 8 ed. da *Bibliografia corrente sobre o lobo-guará*, compilação iniciada em 1995, que reúne mais de mil referências sobre a espécie.





No prelo

Obrigada por mais esse dia fornecido
Mesmo com a gravidade dos acontecidos
E de hora em hora tudo fica envelhecido
Eu vivo de agora, que amanhã não é garantido
[...] Gosto de flores, então deixa florescer
Mistura de cores nesse céu entardecer[171]

[171] ***Passiflora*** (2021). Composição: Rael e Céu. Voz: Rael e Céu.


COMO VAI O SENHOR?
TUDO BEM "SEU" OTAVIO BORGES MAIA?
DEFENSOR DO VERDE...
COMO EU GOSTO!
12


serviço informação agrícola
prefácio
intelectual
manual do lavrador
água doce
fruteiras
leitores
avicultura
arte & história
cinofilia
sociedade
seleção agrícola
ihering
conservação
saúde animal
pesca
fazendeiro
chácras e quintais
répteis
periodismo agrícola
ministério agricultura
ruralidade
caça & caçadas
pecuária
museu nacional
anúncios e colaboradores
anfíbios e répteis
divulgação agrícola
proteção
naturalista
nossas fruteiras
criação
briguiet & cia
sia
jornalista
eurico
o campo
produção
agronomia
arte
ciência
caçador
veterinária prática
criação
insetos
jornais & revistas
a fazenda
straube
madeiras
zoologia brasílica
vida e costumes
via mea labore
manual do amador de cães
pássaros do brasil
desenvolvimento
psicultura
coleção artística roche
da ema ao beija-flor
o homem e a fauna
colaboradores
criadores
peixes
público
economia
educação
divulgador
pesquisa
marchini
insetos
natureza
imprensa
fioravanti
livros
cientistas
expediente
pecuária
escritor
biblioteca
o jornal
conhecimentos
correio da manhã
animais nocivos
coreio da manhã
nomura
aquarelas
coleção
santos
política
glossário
acervo
lavoura
secretário
publicista
lendas & folclore